



As mil e uma noites

—  —
APRESENTAÇÃO DE
MALBA TAHAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



As mil e uma noites



Versão
Antoine Galland

Apresentação
Malba Taban

Tradução
Alberto Diniz

 HarperCollins



© da tradução by Alberto Diniz

© da apresentação by Malba Tahan

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M581

As mil e uma noites / apresentação Malba Tahan ; tradução Alberto Diniz ; versão Antoine Galland. – Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017. 544 p. ; 23 cm.

Tradução de: Mille et une nuits

ISBN: 9788595081420

1. Contos árabes. I. Tahan, Malba. II. Diniz, Alberto. III. Galland, Antoine, 1646.

CDD: 892.73

CDU: 821.411.21'3

SUMÁRIO

Pular o sumário.

Apresentação

Antoine Galland

As mil e uma noites

A fábula do burro, do boi e do lavrador

1ª noite — O mercador e o gênio

2ª noite

3ª noite

4ª noite — A história do primeiro ancião e a da corça

5ª noite

6ª noite — A história do segundo ancião e dos dois cães negros

7ª noite

8ª noite — A história do pescador

9ª noite

10ª noite

11ª noite — A história do rei grego e do médico Dubã

12ª noite

13ª noite

14ª noite — A história do marido e do papagaio

15ª noite — A história do vizir punido

16ª noite

17ª noite

18ª noite

19ª noite

20ª noite

21ª noite

22ª noite — A história do jovem rei das ilhas Negras

23ª noite

24ª noite

25ª noite

26ª noite

27ª noite

28ª noite — A história dos três calândares, filhos de rei e das cinco damas de Bagdá

29ª noite

30ª noite

31ª noite

32ª noite

33ª noite

34ª noite

35ª noite

36ª noite

37ª noite — A história do primeiro calândar, filho do rei

38ª noite

39ª noite

40ª noite — A história do segundo calândar, filho do rei

41ª noite

42ª noite

43ª noite

44ª noite

45ª noite

46ª noite — A história do invejoso e do invejado

47ª noite

48ª noite

49ª noite

50ª noite

51ª noite

52ª noite

53ª noite — A história do terceiro calândar, filho do rei

54ª noite

55ª noite

56ª noite

57ª noite

58ª noite

59ª noite

60ª noite

61ª noite

62ª noite

63ª noite — A história de Zobeida

64ª noite

65ª noite

66ª noite

67ª noite — A história de Amina

68ª noite

69ª noite — A história de Simbá,o marinheiro
70ª noite — A primeira viagem de Simbá, o marinheiro
71ª noite
72ª noite — A segunda viagem de Simbá, o marinheiro
73ª noite
74ª noite — A terceira viagem de Simbá, o marinheiro
75ª noite
76ª noite
77ª noite
78ª noite — A quarta viagem de Simbá, o marinheiro
79ª noite
80ª noite
81ª noite
82ª noite — A quinta viagem de Simbá, o marinheiro
83ª noite
84ª noite
85ª noite — A sexta viagem de Simbá, o marinheiro
86ª noite
87ª noite
88ª noite — A sétima e última viagem de Simbá,o marinheiro
89ª noite
90ª noite — As três maçãs
91ª noite
92ª noite — A história da jovem trucidada e do seu jovem marido
93ª noite — A história de Nuredin Ali e de Bedredin Hassan
94ª noite

95^a noite

96^a noite

97^a noite

98^a noite

99^a noite

100^a noite

103^a noite

104^a noite

105^a noite

106^a noite

107^a noite

108^a noite

109^a noite

110^a noite

111^a noite

112^a noite

113^a noite

114^a noite

115^a noite

116^a noite

117^a noite

118^a noite

119^a noite

120^a noite

121^a noite

122^a noite

123ª noite — A história do pequeno corcunda

124ª noite

125ª noite

126ª noite

127ª noite

128ª noite — A história contada pelo mercador cristão

129ª noite

130ª noite

131ª noite

132ª noite

133ª noite

134ª noite

135ª noite

136ª noite

137ª noite

138ª noite

139ª noite

140ª noite — A história contada pelo fornecedor do sultão de Casgar

141ª noite

142ª noite

143ª noite

144ª noite

145ª noite

146ª noite

147ª noite

148ª noite

149^a noite

150^a noite — A história contada pelo médico judeu

151^a noite

152^a noite

153^a noite

154^a noite

155^a noite

156^a noite

157^a noite — A história contada pelo alfaiate

158^a noite

159^a noite

160^a noite

161^a noite

162^a noite

163^a noite

164^a noite

165^a noite

166^a noite — A história do barbeiro

167^a noite — A história do primeiro irmão do barbeiro

168^a noite

169^a noite

170^a noite — A história do segundo irmão do barbeiro

171^a noite

172^a noite

173^a noite — A história do terceiro irmão do barbeiro

174^a noite — A história do quarto irmão do barbeiro

175ª noite

176ª noite — A história do quinto irmão do barbeiro

177ª noite

178ª noite

179ª noite

180ª noite — A história do sexto irmão do barbeiro

181ª noite

182ª noite

183ª noite

184ª noite

185ª noite — A história de Abul-Hassan Ali Ebn Becar e de Chemselnihar, favorita do Califa Harun al-Rashid

186ª noite

187ª noite

188ª noite

189ª noite

190ª noite

191ª noite

192ª noite

193ª noite

194ª noite

195ª noite

196ª noite

197ª noite

198ª noite

199ª noite

200ª noite

201ª noite

202ª noite

203ª noite

204ª noite

205ª noite

206ª noite

207ª noite

208ª noite

209ª noite

210ª noite

211ª noite — A história dos amores de Camaralzaman, príncipe da ilha dos filhos de Kaledan, e de Badura, princesa da China

212ª noite

213ª noite

214ª noite

215ª noite

216ª noite

217ª noite

218ª noite — A história de Marzavan, com o prosseguimento da história de Camaralzaman

219ª noite

220ª noite

221ª noite

222ª noite

223ª noite — A separação do príncipe Camaralzaman da princesa Badura

224ª noite

225ª noite — Continuação da história do príncipe Camaralzaman desde a sua separação da princesa Badura

226ª noite

227ª noite

228ª noite

229ª noite

230ª noite

231ª noite

232ª noite

233ª noite

234ª noite

235ª noite

236ª noite

A história de Nuredin e da Formosa Persa

A história de Beder, príncipe da Pérsia, e de Sahara, princesa do Reino de Samandal

A história de Ganem, filho de Abu Airu, Escravo do Amor

A história do príncipe Zein Alasnam e do rei dos gênios

A história de Codadad e seus irmãos

A história da princesa de Deriabar

A história do Adormecido Despertado

A história de Aladim, ou a lâmpada maravilhosa

As aventuras do califa Harun al-Rashid

A história do cego Baba-Abdalá

A história de Sidi Numan

A história de Codja Hassan

A história de Ali Babá e dos quarenta ladrões exterminados por uma escrava

A história de Ali-Codja, mercador de Bagdá

A história do cavalo encantado

A história do príncipe Ahmed e da fada Pari-Banu

A história das duas irmãs que invejavam a irmã mais nova

Notas

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer histórias — uma vez que estas sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada, dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas. Não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e de seus contos característicos.

É a lenda a expressão mais delicada da literatura popular. O homem, pela estrada atraente dos contos e histórias, procura evadir-se da vulgaridade cotidiana, embelezando a vida com uma sonhada espiritualidade.

Decorre daí a importância das histórias.

OS ÁRABES E AS HISTÓRIAS

Mais do que qualquer outro povo, os árabes revelam verdadeira fascinação pelas histórias e pelas lendas nos domínios da poesia.

Antes das grandes transformações sociais que vêm sublevando as terras do Oriente, não havia aldeia árabe que não tivesse seu contador de histórias, que corresponde ao nosso cantor sertanejo, com a diferença, apenas, de ter aquele um campo mais vasto, consubstanciado numa tradição mais rica de gosto mais apurado.

Em algumas cidades — Cairo, Damasco, Constantinopla — os contadores de histórias reuniam-se em verdadeiros “sindicatos”. Cada corporação era dirigida por um deles, de maior prestígio e autoridade, que tinha o título de *cheik el-medah*, que significa *chefe dos contadores do café*.

O NARRADOR E OS OUVINTES

É um espetáculo curioso acompanhar as impressões que as histórias produzem na alma ardente e apaixonada dos árabes. Conforme a palavra sempre eloquente do narrador os ouvintes se agitam ou se acalmam. À cólera violenta sucedem os sentimentos mais ternos; os risos estridentes são seguidos, não raro, de prantos e lamentações.

Se o herói do conto é ameaçado de perigo iminente, os ouvintes exclamam em coro:

— *La, la, la, stagfer Allah!* (Não, não, não, Deus não consentirá!)

Quando um bandido dissimulado ou um amigo desleal prepara uma de suas ciladas, surgem logo de todos os lados as imprecações:

— Que Cheitã (o Demônio) castigue o traidor!

Se o herói do conto é um bravo e tomba em combate, seguem-se as expressões com que são homenageados os mortos:

— Que Deus o receba em sua misericórdia! Que Deus o tenha em paz!

E se o narrador fala de uma mulher formosa, os ouvintes exaltam-se como se a tivessem diante dos olhos:

— Glória a Deus que criou a mulher! Exaltado o Altíssimo que criou a beleza e a mulher!

A FIGURA DO NARRADOR

Em um de seus livros sobre o Oriente, o escritor italiano Edmundo De Amicis (1846-1908) descreve-nos a curiosa figura de um contador de histórias sobre o céu do Islã. Será interessante reler:

“Tivemos a sorte de chegar no momento em que o *cheik el-medah*, tendo terminado a costumeira prece matinal, começava a narrativa. Era um homem de seus cinquenta anos, quase negro, a barba negríssima e dois grandes olhos cintilantes; trajava, como quase todos os outros narradores de Bagdá, um enorme pano branco apertado, em torno da cabeça, por uma corda de pelos de camelo, que lhe dava a majestade de um antigo sacerdote. Falava com voz alta e vagarosa, ereto no meio do círculo de ouvintes, acompanhado submissamente por um tocador de alaúde e um de tambor. Narrava, talvez, uma história de amor, as aventuras de um bandido famoso, as vicissitudes da vida de um sultão. Não lhe percebi nem palavra. Mas o seu gesto era tão arrebatado, sua voz tão expressiva, seu rosto tão eloquente, que eu às vezes entrevia, num rápido momento, alguns lampejos do sentido. Pareceu-me que contava uma longa viagem; imitava o passo do cavalo fatigado; apontava para horizontes imensos; procurava em torno de si uma gota d’água, deixava cair os braços e a cabeça como um homem prostrado.

Árabes, armênios, egípcios, persas e nômades do Hed-jaz, imóveis, sem respirar, refletiam na expressão de seus rostos todas as palavras do orador. Naquele momento, com a alma toda nos olhos, deixavam ver, claramente, a ingenuidade e a frescura de sentimentos que ocultavam sob a aparência de uma dureza selvagem. O contador de histórias andava para a direita e para a esquerda, parava, retrocedia, cobria o rosto com as mãos, erguia os braços para o céu, e, à medida que se ia afervorando e levantando a voz, os músicos tocavam e batiam com mais fúria.

A narrativa empolgava os beduínos, e, quando terminada, os aplausos estrugiram no ar.”

AS MIL E UMA NOITES

Dado o vivo interesse dos árabes pelas narrativas fantasiosas, desenvolveu-se a literatura oral, entre os muçulmanos, de um modo assombroso. Os narradores profissionais colhiam novos enredos dos viajantes, dos beduínos de outras terras, alteravam os entrecchos, mudavam os nomes e, por vezes, o caráter dos personagens, acrescentavam novos episódios e assim ampliavam o rico patrimônio literário com que divertiam seus fervorosos ouvintes.

E as histórias que mais agradavam, isto é, as que mais motivavam os árabes, eram as histórias em série ou em cadeia. Nessas histórias, cada conto terminava com uma *deixa* que o ligava ao conto seguinte, forçando o ouvinte interessado a voltar, mais tarde, para ouvir a continuação do caso, sempre interrompido num momento palpitante.

Entre as chamadas “histórias em cadeia”, as que despertavam maior interesse eram aquelas que formavam o prodigioso conjunto denominado *Alf Lailah oua Lailah* [Mil noites e uma noite] — título que as inúmeras traduções consagraram sob a forma *As mil e uma noites*.

A ORIGEM DAS *MIL E UMA NOITES*

É problema altamente controvertido a origem das *Mil e uma noites*.

Massudi, que viveu no século XI e foi um dos escritores mais viajados do seu tempo, afirmou que *As mil e uma noites* foram tiradas do livro persa *Hezar Afsaneh* [Mil histórias]. Esta última obra, segundo se afere de uma referência que a ela faz Firduzzi, no prefácio de *Schanameh* [Livro dos reis], é atribuída a um poeta persa, Rasti, que teria vivido na segunda metade do século X. E, assim, o erudito Massudi parece estar com a razão, pois as duas heroínas principais das *Mil e uma noites*, Sherazade e Dinazade, estão com seus nomes persas nas páginas famosas de *Hezar Afsaneh*.

Mas os persas, de acordo com a opinião de Clemente Huart, foram colher na Índia o enredo dos principais contos que figuram no famoso *Hezar Afsaneh*.

O orientalista e historiador alemão Gustavo Weill (1808-1889), que foi professor de línguas orientais em Heidelberg, afirma que os contos árabes das *Mil e uma noites* diferem totalmente das primitivas formas indiana e persa.

A difusão extrema desses contos no espaço e no tempo — universalidade e imortalidade — decorrem de condições que merecem ser frisadas. São fundamentalmente obra de imaginação e inocência.

O QUE CONTÉM *AS MIL E UMA NOITES*

O verdadeiro livro das *Mil e uma noites*, na sua forma completa, não é obra cuja leitura possa ser aconselhada para crianças ou adolescentes. É um livro profundamente contraindicado sobre vários aspectos, pois muitos dos seus contos foram imaginados com a finalidade exclusiva de divertir adultos.

Esse livro, que a saudosa poetisa Cecília Meireles considerava glorioso, encerra em suas páginas senões bem graves: erros e anacronismos.

Quando observado numa tradução, não escoimada da parte obscena, vamos encontrar na imensa cadeia das *Mil e uma noites*:

- contos maravilhosos e de aventuras;
- contos de amor e intrigas de namorados;
- romances de viagens;
- aventuras de cavalaria e guerra;
- lendas fantásticas cheias de crueldades;
- cenas de zombaria contra judeus e cristãos;
- contos do gênero policial;
- anedotas brejeiras e pornográficas;
- episódios fantásticos e obscenos;
- lutas religiosas;
- parábolas e apólogos;
- fábulas;
- histórias de erudição (até com problemas de Matemática).

E todos os capítulos são enriquecidos por delicados trechos poéticos nos quais transparece a beleza, a suavidade e o encantamento dos versos árabes.

FONTES DAS *MIL E UMA NOITES*

Em muitos livros de histórias em série os árabes foram buscar inspiração para os seus contos maravilhosos. Poderíamos citar os seguintes:

Mahabharata, poema escrito em sânscrito;

Ramayana, poema indiano de origem muito remota;

Dasa-Koundra Tcharita [Aventuras de dois adolescentes]. Livro muito popular na Índia;

Katha-Sarit-Sagara [Oceano infindável de histórias]. Contos compilados por Samodéva;

Tutinameh [Contos de um papagaio]. Pequenos apólogos que se afastam muito dos bons princípios morais;

Contos de Nang-Tantrai [Contos da jovem rendeira]. Histórias da Índia antiga escritas sob a influência da religião bramânica;

Fábulas de Kalila e Dina, que foi traduzido para o português pelo professor Ragy Basile;

Hitopadexa [Instrução útil]. Coleção de fábulas e apólogos morais da Índia. Para este livro há uma excelente tradução de monsenhor Sebastião Salgado.

DIVULGAÇÃO DAS *MIL E UMA NOITES*

O orientalista francês Antoine Galland, tendo tomado conhecimento, em sua viagem a Constantinopla dos contos das *Mil e uma noites*, fez deste livro uma tradução que se tornou obra clássica da literatura francesa.

Como agiu Galland para tornar sua tradução interessante e viva?

a) Aproveitou, apenas, uma quarta parte dos contos originais. A sua escolha foi recair sobre as lendas mais curiosas e de enredo mais palpitante.

b) Teve o cuidado de abolir todas as cenas que pudessem ferir os princípios morais cristãos.

c) Suprimiu do enredo dos contos todos os versos, poemas e citações poéticas.

d) Procurou fazer uma tradução que fosse isenta de expressões chulas ou pouco edificantes.

A obra de Galland alcançou, na Europa, um êxito extraordinário, sendo traduzida para vários idiomas.

Foi Galland quem teve a glória de tornar o livro das *Mil e uma noites* conhecido no Ocidente.

Ele faleceu aos 69 anos, em 17 de fevereiro de 1.

Além da tradução; das *Mil e uma noites*, Galland deixou cerca de 15 obras, algumas das quais de alto valor literário.

IMITAÇÕES DAS *MIL E UMA NOITES*

Seguindo a trilha gloriosa de Galland, muitos escritores tentaram imitar a obra do grande orientalista.

Além do livro intitulado *Mil e um dias*, traduzido por Petis de La Croix, poderíamos citar os seguintes:

Mil e um quartos de hora (contos tártaros);

Aventuras maravilhosas do mandarim Fum-Hoan (contos chineses);

As sultanas de Gazarate (contos mongóis);

Aventuras de Abdallah, filho de Hanif.

Todos esses livros, e cerca de outros trinta do mesmo gênero, não passavam de ridículas mistificações literárias que o público não levou a sério. Essas obras tiveram vida muito efêmera.

AS MIL E UMA NOITES NO BRASIL

O público brasileiro tem agora a magnífica oportunidade de ler a obra-prima da lenda universal, isto é, *As Mil e uma noites*, numa excelente edição, agora publicada pela HarperCollins Brasil.

Para melhor atender ao interesse de seus leitores, a editora resolveu adotar a tradução de Galland, trabalho que como sabemos é excelente, pois o sábio orientalista francês oferece o livro da sedutora Sherazade escoimado de certas asperezas que o tornariam indesejável para grande parte dos interessados.

O livro das *Mil e uma noites*, pela riqueza e pelo capricho com que é lançado, é obra de alto-relevô na vida editorial do nosso país.

Malba Tahan[*]

* Professor e engenheiro, Júlio César de Mello e Souza (1895-1974) nasceu no Rio de Janeiro. Sob o pseudônimo de Malba Tahan publicou inúmeras obras de sucesso, entre as quais se destaca *O homem que calculava*. Foi um grande admirador da cultura árabe e um de seus principais divulgadores no Brasil.

ANTOINE GALLAND

Antoine Galland nasceu em 1646, de pais pobres, que residiam numa aldeiazinha da Picardia.

Tinha apenas quatro anos, e era o sétimo filho, quando seu pai faleceu. Sua mãe, não sabendo que destino dar-lhe, e reduzida ela mesma a viver do seu trabalho, apesar de todas as dificuldades conseguiu matriculá-lo no colégio de Noyon, onde o diretor e um cônego da catedral dividiram os cuidados e os custos da sua educação.

Ali Antoine permaneceu até os 13 anos, quando perdeu ao mesmo tempo os seus protetores, o que o obrigou a voltar para sua mãe, contudo sabendo um pouco de latim, grego e até hebraico.

Sua mãe decidiu, então, que ele devia aprender um ofício. Antoine a obedeceu, e, apesar da sua aversão, permaneceu um ano com um mestre. Certo dia, porém, abandonou o serviço, dirigindo-se para Paris, sem outros recursos que o endereço de uma velha parente e o de um bom sacerdote que vira, às vezes, na casa do cônego de Noyon.

Sua tentativa teve êxito, superando suas expectativas. No colégio du Plessis, continuou seus estudos; em seguida, com Petilpied, doutor da Sorbone, aprofundou-se no conhecimento do hebraico e de outras línguas orientais, preparando um catálogo dos manuscritos orientais da biblioteca da Sorbone.

Transferiu-se, depois, para o colégio Mazarino. Um professor, Godowin, reunindo certo número de meninos de três e quatro anos, entre eles o duque de la Meilleraye, propusera-se a ensinar-lhes latim com um método fácil e rápido, colocando-os ao lado de pessoas que não falassem outra língua. Galland, associado a tal trabalho, não teve tempo de ver o resultado. Nointel, nomeado para a Embaixada de Constantinopla, levou-o consigo para obter certas provas sobre artigos de fé que constituíam motivo de disputa entre Arnaud e o ministro Claude. Galland, chegando a Constantinopla, adquiriu em pouco tempo o uso do grego vulgar, e acompanhou Nointel a Jerusalém

e outros lugares da Terra Santa, onde se pôs a pesquisar, anunciando ao embaixador as curiosidades descobertas por ele. Copiou inscrições, desenhou da melhor forma possível alguns monumentos, removendo-os também às vezes, e é a ele que devemos, entre outros, os singulares mármores hoje no gabinete de Baudelot.

Galland não julgou oportuno acompanhar Nointel a Constantinopla, preferindo voltar para Paris, onde chegou em 1675. Ali travou conhecimento com Vaillant, Carcavy e Giraud. Estes o enviaram de novo ao Oriente, de onde ele trouxe, no ano seguinte, numerosos medalhões.

Em 1679, Galland empreendeu sua terceira viagem, por conta da Companhia das Índias Orientais. As mudanças sobrevindas na companhia interromperam seus estudos 18 meses depois; mas Colbert, informado, empregou-o por conta própria; após sua morte, o marquês de Louvois fez com que Galland continuasse ainda por algum tempo as suas pesquisas, com o título de *Antiquário do rei*. Durante sua longa permanência, Galland aprendeu a fundo o árabe, o turco e o persa.

Em Esmirna, quase fora vítima de um espantoso tremor de terra. Na sua volta a Paris, auxiliou Thévenot, guarda da biblioteca do rei, até que este faleceu.

Empregou-o em seguida Herbelot. Mas este também morreu em breve, deixando incompleto seu trabalho. Continuou-o Galland, tal qual o temos, e escreveu o prefácio da obra, que passou a chamar-se *Biblioteca oriental*.

Participou da edição da *Menagiana*, aparecida então. Julga-se até que foi ele que forneceu o material do primeiro volume. Pouco antes, dera à luz uma *Relação da morte do sultão Osmã e da coroação do sultão Mustafá*, traduzida do turco, e uma *Coletânea de máximas e ditos tirados das obras dos orientais*.

Após a morte de Herbelot, apegou-se a Bignon, primeiro presidente do grande conselho, que, por gosto hereditário, queria ter sempre ao seu lado um homem de letras. Bignon morreu no ano seguinte. Parecia ser destino de Galland sempre perder seus protetores. Mas a proteção do digno magistrado ultrapassou os limites comuns, tanto que lhe deixou uma pensão. Além disso, Foucault, conselheiro de Estado, intendente naquela ocasião na Baixa Normandia, chamou-o ao seu lado.

No suave lazer de tão tranquila posição, no meio de uma ampla biblioteca, Galland produziu várias obras menores. Foi aí que começou a imensa tradução dos contos árabes, tão conhecidos pelo nome de *As mil e uma noites*.

Galland foi admitido pelo rei à Academia das Inscrições e imediatamente empreendeu para ela um *Dicionário numismático*, contendo a explicação dos nomes das dignidades, dos títulos de honra e em geral de todos os termos singulares disponíveis nas medalhas antigas, gregas e romanas.

Regressou, finalmente, para Paris, em 1706. Em 1709, foi nomeado professor de língua árabe no Colégio Real. Há outras obras escritas por Galland. Uma relação das suas viagens, uma descrição particular da cidade de Constantinopla, adendas à Biblioteca Oriental de Herbelot, um catálogo dos historiadores turcos, árabes e persas, uma história geral dos imperadores turcos e uma tradução do Alcorão, com notas histórico-críticas.

Galland trabalhava sem cessar, fossem quais fossem as suas condições, pouca atenção dando às necessidades, e nenhuma ao conforto. Só tinha em mente a exatidão. Simples nos hábitos e nas maneiras como nas obras, teria ensinado por toda a vida a crianças os primeiros elementos de gramática com o mesmo prazer que demonstrava sua erudição em diferentes matérias.

Morreu em 17 de fevereiro de 1715, aos 69 anos.

O amor pelas letras foi a última coisa que nele se extinguiu. Poucos antes de sua morte, julgou que suas obras, o único bem por ele deixado, poderiam perder-se, pelo que deixou disposições, fielmente executadas, a fim de que os manuscritos orientais passassem para a biblioteca do rei, o *Dicionário numismático* para a Academia e a sua tradução do Alcorão para o padre Bignon, como prova da sua estima e do seu relacionamento.

AS MIL E UMA NOITES

Narram as crônicas dos sassânidas — antigos reis da Pérsia, que haviam levado seu domínio à Índia, às grandes e pequenas ilhas dela dependentes, e bem mais para além do Ganges, até a China — que um dos reis desta poderosa dinastia foi o melhor da sua época. Amado por seus súditos, por sua sabedoria e prudência, era temido, contudo, por seus vizinhos, pelo seu valor e pela fama das suas tropas belicosas e bem-disciplinadas. Tinha dois filhos: o mais velho, Shahriar, seu digno herdeiro, que se lhe igualava nas virtudes; e o mais moço, Shahzenã, que não possuía menos méritos que o irmão.

Após um reinado tão longo como glorioso, morreu o rei, seu pai, e Shahriar subiu ao trono. Shahzenã, excluído de qualquer direito pelas leis do império, e obrigado a viver como autônomo, em vez de invejar a felicidade do irmão, tratou diligentemente de agradá-lo. E não teve trabalho para conseguir seu objetivo. Shahriar, naturalmente inclinado para esse príncipe, muito se alegrou com aquele gesto, e querendo, por excesso de amizade, partilhar com ele os seus Estados, doou-lhe o reino da Grã-Tartária. Shahzenã tomou posse imediatamente, fixando residência em Samarcanda, sua capital.

Já fazia dez anos que os dois haviam se separado quando Shahriar, desejando fortemente rever o irmão, mandou-lhe um emissário, o seu grão-vizir (primeiro-ministro), que, partindo com um séquito, de acordo com sua dignidade, percorreu o caminho mais rápido possível. Quando chegou às imediações de Samarcanda, Shahzenã, avisado da sua chegada, foi-lhe ao encontro com os principais nobres da corte, que, a fim de melhor honrarem o ministro do sultão, se vestiram luxuosamente. O rei da Grã-Tartária recebeu-o com grandes demonstrações de alegria e pediu-lhe, em primeiro lugar, notícias do sultão. O grão-vizir satisfez-lhe a curiosidade, após o que expôs o motivo da sua missão. Shahzenã se comoveu.

— Sábio vizir — disse —, o sultão me honra demasiadamente, e não poderia ter-me feito proposta que mais me agradasse. Se deseja ver-me, eu

também sinto o mesmo. O tempo, que não diminuiu sua amizade por mim, não enfraqueceu a minha por ele. O meu reino está em paz, e só peço dez dias para me preparar devidamente, a fim de partir convosco. Portanto, não é necessário que entreis na cidade por tão pouco tempo. Rogo-vos que vos detenhais aqui, e mandeis armar as vossas tendas. Ordenarei que vos tragam víveres em abundância, para vós e para todos do vosso séquito.

As ordens foram executadas sem perda de tempo. Mal o rei havia tornado a entrar em Samarcanda, o vizir viu chegar prodigiosa quantidade de todo tipo de provisões, acompanhadas de presentes e delícias de elevadíssimo preço.

Entretanto, Shahzenã, decidindo partir, resolveu os negócios mais urgentes, nomeou um conselho para governar durante sua ausência, e pôs diante do conselho um ministro, cuja sabedoria lhe era conhecida, e em quem depositava ilimitada confiança. Dez dias depois, terminados os preparativos, despediu-se da rainha, saiu ao cair da tarde de Samarcanda, e, seguido dos oficiais que deviam acompanhá-lo na viagem, dirigiu-se ao pavilhão real que mandara erguer perto das tendas do vizir, com o que se entreteve até meia-noite. Querendo, então, mais uma vez abraçar a rainha, a quem amava muitíssimo, voltou sozinho ao palácio, e encaminhou-se imediatamente para o aposento dela, que, não esperando revê-lo tão cedo, recebera em seu leito um dos mais humildes servidores de sua casa. Deitados, dormiam profundamente os dois amantes.

O rei entrou sem fazer o menor ruído, desejando surpreender a esposa por quem se julgava ternamente amado. Mas qual não foi seu espanto, ao ver, à luz dos archotes, que nunca se apagavam nos aposentos de príncipes e princesas, um homem em seus braços! Durante alguns minutos não conseguiu se mexer, sem saber se devia acreditar ou não. Mas, não podendo duvidar, murmurou:

— Como, mal saí do meu palácio, ainda estou sob os muros de Samarcanda, e até aqui ousam ultrajar-me! Ah, pérfida! teu crime não ficará sem punição! Como rei, devo punir os crimes que se cometem nos meus Estados; como esposo traído, devo imolar-te ao meu justo ressentimento.

Enfim, o infeliz rei, cedendo ao primeiro ímpeto, puxou seu sabre, aproximou-se do leito e, com um só golpe, fez passar os traidores do sono para a morte; em seguida, pegando um após outro, lançou-os por uma janela diretamente ao fosso que rodeava o palácio.

Vingado, saiu da cidade como nela entrara, e retirou-se para o seu pavilhão. Mal havia chegado, e sem dizer a ninguém o que acabara de fazer, ordenou que fossem desmontadas as tendas para partirem. Pouco depois, estava tudo pronto; e não era dia ainda quando a caravana se movimentou ao som de timbales e de vários instrumentos que inspiravam alegria a todos, exceto ao rei. Sempre pensando sobre a infidelidade de sua mulher, caiu numa profunda melancolia que não o deixou durante toda a viagem.

Ao chegar às proximidades da capital da Índia, viu aproximar-se o Sultão^[1] Shahriar, seguido de toda a sua corte. Que alegria a de ambos os príncipes, revendo-se após tanto tempo! Apearam-se, abraçaram-se, e, após mil demonstrações de amizade, voltaram a montar a cavalo, entrando na cidade sob as aclamações de inumerável multidão. Shahriar acompanhou seu irmão até o palácio que lhe preparara, e que se comunicava com o seu pelo mesmo jardim. Aumentava a magnificência do palácio ser-lhe consagrado às festas e aos divertimentos da corte; além disso, acabara de ser novamente decorado.

Shahriar deixou o rei da Grã-Tartária para dar-lhe tempo de banhar-se e pôr novas vestes. Mal soube, porém, que estava pronto, voltou. Sentados num sofá, e com os cortesãos distanciados respeitosamente, os dois príncipes começaram a falar de tudo quanto dois irmãos, mais unidos ainda pela amizade do que pelo sangue, têm para contar um ao outro após uma longa ausência. Chegada a hora da ceia, comeram juntos; depois, recomeçaram a conversa, até que Shahriar, percebendo que a noite já ia adiantada, se retirou para deixar que o irmão repousasse.

O infeliz Shahzenã se deitou; mas, se a presença do sultão pudera arrancá-lo por algum tempo dos seus pesares, eles despertaram novamente, e com violência. Em vez de desfrutar do repouso de que tanto precisava, nada mais fez senão entregar-se às mais cruéis reflexões. Todas as circunstâncias da infidelidade da rainha se lhe apresentaram tão vivamente à mente que ele

quase enlouqueceu. Enfim, não podendo dormir, se levantou; e entregando-se inteiramente a tão aflitivos pensamentos, acabou por lhe transparecer no rosto tal impressão de tristeza que o sultão não deixou de notar.

— Que terá o rei da Grã-Tartária? — perguntava ele. — Qual será a causa do seu pesar? Terá motivos para queixar-se da recepção que lhe preparei? Não... Eu o recebi como irmão a quem estimo, e nada tenho a censurar. Talvez o contrarie estar longe dos seus Estados, ou da rainha, sua mulher. Ah, se é isto o que perturba, será preciso que lhe dê imediatamente os presentes que lhe destinei, para que possa partir o quanto antes, e voltar a Samarcanda.

No dia seguinte, enviou-lhe parte dos presentes, compostos de tudo quanto a Índia produzia de mais raro, rico e singular. Não deixou também de tentar distraí-lo todos os dias com novos prazeres; mas as mais interessantes festas, em vez de alegrá-lo, nada mais faziam senão avivar-lhe os pesares.

Um dia, tendo Shahriar ordenado uma grande caçada a dois dias de viagem da capital, numa região particularmente rica em cervos, Shahzenã rogou-lhe que o dispensasse de acompanhá-lo, desculpando-se pelo seu estado de saúde. O sultão não quis forçá-lo, e partiu com a corte. Após sua partida, o rei da Grã-Tartária, vendo-se sozinho, encerrou-se no seu aposento e sentou-se a uma janela que se abria para o jardim. Aquele lindo recanto e o extraordinário número de pássaros que nele se abrigavam teriam lhe proporcionado prazer, se ele tivesse sido capaz de sentir prazer; mas, sempre torturado pela lembrança da infame traição da rainha, mais do que olhar o jardim, olhava o céu para queixar-se da sua falta de sorte.

Contudo, apesar de profundamente absorto nos seus aborrecimentos, não deixou de perceber algo que lhe atraiu a atenção: uma porta secreta do palácio do sultão se abriu repentinamente para dar passagem a vinte mulheres, entre as quais a sultana,^[2] facilmente reconhecível pela sua imponência. Certa de que também o rei da Grã-Tartária fora à caçada, avançou com firmeza até debaixo das janelas do aposento do príncipe, que, querendo observá-la por curiosidade, de tal modo se colocou que a tudo podia ver, sem ser visto. Notou, assim, que as pessoas que acompanhavam a sultana, a fim de eliminarem qualquer constrangimento, tinham descoberto o

rosto, velado até então, e tirado as longas vestes trazidas por cima de outras, mais curtas. O que o espantou, porém, foi ver que naquele grupo que lhe parecera composto exclusivamente por mulheres havia dez negros, os quais se apoderaram cada um da sua amante. A sultana, por sua vez, não ficou muito tempo sem amante; batendo palmas, gritou: “Massud, Massud!” E imediatamente outro negro desceu do alto de uma árvore e precipitou-se para ela.

O pudor não me permite contar tudo o que se passou entre as mulheres e os negros; além do mais, trata-se de um pormenor dispensável. Basta dizer que Shahzenã viu o suficiente para julgar que o seu irmão não era menos lastimável do que ele. Os prazeres daquele bando de pessoas durou até a meia-noite. Banharam-se todos juntos, então, numa grande piscina, após o que, repondo suas vestes, entraram de novo pela porta secreta do palácio do sultão; e Massud, que viera de fora por sobre a muralha do jardim, voltou pelo mesmo lugar.

Tudo o que se havia desenrolado sob os olhos do rei da Grã-Tartária lhe deu oportunidade para grande número de reflexões.

— Quão pouca razão tinha eu de julgar tão única a minha infelicidade! É esse, sem dúvida, o inevitável destino de todos os maridos, visto que o meu irmão, soberano de tantos Estados, o maior príncipe do mundo, não pôde evitá-lo. Se assim é, que fraqueza a minha deixar-me corroer pelos pesares! A lembrança de uma desgraça tão comum não perturbará mais a tranquilidade da minha vida.

E, realmente, a partir daquele instante, ele parou de afligir-se; e, como não quisera fazer nenhuma refeição, para não perder nada da cena que acabara de se desenrolar sob a sua janela, mandou que o servissem, comeu com apetite que não conhecera desde sua partida de Samarcanda e ouviu com prazer um concerto agradável de vozes e instrumentos que acompanharam sua refeição.

Nos dias seguintes, esteve bem-humorado. Quando soube que o sultão havia voltado, correu para vê-lo, saudando-o alegremente. Shahriar, a princípio, não deu importância àquela transformação; limitou-se a se queixar delicadamente de não ter seu irmão participado da caçada; e, sem dar-lhe

tempo de responder às censuras, falou-lhe do grande número de cervos e outros animais abatidos e do prazer experimentado. Shahzenã, após tê-lo escutado atentamente, tomou a palavra. E como já não o corroíam os pesares, deu mostras evidentes de todo o seu espírito e contou mil coisas agradáveis e interessantes.

O sultão, que esperava revê-lo tal como o havia deixado, ficou radiante com aquela alegria.

— Meu irmão — disse-lhe —, dou graças ao céu pela feliz mudança em ti durante a minha ausência. Estou contentíssimo, mas tenho um pedido a fazer-te, e suplico-te que me concedas o que te vou pedir.

— Que poderia eu recusar-te? — respondeu o rei da Grã-Tartária. — Tu podes tudo sobre Shahzenã. Fala, estou impaciente em saber o que desejas de mim.

— Desde que chegaste a minha corte — continuou Shahriar —, vi-te mergulhado em negra melancolia, da qual tentei distrair-te por todo tipo de divertimento. Supus que o teu pesar provinha de estares afastado dos teus Estados; julguei até que o amor desempenhava nele grande papel, e que a rainha de Samarcanda, que tu deves ter escolhido sumamente bela, fosse a verdadeira causa. Não sei se me enganei nisso; mas confesso-te que não quis importunar-te por esse motivo, com medo de que te ofendesses. Entretanto, sem que para isso eu tenha contribuído, encontro-te, no meu regresso, com o melhor bom humor do mundo e com o espírito completamente livre do que o obscurecia. Dize-me, eu te rogo, por que estavas tão triste, e por que já não o estás?

Àquelas palavras, o rei da Grã-Tartária ficou por algum tempo pensativo, como se estivesse procurando o que responder. Finalmente, respondeu:

— Tu és meu sultão e meu mestre, mas dispensa-me, eu te suplico, de dar-te a resposta que me pedes.

— Não, meu irmão! É preciso que me respondas. E pois que o desejo, não me recuses.

Shahzenã não pôde resistir às instâncias de Shahriar.

— Pois bem, meu irmão, vou satisfazer-te, já que assim me ordenas.

Contou-lhe, então, a infidelidade da rainha de Samarcanda, e quando terminou:

— Eis aí — prosseguiu —, se me não sobravam motivos para entristecer-me; julgas que eu não tinha razão de me abandonar ao desespero?

— Meu irmão — exclamou Shahriar num tom que denotava toda a sua compreensão do ressentimento do rei da Grã-Tartária —, que horrível história acabas de me contar! Com que impaciência a ouvi até o fim! Dou-te os meus parabéns por teres punido os traidores que tão ferozmente te ultrajaram! Ninguém poderá censurar-te um ato justíssimo; quanto a mim, confesso-te que, no teu lugar, teria sido mais violento que tu. Não teria me contentado em tirar a vida a uma única mulher; creio que teria mandado matar mais de mil. Não me admira agora os teus pesares; a causa era demasiadamente justa e mortificadora para a ela não sucumbir. Ó céu, que ventura! Não, penso que a ninguém jamais aconteceu tal coisa. Enfim, é preciso louvar a Deus por te haver consolado; e como não duvido de que o teu consolo tenha excelentes razões, termina as tuas confidências.

Shahzenã apresentou maiores dificuldades sobre este ponto que sobre o anterior, tendo em vista o interesse de seu irmão; mas viu-se obrigado a ceder.

— Vou obedecer-te, pois — disse ele —, já que assim queres. Temo que a minha obediência te cause mais pesares do que os que eu tive; mas só a ti caberá a culpa, pois és tu que me forças a revelar uma coisa que eu bem quisera enterrar no eterno esquecimento.

— O que me dizes — interrompeu-o Shahriar — só provoca a minha curiosidade; avia-te e conta-me o segredo, por mais terrível que ele seja.

O rei da Grã-Tartária, não podendo esquivar-se, contou então pormenorizadamente tudo o que vira, o disfarce dos negros, o arrebatamento da sultana e o de suas companheiras. E não se esqueceu de Massud.

— Após ter sido testemunha de tais infâmias — continuou —, pensei serem todas as mulheres naturalmente inclinadas a isso, e não poderem resistir a tão forte atração. Firme no meu modo de pensar, pareceu-me grande fraqueza confiar na lealdade delas. Esta reflexão levou-me a muitas outras; e,

enfim, compreendi que só me restava uma coisa: consolar-me. Tive de esforçar-me, mas consegui. E se acreditares no que te digo, hás de fazer o mesmo.

Apesar de tão sério conselho, o sultão não pôde aproveitá-lo. E enfureceu-se.

— Como! A sultana da Índia é capaz de se prostituir tão indignamente? Não, meu irmão, não posso acreditar no que me dizes; é preciso que o veja com meus próprios olhos. Talvez os teus o tenham enganado; e a questão é tão importante que merece que eu mesmo me certifique.

— Meu irmão — respondeu Shahzenã —, se queres a prova, não é difícil. Organiza uma nova caçada. Quando estivermos fora da cidade, com a tua corte e a minha, nos deteremos nos nossos pavilhões, e de noite voltaremos sozinhos a estes meus aposentos. Estou certo de que verás o que eu vi.

O sultão aprovou o estratagema e ordenou imediatamente uma nova caçada, de modo que, no mesmo dia, os pavilhões foram erguidos no lugar designado.

No dia seguinte, os dois príncipes partiram com seus séquitos. Chegados ao lugar em que deviam acampar, ali se detiveram até a noite. Shahriar, chamando então o grão-vizir, ordenou-lhe que o substituísse durante a sua ausência, e não permitisse a saída de quem quer que fosse do acampamento, por motivo algum. Mal deu a ordem, o rei da Grã-Tartária e ele montaram a cavalo, atravessaram incógnitos o acampamento, entraram na cidade e dirigiram-se ao palácio ocupado por Shahzenã, onde se deitaram. No dia seguinte, de manhãzinha, colocaram-se na mesma janela de onde o rei da Grã-Tartária assistira à cena dos negros. Por algum tempo desfrutaram o frescor, pois o sol não se erguera ainda; e, conversando, olhavam frequentemente para a porta secreta. Finalmente, ela se abriu; e, para contarmos o resto em poucas palavras, a sultana apareceu com as suas companheiras e os dez negros disfarçados, chamou Massud, e o sultão viu mais do que o suficiente para se convencer da sua vergonha e da sua desgraça.

— Ó meu Deus! — exclamou. — Que indignidade, que horror! A esposa de um soberano como eu será capaz de tal infâmia? Depois disso, que

príncipe ousará gabar-se de ser perfeitamente feliz? Ah, meu irmão — prosseguiu, abraçando o rei da Grã-Tartária —, renunciemos ambos ao mundo, onde já não existe lealdade, e que, se por um lado lisonjeia, por outro trai. Abandonemos os nossos Estados e todo o esplendor que nos rodeia. Vamos a um reino estrangeiro arrastar uma vida obscura e ocultar nosso infortúnio.

Shahzenã não aprovou aquela resolução, mas não ousou combatê-la diante do furor do seu irmão.

— Meu irmão — disse-lhe —, não tenho outra vontade senão a tua, e estou pronto a seguir-te para onde queiras; mas promete-me que voltaremos se conseguirmos encontrar alguém mais infeliz do que nós.

— Prometo — respondeu o sultão —, mas duvido que encontremos alguém mais infeliz.

— Não sou da tua opinião — replicou o rei da Tartária. — Talvez nem tenhamos que viajar por muito tempo.

Assim, saíram secretamente do palácio, e enveredaram por caminho diverso do que haviam seguido para vir. Caminhando até o fim do dia, passaram a primeira noite sob uma árvore. Levantando-se logo ao despontar do sol, continuaram a marcha, até que chegaram a um belo bosque, à beira do mar, onde se erguiam grandes árvores de copas frondosas. Sentaram-se aos pés de uma delas para repousar, e a infidelidade de suas mulheres foi o assunto da conversa.

Não fazia muito tempo que estavam conversando, quando ouviram, bem perto, um horrível barulho vindo do lado do mar e um grito espantoso que os mergulhou no terror. O mar abriu-se, e dele se levantou uma grande coluna negra, que parecia perder-se nas nuvens. Aquela visão redobrou o terror dos dois príncipes que, levantando-se imediatamente, subiram ao alto da árvore que lhes pareceu mais indicada para esconderijo. Mal haviam subido, olhando para a direção de onde viera o barulho, e onde o mar se entreabrira, notaram que a coluna negra avançava para a margem, fendendo as águas; não puderam compreender o que era naquele momento, mas pouco tardou para que compreendessem.

Tratava-se de um dos gênios malignos, inimigos mortais dos homens. Era negro e medonho, tinha a forma de um gigante de prodigiosa altura e trazia sobre a cabeça uma grande caixa de vidro, fechada com quatro fechaduras do aço mais fino. Entrando no bosque, depôs a carga justamente aos pés da árvore que abrigava os dois nobres, que, conhecendo o extremo perigo em que se achavam, julgaram-se perdidos.

Entretanto, o gênio sentara-se perto da caixa; e, após abri-la com quatro chaves que tinha presas à cintura, dela saiu uma jovem luxuosamente vestida, majestosa e dotada de perfeita beleza. O monstro ordenou-lhe que se sentasse ao seu lado, e, olhando-a amorosamente, disse-lhe:

— Senhora, a mais bela de todas as mulheres admiradas pela sua beleza, encantadora mulher, tu, que eu raptei no dia das tuas núpcias, e que com tamanha constância amo, permites-me que eu durma um pouquinho perto de ti? O sono por que me sinto dominado fez-me vir a este recanto repousar um instante.

Assim falando, reclinou a grande cabeça sobre os joelhos da jovem; em seguida, estendendo os pés até o mar, não tardou em cair em profundo sono, e começou a roncar, de tal modo que fazia estremecer a praia.

A jovem, erguendo os olhos por acaso, e, descobrindo os nobres no alto da árvore, fez-lhes sinal com a mão para que descessem sem ruído. O terror deles foi enorme quando se viram descobertos. Por outros sinais, suplicaram-lhe que os dispensasse de obedecer; mas, ela, após tirar suavemente de cima dos joelhos a cabeça do gênio e colocá-la com toda delicadeza sobre o chão, levantou-se e disse-lhes baixinho, mas em tom imperioso:

— Descei, e vinde aqui.

Em vão eles tentaram fazer-lhe compreender por gestos que temiam o gênio.

— Descei imediatamente — respondeu-lhe. — Se não me obedecerdes já, despertá-lo-ei, e eu mesma lhe pedirei que vos mate.

Estas palavras de tal modo os assustaram que começaram a descer com todas as precauções possíveis para não despertar o gênio. Ao pisarem o chão, a jovem pegou-os pela mão, e, afastando-se um pouco com eles, sob as árvores, fez-lhes livremente uma proposta bastante ousada, que a

princípio rejeitaram; mas ela os obrigou, por meio de novas ameaças, a aceitá-la. Depois de ter obtido dos dois nobres o que desejava, notando que traziam, cada um, um anel no dedo, exigiu-os. Mal os teve nas mãos, foi buscar uma caixinha e, tirando dela um fio cheio de anéis de todos os tipos, perguntou-lhes:

— Sabeis o que significam estes anéis?

— Não — responderam os dois príncipes. — Somente vós o podeis dizer.

— São os anéis de todos os homens a quem concedi os meus favores, 98 que conservo como lembrança. Pedi os vossos pela mesma razão, e para completar a centena. Eis, pois, cem amantes que tive desde o dia em que esse monstro me raptou, apesar da sua vigilância e das suas precauções. Pouco me importa que me encerre naquela caixa de vidro e me oculte no fundo do mar, porque nunca deixo de enganá-lo. Vedes, portanto, que quando a mulher tem um propósito, não há marido nem amante capaz de lhe impedir sua realização. Os homens fariam bem em não proibir nada às mulheres; seria o melhor meio de torná-las sensatas.

Tendo-lhes falado assim, colocou seus anéis no mesmo fio em que se achavam os outros. Em seguida, sentou-se como antes, levantou a cabeça do gênio, que não despertou, colocou-a de novo sobre os joelhos, e fez um sinal aos príncipes para que se retirassem.

Os dois irmãos tornaram a percorrer o caminho que tinham vindo; e, quando perderam de vista a jovem e o gênio, Shahriar disse a Shahzenã:

— E então, meu caro irmão, que pensas da aventura que acabamos de viver? Aquele gênio não possui realmente uma amante fidelíssima? E não concordas comigo que nada é igual à malícia das mulheres?

— Sim, meu irmão — respondeu o rei da Grã-Tartária. — E por tua vez hás de concordar que o gênio é mais lastimável e infeliz do que nós. E visto que encontramos o que procurávamos, voltemos aos nossos Estados, e que a nossa desilusão nos não impeça de novamente nos casarmos. Quanto a mim, sei por que meio pretendo conservar inviolável a fidelidade que me é devida. Não quero entrar em explicações agora mas tu, um dia, receberás notícias, e estou certo de que seguirás o meu exemplo.

O sultão concordou. E continuando a caminhar, chegaram ao acampamento ao cair da noite, no terceiro dia após a partida.

A notícia do regresso do sultão levou, de manhãzinha, os cortesãos à sua presença. Ele, mandando-os entrar, acolheu-os mais bem-humorado que de hábito, e deu a todos presentes, após o que, tendo-lhes declarado que não desejava prosseguir, ordenou-lhes que partissem a cavalo, e voltou ao palácio.

Mal chegado, correu ao aposento da rainha. Ali, mandou amarrá-la e entregou-a ao seu grão-vizir, com a ordem de estrangulá-la, o que o ministro cumpriu sem ousar perguntar que crime ela havia cometido. O príncipe, irritado, não se contentou com isso; com suas próprias mãos, cortou a cabeça de todas as companheiras da sultana. Depois de tão terrível punição, persuadido de que não existia mulher recatada, e para evitar as infidelidades das que possuiria no futuro, resolveu desposar uma por noite, e ordenar que a estrangulassem no dia seguinte. Imposta tão cruel lei, jurou que começaria a observá-la imediatamente após a partida do rei da Grã-Tartária, que poucos dias depois se despediu, pondo-se a caminho, carregado de magníficos presentes.

Com a partida de Shahzenã, Shahriar ordenou ao grão-vizir que lhe levasse a filha de um dos seus generais do exército. O vizir obedeceu-lhe. O sultão dormiu com ela, e no dia seguinte, entregando-a para morrer, ordenou-lhe que procurasse outra para a noite seguinte. Por maior que fosse a repugnância do vizir em executar semelhantes ordens, como devia obediência cega ao sultão, viu-se obrigado a submeter-se. Levou-lhe, pois, a filha de um oficial subalterno, que também foi morta no dia seguinte. Depois, foi a vez da filha de um burguês da capital. Enfim, todas as noites casava-se uma donzela e todos os dias morria uma mulher.

Aquela desumanidade sem precedentes causou consternação geral na cidade, onde só se ouviam gritos e lamentações. Aqui, era um pai em pranto que se desesperava pela perda da filha; ali, eram mães que, temendo pelas suas filhas o mesmo destino, enchiam antecipadamente os ares com os seus gemidos. Assim, em vez dos louvores e das bênçãos que Shahriar atraíra até então, os seus súditos só lhe lançavam imprecações.

O grão-vizir, que, como já dissemos, era o ministro de tão horrível injustiça, tinha duas filhas, a mais velha chamada Sherazade, a mais nova, Dinazade. Esta não carecia de méritos, mas a outra possuía coragem acima do seu sexo, muitíssimo espírito e admirável inteligência. Muito culta, era dona de memória tão prodigiosa que nada lhe escapava de tudo quanto havia lido. Aplicara-se com afincos ao estudo da filosofia, da medicina, da história e das artes, e compunha versos mais lindos que os dos poetas mais famosos do seu tempo. Além disso, tinha uma beleza extraordinária. E uma virtude solidíssima coroava tantas lindas qualidades.

O vizir amava apaixonadamente filha tão digna da sua ternura. Um dia, conversando, disse-lhe ela:

— Meu pai, peço-vos uma graça, e suplico-a muito humildemente.

— Não te recusarei — respondeu ele —, se for justa e razoável.

— Mais justa não há, e vós podereis julgar o que vos afirmo pelo motivo que me obriga a solicitá-la. Pretendo deter a barbaridade do sultão sobre as famílias da cidade. Quero eliminar o justo temor que tantas mães têm de perder suas filhas de modo tão terrível.

— A tua intenção é bastante louvável, minha filha — disse o vizir —, mas o que pretendes me parece impossível. Como pretendes conseguir o que almejas?

— Meu pai — prosseguiu Sherazade —, visto que por vosso intermédio o sultão celebra todos os dias novas núpcias, suplico-vos, em nome do afeto que tendes por mim, me proporcioneis a honra do seu leito.

O vizir não pôde ouvir aquelas palavras, sem horrorizar-se.

— Meu Deus! — interrompeu-a com arrebatamento. — Perdeste o juízo, minha filha? Como ousas fazer-me um pedido tão perigoso? Sabes que o sultão jurou pela sua alma só dormir uma noite com a mesma mulher e tirá-lhe a vida no dia seguinte, e queres que eu lhe proponha desposar-te? Pensas, por acaso, naquilo a que te expõe esse teu zelo tão indiscreto?

— Sim, meu pai — respondeu a virtuosa filha. — Conheço o perigo que corro, e não tenho medo. Se eu morrer, minha morte será gloriosa, e se conseguir o meu intento, prestarei à pátria inigualável serviço.

— Não, não! — respondeu o vizir. — Apesar de tudo quanto possas dizer para que eu permita que te arrisques a tão perigosa aventura, não penses que consentirei. Quando o sultão me ordenar que te apunhale no seio, aí de mim, serei obrigado a obedecer-lhe! Que triste encargo para um pai! Ah, se não temes a morte, teme, pelo menos, causar-me a dor de ver as minhas mãos manchadas com o teu sangue!

— Mais uma vez, meu pai — disse Sherazade —, concedei-me a graça que vos suplico.

— A tua obstinação provoca a minha cólera. Por que pretendes correr para a tua própria perdição? Quem não prevê o fim de um empreendimento perigoso dele não pode livrar-se felizmente. Receio que te suceda o que sucedeu ao burro que vivia bem, e não soube contentar-se com o que tinha.

— Que desgraça lhe sobreveio? — perguntou Sherazade.

— Vou contar-te. Escuta-me.

A FÁBULA DO BURRO, DO BOI E DO LAVRADOR

“Um riquíssimo mercador possuía várias estâncias onde criava grande quantidade de todo tipo de gado. Vivendo com a mulher e os filhos numa dessas suas propriedades, dirigia-a pessoalmente. Recebera o dom de compreender a língua dos animais, mas com a condição de não repetir a ninguém o que ouvia, pois assim morreria.

Um boi e um burro valiam-se da mesma manjedoura. Um dia, estando o mercador sentado perto deles, vendo os filhos brincarem, ouviu o boi dizer ao burro: ‘Como tu és feliz, que repousas muito e trabalhas pouco! Tratam-te cuidadosamente, lavam-te, dão-te cevada da melhor e água fresca e limpa. O teu maior esforço é transportar o mercador, nosso amo, nas suas pequenas jornadas; sem isso, a tua vida se passaria na ociosidade. Quanto a mim, tratam-me de modo bem diferente, e a minha condição é tão infeliz enquanto a tua é agradável. Noite ainda, prendem-me a um arado, que devo puxar o dia inteiro, sulcando a terra, o que me fatiga a tal ponto que, por vezes, me faltam forças. Além disso, o lavrador, sempre atrás de mim, não deixa um instante de me bater. À força de puxar o arado, trago o pescoço escorchado. Enfim, após trabalhar desde o nascer do dia até a noite, quando volto dão-me para comer péssimas favas secas, das quais sequer tiram a terra, ou outras coisas semelhantes. Por fim, quando termino a refeição tão pouco apetitosa, sou obrigado a passar a noite deitado sobre o meu próprio excremento. Vês, pois, que me sobram razões para invejar-te.’ O burro não interrompeu o boi. Deixou-o, pelo contrário, falar à vontade. Mas quando o boi acabou de falar, disse-lhe: ‘Tu não desmentes o nome de idiota que te dão; és muito ingênuo, deixas que façam contigo o que queiram, e és incapaz de tomar uma boa decisão. E, no entanto, que vantagem tiras de todas as injustiças que cometem contra ti? Matas-te, pelo repouso, prazer e proveito daqueles que nem se lembram de ti. Não te tratariam assim se tivesses coragem como tens força. Quando vêm buscar-te à manjedoura, por que não ofereces resistência, por que não dás umas boas chifradas, por que

não demonstras a tua cólera batendo violentamente as patas no chão? Por que, enfim, não inspiras o terror por meio de mugidos? A natureza deu-te os meios de te fazeres respeitar, e tu não sabes deles servir-te. Trazem-te péssimas favas e péssima palha. Não as comas! Cheira-as, mas não as toques. Se seguires os meus conselhos, notarás daqui a pouco, uma mudança, e me agradecerás.’

O boi, decidido a pôr em prática os conselhos do burro, manifestou-lhe toda a sua gratidão: ‘Meu caro, não deixarei de fazer o que me disseste, e verás como hei de me sair.’ Calaram-se depois daquela conversa, da qual o mercador não perdeu uma só palavra.

No dia seguinte, de manhãzinha, o lavrador foi buscar o boi, prendeu-o ao arado e levou-o ao costumeiro trabalho. O boi, que não se esquecera do conselho do burro, comportou-se mal naquele dia; e, ao cair da noite, quando o lavrador, após levá-lo de volta à manjedoura quis prendê-lo como sempre fazia, o malicioso animal, em vez de apresentar humildemente os chifres, pôs-se a resistir e a recuar, mugindo; chegou até a abaixar as pontas dos chifres como que decidido a chifrar o lavrador; comportou-se, enfim, como lhe havia dito o burro. No dia seguinte, o lavrador foi buscá-lo novamente para levá-lo ao campo; mas encontrando a manjedoura ainda cheia de favas e de palha, lá postas na véspera, e o boi deitado, com as patas estendidas, e respirando de modo esquisito, julgou-o doente, apiedou-se dele e, crendo que seria inútil levá-lo para o trabalho, correu imediatamente para advertir o mercador.

O mercador percebeu imediatamente que os maus conselhos do burro haviam sido seguidos ao pé da letra, e a fim de puni-lo como merecia, disse ao lavrador: ‘Põe o burro no lugar do boi, e não deixes de dar-lhe bastante trabalho.’ O lavrador obedeceu. O burro foi obrigado a puxar o arado durante todo o dia, o que o alquebrou, ainda mais por não estar acostumado àquele tipo de trabalho; além disso, recebeu tantas bordoadas que, ao voltar, mal conseguia manter-se de pé.

O boi, pelo contrário, estava contentíssimo. Comera tudo quanto havia na manjedoura, repousara o dia inteiro, feliz por ter seguido os conselhos do burro, que abençoou mil vezes pelo bem que lhe tinha proporcionado. Não

deixou de agradecer-lhe novamente ao vê-lo de volta. O burro nada respondeu, tamanho era o seu despeito por ter sido tão maltratado. ‘À minha imprudência’, dizia ele a si mesmo, ‘é que devo esta desgraça. Eu vivia em paz. Tudo me sorria. Tinha tudo o que pudesse desejar. Só a mim é que cabe a culpa de ver-me em tão deplorável estado, e se não conseguir inventar alguma artimanha para me livrar dele, será certa a minha perdição.’ Assim, sentindo que lhe fugiam as últimas forças, deixou-se cair semimorto aos pés da manjedoura.”

A esta altura, o grão-vizir, dirigindo-se a Sherazade, disse-lhe:

— Tu procedes como esse burro, minha filha, e expões-te à perdição pela tua falsa sabedoria. Crê-me, fica como estás e não procures correr ao encontro da morte.

— Meu pai — respondeu Sherazade —, o exemplo que acabais de me contar não basta para fazer com que eu desista da minha ideia, e só cessarei de vos importunar quando obtiver de vós licença para tornar-me esposa do sultão.

O vizir, vendo-a insistir, disse-lhe:

— Pois bem, já que não queres abandonar tua obstinação, serei obrigado a tratar-te como tratou sua mulher o mercador de quem acabei de falar pouco tempo depois, e eis como: “Tendo sabido que o burro se encontrava em estado lastimável, desejou ver o que se passaria entre ele e o boi. Por conseguinte, após o jantar, saiu e foi sentar-se perto dos dois animais, acompanhado por sua mulher. Ao chegar, ouviu o burro dizer ao boi: ‘Compadre, dize-me o que pretendes fazer quando o lavrador te trouxer amanhã a comida.’ ‘Que hei de fazer?’, respondeu o boi. ‘Continuarei a fazer o que me ensinaste. Primeiro me afastarei, depois lhe mostrarei os chifres, como ontem, fingirei estar doente e desesperado.’ ‘Guarda-te de proceder assim’, interrompeu o burro, ‘porque seria a tua desgraça. Ouvi o mercador dizer uma coisa que me faz tremer pela tua sorte.’ ‘O que ouviste?’, perguntou-lhe o boi, ‘não me ocultes nada, por favor.’ ‘O nosso amo’, continuou o burro, ‘disse ao lavrador estas horríveis palavras: Como o boi não quer comer, e como não pode sustentar-se, será melhor que o mates amanhã. Faremos, por amor a Deus, esmola da sua carne

aos pobres; e, quanto à pele, que poderá ser-nos útil, tu a darás ao correeiro. Não te esqueças de mandar vir o magarefe. Aí está’, acrescentou o burro, ‘o que eu queria contar-te. O interesse que tenho na tua vida, e a amizade que sinto por ti me obrigam a avisar-te e a dar-te novo conselho. Mal te trouxeram as favas e a palha, levanta-te, e lança-te a elas com avidez; o amo verá, assim, que estás curado, e retirará sem dúvida a ordem de morte, ao passo que, se procederes de outro modo, estará tudo acabado para ti.’

Tais palavras produziram o efeito desejado pelo burro. O boi, terrivelmente espantado, mugiu tristemente. O mercador, que a ambos ouvira com toda atenção, explodiu, então, em tamanha gargalhada, que sua mulher o olhou assombrada. ‘Dize-me’, pediu ela, ‘por que te ris assim, para que eu também possa rir.’ ‘Minha mulher’, respondeu-lhe o mercador, ‘contenta-te em ouvir-me rir.’ ‘Não’, insistiu ela. ‘Quero saber o motivo.’ ‘Não posso dar-te essa satisfação’, prosseguiu o marido. ‘Bastará que saibas que assim rio pelo que acabo de ouvir o nosso burro dizer ao boi. O resto é um segredo que não posso revelar-te.’ ‘E que te impede de revelar-me tal segredo?’ ‘Se eu te contasse, pagaria as minhas palavras com a vida.’ ‘Tu zombas de mim’, gritou a mulher. ‘O que me contas não pode ser verdade. Se não me disseres imediatamente por que riste, se te recusares a contar-me o que conversaram o burro e o boi, juro por Deus que está no céu que não viveremos mais juntos.’ Assim entrou em casa e pôs-se a um canto, onde passou a noite a lamentar-se em altos brados. O marido deitou-se sozinho. No dia seguinte, vendo que ela não deixava de se lamentar, disse-lhe: ‘Não és sensata, afligindo-te desse modo, porque o assunto não vale a pena, e a ti pouco importa sabê-lo, ao passo que a mim muito importa mantê-lo secreto. Não penses mais no que se passou, suplico-te.’ ‘Tanto penso’, respondeu a mulher, ‘que não cessarei de chorar senão quando me satisfizeres a curiosidade’, respondeu. ‘Mas digo-te seriamente que me custará a vida ceder à tua indiscrição.’ ‘Suceda tudo quanto aprouver a Deus’, respondeu ela, ‘não desistirei.’ ‘Sei’, continuou o mercador, ‘que não há meio de fazer-te compreender razões, e, como percebo que és capaz de deixar-te morrer pela tua obstinação, vou chamar teus filhos, a fim de que tenham o consolo de ver-te antes que morras.’

Mandou chamar os filhos, e também o pai, a mãe e os parentes de sua mulher. Quando os viu todos reunidos, explicou-lhes o motivo de tamanha discussão, ao que eles empregaram toda a sua eloquência para fazer com que a mulher compreendesse não ter razão em não desistir da sua obstinação; mas ela repeliu a todos, dizendo que preferia morrer a ceder. Foi em vão que seu pai e sua mãe lhe falaram em particular, e lhe mostraram que o que desejava saber carecia de importância; não conseguiram influenciá-la nem pela autoridade nem pelas palavras. Quando os filhos perceberam que se obstinava em rejeitar sempre as razões com as quais se lhe combatia a obstinação, começaram a chorar. O mercador já não sabia mais o que fazer. Sentado à porta de sua casa, começou a refletir se lhe não seria melhor sacrificar a vida para salvar a de sua mulher, que ele tanto amava.”

— Pois bem, minha filha — continuou o vizir, falando sempre a Sherazade —, “possuía o mercador cinquenta galinhas e um galo, além de um excelente cão de guarda. Enquanto estava sentado, como já disse, pensando na decisão que devia tomar, viu o cão correr até o galo, que se havia lançado sobre uma galinha, e dizer-lhe estas palavras: ‘Ó galo, Deus não permitirá que tu vivas ainda muito tempo! Não te envergonhas de fazer o que fazes todos os dias?’ O galo, firmando-se nos pés e voltando-se para o cão, respondeu: ‘Por que deveria eu ser proibido de fazer o que sempre faço?’ ‘Visto que o ignoras’, respondeu o cão, ‘fica sabendo que o nosso amo hoje está profundamente mortificado. Sua mulher quer que lhe revele um segredo de tal natureza que ele perderá a vida se o contar. As coisas estão assim, e temo que o nosso amo não tenha a firmeza necessária para resistir à obstinação de sua mulher, pois ele a ama, e sofre por vê-la chorar incessantemente. Talvez morra. Todos nós estamos impressionados. Só tu, insultando a nossa tristeza, tens a imprudência de te divertir com as tuas galinhas.’

O galo assim respondeu à reprimenda do cão: ‘Como é insensato o nosso amo! Apesar de só ter uma mulher, não consegue lidar com ela, ao passo que eu possuo cinquenta, que fazem tudo o que quero. Se pensar um pouquinho, achará logo um modo de sair do embaraço em que se encontra.’ ‘Que queres que ele faça?’, perguntou o cão. ‘Que entre no quarto de sua mulher’,

respondeu o galo, ‘feche a porta, pegue um ótimo pedaço de pau e lhe dê uma boa surra. Tenho certeza de que, assim, voltará imediatamente a ter juízo, e não insistirá mais em que ele lhe conte o que não pode ser contado.’ O mercador, mal ouvindo as palavras do galo, levantou-se, pegou um pedaço de pau, foi procurar sua mulher, que ainda chorava, fechou-se com ela no quarto e deu-lhe tamanha surra que ela se pôs a gritar: ‘Basta, meu marido! Basta, deixa-me! Nada mais te perguntarei.’

Diante daquelas palavras, e vendo-a arrependida da curiosidade tão fora de propósito, o mercador deixou de surrá-la, abriu a porta, e todos os parentes, entrando, se alegraram por ver a mulher novamente ajuizada, e cumprimentaram o marido pela feliz ideia que tivera para pôr fim a tão penosa situação.”

— Minha filha — acrescentou o vizir —, tu merecerias ser tratada da mesma maneira que a mulher do mercador.

— Meu pai — disse Sherazade —, por favor, não zangueis por eu persistir na minha vontade. A história dessa mulher não me faz desistir. Poderia contar-vos muitas outras, às quais vos persuadiriam de que não deveis se opor ao meu plano. De resto, perdoai-me se o ousar declarar, opor-vos-íeis em vão, pois se a ternura paterna se recusar a conceder o que suplico, eu mesma irei apresentar-me ao sultão.

Finalmente, acuado pela firmeza de sua filha, rendeu-se o grão-vizir, e, embora mortalmente aflito por não haver conseguido dissuadi-la de tão dramática resolução, foi anunciar a Shahriar que na noite seguinte lhe levaria Sherazade.

O sultão se admirou profundamente do sacrifício que o seu grão-vizir fazia.

— Como pudestes — perguntou-lhe — resolver conceder-me vossa própria filha?

— Senhor — respondeu o vizir —, foi ela mesma que se ofereceu. O triste destino que a aguarda não consegue espantá-la, e prefere sacrificar a vida a não ter a honra de ser por uma só noite a esposa de vossa majestade.

— Não vos iludais, vizir — respondeu o sultão. — Amanhã, entregando-vos Sherazade, quero que lhe tireis a vida. Se não o fizerdes, juro-vos que

morrereis!

— Senhor — disse o vizir —, o meu coração há de gemer, sem dúvida, ao vos obedecer, mas a voz da natureza falará em vão, pois, apesar de pai, garanto-vos que o meu braço é fiel.

Shahriar aceitou a oferta do vizir, e disse-lhe que poderia levar-lhe a filha, e quando bem entendesse.

O grão-vizir transmitiu a nova a Sherazade, que a acolheu com a mesma alegria com a qual teria acolhido a mais agradável das notícias. Agradeceu ao pai o serviço tão gentilmente prestado, e, vendo-o abatido pela dor, disse-lhe, para o consolar, que esperava que ele se não arrependesse de havê-la casado com o sultão, e que, pelo contrário, haveria de rejubilar-se pelo resto da vida.

Depois, só cuidou de se preparar para comparecer à presença do sultão; antes de partir, chamando sua irmã, Dinazade, disse-lhe:

— Minha querida irmã, preciso de ti numa questão importantíssima, e peço-te que não te recuses. Meu pai vai levar-me ao sultão, a quem desposarei. Não te espantes com essa notícia; escuta-me com paciência. Quando eu estiver na presença do sultão, suplicar-lhe-ei que permita que tu durmas no quarto nupcial, a fim de que mais uma noite eu possa desfrutar a tua companhia. Se alcançar esta graça, espero, lembra-te de me acordar amanhã, uma hora antes do nascer do dia, e de me dirigir estas palavras: “Minha irmã, se não estiveres dormindo, suplico-te, à espera do dia que não tardará em nascer, me contes uma das tuas belas histórias.” Imediatamente, começarei a contar, e gabo-me de, por esse meio, livrar o povo da consternação em que vive.

Dinizade prometeu à irmã que faria com prazer o que lhe era pedido.

Chegada a hora de dormir, o grão-vizir levou Sherazade ao palácio, retirando-se após havê-la feito entrar no aposento do sultão. Mal o príncipe se viu a sós com ela, ordenou-lhe que descobrisse o rosto. Achou-a tão linda que ficou encantado; mas notando que chorava perguntou-lhe o motivo daquelas lágrimas.

— Senhor — respondeu Sherazade —, tenho uma irmã a quem amo ternamente e por quem ternamente sou amada; desejaria que ela passasse a

noite nesse aposento, para revê-la mais uma vez e dizer-lhe adeus. Conceder-me-eis o consolo de oferecer-lhe esta derradeira prova da minha amizade?

Tendo Shahriar consentido, mandou chamar Dinazade, que acorreu imediatamente. O sultão deitou-se com Sherazade sobre um estrado bastante alto, à moda dos monarcas orientais, e Dinazade num leito preparado aos pés do estrado.

Uma hora antes de despontar o dia, Dinazade não se esqueceu de fazer o que lhe fora recomendado por sua irmã.

— Minha querida irmã — pediu ela —, se não estiveres dormindo, suplico-te, à espera do dia que não tardará em nascer, me contes uma das tuas lindas histórias. Ai de mim, será talvez a última vez que terei tal prazer!

Sherazade, em lugar de responder à irmã, voltou-se para o sultão:

— Senhor — disse ela —, Vossa Majestade permite que eu satisfaça o desejo de minha irmã?

— De boa vontade! — respondeu o sultão.

Sherazade recomendou à irmã que prestasse atenção. E, dirigindo a palavra a Shahriar, começou:

1ª NOITE

O mercador e o gênio

“Havia outrora um mercador que possuía grandes bens, tanto em terras como em mercadorias e dinheiro. Tinha à sua disposição um grande número de empregados, feitores e escravos. Como se visse obrigado, de vez em quando, a fazer viagens para conversar pessoalmente com seus correspondentes, um dia em que um negócio importante o chamou para bem longe do lugar em que vivia, montou a cavalo e partiu com um alforje à garupa do animal, no qual havia guardado biscoitos e tâmaras, visto que deveria atravessar uma região deserta, onde não encontraria o que comer. Sem acidentes, chegou ao lugar de destino, e, terminado o assunto que para lá o havia atraído, tornou a montar a cavalo a fim de voltar.

No quarto dia de marcha, sentiu-se de tal forma importunado pelo ardor do Sol e da terra aquecida que se desviou do caminho para refrescar-se sob umas árvores. Ali achou, aos pés de uma grande nogueira, uma fonte de água claríssima e borbulhante. Apeou-se, prendeu o cavalo ao tronco de uma árvore e sentou-se perto da fonte, após tirar do alforje algumas tâmaras e biscoitos. Comendo as tâmaras, ia atirando os caroços à direita e à esquerda. Terminada tão frugal refeição, como era bom muçulmano, lavou as mãos, o rosto e os pés, e fez sua prece.

Não havia ainda terminado sua prece quando viu surgir um gênio branco, velho, enorme, que, avançando para ele de alfanje na mão, lhe disse com terrível voz: ‘Levanta-te, que preciso matar-te com este alfanje, como tu mataste meu filho.’ E fez seguir a tais palavras um grito terrível. O mercador, horrorizado tanto pela feiura do monstro como pelas palavras que lhe haviam sido dirigidas, respondeu, tremendo: ‘Ai de mim, meu bom amo, de que crime posso ser culpado diante de vós para merecer que me seja tirada a vida?’ ‘Quero’, prosseguiu o gênio, ‘matar-te, assim como tu mataste meu

filho.’ ‘Mas, por Deus’, respondeu o mercador, ‘como posso ter matado vosso filho? Não o conheço, jamais o vi!’ ‘Não te sentaste, ao chegar aqui?’, perguntou o gênio. ‘Não tiraste do alforje umas tâmaras, e, comendo-as, não atiraste os caroços à direita e à esquerda?’ ‘Fiz o que dizeis’, respondeu o mercador, ‘não o posso negar.’ ‘Sendo assim, digo-te que mataste meu filho, e eis como: quando atiravas os caroços, meu filho passou por aqui e recebeu um deles num dos olhos, o que o levou à morte; por isso, preciso matar-te.’ ‘Ah, meu amo, perdão!’, exclamou o mercador. ‘Não há perdão, não há misericórdia! Não é justo matar quem matou?’ ‘Concordo’, disse o mercador, ‘mas, certamente, não matei vosso filho. Mesmo que o tivesse matado, tê-lo-ia feito sem querer; por conseguinte, suplico-vos que me perdoeis e deixeis que eu prossiga a minha jornada.’ ‘Não, não!’, disse o gênio, persistindo na sua resolução ‘é preciso que eu te mate, como tu mataste meu filho.’

Assim, agarrou o mercador pelo braço, lançou-o com o rosto por terra, e levantou o alfanje para cortar-lhe a cabeça.

Entretanto, o mercador, debilhado em lágrimas, protestando sua inocência, chorava se lembrando da mulher e dos filhos, e dizia as coisas mais comoventes da terra. O gênio, levantando o alfanje, teve a paciência de aguardar que o infeliz acabasse de se lamentar, sem, todavia, apiedar-se.

‘São inúteis os teus lamentos!’, gritou-lhe. ‘Ainda que fossem de sangue as tuas lágrimas, não deixaria de matar-te, como tu mataste meu filho.’ ‘Como!’, respondeu o mercador. ‘Não há palavras que vos possam comover? Quereis de todo jeito tirar a vida de um pobre inocente!’ ‘Sim’, disse o gênio, ‘estou resolvido a isso.’

Sherazade, a essa altura, percebendo que já era dia, e sabendo que o sultão costumava levantar-se de manhã bem cedo para fazer sua prece e reunir o conselho, deixou de falar.

— Por Deus, minha irmã, é maravilhosa a tua história — disse Dinazade.

— A continuação é mais surpreendente ainda — respondeu Sherazade —, e tu concordarias, se o sultão me deixasse viver ainda hoje e me permitisse contá-la na próxima noite.

Shahriar, que ouvira Sherazade com prazer, pensou consigo mesmo: “Esperarei até amanhã, e ela morrerá, mal eu tenha ouvido o resto da história.”

Resolvido, portanto, a não mandar matar Sherazade naquele dia, levantou-se para fazer sua prece e ir ao conselho.

O grão-vizir, durante todo o tempo, vivera em cruel inquietação. Em lugar de gozar a doçura do sono, passara a noite suspirando, lamentando a sorte da filha, de quem deveria ser o algoz. Mas, se em tão triste espera temia rever o sultão, qual não foi sua surpresa ao notar que o príncipe entrava no conselho sem lhe dar a funesta ordem aguardada.

O sultão, segundo o hábito, passou o dia administrando os negócios do país. Quando a noite caiu, deitou-se novamente com Sherazade. No dia seguinte, antes do despontar do dia, Dinazade não deixou de se dirigir à irmã e dizer-lhe:

— Minha querida irmã, se não estiveres dormindo, suplico-te, enquanto aguardamos o dia, que não demora, continues a história de ontem.

Shahriar não esperou que Sherazade lhe pedisse permissão.

— Termina — disse-lhe ele — a história do gênio e do mercador. Estou curioso por saber qual é o fim.

Sherazade, então, continuou:

2ª NOITE

“Quando o mercador viu que o gênio ia realmente cortar-lhe a cabeça, deu um grande grito, e disse: ‘Detende-vos! Mais uma palavra, por misericórdia! Tende a bondade de me conceder uma prorrogação; dai-me tempo suficiente para despedir-me de minha mulher e de meus filhos, e legar-lhes os bens por um testamento que ainda não fiz, a fim de que não sejam obrigados a um processo, após a minha morte; quando eu tiver terminado, voltarei imediatamente para cá e submeter-me-ei a tudo quanto vos aprouver.’ ‘Mas’, disse o gênio, ‘se te concedo a prorrogação que me pedes, temo que não voltes mais.’ ‘Se quiserdes acreditar no meu juramento’, respondeu o mercador, ‘juro-vos, pelo Deus do Céu e da Terra, que virei sem falta encontrar-vos aqui.’ ‘Quanto tempo desejas?’, perguntou o gênio. ‘Peço-vos um ano. É de quanto preciso para regularizar meus negócios, preparar-me para renunciar sem pesares ao prazer da vida. Prometo-vos que dentro de um ano, infalivelmente, estarei sob estas árvores, à vossa disposição.’ ‘Tomas a Deus por testemunha da promessa que me fazes?’, perguntou o gênio. ‘Sim’, respondeu o mercador, ‘tomo-o mais uma vez por testemunha, e podeis crer no meu juramento.’

Àquelas palavras, o gênio, deixando-o perto da fonte, desapareceu.

O mercador, recuperando-se do susto, montou novamente no seu cavalo, e prosseguiu sua jornada. Mas, embora por um lado tivesse a alegria de haver se livrado de tão grande perigo, por outro mergulhou em mortal tristeza, ao lembrar-se do fatal juramento feito. Quando chegou em casa, sua mulher e seus filhos o receberam com muita alegria; porém, em vez de os abraçar da mesma forma, pôs-se a chorar, e tão amargamente que eles não duvidaram de que devia ter-lhe acontecido algo terrível. Sua mulher perguntou-lhe a causa daquelas lágrimas e daquele sofrimento que o dominava. ‘Nós nos alegamos’, disse-lhe ela, ‘com a tua volta, e, no entanto, tu nos alarmas pelo estado em que te vemos. Explica-nos, peço-te, o motivo da tua tristeza.’ ‘Ai

de mim’, respondeu o marido, ‘por que não me encontro em outra situação? Só me resta um ano de vida!’

E contou-lhes o que se passara entre ele e o gênio a quem dera a palavra de que voltaria no fim de um ano, para morrer.

Ao ouvirem a notícia, sua mulher e seus filhos caíram na desolação. A mulher, dando lastimosos gritos, debatia-se e arrancava os cabelos; os filhos, debulhados em lágrimas, faziam ressoar pela casa os seus gemidos, e o pai, cedendo à força do sangue, mesclava suas lágrimas aos lamentos deles. Era o mais comovente espetáculo do mundo.

No dia seguinte, o mercador tratou de pôr em ordem seus negócios, e sobretudo pagar suas dívidas. Distribuiu presentes aos amigos e deu grandes esmolas aos pobres, deu liberdade a seus escravos, dividiu os bens entre os filhos, nomeou tutores para os menores, e devolvendo à mulher tudo quanto a esta pertencia pelo contrato de casamento, doou-lhe mais o que lhe permitiam as leis.

Enfim, passou-se o ano, e foi preciso partir. O mercador preparou seu alforje, onde colocou o lençol com o qual devia ser enterrado; mas, ao querer despedir-se de sua mulher e seus filhos, nunca se viu tamanha dor! Não se conformando com a ideia de perdê-lo, queriam acompanhá-lo para com ele morrer. Contudo, visto que era preciso decidir e deixar pessoas tão queridas, disse-lhes: ‘Meus filhos, separando-me de vós, nada mais faço senão obedecer a Deus. Submetei-vos corajosamente a esta necessidade, e lembrai-vos de que o destino do homem é morrer.’

Após tais palavras, aos gritos e à dor da família, partiu, e chegou ao mesmo lugar em que vira o gênio, e no dia prometido. Apeando-se imediatamente, sentou-se à beira da fonte, para esperá-lo tristemente.

Enquanto sofria em tão cruel espera, um bom ancião que levava uma corça pelo cabresto se aproximou dele. Saudaram-se, e o ancião lhe perguntou:

‘Meu irmão, posso saber por que viestes a este lugar tão deserto, onde só existem espíritos malignos e não há segurança? Vendo tão belas árvores, dir-se-ia habitado; mas é uma verdadeira solidão, onde é perigoso deter-se por muito tempo.’

O mercador, satisfazendo a curiosidade do ancião, contou-lhe a aventura que o forçava a estar ali. O ancião ouviu-o com espanto e, tomando a palavra, disse:

‘Eis aí a coisa mais surpreendente deste mundo! E vós vos ligastes pelo mais inviolável dos juramentos. Quero testemunhar o vosso encontro com o gênio!’

Assim, sentou-se ao lado do mercador, e enquanto conversavam...”

— Mas estou vendo o dia — disse Sherazade, interrompendo-se. — O que resta é a parte mais linda da história.

O sultão, resolvido a ouvir o fim, deixou-a ainda viver.

3ª NOITE

Na noite seguinte, Dinazade dirigiu à irmã o mesmo pedido que lhe fizera antes.

— Minha querida irmã, se não estiveres dormindo, suplico-te que me contes uma das tuas lindas histórias.

Mas Shahriar interveio para dizer que queria ouvir a continuação da história do mercador e do gênio. Por conseguinte, Sherazade começou:

“Enquanto o mercador e o ancião que levava a corça conversavam, chegou outro ancião, seguido de dois cães negros. Aproximando-se deles, saudou-os, e perguntou-lhes o que faziam naquele lugar tão solitário. O ancião que levava a corça contou-lhe a aventura do mercador e do gênio, o que se havia passado entre eles, e o juramento do mercador. Acrescentou ser aquele o dia da palavra empenhada, e ter ele decidido ficar para ver o que iria acontecer.

O segundo ancião, achando também o fato muito curioso, tomou a mesma decisão. Sentou-se perto dos outros, e mal havia começado a participar da conversação apareceu um terceiro ancião, o qual, dirigindo-se aos dois primeiros, lhes perguntou por que parecia tão triste o mercador que estava com eles. Apenas ouviu o que se passara — o que lhe pareceu extraordinário — quis ser testemunha do que sucederia entre o gênio e o mercador. Por conseguinte, sentou-se também.

Poucos instantes depois, perceberam no campo um espesso vapor, como que um turbilhão de pó erguido pelo vento, o qual avançou para eles e, dissipando-se repentinamente, lhes deixou ver o gênio que, sem os saudar, se aproximou do mercador, empunhando o alfanje, e agarrando-o pelo braço, disse-lhe: ‘Levanta-te, para que eu te mate como tu mataste meu filho!’

O mercador e os três anciões, aterrorizados, começaram a chorar e a gritar...”

Sherazade, a essa altura, notando que o dia acabava de despontar, interrompeu a história. Mas esta havia de tal forma despertado a curiosidade

do sultão, que ele, querendo a todo custo saber o fim, mais uma vez adiou a morte da sultana.

Não se pode imaginar a alegria do grão-vizir quando viu que o sultão não lhe ordenava matar Sherazade. A família, a corte, todos, ficaram assombrados!

4^A NOITE

Pelo fim da noite seguinte, Sherazade, com a permissão de Shahriar, prosseguiu:

“Quando o ancião que levava a corça viu que o gênio se apoderara do mercador para matá-lo, lançou-se aos pés do monstro e beijando-os disse: ‘Príncipe dos gênios, suplico-vos humildemente que suspendais vossa cólera e me concedais a graça de escutar-me. Vou contar-vos a minha história e a desta corça que estais vendo; se a achardes mais maravilhosa e surpreendente que a aventura deste mercador cuja vida quereis tirar, poderei esperar para ele o perdão do terço do seu crime?’

O gênio, após refletir por algum tempo, respondeu: ‘Pois bem, concordo.’

A história do primeiro ancião e a da corça

‘Vou, pois, começar a minha história’, prosseguiu o ancião. ‘Escutai-me com atenção, peço-vos. Esta corça que estais vendo é minha prima e minha mulher. Não tinha mais do que 12 anos quando a desposei; portanto, posso afirmar que deveria considerar-me não somente marido e parente, mas também pai.

Vivemos juntos trinta anos, sem, contudo, termos tido filhos; mas sua esterilidade não impediu que eu tivesse por ela muita consideração e amizade. Somente o desejo de ter filhos foi que me impeliu a comprar uma escrava, da qual tive um bastante promissor. Minha mulher, enciumada, criou aversão pela mãe e pelo filho, e ocultou tão bem seu sentimento que eu só vim a conhecê-lo tarde demais.

Entretanto, meu filho ia crescendo, e já tinha dez anos quando fui obrigado a viajar. Antes da partida, recomendei à minha mulher, da qual não desconfiava, a escrava e seu filho, e pedi-lhe que cuidasse deles durante minha ausência, que durou um ano. Ela imediatamente se aproveitou da oportunidade para dar vazão ao seu ódio. Dedicou-se à magia, e quando soube o bastante desta arte diabólica para efetuar seu horrível plano, levou meu filho para um lugar ermo, e lá, por meio dos seus feitiços, o transformou em novilho, e entregou-o ao meu feitor, com a ordem de o criar, explicando-lhe que o havia comprado. Não limitou o furor a tão abominável ato; transformou a escrava numa vaca, e deu-a também ao meu feitor.

Quando voltei, pedi-lhe notícias da mãe e do filho. Tua escrava morreu, disse-me ela; e, quanto a teu filho, há dois meses que o não vejo. Não sei que fim levou.

Fiquei triste com a morte da escrava; mas como meu filho apenas desaparecera, alegrei-me com a possibilidade de o rever em breve. Contudo, passaram-se oito meses sem que ele voltasse; e dele eu nada conseguira saber, quando chegou a festa do grande Bairam.^[3] Para celebrá-la, ordenei ao feitor que me trouxesse uma das vacas mais gordas para a sacrificar, o que ele fez

imediatamente. A que me trouxe era a minha própria escrava, a infeliz mãe de meu filho! Amarrei-a; mas, no momento de sacrificá-la, ela começou a mugir lastimosamente, e eu notei que dos seus olhos caíam grandes lágrimas. Aquilo me pareceu extraordinário; e sentindo-me dominado pela piedade, não consegui abatê-la. Ordenei, pois, ao feitor, que me trouxesse outra.

Minha mulher, que estava presente, estremeceu diante da minha compaixão; e opondo-se a uma ordem que tornava inútil a sua maldade: Que fazes, meu amigo?, perguntou-me. Imola esta vaca; o teu feitor não possui outra mais linda, nem mais adequada ao uso que dela queremos fazer. Para agradá-la, aproximei-me da vaca; e, lutando contra a piedade que impedia o sacrifício, ia desferir o golpe mortal, quando a vítima, redobrando as lágrimas e os mugidos, me desarmou pela segunda vez. Aí, entregando o malho ao feitor, disse-lhe: Pega-o, e sacrifica esse animal tu mesmo; os seus mugidos e as suas lágrimas me despedaçam o coração.

O feitor, menos impressionável do que eu, sacrificou-a. Mas, ao ser esquartejada, verificamos que só tinha ossos, embora nos tivesse parecido bem gorda. Senti muita dor. Leva-a para ti, disse ao feitor; deixo-a; dê-a de presente, ou como esmola, a quem quiseses. E se tens um novilho bem gordo, traga-o até aqui para a substituir. Não me informei do que ele fez com a vaca, mas, algum tempo depois de a ter mandado retirar da minha presença, voltou ele com um belo e forte novilho. Ignorando ser o novilho meu próprio filho, não deixei de me comover profundamente ao vê-lo. Por sua vez, o novilho fez tamanho esforço para vir a mim, que rompeu a corda com a qual o seguravam. Atirou-se aos meus pés, de cabeça sobre o chão, como se pretendesse provocar minha piedade e suplicar-me que não tivesse a crueldade de lhe tirar a vida, advertindo-me, como lhe era possível, de que era meu filho.

Fiquei mais surpreso e comovido do que com as lágrimas da vaca. Senti-me possuído de tal ternura que me obrigou a interessar-me por ele, ou, para melhor dizer, o sangue cumpriu em mim o seu dever. Leva-o de volta, disse ao feitor, cuida bem dele, e traze-me imediatamente outro em seu lugar.

Quando minha mulher me ouviu falar nesses termos, não deixou de exclamar: Que fazes, meu marido? Crê em mim, não sacrifiques outro

novilho, a não ser esse.

Mulher, respondi-lhe, não imolarei este, a quem quero conceder a vida, e rogo-te que te não oponhas.

A malvada não atendeu minha súplica. Odiava demais meu filho para consentir que eu o salvasse. Exigiu-me o seu sacrifício com tal obstinação, que me vi obrigado a concordar. Amarrei o novilho, e pegando o funesto facão...”

Sherazade deteve-se. O dia ia despontando.

— Minha irmã — disse-lhe, então, Dinazade —, estou encantada com essa história que me prende a atenção.

— Se o sultão me deixar viver mais um dia, verás que o que vou contar-te amanhã te agradará muito mais.

Shahriar, curioso por saber o que sucederia ao filho do ancião, disse à sultana que, de boa vontade, ouviria na noite seguinte o fim da história.

5ª NOITE

“O ancião que levava a corça, continuando a contar sua história ao gênio, aos outros dois velhos e ao mercador, disse-lhes:

‘Portanto, peguei o facão, e ia enterrá-lo na garganta do meu filho quando, voltando para mim seus olhos tristes e marejados de lágrimas, de tal maneira me enterneceu que não tive coragem de imolá-lo. Deixei cair o facão, e disse à minha mulher que pretendia matar outro novilho, e não aquele. Ela não poupou esforços para fazer com que eu mudasse de ideia; mas, apesar de todas as suas palavras, mantive-me firme, e prometi-lhe, para acalmá-la, que o sacrificaria ao Bairam do ano seguinte.

No dia seguinte, de manhã, meu feitor manifestou desejo de falar-me em particular: Venho, participar-vos uma notícia pela qual me ficareis grato. Tenho uma filha que conhece um pouco de magia. Ontem, quando eu levava de volta ao curral o novilho que vós não quisestes sacrificar, notei que ela ria ao vê-lo, e que logo depois começava a chorar. Perguntei-lhe por que fazia ao mesmo tempo coisas tão diferentes. Meu pai, esse novilho que levais de volta é o filho do nosso amo. Ri de alegria por vê-lo ainda vivo, e chorei por me lembrar do sacrifício de sua mãe, ontem. Essas duas metamorfoses foram realizadas pelos encantamentos da mulher do nosso amo, que odiava mãe e filho, respondeu-me. Eis o que me disse minha filha, prosseguiu o feitor, e eu me apressei em vos trazer a notícia.

A essas palavras, ó gênio, continuou o ancião, imaginai a minha surpresa! Dirigi-me imediatamente com o feitor a sua casa, a fim de falar com sua filha. Chegando lá, fui primeiramente ao curral, onde se encontrava o novilho, o qual não pôde corresponder aos meus abraços, mas nos recebeu de tal maneira que me convenci de que era realmente meu filho.

De repente, chegou a filha do feitor. Minha filha, disse-lhe eu, poderás voltar a dar a meu filho sua forma primitiva? Sim, respondeu-me ela, posso. Ah, se fores capaz, prossegui, far-te-ei senhora de todos os meus bens. E ela, sorrindo: Vós sois o nosso amo, e eu bem sei o que vos devo; mas advirto-

vos de que só poderei devolver a forma primitiva a vosso filho mediante duas condições: a primeira é que ele se torne meu esposo, e a segunda que me seja permitido punir a pessoa que o transformou em novilho. Quanto à primeira condição, aceito-a de muito boa vontade; e digo mais, prometo-te outros bens particulares, além dos que destino a meu filho. Enfim, verás como saberei reconhecer o grande serviço que de ti espero. Quanto à segunda, que diz respeito à minha mulher, também a aceito. Quem foi capaz de um ato tão criminoso merece ser punido. Deixo-a para ti; faz dela o que quiseses, contanto que lhe não tires a vida. Trata-la-ei então, disse a filha do feitor, da mesma maneira que ela tratou vosso filho. Consinto, respondi-lhe; mas antes, devolve-me meu filho.

A jovem, então, pegando um vaso cheio de água, pronunciou sobre ele palavras que não pude compreender, e dirigindo-se ao novilho: Ó novilho, se foste criado pelo Todo-Poderoso e Soberano Senhor do mundo tal como te apresentas neste instante, continua com a tua forma; mas se és homem e foste transformado em novilho por encantamento, retoma tua forma natural, com a permissão do Soberano Criador. Terminando aquelas palavras, lançou sobre ele a água, e, no mesmo instante, o novilho retomou a forma humana.

Meu filho, meu querido filho!, exclamei imediatamente, abraçando-o com um arrebatamento que não consegui dominar. Foi Deus que nos enviou esta jovem para destruir o horrível encantamento que te prendia, e vingarnos do mal feito a ti e a tua mãe. Tenho certeza de que, por reconhecimento, não vacilarás em desposá-la, como prometi.

Ele consentiu com alegria; mas antes que se casassem, a jovem transformou minha mulher em corça, esta que aqui vedes. Desejei que tivesse esta forma e não outra, a fim de que a pudéssemos ver sem repugnância. Desde então, meu filho enviuvou, e foi viajar. Como já não recebo notícias dele há muitos anos, pus-me a caminho para tentar descobrir seu paradeiro; e não querendo confiar a ninguém o cuidado de minha mulher durante a procura, julguei conveniente trazê-la comigo. Eis, pois, a minha história e a desta corça. Não é das mais surpreendentes e maravilhosas?’

‘Concordo’, disse o gênio, ‘e concedo-te o terço da graça deste mercador.’

“Quando o primeiro ancião terminou sua história, o segundo, que levava os dois cães negros, dirigiu-se ao gênio e disse-lhe:

‘Vou contar-vos o que aconteceu a mim e a estes dois cães negros que aqui estão, e estou certo de que achareis a minha história ainda mais assombrosa que a que acabais de ouvir. Mas quando eu tiver terminado de contá-la, conceder-me-eis o segundo terço do perdão deste mercador?’ ‘Sim’, respondeu o gênio, ‘contanto que a tua história ultrapasse a da corça.’

Após tal consentimento o segundo ancião disse...”

Mas Sherazade, pronunciando estas últimas palavras, interrompeu-se. O dia acabava de nascer.

— Irmã, como são interessantes essas aventuras!

— Minha irmã, não se comparam às que eu te poderia contar na próxima noite, se o sultão, meu senhor e amo, tivesse a bondade de me deixar viver.

Shahriar nada respondeu. Levantou-se, fez sua prece, e foi ao conselho, sem dar ordem nenhuma contra a vida da encantadora Sherazade.

6^A NOITE

Chegada a sexta noite, o sultão e sua esposa foram se deitar. Dinazade, acordando na hora habitual, chamou a sultana, mas Shahriar, tomando a palavra, disse:

— Desejo ouvir a história do segundo ancião e dos dois cães negros.

— Vou contentar vossa curiosidade, senhor. “O segundo ancião, dirigindo-se ao gênio, assim começou sua história:

A história do segundo ancião e dos dois cães negros

‘Grande príncipe dos gênios, sabereis que somos três irmãos, estes dois cães negros que vedes, e eu, que sou o terceiro. Nosso pai, ao morrer, deixou a cada um de nós mil cequins.^[4] Com tal quantia, abraçamos os três a mesma profissão. Fizemo-nos mercadores. Pouco tempo depois de termos aberto uma loja, meu irmão mais velho, um destes cães, resolveu viajar e negociar em países estrangeiros. Assim, vendeu todos os seus bens, e comprou mercadorias próprias para o negócio que tencionava realizar.

Esteve ausente um ano inteiro. No final desse ano, um homem pobre, que me pareceu pedir esmolas, apareceu na minha loja. Disse-lhe eu: Valha-te Deus! Valha-te Deus a ti também, respondeu-me ele. É possível que me não reconheças? Examinando-o cuidadosamente, o reconheci. Ah, meu irmão!, exclamei, abraçando-o, como poderia tê-lo reconhecido em tal estado? Mande-o entrar, e perguntei-lhe sobre sua saúde e do êxito da sua viagem. Não me perguntes isso, disse-me ele; vendo-me, vês tudo. Seria renovar a minha tristeza contar-te pormenorizadamente todas as minhas desgraças durante esse ano, as quais me reduziram ao estado em que me encontro.

Fechei imediatamente a loja. Abandonando qualquer outra preocupação, levei-o ao banho, e dei-lhe as mais belas vestes do meu guarda-roupa. Depois examinei meus registros de venda e compra. Verificando que havia dobrado os meus bens, isto é, que possuía dois mil cequins, entreguei-lhe a metade. Com isso, meu irmão, disse-lhe eu, poderás esquecer tua perda. Ele aceitou os mil cequins com alegria, reordenou seus negócios, e vivemos juntos como era antes.

Algun tempo depois, meu segundo irmão, o outro destes dois cães, quis também vender seus bens. Fizemos, meu irmão mais velho e eu, tudo quanto era possível para o dissuadir, mas não houve jeito. Vendeu-os, e com o dinheiro comprou mercadorias para o negócio que decidira empreender no estrangeiro. Juntou-se a uma caravana e partiu. Voltou um ano depois no mesmo estado que nosso irmão. Dei-lhe vestes novas, e como dispunha

novamente de mil cequins além dos meus bens, entreguei-lhos. Ele abriu uma loja e continuou a exercer sua profissão.

Um dia, meus dois irmãos foram me procurar para me propor uma viagem de negócios. A princípio rejeitei a oferta. Vós já viajastes, disse-lhes, e o que lucrastes? Quem me assegura que eu serei mais feliz do que vós?

Foi em vão que me contaram tudo quanto lhes parecia dever me ofuscar e me animar a tentar a sorte; recusei-me a participar do seu plano. Mas insistiram tanto que, após ter resistido durante cinco anos às suas solicitações, finalmente acabei cedendo. Quando, porém, se tratou de fazer os preparativos da viagem e comprar as mercadorias de que precisávamos, verifiquei que haviam dissipado seus bens, e nada lhes restava dos mil cequins que eu dera a cada um. Não lhes fiz a menor censura; pelo contrário, como os meus bens equivaliam a seis mil cequins, dividi a metade com eles, dizendo-lhes: Meus irmãos, é preciso arriscar estes três mil cequins, e esconder os outros num lugar seguro, a fim de que, se a nossa viagem não for mais feliz que a que vós fizestes, tenhamos com o que nos consolar, e retomar nossa antiga profissão. Assim, entreguei mil cequins a cada um, guardei outros tantos para mim, e enterrei os três mil restantes num canto da minha casa. Compramos mercadorias, embarcamos num navio que fretamos, e zarpamos com vento favorável. Após um mês de navegação...'

— Mas estou vendo o dia — prosseguiu Sherazade —, e é preciso que eu pare.

— Minha irmã — disse Dinazade —, eis uma história que promete bastante; para mim não é difícil imaginar que a continuação deve ser extraordinária.

— Não te enganas — respondeu a sultana. — E se o sultão permitir contá-la, estou certa de que te divertirá muito.

Shahriar levantou-se como no dia anterior, sem nada dizer e não deu ordem ao grão-vizir para ele matar sua própria filha.

7ª NOITE

No final da sétima noite, Dinazade suplicou à sultana que continuasse a linda história não terminada na véspera.

— Com todo prazer — respondeu Sherazade — e para retomá-la direi que: “O ancião acompanhado dos dois cães negros, prosseguindo a narração da sua história ao gênio, aos outros dois anciões e ao mercador, disse: ‘Enfim, após dois meses navegando, chegamos a um porto, onde desembarcamos, e nos livramos com bom proveito das mercadorias. Eu, sobretudo, vendi tão bem as minhas, que ganhei dez por um. Em seguida, compramos outras daquele país, para vendê-las no nosso.

Quando já estávamos prontos para embarcar e voltar, encontrei à beiramar uma jovem e formosa mulher pobremente vestida. Chegando-se a mim, beijou-me a mão, e rogou-me insistentemente que a desposasse, levando-a comigo. Não concordei com o que ela me pedia. Tanto fez para me persuadir, repetindo que eu não deveria zelar pela sua pobreza, que ficaria muito contente com o seu procedimento, que afinal cedi. Comprei-lhe roupas novas; e após tê-la desposado, mediante um contrato de casamento regular, embarquei com ela.

Durante a viagem, percebi tantas boas e belas qualidades naquela criatura que passei a amá-la cada vez mais. Entretanto, meus dois irmãos, que não tinham feito tão bons negócios como os meus, e não viam com bons olhos minha prosperidade, começaram a me invejar, chegando a ponto de conspirar contra minha vida. Uma noite, enquanto minha esposa e eu dormíamos, lançaram-nos ao mar.

Minha esposa, que era uma fada, e por conseguinte gênio, não se afogou. Quanto a mim, é certo que, sem o auxílio dela, teria morrido. Mal caí na água, porém, ela me levantou e me levou para uma ilha. Ao amanhecer, disse-me: Já vês, meu marido, que, salvando-te a vida, não te recompensei mal pelo que fizeste por mim. Hás de saber que sou uma fada, e que, achando-me à beira do mar, quando estavas para embarcar, senti tão forte

inclinação por ti que quis experimentar a bondade do teu coração; por conseguinte, apresentei-me disfarçada como me viste. Foste generoso comigo, e estou contentíssima por ter tido a oportunidade de te demonstrar todo o meu reconhecimento. Mas estou zangada com teus irmãos, e não sossegarei enquanto não lhes tiver tirado a vida.

Ouvi com admiração as palavras da fada, e agradei-lhe da melhor maneira possível o favor que lhe devia. Mas, senhora, disse-lhe, quanto a meus irmãos, suplico-te que lhes perdoe. Por mais razão que tenha de queixar-me deles, não sou cruel a ponto de lhes desejar a perdição. Conte-lhe, em seguida, o que fizera em outros tempos por ambos, e, aumentando minhas palavras a sua indignação, ela me disse: É preciso que eu parta imediatamente ao encontro desses traidores e ingratos, e que deles me vingue. Vou destruir-lhes o navio, e jogá-los no fundo do mar. Não, linda senhora, prossegui, em nome de Deus, não faças nada disso, modere tua ira, e lembra-te de que são meus irmãos, e que sempre convém pagar o mal com o bem.

Acalmei a fada com aquelas palavras. Quando terminei de proferi-las, ela me transportou num instante da ilha em que nos achávamos ao terraço da minha casa, após o que desapareceu. Desci, abri as portas, e desenterrei os três mil cequins que havia escondido. Em seguida, segui para a minha loja, a abri, e recebi dos mercadores, vizinhos meus, congratulações pelo meu regresso. Já em casa, vi estes dois cães negros que de mim se aproximaram, humildes. Não sabendo o que significava aquilo, fiquei admirado; mas a fada, que não tardou em aparecer, me esclareceu. Meu marido, disse-me ela, não te surpreendas por ver estes dois cães aos teus pés: são teus dois irmãos. Estremeci àquelas palavras, e perguntei-lhe por que poder eles se encontravam em tal estado. Fui eu que os transformei, respondeu-me ela; ou melhor, foi uma de minhas irmãs, a quem incumbi de puni-los, e que, ao mesmo tempo, afundou o navio. Tu perdes com isso as mercadorias que nele tinhas, mas eu te recompensarei. Quanto a teus irmãos, condenei-os a viver dez anos sob essa forma; sua perfídia torna-os perfeitamente merecedores de tal penitência. Enfim, após ter me indicado onde poderia ter notícias suas, desapareceu.

Agora que os dez anos se passaram, estou a caminho para ir encontrá-la; e como, passando por aqui, vi este mercador e o bom ancião acompanhado da corça, detive-me com eles. Eis aí a minha história, ó príncipe dos gênios. Não vos parece das mais extraordinárias?’

‘Concordo’, respondeu o gênio, ‘e por ela desconto o segundo terço do crime de que é culpado este mercador.’

Mal o segundo ancião terminou, o terceiro tomou a palavra, e fez ao gênio a mesma pergunta dos dois primeiros, isto é, se perdoaria ao mercador o terceiro terço do seu crime, caso a história que ia contar superasse pela singularidade as duas que acabara de ouvir. O gênio fez-lhe a mesma promessa.

‘Ouvi, pois’, disse-lhe o terceiro velho...”

— Mas está amanhecendo — disse Sherazade — e eu devo parar.

— Admiro bastante, minha irmã — disse Dinazade —, as aventuras que acabas de narrar.

— Sei muitíssimas outras — respondeu a sultana —, mais lindas, muito mais lindas!

Shahriar, querendo saber se a história do terceiro ancião era mais interessante que a do segundo, adiou para o dia seguinte a morte de Sherazade.

8^A NOITE

Apenas Dinazade notou que estava na hora de acordar a sultana, suplicou-lhe, enquanto aguardavam o dia, que lhe contasse uma história bonita.

— Conta-nos a do terceiro ancião — ordenou o sultão a Sherazade. — Custa-me crer que seja mais maravilhosa que a do ancião acompanhado dos dois cães negros.

“O terceiro ancião contou sua história ao gênio, mas eu não vo-la direi, porque não é do meu conhecimento; sei apenas que era tão superior às duas precedentes, pela diversidade das suas maravilhosas aventuras, que o gênio ficou assombrado. Nem bem havia ouvido o fim, disse ao terceiro ancião: ‘Concedo-te o último terço do perdão do mercador, bem deve ele agradecer a vós três por ter sido salvo pelas vossas histórias; sem vós, não estaria mais no mundo.’ Assim desapareceu, com grande alegria dos quatro homens. O mercador não deixou de agradecer aos seus três salvadores, os quais se congratularam com ele por vê-lo fora de perigo. Depois, despediram-se, seguindo cada um o seu caminho. O mercador voltou para sua mulher e os filhos, e com eles permaneceu tranquilo o resto dos seus dias.”

— Mas, senhor, por mais lindas que sejam as histórias que até agora contei a Vossa Majestade, não se comparam à do pescador.

Dinazade, vendo que a sultana se detinha, disse-lhe:

— Minha irmã, já que ainda nos sobra tempo, conta-nos a história desse pescador. O sultão, com certeza, não se oporá.

Shahriar deu o consentimento, e Sherazade, retomando a palavra, assim prosseguiu:

A história do pescador

“Houve outrora um pescador idoso e tão pobre que mal conseguia ganhar o suficiente para não deixar morrer de fome sua mulher e seus três filhos. Todos os dias costumava ir pescar de madrugada; e todos os dias, assim havia ele mesmo estipulado, lançava a rede quatro vezes apenas.

Uma noite, partiu ao luar, rumo à praia. Despiu-se, e lançou sua rede. Ao puxá-la, sentiu em princípio resistência. Julgando ter feito uma boa pesca, rejubilou-se. Mas um momento depois, percebendo que no lugar de peixe não havia na rede senão a carcaça de um burro, deprimiu-se...”

Sherazade, a esta altura, deixou de falar, pois vira que o dia começava a nascer.

— Minha irmã — disse-lhe Dinazade —, confesso-te que esse começo me encanta, e prevejo que a continuação há de ser muito interessante.

— Não há nada mais surpreendente que a história do pescador — respondeu a sultana. — E tu concordarás na próxima noite, se o sultão me conceder a graça de mais um dia de vida.

Shahriar, curioso em saber qual seria a pesca do pescador, não quis que Sherazade morresse naquele dia. Por conseguinte, levantou-se e não deu a ordem cruel.

9^A NOITE

— Minha querida irmã — disse Dinazade no dia seguinte, à hora habitual —, suplico-te que nos contes o resto da história do pescador. Morro de vontade de ouvi-la.

— Vou dar-te essa satisfação — respondeu a sultana.

Ao mesmo tempo, pediu permissão ao marido, e obtendo-a, continuou:

“Quando o pescador, aflito por ter feito tão má pesca, acabou de consertar a rede rompida pela carcaça do burro em vários pontos, lançou-a pela segunda vez. Puxando-a, sentiu ainda grande resistência, o que o fez imaginar que estaria repleta de peixes; mas só se deparou com um grande cesto cheio de areia e lama. Sua aflição foi extrema. ‘Ó sorte!’, exclamou com uma voz de cortar o coração, ‘cessa de estar encolerizada comigo, e não persigas um desgraçado que te suplica que o poupes! Saí de casa e vim aqui ganhar a vida, e tu me anuncias a morte. Não tenho outro ofício senão este para viver; e, apesar de todos os meus cuidados, mal consigo satisfazer as mais urgentes necessidades de minha família. Mas não tenho razão de me queixar de ti, pois que te divertes em maltratar os honestos e deixar os grandes homens na obscuridade, enquanto favoreces os maus e ergues os que não possuem virtudes que os recomendem.’

Cessando as suas queixas, atirou o cesto a um lado; e após ter cuidadosamente lavado a rede enlameada, lançou-a pela terceira vez. Só conseguiu, porém, tirar pedras e excrementos. Não se pode descrever o seu desespero; pouco faltou para que enlouquecesse. Entretanto, como o dia começava a despontar, não se esqueceu da sua prece, na qualidade de bom muçulmano. Em seguida, suplicou: ‘Senhor, bem sabeis que só lanço a rede quatro vezes por dia. Já a lancei três, e do meu trabalho não tirei nenhum proveito. Resta-me uma. Suplico-vos que me façais favorável o mar, como o fizestes a Moisés.’

Terminada a prece, lançou a rede pela quarta vez. Quando julgou que nela devia haver peixe, puxou-a sem grande esforço. Não, não havia peixe,

mas no seu lugar um vaso de cobre, que, pelo peso, lhe pareceu cheio. Notou que estava fechado e selado com chumbo, e trazia a marca de um sinete, o que o alegrou. ‘Vendê-lo-ei ao fundidor’, pensou, ‘e com o dinheiro comprarei trigo.’

Examinou o vaso por todos os lados, sacudiu-o para ver se o que estava dentro fazia ruído. Nada pôde ouvir; e tal circunstância, com a marca do sinete sobre a tampa de chumbo, fez-lhe crer que devia estar repleto de algo muito precioso. Para acabar com a dúvida, pegou sua faca e, com um pouco de esforço, abriu-o. Voltou imediatamente a boca do vaso para o chão, mas nada saiu, o que muito o surpreendeu. Colocou-o, então, na sua frente. Enquanto o contemplava, saiu do interior do vaso, obrigando-o a recuar dois ou três passos, uma espessa fumaça que se elevou até as nuvens, e estendendo-se sobre o mar e a praia, formou um forte nevoeiro. Como é fácil imaginar, foi grande o assombro do pescador. Quando a fumaça saiu inteiramente do vaso, reuniu-se e tornou-se um corpo sólido, do qual se formou um gênio duas vezes mais alto que o mais alto de todos os gigantes. À vista de monstro tão desmesuradamente grande, o pescador quis fugir; mas, aterrorizado, não pôde.

‘Salomão,^[5] grande profeta de Deus, perdoai-me, perdoai-me! Nunca mais me oporei à vossa vontade e obedecerei a todas as vossas ordens...’”

Sherazade, percebendo a chegada do dia, interrompeu-se.

Dinazade tomou então a palavra:

— Minha irmã — disse ela —, é impossível cumprir promessas melhor do que tu fazes. Esta história é seguramente mais interessante que as outras.

— Minha irmã — respondeu a sultana —, ouvirás coisas que te espantarão mais ainda, se o sultão, meu senhor, permitir que te contes.

Shahriar, extremamente curioso por saber o resto da história do pescador, adiou para o dia seguinte a morte de Sherazade.

10ª NOITE

Dinazade, na noite seguinte, chamando sua irmã, pediu-lhe que continuasse a história do pescador. O sultão, por sua vez, deu provas de que desejava ansiosamente saber o que se havia passado entre o gênio e Salomão. Por conseguinte, Sherazade prosseguiu:

“Mal o pescador ouviu as palavras do gênio, disse-lhe, tranquilizado: ‘Ó espírito soberbo, que dizeis? Há mais de mil e oitocentos anos que Salomão, o profeta de Deus, está morto, e nós nos encontramos atualmente no fim dos séculos. Contai-me a vossa história, por que estáveis encerrado nesse vaso?’

Àquelas palavras, o gênio, relançando um olhar orgulhoso em direção ao pescador, respondeu-lhe: ‘Fala-me com mais respeito! És bem ousado em me chamar de espírito soberbo!’ ‘Pois bem’, respondeu o pescador, ‘falar-vos-eis com mais respeito se vos chamar de ave da felicidade?’ ‘Digo-te’, repetiu o gênio, ‘que me fales com mais respeito antes que eu te mate.’ ‘E por que haveríeis de matar-me?’, perguntou o pescador. ‘Acabo de pôr-vos em liberdade, já vos esqueceste?’ ‘Não, não me esqueci’, respondeu o gênio, ‘mas isso não me impedirá de te matar; e só te concedo uma graça.’ ‘Qual é essa graça?’, perguntou o pescador. ‘É a de te deixar a escolha da maneira pela qual queres que eu te mate’, respondeu o gênio. ‘Mas em que vos ofendi?’, continuou o pescador. ‘É assim que pretendeis recompensar-me pelo bem que vos fiz?’ ‘Não posso tratar-te de outro modo’, disse o gênio, ‘e para que te convenças, ouve a minha história: sou um dos espíritos rebeldes que se opuseram à vontade de Deus. Todos os outros gênios reconheceram o grande Salomão, profeta de Deus, e a ele se submeteram. Nós fomos os únicos, Sacar e eu, que não quisemos cometer tal baixeza. Para vingar-se, esse poderoso monarca encarregou Assaf, filho de Barakhia, seu primeiro-ministro, de ir buscar-me, o que se cumpriu. Assaf apoderou-se de mim, e levou-me à presença do trono do rei, seu amo. Salomão, filho de Davi, ordenou-me que abandonasse o meu estilo de vida, reconhecesse o seu poder, e me submetesse às suas ordens. Recusei-me a obedecer-lhe, e preferi

expor-me ao seu ressentimento a prestar-lhe o juramento de fidelidade e submissão que ele exigia de mim. Para punir-me, encerrou-me nesse vaso de cobre; e a fim de me dominar e eu não poder forçar a prisão, imprimiu ele próprio sobre a tampa de chumbo o seu sinete, onde está gravado o nome de Deus. Feito isso, colocou o vaso nas mãos de um dos gênios que lhe obedeciam, com a ordem de me lançar ao mar, o que sucedeu, apesar de toda a minha tristeza. No primeiro século do meu aprisionamento, jurei que se alguém me livrasse antes de passados cem anos, eu o faria rico, mesmo após a sua morte; mas o século se foi, e ninguém me prestou tão bom serviço. No segundo, jurei abrir todos os tesouros da terra àquele que me pusesse em liberdade; mas não tive sorte ainda. No terceiro, prometi fazer do meu libertador um poderoso monarca, estar sempre ao lado dele em espírito, e conceder-lhe cada dia três desejos, qualquer que fosse a natureza deles; mas também esse século se escoou como os outros, e eu continuei no mesmo estado. Enfim, enraivecido, por me ver prisioneiro tão longo tempo, jurei que se alguém me livrasse a partir daquele instante, eu o mataria sem piedade, e não lhe concederia outra graça senão a de escolher a morte pela qual morreria. Eis por que, visto como chegaste hoje e me livraste, só te resta escolher o modo pelo qual queres que eu te mate.’

Aquelas palavras mergulharam o pescador na angústia. ‘Sou bem desgraçado! Vindo aqui prestar tão grande serviço a um ingrato. Considerai, por misericórdia, a vossa injustiça, e revogai um juramento tão pouco sensato. Perdoai-me, que Deus vos perdoará. Se me derdes a vida, Ele vos protegerá de todos os atentados contra os vossos dias.’ ‘Não, a tua morte é certa’, disse o gênio, ‘escolhe apenas a maneira pela qual queres morrer.’ O pescador, vendo-o resolvido a matá-lo, desesperou-se, não tanto por si, mas pelos três filhos, que, com a sua morte, se veriam reduzidos à mais negra miséria; e mais uma vez tentou acalmar o gênio. ‘Ai de mim, dignai-vos ter piedade, lembrai-vos do que fiz por vós.’ ‘Já te disse, é justamente por essa razão que sou obrigado a matar-te.’ ‘É estranho’, prosseguiu o pescador, ‘não compreendo por que quereis pagar o bem com o mal. O provérbio diz que quem faz bem àquele que o não merece é sempre malpago. Julgava, confesso, que tal era falso; com efeito, nada fere mais a razão e os direitos da sociedade;

contudo, verifico que é bem verdade.’ ‘Não percamos tempo’, interrompeu-o o gênio, ‘os teus raciocínios não me fazem abandonar o meu intento. Apressa-te, e dize-me como desejas morrer.’

A necessidade dá origem à presença de espírito, e o pescador recorreu a um stratagem. ‘Visto que não poderei evitar a morte’, disse ao gênio, ‘submeto-me à vontade de Deus. Mas antes de escolher um tipo de morte, suplico-vos, pelo nome de Deus gravado sobre o sinete do profeta Salomão, filho de Davi, respondais a uma pergunta que desejo fazer-vos.’

Quando o gênio viu que aquele homem lhe dirigia uma súplica que o forçava a responder positivamente, estremeceu, e perguntou: ‘Pergunta-me o que quiseses, e apressa-te...’”

Como o dia começava a aparecer, Sherazade calou-se.

— Minha irmã — disse-lhe Dinazade —, é preciso reconhecer que quanto mais falas, mais prazer me proporcionas. Espero que o sultão, nosso senhor, não te faças morrer antes de ouvir o resto da história do pescador.

— O sultão é o senhor — respondeu Sherazade —, e a nós só cabe querer o que ele quer.

Shahriar, tão desejoso quanto Dinazade de ouvir o fim da história, mais uma vez adiou a morte da sultana.

11ª NOITE

Shahriar e sua esposa passaram aquela noite da mesma maneira que as anteriores. Antes que o dia aparecesse, Dinazade os despertou com estas palavras dirigidas à sultana:

— Minha irmã, rogo-te que continues a história do pescador.

— Com todo o prazer — respondeu Sherazade. — Vou satisfazer-te a vontade, com a permissão do meu senhor.

“O gênio prometeu dizer a verdade, e o pescador perguntou-lhe: ‘Desejaria saber se estáveis realmente nesse vaso; ousareis jurá-lo em nome de Deus?’ ‘Sim’, respondeu o gênio, ‘juro por esse grande nome, que eu estava aí.’ ‘Para ser franco’, disse o pescador, ‘não posso crer no que dizeis. Esse vaso não conteria sequer um dos vossos pés; como é possível que o vosso corpo inteiro aí estivesse?’ ‘No entanto, eu te juro, que aí estava tal qual me vês. Não me crês, após o grande juramento?’ ‘Não, verdadeiramente não, a menos que me mostreis como aí estáveis.’

Imediatamente dissolveu-se o corpo do gênio, que, transformando-se em fumaça, se estendeu como antes sobre o mar e a praia, e, reunindo-se, começou a entrar de novo no vaso, com movimento lento e constante, até que nada ficou do lado de fora. Sem perda de tempo, saiu do vaso uma voz que disse ao pescador. ‘E então, pescador incrédulo, eis-me dentro do vaso. Crês em mim agora?’

O pescador, em vez de responder ao gênio, pegou a tampa de chumbo, e, fechando repentinamente o vaso, exclamou: ‘Gênio, pede-me perdão e escolhe a maneira pela qual desejas morrer. Mas não, será melhor que eu te lance novamente ao mar, no mesmo lugar de onde te tirei; depois, construirei uma casa nesta praia, para nela viver e advertir os pescadores que, se por acaso venham aqui lançar as suas redes, não pesquem um gênio mau como tu, que jurou matar seu libertador!’

Àquelas palavras ofensivas, o gênio, irritado, envidou todos os esforços para sair; mas não conseguiu, pois lhe impedia a marca do sinete do profeta

Salomão, filho de Davi. Assim, vendo que o pescador estava em posição vantajosa, tentou dissimular sua cólera. ‘Pescador’, disse em tom suave, ‘cuida de não fazer o que pretendes. Até agora só estive a gracejar, e tu não deves levar a sério as minhas palavras.’ ‘Ó gênio, tu que eras há poucos instantes o maior, e és agora o menor de todos gênios, sabes que as tuas palavras de nada te servirão. Voltarás para o mar. Se ficaste tanto tempo como me disseste, bem poderás ali continuar até o dia do Juízo. Supliquei-te em nome de Deus que não me tirasses a vida, e repeliste os meus rogos. Pois bem, pago-te na mesma moeda!’

O gênio nada poupou para comover o pescador. ‘Abre o vaso, dá-me a liberdade, eu te suplico, e tu ficarás contente.’ ‘Não passas de um traidor’, respondeu o pescador. ‘E eu mereceria perder a vida se tivesse a imprudência de confiar em ti. Não deixarias de tratar-me como certo rei grego tratou o médico Dubã. É uma história que desejo contar-te. Ouve-a, pois.’

História do rei grego e do médico Dubã

‘Havia no país de Zumã, na Pérsia, um rei cujos súditos eram de origem grega. Este rei estava coberto de lepra, e os seus médicos, após terem empregado inutilmente todos os remédios para curá-lo, já não sabiam o que prescrever-lhe, quando chegou à corte um médico muito competente, chamado Dubã.

Dubã aprendera sua ciência em livros gregos, persas, turcos, árabes, latinos, sírios e hebraicos, e além de mestre na filosofia, conhecia perfeitamente as boas e más qualidades de todas as espécies de plantas e drogas. Mal soube da doença do rei, a quem os médicos haviam abandonado, vestiu-se da melhor maneira possível, e descobriu um modo de fazer com que o apresentassem ao rei. Senhor, disse-lhe ele, sei que os médicos de que vos servistes não souberam curar-vos da lepra; mas se me derdes a honra de aceitar meus serviços, comprometo-me a vos curar sem beberagens e sem emplastros. Respondeu-lhe o rei: Se fordes capaz de fazer o que afirmais, prometo enriquecer-vos e à vossa posteridade e, além dos presentes que vos darei, sereis o mais caro dos meus favoritos. Assegurais-me, pois, que me tirareis a lepra, sem me dardes poção, e sem me aplicardes nenhum remédio externo? Sim, Senhor, respondeu o médico, gabo-me disso, com o auxílio de Deus. E amanhã o demonstrarei.

Com efeito, Dubã, retirando-se, preparou um malho que furou por dentro pelo cabo, onde colocou a droga de que pretendia servir-se. Feito isso, preparou também uma bola. No dia seguinte, apresentou-se ao rei, diante do qual se prostrou, para beijar a terra...”

A esta altura, Sherazade, notando que já era dia, advertiu Shahriar, e calou-se.

— Na verdade, minha irmã — disse então Dinazade —, não sei onde vais buscar coisas tão lindas!

— Ouvirás muitas outras amanhã — respondeu Sherazade —, se o sultão, meu amo, tiver a bondade de me prolongar a vida.

Shahriar, que não desejava menos ardentemente do que Dinazade ouvir a continuação da história do médico Dubã, suspendeu a ordem de execução da rainha por aquele dia.

12ª NOITE

A décima segunda noite já ia bem adiantada quando Sherazade retomou o fio da história do rei grego e do médico Dubã.

“O pescador, sempre falando ao gênio que ele mantinha encerrado no vaso, assim prosseguiu:

‘O médico Dubã levantou-se e, após fazer profunda reverência, disse ao rei achar conveniente que ele montasse a cavalo e fosse jogar malho. O rei fez o que lhe era ordenado, e quando se viu no lugar destinado ao jogo, o médico, aproximando-se-lhe com o malho preparado, apresentou-o: Aqui está, Senhor, exercitai-vos com este malho, impelindo esta bola, até que esteja coberto de suor o vosso corpo. Quando o remédio que encerrei no cabo se aquecer ao calor da vossa mão, ele vos penetrará pelo corpo, e quando começardes a suar, só vos restará abandonar o exercício, pois o remédio terá surtido efeito. Ao voltardes ao vosso palácio, ireis ao banho, e mandareis que vos lavem e esfreguem bem. Em seguida, deitar-vos-eis; e, ao vos levantardes no dia seguinte, estareis curado.

O rei pegou o malho e guiou a cavalo atrás da bola, batendo nela. A bola foi-lhe rebatida pelos oficiais que com ele jogavam; o rei tornou a bater. Enfim, o jogo durou tanto tempo que a sua mão começou a suar, assim como o corpo. O remédio contido no cabo agiu como o médico predissera. Naquele instante, o rei deixou de jogar, voltou ao palácio, entrou no banho e observou exatamente o que lhe fora prescrito. Logo depois, sentiu-se muito bem, tanto que, no dia seguinte, ao levantar-se, percebeu, com espanto e júbilo, que a lepra desaparecera e que ele tinha o corpo tão limpo como se jamais tivesse sido atacado pela terrível doença. Mal se vestiu, entrou na sala de audiência pública, subiu ao trono, e mostrou-se aos cortesãos, que com pressa de conhecer o êxito do novo remédio para lá haviam chegado logo de manhã. Ao verem o rei perfeitamente curado, todos deram amostras de enorme alegria.

O médico Dubã, entrando na sala, foi prostrar-se ao pé do trono, com o rosto sobre o chão. O rei chamou-o, ordenou-lhe que se sentasse ao seu lado, e mostrou-o à assembleia, fazendo publicamente todos os elogios que ele merecia, e não se limitou só àquilo: como naquele dia dava um banquete à corte, fê-lo sentar-se à sua direita...”

Àquelas palavras, Sherazade, notando que o dia acabava de nascer, interrompeu-se.

— Minha irmã — disse Dinazade —, não sei qual será o fim desta história, mas julgo simplesmente admirável o começo.

— O que resta por contar é melhor ainda — respondeu a sultana. — E estou certa de que não discordarás, se o sultão me conceder licença para terminá-la na próxima noite.

Shahriar consentiu e levantou-se, satisfeito com o que acabara de ouvir.

13ª NOITE

Pelo fim da noite seguinte, Sherazade, para satisfazer a curiosidade de sua irmã Dinazade, continuou, autorizada pelo sultão, seu amo, a história do rei grego e do médico Dubã.

‘O rei grego’, prosseguiu o pescador, ‘não se contentou em receber o médico à sua mesa. Quando o dia chegou ao fim, e ele ia despedir a assembleia, mandou que lhe pusessem uma veste luxuosa, semelhante à usada pelos cortesãos na sua presença; além disso, deu-lhe dois mil cequins. No dia seguinte, e nos outros, não cessou de lhe manifestar toda a sua gratidão. Enfim, o rei, crendo nunca poder reconhecer as obrigações devidas a tão hábil médico, cobria-o diariamente de novos benefícios.

Ora, tinha esse rei um grão-vizir avarento, invejoso, naturalmente capaz de toda espécie de crimes, e que só a muito custo pudera ver os presentes feitos ao médico, cujo mérito, aliás, começava a ofuscá-lo. Resolveu, pois, matá-lo. A fim de conseguir o seu intento, apresentou-se ao rei e disse-lhe, em particular, que lhe trazia uma notícia de suma importância. Tendo-lhe o rei perguntado de que se tratava, respondeu: Senhor é bem perigoso para um monarca depositar confiança num homem cuja fidelidade não foi devidamente experimentada. Cumulando de benefícios o médico Dubã, demonstrando-lhe todo o apreço que lhe demonstra, não sabeis que é um traidor que penetrou nesta corte para vos assassinar. Quem vos deu a informação que me estais transmitindo?, perguntou o rei. Lembrai-vos de que é a mim que falais, e que dizeis algo a que não darei crédito tão levianamente. Senhor, respondeu o vizir, estou plenamente certo do que tenho a honra de vos transmitir. Não repouseis em tão perigosa confiança. Se estais dormindo, acordai, pois, repito-o, o médico Dubã não partiu do fundo da Grécia, seu país, não veio à vossa corte senão para executar o horrível plano do qual vos falei. Não, não, vizir, interrompeu-o o rei. Esse homem que tratais de pérfido e traidor é o mais virtuoso e melhor de todos os homens; não há no mundo quem eu mais estime. Sabeis com que remédio,

ou melhor, com que milagre ele me curou; se pretendia tirar-me a vida, por que me salvou? Bastava-lhe deixar-me nas mãos da doença, da qual eu não poderia escapar. Cessai, portanto, de querer impor-me injustas suspeitas; em lugar de as ouvir, advirto-vos de que, a partir de hoje, destino a esse ilustre médico, por toda a vida, uma pensão de mil cequins por mês. Ainda que com ele dividisse as minhas riquezas e os meus próprios Estados, não conseguiria pagar o que ele fez por mim. Estou percebendo a verdade: o seu prestígio excita vossa inveja; não creiais, porém, me deixe injustamente prevenir contra ele; bem me lembro do que disse um vizir ao rei Simbá, seu amo, a fim de lhe impedir que fizesse morrer o príncipe seu filho...”

— Mas, senhor — acrescentou Sherazade —, o dia que desponta impede-me de prosseguir.

— Simpatizo com o rei grego — disse Dinazade — por ter tido a firmeza de rejeitar a falsa acusação do seu vizir.

— Embora hoje louves a firmeza desse nobre — respondeu Sherazade —, condenarás amanhã a sua fraqueza, se o sultão concordar com que eu termine esta história.

Shahriar, curioso em saber qual seria a fraqueza do rei grego, mais uma vez adiou a morte da sultana.

14^A NOITE

— Minha irmã! — exclamou Dinazade pelo fim da décima quarta noite. — Continua, peço-te, a história do pescador. Tu a interrompestes no ponto em que o rei sustenta a inocência do médico Dubã, e o defende com vigor.

— Lembro-me — respondeu Sherazade. — E ouvirás a continuação. — Senhor — continuou, dirigindo sempre a palavra a Shahriar “o que o rei grego acabava de dizer com respeito ao rei Simbá aguçou a curiosidade do vizir, que lhe pediu: Suplico-vos, senhor, que perdoeis a ousadia de vos perguntar o que disse o vizir do rei Simbá ao seu amo para o afastar da ideia de fazer morrer seu filho. O rei grego satisfez-lhe o desejo. Esse vizir, respondeu, após haver mostrado ao rei Simbá que, diante da acusação de uma ogra, deveria temer praticar um ato de que pudesse arrepender-se, contou-lhe a seguinte história:

A história do marido e do papagaio

Havia outrora um homem que tinha uma bela mulher a quem amava tanto que só a perdia de vista o estritamente necessário. Um dia em que negócios urgentes o obrigaram a se afastar, dirigiu-se a um lugar onde se vendia toda espécie de aves, e ali comprou um papagaio que não somente falava bem, como também tinha o dom de contar tudo quanto se fazia em sua presença. Levando-o para casa, rogou à mulher que o pusesse no seu quarto e dele cuidasse durante a viagem que o obrigava a afastar-se; depois, partiu.

Ao voltar, não deixou de interrogar o papagaio sobre o que havia se passado durante sua ausência; e imediatamente o papagaio lhe contou coisas que lhe deram motivo para censurar duramente sua mulher. A mulher, julgando ter sido traída por uma das escravas, interrogou-as, mas todas juraram ter sido fiéis, e concordaram em apontar o papagaio como autor da denúncia.

Certa de que assim devia ser realmente, tratou a mulher de arranjar um meio de destruir as suspeitas do marido, e, ao mesmo tempo, de vingar-se do maldito papagaio. Tendo o marido saído para uma viagem de um dia, ordenou a uma escrava que, durante a noite, virasse, sob a gaiola da ave, um moinho de braço, a outra ainda que pegasse um espelho e o voltasse diante dos olhos do papagaio, para a direita e para a esquerda à luz de uma vela. As escravas empregaram grande parte da noite em fazer o que lhes fora ordenado, e fizeram-no com grande habilidade.

No dia seguinte, o marido, de volta, fez ainda umas perguntas ao papagaio sobre o que havia se passado; a ave respondeu-lhe: Meu bom amo, os relâmpagos, os trovões e a chuva de tal forma me incomodaram de noite, que não posso dizer-vos como sofri. O marido, que muito bem sabia não haver nem chovido nem trovejado naquela noite, persuadiu-se de que o papagaio, não dizendo a verdade naquele ponto, tampouco lhe dissera no tocante à sua mulher. Zangado, tirou-o da gaiola e lançou-o por terra com tal violência que o matou. Não obstante, com o tempo, soube pelos vizinhos

que o pobrezinho não lhe havia mentido sobre o procedimento de sua mulher, o que fez com que se arrependesse de o ter matado...”

A esta altura deteve-se Sherazade, vendo que já era dia.

— Tudo quanto me contas, minha irmã — disse Dinazade — é tão variado que nada me parece mais interessante.

— Quisera continuar a divertir-te — respondeu Sherazade —, mas não sei se o sultão, meu senhor, me dará o tempo suficiente.

Shahriar, que se não divertia menos que Dinazade, ouvindo a sultana, levantou-se e passou o dia sem ordenar ao vizir a morte de Sherazade.

15ª NOITE

Dinazade não foi menos pontual nessa noite do que nas anteriores em acordar Sherazade para que ela lhe contasse uma das suas lindas histórias.

— Minha irmã — respondeu-lhe a sultana —, vou dar-te essa satisfação.

— Espera — interveio o sultão. — Termina o diálogo entre o rei grego e seu vizir sobre o médico Dubã; depois continuarás a história do pescador e do gênio.

— Senhor — respondeu Sherazade —, sereis obedecido.

E prosseguiu:

“Quando o rei grego”, disse o pescador ao gênio, ‘terminou a história do papagaio, acrescentou: E vós, vizir pela inveja que tendes do médico Dubã, que não vos fez mal nenhum, quereis que eu o faça morrer! Não cometerei tal injustiça, com medo de me arrepender, como esse marido de ter morto o papagaio. O pernicioso vizir estava demasiadamente interessado na morte do médico para se resignar. Senhor, respondeu, a morte do papagaio era pouco importante, e não creio que o seu amo o tenha chorado por muito tempo. Mas por que deverá o medo de oprimir a inocência impedir-vos de fazer morrer esse médico? Não basta que o acusem de querer atentar à vossa vida para vos autorizar a fazer-lhe perder a sua? Quando se trata de assegurar os dias de um rei, uma simples suspeita deve ser tida por certeza, e é melhor sacrificar a inocência do que salvar o culpado. Mas, senhor, aqui não se trata de incerteza; o médico Dubã pretende, na realidade, assassinar-vos. Não é a inveja que me impele contra ele é o meu zelo que me leva a dar-vos esse conselho de tão grande importância. Se for falso, mereço que me punam da mesma maneira que, noutros tempos, foi punido um vizir. Que havia feito esse vizir, perguntou o rei grego, para tornar-se digno de punição? Vou contar-vos a sua história, senhor, se tiverdes a bondade de me ouvir.

A história do vizir punido

Havia outrora um rei que tinha um filho apaixonado pela caça. O rei permitia-lhe que se entregasse com frequência ao seu divertimento; mas dera ao grão-vizir a ordem de o acompanhar sempre e de jamais o perder de vista. Um dia, tendo os picadores atingido um cervo, o príncipe, julgando-se acompanhado pelo vizir, pôs-se a perseguir o animal. Correu por tão longo tempo e o seu ardor o levou tão longe que não tardou em se encontrar sozinho. Parou, então, e notando que se perdera, quis voltar a unir-se ao vizir, que não fora bastante cuidadoso; mas não conseguiu. Enquanto corria por todos os lados, sem acertar o caminho, encontrou à beira de uma estrada uma formosa mulher que chorava amargamente.

Puxando as rédeas do cavalo, perguntou-lhe quem era, o que fazia sozinho naquele lugar, e se precisava de auxílio. Sou, respondeu-lhe ela, a filha de um rei da Índia. Passeando a cavalo pelos campos, adormeci e caí. O meu cavalo fugiu, e não sei por onde anda. O príncipe, apiedado, convidou-a a subir à garupa, o que ela aceitou.

Ao passarem perto de umas ruínas, a mulher manifestou o desejo de apear-se por alguma necessidade. O príncipe parou e ajudou-a a descer. Depois, aproximou-se das ruínas, levando o animal pelas rédeas. Imaginai a sua surpresa quando ouviu a mulher pronunciar lá dentro estas palavras: Alegrai-vos, meus filhos! Trago-vos um moço bem-feito e nutrido. E outras vozes lhe responderam: Mamãe, onde está ele? Vamos comê-lo imediatamente, pois estamos com muita fome.

O príncipe não precisou ouvir mais para compreender o perigo que corria. Percebeu imediatamente que a jovem, que se dizia filha de um rei da Índia, era na realidade uma ogra, mulher dos demônios selvagens chamados ogros que se ocultam nos sítios abandonados, e se servem de mil artimanhas para surpreender e devorar os caminantes. Aterrorizado, atirou-se para cima do cavalo. A falsa princesa, aparecendo naquele momento, e vendo que errara o golpe, disse: Nada temais, gritou ao príncipe. Quem sois? Que procurais? Sou um homem que se perdeu, respondeu ele, e que procura o

seu caminho. Se vos perdestes, respondeu ela, recomendai-vos a Deus que ele vos livrará da angústia em que vos encontrais.

O príncipe ergueu, então, os olhos para o céu...”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, a esta altura sou obrigada a interromper minha história. O dia que aparece ordena que eu me cale.

— Sinto, minha irmã — disse Dinazade —, pois muito desejaria saber o fim do príncipe por cuja sorte me preocupo.

Shahriar, curioso por saber o desenlace daquela história, mais uma vez prolongou a vida de Sherazade.

16ª NOITE

Dinazade estava tão ansiosa em ouvir o fim da história do jovem príncipe que, nessa noite, acordou antes da hora habitual.

— Minha irmã — disse —, termina a história que começaste ontem. Preocupa-me a sorte do príncipe, e morro de medo que ele seja comido pela ogra e seus filhos.

Confessando Shahriar o mesmo temor, disse-lhe:

— Pois bem, senhor — disse a sultana —, vou tirar-vos esta ansiedade.

“Após ter a falsa princesa da Índia dito ao príncipe que recomendasse a alma a Deus, como ele não pudesse julgá-la capaz de falar sinceramente, e sim de pretender apoderar-se dele, ergueu as mãos para o céu e disse: Senhor, vós que sois Todo-Poderoso, voltai os olhos para mim, e livrai-me dessa inimiga. Àquela prece, a ogra voltou para as ruínas, e o príncipe afastou-se rapidamente. Por felicidade, encontrou o caminho, e chegou são e salvo ao rei, seu pai, a quem contou o perigo ocorrido pelo descuido do grão-vizir. O rei, irritado com seu ministro, ordenou que o estrangulassem no mesmo instante.

Senhor, prosseguiu o vizir do rei grego, para voltarmos ao médico Dubã, se não vos precaverdes, ser-vos-á funesta a confiança que nele depositais; sei de boa fonte que se trata de um espião enviado pelos vossos inimigos para atentar contra a vossa vida. Curou-vos, dizeis; mas quem o pode assegurar? Talvez só vos haja curado aparentemente, e não totalmente. Quem sabe até se esse remédio, com o tempo, não produzirá um efeito pernicioso?

O rei grego, que possuía naturalmente muito pouco bom senso, não teve agudez suficiente para perceber a má intenção do seu vizir, nem bastante firmeza para persistir no seu primeiro sentimento. Aquelas palavras o fizeram estremecer. Vizir, disse ele, tendes razão. Talvez tenha vindo exatamente para me tirar a vida, o que muito bem pode fazer mediante o odor apenas de uma das suas drogas. É preciso ver o que se faz mister providenciar.

Quando o vizir notou o rei na disposição em que o queria disse: Senhor, o meio mais seguro e rápido de assegurar a vossa tranquilidade e a vossa vida é mandar chamar imediatamente o médico Dubã, e ordenar que lhe cortem a cabeça. Verdadeiramente, disse o rei, creio que assim é que devo combater o seu plano. Terminando estas palavras, chamou um dos seus oficiais e ordenou-lhe que trouxesse o médico, o qual, sem saber o que o rei pretendia, correu ao palácio. Sabes por que, disse o rei ao vê-lo, te mandei chamar? Não, senhor, respondeu Dubã, e espero que Vossa Majestade me esclareça. Mande-te vir para livrar-me de ti, tirando-te a vida.

Não é possível descrever o espanto do médico quando ouviu proferir aquela sentença de morte. Senhor, disse, que motivo pode ter Vossa Majestade para me fazer morrer? Que crime cometi? Soube de boa fonte, respondeu o rei, que és um espião, e que só vieste à minha corte para me assassinar; e eu, para salvar a minha vida, ordeno que acabem com a tua. Fere, acrescentou, dirigindo-se ao algoz que se achava presente, e livra-me de um pérfido que só veio para matar-me.

Àquela ordem tão cruel, o médico percebeu que as honras e os benefícios recebidos lhe haviam provocado inimigos, e que o fraco rei cedera às imposturas deles. Arrependeu-se de havê-lo curado da lepra; mas era tarde demais. É assim, disse-lhe ele, que me recompensais pelo bem que vos fiz? O rei não o ouviu e pela segunda vez ordenou ao algoz que o matasse. O médico recorreu aos rogos. Ai de mim, Senhor! Prolongai a minha vida, que Deus prolongará a vossa; não me façais morrer, para que Deus não vos trate da mesma maneira.

O pescador, neste ponto, interrompeu sua história, e disse ao gênio: ‘Pois bem, gênio, vêς que o que outrora se passou entre o rei grego e o médico Dubã acaba de passar-se agora entre nós dois.’

O rei grego em lugar de ouvir os rogos do médico, que lhe suplicava em nome de Deus, respondeu-lhe com dureza: Não, não! A necessidade ordena-me que eu te faça morrer, pois, do contrário, poderias tirar-me a vida mais habilmente ainda do que me curaste. Entretanto, o médico, debulhado em lágrimas, e queixando-se amarguradamente por se ver tão malpago pelo

serviço prestado, preparou-se para receber o golpe de morte. O algoz vedou-lhe os olhos, amarrou-lhe as mãos, e dispôs-se a levantar o alfanje.

Nesse momento, os cortesãos presentes, emocionadíssimos, suplicaram ao rei que o perdoasse, assegurando que ele não era culpado, e responsabilizando-se pela sua inocência. Mas o rei foi inflexível, e repreendeu-os de tal forma que ninguém ousou questionar.

O médico ajoelhado, de olhos vendados, e pronto para receber o golpe que devia selar-lhe o destino, mais uma vez se dirigiu ao rei: Senhor, pois que não quereis revogar a ordem da minha morte, dignai-vos, ao menos, conceder-me o tempo necessário para ir a minha casa dispor os preparativos para a minha sepultura, despedir-me de minha família, dar esmolas e legar os meus livros a pessoas capazes de usá-los bem. Tenho um, entre outros, que desejo dar-vos; é um livro preciosíssimo e muito digno de ser cuidadosamente guardado no vosso tesouro. E por que é tão precioso assim esse livro?, perguntou o rei. Porque, explicou o médico, contém uma infinidade de coisas curiosas, a principal das quais é que, quando me tiverem cortado a cabeça, se Vossa Majestade abrir o livro na sexta página e ler a terceira linha da página esquerda, a minha cabeça responderá a todas as perguntas que lhe forem feitas. O rei, curioso por ver coisa tão maravilhosa, adiou a morte para o dia seguinte, e mandou-o para casa sob escolta.

O médico, durante aquele tempo, pôs em ordem seus negócios, e, como se havia espalhado a notícia de que se verificaria inaudito prodígio após a sua morte, os vizires,^[6] os emires,^[7] os oficiais da guarda, enfim toda a corte compareceu no dia seguinte à sala de audiências para o ver com seus próprios olhos.

Pouco depois, surgiu o médico Dubã, que, avançando aos pés do trono real com um grande livro, pediu que lhe trouxessem uma salva, sobre a qual estendeu a capa do livro e, apresentando-o ao rei, disse: Senhor, pegai-o. E mal esteja a minha cabeça cortada, ordenai que a coloquem sobre a salva onde se acha a capa do livro; quando ela aí estiver, o sangue cessará imediatamente de correr, abrireis, então, o livro, e a minha cabeça responderá a todas as vossas perguntas. Mas, senhor, permiti que mais uma vez implore a vossa clemência. Em nome de Deus, cedei! Juro-vos que sou

inocente! Os teus rogos, respondeu o rei, são inúteis; e nem que fosse apenas para ouvir falar a tua cabeça, após a tua morte, quero que morras! Assim dizendo, pegou o livro das mãos do médico e ordenou ao algoz que cumprisse seu dever.

A cabeça foi tão bem-cortada que caiu sobre a salva; mal aí se encontrou, o sangue estancou. Com grande espanto do rei, então, e de todos os cortesãos, ela abriu os olhos, e tomando a palavra, disse: Senhor, abra Vossa Majestade o livro. O rei abriu-o; notando que a primeira folha estava colada à segunda, para voltá-las com mais facilidade levou o dedo à boca, molhando-o com saliva. Assim fez até a sexta página. E não vendo nada escrito na página indicada, disse: Médico, disse ele à cabeça, não vejo nada. Voltai ainda algumas páginas, respondeu a cabeça. O rei continuou a voltar, levando sempre o dedo à boca, até que, fazendo efeito o veneno que impregnava cada página, sentiu-se de repente dominado por extraordinário mal-estar; a voz se lhe embargou, e ele deixou-se cair ao pé do trono, com terríveis convulsões...”

Nesse ponto, Sherazade, percebendo o amanhecer, advertiu o sultão e deixou de falar.

— Ah, minha irmã querida — disse então Dinazade —, como me aborrece não teres tempo de terminar esta história! Ficaria inconsolável se perdesse a vida hoje!

— Minha irmã — respondeu a sultana —, será o que o sultão quiser; mas esperemos que ele tenha a bondade de suspender a minha morte até amanhã.

Efetivamente, Shahriar, longe de ordenar a execução da sentença, aguardou a próxima noite com impaciência, tamanho o seu desejo de saber o fim da história do rei grego, e a continuação da do pescador e do gênio.

17^A NOITE

Por maior que fosse a curiosidade de Dinazade em ouvir o resto da história do rei grego, naquela noite não acordou tão cedo como nas anteriores. Era quase dia quando disse à sultana: — Minha irmã querida, rogo-te que prossigas a maravilhosa história do rei grego, mas apressa-te, por favor, que o dia não tardará em aparecer.

Sherazade continuou imediatamente a história, no ponto em que a havia interrompido na véspera. “O pescador continuou assim: ‘Quando o médico Dubã, ou para dizermos melhor, quando a cabeça do médico viu que o veneno estava fazendo efeito e que o rei só tinha poucos minutos de vida, exclamou: Eis aí, tirano, de que modo são tratados os príncipes que, abusando da sua autoridade, fazem morrer inocentes. Deus, cedo ou tarde, pune as suas injustiças e crueldades! Mal havia a cabeça terminado de proferir tais palavras, o rei tombou morto, e ela própria perdeu o resto de vida que a animava.’”

— Senhor — prosseguiu Sherazade —, foi esse o fim do rei grego e do médico Dubã. Voltemos agora à história do pescador e do gênio; mas não vale a pena começar, pois o dia já chegou.

O sultão, cujo tempo era contado, não podendo ouvi-la por mais tempo, levantou-se, e, como pretendia saber a continuação da história do gênio e do pescador, avisou a sultana de que se preparasse para contá-la na noite seguinte.

18^A NOITE

Dinazade, nessa noite, compensou a anterior. Acordando muito antes do romper do dia, rogou a Sherazade que lhe contasse a continuação da história do pescador e do gênio, tão desejada pelo sultão quanto por ela.

— Vou satisfazer a sua curiosidade e a tua — respondeu a sultana.

E dirigindo-se a Shahriar:

“Mal o pescador terminou a história do rei grego e do médico Dubã, aplicou-a ao gênio, encerrado no vaso. ‘Se o rei grego tivesse deixado o médico viver, Deus haveria feito outro tanto por ele; mas ele rejeitou suas mais humildes súplicas, e Deus o puniu. A mesma coisa se dá contigo, ó gênio. Se eu tivesse logrado comover-te e obter de ti a graça que te pedia, teria agora pena da situação em que te encontras; mas como, apesar da extrema obrigação que me devias por eu te haver libertado, persististe no desejo de me matar, devo, por minha vez, ser implacável. Deixando-te nesse vaso e lançando-te ao mar, tiro-te o privilégio da vida até o fim dos tempos. Eis a minha vingança.’

‘Pescador, meu amigo’, respondeu o gênio, ‘suplico-te mais uma vez não cometer tão cruel ação. Lembra-te de que não é bom vingar-se, e que, pelo contrário, é louvável pagar o mal com o bem; não me trates como Ima tratou outrora Ateca.’ ‘Que fez Ima a Ateca?’, perguntou o pescador. ‘Ah, se queres sabê-lo, tira-me do vaso. Julgas-me capaz de contar histórias em tão estreita prisão? Contar-te-ei quantas quiseses, se me tirares daqui.’ ‘Não’, disse o pescador, ‘não te livrarei. Já falamos demais. Vou precipitar-te ao fundo do mar.’

‘Mais uma palavra, pescador! Prometo-te não te fazer mal; bem longe disso, ensinar-te-ei o meio de te tornares poderosamente rico.’

A esperança de poder livrar-se da miséria desarmou o pescador. ‘Poderia ouvir-te, se tivesse alguma confiança na tua palavra. Jura-me pelo nome de Deus que farás o que dizes, e eu abrirei o vaso. Não creio que sejas capaz de violar tal juramento.’ O gênio pronunciou o juramento, e o pescador tirou

imediatamente a tampa do vaso. No mesmo instante saiu dele uma fumaça, e o gênio, retomando a mesma forma de antes, a primeira coisa que fez foi atirar com um pontapé o vaso ao mar. Aquele gesto aterrorizou o pescador, que lhe perguntou: ‘Gênio, que significa isso? Não pretendeis observar o juramento

que acabastes de fazer? E terei de dizer-vos o que o médico Dubã dizia ao rei grego: Deixai-me viver, e Deus prolongará os vossos dias?’

O medo do pescador provocou o riso do gênio, que lhe respondeu: ‘Não, pescador, tranquiliza-te. Só atirei para longe o vaso para divertir-me, e ver se tu te alarmavas; e para convencer-te de que pretendo manter a minha palavra, pega a tua rede e siga-me.’

Pronunciando tais palavras, pôs-se a caminhar na frente do pescador, que, transportando a rede, o seguiu um pouco desconfiado. Passaram diante da cidade e subiram ao alto de uma montanha, de onde desceram para uma grande planície que os levou a um lago situado entre colinas.

Chegados à margem do lago, disse o gênio ao pescador: ‘Lança a tua rede, e apanha peixes.’ O pescador não duvidou que os apanharia, pois vira enorme quantidade deles no lago; mas o que o surpreendeu fortemente foi notar que os havia de quatro cores diferentes: brancos, vermelhos, azuis e amarelos. Lançou sua rede e tirou quatro, um de cada cor. Como nunca vira peixes semelhantes, não pôde deixar de admirá-los; e refletindo que com eles ganharia um bom dinheiro, sentiu-se muito alegre. ‘Leva esses peixes’, disse-lhe o gênio, ‘ao teu sultão, e ele te dará mais dinheiro do que o que tiveste entre as mãos em toda a tua vida. Poderás vir pescar aqui todos os dias; mas advirto-te de que lances a rede uma só vez por dia; de outro modo, serás vítima da desgraça. Não te esqueças! É o meu aviso; se o seguires fielmente, hás de ser feliz.’ Assim, bateu o pé no chão, que se abriu, e, tornou depois a fechar, após o engolir.

O pescador, resolvido a seguir ao pé da letra os conselhos do gênio, cuidou bem de não lançar a rede pela segunda vez. Retomou o caminho para a cidade, contentíssimo com a pesca, e com mil ideias sobre a sua aventura. Ao chegar à cidade, rumou diretamente para o palácio do sultão a fim de lhe apresentar os peixes...”

— Senhor — disse Sherazade —, já estou vendo o dia; e é preciso que eu interrompa.

— Minha irmã — disse então Dinazade —, como são surpreendentes os últimos eventos que acabas de nos contar! Custa-me crer que, daqui para a frente, possas contar-nos outros mais surpreendentes.

— Minha irmã querida — respondeu a sultana —, se o sultão, meu amo, deixar que eu viva até amanhã, estou persuadida de que acharás a continuação da história do pescador mais maravilhosa ainda que o começo, e incomparavelmente mais agradável.

Shahriar, curioso em saber se o resto da história do pescador era o que a sultana prometia, adiou a execução da cruel lei.

19^A NOITE

Pelo fim da décima nona noite, Dinazade, chamando a sultana, disse-lhe:

— Minha irmã, estou extremamente ansiosa para ouvir a continuação da história do pescador. Conta-a, enquanto aguardamos o dia.

Sherazade, com a permissão de Shahriar, prosseguiu:

— Senhor, deixo à vossa imaginação a surpresa do sultão ao ver os quatro peixes que o pescador lhe apresentava.

“Pegando-os um de cada vez, examinou-os atentamente; e após tê-los admirado por muito tempo, disse ao primeiro vizir: ‘Levai estes peixes à hábil cozinheira que o imperador dos gregos me enviou; tenho certeza de que serão tão gostosos como são bonitos.’ O vizir levou-os pessoalmente à cozinheira, e colocando-os entre as suas mãos, disse-lhe: ‘Eis aqui quatro peixes que trouxeram ao sultão; ele vos ordena que os apronte o quanto antes.’ Finda sua missão, voltou ao lado do amo, que o encarregou de dar ao pescador quatrocentas peças de ouro. O pescador, que nunca tivera tão grande quantia, mal cabia em si de contente, e ficou olhando o dinheiro como se estivesse sonhando. Dentro em pouco, porém, se convenceu da sua realidade, pelo bom uso que dele fez, gastando-o para as necessidades de sua família.”

— Mas, senhor — prosseguiu Sherazade —, após vos ter falado do pescador, convém que vos fale da cozinheira do sultão, que vamos encontrar imersa na perplexidade.

“Mal acabou de limpar os peixes que lhe haviam sido dados pelo vizir, levou-os ao fogo numa frigideira com azeite; quando viu que estavam fritos de um lado, virou-os do outro. Mas, ó prodígio inaudito! Apenas os virou e a parede da cozinha entreabriu-se e dela saiu uma jovem de admirável beleza e porte majestoso, com um vestido de seda floreado, à moda do Egito, brincos, um colar de grandes pérolas e braceletes de ouro guarnecidos de rubis. Trazia na mão uma varinha de mirta. Aproximando-se da frigideira, com grande espanto da cozinheira, imobilizada, petrificada, bateu num dos

peixes com a ponta da varinha, e disse: ‘Peixe, peixe, estás cumprindo o teu dever?’ Nada tendo respondido o peixe, ela repetiu as mesmas palavras, e então os quatro peixes levantaram todos ao mesmo tempo a cabeça e responderam-lhe: ‘Sim, sim, se vós contaís, nós contamos, se vós pagais as vossas dívidas, nós pagamos as nossas; se vós fugis, nós vencemos, e ficamos contentes.’ Ao terminarem tais palavras, a jovem derrubou a frigideira, e voltou a entrar na abertura da parede, que imediatamente se fechou, apresentando-se tal qual fora sempre.

A cozinheira, assombrada com todos aqueles prodígios, conseguiu recobrar a presença de espírito e tratou de pegar os peixes que haviam caído sobre as brasas; mas encontrou-os mais negros que carvão, e impossíveis de serem servidos ao sultão. Profundamente triste, pôs-se a chorar: ‘Ai de mim! Que há de me acontecer? Quando eu contar ao sultão o que vi, estou certa de que não acreditará em mim. Qual não há de ser a sua cólera!’

Enquanto assim se afligia, entrou o grão-vizir, que lhe perguntou se os peixes já estavam prontos. Ela contou-lhe tudo quanto lhe sucedera, e as suas palavras, como é fácil supor, o espantaram bastante; mas, sem nada falar ao sultão, inventou um pretexto que o contentou. Entretanto, mandou chamar o pescador na mesma hora, e quando o viu chegar, disse: ‘Pescador, arranja-me outros peixes semelhantes aos que já trouxeste uma vez, pois aconteceu uma coisa que impediu que eles fossem servidos ao sultão.’ O pescador não lhe disse o que o gênio lhe havia recomendado; mas, para desculpar-se por não poder apresentar naquele mesmo dia o que dele exigiam, alegou a distância, e prometeu levá-los no dia seguinte, de manhã.

Efetivamente, partiu durante a noite, e remou para o lago, onde lançou sua rede. Retirando-a, encontrou quatro peixes iguais aos outros, cada um de uma cor. Imediatamente voltou, e entregou-os ao grão-vizir que, pegando-os, levou-os pessoalmente à cozinha, onde se fechou com a cozinheira que os preparou diante dele, e levou-os ao fogo, como já havia feito na véspera com os outros. Quando se acharam fritos de um lado, e ela ia virá-los do outro, entreabriu-se outra vez a parede da cozinha, e apareceu a mesma jovem de varinha na mão, a qual, aproximando-se da frigideira, bateu num

dos peixes, dirigiu-lhe as mesmas palavras, ao que eles deram a mesma resposta, levantando a cabeça.”

— Mas, senhor — acrescentou Sherazade, interrompendo-se —, eis que o Sol está raiando, e eu não posso continuar. O que acabo de vos contar é, na verdade, bem extraordinário; se amanhã ainda estiver com vida, contar-vos-ei outras coisas mais dignas da vossa atenção.

Shahriar, certo de que a continuação seria interessante, resolveu aguardar a noite seguinte.

20^A NOITE

— Minha querida irmã! — exclamou Dinazade, conforme o seu hábito.
— Se não estás dormindo, rogo-te que continues e termines a história do pescador.

A sultana tomou imediatamente a palavra:

“Depois de os quatro peixes terem respondido à jovem, tornou ela a virar a frigideira com um golpe da sua varinha, e retirou-se para o mesmo ponto da parede por onde havia passado. O grão-vizir, testemunhando tudo o que havia se passado, disse: ‘O que acabo de ver é por demais extraordinário para que possa escondê-lo ao sultão; vou agora mesmo contar-lhe tudo.’ E foi o que fez.

O sultão, fortemente surpreendido, manifestou impaciência por assistir a tal maravilha. Para tanto, mandou que procurassem o pescador. ‘Meu amigo, não poderás trazer-me outros quatro peixes de cores diferentes?’ O pescador respondeu ao sultão que, se lhe fossem concedidos três dias, saberia contentá-lo. Obtido o prazo, rumou para o lago pela terceira vez, e não foi menos feliz que nas duas anteriores, pois, logo na primeira arremetida da rede apanhou quatro peixes, de cores diversas. Levou-os imediatamente ao sultão, que se alegrou mais ainda por não esperar tê-los tão cedo, e ordenou que dessem ao pobre homem mais quatrocentas moedas.

Mal o sultão recebeu os peixes, mandou que os levassem ao seu gabinete com todo o material necessário para os frigar. Lá, encerrando-se com o seu vizir, este os preparou, levou-os ao fogo numa frigideira, e, ao vê-los fritos de um lado, virou-os do outro. Naquele instante, a parede do gabinete se entreabriu; mas, em lugar da jovem, o que surgiu foi um negro, vestido como escravo, absurdamente gordo e grande, e trazendo na mão um pesado bastão verde. Sem hesitar, encaminhou-se para a frigideira, e, tocando com o bastão um dos peixes, disse-lhe com voz terrível: ‘Peixe, peixe, estás cumprindo o teu dever?’ Àquelas palavras, os peixes levantaram a cabeça e responderam: ‘Sim, sim, estamos; se vós contaís, nós contamos; se vós pagais

as vossas dívidas, nós pagamos as nossas; se vós fugis, nós vencemos e ficamos contentes.’

Mal haviam os peixes terminado de falar, o negro, virando a frigideira no meio do gabinete, reduziu-os a carvão. Feito isso, retirou-se orgulhosamente, e entrou pela abertura, que se fechou imediatamente. ‘Após o que acabo de presenciar’, disse o sultão ao grão-vizir, ‘não me será possível ter repouso. Esses peixes significam, sem dúvida, algo de extraordinário que preciso esclarecer.’ E mandando chamar o pescador, perguntou-lhe: ‘Pescador’, os peixes que nos trouxeste me causam bastante inquietação. Em que lugar os apanhaste?’ ‘Senhor, pesquei-os num lago situado entre quatro colinas, para além da montanha que se vê daqui.’ ‘Conheceis tal lago?’ , perguntou o sultão ao vizir. ‘Não, senhor, nunca ouvi falar nele; e, no entanto, há sessenta anos que caço nas redondezas e além dessa montanha.’ O sultão perguntou ao pescador a que distância do

palácio se achava o lago, e o pescador assegurou-lhe não ter mais do que três horas de caminhada. Diante daquilo, e como ainda restasse grande parte do dia, o sultão ordenou à corte que montasse a cavalo e ao pescador que lhe servisse de guia.

Subiram à montanha; ao descerem, deparou-se-lhes aos olhos surpresos uma vasta planície que ninguém vira até então. Chegaram finalmente ao lago, situado entre quatro colinas, como dissera o pescador, e cujas águas eram tão transparentes que eles puderam observar nitidamente serem todos os peixes semelhantes aos levados pelo pescador ao palácio.

O sultão deteve-se à margem do lago, e, após ter contemplado os peixes por algum tempo cheio de admiração, perguntou aos emires e a todos os cortesãos como era possível que jamais tivessem visto aquele lago, tão pouco distante da cidade. Responderam-lhe que sequer nele haviam ouvido falar. ‘Já que concordais todos’, disse-lhes, ‘em afirmar que jamais ouvistes falar nele, e como eu mesmo não me espanto menos do que vós com tal novidade, estou resolvido a não voltar ao meu palácio sem saber por que motivo este lago aqui se encontra, e por que contém apenas peixes de quatro cores.’ Assim, ordenou que armassem as tendas à margem do lago, o que foi feito sem perda de tempo.

Ao cair da noite, no seu pavilhão, disse ao grão-vizir em particular: ‘Domina-me o espírito estranha inquietação. O lago, o negro que nos apareceu no gabinete, os peixes que ouvimos falar, tudo me aguça a curiosidade de tal modo que não posso resistir à impaciência de a satisfazer. Para isso, articulo um plano que hei de realizar. Afastar-me-ei sozinho do acampamento, e ordeno-vos que mantenhaiis em segredo minha ausência. Ficareis no meu pavilhão, e amanhã de manhã, quando meus emires e cortesãos se apresentarem, despedi-los-ei, dizendo-lhes que me sinto ligeiramente indisposto e quero estar só. Nos dias seguintes, continuareis a lhes dizer a mesma coisa, até que eu volte.’

O grão-vizir tudo fez para que o sultão desistisse do seu plano, mostrando-lhe o perigo a que se expunha e o trabalho que, provavelmente, seria inútil. Mas nada logrou com sua eloquência; o sultão não desistiu do plano meditado e preparou-se. Vestiu um traje cômodo para andar a pé, munuiu-se de um sabre e, mal viu que tudo estava tranquilo no acampamento, partiu.

Dirigindo-se para uma das colinas, subiu-a sem muito esforço. Mais suave ainda lhe pareceu a descida; ao chegar à planície, caminhou até o nascer do Sol. Percebendo, então, ao longe, um grande edifício, alegrou-se, na esperança de ali poder saber o que tanto almejava. Já perto, notou tratar-se de um magnífico palácio, ou antes de um verdadeiro castelo fortificado, de esplêndido mármore negro, polido, coberto de um aço fino como espelho. Satisfeito por não ter andado muito tempo sem encontrar algo digno pelo menos da sua curiosidade, deteve-se diante do castelo, e contemplou-o com atenção.

Em seguida, avançou até a porta de dois batentes, dos quais um se achava aberto. Sem que nada o impedisse de entrar, resolveu bater, o que fez com delicadeza, aguardando depois; mas não vendo ninguém, julgou que não o tivessem ouvido; por conseguinte, bateu outra vez, com mais força; não vendo nem ouvindo ninguém, redobrou a intensidade dos golpes. Ninguém! Aquilo o surpreendeu, pois não podia imaginar como um castelo tão bem-conservado fosse abandonado. ‘Se não há ninguém’, pensou, ‘nada devo temer e, se há alguém, tenho com que me defender.’

Entrando, pois, no vestíbulo, perguntou: ‘Não há alguém aqui para receber um estranho que necessita refazer suas forças?’ Repetiu a mesma coisa duas ou três vezes; mas, embora falasse bem alto, não obteve resposta. O silêncio aumentou-lhe o assombro. Passando por um pátio espaçoso e olhando para todos os lados para ver se não descobria alguém, não conseguiu divisar nenhum ser vivo...”

— Senhor — disse Sherazade —, o dia que acaba de nascer mais uma vez me impõe silêncio.

— Ah, minha irmã — disse Dinazade —, tu nos deixas no trecho mais interessante!

— É verdade — respondeu a sultana. — Não te esqueças, porém, minha irmã, da necessidade. Depende apenas do sultão, meu amo, ouvires o resto amanhã.

Não foi bem para agradar a Dinazade que Shahriar permitiu que vivesse a sultana mais um dia, e sim para satisfazer a curiosidade de saber o que se passaria no castelo.

21^A NOITE

Dinazade mais que depressa acordou a sultana, pelo fim da noite:

— Minha irmã, rogo-te que nos contes o que se passou no belo castelo em que nos deixaste ontem.

Sherazade prosseguiu a história no ponto em que a havia interrompido no dia anterior. E dirigindo-se sempre ao sultão, disse: “Não vendo ninguém no pátio em que se encontrava, entrou o sultão em grandes salas, com tapetes de seda, estrados e sofás cobertos de tecidos de Meca, e cortinas dos mais ricos tecidos da Índia bordados de ouro e prata. Em seguida, viu-se num salão maravilhoso, no meio do qual um grande tanque tinha em cada um dos quatro cantos um leão de ouro maciço. Os quatro leões lançavam água pela boca que, ao cair, formava diamantes e pérolas, e havia também uma fonte que, jorrando do meio do tanque, ia quase bater de encontro a uma cúpula arabescada.

O castelo, em três dos seus lados, estava rodeado por um jardim, no qual os canteiros, os laguinhos, os bosques e mil outros adornos concorriam para embelezar; e o que tornava aquele lugar mais admirável era uma infinidade de pássaros a encherem os ares com seus cantos harmoniosos e impedidos de fugir por redes estendidas por cima das árvores e do palácio.

O sultão percorreu aposento após aposento. Tudo lhe parecia grande e magnífico. Cansado, enfim, sentou-se num alpendre com vista para o jardim; e ali, arrebatado por tudo quanto vira e ainda via, começou a refletir sobre os diferentes objetos, quando, de repente, lhe feriram o ouvido amargas lamentações. Escutando com atenção, compreendeu perfeitamente estas tristes palavras: ‘Ó sorte, que não pudeste deixar que eu gozasse por longo tempo da felicidade, que me tornaste o mais infeliz dos homens, cessa de perseguir-me, e vem, mediante rápida morte, pôr fim às minhas dores. Ai! Como é possível que eu ainda viva, após tão grandes tormentos!’

Comovido por aqueles lamentos, o sultão, levantando-se, dirigiu-se para o lado de onde vinham. Diante da porta de uma grande sala, abriu-a, e viu

um homem jovem, belo e ricamente vestido, sentado num trono um pouco elevado. Estava-lhe impressa no rosto profunda tristeza. O sultão aproximou-se, e o saudou. O jovem respondeu-lhe, inclinando a cabeça: ‘Senhor, bem sei que deveria levantar-me para vos receber e prestar todas as honras possíveis, mas tão forte razão se opõe, que não deveis guardar-me rancor.’ ‘Senhor’, respondeu o sultão, ‘sou muito grato pela boa opinião que tendes de mim. Quanto à razão de não vos levantardes, seja qual for a vossa desculpa, recebo-a de muito bom coração. Atraído pelos vossos lamentos, comovido pelas vossas dores, venho oferecer-vos o meu apoio. Praza a Deus depender de mim o alívio dos vossos males! Eu vos ajudarei. Contai-me a história dos vossos males, mas antes dizei-me o que significa o lago que se encontra aqui perto, o que significam os peixes de quatro cores diferentes, o que é este castelo, por que vos encontrais nele, e por que estais sozinho?’ Em vez de responder a tais perguntas, o jovem começou a chorar amargamente. ‘Como é inconstante a sorte! E como se diverte em atirar ao chão os homens que ela faz subir. Haverá quem goze tranquilamente a felicidade que ela lhe proporciona, haverá quem viva dias sempre puros e serenos?’

Compadecido de vê-lo naquele estado, o sultão rogou-lhe que lhe contasse a causa de tão grande dor. ‘Ah, Senhor’, suspirou o jovem, ‘como posso não viver amargurado, como posso impedir que os meus olhos sejam duas inesgotáveis fontes de lágrimas?’ Diante destas palavras, levantando o manto, mostrou-lhe que só era homem da cabeça à cintura, e que era de mármore negro a outra metade do corpo.”

Sherazade interrompeu a história. O dia ia surgindo. Shahriar, encantado com o que acabava de ouvir, e enternecido por Sherazade, resolveu deixá-la viver durante um mês. No entanto, levantando-se como de costume, nada lhe disse da sua resolução.

22^A NOITE

Dinazade, impaciente em ouvir a continuação da história da noite anterior, chamou sua irmã bem cedinho, suplicando-lhe para prosseguir.

— Com prazer — respondeu a sultana. — Ouve-me, pois:

“É fácil de ver que o sultão ficou profundamente impressionado com o deplorável estado do jovem. ‘O que me mostrais, ao mesmo tempo que me horroriza, aguça a minha curiosidade; e eu gostaria muitíssimo de saber a vossa história, que deve ser, sem dúvida, bem estranha; estou convencido de que o lago e os peixes desempenham um papel importante. Assim, suplico-vos que a conteis. Consolar-vos-ei um pouco, pois é certo que os infelizes encontram alívio na narração dos seus males.’ ‘Não quero recusar-vos tal satisfação’, respondeu o jovem, ‘muito embora se me renovem as dores; mas advirto-vos, de antemão, que prestai muita atenção com os vossos ouvidos, o vosso espírito e os vossos próprios olhos a coisas que superam tudo quanto a imaginação pode conceber de mais extraordinário.’

A história do jovem rei das ilhas Negras

‘Sabereis que meu pai, Mahmud, era rei deste país, o reino das ilhas Negras, cujo nome provém das quatro montanhas vizinhas, que antigamente eram ilhas; a capital, onde o rei, meu pai, residia, erguia-se no lugar onde atualmente se encontra o lago que vistes. A minha história vos explicará todas essas mudanças.

O rei, meu pai, morreu aos setenta anos. Mal o substituí, casei-me; e a mulher que escolhi para comigo partilhar a dignidade real foi minha prima. Não deixava de dar-me provas de amor; por minha vez, concebi por ela tamanha ternura que nada se comparava à nossa união, que durou cinco anos. Ao cabo desse tempo, percebi que ela já não me amava.

Um dia à tarde, estando ela no banho, senti muito sono, e deitei-me num sofá. Duas de suas escravas foram sentar-se, uma à minha cabeceira e outra aos meus pés, cada uma com um leque na mão, tanto para aliviar-me o calor quanto para me defender das moscas que poderiam perturbar meu sono. Julgando-me adormecido, conversavam baixinho; mas eu, que só tinha os olhos cerrados, não perdi uma palavra do que falavam.

Uma delas disse à outra: Não é bem verdade que a rainha procede mal não amando um rei tão gentil como o nosso? Certamente, respondeu a segunda. Eu, por mim, não compreendo, e não sei por que ela sai todas as noites e o deixa sozinho. Não desconfiará o nosso rei de nada? Ora, como queres que perceba? A rainha coloca, todas as noites, na água que ele bebe, certo suco que o faz dormir a noite inteira, com sono tão profundo, que ela tem tempo de ir onde bem entende; ao nascer do dia, volta, deita-se novamente ao lado do marido, e acorda-o, passando-lhe debaixo do nariz um misterioso perfume.

Julgai, senhor, a minha surpresa àquelas palavras, e os sentimentos que me inspiraram. Contudo, por maior que fosse a minha emoção, tive domínio bastante para dissimular. Fingi despertar e nada ter ouvido.

A rainha voltou do banho; comemos juntos e, antes de nos deitarmos, ela me apresentou uma taça cheia de água que eu costumava beber; em lugar,

porém, de levá-la à boca, aproximei-me da janela aberta e atirei-a fora, com tal habilidade que ela não percebeu. Depois, devolvi-lhe a taça, para que de nada duvidasse.

Deitamo-nos. Em pouco tempo, julgando-me adormecido, levantou-se com tão pouca precaução, que disse em voz alta: Durma, e tomara que nunca mais despertes! Vestiu-se depressa e saiu do quarto...”

Com estas palavras, Sherazade, notando que já era dia, calou-se. Dinazade ouvira sua irmã com enorme prazer. Shahriar achou tão digna da sua curiosidade a história do rei das ilhas Negras que se levantou impaciente para ouvir a continuação na noite seguinte.

23^A NOITE

Uma hora antes de amanhecer, Dinazade rogou à sultana, sua irmã, que terminasse a história do jovem rei das quatro ilhas Negras.

Sherazade, lembrando-se imediatamente do ponto em que a havia interrompido, prosseguiu:

“Mal a rainha saiu’, disse o rei das ilhas Negras, ‘levantei e me vesti às pressas; peguei meu sabre e a segui bem de perto, dando até para vê-la caminhar na minha frente. Regulando então os meus passos pelos seus, caminhei suavemente, com medo de que ela me percebesse. A rainha cruzou várias portas, que se abriram em virtude de certas palavras mágicas; a última que se abriu foi a do jardim em que ela entrou. Detive-me naquela porta, para que ela não me visse, enquanto ela atravessava um canteiro, e, seguindo-a com os olhos, apesar da escuridão, notei que entrava num bosque cujas aleias eram cercadas por grades muito fortes. Para lá fui eu por outro caminho; esgueirando-me por trás de uma aleia muito comprida, vi a rainha passear com um homem.

Prestei atenção às palavras trocadas entre eles. De repente, eis o que ouvi: Não mereço, dizia a rainha ao amante, a reprimenda de não estar interessada; bem sabes a razão que me impede. Mas, se todas as provas de amor que te dei até agora não bastam para convencer-te da minha sinceridade, estou pronta a dar-te outras mais decisivas. Basta que me ordenes, pois bem sabes qual é o meu poder. Se assim o desejares, transformarei esta grande cidade e o seu belo palácio em espantosas ruínas, habitadas apenas por lobos, mochos e corvos. Queres que transporte todas as pedras destas muralhas tão sólidas para além do Cáucaso, e fora dos limites do mundo habitável? Dize uma palavra, só uma palavra, e eu mudarei tudo isso.

Quando acabou de falar, achando-se ela e o amante no fim da aleia, voltaram-se para entrar noutra, e passaram diante de mim. Eu já havia puxado o meu sabre e, ao ver o amante do meu lado, feri-o no pescoço e atirei-o ao chão. Julguei havê-lo matado; e, certo daquilo, retirei-me

precipitadamente sem me dar a conhecer à rainha, que eu queria poupar, por ser minha prima.

O golpe que eu infligira ao amante era mortal, mas a rainha conservou-lhe a vida pela força dos seus feitiços, embora se pudesse dizer que ele não estava nem morto nem vivo. Ao atravessar o jardim, para regressar ao palácio, ouvi-a lamentar-se aos brados; e vendo assim a sua dor, congratulei-me por lhe ter deixado a vida.

Quando cheguei aos meus aposentos, deitei-me de novo; satisfeito por ter punido o atrevido que me havia ofendido, adormeci. Ao despertar, no dia seguinte, encontrei a rainha deitada ao meu lado...”

Sherazade foi obrigada a deter-se. Amanhecia.

— Meu Deus, irmã querida — disse então Dinazade —, como sinto não poderes continuar!

— Minha irmã — respondeu a sultana —, devias ter me acordado antes. A culpa é tua.

— Repará-la-ei, se prouver a Deus, na próxima noite — respondeu Dinazade —, pois não duvido que o sultão esteja tão interessado quanto eu no fim desta linda história. E espero que tenha a bondade de deixar-te viver mais um dia.

24^A NOITE

Dinazade, cumprindo o que dissera, chamou muito mais cedo a sultana, dominada pelo desejo de ouvir o fim da interessante história do rei das ilhas Negras, e saber como fora transformado em mármore.

— Vais sabê-lo — respondeu Sherazade —, se a tanto me autorizar o sultão.

“Encontrei, pois, a rainha deitada ao meu lado”, continuou o rei das quatro ilhas Negras. ‘Não vos direi se dormia ou não. Levantei-me sem ruído, passei para o meu gabinete, onde terminei de vestir-me. Em seguida, dirigi-me ao conselho; ao voltar, ela, vestida de luto, com cabelos desgrenhados e em parte arrancados, veio-me ao encontro. Senhor, disse-me, suplico-vos que não estranheis o meu estado. Três notícias dolorosas, que acabo de receber ao mesmo tempo, são a justa causa da viva dor da qual só vedes os fracos sinais. Mas quais são essas notícias, senhora?, perguntei-lhe. A morte da rainha, minha mãe, a do rei, meu pai, numa batalha, e a de um de meus irmãos, caído num precipício, respondeu-me.

Não me aborreci por ela tomar tal pretexto para ocultar o verdadeiro motivo da sua aflição, e certifiquei-me de que não me supunha autor do ferimento do amante. Senhora, respondi-lhe, longe de censurar a tua dor, asseguro-te que dela participo vivamente. Muito me admiraria que fosses insensível a tamanha perda. Chora, pois. As tuas lágrimas são os sinais infalíveis do teu excelente caráter. Espero, contudo, que o tempo e a razão te façam esquecer um pouco os teus desgostos.

Ela se retirou para os seus aposentos, onde, entregando-se à sua dor, passou um ano inteiro chorando. Ao fim desse tempo, pediu-me permissão para mandar construir sua sepultura num recinto do palácio onde pretendia viver até o fim dos seus dias. Dei-lhe permissão, e ela mandou construir um soberbo palácio, com uma cúpula que daqui se pode ver, chamando-lhe palácio das lágrimas.

Quando ficou pronto, para lá fez levar o amante, transportado para um lugar seguro na mesma noite em que eu o ferira. Havia-o impedido de morrer por meio de beberagens, continuando a dar-lhe estas no palácio das lágrimas.

Entretanto, apesar de todos os seus feitiços, não conseguia curar o desgraçado. Não somente ele se via impossibilitado de caminhar e manter-se de pé, como também perdera a fala, e não dava sinal de vida, a não ser pelo olhar. Embora à rainha só restasse o consolo de o ver e dizer-lhe tudo quanto seu louco amor lhe inspirava de mais terno e apaixonado, não deixava de visitá-lo todos os dias. Eu estava bem informado de tudo, mas fingia ignorar.

Um dia, fui por curiosidade ao palácio das lágrimas, para saber o que a rainha fazia; e de um lugar onde não podia ser visto, assim a ouvi falar ao amante: Estou mortalmente aflita por ver-te em tal estado; não sinto menos vivamente que tu a dor que te aflige, mas, alma querida, falo-te sempre, e tu não me respondes! Até quando te manterás calado? Dize uma palavra apenas. Ai! Os mais doces momentos da minha vida são os que passo aqui a partilhar a tua dor. Não posso viver longe de ti, e preferiria o prazer de ver-te sempre ao domínio do mundo.

Àquelas palavras, interrompidas várias vezes por suspiros e soluços, perdi a paciência. Mostrei-me e, aproximando-me dela, disse: Senhora, já choraste demais; é tempo de pôr fim a uma dor que a nós desonra; já me esqueci demais do que me debes e do que debes a ti mesma. Senhor, respondeu-me ela, se vos resta ainda consideração, ou melhor, complacência por mim, suplico-vos que não me contrarieis. Deixa-me entregue ao meu pesar mortal. É impossível que o tempo o diminua.

Quando vi que as minhas palavras, em lugar de a fazerem voltar ao dever, só serviam para excitar-lhe o furor, calei-me e retirei-me. Ela continuou a visitar todos os dias seu amante; e durante dois anos inteiros, não fez mais do que se desesperar.

Fui pela segunda vez ao palácio das lágrimas enquanto ela lá se encontrava. Escondido, ouvi-a dizer ao amante: Há três anos que não me dizes uma só palavra, não respondes às provas de amor que te ofereço com

minhas palavras e os meus gemidos. É por insensibilidade ou por desprezo? Ó túmulo, terás destruído toda a ternura que ele tinha por mim? Terás fechado esses olhos que demonstravam tão grande amor e constituíam toda a minha alegria? Não, não posso crê-lo! Dize-me, antes, por que milagre te tornaste depositário do maior tesouro que jamais existiu.

Confesso-vos, senhor, que aqueles lamentos me indignaram, pois o amante adorado, o mortal adorado, não era o que poderíeis supor; era simplesmente um indiano negro. Indignei-me a tal ponto que me mostrei repentinamente, e apostrofando o mesmo túmulo, gritei: Ó túmulo, por que não engoles esse monstro que causa horror à natureza, por que não aniquilas de uma vez os dois amantes?

Mal havia terminado, a rainha, que se encontrava sentada ao lado do negro, levantou-se furiosa: Ah, cruel, és tu que me causas tamanha dor! Não penses que não sei; já há muito que dissimulo. Foi a tua bárbara mão que colocou o objeto do meu amor no estado lastimável em que se encontra; e tens a dureza de vir insultar uma amante desesperada! Sim, fui eu, interrompi-a, dominado pela cólera, fui eu que castiguei esse monstro como merecia; deveria ter-te tratado da mesma forma, e arrependo-me de não tê-lo feito. Já há muito que abusas da minha bondade. Assim, puxei o sabre, e ergui o braço para puni-la; mas, tranquila, diante do meu gesto, disse-me com um sorriso: Acalma a tua ira. Ao mesmo tempo, pronunciou palavras que não compreendi, e acrescentou: Pela virtude dos meus feitiços, ordeno-te que te transformes imediatamente, e passes a ser metade homem e metade mármore.

Tornei-me assim, senhor, o que vedes, já morto entre os vivos, e ainda vivo entre os mortos...”

Sherazade, a essa altura, notando que era dia, deixou de continuar a história.

— Minha irmã — disse então Dinazade —, sou muito grata ao sultão, pois a ele é que devo o prazer de te escutar.

— Minha irmã — respondeu Sherazade —, se o sultão permitir que eu viva até amanhã, ouvirás coisas às quais não te serão menos gratas do que as que acabaste de ouvir.

Se Shahriar já não tivesse resolvido adiar por um mês a morte de Sherazade, é certo que a não ordenaria matar naquele dia.

25ª NOITE

Pelo fim da noite, Sherazade, acordada por sua irmã, preparou-se para completar a história do rei das ilhas Negras, e começou assim:

“O rei, meio mármore e meio homem, prosseguiu: ‘Depois de a indigna feiticeira ter me metamorfoseado, trazendo-me para essa sala por meio de outro encantamento, destruiu a minha capital, florescente e populosa, aniquilou suas casas, as praças e os mercados, criando o lago e o campo deserto que pudestes ver. Os peixes de quatro cores são as quatro espécies de habitantes de diferentes religiões que a compunham; os brancos, muçulmanos; os vermelhos, persas, adoradores do fogo; os azuis, cristãos; os amarelos, judeus, sendo as quatro colinas as quatro ilhas que davam nome ao reino. Tudo isso eu soube pela feiticeira, que, para mais me afligir, me anunciou pessoalmente os efeitos da sua raiva. Não é tudo; não se limitou à destruição do meu império e à minha metamorfose. Vem todos os dias dar-me sobre os ombros nus cem chicotadas, que me fazem sangrar. Quando o suplício termina, cobre-me com um grosso tapete de pelos de cabra, e por cima coloca este manto de brocado que estais vendo, não para me honrar, mas para rir de mim.’

Naquele ponto, o jovem rei das ilhas Negras não conseguiu reter as lágrimas; e o sultão sentiu-se tão angustiado que não pôde pronunciar uma palavra de consolo. Pouco depois, o rei, erguendo os olhos ao céu, exclamou: ‘Poderoso Criador de todas as coisas, submeto-me aos vossos juízos e aos decretos da vossa providência! Sofro pacientemente todos os meus males, pois essa é a vossa vontade; mas espero que a vossa infinita bondade há de recompensar-me.’

O sultão, enternecido por história tão comovente, e animado pelo desejo de vingar tão infeliz príncipe, pediu-lhe: ‘Dizei-me onde se abriga essa pérfida feiticeira e onde está o indigno amante sepultado antes da morte.’ ‘Senhor’, respondeu-lhe o príncipe, ‘o amante, como já vos disse, está no palácio das lágrimas, num túmulo em forma de cúpula; e o palácio

comunica-se com este castelo pelo lado da porta. Quanto à feiticeira, não vos posso dizer com certeza onde se abriga; mas todos os dias, ao despontar o Sol, vai visitar o amante, após ter-me chicoteado impiedosamente; e vedes que não posso defender-me de tão grande crueldade! Leva-lhe a beberagem, o único alimento com o qual, até agora, impediu que morresse, e não cessa de queixar-se do seu silêncio, desde que foi ferido.’

‘Nobre, a quem se não pode lastimar bastante’, respondeu o sultão, ‘não há com certeza alguém que mais se comova diante do vosso padecimento. Nunca sucedeu a homem nenhum coisa tão extraordinária; e os que narrarem a vossa história terão a vantagem de contar um fato que ultrapassa tudo quanto já foi escrito de surpreendente. Só falta uma coisa, a vingança que vos é devida; mas de nada me esquecerei para vo-la proporcionar.’

Com efeito, entretendo-se sobre aquele assunto com o jovem nobre, após declarar-lhe quem era e por que havia entrado no castelo, imaginou um meio de vingá-lo e comunicou-lhe. Ambos concordaram nas medidas necessárias para lograr êxito no plano cuja execução foi adiada para o dia seguinte. E como a noite já ia bem adiantada, o sultão descansou um pouco. Quanto ao jovem nobre, passou-a, como habitualmente, numa contínua insônia (não conseguia dormir desde que fora metamorfoseado), mas com a esperança de, pelo menos, ser em breve livrado dos seus sofrimentos.

No dia seguinte, o sultão se levantou bem cedo; e para começar a executar seu plano, ocultou num canto o manto que o teria embaraçado, e dirigiu-se para o palácio das lágrimas. Encontrou-o iluminado por uma infinidade de tochas de cera branca, e sentiu um aroma delicioso proveniente de várias caçoletas de ouro puro, admiravelmente lavradas e dispostas em perfeita ordem. Quando viu o leito onde se encontrava deitado o negro, tirou o sabre e cortou a cabeça do miserável, cujo corpo arrastou para o pátio do castelo, lançando-o a um poço. Depois, deitou-se no leito do negro, pôs o sabre perto, debaixo da coberta, e ali aguardou para realizar o que havia imaginado.

A feiticeira não tardou em chegar. Seu primeiro cuidado foi ir à sala onde vivia o rei das ilhas Negras, seu marido. Despiu-o e começou a chicoteá-lo barbaramente. O pobre nobre, gritando, suplicava-lhe, inutilmente, que

tivesse piedade; a megera só deixou de bater-lhe após ter-lhe aplicado cem chibatadas. ‘Não tiveste compaixão do meu amante’, disse-lhe, ‘e não deves esperá-la de mim...’”

Sherazade, de repente, percebeu a chegada do dia, o que lhe impediu de continuar a história.

— Por Deus, minha irmã — disse Dinazade —, eis aí uma feiticeira bárbara! Mas ficaremos aí, e tu não nos dirás se ela recebeu o merecido castigo?

— Minha irmã — respondeu a sultana —, só poderei dizer-lhe amanhã. Mas bem sabes que isso depende da vontade do sultão.

Após o que Shahriar acabara de ouvir, longe estava de mandar matar Sherazade.

— Pelo contrário — dizia ele para si mesmo —, não quero tirar-lhe a vida antes que acabe a maravilhosa história, mesmo que dure dois meses. A qualquer instante, poderei cumprir o juramento feito.

26^A NOITE

Dinazade resolveu acordar a sultana, e pediu-lhe que lhe contasse o que se havia passado no palácio das lágrimas. Shahriar manifestou o mesmo desejo. Portanto, a sultana tomou a palavra:

“Depois de ter dado as cem chicotadas, a feiticeira cobriu o jovem rei com um espesso tapete de pelo de cabra, e pôs-lhe por cima um manto de brocado. Em seguida, foi ao palácio das lágrimas, e, entrando, renovou o pranto, os gritos e os lamentos; aproximando-se do leito onde julgava estar o amante, exclamou: ‘Que crueldade ter perturbado a alegria de amante terna e apaixonada como eu! Ó tu que me censuras por demasiadamente desumana, quando te faço sentir os efeitos do meu ressentimento, nobre cruel, não ultrapassa a tua barbaridade a da minha vingança? Ah, traidor, atentando à vida do homem que adoro não arrebataste a minha? Ai de mim!’, acrescentou, dirigindo a palavra ao sultão, pois cria falar ao negro, ‘meu Sol, minha vida, sempre hás de manter-te em silêncio? Estás resolvido a deixar-me morrer sem o consolo de ouvir-te dizer que me amas? Minha alma, dize-me pelo menos uma palavra, suplico-te!’

O sultão, fingindo sair de um profundo sono, e imitando o modo de falar dos negros, respondeu à rainha, em tom grave: ‘Só há força e poder em Deus, que é Todo-Poderoso.’ Àquelas palavras, a feiticeira, que não as esperava, deu um grande grito de alegria. ‘Meu amor, não estarei enganada? Estarei de fato ouvindo, e estarás de fato falando?’ ‘Infeliz’, continuou o sultão, ‘és digna das minhas respostas?’ ‘Mas por quê’, replicou a rainha, ‘me fazes essas censuras?’ ‘Os gritos, o pranto e os gemidos do teu marido, que tratas todos os dias com tanta indignidade e barbárie, me impedem de dormir. Há muito que eu estaria curado, há muito que teria recobrado o uso da palavra, se o houvesses desencantado; eis a causa do meu silêncio de que tanto te queixas.’ ‘Pois bem’, disse a feiticeira, ‘para te acalmar, estou pronta a fazer o que me ordenares. Queres que lhe devolva a forma primitiva?’ ‘Sim’,

respondeu o sultão, ‘e apressa-te em pô-lo em liberdade, a fim de não mais me importunarem os seus gritos.’

A feiticeira saiu imediatamente do palácio das lágrimas. Pegando uma taça de água, pronunciou sobre ela palavras que a fizeram ferver, como se estivesse sobre fogo. Em seguida, encaminhou-se para a sala onde vivia o jovem rei, seu marido, lançou a água sobre ele, e disse: ‘Se o Criador de todas as coisas te formou tal qual és atualmente, ou se estás encolerizado contra ti, não te mudes; mas se estás assim em virtude do meu feitiço, retoma tua forma natural, e volta a ser o que eras antes.’ Mal terminou, o príncipe, já no seu estado original, levantou-se com toda a alegria que se pode imaginar e deu graças a Deus. A feiticeira, continuou a falar: ‘Vai, afasta-te deste castelo, e nunca voltes aqui, senão perderás a vida.’

O jovem rei, cedendo à necessidade, afastou-se sem demora, e retirou-se para um lugar isolado, onde aguardou impientemente o êxito do plano cuja execução o leal amigo havia começado com tanta sorte.

Entretanto, a feiticeira voltou ao palácio das lágrimas; e, entrando, como julgasse estar sempre falando ao negro: ‘Caro amante, nada te impede levantar-te e dar-me uma satisfação de que há tempo estou privada.’

O sultão continuou a imitar o modo de falar dos negros: ‘O que acabas de fazer não basta para curar-me; só tiraste uma parte do mal, que é preciso cortar pela raiz.’ ‘Meu querido negro, que entendes por raiz?’ ‘Infeliz! Não compreendes que me refiro a essa cidade, aos seus habitantes e às quatro ilhas que destruíste pelos teus encantamentos? Todos os dias, à meia-noite, os peixes põem a cabeça fora do lago, e clamam vingança contra mim e contra ti. Eis a verdadeira causa da demora da minha cura. Volta a pôr tudo no lugar, e quando estiveres aqui novamente, dar-te-ei a mão, e ajudar-me-ás a levantar-me.’

A feiticeira, dominada pela esperança contida naquelas palavras, exclamou, num transporte de alegria: ‘Meu coração, minha alma, dentro em pouco recobrarás a saúde, porque vou fazer o que me ordenas.’ Com efeito, chegando à margem do lago, com uma das mãos aspergiu sobre ele um pouco de água...”

A esta altura, Sherazade, vendo que era dia, não quis prosseguir. E Dinazade disse-lhe:

— Minha irmã, estou contentíssima por ter sido o jovem rei das ilhas Negras desencantado; e já percebo que a cidade e seus habitantes voltarão a ser o que eram; mas estou ansiosa por saber o que acontecerá à feiticeira.

— Um pouco de paciência, minha irmã — respondeu a sultana —, e amanhã terás a satisfação que desejas, se o sultão, meu amo, der o seu consentimento.

Shahriar, que, como já dissemos, havia tomado sua resolução, levantou-se para cumprir seus deveres.

27^A NOITE

Sherazade, desejando manter a promessa, pôs-se a contar a sorte da rainha:

“Após a feiticeira fazer a aspersão e pronunciar algumas palavras sobre os peixes e o lago, a cidade reapareceu imediatamente. Os peixes voltaram a ser homens, mulheres e crianças. Muçulmanos, cristãos, persas ou judeus, homens livres e escravos, todos retomaram sua forma natural. As casas e as lojas encheram-se sem tardança dos seus habitantes, os quais acharam tudo na mesma situação e na mesma ordem de antes do encantamento. O grande séquito do sultão, acampado na praça, ficou boquiaberto ao ver-se, de repente, no meio de uma cidade bela, enorme e populosa.

A feiticeira, após realizar tão maravilhosa mágica, correu ao palácio das lágrimas, a fim de recolher o fruto do seu ato. ‘Meu caro amo!’ exclamou, entrando. ‘Venho regozijar-me contigo pela recuperação da tua saúde; fiz tudo quanto exigiste de mim. Levanta-te, pois, e dá-me a mão.’ ‘Aproxima-te’, pediu-lhe o sultão, imitando sempre a linguagem dos negros. Ela se aproximou. ‘Não é bastante, aproxima-te mais.’ A rainha obedeceu. Então, ele se levantou, e agarrou-a pelo braço tão repentinamente que ela não teve tempo de evitá-lo, e com um golpe de sabre cortou-lhe o corpo em dois pedaços, que caíram, um ao lado do outro. Feito isso, abandonou o cadáver, e saindo do palácio das lágrimas, foi ao encontro do rei das ilhas Negras, que o aguardava com impaciência. ‘Nobre’, disse-lhe, abraçando-o, ‘rejubilai-vos, já nada mais tendes que temer. A vossa cruel inimiga deixou de existir.’

O jovem nobre agradeceu ao amigo com o coração repleto de reconhecimento; e por ter-lhe prestado um serviço tão importante, desejou-lhe vida longa, com todo tipo de venturas. ‘Agora podeis viver tranquilamente na vossa capital, a menos que desejeis ir à minha, tão perto daqui; eu o receberei com prazer, e lá não sereis menos honrado e respeitado’, disse-lhe o sultão. ‘Poderoso monarca, a quem tanto devo, credes estar tão perto da vossa capital?’, perguntou o rei. ‘Sim’, disse o sultão, ‘creio,

não há mais que quatro ou cinco horas de caminho.’ ‘Há um ano inteiro’, respondeu o jovem rei. ‘Não duvido de que tenhais chegado aqui da vossa capital em tão pouco tempo, porque a minha estava encantada; mas, agora que já não está, as coisas mudaram muito. Isso não me impedirá, entretanto, de vos seguir, ainda que se tratasse de ir à extremidade da Terra. Sois o meu libertador, e para vos oferecer durante toda a vida as provas do meu reconhecimento, pretendo acompanhar-vos, e abandono sem tristeza o meu reino.’

O sultão ficou extraordinariamente surpreso em saber que tão longe se encontrava dos seus Estados, não compreendendo como podia ser aquilo. Mas o jovem rei das ilhas Negras o convenceu tão bem da possibilidade que suas dúvidas se dissiparam. ‘Não importa’, disse então, ‘a dificuldade de voltar aos meus Estados está suficientemente paga pela satisfação de vos haver auxiliado, e de haver em vós adquirido um filho, pois, já que me dais a honra de me acompanhar, e já que não tenho filhos, considero-vos tal, e vos nomeio, desde esse momento, meu herdeiro e sucessor.’

O encontro entre o sultão e o rei das ilhas Negras terminou com os mais ternos abraços, após o que o jovem só pensou nos preparativos da jornada, terminados em três semanas, com grande pesar da corte e dos súditos, que da sua mão receberam como rei um dos seus parentes mais próximos.

Finalmente, o sultão e o rei puseram-se a caminho com cem camelos carregados de inestimáveis riquezas, tiradas dos tesouros do jovem rei, seguidos por cinquenta cavaleiros perfeitamente montados e equipados. A jornada foi feliz; e quando o sultão, que mandara à frente mensageiros para anunciarem a causa do seu atraso e a aventura, chegou perto da capital, os oficiais que nela deixara correram-lhe ao encontro, assegurando-lhe que a sua longa ausência não acarretara mudança nenhuma no império. Os habitantes o receberam com grandes aclamações, e entregaram-se a festas que duraram vários dias.

No dia seguinte ao da chegada, o sultão contou pormenorizadamente aos cortesãos reunidos os fatos que, contra a sua expectativa, tanto haviam prolongado sua ausência. Declarou-lhes, em seguida, a adoção do rei das quatro ilhas Negras, o qual não vacilara em abandonar um grande reino para

acompanhá-lo e com ele viver. Finalmente, para reconhecer a fidelidade que todos eles lhe haviam demonstrado, distribuiu-lhes presentes de acordo com a categoria de cada um.

Quanto ao pescador, por ser a causa primeira da libertação do jovem príncipe, o sultão cumulou-o de bens, e tornou-o, com a família, felicíssimo pelo resto da vida.”

Sherazade terminou, assim, a história do pescador e do gênio. Dinazade garantiu-lhe que sentira enorme prazer em ouvi-la. E Shahriar manifestou-lhe o mesmo. Sherazade disse-lhe, então, que sabia outra mais linda, e que, se o sultão lhe permitisse viver, a narraria no dia seguinte. Shahriar, lembrando-se do adiamento de um mês que lhe havia concedido, e curioso também por saber se a nova história seria tão interessante, levantou-se com a intenção de a ouvir na noite seguinte.

28^a NOITE

Dinazade, seguindo seu costume, não se esqueceu de chamar a sultana quando chegou a hora. Sherazade, sem lhe responder, começou uma das suas belíssimas histórias:

A história dos três calândares, filhos de rei, e das cinco damas de Bagdá

— Senhor — disse, dirigindo-se ao sultão:

“No reinado do califa^[8] Harun al-Rashid, havia em Bagdá, onde ele residia, um carregador, que, apesar da sua humilde e penosa profissão, não deixava de ser homem de espírito e de bom humor. Um dia, estando, conforme o seu hábito, com um grande cesto, num lugar em que esperava que alguém precisasse do seu trabalho, uma jovem e formosa dama, coberta por um grande véu de musselina, aproximou-se e disse-lhe graciosamente: ‘Escuta, carregador, pega o teu cesto, e segue-me.’ O carregador, encantado com aquelas palavras proferidas tão agradavelmente, pegou imediatamente o cesto, colocou-o sobre a cabeça, e seguiu a dama, refletindo: ‘Ó dia feliz, ó dia de bom encontro!’

Pouco depois, a dama deteve-se diante de uma porta fechada e bateu. Um cristão venerável, de barba branca, abriu a porta, e ela pôs-lhe dinheiro entre as mãos, sem lhe dizer uma palavra. Mas o cristão, que sabia o que ela desejava, tornou a entrar, e alguns instantes depois, entregou-lhe uma grande jarra de excelente vinho. ‘Pega esta jarra’, disse a dama ao carregador, ‘e coloca-a no teu cesto.’ Feito isso, ordenou-lhe que a seguisse; e continuou a caminhar, enquanto o carregador mais uma vez dizia para si: ‘Ó dia de felicidade, ó dia de agradável surpresa e de alegria!’

A dama parou na casa de um vendedor de frutas e flores, onde escolheu várias maçãs, abricós, pêsegos, laranjas, limões, cidras, mirto, basílico, lírios, jasmims e outras variedades de flores e plantas de excelente aroma. Ordenou, depois, ao carregador que pusesse tudo aquilo no cesto e a seguisse. Passando diante de um açougue, mandou que lhe pesassem 25 libras da mais bela carne, o que também foi para o cesto do carregador. Em outra casa, escolheu alcaparras, estragão, pepinos, funchos e outras ervas, tudo com vinagre; em outra ainda, pistaches, nozes, avelãs, pinhões, amêndoas e outros frutos semelhantes; e, finalmente, em outra, comprou todo tipo de massas de amêndoa. O carregador, pondo tudo aquilo no cesto, e notando que ele ia

ficando cheio, disse-lhe: ‘Minha senhora, devíeis ter me avisado que iríeis comprar tantas provisões, porque eu teria trazido um cavalo, ou, antes, um camelo. Daqui a pouco o peso será superior às minhas forças.’ A dama riu-se, e novamente lhe ordenou que a seguisse.

Entrando num droguista, munuiu-se de todo tipo de aromas, cravos-da-índia, nozes-moscadas, pimenta, gengibre, de um grande pedaço de âmbar cinzento, e de várias outras especiarias da Índia, o que acabou de encher o cesto do carregador. Prosseguiram, então, e chegaram a uma belíssima mansão, de fachada ornada por esplêndidas colunas. Diante de uma porta de marfim, a dama bateu de leve...”

Nesse ponto, Sherazade notou que já era dia, e cessou de falar.

— Francamente, minha irmã — disse Dinazade —, eis um começo que desperta bastante curiosidade. Creio que o sultão não quererá privar-se do prazer de continuar a ouvi-la.

Efetivamente, Shahriar, longe de ordenar a morte da sultana, aguardou impientemente a noite seguinte, para saber o que se passaria na mansão de que ela havia falado.

29^A NOITE

Dinazade, despertando antes do amanhecer, dirigiu-se à sultana:

— Minha irmã, rogo-te que continues a história que começaste ontem.

E Sherazade imediatamente prosseguiu:

“Enquanto a jovem dama e o carregador aguardavam que lhes abrissem a porta, o carregador entregava-se a mil reflexões. Admirava-se de ver tão linda senhora fazer o papel de compradora de provisões, pois era fácil notar que não se tratava de uma escrava. Tinha ar demasiadamente nobre para não ser livre e pessoa de distinção. De muito boa vontade lhe houvera feito perguntas; mas, quando se preparava para falar-lhe, outra dama que abriu a porta lhe pareceu tão bela que se extasiou; ficou tão impressionado com aquele encanto que teve medo de deixar cair o cesto com tudo quanto havia dentro. Nunca vira beleza que se aproximasse da que lhe estava diante dos olhos.

A dama que o trouxera, percebendo o tumulto que lhe ia na alma, pôs-se a observar com tanto prazer seu procedimento que se esqueceu de que a porta se abrira afinal. ‘Entra, pois, minha irmã’, disse-lhe a formosa moradora. ‘Que esperas? Não vês que este pobre homem está tão carregado que já não aguenta mais?’

Quando a dama e o carregador entraram, a que abrira a porta fechou-a novamente; e os três, após terem atravessado um belo vestíbulo, passaram para um pátio espaçoso circundado por uma galeria que se comunicava com vários aposentos no mesmo nível, todos simplesmente magníficos. Havia no fundo do pátio um estrado ricamente guarnecido com um trono de âmbar no meio, sustentado por quatro colunas de ébano enriquecidas de diamantes e pérolas de extraordinária grandeza, e forrado de cetim vermelho admiravelmente bordado com ouro da Índia. No meio do pátio, estendia-se um grande tanque de mármore branco, cheio de água claríssima que nele caía abundantemente pela boca de um leão de bronze.

O carregador, apesar de todo o peso, não deixou de admirar a magnificência daquela casa, e a limpeza que por toda a parte reinava; mas o que lhe atraiu sobremaneira a atenção foi uma terceira dama que lhe pareceu ainda mais bela que a segunda, e que se encontrava sentada no trono. Ao ver as duas primeiras damas, desceu e foi-lhes ao encontro. O carregador notou logo, pelo respeito que as outras lhe tinham, que devia tratar-se da principal, no que não se enganava. A dama chamava-se Zobeida; a que abrira a porta, Safia; e Amina era o nome da que fora comprar as provisões.

Zobeida, aproximando-se das duas damas, disse-lhes: ‘Minhas irmãs, não estais vendo que esse bom homem sucumbe ao peso que carrega? Que esperais para dele o livrar?’ Amina e Safia, então, pegaram o cesto, uma pela frente, outra por trás. Zobeida ajudou-as, e as três o colocaram no chão. Em seguida, começaram a esvaziá-lo; e, quando acabaram, a agradável Amina pagou generosamente o carregador...”

O dia que acabava de nascer naquele instante impôs silêncio a Sherazade, e deixou não somente Dinazade, mas também Shahriar, com o grande desejo de ouvir a continuação.

30^A NOITE

No dia seguinte, Dinazade, despertada pela impaciência de ouvir o prosseguimento da história, disse à sultana:

— Em nome de Deus, minha irmã, rogo-te que nos contes o que fizeram as três belas damas com todas as provisões compradas por Amina!

— Vais sabê-lo — respondeu Sherazade —, se me escutares com atenção.

E tomando a palavra:

“O carregador, satisfeitíssimo com o dinheiro que lhe haviam dado, devia pegar o cesto e retirar-se; mas não conseguia tomar tal resolução. Sentia-se preso pelo prazer de ver três belezas tão raras, que lhe pareciam igualmente encantadoras, pois Amina também tirara o seu véu, e ele não a achava menos bela que as outras. O que não conseguia compreender era não ver nenhum homem naquela mansão. Contudo, a maior parte das provisões trazidas, como as frutas secas e os diferentes tipos de bolos e confeitados, não convinham propriamente senão a quem pretende beber e divertir-se.

Zobeida, a princípio, julgou que o carregador se demorava para recobrar o fôlego; mas vendo que se passava o tempo, perguntou-lhe: ‘Que esperas? Não te pagaram suficientemente? Minha irmã’, prosseguiu, dirigindo-se para Amina, ‘dá-lhe mais alguma coisa. Quero vê-lo ir-se contente.’ ‘Senhora, não é isso que me retém; já me pagaram, e bem, pelo trabalho’, respondeu o carregador. ‘Sei que cometi uma incivilidade, demorando-me mais que o necessário; mas espero que me perdoes, diante do meu assombro por não ver homem nenhum ao lado de mulheres de tão rara beleza. Um grupo de mulheres sem homens é coisa tão triste como um grupo de homens sem mulheres.’ A isto acrescentou outras palavras, até interessantes, para provar o que afirmava. Não se esqueceu de citar o que se dizia em Bagdá, isto é, só estarem bem à mesa quatro pessoas; e enfim, conclui que, visto serem elas apenas três, faltava a quarta.

As damas riram-se do seu raciocínio. E Zobeida disse-lhe com ar sério: ‘Meu amigo, levas um pouco longe demais a tua indiscrição; mas, embora não mereças que eu entre em pormenores, dir-te-ei sermos três irmãs que tão bem fazem as suas coisas, em segredo, que ninguém sabe de nada. Muito receamos revelar os nossos atos a gente indiscreta; e um bom autor que lemos diz: Guarda o teu segredo, não o reveles a ninguém. Quem o revela, já não mais é seu dono. Se o teu peito não consegue conter o teu segredo, como poderá contê-lo o peito daquele a quem o confias?’

‘Senhoras, somente pelo vosso aspecto vi que devíeis ser pessoas de raríssimos méritos, e estou percebendo que não me enganei’, disse o carregador. ‘Apesar de a sorte não me ter concedido bens suficientes para me elevar a uma profissão superior à minha, não deixei de cultivar meu espírito tanto quanto pude, pela leitura de livros de ciência e história; e permitireis dizer-vos que li também em outro autor uma máxima que sempre vi aplicada com felicidade: Só escondemos os nossos segredos de gente reconhecida por todos como indiscretas que abusariam da nossa confiança; mas os revelamos aos sábios, sem dificuldade, por estarmos persuadidos de que saberão guardá-los. Comigo estará o segredo tão seguro como se fora colocado num cofre cuja chave se perde.’

Zobeida percebeu logo que o carregador tinha espírito; mas, julgando que desejava participar do banquete que elas iam preparar, replicou-lhe sorrindo: ‘Sabes que nos preparamos para um festim; mas sabes ao mesmo tempo que fizemos uma despesa considerável, e não seria justo que, sem contribuir, dele participasses.’ A formosa Safia apoiou sua irmã. ‘Meu amigo’, disse ao carregador, ‘nunca ouviste dizer o que se diz comumente? Se trouxeres alguma coisa, serás alguma coisa conosco; se nada trouxeres, retirar-te-ás como vieste.’

O carregador, apesar de sua retórica, teria sido talvez obrigado a retirar-se confuso se Amina, tomando com empenho sua defesa, não tivesse dito a Zobeida e a Safia: ‘Minhas queridas irmãs, suplico-vos que permitais que este homem fique conosco. Não é preciso dizer-vos que saberá divertir-nos, porque estais vendo que é capaz. Asseguro-vos que sem sua boa vontade, sua ligeireza e sua coragem em me seguir, eu não teria logrado fazer tantas

compras em tão pouco tempo. Além disso, se vos repetisse todas as graças que me disse pelo caminho, vos surpreenderíeis bem pouco com a proteção que lhe concedo.’

Diante daquelas palavras, o carregador, num rompante de alegria, deixou-se cair sobre os joelhos, beijou o chão aos pés da encantadora criatura, e levantando-se, disse: ‘Minha amável senhora, começastes hoje a minha felicidade, e terminais com tão generoso ato. Não posso demonstrar-vos suficientemente o meu reconhecimento. Senhoras’, acrescentou, dirigindo-se às três irmãs ao mesmo tempo, ‘visto que me concedeis tão elevada honra, não julgueis que eu dela abuse e me considere homem que a merece. Não, ter-me-ei sempre na conta do mais humilde dos vossos escravos.’ Assim, quis devolver o dinheiro recebido; mas a grave Zobeida lhe ordenou que o guardasse. ‘O que uma vez nos sai das mãos para recompensar os que nos prestam um serviço, nunca mais a nós volta...’”

A aurora veio, nessa altura, impor silêncio a Sherazade. Dinazade, que a escutava com grande atenção, aborreceu-se, mas consolou-se, pois o sultão, curioso por saber o que se iria passar entre as três belas damas e o carregador, adiou a continuação da história para a noite seguinte, e levantou-se para cumprir suas obrigações diárias.

31^A NOITE

No dia seguinte, Dinazade suplicou à irmã que prosseguisse. Sherazade, tomando a palavra, dirigiu-se ao sultão:

— Senhor, com a vossa permissão, satisfarei a curiosidade de minha irmã.
— E continuou a história dos três calândares.^[9]

“Zobeida não quis, pois, aceitar o dinheiro do carregador. ‘Mas, meu amigo’, disse-lhe, ‘consentindo que fiques conosco, advirto-te de que não é apenas com a condição de que guardes para ti o segredo. Pretendemos ainda que observes exatamente as regras da boa educação e da honestidade.’ Enquanto falava, a encantadora Amina tirou o manto com o qual saíra, prendeu a saia à cintura para ter mais liberdade, e preparou a mesa, nela colocando vários tipos de pratos, e, sobre uma mesinha ao lado, garrafas de vinho e taças de ouro. Depois disso, as damas sentaram-se e mandaram que se sentasse também o carregador, satisfeito muito mais do que se pode imaginar por se ver à mesa com três criaturas de tão extraordinária beleza.

No início da refeição, Amina, que se havia colocado perto de uma mesinha lateral, pegou uma garrafa e uma taça, encheu-a e foi a primeira a beber, seguindo o costume árabe. Depois ofereceu-a às irmãs, que beberam uma após a outra; finalmente, enchendo-a pela quarta vez, apresentou-a ao carregador, o qual, recebendo-a, beijou a mão de Amina e cantou, antes de beber, uma canção onde dizia que assim como o vento traz o bom aroma dos lugares perfumados por onde passou, assim também aquele vinho, vindo de tão delicada mão, possuía um gosto mais delicioso que o natural. A canção alegrou as damas, que por sua vez cantaram. Finalmente, o grupo divertiu-se imensamente durante o longo banquete acompanhado de tudo quanto podia torná-lo mais agradável.

O dia estava para terminar quando Safia, tomando a palavra em nome das três damas, disse ao carregador: ‘Levanta-te e vai-te; está na hora de te retirares.’ O carregador, não conseguindo decidir-se a deixá-las, respondeu: ‘Ah, senhoras, aonde quereis que eu vá no estado em que me encontro?’

Estou fora de mim, de tanto vos ver e de tanto beber. Não poderia encontrar o caminho de casa. Dai-me a noite para que eu possa refazer-me; passá-la-ei onde quiserdes. Preciso de todo esse tempo para voltar às condições em que me encontrava quando aqui entrei, e, apesar de tudo, acho que aqui deixarei a melhor parte de mim mesmo.’

Amina, pela segunda vez, tomou o partido do carregador. ‘Minhas irmãs, esse homem tem razão. Quanto a mim, agradeço-lhe o pedido que nos fez. Já nos divertiu bastante, e se crerdes no que vos digo, ou antes se me amardes tanto quanto estou convencida, permitiremos que passe a noite conosco.’ ‘Minha irmã’, disse Zobeida, ‘não podemos recusar atenção ao teu pedido.’

‘Carregador’, continuou, dirigindo-se a ele, ‘concederemos mais este favor, mas com uma nova condição: apesar de tudo quanto nos vires fazer na tua presença, guarda-te de abrir a boca para nos indagar os motivos, pois, se fizeres perguntas em torno de coisas que te não devem absolutamente interessar, poderás ouvir o que não há de te agradar. Guarda-te, pois, e não procures ser demasiadamente curioso, querendo aprofundar as causas dos nossos atos.’

‘Senhora’, respondeu o carregador, ‘prometo-vos observar essa condição tão bem que não tereis oportunidade de me censurar, e menos ainda de punir a minha indiscrição. A minha língua ficará imóvel, e os meus olhos serão como um espelho que nada conserva dos objetos que nele se refletem.’

‘Para te mostrar’, continuou Zobeida muito gravemente, ‘que o que de ti exigimos não foi estabelecido recentemente por nós, levanta-te e vai ler o que está escrito por cima da nossa porta, do lado de dentro.’

O carregador para lá se dirigiu, e leu as seguintes palavras, escritas em grandes letras de ouro: ‘Quem fala de coisas que não lhe dizem respeito, ouve o que não lhe agrada.’ Voltou para as três irmãs: ‘Senhoras, juro-vos que não me ouvireis falar de coisas que não me dizem respeito, e em que vós, porventura, tendes interesse.’

Feito o acordo, Amina trouxe o jantar. E quando iluminou a sala com grande número de velas preparadas com madeira do aloés e âmbar cinzento, as quais difundiam um agradável aroma e uma bela iluminação, sentou-se à mesa com suas irmãs e o carregador. Todos recomeçaram a comer, beber,

cantar e declamar versos. As damas divertiam-se em embriagar o carregador, com o pretexto de o fazer beber à sua saúde. Os ditos jocosos não foram poupados. Finalmente, achavam-se todos dominados de imensa alegria, quando ouviram bater à porta...”

Sherazade foi obrigada, nesse ponto, a interromper a história, pois amanhecia. O sultão, não duvidando de que a continuação merecia ser ouvida, adiou-a para o dia seguinte, e levantou-se.

32^A NOITE

Ao fim da noite seguinte, disse Dinazade à sultana:

— Minha irmã, estou impaciente para saber quem bateu à porta.

— Você saberá — respondeu Sherazade —, e asseguro-te que o que eu vou contar não é indigno da atenção do meu amo.

“Quando as damas ouviram bater à porta, levantaram-se ao mesmo tempo para abrir; mas Safia, a quem pertencia na realidade aquela função, foi a mais esperta. As outras esperaram que ela lhes dissesse quem as procurava tão tarde. Safia respondeu: ‘Minhas irmãs, apresenta-se uma bela ocasião para passar boa parte da noite agradavelmente; e se fordes da minha opinião, não a deixaremos escapar. Há, à nossa porta, três calândares, pelo menos assim me parecem pelas suas vestes; mas o que há de vos surpreender, sem dúvida, é serem os três cegos do olho direito, e trazerem rapados os cabelos, a barba e as sobrancelhas. Dizem que acabam de chegar a Bagdá, onde nunca estiveram; e, como já é noite, e não sabem onde hospedar-se, bateram por acaso à nossa porta, e rogam-nos, pelo amor de Deus, que tenhamos a bondade de recebê-los. Não se preocupam com o lugar que queiramos oferecer-lhes, contanto que tenham um teto; contentar-se-ão até com uma cavaliariça. São jovens e formosos, parecem possuir bastante espírito, mas não posso deixar de rir-me quando penso na sua aparência original e interessante.’ Safia interrompeu-se e pôs a rir de tão boa vontade que as outras duas damas e o carregador não tiveram outro recurso senão imitá-la. ‘Minhas boas irmãs’, continuou Safia, ‘não quereis que os façamos entrar? É impossível que com gente como a que acabo de vos descrever não terminemos o dia melhor do que começamos. Nos divertirão, sem dúvida, e não nos pesarão, pois só nos pedem abrigo por uma noite, tendo a intenção de nos deixar mal desponte o dia.’

Zobeida e Amina opuseram-se a princípio ao pedido de Safia, a qual, muito embora soubesse a causa da recusa, tamanho interesse demonstrou em obter delas o favor, que não puderam negar-lhe. ‘Pois manda-os entrar’, disse

Zobeida. ‘Não te esqueças, porém, de os avisar de que não falem sobre o que não lhes diz respeito, e ordena-lhes que leiam o que está escrito por cima da porta.’ Àquelas palavras, Safia correu a abrir a porta, muito alegre, voltando pouco depois acompanhada dos três calândares.

Os três calândares fizeram profunda reverência às três damas, que se levantaram para os receber, dando-lhes as boas-vindas e afirmando sentirem-se honradas pela oportunidade de contribuir para refazê-los da fadiga da jornada. Enfim, convidaram-nos a sentar-se ao seu lado. A magnificência do lugar e a distinção das damas fizeram com que os calândares formassem ótima ideia de tão belas anfitriãs; mas, antes de se sentarem, olhando sem querer para o carregador e vendo-o vestido quase como outros calândares com os quais divergiam em vários pontos de disciplina, e que não rapavam barba nem sobrancelhas, murmurou um deles: ‘Eis aqui, provavelmente, um dos nossos irmãos árabes, os revoltados.’

O carregador, semiadormecido, com a cabeça esquentada pelo vinho que bebera, ofendeu-se com aquelas palavras, e, sem se levantar, respondeu aos calândares, fitando-os com orgulho: ‘Sentai-vos, e não vos intrometais naquilo que não vos diz respeito. Não lestes por cima da porta a inscrição? Não pretendais obrigar o mundo a viver como viveis, vivei antes como vive o mundo.’

‘Bom homem’, respondeu o calândar que havia falado, ‘não te encolerizes, que nós sentiríamos muito; estamos prontos a receber as tuas ordens.’ A disputa poderia ter tido suas consequências se as damas, intrometendo-se, não os houvessem pacificado.

Quando os calândares se sentaram, as damas serviram-nos, e a alegre Safia, particularmente, cuidou de lhes dar de beber...”

Sherazade calou-se a esta altura, por notar que já era dia. O sultão levantou-se para cumprir os seus deveres com o propósito, porém, de ouvir a continuação da história no dia seguinte, dominado pela curiosidade de saber por que eram cegos os calândares, e todos do mesmo olho.

33^A NOITE

Uma hora antes do dia, Sherazade continuou a história das damas e dos calândares:

“Depois de terem os calândares bebido e comido, disseram às damas que lhes daria grande prazer proporcionar-lhes um concerto, se elas possuísem instrumentos. As damas aceitaram a ideia com alegria. A bela Safia levantou-se para ir buscá-los e voltou pouco depois, apresentando-lhes uma flauta do país, uma flauta persa e um tamborim. Cada calândar recebeu das suas mãos o instrumento escolhido; e os três começaram a tocar. As damas que sabiam a letra da melodia, das mais alegres, acompanharam-nos; mas interrompiam de vez em quando com grandes explosões de riso provocadas pelas palavras. No auge daquele divertimento, e quando o grupo ria a valer, bateram à porta. Safia, calando-se, foi ver quem era.”

— Mas, senhor — disse Sherazade ao sultão, interrompendo a história —, convém que saibas por que se batia tão tarde à porta das damas. Eis a razão: “o califa Harun al-Rashid costumava perambular de noite, incógnito, para saber se havia tranquilidade nas ruas, e se não se cometiam desordens.

Naquela noite, ele saíra bem cedo, acompanhado por Djafar, seu grão-vizir, e Mesrur, chefe dos eunucos do seu palácio, os três disfarçados de mercadores. Passando pela rua das três damas, o príncipe, ouvindo o som dos instrumentos, das vozes e as explosões de riso, disse ao vizir: ‘Batei à porta dessa casa onde tanto barulho se faz, pois quero entrar e verificar pessoalmente qual é o motivo.’ Inutilmente lhe fez ver o vizir que se tratava de damas que ofereciam um festim, que o vinho lhes havia esquentado, sem dúvida, a cabeça, e que ele se exporia a receber um insulto, que não era hora indevida e que convinha não lhes perturbar o divertimento. ‘Não importa’, respondeu o califa, ‘batei, ordeno-vos.’

Fora, portanto, Djafar, o grão-vizir, quem havia batido à porta das damas por ordem do califa, que não desejava ser reconhecido. Safia abriu; e o vizir, notando à luz de uma vela que ela trazia que se tratava de dama de grande

beleza, representou perfeitamente bem o seu papel. Fazendo profunda reverência, disse-lhe respeitosamente: ‘Senhora, somos três mercadores de Mussul, chegados há dez dias, com ricas mercadorias que depositamos num khan,^[10] onde nos hospedamos. Estivemos hoje na casa de um mercador dessa cidade que nos convidou a visitá-lo. Ele nos ofereceu excelente refeição e, como o vinho nos deixara de bom humor, mandou chamar um bando de dançarinas. Já era noite, os músicos tocavam, as bailarinas dançavam e o grupo fazia enorme barulho, quando a ronda, passando por lá, ordenou que abrissem a porta. Alguns foram detidos. Quanto a nós, fomos bastante felizes e nos salvamos, saltando sobre um muro; mas’, acrescentou o vizir, ‘como somos estrangeiros e, além disso um pouco dominados pelo vinho, tememos encontrar outra patrulha, ou a mesma, antes de chegarmos ao nosso khan, bem longe daqui. E a ele chegaríamos até inutilmente, pois a porta está fechada, e só será aberta amanhã cedo, apesar de tudo quanto possa suceder. É por isso, senhora, que, tendo ouvido instrumentos e vozes, julgamos que nos seria permitido bater para vos suplicar abrigo até o amanhecer. Se vos parecermos dignos de participar do vosso divertimento, nos esforçaremos por contribuir como pudermos, a fim de recompensarmos a interrupção por nós causada; se não, concedei-nos pelo menos a graça de nos permitir passar a noite no vosso vestíbulo.’

Durante essas palavras de Djafar, a bela Safia teve tempo de examinar o vizir e as duas pessoas que ele dizia serem também mercadores; e julgando-os pelo seu aspecto de gente fora do comum, disse-lhe que não era a dona e que, se quisessem aguardar com paciência um instante, voltaria para trazer-lhes a resposta.

Safia contou tudo às irmãs, que deliberaram algum tempo sobre a medida que convinha tomar. Mas, sendo naturalmente bondosas, e já tendo concedido a mesma graça aos três calândares, resolveram deixar que entrassem.”

Sherazade preparava-se para continuar a sua história, mas percebendo que era dia, calou-se. A qualidade dos novos atores que ela acabava de introduzir na cena aguçou a curiosidade de Shahriar, que certo de que sucederiam coisas singulares, aguardou com impaciência a noite seguinte.

34^A NOITE

Dinazade, tão curiosa como o sultão em saber o prosseguimento da aventura, com a chegada do califa à casa das três damas, suplicou a Sherazade que retomasse o fio da história.

“O califa, o seu grão-vizir e o chefe dos eunucos, apresentados pela bela Safia, saudaram as damas e os calândares. As damas os acolheram como se fossem mercadores e Zobeida disse-lhes com o ar grave que tão bem lhe assentava: ‘Sede bem-vindos, mas, antes de mais nada, não protesteis se vos solicitarmos um favor.’ ‘Que favor, senhora?’, perguntou o vizir. ‘Pode-se recusar alguma coisa a damas tão lindas?’ ‘É terdes apenas olhos e não língua, não nos fazerdes perguntas sobre o que quer que vejais, para não ouvirdes o que vos não será agradável.’ ‘Sereis obedecida, senhora’, concordou o vizir. ‘Não somos censores, nem curiosos indiscretos; basta-nos cuidar do que nos compete, e não queremos nos intrometer naquilo que não nos diz respeito.’ Diante daquelas palavras, sentaram-se todos, começaram a conversar e houve brindes em honra dos recém-chegados.

Enquanto o vizir Djafar entretinha as damas, o califa não cessava de admirar sua extraordinária beleza, sua graça, seu bom humor e seu espírito. Por outro lado, nada lhe parecia mais surpreendente que os calândares, todos cegos do olho direito. De muito boa vontade teria indagado a causa daquilo; mas a condição que acabava de ser imposta a ele e aos seus companheiros lhe impedia de perguntar. Refletindo, porém, sobre a riqueza dos móveis, a decoração e a limpeza daquela casa, não podia persuadir-se de que não estava sendo vítima de algum encantamento.

Tendo a conversa enveredado pelos divertimentos e pelas diferentes maneiras de distração, os calândares levantaram-se e dançaram, o que acresceu a boa opinião já formada pelas damas, e lhes atraiu a admiração do califa e dos seus companheiros.

Quando os três calândares terminaram de dançar, Zobeida ergueu-se e, pegando Amina pela mão, disse-lhe: ‘Minha irmã, levanta-te. Os convidados

não protestarão por não nos constrangermos, e a presença deles não impedirá que façamos o que costumamos fazer.’ Amina, compreendendo o que sua irmã queria dizer, levantou-se e retirou os pratos, a mesa, os frascos, as taças e os instrumentos usados pelos calândares.

Safia não perdeu tempo. Varreu a sala, pôs no devido lugar tudo quanto fora deslocado, substituiu as velas por outras, após o que rogou aos três calândares que se sentassem sobre o sofá num dos cantos, e no outro o califa com os seus companheiros. Quanto ao carregador, disse-lhe: ‘Levanta-te e prepara-te a nos ajudar no que vamos fazer. Um homem como tu, que é como se fosse de casa, não pode ficar inativo.’

O carregador, que já havia digerido um pouco o seu vinho, levantou-se prontamente, e, depois de ter prendido a barra da veste à cintura, disse: ‘Eis-me pronto, do que se trata?’ ‘Assim vai bem’, respondeu Safia. ‘Espera que te falem; não ficarás muito tempo de braços cruzados.’ Pouco depois, apareceu Amina com uma cadeira que colocou no meio da sala. Em seguida, foi à porta do gabinete, e, abrindo-a, fez sinal ao carregador que se aproximasse. ‘Vem’, disse, ‘vem me ajudar.’ Ele obedeceu, e, entrando com ela, saiu um momento depois, seguido de duas cadelas negras, cada uma com uma coleira presa a uma corrente, e que pareciam ter sido chicoteadas. Com elas, avançou o carregador até o meio da sala.

Zobeida, então, que se havia sentado entre os calândares e o califa, levantou-se e caminhou até o ponto em que se encontrava o carregador. ‘Vamos’, disse, com um grande suspiro, ‘cumpramos o nosso dever!’ Arregaçou as mangas até o cotovelo, pegou um chicote que Safia lhe trouxera e disse ao carregador: ‘Entrega uma dessas cadelas a minha irmã Amina, e aproxima-te de mim com a outra.’

O carregador fez o que lhe ordenavam; quando chegou ao lado de Zobeida, a cadela que ele segurava começou a gemer, ao mesmo tempo que se voltava para Zobeida erguendo a cabeça como quem suplica. Mas Zobeida, sem a menor consideração pelo seu triste aspecto nem pelos seus gritos que enchiam toda a casa, lhe aplicou raivosas chicotadas; e, quando não lhe sobraram forças para mais, atirou ao chão o chicote. Depois, pegando a corrente da mão do carregador, ergueu a cadela pelas patas; e, pondo-se

ambas a olhar uma a outra com tristeza e comoção, choraram. Finalmente, Zobeida enxugou-lhe as lágrimas, beijou-a e, entregando a corrente ao carregador, ordenou-lhe: ‘Leva-a para o lugar donde a tiraste, e traze-me a outra.’

O carregador levou a cadela chicoteada para o gabinete, pegou a outra das mãos de Amina e foi apresentá-la a Zobeida, que a aguardava. ‘Segura-a como a primeira’, disse-lhe ela. E tornando a pegar o chicote, maltratou-a da mesma maneira. Em seguida, chorou com ela, enxugou-lhe as lágrimas, beijou-a e entregou-a novamente ao carregador, a quem a agradável Amina poupou o trabalho de levar ao gabinete, pois ela própria se encarregou de o fazer.

Os três calândares, o califa e os seus companheiros assistiram boquiabertos àquela cena. Não podiam compreender como Zobeida, após ter chicoteado com tanta força as duas cadelas, animais imundos segundo a religião muçulmana, chorasse em seguida com elas, lhes enxugasse as lágrimas e as beijasse. E começaram a murmurar entre si. O califa, sobretudo, mais impaciente que os outros, morria de desejo de saber a causa de um ato tão estranho, e não cessava de pedir, por gestos, ao vizir que procurasse se informar; mas o vizir voltava a cabeça para o outro lado; finalmente, respondendo aos gestos do califa, com outros gestos disse não ser ainda tempo de satisfazer a curiosidade.

Zobeida ficou algum tempo no mesmo lugar, no meio da sala, como se estivesse a refazer-se da fadiga de chicotear as duas cadelas. ‘Minha irmã’, disse-lhe a bela Safia, ‘não queres voltar ao teu lugar, para que eu, por minha vez, possa desempenhar o meu papel?’ ‘Sim’, respondeu Zobeida; assim, foi sentar-se sobre o sofá, tendo à direita o califa, Djafar e Mesrur, e à esquerda os três calândares e o carregador...”

— Senhor — disse a essa altura Sherazade —, o que acabais de ouvir deve, sem dúvida, parecer-vos maravilhoso; mas o que resta é muito mais, e estou convencida de que concordareis comigo na próxima noite, se me permitirdes completar a história.

O sultão consentiu, e levantou-se, porque já era dia.

35^A NOITE

Mal a sultana acordou, lembrou-se imediatamente do ponto da história em que se havia parado, e, continuando, assim disse ao sultão:

“Depois de haver Zobeida retomado seu lugar, todos se mantiveram em silêncio por algum tempo. Finalmente, Safia, que havia se sentado numa cadeira no meio da sala, disse a Amina: ‘Minha querida, levanta-te, por favor. Já sabes o que quero dizer.’ Amina levantou-se e foi a outro gabinete que não aquele para onde tinham sido levadas as duas cadelas, de onde voltou com um estojo guarnecido de cetim amarelo, ricamente bordado com ouro e seda verde. Aproximando-se de Safia, abriu o estojo, donde tirou um alaúde que lhe apresentou. Safia o pegou. Após alguns minutos, para afiná-lo, começou a tocar, e acompanhando com a voz, cantou os tormentos da ausência com tal arte que o califa e os outros ficaram encantados. Quando terminou, como havia cantado com muita paixão, disse a Amina: ‘Pega-o, minha irmã, que eu já não posso mais, a voz me falta. Canta para os convidados no meu lugar.’ ‘De muito boa vontade’, respondeu Amina, aproximando-se de Safia, que lhe colocou o alaúde entre as mãos e lhe cedeu o lugar.

Amina, depois de preludiar um pouco, a fim de ver se o instrumento estava afinado, tocou e cantou quase tanto tempo sobre o mesmo tema, mas com tamanha veemência e tão compenetrada do sentido das palavras que as forças lhe desapareceram ao terminar.

Zobeida a elogiou: ‘Minha irmã, fizeste maravilhas. Bem se vê que sentes o mal que tão vivamente exprimes.’ Amina não teve alento para responder; sentiu o coração tão oprimido naquele instante que só cuidou de se abanar, mostrando a todos um pescoço e um seio, não branco, como o devia ter uma dama da sua categoria, mas todo coberto de cicatrizes, o que causou verdadeiro horror aos espectadores. Contudo, aquilo não lhe proporcionou alívio, e não impediu que ela desmaiasse...”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, estou me esquecendo de que já é dia.

E se calou. O sultão, por sua vez, se levantou. Se já não houvesse decidido adiar a morte da sultana, não poderia ter mandado que a matassem naquele dia, tão curioso estava por saber o fim de uma história repleta de tantos eventos inesperados.

36^A NOITE

Dinazade, seguindo seu costume, suplicou à irmã que continuasse a história das damas e dos calândares. Sherazade tomou a palavra:

“Enquanto Zobeida e Safia corriam em auxílio da irmã, um dos calândares não pôde deixar de dizer: ‘Teríamos preferido dormir ao ar livre a entrarmos aqui, se tivéssemos imaginado ver tão terríveis cenas.’ O califa, ouvindo-o, aproximou-se dele e dos outros calândares, e perguntou-lhes: ‘O que significa tudo isso?’ O que acabara de falar lhe respondeu: ‘Senhor, como vós, também não o sabemos.’ ‘Como’, continuou o califa, ‘não pertenceis a esta casa? Nada nos podeis dizer sobre essas duas cadelas negras, a dama desmaiada e tão indignamente maltratada?’ ‘Ah, senhor’, responderam os calândares, ‘nunca estivemos antes nessa casa, e só entramos aqui poucos instantes antes que vós chegásseis!’

Aquelas palavras aumentaram o espanto do califa.

‘Talvez’, continuou, ‘este homem saiba de alguma coisa.’ Um dos calândares fez sinal ao carregador para que se aproximasse e perguntou-lhe se não sabia por que as cadelas negras tinham sido chicoteadas e porque o seio de Amina parecia estar ferido. ‘Senhor’, respondeu o carregador, ‘posso jurar por Deus que, se vós nada sabeis, eu também nada sei. É verdade que sou dessa cidade, mas nunca entrei nessa casa, a não ser hoje; e se vos surpreendeis por me ver aqui, menos não me surpreende achar-me na vossa companhia. O que redobra minha surpresa é não ter encontrado aqui nenhum homem com as damas.’

O califa, seus companheiros e os calândares tinham julgado que o carregador pertencesse à casa e pudesse explicar-lhes o que desejavam saber. O califa, resolvido a satisfazer sua curiosidade a qualquer preço, disse aos outros: ‘Escutai: já que somos sete homens e só temos pela frente três mulheres, obrigemo-las a dar-nos os esclarecimentos que desejamos. Se se recusarem, nós as forcemos.’

O grão-vizir Djafar opôs-se àquele plano e mostrou suas consequências ao califa, sem todavia diminuí-lo perante os calândares. E, dirigindo-lhe a palavra, como se fora um simples mercador, disse: ‘Senhor, lembrai-vos de que precisamos manter nossa reputação. Sabeis em que condições essas damas nos receberam; sabeis que nós as aceitamos. Que diriam, se não as respeitássemos? Seríamos ainda mais censuráveis se nos sucedesse alguma desgraça. Não é de crer que tenham exigido de nós tal promessa sem estarem em condições de fazer com que nos arrependamos por não respeitá-la.’

Àquela altura, o vizir, afastando-se um pouco com o califa, disse-lhe baixinho: ‘Senhor, a noite não durará muito. Tende paciência. Amanhã cedo virei buscar essas damas, as levarei à vossa presença, e sabereis delas tudo quando desejais.’ Embora aquele fosse um excelente conselho, o califa o rejeitou, impôs silêncio ao vizir, dizendo-lhe não ser capaz de aguardar tanto tempo e pretender obter naquele mesmo instante os esclarecimentos desejados.

Só restava saber quem falaria. O califa tentou fazer com que os calândares falassem, mas eles se negaram. Por fim, concordaram todos em indicar o carregador. Preparava-se este a fazer a pergunta fatal quando Zobeida, após ter socorrido Amina, que havia recobrado os sentidos, se aproximou deles. Como os ouvira falar alto e com ardor, perguntou-lhes: ‘Senhores, de que falais? Qual é a vossa disputa?’

O carregador tomou a palavra: ‘Senhora, suplicam-vos esses senhores que lhes expliqueis por que, após terdes maltratado vossas duas cadelas, chorastes com elas, e porque tem o seio coberto de cicatrizes a dama que desmaiou.’

Àquelas palavras, Zobeida elevou-se em toda sua estatura, orgulhosamente e, voltando-se para o califa, seus companheiros e os calândares, perguntou-lhes: ‘É verdade que o encarregastes de me fazer tal pergunta?’ Todos concordaram, exceto o vizir, que não proferiu palavra. Diante daquela confissão, disse-lhes, num tom que denotava toda a ofensa que lhe haviam feito: ‘Antes de vos conceder a graça de vos receber, a fim de prevenir toda causa de descontentamento, porque vivemos sozinhas, impusemo-vos a condição de não falardes do que vos desagradaria. Após vos termos recebido, após vos termos oferecido o que de melhor possuía-

mos, não deixais de faltar à vossa palavra. É verdade que tal sucede pela nossa generosidade, mas isso não vos serve de desculpa e o vosso procedimento não é honesto.' Terminando tais palavras, bateu fortemente com os pés e as mãos por três vezes, e gritou: 'Vinde, depressa!' Imediatamente abriu-se uma porta, e sete escravos negros, poderosos, entraram de sabre na mão, apoderaram-se cada um de um dos sete homens do grupo, atiraram-nos por terra, arrastaram-nos para o meio da sala e prepararam-se para lhes cortar a cabeça.

É fácil imaginar o terror do califa. Ele se arrependeu, então, mas demasiadamente tarde, de não ter querido seguir o conselho do vizir. Entretanto, o desventurado, Djafar, Mesrur, o carregador e os calândares estavam prestes a pagar com a vida uma curiosidade indiscreta; mas, antes de receberem o golpe mortal, um dos escravos disse a Zobeida e a suas irmãs: 'Grandes, poderosas e respeitáveis senhoras, ordenais que lhes cortemos a cabeça?' 'Esperai', respondeu Zobeida. 'Convém que os interroguem.' 'Senhora', bradou o carregador, aterrorizado. 'Em nome de Deus, não me façais morrer por crime alheio. Sou inocente! Eles é que são culpados! Ai de mim, nós estávamos passando o tempo tão agradavelmente! Esses calândares zarolhos é que são a causa da desgraça! Não há cidade que não tombe em ruínas diante de gente de tão mau agouro. Senhora, eu vos suplico não confundir o primeiro com o último; lembrai-vos de que é mais belo perdoar a um miserável como eu, desprovido de tudo, do que o esmagar com o vosso poder e o sacrificar ao vosso ressentimento.'

Zobeida, apesar da cólera, não pôde deixar de rir dos lamentos do carregador. Mas, sem se deter nele, dirigiu a palavra aos outros pela segunda vez: 'Respondei-me, dizei-me quem sois; de outro modo, vivereis mais um momento apenas. Não posso crer que sejais gente honesta nem pessoas de autoridade ou de distinção no nosso país, seja ele qual for. Se o fôsseis, teríeis tido mais consideração para conosco.'

O califa, impaciente por natureza, sofria muito mais que os outros por ver que sua vida dependia da ordem de uma mulher ofendida e justamente irritada; mas começou a conceber alguma esperança quando viu que ela desejava saber quem eram eles, pois imaginou logo que o não faria morrer

quando soubesse qual era a sua posição. Por conseguinte, ordenou baixinho ao vizir que declarasse prontamente quem era. Mas o vizir, prudente e sábio, desejando salvar a honra de seu senhor, e não querendo tornar pública a grande afronta que ele próprio atraía, respondeu: ‘Nada mais recebemos senão o que merecemos.’ Quando, porém, para obedecer ao califa, quis falar, Zobeida não lhe deu tempo. Já se havia dirigido aos calândares, e, vendo-os todos zarolhos, perguntou-lhes se eram irmãos. Um deles respondeu pelos outros: ‘Não, senhora, não somos irmãos pelo sangue, somos apenas pela qualidade de calândares, isto é, por observarmos o mesmo estilo de vida.’ ‘Vós’, disse ela, dirigindo-se a um deles, ‘sois zarolho de nascença?’ ‘Não, senhora’, respondeu o calândar, ‘sou por uma aventura tão surpreendente que não há quem dela não se aproveitasse se fosse escrita. Após a desgraça, rapei a barba e as sobrancelhas, e fiz-me calândar, tomando o hábito que uso.’

Zobeida perguntou a mesma coisa aos outros dois calândares, que lhe deram a mesma resposta. Mas o último acrescentou: ‘Para vos demonstrar, senhora, que não somos pessoas comuns, e para que tenhais por nós alguma consideração, sabei que somos todos três filhos de reis. Ainda que não tenhamos nos visto antes, tivemos todavia tempo de nos dar a conhecer um ao outro, e ousou assegurar-vos que os reis dos quais descendemos foram famosos no mundo.’

Àquelas palavras, Zobeida moderou seu rancor, e disse aos escravos: ‘Dai-lhe um pouco de liberdade, mas ficai aqui. Aos que nos contarem sua história e o motivo que os trouxe a esta casa não fareis mal, e deixá-los-ei ir em paz; mas não poupeis os que se recusarem a dar-nos tal satisfação...’

Sherazade se calou. E o seu silêncio, assim como o dia que despontava, deram a conhecer a Shahriar que estava na hora de ele se levantar, o que ele fez, propondo-se, todavia, a ouvir, no dia seguinte, a continuação que lhe diria quem eram os três calândares zarolhos.

37^A NOITE

A sultana, vendo que a irmã encontrava sempre grande prazer nas suas histórias, continuou o interessante conto dos calândares, após ter solicitado permissão a Shahriar.

“Senhor, os três calândares, o califa, o grão-vizir Djafar, o eunuco Mesrur e o carregador estavam todos no meio da sala, sentados sobre o tapete na presença das três damas, que se encontravam no sofá, e dos escravos prontos a executar as ordens.

O carregador, compreendendo que bastava contar sua história para se livrar de tão grande perigo, disse: ‘Senhora, já sabeis o motivo que me trouxe aqui. Assim, o que tenho para vos contar é pouco. A senhora vossa irmã contratou-me essa manhã na praça, onde, na qualidade de carregador, esperava que alguém se valesse dos meus préstimos e me fizesse ganhar a vida. Segui-a a um mercador de vinhos, a um vendedor de ervas, a um vendedor de laranjas, limões e cidras, a um vendedor de amêndoas, nozes e outros frutos; depois, a um confeitiro e a um droguista; do droguista, com o cesto bem-carregado sobre a cabeça, vim para cá, onde tivestes a bondade de me suportar até agora. É um favor do qual me lembrarei eternamente. Eis a minha história.’

Quando o carregador terminou, Zobeida, satisfeita, disse-lhe: ‘Vai-te, e que nunca mais te vejamos.’ ‘Senhora’, disse o carregador, ‘suplico-vos permissão para ficar mais um pouco. Não seria justo, após ter dado aos outros o prazer de ouvir minha história, que eu não tivesse o prazer de ouvir a deles.’ Assim sentou-se num canto do sofá, muito alegre por se ver livre de um perigo que tanto o havia alarmado. Depois dele, um dos três calândares, dirigindo-se a Zobeida, por ser a mais ilustre das três damas e a que lhe havia ordenado falar, começou sua história:

A história do primeiro calândar, filho de rei

‘Senhora, para vos explicar como perdi meu olho direito, e o motivo que me obrigou a tomar o hábito de calândar, dir-lhe-ei que nasci filho de rei. O rei, meu pai, tinha um irmão que governava um país vizinho. Esse irmão tinha dois filhos, um príncipe e uma princesa. O príncipe e eu éramos aproximadamente da mesma idade.

Quando completei todos os meus exercícios, e o rei, meu pai, me concedeu liberdade, ia regularmente todo ano visitar o rei meu tio, demorando-me na sua corte um ou dois meses, após o que voltava para o lado de meu pai. Aquelas jornadas proporcionaram a ocasião para que meu primo e eu estreitássemos amizade. A última vez que o vi, recebeu-me com as maiores demonstrações de ternura; e querendo um dia me oferecer um banquete, fez preparativos extraordinários. Por longo tempo, ficamos à mesa; e, após termos comido bem, ele me disse: Meu primo, jamais adivinharias em que me ocupei desde a tua última viagem. Há um ano, depois da tua partida, empreguei grande número de obreiros numa obra. Mande construir um edifício que está pronto, podendo ser habitado. Não te aborrecerás em vê-lo. Mas é preciso, antes, que me jures guardar segredo e fidelidade, são duas coisas que exijo de ti.

A amizade e a familiaridade existentes entre nós não me permitiam recusar-me a tal; sem hesitar, pois, jurei como ele desejava. Disse-me, então: Espera-me aqui, demorarei um instante apenas. Com efeito, não tardou em voltar; vi-o entrar com uma dama de beleza singular, magnificamente trajada. Não me disse quem era, e eu não julguei necessário fazer perguntas. Pusemo-nos novamente à mesa com a dama e nos demoramos mais algum tempo, entretendo-nos em diversas coisas e bebendo à saúde de um e de outro. Depois daquilo, disse-me o príncipe: Meu primo, não temos tempo a perder; leva contigo esta dama, por obséquio, a um lugar onde verás um túmulo com cúpula, recentemente construído. Reconhecê-lo-ás facilmente; a porta está aberta; entra com ela e espera-me, que não me demorarei.

Fiel ao meu juramento, nada perguntei. Apresentei a mão à dama; e, por meio das explicações dadas por meu primo, levei-a felizmente, ao luar, sem me perder. Mal chegamos ao túmulo, vimos surgir o príncipe, que nos seguia, carregando uma jarra cheia de água, uma picareta e um saquinho com argamassa.

A picareta serviu-lhe para demolir o sepulcro vazio posto no meio do túmulo; tirando as pedras uma após a outra, dispô-las num canto. Quando acabou de tirá-las, cavou a terra, e vi sob o sepulcro um alçapão. Ele o levantou e, por baixo percebi a extremidade de uma escada em forma de caracol. Meu primo, então, dirigindo-se à dama, disse-lhe: Senhora, eis por onde se vai ao lugar de que vos falei. A dama se aproximou e desceu, seguida pelo príncipe, o qual, voltando-se antes para o meu lado, assim respondeu: Meu primo, sou-te infinitamente grato pelo trabalho que tiveste. Adeus. Meu caro primo, perguntei, que significa isso? Basta-te o que viste, respondeu-me. Podes retomar o caminho por onde vieste.”

O amanhecer impediu que Sherazade continuasse sua história. O sultão se levantou, ansioso por saber o fim do príncipe e da dama, que pareciam querer enterrar-se vivos, mas aguardou pacientemente a noite seguinte.

38^A NOITE

Shahriar disse à sultana que ouviria com prazer a continuação da história do primeiro calândar, ao que ela prosseguiu:

“‘Senhora’, continuou o calândar, sempre falando a Zobeida, ‘não consegui saber nada mais do príncipe, meu primo, e fui obrigado a despedir-me dele. Voltando ao palácio do rei, os vapores do vinho subiram-me à cabeça. Não deixei, contudo, de rumar para os meus aposentos e deitar-me. No dia seguinte, ao acordar, refletindo sobre o que me havia sucedido durante a noite, e relembrando todas as circunstâncias de tão singular aventura, pareceu-me ter vivido um sonho. Imediatamente mandei ver se o príncipe podia me receber. Mas quando me informaram que ele não havia se deitado, que ninguém sabia por onde andava e que todos estavam preocupados, percebi que o estranho fato do tumulto nada mais era do que a simples verdade. Triste e evitando a todos, dirigi-me em segredo ao cemitério público, onde havia uma infinidade de túmulos semelhantes ao que eu vira. Passei o dia a examiná-los, mas não consegui descobrir aquele que eu procurava; durante quatro dias, procurei inutilmente.

É preciso saber que, durante aquele tempo, meu tio estivera ausente. Havia vários dias que andava caçando. Aborreci-me de esperá-lo; e, após haver rogado aos seus ministros que lhe apresentassem as minhas excusas, saí do seu palácio para voltar à corte de meu pai, de onde, por costume, nunca me ausentava por longo tempo. Deixei os ministros do meu tio aflitos por saberem o que acontecera com o príncipe, meu primo. Mas, para não violar o segredo que me fora confiado, não ousei tirá-los da inquietação, e nada lhes comuniquéi.

Cheguei à capital onde residia meu pai, e, contra o costume, encontrei à porta do seu palácio uma grande guarda, que me rodeou quando entrei. Perguntei o motivo, e o oficial, me respondeu: Príncipe, o Exército aclamou o grão-vizir no lugar de vosso pai que já não existe, e eu vos prendo por ordem do novo rei. Àquelas palavras os guardas se apoderaram de mim e me

conduziram à presença do tirano. Imaginai, senhora, a minha surpresa e a minha dor!

O vizir concebera violento ódio por mim, alimentado havia muito. Eis a causa: desde a minha mais tenra juventude, eu gostava de me exercitar no manejo dos cavalos; um dia, no terraço superior do palácio, divertia-me em atirar, quando apareceu diante de mim um pássaro. Fiz pontaria, mas não acertei, e a flecha, por desgraça, batendo em cheio contra o olho do vizir, que descansava no terraço da sua casa, vazou-o. Quando soube do acontecido, apresentei imediatamente minhas desculpas ao vizir, mas ele não deixou de conservar vivo ressentimento demonstrado em todas as ocasiões, e que explodiu barbaramente ao ver-me em seu poder. Mal me reconheceu, veio ao meu encontro como verdadeira fúria, e enfiando os dedos no meu olho direito, arrancou-o. É por isso que sou zarolho.

Mas o usurpador não se satisfez com tamanha crueldade. Mandou que me encerrassem num caixão e me levassem para bem longe do palácio, abandonando-me às aves de rapina, após me cortarem a cabeça. O algoz, acompanhado de outro homem, montou a cavalo, carregando o caixão, e deteve-se no campo para cumprir a ordem recebida. Mas os meus rogos e as minhas lágrimas provocaram sua compaixão. Ide, disse-me, saí imediatamente do reino, e cuidai de aqui não voltar, pois vos perderíeis a vós e a mim. Agradei-lhe a graça concedida e, mal me vi sozinho, consolei-me por ter perdido o olho, pensando no mal muito maior que havia conseguido evitar.

No estado em que eu me encontrava, não conseguia andar muito. Retirava-me para lugares isolados durante o dia e caminhava de noite, tanto quanto me permitiam as forças de que dispunha. Cheguei, enfim, aos Estados do rei meu tio, e rumei para a capital.

Contei-lhe pormenorizadamente a causa trágica da minha volta e do triste estado em que ele me via. Ai, exclamou meu tio, já não me bastava ter perdido meu filho? Era preciso ainda saber da morte de um irmão tão querido e ver-te em tão deploráveis condições? Contou-me da inquietação em que vivia por não ter recebido notícias de seu filho, apesar de todas as buscas, apesar de todos os esforços. O infeliz chorava ao me falar e pareceu-me tão aflito que não pude resistir à sua dor. Apesar do juramento feito ao

príncipe, meu primo, foi-me impossível mantê-lo. contei a meu tio tudo o que sabia. O rei me ouviu com uma espécie de consolo, e, quando terminei, disse-me: Meu sobrinho, o que acabas de me contar desperta em mim esperança. Soube que meu filho havia mandado construir esse túmulo, e também sei mais ou menos em que lugar. Com a ideia que dele te ficou, haveremos de descobri-lo. Mas, como ele o fez construir às ocultas, e de ti exigiu o segredo, sou da opinião de que só tu e eu devemos procurá-lo, a fim de evitar rumores.

Tinha outra razão, que não me disse, por querer ocultar o conhecimento a todos. Era uma razão importantíssima, como demonstrará minha história.

Disfarçamo-nos e saímos por uma porta do jardim que se abria para o campo. Tivemos bastante sorte e encontramos bem cedo o que buscávamos. Reconheci o túmulo, e a minha alegria foi maior pelo longo tempo durante o qual o havia inutilmente procurado. Entramos e vimos o alçapão de ferro caído sobre a entrada da escadaria. Custou-nos muito levantá-lo, porque o príncipe o havia, por dentro, colado com a argamassa e água de que já falei. Finalmente, conseguimos.

Meu tio desceu primeiro. Eu o segui e contamos cerca de cinquenta degraus. Quando chegamos ao fim, vimo-nos numa espécie de antecâmara repleta de espessa fumaça, mau odor e com a luz obscurecida de um belíssimo lustre.

Da antecâmara passamos a um aposento bem grande, sustentado por grossas colunas, e iluminado por vários outros lustres. Havia no meio uma cisterna, e num dos lados várias provisões. Surpreendeu-nos a ausência de pessoas. Vimos na nossa frente um sofá bastante alto, a que se tinha acesso por alguns degraus, e sobre o qual aparecia um amplo leito de cortinas cerradas. O rei, subindo e abrindo as cortinas, descobriu o príncipe seu filho e a dama deitados, mas totalmente carbonizados como se tivessem sido lançados às chamas e retirados antes de ser totalmente aniquilados.

O que mais me espantou foi que, diante daquela cena que causava horror, o rei, meu tio, em lugar de se desesperar por ver o filho em tão medonho estado, cuspiu-lhe no rosto e gritou-lhe com indignação: Eis o castigo desse mundo; o do outro durará eternamente! Não se contentou em proferir tais

palavras; descalçando-se, deu com a sua sandália violenta pancada na face do filho.”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, já é dia; sinto muito não terdes tempo para ouvir-me ainda.

Como a história do primeiro calândar não havia ainda terminado, e parecia bem estranha, o sultão levantou-se, resolvido a ouvir o fim da história na noite seguinte.

39^A NOITE

Notando a sultana que sua irmã morria de impaciência para saber o fim da história do primeiro calândar, disse-lhe:

“Pois bem, o primeiro calândar continuou sua história. Dirigindo-se a Zobeida, ele disse:

‘Não posso expressar-vos, senhora, o meu assombro quando vi meu tio maltratar daquela maneira o filho morto. Senhor, disse-lhe, por maior que seja a minha dor diante de tão horroroso espetáculo, interrompo-a para perguntar-vos que crime cometeu meu primo, para merecer que assim lhe trateis o cadáver. Meu sobrinho, respondeu-me o rei, dir-te-ei que meu filho, indigno de tal nome, amou sua irmã desde os primeiros anos, e por ela foi correspondido. Não me opus à amizade entre eles, por não prever o mal que disso ocorreria.

Quem poderia prevê-lo? A ternura aumentou com os anos e atingiu um ponto que me impressionou. Tomei então as medidas que de mim dependiam. Não me contentei em chamar meu filho e repreendê-lo severamente, apresentando-lhe todo o horror da paixão na qual ele mergulhava e a vergonha eterna com a qual cobriria minha família se persistisse em tão criminosos sentimentos; fiz ver o mesmo a minha filha e encerrei-a de modo que nunca mais visse o irmão. Mas a infeliz havia sorvido o veneno, e os obstáculos antepostos por mim só serviram para irritá-la. Meu filho, persuadido de que sua irmã continuava a ser a mesma para ele, sob pretexto de construir um túmulo, mandou preparar essa habitação subterrânea, esperando achar um dia a ocasião de raptar o objeto do seu ardor, e aqui trazê-lo. Valeu-se da minha ausência para invadir o esconderijo de sua irmã, fato que a minha honra não me permitiu tornar conhecido. Após tão condenável ato, fechou-se com ela nesse lugar repleto, como vês, de toda espécie de provisões, para poder gozar longamente dos seus detestáveis amores, que só podem causar horror a todos. Mas Deus não permitiu tal abominação, e castigou-os.

E chorou amarguradamente, no que eu o acompanhei. Depois, voltando-se para mim, disse-me: Mas, meu caro sobrinho, se perdi um filho indigno, encontrei felizmente em ti um substituto valioso.

Suas reflexões sobre o triste fim do príncipe e da princesa nos arrancaram novas lágrimas. Tornamos a subir a mesma escadaria, e saímos de tão funesto antro. Abaixamos o alçapão de ferro e cobrimo-lo de terra e materiais de que fora construído o sepulcro, para ocultar, da melhor maneira possível, tão terrível efeito da cólera de Deus.

Não fazia muito que voltáramos para o palácio, sem que ninguém houvesse notado a nossa ausência, quando ouvimos um ruído confuso de cornetas, timbales, tambores e outros instrumentos de guerra. Uma espessa poeira que obscurecia o ar nos mostrou imediatamente de que se tratava, e nos anunciou a chegada de formidável exército. O mesmo vizir que destronara meu pai e usurpara seus Estados vinha apoderar-se também do reino do meu tio.

Meu tio, que naquela ocasião só dispunha da sua guarda pessoal, não pôde resistir a tantos inimigos. Estes marcharam contra a cidade, e como as portas lhe foram abertas sem resistência, pouco trabalho tiveram para dela se apoderar e chegar ao palácio do rei, que se preparou, mas foi morto, após vender caramente a vida. Por minha vez, combati durante algum tempo. Vendo, porém, que era preciso ceder à força, cuidei de me retirar, e tive sorte de me salvar, dirigindo-me a um oficial do rei, cuja fidelidade eu bem conhecia.

Aniquilado pela dor, perseguido pela sorte adversa, recorri a um stratagem, o único meio que me restava para conservar a vida. Rapei a barba e as sobrancelhas; e, tomando o hábito de calândar, saí da cidade sem que me reconhecessem. Depois, foi fácil me afastar do reino de meu tio por caminhos isolados. Evitei passar pelas cidades, até que, chegando ao império do poderoso comendador dos crentes,^[11] o glorioso e famoso califa Harun al-Rashid, deixei de ter medo. Resolvi, então, vir a Bagdá lançar-me aos pés do grande monarca, cuja generosidade todos elogiam. Comovê-lo-ei, pensei, contando-lhe minha surpreendente história; ele terá piedade, sem dúvida, de um príncipe infeliz, e eu não implorarei em vão o seu auxílio.

Finalmente, após uma jornada de vários meses, cheguei hoje à porta dessa cidade, na qual entrei pelo fim do dia; e, enquanto me detinha um pouco para me refazer e decidir para onde iria, este outro calândar me saudou, no que o retribuí: Pelo vosso aspecto, disse-lhe, sois estrangeiro como eu. Respondeu-me que não me enganava. Naquele instante, sobreveio o terceiro calândar, que, saudando-nos, nos explicou ser também estrangeiro e recém-chegado a Bagdá. Reunimo-nos como irmãos e resolvemos não nos separar.

Já era tarde, porém, e não sabíamos onde iríamos pousar numa cidade para nós inteiramente desconhecida. Mas, tendo-nos a boa sorte conduzido à vossa porta, batemos; vós nos recebestes com tal bondade que jamais vos poderemos agradecer o bastante. Eis, senhora, o que me ordenastes que eu vos contasse, eis por que perdi meu olho direito, por que trago barba e sobancelhas rapadas, e por que estou nesse momento diante de vós.

‘Basta’, disse Zobeida, ‘estamos satisfeitas. Ide-vos para onde quiserdes.’ O calândar rogou-lhe permissão para ficar, a fim de ouvir a história dos seus dois companheiros, que ele não podia abandonar, e a das três outras pessoas do grupo.”

— Senhor — disse Sherazade —, o dia me impede de passar à história do segundo calândar, mas se quiserdes ouvi-la amanhã, haveis de achá-la tão interessante quanto a primeira, ou talvez mais.

O sultão consentiu e levantou-se para presidir o conselho.

40^A NOITE

Dinazade, não duvidando absolutamente de que apreciaria a história do segundo calândar tanto quanto a do primeiro, não deixou de acordar a sultana antes do amanhecer, rogando-lhe que iniciasse o conto prometido. Sherazade dirigiu-se imediatamente ao sultão:

“A história do primeiro calândar pareceu estranha a todos, e particularmente ao califa. A presença dos escravos que empunhavam os sabres não o impediu de dizer baixinho ao vizir: ‘Desde que me conheço, ouvi numerosas histórias, mas nada que se aproximasse da do calândar.’ Enquanto falava, o segundo calândar começou a falar, dirigindo-se a Zobeida:

A história do segundo calândar, filho de rei

‘Senhora, obedecendo à vossa ordem, vou contar-vos por que estranha aventura fiquei cego do olho direito.

Mal havia eu saído da infância, quando o rei (pois haveis de saber, senhora, que nasci príncipe), notando em mim grande inteligência, nada poupou para a cultivar. Proporcionou-me a companhia de todos os que nos seus Estados se sobressaíam nas ciências e nas belas-artes. Assim que aprendi a ler e a escrever, decorei o Alcorão inteiro, esse admirável livro que contém o fundamento, os preceitos e as regras da nossa religião. E para me instruir mais, li as obras dos mais conhecidos autores que o esclareceram com seus comentários. Acrescentei a essa leitura o conhecimento de todas as tradições orais do nosso profeta pelos grandes homens, seus contemporâneos. Não me contentei em não ignorar nada do que diz respeito à nossa religião; fiz um estudo especial das nossas histórias, aperfeiçoei-me nas belas-letras, na leitura dos nossos poetas, na versificação. Dediquei-me à geografia, à cronologia e a falar corretamente a nossa língua, sem todavia negligenciar nenhum dos exercícios que convêm a um príncipe. Mas o que mais me agradava, e onde lograva melhor êxito, era formar os caracteres da língua árabe. Foram tais os meus progressos que ultrapassei todos os mestres do nosso reino, inclusive os mais afamados.

A fama deu-me honra maior do que a que eu merecia. Não se limitou a espalhar meus talentos pelos Estados do rei, meu pai, levou-os à corte da Índia, cujo poderoso monarca, curioso por me ver, mandou um embaixador com ricos presentes convidar-me; meu pai rejubilou-se com aquilo, por vários motivos. Estava convencido de que nada convinha melhor a um príncipe da minha idade que viajar pelas cortes estrangeiras; por outro lado, sentia-se satisfeito por atrair a amizade do sultão da Índia. Parti, pois, com o embaixador, mas com séquito pequeno, em virtude da distância e da dificuldade do caminho.

Havia um mês que estávamos a caminho, quando percebemos de longe uma grossa nuvem de poeira, sob a qual vimos em pouco tempo aparecer

cinquenta cavaleiros bem-armados, ladrões que galopavam contra nós.”

Sherazade, a essa altura, notou que estava amanhecendo e advertiu o sultão, que se levantou. Mas desejoso de saber o que se passaria entre os cinquenta cavaleiros e o embaixador da Índia, Shahriar aguardou impientemente a noite seguinte.

41^A NOITE

Já era quase dia quando Sherazade continuou a história do segundo calândar.

“‘Senhora’, prosseguiu o calândar, dirigindo-se sempre a Zobeida, ‘como tínhamos dez cavalos carregados da nossa bagagem e dos presentes que eu devia oferecer ao sultão da Índia, da parte do rei, meu pai, e como levávamos séquito pequeno, bem podeis imaginar que os ladrões não deixaram de correr ousadamente ao nosso encontro. Não estando em condições de repelir a força pela força, dissemos-lhes que éramos embaixadores do sultão da Índia, e que esperávamos que nada fizessem contra o respeito que lhe deviam. Julgamos, portanto, salvar os nossos haveres e a nossa vida; mas os ladrões nos responderam insolentemente: Por que quereis que respeitemos o sultão, vosso amo? Não somos seus súditos, nem estamos nas suas terras. Assim nos cercaram e nos atacaram.

Defendi-me enquanto pude; mas, sentindo-me ferido e vendo que o embaixador, seus homens e os meus haviam sido todos lançados por terra, vali-me de resto das forças do meu cavalo, também bastante ferido, e afastei-me. Guiei o animal enquanto ele me aguentou; de repente, vi-o ceder à fraqueza e cair morto de cansaço e esvaído em sangue. Em poucos instantes, desembaracei-me dele; e, notando que ninguém me perseguia, pensei que os ladrões não houvessem querido afastar-se dos despojos.’”

Nesse ponto Sherazade, vendo que amanhecia, calou-se.

— Ah, minha irmã — disse Dinazade —, como lamento não poderes continuar!

— Se não tivesses sido preguiçosa hoje — respondeu-lhe a sultana —, eu poderia ter ido um pouco mais longe.

— Pois bem — respondeu Dinazade —, amanhã tratarei de acordar-te mais cedo, e sei que compensarás a curiosidade do sultão pelo que a minha negligência lhe fez perder.

Shahriar levantou-se sem nada dizer, dirigindo-se às suas ocupações habituais.

42^A NOITE

Dinazade não deixou de chamar sua irmã muito mais cedo que no dia anterior, e Sherazade continuou a história do segundo calâdar:

“Vi-me, pois, sozinho, ferido, privado de qualquer socorro, num país inteiramente desconhecido. Não ousei voltar à estrada principal, com medo de recair nas mãos dos ladrões. Após ter tratado da melhor maneira possível do meu ferimento, que não era muito perigoso, caminhei o resto do dia e cheguei ao sopé de uma montanha, onde percebi, a meia altura, uma gruta; entrei, e nela passei a noite um pouco tranquilamente, depois de ter comido algumas frutas que achei pelo caminho.

Continuei a caminhar no dia seguinte e nos outros sem encontrar, contudo, um lugar onde pudesse ficar. Ao cabo de um mês, descobri uma grande cidade, vantajosamente situada por estar banhada por vários rios e ter um clima primaveril perpétuo. Os agradáveis objetos que se me depararam aos olhos causaram-me alegria, e suspenderam por alguns momentos a tristeza de me ver reduzido a tão precário estado. Trazia o rosto, as mãos e os pés queimados pelo Sol; à força de caminhar, os meus calçados estavam gastos, e eu me via obrigado a caminhar de pés nus; além disso, minhas vestes já não passavam de simples farrapos.

Entreí na cidade para saber onde me encontrava, e dirigi-me a um alfaiate. Diante da minha juventude e da minha aparência, que indicava eu ser outra pessoa que não a demonstrada pela aparência, o alfaiate fez-me sentar ao seu lado. Perguntou quem eu era, de onde vinha e o que me havia impelido. Nada lhe oculteí de tudo quanto me sucedera nem lhe escondi minha posição. Ouviu-me com atenção; mas, quando terminei de falar, em vez de consolar-me, aumentou minha dor. Guardai-vos, disse-me ele, de confiar a quem quer que seja o que acabastes de me contar, pois o príncipe que reina nessas paragens é o maior inimigo do rei vosso pai e vos faria, sem dúvida, passar por maus momentos, se informado da vossa chegada. Não duvidei da sinceridade do alfaiate quando me disse o nome do príncipe.

Mas como a inimizade existente entre este e meu pai não se prende às minhas aventuras, passá-la-ei em silêncio, com a vossa permissão, senhora.

Agradei ao alfaiate o aviso, garanti-lhe que me submeteria inteiramente aos seus conselhos e nunca me esqueceria do prazer que me proporcionava. Certo de que eu devia estar com fome, mandou que me trouxessem comida e ofereceu-me abrigo em sua própria casa. Aceitei.

Alguns dias após a minha chegada, notando que eu já me havia refeito um pouco das fadigas da longa e penosa jornada, e não ignorando que a maioria dos príncipes da nossa religião, por precaução contra os reveses da sorte, aprendem uma arte ou ofício para deles servir-se em caso de necessidade, perguntou-me se eu já conhecia algum que me permitisse viver independentemente. Respondi-lhe que era gramático, poeta, e, sobretudo, que sabia escrever perfeitamente bem. Com tudo quanto acabastes de dizer, disse-me, não ganhareis neste país o suficiente para um simples pedaço de pão; aqui nada é mais inútil do que qualquer desses conhecimentos. Se quiserdes seguir meu conselho, usareis uma veste curta, e, como me pareceis robusto e bem-constituído, ireis à floresta próxima cortar lenha para queimar; expô-la-eis à venda no mercado, e asseguro-vos que lucrareis o bastante para viver independentemente. Assim, pôr-vos-ei em condição de aguardar que o céu vos seja favorável e dissipe a nuvem de má sorte que atravessa a ventura da vossa vida e vos obriga a ocultar vosso nascimento. Encarrego-me de vos arranjar uma corda e um machado.

O temor de ser reconhecido e a necessidade de viver determinaram-me a escolher tal caminho, apesar da baixeza e da fadiga por ele acarretadas. No dia seguinte, comprou-me o alfaiate um machado e uma corda; e, recomendando-me a uns pobres habitantes que ganhavam a vida da mesma maneira, rogou-lhes que me levassem com eles. Conduziram-me à floresta; e, desde o primeiro dia, voltei com uma grande carga de lenha, que vendi por meia moeda de ouro do país; se bem não fosse distante a floresta, a lenha não deixava de ser cara naquela cidade, em virtude de escassez de pessoas que se davam ao trabalho de ir cortá-la. Em pouco tempo, ganhei bastante, e devolvi ao alfaiate o dinheiro que ele havia me adiantado.

Já fazia mais de um ano que eu vivia daquela maneira, quando um dia, tendo penetrado na floresta mais do que de costume, cheguei a um lugar bem agradável, onde me pus a cortar lenha. Arrancando uma raiz de árvore, percebi um anel de ferro preso a um alçapão do mesmo metal. Imediatamente, tirei a terra que o cobria, levantei-o e descobri uma escada, por onde desci com o machado. Já embaixo, vi-me num amplo palácio, que me causou forte admiração pela luz que o iluminava, como se tivesse estado sobre a terra no mais ensolarado dos lugares. Avancei por uma galeria sustentada por colunas de jaspe com base e capitéis de ouro maciço; mas, vendo vir ao meu encontro uma dama, pareceu-me ter ela ares tão nobres e sua beleza tão extraordinária que, desviando os olhos de todos os outros objetos, os cravei nela.”

A essa altura Sherazade deixou de falar, pois o Sol ia despontando.

— Minha querida irmã — disse Dinazade —, confesso-te que estou contentíssima com o que me contaste hoje, e tenho certeza de que o que resta não pode ser menos maravilhoso.

— Não te enganas — respondeu Sherazade —, pois a continuação da história do segundo calândar é mais digna da atenção do meu amo que tudo quanto ele ouviu até agora.

— Duvido — disse Shahriar, levantando-se —, mas veremos amanhã.

43^A NOITE

Dinazade, nessa noite, acordou cedo, e a sultana, para satisfazer-lhe a curiosidade, pôs-se a contar o que se passara no palácio subterrâneo entre a dama e o príncipe:

“Para poupar à formosa dama’, disse o segundo calândar, ‘o trabalho de vir a mim, apressei-me em correr-lhe ao encontro. Enquanto eu lhe fazia profunda reverência, disse-me: Quem sois? Homem ou gênio? Sou homem, senhora, respondi, não gosto de gênios. Por que aventura, prosseguiu ela, vos encontrais aqui? Há 25 anos que vivo enclausurada, e durante todo esse tempo nunca vi outro homem.

A sua grande beleza, que já me havia impressionado, a doçura e a gentileza com a qual me acolhia deram-me a ousadia de perguntar-lhe: Senhora, antes de ter a honra de vos satisfazer a curiosidade, permita-me dizer-vos que me sinto infinitamente feliz com este encontro imprevisto, o qual me proporciona a ocasião de poder consolar-me na minha tristeza, e talvez a de tornar-vos mais feliz do que sois. Conte-lhe fielmente por que estranho acidente via em minha pessoa o filho de um rei no estado em que eu lhe aparecia, e como a Sorte quisera que eu descobrisse a entrada da sua prisão magnífica, mas tediosa, segundo todas as aparências.

Ai, príncipe, respondeu-me, suspirando, tendes toda a razão em crer que esta prisão, por mais rica e pomposa que seja, não deixa de ser morada fortemente tediosa. Os lugares mais encantadores não nos agradam quando neles nos encontramos a contragosto. Não é possível que nunca tenhais ouvido falar do grande Epitimaro, rei da ilha de Ébano, assim chamada em virtude da enorme quantidade dessa preciosa madeira lá encontrada. Sou a princesa, sua filha. O rei, meu pai, escolhera-me por esposo um príncipe, meu primo; mas, na noite das minhas núpcias, no meio do regozijo da corte e da capital do reino da ilha de Ébano, antes que eu fosse entregue a meu marido, raptou-me um gênio. Naquele momento, perdi os sentidos, e quando os recobrei, encontrei-me nesse palácio. Por muito tempo, fiquei

inconsolável; mas o tempo e a necessidade acostumaram-me a ver e a suportar o gênio. Faz 25 anos, como já vos disse, que estou aqui, tendo, a um simples desejo, tudo quanto se faz preciso na vida, e tudo quanto pode contentar uma princesa que só aprecie joias e outros enfeites. De dez em dez dias, vem o gênio dormir uma noite comigo; não o faz com frequência, e a desculpa que apresenta é estar casado com outra mulher que se enciumaria, se soubesse da sua infidelidade. Entretanto, quando tenho necessidade dele, de dia ou de noite, basta-me tocar um talismã à entrada do meu quarto para que ele apareça sem perda de tempo. Faz hoje quatro dias que estive aqui; por conseguinte, só o verei dentro de outros seis. Podereis ficar cinco comigo e fazer-me companhia, se quizerdes, e eu tratarei de vos dispensar os cuidados exigidos pela vossa qualidade e pelo vosso mérito.

Ter-me-ia considerado feliz por obter tão grande favor, após pedi-lo, para que ousasse recusá-lo após tão graciosa oferta. A princesa fez-me entrar num magnífico banho; quando saí, em lugar das minhas vestes encontrei outras riquíssimas, que aceitei, não pela sua riqueza mas por me tornarem mais digno de tão formosa dama. Sentamo-nos num sofá, guarnecido de almofadas do lindo brocado da Índia; pouco depois, a princesa serviu-me delicadíssimos manjares. Comemos juntos; passamos o resto do dia agradavelmente, e de noite ela me acolheu no seu leito.

No dia seguinte, continuando a buscar todos os meios para me agradar, serviu-me uma garrafa do mais excelente vinho e, para mostrar-me toda sua boa vontade, sorveu alguns goles. Quando subiu-me à cabeça, disse-lhe: Formosa princesa, já faz muito que estais enterrada viva; segui-me, vinde gozar da claridade do verdadeiro dia, da qual estais privada há tantos anos. Abandonai essa falsa luz, vinde comigo!

Príncipe, respondeu-me ela, sorrindo, não prossigais. Tenho por coisa insignificante o mais belo dia do mundo, contanto que de dez vós me concedais nove, cedendo o décimo ao gênio. Princesa, respondi, bem vejo que assim vos faz falar o temor do gênio. Quanto a mim, temo-o tão pouco que vou despedaçar seu talismã com as letras que estão escritas por cima. Que venha, então; esperá-lo-ei! Por mais corajoso, por mais temível que possa ser, far-lhe-ei sentir o peso do meu braço. Juro que exterminarei todos

os gênios do mundo, e ele em primeiro lugar. A princesa, que sabia as consequências, suplicou-me não tocasse o talismã. Seria o meio, disse-me, de nos perdermos vós e eu. Conheço os gênios melhor do que vós os conheceis. Os vapores do vinho não me permitiram ouvir as razões da princesa; dando um pontapé no talismã, despedacei-o.”

Terminadas essas palavras, Sherazade se calou, por já ser dia, e o sultão se levantou. Mas, como não duvidasse de que o talismã quebrado seria seguido por fatos extraordinários, resolveu ouvir o fim da história.

44^A NOITE

— Contar-vos-ei — disse Sherazade — o que sucedeu no palácio subterrâneo.

“Mal havia sido quebrado o talismã, o palácio estremeceu, ameaçando desabar, com um ruído terrificante parecido ao do trovão, acompanhado de relâmpagos e grande escuridão. Aquele espantoso barulho dissipou num momento os vapores do vinho, e me deu a conhecer, tarde demais, o erro cometido. Princesa!, exclamei, o que significa isso? Respondeu-me ela, estarecida e sem pensar na sua própria desgraça: Ai, estais perdido, se não fugis!

Segui seu conselho. E o meu espanto foi tão grande que me esqueci do machado e das pantufas. Mal conseguira chegar à escada por onde havia descido, quando o palácio encantado se entreabriu, dando passagem ao gênio, que, encolerizado, perguntou à princesa: Que te aconteceu? Por que me chamaste? Uma dor no coração, respondeu-lhe ela, me obrigou a procurar a garrafa que estais vendo; sorvi dois ou três goles; por desgraça, dei um passo em falso e caí sobre o talismã, que se quebrou. Foi isso.

Àquela resposta, respondeu-lhe o gênio, furioso: Tu és imprudente e mentirosa. Esse machado e essas pantufas estão aqui por quê? É a primeira vez que os vejo, disse a princesa, com a impetuosidade com que viestes, talvez os tenhais trazido convosco, passando por algum lugar e arrebatando-os sem querer.

O gênio respondeu-lhe com impropérios e pancadas que eu bem ouvi. Não tive firmeza bastante para o pranto e os gritos piedosos da princesa, tão cruelmente maltratada. Já tinha tirado as vestes que ela me emprestara, e voltara a pôr as minhas, que eu levava para a escada no dia anterior, à saída do banho. Terminei, assim, de subir, tomado de dor e compaixão, tanto mais por ser eu a causa de tão grande desgraça e porque, sacrificando a mais formosa princesa da Terra à barbaridade de um gênio implacável, me havia tornado criminoso e o mais ingrato dos homens. É verdade, pensei, que ela é

prisioneira há 25 anos; mas, a não ser a liberdade, nada lhe faltava para ser feliz. Meu arrebatamento pôs fim à sua ventura, e submete-a, agora, à crueldade de um demônio impiedoso. Abaixei o alçapão, recobri-o de terra e voltei à cidade, com uma carga de lenha que reuni sem saber o que fazia, tão grande era minha perturbação e dor.

O alfaiate, meu hóspede, mostrou-se contentíssimo por me ver. A vossa ausência, disse-me, causou-me grande inquietação, em virtude do segredo do vosso nascimento. Não sabia o que pensar e temia que alguém vos houvesse reconhecido. Deus seja louvado por permitir o vosso regresso! Agradei-lhe o interesse e o afeto, mas nada lhe contei do que me sucedera, nem a razão pela qual voltava sem o machado e sem as pantufas. Retirei-me para o meu quarto, onde mil vezes me censurei pela minha imprudência. Nada teria igualado a felicidade da princesa e a minha se eu, contendo-me, não houvesse quebrado o talismã, pensei. Enquanto me abandonava a tão aflitivos pensamentos, o alfaiate, entrando, disse-me: Um velho que não conheço acaba de chegar com vosso machado e pantufas que, segundo afirma, encontrou pelo caminho. Soube pelos vossos companheiros da floresta que morais aqui. Vinde falar-lhe, que ele quer entregar-vos os objetos pessoalmente. Àquelas palavras, mudei de cor e estremeci. O alfaiate estava me perguntando a razão daquilo, quando o assoalho do meu quarto se entreabriu. O velho, que não tivera paciência de esperar, aparecendo, apresentou-se-nos com o machado e as pantufas. Era o gênio raptor da bela princesa da ilha de Ébano, assim disfarçado, após tê-la barbaramente tratado. Sou gênio, disse-nos ele, filho da filha de Eblis, príncipe dos gênios. Não é este o teu machado?, acrescentou, voltando-se para mim. E estas não são as tuas pantufas?”

Sherazade, a essa altura, percebeu a chegada do dia e deixou de falar. O sultão achou a história do segundo calândar demasiadamente bela para desistir da continuação. Por isso, levantando-se, saiu com a intenção de ouvi-la na noite seguinte.

45^A NOITE

No dia seguinte, Sherazade, para satisfazer sua irmã, curiosíssima por saber como o gênio tratara o príncipe, continuou a história do segundo calânder:

“‘Senhora’, disse ele a Zobeida, ‘o gênio, fazendo-me aquela pergunta, não me deu, contudo, tempo de responder, o que eu, aliás, não houvera conseguido fazer, tanto me deixara fora de mim sua horrorosa presença. Pegou-me pelo meio do corpo, arrastou-me para fora do quarto e, lançando-se ao ar, levou-me para o alto com tanta força e velocidade que mal notei o caminho percorrido em tão breves instantes. Da mesma maneira desceu; e, fazendo abrir-se a terra com uma pancada do pé, nela entrou, e imediatamente me achei no palácio encantado, diante da bela princesa da ilha de Ébano. Mas, ai, que espetáculo! Vi uma coisa que me fez sangrar o coração: a princesa inteiramente nua e ensanguentada, estendida sobre o chão, mais morta do que viva, com o rosto banhado em lágrimas. Pérfida, disse-lhe o gênio mostrando-me a ela, não é este o teu amante? Ela, olhando-me tristemente, respondeu: Não o conheço, nunca o vi antes. Como!, estranhou o gênio. Esse homem é a causa de tu te achares no estado em que te achas tão justamente, e ousas dizer que não o conheces? Se não o conheço, respondeu a princesa, quereis que profira uma mentira que seja a causa da sua morte? Pois bem, disse o gênio, tirando o sabre e apresentando-lho, se nunca o viste, pega este sabre e corta-lhe a cabeça. Ai!, exclamou a princesa, como poderei fazer o que me ordenais? As minhas forças estão de tal modo esgotadas que eu não conseguiria levantar sequer o braço; e mesmo que conseguisse, teria a coragem de dar morte a uma pessoa que não conheço, a um inocente? Essa recusa, disse então o gênio à princesa, dá-me a conhecer o teu crime. Em seguida, voltando-se para mim: E tu, não a conheces?

Eu teria sido o mais ingrato e pérfido dos homens se não tivesse tido pela princesa a mesma lealdade que ela demonstrara por mim, causa da sua

desgraça.

Foi por isso que respondi ao gênio: Como poderia conhecê-la, eu que só a estou vendo pela primeira vez? Se é assim, respondeu o gênio, pega este sabre e corta-lhe a cabeça. Será o preço da tua liberdade, e eu me convencerei de que nunca a viste, como dizes. De muito boa vontade, respondi. Peguei o sabre...”

— Mas, senhor — disse Sherazade, interrompendo-se naquele ponto —, já é dia, e não devo abusar da paciência de Vossa Majestade.

— Eis fatos maravilhosos — disse o sultão para si mesmo. — Veremos amanhã se o príncipe foi cruel a ponto de obedecer o gênio!

46^A NOITE

Quando estava prestes a amanhecer, Sherazade, a fim de satisfazer a ansiedade de sua irmã, disse-lhe:

— O segundo calândar, minha irmã, continuou assim sua história:

“Não julgueis, senhora, que eu me aproximei da formosa princesa da ilha de Ébano para cumprir a bárbara ordem do gênio. Fi-lo somente para lhe mostrar por gestos, à medida do possível, que, assim como ela possuía a firmeza de sacrificar sua vida por amor a mim, eu não me recusaria de imolar também a minha por ela. A princesa me compreendeu com um olhar de gratidão, e deu-me a entender que morreria de voa vontade, e que estava contente por ver que eu também pretendia morrer por ela. Recuei, então, e lançando o sabre ao chão, disse ao gênio: Seria eternamente censurado pelos homens se tivesse a covardia de aniquilar, não digo uma pessoa que não conheço, mas uma dama como a que estou vendo, no estado em que se encontra, prestes a entregar a alma. Fazei de mim o que quiserdes, pois estou à vossa disposição, mas não consigo obedecer à vossa bárbara ordem.

Bem vejo, respondeu o gênio, que ambos desafiáis meu ciúme; pela maneira pela qual vos tratarei, haveis de saber ambos do que sou capaz. Com aquelas palavras, apoderou-se novamente do sabre e cortou uma das mãos da princesa, a qual só teve tempo de me fazer um sinal para me dizer um eterno adeus, pois o sangue que já havia perdido e o que começou a perder não lhe permitiram viver mais que um instante ou dois após aquela derradeira crueldade, cujo espetáculo me fez perder os sentidos.

Quando os recobrei, queixei-me ao gênio por me prolongar tão mísera vida: Feri-me, disse-lhe, estou pronto a receber o golpe mortal, e aguardo-o como a maior graça que me possais conceder. Em vez, porém, de me atender, disse-me: Eis aí como tratam os gênios as mulheres suspeitas de infidelidade. Ela recebeu-te aqui, se eu estivesse certo de que o ultraje era maior, far-te-ia morrer nesse instante; mas contentar-me-ei com

transformar-te em cão, em burro, em leão ou pássaro. Escolhe uma dessas metamorfoses; deixo-te a liberdade da escolha!

Aquelas palavras deram-me a esperança de o comover. Ó gênio, disse-lhe, moderai vossa cólera; e, como não quereis tirar-me a vida, concedei-me generosamente. Lembrar-me-ei sempre da vossa clemência se me perdoardes, assim como o melhor homem do mundo perdoou a um dos seus vizinhos que o invejava mortalmente. O gênio perguntou-me o que se havia passado entre os dois vizinhos, garantindo-me que teria a paciência de ouvir a história. Eis como lhe contei. Creio, senhora, que vos não aborrecereis se a repetir.

A história do invejoso e do invejado

Numa grande cidade moravam dois homens, um ao lado do outro. Um deles concebeu pelo outro tão violenta inveja, que o que dela era objeto resolveu mudar-se, afastar-se, convencido de que a vizinhança lhe havia atraído a animosidade do vizinho, pois, embora lhe houvesse prestado bons serviços, percebera que continuava a ser odiado. Por isso, vendeu a casa e os pertences, e, retirando-se para a capital do país, não muito distante, comprou um pequeno terreno a quase meia légua da cidade, com uma casa bastante cômoda, um belo jardim e um pátio razoavelmente grande no qual se via uma profunda cisterna, já desativada.

O bom homem, após a compra, tomou o hábito de dervixe,^[12] a fim de ter uma vida mais retirada, e mandou construir diversos cubículos na casa, onde em pouco tempo estabeleceu uma numerosa comunidade de dervixes. Sua virtude tornou-o logo conhecido, e não deixou de lhe atrair uma infinidade de pessoas, tanto do povo como dos governantes da cidade. Finalmente, todos o honravam e estimavam. De longe o procuravam para encomendar-lhe às suas preces; e os que se retiravam davam a conhecer as bênçãos que julgavam ter recebido do céu por intermédio dele.

A grande reputação da personagem não tardou em chegar à cidade abandonada: o invejoso sofreu tanto com aquilo que abandonou sua casa e seus negócios, resolvido a ir prejudicá-lo. Para tanto, dirigiu-se ao novo convento de dervixes, cujo chefe, seu antigo vizinho, o acolheu com todos os sinais de verdadeira amizade. O invejoso contou-lhe que viera expressamente para lhe comunicar um negócio importante, sobre o qual desejava falar em particular. Para que, acrescentou, ninguém nos compreenda, passemos no vosso pátio; e como a noite está para cair, ordenai aos vossos dervixes que se retirem para suas celas. O chefe dos dervixes fez o que ele desejava.

Quando o invejoso se viu sozinho com o bom homem, começou a contar-lhe o que mais lhe agradou, caminhando um ao lado do outro no pátio, até que, encontrando-se à beira da cisterna, o empurrou e lançou para

dentro, sem que ninguém testemunhasse tão malvado ato. Feito aquilo, afastou-se rapidamente, alcançou a porta do convento, por onde saiu sem ser visto, e voltou para casa contente com sua jornada, persuadido de que o objeto da sua inveja já não mais existia; mas enganava-se, e muito...”

Sherazade não pôde prosseguir. Era dia. O sultão indignou-se com a maldade do invejoso.

— Praza a Deus — disse ele para si mesmo — que nada de mal suceda ao bom dervixe. Espero saber amanhã que o céu não o abandonou naquela emergência.

47^A NOITE

Dinazade, despertando, rogou à irmã que lhe dissesse se o bom dervixe saíra são e salvo da cisterna.

— Sim — respondeu Sherazade —, e o segundo calândar continuou sua história:

“A velha cisterna era habitada por fadas e gênios, que socorrendo o chefe dos dervixes, o sustentaram até o fundo, de modo que não se machucou. Bem percebeu ele que devia ter ocorrido algo extraordinário numa queda em que forçosamente tinha de morrer; mas nada viu e nada sentiu. Contudo, ouviu uma voz que lhe dizia: Sabeis quem é esse bom homem a quem acabamos de prestar tão bom serviço? Tendo outras vozes respondido que não, prosseguiu a primeira: Vou dizê-lo. Esse homem, impelido pela maior caridade do mundo, abandonou a cidade em que vivia e veio estabelecer-se nesse lugar, com a esperança de curar um dos seus vizinhos da inveja que o dominava. Conquistou aqui tanta estima, que o invejoso, não a podendo suportar, surgiu com o intento de matá-lo, o que teria realizado sem o socorro que prestamos a esse bom homem, cuja reputação é tão grande que o sultão, que vive na cidade vizinha, deve ir visitá-lo amanhã, para encomendar às suas preces à princesa, sua filha.

Outra voz perguntou que necessidade tinha a princesa das preces do dervixe, ao que a primeira respondeu: Não sabeis, pois, que ela está dominada pelo gênio Maimun, filho de Dindim, que por ela se apaixonou? Mas eu bem sei como poderia curá-la esse bom chefe dos dervixes; a coisa é fácil e vou contá-la. Há no seu convento um gato preto com uma mancha branca na ponta da cauda, aproximadamente do tamanho de uma pequena moeda de prata. Bastar-lhe-á arrancar sete fios dessa mancha branca, queimá-los e perfumar com eles a cabeça da princesa; no mesmo instante ela ficará curada e livre de Maimun, filho de Dindim, que jamais tentará dela se aproximar.

O chefe dos dervixes não perdeu nada da conversa entre as fadas e os gênios, os quais, após terem proferido tais palavras permaneceram calados pelo resto da noite. No dia seguinte, logo de manhãzinha, desde que pôde distinguir os objetos e, visto que a cisterna se achava demolida em vários pontos, percebeu um buraco e por ele saiu sem esforço.

Os dervixes que o procuravam se alegraram muito por revê-lo. Ele lhes contou em poucas palavras a maldade do hóspede tão bem-acolhido na véspera, e retirou-se para sua cela. O gato preto de que ouvira falar durante a noite não demorou em ir-lhe fazer carícias, como tinha por hábito. O dervixe pegou-o, arrancou-lhe sete fios da mancha branca da cauda e guardou-os para deles servir-se na ocasião oportuna.

Não fazia muito que o Sol se erguera, quando o sultão, não querendo negligenciar nada do que supunha proporcionar a imediata cura da princesa, chegou à porta do convento, ordenou à sua guarda que se detivesse, e entrou com as principais pessoas que o acompanhavam. Os dervixes receberam-no com profundo respeito.

O sultão levou o chefe para um lado: Bom xeique,^[13] disse-lhe, já sabeis, provavelmente, o que aqui me traz. Sim, senhor, respondeu modestamente o dervixe; se não me engano, a enfermidade da princesa que sobre mim faz recair uma honra que não mereço. Exatamente, respondeu o sultão. Vós me dareis a vida se, como espero, as vossas preces obtiverem a cura de minha filha. Senhor, respondeu o bom homem, se permitirdes que ela venha aqui, tenho certeza, com a ajuda e o favor de Deus, de que voltará a gozar de perfeita saúde.

O rei, fora de si pela alegria, mandou imediatamente buscar sua filha, que não tardou em aparecer acompanhada por numeroso séquito de mulheres e eunucos, e velada de modo que seu rosto ficava escondido. O chefe dos dervixes ordenou que segurassem uma panela sobre a cabeça da princesa, e mal havia colocado os sete fios sobre os carvões ardentes que mandara trazer, o gênio Maimun, filho de Dindim, lançando terríveis gritos. Sem que ninguém o visse, abandonou a princesa, a qual em primeiro lugar levou a mão ao véu que lhe cobria o rosto e tirou-o para ver onde se encontrava. Onde estou?, perguntou a princesa. Quem me trouxe aqui? Àquelas palavras,

o sultão não conseguiu ocultar sua alegria. Abraçou a filha e beijou-lhe os olhos, beijou também a mão do chefe dos dervixes, e disse aos oficiais que o acompanhavam: Dizei-me o que sentis. Que recompensa merece quem assim curou minha filha? Todos responderam que merecia desposá-la. É o que eu já estava pensando, disse o sultão. Desde este momento faça-o meu genro.

Pouco tempo depois, o primeiro vizir morreu. O sultão substituiu-o pelo dervixe; e morrendo o próprio sultão sem deixar filhos homens, as ordens de religião e de milícia reunidas declararam e reconheceram unanimemente o bom homem, sultão...”

O dia que despontava obrigou Sherazade a calar-se. O dervixe pareceu a Shahriar digno da coroa que acabava de obter; mas, desejando saber se o invejoso não morreria de desgosto, levantou-se, resolvido a tirar a dúvida na noite seguinte.

48^A NOITE

— Eis como o segundo calândar completou a história do invejado e do invejoso:

“O bom dervixe subiu, pois, ao trono de seu sogro; um dia, no meio da sua corte, percebeu o invejoso entre a multidão que se acotovelava à sua passagem. Chamando um dos vizires que o acompanhavam, disse-lhe baixinho: Trazei-me aquele homem e cuidai de não assustá-lo. O vizir obedeceu; quando o invejoso se viu na presença do sultão, disse-lhe este: Meu amigo, estou contentíssimo por vos rever. E dirigindo-se a um oficial: Entreguem-lhe já mil moedas de ouro. Além disso, entreguem-lhe também vinte cargas das mais preciosas mercadorias dos meus depósitos e acompanhe-o uma guarda até sua casa. Após ter encarregado de tal missão o oficial, despediu-se do invejoso e continuou a caminhar.

Quando acabei de contar a história ao gênio assassino da princesa da ilha de Ébano, disse-lhe: Ó gênio, vedes que o sultão não se contentou em esquecer que por pouco perdera a vida às mãos do invejoso; despediu-se dele, mas, com toda a bondade que acabei de vos contar. Enfim, usei de toda minha eloquência para induzi-lo a imitar tão belo exemplo e perdoar-me. Mas não me foi possível comovê-lo: Tudo que posso fazer por ti, disse-me, é não tirar-te a vida; não suponhas que eu te livre são e salvo, pois é preciso que te faças sentir o que posso com meus encantamentos. Àquelas palavras, apoderou-se de mim com violência e, levando-me através da abóbada do palácio subterrâneo, que se entreabriu para lhe dar passagem, fez-me subir tão alto que a terra me parecia uma simples nuvenzinha branca. Daquela altura lançou-se para a terra como um raio e pousou sobre o cume de uma montanha.

Lá, colhendo um punhado de terra, resmungou algumas palavras de que nada compreendi e, atirando-a sobre mim, disse-me: Deixa a forma de homem, e toma a de macaco. Em seguida desapareceu, e eu fiquei sozinho,

transformado em macaco, aniquilado pela dor, num país desconhecido, sem saber se estava perto ou longe dos Estados do rei, meu pai.

Desci do alto da montanha e pisei numa planície cuja extremidade só se me deparou ao cabo de um mês, à beira do mar. No mar, muito calmo naquela ocasião, descobri um navio a uma meia hora da terra. Para não perder tão bela ocasião, arranquei um grosso galho de árvore, atirei-o às águas e pus-me sobre ele, com outro galho para me servir de remo.

Navegando, fui me aproximando do navio. Quando cheguei suficientemente perto para ser reconhecido, ofereci um extraordinário espetáculo aos marinheiros e passageiros do barco. Todos me olharam com grande admiração. Cheguei finalmente ao lado do navio e, agarrando-me a uma corda, trepei ao tombadilho. Mas como não podia falar, encontrei-me grandemente embaraçado. Com efeito, o perigo que corri não foi menor que o de ter estado à mercê do gênio.

Os mercadores, supersticiosos e escrupulosos, julgaram que eu traria desgraça à viagem. Por conseguinte, disse um deles: Vou abatê-lo com uma martelada; e outro: Vou atravessar seu corpo com uma flechada; e mais outro: Convém lançá-lo ao mar. Um outro não teria deixado de fazer o que ameaçava, se eu, pondo-me ao lado do capitão, não me tivesse prostrado aos seus pés, agarrando-lhe as vestes na posição de quem suplica. Desse modo o comovi com as minhas lágrimas e ele me colocou sob sua proteção, ameaçando fazer arrepender-se quem me causasse o menor mal. Acariciou-me até. Por minha vez, não possuindo o dom da palavra, demonstrei-lhe por gestos todo o meu reconhecimento.

O vento que se sucedeu à calmaria não foi forte, mas favorável; não mudando durante cinquenta dias, levou-nos felizmente ao porto de uma bela cidade muito populosa e dotada de grande comércio, onde lançamos âncora. Era a capital de uma poderosa nação.

O nosso navio foi imediatamente rodeado por uma infinidade de barcos repletos de pessoas que vinham congratular-se com os seus amigos pela chegada, ou informar-se do que tinham visto no país de onde voltavam, ou simplesmente pela curiosidade de visitar um navio vindo de tão longe. Entre outros, vi vários oficiais que pretendiam falar, por ordem do sultão, com os

mercadores, os quais se lhe apresentaram; e um dos oficiais, tomando a palavra, disse-lhes: O sultão, nosso amo, nos encarregou de vos dizer que muito se alegra com a vossa vinda, e pede-vos que escrevais, cada um, nessa folha de papel, algumas linhas. Para vos dizer qual é o seu intento, sabereis que tinha um grão-vizir, o qual, habilíssimo no manejo dos negócios, escrevia com grande perfeição. Esse ministro morreu há alguns dias. O sultão sofre muito com tal perda e, como jamais contemplava a escrita sem admiração, jurou solenemente dar seu lugar somente a quem escreva tão bem como fazia o falecido. Muita gente já se apresentou; mas até agora não apareceu alguém digno de ocupar o cargo de grão-vizir.

Dentre os mercadores, os que se julgaram capazes de preencher a vaga escreveram um após outro. Quando terminaram, adiantei-me e tirei a folha das mãos de quem a segurava. Todos, especialmente os mercadores que tinham acabado de escrever, supondo que eu a quisesse rasgar ou lançar ao mar, começaram a gritar; mas se acalmaram quando me viram segurá-la com muito cuidado e mostrar, por sinais, que eu também queria escrever. Aquilo lhes transformou o temor em admiração. Contudo, como nunca tivessem visto um macaco ser capaz de escrever, e não pudessem persuadir-se de que eu era mais hábil que os outros, pretenderam arrancar-me o papel; mas o capitão mais uma vez me protegeu: Deixai-o fazer, disse, deixai-o escrever. Se sujar o papel, prometo-vos que o castigarei sem demora; se, pelo contrário, escrever bem, como espero, pois nunca vi macaco mais astuto e engenhoso, ou que melhor compreenda as coisas, declaro que o reconhecerei como filho. Tive um que não possuía tanta inteligência.

Vendo que ninguém se opunha mais ao meu intento, peguei a pena e só a deixei após escrever seis caracteres usados pelos árabes; cada escritura continha um dístico ou uma quadra improvisada em louvor ao sultão. Minha escrita não superava simplesmente a dos mercadores; ousou dizer que nunca se vira outra tão linda naquele país. Quando terminei, os oficiais pegaram o papel e levaram-no ao sultão...”

Sherazade calou-se. Acabava de amanhecer.

— Senhor — disse a Shahriar —, se tivesse tempo para prosseguir, contar-vos-ia coisas mais surpreendentes ainda que as que vos contei até

agora.

O sultão, que já decidira ouvir a história inteira, levantou-se sem dizer o que pensava.

49^A NOITE

No dia seguinte, Dinazade, ao despertar, disse à sultana:

— Creio, minha irmã, que o sultão, nosso amo, não tem menos curiosidade que eu de ouvir a continuação das aventuras do macaco.

— Ficareis satisfeitos — respondeu Sherazade. — E para não vos impacientarem, digo-vos que o segundo calândar assim prosseguiu:

“O sultão não deu a menor importância às outras escritas; limitou-se a observar a minha, que o agradou de tal forma que disse aos oficiais: Pegai o mais belo cavalo, o mais ricamente arreado, e um manto de brocado dos mais lindos para vestir a pessoa que fez essas seis escritas, e trazei-a.

Àquela ordem, os oficiais desataram a rir. O príncipe, irritado com tamanha ousadia, estava a ponto de castigá-los, quando eles lhe disseram: Senhor, suplicamos seu perdão; essas escritas não são de homem, mas de um simples macaco. Que dizeis?, perguntou o sultão, essas maravilhosas escritas não vêm da mão de um homem? Não, senhor, respondeu um dos oficiais; asseguramos-vos que pertencem a um macaco, o qual as fez na nossa frente. O sultão achou o fato surpreendente e desejou ver-me. Fazei o que vos ordenei, disse aos oficiais; trazei-me imediatamente tão raro macaco.

Os oficiais voltaram ao navio e expuseram a ordem recebida ao capitão, que lhes respondeu ser o sultão senhor de tudo e de todos. Puseram-me imediatamente o manto de brocado e levaram-me para a terra, onde me colocaram sobre o cavalo, rumo ao palácio do sultão, que me aguardava com numerosas personagens da corte, reunidas para me homenagearem.

Iniciou-se a marcha. O porto, as ruas, as praças públicas, as janelas, os terraços dos palácios e das casas, tudo estava repleto de uma multidão de todas as idades, que a curiosidade trouxera de todos os pontos da cidade para me ver, pois a notícia se divulgara num instante: o sultão acabava de escolher um macaco como grão-vizir. Após ter oferecido espetáculo tão novo a toda aquela gente, que por meio de gritos não cessava de manifestar sua surpresa, cheguei ao palácio.

Encontrei o príncipe sentado no trono no meio dos grandes da corte. Fiz-lhe três reverências profundas; e na última prostrei-me e beijei o chão diante dele. Em seguida, sentei-me sobre os pés, na postura dos macacos. A assembleia, admirada, não compreendia como era possível que um macaco soubesse tão bem prestar aos sultões o respeito que lhes é devido; e o sultão estava mais assombrado que os outros. Enfim, a cerimônia de audiência teria sido completa, se tivesse podido acrescentar a arenga aos meus gestos; mas os macacos jamais falaram, e a vantagem de ter sido homem não me concedia tal privilégio.

O sultão despediu os cortesãos, só continuando perto dele o chefe dos eunucos, um pequeno escravo muito jovem, e eu. Da sala de audiências passou para os seus aposentos, onde ordenou que lhe dessem de comer. Quando se viu à mesa, fez-me sinal para que me aproximasse e comesse com ele. Para demonstrar-lhe obediência, beijei o chão, levantei-me e pus-me à mesa. Comi com bastante dignidade e modéstia.

Antes que retirassem a mesa, percebi um tinteiro. Fiz sinal para que o aproximassem de mim e, quando o tive nas mãos, escrevi alguns versos sobre um grande pêssogo, expressando meu reconhecimento ao sultão; este, ao lê-los, ficou assombrado. Tirada a mesa, trouxeram-lhe uma bebida especial, da qual mandou me servirem uma taça. Bebi, e depois escrevi outros versos que explicavam o estado em que eu me achava após grandes sofrimentos. O sultão leu-os e disse: O homem que fosse capaz de escrever versos iguais a esses seria o maior dos maiores homens.

Mandado trazer um jogo de xadrez, perguntou-me, por sinais, se eu sabia jogar. Beijei o chão e, colocando a mão sobre a cabeça, dei-lhe a entender que aceitaria com prazer a honra. Ele ganhou a primeira partida; mas eu ganhei a segunda e a terceira; e, percebendo que aquilo o aborrecia um pouco, para consolá-lo escrevi uma quadra que lhe apresentei. Dizia-lhe que dois poderosos exércitos se haviam batido durante o dia inteiro com ardor, mas que haviam feito a paz ao anoitecer, e tinham passado juntos a noite, tranquilamente, no campo de batalha.

Parecendo todas aquelas coisas ao sultão muito superiores a tudo quanto se vira ou ouvira sobre a habilidade e inteligência dos macacos, não quis ser a

única testemunha dos prodígios. Tinha ele uma filha chamada Dama da Beleza. Vai, disse ao chefe dos eunucos que estava presente, vai chamar tua senhora. Quero que ela participe do meu prazer.

Pouco depois, o chefe dos eunucos reapareceu acompanhado da princesa, de rosto descoberto. Mal entrou, porém, cobriu-o rapidamente, dizendo ao sultão: Senhor, como vos esqueceste? Estou muito surpresa por me mandardes comparecer diante de homens. Como, minha filha?, respondeu o sultão. Sabes o que estás dizendo? Aqui só há o pequeno escravo, o eunuco que te vigia, e eu, que temos a liberdade de ver o teu rosto; no entanto, abaixas o véu, e censuras-me por mandá-la chamar? Senhor, respondeu a princesa, vereis que tenho razão. O macaco, apesar da sua forma de macaco, é um jovem príncipe, filho de um grande rei. Um gênio o transformou por crueldade, depois de ter tirado a vida à princesa da ilha de Ébano, filha do rei Epitimaro.

O sultão, atônito, voltou-se para o meu lado, e já não me falando mais por sinais, perguntou-me se era exato o que sua filha afirmava. Como não podia falar, pus a mão sobre a cabeça para lhe dar a entender que a princesa dissera a verdade. Minha filha, continuou o sultão, como sabes que esse príncipe foi transformado em macaco? Senhor, respondeu a Dama da Beleza, com certeza vos lembrais de que, ao sair da infância, tive ao pé de mim, durante longo tempo, uma velha; pois bem, tratava-se de hábil feiticeira que me ensinou setenta regras da sua ciência, em virtude das quais eu poderia, num abrir e fechar de olhos, transportar a vossa capital para o meio do oceano, além do Cáucaso. Por essa ciência, conheço todas as pessoas que estão encantadas, somente pelo fato de vê-las; sei quem são e por quem foram encantadas. Não vos assombreis, portanto, se imediatamente entrevi o príncipe através do encantamento que o impede de aparecer aos vossos olhos tal qual é naturalmente. Minha filha, disse o sultão, não te julgava tão hábil! Senhor, respondeu a princesa, são coisas interessantes que é bom saber, mas não me pareceu que delas me devesse gabar. Já que é assim, continuou o sultão, não poderias desfazer o encantamento? Sim, senhor, disse a princesa, posso devolver-lhe sua forma original. Devolve-a, então, pois quero que seja

meu grão-vizir e te despose. Senhor, disse a princesa, estou pronta a vos obedecer em tudo o que vos agrade ordenar-me.”

Sherazade, terminando essas palavras, notou que o dia acabava de nascer, e calou-se.

Shahriar, certo de que a continuação não seria menos agradável que o que havia ouvido até então, resolveu apreciá-la no dia seguinte.

50^A NOITE

A sultana, vendo o interesse de sua irmã em saber como a Dama da Beleza devolveria a forma verdadeira ao segundo calândar, disse-lhe:

— Eis como o segundo calândar reatou a história:

“A princesa foi até seu aposento, de onde trouxe uma faca com umas palavras em hebraico gravadas na lâmina. Em seguida, mandou que descêssemos o sultão, o chefe dos eunucos, o pequeno escravo e eu a um pátio secreto do palácio, e lá, deixando-nos sob uma galeria, avançou para o meio do pátio, onde fez um grande círculo, dentro do qual traçou várias palavras em caracteres arábicos antigos e outros, chamados caracteres de Cleópatra.

Quando terminou de preparar o círculo da maneira pela qual desejava, deteve-se no centro, onde fez abjurações e recitou versículos do Alcorão. Sem que percebessem, o dia foi escurecendo, até que sobreveio, na aparência, a noite. Sentimo-nos dominados de extremo terror, aumentado ainda quando nos vimos de repente na frente do gênio, neto de Eblis, sob a forma de um leão de espantoso tamanho.

Quando a princesa viu o monstro, disse-lhe: Cão! Em vez de rastejar diante de mim, ousas apresentar-te sob essa impressionante forma e julgas nos atemorizar! E tu, disse o leão, não temes trair o tratado que fizemos e confirmamos por solene juramento, de não nos prejudicarmos um ao outro? Ah, maldito, respondeu a princesa, a ti é que devo fazer tal censura! Vais receber o pagamento pelo trabalho que me deste vindo aqui, interrompeu-a subitamente o leão. Assim, escancarou a horrenda boca e avançou contra ela para devorá-la. Mas a princesa, vigilante, deu um salto para trás, teve tempo de arrancar um fio de cabelo e, pronunciando duas ou três palavras, transformou-o num gládio com o qual cortou o leão em dois pedaços que desapareceram, só ficando a cabeça, que se transformou num grande escorpião. A princesa tomou imediatamente a forma de serpente, e lutou ferozmente contra o escorpião, que, não levando vantagem, transformou-se

em águia para fugir. Mas a serpente, já agora poderosa águia negra, perseguiu-a. Perdemo-las de vista.

Pouco depois de desaparecerem, a terra entreabriu-se diante de nós, e dela saiu um gato preto e branco, de pelos eriçados, miando espantosamente. Um lobo negro o seguiu de perto, e não lhe deu trégua. O gato, para livrar-se, transformou-se em verme e achou-se perto de uma romã caída de uma árvore posta sobre a margem de um canal profundo, mas pouco largo. O verme furou a romã num instante e nela se ocultou. A romã, então, inflou-se, fez-se grande como abóbora e subiu ao telhado da galeria onde, após ter rolado um pouco, caiu no pátio, despedaçando-se.

O lobo que, entretanto, se havia transformando em galo, lançou-se sobre os grãos da romã, e pôs-se a engoli-los um após o outro. Quando acabou, veio a nós, de asas estendidas, fazendo grande barulho como para nos perguntar se não havia mais grãos. Restava um sobre a margem do canal, que ele, voltando-se, descobriu. Para lá correu depressa, porém no instante em que ia pegá-lo, o grão rolou para o canal, e transformou-se em peixe...”

— Mas eis aí o dia, senhor — disse Sherazade —, se já não tivesse chegado, estou convencida de que teríeis apreciado imensamente o que vos haveria contado.

A estas palavras, calou-se. Shahriar levantou-se, absorto em tão extraordinários fatos que lhe inspiraram o forte desejo e a extrema impaciência de saber o resto da história.

51^A NOITE

Sherazade, para contentar sua irmã, curiosa para ouvir a continuação daquelas metamorfoses, dirigiu-se ao sultão:

— Senhor — disse-lhe —, assim continuou o segundo calândar a sua narrativa:

“O galo lançou-se ao canal e transformou-se num lúcio, que começou a perseguir o peixinho. Ficaram cerca de duas horas sob a água; e nós não sabíamos o que lhes havia sucedido quando ouvimos gritos horríveis, que nos fizeram estremecer. Pouco depois, vimos o gênio e a princesa rodeados de fogo, lançando um contra o outro, pela boca, poderosas chamas. De repente, atracaram-se. Os dois fogos, então, aumentaram e lançaram uma fumaça espessa que se elevou às alturas. Tememos, com razão, que ela se apoderasse do palácio, mas em breve tivemos motivo para temor ainda maior, pois o gênio, desembaraçando-se da princesa, veio à galeria em que nos encontrávamos e soprou sobre nós um turbilhão de chamas. Teríamos sido liquidados se a princesa, acorrendo em nosso auxílio, não o obrigasse pelos seus gritos, a se afastar e a defender-se dela. Contudo, por mais que se esforçasse, não pôde impedir que o sultão queimasse a barba e o rosto, que o chefe dos eunucos morresse sufocado no mesmo instante e que uma fagulha entrasse no meu olho direito, cegando-o. O sultão e eu nos preparamos para morrer, mas ouvimos gritar “Vitória, vitória”, e vimos surgir a princesa na sua forma natural e o gênio reduzido a um monte de cinzas.

A princesa se aproximou de nós e, para não perder tempo, pediu uma taça cheia de água, que lhe foi trazida pelo jovem escravo, a quem o fogo não fizera mal nenhum. Ela a pegou e, após pronunciar algumas palavras, lançou-a sobre mim, dizendo: Se és macaco por encantamento, muda de forma, e toma a do homem que eras antes. Mal acabou, tornei-me novamente o que era, com exceção do olho perdido.

Preparava-me para agradecer à princesa, mas ela me não deu tempo. Dirigindo-se ao sultão seu pai, disse-lhe: Senhor, venci o gênio, como vedes,

mas é uma vitória que me custa caro. Restam-me somente alguns momentos de vida, e vós não tereis a satisfação do casamento que planejastes. O fogo penetrou-me no terrível combate, e sinto que aos poucos me consome. Tal não teria sucedido se eu tivesse percebido o último grão da romã, e o tivesse engolido como os outros. O gênio refugiara-se nele, e daquilo dependia o êxito da luta, que teria sido feliz e sem perigo para mim. Essa falha me obrigou a recorrer ao fogo, e a combater com estas poderosas armas, como fiz, entre o céu e a terra, e na vossa presença. Apesar do poder da sua temível arte e da sua experiência, fiz ver ao gênio que eu sabia mais do que ele; venci-o e reduzi-o a cinzas, mas não posso escapar à morte que se aproxima...”

Sherazade interrompeu nesse ponto a história do segundo calândar e disse ao sultão:

— Senhor, o dia me adverte que devo parar, mas, se me concederdes vida por mais um dia, ouvireis o fim dessa narrativa.

Shahriar consentiu, e levantou-se, como de costume, para ir cuidar dos negócios de Estado.

52^A NOITE

A sultana, despertada, tomou imediatamente a palavra, e continuou a história do segundo calândar.

“‘Senhora’, prosseguiu o calândar, ‘o sultão deixou que a princesa completasse a narrativa do seu combate, e ao vê-la terminar disse-lhe num tom que denotava a viva dor de que se achava possuído: Minha filha, vês em que estado se encontra teu pai. Ai, custa-me crer que ainda estou vivo! O eunuco, teu vigilante, está morto, e o príncipe que acabas de livrar do encantamento perdeu um olho. Não pôde: prosseguir; as lágrimas, os suspiros e os soluços cortaram-lhe a voz. Entristecemos-nos diante da sua dor, sua filha e eu, e choramos com ele. Enquanto nos afligíamos, a princesa pôs-se a gritar: Estou ardendo, estou ardendo! O fogo que a consumia apoderara-se enfim de todo o seu corpo, e ela só parou de gritar quando a morte findou suas insuportáveis dores. O efeito do fogo foi tão extraordinário, que em poucos momentos a jovem criatura ficou reduzida a cinzas, como o gênio.

Não vos direi, senhora, até que ponto me comoveu tão terrível cena. Teria preferido ser macaco ou cão a vida inteira a ver minha benfeitora perecer tão miseravelmente. Por seu lado, o sultão, torturado como é possível imaginar, chorou, bateu com força os punhos na cabeça e no peito, até que, sucumbindo ao desespero, desmaiou e me fez temer pela sua própria vida. Entretanto, os eunucos e os oficiais acorreram aos gritos do sultão, que muito trabalho lhes deu para poder recobrar os sentidos. Não precisamos, nem ele nem eu, de muitas palavras para os persuadir da dor que nos devorava; os dois montes de cinzas a que haviam sido reduzidos o gênio e a princesa lhes fizeram compreender imediatamente o que sucedera. Como o sultão mal tinha forças para se colocar de pé, foi obrigado a apoiar-se nos eunucos, para poder voltar aos seus aposentos.

Quando a notícia do trágico evento se espalhou pelo palácio e pela cidade, todos choraram a desventura da princesa e se associaram à dor do

sultão. Durante sete dias, celebraram-se todas as cerimônias do maior luto: lançaram ao vento as cinzas do gênio, recolheram as da princesa num vaso precioso, para serem conservadas, e o vaso foi depositado num soberbo mausoléu construído no mesmo lugar em que tinham sido recolhidas as cinzas.

O pesar do sultão pela morte da filha causou-lhe uma doença que o obrigou a ficar da cama por um mês. Não havia ainda recobrado a saúde quando mandou me chamar. Príncipe, disse-me, ouvi a ordem que vou dar-vos: correrá perigo a vossa vida, se a não executardes. Assegurei-lhe que obedeceria, após o que, retomando a palavra, continuou: Sempre vivi numa felicidade perfeita, e nunca acidente nenhum a turvou; a vossa chegada fez com que se desvanecesse a ventura que eu desfrutava. Minha filha morreu, seu eunuco já não existe, e é apenas por milagre que continuo vivo. Sois, portanto, a causa de todas essas desgraças de que é impossível que eu me console. Por isso, retirai-vos em paz, mas retirai-vos logo; eu morreria se permanecêsseis, pois estou convencido de que vossa presença é desditosa. É só o que queria dizer-vos. Parti e cuidai de nunca mais voltar aos meus Estados; nenhuma consideração me impediria de fazer com que vos arrependêsseis. Eu quis falar, mas ele me calou a boca com palavras de cólera, e fui obrigado a afastar-me do seu palácio.

Repelido, expulso, abandonado por todos, não sabendo o que seria de mim, antes de sair da cidade, tomei banho, rapei a barba as sobrancelhas, e tomei o hábito de calândar. Pus-me a caminho, chorando menos a minha miséria do que as belas princesas cuja morte eu havia causado. Atravessei vários países sem me dar a conhecer; finalmente, resolvi vir a Bagdá, na esperança de conseguir ser apresentado ao Comendador dos Crentes, e provocar sua compaixão com minha estranha história. Cheguei hoje, e a primeira pessoa que se me deparou foi o calândar nosso irmão que falou antes de mim. Sabeis o resto, senhora, e porque tenho a honra de me encontrar sob o vosso teto.'

Quando o segundo calândar terminou sua história, Zobeida, a quem ele dirigira a palavra, disse-lhe: 'Está bem. Ide, retirai-vos para onde quiserdes; dou-vos permissão.' Em vez de sair, porém, ele lhe suplicou que lhe

concedesse a mesma graça já concedida ao primeiro calândar, perto do qual se sentou.”

— Mas, senhor — disse Sherazade ao terminar essas palavras —, já é dia, e não posso prosseguir. Ouso assegurar-vos que, por mais interessante que tenha sido a história do segundo calândar, a do terceiro não é menos bela. Consultai-vos, e vede se tendes paciência para a ouvir.

O sultão, curioso para saber se a terceira história era tão maravilhosa quanto a primeira, levantou-se, resolvido a prolongar ainda a vida de Sherazade, embora o adiamento concedido já tivesse terminado havia alguns dias.

53^A NOITE

— Bem quisera — disse Shahriar pelo fim da noite — ouvir a história do terceiro calândar.

— Senhor — respondeu-lhe Sherazade —, eu o obedecerei. “O terceiro calândar, vendo que lhe cabia a vez de falar e, dirigindo-se como os outros a Zobeida, assim começou sua história:

A história do terceiro calândar, filho de rei

‘Honradíssima senhora, o que vou contar-vos é bem diferente do que acabastes de ouvir. Os dois príncipes, que falaram antes de mim, perderam um dos olhos por efeito do destino. Quanto a mim, perdi-o exclusivamente por minha culpa, por ser precipitado e buscar minha própria desventura, como dentro em pouco vereis.

Chamo-me Agib, e sou filho de um rei que se chamou Cassib. Após sua morte, tomei posse dos meus Estados e fixei residência na mesma cidade em que ele havia habitado. Essa cidade situa-se à beira-mar, possui um porto dos mais lindos e seguros, com um grande arsenal, suficiente para o armamento de 150 navios de guerra sempre prontos, e para equipar cinquenta navios mercantes e outras tantas pequenas fragatas leves para passeios e divertimentos. Várias formosas províncias compõem meu reino em terra firme, com grande número de importantes ilhas, quase todas situadas nas vizinhanças da minha capital.

Visitei primeiramente as províncias; em seguida, mandei que armassem e equipassem a minha frota, e percorri as ilhas a fim de granjear, com a minha presença, a amizade dos súditos e o cumprimento dos seus deveres. Pouco tempo depois, tornei a visitá-las, e tais viagens, ao mesmo tempo em que me proporcionavam um verniz de navegação, de tal forma despertaram meu interesse que resolvi descobrir terras desconhecidas, para além das minhas ilhas. Para isso mandei equipar apenas dez navios. Embarquei, e zarpamos. Durante quarenta dias, nossa navegação foi felicíssima; mas na 41^a noite, o vento, contrário e furioso, bateu-nos inclementemente, ameaçando nos fazer naufragar. Contudo, ao despontar o dia, abrandou-se, as nuvens dissiparam-se, e, trazendo o Sol de novo o bom tempo, arribamos a uma ilha onde nos detivemos por dois dias, a fim de nos refazermos. Depois, voltamos ao mar. Após dez dias de viagem, começamos a esperar ver terra, pois a tormenta me havia desviado do meu trajeto, e eu dera ordens para seguir a rota dos meus Estados quando percebi que o meu piloto não sabia onde nos encontrávamos. Efetivamente, no décimo dia, um marinheiro, posto como

vigia no topo do mastro, informou-nos de que à direita e à esquerda só se via céu e mar, mas na sua frente, do lado da proa, se distinguia uma grande escuridão.

O piloto tornou-se lívido àquela notícia, jogou o turbante ao chão, e bateu no rosto, gritando: Ah, senhor, estamos perdidos! Ninguém poderá escapar do perigo; e apesar de toda a minha experiência, não consigo descobrir o caminho da salvação. Pôs-se a chorar em seguida, como homem que tem certeza da própria perda irreparável, e seu desespero semeou o espanto por todo o navio. Perguntei-lhe que razões tinha para daquela maneira desesperar-se. Ah, senhor, respondeu-me, a tormenta que atravessamos de tal forma nos desviou da rota que amanhã, ao meio-dia, nos encontraremos ao pé dessa escuridão que nada mais é senão a Montanha Negra, um ímã; desde já, atrai toda a vossa frota, em virtude dos pregos e das ferramentas que fazem parte da estrutura dos navios. Amanhã, quando chegarmos a certa distância, a força do ímã será tão grande que todos os pregos se desprenderão e irão colar-se à montanha. Os vossos navios se desfarão afundando. Como o ímã tem o poder de atrair o ferro, e de fortalecer-se com tal atração, a montanha, do lado do mar, está coberta de pregos de uma infinidade de navios por ela destruídos, o que conserva e aumenta ao mesmo tempo tal qualidade. Essa montanha é bastante escarpada; no topo há uma cúpula de bronze, sustentada por colunas do mesmo metal; no alto da cúpula, um cavalo, também de bronze, montado por um cavaleiro que traz o peito coberto por uma placa de chumbo sobre a qual estão gravados caracteres mágicos. A tradição, senhor, diz que essa estátua é a principal causa da perda de tantos navios e de tantos homens afogados nesse lugar, e que só deixará de ser funesta aos que tiverem a desventura de se aproximar quando for derrubada.

O piloto, após contar-me essa história, recomeçou a chorar, e as lágrimas provocaram as de toda a tripulação. Eu mesmo pensei que tivesse chegado o fim dos meus dias. Cada um, entretanto, cuidou de pensar na própria salvação, tomando todas as medidas possíveis; e, na incerteza do resultado, nomearem-se herdeiros uns dos outros, por um testamento em favor dos que se salvassem.

No dia seguinte, de manhã, percebemos claramente a Montanha Negra; e a ideia que dela formamos fez com que ela parecesse mais terrível do que era na realidade. Pelo meio-dia, vimo-nos tão perto, que assistimos ao que o piloto predissera. Vimos voar os pregos e todas as outras ferramentas da frota para a montanha, onde, pela violência da atração, provocavam espantoso barulho.

Os navios entreabriram-se e afundaram no mar, tão profundo naquelas paragens que com a âncora não poderíamos atingir-lhe o fundo. Todos pereceram afogados; mas Deus apiedou-se de mim e permitiu que eu me salvasse, munindo-me de uma prancha impelida pelo vento para o sopé da montanha. Não me machuquei nem de leve. A minha sorte levou-me a um ponto onde se viam degraus que conduziam ao topo...”

Sherazade quis prosseguir, mas o dia que acabava de despontar lhe impôs silêncio. O sultão compreendeu, desde o início, que a sultana não o enganara. Por conseguinte, não é de pasmar que não mandasse executá-la naquele dia.

54^A NOITE

— Em nome de Deus, minha irmã! — exclamou Dinazade no dia seguinte. — Continua a história do terceiro calândar.

— Minha querida irmã — respondeu Sherazade —, eis como o príncipe prosseguiu:

“À vista daqueles degraus, pois não havia terra nem à direita nem à esquerda onde eu pudesse pôr os pés, e por conseguinte salvar-me, agradei a Deus e, invocando o seu santo nome, comecei a subir. A escadaria era tão estreita, abrupta e difícil, que o vento, por menos violento que fosse, ameaçava precipitar-me ao mar. Finalmente, consegui atingir o topo sem sofrer acidentes, entrei sob a cúpula, e prostrando-me sobre o chão dei graças a Deus por ele ter me salvado.

Passei a noite sob a cúpula. Enquanto dormia, um venerável ancião me apareceu e disse-me: Escuta, Agib, quando despertares, cava a terra sob teus pés. Encontrarás um arco de bronze e três flechas de chumbo desenhadas sob certas constelações, para livrarem o gênero humano dos inúmeros males que o afligem. Lança as três flechas contra a estátua; o cavaleiro cairá ao mar, e o cavalo ao teu lado; este enterrarás tu no mesmo lugar de que tirares o arco e as flechas. Feito isso, o mar começará a subir, atingindo o pé da cúpula, à altura da montanha. Verás, então, um barco em que se encontrará um homem com um remo em cada mão. Esse homem será de bronze, mas diferente do cavaleiro. Embarca com ele sem pronunciar o nome de Deus, e deixa que ele te conduza. Levar-te-á em dez dias a outro mar, onde encontrará o meio de voltar para o teu país são e salvo, contanto que, como já te disse, não pronuncies o nome de Deus durante toda a viagem.

Assim disse o ancião. Mal acordei, levantei-me confortadíssimo por aquela visão, e não deixei de fazer o que me fora ordenado. Desenterrei o arco e as flechas, e lancei-as contra o cavaleiro. Na terceira, atirei-o ao mar, e o cavalo tombou ao meu lado. Enterrei-o no lugar do arco e das flechas e, naquele intervalo, o mar, subindo, elevou-se pouco a pouco. Quando

chegou ao pé da cúpula, à altura da montanha, vi no mar um barco que rumava para mim. Abençoei a Deus, já que tudo sucedia de acordo com o sonho.

Finalmente, o barco encostou-se à margem e reconheci o homem de bronze tal qual me fora descrito. Embarquei, cuidando bem de não pronunciar o nome de Deus. Nem sequer outras palavras pronunciei. Sentei-me, e o homem de bronze começou a remar novamente, afastando-se da montanha. Assim procedeu até o nono dia, quando percebi umas ilhas que me deram a esperança que em breve estaria fora de perigo. O excesso de júbilo fez com que eu me esquecesse da proibição: Deus seja louvado!, exclamei. Deus seja louvado!

Não havia terminado tais palavras ainda quando o barco afundou no mar com o homem de bronze. Ficando à tona, nadei o resto do dia ao lado da terra que me pareceu mais próxima. Sobreveio uma noite muito escura; e, como já não soubesse onde estava, nadei ao acaso. As minhas forças se esgotaram e comecei a desistir da salvação quando, tornando-se mais forte o vento, uma onda mais alta que a montanha me atirou à praia, onde fiquei. Apressei-me imediatamente em correr para a terra, com medo de que outra me levasse de novo, e a primeira coisa que fiz foi me despir, espremer minhas vestes e estendê-las para que secassem sobre a areia, ainda quente com o calor do Sol.

No dia seguinte, o Sol terminou de secá-las. Vesti-as outra vez e avancei para reconhecer o lugar no qual eu me encontrava. Bastou uma pequena caminhada para eu ver que me encontrava numa ilhota deserta, agradável, com várias espécies de árvores frutíferas e agrestes. Notei, contudo, que se achava consideravelmente afastada da terra, o que muito diminuiu minha alegria por ter escapado ao mar. Apesar de tudo, confiei a Deus o cuidado de dispor da minha sorte segundo a sua vontade, quando percebi um pequeno navio que vinha da terra firme, e com velas enfunadas e proa dirigida para a minha ilhota.

Não duvidando que pretendesse arribar, e não sabendo se os seus tripulantes eram amigos ou inimigos, achei melhor não aparecer imediatamente. Subindo à copa frondosa de uma árvore pude impunemente

examiná-los. O navio ancorou numa enseadazinha e dele desembarcaram dez escravos com uma pá e outros instrumentos adequados à remoção da terra. Rumaram para o meio da ilha e cavaram por algum tempo; pareceu-me que tratavam de pôr à mostra um alçapão. Em seguida, voltaram ao navio e desembarcaram várias espécies de provisões e móveis que levaram ao lugar onde haviam cavado. Desceram, e eu compreendi que devia haver lá um subterrâneo. Vi-os ir mais uma vez ao navio e dele sair pouco depois com um ancião acompanhado por um formoso jovem de 14 ou 15 anos. Desceram todos, e quando tornaram a subir, abaixaram o alçapão, recobriram-no de terra, e retomaram o caminho da enseada onde o navio se achava ancorado; mas notei que o jovem não os acompanhava, de onde concluí que ficara no subterrâneo, o que me causou profundo assombro.

O ancião e os escravos embarcaram; e o navio, desamarrando as velas, apontou para a terra firme. Quando o vi a uma distância que impedia que a tripulação me distinguisse, desci da árvore e dirigi-me imediatamente para o lugar onde havia sido removida a terra. Removi-a, até que encontrei uma pedra de dois ou três pés de lado; retirei-a e percebi que cobria a entrada de uma escada também de pedra. Desci e encontrei-me numa grande sala onde havia um tapete e um sofá guarnecido de outro tapete e de almofadas de tecido precioso; no sofá, sentado, distingi o jovem, com um leque. Vi tudo à luz de duas velas, assim como vi frutos e vasos de flores perto dele. O jovem se assustou; mas, para o tranquilizar, disse-lhe: Quem quer que sejais, senhor, não temais; eu, rei e filho de rei, não sou capaz de vos causar o menor mal. Pelo contrário, a vossa boa sorte quis que me encontrasse aqui para vos tirar deste túmulo, onde parece que vos enterraram vivo por razões que ignoro. Mas o que me embaraça e o que não posso conceber, pois vos direi que testemunhei tudo quanto se passou desde que chegastes a esta ilha, é o fato de vos terdes, aparentemente, deixado enterrar sem resistência...”

Sherazade se calou. Quanto a Shahriar, ele se levantou, ansioso em saber por que aquele jovem tinha sido abandonado numa ilha deserta.

55^A NOITE

Dinazade, quando chegou a hora, chamou a sultana, e Sherazade, sem fazer-se rogar, continuou a história do terceiro calândar:

“O jovem”, prosseguiu o terceiro calândar, ‘tranquilizou-se com minhas palavras, e rogou-me, sorridente, que me sentasse perto dele: Senhor, vou contar-vos algo que vos assombrará pela sua singularidade. Meu pai é um joalheiro que adquiriu grandes bens com seu trabalho e sua habilidade. Possui grande número de escravos e de empregados que viajam por mar em navios que lhe pertencem, a fim de manter contato com várias cortes às quais fornece as pedras preciosas necessárias. Havia muito tempo que estava casado, sem filhos, quando sonhou que iria ter um, cuja vida, porém, não duraria muito, o que lhe causou grande desgosto, ao acordar. Alguns dias mais tarde, minha mãe anunciou-lhe estar grávida, e o dia em que ela julgava ter concebido correspondia ao do sonho do meu pai. Ao cabo de nove meses, nasci; grande foi a alegria na família. Meu pai, que tinha observado exatamente o instante do meu nascimento, consultou astrólogos, que lhe disseram: Vosso filho viverá sem acidentes até os 15 anos. Correrá, então, grande perigo de vida, e será difícil que escape. Se, contudo, quiser a sua sorte que ele não morra, terá vida longuíssima. Naquela ocasião, acrescentaram, a estátua de bronze que fica em cima da montanha de ímã será derrubada pelo príncipe Agib, filho do rei Cassib, e os astros mostram que, cinquenta dias depois, vosso filho deverá morrer pelas mãos desse príncipe. Como tal predição se condizia com a de meu pai, ele ficou fortemente impressionado e aflito. Não deixou, contudo, de cuidar bastante bem da minha educação até este ano, o 15º da minha idade. Soube ontem que há dias foi o cavaleiro de bronze lançado ao mar pelo príncipe que acabo de vos nomear. Essa notícia custou-lhe copiosas lágrimas, e causou-lhe tantas inquietações que ninguém o reconhece no estado em que se encontra. Estudando a predição dos astrólogos, buscou os meios de enganar o meu horóscopo e conservar-me a vida. Já faz muito tempo que tomou a

precaução de mandar construir essa moradia, para aqui me ocultar durante cinquenta dias, quando soubesse que a estátua fora derrubada. Eis por que me trouxe aqui, prometendo vir buscar-me ao cabo de quarenta dias. Quanto a mim, tenho esperanças e não creio que o príncipe Agib venha procurar-me debaixo da terra, no meio de uma ilha deserta. É tudo quanto tinha que vos dizer, senhor.

Enquanto o filho do joalheiro me narrava sua história, eu me ria dos astrólogos que haviam predito que eu lhe tiraria a vida e sentia-me tão distante da predição que mal terminando de falar, eu lhe disse: Meu caro senhor, tende confiança em Deus e nada temais. Supondo que tínheis uma dívida para pagar, e que desde já a pagastes. Após ter naufragado, sinto-me contentíssimo por me encontrar aqui, a fim de vos defender contra os que pretenderem atentar contra vossa vida. Não vos abandonarei durante estes quarenta dias que as vãs conjecturas dos astrólogos vos fazem temer. E durante todo esse tempo vos prestarei os serviços que de mim dependerem. Depois, valer-me-ei da oportunidade de chegar à terra firme, embarcando convosco no navio, com a permissão de vosso pai e a vossa; e quando tiver voltado ao meu reino, não me esquecerei da gratidão que vos devo, e me esforçarei por vos testemunhar meu reconhecimento.

Tranquilei, com tais palavras, o filho do joalheiro e conquistei-lhe a confiança. Evitei, contudo, aterrorizá-lo, não lhe dizendo ser eu o Agib tão temido, e envidei todos os esforços para que ele não suspeitasse. Conversamos sobre outros assuntos até a noite e vi que o jovem era bastante inteligente. Comemos juntos. Havia tantas provisões que não estariam esgotadas, ao cabo de quarenta dias, quando surgissem outros visitantes. Após jantarmos, continuamos a conversar por algum tempo; em seguida, fomos dormir.

No dia seguinte, quando ele se levantou, dei-lhe uma bacia de água para que ele pudesse se lavar. Preparei a refeição e servi-a. Depois, inventei uma distração para nos divertirmos, não somente naquele dia, como também nos seguintes. Preparei a refeição noturna assim como a diurna. Comemos e nos deitamos como no dia anterior. Assim, nos tornamos grandes amigos. Percebi que o jovem tinha afeição por mim; da minha parte, era tão forte a

minha por ele que eu vivia repetindo para mim mesmo que os astrólogos que haviam predito ao pai que o filho seria morto pelas minhas mãos não passavam de impostores, e que seria impossível eu cometer tal ato. Enfim, senhora, vivemos 39 dias do modo mais agradável do mundo naquele subterrâneo.

Chegou o quadragésimo dia, enfim. De manhã, o jovem, ao acordar, disse-me com alegria que não pôde refrear: Príncipe, chegamos ao quadragésimo dia, e eu não estou morto, graças a Deus e à vossa excelente companhia. Meu pai não deixará de vos testemunhar seu reconhecimento e de vos proporcionar todos os meios e comodidades para que volteis ao vosso reino. Mas, enquanto aguardamos, peço-vos que aqueçais água para que eu me lave na banheira; quero, em seguida, trocar as vestes, a fim de melhor receber meu pai. Pus água no fogo e, quando a vi bastante quente, despejei-a na banheira. O jovem entrou, e eu mesmo o lavei e esfreguei. Depois, saindo, deitou-se no leito preparado. Cobri-o bem. Após ter dormido algum tempo, disse-me: Senhor, trazei-me, por favor, um melão e um pouco de açúcar, para que eu me refaça.

Escolhi o melhor dos melões que nos restavam e coloquei-o num prato; mas, como não encontrava a faca para o cortar, perguntei ao jovem onde a guardava. Há uma, respondeu-me, sobre essa cornija, por cima da minha cabeça. Achei-a; mas precipitei-me de tal forma para pegá-la e no instante em que a empunhava o meu pé se prendeu de tal jeito na coberta que escorreguei e caí sobre o jovem, enterrando-lhe a faca no coração. O infeliz expirou imediatamente.

Àquela cena, comecei a gritar. Bati na cabeça, no rosto e no peito. Rasguei as vestes e lancei-me ao chão dominado por indizível dor e remorso. Ai de mim, só lhe restavam algumas horas para se ver livre do perigo contra o qual havia procurado esse refúgio; e, quando eu mesmo já contava ter passado o perigo, torno-me seu assassino e cumpro a predição! Mas, senhor, acrescentei, levantando o rosto e as mãos para o céu, peço-vos perdão; e se sou culpado pela sua morte, não me deixes viver por mais tempo...”

Sherazade, vendo o dia, foi obrigada a interromper tão triste história. O sultão da Índia, comovido e inquieto pelo destino do calândar, deixou

também naquele dia de mandar executar Sherazade.

56^A NOITE

A sultana, convidada por Dinazade a contar o que se passara após a morte do jovem, assim continuou a história:

“‘Senhora’, prosseguiu o terceiro calândar, dirigindo-se a Zobeida, ‘após aquela desgraça, teria recebido a morte sem temor, se a mim se houvesse apresentado. Mas o mal e o bem nem sempre nos vêm quando os desejamos. Contudo, refletindo que as minhas lágrimas e a minha dor não devolveriam a vida do jovem, e que, estando findo o prazo, poderia ser surpreendido pelo pai, saí do subterrâneo, subi a escada, abaixei a grande pedra sobre a entrada e cobri-a de terra.

Mal havia terminado, olhando num instante para a terra firme, avistei o navio que vinha buscar o jovem. Decidindo, então, sobre o que convinha fazer, disse a mim mesmo: Se eu deixar que me vejam, o ancião não deixará de ordenar que me prendam, quando vir o estado do seu filho, e fará talvez com que seus escravos me trucidem. Tudo que eu alegar para me justificar será inútil para convencê-lo da minha inocência. É melhor, portanto, que eu desapareça.

Havia perto da entrada do subterrâneo uma grande árvore, cuja copa espessa me pareceu adequada para nela me esconder. Subi e, mal me havia colocado em posição de ver sem ser visto, o navio ancorou no mesmo ponto em que o fizera na primeira vez.

O ancião e os escravos desembarcaram e dirigiram-se para a moradia subterrânea com a esperança estampada nos seus rostos; mas, quando notaram a terra recém-movida, perturbaram-se, sobretudo o ancião. Levantaram a pedra e desceram. Chamaram o jovem, mas foi em vão. O seu temor cresceu. Procuraram-no por toda a parte, e encontraram-no estendido no leito, com uma faca fincada no coração, pois eu não tivera coragem de retirá-la. Diante daquela cena, deram terríveis gritos de dor, os quais renovaram a minha. O ancião perdeu os sentidos; seus escravos, a fim de o fazerem recuperá-los, levaram-no para fora e colocaram-no justamente aos

pés da árvore em que eu me ocultava. Mas, apesar de todos os seus cuidados, o infeliz pai ficou por um longo tempo desacordado.

Tempos depois, recobrou os sentidos. Os escravos trouxeram, então, o corpo do filho, nas suas mais ricas vestes; quando ficou pronta a sepultura, nela o depositaram. O ancião, amparado por dois escravos, com o rosto banhado em lágrimas, lançou-lhe um pouco de terra, após o que os escravos encheram a sepultura.

Feito aquilo, retiraram os móveis do subterrâneo e os embarcaram com o resto das provisões. Em seguida, o ancião, aniquilado pela dor, foi posto sobre uma maca e levado para o navio, que içou novamente as velas, afastando-se da ilha imediatamente...”

O dia que já iluminava o aposento do sultão da Índia obrigou Sherazade a calar-se. Shahriar levantou-se, como costumava, e, pela mesma razão que a da véspera, prolongou ainda a vida da sultana.

57^A NOITE

No dia seguinte, disse Sherazade, continuando as aventuras do terceiro calândar:

— Minha irmã, saberás que o príncipe prosseguiu nesses termos sua história a Zobeida e aos seus convidados:

“Após a partida do ancião, dos escravos e do navio fiquei sozinho na ilha. Passava a noite no subterrâneo, que não fora tapado; durante o dia, caminhava pela ilha e detinha-me nos pontos mais indicados para repousar. Levei esta vida tediosa durante um mês. Ao fim desse tempo, percebi que o mar ia recuando sensivelmente, e que a ilha tornava-se maior. Era como se a terra firme se aproximasse. As águas desceram tanto, que só restava um pequenino trajeto entre mim e a terra firme. Decidi percorrê-lo. A água mal alcançava meus joelhos. Caminhei por tanto tempo na areia que me senti fatigado. Por fim, alcancei terreno mais firme, e já estava bem distante do mar quando vi muito distante de mim uma espécie de grande fogo, o que me causou alegria. Encontrarei alguém, disse a mim mesmo. Mas, à medida que dele me aproximava, ia-se desfazendo o meu engano, e em pouco tempo verifiquei que o que eu tomara por fogo era um castelo de cobre ao qual os raios do Sol causavam, de longe, a aparência de inflamado.

Parei perto do castelo e sentei-me, tanto para contemplar sua admirável estrutura como para refazer um pouco as forças. Ainda não dera àquela magnífica fortaleza toda a atenção, quando vi dez jovens que, aparentemente, voltavam de um passeio. Mas o que me pareceu mais surpreendente foi o fato de serem todos eles cegos do olho direito. Acompanhavam um ancião de elevada estatura e aspecto venerável.

Fiquei admirado em ver tantas pessoas de uma só vez, e todos privados do mesmo olho. Enquanto buscava explicar por que se achariam juntos, dirigiram-se a mim com grande alegria. Após as primeiras saudações, perguntaram-me o que havia me levado até lá. Respondi-lhes que a minha história era um pouco longa, e que, se quisessem se sentar, eu lhes daria a

resposta que desejavam. Sentaram-se, e contei-lhes o que me sucedera desde que havia saído do meu reino até então, o que lhes causou grande surpresa.

Quando terminei, os jovens rogaram-me que entrasse com eles no castelo. Aceitei o convite. Atravessamos várias salas, antessalas, salões e gabinetes ricamente mobiliados, e chegamos a um grande salão, onde havia dez pequenos sofás azuis e separados, que serviam tanto para o repouso durante o dia como para o sono durante a noite. No meio do círculo formado pelos dez sofás, menos elevado mas da mesma cor, achava-se outro, sobre o qual se colocou o ancião de que falei. Os dez mancebos sentaram-se nos outros.

Como cada sofá só podia acolher uma pessoa, disse-me um dos jovens: Companheiro, sentai-vos sobre o tapete, aqui no meio, e não indagueis do que nos diz respeito ou do motivo pelo qual somos todos cegos do olho direito. Contentai-vos em ver, não leveis além a vossa curiosidade.

O ancião não ficou muito tempo sentado. Levantou-se e saiu. Mas voltou alguns momentos depois, trazendo a refeição dos dez senhores, a cada um dos quais distribuiu a sua porção. Serviu-me também, e eu comi, seguindo o exemplo dos demais. Pelo fim da refeição, o mesmo ancião nos apresentou, a cada um, uma taça de vinho.

A minha história lhes pareceu tão extraordinária que me obrigaram a repeti-la, e ela deu origem a uma conversação que se prolongou por boa parte da noite. Um dos rapazes, refletindo que já era tarde, disse ao ancião: Vedes que está na hora de dormir, e, no entanto, não nos trazeis o que se nos faz necessário para cumprirmos o nosso dever. Àquelas palavras, o ancião se levantou e entrou num gabinete de onde trouxe sobre a cabeça dez bacias, todas cobertas por um tecido azul. Diante de cada um dos rapazes colocou uma com um archote.

Os rapazes descobriram suas bacias que continham cinza, carvão em pó e fuligem. Misturaram tudo e começaram a esfregar e sujar o rosto, tornando-se medonhos. Depois, desataram a chorar, a se lamentar e a bater na cabeça e no peito, gritando sem cessar: Eis o fruto da nossa ociosidade e libertinagem!

Passaram quase toda a noite assim. Finalmente, cessaram, após o que o ancião lhes trouxe água, com a qual lavaram o rosto e as mãos; despiram

também as vestes, estragadas, substituindo-as por outras, de modo que não parecia que tinham feito as coisas esquisitas que eu presenciara.

Julgai, senhora, o meu constrangimento durante todo aquele tempo. Mil vezes me senti tentado a romper o silêncio que me fora imposto, fazendo perguntas, e foi-me impossível dormir o resto da noite.

No dia seguinte, mal nos levantamos, saímos para tomar ar, e então eu lhes disse: Senhores, declaro-vos que renuncio à lei que me prescrevestes ontem, porque não posso observá-la. Sois pessoas de bom senso e inteligentes conforme pude comprovar, contudo, tive a oportunidade de vê-los praticar atos insensatos. Seja qual for a desgraça que me sobrevenha, não posso deixar de perguntar por que sujastes os rostos com cinza, carvão e fuligem, e enfim por que tendes apenas um dos olhos. Evidentemente, deve ser algo extraordinário, e é por isso que vos suplico satisfazer minha curiosidade. Diante de tanta insistência, nada responderam, a não ser que as minhas perguntas eram importunas, que aquilo não me interessava, e que melhor seria calar-me.

Passamos o dia entretidos em coisas diferentes; quando a noite veio, após termos comido, o ancião trouxe outra vez as bacias azuis, e os jovens sujaram o rosto, choraram e gritaram: Eis o fruto da nossa ociosidade e libertinagem. Na outra noite e nas seguintes tornaram a fazer a mesma coisa.

Por fim, não resisti à curiosidade e roguei-lhes seriamente que me contentassem, ou me ensinassem o caminho de volta ao meu reino, pois lhes disse não ser possível demorar-me mais com eles e presenciar todas as noites tão extraordinário espetáculo, sem que me fosse dado saber seu motivo.

Um dos jovens me respondeu pelos outros: Não vos admireis do nosso procedimento para convosco. Se até agora não cedemos aos vossos rogos foi apenas por amizade e para poupar-vos o pesar de ser reduzido ao mesmo estado em que nos vedes. Se quiserdes realmente conhecer nosso infeliz destino, bastar-vos-á apenas falar, que nós vos daremos satisfação. Respondi-lhes que estava disposto a tudo. Ainda uma vez, prosseguiu o mesmo jovem, o nosso conselho é que refreeis a vossa curiosidade, pois se tratará da perda do vosso olho direito. Não importa, respondi. Declaro-vos que se tal me suceder, não vos responsabilizarei, e atribuirei a culpa a mim exclusivamente.

Disse-me ainda o infeliz que, quando eu perdesse o olho, não poderia esperar viver com eles, supondo que tal ideia me cruzasse a mente, por estar completo o seu número e não poder ser aumentado. Respondi-lhes que para mim seria um prazer nunca mais separar-me de pessoas tão honestas, mas que, se houvesse necessidade, estaria pronto a me submeter, pois, fosse pelo preço que fosse, o que eu desejava era uma resposta à minha pergunta.

Os dez rapazes, vendo-me inflexível na minha resolução, pegaram um carneiro, mataram-no, e, após tirar-lhe a pele, apresentaram-me a faca de que se haviam servido, dizendo-me: Pegai-a. Servir-vos-á no momento sobre o qual, daqui a pouco, vos falaremos. Vamos cosê-lo nessa pele, na qual é preciso que vos envolvais; em seguida, o deixaremos no terraço e nos retiraremos. Uma ave de tamanho colossal, chamada roc,^[14] aparecerá, e, tomando-vos por carneiro, cairá sobre vós para elevar-vos até as nuvens; mas não temais. Ela retomará o voo para a terra e vos deixará sobre o cume de uma montanha. Mal notes que estais em terra, rasgai a pele com a faca e livrai-vos. O roc, vendo-vos, fugirá espavorido. Não demoreis; caminhai até a um castelo de prodigioso tamanho, coberto de placas de ouro, grandes esmeraldas e outras pedras preciosas. Aproximai-vos da porta, sempre aberta, e entrai. Nada vos diremos do que ali vimos, nem do que nos sucedeu, porque, por vós mesmo, vereis. O que podemos afirmar é que a cada um de nós nos custou um olho, o direito; e a penitência de que fostes testemunha é coisa que somos obrigados a fazer, por termos estado no castelo. A história de cada um de nós está repleta de extraordinárias aventuras, e daria um grande livro, nada mais, porém, podemos contar...”

Terminando aquelas palavras, Sherazade interrompeu-se, e disse ao sultão da Índia:

— Senhor, como minha irmã me acordou hoje um pouco antes que o costume, tive medo de vos aborrecer. Eis, todavia, a luz que surge a propósito e me impõe silêncio.

A curiosidade de Shahriar venceu mais uma vez o cruel juramento que fizera.

58^A NOITE

Dinazade nessa noite não acordou tão cedo como na véspera. Não deixou, contudo, de chamar a sultana antes do amanhecer, e pediu-lhe que continuasse a história do terceiro calândar. Sherazade tomou imediatamente a palavra:

“Senhora, após ter-me falado um dos dez rapazes como vos contei, envolvi-me na pele de carneiro, armado da faca que me fora dada. E, quando os dez rapazes me vestiram com a pele, retiraram-se para o salão. O roc de que me haviam falado não demorou em aparecer, caiu sobre mim, pegou-me com suas garras, como se eu fosse um carneiro, e levou-me para o alto de uma montanha.

Quando percebi que estava novamente em terra, vali-me da faca, cortei a pele, livrando-me dela, e pus-me diante do roc, que imediatamente voou para longe. O roc é uma ave branca, monstruosamente grande. Sua força é tal que arrebatava elefantes na planície e os leva para o pico das montanhas, a fim de devorá-los.

Na minha impaciência em chegar ao castelo, não perdi tempo e apressei de tal forma o passo que em menos de meio dia o alcancei. Posso afirmar que o achei mais lindo ainda do que descreveram. A porta estava aberta. Entrei num pátio quadrado e tão vasto que havia em torno dele 99 portas de sândalo e aloés, e uma de ouro, sem contar as várias escadarias magníficas que levavam aos aposentos superiores. As cem de que falei davam para jardins, depósitos repletos de riquezas ou lugares que continham coisas surpreendentes.

Vendo na minha frente uma porta aberta, entrei num grande salão, no qual se encontravam sentadas quarenta jovens mulheres de tão perfeita beleza que a própria imaginação não poderia superá-la. Usavam vestidos magníficos. Mal me viram, levantaram-se todas ao mesmo tempo, e, sem que eu as saudasse, disseram-me, com grandes demonstrações de alegria: Sede, senhor, bem-vindo! E uma delas, falando em nome de todas, disse-me: Há

muito tempo que aguardávamos um cavaleiro como vós. As vossas maneiras nos mostram que possuíis todas as boas qualidades que poderíamos desejar, e esperamos que não acheis nossa companhia desagradável e indigna de vós.

Após muita resistência da minha parte, forçaram-me a sentar num lugar um pouco mais alto que o ocupado por elas. Ao lhes dizer que aquilo me entristecia, responderam: É o vosso lugar. A partir desse momento sois nosso senhor, nosso amo e juiz, e nós vossas escravas, prontas para receber vossas ordens.

Nada no mundo, senhora, me espantaria como o ardor e a solicitude de tão lindas mulheres. Uma delas trouxe água quente e lavou meus pés; outra me derramou perfume nas mãos; umas trouxeram tudo quanto se fazia necessário para que eu trocasse minhas vestes; outras me serviram magnífica refeição; outras, enfim, se apresentaram com taças, prontas a dar-me vinho do mais delicioso; e tudo se fazia sem confusão, com ordem, uma união admirável e maneiras que me encantavam. Bebi e comi, após o que todas, rodeando-me, me pediram que lhes contasse a minha viagem. Narrei-lhes as minhas aventuras, e nisso me demorei até a chegada da noite...”

Tendo-se Sherazade calado naquele ponto, sua irmã perguntou-lhe a razão.

— Não vês que já é dia? — respondeu a sultana. — Por que não me acordaste mais cedo?

O sultão, a quem a chegada do calândar ao palácio das quarenta formosas mulheres prometia coisas agradáveis, não querendo privar-se do prazer de ouvi-las, mais uma vez adiou a morte da sultana.

59^A NOITE

Dinazade não foi mais diligente nesta noite do que na véspera, e já era quase dia quando pediu à sultana que lhe contasse o que se havia passado no magnífico castelo.

— Vou contar-lhe — respondeu Sherazade. E, dirigindo-se ao sultão, disse: — Senhor, o príncipe calândar continuou sua história nestes termos:

“Quando acabei de contar a minha história às quarenta mulheres, algumas, sentadas mais perto de mim, ficaram para distrair-me, enquanto outras, vendo que já era noite, se levantaram para ir buscar velas. Trouxeram prodigiosa quantidade, que substituiu maravilhosamente a claridade do dia, e dispuseram-nas com tamanha simetria que se tinha a impressão de que o seu número podia ser menor.

Outras prepararam uma mesa de frutas secas, doces e várias iguarias, e trouxeram diversos tipos de vinho e licores; outras, enfim, apareceram com instrumentos de música. Quando tudo ficou pronto, convidaram-me a sentar à mesa. Sentaram-se comigo, e ali nos demoramos um longo tempo. As que iam tocar os instrumentos e cantar levantaram-se e proporcionaram encantador concerto. As restantes começaram uma espécie de dança, enlaçadas duas a duas e umas após as outras, com a maior graça desse mundo.

Era mais de meia-noite quando terminamos. Uma das mulheres, então, tomando a palavra, disse-me: Estais cansado da caminhada de hoje, e convém que repouseis. Vosso aposento está pronto; mas, antes de vos retirar, escolhei dentre nós a que mais vos agrada, e levai-a a dormir convosco. Respondi que não faria a escolha que me propunham, que eram todas igualmente lindas, espirituosas, dignas do meu respeito e dos meus préstimos, e que não cometeria a descortesia de preferir uma às outras.

Respondeu-me a mesma dama que me falara: Estamos certas da vossa honestidade e sabemos que o temor de provocar ciúmes entre nós vos retém. Mas ponde de lado a vossa discrição. Advertimo-vos que a ventura da escolhida por vós não provocará o nosso despeito, pois concordamos em que

teremos todos os dias, uma após a outra, a mesma honra, e que no fim de quarenta dias tudo será recomeçado. Escolhei, pois, livremente e não percais um tempo que deveis dedicar ao repouso do qual tanto necessitais.

Tive de ceder às suas instâncias. Apresentei a mão à que falara pelas outras. Deu-me a sua, e fomos conduzidos a um magnífico aposento. Deixaram-nos a sós.”

— Mas já é dia, senhor — disse Sherazade ao sultão —, e vós me permitireis deixar o príncipe calândar com a sua dama.

Shahriar não respondeu. Mas, levantando-se, pensou: “É preciso confessar que este conto é belíssimo, e que eu erraria muito se não o ouvisse até o fim.”

60^A NOITE

No dia seguinte, a sultana, ao despertar, disse a Dinazade:

— Eis como o terceiro calândar continuou sua maravilhosa história:

“Mal havia terminado de vestir-me, de manhã, as 39 mulheres restantes entraram no meu aposento com trajes diferentes dos da véspera. Desejando-me um excelente dia, perguntaram sobre minha saúde. Em seguida, levaram-me ao banho, onde elas mesmas me lavaram, apesar dos meus protestos. Quando saí, deram-me outra veste, mais esplêndida ainda que a primeira.

Passamos quase o dia todo à mesa; quando chegou a hora de nos deitarmos, mais uma vez me rogaram que escolhesse uma entre elas para companhia. Enfim, senhora, para não vos aborrecer repetindo sempre a mesma coisa, vos direi que passei um ano inteiro com as quarenta damas, recebendo-as no meu leito uma após outra, e que durante todo esse tempo minha vida não foi abalada por tristeza alguma.

Ao fim do ano, nada conseguiria admirar-me mais; as quarenta damas, em vez de se apresentarem com a costumeira alegria e de me perguntarem como estava, entraram no meu aposento com as faces banhadas pelas lágrimas, abraçaram-me ternamente e disseram-me: Adeus, caro nobre, adeus. É preciso que vos deixemos. Suas lágrimas me comoveram, e eu lhes supliquei que me dissessem o motivo da sua tristeza e da separação de que falavam. Em nome de Deus, minhas formosas damas, acrescentei, dizei-me se posso consolar-vos ou se vos é inútil o meu auxílio. Em vez de me responder, disseram apenas: Por que permitiu Deus que vos tivéssemos visto? Vários cavaleiros, antes de vós, nos deram a honra de sua visita; mas nenhum deles possuía a vossa graça, a vossa doçura, a vossa alegria e o vosso mérito. Não sabemos como nos será possível viver longe de vós. Terminando, recomeçaram a chorar. Minhas amáveis damas, retruquei, não me causeis tristeza. Contai-me a causa da vossa dor. Ai!, responderam elas, que outra coisa poderia nos afligir senão a necessidade de nos separarmos de vós? Talvez nunca mais nos vejamos! Mas se quiserdes, e se tiverdes bastante

domínio sobre vós mesmo, não será impossível que voltemos a nos encontrar. Senhoras, disse, nada compreendo do que dizeis, e suplico-vos que me faleis mais claramente. Pois bem, disse uma delas, para vos satisfazer, diremos que somos todas princesas, filhas de reis. Vivemos aqui juntas, com o acordo que vistes. Mas, no fim de cada ano, somos obrigadas a nos ausentar durante quarenta dias para cumprirmos deveres indispensáveis, que não podemos revelar. Depois, voltamos ao castelo. O ano findou ontem, e é preciso que vos deixemos hoje. É por isso que estamos tão tristes. Antes de partimos, deixaremos as chaves de todas as portas, particularmente as das cem portas, onde achareis o que contentar vossa curiosidade, e adoçar vossa solidão durante nossa ausência. Mas, pelo vosso bem e pelo nosso interesse, recomendamos que vos abstenhais de abrir a porta de ouro. Se o fizerdes, jamais tornaremos a vê-lo, e esse temor aumenta a nossa dor. Esperamos que aproveiteis o aviso que vos damos. Trata-se da vossa paz e da ventura da nossa vida. Tomai cuidado! Se cederdes à vossa indiscreta curiosidade, prejudicar-vos-ei enormemente. Suplicamos, pois, que não cometais tal engano e nos proporcioneis o consolo de aqui vos encontrar ao fim dos quarenta dias. De muito boa vontade levaríamos conosco a chave da porta de ouro, mas seria ofender-vos duvidar da vossa discrição e da vossa prudência...”

Sherazade quis continuar, mas impediu-a o amanhecer. O sultão, curioso em saber o que faria o calândar sozinho no castelo após a partida das quarenta damas, adiou para o dia seguinte a execução da pena.

61^A NOITE

Dinazade, despertando muito antes do amanhecer, chamou a sultana:

— Lembra-te, minha irmã, de que está na hora de contar ao sultão, nosso senhor, a continuação da história que começaste.

Sherazade, então, dirigindo-se a Shahriar, disse-lhe:

— Senhor, sabereis que o calândar assim continuou a sua história:

“Senhora, as palavras das formosas princesas causaram-me verdadeira dor. Não deixei de lhes afirmar que a sua ausência me entristeceria muito, e agradei-lhes os bons conselhos. Assegurei-lhes que os poria em prática, e que faria coisas mais difíceis ainda para lograr a ventura de passar o resto dos meus dias com damas de tão raras qualidades. O nosso adeus foi dos mais ternos. Abracei-as uma após a outra, e elas partiram, deixando-me sozinho no castelo.

A delícia da companhia, a despreocupação, os concertos, os prazeres, tudo me distraía de tal forma durante o ano que eu não tivera tempo nem o menor desejo de ver as maravilhas contidas no palácio encantado. Sequer havia prestado atenção a mil objetos admiráveis que todos os dias estavam diante dos meus olhos, de tal maneira me seduzira a beleza das damas e o prazer de vê-las unicamente ocupadas em agradar-me. Entristeceu-me bastante sua partida; e embora sua ausência não devesse durar mais do que quarenta dias, pareceu-me que iria passar um século sem vê-las.

Tratei de não me esquecer da recomendação de não abrir a porta de ouro; mas como, com exceção daquilo, me fora permitido satisfazer a curiosidade, peguei a primeira das chaves das outras portas, colocadas na ordem.

Abri a primeira e entrei num jardim frutífero indescritível. Não creio também que o prometido pela nossa religião, após a nossa morte, possa superá-lo. A simetria, a limpeza, a admirável disposição das árvores, a abundância e diversidade dos frutos de mil espécies desconhecidas, sua frescura, sua beleza, tudo me encantou. Não devo deixar, senhora, de vos

dizer que o jardim delicioso era irrigado de maneira bastante singular: algumas valas, cavadas com arte e proporção, levavam água em abundância à raiz das árvores que dela necessitavam para produzirem as primeiras folhas e as flores; outras levavam menos àquelas cujos frutos já tinham despontado; outras, ainda menos àquelas em que ele se desenvolviam; e finalmente outras só levavam o suficiente àquelas cujos frutos haviam adquirido o tamanho conveniente, e só aguardavam a maturidade, mas esse tamanho superava muito o dos frutos comuns dos nossos jardins. As demais valas que conduziam às árvores cujos frutos estavam maduros só dispunham da umidade necessária para conservá-los no mesmo estado sem apodrecerem. Não pude deixar de examinar e admirar tão esplêndido lugar; e de lá jamais teria saído se desde então não tivesse concebido ideia ainda maior das outras coisas que ainda não vira. Saí, pois, com a mente repleta de tais maravilhas, fechei a porta, e abri a seguinte.

Em lugar de um jardim de frutos, deparei-me com um de flores não menos singular. Continha um enorme canteiro, não irrigado com a mesma profusão que o precedente, mas, com mais cuidado, para só fornecer a água necessária a cada flor. A rosa, o jasmim, a violeta, o narciso, o jacinto, a anêmona, a tulipa, o ranúnculo, o cravo, o lírio, e uma infinidade de outras flores que só desabrochavam em épocas diversas lá se viam todas entreabertas simultaneamente. E cada uma era mais suave que o ar que se respirava.

Abri a terceira porta e encontrei um enorme viveiro, com piso do mais fino mármore. A gaiola, de sândalo e aloés, encerrava uma infinidade de rouxinóis, pintassilgos, canários, calhandras e outros pássaros mais harmoniosos ainda, dos quais nunca ouvira falar na minha vida. Os vasos em que se achavam a comida e a água eram de jaspe ou de ágata da mais preciosa. O viveiro era limpíssimo; pela sua extensão, calculei que não seria preciso menos de cem pessoas para cuidar da sua limpeza; contudo, não vi ninguém, assim como não vira nos jardins visitados, nos quais não havia notado uma erva daninha, nem a menor superfluidade que me ferisse a vista. O Sol já desaparecera, e eu me retirei encantado com o gorjeio daquela multidão de pássaros que buscavam empoleirar-se no lugar mais cômodo a

fim de gozar do repouso noturno. Voltei ao meu aposento, resolvido a abrir as demais portas nos dias seguintes, com exceção da centésima.

De manhã, tratei imediatamente de abrir a quarta. Se o que me fora dado ver no dia anterior havia sido capaz de me causar surpresa, o que então se me deparou, me arrebatou completamente. Pus os pés num grande pátio rodeado por uma construção de maravilhosa arquitetura, da qual não vos farei a descrição, para evitar muitas palavras. Tinha tal construção quarenta portas abertas, cada uma das quais dava entrada a um tesouro; e dos tesouros, havia vários que valiam muito mais que os maiores reinos desse mundo. O primeiro continha montes de pérolas; e o que ultrapassa tudo quanto se possa imaginar, as mais preciosas, grandes como ovos de pomba, eram mais numerosas que as menores. No segundo, havia diamantes e rubis; no terceiro, esmeraldas; no quarto, ouro em barra; no quinto, ouro em moeda; no sexto, prata em barra; no sétimo e oitavo, prata em moeda. Continham os demais ametistas, crisólitos, topázios, opalas, turquesas, jacintos e todas as outras pedras preciosas que conhecemos, sem mencionar a ágata, o jaspe, a cornalina. Esse mesmo tesouro continha um depósito repleto não somente de ramos mas também de árvores inteiras de coral.

Surpreendido e pasmado, exclamei, após contemplar todas aquelas riquezas: Não, ainda que todos os tesouros de todos os reis do universo fossem reunidos nesse lugar, não se aproximariam desses. Que ventura a minha possuir tantos bens e tão amáveis princesas!

Não vos farei, senhora, a relação pormenorizada de todas as outras coisas raras e preciosas que se me depararam nos dias seguintes. Direi somente que precisei de 39 dias para abrir as 99 portas e admirar tudo o que se me oferecia aos olhos deslumbrados. Faltava apenas a centésima porta, a porta proibida...”

O dia que, naquele instante, clareou o aposento do sultão da Índia, impôs silêncio a Sherazade. Mas a história agradava bastante a Shahriar para que ele desistisse da sua continuação.

62^A NOITE

Dinazade, que não desejava menos ardentemente que Shahriar saber que maravilhas estariam encerradas por trás da centésima porta, chamou a sultana bem antes do amanhecer, solicitando-lhe que terminasse a surpreendente história do terceiro calândar.

“Era o quadragésimo dia após a partida das encantadoras princesas. Se naquele dia tivesse logrado dominar-me, seria hoje o mais feliz dos homens, em vez de ser o mais desgraçado. Elas chegariam no dia seguinte, e o prazer de tornar a vê-las devia ter sido um freio à minha curiosidade; mas, por uma fraqueza da qual não cessarei de me arrepender, sucumbi à tentação do demônio, que só sossegou quando me viu entregar à minha própria desgraça.

Abri a porta fatal que eu prometera não violar, e antes mesmo de ter cruzado o limiar, um perfume assaz agradável, mas contrário ao meu gosto, me fez desmaiar. Contudo, voltei a mim, e, em vez de me valer do aviso, fechar a porta e perder para sempre o desejo de satisfazer a curiosidade, entrei. Após esperar algum tempo para que o perfume se dissipasse, deixei de sentir-me incomodado.

Vi-me numa sala ampla, com grande cúpula e piso juncado de açafrão.

Vários archotes de ouro maciço, com velas acesas que proporcionavam o perfume de aloés e de âmbar cinzento a iluminavam; e a iluminação era ainda aumentada pelas lâmpadas de ouro e prata repletas de um óleo composto de diversos odores. Entre grande número de objetos que atraíram minha atenção, percebi um cavalo negro, o mais formoso do mundo. Aproximei-me dele para contemplá-lo de perto, e verifiquei que tinha sela e rédeas de ouro maciço excelentemente lavradas, que a sua cilha, num dos lados, estava cheia de cevada limpa e de sésamo,^[15] e no outro, de água de rosas. Pegando-o pelas rédeas, levei-o para fora a fim de contemplá-lo à luz do dia. Montei-o e quis fazê-lo caminhar; mas como não se movesse, bati-o com uma chibata que havia encontrado na sua magnífica cavalaria. Mal sentiu o golpe, pôs-se a relinchar horripelantemente; depois, abrindo duas asas

que eu não tinha percebido, elevou-se no ar a perder de vista. Só pensei em manter-me firme na sela, e apesar do meu terror, não me mantive mal. Pouco depois, o animal apontou de novo para a terra, e pousou sobre o terraço superior de um castelo, onde, sem me dar tempo de apeiar, me sacudiu violentamente, tanto que me fez cair para trás; e com a ponta da cauda vazou-me o olho direito.

Eis como perdi um dos olhos. Lembrei-me, então, do que me haviam predito os dez jovens senhores. O cavalo retomou seu voo e desapareceu. Levantei-me, aflitíssimo pela desgraça que eu mesmo chamara sobre mim, e caminhei pelo terraço, com a mão sobre o olho que doía terrivelmente. Desci e encontrei-me num salão que me mostrou, pelos dez sofás dispostos em círculo e outro menos elevado no meio, que o castelo era o mesmo do qual eu fora tirado pelo roc.

Os dez jovens não estavam. Aguardei-os e vi-os chegar pouco depois com o ancião. Não pareceram surpreender-se com a minha volta, nem com a perda do meu olho. Sentimos muito, disseram-me, não podermos nos congratular convosco da maneira pela qual desejaríamos; mas não somos a causa da vossa desgraça. Erraria se vos acusasse, respondi-lhes; fui eu mesmo quem a atraiu e assumo toda a responsabilidade. Se o consolo dos infelizes, disseram, é ter semelhantes, nosso exemplo vos servirá. Tudo quanto vos sucedeu a nós também sucedeu. Saboreamos todo tipo de prazer durante um ano inteiro e teríamos continuado a gozar da mesma ventura se não tivéssemos aberto a porta de ouro durante a ausência das princesas. Não fostes mais sensato que nós e recebestes o mesmo castigo. Bem quiséramos acolher-vos entre nós para fazerdes a mesma penitência, cuja duração desconhecemos; mas já vos declaramos as razões que nos impedem. Por isso, retirai-vos. Ide à corte de Bagdá, e ali encontrareis aquele que decidirá sobre o vosso destino.

Ensinarão-me o caminho, e despedi-me deles. Rapei, pelo caminho, a barba e as sobrancelhas, e tomei o hábito de calândar. Há muito que vagueio. Finalmente, cheguei hoje a essa cidade, ao cair da noite. Na porta, encontrei estes calândares meus confrades, estrangeiros como eu. Ficamos os três fortemente surpresos por nos vermos cegos do mesmo olho; mas não

tivemos tempo de conversar sobre tal desgraça comum. Só tivemos tempo, senhora, de vos implorar o socorro que tão generosamente nos concedestes.’

Quando o terceiro calândar terminou de falar, Zobeida tomou a palavra, e dirigiu-se a ele e aos seus confrades: ‘Ide, sois livres os três; retirai-vos para onde vos aprouver.’ Mas um deles respondeu: ‘Senhora, perdoai-nos a curiosidade de vos solicitar permissão para ouvir a história destes senhores que ainda não falaram. ‘Voltando-se, então, para o lado do califa, do vizir Djafar e de Mesrur, a dama que não imaginava quem eram disse-lhes: ‘Cabe-vos contar a vossa história. Falai, pois.’

O grão-vizir Djafar respondeu: ‘Senhora, para vos obedecer só nos resta repetir o que já dissemos antes que aqui entrássemos. Somos mercadores de Mussul e viemos a Bagdá negociar as nossas mercadorias depositadas num khan onde nos hospedamos. Jantamos hoje com várias pessoas da nossa profissão na casa de um mercador dessa cidade, o qual, após nos ter oferecido delicadas iguarias e vinhos deliciosos, mandou vir dançarinos e dançarinas, acompanhados de cantores e músicos. O barulho que fizemos atraiu a ronda, que prendeu parte das pessoas do grupo. Quanto a nós, por felicidade, escapamos; mas, como já era tarde e a porta do nosso khan se achava fechada, não sabíamos para onde ir. Quis a sorte que passássemos pela vossa rua e ouvíssemos os gritos de alegria, o que nos levou a bater à vossa porta. Eis, senhora, o que nos cabe dizer em obediência às vossas ordens.’

Zobeida, após ouvir aquelas palavras, pareceu hesitar sobre o que iria responder. Os calândares, notando sua vacilação, suplicaram-lhe que perdoasse aos três mercadores de Mussul. ‘Pois bem, consinto, porque desejo que todos vós tenhais para comigo a mesma obrigação. Perdoo-vos, mas com a condição de que abandoneis todos essa casa e vos retireis para onde quiserdes.’ Tendo Zobeida pronunciado a ordem num tom que indicava que sua vontade deveria ser obedecida, o califa, o vizir, Mesrur, os três calândares e o carregador saíram sem falar, pois a presença dos sete escravos armados os mantinham em respeito. Quando estavam fora da casa, disse o califa aos calândares, sem lhes revelar seu estado: ‘E vós, senhores, que sois estrangeiros recém-chegados a essa cidade, para onde ireis agora?’ ‘Senhor’, responderam-lhe eles, ‘eis o que nos deixa perplexos’. ‘Segui-nos’, disse o califa, ‘que nós

vos tiraremos a dúvida.’ Depois disso, falou baixinho ao vizir: ‘Levai-os à vossa casa, e amanhã de manhã os conduzireis à minha presença. Quero mandar escrever a história dos três, que bem merece figurar nos anais do meu reinado.’

O vizir Djafar afastou-se com os três calândares. O carregador voltou para casa, e o califa, seguido de Mesrur, dirigiu-se para o palácio. Deitou-se, ao chegar, mas não conseguiu pregar olho, de tal forma lhe torturavam o espírito as maravilhas vistas e ouvidas. Ansiava, sobretudo, saber quem seria Zobeida, por que maltratava as duas cadelas negras e por que Amina tinha o seio ferido. Quando amanheceu ainda estava imerso nos seus pensamentos. Levantou-se, foi à sala onde reunia seu conselho e deu audiência, sentado no trono.

Pouco depois, chegou o grão-vizir, apresentando-lhe seus cumprimentos, como fazia habitualmente. ‘Vizir’, disse-lhe o califa, ‘os negócios que deveríamos resolver agora não são urgentes; o das três damas e duas cadelas negras é muito mais. Só repousarei quando explicar tudo aquilo que me causou assombro. Mandai vir as damas e trazei-me ao mesmo tempo os calândares. Ide, e lembrai-vos de que aguardo impacientemente o vosso regresso.’

O vizir, que conhecia o arrebatamento do seu amo, apressou-se em obedecê-lo. Na casa das damas, expôs-lhes honestamente a ordem de levá-las ao califa, sem todavia falar-lhes do que se passara durante a noite anterior. As damas velaram-se e partiram com o vizir, que, pelo caminho, chamou os três calândares, que tiveram tempo de saber que haviam visto o califa e lhe haviam falado, sem o conhecer. O vizir levou-os ao palácio, desincumbindo-se da sua missão com tamanha rapidez que o califa manifestou contentamento. Esse nobre, para guardar a conveniência perante os dignitários presentes no palácio, mandou colocar as três damas atrás do reposteiro da sala que conduzia aos seus aposentos, e reteve com ele os três calândares, que, pela atitude, demonstraram não ignorar a quem tinham a honra de falar.

Dispostas as damas, o califa, voltando-se para elas, disse-lhes: ‘Senhoras, afirmando-vos que ontem entrei em vossa casa disfarçado de mercador, hei

de, com certeza, alarmar-vos; receareis ter-me ofendido e julgareis, talvez, que aqui vos mandei trazer para vos mostrar todo o meu ressentimento; tranquilizai-vos e convencei-vos de que esqueci o que se passou, e que me alegro até com o vosso procedimento. Seria meu desejo que todas as damas de Bagdá tivessem a sensatez que vós tendes. Lembrar-me-ei sempre da moderação que demonstrastes após a descortesia cometida por nós. Eu era naquele instante mercador de Mussul, mas agora sou Harun al-Rashid, o quinto califa da gloriosa Casa de Abás, que substitui nosso grande profeta. Mandeí chamar-vos apenas para saber quem sois, e por que uma dentre vós, após maltratar duas cadelas negras, chora com elas. Não estou menos curioso por saber por que traz outra o seio coberto de cicatrizes.’

Embora tivesse pronunciado tais palavras distintamente e as damas tivessem escutado com perfeição, o vizir Djafar, por uma questão de protocolo, não deixou de repeti-las...”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, já é dia. Se quereis que vos conte o resto da história, será preciso prolongar ainda a minha vida até amanhã.

O sultão consentiu, compreendendo que Sherazade lhe contaria a história de Zobeida, que ele estava ansioso por ouvir.

63^a NOITE

— Minha querida irmã! — exclamou Dinazade pelo fim da noite. — Repete-nos a história de Zobeida, que ela sem dúvida contou ao califa.

— Realmente foi o que ela fez — respondeu Sherazade. — Após ter sido tranquilizada pelo príncipe, deu-lhe a satisfação exigida:

A história de Zobeida

“Comendador dos Crentes, a história que lhe vou contar é das mais surpreendentes até hoje conhecidas. As duas cadelas negras e eu somos três irmãs nascidas da mesma mãe e do mesmo pai; e vos direi por que acaso estranho foram metamorfoseadas em cadelas. As duas damas que moram comigo, e que aqui se encontram presentes, são também minhas irmãs, pelo lado paterno, mas não pelo lado materno. A que traz o seio coberto de cicatrizes chama-se Amina, a outra, Safia, e eu, Zobeida.

Após a morte de nosso pai, os bens que ele nos deixou foram divididos igualmente entre nós; quando minhas duas últimas irmãs receberam sua parte, separaram-se e foram viver com a mãe. Minhas outras duas irmãs e eu ficamos com a nossa, que vivia ainda, e que, ao morrer, legou a cada uma de nós mil cequins.

Quando recebemos o que nos pertencia, minhas duas irmãs mais velhas, pois eu sou a caçula, se casaram, seguiram seus maridos e deixaram-me sozinha. Pouco depois do seu casamento, o marido da primeira vendeu tudo quanto possuía em bens e móveis e, com o dinheiro que arranjou e o de minha irmã, transferiu-se em companhia dela para a África. Lá, o marido gastou em diversões e libertinagem os seus bens e os de minha irmã. Vendendo-se, então, reduzido à miséria, encontrou um pretexto para repudiá-la e a expulsou.

Ela voltou para Bagdá após sofrer incríveis aborrecimentos em tão longa viagem e refugiou-se comigo em condições tão lastimáveis que teria inspirado piedade até a corações empedernidos. Eu a recebi com todo o afeto que de mim ela devia esperar. Perguntei-lhe por que lhe via em tão infeliz situação e ela me contou, chorando, o mau procedimento do marido e o indigno tratamento de que fora vítima. Comoveu-me sua desgraça, e com ela chorei. Mandeí-a, depois, ao banho, dei-lhe vestes minhas e disse-lhe: Minha irmã, tu és mais velha que eu, e eu te considero minha mãe. Durante a tua ausência, Deus abençoou meus bens e o emprego que deles

fiz, criando bichos-da-seda. Tudo quanto me pertence é teu, e dele podes dispor a teu bel-prazer.

Durante meses vivemos juntas em perfeita harmonia. Costumávamos conversar frequentemente sobre nossa terceira irmã, e surpreendia-nos o fato de não termos notícias suas; mas um dia vimo-la chegar em condições tão precárias quanto as da mais velha. Seu marido a havia tratado da mesma maneira, mas eu a acolhi com a mesma amizade.

Algum tempo depois, minhas duas irmãs, com o pretexto de me causarem incômodo, informaram-me que pretendiam casar-se novamente. Respondi-lhes que se não tinham outras razões, senão a de viverem à minha custa, podiam continuar a morar comigo tranquilamente, pois os meus bens bastavam para o nosso sustento: Mas, acrescentei, temo que desejeis realmente casar-vos de novo. Se assim for, confesso-vos que meu assombro é grande. Após a experiência pela qual passastes, ousais pensar num segundo casamento? Bem sabeis como é raro encontrar um marido perfeitamente honesto. Crede-me, continuemos a viver juntas da maneira mais agradável que nos for possível.

Tudo quanto lhes disse foi inútil. Haviam tomado a resolução e não hesitaram. Voltaram, porém, a procurar-me, ao fim de alguns meses, com mil desculpas por não terem seguido o meu conselho: Tu és a mais moça, disseram-me, porém, és a mais sensata. Se nos deres abrigo em tua casa, e nos considerares simples escravas, nunca mais cometeremos o mesmo erro. Minhas queridas irmãs, respondi-lhes, não mudei depois da nossa separação. Voltai e desfrutai comigo o que possuo. Beije-as e passamos a viver juntas, como antes.

Havia um ano que vivíamos em perfeita união. Vendo que Deus tinha abençoado minha pequena reserva, propus-me uma viagem por mar, a fim de arriscar alguma coisa no comércio. Para isso, dirigi-me com minhas duas irmãs para Bassorá, onde comprei um navio equipado que carreguei de mercadorias vindas de Bagdá. Içamos as velas com tempo favorável e saímos do Golfo Pérsico. Quando estávamos em mar aberto, rumamos para a Índia; e, após vinte dias de navegação, vimos terra. Tratava-se de uma montanha elevada, ao pé da qual distinguimos uma cidade de bela aparência. Como

tínhamos bom vento, chegamos em pouco tempo ao porto, e lançamos as âncoras.

Não tive paciência para esperar que minhas irmãs estivessem em condições de me acompanhar. Desembarquei sozinha e rumei diretamente para a porta da cidade. Ali, vi grande número de guardas sentados e outras pessoas de pé. Mas tinham todos tão medonho aspecto que fiquei aterrorizada. Notando, contudo, que estavam imóveis, que sequer moviam os olhos, tranquilizei-me. Aproximando-me, verifiquei que estavam petrificados.

Entrei na cidade e passei por várias ruas onde havia homens aqui e acolá, em todo tipo de atitude, mas todos imóveis, petrificados. No bairro dos mercadores, encontrei a maioria das lojas fechadas e notei, nas abertas, pessoas também petrificadas. Lancei um olhar às chaminés, e não vendo fumaça, deduzi que os que se encontravam no interior das casas, como os que estavam fora, não passavam de pedras.

Chegando a uma enorme praça no meio da cidade, descobri uma grande porta coberta de placas de ouro, com os dois batentes abertos. Um reposteiro de seda parecia puxado para a frente, e sobre a porta se distinguia uma lâmpada. Após examinar a construção, não duvidei de que se tratava do palácio do príncipe reinante no país. Mas, assombrada por não encontrar ser vivo, para lá me dirigi, na esperança de encontrar alguém. Levantei o reposteiro, e, o que aumentou a minha surpresa, não vi no vestíbulo senão porteiros ou guardas petrificados, uns de pé, outros sentados ou recostados.

Atravessei um grande pátio, repleto de gente. Algumas pessoas pareciam ir, outras vir; contudo, nenhuma delas se mexia do lugar, pois estavam todas petrificadas como as que eu já vira. Passei a um segundo pátio, e deste a um terceiro. Por toda parte, porém, só encontrei solidão e espantoso silêncio.

Entrando num quarto pátio, vi na frente um belíssimo prédio, de janelas fechadas por uma grade de ouro maciço. Deduzi serem os aposentos da rainha. Entrei. Havia numa grande sala vários eunucos negros petrificados. Passei, em seguida, a um quarto ricamente mobiliado onde vi uma dama também de pedra. Reconheci a rainha por uma coroa de ouro que trazia

sobre a cabeça e um colar de pérolas redondas e maiores que avelãs. Examinei-as de perto, e pareceu-me não existir coisa mais linda no mundo.

Durante algum tempo, admirei a riqueza e a magnificência daquele quarto, e sobretudo o tapete, as almofadas e o sofá coberto por um tecido da Índia, com fundo de ouro e figuras de homens e de animais em prata admiravelmente feitas...”

Sherazade teria continuado a falar, mas o dia pôs fim à sua história. O sultão, encantado com a história, disse:

— Quero saber o que oculta essa espantosa petrificação de homens!

64^A NOITE

Dinazade, que muito se interessara pelo começo da história de Zobeida, não deixou de chamar a sultana antes do amanhecer, suplicando-lhe que contasse o que esta havia feito ainda no estranho palácio.

— Eis como essa dama continuou sua história ao califa:

“Do quarto da rainha petrificada passei a vários outros aposentos e gabinetes limpíssimos e magníficos, que me levaram a um quarto de extraordinário tamanho, onde se erguia um trono de ouro maciço no alto de alguns degraus, enriquecido por enormes esmeraldas engastadas; sobre o trono, vi um leito com tecido luxuoso, no qual fulgia um bordado de pérolas. O que me surpreendeu mais foi uma brilhante luz saindo de cima do leito. Curiosa por saber de onde vinha, subi; e, esticando o pescoço, vi sobre um pequeno tamborete um diamante do tamanho de um ovo de avestruz, tão perfeito que não consegui descobrir-lhe defeito. Brilhava com tanta intensidade, que não pude fitá-lo à luz do dia.

Havia, à cabeceira do leito, e de ambos os lados, um archote aceso, cujo uso não compreendi. Aquela circunstância, contudo, me fez refletir que devia haver algum ser vivo no soberbo palácio, pois não era de crer que pudessem os archotes manter-se acesos por si mesmos. Várias outras singularidades me detiveram naquele quarto, de valor inestimável somente pelo diamante que mencionei.

Como todas as portas se achavam abertas, ou simplesmente encostadas, percorri ainda outros aposentos igualmente belos. Fui até os depósitos de móveis, repletos de um sem-número de objetos de luxo, e de tal forma me absorvi naquelas maravilhas que esqueci de mim mesma. Não me lembrei mais do navio nem de minhas irmãs; pensava unicamente em satisfazer a curiosidade. Entretanto, a noite se aproximava, advertindo-me de que era preciso retirar-me; quis refazer, então, o mesmo caminho, o que não foi fácil. Perdi-me nos aposentos; e, achando-me no grande salão do trono, do leito, do diamante e dos archotes acesos, ali resolvi passar a noite e deixar para o

dia seguinte o regresso ao navio. Atirei-me ao leito, assustada por me ver sozinha num lugar tão deserto, e foi, sem dúvida, por isso que não consegui dormir.

Era mais ou menos meia-noite quando ouvi a voz de um homem lendo o Alcorão da mesma maneira e no mesmo tom com os quais costumamos ler nos nossos templos. Aquilo me alegrou muito. Levantei-me imediatamente, e, pegando um dos archotes para iluminar o caminho, fui, de quarto em quarto, em direção ao lugar de onde me parecia vir a voz. Detive-me à porta de um gabinete, pois não havia dúvida de que ela saía de lá. Coloquei o archote sobre o chão e, espreitando por uma fresta, pareceu-me um oratório. Com efeito, havia, como nos nossos templos, um altar que indicava para onde era preciso voltar-se durante a prece, lâmpadas suspensas e acesas, e dois candelabros com grandes velas de cera branca também acesas.

Vi também um pequeno tapete, da forma dos que entre nós se estendem para sobre eles nos colocarmos em oração. Um jovem de belo aspecto, sentado sobre o tapete, recitava com muita atenção o Alcorão, posto diante dele, numa estantezinha. Ao ver aquilo, cheia de admiração, procurei explicar a mim mesma como era possível ele ser o único ser vivo numa cidade de gente petrificada, e não duvidei de que devia ser aquilo algo maravilhosíssimo.

Como a porta estivesse apenas encostada, abri-a, entrei e, de pé diante do altar, orei em voz alta: Seja louvado Deus, que nos proporcionou uma feliz viagem! Conceda-nos também a graça da sua proteção até o nosso regresso ao país de onde viemos. Ouvi-me, Senhor!

O jovem olhou para mim e dirigiu-me a palavra: Senhora, rogo-vos para que me digais quem sois, e o que vos trouxe a esta cidade da desolação. Como recompensa, direi a vós quem sou, o que me sucedeu, por que estão reduzidos a pedra os habitantes, e por que somente eu estou são e salvo num desastre tão espantoso.

Contei-lhe em poucas palavras de onde vinha, o que me havia impelido à viagem e de que modo chegara ao porto após uma viagem de vinte dias. Terminando, supliquei-lhe que, por sua vez, cumprisse a promessa, e

confessei-lhe meu assombro pela horrorosa desolação que observei por toda parte.

Senhora, respondeu o jovem, tende um pouco de paciência. Assim fechou o Alcorão, colocou-o num precioso estojo e guardou-o no altar. Vali-me daqueles instantes para observá-lo com atenção, e achei-o tão formoso que senti estremecimentos nunca antes sentidos. Sentei-me ao seu lado, e, antes de começar, não pude conter-me que lhe não dissesse com ar que lhe deu a conhecer os sentimentos por ele inspirados em mim: Senhor, caro objeto da minha alma, é impossível aguardar com mais impaciência do que eu o esclarecimento de tantas coisas surpreendentes que me impressionaram desde o primeiro passo nesta cidade; e a minha curiosidade não vê a hora de ser satisfeita. Falai, eu vos suplico, e dizei-me por que milagre somente vós viveis no meio de tantas pessoas mortas de modo inaudito.”

Sherazade, interrompendo-se nesse ponto, disse a Shahriar:

— Senhor, talvez não tenhais percebido que já é dia. Se eu continuasse a falar, abusaria da vossa atenção.

Shahriar levantou-se, resolvido a ouvir, na noite seguinte, a continuação de tão maravilhosa história.

65^A NOITE

Dinazade, na noite seguinte, rogou a sua irmã que retomasse o fio da história de Zobeida.

— Vou fazer sua vontade — respondeu a sultana. — Assim prosseguiu Zobeida:

“Senhora, disse-me o jovem, já me demonstrastes que possúis o conhecimento do verdadeiro Deus, pela oração que há pouco Lhe dirigistes. Ides saber de um efeito notabilíssimo da sua grandeza e do seu poder. Dir-vos-ei que esta cidade era a capital de um poderoso reino governado pelo meu pai. Esse nobre, toda a sua corte, os habitantes e os demais súditos eram magos, adoradores do fogo e do Nardun, antigo rei dos gigantes rebelados contra Deus.

Embora nascido de pai e mãe idólatras, tive por governanta, na minha infância, uma excelente dama muçulmana, que sabia o Alcorão de cor e o explicava perfeitamente. Meu príncipe, dizia-me ela frequentemente, só há um Deus verdadeiro. Evitai reconhecer e adorar outros. Ensinou-me a ler em árabe, e o livro que me deu para exercitar-me foi o Alcorão. Quando cheguei à idade da razão, explicou-me todos os passos do excelente livro, e dele me imbuíu o espírito, à revelia de meu pai e de todos. Um dia, ela morreu; mas foi após ter-me transmitido todos os ensinamentos de que eu precisava para convencer-me plenamente das verdades da religião muçulmana. Depois da sua morte, persisti na direção por ela indicada e tenho horror ao falso deus Nardun e à adoração ao fogo.

Há três anos e alguns meses que, repentinamente, ouvimos nessa cidade uma voz ardente pronunciar estas palavras:

Habitantes, abandonai o culto a Nardun e ao fogo, e adorai o Deus único e misericordioso.

A mesma voz se fez ouvir três anos seguidos; mas, como ninguém se convertesse, no último dia do terceiro ano, às três ou quatro horas da madrugada, todos os habitantes foram transformados em pedra num só instante, cada um na posição em que se encontrava. O rei, meu pai, teve a mesma sorte, e foi metamorfoseado em pedra negra, num dos recantos desse palácio; minha mãe também.

Sou o único sobre quem Deus não fez cair tão horrível castigo. A partir de então, continuo a servi-lo com mais fervor que nunca; e estou convencido, minha bela senhora, de que ele vos enviou para consolar-me. Dou-lhe graças infinitas, pois vos confesso que tal solidão é bem tediosa.

Todas as suas palavras, particularmente as últimas, fizeram com que eu me apaixonasse perdidamente por ele. Príncipe, disse-lhe, convém não duvidar, foi a Providência que me enviou ao vosso porto para vos dar a oportunidade de afastar-vos de tão funesto lugar. O navio no qual vim há de mostrar-vos que tenho certo prestígio em Bagdá, onde deixei outros bens consideráveis. Ouso oferecer-vos abrigo, até que o poderoso comendador dos crentes, o vigário do grande profeta que vós reconheceis, vos preste todas as honras por vós merecidas. Este famoso príncipe vive em Bagdá; e tão logo seja informado da vossa chegada à sua capital, mostrar-vos-á que ninguém implora em vão seu auxílio. Não é possível que continueis a viver numa cidade em que todos os objetos vos devem ser insuportáveis. O meu navio está ao vosso dispor. Ele aceitou o convite, e passamos o resto da noite conversando sobre o embarque.

Quando amanheceu, saímos do palácio e nos dirigimos ao porto, onde encontramos minhas irmãs, o capitão e meus escravos preocupadíssimos comigo. Após apresentar minhas irmãs ao príncipe, contei-lhes o que me impedira de voltar ao navio na véspera, o encontro com o jovem príncipe, sua história e a causa da desolação de tão linda cidade.

Os marinheiros levaram vários dias para desembarcar as mercadorias trazidas e embarcar tudo quanto havia de mais precioso no palácio, em pedras, ouro e prata. Deixamos os móveis e uma infinidade de peças de ourivesaria por não haver espaço. Teria sido necessário um bom número de

navios para transportar a Bagdá todas as riquezas que tínhamos diante dos nossos olhos.

Após termos carregado o navio, embarcamos as provisões e a água para a viagem. Quanto às provisões, restavam-nos ainda muitas das que havíamos embarcado em Bassorá. Finalmente, içamos as velas com o melhor dos ventos...”

Terminando essas palavras, Sherazade notou que era dia. Deixou de falar, portanto, e o sultão levantou-se sem nada dizer; mas decidido a ouvir até o fim a história de Zobeida e do jovem príncipe tão milagrosamente ileso.

66^A NOITE

Pelo fim da noite seguinte, Dinazade, impaciente em saber qual seria o fim da viagem de Zobeida, chamou a sultana:

— Minha cara irmã — disse-lhe —, continua a história de ontem, e dizenos se o jovem príncipe e Zobeida chegaram a Bagdá.

— Vais sabê-lo — respondeu Sherazade.

“‘Senhor’, disse Zobeida, ‘o jovem príncipe, minhas irmãs e eu nos distraímos todos os dias, agradavelmente. Mas aí, nossa união não durou muito! Minhas irmãs enciumaram-se, vendo o entrosamento entre mim e o príncipe, e um dia me perguntaram maliciosamente o que iríamos fazer dele quando chegássemos a Bagdá. Percebi que me faziam tal pergunta para descobrir meus sentimentos. Por isso, fingindo brincar, disse-lhes que me casaria com ele; em seguida, voltando-me para o príncipe, disse-lhe: Meu príncipe, suplico-vos vosso consentimento. Assim que estivermos em Bagdá, minha intenção é oferecer-vos a minha pessoa como vossa humílima escrava, prestar-vos meus serviços e reconhecer-vos como senhor absoluto das minhas vontades.

Senhora, respondeu o príncipe, não sei se brincais, mas, quanto a mim, declaro-vos, com toda a seriedade, diante de vossas irmãs, que a partir desse momento aceito de muito boa vontade a vossa oferta, não para vos considerar escrava, mas senhora; e não pretendo exercer domínio nenhum sobre vossos atos. Minhas irmãs empalideceram ao ouvirem aquelas palavras, e eu notei que, desde então, já não sentiam por mim os mesmos sentimentos de antes.

Estávamos no Golfo Pérsico e nos aproximávamos de Bassorá, onde, com o bom vento que soprava, chegaríamos no dia seguinte. Mas durante a noite, enquanto eu dormia, minhas irmãs me lançaram ao mar, fazendo o mesmo com o príncipe, que morreu afogado. Por algum tempo, mantive-me à tona, e, por sorte, ou melhor, por milagre, encontrando pé, avancei para uma negridão que me pareceu terra. Efetivamente, alcancei uma praia; e o dia me

revelou que estava numa ilha deserta, situada a cerca de vinte milhas de Bassorá. Pus a secar ao Sol as minhas vestes; e, caminhando, notei várias espécies de frutos e água doce, o que me deu alguma esperança de sobreviver.

Estava descansando à sombra quando se me deparou uma serpente alada, grande e longa, avançando contra mim, coleando para a direita e para a esquerda, e mostrando sua língua, o que me fez pensar que a afligia um mal. Levantei-me e, percebendo que a seguia outra serpente maior ainda, que a segurava pela cauda, e fazia esforços para devorá-la, tive pena. Em lugar de fugir, peguei uma pedra, por acaso perto de mim, e atirei-a com toda a minha força contra a maior das duas serpentes, esmagando-lhe a cabeça. A outra, sentindo-se livre, abriu imediatamente as asas e voou. Fiquei a contemplá-la por longo tempo no ar como algo extraordinário; perdendo-a de vista, porém, voltei a sentar-me à sombra, em outro lugar, e adormeci.

Quando acordei, imaginai a minha surpresa vendo perto de mim uma negra de traços vivos e agradáveis, segurando duas cadelas da mesma cor. Sentei-me e perguntei-lhe quem era. Sou, respondeu-me ela, a serpente que livrastes do cruel inimigo há pouco. Achei que não podia demonstrar melhor o meu reconhecimento pelo enorme serviço que me prestastes do que fazendo o que fiz. Soube da traição de vossas irmãs, e, para vingar-vos delas, mal fiquei livre mediante a vossa generosa intervenção, chamei várias companheiras minhas, fadas como eu, e após transportarmos toda a carga do vosso navio aos vossos depósitos de Bagdá, o afundamos. Essas duas cadelas negras são vossas duas irmãs, às quais dei essa forma. O castigo, porém, não basta, e quero que as trateis como vos vou ensinar.

Àquelas palavras, abraçou-me forte com um dos braços, segurando as duas cadelas com o outro, e levou-nos de volta a Bagdá, onde vi no meu depósito todas as riquezas do meu navio. Antes de me deixar, entregou-me as duas cadelas, e disse-me: Sob pena de serdes transformada, como elas, em cadela, ordeno-vos, da parte daquele que confunde os mares, de dar todas as noites cem chicotadas em cada uma das vossas irmãs, para puni-las do crime cometido por elas contra vós e o jovem príncipe. Fui obrigada a prometer-lhe que cumpriria a ordem.

Desde então, tenho-as tratado, a contragosto, da maneira que sabeis. Demonstro-lhes, pelas minhas lágrimas, com que dor e repugnância cumpro tão cruel dever, e bem vedes que sou mais digna de lástima do que de censura. Se há alguma coisa que me diz respeito e de que desejais ser informado, minha irmã Amina vos dará os esclarecimentos necessários, contando-vos sua história.’

Após ter ouvido Zobeida com admiração, o califa, por intermédio do grão-vizir, suplicou a Amina que lhe explicasse a razão das cicatrizes...”

— Mas, senhor — disse Sherazade neste ponto —, é dia, e eu não devo deter-vos por mais tempo.

Shahriar, convencido de que a história de Amina seria a conclusão das anteriores, pensou: “Quero saber tudo.”

Levantou-se, pois, resolvido a deixar a sultana ainda viver.

67^A NOITE

Dinazade, desejando ansiosamente ouvir a história de Amina, acordou cedo e suplicou à sultana que prosseguisse seu maravilhoso conto.

— De muito boa vontade — respondeu Sherazade. — E para não perdermos tempo, saberás que Amina, dirigindo-se ao califa, começou nestes termos:

A história de Amina

“Comendador dos Crentes, para não repetir coisas que já sabeis pela história de minha irmã, dir-vos-ei que minha mãe, tendo adquirido uma casa para passar sua viuvez, me deu em casamento, com o dote deixado por meu pai, a um dos mais ricos herdeiros desta cidade.

O primeiro ano do nosso casamento não havia passado ainda quando envievei e me vi senhora de todos os bens de meu marido, que correspondiam a noventa mil cequins. Somente a renda de tal quantia bastava para que eu tivesse uma vida honesta. Findos os seis primeiros meses de luto, mandei fazer dez vestes diferentes, de tão grande magnificência que me custaram mil cequins cada uma, e no fim do ano comecei a usá-las.

Um dia, estando sozinha, ocupada nos meus afazeres domésticos, disseram-me que uma dama queria falar-me. Dei ordem para que a mandassem entrar. Era pessoa bem avançada em anos. Saudou-me beijando o chão, e disse-me ajoelhada: Senhora, suplico-vos perdão para a liberdade que tomei de vir importunar-vos. A confiança que deposito na vossa caridade deu-me a coragem necessária. Dir-vos-ei, honrada senhora, que tenho uma filha órfã que se casa hoje, que ela e eu somos estrangeiras, e que não conhecemos ninguém nessa cidade. Por isso, não sabemos o que fazer, pois gostaríamos de provar à numerosa família com a qual estamos prestes a nos ligar que não somos desconhecidas, e que gozamos de certo prestígio. Se honrardes as núpcias, senhora, com vossa presença, seremos duplamente gratas, porque as damas do nosso país saberão que aqui não somos tidas por insignificantes quando virem que uma pessoa da vossa classe não desdenhou conceder-nos tão elevada honra. Mas, ai, se recusardes dar atenção à minha súplica, que mortificação para nós! Não sabemos a quem nos dirigir.

Aquelas palavras, entremeadas de lágrimas, comoveram-me. Minha boa mãe, respondi-lhe, não vos aflijais. Dar-vos-ei o prazer que de mim aguardais. Dizei-me onde devo ir. Só quero o tempo necessário para vestir-me. A anciã, alegríssima com a minha resposta, beijou-me os pés, embora eu tentasse impedi-la. Senhora, prosseguiu, levantando-se, Deus vos

recompensará pela bondade que tendes pelas vossas servas e satisfará vosso coração, como vós fazeis com o nosso. Não é preciso sair ainda. Bastará que me acompanheis ao entardecer, quando eu vier buscar-vos. Adeus, senhora, até o momento de tornar a ver-vos.

Mal saiu, peguei o vestido que mais me agradava, um colar de grandes pérolas, braceletes, anéis e brincos de diamantes. Tive o pressentimento do que ia me acontecer.

A noite começava a aparecer quando a anciã chegou, satisfeitíssima. Beijando-me a mão, disse-me: Minha querida senhora, as parentes do meu genro, que são as primeiras damas da cidade, estão reunidas. Ireis quando quiserdes; estou pronta a vos servir de guia. Partimos imediatamente. Ela ia na frente, e eu a seguia com grande número de escravas minhas, corretamente trajadas. Detivemo-nos numa rua bastante larga, varrida havia pouco, diante de uma porta iluminada por um lampião, cuja luz me fez ler esta inscrição posta por cima da porta, em letras de ouro: *É aqui a morada eterna dos prazeres e da alegria*. A anciã bateu, e a porta abriu-se imediatamente.

Levaram-me para o fundo do pátio, a uma grande sala, onde fui acolhida por uma jovem de beleza sem igual, que, após abraçar-me, me fez sentar ao seu lado num sofá, onde havia um trono de preciosa madeira, incrustado de diamantes: Senhora, disse-me, trouxeram-vos aqui para assistir às núpcias; mas, se não me engano, as núpcias serão bem diferentes das que imaginais. Tenho um irmão formoso e perfeito mais que qualquer outro homem; está tão encantado com a descrição da vossa beleza que o seu destino depende de vós, e será infelicíssimo se vos não apiedardes dele. Sabe a posição que desfrutais no mundo; e posso assegurar-vos que a dele não é indigna de vós. Se os meus rogos, senhora, conseguirem comover-vos, acrescentá-los-ei aos seus. Suplico-vos não recusar seu oferecimento de vos receber como esposa.

Após a morte de meu marido, eu não pensara em casar-me de novo; mas não tive ânimo de recusar. Mal consenti, pelo silêncio, e pelo forte rubor que me invadiu as faces, a jovem bateu as mãos imediatamente, abriu-se um gabinete e dele saiu um jovem tão majestoso, tão elegante, que me considerei

feliz por tão bela conquista. Sentou-se perto de mim, e pela nossa conversa vi que o seu mérito superava tudo quanto fora dito pela irmã.

Quando ela notou que estávamos contentes um com o outro, bateu as mãos pela segunda vez, e um *cádi*,^[16] entrando, preparou o contrato de casamento, assinou-o e mandou que o assinassem as quatro testemunhas trazidas. A única coisa que meu novo marido exigiu de mim foi que eu não me mostraria nem falaria a outro homem; e jurou-me que, nessas condições, eu só teria motivos de satisfação com ele. Assim se realizou nosso casamento, e eu fui a principal figura das núpcias às quais só fora convidada.

Um mês depois das bodas, precisando de tecido, pedi a meu marido permissão para sair. Concedeu-me, e fui, acompanhada pela anciã de que já falei, que era da casa, e por duas escravas. Quando chegamos à rua dos mercadores, disse-me a anciã: Senhora, visto que procurais um tecido de seda, vou levar-vos a um jovem mercador que conheço aqui e que possui de toda espécie; sem vos fatigardes a correr de loja em loja, posso assegurar-vos que encontrareis com ele o que não encontraríeis alhures. Deixei-me levar e entramos na loja de um jovem mercador. Sentei-me e disse-lhe, por intermédio da anciã, que me mostrasse os mais ricos e belos tecidos de seda. A anciã queria que eu mesma fizesse a pergunta, mas expliquei-lhe que uma das condições do meu casamento era não falar a outro homem que não meu marido.

O mercador mostrou-me vários tecidos, um dos quais me agradou mais, pelo que indaguei do preço. Respondeu ele à anciã: Não o venderei nem por ouro, nem por prata. Dá-lo-ei de presente, se permitir que eu lhe beije a face. Ordenei à anciã que lhe respondesse ser ele ousado em tal proposta. Mas, em lugar de me obedecer, respondeu-me a anciã que o que o mercador exigia não era tão importante assim, que não se tratava de falar, mas simplesmente de apresentar a face, o que seria coisa de instante. Tinha tão grande desejo de possuir o tecido que caí na asneira de lhe seguir o conselho. A anciã e minhas escravas puseram-se na frente, a fim de que ninguém me visse, e eu tirei o véu; mas, em vez de beijar-me, o mercador mordeu-me a ponto de me tirar sangue. A dor e a surpresa foram tais que caí sem sentidos por tão longo tempo que o mercador pôde fechar a loja e fugir. Quando

voltei a mim, senti a face coberta de sangue. A anciã e as escravas tinham tido o cuidado de cobri-la com o meu véu, para que os que acorreram nada percebessem e julgassem tratar-se apenas de momentânea fraqueza.”

Sherazade, vendo que já era dia, se calou. O sultão, achando interessantíssimo o que acabava de ouvir, levantou-se curioso em saber a continuação.

68^A NOITE

Sherazade, dirigindo a palavra a Dinazade, disse-lhe:

— Eis, minha irmã, como Amina prosseguiu na sua história:

“A anciã que me acompanhava, extremamente mortificada com o que me sucedera, tratou de me tranquilizar. Senhora, disse-me, eu vos peço perdão por ser a causa dessa desgraça. Trouxe-vos a esse mercador, porque é do meu país; jamais o teria julgado capaz de tão grande maldade. Mas não vos aflijais; não percamos tempo e voltemos. Dar-vos-ei um remédio que vos curará em três dias tão perfeitamente que não aparecerá o menor vestígio. Meu desmaio deixara-me tão fraca que mal podia caminhar. Cheguei, todavia, em casa, mas caí pela segunda vez ao entrar no meu quarto. Entretanto, a anciã aplicou-me seu remédio. Ao recobrar os sentidos, deitei-me.

De noite, meu marido voltou, e notando que trazia a cabeça enfaixada, perguntou-me o que tinha. Respondi-lhe que era uma dor de cabeça, pensando que ele se limitasse àquilo; mas, pegando uma vela e vendo que eu estava ferida na face, perguntou-me: O que causou esse ferimento? Apesar de eu não ser muito culpada, não pude confessar-lhe o ocorrido. Confessar uma coisa daquelas a meu marido me pareceu perigoso. Disse que, indo comprar um tecido de seda com a sua permissão, um carregador de lenha passara tão perto de mim numa rua muito estreita, que um dos pedaços me havia arranhado o rosto, mas que se tratava de coisa sem importância.

Aquela explicação o enfureceu. O descuido desse homem, respondeu-me, não ficará sem punição! Amanhã ordenarei ao chefe de polícia que prenda todos esses brutais carregadores e os enforque! Temendo ser a causa da morte de tantos inocentes, disse-lhe: Senhor, ficaria muito triste se cometesse tamanha injustiça, e julgar-me-ia indigna de perdão, se causasse tal desgraça. Dize-me, pois, sinceramente, prosseguiu ele, o que devo pensar do teu ferimento.

Expliquei-lhe ter-me sido feito sem querer por um mercador de vassouras montado no seu burrico; o homem vinha atrás de mim, de cabeça voltada para o outro lado, e o burrico me havia empurrado tão rudemente que eu caíra batendo a face contra um caco de vidro. Sendo assim, respondeu meu marido, o sol não tornará a levantar-se amanhã sem que o grão-vizir Djafar seja avisado dessa insolência. E ele fará morrer todos os mercadores de vassouras. Em nome de Deus, senhor, interrompi-o, suplico perdão para eles, que não são culpados. Como assim, senhora?, ele estranhou. Que devo crer, pois? Fala, quero saber da tua boca a verdade. Senhor, respondi-lhe, senti uma tontura, e caí. Foi isso.

Àquelas palavras, meu marido perdeu a paciência: Ah! já faz tempo que estou ouvindo mentiras! Assim, bateu as mãos e imediatamente entraram três escravos. Tirai-a do leito, ordenou-lhes, e estendei-a no meio do quarto. Os escravos executaram a ordem; e, enquanto um me segurava pela cabeça e o outro pelos pés, meu marido ordenou ao terceiro que fosse buscar um sabre. Depois, disse-lhe: Fere, corta-lhe o corpo pela metade, e lança-o ao Tigre, para que sirva de comida aos peixes. É o castigo das pessoas às quais dei o meu coração e que me traem. Ao ver que o escravo não se apressava em lhe obedecer, prosseguiu: Fere, pois, por que tardas? Que esperas? Senhora, disse-me então o escravo, estais no último instante da vossa vida. Vede se há alguma coisa que desejais, antes da vossa morte.

Supliquei a liberdade de dizer uma palavra, o que me foi concedido. Levantei a cabeça, e fitando os olhos cheios de ternura em meu marido, disse: Ai, a que estado me vejo reduzida! É preciso que eu morra nos meus dias mais lindos! Quis prosseguir, mas as lágrimas e os suspiros me impediram. Nada comoveu meu marido; pelo contrário, lançou-me ao rosto censuras às quais teria sido inútil responder. Recorri aos rogos, mas ele não lhes deu ouvidos, ordenando ao escravo que cumprisse o seu dever. Naquele instante, a anciã que fora ama do meu marido entrou, e, lançando-se aos seus pés, tentou acalmá-lo: Meu filho, em pagamento de vos ter nutrido e criado, suplico-vos que a perdoeis. Lembrai-vos de que se mata quem mata, e que ireis prejudicar vossa reputação e perder a estima dos homens. O que não dirão todos de tão sanguinária cólera? Pronunciou as palavras de modo tão

comovente que elas causaram forte impressão em meu marido. Pois bem, respondeu à anciã, por amor a vós, deixo-a com vida; mas quero que conserve marcas que sejam perene lembrança do seu crime.

Àquelas palavras, um escravo, obedecendo às suas ordens, golpeou-me repetidas vezes com toda a força nas costas e no peito com uma vara dobrada, tirando-me pele e carne, a ponto de eu perder os sentidos. Depois, fui levada pelos mesmos escravos, ministros do seu furor, a uma casa onde uma anciã cuidou de mim. Fiquei de cama durante quatro meses. Finalmente, sarei; mas as cicatrizes que vistes ontem, com muito desgosto meu, não se foram. Quando pude caminhar e sair, quis voltar à casa herdada de meu primeiro marido, mas só encontrei o lugar. Meu segundo marido, no excesso de cólera, não se contentara em demoli-la, fizera arrasar a rua inteira em que ela se erguia. Violência assim era realmente incrível; mas contra quem poderia queixar-me? O autor tomara medidas para ocultar-se, e eu não pude conhecê-lo; de resto, mesmo que o tivesse conhecido, não percebia que o tratamento que me dispensavam partia de um poder absoluto? Poderia ter ousado queixar-me?

Desolada, desprovida de tudo, recorri a minha irmã Zobeida, que acaba de contar sua história a Vossa Majestade, e contei-lhe minha desgraça. Recebeu-me com sua bondade de sempre e aconselhou-me a ter paciência. Eis como é feito o mundo!, disse ela. Tira-nos os bens, os amigos, ou os amantes, e muitas vezes tudo junto. Ao mesmo tempo, para provar o que me dizia, contou-me da morte do jovem príncipe, causada pelo ciúme de suas duas irmãs. Contou-me mais, de que modo elas tinham sido transformadas em cadelas. Finalmente, após ter-me dado muitas provas de amizade, mostrou-me minha irmã mais moça, que fora viver com ela após a morte de nossa mãe.

Assim, agradecendo a Deus por ele ter nos reunido, resolvemos viver livres, sem nunca nos separarmos. Já faz tempo que levamos essa vida tranquila, e como estou encarregada da dispensa da casa, é para mim um prazer ir pessoalmente comprar as provisões necessárias. Fui comprá-las ontem e um carregador de espírito alegre, que conservamos conosco para nos divertir, as transportou. No início da noite, apareceram três calândares,

pedindo-nos que os abrigássemos até o dia seguinte. Concordamos, contanto que aceitassem uma condição, o que fizeram; e, após tê-los feito sentar-se à mesa, deram-nos um concerto. De repente, ouvimos bater à porta. Eram três mercadores de Mussul, muito atraentes, que nos pediram o mesmo favor que os calândares, no que foram atendidos, com a mesma condição imposta àqueles, mas não observaram nem uns nem outros; embora estivéssemos no direito de puni-los, nos contentamos em exigir de cada um a sua história e limitamos nossa vingança a enviá-los para suas casas logo depois, e a privá-los do abrigo que nos haviam solicitado.’

O califa Harun al-Rashid, muito contente por ter sabido o que lhe interessava, manifestou a admiração que lhe causava o que acabara de ouvir...”

— Mas, senhor — disse nesse momento Sherazade — o dia que começa a surgir não me permite contar-vos o que fez o califa para pôr termo ao encantamento das duas cadelas negras.

Shahriar, certo de que a sultana terminaria na noite seguinte a história das cinco damas e dos três calândares, levantou-se, deixando-a viva mais um dia.

69^A NOITE

— Em nome de Deus, minha irmã! — exclamou Dinazade, antes do amanhecer. — Rogo-te que nos contes de que maneira recuperaram as duas cadelas negras sua forma original e o que sucedeu aos três calândares!

— Vou satisfazer tua curiosidade — respondeu Sherazade.

E dirigindo-se a Shahriar, assim prosseguiu:

“Tendo o califa satisfeito sua curiosidade, quis dar provas da sua grandeza e generosidade aos príncipes calândares, e fazer sentir às três damas os efeitos da sua bondade. Sem se servir do intermediário do seu grão-vizir, disse pessoalmente a Zobeida: ‘Senhora, a fada que se vos apresentou a princípio sob a forma de serpente e que tão rigorosa lei vos impôs não vos falou do lugar em que vive, ou não vos prometeu tornar a ver-vos e devolver a forma original às duas cadelas?’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Zobeida, ‘esqueci de vos dizer que a fada colocou entre as minhas mãos um pacotinho de cabelos, explicando-me que um dia eu precisaria deles, e que então, se os queimasse, ela surgiria no mesmo instante à minha frente, ainda que se encontrasse para além do Cáucaso.’ ‘Senhora’, continuou o califa, ‘onde estão esses cabelos?’ Zobeida respondeu que, desde aquele dia, sempre os trazia consigo. E tirou-os. Abrindo um pouco o reposteiro que o ocultava, mostrou-lhes. ‘Pois bem’, disse o califa, ‘ façamos com que a fada apareça. Mais a propósito não a chamaríeis vós, visto que eu assim o desejo.’ Com o consentimento de Zobeida, trouxeram uma pira e ela lançou sobre sua chama os cabelos. No mesmo instante o palácio estremeceu, e a fada surgiu diante do califa, sob a forma de dama ricamente trajada. ‘Comendador dos Crentes’, disse ao califa, ‘aqui estou pronta para receber as vossas ordens. A dama que acaba de me chamar prestou-me outrora importante serviço. Para lhe demonstrar a minha gratidão, vinguei-a da perfídia de suas irmãs, transformando-as em cadelas; mas, se vós o desejais, devolver-lhes-ei a forma original.’

‘Bela fada’, respondeu o califa, ‘não poderíeis prestar-me maior favor; concedei-lhes essa graça; depois disso, tratarei de descobrir o meio de consolá-las de tão rude penitência; mas, antes, ainda tenho um pedido por fazer-vos em favor da dama tão cruelmente maltratada por um marido desconhecido. Como sabeis infinidade de coisas, com certeza não ignorais essa. Dizei-me, por favor, o nome do bárbaro que não se contentou em exercer tão grande crueldade, mas que injustamente lhe tirou todos os bens que lhe pertenciam. Admira-me saber que ação tão injusta, tão desumana, contrária à minha autoridade, não tenha chegado ao meu conhecimento.’

‘Para satisfazer-vos’, disse a fada, ‘vou primeiramente transformar as duas cadelas; depois, curarei a dama de tal forma que as cicatrizes desaparecerão completamente; em seguida, dir-vos-ei o nome daquele que assim a maltratou.’

Mandou o califa que trouxessem as duas cadelas; quando chegaram, apresentou-se uma taça cheia de água à fada, que a havia pedido. Sobre a água ela pronunciou palavras que ninguém compreendeu, e lançou-a contra Amina e as duas cadelas. Estas se transformaram em duas damas de surpreendente beleza, e as cicatrizes de Amina desapareceram. Disse, então, a fada ao califa: ‘Comendador dos Crentes, preciso agora revelar-vos quem é o marido desconhecido que procurais. Está muito ligado a vós, pois é o príncipe Amin, vosso filho mais velho, irmão do príncipe Mamun. Loucamente apaixonado por esta dama, pelas descrições que lhe fizeram da sua beleza, encontrou um pretexto para a atrair e desposar. Quanto aos golpes que lhe infligiu, é até certo ponto desculpável. A dama, sua esposa, agiu com um pouco de leviandade, e as desculpas apresentadas deram a entender ser ela mais culpada do que era na realidade. É tudo quanto posso dizer para satisfazer vossa curiosidade.’ Terminando tais palavras, saudou o califa, e desapareceu.

O califa, cheio de admiração e contente com as mudanças que acabavam de acontecer, fez coisas que serão eternamente lembradas. Em primeiro lugar, mandou chamar o príncipe Amin, seu filho, disse-lhe que sabia do seu casamento secreto, e explicou-lhe a causa do ferimento de Amina. O

príncipe não esperou que seu pai prosseguisse, e no mesmo instante recebeu de novo a mulher querida.

Em seguida, o califa declarou que dava o coração e a mão a Zobeida, e propôs as outras três irmãs aos três calândares, filhos de reis, que as aceitaram por mulheres, com grande reconhecimento. Destinou a cada um deles um magnífico palácio na cidade de Bagdá, elevou-os aos primeiros postos do império, e admitiu-os no seu conselho. O primeiro cádi de Bagdá, chamado com testemunhas, preparou os contratos de casamento, e o famoso califa Harun al-Rashid, fazendo a felicidade de tantas pessoas que haviam passado por desgostos incríveis, atraiu sobre si milhares de bênçãos.”

Não era dia ainda quando Sherazade terminou a história, tantas vezes interrompida e continuada, o que lhe deu oportunidade para começar outra. Assim, dirigindo a palavra ao sultão, disse:

A história de Simbá, o marinheiro

“Em Bagdá, no reinado do mesmo califa Harun al-Rashid, de que acabo de falar, havia um pobre carregador chamado Hindbá. Num dia de calor excessivo, transportava ele pesadíssima carga de um lado a outro da cidade. Cansado da caminhada já feita e, restando-lhe ainda longo percurso, chegou a uma rua onde soprava suave brisa, e cujo calçamento fora banhado com água de rosas. Não podendo desejar vento mais favorável para descansar e refazer um pouco as forças, colocou a carga no chão e sentou-se sobre ela, perto de uma grande e linda residência.

Dali a pouco, alegrou-se bastante por ter permanecido naquele lugar, pois que lhe penetrou agradavelmente o olfato um delicioso perfume de aloés e de pastilhas oriundo das janelas daquela moradia, o qual, mesclando-se ao odor de água de rosas, aromatizava inteiramente o ar. Além disso, ouviu um concerto de vários instrumentos acompanhados do harmonioso gorjeio de grande número de rouxinóis e outros pássaros próprios do clima de Bagdá. A graciosa melodia e o aroma de várias espécies de iguarias fizeram-lhe ver que se realizava um festim naquela casa. Quis saber quem lá vivia, pois não tivera oportunidade de passar com frequência por tal rua. A fim de satisfazer sua curiosidade, aproximou-se de alguns criados que viu à porta, magnificamente vestidos, e perguntou a um deles como se chamava o dono de tão delicioso lugar. ‘Como?’, estranhou o criado, ‘tu moras em Bagdá e não sabes que esta é a casa de Simbá, o marinheiro, o famoso viajante que percorreu todos os mares iluminados pelo Sol?’ O carregador, que ouvira falar nos tesouros de Simbá, não pôde deixar de sentir inveja de um homem cuja situação lhe parecia tão feliz quão deplorável era a sua. Amargurado por aquelas reflexões, ergueu os olhos ao céu, e disse bastante alto para ser ouvido: ‘Poderoso Criador de todas as coisas, considerai a diferença entre Simbá e mim: sofro todos os dias mil fadigas e mil males, e é com esforço que sustento a mim e a minha família, com péssimo pão de cevada, enquanto o venturoso Simbá gasta com profusão imensas riquezas, e leva uma vida de delícias! Que fez ele para obter de vós tão agradável destino? Que fiz eu por

merecer um tão rigoroso?’ Terminando aquelas palavras, bateu o pé contra o chão, como homem inteiramente dominado pela dor e pelo desespero.

Estava ainda imerso nos seus tristes pensamentos quando viu sair da residência um criado, que, pegando-o pelo braço, lhe disse: ‘Segue-me. Simbá, meu senhor, quer falar-te.’

O dia que estava nascendo impediu que Sherazade continuasse sua história. Prosseguiu-a, porém, no dia seguinte.

70^A NOITE

“Podeis facilmente imaginar o espanto de Hindbá diante daquele convite. Após as palavras pronunciadas, temia, com razão, que Simbá tivesse mandado chamá-lo para maltratá-lo.^[17] Por isso, quis se desculpar, dizendo que não podia abandonar o fardo no meio da rua; mas o criado de Simbá assegurou-lhe que cuidariam dele, e tanto insistiu na ordem recebida que o carregador se viu obrigado a ceder.

O criado levou-o a uma grande sala, onde se encontrava bom número de pessoas em torno de uma mesa coberta de todo tipo de delicadas iguarias. No lugar de honra, via-se um grave personagem, de belo aspecto, e com longa e venerável barba branca; atrás do imponente vulto, de pé, uma multidão de servidores, ocupados em servi-lo. Era Simbá. O carregador, cuja perturbação cresceu à vista de tanta gente e de tão soberbo festim, saudou, trêmulo, o grupo. Simbá pediu-lhe que se aproximasse e, após fazê-lo sentar-se à sua direita, serviu-o ele mesmo; em seguida, mandou que lhe dessem excelente vinho, de que estava abundantemente provida a mesa.

Pelo fim do banquete, Simbá, notando que seus convidados já não comiam, tomou a palavra, e, dirigindo-se a Hindbá, a quem tratou de irmão, segundo o costume dos árabes, quando se falam familiarmente, perguntou-lhe como se chamava e qual era sua profissão. ‘Senhor’, respondeu-lhe o carregador, ‘chamo-me Hindbá.’ ‘Estou contente por te ver’, prosseguiu Simbá, ‘e asseguro-te que os meus convidados te veem também com prazer; mas gostaria de saber de ti mesmo o que acabaste de dizer na rua.’ Simbá, antes de sentar-se à mesa, ouvira todas aquelas palavras pela janela; fora por isso que mandara chamar o carregador.

Àquela pergunta, Hindbá, confuso, baixou a cabeça, e respondeu: ‘Senhor, confesso-vos que o cansaço me pôs mal-humorado e que deixei escapar palavras indiscretas pelas quais peço perdão.’ ‘Oh, não creias’, prosseguiu Simbá, ‘que eu pratique a injustiça de conservar ressentimentos. Compreendo tua situação. Em lugar de censurar teus murmúrios,

compadeço-me de ti; mas é preciso que te tire de um erro em que me pareces estar a meu respeito. Imaginas, sem dúvida, que adquiri sem dores e sem trabalho todo o conforto de que me vês rodeado. Engana-te. Só atingi essa ventura após ter sofrido, durante vários anos, todas as fadigas de corpo e do espírito concebíveis pela imaginação. Sim, senhores, asseguro-vos que os meus sofrimentos são tão extraordinários que podem tirar aos homens mais ávidos de riqueza o desejo fatal de atravessar os mares para a conquistar. Talvez só tenhais ouvido falar confusamente das minhas estranhas aventuras e dos perigos que corri nas sete viagens realizadas por mim; visto que a ocasião é excelente, vou contá-las fielmente. Tenho certeza de que vos não aborrecerei.’

Como Simbá pretendia contar sua história particularmente por causa do carregador, antes de começar ordenou que levassem o fardo deixado na rua ao lugar indicado por Hindbá. Em seguida, começou sua história:

A primeira viagem de Simbá, o marinheiro

‘De minha família herdei bens consideráveis, cuja melhor parte dissipei na extravagância da minha mocidade. Recobrei o juízo, porém, e, voltando a mim, reconheci que as riquezas são perecíveis e que em breve lhes veria o fim, consumindo-as como fazia. Pensei também gastar pessimamente, numa vida desregrada, o tempo, que é o que de mais precioso existe no mundo. Refleti mais, que devia ser a última e mais deplorável de todas as misérias ser pobre na velhice. Lembrei-me destas palavras do grande Salomão, ouvidas certa vez da boca de meu pai: *É menos triste estar no túmulo do que na indigência.*

Impressionado com aquelas reflexões, reuni os restos do meu patrimônio. Vendi em leilão, em pleno mercado, tudo quanto possuía em móveis. Unime, depois, a alguns mercadores que negociavam por mar. Consultei os que me pareceram capazes de me dar bons conselhos, e resolvi, finalmente, pôr a render o pouco dinheiro que me sobrava. Tomada a resolução, rumei para Bassorá,^[18] onde embarquei com vários mercadores num navio fretado por nossa gente.

Zarpamos e seguimos a rota da Índia Oriental pelo Golfo Pérsico, formado pelas costas da Arábia à direita e pelas da Pérsia à esquerda, e cuja maior largura é de setenta léguas, segundo a opinião geral. Fora desse golfo, o mar do Levante, o mesmo que o da Índia, é vastíssimo, e tem como limite de um lado as costas da Abissínia, e 4.500 léguas de comprimento até as ilhas de Vakvak.^[19] A princípio, incomodou-me o enjoo; mas recobrei a saúde imediatamente, e desde então nunca mais o senti.

Durante a viagem, tocamos várias ilhas, onde vendemos ou trocamos as nossas mercadorias. Um dia, enquanto navegávamos, a calmaria nos dominou em frente de uma pequena ilha quase à flor da água, que se parecia a um prado. O capitão ordenou que dobrassem as velas e permitiu que se dirigissem para a terra os que quisessem. Fiz parte dos que desembarcaram. Mas, estando nós a beber e a comer, e a repousar da fadiga do mar, a ilha estremeceu repentinamente, e nos sacudiu com força...”

Àquelas palavras, Sherazade deteve-se, pois o dia estava despontando. Assim, retomou o fio da história pelo fim da noite seguinte.

71^A NOITE

— Senhor, continuando sua história, Simbá disse:

“Do navio perceberam o estremecimento da ilha, pelo que nos gritaram que voltássemos imediatamente para bordo, senão morreríamos, pois o que nos parecera uma ilha não passava do dorso de uma baleia. Os mais espertos apoderaram-se da chalupa, outros lançaram-se ao mar. Quanto a mim, estava ainda na ilha, ou melhor, na baleia, quando ela mergulhou no mar, só me dando tempo para agarrar um pedaço de madeira trazido do navio para fazer fogo. Entretanto, o capitão, após acolher os que se haviam apoderado da chalupa e alguns dos que nadavam, quis valer-se de uma súbita brisa fresca e favorável, e dando ordem de içar as velas, tirou-me a esperança de alcançar o navio.

Fiquei, pois, à mercê das ondas, impelido para cá e para lá. Contra elas disputei minha vida o resto do dia e a noite seguinte. No outro dia, já não me sobravam forças, e aguardava a morte, quando uma vaga me lançou a uma ilha, de costa alta e escarpada. Grande teria sido o meu trabalho para subir se não fosse o auxílio de algumas raízes de árvores, que a sorte parecia ter conservado naquele lugar para a minha salvação. Estendi-me sobre a terra, onde fiquei semimorto até que o Sol despontasse.

Então, embora enfraquecido pela luta no mar e por estar privado de alimento desde o dia anterior, não deixei de me arrastar, procurando ervas comestíveis. Encontrei algumas e tive sorte de encontrar uma fonte excelente, que muito contribuiu para me restabelecer. Recobradas as forças, entrei pela ilha adentro, caminhando ao acaso, e cheguei a uma bela planície, onde percebi de longe um cavalo. Para lá me encaminhei, vacilando entre o temor e o júbilo, pois não sabia se não iria ao encontro da minha morte em lugar de me salvar. Notei, ao me aproximar, que se tratava de uma égua, presa a uma estaca. Sua beleza me atraiu, mas, contemplando-a, ouvi a voz de um homem que falava sob a terra. Um instante depois, o homem surgiu, veio a mim, e perguntou quem eu era. Contei-lhe minha aventura, e ele,

pegando-me pela mão, me fez entrar numa gruta, onde se encontravam outras pessoas que se assombraram ao ver-me, como eu ao vê-los, me assombrei.

Comi o que me ofereceram; depois, perguntando-lhe o que faziam num lugar aparentemente tão ermo, responderam ser palafreiros do rei Mihrage, soberano da ilha; que todos os anos, na mesma estação, tinham por costume trazer as éguas do rei, que prendiam, como eu havia visto, para que as cobrisse um cavalo-marinho saído do mar; que o cavalo-marinho, depois de as cobrir, tentava devorá-las, o que eles impediam com seus gritos, obrigando-o a entrar novamente nas águas; que, em seguida, levavam de volta as éguas e que os cavalos nascidos se destinavam ao rei e eram chamados cavalos-marinhos. Acrescentaram que partiriam no dia seguinte, e que, se eu tivesse chegado um dia mais tarde, teria morrido, por estarem distantes as habitações e me ser impossível chegar a elas sem guia.

Enquanto me entretinham assim, o cavalo-marinho saiu do mar, como me explicaram, atirou-se à égua, cobriu-a, e quis, depois, devorá-la; mas, diante do enorme barulho feito pelos palafreiros, deixou a presa e mergulhou novamente no mar.

No dia seguinte, retomaram o caminho da capital da ilha com as éguas, e eu os acompanhei. À vossa chegada, o rei Mihrage, a quem fui apresentado, perguntou-me quem eu era e por que me encontrava no seu país. Quando lhe satisfiz a curiosidade, garantiu-me que participava da minha tristeza. Ao mesmo tempo, ordenou que cuidassem de mim e que me fornecessem tudo de que eu precisasse. Tive, assim, a oportunidade de agradecer a generosidade do rei e a escrupulosidade dos seus representantes.

Como eu era mercador, frequentei os companheiros de profissão. Procurei particularmente os estrangeiros, tanto para saber deles notícias de Bagdá como para encontrar algum com o qual pudesse voltar, pois a capital do rei Mihrage está situada à beira-mar, e possui um belo porto, onde vão ter todos os dias navios dos mais diversos pontos do mundo. Procurei também a companhia dos sábios da Índia, pois gostava de ouvi-los, o que me não impedia, porém, de visitar o rei regularmente e de me entreter com governadores e pequenos reis, seus tributários, que viviam em torno dele.

Faziam-me mil perguntas sobre o meu país; e do meu lado, querendo instruir-me nos costumes e nas leis dos seus países, perguntava-lhes tudo que parecia merecer a minha curiosidade.

Existe nos domínios do rei Mihrage uma ilha chamada Cassel. Tinham-me assegurado que nela, todas as noites, se ouvia o som de timbales, o que deu origem à opinião dos marinheiros de haver Djal ali estabelecido sua morada.^[20] Senti o desejo de testemunhar aquela maravilha, e vi na minha viagem peixes com 112 côvados de comprimento, os quais pouco mal fazem e muito assustam. São tão tímidos e é fácil afugentá-los, batendo em pedaços de madeira. Notei outros peixes com um só côvado, e que, na cabeça, se assemelham a mochos.

Na minha volta, estando um dia no porto vi chegar um navio. Quando ancorou, começou imediatamente o descarregamento das mercadorias; os mercadores a quem elas pertenciam mandavam transportá-las para armazéns. Relanceando um olhar por alguns fardos e pela escritura que explicava a quem pertenciam, li meu nome. Após examiná-los detidamente, não duvidei de que eram os que eu embarcara no navio em Bassorá. Reconheci o capitão; mas como estava certo de que me julgava morto, aproximei-me dele e perguntei-lhe a quem pertenciam os fardos que eu acabava de ver. Tinha a bordo, respondeu-me ele, um mercador de Bagdá chamado Simbá. Um dia, estando perto de uma ilha, segundo se nos afigurava, ele desembarcou com vários passageiros; mas a suposta ilha não passava de uma baleia enorme, adormecida à flor da água. Mal se sentiu aquecida pelo fogo acendido sobre o seu dorso para cozinhar alimentos, começou a mover-se e a mergulhar. A maioria dos que lá estavam se afogou, e entre eles o infeliz Simbá. Esses fardos lhe pertenciam, e resolvi vendê-los para, quando encontrar um dos membros da sua família, entregar-lhe o capital e o lucro. Capitão, disse eu naquele momento, sou o Simbá que julgais morto, e que, pelo contrário, está bem vivo, e estes fardos me pertencem...”

Sherazade não prosseguiu naquela noite; fê-lo na seguinte, porém.

72^A NOITE

“Simbá, prosseguindo sua história, disse aos convidados:

‘Quando o capitão do navio me ouviu falar assim, exclamou: Por Deus! Em quem se pode confiar hoje em dia? Já não há boa-fé entre os homens! Vi morrer Simbá, com os meus próprios olhos, também os passageiros o viram, e vós ousais dizer que sois Simbá? Que audácia! Vendo-vos, dir-se-ia que sois homem de bem; no entanto, pronunciais horríveis mentiras para vos apoderar de um bem que não vos pertence. Calma, respondi, e escutai-me. Pois bem, disse ele, que pretendeis dizer? Falai, que vos escuto. Contei-lhe, então, de que maneira me havia salvado, e por que circunstâncias encontrara os palafreiros do rei Mihrage, que tinham me levado à corte.

As minhas palavras o convenceram de que eu não era impostor, pois gente do seu navio me reconheceu e comigo se congratulou, testemunhando-me o prazer que sentia por rever-me. Finalmente, ele mesmo me reconheceu, e abraçando-me, disse-me: Deus seja louvado por terdes conseguido escapar de tão grande perigo! Não posso exprimir-vos o prazer que sinto. Eis os vossos bens, tomai-os, e fazei deles o que quiserdes. Agradei-lhe, louvei-lhe a honestidade, e, para demonstrar meu reconhecimento, roguei-lhe que aceitasse algumas mercadorias. Mas ele recusou.

Escolhi o que havia de mais precioso nos meus fardos e dei-o de presente ao rei Mihrage. Como este nobre sabia o que me acontecera, perguntou-me onde tinha conseguido coisas tão raras. Expliquei-lhe a maneira pela qual as recobrava. Teve a bondade de se alegrar com a minha sorte e aceitou meu presente, em troca do qual me deu outros muito mais valiosos. Depois, despedi-me, e embarquei no mesmo navio. Mas, antes, troquei as mercadorias que me restavam por outras do país. Levei comigo aloés, sândalo, cânfora, noz-moscada, cravo-da-índia, pimenta e gengibre. Passamos por várias ilhas e chegamos finalmente a Bassorá, cidade que atingi com o valor de cerca de cem mil cequins. Minha família me acolheu, e eu a revi

com toda a alegria de uma amizade viva e sincera. Comprei escravos de ambos os sexos, belas terras e mandei construir uma grande casa. Fixei-me, enfim, resolvido a esquecer os males que me haviam afligido e gozar os prazeres da vida.’

Simbá, detendo-se nesse ponto, ordenou aos músicos que recomeçassem o concerto interrompido pela narração da história. O festim continuou até o anoitecer; quando soou a hora de todos se retirarem, Simbá mandou que lhe trouxessem uma bolsa de cem cequins, e, dando-a ao carregador, disse-lhe: ‘Toma, Hindbá, volta para casa, e vem de novo amanhã ouvir a continuação das minhas aventuras.’ O carregador retirou-se, confuso com a honra e o presente que acabava de receber. O que ele contou em casa à mulher e aos filhos os alegrou tanto que não deixaram de agradecer a Deus o bem que a Providência lhes fazia, por intermédio de Simbá.

No dia seguinte, Hindbá vestiu-se melhor que na véspera, e voltou a casa do liberal viajante, que o acolheu sorridente e gentil. Quando chegaram os convidados, iniciou-se o banquete, após o qual Simbá tomou a palavra: ‘Senhores, ouvi a narração das aventuras da minha segunda viagem; são mais dignas da vossa atenção.’

A segunda viagem de Simbá, o marinheiro

‘Havia resolvido, após a primeira viagem, passar tranquilamente o resto dos meus dias em Bagdá, como vos disse ontem. Mas dali a pouco, cansei-me daquela vida inativa. O desejo de viajar e negociar de novo se apoderou de mim; comprei mercadorias próprias para o que pretendia, e parti pela segunda vez com outros mercadores cuja honestidade me era conhecida. Embarcamos num bom navio, e, após nos recomendarmos a Deus, começamos a viagem.

Passamos de uma ilha a outra, fazendo permutas vantajosas. Um dia, desembarcamos numa das tais ilhas, coberta de várias espécies de árvores frutíferas, mas tão deserta que nela não descobrimos nenhuma habitação, nem viva alma. Decidimos, então, passear pelo prado e ao longo dos regatos que a banhavam.

Enquanto uns se divertiam em colher flores e outros frutos, eu, pegando as provisões e o vinho que trouxera comigo, sentei-me perto de um regato, entre grandes árvores que proporcionavam excelente sombra. Comi bem, e o sono não tardou em se apoderar dos meus sentidos. Não vos direi se dormi longo tempo. O que sei é que, quando despertei, não vi mais o navio ancorado...”

Sherazade foi obrigada a interromper a história, por ver que o dia acabava de aparecer; mas na noite seguinte, assim continuou a segunda viagem de Simbá:

73^A NOITE

“Fiquei estarrecido”, prosseguiu Simbá, ‘ao perceber que o navio havia desaparecido; levantei-me, olhei para todos os lados, e não vi nenhum dos mercadores desembarcados comigo. Vi apenas o navio, mas tão longe, que em pouco tempo sumiu no horizonte.

Podeis imaginar meus pensamentos em tão triste estado. Pensei morrer de dor. Gritei, bati na cabeça, lancei-me por terra, onde fiquei por muito tempo abismado numa confusão mortal de pensamentos, cada um mais aflitivo que o outro. Censurei-me mil vezes por não ter me contentado com a primeira viagem, que devia ter-me feito perder para sempre a vontade de outras. Mas os meus lamentos eram inúteis, e o meu arrependimento mais ainda.

Por fim, resignei-me à vontade de Deus; e, sem saber o que seria de mim, subi ao alto de uma árvore, de onde olhei para todos os lados para ver se não descobria algo que me desse uma esperança. Olhando para o mar, só vi água e céu; mas tendo notado do lado da terra uma coisa branca, desci; e com o que me restava de víveres, caminhei para ela, apesar da distância que não me permitia distinguir o que era.

Chegando a uma distância razoável, verifiquei tratar-se de uma bola branca, de altura e tamanho prodigiosos. Já perto, toquei-a; era bem macia. Rodeei-lhe, a fim de verificar se não havia alguma abertura, coisa que não descobri; pareceu-me ser impossível subir nela, de tão lisa que era. Devia medir uns cinquenta passos de circunferência.

O Sol estava se pondo. De repente, tudo ficou escuro, como se o céu houvesse sido coberto por espessa nuvem. Mas, se me espantou aquela escuridão, muito mais aterrorizado fiquei ao notar que o que a causava era uma ave de prodigioso tamanho avançando para o meu lado. Lembrei-me de uma ave chamada roc, da qual muitas vezes haviam falado os marinheiros, e deduzi que a grande bola que tanta admiração me causara devia ser um dos seus ovos. Com efeito, não tardou em pousar sobre ele, para chocá-lo, com

certeza. Ao vê-lo, me encostei bem ao ovo, de modo que bem na minha frente vi um dos pés da ave, grosso como o tronco de uma árvore. Amarrei-me fortemente a ele com o pano do meu turbante, na esperança de que o roc, retomando o voo no dia seguinte, me levasse para longe da ilha deserta. Efetivamente, após passar a noite naquela posição, mal amanheceu, ergueu voo, e subiu tanto que deixei de ver a terra; depois, desceu de repente com tamanha velocidade que quase perdi os sentidos. Quando chegou ao chão, desatei imediatamente o nó que me prendia ao seu pé. Nem bem o havia feito, o roc bicou uma serpente de inaudito comprimento, e com ela levantou voo novamente.

O lugar em que fiquei era um vale profundo, rodeado de montanhas tão altas que se perdiam nas nuvens, e tão escarpadas que não havia jeito de as escalar. Vi-me outra vez perplexo; e comparando aquele lugar à ilha deserta que eu acabara de abandonar, achei que não tinha lucrado nada na troca.

Caminhando pelo vale, verifiquei estar este semeado de diamantes, muitos dos quais de surpreendente grandeza. Extasiei-me em contemplá-los; mas em breve notei, ao longe, alguns objetos que diminuíram bastante o meu prazer e me fizeram estremecer. Tratava-se de serpentes tão grandes e longas que qualquer uma teria sido capaz de engolir um elefante. Durante o dia, retiravam-se para os antros, onde se ocultavam do roc, seu inimigo, e deles só saíam de noite.

Passei o dia passeando pelo vale, e descansei de vez em quando nos pontos mais confortáveis. Entretanto, pôs-se o Sol, e, com a entrada da noite, retirei-me para uma gruta que me pareceu segura. Fechei a abertura, baixa e estreita, com uma pedra bastante grande para me defender das serpentes, mas sem impedir a entrada de luz. Comi parte das minhas provisões, acompanhado pelo ruído das serpentes que começaram a aparecer. Seus horrorosos silvos provocaram em mim enorme pavor, e não me permitiram, como bem podeis imaginar, passar a noite tranquilamente. Vindo o dia, retiraram-se. Saí, então, da gruta, tremendo, e posso garantir que caminhei por muito tempo sobre diamantes, sem ter a menor vontade de pegá-los. Por fim, sentei-me; e apesar da inquietação, e como não tinha pregado olho durante a noite inteira, adormeci, após ter comido um pouco; de repente,

acordei com o ruído de alguma coisa que caiu perto de mim, um grande pedaço de carne fresca, e imediatamente vi tombar outros do alto dos rochedos, em diferentes lugares.

Sempre tivera como simples lenda as histórias contadas por marinheiros e outras pessoas sobre o vale dos Diamantes, e o modo pelo qual alguns mercadores conseguiam tirar dele pedras preciosas. Mas verifiquei, então, que só tinham dito a verdade. Com efeito, os mercadores dirigem-se para esse vale na época em que as águias têm filhotes. Cortam carne e lançam grandes pedaços ao vale dos Diamantes sobre cujas pontas, caindo, se prendem. As águias, mais fortes nessa região, apoderam-se dos pedaços de carne e levam-nos aos ninhos, no alto dos rochedos, para com elas alimentar seus filhotes. Os mercadores, então, correndo aos ninhos, obrigam-nas por gritos a afastar-se, e pegam os diamantes presos aos pedaços de carne. Servem-se deste stratagema por não haver outro meio de tirar os diamantes do vale, um precipício ao qual é impossível descer.

Até aquele instante, eu havia pensado não me ser possível abandonar o abismo, que já considerava como meu túmulo; mas mudei meu modo de pensar; e o que acabava de ver me fez refletir sobre a maneira de conservar a vida...”

O dia, surgindo, impôs silêncio a Sherazade, que prosseguiu sua história na noite seguinte.

74^A NOITE

— Senhor — disse ela, dirigindo-se sempre ao sultão da Índia —, Simbá continuou a contar as aventuras da sua segunda viagem:

“Comecei por reunir os maiores diamantes, e com eles enchi o saco de couro^[21] que havia servido para as minhas provisões. Em seguida, peguei o pedaço de carne maior, preendi-o fortemente em volta de mim com o pano do meu turbante, e deitei-me, de barriga para baixo, com a bolsa de couro à cintura, de modo que não caísse.

Mal me coloquei naquela posição, vieram as águias apoderar-se cada uma de um pedaço de carne; uma das mais fortes, levantando-me com o pedaço de carne que me envolvia, levou-me para o alto da montanha, ao seu ninho. Pouco depois, os mercadores iniciaram a gritaria, afugentando as aves, e quando as obrigaram a largar a presa, um deles, aproximando-se de mim, assustou-se ao me ver. Tranquilizou-se, porém, e em lugar de perguntar por que me encontrava naquele lugar, começou a me censurar, queixando-se de eu roubar o que lhe pertencia. Falar-me-eis com mais bondade, disse-lhe, quando me conhecerdes melhor. Consolai-vos, pois trago comigo diamantes para vós e para mim em quantidade superior à de todos os outros mercadores juntos. Os que eles têm são devidos ao acaso, ao passo que escolhi pessoalmente, no fundo do vale, os que se encontram aqui nessa bolsa. Assim, mostrei-a. Não havia terminado de falar, quando os demais mercadores me rodeavam, boquiabertos por me verem e ouvirem a história que lhes contei. Mais do que o estratagema imaginado por mim para me salvar, admiraram minha ousadia em tentar.

Levaram-me para seu abrigo e lá, aberta a bolsa na presença deles, surpreendeu-os o tamanho dos meus diamantes. Confessaram-me que, nas cortes por eles frequentadas, nunca tinham visto coisa que pudesse se comparar. Supliquei ao mercador a quem pertencia o ninho para o qual eu fora transportado, pois cada um tinha o seu, que escolhesse dentre os meus diamantes quantos desejasse. Contentou-se com um, e dos menores; e, como

eu insistisse para que recebesse outros, sem receio de me prejudicar, disse-me: Não, estou satisfeito com esse, assaz precioso para me poupar o trabalho de outras viagens, de hoje em diante.

Passei a noite com os mercadores aos quais contei pela segunda vez a minha história, satisfazendo assim a curiosidade dos que não a tinham ainda ouvido. Não conseguia reprimir minha alegria quando me lembrava de estar livre dos perigos que vos descrevi. Parecia sonhar e não conseguia convencer-me de que nada mais tinha de temer.

Já fazia alguns dias que os mercadores lançavam pedaços de carne ao vale; e como todos pareciam contentes com os diamantes obtidos, partimos no dia seguinte juntos, e atravessamos elevadas montanhas, onde viviam serpentes de prodigioso tamanho, que tivemos o cuidado de evitar. Alcançamos o primeiro porto, de onde passamos à ilha de Rocha, na qual cresce a árvore que dá a cânfora, tão grande e frondosa que sua sombra abriga facilmente cem homens. O suco do qual se forma a cânfora escoa-se por uma abertura que se faz no alto da árvore, cai num vaso onde adquire consistência, e torna-se o que se chama cânfora. Extraído o suco, a árvore seca e morre.

Há, na mesma ilha, rinocerontes, animais menores que o elefante, porém, maiores que o búfalo; possuem um chifre sobre o focinho, com mais ou menos um côvado de comprimento; este chifre é sólido e cortado ao meio, de uma extremidade à outra. Na parte de cima, veem-se sinais brancos que representam a figura de um homem. O rinoceronte luta com o elefante, fura-o com seu chifre por baixo do ventre, levanta-o e leva-o na cabeça; mas, como o sangue e a gordura do elefante caem sobre seus olhos e o cegam, tomba por terra; e, o que vai causar-vos admiração, o roc, baixando, agarra-os, e leva-os como alimento para seus filhotes.

Silencio várias outras particularidades dessa ilha, por receio de vos aborrecer. Nela troquei alguns dos meus diamantes por excelentes mercadorias. De lá rumamos para outras ilhas; e, finalmente, após termos tocado em várias cidades da terra firme, chegamos a Bassorá, de onde me dirigi para Bagdá. Ali, a primeira coisa que fiz foi dar grandes esmolas aos pobres, e comecei a desfrutar a imensa riqueza trazida e ganha com tanto trabalho.'

Simbá terminou, assim, a história da sua segunda viagem. Mandou entregar cem cequins a Hindbá, convidado a voltar para ouvir a terceira. Os demais presentes regressaram aos seus lares, voltando no dia seguinte à mesma hora, assim como o carregador, que já havia quase se esquecido da sua miséria.

Sentaram-se todos à mesa; e, após comerem, Simbá, ordenando silêncio, começou a história da terceira viagem.

A terceira viagem de Simbá, o marinheiro

‘Rapidamente perdi, nas doçuras da vida que levava, a lembrança dos perigos ocorridos nas minhas duas viagens; mas, como estava na flor da idade, cansei-me de viver no repouso, e absorto nos novos perigos que desejava enfrentar, parti de Bagdá com preciosas mercadorias do país, que mandei transportar para Bassorá. Ali, embarquei com outros mercadores. Fizemos uma longa viagem, e tocamos vários portos, onde comerciamos bastante.

Um dia, estando em alto-mar, uma horrível tormenta nos surpreendeu lançando-nos fora da rota. Não cessando por vários dias, impeliu-nos para a frente do porto de uma ilha em que o capitão bem quisera não entrar; fomos, porém, obrigados a atracar. Arriadas as velas, disse-nos o capitão: Esta ilha, e outras vizinhas, são habitadas por selvagens peludos que não tardarão em nos atacar. Embora sejam anãos, manda a nossa desgraça que não ofereçamos a menor resistência, por serem mais numerosos que gafanhotos; se, por infelicidade, matarmos um, lançar-se-ão contra nós e nos matarão.’”

O dia, iluminando o aposento de Shahriar, impediu que Sherazade prosseguisse. Na noite seguinte, continuou ela sua história:

75^A NOITE

“As palavras do capitão’, disse Simbá, ‘consternaram profundamente a tripulação; em pouco tempo verificamos que o que ele acabava de nos contar era a dura verdade. Vimos aparecer incalculável multidão de medonhos selvagens, cobertos inteiramente por um pelo avermelhado, e medindo apenas dois pés de altura. Atirando-se à água, não tardaram em circundar o navio. Falavam-nos à medida que iam se aproximando, mas nada compreendíamos da sua língua. Agarrando-se às laterais e às cordas do navio, treparam de todos os lados até o convés, e com tão grande agilidade e rapidez que seus pés pareciam ter asas.

Vimo-los fazer aquilo com o terror que bem podeis imaginar, sem ousar pôr-nos na defensiva nem dizer-lhes uma só palavra para tentar desviá-los do seu plano, que supúnhamos funesto. Efetivamente, desdobraram as velas, cortaram a corda da âncora, sem dar-se ao trabalho de puxá-la, e, após fazerem com que o navio se aproximasse da terra, ordenaram que desembarcássemos.

Em seguida, levaram o navio para outra ilha, de onde tinham vindo. Todos os viajantes evitaram cuidadosamente aquela em que nos encontrávamos; e era perigoso nela deter-se pela razão que ouvireis. Contudo, era preciso que suportássemos o mal com paciência. Afastamo-nos da costa, e, entrando na ilha, achamos frutas e ervas que comemos, a fim de prolongarmos ao máximo nossas vidas, pois esperávamos, todos, morte certa. Caminhando, percebemos bem longe de nós uma grande construção, para a qual nos dirigimos. Era um palácio bem-feito e muito alto, com uma porta de ébano de dois batentes, que, a um simples empurrão, se abriu. Entramos no saguão e vimos um grande aposento com um vestíbulo onde havia, num dos lados, um monte de ossos humanos, e no outro uma infinidade de espetos para assado. Estremecemos, e, como estávamos cansados de caminhar, senti que as pernas cediam; caímos ao chão, presos de mortal pavor, e lá nos deixamos ficar, imóveis, por longo, longo tempo.

O Sol ia se pondo. Enquanto nos encontrávamos nas lastimáveis condições que acabo de descrever, abriu-se com estrondo a porta do aposento, e aos nossos olhos se deparou um negro de aspecto medonho, da altura de uma palmeira. No meio da testa tinha um único olho rubro e brilhante como brasa; os dentes da frente, longos e pontudos, saíam-lhe da boca enorme como a de um cavalo; o lábio inferior caía-lhe sobre o peito. As orelhas pareciam as de um elefante e cobriam-lhe os ombros. Tinha unhas aduncas e compridas como as garras das grandes aves. À vista de tão horroroso gigante, perdemos os sentidos.

Por fim os recobramos, e vimo-lo sentado sob o vestíbulo, a nos examinar com seu único olho. Depois de nos estudar bem, avançou contra nós, e estendendo a mão, agarrou-me pela nuca, virou-me de todos os lados, como o açougueiro quando contempla uma cabeça de carneiro. Vendo, depois, que estava tão magro que só me sobravam os ossos e a pele, largou-me. Agarrou os outros, um por um, e examinou-os do mesmo modo; e como o capitão era o mais nutrido, segurou-o com uma das mãos, como eu houvera feito com um pardal e atravessou-lhe o corpo com um espeto; em seguida, acendendo o fogo, assou-o e comeu-o no aposento, para onde se retirou. Finda a refeição, voltou ao vestíbulo, onde se deitou, e, adormecendo, começou a roncar mais forte que o trovão. Dormiu até o dia seguinte de manhã. Quanto a nós, não nos foi possível gozar a doçura do repouso, e passamos a noite na mais cruel inquietação. Chegado o dia, o gigante acordou, levantou-se, saiu e deixou-nos no palácio.

Quando o julgamos distante, rompemos o triste silêncio conservado durante a noite inteira, e, desesperados, demos vazão às nossas queixas e gemidos. Embora fôssemos muitos e só tivéssemos um inimigo, não nos ocorreu a ideia de matá-lo. Isso, apesar de oferecer grande dificuldade, era o que naturalmente devíamos fazer.

Deliberamos sobre várias outras medidas, mas nada decidimos; e, submetendo-nos à vontade de Deus, passamos o dia percorrendo a ilha e comendo frutas e plantas como fizéramos na véspera. Ao anoitecer, procuramos um refúgio. Mas não o encontrando, fomos obrigados a voltar ao palácio.

O gigante não deixou de voltar e comer outro dos nossos companheiros, após o que, dormiu e roncou até o despontar do dia, quando saiu. A nossa situação nos pareceu tão medonha que vários dentre nós pensaram em atirar-se ao mar a fim de escapar a tão horrível morte, e trataram de convencer os outros a seguir o seu conselho. Um de nós, porém, disse: Não nos é permitido dar-nos a morte; e ainda que pudéssemos, não é mais razoável nos desfazermos do bárbaro que nos reserva tão funesto fim?

Tendo-me ocorrido uma ideia, comuniquei-a aos companheiros, que a aprovaram. Meus irmãos, disse-lhes, sabeis que há bastante madeira ao longo do mar; construamos várias jangadas e deixemo-las na costa até que chegue a hora de usá-las. Enquanto isso, executaremos o plano que vos propus para nos livrarmos do gigante; se der resultado, poderemos esperar aqui, com paciência, que um navio nos retire dessa ilha maldita; se, pelo contrário, falharmos, correremos para as jangadas e enfrentaremos o mar. Confesso que, expondo-nos à fúria das ondas, corremos o perigo de perder a vida; mesmo que pereçamos, não será preferível ir para o fundo do mar a ir para o fundo das tripas desse monstro, que já devorou dois dos nossos companheiros? Todos gostaram do meu conselho, e construímos jangadas capazes de aguentar três pessoas.

Voltamos ao palácio pelo fim do dia, e o gigante chegou pouco depois. Tivemos de nos resignar a ver assar outro dos nossos companheiros. Mas, enfim, eis de que modo nos vingamos da crueldade do gigante. Após terminar sua detestável refeição, deitou-se de costas e adormeceu. Mal o ouvimos roncar, segundo seu costume, nove dos mais ousados entre nós, e eu, pegamos cada um espeto, aquecemos-lhes as pontas até deixá-las em brasa, e em seguida as mergulhamos no seu olho, todos ao mesmo tempo, e o vazamos.

A dor fez com que o gigante desse um grito estrondoso. Levantou-se e estendeu as mãos para todos os lados, tentando agarrar um de nós, a fim de o sacrificar à sua cólera; mas tivemos tempo de nos afastar e de lançarmo-nos por terra em pontos em que ele não poderia nos pegar. Depois de procurar em vão, tateando, deu com a porta, e saiu uivando terrivelmente.”

Sherazade se calou. Mas na noite seguinte assim prosseguiu sua história.

76^A NOITE

“Saímos do palácio depois do gigante, e nos dirigimos ao mar, onde se encontravam nossas jangadas. Nós as levamos para a água e aguardamos o dia para embarcar, na suposição de o gigante vir guiado por alguém da sua espécie; esperávamos que, se não aparecesse até o despontar do Sol, e não mais ouvíssemos seus uivos, seria sinal de ele estar morto; nesse caso, propúnhamo-nos ficar na ilha, e não nos arriscar no mar. Mal surgiu o dia, porém, distinguimos o cruel inimigo, acompanhado de dois gigantes mais ou menos do seu tamanho, que o conduziam, e, de grande número de outros que corriam na frente.

Diante daquilo, não vacilamos em embarcar e começamos a nos afastar da praia, remando depressa. Os gigantes, percebendo o que fazíamos, muniram-se de grandes pedras, entraram na água até a metade do corpo e atiraram-nas contra nós com tal pontaria que, excetuando-se a jangada em que eu me encontrava, as demais foram despedaçadas, afogando-se os que as ocupavam. Quanto a mim e aos meus dois companheiros, visto que remávamos com todas as nossas forças, achávamo-nos mais dentro do mar e fora do alcance das pedras.

Já em alto-mar, fomos joguete do vento e das ondas, que nos lançavam ora de um lado, ora de outro. Passamos o dia e a noite seguintes em cruel incerteza; mas no dia seguinte, tivemos a sorte de sermos impelidos para uma ilha. Salvamo-nos, assim, com grande alegria, e nela achamos excelentes frutos que muito nos serviram para refazer as forças já perdidas.

À noitinha, adormecemos à beira-mar; mas fomos despertados pelo ruído de uma serpente, comprida, esguia como o tronco de uma palmeira, com grandes escamas. Estava tão perto de nós que engoliu um dos meus dois companheiros, apesar dos gritos e dos esforços feitos pelo infeliz para escapar; sacudindo-o repetidas vezes, esmagou-o contra o chão, e terminou de o engolir. Fugimos depressa eu e o outro companheiro; e, embora estivéssemos bastante longe, ouvimos, pouco depois, um barulho, que nos fez

compreender estar a serpente vomitando os ossos do infeliz. Com efeito, vimo-los no dia seguinte. Meu Deus!, exclamei. A que horrores nos achamos expostos! Ontem nos rejubilamos por termos escapado à crueldade do gigante e à fúria das águas, e hoje defrontamos perigo não menos terrível! Notamos, caminhando, uma grande árvore muito alta, sobre a qual decidimos passar a noite seguinte, a fim de nos defendermos. Comemos frutos, como na véspera; e, pelo fim do dia, trepamos nela. Logo, ouvimos a serpente, que, silvando, se aproximou do pé da árvore protetora. Erguendo-se e apoiando-se ao tronco, engoliu meu pobre amigo, que se encontrava um pouco abaixo de mim, e retirou-se.

Fiquei na árvore até o amanhecer. Depois, descí mais morto que vivo. Efetivamente, não podia aguardar outra sorte que a dos meus dois companheiros; esse pensamento me fez estremecer e dei alguns passos para atirar-me ao mar; mas, como é bom viver o mais que se pode, resisti ao impulso do desespero e submeti-me à vontade de Deus, que é quem dispõe da nossa vida.

Não deixei, contudo, de ajuntar boa quantidade de troncos pequenos e espinhos secos. Com aquilo fiz vários feixes, que amarrei juntos, após ter com eles armado um grande círculo em torno da árvore; amarrei também alguns por cima, para cobrir a cabeça. Terminado aquele trabalho, fechei-me dentro do círculo, ao cair da noite, com o triste consolo de nada ter esquecido para me garantir contra a sorte cruel e ameaçadora. A serpente, voltando, rastejou em torno da árvore, procurando devorar-me; mas não conseguiu, por causa da barreira que fabriquei. Até o romper do dia, procedeu como o gato quando encurrala um rato. Finalmente, vindo o dia, retirou-se. Mas por um longo tempo ainda não ousei abandonar meu refúgio.

Achava-me tão cansado do trabalho que me dera, e repugnava-me de tal forma seu empestado hálito, que a morte me parecia preferível àquele horror; assim, afastei-me da árvore, e, esquecido da minha resignação da véspera, corri para o mar com a ideia de me atirar nele.”

Àquelas palavras, vendo Sherazade que já era dia, deixou de falar. No dia seguinte, continuando sua história, disse ao sultão:

77^A NOITE

“Senhor, prosseguindo sua história, assim disse Simbá:

‘Deus se compadeceu do meu desespero. No momento em que eu ia me atirar, percebi um navio, contudo bastante afastado do litoral. Gritei com todas as minhas forças, e acenei com o turbante para que me notassem, o que não foi inútil. A tripulação me viu, e o capitão deu ordens para que me recolhessem com a chalupa. Uma vez a bordo, mercadores e marinheiros perguntaram-me por que eu me encontrava naquela ilha deserta. Após ter-lhes contado tudo o que tinha acontecido, os mais velhos disseram-me terem ouvido falar repetidas vezes dos gigantes que moravam na ilha, canibais que não hesitavam em comer os homens até crus. Quanto às serpentes, acrescentaram que havia em abundância na ilha, que se ocultavam de dia e saíam de noite. Depois de se alegrarem por eu ter escapado de tantos perigos, e como acharam que eu precisava comer, deram-me o que tinham de melhor; e o capitão, notando que as minhas vestes estavam reduzidas a farrapos, teve a generosidade de me doar algumas das suas.

Singramos os mares por algum tempo. Passamos por várias ilhas e chegamos, enfim, à de Salahá, de onde se tira o sândalo, madeira de muito uso na medicina. Entramos no porto e lançamos as âncoras. Os mercadores começaram a desembarcar as mercadorias para vendê-las ou trocá-las. Por sua vez, o capitão, chamando-me, disse: Irmão, tenho comigo mercadorias pertencentes a um homem que viajou certo tempo comigo. Como ele morreu, pretendo negociá-las, para prestar contas aos seus herdeiros, se um dia me deparar com algum. Os fardos de que o capitão falava já estavam no tombadilho. E ele, mostrando-os, continuou: Ei-los. Espero que consintais em comerciar com eles, com a condição de receberdes o valor do vosso trabalho. Concordei e agradeci-lhe por me dar a oportunidade de não ficar inativo.

O escrevente do navio ia registrando todos os fardos com o nome dos mercadores aos quais pertenciam. O capitão, ao ser-lhe perguntado com que

nome pretendia registrar os que acabava de encarregar-me, disse: Registrai-os com o de Simbá, o marinheiro. Não pude ouvir meu nome sem emoção; e, fitando os olhos no capitão, reconheci-o como sendo o que, na minha segunda viagem, havia me abandonado na ilha em que eu adormecera à margem de um regato, partindo sem me procurar. Se a princípio não o reconhecera fora apenas pelas mudanças causadas pelo tempo em que deixara de vê-lo.

Quanto a ele, que me julgava morto, não é de admirar que me não reconhecesse. Capitão, disse-lhe, não se chamava Simbá o mercador a quem pertenciam estes fardos? Sim, respondeu-me, assim se chamava, era de Bagdá, e embarcara no meu navio em Bassorá. Um dia, ao fundearmos numa ilha em busca de água e provisões, não sei por que descuido zarpei sem notar que ele não voltara a bordo com os outros. Só o percebemos, os mercadores e eu, quatro horas depois. Tínhamos o vento em popa, e tão forte que não foi possível voltarmos para buscá-lo. Portanto, o julgais morto?, perguntei. Sem dúvida, respondeu-me. Pois bem, capitão, abri os olhos, e reconheci o Simbá que deixastes na ilha deserta. Adormeci à margem de um regato e quando despertei não vi ninguém. Àquelas palavras, o capitão pôs-se a fitar-me...”

Sherazade, percebendo a chegada do dia, foi obrigada a calar-se. No dia seguinte, assim retomou o fio da história:

78^A NOITE

“O capitão, depois de me escutar atentamente, reconheceu-me por fim. Deus seja louvado!, exclamou, abraçando-me. Estou contentíssimo de ter a sorte reparado meu erro. Eis as vossas mercadorias que sempre guardei cuidadosamente, e que sempre valorizei em todos os portos que toquei. Devolvo-as com o lucro que obtive. Tomei-as, testemunhando ao capitão toda a minha gratidão.

Da ilha Salahá fomos a outra, onde me muni de cravo, canela e outras especiarias. Quando nos afastamos, vimos uma tartaruga com vinte côvados de comprimento e de largura. Observamos também um peixe parecido com uma vaca: dava leite, e tinha uma pele tão dura que dela se faziam escudos. Vi outro com aspecto e cor de camelo. Finalmente, após uma longa viagem, cheguei a Bassorá, e de lá voltei a Bagdá com incalculável riqueza. Dei aos pobres boa parte, e acrescentei outras terras às que já havia comprado.

Assim terminou Simbá a história da sua terceira viagem. Mandou que entregassem outros cem cequins a Hindbá, convidando-o para o banquete do dia seguinte, quando ouviria a história da quarta viagem. Hindbá e os demais convivas retiraram-se; e no dia seguinte Simbá retomou a palavra, ao fim do banquete:

A quarta viagem de Simbá, o marinheiro

‘Os prazeres e os divertimentos a que me entreguei, após a terceira viagem, não tiveram encantos suficientes para fazer com que não mais viajasse. Deixei-me levar, outra vez, pela paixão de comerciar e ver coisas novas. Pus em ordem, por conseguinte, os negócios, e, reunindo mercadorias procuradas nos lugares para onde tencionava viajar, parti. Segui a rota da Pérsia, da qual atravessei várias províncias, e cheguei a um porto de mar, onde embarquei. Zarpamos, e já tínhamos tocado vários portos da terra firme e algumas ilhas orientais quando, percorrendo um dia grande distância, fomos surpreendidos por um vendaval que obrigou o capitão a fazer arriar as velas e a dar as ordens necessárias a fim de evitar o perigo que nos ameaçava. Nossas precauções, porém, foram inúteis. A manobra não surtiu efeito; as velas se dilaceraram, e o navio, desgovernado, bateu nuns recifes, despedaçando-se, de modo que grande número de mercadores e marinheiros se afogou enquanto a carga desaparecia...’”

Sherazade se calou. Shahriar se levantou. Na noite seguinte, a sultana assim prosseguiu a história da quarta viagem:

79^A NOITE

“Tive sorte, assim como outros mercadores e marinheiros, de me agarrar a uma prancha. Uma corrente nos levou para uma ilha situada à nossa frente. Ali, achamos frutos e água de fonte que serviram para refazer nossas forças. Passamos a noite na praia, sem decidirmos sobre o que era preciso fazer. O abatimento que sentíamos nos impedia.

No dia seguinte, mal o Sol se ergueu, nos afastamos da praia, e, caminhando pela ilha, notamos umas habitações, para as quais nos dirigimos. Ao nosso encontro correram numerosos negros que nos rodearam, prendendo-nos, e dividindo-nos por eles para, em seguida, nos levar às suas casas.

Cinco dentre nós, eu e outros quatro companheiros, fomos levados ao mesmo lugar. Mandaram que nos sentássemos e serviram-nos certa erva, convidando-nos por sinais a comer. Meus companheiros, sem refletir que os que a serviam não a comiam, lançaram-se com avidez sobre elas. Quanto a mim, por um pressentimento, sequer quis experimentá-las, e dei-me muito bem, pois, ao fim de algum tempo, percebi que a lucidez desertara o espírito dos meus companheiros e que, falando, não sabiam mais o que diziam.

Serviram-nos, em seguida, arroz preparado com leite de coco; meus companheiros, já privados da razão, comeram com sofreguidão. Eu também comi, mas pouco. Os negros haviam nos apresentado aquela erva para nos perturbar o espírito, e assim tirar-nos a dor do conhecimento do nosso destino, dando-nos em seguida arroz para que engordássemos. Como eram canibais, tinham a intenção de nos comer, mal estivéssemos providos de bastante carne. Foi o que sucedeu aos meus companheiros, que ignoravam o destino, por terem perdido o bom senso. Como eu tinha conservado o meu, bem podeis imaginar, senhores, que em lugar de engordar como os outros emagreci mais ainda. O temor da morte, que me perseguia incessantemente, envenenava minha alimentação. Caí num torpor que me foi bastante salutar,

pois os negros, após comerem meus companheiros, vendo-me seco, descarnado e doente, adiaram minha morte para ocasião mais oportuna.

Eu gozava de relativa liberdade. Ninguém me vigiava. E aquilo me deu a oportunidade de me afastar um dia das habitações e escapar. Um velho, o único que suspeitou o que eu pretendia fazer, gritou-me que voltasse; mas, em lugar de lhe obedecer, apressei o passo, e rapidamente o perdi de vista. Naquela ocasião, só se encontrava nas habitações aquele velho, os demais negros, ausentes, só voltariam pelo fim do dia, o que costumavam fazer com frequência. Certo de que não teriam mais tempo de correr atrás de mim quando soubessem da minha fuga, caminhei até cair a noite. Parei, então, para descansar e comer um pouco das poucas provisões que tivera o cuidado de levar comigo. Retomei o caminho, pouco depois, e continuei durante sete dias, evitando lugares que me pareciam habitados. Vivia de cocos,^[22] que me forneciam ao mesmo tempo bebida e comida.

No oitavo dia cheguei perto da praia, e imediatamente percebi alguns brancos como eu, ocupados em colher pimenta, abundante naquelas paragens. Pareceu-me bom agouro a ocupação deles, e não hesitei em me aproximar...”

Sherazade nada mais disse naquela noite; na seguinte, assim prosseguiu:

80^A NOITE

“Os homens que colhiam pimenta, quando me viram, me perguntaram em árabe quem eu era e de onde vinha. Contentíssimo de ouvi-los falar como eu, satisfiz-lhes a curiosidade, contando-lhes como havia naufragado, como chegara àquela ilha e como caíra nas mãos dos negros. Mas esses negros, disseram-me eles, comem homens! Por que milagre conseguistes escapar à sua crueldade? Expliquei-lhes o que já sabeis, deixando-os maravilhados.

Fiquei com eles até que tivessem colhido a quantidade de pimenta de que precisavam, após o que me fizeram embarcar no navio que os trouxera. E nos dirigimos para outra ilha, de onde tinham vindo. Apresentaram-me ao seu rei, um bom nobre, que teve a paciência de ouvir a história da minha aventura. Em seguida, mandou que me dessem vestes, e ordenou que cuidassem de mim.

A ilha em que eu me encontrava era densamente povoada e abundante de todo tipo de coisas. Era grande o comércio na cidade em que vivia o rei. Esse agradável refúgio começou a me consolar da desgraça, e a bondade do generoso nobre para comigo completou-me o contentamento. Com efeito, não havia quem, mais do que eu, lhe fosse simpático; por conseguinte, não havia pessoa na corte nem na cidade que não procurasse de me agradar. Assim, em pouco tempo fui considerado homem nascido naquela ilha, e não estrangeiro.

Mas notei uma coisa que me pareceu extraordinária: todos, inclusive o rei, montavam o cavalo sem rédeas e sem estribos. Um dia, tomei a liberdade de perguntar ao rei por que ele não se servia de tais comodidades. Respondeu-me que eu lhe falava de coisas cujo uso era ignorado no país.

Imediatamente, procurei um carpinteiro e pedi-lhe que me preparasse uma sela de madeira, de acordo com modelo que lhe forneci. Forrei eu mesmo a madeira da sela com crina e couro, e ornei-a com bordados de

ouro. Dirigi-me, em seguida, a um ferreiro, que me preparou um freio da forma que lhe mostrei; pedi-lhe também que me fizesse dois estribos.

Quando tudo ficou pronto, apresentei o trabalho ao rei e experimentei a sela e os arreios num dos seus cavalos. O rei montou e ficou tão satisfeito com a invenção que me deu grandes presentes. Tive de preparar várias selas para os ministros e os principais dignitários da corte, que me cumularam de tantos presentes que em pouco tempo enriqueci. Fiz selas também para os homens mais ilustres da cidade, o que me proporcionou grande fama e consideração.

Como eu me apresentasse ao rei regularmente, disse-me ele um dia: Simbá, gosto de ti e sei que todos os que te conhecem te estimam igualmente. Tenho de fazer-te um pedido, e é preciso que me concedas o que vou te pedir. Senhor, respondi-lhe, não há nada que eu não esteja pronto para fazer a fim de demonstrar a minha obediência. Tendes sobre mim poder absoluto. Quero que te cases, para que nunca mais te lembres da tua pátria. Como não ousava resistir à sua vontade, deu-me ele por mulher uma dama da corte, nobre, bela, sensata e rica. Após a cerimônia das núpcias, passei a morar com a dama, com quem vivi certo tempo em perfeita união. Contudo, não estava muito contente com meu novo estado. Planejava fugir na primeira oportunidade e voltar a Bagdá, cuja lembrança me perseguia, apesar das vantajosas condições em que vivia.

Estava imerso naqueles pensamentos quando a mulher de um dos meus vizinhos, com o qual eu contraíra excelente amizade, adoeceu e morreu. Fui visitar o viúvo para consolá-lo, e, encontrando-o mergulhado na mais viva aflição, disse-lhe: Deus vos conserve e vos dê uma longa vida! Ai de mim!, respondeu-me, como quereis que eu obtenha a graça que me desejais? Só me resta uma hora de vida! Como?, perguntei. Não vos abandoneis a tão funesto pensamento! Espero que isso não suceda, e que eu tenha o prazer de gozar da vossa amizade por muito tempo ainda. Desejo, respondeu, que a vossa vida tenha longa duração; quanto a mim, estou acabado, porque hoje serei enterrado com minha mulher. É o costume dos nossos antepassados, estabelecido nessa ilha e inviolavelmente seguido: o marido vivo é enterrado

com a mulher morta, e a mulher viva, com o marido morto. Nada pode me salvar, porque todos se submetem a essa lei.

Enquanto ele me explicava essa estranha barbaridade, que me apavorou, chegaram parentes, amigos e vizinhos para assistir ao funeral. O cadáver da mulher foi ricamente vestido, como no dia das núpcias, e ornado de todas as suas joias.

Ergueram-na, depois, num ataúde descoberto, e o cortejo pôs-se em marcha. O marido, à frente deste, seguia o corpo de sua mulher. Tomamos o caminho de uma montanha elevada, e quando chegamos foi levantada uma grande pedra que cobria a abertura de um poço profundo, e baixado o cadáver com suas vestes e joias. Depois daquilo, o marido abraçou parentes e amigos, e, sem oferecer resistência, deixou que o colocassem num ataúde, com um pote de água e sete pãezinhos. E, assim como a mulher, baixou à sepultura. A montanha, muito extensa, corria ao longo do mar, e o poço era profundo. Terminada a cerimônia, recolocaram a pedra sobre a abertura.

Não é preciso, senhores, que eu vos diga ter testemunhado com grande tristeza esse funeral. Os demais presentes não me pareceram comover-se, evidentemente por estarem habituados a cenas iguais. Não pude deixar de dizer ao rei o que pensava daquele costume. Senhor, espanta-me, sobremaneira, o estranho costume reinante no vosso país de enterrar vivos e mortos; já viajei muito, conheci gente de todas as nacionalidades, e nunca ouvi falar de lei tão cruel. Que queres, Simbá, é uma lei comum, e eu mesmo estou submetido a ela; serei enterrado com a rainha minha esposa, se ela morrer primeiro. Mas, senhor, posso perguntar-vos se os estrangeiros são obrigados a observar esse costume? Sem dúvida, disse o rei, sorrindo do motivo da minha pergunta. Eles não são exceção quando se casam nessa ilha, respondeu.

Voltei tristemente para casa. O medo de que minha mulher morresse antes e que me enterrassem vivo com ela me fez pensar. Entretanto, que remédio para aquele mal? Era preciso ter paciência e resignar-me à vontade de Deus. Tremia à menor indisposição de minha mulher. Mas, ai! Bem cedo, o pavor dominou-me. Minha esposa adoeceu gravemente, morrendo pouco depois...”

Sherazade, àquelas palavras, calou-se. No dia seguinte, retomou o fio da história.

81^A NOITE

“Imaginal a minha dor, continuou Simbá: ser enterrado vivo não me parecia menos deplorável do que ser devorado pelos canibais. No entanto, era preciso que eu me submetesse. O rei, acompanhado pela corte, quis honrar o cortejo com sua presença. E as mais importantes personagens da cidade me deram também a honra de assistir ao meu enterro.

Quando tudo ficou pronto para a cerimônia, o corpo de minha mulher foi colocado num ataúde com todas as suas joias e as mais lindas vestes. Começamos a marcha. Como segundo autor de tão horrorosa tragédia, seguia eu imediatamente o ataúde de minha mulher, banhado em lágrimas e deplorando meu desgraçado destino. Antes de chegar à montanha, fiz uma tentativa. Dirigi-me ao rei primeiramente, em seguida aos que me rodeavam; e, inclinando-me diante deles até o chão para lhes beijar a borda das vestes, supliquei-lhes que se compadecessem de mim: Considerai que sou estrangeiro, que não devo ser submetido a lei tão rigorosa, e que tenho outra mulher e filhos no meu país. Em vão proferi as palavras em tom comovedor; ninguém se enterneceu. Pelo contrário, apressaram-se em baixar o corpo de minha mulher ao poço, e fizeram-me descer, um instante depois, noutro ataúde descoberto, com um vaso cheio de água e sete pães. Finalmente, terminada tão funesta cerimônia para mim, recolocaram a pedra na abertura do poço, não obstante minha dor e meus gritos lastimosos.

À medida que eu me aproximava do fundo, descobri, com o auxílio da pouca luz que vinha do alto, a disposição do subterrâneo. Era uma grande caverna, com cinquenta côvados de profundidade. Senti imediatamente um mau cheiro insuportável, oriundo de uma infinidade de cadáveres à direita e à esquerda; julguei até ouvir os últimos lá colocados dar o derradeiro suspiro. Contudo, quando cheguei ao fim, saí depressa do ataúde, e afastei-me dos cadáveres, tapando o nariz. Lancei-me por terra, e fiquei um longo tempo mergulhado no choro. De repente, refletindo sobre minha triste sorte, exclamei: É verdade que Deus dispõe de nós segundo os decretos da sua

providência; mas, pobre Simbá, não é culpa tua se te vês reduzido a morrer de tão estranha morte! Não deverias morrer de morte tão lenta e terrível, mas foi tua avareza que te atraiu esta desgraça. Ah, infeliz, por que não ficaste em casa, por que não gozaste tranquilamente o fruto do teu trabalho!

Foram estas as inúteis queixas que fiz ressoar pela caverna, batendo a cabeça com raiva e desespero, e abandonando-me aos mais desoladores pensamentos. Contudo (será preciso dizê-lo?), em lugar de chamar em meu auxílio a morte, por mais desgraçada que fosse minha situação, o amor à vida fez-se sentir em mim, e levou-me a prolongar os meus dias. Comecei a rater, e sempre tapando o nariz, procurei o pão e a água que se encontravam no ataúde, e comi.

Apesar de a escuridão reinante na caverna ser tão densa que era impossível distinguir o dia da noite, não deixei de encontrar o ataúde; e tive a impressão de que a caverna era mais espaçosa e continha mais cadáveres do que me parecera antes. Vivi alguns dias a pão e água; finalmente, nada mais tendo para comer, preparei-me para a morte...”

Sherazade parou de falar. Na noite seguinte, retomou a história.

82^A NOITE

“Só esperava a morte, quando ouvi que levantavam a pedra para fazerem descer um morto e um vivo. O morto era um homem. É natural tomarmos decisões extremas em momentos de desespero. Enquanto baixavam a mulher, aproximei-me do lugar em que o ataúde seria posto; e quando percebi que tornavam a cobrir a abertura do poço, dei na cabeça da infeliz dois ou três golpes com um osso. Matei-a, e como só praticara aquele ato desumano para me valer do pão e da água contidos no ataúde, tive provisões para vários dias. Ao fim daquele tempo, baixaram uma morta e um vivo, que matei da mesma maneira; e, como, por minha sorte, houve então uma espécie de mortandade na cidade, não me faltaram provisões.

Um dia, quando eu havia acabado de matar outra mulher, ouvi assobios e passos. Avancei para o ponto de onde vinha o ruído; ouvi assobiar mais forte, conforme me aproximava, e pareceu-me entrever alguma coisa que fugia. Segui aquela sombra que parava de vez em quando e assobiava sempre fugindo à medida que dela eu me aproximava. Persegui-a por longo tempo, e afastei-me tanto que afinal distingui uma luz semelhante a uma estrela. Continuei a caminhar para a luz, perdendo-a de vez em quando, segundo os obstáculos que me ocultavam; mas tornava a encontrá-la sempre; por fim, descobri que vinha por uma abertura da rocha, bastante larga para permitir a passagem.

Ao ver aquilo, parei um pouco para me refazer; depois, avançando até a abertura, passei por ela e achei-me na praia. Imaginai minha alegria foi tal que tive trabalho para me convencer de que não era fruto de simples imaginação. Quando me convenci de que era verdade e recobrei o controle dos sentidos, compreendi ser a coisa que eu ouvira assobiar um animal saído do mar, habituado a entrar na caverna para comer os cadáveres.

Examinei a montanha, e notei estar situada entre a cidade e o mar, sem comunicação por caminho nenhum, por ser de tal forma escarpada que a natureza não a fizera viável. Prostrei-me no chão para agradecer a Deus a

graça que acabava de me conceder. Voltei, em seguida, à caverna, em busca de pão, e fui comer à luz do dia, com melhor apetite do que me fora dado ter naquele antro tão tenebroso.

Voltei outra vez, e fui recolher, Tateando, nos ataúdes, todos os diamantes, rubis, pérolas, braceletes de ouro, enfim, todos os ricos tecidos que encontrei; carreguei tudo para a praia. Com aquilo, fiz vários fardos que liguei com cordas que haviam servido para baixar os ataúdes. Deixei-os lá, sem temor de que se estragassem, pois não era estação das chuvas.

Ao fim de dois ou três dias, percebi um navio que acabava de sair do porto e que passou perto do lugar onde eu me achava. Fiz-lhe sinal com o pano do meu turbante, e gritei com toda a força. Ouviram-me, e imediatamente notei que punham no mar uma chalupa para vir me buscar. À pergunta dos marinheiros, curiosos por saberem como eu me encontrava naquelas paragens, respondi ter-me salvado de um naufrágio com as mercadorias que eles viam. Felizmente, para mim, aquela gente, sem examinar o lugar em que eu estava, e sem se preocupar se era verdadeiro o que eu lhes dizia, contentou-se com a minha explicação e levou-me com os fardos.

A bordo, o capitão, satisfeito pelo prazer que me havia proporcionado e ocupado com o comando do navio, teve também a bondade de se contentar com o suposto naufrágio. Ofereci-lhe algumas das minhas joias, mas ele não quis aceitar.

Passamos diante de várias ilhas, e entre outras, da ilha dos Sinos, a dez dias de distância da de Serendib,^[23] com o vento comum e constante, e seis dias da ilha de Kela, onde nos detivemos. Há nela minas de chumbo, cana-da-índia e cânfora excelente.

O rei da ilha de Kela é riquíssimo, poderoso, e sua autoridade se estende sobre toda a ilha dos Sinos, que tem comprimento de duas jornadas e cujos habitantes são ainda tão bárbaros que comem carne humana. Após termos comerciado bastante, zarpamos e passamos por vários outros portos. Finalmente, cheguei a Bagdá com grandes haveres, dos quais é inútil dar-vos pormenores. A fim de agradecer a Deus pelos favores que ele me havia prestado, dei grandes esmolas, tanto para auxiliar a manutenção de várias

mesquitas como para a subsistência dos pobres, e entreguei-me aos parentes e aos amigos, divertindo-me com eles.’

Simbá terminou, assim, a história da sua quarta viagem, que aos seus ouvintes causou mais admiração ainda que as anteriores. Presenteou com cem cequins Hindbá, a quem pediu que voltasse no dia seguinte, à mesma hora, para ouvir a história da quinta viagem. Hindbá e os demais convidados despediram-se de Simbá e retiraram-se. No dia seguinte, quando novamente se reuniram, puseram-se à mesa; e ao fim do banquete, que durou tanto quanto os outros, começou Simbá a história da quinta viagem.

A quinta viagem de Simbá, o marinheiro

Os prazeres tiveram ainda encanto suficiente para apagar da minha memória as dores e os males pelos quais passei, sem poderem tirar-me o desejo de novas viagens. Foi por isso que comprei novas mercadorias, mandei colocá-las em veículos, e com elas parti para o porto mais próximo. Lá, para não depender de um capitão, e para ter à minha disposição um navio, dei-me ao luxo de mandar construir um que equipei à minha custa. Quando ficou pronto, mandei que o carregassem, embarquei, e como não tinha mercadorias suficientes para ocupá-lo inteiramente, recebi vários mercadores de diferentes países com seus bens.

Zarpamos com o primeiro vento favorável e rumamos para o alto-mar. Após longa viagem, o primeiro lugar em que paramos foi uma ilha deserta, na qual achamos um ovo de roc, de grandeza igual ao de que já ouvistes falar; continha um pequeno roc, cujo bico já havia furado a casca...”

Àquelas palavras, Sherazade calou-se, pois o dia já se mostrava no aposento do sultão da Índia. E a continuação da história ficou para a noite seguinte.

83^A NOITE

“Simbá continuou sua história. ‘Os mercadores, embarcados no meu navio, descendo à terra, quebraram o ovo a machadadas, fizeram uma abertura por onde tiraram o filhote de roc aos pedaços, assando-os em seguida. Eu os aconselhara a não tocá-lo; mas não me deram ouvidos.

Tinham acabado de comer, quando, bem longe de nós, no ar, apareceram duas grandes nuvens. O capitão contratado por mim, sabendo por experiência o que significava aquilo, explicou que eram os pais do filhote, e pediu-nos que embarcássemos o quanto antes, a fim de evitarmos uma desgraça. Seguimos-lhe o conselho e zarpamos sem perder tempo.

Entretanto, os dois rocs se aproximaram lançando espantosos gritos, que redobram ao verem o estado do ovo e verificarem o desaparecimento do roc. Querendo vingança, retomaram o voo para o lado de onde tinham vindo e desapareceram por algum tempo, enquanto nos esforçávamos para nos afastar e evitar o que não deixou de suceder.

Voltaram os dois, e notamos que traziam nas garras, cada um, um rochedo enorme. Ao chegarem precisamente sobre o navio, detiveram-se, e, pairando no ar, um deles largou o rochedo. A habilidade do piloto que virou o navio com um golpe de leme evitou que ele caísse sobre nós; afundou no mar, que de tal forma se entreabriu que quase vimos seu fundo. O outro, para a nossa desgraça, deixou tombar o seu rochedo bem no meio do navio, que se partiu em mil pedaços. Os marinheiros e passageiros que não foram esmagados, se afogaram. Eu mesmo afundei, mas, voltando à tona, tive sorte de me agarrar a um dos destroços. Assim, valendo-me ora de uma das mãos, ora de outra, e auxiliado pelo vento e pelas correntes favoráveis, cheguei a uma ilha de costa fortemente escarpada. Superei, no entanto, a dificuldade, e salvei-me.

Sentei-me no chão para descansar, após o que me levantei e caminhei para o interior, a fim de fazer um reconhecimento. Pareceu-me estar num jardim silencioso; via por toda parte árvores carregadas de frutos, uns verdes,

outros maduros, riachos de água doce e límpida e formosamente sinuosos. Comi dos frutos, excelentes, e bebi da água convidativa.

Chegada a noite, deitei-me sobre a relva; mas não consegui dormir bem, e o sono foi frequentemente interrompido pelo terror de me ver sozinho numa ilha tão deserta. Assim, passei a maior parte da noite a me lastimar, e a censurar a imprudência que me fizera sair de casa e empreender tão malfadada viagem. Aquelas reflexões me levaram tão longe que comecei a pensar em pôr fim à minha vida; mas o dia, com sua luz, dissipou-me o desespero. Levantei-me e caminhei entre as árvores, apesar de apreensivo.

Quando já tinha andado um pouco, vi um ancião que me pareceu bastante fraco, sentado à margem de um riacho. Imaginei, a princípio, tratar-se de outro náufrago, como eu. Aproximando-me, saudei-o, ao que ele correspondeu somente com leve aceno de cabeça. Perguntei-lhe o que fazia, mas em lugar de responder fez-me sinal para que o pusesse aos ombros e o transportasse para o outro lado do riacho, dando-me a compreender que pretendia colher frutas.

Julguei que tinha necessidade dos meus préstimos, e, portanto, pondo-o sobre os ombros, atravessei o riacho. Descei agora, disse-lhe, abaixando-me para lhe facilitar o esforço. Em vez, porém, de descer, e ainda rio, quando me lembro daquilo, o ancião, que me parecera decrépito, passou ligeiramente em volta do meu pescoço as pernas, cuja pele se assemelhava à das vacas, e pôs-se sobre os meus ombros, apertando-me tão fortemente a garganta que temi ser estrangulado. O pavor apoderou-se de mim e eu caí desmaiado...”

Sherazade foi obrigada a deter-se, pois o dia acabava de despontar. Mas pelo fim da noite seguinte, assim continuou:

84^A NOITE

“Não obstante ver-me desmaiado, o incômodo ancião continuou agarrado ao meu pescoço, limitando-se a afastar levemente as pernas para que eu recobrasse os sentidos. Depois, apoiando fortemente um dos pés sobre meu estômago, e batendo com o outro num dos meus flancos, fez com que eu me pusesse de pé e caminhasse sob as árvores, para ele poder colher e comer frutos. Durante o dia inteiro não me largou, e, ao querer descansar à noite, estendeu-se sobre o chão comigo, sempre agarrado ao meu pescoço. Todas as manhãs, sacudia-me para me despertar; em seguida, fazia-me levantar e caminhar, apertando-me com os pés. Imaginai, senhores, a minha raiva por ver sobre mim aquele fardo, e não poder me livrar. Um dia, peguei uma cabaça caída de uma árvore, e, depois de limpá-la, espremi dentro dela o suco de algumas uvas, produzidas em abundância pela ilha, e que encontrávamos a cada passo. Quando enchi a cabaça, coloquei-a num lugar para o qual tive a esperteza de fazer com que o ancião me levasse no dia seguinte. Lá, peguei-a e, levando à boca, bebi um excelente vinho que me fez esquecer por algum tempo o desgosto mortal que me perseguia. Adquiri novas forças, e de tal modo me alegrei que comecei a cantar e a saltar, enquanto caminhava.

O ancião, percebendo o efeito produzido pela bebida em mim e percebendo também que eu o carregava mais facilmente, fez-me sinal para que lhe desse de beber; apresentei-lhe a cabaça e, como o licor lhe pareceu agradável, sorveu-o até a última gota. Foi o bastante para embriagá-lo. Quando os vapores do vinho lhe subiram à cabeça, começou a cantar ao seu modo e a sacudir-se sobre os meus ombros, acabando por vomitar, enquanto suas pernas se afastavam um pouco; vendo que já não me apertava, lancei-o por terra, onde ficou imóvel. Pegando, então, uma pedra muito grande, esmaguei-lhe a cabeça.

Senti imensa alegria por me ver livre do maldito ancião, e encaminhei-me para o mar, onde avistei gente de um navio que acabava de fundear para

se abastecer de água e de provisões. Todos se admiraram muitíssimo por me ver e ouvir a história da minha aventura.

Caístes, disseram-me, nas garras do ancião do mar, e sois o primeiro que escapou de ser estrangulado; ele jamais abandonou os que lhe caíram nas garras, a não ser depois de estrangulá-los, e tornou famosa essa ilha pelo número dos que matou; os marinheiros e mercadores que aqui chegavam só ousavam entrar pela ilha em boa companhia.

Após me contarem essas coisas, levaram-me para o navio, onde o capitão se alegrou em me receber, quando soube do que me acontecera. Zarpamos; após alguns dias de viagem, chegamos ao porto de uma grande cidade cujas casas eram feitas de pedra.

Um dos mercadores do navio, que se afeiçoara a mim, obrigou-me a acompanhá-lo e levou-me a uma pousada destinada a estrangeiros. Depois, deu-me um grande saco, e, recomendando-me a pessoas da cidade, rogou-lhes que me levassem com eles a colher cocos: Segui-os, disse-me, fazei o que os virdes fazer, e não vos afasteis deles, pois correreis perigo de vida. Forneceu-me provisões para o dia, e eu parti com os moradores da cidade.

Chegamos a uma grande floresta de árvores extremamente altas e retas, de troncos tão lisos que era impossível subir até os galhos onde se encontravam os frutos. Eram coqueiros, cujos frutos pretendíamos encher os sacos. Ao entrarmos na floresta, vimos grande número de macacos grandes e pequenos, que fugiram assim que nos viram, trepando nas árvores com surpreendente agilidade...”

Sherazade quis prosseguir. Mas o dia, aparecendo, a impediu. Na noite seguinte, continuou sua história.

85^A NOITE

“Os mercadores’, prosseguiu Simbá, ‘lançaram pedras com toda força ao alto das árvores contra os macacos. Segui-lhes o exemplo, e vi que os macacos, percebendo nosso intento, arrancavam furiosamente os cocos e atiravam-nos contra nós com gestos que denotavam toda a sua cólera. Colhíamos os cocos, e de vez em quando lançávamos pedras para irritar os macacos. Com aquele estratagema enchíamos os sacos, o que seria impossível de outra maneira.

Depois, voltamos à cidade, onde o mercador que me enviara à floresta me pagou pelo saco cheio de cocos.

Continuai, disse-me, e ide todos os dias fazer a mesma coisa, até que tenhais conseguido dinheiro suficiente para vosso regresso. Agradei-lhe o bom conselho, e, sem sentir, juntei tamanha quantidade de frutos, que obtive quantia apreciável.

O navio no qual eu chegara partira com mercadores que o carregaram com cocos. Aguardei a vinda de outro que em breve fundeou no porto da cidade para receber carga semelhante. Embarquei nele todos os meus frutos; e quando estava prestes a partir, fui me despedir do mercador a quem tantas obrigações devia. Ele não pôde embarcar comigo, por não ter ainda concluído seus negócios.

Zarpamos e seguimos a rota da ilha que mais abundantemente produz pimenta. De lá, alcançamos a ilha do Comari,^[24] que dá a melhor espécie de aloés, e cujos habitantes se impõem a inviolável lei de nunca beber vinho, nem se entregar a extravagâncias. Troquei os meus cocos naquelas duas ilhas por pimenta e aloés, e dirigi-me com outros mercadores à coleta das pérolas, onde aluguei vários mergulhadores. Conseguiram-me bom número de pérolas grandes e perfeitas. Voltei ao mar num navio que chegou sem acidente a Bassorá; de Bassorá vim para Bagdá, onde obtive grandes somas pela pimenta, pelos aloés e pelas pérolas. Distribuí em esmolas a décima parte

do meu lucro, assim como já fizera ao fim das outras viagens, e procurei esquecer-me dos pesares em toda sorte de divertimentos.

Com aquelas palavras, mandou Simbá que dessem cem cequins a Hindbá, que se retirou com os demais convidados. No dia seguinte, o mesmo grupo voltou a visitar o rico Simbá, que, após o banquete, pedindo silêncio, começou a contar as aventuras da sexta viagem:

A sexta viagem de Simbá, o marinheiro

‘Senhores, estais ansiosos, sem dúvida, por saber como eu, após ter naufragado cinco vezes e conhecido tantos perigos, pude resolver tentar ainda a sorte e buscar novas desgraças. Eu mesmo me admiro, quando penso nisso; evidentemente, o que me impelia era a minha estrela. Seja como for, ao fim de um ano de descanso, preparei-me para empreender uma sexta viagem, apesar dos rogos de meus parentes e amigos, que tudo envidaram para me fazer desistir da ideia.

Em vez de tomar o caminho do Golfo Pérsico, tornei a passar por várias províncias da Pérsia e da Índia, e cheguei a um porto onde embarquei num bom navio, cujo capitão estava decidido a empreender longa viagem. Foi longuíssima na verdade, mas ao mesmo tempo tão infeliz, que o capitão e o piloto, a certa altura, não souberam dizer onde nos encontrávamos. Por fim, reconheceram sua posição, mas não tivemos motivos de regozijo, nem nós, passageiros, nem os tripulantes, e um dia ficamos espantados ao ver o capitão deixar seu posto dando grandes gritos. Lançando seu turbante ao chão, arrancou sua barba e bateu na cabeça como um homem a quem o desespero perturba o espírito. Perguntamos-lhe por que se afligia daquela maneira. Tenho o desgosto de vos dizer que estamos no ponto mais perigoso do mar. Uma corrente rapidíssima apoderou-se do navio, e todos nós vamos perecer em menos de um quarto de hora. Rogai a Deus que ele nos livre do perigo. Só escaparemos se Ele tiver pena de nós. Àquelas palavras, ordenou que fossem amarradas as velas, mas o cordame se rompeu na manobra, e o navio foi irresistivelmente levado pela corrente ao pé de uma montanha inacessível, onde encalhou e se despedaçou; salvando-nos, tivemos ainda tempo de desembarcar nossas provisões e suas preciosas mercadorias.

Feito aquilo, disse-nos o capitão: Deus acaba de agir como lhe aprouve. Podemos cavar nossa sepultura, pois estamos num lugar tão funesto que nenhum dos que aqui chegaram antes conseguiram voltar. Aquelas palavras nos causaram uma angústia imensa e abraçamo-nos uns aos outros, chorando e deplorando nossa falta de sorte.

A montanha formava a costa de uma ilha comprida e grande. Havia destroços de navios em toda a parte; e por uma infinidade de ossos que se encontravam, e que nos horrorizavam, pudemos avaliar as perdas. Incrível a quantidade de mercadorias e riquezas que se apresentavam aos nossos olhos, mas que só serviam para aumentar a desolação que nos oprimia. Por toda parte, os rios abandonam o leito para lançar-se ao mar; lá, pelo contrário, uma grande corrente de água doce afastava-se do mar e penetrava o interior, através de uma gruta escura, de entrada extremamente alta e ampla. O que havia de notável era serem as pedras da montanha de cristal, rubi e outras pedras. Via-se também a fonte de uma espécie de pez ou betume que se escoava para o mar; os peixes engoliam-no e, em seguida, o devolviam transformado em âmbar cinzento, lançado pelas vagas à praia. Cresciam também várias árvores, na sua maioria aloés, não inferiores na beleza aos de Comari.

Para terminar a descrição do lugar, que poderíamos chamar sorvedouro, não era possível que os navios pudessem dele afastar-se uma vez chegados a certa distância. Se impelidos por um vento marítimo, o vento e a corrente os perdiam; e quando nele se encontravam, soprando um vento de terra, o que poderia facilitar-lhes o afastamento, a altura da montanha os detinha, e causava uma calma que deixava agir a corrente que os levava para a costa, onde se despedaçavam. Para cúmulo da desgraça, não era possível atingir o topo da montanha nem salvar-se por outro meio qualquer.

Ficamos na praia como gente que perdeu o ânimo, aguardando a morte. Tínhamos dividido os víveres em partes iguais; assim, cada um sobreviveu mais ou menos o mesmo tempo que os outros, segundo seu temperamento e segundo o uso feito das provisões...”

Sherazade parou de falar, vendo que o dia começava a aparecer. Na noite seguinte, assim continuou a história da sexta viagem de Simbá:

86^A NOITE

“Os que morreram primeiro foram enterrados pelos outros. Quanto a mim, prestei as derradeiras homenagens a todos os meus companheiros, e não há de que pasmar, pois, além de ter aproveitado melhor que eles as provisões recebidas na divisão, possuía outras particularidades, cuidadosamente ocultas. Contudo, quando enterrei o último, restavam-me tão poucas provisões que julguei não resistir por muito tempo, de modo que eu mesmo cavei minha sepultura. Confesso-vos que, ocupado naquele trabalho, não pude deixar de ver que era eu a causa da minha morte, e de me arrepender da última viagem. Não me limitei a simples pensamentos; mordi furiosamente as mãos, e pouco faltou para que não apressasse minha morte.

Mas Deus mais uma vez teve piedade de mim, e me inspirou a ideia de ir ao rio que havia na gruta. E após examiná-lo cuidadosamente, refleti: Este rio que se esconde assim sob a terra deve sair em algum lugar; construindo uma jangada e abandonando-me à corrente chegarei a uma terra habitada, ou morrerei; se morrer, só mudarei o tipo de morte; se, pelo contrário, sair desse lugar fatal, não somente evitarei o triste destino dos meus companheiros, como possivelmente encontrarei nova oportunidade para enriquecer. Quem sabe a sorte não me aguarda à saída desse tenebroso recife, para me compensar com juro pelo naufrágio?

Não hesitei em preparar a jangada; montei-a com bons pedaços de madeira e grandes cordas que não me faltavam; liguei os pedaços de madeira de tal forma que preparei uma construção assaz sólida. Meti nela rubis, esmeraldas, âmbar cinzento, cristal de rocha e tecidos preciosos. Prendendo-os perfeitamente, embarquei na jangada, levando dois remos; e, entregando-me à corrente, abandonei-me à vontade de Deus.

Mal entrei na gruta, não vi mais luz, e a corrente me levou, sem que eu soubesse para onde. Passei alguns dias naquela escuridão, sem nunca notar o menor sinal de luz. Uma vez, a abóbada da gruta quase me feriu a cabeça de tão baixa que era, o que me fez tomar cuidado em evitar perigo semelhante.

Durante todo aquele tempo, só comi o suficiente para viver. Mas, apesar da minha frugalidade, acabei por consumir as provisões. Sem que pudesse impedir, então, apoderou-se de mim um doce sono. Não sei dizer se dormi por muito tempo; o que sei é que, ao despertar, vi-me com surpresa numa vasta planície, à margem de um regato em que a minha jangada fora presa, e no meio de uma multidão de negros. Levantei-me imediatamente e saudei-os. Eles falaram-me, mas numa língua que não compreendi.

Naquele momento, me senti dominado de tão intensa alegria, que não sabia se estava acordado ou não. Persuadido, por fim, de que não estava dormindo, recitei os seguintes versos:

Invoca a Onipotência, e ela te socorrerá. Não te preocupes. Cerra os olhos, e, enquanto estiveres dormindo, Deus transformará a má sorte em boa.

Um dos negros, que compreendia árabe, ouvindo-me falar assim, adiantou-se e disse: Meu irmão, não vos surpreendais por nos ver. Vivemos aqui, e hoje viemos regar nossos campos com a água desse rio que sai da montanha vizinha, desviando-a por canais. Notamos que a corrente transportava alguma coisa, corremos imediatamente para ver o que era, e demos com esta jangada; um dos nossos nadou para ela e trouxe-a para a margem. Prendemo-la como estais vendo, e ficamos à espera de que acordásseis. Suplicamos-vos a vossa história, que deve ser bem interessante. Dizei-nos como ousastes abandonar-vos a essas águas, e de onde vindes. Respondi-lhes que me dessem antes alguma coisa de comer, e que, depois, lhes satisfaria a curiosidade.

Apresentaram-me várias iguarias. Quando saciei minha fome, contei-lhes fielmente tudo quanto me sucedera; ouviram com admiração as minhas palavras. Mal terminei de falar, disseram-se pelo intérprete: Eis uma das mais surpreendentes histórias. Convém que a repitais ao rei, pois é extraordinária demais para ser narrada por outrem. Respondi-lhes estar pronto para fazer o que pretendessem.

Os negros mandaram imediatamente procurar um cavalo, que não tardou em chegar. Montei, e, enquanto uma parte deles caminhava na minha frente

para indicar o caminho, outros, mais robustos, puseram aos ombros a jangada com toda a carga e começaram a seguir-me...”

Àquelas palavras, Sherazade foi obrigada a interromper-se, pois o dia estava nascendo. Pelo fim da noite seguinte, assim recomeçou a história:

87^A NOITE

“Caminhamos todos juntos, até a cidade de Serendib, pois era nessa ilha que eu me encontrava. Os negros apresentaram-se ao rei. Aproximei-me do seu trono e saudei-o como se costuma saudar os reis da Índia, isto é, prostrando-se aos seus pés e beijando a terra. O rei mandou que me levantasse, e, recebendo-me com afabilidade, fez-me sentar ao seu lado. Perguntou em primeiro lugar como eu me chamava. Tendo-lhe respondido chamar-me Simbá, cognominado o Marinheiro em virtude das minhas viagens por mar, acrescentei que morava em Bagdá. Mas, perguntou, como vos encontrais no meu país, e por onde viestes?”

Nada ocultei ao rei. Contei-lhe exatamente o que acabastes de ouvir. Ele se encheu de tamanha surpresa, que ordenou que se gravasse o meu nome em letras de ouro a fim de ser conservado nos arquivos do reino. Trouxeram, em seguida, a jangada, e abriram-se os fardos na sua presença. O rei admirou a quantidade de aloés e de âmbar cinzento, pois não possuía no seu tesouro coisa que se lhes assemelhasse.

Notando que contemplava minhas pedras com prazer, e que examinava as mais singulares, uma após a outra, prostrei-me, e tomei a liberdade de dizer-lhe: Senhor, não é apenas a minha pessoa que está à vossa disposição, mas também a carga da jangada. Peço-vos que dela disponhais como coisa que vos pertence. Respondeu, sorrindo: Simbá, cuidarei de não vos invejar, e de não vos tirar nada do que vos foi dado por Deus. Longe de diminuir as vossas riquezas, pretendo aumentá-las, e não quero que saiais do meu país sem levar convosco provas da minha generosidade. Respondi àquelas palavras, fazendo votos pela prosperidade do rei, e louvando sua bondade e generosidade. Encarregou um dos seus ministros de zelar por mim, e ordenou que me cedessem criados. O ministro executou fielmente as ordens do amo, e mandou transportar para o meu aposento tudo quanto me pertencia.

Todos os dias eu ia cumprimentar o rei. Depois, passava o tempo vendo a cidade e o que havia de mais digno da minha curiosidade.

Situa-se a ilha de Serendib exatamente sob a linha equinocial; por isso as noites lá são sempre de 12 horas. Mede oitenta parasangas^[25] de comprimento e outras tantas de largura. A capital encontra-se na extremidade de um belo vale, formado por uma montanha no meio da ilha, provavelmente a mais alta do mundo. Com efeito, é vista do mar a três dias de navegação. Nela se encontram rubis e vários tipos de minerais; os rochedos são, na sua maioria, de esmeril, pedra metálica com a qual se cortam as joias. Veem-se todas as espécies de árvores e plantas raras, sobretudo o cedro e o coqueiro. Coletam-se pérolas ao longo das suas costas e nas embocaduras dos rios; alguns dos seus vales fornecem diamantes. Fiz também, por devoção, uma viagem à montanha, no ponto em que Adão foi relegado após ter sido expulso do paraíso terrestre, e tive a curiosidade de subir até o cume.

Quando voltei à cidade, supliquei ao rei que me permitisse regressar ao meu país, o que ele concedeu com afabilidade e gentileza, obrigando-me, outrossim, a receber um riquíssimo presente, tirado do seu tesouro; quando me despedi, deu-me outro presente mais lindo, e ao mesmo tempo uma carta para o Comendador dos Crentes, nosso soberano senhor, dizendo-me: Rogo-vos que apresenteis por mim este presente e esta carta ao califa Harun al-Rashid, e que o assegureis da minha amizade. Peguei respeitosamente o presente e a carta, prometendo à Sua Majestade executar pontualmente as ordens de que tão honrosamente me encarregava. Antes de embarcar, o rei mandou chamar o capitão e os mercadores que deviam me acompanhar, e ordenou-lhes que me tratassem com toda a consideração.

A carta do rei de Serendib fora escrita sobre a pele amarelada de certo animal preciosíssimo por sua raridade. Os caracteres da carta eram azuis, e eis o que continha em língua indiana:

*O rei da Índia, diante de quem marcham mil elefantes,
que vive num palácio cujo teto brilha com o
esplendor de cem mil rubis, e que possui
no seu tesouro vinte mil coroas
enriquecidas por diamantes,
ao califa Harun al-Rashid*

Embora seja de pouca valia o presente que vos enviamos, não deixeis de recebê-lo como irmão e amigo, em consideração pela amizade que conservamos por vós no coração, e da qual muito nos alegamos por vos dar uma prova. Pedimos-vos a mesma parte no vosso, pois julgamos merecê-lo, pertencendo-nos à mesma categoria a que pertenceis. É o que vos suplicamos na qualidade de irmão. Adeus.

Consistia o presente num vaso de rubis, oco e em forma de taça, com meio pé de altura e um dedo de espessura, cheio de pérolas perfeitamente redondas e todas com peso de meia dracma; numa pele de serpente com escamas do tamanho de uma moeda de ouro e com a propriedade de preservar de doenças os que sobre ela se deitarem; em cinquenta mil dracmas de aloés do mais formoso, com trinta grãos de cânfora da grossura de um pistache, enfim, tudo aquilo era acompanhado por uma escrava de estonteante beleza e de vestes inteiramente cobertas de joias.

O navio zarpou. E após longa e feliz viagem, chegamos a Bassorá, de onde voltei para Bagdá. A primeira coisa que fiz foi desincumbir-me da missão que me fora confiada...”

Sherazade não pôde prosseguir, por causa do dia. No dia seguinte, porém, retomou o fio da história.

88^A NOITE

“Peguei a carta do rei de Serendib, e apresentei-me à porta do Comendador dos Crentes, seguido da formosa escrava e das pessoas de minha família que levavam os presentes. Expliquei o motivo que me conduzia ao palácio, e imediatamente me levaram à presença do califa. Prostrei-me diante dele; e, após ter-lhe falado concisamente, apresentei-lhe a carta e o presente. Quando terminou de ler o que lhe mandava o rei de Serendib, perguntou-me se era verdade ser aquele soberano tão poderoso e rico como dava a entender na carta. Prostrei-me pela segunda vez, e erguendo-me, respondi: Comendador dos Crentes, posso vos assegurar que não exagera sua riqueza e esplendor, porque eu mesmo o testemunhei. Não há nada que mais cause assombro do que a magnificência do seu palácio. Quando quer aparecer em público, preparam-lhe um trono sobre um elefante, sentado sobre o qual passa no meio de duas fileiras compostas pelos seus ministros, favoritos e outros cortesãos.

Diante dele, sobre o mesmo elefante, um oficial segura na mão uma lança de ouro, e por trás do trono, outro, de pé, segura uma coluna de ouro, no alto da qual se encontra uma esmeralda de quase meio pé de comprimento e grande como o polegar. Precede-o uma guarda de mil homens vestidos de ouro e seda, montados em elefantes ricamente ajaezados. O oficial colocado na frente do rei grita de vez em quando: Eis o grande monarca, o poderoso e temido sultão da Índia, cujo palácio está coberto de cem mil rubis, e que possui vinte mil coroas de diamantes! Eis o monarca coroadado, maior que o grande Salomão e o grande Mihrage.

Depois de proferir tais palavras, grita por sua vez o oficial posto atrás: Este monarca tão grande e poderoso deve morrer, deve morrer, deve morrer.

O oficial da frente brada então: Louvado seja aquele que vive e nunca morre!

O rei de Serendib é tão justo que não há juízes na sua capital, nem no resto do país. O povo os dispensa. Todos conhecem e observam

escrupulosamente a justiça e jamais se afastam do dever. Assim, os tribunais e os magistrados são inúteis. O califa mostrou-se bastante satisfeito com a minha descrição. A sabedoria desse rei, disse ele, transparece na sua carta; e depois do que acabais de me dizer, é preciso confessar que sua sabedoria é digna do seu povo, e o seu povo digno dela. Àquelas palavras, despediu-me, com um rico presente...

A sétima e última viagem de Simbá, o marinheiro

Ao voltar da minha sexta viagem, abandonei a ideia de viajar novamente. Além de estar com idade que só exigia repouso, prometera nunca mais me expor a perigos. Assim, só pensei em viver tranquilamente o resto da minha vida. Um dia, oferecendo um banquete a alguns amigos, um dos meus criados avisou-me que um oficial do califa perguntava por mim. Abandonei a mesa e fui recebê-lo. O califa, disse-me ele, incumbiu-me de dizer-vos que deseja falar-vos. Segui-o ao palácio, e prostrei-me diante do califa. Simbá, disse-me ele, preciso de vós; tendes de prestar-me um serviço, levando minha resposta e meus presentes ao rei de Serendib. É justo que retribua a gentileza que teve para comigo.

Aquela ordem foi o mesmo que um raio: Comendador dos Crentes, respondi-lhe, estou pronto a executar tudo quanto me ordenares. Mas suplico-vos humildemente que vos lembreis da aversão por mim criada às incríveis penas sofridas. Prometi nunca mais sair de Bagdá. E vali-me da ocasião para contar-lhe minhas aventuras. O califa ouviu-me com paciência, até o fim. Mal terminei de falar, disse-me: Confesso que são fatos extraordinários. Contudo, não devem impedir-vos de empreender, por amor a mim, a viagem que vos proponho. Trata-se apenas de ir à ilha de Serendib cumprir-vos da missão que vos confio. Depois, voltareis. Mas é preciso ir, pois compreendereis que não ficaria bem à minha dignidade não responder ao rei daquela ilha.

Já que o califa exigia de mim aquele sacrifício, disse-lhe que estava pronto a obedecer. Alegrou-se muito, e mandou que me entregassem mil cequins para os preparativos da viagem.

Preparei-me em poucos dias, e mal me entregaram os presentes do califa com uma carta do seu próprio punho, parti em direção a Bassorá, onde embarquei. Fiz excelente viagem, e cheguei à ilha de Serendib. Lá, expus aos ministros a minha missão, e roguei-lhes que solicitassem, por mim, uma audiência. Atenderam-me, e fui levado ao palácio com todas as honrarias. Segundo o costume, prostrei-me diante do rei.

O rei reconheceu-me imediatamente, e manifestou a sua alegria ao rever-me. Ah, Simbá, disse-me, sede bem-vindo! Juro-vos que tenho pensado muito em vós. Abençoo este dia, por nos vermos outra vez. Saudei-o e, após agradecer-lhe a bondade que me demonstrava, apresentei-lhe a carta e os presentes do califa, recebidos com grande satisfação.

Havia lhe enviado o califa um leito completo de tecido de ouro, do valor de mil cequins, cinquenta vestes de tecido finíssimo, outras cem de tecido branco, do mais fino de Cairo, Suez e Alexandria; outro leito carmesim, e outro ainda diferente; um vaso de ágata mais largo que fundo, com um dedo de espessura e uma abertura de meio-pé, cujo fundo representava em baixo-relevo um homem ajoelhado, armado de arco e flecha, prestes a atirar contra um leão; enfim, uma rica mesa que se acreditava ter pertencido ao grande Salomão. Assim era o conteúdo da carta do califa:

*Saúde, em nome do soberano guia do reto caminho
ao poderoso e feliz sultão, da parte de
Abda-lá Harun al-Rashid, colocado por Deus
no lugar de honra, depois dos
seus antepassados de feliz
memória*

Recebemos, com alegria, a vossa carta, e vos enviamos esta, oriunda do conselho da nossa Porta, o jardim dos espíritos superiores. Esperamos que, ao correrdes os olhos sobre ela, reconheçais nossa boa intenção e a tenhais por agradável. Adeus.

O rei de Serendib sentiu enorme prazer vendo que o califa correspondera à amizade demonstrada. Pouco tempo após a audiência, solicitei a de despedida, que me foi difícil obter. Finalmente, consentiu o rei em despedir-me, dando-me valiosíssimo presente. Embarquei imediatamente, para voltar o mais rápido possível a Bagdá. Mas não tive a felicidade de chegar como esperava, pois Deus dispôs de outra maneira.

Três ou quatro dias depois da partida, fomos atacados por corsários, que pouco trabalho tiveram para apoderar-se do navio, visto que não nos achávamos em condições de poder nos defender com êxito. Alguns componentes da tripulação ofereceram resistência, mas só conseguiram

perder suas vidas; quanto a mim e a todos os que tiveram a prudência de não se opor ao intento dos corsários, fomos feitos escravos...”

O dia impôs silêncio a Sherazade. No dia seguinte, assim continuou a sultana:

89^A NOITE

— Senhor — disse ela ao sultão —, Simbá assim deu prosseguimento à narração das suas aventuras:

“Após os corsários terem nos despojado de tudo, inclusive das vestes, substituídas por outras ordinárias, levaram-nos a uma grande ilha distante, onde nos venderam.

Caí nas mãos de um rico mercador, que, levando-me à sua casa, me alimentou e me vestiu como escravo. Alguns dias depois, não sabendo ainda quem eu era, perguntou se tinha algum ofício. Respondi-lhe, sem me dar a conhecer melhor, não ser artesão, mas mercador, e ter sido roubado dos meus bens pelos corsários que me haviam aprisionado. Mas, diz-me, prosseguiu ele, sabes atirar com o arco? Expliquei-lhe que fora um dos exercícios da minha juventude, e que dele nunca me esquecera. Deu-me, então, um arco e flechas e, mandando que montasse no seu elefante com ele, levou-me a uma enorme floresta, distante algumas horas da cidade. Em seguida, mostrando-me uma grande árvore, ordenou-me: Trepas nessa árvore e atira nos elefantes que vires passar, pois existem em abundância nesta floresta. Se um deles tombar, avisa-me imediatamente. Depois, deixou-me alimentos, retomou o caminho da cidade, e eu fiquei na árvore durante a noite inteira.

Nada vi durante aquele tempo; mas no dia seguinte, mal o Sol se levantou, apareceu grande número de paquidermes. Atirei várias flechas, e um deles, finalmente, foi atingido. Os outros fugiram, permitindo que eu fosse avisar o meu amo. Contente com a notícia, proporcionou-me uma ótima refeição e louvou minha habilidade. Depois, voltamos juntos à floresta, onde cavamos uma fossa, na qual enterramos o elefante morto. Meu amo propunha-se reaparecer quando o animal estivesse apodrecido, para tirar os dentes, com os quais comerciaria.

Continuei a caçada durante dois meses, e não se passava dia sem que matasse um elefante. Não trepava sempre à mesma árvore; punha-me às vezes

numa, às vezes noutra. Certa manhã, enquanto aguardava a vinda dos elefantes, percebi com extremo espanto que, em lugar de passarem na minha e atravessarem a floresta como sempre faziam, paravam, vindo a mim, depois, com horrível estrondo, e em tão grande número que a terra tremia fortemente. Aproximando-se da árvore em que me achava empoleirado, rodearam-na, com a tromba estendida e os olhos cravados em mim. Diante daquilo, fiquei imóvel, presa de tão grande terror que o arco e a flecha me caíram das mãos.

Não era em vão o meu medo. Após me contemplarem por certo tempo, um deles, dos maiores, rodeou o tronco com sua tromba, e, com um poderoso esforço, o arrancou e aterrou ao chão. Caí com a árvore; o animal, pegando-me delicadamente, colocou-me sobre seu dorso, onde fiquei mais morto do que vivo, de aljava às costas. Em seguida, diante dos companheiros que o seguiam em bando, levou-me a um lugar onde, pondo-me sobre o chão, se retirou com todos os que o acompanhavam. Imaginai, se possível, o meu estado; julgava estar sonhando. Finalmente, após permanecer estendido por algum tempo, não vendo mais elefante nenhum, levantei-me, e notei que me encontrava numa colina bastante comprida e larga, inteiramente coberta de ossos e dentes de elefante. Confesso-vos que pensei mil e uma coisas, admirando o instinto dos pobres animais. Não duvidei de que se tratava do seu cemitério, e de que para lá me haviam levado a fim de que eu deixasse de matá-los. Imediatamente, rumei para a cidade; e após caminhar um dia e uma noite, cheguei à casa do meu amo. Não encontrei elefantes durante a jornada, o que me fez conhecer que se haviam afastado mais para o interior da floresta, dando-me, assim, mais liberdade de acesso, sem obstáculo, à colina.

Quando meu amo me viu, exclamou: Ah, pobre Simbá, como me preocupei com o teu desaparecimento! Estive na floresta, vi a árvore derrubada, o arco, as flechas, e, após procurar-te inutilmente, perdi a esperança de rever-te. Conta-me o que te sucedeu, e como continuas vivo. Satisfiz-lhe a curiosidade; e no dia seguinte, indo ambos à colina, reconheceu ele, com enorme alegria, a verdade do que eu lhe havia contado. Pusemos sobre o elefante, com o qual fizéramos a jornada, todos

os dentes que ele podia carregar. E, na volta, disse-me o meu amo: Meu irmão (pois não quero mais tratar-te como escravo, após o prazer que me proporcionaste com um descobrimento que me enriquece), que Deus te cumule com todos os bens e com toda a prosperidade! Declaro diante dele que te concedo a liberdade. Havia te ocultado o que agora vais ouvir: os elefantes da nossa floresta matam a cada ano numerosos escravos que enviamos em busca do marfim; apesar de todos os nossos conselhos, acabam, cedo ou tarde, por perder a vida perante a astúcia dos animais. Deus te livrou da sua fúria, e só a ti foi que concedeu tal graça, sinal de que te estima, e que precisa de ti no mundo para neste fazeres o bem. Tu me proporcionaste uma vantagem incrível: até hoje só conseguimos arranjar marfim expondo nossos escravos; agora, porém, a cidade está rica, graças a ti. Não penses que eu imagine tê-lo recompensado suficientemente pela liberdade que te dei; acrescentarei a ela outros bens consideráveis. Poderia fazer com que a cidade inteira participasse, mas quero reservar tal glória exclusivamente para mim.

Diante daquelas palavras tão afáveis, respondi: Meu amo, Deus vos conserve! Basta-me a liberdade que me concedestes; como recompensa do serviço que vos prestei, a vós e à cidade, só peço permissão para voltar ao meu país. Pois bem, respondeu ele, a monção^[26] trar-nos-á brevemente navios que virão buscar marfim. Irás, então, e eu te darei o que hás de levar contigo. Agradei-lhe de novo a liberdade e as suas boas intenções. Continuei a viver com ele, à espera da monção; e, durante aquele tempo, viajando frequentemente à colina, enchemos de marfim seus depósitos. Todos os mercadores da cidade fizeram a mesma coisa, pois a notícia não lhes ficou oculta por muito tempo.”

Sherazade, percebendo a chegada do dia, calou-se, para, na noite seguinte prosseguir, dizendo ao sultão da Índia:

90^A NOITE

— Senhor, Simbá assim terminou a história da sua sétima viagem:

“Os navios chegaram, finalmente. O meu amo, após escolher pessoalmente aquele em que eu embarcaria, carregou-o de marfim em meu nome. Não se esqueceu também de mandar embarcar abundantes provisões para a minha viagem; além disso, obrigou-me a aceitar presentes preciosos, curiosidades do país. Após ter-lhe agradecido os numerosos benefícios recebidos, embarquei. Zarpamos; e como a aventura que me proporcionara a liberdade era extraordinária, vivia pensando nela.

Detivemo-nos em algumas ilhas para coletarmos provisões. Tendo o nosso navio partido de um porto na Índia, para lá nos encaminhamos; e a fim de evitar os perigos do mar até Bassorá, fiz desembarcar o marfim que me pertencia, resolvido a continuar a viagem por terra. Tirando grande parte do meu marfim, comprei várias raridades para presentear; quando tudo ficou pronto, uni-me a uma grande caravana de mercadores. Demorei-me um longo tempo viajando e sofri muito; mas sofri com paciência, refletindo que não tinha de temer tormentas, nem corsários, nem serpentes, nem os demais perigos.

Todo o meu cansaço terminou, enfim, e cheguei felizmente a Bagdá. Fui imediatamente apresentar-me ao califa, prestar-lhe conta da minha missão. O califa disse-me que a demora lhe causara grande inquietação, mas que sempre esperara que Deus me protegesse. Quando lhe contei a aventura dos elefantes, pareceu-me vê-lo fortemente assombrado; e ter-se-ia negado a acreditar se a minha sinceridade não lhe fosse sobejamente conhecida. Achou aquela história e as demais que lhe contei tão interessantes que encarregou um dos seus secretários de escrevê-las em caracteres de ouro, a fim de serem conservadas no tesouro. Retirei-me contente com a honra e os presentes recebidos; em seguida, entreguei-me inteiramente à minha família, aos parentes e aos amigos.’

Foi assim que Simbá terminou a história de sua sétima e última viagem; dirigindo-se, então, a Hindbá, disse-lhe: ‘Pois bem, meu amigo, já ouviste falar de alguém que tenha sofrido o que eu sofri, de algum mortal que tenha passado pelo que passei? Não é justo que, após tantas dores, eu goze de vida agradável e tranquila?’ Hindbá, aproximando-se, e beijando-lhe a mão, respondeu-lhe: ‘É preciso confessar, senhor, que conhecestes espantosos perigos e que as minhas dores não se comparam às vossas. Se me afligem enquanto as sofro, consolo-me pelo proveito que delas tiro. Não somente mereceis uma vida tranquila, como também sois digno de todos os bens que possuís, pois que tão bem os empregais, e pois que sois tão generoso. Continuai a viver na alegria até a hora da vossa morte.’

Simbá ordenou que lhe dessem outros cem cequins, acolheu-o no número dos amigos, pediu-lhe que abandonasse a profissão de carregador e que continuasse a ir banquetear-se com ele, pois assim ele se lembraria sempre de Simbá, o marinheiro.”

Sherazade, vendo que ainda não era dia, continuou a falar, começando outra história.

As três maçãs

— Senhor — disse ela —, já tive a honra de vos entreter com uma saída noturna do califa Harun al-Rashid. Vou agora contar-vos outra:

“Um dia, ordenou esse príncipe ao grão-vizir Djafar que estivesse no palácio na noite seguinte. ‘Vizir’, disse-lhe, ‘quero passear pela cidade e ouvir o que dizem os moradores, e sobretudo se estão contentes com a justiça dos meus ministros. Se houver ministros que deem origem a queixas, depô-los-emos, para substituí-los por outros mais capazes. Se, pelo contrário, houver os que provoquem elogios, teremos por eles a consideração merecida.’ O grão-vizir dirigiu-se ao palácio à hora marcada; o califa, ele e Mesrur, chefe dos eunucos, disfarçaram-se e saíram juntos.

Atravessando várias praças e vários mercados, e entrando numa ruazinha, viram ao luar um homem de barba branca, alto, transportando uma rede à cabeça. Trazia no braço um cesto dobrável de folhas de palmeira, e numa das mãos um bastão. ‘Esse velho’, disse o califa, ‘não é rico. Perguntemos-lhe como vão os negócios.’ ‘Bom homem’, disse-lhe o vizir, ‘quem és?’ ‘Senhor’, respondeu-lhe o velho, ‘sou pescador, o mais pobre e miserável da minha profissão. Saí de casa, por volta do meio-dia, para ir pescar, e até agora não consegui apanhar um peixinho sequer. No entanto, tenho mulher e filhos, que preciso alimentar.’

O califa, comovido, interveio: ‘Terás ânimo para voltar e lançar a tua rede mais uma vez? Dar-te-emos cem cequins pelo que apanhares.’ O pescador, diante da proposta, esqueceu-se das suas dores e voltou para o Tigre com o califa, Djafar e Mesrur, refletindo: ‘Estes senhores parecem honestos e sensatos, e hão de recompensar-me pelo meu trabalho; mesmo que me dessem apenas a centésima parte que me prometem, seria bastante para mim.’

Chegados à margem do Tigre, o pescador lançou sua rede. Ao puxá-la, deparou-se-lhes um baú bem fechado e pesado. O califa mandou que lhe entregassem imediatamente os cem cequins, e Mesrur pôs o baú aos ombros por ordem do amo, que, na pressa de saber o que havia lá dentro, voltou ao palácio imediatamente. Abrindo o baú, encontraram um grande cesto de

folhas de palmeira, cosido pela abertura com um fio de lã vermelha. Para satisfazer a impaciência do califa, dispensaram o trabalho de descosê-lo; cortaram o fio com uma faca e tiraram do cesto um fardo envolvido num tapete barato, amarrado por uma corda. Cortada a corda, e desfeito o fardo, viu-se com horror o corpo de uma jovem, mais branco que a neve, em pedaços...”

Sherazade, àquela altura, notando que já era dia, interrompeu a história.

No dia seguinte, retomou-a:

91^A NOITE

“Imaginareis melhor do que vos poderiam fazer compreender as minhas palavras o espanto do califa diante de tão horrorosa visão. Da surpresa, porém, passou num instante para a cólera; e lançando um olhar furioso ao vizir, disse-lhe: ‘Ah, infeliz, é assim que vigias os atos do meu povo? Cometem-se impunemente, sob os teus olhos, crimes na capital, e atiram-se os meus súditos ao Tigre, para que clamem vingança contra mim no Dia do Juízo. Se não vingares imediatamente o assassinato dessa mulher com a morte do assassino, juro pelo santo nome de Deus que te farei enforcar, a ti e a quarenta dos teus parentes.’ ‘Comendador dos Crentes’, respondeu-lhe o grão-vizir, ‘suplico-vos que me concedais algum tempo para investigar.’ ‘Não te concedo mais do que três dias para isto’, respondeu o califa. ‘Cuida, pois, de resolver este mistério.’

O vizir Djafar se retirou, confuso. ‘Ai de mim! como poderei, numa cidade tão vasta e povoada como Bagdá, descobrir um assassino que, sem dúvida, cometeu esse crime sem testemunhas, e que talvez já tenha até abandonado a cidade? Outro, que não eu, tiraria da prisão um miserável qualquer e o faria morrer para contentar o califa; mas não quero impor à minha consciência tal peso, e prefiro morrer a salvar-me por esse preço.’

Ordenou aos oficiais de polícia e justiça, que lhe obedeciam, que procurassem cuidadosamente o culpado. Estes, seguidos dos seus auxiliares, puseram-se em campo, não se julgando menos interessados que o vizir naquela questão. Mas tudo foi inútil; por mais que diligenciassem, não conseguiram descobrir o autor do assassinato; e o vizir compreendeu que, sem intervenção divina, não escaparia da morte.

Efetivamente, no terceiro dia chegou um porteiro à casa do desditoso ministro, ordenando-lhe que o seguisse. O vizir obedeceu. Ao califa, ao perguntar-lhe onde estava o assassino, respondeu: ‘Comendador dos Crentes, não encontrei ninguém que pudesse indicar-me seu paradeiro.’ O califa

censurou-o com furor e ordenou que o enforcassem diante da porta do palácio, a ele e mais quarenta barmecidas.^[27]

Enquanto as forcas eram preparadas, e buscavam os quarenta barmecidas, um arauto público, por ordem do califa, anunciou pela cidade:

‘Quem quiser ter a satisfação de ver enforcar o grão-vizir Djafar e quarenta barmecidas, seus parentes, vá à praça fronteira ao palácio.’

Quando tudo ficou pronto, o juiz e um grande número de guardas do palácio colocaram o grão-vizir e os quarentas barmecidas ao lado das forcas, e passaram-lhes em volta do pescoço a corda com a qual seriam enforcados. O povo apinhado na praça não pôde presenciar aquele espetáculo sem dor e sem chorar, pois o grão-vizir Djafar e os barmecidas eram estimadíssimos por sua probidade, liberalidade e desinteresse, não somente em Bagdá como também em todo o império do califa.

Nada impedia que se cumprisse a ordem do rei demasiadamente severo, e ia se tirar a vida à gente mais honesta da cidade, quando um jovem extremamente simpático e muito bem-trajado varou a multidão, chegou aos pés do grão-vizir e, após beijar-lhe a mão, disse-lhe: ‘Soberano vizir, chefe dos emires dessa corte, refúgio dos pobres, não sois culpado do crime pelo qual vos encontrais aqui. Retirai-vos e deixai-me pagar a morte da dama atirada ao Tigre. Sou eu o seu assassino, e mereço ser castigado.’

Embora aquelas palavras causassem a mais profunda alegria ao vizir, este não deixou de apiedar-se do jovem, cuja fisionomia, em vez de sinistra, possuía grande atração; e ia responder-lhe quando um velho, varando por sua vez a multidão, aproximou-se do vizir e disse-lhe: ‘Senhor, não acrediteis no que vos conta este homem. Fui eu quem matou a dama encontrada no rio; sobre mim somente é que deve recair a punição. Em nome de Deus, suplico-vos que não castigueis o inocente pelo culpado.’ ‘Senhor’, respondeu o jovem, dirigindo-se ao vizir, ‘juro-vos que fui eu que cometi essa maldade, e que não tive cúmplice.’ ‘Meu filho’, interrompeu-o o ancião, ‘é o desespero que aqui te conduz, e o que queres é adiantar-te ao destino; quanto a mim, há muito que estou no mundo, e é preciso que dele me despeça. Deixa que eu sacrifique a minha vida pela tua.’ ‘Senhor’, acrescentou, voltando-se para

o vizir, ‘mais uma vez afirmo que sou eu o assassino; ordenai, pois, que me enforcuem.’

A disputa entre o ancião e o jovem obrigou o vizir Djafar a levá-los à presença do califa, com a licença do oficial encarregado da terrível execução. Ao chegar diante do califa, beijou a terra sete vezes, e assim disse: ‘Comendador dos Crentes, trago à presença de Vossa Majestade este ancião e este jovem que afirmam, separadamente, ser os autores da morte da dama.’ O califa perguntou aos acusados qual dos dois havia trucidado tão cruelmente a dama, lançando-a depois ao Tigre. O jovem assegurou que fora ele; mas o ancião, por sua vez, sustentou o contrário. ‘Enforca ambos’, ordenou o califa ao grão-vizir. ‘Mas, senhor’, respondeu o vizir, ‘se apenas um é o culpado, seria injusto fazer morrer o outro.’

Àquelas palavras, o jovem prosseguiu: ‘Juro, pelo Deus que elevou os céus à altura em que se encontram, que matei a dama e a atirei ao Tigre, há quatro dias. Que eu não participe do Dia do Juízo, se não é verdade o que afirmo; devo, portanto, ser punido.’ O califa, surpreso com o juramento, acreditou, tanto mais que o ancião nada respondeu. Voltando-se, pois, ao jovem, perguntou-lhe: ‘Infeliz, por que cometeste tão detestável crime? E que razão tiveste para te ofereceres espontaneamente à morte?’ ‘Comendador dos Crentes’, ele respondeu, ‘se se escrevesse tudo quanto se passou entre a dama e mim, seria uma história muito útil aos homens.’ ‘Conta-a, pois’, ordenou o califa, ‘ordeno-te.’ O jovem obedeceu e começou sua história.”

Sherazade quis prosseguir, mas viu-se obrigada a adiar a continuação para a noite seguinte.

92^A NOITE

Shahriar perguntou à sultana o que havia o jovem contado ao califa Harun al-Rashid.

— Senhor — respondeu Sherazade —, ele falou nestes termos:

A história da jovem trucidada e do seu jovem marido

“Comendador dos Crentes, sabereis que a dama trucidada era minha mulher, filha deste ancião, que é meu tio paterno. Não tinha ela mais que 12 anos quando a desposei, e, desde aquele dia, passaram-se 11 anos. Deu-me três meninos, que vivem; e devo reconhecer que jamais me proporcionou o menor motivo de queixa. Era sensata, tinha boas maneiras e cuidava de me agradar. Da minha parte, eu a amava profundamente, e adivinhava-lhe os desejos.

Há cerca de dois meses, ela adoeceu; cheio de cuidados, nada poupei para que sua cura fosse rápida. Ao fim de um mês, começou a melhorar, e quis banhar-se. Antes de sair, disse-me: Meu primo, pois assim me chamava, desejava comer maçãs; tu me darias muito prazer se me arranjasses algumas; há muito que tenho desejo, e confesso-te que aumentou a tal ponto que, se não o satisfizer, poderá suceder-me uma desgraça. De muito boa vontade, respondi-lhe. Farei o possível para contentar-te.

Fui imediatamente procurar maçãs em todos os mercados e casas; mas não consegui encontrar uma sequer, embora oferecesse por ela um cequim. Voltei, aborrecidíssimo pelo meu inútil trabalho. Quanto a minha mulher, quando voltou do banho e não viu maçãs, sentiu tanto que não pôde dormir durante a noite. Levantei-me de manhãzinha, e fui a todos os pomares; mas não tive melhor êxito que na véspera. Um velho jardineiro, porém, disse-me que, por mais que eu procurasse, só encontraria maçãs no pomar de Vossa Majestade, em Bassorá.

Amando apaixonadamente minha mulher, e não querendo censurar-me por negligenciar alguma coisa a fim de contentá-la, parti para Bassorá, após contar-lhe o que pretendia fazer. De tal forma andei, que voltei ao fim de 15 dias, trazendo três maçãs pelas quais pagara três cequins. Não havia outras no pomar, e o jardineiro só as entregara por aquele preço. Chegando, apresentei-as a minha mulher; mas o desejo passara-lhe. Assim, contentou-se em recebê-las, pondo-as de lado. Entretanto, ela continuava doente, e eu não sabia que remédio dar ao seu mal.

Alguns dias depois da jornada, eu estava sentado na minha loja no lugar em que se vendem todos os tipos de tecidos finos, quando vi entrar um grande escravo negro, de péssima aparência, segurando na mão uma maçã, que reconheci ser uma das que eu trouxera de Bassorá. Não podia duvidar, pois sabia que não havia maçãs em Bagdá nem nos pomares das cercanias. Chamei o escravo e perguntei-lhe: Meu bom escravo, dize-me onde pegaste esta maçã. É um presente, respondeu-me sorrindo, que me foi dado por minha amante. Fui visitá-la hoje e encontrei-a um pouco doente. Ao seu lado vi três maçãs, e perguntei-lhe de quem as havia recebido; respondeu-me que o bom marido fizera uma jornada de 15 dias expressamente para ir buscá-las. Comemos juntos, e ao deixá-la peguei uma das frutas. Aquelas palavras puseram-me fora de mim. Levantei-me, e, após fechar a loja, corri para casa, e dirigi-me imediatamente para o quarto de minha mulher. Olhei em primeiro lugar para as maçãs, e vendo apenas duas, perguntei onde estava a terceira. Minha mulher, voltando a cabeça para o lado das maçãs, respondeu-me com frieza: Meu primo, não sei o que foi feito da terceira. Não duvidei da verdade das palavras do escravo, e um ciúme furioso se apoderou de mim. Puxando uma faca que trazia à cintura, mergulhei-a na garganta da miserável. Em seguida, cortei-lhe a cabeça e o corpo; amontoei tudo num cesto, e, cosendo a abertura do cesto com um fio de lã vermelha, meti-o num baú, que, de noite, levei nos ombros e fui lançar ao Tigre.

Meus dois filhos menores já estavam deitados e adormecidos; o terceiro achava-se fora; encontrei-o quando voltei, sentado perto da porta, chorando amargamente. Perguntei-lhe a razão das lágrimas, e ele me respondeu: Meu pai, furtei hoje de manhã, de mamãe, sem que ela o notasse, uma das três maçãs que vós lhe trouxestes. Guardei-a comigo bastante tempo; mas há pouco, quando estava brincando na rua com meus irmãos, um escravo negro que ia passando arrancou-a da minha mão; corri atrás dele, pedindo-a de volta, mas foi em vão que lhe expliquei que pertencia a minha mãe doente, e que vós tínheis feito uma viagem de 15 dias para ir buscá-la; tudo foi inútil. Não quis devolvê-la; e como eu o seguisse chorando, voltou-se, bateu-me, pondo-se em seguida a correr por várias ruas; de modo que o perdi de vista. Desde então, estive passeando fora da cidade, aguardando o vosso regresso; e

aguardei-vos, meu pai, para vos rogar que não digais nada do que sucedeu a minha mãe, a fim de que não adoeça mais gravemente. Terminando, redobrou as lágrimas.

As palavras do meu filho me produziram inconcebível aflição; reconheci, então, a enormidade do meu crime, e arrependi-me, mas demasiadamente tarde, de ter dado crédito à impostura de um desgraçado, o qual, com o que soubera de meu filho, contara a funesta história que eu tomara por verdadeira. Meu tio, que está aqui presente, chegou naquele momento para visitar sua filha, mas em vez de encontrá-la viva, soube por mim mesmo que já não existia mais, pois nada lhe oculte; e, sem esperar que me condenasse, declarei-me o mais cruel dos homens. Contudo, meu tio, em vez de me censurar, uniu suas lágrimas às minhas, e juntos choramos três dias, ele a perda de uma filha sempre ternamente amada, e eu a de uma mulher querida, de que me havia privado tão impiedosamente, crendo nas palavras de um escravo mentiroso. Eis, Comendador dos Crentes, a sincera confissão que de mim exigistes. Sabeis agora as circunstâncias do crime, e eu vos suplico humildemente que ordeneis meu castigo; por mais rigoroso que seja, nada murmurarei, e hei de achá-lo suave.’

O califa pasmou.”

Sherazade, pronunciando aquelas palavras, percebeu que já era dia e parou de falar. Mas, na noite seguinte, assim retomou o fio da história.

93^A NOITE

“O califa pasmou com o que o jovem acabara de contar. Mas aquele príncipe justo, achando-o mais digno de pena, disse: ‘O gesto deste jovem é perdoável perante Deus e desculpável perante os homens. O escravo é a única e verdadeira causa do crime; ele é que devemos punir.’ ‘Portanto’, continuou, voltando-se para o grão-vizir, ‘dou-te três dias para encontrá-lo. Se ao fim desse prazo não o trouxeres, morrerás no seu lugar!’

O infeliz Djafar, que já se julgava fora de perigo, ficou estarrecido com a nova ordem do califa; mas por não ousar responder-lhe, visto que conhecia o temperamento de seu amo, retirou-se com lágrimas nos olhos, convencido de que só lhe restavam três dias de vida. Estava de tal modo convencido de não encontrar o escravo que nem se deu ao trabalho de fazer investigações. ‘Não é possível’, refletia, ‘que numa cidade como Bagdá, onde há uma infinidade de escravos negros, eu descubra o autor da mentira; a não ser que Deus me dê a conhecê-lo, assim como já me fez descobrir o assassino.’

Djafar passou os dois primeiros dias chorando com sua família e queixando-se do rigor do califa. No terceiro, dispôs-se a morrer com firmeza, como ministro íntegro que nada tem para se censurar. Mandando vir cádis e testemunhas, pediu-lhes que assinassem o testamento feito na presença deles. Depois, abraçou sua mulher e seus filhos, e se despediu. Toda a sua família chorava. A cena era das mais comoventes. Finalmente, um emissário, vindo do palácio, disse-lhe que o califa se impacientava por não receber notícias suas nem do escravo negro. ‘Tenho ordem’, acrescentou, ‘de vos levar ao trono.’ O vizir preparou-se para seguir o emissário. Quando já ia sair, trouxeram-lhe a menor de suas filhas, de cinco ou seis anos, a fim de que a visse pela última vez.

Como a amava ternamente, rogou ao emissário que lhe permitisse deter-se um instante, e aproximando-se da filhinha, pegou-a ao colo e beijou-a repetidas vezes. Ao beijá-la, percebeu que ela tinha nos braços alguma coisa perfumada. ‘Minha filhinha’, perguntou-lhe, ‘que escondes aí?’ ‘Meu

querido pai’, respondeu-lhe a menina, ‘é uma maçã sobre a qual está escrito o nome do califa, nosso senhor e amo. Rihan, nosso escravo, me vendeu por dois cequins.’

Ouvindo pronunciar *maçã* e *escravo*, Djafar deu um grito de surpresa e alegria, e tirou imediatamente da filhinha a maçã. Em seguida, mandou chamar o escravo, que não estava longe, e quando o viu, perguntou-lhe: ‘Patife, onde pegaste esta maçã?’ ‘Senhor’, respondeu o escravo, ‘juro que não a roubei nem de vós, nem do pomar do Comendador dos Crentes. Um dia desses, ao passar por uma rua, notei três ou quatro meninos que brincavam; um deles segurava uma maçã. Arranquei-a. O menino correu atrás de mim, dizendo-me que a fruta não lhe pertencia, que era de sua mãe doente, que seu pai, para ir buscá-la, fizera uma longa viagem, e que ele a furtara sem que sua mãe o visse. Foram inúteis os seus rogos; trouxe a maçã para casa e vendi-a por dois cequins a vossa filhinha. É tudo quanto tenho para vos dizer.’

Djafar se admirou de como a gatunice de um escravo havia causado a morte de uma mulher inocente, e quase a sua. Levou o escravo, e, diante do califa, repetiu tudo o que soubera, contando o acaso pelo qual descobrira o seu crime.

Não há surpresa que se compare à do califa, que não conseguiu refrear uma explosão de riso. Finalmente, já sério novamente, disse ao vizir que, visto ser causa de tão estranha fatalidade seu escravo merecia punição exemplar. ‘Não posso deixar de concordar, senhor’, respondeu o vizir, ‘mas seu crime não é irremissível. Sei uma história mais surpreendente, de um vizir do Cairo, chamado Nuredin^[28] Ali, e de Bedredin^[29] Hassan, de Bassorá. Como vos agradam ouvir tais histórias, estou pronto a contá-la, contanto que, se a achardes mais interessante que esta, perdoeis meu escravo.’ ‘Sim’, concordou o califa, ‘mas tu te metes em grande dificuldade, e não creio que possas salvar teu escravo, pois a história das maçãs é bem singular.’

Djafar, tomando então a palavra, começou:

A história de Nuredin Ali e de Bedredin Hassan

‘Comendador dos Crentes, havia no Egito um sultão, observador escrupuloso da justiça, benfeitor, misericordioso e liberal. Seu valor fazia-o temido pelos vizinhos. Amava os pobres e protegia os sábios por ele elevados aos primeiros postos. O vizir desse sultão era um homem prudente, sábio, penetrante, perito nas belas-letras e em todas as ciências. Tinha este ministro dois belos filhos, que seguiam seus passos: chamava-se o mais velho Chemsedin^[30] Mohammed, e o mais novo Nuredin Ali. Este, sobretudo, possuía todo o mérito que se pode possuir. Morto o vizir, o sultão mandou chamá-los, e ordenando-lhes que envergassem ambos as vestes de um vizir comum, disse-lhes: Muito lastimo a perda que acabastes de sofrer. Tanto como vós, estou comovido. Quero prová-lo, e como sei que viveis juntos e sois perfeitamente unidos, concedo a ambos a mesma dignidade. Ide e imitai vosso pai.

Os dois novos vizires agradeceram ao sultão e retiraram-se para cuidar do funeral do pai. Ao fim de um mês, saíram pela primeira vez, e pela primeira vez foram ao conselho do sultão; depois, continuaram a assistir regularmente às sessões nos dias marcados. Todas as vezes que o sultão ia caçar, um dos dois irmãos o acompanhava, cabendo-lhes alternadamente tal honra. Um dia, depois do almoço, quando se entretinham com vários assuntos, disse ao mais moço o mais velho, que, no dia seguinte, devia acompanhar o sultão à caçada: Meu irmão, como não estamos casados ainda, e como vivemos em tão boa união, tenho uma ideia: casemo-nos no mesmo dia com duas irmãs, que escolheremos na família que nos convier. Que achas da ideia? Digo, meu irmão, respondeu Nuredin Ali, que é bem digna da amizade que nos une. Não há ideia melhor; quanto a mim, estou pronto a fazer o que quiseses. Oh, não é tudo ainda, respondeu Chemsedin Mohammed, pois minha imaginação vai mais longe. Supondo que nossas esposas concebam na primeira noite de núpcias, e que deem à luz no mesmo dia, a tua um filho e a minha uma filha, nós os casaremos, quando chegarem à idade certa. Ah! Quanto a isto, exclamou Nuredin Ali, é preciso reconhecer que o projeto é

admirável. O casamento coroará nossa união, e desde já dou de muito boa vontade o meu consentimento. Mas, meu irmão, acrescentou, quando realizarmos tal casamento, pretenderás que meu filho dê um dote a tua filha? Não há dificuldade em tal coisa, respondeu o mais velho; e estou convencido de que, além das convenções comuns do contrato de casamento, não deixarás de concordar, em seu nome, com o dote de três mil cequins, três boas terras e três escravos. Com isso não concordo, respondeu o menor, não somos irmãos e ambos possuidores do mesmo título de honra?

E não sabemos o que é justo? Sendo o homem mais nobre que a mulher, não é a ti que cabe dar um grande dote a tua filha? Pelo que vejo, fazes os teus negócios à custa dos outros.

Mal terminara de dizer tais coisas, e rir, seu irmão disse, com raiva: Caia a desgraça sobre teu filho, disse ele, arrebatadamente, pois que ousas preferi-lo à minha filha! Admira-me que sejas ousado a ponto de julgá-lo digno dela. É preciso que tenhas perdido o juízo para te comparares a mim e dizer que somos colegas. Fica sabendo, temerário, que diante da tua imprudência não permitiria que minha filha se casasse com teu filho, mesmo que lhe desses riqueza maior que a que possuis. A interessante disputa dos dois irmãos em torno do casamento de seus filhos que ainda nem tinham nascido não deixou de correr caminho. Chemsedin Mohammed ameaçou: Se não tivesse que acompanhar amanhã o sultão, disse ele, tratar-te-ia como mereces; mas, quando voltar, saberás que o irmão mais moço não pode falar assim, impunemente, ao mais velho.

Chemsedin Mohammed levantou-se no dia seguinte de manhãzinha e foi ao palácio, de onde saiu com o sultão, que tomou o caminho acima do Cairo, do lado das pirâmides. Quanto a Nuredin Ali, passou a noite profundamente inquieto; e, após ter bem considerado não ser possível continuar a viver com um irmão que o tratava com tamanho desdém, tomou uma decisão. Mandou preparar uma boa mula, muniu-se de dinheiro, de pedras preciosas e provisões, e, dizendo aos seus que ia empreender uma jornada de dois ou três dias, partiu.

Quando se viu fora do Cairo, caminhou pelo deserto em direção à Arábia. Mas sucumbindo sua mula, foi obrigado a continuar o caminho a pé.

Por sorte, um mensageiro que ia a Bassorá ofereceu-lhe a garupa do seu animal. Quando o mensageiro chegou a Bassorá, Nuredin Ali apeou-se e agradeceu-lhe a ajuda. Passeando pelas ruas, procurando onde pudesse pernoitar, viu, acompanhado de numeroso séquito, um senhor a quem todos os habitantes prestavam grandes honras, parando respeitosamente, até que ele passasse. Era o grão-vizir do sultão de Bassorá, que percorria a cidade para manter, com a sua presença, a boa ordem e a paz.

O ministro, olhando por acaso para o jovem, achou-o simpático e contemplou-o demoradamente; ao passar perto dele e vendo-o com vestes de viajante, deteve-se para lhe perguntar quem era e de onde vinha. Senhor, respondeu-lhe Nuredin Ali, sou do Egito, nasci no Cairo, e deixei minha pátria por um justo ressentimento contra um dos meus parentes, resolvido a viajar pelo mundo, preferindo morrer a voltar. O grão-vizir, um venerável ancião, ouvindo aquelas palavras, respondeu-lhe: Meu filho, guardai-vos bem de realizar vosso intento. Não há no mundo senão miséria, e vós ignorais as dores que tereis de sofrer. Vinde, segui-me, e eu vos farei, talvez, esquecer o motivo que vos forçou a abandonar vosso país.

Nuredin Ali seguiu o grão-vizir de Bassorá, que, conhecendo em pouco tempo suas boas qualidades, afeiçoou-se a ele, de modo que um dia lhe disse: Meu filho, estou, como bem vedes, bem velho e, com certeza, não viverei mais. Deu-me o céu uma filha única e linda, que está agora em idade de casar-se. Vários dos poderosos senhores dessa corte já a pediram para seus filhos, mas até agora não decidi cedê-la. Quanto a vós, aprecio-vos, e julgo-vos digno da minha aliança; preferindo-vos, pois, a todos quantos a pediram, estou pronto a vos aceitar por genro. Se receberdes com prazer minha oferta, declararei ao sultão, meu amo, que vos adotei para o casamento, e suplicar-lhe-ei que vos conceda a dignidade de grão-vizir do reino de Bassorá após a minha morte. Ao mesmo tempo, como só tenho necessidade de repouso na minha velhice, confiar-vos-ei a disposição de todos os meus bens e a administração dos negócios de Estado.

Mal havia terminado de falar o grão-vizir, lançou-se Nuredin Ali aos seus pés, e, com palavras que denotavam a alegria e o reconhecimento de seu coração, dispôs-se a fazer tudo quanto ele lhe ordenasse. O grão-vizir, então,

chamou os principais dignitários da sua casa e ordenou-lhes que mandassem ornar a grande sala de sua moradia e preparar um banquete. Em seguida, pediu a todos os senhores da corte e da cidade que se dirigissem à sua casa. Reunidos todos, e como Nuredin Ali o havia informado da sua qualidade, disse aos senhores, julgando conveniente falar assim para dar uma satisfação àqueles cujo pedido fora recusado: Tenho o prazer, senhores, de vos contar uma coisa que até agora foi segredo. Tenho um irmão, grão-vizir do sultão do Egito, como eu tenho a honra de ser do sultão deste reino. Esse irmão tem um único filho, que não quis ver casado na corte do Egito, e o enviou para desposar minha filha, a fim de reunirmos, dessa forma, os dois ramos da família. Esse filho, que reconheci como sobrinho à sua chegada, e que agora faço meu genro, é este jovem que vos apresento. Espero que me proporcioneis a honra de assistir às suas núpcias, que serão celebradas hoje. Não achando extraordinário nenhum dos senhores que o grão-vizir tivesse preferido seu sobrinho aos grandes partidos propostos, responderam todos que tinha razão em realizar aquele casamento, que eles seriam prazerosamente testemunhas da cerimônia, e que desejavam que Deus lhe desse ainda numerosos anos de vida para ver os frutos de tão feliz união.”

Àquela altura, Sherazade, vendo aparecer o dia, interrompeu a história, continuando-a na noite seguinte.

94^A NOITE

— Senhor — disse ela —, o grão-vizir Djafar assim prosseguiu:

“Os senhores, reunidos em torno do grão-vizir de Bassorá, congratularam-se com o ministro pelo casamento de sua filha com Nuredin Ali; depois, todos se sentaram à mesa, por longo tempo. Pelo fim do banquete, vieram os doces, dos quais cada um, seguindo o costume, se serviu à vontade; em seguida, entraram os cádis com o contrato de casamento. Os principais senhores o assinaram e retiraram-se.

Quando ficaram apenas as pessoas da casa, o grão-vizir encarregou alguns criados de conduzirem ao banho Nuredin Ali, que vestiu as roupas novas, de finura e limpeza agradáveis de ver, assim como tudo quanto se fazia necessário. Após banhar-se, quis repor as vestes que despira, mas apresentaram-lhe outras, magníficas. Perfumado pelos mais extraordinários odores, foi encontrar o grão-vizir, seu sogro, que ficou encantado ao vê-lo, e que, fazendo-o sentar-se ao seu lado, lhe disse: Meu filho, declaraste-me quem és e o posto por ti ocupado na corte do Egito; disseste-me também que discutiste com teu irmão, e que foi por isso que te afastaste do teu país. Peço-te que me contes tudo, e me expliques bem o motivo dessa discussão. Deves ter agora perfeita confiança em mim, e nada deves me ocultar.

Nuredin Ali contou-lhe todos os pormenores de seu desentendimento com o irmão. O grão-vizir não pôde conter uma gargalhada. Eis, disse ele, o que há de mais extraordinário no mundo. É possível, meu filho, que a discussão tenha chegado a tal ponto por um simples casamento imaginário? Sinto muito terdes agastado por uma insignificância com teu irmão mais velho. Vejo, contudo, que ele foi o culpado de se ofender com o que lhe disseste brincando, e devo dar graças ao céu por uma divergência que me proporcionou um genro igual a ti. Mas, acrescentou, a noite já está adiantada, e é tempo que te retires. Vai, meu filho, tua esposa te aguarda. Amanhã lhe apresentarei ao sultão, e espero que ele te receba de modo que

ambos fiquemos satisfeitos. Nuredin Ali deixou seu sogro para ir ao aposento de sua mulher.

O interessante é que no mesmo dia em que se realizavam tais núpcias em Bassorá, Chemsedin Mohammed contraía as suas no Cairo. Eis os pormenores do seu casamento:

Após Nuredin Ali ter se afastado do Cairo com a intenção de nunca mais voltar, Chemsedin Mohammed, seu irmão mais velho, que fora à caçada com o sultão do Egito, de volta ao fim de um mês (o sultão deixara-se levar pelo ardor da caçada, e estivera ausente durante todo aquele tempo), correu ao aposento de Nuredin Ali; mas ficou admirado ao saber que, sob o pretexto de uma viagem de dois ou três dias, partira montado numa mula e não tornara a aparecer. Chemsedin aborreceu-se mais ainda, e não duvidou serem as suas ofensas a causa do afastamento do irmão mais moço; assim enviou um mensageiro que, passando por Damasco, chegou até Aleppo; mas Nuredin vivia, então, em Bassorá. Quando o mensageiro trouxe a notícia de que não conseguira encontrá-lo, Chemsedin Mohammed propôs-se mandar procurá-lo alhures, e, aguardando-o, resolveu casar-se com a filha de um dos primeiros e mais poderosos senhores do Cairo no mesmo dia em que seu irmão desposava a filha do grão-vizir de Bassorá.

‘Não é tudo, Comendador dos Crentes’, prosseguiu Djafar. ‘Ouvi o que sucedeu. Nove meses depois, a mulher de Chemsedin Mohammed deu à luz a uma filha no Cairo, e no mesmo dia a de Nuredin Ali pôs no mundo, em Bassorá, um filho, que foi chamado Bedredin Hassan. O grão-vizir de Bassorá, contentíssimo, distribuiu grandes esmolas e ordenou festas públicas em homenagem ao nascimento do neto. Em seguida, para provar ao genro toda sua alegria, foi ao palácio suplicar humildemente ao sultão que cedesse a Nuredin Ali o seu posto, a fim de que antes da sua morte tivesse o consolo de ver seu genro grão-vizir no seu lugar.

O sultão, que conhecera Nuredin Ali com prazer, quando este lhe fora apresentado após o casamento, e que sempre ouvira falar bem dele, concedeu a graça pedida com todo o prazer, e mandou que, na sua presença, o revestissem do hábito de grão-vizir.

A alegria do sogro completou-se no dia seguinte, quando viu o genro presidir o conselho e desempenhar todas as funções de grão-vizir. Nuredin Ali saiu-se bem, parecendo ter sempre desempenhado aquele cargo, e continuou a assistir ao conselho todas as vezes em que os males da velhice não permitiam que seu sogro estivesse presente. O bom ancião faleceu quatro anos mais tarde, com a satisfação de ver um rebento de sua família prometer sustentá-la com esplendor por muito tempo.

Nuredin Ali prestou-lhe as derradeiras homenagens com toda a amizade e reconhecimento. Quando Bedredin Hassan, seu filho, atingiu a idade de sete anos, confiou-o a um excelente mestre, que começou a educá-lo de modo digno do seu nascimento. É verdade que encontrou naquele menino um espírito vivo, penetrante e capaz de aproveitar os bons ensinamentos...”

Sherazade ia continuar, mas, percebendo que era dia, calou-se. Prosseguiu na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

95^A NOITE

— Senhor, o grão-vizir Djafar assim continuou sua história:

“Dois anos depois de Bedredin Hassan ter sido confiado ao seu mestre, que lhe ensinou perfeitamente bem a ler, obrigou-o este a decorar o Alcorão. Nuredin Ali, seu pai, deu-lhe outros mestres, que de tal modo lhe cultivaram o espírito, que, com 12 anos, o menino dispensou seu auxílio. Então, já um homem feito, era admirado por todos.

Até aquele dia, Nuredin Ali só pensara em fazê-lo estudar, sem o apresentar ao mundo; mas, um dia, levou-o ao palácio, para dar-lhe a honra de reverenciar o sultão, que o acolheu com simpatia. Os primeiros que o viram nas ruas ficaram tão encantados com sua beleza que, proferindo exclamações de surpresa, o abençoavam.

Como seu pai planejava torná-lo capaz de substituí-lo um dia, não mediu esforços, e o fez entrar nos mais difíceis negócios, para acostumá-lo. Enfim, nada negligenciou para o progresso de um filho que lhe era tão caro; e já começava a gozar o fruto do seu trabalho quando foi atacado repentinamente de uma doença tão violenta, que o fez sentir imediatamente não estar longe o último dos seus dias. Preparou-se, então, para morrer como verdadeiro muçulmano. Não se esqueceu do filho Bedredin, e, mandando-o chamar, disse-lhe: Meu filho, vês que o mundo é perecível; eterno só é Aquele para quem irei em breve. É preciso que desde já comeces a preparar-te, como eu, para o passo extremo, sem pesar e sem que a tua consciência te reprove faltas contra os deveres de um muçulmano nem contra os deveres de um perfeito cavalheiro. Quanto à religião, estás suficientemente instruído pelos teus mestres e pelas tuas leituras. Com respeito à honestidade, quero dar-te alguns conselhos, que tratarás de aproveitar. Como é necessário conhecer a si mesmo, e como não poderás conhecer-te bem sem saberes quem sou, vou contar-lhe.

Nasci no Egito. Meu pai, teu avô, era primeiro-ministro do sultão. Eu mesmo tive a honra de ser um dos vizires desse sultão, com meu irmão, teu

tio, que creio viver ainda, e que se chama Chemsedin Mohammed. Fui obrigado a separar-me dele, e vim para este país, onde alcancei o posto que até hoje ocupo. Mas saberás de tudo melhor lendo um caderno que vou dar-te.

Ao mesmo tempo, Nuredin Ali tirou o caderno escrito pela sua própria mão e que trazia sempre consigo, e, dando-o a Bedredin Hassan, disse-lhe: Toma-o, para o leres com cuidado; acharás, entre outras coisas, a data do meu casamento e o dia do teu nascimento. São circunstâncias de que necessitarás. Bedredin Hassan, sensivelmente pesaroso por ver seu pai naquele estado, comovido com as suas palavras, recebeu o caderno com lágrimas nos olhos, prometendo que dele jamais se separaria.

Naquele instante, apoderou-se de Nuredin Ali tamanha fraqueza que parecia prestes a expirar; mas recobrou forças e recomeçou a falar: Meu filho, a primeira máxima que quero ensinar-te é a de não te abrires com qualquer pessoa. O meio de viveres em segurança é entregares-te a ti mesmo, e não te comunicares facilmente.

A segunda é não fazeres violência contra quem quer que seja, pois nesse caso todos se revoltarão contra ti; considera o mundo um credor a quem deves moderação, compaixão e tolerância.

A terceira é não dizeres nada quando te cobrirem de injúrias. Estamos fora de perigo, diz o provérbio, quando nos calam. É particularmente nessa ocasião que deves calar-te. Sabes também que, sobre esse ponto, um dos nossos poetas afirma que o silêncio é o ornamento e a salvaguarda da vida, e que é preciso, ao falar, não assemelhar-se à tempestade que a tudo destrói. Nunca se viu ninguém arrependido por ter-se calado, ao passo que são muitos os que se arrependem de ter falado.

A quarta é não beberes vinho, fonte de todos os vícios.

A quinta é cuidares bem dos teus bens; se não os dissipares, servir-te-ão na necessidade. Não convém, todavia, possuir muitos, tampouco ser avaro; por poucos que sejam teus bens, se os usares bem, terás muitos amigos; mas, se, pelo contrário, tiveres grandes riquezas, e mal-usadas, todos se afastarão de ti e te abandonarão.

Enfim, Nuredin Ali continuou, até seu derradeiro instante de vida, a dar bons conselhos ao filho; quando morreu, teve um magnífico funeral.”

Sherazade, assim percebendo o dia, deixou de falar, adiando a continuação da história.

96^A NOITE

A sultana da Índia, acordada pela irmã à hora habitual, retomou a palavra e, dirigindo-se a Shahriar, disse:

“O califa não se cansava de ouvir o grão-vizir Djafar, que assim deu prosseguimento à sua história:

‘Foi, pois, Nuredin Ali enterrado com todas as honras devidas à sua dignidade. Bedredin Hassan de Bassorá, assim cognominado por ter nascido naquela cidade, sofreu terrivelmente com a morte do pai. Em vez de passar um mês chorando, segundo o costume, passou dois, sem ver ninguém e sem sair sequer para saudar o sultão de Bassorá, o qual, irritado com tal negligência, e considerando-a sinal de desprezo à corte e à sua pessoa, deixou-se levar pela cólera. No seu furor, mandou chamar o grão-vizir, pois que nomeara outro, desde que soubera da morte de Nuredin Ali, e ordenou-lhe que fosse para a casa do defunto e a confiscasse com as demais casas, terras e bens sem nada deixar a Bedredin Hassan, que devia ser preso.

O novo grão-vizir, acompanhado de grande número de guardas do palácio, de homens da justiça e outros oficiais, não tardou em pôr-se a caminho para cumprir sua missão. Um dos escravos de Bedredin Hassan, por acaso no meio da multidão, mal soubera da intenção do vizir, correu a avisar o amo. Encontrou-o sentado no vestíbulo da casa, tão aflito como se seu pai tivesse acabado de morrer. Sem fôlego, lançou-se-lhe aos pés e, após beijar-lhe a orla da veste, disse-lhe: Salvai-vos, senhor, salvai-vos depressa. O que aconteceu?, perguntou-lhe Bedredin, erguendo a cabeça. Que notícia me trazes? Senhor, respondeu o escravo, não há tempo a perder. O sultão está terrivelmente encolerizado contra vós e, de sua parte, vêm confiscar tudo quanto possuíis e prender-vos.

As palavras daquele escravo fiel e afeiçoado deixaram Bedredin Hassan profundamente perplexo: Mas não terei tempo de pegar pelo menos algum dinheiro e joias? Senhor, respondeu o escravo, o grão-vizir estará aqui dentro de instantes. Parti imediatamente, salvai-vos. Bedredin Hassan levantou-se

imediatamente do sofá, calçou-se e após cobrir a cabeça com a ponta da veste para ocultar o rosto, fugiu sem saber para que lado dirigir-se, a fim de escapar ao perigo que o ameaçava. A primeira ideia que teve foi de alcançar quanto antes a porta mais próxima da cidade. Correu sem parar até o cemitério público; e como a noite ia caindo, resolveu passá-la sobre o túmulo do pai, uma construção luxuosa, em forma de cúpula, que Nuredin Ali mandara erguer enquanto ainda vivia. Mas pelo caminho encontrou um judeu rico, banqueiro e mercador de profissão. Voltava de um lugar para o qual fora chamado por algum negócio urgente, e dirigia-se para a cidade. O judeu, reconhecendo Bedredin, parou e saudou-o respeitosamente.”

Naquele ponto, o dia impôs silêncio a Sherazade, que retomou a palavra na noite seguinte.

97^A NOITE

— Senhor — disse ela —, o califa ouvia com grande atenção o grão-vizir Djafar, que continuou sua história:

“O judeu, chamado Isaac, após saudar Bedredin Hassan e beijar-lhe a mão, disse-lhe: Senhor, permiti-me a honra de vos perguntar para onde ides a essa hora, sozinho e inquieto. Alguma coisa vos faz sofrer? Sim, respondeu Bedredin, há pouco adormeci, e meu pai me apareceu em sonho. Tinha um olhar terrível, como se estivesse profundamente encolerizado comigo. Acordei sobressaltado e cheio de terror, e vim para cá imediatamente fazer uma prece sobre o seu túmulo. Senhor, respondeu o judeu, que não podia saber por que saíra Bedredin Hassan da cidade, como o falecido grão-vizir, vosso pai e meu amo, havia carregado de mercadorias vários navios que ainda se encontram no mar e que vos pertencem, suplico-vos a preferência a qualquer outro mercador. Posso comprar, por dinheiro sonante, a carga de todos os vossos navios; e, para começar, se quiserdes confiar-me a do primeiro que chegar ao porto, dar-vos-ei já mil cequins. Trago-os aqui numa bolsa e estou pronto a vo-los pagar adiantadamente. Assim, tirou uma grande bolsa de sob o braço, por baixo da veste, e mostrou-a, marcada com o seu sinete.

Bedredin Hassan, no estado em que se encontrava, expulso de sua própria casa, despojado de tudo quanto possuía no mundo, considerou a proposta do judeu uma bênção do céu, que não deixou de aceitar com grande alegria. Senhor, disse-lhe então o judeu, vós me cedeis, pois, por mil cequins, a carga do primeiro dos vossos navios que chegar a esse porto? Sim, por mil cequins, respondeu Bedredin Hassan, está feito o negócio. O judeu pôs imediatamente nas mãos dele a bolsa com mil cequins, oferecendo-se para contá-los. Bedredin poupou-lhe o trabalho, dizendo-lhe que tinha inteira confiança. Sendo assim, disse o judeu, tende a bondade, senhor, de me confirmar o contrato que acabamos de realizar. Assim, tirou o tinteiro da

cintura; e após escolher uma pena para escrever, apresentou-a com um pedaço de papel. Bedredin escreveu, então, as seguintes palavras:

Esse documento prova que Bedredin Hassan vendeu ao judeu Isaac, pela quantia de mil cequins, já recebidos, a carga do primeiro dos seus navios que ancorar neste porto.

Bedredin Hassan de Bassorá

Em seguida, entregou-o ao judeu, que o guardou e se despediu. Enquanto Isaac continuava o caminho para a cidade, Bedredin Hassan continuou o seu para o túmulo do pai, Nuredin Ali. Ao chegar, prostrou-se, e banhado em lágrimas, gemeu: Ai de mim, infeliz Bedredin! Que será de mim? Aonde irei buscar asilo contra o injusto príncipe que me persegue? Não me bastava a tristeza da morte de um pai tão querido? Era preciso que a sorte acrescentasse outra desgraça aos meus justos lamentos? Assim ficou por um longo tempo; enfim, levantou-se; e, apoiando a cabeça ao sepulcro do pai, renovou-se a sua tristeza com mais violência que antes, e ele só cessou de suspirar e lamentar-se quando, sucumbindo ao sono, se estendeu sobre o chão, e adormeceu.

Mal começara a gozar da doçura do repouso quando um gênio que estabelecera sua morada no cemitério durante o dia, preparando-se para correr o mundo, segundo o seu costume, percebeu o jovem no túmulo de Nuredin Ali. Entrou e, como Bedredin estivesse deitado de frente, admirou-se do esplendor da sua beleza...”

O dia que aparecia não permitiu que Sherazade continuasse a história; mas, no dia seguinte, à hora habitual, assim prosseguiu ela:

98^A NOITE

“‘O gênio’, prosseguiu o grão-vizir Djafar, ‘após contemplar Bedredin Hassan, pensou: A julgar pelo seu formoso aspecto, essa criatura só pode ser um anjo do paraíso terrestre, enviado por Deus para levar o caos ao mundo. Finalmente, subiu aos ares, onde, por acaso, encontrou uma fada. Saudaram-se, e ele disse à fada: Rogo-te descer comigo ao cemitério em que vivo; farte-ei ver um prodígio de beleza que não é menos digno da tua admiração que da minha. Desceram ambos num instante; chegados ao túmulo, o gênio disse: Então, já viste um jovem mais formoso e belo do que este?’

A fada examinou Bedredin com atenção; depois, voltando-se para o gênio, respondeu: Confesso-te que ele é bastante formoso; mas acabo de ver no Cairo, agora mesmo, um ser mais maravilhoso ainda, de que te falarei, se permitires. Dar-me-ás um grande prazer, respondeu o gênio. Convém, pois, que saibas que o sultão do Egito tem um vizir chamado Chemsedim Mohammed, que é pai de uma jovem de cerca de vinte anos. É a mais bela e perfeita criatura jamais vista. O sultão, informado pelo povo da beleza da donzela, mandou chamar o vizir, seu pai, um dia desses, e disse-lhe: Soube que tendes uma filha para casar e desejo desposá-la; não quereis concedê-la a mim? O vizir, que não esperava tal proposta, perturbou-se um pouco, e em vez de aceitá-la com alegria, o que outros no seu lugar teriam feito, respondeu: Senhor, não sou digno da honra que pretendeis me dar, e suplico-vos humildemente que não vos zangueis por me opor à vossa intenção. Sabei que eu tinha um irmão chamado Nuredin Ali, que, como eu, tinha a honra de ser um dos vossos vizires. Um dia, discutimos, e ele desapareceu; nunca mais notícias dele, a não ser há quatro dias, quando me afirmaram que ele morreu em Bassorá, como grão-vizir do sultão. Deixou um filho, e como nos comprometemos outrora em unir pelo casamento nossos filhos, estou persuadido de que morreu com a intenção de cumprir a palavra. Eis por que, da minha parte, queria cumprir a promessa. Suplico-

vos, pois, permissão para isto. Há nesta corte numerosos outros senhores com filhas belíssimas.

O sultão do Egito irritou-se contra Chemsedin Mohammed...”

Sherazade se calou. Era dia. Na noite seguinte, retomou a história, e disse ao sultão da Índia, fazendo sempre falar Djafar:

99^A NOITE

“O sultão do Egito, ofendido com a recusa e a ousadia de Chemsidin Mohammed, disse-lhe encolerizado: É assim que correspondeis à bondade que tive de baixar-me para aliar-me a vós? Saberei vingar-me da preferência que ousais dar a outro, e juro que vossa filha só terá um marido: o mais vil e horrendo dos meus escravos. Terminando aquelas palavras, despediu bruscamente o vizir, que se retirou confuso e mortificado. O sultão chamou um dos seus palafreiros, duplamente corcunda e feio de meter medo; e, após ordenar a Chemsedin Mohammed que consentisse no casamento de sua filha com o escravo, mandou preparar o contrato que foi assinado por testemunhas na sua presença.

Os preparativos das núpcias estão feitos e enquanto te falo todos os escravos dos senhores da corte do Egito estão à porta do banho, cada um com um archote na mão. Esperam que o corcunda saia para levá-lo à esposa que, por sua vez, já está pronta. Quando saí do Cairo, as damas se aprestavam a conduzi-la, com todos os seus ornamentos nupciais, à sala em que deveria receber o corcunda. Eu a vi e asseguro-te que é impossível contemplá-la sem admiração. Quando a fada terminou de falar, disse-lhe o gênio: Apesar do que dizes, não consigo persuadir-me de que a beleza dessa jovem supere a desse rapaz. Não quero discutir contigo, respondeu a fada, confesso-te que merecia desposar a encantadora donzela que se destina ao corcunda, e parece-me que faríamos uma boa ação se, opondo-nos à injustiça do sultão do Egito, puséssemos esse jovem no lugar do escravo. Tens razão, disse o gênio, nem imaginas como te agradeço pela ideia que tiveste. Enganemos a vingança do sultão do Egito, consolemos um pai aflito e façamos a jovem tão feliz como se julga desventurada. De nada me esquecerei para que o plano tenha êxito, e estou certo de que tu também não pouparás esforços; encarregando-me de levar o jovem ao Cairo, sem que desperte, e deixo-te o cuidado de levá-lo, depois, quando tivermos executado o nosso plano.

Após terem o gênio e a fada concordado em tudo o que pretendiam fazer, o gênio levantou suavemente Bedredin e, transportando-o pelo ar com incrível velocidade, foi colocá-lo à porta de uma estalagem, perto de onde o corcunda estava para sair com seu séquito de escravos.

Bedredin Hassan, acordando, admirou-se de se encontrar numa cidade desconhecida. Quis perguntar onde estava, mas o gênio, batendo-lhe levemente no ombro, advertiu-o a permanecer quieto. Em seguida, pondo-lhe um archote na mão, disse-lhe: Vai, misture-se com os que estás vendo à porta do banho e caminha com eles até que entres numa sala onde se vão celebrar núpcias. O noivo é um corcunda que reconhecerás facilmente. Põe-te à sua direita ao entrar e abre a bolsa de cequins que trazes, para distribuí-los aos músicos, dançarinos e dançarinas. Quando chegares à sala, não deixes de dar cequins também às escravas que vires em torno da noiva. Todas as vezes, porém, que lewares a mão à bolsa, retira-a cheia de cequins. Faze exatamente o que te digo, com presença de espírito; não te espantes com nada, não temas ninguém, pois que tens o apoio de uma força superior.

O jovem Bedredin, bem-instruído em tudo o que devia fazer, dirigiu-se para a porta do banho. A primeira coisa que fez foi acender seu archote no de um escravo; depois, misturando-se aos outros, como se pertencesse a algum homem ilustre do Cairo, pôs-se em marcha com eles, e acompanhou o corcunda, que, saindo do banho, montou um cavalo do sultão..”

O dia impôs silêncio a Sherazade, que adiou o prosseguimento da história para a noite seguinte.

100^A NOITE^[*]

— Senhor — disse a sultana —, o vizir Djafar assim continuou a sua história:

“Bedredin Hassan, encontrando-se perto dos músicos, dos dançarinos e das dançarinas que iam imediatamente na frente do corcunda, tirava de vez em quando da sua bolsa punhados de cequins que lhes distribuía. Como fazia aquilo espontaneamente, os que os recebiam o fitavam; e, ao vê-lo, achavam-no tão formoso que dele não conseguiam desprender os olhos.

Chegaram, finalmente, à porta do vizir Chemsedin Mohammed, que jamais poderia supor que seu sobrinho estivesse tão perto. Alguns guardas, para impedir a confusão, detiveram todos os escravos que traziam archotes, não querendo deixá-los entrar. Repeliram também Bedredin Hassan; mas os músicos, para os quais a porta estava aberta, pararam, protestando que não entrariam se aquele jovem não os acompanhasse: Não pertence ao grupo de escravos, diziam; basta olhar para ele para perceber. É, sem dúvida, um jovem estrangeiro que quer ver por curiosidade cerimônias nupciais realizadas nessa cidade. Assim, puseram-no no meio e o fizeram entrar, a despeito dos guardas. Entregaram seu archote ao primeiro homem que viram, e após tê-lo feito entrar na sala, colocaram-se à direita do corcunda, que se sentou num trono magnificamente ornado, perto da filha do vizir.

Ricamente trajada, notava-se, no rosto da jovem, um langor, uma grande tristeza, cuja causa não era difícil adivinhar, vendo ao seu lado um noivo tão disforme e tão pouco digno do seu amor. O trono de noivos tão mal-escolhidos encontrava-se no meio de um estrado. As mulheres dos emires, dos vizires, dos camareiros do sultão e várias outras da corte e da cidade estavam sentadas, cada uma segundo sua categoria, e todas tão luxuosamente vestidas que era um prazer vê-las. Seguravam grandes velas acesas.

Ao verem entrar Bedredin Hassan, cravaram os olhos nele; admirando seu porte, seu ar e a beleza do seu rosto, não conseguiam deixar de contemplá-lo. Quando Bedredin se sentou, não houve uma que não deixasse seu lugar

para dele se aproximar, e não houve uma que, ao voltar para seu lugar, não sentisse estremecimentos de ternura.

A diferença entre Bedredin Hassan e o horrendo corcunda provocou murmúrios no grupo: A esse belo jovem, diziam as damas, é que deveria unir-se a noiva, e não ao horrendo corcunda. Nem se limitaram àquilo; ousaram dirigir imprecações ao sultão, que, abusando do seu poder absoluto, prendia a fealdade à beleza. Cobriram de insultos também o corcunda, e fizeram-no perder a compostura, com grande alegria dos espectadores, cujos gritos interromperam por algum tempo a música que se ouvia na sala. Por fim, os músicos recomeçaram o concerto, e as mulheres que haviam vestido a noiva aproximaram-se dela...”

Pronunciando essas últimas palavras, Sherazade notou que já era dia, e calou-se. Na noite seguinte, assim retomou o fio da história:

103^A NOITE

— Senhor — disse Sherazade ao sultão da Índia —, não vos esqueceste, por certo, de que é o grão-vizir Djafar que fala ao califa Harun al-Rashid:

“Cada vez que a noiva trocava de vestido, levantava-se do seu lugar e, seguida das suas damas, passava diante do corcunda sem sequer dirigir-lhe um olhar, para pôr-se diante de Bedredin Hassan e mostrar-se-lhe nos seus novos enfeites. Bedredin Hassan, seguindo as instruções recebidas do gênio, não deixava de levar a mão à bolsa e de tirar punhados de cequins que distribuía às mulheres que acompanhavam a noiva. Também não se esquecia dos músicos e dos dançarinos. Era um prazer ver como se empurravam uns aos outros para pegá-los, dando-lhe provas do seu reconhecimento e dizendo-lhe por sinais que a noiva fora feita para ele e não para o corcunda. As mulheres que rodeavam a noiva diziam-lhe a mesma coisa e pouco se importavam em ser ouvidas pelo corcunda, de quem zombavam.

Quando terminou a cerimônia da troca de vestidos, os músicos puseram de lado seus instrumentos e retiraram-se, fazendo sinal a Bedredin Hassan para que ficasse. As damas procederam da mesma forma, retirando-se depois deles com todos os que não pertenciam à casa. A noiva entrou num aposento, seguida das damas que deviam despi-la; na sala só ficaram o corcunda, Bedredin Hassan e alguns criados. O corcunda, com ódio de Bedredin, que o ofuscava, olhava-o de soslaio. De repente, disse-lhe: E tu, que esperas? Por que não te retiras como os outros? Anda, vai-te. Como Bedredin não tinha pretexto nenhum para lá permanecer, saiu, confuso; mas não havia ainda abandonado o vestíbulo quando o gênio e a fada o detiveram. Aonde vais?, perguntou-lhe o gênio. Fica aí, o corcunda não está mais na sala, de onde saiu por alguma necessidade; entra, pois, e vai para o quarto da noiva. Quando estiveres a sós com ela, dize-lhe ousadamente que és seu marido, que a intenção do monarca foi divertir-se com o corcunda; dize-lhe mais que, para acalmar o pretenso marido, mandaste que lhe preparassem um bom prato de creme. Dize-lhe tudo quanto te passar pela

mente para a persuadir. Tendo o aspecto que tens, não será difícil, e ela ficará contentíssima por ter sido tão agradavelmente enganada. Entretanto, daremos ordem para que o corcunda não torne a entrar, e não te impeça de passar a noite com tua esposa, pois é tua e não dele.

Enquanto o gênio assim encorajava Bedredin, ensinando-lhe o que devia fazer, o corcunda saía da sala. O gênio entrou onde ele estava, tomou a forma de um gato e pôs-se a miar. O corcunda gritou e bateu as mãos para afugentá-lo, mas o gato, em vez de sair, ergueu-se sobre as patas, fez brilhar dois olhos afogueados, e fitou furiosamente o corcunda, miando mais forte e crescendo até parecer um burrico.

O corcunda diante daquilo quis chamar por socorro; mas o terror o tinha de tal forma dominado que ficou de boca aberta sem proferir palavra. Para não lhe dar quartel, o gênio transformou-se no mesmo instante num poderoso búfalo, e com essa forma, gritou-lhe com voz duas vezes mais assustadora: Vil corcunda! Àquelas palavras, o palafreheiro deixou-se cair ao chão, e cobrindo a cabeça com a veste para não ver o horrendo animal, respondeu-lhe, tremendo: Soberano príncipe dos búfalos, que exigis de mim? Desgraçado sejas!, respondeu o gênio, tens a temeridade de casar-te com a minha amante? Senhor, suplicou o corcunda, perdoai-me. Se cometi algum crime, foi por ignorância; não sabia que essa jovem tinha por amante um búfalo. Ordenai-me o que quiserdes, que eu vos obedecerei. Pela morte!, respondeu o gênio, se saíres daqui ou se não te calares até que o Sol se levante, se disseres a menor palavra, esmagarei sua cabeça. Permitirei, então, que abandones esta casa; mas ordeno-te que te retires depressa, sem olhar para trás; se ousares voltar, perderás a vida. Terminando de falar, o gênio transformou-se em homem, pegou o corcunda pelos pés e, pondo-o de cabeça para baixo contra a parede, acrescentou: Se te moveres antes do nascer do Sol, como já disse, o enforcarei, e farei em mil pedaços a tua cabeça contra essa parede.

Voltemos a Bedredin Hassan. Animado pelo gênio e pela presença da fada, entrou na sala e daí esgueirou-se para o aposento nupcial, onde se sentou, aguardando o desenlace da aventura. Depois de algum tempo, a noiva chegou, conduzida por uma anciã, que se deteve à porta, exortando o

marido a cumprir seu dever, sem se dar ao trabalho de ver se era o corcunda ou outro, após o que a fechou e retirou-se.

A jovem esposa ficou extremamente surpreendida em ver, no lugar do corcunda, Bedredin Hassan, que se apresentou com a melhor graça do mundo. Como, meu caro amigo, disse ela, estais aqui a essas horas? Sois amigo íntimo do meu marido? Não, senhora, respondeu Bedredin, pertenço a uma classe diferente da desse vil corcunda. Mas, prosseguiu ela, não vedes que estais falando mal do meu marido? Vosso marido, senhora?, disse Bedredin. Desfazei-vos dessa ideia, abandonai vosso erro; tantas belezas não podem ser sacrificadas ao mais desprezível dos homens. Sou eu, senhora, o feliz mortal a quem elas estão reservadas. O sultão quis divertir-se pregando uma peça no vizir, vosso pai, e escolheu-me para vosso verdadeiro esposo. Sem dúvida vos lembrais de que as damas, os músicos, os dançarinos, vossas mulheres e todos desta casa se rejubilaram com a comédia. Já mandamos embora o infeliz corcunda, e podeis estar certa de que ele jamais tornará a aparecer.

A filha do vizir, que entrara mais morta do que viva no aposento nupcial, mudou de expressão, tornando-se tão radiante que Bedredin ficou maravilhado. Não esperava, disse-lhe ela, surpresa tão agradável, e já me havia condenado a ser infeliz por toda a vida. Agora, pelo contrário, terei em vós um marido digno da minha ternura. Assim, acabou de despir-se, e deitou-se. Por sua vez, Bedredin Hassan, encantado por se ver possuidor de tanta beleza, despiu-se imediatamente, pondo suas vestes sobre uma cadeira, por cima da bolsa de cequins ainda cheia, apesar de tudo quando dela havia tirado. Em seguida, desfez-se do turbante, substituindo-o por outro próprio para a noite, preparado para o corcunda, e deitou-se de camisa e ceroula.^[31]

Suas ceroulas eram de cetim azul, presas por um cordão de fios de ouro...”

A aurora fez com que Sherazade se calasse. Na noite seguinte, acordando à hora habitual, retomou a história.

104^A NOITE

“Quando os dois amantes adormeceram’, prosseguiu o grão-vizir Djafar, ‘o gênio, que se unira à fada, disse-lhe ser hora de completar o que tinham tão bem começado: Não nos deixemos surpreender, acrescentou, pelo dia que não tardará; vai buscar o jovem, sem despertá-lo.

A fada encaminhou-se para o aposento dos amantes, que dormiam profundamente, e pegou Bedredin Hassan como estava, isto é, de camisa e ceroulas; voando com o gênio até a porta de Damasco, na Síria, chegaram no momento em que os muezins das mesquitas chamavam o povo, em voz alta, à prece matutina. A fada pousou Bedredin delicadamente no chão, e, deixando-o perto da porta, afastou-se com o gênio.

Aberta a porta, os que já se amontoavam para sair ficaram boquiabertos em ver Bedredin Hassan estendido no chão de camisa e ceroulas. Um deles disse: Teve tanta pressa de sair da casa da amante que não lhe sobrou tempo para vestir-se. Olhai só, disse outro, a que aventuras nos expomos; esse jovem passou, com certeza, boa parte da noite bebendo com os amigos, embriagou-se, saiu para alguma necessidade e, em vez de entrar novamente, veio até aqui, sem saber o que fazia, caindo adormecido. Ninguém sabia ao certo por que se encontrava lá aquele rapaz. Uma brisa suave lhe levantou a camisa, pondo à mostra um peito mais branco que a neve. De tal forma se admiraram todos que o jovem despertou. Sua surpresa não foi menor que a deles, vendo-se à porta de uma cidade em que nunca estivera, rodeado por uma multidão que o contemplava com atenção: Senhores, perguntou, dizei-me onde estou e o que desejais de mim. Um dos presentes respondeu-lhe: Jovem, acabamos de abrir a porta da cidade, e, ao sairmos, o encontramos deitado aqui. Paramos para vos contemplar. Passastes a noite assim? Sabeis que estais à porta de Damasco? Na porta de Damasco?, estranhou Bedredin. Zombais de mim; estava no Cairo ontem à noite, quando me deitei. Alguns, movidos pela compaixão, e achando triste que um jovem tão formoso estivesse perturbado, continuaram o caminho.

Meu filho, disse-lhe um ancião, pois se agora vos encontrais em Damasco, como podíeis estar ontem no Cairo? Não pode ser! Mas é verdade, respondeu Bedredin, e juro-vos que passei todo o dia de ontem em Bassorá. Mal acabou de falar, todos desataram a rir e a gritar: É louco, é louco! Alguns, porém, o lastimaram, e um dentre eles lhe disse: Meu filho, deveis ter perdido a razão, e não refletis o que estais dizendo; é possível que um homem esteja durante o dia em Bassorá, de noite no Cairo e de manhã em Damasco? Não estais, sem dúvida, bem acordado. O que digo, insistiu Bedredin Hassan, é tão verdadeiro que ontem de noite me casei na cidade do Cairo. Redobram as risadas. Cuidado, jovem, continuou o homem que acabava de lhe falar, deveis ter sonhado tudo isso, e no espírito vos permaneceu a ilusão. Sei bem o que digo, respondeu Bedredin. Dizei-me vós mesmo como é possível que eu tenha ido, em sonhos, ao Cairo, onde estou certo de que estive realmente, onde por sete vezes fizeram passar à minha frente minha noiva sempre vestida diversamente, e onde, enfim, vi um medonho corcunda a quem pretendiam entregá-la? Dizei-me também o que foi feito das minhas vestes, do meu turbante e da bolsa de cequins que eu tinha no Cairo?

Como afirmava que tudo aquilo era verdade, os que o ouviram limitaram-se a rir, o que o perturbou de modo que ficou sem saber o que fazer...”

O dia que começou a iluminar o aposento de Shahriar impôs silêncio a Sherazade, que no dia seguinte deu prosseguimento à história.

105^A NOITE

“Após ter Bedredin Hassan reafirmado sua história, levantou-se para entrar na cidade, enquanto todos o seguiam, gritando: É louco, é louco! Àqueles gritos, uns se puseram às janelas, outros à porta; outros, ainda, unindo-se aos que rodeavam Bededrin, gritavam também: É louco! No embarço em que se encontrava, Bedredin Hassan chegou à casa de um pasteleiro que se aprestava a abri-la e entrou para se livrar do povo.

O pasteleiro fora, noutros tempos, chefe de um bando de árabes vagabundos que destroçavam as caravanas; e, apesar de ter se estabelecido em Damasco, onde não dava motivo de queixa, não deixava de ser temido por todos que o conheciam. Assim, vendo que o povo perseguia Bedredin, procurou afugentá-los. Depois, vendo que já não havia ninguém, fez várias perguntas ao jovem, indagando quem era e o que o havia levado a Damasco. Bedredin Hassan não lhe ocultou seu nascimento nem a morte do grão-vizir, seu pai; contou-lhe, em seguida, de que maneira saíra de Bassorá e, como, após ter adormecido na noite anterior sobre o túmulo do pai, se encontrara, ao despertar, no Cairo, onde desposara uma formosa mulher. Finalmente, mostrou-lhe a surpresa de se ver em Damasco, sem compreender nada.

A vossa história é das mais surpreendentes, disse-lhe o pasteleiro; mas, se quiserdes seguir o meu conselho, não confiareis a ninguém o que acabais de contar e esperareis pacientemente que o céu se digne a pôr um fim nas desgraças que vos afligem. Até então ser-vos-á melhor morar comigo, e, como não tenho ninguém, estou pronto a vos reconhecer como filho, se consentis. Depois que eu vos tiver adotado, tereis liberdade e não vos vereis exposto aos insultos do povo.

Embora aquela adoção não honrasse o filho de um grão-vizir, Bedredin conformou-se com a proposta do pasteleiro, achando-a a melhor solução naquele momento. O pasteleiro deu-lhe vestes, convidou testemunhas e foi declarar a um cádi que o reconhecia como filho, após o que Bedredin passou a viver com ele, com o simples nome de Hassan, e a aprender o serviço.

Enquanto isso sucedia em Damasco, a filha de Chemsedin Mohammed acordou; e, não vendo ao seu lado Bedredin, julgou que ele já havia se levantado e que voltaria dali a pouco. Estava a esperá-lo quando o vizir Chemsedin, seu pai, vivamente comovido pela afronta que julgava ter recebido do sultão do Egito, bateu à porta do aposento, resolvido a chorar com ela o triste destino. Chamou-a pelo nome, e a filha, mal ouviu a voz do pai, levantou-se para abrir-lhe a porta, beijou-lhe a mão e acolheu-o tão satisfeita que o vizir, que esperava vê-la banhada em pranto, ficou extremamente surpreendido. Infeliz!, disse-lhe, encolerizado, assim é que te apresentas a mim? Após teu espantoso sacrifício, ofereces-me um rosto tão contente?...”

Sherazade deixou de falar. Era dia. Na noite seguinte, disse ao sultão da Índia:

106^A NOITE

— Senhor, o grão-vizir Djafar continuou a história de Bedredin Hassan:

“Quando a recém-casada viu que seu pai lhe censurava a alegria, disse-lhe: Senhor, não me reproveis tão injustamente; não foi com o corcunda, que detesto mais que a morte, não foi com esse monstro que me casei. Confundiram-no tanto, que foi obrigado a ocultar-se e a ceder o lugar a um jovem encantador, que é o meu verdadeiro marido. Que história estás me contando?, Chemsedin Mohammed interrompeu-a bruscamente. Queres dizer, então, que o corcunda não dormiu contigo? Não, senhor, ela respondeu, dormi com o jovem de que vos falei, possuidor de dois grandes olhos expressivos e de formosas sobrancelhas negras. Àquelas palavras, o vizir, perdendo a paciência, encolerizou-se com a filha. Ah, ingrata!, bradou, queres enlouquecer-me? Sois vós, meu pai, que me enlouqueceis com a vossa incredulidade. Não é verdade, pois, disse o vizir, que o corcunda... Ora, deixemos de lado o corcunda, interrompeu-o ela, com precipitação. Maldito seja ele. Serei obrigada a ouvir sempre falar desse idiota? Repito-vos, meu pai, que não passei a noite com ele, mas com o querido esposo que não deve estar longe daqui.

Chemsedin Mohammed saiu para procurá-lo; em vez de encontrá-lo, porém, ficou pasmado por ver o corcunda, de cabeça para baixo, na posição em que o gênio o tinha deixado: Que significa isso?, perguntou-lhe. Quem te pôs assim? O corcunda, reconhecendo o vizir, respondeu-lhe: Ah, ah, então querieis dar-me por mulher a amante de um gênio mau! Não sou tolo, e vós não me agarrareis!”

Sherazade, chegando a esse ponto, notou o nascer do dia. Embora não estivesse falando há muito tempo, calou-se. No dia seguinte, disse ao sultão:

107^A NOITE

— Senhor, o grão-vizir Djafar prosseguiu:

“Chemsedin Mohammed julgou que o corcunda estivesse delirando ao ouvi-lo falar daquela maneira, e respondeu-lhe: Sai daí e põe-te de pé. Em tal asneira não caio, respondeu o corcunda, a não ser que o Sol já tenha surgido. Sabei que ontem à noite me apareceu um gato preto que foi crescendo até ficar do tamanho de um búfalo; não me esqueci do que ele disse. Por isso, cuidai dos vossos afazeres e deixai-me aqui. O vizir, em vez de se retirar, pegou o corcunda pelos pés e obrigou-o a inverter sua posição. Feito aquilo, o corcunda correu, sem olhar para trás, em direção ao palácio, e apresentou-se ao sultão do Egito, a quem muito divertiu contando como fora tratado pelo gênio.

Chemsedin Mohammed voltou ao quarto da filha mais espantado e confuso que antes: E então, minha filha, não podes dar-me maiores esclarecimentos sobre uma aventura que me deixa embaraçado? Senhor, respondeu ela, não posso dizer-vos mais do que já vos disse. Eis aqui as vestes do meu marido, nessa cadeira; talvez elas vos deem o esclarecimento que buscais. Assim, apresentou o turbante de Bedredin ao vizir, que o pegou e que, após examinar bem todos os lados, disse: Julgá-lo-ia o turbante de um vizir, se não seguisse a moda de Mossul. Mas, percebendo algo entre o tecido e o forro, pediu uma tesoura com que desfez a costura; e encontrou papéis dobrados. Era o caderno que Nuredin Ali, ao morrer, dera ao filho, que lá o ocultara para não o perder. Chemsedin Mohammed, abrindo o caderno, reconheceu a letra do seu irmão Nuredin Ali, e leu: *A meu filho, Bedredin Hassan*. Antes que pudesse refletir, a filha deu-lhe a bolsa encontrada por baixo das vestes. Chemsedin Mohammed abriu-a também e viu-a cheia de cequins, como já se disse porque, apesar da distribuição feita por Bedredin Hassan, continuara cheia por obra do gênio e da fada. E leu as seguintes palavras sobre a etiqueta da bolsa: *Mil cequins pertencentes ao judeu Isaac*, e estas outras pouco acima, escritas pelo judeu antes de separar-se de Bedredin

Hassan: *Entregues a Bedredin Hassan, em pagamento da carga a mim vendida do primeiro dos navios que pertenceram a Nuredin Ali, seu pai, de feliz memória, quando ele fundear nesse porto.* Mal terminou a leitura, deu um grito e desmaiou...”

Sherazade quis continuar, mas o dia apareceu e o sultão da Índia levantou-se, decidido a ouvir a continuação da história.

108^A NOITE

No dia seguinte, disse Sherazade a Shahriar, repetindo as palavras de Djafar:

“Após recobrar os sentidos, auxiliado pela filha e pelas mulheres que acorreram aos gritos daquela, disse Chemsedin Mohammed: Minha filha, não te espantes com o que me aconteceu; o motivo é tal que tu, com certeza, lhe não darás fé. O jovem que passou a noite contigo é teu primo, filho de Nuredin Ali. Os mil cequins dessa bolsa lembram-me a divergência que tive com meu caro irmão; sem dúvida, é o seu presente de núpcias. Deus seja louvado por tudo e especialmente por essa maravilhosa aventura que tão bem mostra o seu poder! Depois beijou várias vezes a letra do irmão, banhando-a com copiosas lágrimas. Por que não posso, assim como vejo esses traços que me causam tanta alegria, ver aqui o próprio Nerudin e reconciliar-me com ele?

Leu o documento de ponta a ponta, encontrando a data da chegada do irmão a Bassorá, do seu casamento, do nascimento de Bedredin Hassan; e, confrontando àquelas datas as do seu casamento e do nascimento de sua filha no Cairo, admirou a coincidência existente entre elas, e refletiu que, afinal, seu sobrinho era também seu genro, alegrou-se. Pegando o caderno e a etiqueta da bolsa, foi mostrá-los ao sultão, que lhe perdoou o passado, e que tão pasmado ficou com a história que mandou escrevê-la, com todos os pormenores, para passá-la à posteridade.

Entretanto, o vizir Chemsedin Mohammed não podia compreender por que seu sobrinho havia desaparecido; contudo, esperava vê-lo, chegar a todo instante, impaciente por abraçá-lo. Após aguardá-lo inutilmente por sete dias, mandou procurá-lo por toda a cidade do Cairo, mas não conseguiu descobrir-lhe o paradeiro, o que lhe causou grande inquietação: Eis, dizia, uma coisa singularíssima, pela qual até hoje ninguém passou.

Na incerteza do que poderia suceder, achou que devia deixar por escrito o estado em que se encontrava sua casa naquela ocasião, como se haviam

realizado as núpcias, como estavam mobiliadas a sala de estar e o quarto da filha. Fez também um pacote com o turbante, a bolsa e as vestes de Bedredin, e fechou-o num armário a chave...”

Sherazade foi obrigada a deter-se, pois o Sol estava para nascer. Pelo fim da noite seguinte, assim prosseguiu:

109^A NOITE

— Senhor, o grão-vizir continuou a falar ao califa:

“Passados alguns dias, a filha do vizir Chemsedin Mohammed notou que estava grávida; com efeito, nove meses depois deu à luz a um menino, que fora confiado a uma babá auxiliada por outras mulheres e por escravos. Seu avô chamou-lhe Agib.^[32]

Quando Agib completou sete anos, o vizir Chemsedin Mohammed, em vez de mandá-lo aprender a ler em casa, enviou-o à escola, a um mestre de grande reputação; dois escravos tinham a incumbência de levá-lo e buscá-lo todos os dias. Agib brincava com seus companheiros. Como estes eram de condição inferior, tinham-lhe grande deferência; e nisso pautavam-se pelo procedimento do mestre, que perdoava a Agib muitas coisas que a eles nunca perdoaria. Aquela cega complacência prejudicou Agib, tornando-o soberbo e insolente. Ele queria que seus companheiros suportassem todas as suas brincadeiras, mas deles nada suportava. Dominava sempre; e, se alguém ousava opor-se à sua vontade, atirava-lhe ao rosto mil injúrias e chegava até às pancadas. Enfim, fez-se insuportável a todos os amigos de escola, que se queixaram dele ao mestre. Este exortou-os, a princípio, a aguentá-lo, mas quando viu que com aquilo só aumentavam a insolência de Agib, e sentindo-se ele mesmo cansado, disse-lhes: Meus filhos, estou vendo que Agib é um menino insolente; vou ensinar-lhes um meio de mortificá-lo que ele deixará de torturá-los; creio que ele nunca mais voltará à escola. Amanhã, quando Agib chegar, rodeai-o, e diga um dentre vós: Vamos brincar, mas com a condição de que todos revelem seu nome, o de sua mãe e o de seu pai. Consideraremos bastardos os que se recusarem, e não permitiremos que conosco se divirtam.

O mestre fez-lhes compreender o embaraço em que poriam Agib, e eles se retiraram contentes.

No dia seguinte, estando todos reunidos, não deixaram de fazer o que lhes fora ensinado; rodearam Agib, e um deles, tomando a palavra, convidou:

Vamos brincar, mas com a condição de que aquele que não puder dizer o seu nome, o de sua mãe e o de seu pai não participe da brincadeira. Todos concordaram, inclusive Agib. O que fizera o convite, então, interrogou-os um por um, recebendo respostas satisfatórias, com exceção de Agib, que respondeu: Chamo-me Agib; minha mãe chama-se Dama da Beleza e meu pai Chemsedin Mohammed, vizir do sultão.

Àquelas palavras, todos os outros exclamaram: Agib, que dizes? Esse não é o nome de teu pai; é o de teu avô. Deus vos confunda!, respondeu Agib, encolerizado. Como ousais dizer que o vizir Chemsedin Mohammed não é meu pai?! Os colegas responderam-lhe, com grandes gargalhadas: Não, não, é teu avô, e tu não brincarás conosco; evitaremos até que chegues perto de nós. Assim, afastaram-se, continuando a rir. Agib, mortificado, pôs-se a chorar.

O mestre, que tudo ouvira, interveio, e, dirigindo-se a Agib, disse-lhe: Não sabes ainda que o vizir Chemsedin Mohammed não é teu pai? É teu avô, pai de tua mãe, a Dama da Beleza. Ignoramos, como tu, o nome de teu pai; sabemos apenas que o sultão quis realizar o casamento de tua mãe com um dos seus palafreiros, corcunda, mas que um gênio dormiu com ela. É desagradável para ti, e deve ensinar-te a tratar os teus companheiros com menos soberba...”

Sherazade, àquela altura, notando que já era dia, calou-se para retomar a história na noite seguinte.

110^A NOITE

“Senhor, o pequeno Agib, magoado pela brincadeira dos companheiros, abandonou a escola e voltou para casa, chorando. Em primeiro lugar, correu para o aposento de sua mãe, que, alarmada por vê-lo tão aflito, perguntou-lhe o que havia acontecido. Com palavras entrecortadas e após muita insistência, contou a causa da sua aflição. Quando terminou, acrescentou: Em nome de Deus, minha mãe, digei-me quem é meu pai. Meu filho, respondeu-lhe, teu pai é o vizir Chemsedin Mohammed, que te abraça todos os dias. Vós não me dizeis a verdade, respondeu; esse não é meu pai, é o vosso. E eu de quem sou filho? Àquela pergunta, a Dama da Beleza, lembrando sua noite de núpcias, seguida de tão longa viuvez, começou a chorar, lastimando a perda de um marido tão querido como Bedredin.

Enquanto a Dama da Beleza chorava de um lado e Agib chorava do outro, o vizir Chemsedin Mohammed, entrando, quis saber o motivo daquela tristeza. A Dama da Beleza o contou, assim como lhe contou da decepção de Agib na escola. Aquela notícia comoveu profundamente o vizir, que também se emocionou e que, julgando comentarem sobre a honra de sua filha, caiu em desespero. Torturado por tão cruel pensamento, foi até o palácio do sultão e, após prostrar-se aos seus pés, suplicou-lhe humildemente que lhe concedesse permissão para uma viagem às províncias do Levante e particularmente a Bassorá, a fim de procurar seu sobrinho Bedredin Hassan, dizendo não poder suportar que se pensasse na cidade ter um gênio dormido com sua filha. O sultão, compreendendo a dor do vizir, aprovou-lhe a resolução; deu-lhe até uma patente pela qual rogava aos príncipes e senhores dos vários lugares onde poderia estar Bedredin que consentissem que o vizir o levasse consigo.

Chemsedin Mohammed não encontrou palavras adequadas para agradecer dignamente o sultão. Contentou-se em prostrar-se diante do príncipe pela segunda vez, mas as lágrimas que lhe caíam dos olhos mostravam toda a sua gratidão. Finalmente, despediu-se, após desejar ao sultão toda a prosperidade.

Quando voltou para casa só pensou em fazer os preparativos da viagem. Com muita diligência, dentro de quatro dias partiu, acompanhado pela Dama da Beleza e por Agib, seu netinho...”

Sherazade, percebendo que o dia começava a nascer, deixou de falar. O sultão da Índia levantou-se, satisfeitíssimo com a história da sultana e decidido a ouvir a continuação. Sherazade satisfez-lhe a curiosidade na noite seguinte:

111^A NOITE

“O grão-vizir, sempre dirigindo a palavra ao califa Harun al-Rashid, disse:

‘Chemsedin Mohammed tomou a estrada de Damasco com a filha, a Dama da Beleza, e com Agib, o seu neto. Caminharam 19 dias, sem se deterem em lugar nenhum; mas, no vigésimo dia, chegaram a uma formosa planície pouco distante da porta de Damasco, apearam-se e mandaram armar as tendas na margem de um rio que atravessa a cidade, tornando encantadoras as suas cercanias.

Chemsedin Mohammed disse que pretendia demorar-se dois dias, e que no terceiro continuaria a viagem. Entretanto, permitiu ao seu séquito que fosse a Damasco. Todos, ou quase todos, entraram na cidade; uns impelidos pela curiosidade de ver uma cidade que tinham ouvido falar elogiosamente, outros para vender mercadorias do Egito ou para comprar tecidos e raridades. A Dama da Beleza, desejando que seu filho também tivesse a satisfação de visitar tão famosa cidade, ordenou a um eunuco negro, guarda do menino, que para lá o conduzisse e o vigiasse bem.

Agib, que fora bem-vestido, pôs-se em marcha com o eunuco. Mal entraram na cidade, ele, belo como os amores, atraiu os olhares de todos. Uns saíram de casa para vê-lo de perto; outros chegavam à janela; e os que passavam pelas ruas não se contentavam em parar para contemplá-lo, acompanhavam-no para ter o prazer de vê-lo por mais tempo. Finalmente, não havia quem não o admirasse e quem não abençoasse mil vezes pai e mãe que haviam posto no mundo tão belo menino. O eunuco e ele chegaram, por acaso, diante da casa de Bedredin Hassan, e lá, rodeados por grande multidão, detiveram-se.

O pasteleiro que tinha adotado Bedredin Hassan morrera havia alguns anos, deixando-lhe todos os seus bens. Bedredin tornara-se, assim, dono da loja e passara a exercer habilmente a profissão de pasteleiro, alcançando

grande reputação. Vendo que toda aquele gente olhava atentamente para Agib e para o eunuco negro, pôs-se a examiná-los também...”

Àquelas palavras, calou-se Sherazade. Shahriar levantou-se, impaciente em saber o que se passaria entre Agib e Bedredin. A sultana desfez-lhe a impaciência pelo fim da noite seguinte:

112^A NOITE

“Bedredin Hassan’, prosseguiu o vizir Djafar, ‘após fitar Agib, sentiu-se comovido, mas sem saber o porquê. Não o impressionava, como a toda a gente, a esplêndida beleza do menino; sua perturbação tinha outra causa que lhe era desconhecida, a força do sangue que agia sobre o terno pai, que, interrompendo seus afazeres, aproximou-se de Agib e disse-lhe bondosamente: Senhor, que conquistastes minha alma, fazei-me o favor de entrar na loja e comer alguma coisa, para que eu tenha o prazer de vos admirar à vontade. Pronunciou tais palavras com tamanha meiguice que as lágrimas lhe vieram aos olhos. O pequeno Agib, impressionado, voltou-se para o eunuco e disse-lhe: Esse bom homem tem uma fisionomia que me agrada e fala-me tão afetuosamente que não posso deixar de fazer o que deseja. Entremos e comamos alguma coisa. Isso não!, protestou o escravo. Seria engraçado ver um filho de vizir como vós entrar na loja de um pasteleiro para comer! Não posso permitir. Ai, senhor, interveio então Bedredin Hassan, devem ser cruéis os que vos confiam a um homem que vos trata com tanta dureza. Depois, dirigindo-se ao eunuco, acrescentou: Meu bom amigo, não impeças que esse jovem senhor me conceda o favor que lhe pedi. Não me mortifiques. Dá-me, antes, a honra de entrar com ele e com isso demonstrarás que, se és escuro por fora como as castanhas, és branco por dentro, como elas. Sabes que conheço o segredo de te tornar branco? O eunuco pôs-se a rir àquelas palavras e perguntou a Bedredin qual era o segredo. Vou lhe ensinar, respondeu. E imediatamente lhe recitou alguns versos em louvor aos eunucos negros, dizendo que era graças a eles que a honra dos sultões, dos príncipes e de todos os poderosos vivia em segurança. O eunuco, encantado com os versos, deixou de resistir aos pedidos de Bedredin e entrou na loja com Agib.

Bedredin Hassan alegrou-se profundamente por obter o que desejava com tanto ardor; e, retomando o trabalho interrompido, disse: Estava preparando tortas de creme; quero que as proveis; tenho certeza de que as achareis

excelentes. Minha mãe me ensinou a fazê-las. De todos os pontos da cidade vêm pessoas para comprá-las. Terminando aquelas palavras, tirou do forno uma das tortas e, depois de pôr sobre ela romãs e açúcar, serviu-a a Agib, que achou-a deliciosa, assim como o eunuco.

Enquanto comiam, Bedredin Hassan examinava Agib com muita atenção; imaginando que talvez tivesse um filho semelhante da encantadora esposa de que fora tão cedo e tão cruelmente separado, deixou suas lágrimas escorrerem pelo rosto. Preparava-se para fazer perguntas a Agib sobre sua viagem a Damasco, mas o menino não teve tempo de lhe satisfazer a curiosidade porque o eunuco, que insistia em voltar quanto antes para a tenda do avô, o levou, mal terminando de comer. Bedredin Hassan não se contentou apenas em segui-lo com os olhos; fechando a loja rapidamente, seguiu-lhes os passos.”

Sherazade, notando que já era dia, interrompeu a história. Shahriar levantou-se, resolvido a ouvi-la toda e a deixar viver por mais tempo a sultana.

113^A NOITE

No dia seguinte, antes do amanhecer, Dinazade acordou sua irmã, que assim prosseguiu:

“‘Bedredin Hassan’, continuou o vizir Djafar, ‘correu atrás de Agib e do eunuco, alcançando-os antes que atingissem a porta da cidade. O eunuco, percebendo que ele os seguia, ficou surpreso: Ó importuno, disse-lhe, encolerizado, que quereis? Meu bom amigo, respondeu-lhe Bedredin, não te aborreças; possuo fora da cidade uma pequena loja da qual me lembrei, e que preciso pôr em ordem. Aquela resposta não acalmou o eunuco, que, voltando-se para Agib, disse-lhe: Eis aí o que atraíste sobre mim. Bem previra eu que me arrependeria de ter sido generoso. Quiseste entrar na loja desse homem, e eu fui tão tolo que permiti. Talvez, respondeu Agib, tenha ele realmente negócios fora da cidade; além disso, os caminhos estão livres para todos. Assim, continuaram a caminhar, sem olhar para trás, até que, chegando perto das tendas do vizir, viraram o rosto para ver se Bedredin ainda os seguia. Agib, então, notando-o a dois passos dele, corou. Temia que o vizir soubesse que ele entrara na loja de um pasteleiro. Apanhando, portanto, uma grande pedra, atirou-a, atingindo-o no meio da testa e cobrindo-lhe o rosto de sangue, após o que, pondo-se a correr o mais que podia, escondeu-se nas tendas com o eunuco, que disse a Bedredin Hassan que não devia queixar-se de uma desgraça merecida.

Bedredin retomou o caminho da cidade, estancando o sangue com o avental que não havia tirado. Tenho culpa, pensou, de ter abandonado a minha casa para assustar o menino; se ele me tratou assim, foi, sem dúvida, por pensar que eu tinha más intenções. Em casa, medicou-se, e consolou-se do acidente, refletindo existir na Terra uma infinidade de gente ainda mais infeliz do que ele...”

O dia impôs silêncio à sultana da Índia. Shahriar levantou-se, lastimando Bedredin, e impaciente por saber como ela continuaria a história.

114^A NOITE

Pelo fim da noite seguinte, Sherazade, dirigindo a palavra ao sultão da Índia, disse:

— Senhor, o grão-vizir Djafar assim prosseguiu a história de Bedredin Hassan:

“Bedredin continuou seu trabalho de pasteleiro em Damasco e seu tio Chemsedin Mohammed partiu, depois de três dias, tomando a estrada de Emeso, de onde rumou para Hamac, e daí a Alepo, onde se demorou dois dias. De Alepo atravessou o Eufrates e entrou na Mesopotâmia; e, após atravessar Mardin Mossul, Sendjirá, Diarbekir e várias outras cidades, chegou, enfim a Bassorá, onde a primeira coisa que fez foi solicitar audiência ao sultão. Este, mal soube quem era Chemsedin Mohammed, a concedeu. Acolheu-o até favoravelmente e perguntou-lhe o motivo da sua viagem a Bassorá. Senhor, respondeu o vizir Chemsedin Mohammed, vim à procura de notícias do filho de Nuredin Ali, meu irmão, que teve a honra de servir a Vossa Majestade. Há muito tempo que Nuredin Ali morreu, respondeu o sultão. Quanto a seu filho, tudo o que podemos dizer-lhe é que, cerca de dois meses após a morte de seu pai, desapareceu de repente e ninguém mais o viu, por mais que eu tenha mandado procurá-lo. Mas a sua mãe, filha de um dos meus vizires, ainda vive. Chemsedin Mohammed pediu-lhe permissão para vê-la e levá-la ao Egito. Tendo o sultão consentido, não quis adiar para o dia seguinte tão grande satisfação e, indagando da moradia da dama, foi visitá-la imediatamente, acompanhado de sua filha e do neto.

A viúva de Nuredin Ali morava ainda na casa em que vivera seu marido, uma bela residência soberbamente construída e ornada com colunas de mármore; mas Chemsedin Mohammed não se deteve em admirá-la. Chegando, beijou a porta e um mármore sobre o qual estava gravado em letras de ouro o nome do seu irmão. Depois, quis falar com a cunhada. Responderam-lhe os criados estar ela numa pequena construção em forma de cúpula, que lhe mostraram no meio de um pátio espaçoso. Com efeito,

aquela terna mãe tinha o costume de passar boa parte do dia e da noite nesse recinto erguido para túmulo de Bedredin Hassan, que ela julgava morto após tê-lo esperado em vão por longo tempo. Chemsedin Mohammed encontrou-a aflita.

Saudou-a e, após ter-lhe pedido que deixasse de chorar e de lamentar-se, revelou-lhe ter a honra de ser seu cunhado. Disse-lhe o motivo que o havia obrigado a partir do Cairo e chegar a Bassorá...”

Terminando essas palavras, Sherazade, vendo aparecer o dia, interrompeu sua história. Mas retomou-a pelo fim da noite seguinte:

115^A NOITE

“Chemsedin Mohammed”, prosseguiu o vizir Djafar, ‘após explicar à cunhada tudo quanto se havia passado no Cairo na noite de núpcias de sua filha e contar-lhe a surpresa causada pela descoberta do caderno escondido no turbante de Bedredin, apresentou-lhe Agib e a Dama da Beleza.

Quando a viúva de Nuredin Ali, que já não se interessava mais pelas coisas do mundo, compreendeu, pelas palavras que acabava de ouvir, que seu filho querido e tão chorado talvez ainda estivesse vivo, levantou-se e abraçou fortemente a Dama da Beleza e o netinho Agib. Reconhecendo no menino os traços de Bedredin, derramou lágrimas muito diferentes das choradas por tão longo tempo. Não se cansava de beijar Agib, que, por sua vez, aceitava as carícias com todas as demonstrações de alegria de que era capaz. Senhora, disse Chemsedin Mohammed, é tempo de afastardes a vossa tristeza e vir ao Egito conosco. O sultão de Bassorá permite que eu vos leve, e não tenho dúvidas de que concordareis. Espero encontrar lá vosso filho, meu sobrinho e, se isso acontecer, sua história, a vossa, a de minha filha e a minha merecerão ser preservadas, para que as pessoas a conheçam no futuro.

A viúva de Nuredin Ali ouviu a proposta com prazer, e iniciou sem perda de tempo os preparativos da viagem. Enquanto isso, Chemsedin Mohammed solicitou segunda audiência e, despedindo-se do sultão, que o cumulou de honras e lhe confiou riquíssimo presente para o sultão do Egito, partiu de Bassorá, retomando o caminho de Damasco.

Ao chegar perto dessa cidade, mandou armar as tendas fora da porta pela qual devia entrar, e decidiu deter-se por três dias para repousar e comprar o que achasse de mais interessante e digno de ser oferecido ao sultão do Egito.

Enquanto se ocupava em escolher pessoalmente os mais belos tecidos trazidos pelos principais mercadores às suas tendas, Agib pediu ao eunuco negro, seu guia, que o levasse para passear pela cidade, dizendo que desejava ver o que não tivera tempo e que gostaria muito de saber notícias do

pasteleiro em quem atirara uma pedra. O eunuco consentiu e dirigiu-se para a cidade com ele, após obter a permissão da Dama da Beleza.

Entraram em Damasco pela porta do palácio, a mais próxima das tendas do vizir Chemsedin Mohammed, percorreram as grandes praças, os lugares públicos e cobertos onde se vendiam as mais preciosas mercadorias, e contemplaram a antiga mesquita dos Omíadas,^[33] na hora em que todos ali se reuniam para a prece da tarde. Passaram, em seguida, diante da loja de Bedredin Hassan, que viram ocupado em fazer tortas de creme. Saúdo-vos, disse-lhe Agib. Olhai bem para mim, não vos lembrais de me ter visto antes? Àquelas palavras, Bedredin fitou-o; e, reconhecendo-o (ó surpreendente efeito do amor paterno!), sentiu a mesma emoção que a primeira vez, e perturbou-se; em vez de lhe responder, ficou um longo tempo sem dizer uma única palavra. Contudo, recobrando a presença de espírito, respondeu-lhe: Meu pequeno senhor, concede-me a graça de entrar outra vez em minha casa com o teu guia; vem provar uma torta de creme. Suplico-te que me perdoes a dor que te causei, seguindo-te fora da cidade; não conseguia dominar-me; não sabia o que estava fazendo; tu me arrastavas, sem que eu pudesse resistir a tão doce violência...”

Sherazade deixou de falar nesse ponto, por ver aparecer o dia. Na noite seguinte, assim continuou a história:

116^A NOITE

“‘Comendador dos Crentes’, prosseguiu o vizir Djafar, ‘Agib, pasmado por ouvir o que lhe dizia Bedredin, respondeu: Há um excesso na amizade que me testemunhais, e só entrarei em vossa casa se vos comprometerdes, por juramento, a não me seguir quando eu daqui sair. Se me prometerdes, se fordes homem de palavra, virei visitar-vos outra vez amanhã, enquanto o vizir, meu avô, comprar presentes para o sultão do Egito. Meu pequeno senhor, respondeu Bedredin Hassan, farei tudo quanto me ordenares. Àquelas palavras, Agib e o eunuco entraram.

Bedredin serviu-lhes imediatamente uma torta de creme, não menos delicada nem menos excelente que a que lhe fora apresentada na primeira vez. Vinde até aqui, disse-lhe Agib, sentai-vos perto de mim e comei conosco. Bedredin, sentando-se, quis abraçar Agib, para manifestar-lhe a alegria de vê-lo ao seu lado; mas Agib o repeliu, dizendo-lhe: Fica quieto, que a vossa amizade é demasiadamente viva. Contentai-vos em me olhar e conversar comigo. Bedredin obedeceu, e pôs-se a cantar uma canção cujas palavras ia compondo na hora, em louvor a Agib. Não comeu, não fazendo outra coisa senão servir os hóspedes. Quando acabaram, deu-lhes água para lavar as mãos e uma toalha alvíssima para enxugá-las. Em seguida, pegou um pote de sorvete, que serviu numa grande xícara de porcelana, onde colocou neve^[34] limpíssima; depois, apresentando a xícara a Agib, disse-lhe: Toma, é um sorvete de rosas, o mais delicioso que se possa encontrar nessa cidade; nunca experimentaste coisa melhor. Agib sorveu-o com prazer, e Bedredin Hassan, tornando a pegar a xícara, apresentou-a ao eunuco, que também sorveu a longos tragos o licor até sua última gota.

Finalmente, Agib e o guia, saciados, agradeceram ao pasteleiro e retiraram-se depressa por já ser um pouco tarde. Ao chegarem às tendas de Chemsedin Mohammed, foram em primeiro lugar à das damas. A avó de Agib ficou radiante por revê-lo; e, como trazia sempre na lembrança o filho de Bedredin, não pôde refrear as lágrimas ao abraçar Agib: Ah, meu filho,

disse-lhe ela, a minha alegria seria perfeita se pudesse ter o prazer de abraçar teu pai Bedredin Hassan como te abraço. Pondo-se, então, à mesa para jantar, fê-lo sentar-se perto dela, perguntou-lhe algumas coisas sobre o passeio, e dizendo-lhe que devia estar com fome, mandou que lhe servissem um pedaço de excelente torta de creme feita por ela mesma. Já dissemos que sabia prepará-las melhor que os mais renomados pasteleiros. Serviu-a também ao eunuco. Mas tanto este como Agib, que havia comido abundantemente o mesmo tipo de torta na casa de Bedredin, nem sequer puderam prová-la...”

O dia, aparecendo, impediu que Sherazade continuasse naquela noite. Mas, pelo fim da noite seguinte, assim prosseguiu:

117^A NOITE

“Mal Agib tocou o pedaço de torta de creme que lhe fora servido, fingindo não achá-lo do seu gosto, o deixou de lado. Chaban (assim se chamava o eunuco) agiu da mesma maneira. A viúva de Nuredin Ali percebeu o pouco caso do neto pela torta. Como é possível, meu filho, disse-lhe, que desprezes assim o que faço com as minhas próprias mãos? Pois fica sabendo que ninguém no mundo é capaz de preparar tortas de creme tão boas, com exceção do teu pai Bedredin Hassan, a quem ensinei essa grande arte. Ah, minha boa avó!, exclamou Agib, permiti-me dizer que se não sabeis fazê-las melhores, há nessa cidade um pasteleiro que vos supera. Acabamos de comer na sua casa uma muito melhor que essa.

Àquelas palavras, a avó, olhando de soslaio para o eunuco, gritou-lhe encolerizada: Como, Chaban, entregaram-te a guarda do meu neto para o levares a comer em casa de pasteleiros como se se tratasse de um simples mendigo? Senhora, respondeu o eunuco, é verdade que estivemos com um pasteleiro, mas não comemos com ele.

Perdão, interrompeu-o Agib, entramos na sua casa e lá comemos uma torta de creme. A dama, mais irritada ainda com o eunuco, levantou-se da mesa bruscamente e correu à tenda de Chemsedin Mohammed, a quem contou o crime, em termos adequados para colocar o vizir contra o delinquente.

Chemsedin Mohammed, naturalmente zangado, não perdeu tão boa ocasião. Dirigiu-se, imediatamente, à tenda de sua cunhada e disse ao eunuco: Então, desgraçado, tivestes a ousadia de abusar da confiança que deposito em ti? Chaban, embora suficientemente convencido pelo testemunho de Agib, tomou o partido de negar outra vez o que havia feito. Mas o menino, continuando a sustentar o contrário, disse a Chemsedin Mohammed: Meu avô, asseguro-vos que comemos tão bem que não temos necessidade de jantar; o pasteleiro serviu-nos também um sorvete. Pois bem, meu escravo!, exclamou o vizir, voltando-se para o eunuco, depois disso não

queres reconhecer que entrastes ambos em casa de um pasteleiro e ali comestes? Chaban teve ainda a desfaçatez de jurar que aquilo não era verdade. És um mentiroso, disse-lhe então o vizir, e eu creio mais no meu neto. Contudo, se puderes comer toda essa torta de creme, persuadir-me-ei de que dizes a verdade.

Chaban, embora já empanturrado, submeteu-se à prova, e pegou um pedaço da torta de creme. Mas foi obrigado a retirá-lo da boca, pois o estômago se lhe revoltou. Não deixou, contudo, de mentir, ainda, dizendo que comera tanto na véspera que o apetite não tornara a aparecer ainda. O vizir, irritado com todas as mentiras do eunuco, e convencido de que era culpado, mandou-o deitar-se no chão e ordenou que o chicoteassem. O infeliz, lançando grandes gritos de dor com o castigo, confessou a verdade: É certo que comemos uma torta de creme na casa de um pasteleiro e que era cem vezes melhor que a que se acha sobre essa mesa.

A viúva de Nuredin Ali julgou ser por despeito contra ela e, para a mortificar, que Chaban elogiava a torta do pasteleiro.

Assim, disse-lhe: Não posso crer que as tortas de creme desse pasteleiro sejam melhores que as minhas. E vou prová-lo. Tu sabes onde ele mora; vai à casa dele e traze-me uma imediatamente. Assim, mandou que lhe dessem dinheiro para pagá-la, e Chaban saiu. Chegando à casa de Bedredin, pediu-lhe: Meu bom pasteleiro, eis aqui dinheiro. Dai-me uma torta de creme; uma das nossas damas deseja prová-la. Naquele momento havia algumas bem quentes. Bedredin escolheu a melhor, e dando-a ao eunuco, respondeu-lhe: Leva esta, garanto-te que é boa, e posso assegurar-te que não há no mundo quem seja capaz de fazer outra semelhante, a não ser minha mãe, que, talvez, ainda viva.

Chaban voltou imediatamente às tendas com a torta de creme, que entregou à viúva de Nuredin Ali. Esta pegou-a com ansiedade, e, cortando um pedaço, dispôs-se a comê-lo. Mal o havia posto na boca, deu um grande grito e caiu desmaiada. Chemsedin Mohammed, que lá se encontrava, se assustou. Lançando água ao rosto da cunhada, apressou-se em socorrê-la. Ela, recobrando os sentidos, exclamou: Ah, meu Deus!, deve ser meu filho, o meu querido Bedredin, o autor dessa torta...”

A claridade do dia, nesse ponto, veio impor silêncio a Sherazade. O sultão da Índia levantou-se para a prece e o conselho. Na noite seguinte, a sultana continuou a história de Bedredin Hassan:

118^A NOITE

“Quando o vizir Chemsedin Mohammed ouviu sua cunhada dizer que devia tratar-se de Bedredin Hassan, sentiu grande alegria; mas, refletindo que aquela alegria não tinha fundamento, e que, segundo todas as aparências, a conjectura da viúva de Nuredin devia ser falsa, assim respondeu: Mas, senhora, por que pensais dessa maneira? Não haverá no mundo pasteleiro que saiba preparar tortas de creme excelentes, como as de vosso filho? Concorde, respondeu ela, que haja pasteleiros capazes de fazê-las tão boas, mas, como as preparo de modo todo especial e só meu filho possui o segredo, é certo que se trate dele mesmo. Regozijemo-nos, meu irmão, acrescentou com arrebatamento; encontramos, finalmente, quem procurávamos e desejávamos há tanto tempo. Senhora, respondeu o vizir, moderai vossa impaciência; em breve saberemos o que pensar. Basta mandar vir aqui o pasteleiro. Se se tratar realmente de Bedredin Hassan, vós e minha filha o reconhecerão; mas convém que vos oculteis, e que o vejais sem que ele vos veja, pois não quero que nos reconheçamos em Damasco. Desejo adiar o reconhecimento até que cheguemos ao Cairo, onde me proponho oferecer-vos agradabilíssimo divertimento.

Terminando essas palavras, deixou as damas e voltou para a sua tenda. Ali, mandou que fossem à sua presença cinquenta dos seus homens, e disse-lhes: Pegai, cada um, um bastão e segui Chaban, que vos levará a um pasteleiro dessa cidade. Quando lá chegardes, quebrai tudo quanto encontrardes em sua casa. Se ele vos perguntar por que promoveis tal desordem, perguntai-lhe, por vossa vez, se não foi ele quem fez a torta de creme que alguém foi buscar na sua casa. Se vos responder que sim, apoderaí-vos dele, amarraí-o bem e trazei-o; mas guardai-vos de o bater ou de lhe causar qualquer mal. Ide, e não percais tempo.

A ordem do vizir foi rapidamente cumprida; seus homens, armados de bastões e guiados pelo eunuco negro, encaminharam-se, sem perda de tempo, para a casa de Bedredin Hassan, onde despedaçaram pratos,

caldeirões, caçarolas, mesas e demais móveis e utensílios, inundando ao mesmo tempo a loja de sorvete, creme e confeites. Diante daquilo, Bedredin Hassan, mais do que espantado, lhes perguntou em tom de queixa: Mas, meus amigos, por que me tratais assim? De que se trata? Que fiz? Não fostes vós, responderam-lhe, que preparastes a torta de creme vendida ao eunuco que nos acompanha? Sim, fui eu mesmo, respondeu Bedredin. Há alguma coisa contra ela? Desafio quem quer que seja a fazer outra melhor. Em vez de responder, os homens de Chemsedin continuaram a quebrar tudo, não poupando sequer o forno.

Entretanto, os vizinhos tinham ocorrido, e, surpresos por verem cinquenta homens armados cometer semelhante desordem, quiseram saber o motivo de tão grande violência; e Bedredin mais uma vez pediu aos seus autores: Dizei-me, por misericórdia, que crime cometi para virdes aqui quebrar tudo o que me pertence. Não fostes vós, responderam-lhe, que fizestes a torta de creme vendida a esse eunuco? Sim, sim, fui eu, e sustento que estava excelente, e que não mereço o tratamento injusto que me dispensais. Eles, sem ouvi-lo, pegaram-no e amarram-lhe as mãos por trás das costas, servindo-se do seu turbante; depois, arrancando-o da loja, pretenderam levá-lo.

O povo, movido pela compaixão, tomou o partido de Bedredin e quis opor-se ao intento dos homens de Chemsedin Mohammed; mas, naquele instante, chegaram oficiais do governador da cidade, que dispersaram o povo e permitiram o rapto de Bedredin, porque Chemsedin Mohammed fora procurar o governador de Damasco para informá-lo da ordem dada e pedir-lhe auxílio. E o governador, que comandava a Síria em nome do sultão do Egito, nada pudera recusar ao vizir do seu amo. Bedredin foi, portanto, levado, apesar dos seus gritos e lamentos...”

Sherazade não pôde prosseguir, pois já era dia. Mas na noite seguinte retornou a história:

119^A NOITE

“Foi em vão que Bedredin Hassan, pelo caminho, perguntou aos seus raptos o que havia sido encontrado na torta de creme. Não obteve resposta. Finalmente, chegou às tendas, onde o fizeram esperar até que Chemsedin Mohammed voltasse da casa do governador de Damasco.

O vizir, regressando, perguntou pelo pasteleiro. Levaram-no imediatamente à sua presença. Senhor, disse-lhe Bedredin, com lágrimas nos olhos, explica-me, por misericórdia, em que vos ofendi. Ah, infeliz, respondeu o vizir, não foste tu o autor da torta de creme que me enviaste? Confesso que fui eu, respondeu Bedredin. Que crime cometi nisso? Castigar-te-ei como mereces, disse Chemsedin Mohammed, e há de custar-te a vida tão péssima torta. Mas, meu Deus, exclamou Bedredin, que estou ouvindo? É crime digno de morte ter feito uma torta de creme que não presta? Sim, disse o vizir, e não esperes de mim outro tratamento.

Enquanto conversavam, as damas, ocultas, observaram Bedredin com atenção, que reconheceram imediatamente, apesar do tempo transcorrido desde a última vez em que o haviam visto. Foi tal a alegria de ambas que desmaiaram. Quando recobram os sentidos quiseram atirar-se aos braços de Bedredin; mas a palavra dada ao vizir venceu os ternos impulsos do amor e da natureza.

Como Chemsedin Mohammed resolvera partir naquela mesma noite, ordenou que se desarmassem as tendas e preparassem os carros; e, quanto a Bedredin, ordenou que o encerrassem numa caixa bem-fechada posta sobre um camelo. Quando tudo ficou pronto para a partida, o vizir e o seu séquito partiram, caminhando o resto da noite e o dia seguinte sem descanso. Só se detiveram ao crepúsculo. Tiraram, então, Bedredin da caixa, para que comesse alguma coisa; mas tiveram o cuidado de mantê-lo afastado de sua mãe e de sua mulher; e durante os vinte dias de viagem trataram-no da mesma maneira.

Na chegada ao Cairo, levantou-se o acampamento nas cercanias da cidade, por ordem do vizir Chemsedin Mohammed que, mandando chamar Bedredin, disse na sua presença a um carpinteiro: Vai procurar madeira e prepare-me imediatamente um poste! Mas, senhor, disse Bedredin, que pretendeis fazer desse poste? Pregar-te a ele, respondeu o vizir, e mandar que te mostrem em todos os bairros da cidade, a fim de que todos vejam na tua pessoa um indigno pasteleiro que prepara tortas de creme sem pimenta! Àquelas palavras, Bedredin Hassan deu tamanho grito de espanto que Chemsedin Mohammed mal pôde conter o riso: Meu Deus, então, por não ter posto pimenta numa torta de creme é que me vejo às portas de tão cruel e ignominiosa morte?”

Com essas palavras, Sherazade, notando que já era dia, calou-se; e Shahriar levantou-se, rindo-se a valer do terror de Bedredin, e curioso por ouvir a continuação da história.

120^A NOITE

“O califa Harun al-Rashid, apesar da sua severidade, não pôde deixar de rir quando o vizir Djafar lhe contou que Chemsedin Mohammed ameaçava matar Bedredin por não ter posto pimenta na torta de creme vendida a Chaban.

‘Mas como!’, exclamou Bedredin, ‘quebraram tudo o que eu tinha, prenderam-me numa caixa e vão agora pregar-me a um poste só porque não usei pimenta numa torta de creme? Ah, meu Deus, quem já ouviu falar em coisa semelhante? Como é possível que haja gente que faz profissão de probidade e justiça e que pratica toda espécie de boas obras, gente que se diz muçulmana? E começou a chorar. Depois, disse: Não, ninguém jamais foi tratado tão injusta e rigorosamente. É possível que sejam capazes de tirar a vida de um homem só por ele não ter posto pimenta numa torta de creme? Malditas sejam todas as tortas de creme, e maldita seja a hora em que nasci! Prouvera a Deus que eu tivesse nascido morto!

O infeliz, desolado, não cessava de se lamentar; e, quando trouxeram o poste e os cravos para nele pregá-lo, Bedredin começou a gritar: Ó céu! Como podes permitir que eu morra tão dolorosamente? E por que crime? Não é por ter roubado, nem por ter matado, nem por ter renegado minha religião; é apenas por não ter posto pimenta numa torta de creme!

Visto que a noite já estava bem avançada, o vizir Chemsedin Mohammed mandou que recolocassem Bedredin na caixa, e disse-lhe: Fica aí até amanhã; o dia não há de passar, sem que tu morras. Levaram a caixa e puseram-na sobre o camelo que a trouxera desde Damasco. Ao mesmo tempo, foram novamente carregados os outros camelos; e o vizir, montando um cavalo, fez ir na sua frente o camelo que transportava o sobrinho e entrou na cidade seguido por todos. Após percorrer várias ruas, onde ninguém apareceu por todos estarem recolhidos, rumou para sua casa, onde mandou que descessem a caixa, proibindo que a abrissem sem sua ordem.

Enquanto descarregavam os outros camelos, chamou a mãe de Bedredin Hassan e sua filha. Voltando-se para esta, disse-lhe: Deus seja louvado por nos ter feito encontrar teu primo e marido! Hás de lembrar-te, com certeza, do estado do teu aposento na primeira noite de núpcias; ordena, pois, que recolquem tudo como estava naquela ocasião. Se não te lembrares bem, todavia, poderei ajudar-te, porque tomei nota de tudo. Quanto a mim, vou tratar do resto.

A Dama da Beleza foi cumprir com alegria o que seu pai acabava de lhe ordenar. Chemsedin Mohammed começou a dispor todas as coisas na sala, tal como se achavam quando Bedredin Hassan ali estivera com o palafrenero corcunda do sultão do Egito. À medida que relia as notas, seus criados iam colocando os móveis nos antigos lugares. Nem o trono nem as velas acesas foram esquecidos. Quando tudo ficou pronto na sala, o vizir entrou no aposento de sua filha, onde deixou as vestes de Bedredin com a bolsa de cequins. Feito aquilo, disse à Dama da Beleza: Dispa-se, minha filha, e deita-te. Quando Bedredin entrar nesse quarto, queixa-te de ter estado ele fora muito tempo e dize-lhe que te espantaste, ao despertares, por não o veres ao teu lado. Pede-lhe que se deite novamente e, amanhã de manhã, nos divertirás contando-nos o que se passou entre ti e ele durante a noite. Àquelas palavras, saiu do aposento da filha, deixando-a deitar-se...”

Sherazade quis prosseguir, mas o dia, já surgindo, a impediu.

121^A NOITE

Pelo fim da noite seguinte, o sultão da Índia, extremamente impaciente em saber qual seria o desenlace da história de Bedredin, acordou Sherazade e pediu-lhe que continuasse a contá-la.

“Chemsedin Mohammed”, disse o vizir Djafar ao califa, ‘mandou sair da sala todos os criados e ordenou-lhes que se afastassem, com exceção de dois ou três a quem encarregou de ir tirar Bedredin da caixa, de vestir-lhe uma camisa e uma ceroula e de o levarem assim à sala, deixando-o sozinho, e fechando a porta.

Bedredin Hassan, embora aniquilado por dor, dormira durante todo o tempo; mal os criados o tiraram e lhe vestiram a camisa e as ceroulas, despertou; mas eles o levaram para a sala tão rapidamente, que Bedredin nada pôde reconhecer. Quando se viu sozinho, correu os olhos por toda a parte, e, começando a lembrar-se das suas núpcias, percebeu com espanto que se tratava da mesma sala em que vira o palafrenero corcunda. Sua surpresa aumentou quando, ao se aproximar da porta de um quarto, entreaberta, viu lá dentro suas vestes, no mesmo lugar em que as deixara na noite de núpcias. Meu Deus, murmurou, esfregando os olhos, estou acordado ou dormindo?

A Dama da Beleza, que o observava, após rir do seu espanto, abriu de súbito o cortinado do leito e, pondo a cabeça para fora, disse-lhe com ternura: Meu caro senhor, que estais fazendo aí na porta? Vinde deitar-vos outra vez. Já vos demorastes muito tempo, e eu fiquei bastante assustada ao despertar, por não vos ver ao meu lado. Bedredin Hassan se alegrou ao reconhecer na mulher que lhe falava a encantadora criatura com que se lembrava de ter dormido. Entrou, pois, no aposento; mas, em vez de ir para o leito, como estava repleto de lembranças de tudo quanto lhe acontecera durante dez anos, e como não podia crer que todos aqueles acontecimentos tivessem acontecido numa única noite, aproximou-se da cadeira em que se achavam suas vestes e a bolsa de cequins; e, após examiná-las atentamente, exclamou: Pelo grande Deus que vive, eis aqui coisas que não consigo

compreender! A Dama da Beleza, que se divertia com o seu embaraço, disse-lhe: Mais uma vez, senhor, vinde deitar-vos novamente. Com o que vos estais divertindo? Àquelas palavras, Bedredin voltou-se para ela: Suplico-vos, senhora, dizei-me se há muito tempo que estou convosco. Essa pergunta me surpreende, ela respondeu. Pois não vos levantastes há pouco daqui? Deveis estar inquieto. Senhora, respondeu Bedredin, lembro-me, é verdade, de ter estado ao vosso lado; mas lembro-me também de ter vivido dez anos em Damasco. Se, com efeito, dormi essa noite convosco, não posso ter estado distante por tão longo tempo. As duas coisas não concordam. Dizei-me, por favor, o que devo pensar: se o meu casamento convosco é uma ilusão ou se não passa de sonho a minha ausência. Sim, senhor, respondeu a Dama da Beleza, sonhastes, sem dúvida, que estáveis em Damasco. Não há nada, portanto, tão agradável!, exclamou Bedredin, desatando a rir. Estou certo, senhora, de que o sonho vos há de parecer interessante. Imaginai que me encontrei à porta de Damasco de camisa e ceroulas, como estou agora; que entrei na cidade sob as vaias de um povo que me seguia e me insultava; que me refugiei na casa de um pasteleiro, que me adotou, me ensinou seu ofício e me deixou, ao morrer, todos os seus bens; que, depois da sua morte, cuidei da loja. Enfim, senhora, sucederam-me mil outras aventuras demasiadamente longas para vos contar; e tudo quanto posso dizer-vos é que não fiz mal em acordar; sem isso, iam pregar-me a um poste. Mas por que, perguntou a Dama da Beleza, fingindo espanto, queriam tratar-vos tão cruelmente? Cometestes algum crime? Absolutamente, respondeu Bedredin, foi pela coisa mais esquisita e ridícula do mundo. Meu crime foi eu ter vendido uma torta de creme em que não tinha colocado pimenta. Ah!, exclamou a Dama da Beleza, rindo a valer, é preciso reconhecer que praticaram horrível injustiça. Senhora, respondeu Bedredin, ainda não é tudo. Por causa dessa maldita torta de creme, tinham despedaçado minha casa inteira, me amarrado com cordas e me encerrado numa caixa, tão apertada que nela ainda me parece estar; finalmente, tinham mandado vir um carpinteiro a quem ordenaram preparar um poste. Mas Deus seja louvado; tudo foi um simples sonho!”

Sherazade, nesse ponto, percebendo o dia, deixou de falar. Shahriar não pôde deixar de rir por ter Bedredin Hassan tomado a realidade por simples

sonho:

— É preciso convir — disse — que isso é bastante interessante, e estou certo de que no dia seguinte o vizir Chemsedin Mohammed e sua cunhada irão se divertir extremamente.

— Senhor — respondeu a sultana —, é o que terei a honra de vos contar amanhã de noite, se tiverdes a bondade de me deixar viver mais um dia. O sultão da Índia se levantou, sem responder àquelas palavras; mas estava bem longe de ter outro pensamento.

122^A NOITE

Sherazade, despertando antes do amanhecer, assim prosseguiu:

“Senhor, Bedredin não passou tranquilamente a noite; acordava com frequência, perguntando a si mesmo se estava sonhando ou não. Desconfiava da sua felicidade, e, tratando de assegurar-se, abria o cortinado e corria os olhos pelo aposento. Não me engano, dizia. Eis o mesmo aposento em que entrei no lugar do corcunda e estou deitado com a bela mulher que lhe fora destinada. O dia não conseguira ainda dissipar-lhe a inquietação quando o vizir Chemsedin Mohammed, seu tio, bateu à porta e entrou quase ao mesmo tempo para dar-lhe bons dias.

Bedredin Hassan admirou-se profundamente de ver aparecer de súbito um homem tão conhecido, mas que já não trazia o aspecto do terrível juiz que havia pronunciado a sentença de morte. Ah, então sois vós!, exclamou Bedredin, que me tratastes tão indignamente e me condenastes a uma morte que ainda me causa horror, por uma torta de creme na qual me esqueci de pôr pimenta! O vizir começou a rir e, para sossegá-lo contou-lhe como, por obra de um gênio (pois a história do corcunda o fizera adivinhar a aventura) se encontrara em sua casa e desposara sua filha no lugar do palafrenero do sultão. Contou-lhe, em seguida, que por meio do caderno escrito pela própria mão de Nuredin Ali é que descobrira ser ele seu sobrinho; e, finalmente, disse-lhe que, em consequência de tal descoberta, partira do Cairo e fora a Bassorá para procurá-lo: Meu caro sobrinho, acrescentou, abraçando-o com ternura, peço-te perdão por tudo quanto te fiz sofrer desde o instante em que te reconheci. Quis trazer-te para cá antes de dar-te a conhecer a tua ventura, tão mais encantadora por ter-lhe custado tanto trabalho. Consola-te de todas as tuas aflições com a alegria de ver-te de novo entre os entes que mais te são queridos. Enquanto te vestes, vou avisar tua mãe, que está impaciente por te abraçar, e trarei teu filho que viste em Damasco e por quem te sentiste atraído sem nada saber.

Não há palavras para expressar o júbilo de Bedredin ao rever sua mãe e seu filho, Agib. Os três não paravam de se abraçar e de dar vazão aos sentimentos que o sangue e a mais viva ternura podem inspirar. A mãe disse as mais comoventes palavras do mundo a Bedredin, falando-lhe da dor que lhe fora causada por tão longa ausência e das lágrimas derramadas. Agib, em lugar de fugir, como em Damasco, aos abraços do pai, não se cansava de retribuí-los: e Bedredin Hassan, entre duas pessoas tão dignas do seu amor, não acreditava poder dar-lhe todas as demonstrações do seu afeto.

Entretanto, o vizir dirigira-se para o palácio a fim de prestar contas ao sultão do feliz resultado da sua viagem. O sultão de tal forma se alegrou com a maravilhosa história, que a mandou escrever para que fosse cuidadosamente conservada nos arquivos do reino. Mal Chemsedin Mohammed voltou para casa e, visto que mandara preparar soberbo festim, pôs-se à mesa com a família, e todos transcorreram o dia transbordando de contentamento.’

O vizir Djafar, terminando a história de Bedredin Hassan, disse ao califa Harun al-Rashid: ‘Comendador dos Crentes, eis o que tinha de vos contar.’ O califa achou a história tão surpreendente que perdoou sem hesitar o escravo Rihan; e, para consolar o jovem da dor de se ver privado, pelas suas próprias mãos, da mulher a quem tanto amava, fê-lo desposar uma de suas escravas, cumulou-o de bens e o favoreceu até a morte.”

— Mas, senhor — acrescentou Sherazade, notando que o dia estava a despontar —, por mais agradável que seja a história que acabei de vos contar, sei outra que é muito mais. Se desejardes ouvi-la amanhã de noite, estou certa de que vos agradará.

Shahriar se levantou sem nada dizer, e incerto sobre o que iria fazer. “A excelente sultana”, pensou, “conta histórias muito longas; e quando começa uma, não há jeito de recusar ouvi-la toda. Não sei se não deveria fazê-la morrer hoje; mas não, não nos precipitemos: a história que ela vai me contar talvez seja mais interessante do que todas as que já ouvi; não convém que eu me prive desse prazer. Depois de ouvi-la, ordenarei que a executem. “

123_A NOITE

Dinazade não deixou de acordar, antes do amanhecer, a sultana da Índia, que, após pedir a Shahriar permissão para começar a história prometida, tomou a palavra:

A história do pequeno corcunda

“Havia outrora em Casgar,^[35] nos confins da Grã-Tartária, um alfaiate que tinha uma formosa mulher a quem muito amava, e por quem era igualmente amado. Um dia, enquanto trabalhava, um pequeno corcunda foi sentar-se na entrada da sua loja, e pôs-se a cantar, tocando ao mesmo tempo um pandeiro. O alfaiate, gostando de ouvi-lo, resolveu levá-lo para casa para divertir sua mulher, dizendo para si mesmo: ‘Suas canções servirão para nos distrair essa noite.’ Feita a proposta, e tendo o corcunda a aceitado, fechou a loja e partiram.

Uma vez em casa, a mulher do alfaiate, que já aprontara a mesa, pois estava na hora do jantar, serviu um bom prato de peixe preparado por ela mesma. Sentaram-se os três à mesa; mas, enquanto comiam, o corcunda engoliu, por infelicidade, uma grande espinha, pelo que morreu em poucos instantes, sem que o alfaiate e a mulher pudessem fazer qualquer coisa. Assustados pelo fato de o acidente ter ocorrido em sua casa, temeram que a justiça viesse a sabê-lo e os punisse como assassinos. Mas o marido achou um meio para desfazer-se do cadáver; lembrou-se de que nas vizinhanças vivia um médico judeu, e, pondo em execução o seu plano, ele e a mulher pegaram o corcunda, um pelos pés, outro pela cabeça, e levaram-no até a residência do médico. Bateram à porta, de onde surgia uma escada íngreme pela qual se subia aos aposentos. Imediatamente desceu uma criada, sem luz, abriu a porta e perguntou o que desejavam. ‘Sobe’, respondeu o alfaiate, ‘e dize a teu amo que lhe trazemos um homem bastante doente para que ele lhe receite um remédio.’ ‘Toma’, acrescentou, ‘pondo-lhe na mão uma moeda de prata, dá-lhe isto como adiantamento, para que se convença de que não temos intenção de fazer-lhe perder tempo.’ Enquanto a criada subia a fim de transmitir o recado ao médico judeu, o alfaiate e sua mulher levaram rapidamente o cadáver ao alto da escada e, lá o deixando, voltaram para casa a toda pressa.

Entretanto, tendo a criada dito ao médico que um homem e uma mulher o aguardavam à porta, com um doente, e, entregando-lhe ao mesmo tempo

o dinheiro recebido, deixou-se aquele levar pela alegria. Vendo-se pago adiantadamente, julgou que lhe trouxessem um ótimo caso; convinha, pois, não negligenciar. ‘Pega depressa a luz’, disse à criada, ‘e segue-me.’ Assim, avançou para a escada com tanta precipitação que não esperou que lhe iluminassem o recinto e, dando de encontro ao corcunda, tão rudemente bateu com o pé nas costas que o fez rolar até embaixo. Pouco faltou para que ele também rolasse. ‘Traz depressa uma luz!’, gritou à criada. Esta chegou finalmente. O médico desceu com ela e, vendo que quem rolara pela escada abaixo estava morto, ficou tão aterrorizado que invocou Moisés, Aarão, Josué, Esdras e os demais profetas da sua lei. ‘Desgraçado que sou!’, dizia. ‘Por que eu desci sem luz? Acabei de matar este doente que aqui me foi trazido. Sou a causa da sua morte e, se o bom asno de Esdras^[36] não me socorrer, estarei perdido. Ah! Dentro em pouco virão buscar-me como assassino!’

Apesar da sua agitação, não deixou de fechar a porta, com medo que alguém, passando pela rua, percebesse a desgraça da qual se supunha autor. Em seguida, pegando o cadáver, levou-o ao quarto de sua mulher, que quase desmaiou ao vê-lo entrar com aquele fatal fardo. ‘Ah, estamos perdidos!’, exclamou ela, ‘se não acharmos um meio de pôr fora daqui esse cadáver! Morreremos se o conservarmos até amanhã. Que desgraça! Como fizeste para matar esse homem?’ ‘Deixemos disso agora’, respondeu o judeu, ‘e tratemos de arranjar uma solução...’

— Mas, senhor — disse Sherazade, interrompendo-se —, tinha me esquecido de que já é dia.

A essas palavras, calou-se. Na noite seguinte, assim continuou a história do pequeno corcunda:

124^A NOITE

“O médico e sua mulher deliberaram, juntos, sobre um meio de livrar-se do cadáver durante a noite. O médico, por mais que imaginasse, não descobria estratégia para sair desse embaraço; mas sua mulher, mais fértil em invenções, disse: ‘Tenho uma ideia: levemos o cadáver para o terraço de casa, e baixemo-lo, pela chaminé, à casa do muçulmano nosso vizinho.’

Era esse muçulmano um dos fornecedores do sultão. Encarregava-se de fornecer azeite, manteiga e todo tipo de gorduras, e tinha em casa um depósito, em que os ratos faziam grandes estragos.

O médico judeu aprovou o plano imaginado por sua mulher. Ambos pegaram o corcunda, levaram-no para o terraço e, passando-lhe cordas sob as axilas, desceram-no pela chaminé até o quarto do fornecedor, e tão devagar que ele ficou de pé encostado à parede como se estivesse vivo. Depois, retiraram as cordas. Mal haviam descido e entrado de novo no seu quarto, voltou o fornecedor de uma festa de núpcias a que fora convidado. Trazendo uma lanterna, ficou bastante surpreso ao ver, auxiliado pela luz, um homem de pé na sua chaminé; mas, sendo naturalmente corajoso e pensando tratar-se de um ladrão, pegou um forte cacete e atirou-se ao corcunda. ‘Ah, ah!’, disse, ‘e eu pensando que eram os ratos que comiam minha manteiga e as gorduras, e és tu que desces pela chaminé para me roubar! Não creio que terás vontade de voltar!’ E golpeou o corcunda várias vezes. O cadáver caiu ao chão, e o fornecedor redobrou os golpes; mas, notando que o corpo não se movia, deteve-se. Vendo, então, que estava morto, o temor começou a suceder-se à cólera. ‘Que fiz! Pobre de mim! Acabo de matar um homem. Ah! Levei muito longe a minha vingança! Meu Deus! Se não tiverdes piedade de mim, estarei perdido! Malditas sejam mil vezes as gorduras e os azeites, causa de tão criminosa ação!’ Pálido e desesperado, já via os ministros da justiça arrastarem-no para o suplício, e não sabia que resolução tomar...”

A aurora obrigou Sherazade a calar-se. Mas, retomando o fio da história na noite seguinte, disse ao sultão da Índia:

125^A NOITE

“Senhor, o fornecedor do sultão de Casgar, surrando o corcunda, não percebera seu defeito físico. Ao notá-lo, lançou contra ele imprecações. ‘Maldito corcunda! Cachorro! Prouve-a a Deus que tivesses roubado todas as minhas reservas, e que eu não te tivesse encontrado aqui! Não estaria agora na situação em que me encontro por tua causa e por causa da tua infame corcunda! Estrelas que brilham nos céus, não tenhais luz senão para mim, que estou em tão grande perigo!’ Assim dizendo, colocou o cadáver às costas, saiu do quarto e foi até o fim da rua, onde, pondo-o de pé e apoiado contra uma parede, retomou o caminho de casa sem olhar para trás.

Poucos momentos antes de romper do dia, um mercador cristão muito rico, que fornecia ao palácio do sultão a maior parte das coisas necessárias, após transcorrer a noite em diversão, saiu de casa para ir ao banho. Apesar de embriagado, não deixou de notar que a noite estava bem adiantada e que, dali a pouco, seriam chamados os fiéis à prece do nascer do dia. Por isso, apressando os passos, procurou chegar quanto antes ao banho, com medo de que um muçulmano, indo à mesquita, o encontrasse e o levasse à prisão por estar alcoolizado. Contudo, ao chegar ao fim da rua, deteve-se para uma necessidade perto da parede, onde o fornecedor do sultão apoiara o corpo do corcunda, que, sacudido, caiu sobre os ombros do mercador; este, julgando tratar-se de um assaltante, o atirou ao chão com um murro na cabeça, fazendo-o seguir-se de muitos outros e chamando por auxílio.

O guarda do quartirão correu aos gritos. Vendo um cristão maltratar um muçulmano (pois o corcunda era da nossa religião), perguntou-lhe: ‘Que motivo tendes para maltratar assim um muçulmano?’ ‘Quis roubar-me’, respondeu o mercador, ‘e atirou-se sobre mim para agarrar-me pela garganta.’ ‘Vingastes-vos bastante’, respondeu o guarda, puxando-o pelo braço. ‘Tirai-vos daí.’ Ao mesmo tempo, estendeu a mão ao corcunda para ajudá-lo a levantar-se, mas, verificando que ele estava morto, prosseguiu: ‘Oh, oh, pois então um cristão tem a ousadia de assassinar um muçulmano!’ E prendeu o

cristão, levando-o ao chefe de polícia e encarcerando-o até que este se levantasse e interrogasse o acusado. Entretanto, o mercador cristão, recobrando a lucidez de espírito, quando mais refletia na sua aventura, tanto menos compreendia como simples murros tivessem podido tirar a vida de um homem.

O chefe de polícia, após ouvir a explicação do guarda e ver o cadáver que lhe haviam levado, interrogou o mercador cristão, que não pôde negar um crime não cometido por ele. Como o corcunda pertencesse ao sultão, pois se tratava de um dos seus bufões, o chefe de polícia não quis matar o cristão sem antes saber a vontade do príncipe. Assim, dirigiu-se ao palácio, a fim de informar ao sultão o que se passava. Este lhe disse: ‘Não posso perdoar a um cristão que matou um muçulmano. Ide, pois; cumpri o vosso dever.’ Àquelas palavras, o juiz ordenou que se erguesse uma forca, e mandou arautos espalharem pela cidade que se ia enforcar um cristão assassino de um muçulmano.

Finalmente, o cristão, tirado do cárcere, foi levado aos pés da forca; e o verdugo, após passar-lhe a corda pelo pescoço, ia levantá-la, quando o fornecedor, abrindo espaço entre a multidão, adiantou-se, gritando ao verdugo: ‘Esperai, esperai: não vos apresseis! Não foi ele que cometeu o assassinio, fui eu!’ O juiz, que assistia à execução, pôs-se a interrogar o fornecedor, que lhe contou com detalhes de que modo tinha matado o corcunda, terminando por dizer que lhe levava o corpo ao lugar em que o mercador cristão o encontrara: ‘Íeis’, acrescentou, ‘fazer morrer um inocente que não pode ter matado um homem já sem vida. Basta-me ter assassinado um muçulmano; não quero sobrecarregar minha consciência com a morte de um cristão que não é criminoso...’”

O dia impediu que Sherazade continuasse. Mas ela retomou o fio da história na noite seguinte.

126^A NOITE

“O fornecedor do sultão de Casgar acusou-se publicamente de ser o autor da morte do corcunda, de modo que o juiz não pôde deixar de pôr em liberdade o mercador. ‘Deixa’, disse ao verdugo, ‘o cristão, e enforca esse homem no seu lugar, pois é evidente, pela sua própria confissão, ser ele o culpado.’ O verdugo imediatamente passou a corda em volta do pescoço do fornecedor; e, quando já ia enforcá-lo, ouviu a voz do médico judeu a pedir-lhe naquele instante que suspendesse a execução, enquanto tratava de se aproximar da forca.

Ao chegar diante do juiz, disse-lhe: ‘Senhor, esse muçulmano que quereis mandar enforcar não merece a morte, eu é que sou o verdadeiro criminoso. Ontem de noite, um homem e uma mulher, que não conheço, bateram à minha porta levando-me um doente. Minha criada foi abrir a porta sem levar consigo uma luz e recebeu deles uma moeda de prata para dizer-me que descesse a fim de examinar o doente. Enquanto me falava, os dois desconhecidos levaram o doente ao alto da escada e desapareceram. Desci sem esperar que a criada acendesse uma vela; e, na escuridão, dei com o pé contra o doente, fazendo-o rolar pela escada abaixo. Vi, então, que estava morto e que se tratava do muçulmano corcunda, cuja morte pretendem hoje vingar. Pegamos o cadáver, minha mulher e eu, levamo-lo ao terraço, de onde o passamos para o do fornecedor, nosso vizinho, que íeis fazer morrer injustamente, e descemo-lo ao seu quarto pela chaminé. O fornecedor, descobrindo-o em sua casa, tratou-o como se fosse um ladrão, e julgou tê-lo matado; mas não é esse o caso, como se vê pela minha confissão. Sou, portanto, o único autor do assassinio; e, embora o tenha feito sem minha intenção, resolvi pagar pelo crime, para não ter na consciência a morte de dois muçulmanos, permitindo que tireis a vida do fornecedor do sultão, cuja inocência acabo de vos provar. Coloque-o em liberdade, por favor, e enforcai-me, porque só eu fui a causa da morte do corcunda...”

A sultana Sherazade foi obrigada a interromper-se nesse ponto, por já ser dia. Shahriar se levantou e, manifestando no dia seguinte seu desejo de saber a continuação da história do corcunda, assim satisfez Sherazade a sua curiosidade:

127^A NOITE

“Quando o juiz se convenceu de que o médico judeu era o verdadeiro assassino, ordenou ao verdugo que o prendesse e pusesse em liberdade o fornecedor do sultão. O médico já tinha a corda em volta do pescoço e ia morrer quando se ouviu a voz do alfaiate, que suplicava ao verdugo não prosseguir e que tratava de varar a multidão para chegar ao ponto no qual se achava o juiz, diante do qual exclamou: ‘Senhor, pouco faltou para que arrancásseis a vida a três pessoas inocentes; se tiverdes a paciência de me ouvir, sabereis quem é o verdadeiro assassino do corcunda. Se a sua morte deve ser paga por outra, é pela minha. Ontem, pelo fim do dia, estava trabalhando na minha loja e, disposto a divertir-me, quando o corcunda, meio bêbado, chegou e sentou-se. Durante algum tempo cantou, e lhe propus que passasse a noite comigo. Consentiu, e levei-o para casa. Sentamo-nos à mesa, e servi-lhe um pedaço de peixe; ao comê-lo, uma espinha ficou atravessada em sua garganta, e por mais que fizéssemos, minha mulher e eu, para aliviá-lo, morreu em poucos instantes. Assustamo-nos bastante; e com medo de sermos acusados, levamos o cadáver à porta do médico judeu. Bati e disse à criada que pedisse imediatamente ao seu amo para ver um doente que lhe levávamos; e, para que não recusasse, incumbi-a de lhe entregar uma moeda de prata. Quando subiu, levei o corcunda ao alto da escada, onde o deixei. Saíamos sem perda de tempo, minha mulher e eu. O médico, ao querer descer, fez rolar o corcunda, o que o levou a supor ter sido a causa da sua morte. Pois que assim são os fatos, ponde em liberdade o médico, e enforcai-me.’

O juiz e os espectadores não puderam deixar de admirar os estranhos fatos que se haviam seguido à morte do corcunda. ‘Deixa o médico judeu’, disse o juiz ao verdugo, ‘e enforca o alfaiate que acabou de confessar o crime! É preciso reconhecer que essa história é extraordinária, e que merece ser escrita com letras de ouro.’ O verdugo, pondo o médico em liberdade, passou a corda em volta do pescoço do alfaiate...”

— Mas, senhor — disse Sherazade, interrompendo-se —, estou vendo que já é dia. Se permitirdes, adiarei para amanhã a continuação da história.

O sultão da Índia, consentindo, levantou-se para ocupar-se dos seus habituais deveres.

128^A NOITE

A sultana, despertada por sua irmã, retomou a palavra:

“Enquanto o verdugo se preparava para enforcar o alfaiate, o sultão de Casgar, que sentia falta do corcunda, seu bufão, perguntou por ele. Um dos oficiais lhe disse: ‘Senhor, o corcunda que vos preocupa, após embriagar-se ontem de noite, fugiu do palácio para passear pela cidade. Hoje de manhã foi encontrado morto. Conduziu-se à presença do juiz um homem acusado de tê-lo assassinado, e imediatamente aquele mandou erguer uma forca. Quando iam enforcar o acusado, chegou um homem, e depois outro, que acusam a si mesmos, procurando inocentar o outro. Há muito que isso está durando, e o juiz está agora interrogando um terceiro indivíduo, que se confessa ser o verdadeiro assassino.’

Ouvindo tais palavras, o sultão de Casgar mandou um dos guardas ao lugar do suplício: ‘Vai imediatamente ordenar ao juiz que me traga os acusados e o corpo do pobre corcunda, que desejo ver mais uma vez.’ O guarda partiu, e chegando na hora em que o verdugo começava a puxar a corda para enforcar o alfaiate, gritou bem alto que suspendessem a execução. O verdugo, reconhecendo o guarda, não ousou continuar, e deixou o alfaiate. Depois, o guarda, aproximando-se do juiz, declarou a vontade do sultão. O juiz o obedeceu e encaminhou-se para o palácio com o alfaiate, o médico judeu, o fornecedor e o mercador cristão, mandando que quatro dos seus homens transportassem o cadáver do corcunda.

Quando chegaram todos à presença do sultão, o juiz prostrou-se aos pés do príncipe; depois, erguendo-se, contou-lhe fielmente tudo quanto sabia da história do corcunda. O sultão achou-a tão extraordinária que ordenou ao seu historiador particular que a escrevesse com todos os pormenores; depois, dirigindo-se aos presentes, disse: ‘Já ouvistes, por acaso, algo mais surpreendente que o que acaba de suceder com o corcunda?’ O mercador cristão, depois de prostrar-se até tocar o chão com a testa, tomou a palavra: ‘Poderoso monarca, sei uma história mais assombrosa que a que vos acabaram

de contar; se me concederdes a devida permissão, eu a contarei. Os seus pormenores são tais que não há quem possa ouvi-los sem comover-se.' O sultão concordou.

A história contada pelo mercador cristão

‘Senhor, antes de começar, vos farei notar que não tive a honra de nascer em lugar nenhum do vosso império. Sou estrangeiro, nativo do Cairo, no Egito, de nação copta^[37] e de religião cristã. Meu pai era corretor e tinha amontado bens consideráveis que me deixou ao morrer. Segui-lhe o exemplo e abracei sua profissão. Um dia, no Cairo, estando no alojamento público dos mercadores de cereais, um jovem mercador muito bem-trajado, montado num asno, aproximou-se de mim, saudou-me e, abrindo um lenço em que trazia amostras de sésamo, perguntou-me: Quanto vale a medida grande de sésamo dessa qualidade?’”

Sherazade, percebendo o dia, calou-se. Mas continuou a história na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

129^A NOITE

— Senhor, assim prosseguiu o mercador cristão a sua história:

“Examinei o sésamo que o jovem mercador me mostrava e respondi-lhe que valia, ao preço corrente, cem dracmas de prata da medida grande. Procurai, respondeu-me, os mercadores que o quiserem por tal preço, e vinde à Porta da Vitória, onde vereis um khan separado das demais habitações. Lá vos esperarei. Assim partiu e deixou-me a amostra do sésamo, que apresentei a vários mercadores do lugar; estes me garantiram que comprariam todo o que eu quisesse vender, a 110 dracmas de prata por medida. Dessa forma, eu ganhava dez dracmas por medida. Contento com o lucro, dirigi-me à Porta da Vitória, onde me aguardava o jovem mercador. Levou-me ele ao seu depósito, repleto de sésamo. Havia 150 medidas grandes, que mandei medir e carregar em asnos, e que vendi por cinco mil dracmas de prata. Dessa quantia, disse-me o jovem, quinhentos dracmas vos pertencem de direito; quanto ao resto, como deles não necessito atualmente, retirai-os dos mercadores e guardai-os até que eu vos peça. Respondi-lhe que estaria ao seu dispor em qualquer ocasião, beijei-lhe a mão ao despedir-me e retirei-me satisfeitíssimo com a sua generosidade.

Durante um mês não o revi. Depois, reapareceu. Onde estão, perguntou-me, os 4.500 dracmas que me deveis? Estão prontos, respondi-lhe, e vou contá-los imediatamente. Como estava montado no asno, supliquei-lhe que se apeasse e me desse a honra de comer comigo antes de receber os dracmas. Não, disse-me, não posso apear-me agora; tenho um negócio urgente. Mas voltarei e, ao passar por aqui, pegarei meu dinheiro. E desapareceu. Aguardei-o, mas inutilmente; e ele só voltou no fim do outro mês. Eis aqui, pensei, um jovem mercador que deposita muita confiança em mim, deixando-me nas mãos, sem me conhecer, a quantia de 4.500 dracmas de prata. Outro não faria isto, e temeria que eu dela me apoderasse. O jovem voltou no fim do terceiro mês, ainda montado no mesmo asno, porém, mais magnificamente trajado que das outras vezes.”

Sherazade, vendo que o dia começava a aparecer, não mais falou naquela noite. Pelo fim da seguinte, assim prosseguiu, fazendo sempre falar o mercador cristão:

130^A NOITE

“Mal avistei o jovem mercador, corri para ele, rogando-lhe que se apeasse e perguntando-lhe se não desejava receber o dinheiro. Não tenho pressa, respondeu-me alegre. Sei que está em boas mãos e voltarei para buscá-lo quando tiver gastado o que possuo. Adeus, acrescentou, esperai-me pelo fim da semana. Àquelas palavras, fustigando o animal, partiu, e em poucos instantes o perdi de vista. Bem, pensei, pediu-me que o esperasse para o fim da semana, mas pelo seu costume talvez só torne a vê-lo daqui a muito tempo. Vou fazer com que o seu dinheiro renda. Com isso sairei lucrando.

Não me enganava na minha conjectura. Passou-se um ano antes que ouvisse falar do jovem. Ao cabo desse tempo, apareceu tão ricamente trajado como da última vez, mas parecendo estar preocupado. Supliquei-lhe que me desse a honra de entrar em casa. Vou fazê-lo dessa vez, respondeu-me, mas com a condição de que nada gasteis de extraordinário. Só farei o que vos agradar, respondi. Apeai-vos, pois. Ele, concordando, entrou em casa. Dei ordens para o banquete que pretendia oferecer-lhe; e, enquanto esperávamos que nos servissem, começamos a conversar. Quando as iguarias chegaram, nos sentamos à mesa. Desde o primeiro bocado, observei que o pegava com a mão esquerda, e fiquei surpreso ao ver que não se valia absolutamente da direita. Não sabia o que pensar: Desde que conheço esse mercador, refleti, sempre me pareceu extremamente educado. Será possível que faça isso por desprezo a mim? Por que motivo não se serve da mão direita?”

O dia, clareando o aposento do sultão da Índia, não permitiu que Sherazade continuasse a história, o que ela fez, porém, pelo fim da noite seguinte, dizendo a Shahriar:

131^A NOITE

“O mercador cristão achava-se fortemente contrariado por não saber por que seu hóspede comia com a mão esquerda. Após o banquete, disse ele, quando meus criados retiraram a mesa e se afastaram, nos sentamos num sofá. Apresentei ao jovem uma pastilha excelente para perfumar a boca, e ele a pegou com a mão esquerda. Senhor, disse-lhe, suplico-vos que me perdoeis a liberdade de vos perguntar por que vos não servis da mão direita? Estará, por acaso, ferida? O jovem deu um grande suspiro, em vez de me responder; e, tirando o braço que mantivera oculto sob a veste, vi que lhe fora decepada a mão, o que me estarreceu. Sem dúvida, vos ofendestes por não me ver comer com a mão direita; mas agora sabeis que não me era possível agir de outra maneira. Posso perguntar-vos, continuei, por qual desgraça a perdestes? Chorou àquela pergunta; depois, enxugando as lágrimas, contou-me sua história.

Sabereis, disse-me, que sou nativo de Bagdá, filho de pai rico e dos mais ilustres da cidade pelo seu talento e posição. Mal entrei no mundo, conversando com pessoas que tinham viajado e que diziam maravilhas do Egito, e sobretudo do Cairo, fiquei impressionado, e tive vontade de visitar tal país; mas meu pai vivia ainda e não me teria dado permissão. Morreu finalmente, e sua morte deixou-me senhor dos meus atos; resolvi, pois, visitar o Cairo. Empreguei grande quantia em vários tipos de tecidos finos de Bagdá e Mussul, e pus-me a caminho.

Chegando ao Cairo, detive-me no khan de Mesrur; ali, aluguei um alojamento com depósito no qual mandei colocar todos os fardos trazidos por camelos. Feito isso, entrei no meu quarto para descansar e refazer-me do fadigado caminho enquanto meus homens, aos quais tinha dado dinheiro, iam comprar mantimentos. Após a refeição, visitei o castelo, algumas mesquitas, as praças públicas e outros pontos merecedores de ser vistos.

No dia seguinte, vesti-me bem e, após mandar tirar dos meus fardos alguns tecidos belíssimos e ricos, com a intenção de levá-los a um

bezestein^[38] para ver o que me ofereceriam, dei-os a alguns dos meus escravos para os transportarem, e dirigi-me ao bezestein dos circassianos. Ali, rodeou-me imediatamente uma multidão de corretores e pregoeiros, avisados da minha chegada. Reparti amostras dos tecidos entre vários pregoeiros que foram mostrá-los por todo o bezestein: mas os mercadores ofereceram muito menos que o que me tinham custado, o que me aborreceu. E como desse mostras do meu ressentimento aos pregoeiros, responderam-me: Se quiserdes nos ouvir, vos ensinaremos um meio de nada perder com os vossos tecidos...”

Sherazade deteve-se. Era dia. Na noite seguinte, assim recomeçou:

132^A NOITE

“O mercador continuou a falar ao sultão de Casgar:

‘Os corretores e pregoeiros, disse-me o jovem, prometeram ensinar-me um meio de não perder nada sobre as minhas mercadorias, pelo que lhes perguntei o que era preciso fazer. Distribuí-as a vários mercadores, disseram-me, que eles as venderão; e, duas vezes por semana, na segunda e na quinta-feira, ireis receber o dinheiro obtido. Com isso ganhareis em vez de perder, e os mercadores ganharão também alguma coisa. Entretanto, tereis a liberdade de vos divertir e passear na cidade e nas margens do Nilo.

Segui-lhes o conselho. Levei-os comigo ao meu depósito, de onde tirei todas as minhas mercadorias; e, voltando ao bezestein, as distribuí a diferentes mercadores que tinham sido recomendados a mim como honestos, e que me deram um recibo, assinado por testemunhas, com a condição de que eu deles nada exigisse no primeiro mês.

Dispostos assim os meus negócios, só me ocupei em divertimentos. Fiz amizade com várias pessoas da minha idade, que pretendiam fazer-me passar bem o tempo. No fim do primeiro mês, comecei a ver meus mercadores duas vezes por semana, acompanhado de um funcionário público para lhes examinar seus livros de vendas, e de um avaliador para calcular a excelência e o valor do dinheiro que me pagavam. Assim, nesses dias, quando voltava ao khan de Mesrur, onde eu me encontrava alojado, levava uma boa quantia de dinheiro, o que não impedia que nos outros dias da semana eu fosse passar a manhã umas vezes na loja de um mercador, outras na loja de outro. Divertia-me em conversar com eles e em ver o que se passava no bezestein.

Numa segunda-feira, estando sentado na loja de um desses mercadores, chamado Bedredin, uma dama da boa sociedade, como era fácil de ver pelo porte, pelo vestido, e por uma escrava muito limpa que a seguia, entrou na loja e sentou-se perto de mim. Seu aspecto, unido a uma graça natural que transparecia em tudo quanto fazia, me fez simpatizar com ela, e despertou-me o grande desejo de conhecê-la melhor. Não sei se percebeu que eu a

observava com prazer, e tampouco sei se a minha intenção lhe agradava ou não; o que sei é que, levantando o crepe que lhe descia sobre o rosto por cima da musselina que o ocultava, mostrou-me dois grandes olhos negros que me enfeitiçaram. Finalmente, terminou por deixar-me apaixonado pelo som agradável da voz e pelas maneiras corretas e graciosas, quando, ao saudar o mercador, lhe perguntou como havia passado desde a última vez em que o vira.

Após entreter-se algum tempo com ele sobre coisas indiferentes, disse-lhe que procurava certo tecido com fundo de ouro, que viera à sua loja por ser a mais bem- -sortida do bezestein e que, se ele dispusesse de tal tecido, lhe proporcionaria enorme prazer. Bedredin deixou-a por 1.100 dracmas de prata. Consinto em vos pagar essa quantia, disse-lhe ela; não trago dinheiro comigo, mas espero que me concedais crédito até amanhã, e me permitais levar o tecido; não deixarei de vos enviar amanhã os 1.100 dracmas. Senhora, respondeu-lhe Bedredin, não hesitaria em conceder-vos crédito, e deixar-vos-ia levar o tecido, se fosse meu; mas pertence a esse jovem, e é hoje que devo prestar-lhe contas. Por que, perguntou a dama, admiradíssima, vos comportais assim comigo? Não tenho o costume de vir à vossa loja? E todas as vezes que compro tecidos, e vós me permitis levá-los sem os pagar na hora, deixei de vos enviar o dinheiro no dia seguinte? O mercador concordou: É verdade, senhora, mas tenho necessidade de dinheiro hoje. Pois bem, eis aí o vosso tecido!, disse ela, atirando-o. Que Deus vos confunda, a vós e a todos os mercadores! Sois todos iguais, não tendes a menor consideração por ninguém. Terminando aquelas palavras, levantou-se rapidamente e saiu irritadíssima com Bedredin...”

Sherazade, vendo que o dia estava para aparecer, calou-se. Na noite seguinte, assim continuou:

133^A NOITE

“O mercador cristão prosseguiu:

‘Quando vi, disse-me o jovem, que a dama se retirava, senti que o meu coração se interessava por ela. Chamei-a, pois: Senhora, concedei-me a graça de voltar; talvez eu encontre um meio de contentar ambos. Ela voltou, dizendo-me que o fazia por mim. Bedredin, disse eu, então, ao mercador, por quanto quereis vender esse tecido que me pertence? Por 1.100 dracmas de prata, respondeu-me; não posso cedê-lo por menos. Entregai-o a essa senhora, prossegui. Dou-vos cem dracmas de lucro, e assino-vos um bilhete para o restante, que tirareis das outras mercadorias que possuíis. Efetivamente preparei o bilhete, assinei-o e coloquei-o nas mãos de Bedredin. Em seguida, apresentando o tecido à dama, disse-lhe: Podeis levá-lo, senhora; quanto ao dinheiro, enviá-lo-eis amanhã ou outro dia; ou melhor, dou-vos o tecido de presente, se o aceitais. Não é o que quero, respondeu-me. Vós procedeis comigo de maneira tão delicada que eu seria indigna de aparecer diante dos homens se vos não testemunhasse reconhecimento. Que Deus, para vos recompensar, vos aumente os bens, vos faça viver muito mais do que eu, vos abra a porta dos céus à vossa morte, e que toda a cidade publique vossa generosidade!

Tais palavras me tornaram ousado: Senhora, deixai-me ver o vosso rosto, como recompensa por vos ter proporcionado um prazer. Considerar-me-ei pago. Ela se voltou para mim, tirou a musselina que lhe cobria o rosto e ofereceu aos meus olhos surpreendente beleza. Fiquei de tal modo admirado que nada lhe pude dizer para expressar o que sentia. Jamais me teria cansado de contemplá-la; mas ela tornou a cobrir-se prontamente, de medo que outros a vissem; e, após abaixar o crepe, pegou a peça e afastou-se da loja, onde me deixou em estado muito diferente do que aquele em que antes me encontrava. Por longo tempo fiquei perturbado. Antes de abandonar o mercador, perguntei-lhe se conhecia a dama: Sim, respondeu-me, é a filha de um emir que, ao morrer, lhe deixou bens imensos.

Quando voltei ao khan de Mesrur, meus criados serviram-me a refeição. Mas me foi impossível comer. Sequer consegui pregar olho durante a noite, que me pareceu a mais longa da minha vida. Quando amanheceu, levantei-me com a esperança de rever o objeto que perturbava meu repouso; e, com a intenção de lhe agradar, vesti-me mais corretamente que na véspera e voltei à loja de Bedredin...”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, o dia impede que eu prossiga. Após anunciar tais palavras, calou-se; na noite seguinte, continuou a história:

134^A NOITE

“O jovem de Bagdá, contando suas aventuras ao mercador cristão, disse: Não fazia muito tempo que eu tinha chegado à loja de Bedredin quando vi a dama, seguida de sua escrava, mais esplendidamente trajada do que na véspera. Sem olhar para o mercador; dirigiu-me a palavra: Senhor, podeis ver que estou mantendo a palavra que vos dei ontem. Venho precisamente trazer-vos a quantia pela qual vos responsabilizastes sem me conhecer, com generosidade da qual jamais me esquecerei. Senhora, respondi-lhe, não havia necessidade de assim vos apressar; estava tranquilo quanto ao meu dinheiro, e lamento o trabalho que vos destes. Não era justo, respondeu ela, que eu abusasse da vossa honestidade. Assim, deu-me o dinheiro e sentou-se perto de mim.

Valendo-me da ocasião, falei-lhe do meu amor; mas ela, levantando-se, deixou-me bruscamente, como se tivesse ficado fortemente ofendida pela minha declaração. Segui-a com os olhos enquanto pude vê-la; depois, despedi-me do mercador e saí do bezestein sem saber aonde ia. Sonhava com a aventura quando senti que me puxavam por trás. Voltei-me imediatamente para ver de que se tratava, e reconheci com prazer a escrava da dama cujo amor me dominava. Minha senhora, disse-me ela, a jovem à qual acabastes de falar na loja do mercador, teria muito prazer em vos falar. Dai-vos, pois, o trabalho de me seguir. Eu a segui e encontrei realmente a dama que me aguardava, sentada, na loja de um trocador.

Pedi-me que me sentasse ao seu lado e explicou-me: Meu caro senhor, não fiqueis surpreso por eu vos ter abandonado um pouco bruscamente; não julguei conveniente, diante do mercador, responder favoravelmente à confissão que me fizestes dos sentimentos que vos inspirei. Bem longe, porém, de me ofender, confesso que sinto prazer em vos ouvir e que me considero feliz por ter como apaixonado um homem de vosso mérito. Não sei que impressão pode ter feito em vós ver-me; quanto a mim, porém, senti-me imediatamente atraída por vós. Desde ontem só penso no que me

dissestes, e a minha pressa em vos procurar hoje de manhã bem deve provar-vos que não me desagradais. Senhora, respondi num lampejo de amor e de alegria, não poderia ouvir nada mais agradável que o que tendes a bondade de me dizer. Ninguém vos ama com mais paixão do que eu, desde o feliz momento em que os meus olhos vos viram, tanto que se marejaram de lágrimas e o meu coração cedeu sem resistência. Não percamos tempo em palavras inúteis, interrompeu-me ela. Não duvido da vossa sinceridade, e bem cedo vos convenceis da minha. Dar-me-eis a honra de vir a minha casa, ou quereis que eu vá à vossa? Senhora, respondi-lhe, sou estrangeiro alojado num khan, que não é lugar adequado para receber dama da vossa posição e do vosso mérito.”

Sherazade ia prosseguir, mas foi obrigada a calar-se, porque o dia estava aparecendo. Na noite seguinte, assim continuou, fazendo sempre falar o jovem de Bagdá:

135^A NOITE

“Convém mais, senhora, continuou o jovem, que me indiqueis onde fica a vossa morada. Sentir-me-ei honrado em vos visitar. A dama consentiu. Depois de amanhã, disse ela, é sexta-feira. Vinde, pois, após a prece do meio-dia. Moro na rua da Devoção. Resta-vos apenas perguntar pela casa de Abon Chama, cognominado Bercur, outrora chefe dos emires. Lá me encontrareis. Àquelas palavras, nos separamos, e passei o dia seguinte impacientíssimo.

Na sexta-feira, levantei-me de manhã bem cedinho. Vesti meu traje mais elegante e peguei uma bolsa na qual coloquei cinquenta moedas de ouro; depois, montado num asno que eu havia alugado desde a véspera, parti, acompanhado do almocreve. Quando chegamos à rua da Devoção, disse ao dono do asno que perguntasse onde se achava a casa procurada. Obtendo a explicação, para lá me levou. Desci à porta, paguei-o e mandei-o de volta, recomendando-lhe de ir buscar-me no dia seguinte de manhã para me conduzir de novo ao khan de Mesrur.

Bati, e imediatamente duas pequenas escravas, brancas como a neve e muito bem-trajadas, abriram. Entrai, disseram-me, que nossa ama vos aguarda com impaciência. Há dois dias que não cessa de falar de vós. Entrei no pátio, e vi um grande pavilhão erguido sobre sete degraus, rodeado por uma grade que o separava de um jardim de admirável beleza. Além das árvores que só serviam para embelezá-lo e oferecer sombra, havia uma infinidade de outras carregadas de todo tipo de frutos. Encantou-me o gorjear de grande número de pássaros que mesclavam seu canto ao murmúrio de um jato de água de prodigiosa altura, situado no meio de um canteiro juncado de flores. Agradava à vista aquele jato: dragões dourados nos quatro cantos do tanque quadrado lançavam água em abundância, mais límpida do que cristal de rocha. Aquele lugar cheio de delícias me deu ótima ideia da minha conquista. As duas pequenas escravas me fizeram entrar num salão magnificamente mobiliado, e enquanto uma corria para avisar a ama

que eu chegara, a outra ficava comigo, fazendo-me contemplar todas as belezas do salão.””

Terminando essas últimas palavras, Sherazade se calou, vendo que o dia estava para despontar. Shahriar levantou-se curioso por saber o que faria o jovem de Bagdá no salão da dama do Cairo. A sultana contentou-o na noite seguinte:

136^A NOITE

— Senhor, o mercador, continuando a falar ao sultão de Casgar, assim prosseguiu:

“Não esperei muito tempo no salão. Minha amada não tardou em chegar, ornada de pérolas e diamantes, ofuscados, porém, pelo brilho dos seus olhos. O seu corpo, já não mais oculto pelo traje de passeio, pareceu-me o mais delgado e bem-feito do mundo. Nada vos direi da nossa alegria ao nos revermos, pois só saberia fazê-lo muito mal. Direi a vós apenas, que, após as primeiras saudações, nos sentamos num sofá, onde nos entretivemos com toda a satisfação imaginável. Serviram-nos, em seguida, as mais deliciosas iguarias. Pusemo-nos à mesa e, depois de comer, começamos a conversar até a noite. Trouxeram-nos, então, excelente vinho e frutos que provocavam sede, e bebemos ao som de instrumentos acompanhados pelas vozes das escravas. A dama também cantou e, com suas canções, acabou por me enternecer e tornar-me o mais apaixonado dos amantes. Finalmente, passei a noite a desfrutar todo tipo de prazer.

No dia seguinte, de manhã, após colocar habilmente sob o travesseiro a bolsa com as cinquenta moedas de ouro, despedi-me da dama, que me perguntou quando voltaria: Senhora, respondi-lhe, prometo-vos voltar essa noite. Pareceu-me contentíssima com a resposta, e acompanhou-me até a porta. Ao nos separarmos, suplicou-me que mantivesse a promessa.

Do lado de fora, aguardava-me o mesmo homem que para lá me levava com o asno. Montei, e voltei ao khan de Mesrur. Ao despedir o almocreve, não o paguei, a fim de que fosse buscar-me de tarde, à hora marcada.

Mal voltei ao alojamento, meu primeiro cuidado foi o de mandar comprar um bom carneiro e vários bolos, que enviei à dama. Ocupei-me, em seguida, de negócios sérios, até que chegasse o almocreve. Parti, então, com ele e rumei para a casa de minha amada, que me acolheu com a mesma alegria da véspera, e me ofereceu um banquete tão esplêndido quanto o primeiro.

Deixando-a no dia seguinte, entreguei-lhe outra bolsa de cinquenta moedas de ouro, e voltei para o khan de Mesrur...”

Sherazade, notando que já era dia, advertiu o sultão da Índia, que se levantou sem nada dizer. Pelo fim da noite seguinte, assim retomou a história iniciada:

137^A NOITE

“O mercador, dirigindo-se sempre ao sultão de Casgar, disse: Continuei a visitar a dama todos os dias, contou-me o jovem de Bagdá, e a deixar-lhe cada vez uma bolsa com cinquenta moedas de ouro. Isso durou até o dia em que os mercadores, aos quais havia confiado minhas mercadorias, e que visitava regularmente duas vezes por semana, nada mais me ficaram devendo. Vi-me, então, sem dinheiro e sem esperança de ganhá-lo.

Em tão terrível contingência, e prestes a me abandonar ao desespero, saí do khan sem saber o que fazer, e dirigi-me para o lado do castelo, onde havia grande número de pessoas reunidas para assistir a um espetáculo oferecido pelo sultão do Egito. Ao chegar, misturei-me à multidão e encontrei-me, por acaso, perto de um cavaleiro bem-montado e bem-trajado, trazendo no arção da sela uma sacola semiaberta, de onde saía um cordão de seda verde. Pondo a mão sobre a sacola, pensei que o cordão seria de uma bolsa. Enquanto assim refletia, passou do outro lado do cavaleiro um carregador transportando lenha, e passou tão perto que o cavaleiro foi obrigado a voltar-se, a fim de impedir que a lenha lhe rasgasse as vestes. Naquele momento, o demônio me tentou; peguei o cordão com uma das mãos, e ajudando-me com a outra, alarguei a abertura da sacola e tirei a bolsa sem que ninguém percebesse. Era pesada, e não duvidei de que lá tivesse ouro ou prata.

Quando o carregador passou, o cavaleiro, suspeitando aparentemente do que eu fizera, enquanto ele voltava a cabeça, enfiou a mão na sacola e, não encontrando mais a bolsa, deu-me um golpe tão forte com a sua machadinha que me fez cair ao chão. Os que testemunharam aquela violência se revoltaram e alguns levaram a mão às rédeas do cavalo para deter o cavaleiro e perguntar-lhe por que havia me batido, se lhe era permitido maltratar daquela forma um muçulmano: Que vos importa?, respondeu ele bruscamente; não o faço sem motivo, pois trata-se de um ladrão. Àquelas palavras, levantei, e, diante do meu ar de inocência, todos ficaram do meu

lado, gritando que ele não passava de um mentiroso, que era impossível que um jovem como eu tivesse cometido tão má ação. Enfim, sustentavam minha inocência, e enquanto seguravam seu cavalo para fazer com que eu fugisse, por minha desgraça, o chefe de polícia, seguido dos seus homens, passou por lá; vendo tanta gente a rodear o cavaleiro, aproximou-se e perguntou o que havia sucedido. Não houve quem não acusasse o cavaleiro de ter me maltratado injustamente, com o pretexto de eu o ter roubado.

O chefe de polícia não se contentou com o que se dizia. Perguntou ao cavaleiro se não desconfiava de outro, além de mim. O cavaleiro respondeu que não, e contou-lhe os motivos que tinha para crer que não se enganava nas suas suspeitas. O chefe de polícia, após ouvi-lo, ordenou aos seus homens que me prendessem e revistassem, o que eles fizeram imediatamente. E tirando-me a bolsa, mostraram-na a todos. Não suportei a vergonha, e caí sem sentidos. O chefe de polícia ordenou que lhe entregassem a bolsa...”

— Mas, senhor, sou obrigada a calar-me — disse Sherazade. — Se me concederdes mais um dia de vida, ouvireis a continuação da história.

Shahriar, que não tinha outra coisa em mente, levantou-se sem responder para cumprir seus deveres.

138^A NOITE

Pelo fim da noite seguinte, a sultana dirigiu-se a Shahriar:

— Senhor, assim prosseguiu o jovem de Bagdá:

“Quando o chefe de polícia recebeu a bolsa, perguntou ao cavaleiro se era a sua, e quanto dinheiro continha. O cavaleiro reconheceu-a imediatamente, e assegurou que continha vinte cequins. O chefe de polícia a abriu e, encontrando realmente no seu interior vinte cequins, entregou-a. Depois, voltando-se para mim, disse-me: Jovem, confessai a verdade. Fostes vós que roubastes a bolsa do cavaleiro? Não espereis que eu me valha do tormento para vos fazer confessar. Abaixando então os olhos, pensei: Se nego o fato, a bolsa que foi encontrada comigo me fará passar por mentiroso. Assim, para evitar um castigo dobrado, levantei a cabeça e confessei a verdade. Mal terminei, o chefe de polícia, diante de testemunhas, ordenou que me cortassem a mão. A sentença foi executada imediatamente, o que excitou a piedade de todos; notei até que o cavaleiro era o que estava mais comovido. O tenente de polícia queria, ainda, que me cortassem um pé; mas supliquei ao cavaleiro que me obtivesse o perdão, o que ele fez.

Quando o chefe de polícia continuou seu caminho, o cavaleiro aproximou-se de mim e me disse mostrando-me a bolsa: Bem vejo que foi a necessidade que vos levou a praticar ação tão vergonhosa e indigna de um jovem distinto como vós; pegai-a, e sinto muito a desgraça que vos sucedeu. E deixou-me. Como me sentisse fraco pelo sangue perdido, algumas pessoas caridosas do bairro tiveram a bondade de me levar para uma casa e oferecer-me um copo de vinho. Também trataram do meu braço e envolveram minha mão com um pano que levei comigo preso à cintura.

Se voltasse para o khan de Mesrur em tão tristes condições, não encontraria o auxílio de que precisava. Também teria sido ousadia apresentar-se à formosa dama. Nem quererá mais me ver, pensei, quando souber da minha infâmia. Não deixei, contudo, de tomar esse partido; e, para que os que me seguiam se cansassem de me acompanhar, enveredei por

ruelas afastadas e cheguei finalmente à casa da minha amada, tão fraco e fatigado que me lancei sobre o sofá, ocultando o braço direito sob as vestes.

Entretanto, a dama, avisada de que eu chegara e de que não me sentia bem, correu com presteza. E, vendo-me pálido e desfigurado, perguntou: Minha alma querida, que tens? Dissimulei. Senhora, respondi-lhe, aflige-me forte dor de cabeça. Senta-te, respondeu ela, pois eu me levantara para saudá-la, dize-me como aconteceu isso. Estavas tão bem na última vez em que tive o prazer de te ver! Há alguma coisa que me escondes. Dize-me o que é! Como eu me mantinha calado e, em vez de responder deixava que as lágrimas deslizassem pelas minhas faces, disse-me ela: Não compreendo o que te afliges. Terei eu sido a causa, sem pensar? E vens aqui somente para me dizer que já não me amas? Não é isso, senhora, respondi-lhe suspirando, e tão injusta suspeita mais ainda aumenta o meu sofrer.

Não conseguia dizer-lhe a verdadeira causa. Vindo a noite, serviram-nos comida. Mas não podendo valer-me senão da mão esquerda, supliquei à minha amada que me desculpasse, pois não tinha apetite. Tê-lo-ás, disse-me, quando me contares o que ocultas com tão grande obstinação. A tua falta de apetite provém, sem dúvida, de não conseguires decidir-te a falar. Ai! Senhora, respondi, no entanto será preciso que me decida. Mal terminei tais palavras, ela me ofereceu de beber, e apresentando-me a taça, disse-me: Toma, bebe, que isso te dará coragem. Adiantei a mão esquerda, e peguei a taça...”

Sherazade, percebendo o dia, parou de falar. Mas na noite seguinte, prosseguiu:

139^A NOITE

“Quando peguei a taça redobrei as lágrimas e suspirei profundamente. Por que suspiras e choras tão amargamente?, perguntou-me a dama. E por que pegas a taça com a mão esquerda? Ah, senhora, respondi-lhe, desculpe-me, eu te peço. Tenho um tumor na mão direita. Mostra-mo, respondeu ela, que quero furá-lo. Desculpei-me, dizendo que ainda não estava visível, e esvaziei a taça que era bem grande. Os vapores do vinho, o cansaço e o abatimento em que me encontrava fizeram com que fosse ficando cada vez mais sonolento, e dormi profundamente, até o dia seguinte.

Entretanto, a dama, querendo saber o que acontecera à minha mão direita, levantou as vestes que a ocultavam e viu, com o espanto que podeis imaginar, que estava cortada, e que eu a trazia embrulhada num pedaço de pano. Compreendeu sem esforço porque eu resistira aos seus pedidos, e passou a noite chorando minha desgraça, não duvidando de que me sobreviera por sua culpa.

Ao despertar, notei pela sua fisionomia que estava profundamente amargurada. Contudo, para não me entristecer, nada me disse; mandou que me servissem um ensopado de aves, e fez-me comer e beber para recobrar as forças. Depois, eu quis ir embora, mas ela, segurando-me pelas vestes, respondeu: Não permitirei que saias daqui. Embora nada me digas, estou convencida de que sou eu a causa da desgraça que se abateu sobre ti. A minha dor não me deixará viver muito tempo; mas antes que eu morra é preciso que realize um plano que tenho em teu favor. Assim, mandou chamar um oficial de justiça e testemunhas e deu ordem para que fosse preparada em meu favor a doação de todos os seus bens. Após despedir todos, abriu um grande cofre onde se encontravam todas as bolsas que eu lhe dera desde o começo dos nossos amores. Estão intactas, disse-me, não toquei uma sequer. Toma, eis aqui a chave do cofre do qual és dono. Agradei-lhe a generosidade. Nada é, disse-me, o que acabo de fazer por ti, e ficaria contentíssima se não morresse ainda, para provar o amor que tenho por ti.

Supliquei-lhe por tudo quanto o amor tem de mais forte que abandonasse tão funesta resolução; mas não consegui fazer com que desistisse do seu intento; e a dor de me ver sem mão causou-lhe uma doença de cinco ou seis semanas, da qual veio a falecer.

Após chorar sua morte como devia, herdei todos os seus bens; e o sésamo que vos destes o trabalho de vender para mim era parte integrante deles...” Sherazade quis continuar, mas o dia a impediu. Na noite seguinte, retomou o fio da história.

140^A NOITE

“Assim o jovem de Bagdá acabou de contar sua história: ‘O que acabastes de ouvir há de vos servir de desculpa por ter eu comido com a mão esquerda; agradeço-vos muito o trabalho que tivestes comigo. Não posso deixar de reconhecer bastante a vossa fidelidade; e como possuo, graças a Deus, numerosos bens, apesar de muito ter gastado, suplico-vos que aceite o presente que vos faço da quantia que me deveis. Além disso, tenho uma proposta para vós. Não podendo continuar no Cairo depois do que vos contei, resolvi partir para nunca mais voltar. Se quiserdes me acompanhar, negociaremos juntos e dividiremos igualmente o lucro.’

‘Quando o jovem de Bagdá terminou sua história’, disse o mercador cristão, ‘agradeci-lhe da melhor forma possível o presente que me fazia, e quanto à sua proposta de viajar com ele disse-lhe que a aceitava de muito boa vontade, assegurando-o de que os seus interesses seriam para mim tão caros quanto os meus.

Aguardamos o dia para a partida. Quando chegou, pusemo-nos a caminho. Passamos pela Síria e pela Mesopotâmia, atravessamos toda a Pérsia, onde, após nos determos em várias cidades, chegamos finalmente à vossa capital, senhor. Depois de algum tempo, tendo-me dito o jovem que planejava voltar para a Pérsia e nela estabelecer-se, acertamos as contas e nos separamos satisfeitos um com o outro. Ele partiu; e eu, senhor, fiquei nessa cidade, onde tenho a honra de estar ao serviço de Vossa Majestade. Eis a história que vos devia contar. Não a achais mais surpreendente que a do corcunda?’

O sultão de Casgar encolerizou-se contra o mercador cristão: ‘És bem ousado em me contar uma história tão pouco digna da minha atenção e em compará-la à do corcunda! Ousas persuadir-me de que as insulsas aventuras de jovem estroina sejam mais admiráveis que as do meu corcunda? Ordeno que vos enforcuem todos os quatro, para vingar a sua morte.’

Àquelas palavras, o fornecedor, aterrorizado, lançou-se aos pés do sultão: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘suplico-vos suspender vossa justa cólera, ouvir-me e conceder-nos perdão aos quatro, se a história que eu contar for mais linda que a do corcunda.’ ‘Concedo-te o que me pedes’, respondeu o sultão. ‘Fala, pois.’ O fornecedor, tomando então a palavra, disse:

A história contada pelo fornecedor do sultão de Casgar

‘Senhor, uma pessoa importante me convidou ontem para as núpcias de sua filha. À hora marcada, para lá me dirigi, encontrando um grupo de doutores, oficiais de justiça e outras pessoas distintas dessa cidade. Após a cerimônia, serviram-nos um magnífico festim; pusemo-nos à mesa, e cada um comeu o que mais lhe aprouve. Havia, entre outras coisas, um prato preparado com alho, excelente, que todos desejavam; e como observamos que um dos comensais não se apressava em comer, embora o tivesse na frente, convidamo-lo a nos imitar. Suplicou-nos que não insistíssemos. Não serei eu, disse-nos ele, quem toque guisado em que tenha alho; não me esqueci do que me custou por tê-lo experimentado em outros tempos. Pedimos-lhe que nos contasse o que lhe havia causado tão grande aversão. Mas, sem lhe dar tempo de nos responder, disse o dono: É assim? Que fazeis à minha mesa? Esse guisado é delicioso. Não deixeis, pois, de prová-lo. Quero que me concedais tal honra. Senhor, respondeu-lhe o conviva, que era mercador de Bagdá, não julgueis que assim procedo por falsa delicadeza; obedecer-vos-ei, se o exigirdes; mas será com a condição de, após comer, lavar as mãos quarenta vezes com kali;^[39] outras quarenta vezes com cinza da mesma planta, e outras tantas com sabão. Não me censurareis por agir assim, visto que fiz o voto de somente com tal condição comer guisado com alho.’”

Terminando estas palavras, Sherazade, vendo nascer o dia, calou-se, e Shahriar se levantou, interessadíssimo em saber por que havia jurado o mercador lavar-se 120 vezes após comer guisado com alho. A sultana satisfez-lhe a curiosidade pelo fim da noite seguinte:

141^A NOITE

“O fornecedor continuou a falar ao sultão de Casgar:

‘O dono da casa, não querendo que o mercador ficasse sem comer o guisado com alho, ordenou aos seus servidores que aprontassem uma bacia com água e kali, cinza da mesma planta e sabão, a fim de que o mercador se lavasse quantas vezes quisesse. Depois de dar essa ordem, virou-se para o mercador e disse: Fazei agora como nós, e comei. O kali, a cinza da mesma planta e o sabão não hão de vos faltar.

O mercador, encolerizado pela imposição, estendeu a mão, pegou um pedaço, que levou, tremendo, à boca, e comeu-o com uma repugnância que muito nos espantou. Mas o que mais nos espantou foi vermos que só tinha quatro dedos, pois faltava o polegar. Até então, ninguém o tinha notado, apesar de ele já ter comido outros pratos. O dono da casa tomou imediatamente a palavra: Não tendes polegar, pelo que vemos. Como o perdestes? Senhor, respondeu ele, não é apenas na mão direita que me falta o polegar; também não o possuo na esquerda. Ao mesmo tempo, mostrando-nos a mão esquerda, provou-nos que era verdade o que dizia.

E isso não é tudo, acrescentou. Falta-me também o dedão de cada um dos pés. Fiquei assim por uma aventura inaudita que não me recuso a vos contar, se tiverdes a paciência de me ouvir. Causar-vos-á assombro, estou certo, mas também piedade. Permiti, no entanto, que antes eu lave as mãos. Levantou-se da mesa e, após lavar as mãos 120 vezes, voltou ao seu lugar, e começou sua história:

Sabereis, senhores, que no reinado do califa Harun al-Rashid vivia meu pai em Bagdá, onde nasci; e passava por um dos mais ricos mercadores da cidade. Como se tratava, porém, de homem apegado aos prazeres, amigo da devassidão, e que descuidava dos negócios, em vez de herdar grandes bens, quando ele morreu, precisei de toda a economia imaginável para pagar as dívidas que me deixara. Consegui, por fim, solvê-las. E, pelos meus esforços, a sorte começou a me sorrir.

Certa manhã, ao abrir a loja, uma dama montada numa mula, acompanhada de um eunuco e seguida por dois escravos, deteve-se ao passar diante da minha porta. Apeando-se com o auxílio do eunuco, disse-lhe este: Senhora, eu bem vos havia dito que vínheis demasiadamente cedo. Como vedes, não há ainda ninguém no bezestein; se me houvésseis dado crédito, ter-vos-íeis poupado o trabalho de esperar. Ela olhou para todos os lados, e notando que, realmente, não havia outras lojas abertas a não ser a minha, aproximou-se sorrindo e pediu-me que a deixasse descansar, à espera dos outros mercadores. Respondi-lhe como me cumpria...”

Sherazade não teria parado, se o dia não lhe houvesse imposto silêncio. O sultão da Índia, que desejava ouvir a continuação da história, aguardou impientemente a noite.

142^A NOITE

A sultana, despertada por sua irmã Dinazade, dirigiu a palavra ao sultão.

— Senhor, o mercador assim continuou sua história:

“A dama sentou-se na minha loja e, notando que em todo o bezestein só se encontravam o eunuco e eu, descobriu o rosto para refrescar-se. Nunca vi um rosto tão lindo. Vê-la e amá-la apaixonadamente foi a mesma coisa para mim. Dela não conseguia afastar os olhos. Pareceu-me que o meu interesse não lhe desagradava, pois que me deu o tempo necessário para contemplá-la à vontade, só cobrindo o rosto quando a obrigou o temor de ser vista.

Depois de velar-se novamente, disse-me que procurava vários tipos de tecidos dos mais belos e ricos, que ela especificou, perguntando-me, em seguida, se eu os possuía. Ai de mim, senhora, respondi-lhe, sou um jovem mercador ainda no início da carreira. Não sou tão rico assim para tão grande negócio, e é uma mortificação para mim não poder mostrar-vos nada do que vindes procurar no bezestein; mas para vos poupar o trabalho de ir de loja em loja, mal cheguem os mercadores irei buscar com eles tudo quanto desejardes. Dar-me-ão o justo preço, e sem vos moverdes fareis aqui as vossas compras. Ela consentiu, e ficamos conversando muito tempo, tanto que eu lhe dizia a todo instante que os mercadores não tinham chegado ainda.

O seu espírito encantou-me tanto quanto a beleza do seu rosto. Finalmente, tive de privar-me do prazer da conversação, e fui procurar os tecidos por ela desejados; quando escolheu os que mais lhe agradavam, fixamos o preço em cinco mil dracmas de prata, e preparei um pacote que o eunuco se encarregou de transportar. A dama levantou-se, então, e partiu, após despedir-me de mim. Conduzi-a com os olhos até a porta do bezestein, e não parei de contemplá-la até o instante em que montou no animal.

Mal a dama desaparecera, percebi que o amor me havia feito cometer grande falta. Perturbado como estava, não notara que ela se afastava sem pagar-me, e que eu sequer lhe havia perguntado quem era e onde morava. Devia, assim, considerável quantia a vários mercadores, que não teriam

certamente paciência para esperar. Desculpei-me com eles da melhor maneira possível, dizendo-lhes que conhecia a dama. Finalmente, voltei para casa perdido de amores e perplexo diante de tão grande dívida...”

Sherazade, nesse ponto, vendo surgir o dia, calou-se. Na noite seguinte, assim prosseguiu:

143^A NOITE

“Eu havia pedido aos meus credores, prosseguiu o mercador, que esperassem oito dias para receber o que lhes era devido. No fim desse prazo, pediram que eu os pagasse. Supliquei-lhes que me concedessem outro prazo, e consentiram. Mas, no dia seguinte, vi chegar a dama, montada na mula, com o mesmo séquito e à mesma hora que a primeira vez. Dirigiu-se diretamente para a minha loja. Tivestes de esperar, disse-me ela, mas finalmente vos trago o dinheiro dos tecidos que comprei no outro dia. Levai-o ao trocador, para que verifique se é realmente bom. O eunuco, que o trazia, foi comigo ao trocador, que me garantiu ser a quantia certa e de muito boa prata. Voltei, e tive ainda a ventura de conversar com a dama até que estivessem abertas todas as lojas do bezestein. Embora só falássemos de trivialidades, na sua boca me pareciam novas, o que me deu a ver que não havia me enganado ao julgá-la, desde a primeira conversação, senhora de muito espírito.

Quando os mercadores chegaram e abriram suas lojas, levei o que devia aos que tinham me cedido os tecidos, e não tive trabalho para que me confiassem outros procurados pela dama. Gastei mil moedas de ouro, e a dama levou mais uma vez a mercadoria sem me pagar, sem nada me dizer, e sem dar-se a conhecer. O que me espantou foi que ela nada assinava, e que eu ficava sem garantia no caso de nunca mais a rever. Paga-me importante quantia, pensei, mas deixa-me devedor de outra maior ainda. Será uma impostora? Será possível que tenha me enganado da primeira vez para melhor me arruinar? Os mercadores não a conhecem, e a mim é que virão cobrar. O amor não foi tão forte que me impedisse de fazer tristes reflexões. Meu medo foi aumentando dia a dia, durante um mês inteiro, que se passou sem que eu recebesse notícias da dama desconhecida. Finalmente, os mercadores perderam a paciência; e, para satisfazê-los, eu estava prestes a vender tudo quanto me pertencia, quando a vi voltar certa manhã.

Pegai vossa balança, disse-me, para pesardes o ouro que vos trago. Aquelas palavras dissiparam todo o meu medo e redobraram o meu amor. Antes de contar as moedas de ouro, ela fez-me várias perguntas, e, entre outras, se eu era casado. Respondi-lhe que não, que nunca o fora. Dando, então, o ouro ao eunuco, disse-lhe: Ajuda-nos a terminar o assunto. O eunuco pôs-se a rir, e, afastando-se, fez-me pesar o ouro. Enquanto o pesava, disse-me ao ouvido: Só de olhar para vós sei perfeitamente que amais minha senhora e estou surpreso por não terdes a ousadia de lhe revelar o vosso amor; ela, por sua vez, vos ama também, não julgueis que precisa desses tecidos; só vem aqui porque lhe inspirais violenta paixão. Eis por que vos perguntou se eras casado. Resta-vos falar somente, se quiserdes desposá-la. É verdade, respondi-lhe, que senti nascer o amor desde o primeiro instante em que a vi; mas não ousava aspirar à felicidade de lhe agradar. Pertenço-lhe, contudo, e não deixarei de reconhecer o bom serviço que estás me prestando.

Enfim, terminei de pesar as moedas de ouro, e, enquanto tornava a guardá-las no saco, o eunuco, voltando-se para a dama, disse-lhe que eu estava contentíssimo. Era a palavra combinada entre eles. Imediatamente a dama, que se achava sentada, levantou-se e retirou-se, dizendo-me que enviaria o eunuco e que só me restaria fazer o que ele me dissesse.

Entreguei a cada mercador o dinheiro devido e aguardei impacientemente o eunuco durante vários dias. Chegou, por fim.”

— Mas, senhor — disse Sherazade ao sultão da Índia —, eis o dia.

E calou-se. Na noite seguinte, assim retomou o fio da história:

144^A NOITE

“Dei mostras da minha alegria ao eunuco, disse o mercador de Bagdá, e perguntei-lhe como estava passando sua ama. Sois, respondeu-me, o mais feliz amante do mundo. Ela está doente de amor. Não há quem mais deseje ver-vos do que ela; se tivesse liberdade, viria procurá-lo e passaria de boa vontade convosco todos os momentos da sua vida. Pelo seu ar nobre e pelas suas maneiras, respondi-lhe, não duvidei de que se tratasse de dama de consideração. Não vos enganastes, respondeu o eunuco. É a favorita de Zobeida, esposa do califa, que lhe quer muito bem, visto que a criou desde a infância e lhe confia todas as suas compras. Planejando se casar, declarou à esposa do Comendador dos Crentes que vos havia escolhido e pediu-lhe consentimento. Zobeida disse-lhe que consentia, com a condição de ver-vos antes, a fim de verificar se ela escolhera bem, e que, se simpatizasse convosco, pagaria todas as despesas das núpcias. Portanto, vossa ventura é certa. Se agradastes à favorita, agradareis também à esposa do califa, que jamais lhe contrariaria a inclinação. Trata-te, pois, de ir ao palácio, e é por isso que estou aqui. Cabe a vós decidir. Já decidi, respondi, e estou pronto a segui-lo para onde quiserdes me levar. Está bem, prosseguiu o eunuco. Mas sabeis que os homens não podem entrar nos aposentos das damas do palácio e que ali só penetrareis mediante medidas que exigem grande segredo; a favorita já as tomou. Por vossa vez, farei tudo quanto depender de vós, mas sobretudo sede discreto, pois se trata da vossa vida.

Assegurei-o de que faria exatamente o que me fosse ordenado. É preciso, portanto, disse-me ele, que essa noite, ou melhor, ao cair da noite, vos dirijais à mesquita que Zobeida, esposa do califa, mandou construir à margem do Tigre, e que ali aguardeis. Consenti em tudo e aguardei o fim do dia com impaciência. Quando a noite chegou, parti, e assisti à prece de uma hora e meia depois do pôr do sol na mesquita, de onde saí por último.

Em breve, vi chegar um barco cujos remadores eram todos eunucos. Desembarcando, levaram para a mesquita vários cofres grandes, após o que se

retiraram. Só restou um, que reconheci como sendo o que sempre havia acompanhado a dama dos meus sonhos e que me falara de manhã. Vi também entrar a dama; dirigi-me a ela, dizendo-lhe que estava pronto a executar suas ordens. Não temos tempo a perder, disse-me. E, abrindo um dos cofres, ordenou-me que me metesse lá dentro. É preciso, acrescentou, para vossa segurança e para a minha. Nada temais, e deixai que eu cuide de tudo. Já havia avançado demais para recuar; por conseguinte, fiz o que desejava. Imediatamente, a dama fechou o cofre a chave. Em seguida, o eunuco, seu confidente, chamou os outros eunucos que haviam descarregado os cofres e mandou levá-los de volta ao barco; depois, a dama e seu eunuco embarcaram, e eu fui levado aos aposentos de Zobeida.

Durante aquele tempo, entreguei-me a sérias reflexões; e, considerando o perigo em que me encontrava, arrependi-me de a ele ter me exposto. Fiz votos e orações que não eram fora de propósito.

O barco parou diante da porta do palácio do califa; os cofres foram descarregados e levados à sala do oficial dos eunucos, encarregado da chave dos aposentos das damas, que não deixava ninguém entrar sem revistar bem antes. Foi preciso acordar o oficial adormecido.”

— Mas, senhor — disse Sherazade, nesse ponto —, vejo o dia, e sou obrigada a calar-me.

Shahriar se levantou para ir ao conselho, mas com o firme propósito de ouvir no dia seguinte a continuação dessa história que muito o interessava.

145^A NOITE

Antes de amanhecer, a sultana da Índia, despertando, assim continuou a história do mercador de Bagdá:

“O oficial dos eunucos, aborrecido por lhe interromperem o sono, censurou asperamente a favorita por voltar tão tarde: Não passareis tão facilmente como supondes, disse-lhe; nenhum desses cofres deixará de ser aberto, para que eu o examine devidamente. Ao mesmo tempo, ordenou aos eunucos que os trouxessem à sua presença, um depois do outro, e os abrissem. Começaram pelo em que eu me achava. Dominou-me, então, um terror, que não consigo expressar e eu me vi perdido.

A favorita, que tinha a chave, protestou, afirmando que não a entregaria e que não permitiria que abrissem aquele cofre: Bem sabes, disse, que nada faço que não seja por ordem de Zobeida, nossa ama. Esse cofre está cheio de mercadorias preciosas a mim confiadas por mercadores recém-chegados. Há, além disso, certo número de garrafas de água da fonte de Zemzem,^[40] enviadas de Meca. Se uma delas se quebrar, as mercadorias se estragarão e tu serás o responsável; a mulher do Comendador dos Crentes saberá muito bem vingar-se da tua insolência. Enfim, falou com tamanha firmeza que o oficial não ousou examinar o cofre em que eu me achava nem os outros: Ide, pois, disse encolerizado, ide! Aberto o aposento das damas, para lá foram levados os cofres.

Mal entraram, ouvi gritar de repente: O califa! O califa! Aquelas palavras aumentaram meu terror a ponto de eu não saber como não morri na hora. Era realmente o califa: Que trazeis nesses cofres?, perguntou ele à favorita. Comendador dos Crentes, respondeu ela, são tecidos recém-chegados que vossa esposa deseja ver. Abri-os, prosseguiu o califa, também quero vê-los. Ela quis se desculpar, dizendo-lhe que os tecidos só serviam para mulheres, e que seria tirar à sua esposa o prazer de ser a primeira a contemplá-los. Abri, eu vo-lo ordeno, respondeu ele. A dama fez-lhe ver que, obrigando-a a trair sua ama, ele a expunha à sua cólera. Não, não, respondeu o califa, prometo-

vos que ela nada vos fará. Abri-os, portanto, e não me façais esperar mais tempo.

Foi preciso obedecer. Senti-me, então, tão alarmado. Ainda hoje, quando penso, estremeço. O califa se sentou e a favorita, mandando trazer à sua presença todos os cofres, um depois do outro, abriu-os. Para ir tomando tempo, fazia-lhe notar as belezas de cada tecido em particular. Queria esgotar-lhe a paciência, mas não conseguiu. Como não estava menos interessada do que eu em não abrir o cofre em que eu me encontrava, não se apressava em mandar trazê-lo. Só restava aquele. Acabemos, ordenou o califa, vejamos ainda o que há nesse. Não posso dizer se estava vivo ou morto naquele momento; o certo é que não esperava escapar a tão grande perigo...”

Sherazade, diante do dia, interrompeu sua história; mas, pelo fim da noite seguinte, assim continuou:

146^A NOITE

“Quando a favorita de Zobeida’, prosseguiu o mercador de Bagdá, ‘viu que o califa queria realmente que ela abrisse o cofre que me ocultava, disse-lhe: Quanto a este, conceder-me-eis a graça de me dispensar de mostrar-vos o que contém. São coisas que só vos posso mostrar na presença de vossa esposa. Bem, disse o califa, estou satisfeito. Mandai levar vossos cofres. Ela ordenou que os retirassem imediatamente para o seu quarto, onde comecei a respirar.

Mal os eunucos se retiraram, ela abriu imediatamente o cofre em que eu estava e me disse: Saí, mostrando-me uma escadaria que conduzia a um quarto no andar superior; subi e esperai-me. Tão logo fechou a porta, o califa entrou e sentou-se sobre o cofre que eu acabava de abandonar. Levava-o àquela visita uma curiosidade que me não dizia respeito. Pretendia fazer perguntas sobre o que ela vira ou ouvira na cidade. Conversaram longamente, após o que o califa a deixou, retirando-se para seu aposento.

Quando se viu livre, a dama veio encontrar-me, desculpando-se por todos os sustos que me proporcionara: O meu temor, disse-me ela, não foi menor que o vosso; não duvideis, porque sofri por vós e por mim, já que corria o mesmo perigo. Outra no meu lugar não teria tido a coragem de livrar-se de tão delicada situação. Tive de recorrer à ousadia e à presença de espírito, ou antes foi preciso ter o amor que vos tenho para livrar-me do embaraço; mas tranquilizai-vos, já não há mais nada o que temer. Após conversarmos algum tempo com muita ternura, ela me disse: Convém que repouseis. Deitai-vos. Não deixarei de vos apresentar amanhã a Zobeida, minha ama, a qualquer hora do dia, e é coisa fácil, porque o califa só a vê de noite. Acalmado por aquelas palavras, dormi tranquilamente, ou se o meu sono foi às vezes interrompido por inquietações, foram causadas pela esperança de possuir dama dotada de tão grande inteligência e beleza.

No dia seguinte, a favorita de Zobeida, antes de me fazer aparecer perante a ama, ensinou-me como devia me comportar, repetiu-me mais ou

menos as perguntas que a princesa me faria e deu-me as respostas que convinha apresentar. Depois levou-me a uma sala onde tudo era de surpreendente limpeza, riqueza e magnificência. Ainda não entrara quando vinte escravas, bastante idosas, todas trajadas com vestes ricas e iguais, saíram do gabinete de Zobeida e foram colocar-se diante de um trono em duas filas iguais, com grande modéstia. Seguiram-nas outras vinte damas jovens, vestidas como as primeiras, com uma diferença, contudo, de que as suas vestes tinham algo de mais gracioso. Zobeida apareceu no meio destas com majestade e tão coberta de pedras preciosas e joias que mal podia caminhar, indo sentar-se ao trono. A favorita postou-se à sua direita, enquanto as escravas um pouco mais afastadas se alinhavam aos dois lados do trono.

Mal a esposa do califa se sentou, as escravas que entraram primeiro me ordenaram, por um sinal, que eu me aproximasse. Avancei no meio das duas filas e prostrei-me sobre o tapete aos pés da princesa. Ela ordenou que eu me levantasse e concedeu-me a honra de indagar do meu nome, de minha família e do estado da minha fortuna. Alegraram-nas as minhas respostas, o que percebi não somente pelo seu aspecto, pois ela mesma me deu a conhecer o seu contentamento, pelo que teve a bondade de me dizer: Estou muito alegre por ter minha filha (assim chamava a favorita), pois tal a considero em vista do cuidado que me inspirou sua educação, escolhido tão bem; aprovo sua escolha e consinto que vos caseis. Eu mesma ordenarei os preparativos das núpcias; mas, antes, preciso de minha filha por dez dias; durante esse tempo, falarei ao califa e obterei seu consentimento, e vós ficareis aqui. Sereis bem-tratado...”

Terminando essas palavras, Sherazade percebeu o dia e deixou de falar. Na noite seguinte, assim continuou:

147^A NOITE

“Passei dez dias nos aposentos das damas do califa, continuou o mercador de Bagdá. Durante todo esse tempo, fiquei privado do prazer de contemplar a dama favorita; mas trataram-me tão bem, a pedido seu, que só tive motivos de satisfação.

Zobeida transmitiu ao califa sua resolução de permitir que a favorita contraísse núpcias; e o príncipe, dando-lhe a liberdade de fazer o que melhor lhe parecesse, concedeu à favorita considerável quantia para contribuir. Passados os dez dias, Zobeida mandou preparar o contrato de casamento. Fizeram-se os preparativos das núpcias: chamaram-se os músicos, os dançarinos e as dançarinas e, durante nove dias, houve grande regozijo no palácio. No décimo, destinado à última cerimônia, a favorita foi levada ao banho. Quanto a mim, levaram-me a outro; e, ao cair da noite, à mesa, serviram-me todo tipo de iguarias, entre outras um guisado com alho, como esse que, a contragosto, acabei de comer. Achei-o tão bom que nem toquei nas outras iguarias. Mas, para minha desgraça, ao levantar-me da mesa, contentei-me em enxugar as mãos em vez de lavá-las, negligência que eu pela primeira vez cometia.

Como já era noite, a claridade do dia fora substituída por grande iluminação nos aposentos das damas. Os músicos tocaram, houve danças e jogos. Todo o palácio ecoava alegria. Introduziram-nos, minha mulher e eu, numa grande sala, onde pediram que nos sentássemos em dois tronos. As mulheres que a serviam fizeram-na trocar várias vezes de vestido, e pentearam-na de várias maneiras, segundo o costume do dia de núpcias; cada vez que lhe trocavam o vestido, deixavam que eu a visse.

Finalmente as cerimônias findaram, e levaram-nos à alcova nupcial. Mal nos deixaram sozinhos, aproximei-me de minha esposa para abraçá-la, mas em vez de me corresponder, repeliu-me com força e pôs-se a gritar atraindo imediatamente todas as damas, ansiosas em saber a causa dos gritos. Quanto a mim, dominado pelo assombro, eu ficara imóvel, sem nada perguntar. Nossa

querida irmã, perguntaram-lhe, que sucedeu? Dizei-nos, para que possamos ajudar. Tirai da minha presença, respondeu ela, esse vilão. Mas, senhora, intervi, em que tive a desgraça de merecer vossa cólera? Sois um vilão, respondeu-me ela, enfurecida, comeste alho e não lavastes as mãos! Julgais que eu permita que homem tão sujo se aproxime de mim para me macular? Deitai-o sobre o chão e trazei-me um nervo de boi. Fui imediatamente atirado ao chão e, enquanto umas me seguravam pelos braços e outras pelos pés, minha mulher me bateu impiedosamente até que as forças lhe faltassem. Disse, então, às damas: Pegai-o, e mandai-o ao tenente da polícia, para que lhe seja cortada a mão direita com a qual comeu guisado com alho. Àquelas palavras, exclamei: Por Deus! Estou moído de pancadas, mortalmente aflito, e, ainda por cima, me condenam a perder minha mão! Por quê? Por ter comido um guisado com alho, e ter me esquecido de lavar as mãos! Quanta cólera por uma insignificância! Maldito seja o guisado com alho! Maldito seja o cozinheiro que o preparou, e maldito seja quem o serviu!”

A sultana Sherazade, notando que já era dia, se deteve. Shahriar se levantou, rindo-se da cólera da favorita, e curiosíssimo por saber o fim da história.

148^A NOITE

Na noite seguinte, Sherazade, acordando antes do amanhecer, retomou a história:

“Todas as damas, disse o mercador de Bagdá, que tinham me visto receber mil golpes de nervo de boi, se apiedaram de mim ao ouvirem falar do corte da mão: Nossa querida irmã, disseram à favorita, levais longe demais vosso ressentimento. Sem dúvida, é um homem que não sabe viver, que ignora vossa posição e as considerações que vos são devidas; mas vos suplicamos esquecer a falta que contra vós cometeu e perdoar-lhe. Não estou satisfeita, respondeu ela. Quero que ele aprenda a viver e traga sinais sensíveis da sua sujeira que nunca mais comerá guisado com alho sem que depois lave as mãos. As damas não desanimaram. Lançando-se-lhe aos pés, e beijando-lhe as mãos, disseram-lhe: Em nome de Deus, moderai vossa cólera e concedei-nos a graça que vos pedimos. Ela não lhes respondeu e levantou-se. Em seguida, após dirigir-me mil insultos, saiu do quarto. Todas as damas a seguiram, deixando-me sozinho, numa aflição inconcebível.

Fiquei dez dias sem ver ninguém, a não ser uma velha escrava que me levava comida. Perguntei-lhe como estava a dama favorita. Doente, disse a escrava, com o veneno que lhe destes a cheirar. Por que não tivestes o cuidado de lavar as mãos após comerdes o maldito guisado com alho? É possível, refleti, que a delicadeza dessas damas seja tão grande e que sejam tão vingativas por uma insignificância? Mas eu amava minha mulher, apesar da sua crueldade, e não me cansava de chorar por ela.

Um dia, disse-me a escrava: Vossa esposa está curada; foi ao banho e encarregou-me de vos informar que virá visitar-vos amanhã. Tende, pois, paciência, e tratai de submeter-vos ao seu capricho. Aliás, é pessoa muito sensata e querida por todas as damas que vivem ao lado de Zobeida, nossa respeitável ama.

Verdadeiramente, minha mulher apareceu no dia seguinte e disse-me: É por ser muito bondosa que venho vos visitar, após a ofensa que me fizestes.

Mas não posso decidir reconciliar-me convosco sem antes punir-vos como o mereceis, por não terdes lavado as mãos depois de comerdes guisado com alho. Terminando essas palavras, chamou as damas, que, a um sinal seu, me deitaram sobre o chão; em seguida, pegando uma navalha, teve a crueldade de cortar-me, ela mesma, os dois polegares e os dois dedões. Uma das damas aplicou sobre os cortes certa raiz para estancar o sangue, o que não impediu, porém, que eu desmaiasse em virtude do sangue perdido e da dor.

Recobrei os sentidos, contudo, e deram-me vinho, para recobrar as forças. Ah, senhora, disse então para minha esposa, se um dia eu tiver a desgraça de comer guisado com alho, juro-vos que, em lugar de uma vez, lavarei as mãos 120 vezes, com kali, cinza da mesma planta e sabão. Pois, bem, respondeu minha esposa, com essa condição, esquecerei o passado, e viverei convosco.

Eis, senhor, acrescentou o mercador de Bagdá, dirigindo-se ao anfitrião, o motivo pelo qual recusei comer guisado com alho...”

O dia não permitiu que Sherazade prosseguisse, o que ela fez, porém, na noite seguinte.

149^A NOITE

— Senhor, assim terminou o mercador de Bagdá a sua história:

“As damas não se contentaram em aplicar sobre os meus ferimentos a raiz que falei. Também os banharam em bálsamo de Meca, que não podia ser falsificado, visto que provinha da drogaria do califa. Com esse admirável bálsamo, fiquei completamente curado em poucos dias, e minha esposa e eu vivemos juntos, como se eu jamais tivesse comido guisado com alho. Mas como havia sempre gozado de liberdade, aborrecia-me muito estar encerrado no palácio do califa; contudo, nada dizia a minha esposa, com medo de ofendê-la. Mas ela percebeu, pois que também ambicionava sair. Somente o reconhecimento é que a retinha ao lado de Zobeida. Sendo inteligente, porém, tão bem contou à dama o constrangimento que eu experimentava por não viver na cidade com as pessoas da minha condição, como sempre fizera, que a boa princesa preferiu privar-se do prazer de ter ao seu lado a favorita a não conceder-lhe o que nós desejávamos.

Por isso, um mês depois do nosso casamento, vi aparecer minha esposa com vários eunucos, trazendo, cada um, um saco cheio de moedas de prata. Quando os eunucos se retiraram, ela me disse: Escondestes-me o tédio que vos causa sua estada na corte; mas eu notei e tive a sorte de conseguir um meio de vos alegrar. Zobeida, minha ama, permite que nos retiremos do palácio; eis aqui cinquenta mil cequins, presente seu, para que possamos viver comodamente na cidade. Pegai dez mil, e ide comprar uma casa.

Em breve encontrei uma por aquele preço; e, após mobiliá-la magnificamente, para lá nos transferimos. Levamos grande número de escravos de ambos os sexos e compramos uma belíssima carruagem. Enfim, começamos a levar uma vida agradabilíssima, que infelizmente não durou. Um ano depois, minha esposa adoeceu e, em poucos dias, morreu.

Eu teria podido casar-me novamente e continuar vivendo em Bagdá, mas um desejo de viajar me inspirou outra ideia. Vendi minha casa, e, após

comprar várias mercadorias, uni-me a uma caravana e fui à Pérsia. De lá, tomei a estrada de Samarcanda,^[41] de onde vim fixar-me nessa cidade.

‘Eis, senhor’, disse o fornecedor, que falava ao sultão de Casgar, ‘a história narrada ontem pelo mercador de Bagdá ao grupo em que eu me encontrava.’ ‘Essa história’, respondeu o sultão, ‘tem algo de extraordinário, mas não se compara à do corcunda.’ O médico judeu, então, avançando, prostrou-se diante do trono do sultão, e disse-lhe: ‘Senhor, se quiserdes ter a bondade de me ouvir, gabo-me de que ficareis satisfeito com a minha história.’ ‘Pois bem, fala’, respondeu-lhe o sultão; ‘mas se ela não for mais surpreendente que a do corcunda, não esperes que eu te perdoe...’”

A sultana Sherazade deteve-se porque já era dia. Na noite seguinte, assim recomeçou:

150^A NOITE

— Senhor — disse Sherazade —, o médico judeu, vendo o sultão de Casgar disposto a ouvi-lo, assim respondeu:

A história contada pelo médico judeu

“Senhor, quando eu estudava medicina em Damasco, e começava a exercer tão bela arte com alguma fama, um escravo me procurou um dia para que eu fosse ver um doente na casa do governador da cidade. Fizeram-me entrar num quarto onde encontrei um jovem formoso, mas abatido pelo mal de que sofria. Saudei-o e sentei-me perto dele. Não respondeu ao meu cumprimento, mas com os olhos me deu a entender que me ouvia e agradecia. Senhor, disse-lhe eu, dai-me a vossa mão, para que vos tome o pulso. Em vez de estender a mão direita, apresentou-me a esquerda, o que me surpreendeu bastante. Eis aqui, pensei, um ignorante que não sabe que ao médico se apresenta sempre a mão direita, e nunca a esquerda. Não deixei, contudo, de lhe tomar o pulso; e depois de aviar uma receita, retirei-me.

Continuei minhas visitas durante nove dias; e todas as vezes que lhe tomava o pulso, o jovem me estendia sua mão esquerda. No décimo dia, pareceu-me tão bem-disposto que eu lhe disse restar-lhe apenas uma coisa a fazer: ir ao banho. O governador de Damasco, que se achava presente, para me demonstrar sua alegria, mandou que me vestissem, na sua presença, com um traje riquíssimo, dizendo-me que me nomeava médico do hospital da cidade, e médico da sua Casa, onde seria considerada uma honra meu comparecimento à sua mesa.

O jovem também me demonstrou todo o seu reconhecimento e rogou-me que o acompanhasse ao banho. Entramos e, quando se despiu, vi que lhe faltava a mão direita. Notei também que tinha sido cortada recentemente. Lá estava, portanto, a causa de sua doença; e enquanto lhe aplicavam os remédios que deviam curá-lo rapidamente, chamaram-me para impedir que a febre, que o dominara, tivesse péssimas consequências. Entristeci-me ao vê-lo em tal estado, o que ele percebeu no meu rosto. Médico, disse-me, não vos admireis de me ver com a mão direita cortada; um dia vos direi por que foi, e ouvireis uma história surpreendente.

Quando saímos do banho, pusemo-nos à mesa, conversando. Ele me perguntou se podia, sem prejuízo da saúde, passear fora da cidade, no jardim do governador. Respondi-lhe que não somente podia, mas que devia, pois lhe seria extremamente salutar. Se é assim, respondeu, se tiverdes a bondade de me acompanhar, contar-vos-ei a minha história. Disse-lhe que poderia dedicar-lhe o resto do dia. Imediatamente ordenou aos seus homens que trouxessem o que comer; em seguida, partimos para o jardim do governador. Lá, passeamos um pouco; depois, sentando-nos num tapete estendido pelos seus homens debaixo de uma árvore que proporcionava deliciosa sombra, confiou-me seu passado:

Nasci em Mossul, e minha família é uma das mais ilustres da cidade. Meu pai era o mais velho de dez filhos deixados por meu avô, todos vivos e casados. Mas, desse grande número de irmãos, meu pai foi o único que teve um filho, eu. Cuidou muito bem da minha educação, e fez com que eu aprendesse tudo quanto um menino da minha posição devia saber...”

— Mas, senhor — disse Sherazade, detendo-se nesse ponto —, a aurora me impõe silêncio.

Shahriar se levantou.

151^A NOITE

Na noite seguinte, Sherazade continuou a história da véspera.

“O médico judeu disse ao sultão de Casgar:

‘O jovem de Mossul assim prosseguiu: Já estava eu crescendo e começava a frequentar a sociedade quando numa sexta-feira me encontrei na prece do meio-dia com meu pai e meus tios na grande mesquita de Mossul. Depois da prece, todos se retiraram, com exceção de meu pai e de meus tios, que se sentaram sobre o tapete que cobria toda a mesquita. Sentei-me com eles e, sem que sentíssemos a conversação, recaiu sobre as viagens. Elogiaram as belezas e singularidades de alguns países e das suas principais cidades; mas um de meus tios disse que, a dar crédito às descrições uniformes de uma infinidade de viajantes, não havia no mundo país mais lindo que o Egito, rio mais famoso que o Nilo, e o que ele contou de tal modo me impressionou que, a partir daquele instante, desejei viajar. O que meus outros tios me descreveram para dar a preferência a Bagdá e ao Tigre, chamando Bagdá de verdadeira morada da religião muçulmana e metrópole de todas as cidades da Terra, não me provocou a menor impressão. Meu pai apoiou o modo de ver do irmão que falara a favor do Egito, o que me proporcionou enorme alegria: Apesar de tudo quanto se diga, disse, quem não viu o Egito não viu o que há de mais estranho no mundo. A terra toda tem ouro, isto é, tão fértil, que enriquece seus habitantes. Todas as mulheres são um encanto, pela beleza ou pelas maneiras agradáveis. Quanto ao Nilo, haverá rio mais admirável e água mais leve e deliciosa? O próprio limo que ele arrasta no seu transbordamento não serve para adubar os campos, que produzem sem trabalho mil vezes mais que as outras terras com todo o trabalho que se tem para cultivá-las? Ouvi o que um poeta, obrigado a abandonar o Egito, dizia aos egípcios:

O vosso Nilo vos cumula todos os dias de bens; unicamente por vós é que ele vem de tão longe. Ai! Ao deixar-vos, minhas lágrimas correm tão abundantemente

como suas águas. Vós continuareis a gozar das suas doçuras, ao passo que estou condenado a delas privar-me, malgrado meu.

Se olhardes, acrescentou meu pai, do lado da ilha formada pelos dois ramos principais do Nilo, que variedade de vegetação, que mosaico de todas as espécies de flores, que prodigiosa quantidade de cidades, de aldeias, de canais e de mil outros objetos agradáveis! Se voltardes os olhos para o outro lado, subindo para a Etiópia, quantos outros pontos maravilhosos! Só posso comparar a vegetação de tantos campos regados pelos diferentes canais do Nilo a esmeraldas brilhantes engastadas em prata. Não é a cidade mais populosa, vasta e rica do mundo? Que edifícios magníficos, quer públicos, quer particulares! Se fordes até as pirâmides, o assombro vos esmagará, e ficareis imóveis diante daquela massa de pedra de enorme tamanho que se ergue aos céus; sereis obrigados a confessar ser preciso que os faraós, que tantas riquezas e tantos homens empregaram para construí-las, tenham superado todos os monarcas vindos depois, não somente no Egito como também no mundo, em magnificência e invenção, para deixarem monumentos tão dignos da sua memória. Esses monumentos, tão antigos que os sábios não sabem dizer-nos há quanto tempo existem, durarão tanto quanto os séculos. Silencio as cidades marítimas do reino do Egito, como Damietta, Roseta, Alexandria, onde não sei quantas nações vão buscar mil tipos de trigo e de tecidos, e mil outras coisas para a comodidade e as delícias dos homens. Falo-vos com conhecimento; ali passei vários anos da minha mocidade, que contarei, enquanto viver, como os mais agradáveis da minha vida.”

Sherazade estava falando ainda quando a luz do dia que começava a nascer lhe feriu os olhos, obrigando-a a calar-se. Mas pelo fim da noite seguinte retomou o fio da história.

152^A NOITE

“Meus tios não puderam responder a meu pai, prosseguiu o jovem de Mossul, e concordaram com tudo que ele acabava de dizer do Nilo, do Cairo e do Egito. Quanto a mim, imaginando mil e uma coisas, não consegui dormir lá aquela noite. Pouco tempo depois, meus tios contaram como tinham ficado impressionados com as palavras de meu pai. Propuseram-lhe viajar todos juntos para o Egito. Ele aceitou a proposta; e como meus tios fossem mercadores ricos, resolveram levar consigo mercadorias para vender.

Soube que faziam seus preparativos e fui falar com meu pai, suplicando-lhe, com lágrimas nos olhos, que eu os acompanhasse e me cedesse algumas mercadorias para eu mesmo vender. Tu és muito moço ainda, disse-me, para empreender essa viagem. A fadiga é muito grande, e ademais estou convencido de que lá te perderias. Suas palavras, contudo, não me tiraram o desejo de viajar. Vali-me da influência dos meus tios, que concordaram finalmente que eu fosse até Damasco apenas, onde me deixariam, continuando então sua viagem para o Egito. A cidade de Damasco, disse meu pai, tem também suas belezas, e é preciso que ele se contente com a permissão que lhe dei de ir até lá. Por maior que fosse o meu desejo de visitar o Egito, submeti-me à vontade de meu pai.

Parti de Mossul com meus tios e com ele. Passamos pela Mesopotâmia, atravessamos o Eufrates e chegamos a Alepo, onde nos demoramos vários dias; de lá, nos dirigimos para Damasco, que me surpreendeu agradavelmente. Alojamo-nos todos no mesmo khan. Vi uma grande cidade, populosa, repleta de belezas e muito bem-fortificada. Passamos alguns dias passeando em todos os jardins deliciosos das cercanias, e concordamos em reconhecer que Damasco se achava no meio de um paraíso. Finalmente, meus tios trataram de continuar a jornada, tomando antes do cuidado de vender minhas mercadorias, o que fizeram tão vantajosamente para mim, que ganhei quinhentos por cento. A venda rendeu-me considerável quantia, cuja posse me encheu de alegria.

Meu pai e meus tios me deixaram, pois, em Damasco, e prosseguiram. Após vê-los partir, cuidei bem de não gastar meu dinheiro inutilmente. Aluguei, contudo, uma casa magnífica, toda de mármore, ornada com pinturas com folhas de ouro e azul, e um jardim onde se viam formosos jatos de água. Mobiliei-a, não tão ricamente como exigia a magnificência do lugar, mas pelo menos de acordo com um homem da minha condição. Pertencera, outrora, a um dos principais senhores da cidade, chamado Modun Abdalraham, e pertencia então a um rico joalheiro, a quem eu só pagava dois cherifes^[42] por mês. Dispunha de grande número de servidores e vivia bem. Às vezes, oferecia festins às pessoas com que travara conhecimento; outras, ia visitá-las e comer com elas. Foi assim que passei o tempo em Damasco, esperando o regresso do meu pai. Nenhuma paixão me perturbava, e a convivência com os honestos era minha única ocupação.

Um dia, estando sentado à porta de minha casa, respirando o ar puro, uma dama bem-trajada e, ao que parecia, muito formosa, dirigiu-se a mim e perguntou-me se não vendia tecidos. Assim, entrou em casa...”

Sherazade, vendo que era dia, calou-se, para continuar na noite seguinte.

153^A NOITE

“Quando vi, disse o jovem de Mossul, que a dama entrara em casa, levantei-me, fechei a porta e fiz com que ela entrasse numa sala onde pedi que se sentasse. Senhora, disse-lhe, tive tecidos que eram dignos de vos ser apresentados; mas já não os possuo, o que me aborrece profundamente. Ela, tirando o véu que lhe ocultava o rosto, fez resplandecer aos meus olhos uma beleza cuja visão me causou sensações jamais experimentadas. Não preciso de tecidos, respondeu-me, venho apenas para vos ver e passar a noite convosco, se vos agradar. Só vos peço uma refeição leve.

Encantado com tão boa sorte, dei ordem aos meus criados para que nos trouxessem frutas e garrafas de vinho. Fomos servidos imediatamente, comemos, bebemos e nos distraímos até meia-noite. Eu nunca passara uma noite tão agradável. No dia seguinte, de manhã, quis pôr dez cherifes na mão da dama; mas ela a retirou bruscamente. Não vim ver-vos por interesse, e vós me insultais. Em vez de receber dinheiro de vós, quero que o recebais de mim; se não for assim, nunca mais voltarei. Ao mesmo tempo, tirou dez cherifes de uma bolsa e obrigou-me a pegá-los. Esperai-me daqui a três dias, disse-me, após o pôr do sol. Àquelas palavras, despediu-se de mim, e eu senti que, partindo, ela levava meu coração.

Passados três dias, ela compareceu à hora marcada, e não deixei de recebê-la com toda a alegria de um homem que a aguardava com impaciência. Passamos a noite como na primeira vez; e, no dia seguinte, ao despedir-se, prometeu-me voltar dentro de três dias. Não quis, porém, retirar-se sem que eu antes recebesse outros dez cherifes.

Voltou pela terceira vez, e, quando o vinho nos aqueceu, disse-me: Meu coração, que pensais de mim? Não sou bela e interessante? Senhora, respondi-lhe, essa pergunta me parece inútil. Todos os sinais de amor que vos dou devem vos convencer de que vos amo. Estou encantado por vos ver e possuir; sois minha rainha, minha sultana, a felicidade da minha vida. Ah, estou certa de que deixaríeis de falar assim se vísseis uma de minhas amigas,

mais jovem e mais bela do que eu. É tão engraçada que faria rir até os seres mais melancólicos da Terra. Vou trazê-la aqui. Falei-lhe de vós e ela morreu de desejo de vos ver. Rogou-me que lhe prestasse esse favor, mas não ousei satisfazer-lhe a vontade antes de falar convosco. Senhora, prossegui, fareis o que vos agrada; mas, apesar de tudo quanto possais dizer-me de vossa amiga, desafio todos os seus encantos a conquistar-me o coração, tão fortemente preso a vós que nada é capaz de afastá-lo. Cuidado, respondeu-me ela, advirto-vos de que vou submeter vosso amor a uma estranha prova.

No dia seguinte, ao despedir-se de mim, em vez dos dez cherifes habituais, deu-me 15, que fui obrigado a aceitar. Lembrai-vos, disse-me, de que dentro de dois dias tereis uma nova hóspede. Acolhei-a bem. Apareceremos à mesma hora, após o pôr do sol. Mandeí ornar a sala e preparar uma boa refeição para o dia em que viriam...”

Sherazade interrompeu-se, por ver que já era dia; recomeçou, porém, na noite seguinte.

154^A NOITE

— Senhor, o jovem de Mossul, continuando a contar sua história ao médico judeu, disse-lhe:

“Esperei as duas damas com impaciência. Chegaram, finalmente, ao cair da noite, tiraram o véu e, se eu ficara surpreso com a beleza da primeira, fiquei muito mais quando vi a segunda. Tinha feições regulares, um rosto perfeito, uma cor viva e olhos tão brilhantes que eu mal conseguia suportar-lhes o esplendor. Agradei-lhe a honra que me concedia e roguei-lhe que me desculpassem por não recebê-la como merecia. Deixemos de cerimônias, disse-me; eu é que deveria me desculpar, por ter insistido que minha amiga me trouxesse aqui; mas como sois bondoso, pensemos apenas em nos divertir.

Tendo ordenado que a refeição fosse servida tão logo as damas chegassem sentamo-nos imediatamente à mesa. Estava diante da recém-chegada, que não cessava de me olhar, sorrindo. Não pude resistir aos olhares sedutores, tornou-se senhora do meu coração, sem que eu pudesse resistir. Mas ela também se apaixonou, e, em vez de ficar constrangida, disse-me coisas muito interessantes.

A outra dama, que a princípio se limitara a apenas nos observar, riu-se: Bem tinha dito eu, disse dirigindo-me a palavra, que acharíeis minha amiga encantadora, e estou percebendo que já violastes o juramento de fidelidade! Senhora, respondi-lhe, rindo também, com certeza vos queixaríeis de mim, se eu fosse descortês com uma dama que me trouxestes e que vós estimais; ambas poderiam censurar-me por não saber receber com fidalguia.

Continuamos a beber. Mas, à medida que o vinho nos aquecia, a nova dama e eu nos provocávamos com tão pouco freio que sua amiga foi dominada por violento ciúme, que em pouco tempo nos deu funestas mostras. Levantou-se e saiu, dizendo-nos que voltaria; momentos depois, a dama que ficara comigo empalideceu, foi tomada de convulsões e expirou nos meus braços, enquanto eu gritava por socorro. Saí imediatamente,

perguntando pela outra dama; os criados disseram que ela abandonara a casa pela porta da rua. Supus, então, e nada era mais verdadeiro, que fora ela a causadora da morte da amiga. Efetivamente, tivera a habilidade de pôr um veneno violentíssimo na última taça que ela mesma lhe apresentara.

Esse acidente afligiu-me extraordinariamente: Que vou fazer?, pensei, que vai de ser de mim? Visto que não havia tempo a perder, ordenei aos criados que, ao luar, e sem ruído, levantassem uma das grandes pedras de mármore do pátio da casa, e cavassem depressa uma cova, onde enterramos o corpo da jovem. Após mandar recolocar no lugar a peça de mármore, vesti um traje de viagem, peguei todo o meu dinheiro, fechei tudo e selei a porta da rua com o meu sinete. Fui procurar o joalheiro, seu proprietário, paguei-lhe o que devia, com um ano de adiantamento, e, entregando-lhe a chave, roguei-lhe que a guardasse para mim. Um negócio urgente, expliquei-lhe, me obriga a ausentar-me algum tempo; devo ir visitar meus tios, no Cairo. Enfim, despedi-me dele; e, imediatamente, montei a cavalo e parti com os criados que me aguardavam...”

O dia, que começava a aparecer, impôs silêncio a Sherazade. Na noite seguinte, assim prosseguiu ela:

155^A NOITE

“Minha viagem foi agradável, prosseguiu o jovem de Mossul; cheguei ao Cairo sem nada de ruim ter acontecido. Ali encontrei meus tios, que muito se admiraram por me ver. Para me desculpar, disse-lhes que havia me cansado de esperá-los e que, não recebendo notícias, a inquietação me levava a procurá-los. Receberam-me com cordialidade, e prometeram fazer com que meu pai não se zangasse por eu ter abandonado Damasco sem sua permissão. Alojei-me com eles no mesmo khan e vi tudo o que havia de belo no Cairo.

Como tinham acabado de vender suas mercadorias, pretendiam voltar a Mossul, e já começavam a fazer os preparativos. Mas não tendo eu ainda visitado tudo quanto queria no Egito, deixei meus tios, indo alojar-me num bairro bem afastado do seu khan; e só apareci quando soube que tinham partido. Procuraram-me por muito tempo em toda a cidade; mas, não conseguindo me encontrar, julgaram que o remorso de ter ido ao Egito contra a vontade de meu pai me obrigara a voltar a Damasco sem nada lhes dizer, e partiram com a esperança de lá me encontrar.

Fiquei, por conseguinte, no Cairo, após minha partida, e ali vivi três anos para satisfazer plenamente a curiosidade de contemplar todas as maravilhas do Egito. Durante esse tempo, tive o cuidado de enviar dinheiro ao joalheiro, ordenando-lhe que conservasse minha casa, pois eu planejava voltar a Damasco, e nela residir alguns anos. Nada ocorreu no Cairo que mereça ser contado; mas ficareis, sem dúvida, surpreendido com o que me sucedeu quando voltei a Damasco.

Chegando a essa cidade, procurei o joalheiro, que me recebeu com alegria e quis acompanhar-me pessoalmente até em casa, a fim de mostrar que ninguém ali estivera durante minha ausência. Com efeito, o selo continuava intacto sobre a fechadura. Entrei e encontrei tudo no lugar.

Ao limpar a sala onde eu comera com as damas, um dos meus criados achou uma corrente de ouro, onde havia, espaçadamente, dez pérolas, muito grandes e perfeitas. Trouxe-a, e eu a reconheci como a que vira no pescoço

da jovem envenenada. Compreendi que caíra sem que o percebesse. Não pude examiná-la sem chorar, lembrando-me da amável criatura que eu vira morrer tão tragicamente. Embrulhei-a e guardei-a no peito.

Passei vários dias refazendo-me das fadigas da viagem, após o que comecei a visitar as pessoas com as quais travara conhecimento em outros tempos. Entreguei-me a todo tipo de prazer e sem sentir gastei todo o meu dinheiro. Naquela situação, em vez de vender os móveis, resolvi desfazer-me do colar; mas eu entendia tão pouco de pérolas que me saí muito mal, como vereis.

Dirigi-me ao bezestein, onde, chamando um pregoeiro em particular e mostrando-lhe o colar, disse-lhe que pretendia vendê-lo e pedi-lhe que o mostrasse aos principais joalheiros. O pregoeiro admirou-se ao ver a joia e disse: Ah, como é linda! Após examiná-la por longo tempo com admiração, disse: Jamais viram os nossos mercadores coisa tão rica. Vou proporcionar-lhes um grande prazer, e vós não deveis duvidar de que o preço será bem alto. Levou-me, em seguida, a uma loja, exatamente a do dono da minha casa. Esperai-me aqui, disse o pregoeiro, voltarei imediatamente com uma resposta.

Enquanto, muito secretamente, ele ia de mercador a mercador mostrar o colar, sentei-me na loja do joalheiro, que se alegrou em me rever, e começamos a conversar. O pregoeiro voltou e, chamando-me em particular, em vez de me dizer que o colar fora avaliado em pelo menos dois mil cherifes, assegurou-me que só ofereciam por ele cinquenta: Disseram-me, acrescentou, que as pérolas são falsas... Quereis vendê-lo por esse preço? Acreditando no que ele afirmava, e como precisasse urgentemente de dinheiro, respondi-lhe: Ide, confio no que me dizeis, e nos que conhecem tais objetos. Vendei-o, e trouxe-me o dinheiro imediatamente.

O pregoeiro viera oferecer-me cinquenta cherifes por conta do mais rico joalheiro de bezestein, que só fizera a oferta para me sondar e saber se eu conhecia bem o valor do que estava vendendo. Assim, mal soube da minha resposta, levou o pregoeiro com ele ao chefe de polícia, a quem, mostrando o colar, explicou: Senhor, eis aqui um colar que me foi roubado, e o ladrão disfarçado de mercador, teve a ousadia de colocá-lo à venda; encontra-se

nesse momento em bezestein. Contenta-se com cinquenta cherifes por uma joia que vale pelo menos dois mil, o que prova evidentemente tratar-se de um ladrão.

O chefe de polícia mandou me prender imediatamente e, quando cheguei à sua presença, perguntou-me se o colar não era o mesmo que eu pretendia vender no bezestein. Respondi-lhe que sim. E é verdade, prosseguiu, que pretendeis aceitar por ele cinquenta cherifes? Concordei. Pois bem, disse ele, então, irônico, que seja chicoteado; dir-nos-á daqui a pouco, apesar do seu belo traje de mercador, que não passa de um simples ladrão; torturem-no até que ele confesse. A violência dos golpes fizeram com que eu mentisse; confessei ter roubado o colar e imediatamente o chefe de polícia ordenou que me cortassem a mão.

Aquilo provocou grande tumulto no bezestein, e mal voltei para casa vi chegar o proprietário. Meu filho, disse-me, pareceis um jovem tão prudente e tão bem-educado... Como é possível que tenhais cometido ato tão indigno como o que acabam de me contar? Vós me dissestes os bens que possuíis, e não duvido de que dissestes a verdade. Por que me não pedistes dinheiro? Eu vo-lo teria emprestado; mas depois do que acaba de suceder, não posso permitir que moreis por mais tempo em minha casa; portanto, procurai outro alojamento. Aquelas palavras me mortificaram; roguei ao joalheiro, com lágrimas nos olhos, que ele me deixasse ficar ainda três dias na casa, o que ele concedeu.

Ai!, exclamei, que desgraça e que afronta! Ousarei voltar para Mossul? Tudo quanto eu disser a meu pai será capaz de convencê-lo de que sou inocente?”

Sherazade deteve-se. Era dia. Na noite seguinte, assim continuou:

156^A NOITE

“Três dias depois dessa desgraça, disse o jovem de Mossul, vi, cheio de espanto, entrar em minha casa um grupo de homens de chefe de polícia, com o proprietário e o mercador que me acusara falsamente de ter lhe roubado o colar de pérolas. Perguntei-lhes o que queriam, mas em vez de me responder, amarraram-me e encheram-me de insultos, dizendo-me que o colar pertencia ao governador de Damasco, que o perdera há mais de três anos e que, ao mesmo tempo, uma de suas filhas desaparecera. Imaginai meu estado ao ouvir essa notícia. Contudo, tomei uma decisão. Direi a verdade ao governador, e a ele caberá perdoar-me ou mandar que me matem.

Quando me levaram à sua presença, notei que ele me olhava com compaixão e tive um bom pressentimento. Ordenou que me desamarrassem; depois, voltando-se para o joalheiro, meu acusador, e para o proprietário da casa, perguntou-lhes: É esse o homem que vendeu o colar de pérolas? Mal responderam que sim, prosseguiu: Estou certo de que não me roubou o colar, e admira-me muito terem-lhe feito tão grande injustiça. Tranquilizado com aquelas palavras, exclamei: Senhor, juro-vos que sou realmente inocente. Estou convencido até de que o colar jamais tenha pertencido ao meu acusador, a quem nunca vi, e cuja horrível perfídia foi a causa de me tratarem tão indignamente. É verdade que confessei o furto, mas fiz isso contra a minha vontade, impelido pelos tormentos e por uma razão que estou pronto a vos confiar, se tiverdes a bondade de me ouvir. Já sei o bastante, respondeu o governador, para vos fazer imediatamente uma parte da justiça que vos é devida. Tire-se daqui, prosseguiu o falso acusador, e sofra ele o mesmo suplício que esse jovem cuja inocência conheço.

A ordem do governador foi imediatamente executada, e o joalheiro foi levado e punido como merecia. Depois, o governador, mandando que todos se retirassem, disse-me: Meu filho, conta-me sem temor de que modo foi ter às vossas mãos o colar, e não me oculteis nada. Conte-lhe tudo o que se

passara e confessei-lhe que preferia passar por ladrão a revelar tão trágica aventura. Meu Deus, exclamou o governador, quando terminei de falar, os vossos desígnios são incompreensíveis, e a eles devemos nos submeter sem murmúrios! Recebo com inteira submissão o golpe com que me feris. Em seguida, dirigindo-se a mim, disse: Meu filho, após ter ouvido a causa da vossa desgraça, que muito me aflige, quero contar-vos a causa da minha. Sou o pai das duas jovens de que acabastes de me falar...”

Terminando tais palavras, Sherazade, vendo surgir o dia, calou-se, para prosseguir na noite seguinte.

157^A NOITE

— Senhor — disse ela —, eis as palavras que o governador de Damasco dirigiu ao jovem de Mossul:

“Meu filho, sabeis que a primeira dama que teve a desfaçatez de vos procurar em vossa casa era a minha filha mais velha. Eu a casei no Cairo com um dos seus primos, filho de meu irmão. Quando seu marido morreu, ela voltou para mim, corrompida por mil maldades aprendidas no Egito. Antes da sua chegada, a segunda, que morreu tão deploravelmente entre os vossos braços, era muito sensata e jamais me dera motivo de queixa. A mais velha carinhosamente se aproximou muito dela, aos poucos tornando-a tão malvada quanto ela. No dia seguinte ao da morte da segunda, como eu não a visse, ao sentar-me à mesa pedi notícias à mais velha, mas em vez de me responder, pôs-se esta a chorar tanto que eu tive um terrível pressentimento. Pedi-lhe para que me dissesse o que eu queria saber. Meu pai, respondeu-me, soluçando, nada mais vos posso dizer senão que minha irmã vestiu ontem seu vestido mais belo, pôs seu colar de pérolas e saiu, para não voltar mais. Mandeí procurar minha filha por toda a cidade, mas não consegui saber seu paradeiro. Entretanto, a mais velha, arrependida, sem dúvida, do seu furioso ciúme, não cessou de se afligir e de chorar a morte da irmã. Privando-se de todo alimento, pôs fim aos seus míseros dias. Eis, continuou o governador, qual é a condição dos homens. São essas as desgraças a que se expõem! Mas, meu filho, acrescentou, como somos igualmente desventurados, unamos nossos desgostos e não nos abandonemos. Dou-vos em casamento uma terceira filha, mais jovem que suas irmãs, e que em nada se lhes parece no comportamento. É mais linda, e posso vos assegurar que vos tornará feliz. Não tereis outra casa senão a minha, e depois da minha morte sereis, vós e ela, meus únicos herdeiros.

Senhor, disse-lhe, confundem-me todas as vossas gentilezas e jamais saberei demonstrar-vos meu reconhecimento. Basta, interrompeu ele, não

percamos tempo com palavras vãs. Assim, mandou chamar testemunhas. Pouco depois, desposei-lhe a filha, numa cerimônia muito simples.

Não se contentou em punir o joalheiro que tão falsamente havia me acusado; mandou confiscar, em proveito meu, todos os seus bens, enormes; finalmente, desde que frequentais a casa do governador, pudestes ver, sem dúvida, a consideração de que aqui desfruto. Dir-vos-ei mais, que um homem enviado por meus tios ao Egito, expressamente para ali me procurar, descobrindo, ao passar, que eu me encontrava nessa cidade, entregou-me ontem uma carta deles. Comunicam-me a morte de meu pai e convidam-me a ir receber a herança em Mossul; mas como a amizade do governador me prende e não me permite afastar-me, despedi o enviado com uma procuração para doar tudo quanto me pertence. Após o que acabais de ouvir, espero que perdoais a incivilidade que tive para convosco durante a minha enfermidade, apresentando-vos a mão esquerda em lugar da direita.

‘Eis’, disse o médico judeu ao sultão de Casgar, ‘o que me contou o jovem de Mossul. Fiquei em Damasco enquanto o governador viveu; após sua morte, estando na flor da idade, tive a curiosidade de viajar. Percorri toda a Pérsia e fui até a Índia; finalmente, vim me estabelecer na vossa capital, onde exerço honradamente a profissão de médico.’

O sultão de Casgar achou esta última história muito interessante. ‘Confesso’, disse ao judeu, ‘que o que acabas de me contar é extraordinário; mas, francamente, a história do corcunda é muito mais; assim, não esperes que te perdoe, como tampouco perdoarei os outros. Vós quatro sereis enforcados.’ ‘Esperai, por misericórdia, senhor!’, exclamou o alfaiate, adiantando-se e protestando-se aos pés do sultão. ‘Pois como apreciais histórias, a que vos vou contar com certeza vos agradará. ‘Ouvir-te-ei’, concedeu o sultão, ‘mas não te gabes de que te deixarei viver, a menos que me contes alguma aventura mais interessante que a do corcunda.’ O alfaiate, então, como se estivesse certo do resultado, tomou a palavra confiantemente, e começou:

A história contada pelo alfaiate

‘Senhor, um habitante dessa cidade me deu a honra, há dois dias, de me convidar para um festim oferecido ontem aos seus amigos. Fui à casa dele, bem cedo, e ali encontrei cerca de vinte pessoas.

Aguardávamos apenas o dono da casa, que saíra por alguns instantes, quando o vimos chegar acompanhado por um jovem estrangeiro muito bem-trajado, formoso, porém, coxo. Levantamo-nos todos e, para honrarmos o dono da casa, rogamos ao jovem que se sentasse conosco no sofá. Estava prestes a fazê-lo, quando, percebendo um barbeiro que fazia parte do grupo, se retraiu bruscamente, pretendendo sair. O dono da casa, surpreso, deteve-o. Aonde vais?, perguntou-lhe. Trago-vos comigo para me dardes a honra de participar de um festim oferecido aos amigos, e mal entraís quereis sair! Senhor, respondeu o jovem, em nome de Deus vos suplico que não me detenhai, permiti-me sair. Não posso ver, sem ficar horrorizado, esse abominável barbeiro. Embora nascido em país onde todos são brancos, não deixa de parecer um etíope; mas tem a alma mais negra e horrenda que o rosto...”

O dia, aparecendo, impediu que Sherazade prosseguisse, o que ela fez na noite seguinte.

158^A NOITE

“Todos nós ficamos surpreendidos com aquelas palavras, continuou o alfaiate, e tivemos uma triste impressão do barbeiro, sem saber se o jovem estrangeiro tinha razão para falar daquela maneira. Afirmamos até que não admitiríamos à nossa mesa um homem que acabava de nos ser tão horripelantemente pintado. O dono da casa pediu ao estrangeiro que nos explicasse porque odiava o barbeiro.

Senhores, disse-nos o jovem, haveis de saber que esse maldito barbeiro é a causa de ser eu coxo e de ter-me sucedido a mais cruel desgraça que se possa imaginar; foi por isso que jurei abandonar todos os lugares em que o visse e de sequer viver na mesma cidade; foi por isso que saí de Bagdá, onde o deixei, e empreendi tão longa viagem para vir me fixar nessa cidade da Grã-Tartária, esperando nunca mais vê-lo. Entretanto, contra a minha vontade, aqui o encontro, e isso me obriga, senhores, a privar-me, malgrado meu, da honra de me divertir convosco. Quero afastar-me da vossa cidade hoje mesmo e ir ocultar-me, se me for possível, em lugares onde não o veja.

Terminando, pretendeu deixar-nos, mas o dono da casa o deteve ainda, suplicando-lhe que permanecesse conosco e nos contasse a causa da aversão pelo barbeiro, que, durante todo aquele tempo, mantivera os olhos baixos e estivera calado. Unimos nossos pedidos aos do dono da casa; finalmente, o jovem, cedendo às nossas insistências, sentou-se no sofá e, dando as costas ao barbeiro, com medo de vê-lo, nos contou sua história:

Meu pai ocupava na cidade de Bagdá uma posição que lhe permitia aspirar aos primeiros postos, mas preferiu sempre uma vida tranquila a todas as honras que pudesse merecer. Só tinha um filho, eu; quando morreu, eu tinha já espírito formado e estava em idade de dispor dos grandes bens a mim deixados. Não os dissipei loucamente; pelo contrário, fiz deles um uso que me atraiu a estima de todos.

Não conhecia ainda a paixão e, longe de ser sensível ao amor, confessarei, talvez para vergonha minha, que evitava com cuidado o contato

com as mulheres. Um dia, estando numa rua, vi aproximar-se um grande grupo de damas; para fugir delas, entrei numa ruazinha diante da qual me encontrava e sentei-me sobre um banco perto de uma porta. Achava-me diante de uma janela em que havia um vaso de lindíssimas flores. Eu as apreciava, e quando a janela se abriu, e eu vi aparecer uma jovem cuja beleza me encantou. Olhou-me; e, regando o vaso de flores com mão mais branca que o alabastro, gratificou-me com um sorriso, que me inspirou um amor correspondente à aversão tida até então pelas mulheres. Após regar as flores e lançar-me um olhar cheio de encantos que terminou de me sangrar o coração, fechou a janela e deixou-me frustrado.

Ali eu teria ficado muito tempo se o ruído que ouvi na rua não me tivesse chamado à realidade. Voltei a cabeça ao levantar-me e vi que se tratava do primeiro cádi da cidade, montado numa mula e acompanhado de cinco ou seis dos seus homens. Apeando-se à porta da casa cuja janela fora aberta pela jovem, entrou, o que me fez supor que fosse seu pai.

Voltei para casa num estado diferente daquele em que saíra, agitado por uma paixão tanto mais violenta por lhe não ter eu compreendido a extensão, e deitei-me com forte febre, que muito affligiu meus parentes. Estes, que me amavam, alarmados por tão súbita enfermidade, acorreram prontamente e me perguntaram qual a causa, que eu cuidei de não lhes revelar. O meu silêncio causou-lhes uma inquietação, que os médicos não puderam dissipar por não saberem o mal que me affligia e que só aumentava, apesar dos remédios.

Minha família começou a se desesperar, quando uma anciã do seu conhecimento, informada da minha doença, chegou, olhou-me com muita atenção e, após me examinar, descobriu, não sei como, a causa da minha doença. Chamando-os em particular, pediu-lhes que a deixassem sozinha comigo.

Quando todos saíram, sentou-se à cabeceira do meu leito e disse-me: Meu filho, obstinaste-vos até agora em ocultar a causa do vosso mal; mas não preciso que me digais qual é; tenho experiência suficiente para descobrir tal segredo, e vós não me contradireis se eu vos disser que é o amor que vos adoce. Posso curar-vos, contanto que me deis a conhecer quem é a feliz

jovem que soube tocar um coração insensível como o vosso, pois gozais da reputação de não amar as mulheres, e eu não fui a última em percebê-lo: mas, enfim, o que previ sucedeu, e estou contentíssima por ter ocasião de empregar minha habilidade para a vossa salvação...”

— Mas, senhor — disse a sultana Sherazade —, vejo que já é dia.

Shahriar se levantou, impaciente em ouvir a continuação de uma história cujo início era tão interessante.

159^A NOITE

— Senhor — disse no dia seguinte Sherazade —, o jovem coxo assim prosseguiu:

“A anciã, depois de falar-me daquela maneira, deteve-se para que eu respondesse; mas, embora eu tivesse ficado profundamente impressionado, não ousei revelar-lhe meu coração. Voltei-me somente para o lado dela, suspirando, mas sem nada lhe dizer. É o pudor, continuou a anciã, que vos impede de me falar, ou falta de confiança em mim? Duvidais da minha palavra? Poderia citar-vos uma infinidade de jovens das vossas relações que sofreram do mesmo mal que vós, e que eu os aliviei.

Enfim, a boa mulher me disse tantas outras coisas que rompi meu silêncio. Declarei-lhe o meu mal, e indiquei-lhe o lugar onde vira o objeto que o causava. Expliquei-lhe também todas as circunstâncias da minha aventura. Se conseguirdes, disse-lhe, alcançar-me a felicidade de contar à jovem a paixão que me queima o peito, podereis contar com minha gratidão. Meu filho, respondeu-me a anciã, conheço a pessoa de que me falais; é, como bem julgastes, a filha do primeiro cádi da cidade. Não me admiro de que a ameis, pois se trata da mais bela e amável mulher de Bagdá; mas o que me entristece é ela ser orgulhosíssima e de difícil acesso. Bem sabeis como os nossos homens da justiça fazem observar escrupulosamente as duras leis que mantêm as mulheres em tão constrangedora prisão; pois bem, são mais escrupulosos ainda quando se trata de suas próprias famílias. E o cádi que vistes é mais rígido, nesse ponto, do que todos os outros juntos. Como não fazem outra coisa senão repetir às filhas ser um crime sem nome mostrar-se aos homens, elas ficam tão desconfiadas, que, nas ruas, quando a necessidade as obriga a sair, só têm olhos para caminhar. Não digo que a filha do primeiro cádi seja assim, mas isso não impede que eu tema encontrar grandes obstáculos tanto com ela como com o pai. Prouvera a Deus que vos houvésseis apaixonado por outra mulher! São muitas as dificuldades;

empregarei toda a minha experiência, mas será preciso tempo para vencer. Não deixeis, contudo, de vos animar, e tende confiança em mim.

A anciã me deixou; e como visse muito bem todos os obstáculos de que ela acabara de me falar, o temor de vê-la malograr aumentou o meu mal. No dia seguinte, voltou, e li no seu rosto que nada tinha de favorável para me contar. Com efeito, disse-me: Meu filho, não me enganei, tenho de superar outra coisa além da vigilância do pai; vós amais uma criatura insensível, que se diverte em acender paixões em todos, sem lhes oferecer o menor alívio. Ouviu-me com prazer, enquanto lhe falei do mal que por ela sofreis; mas apenas abri a boca para lhe solicitar, por vós, permissão de vê-la e com ela conversar, disse-me, olhando-me com olhos terríveis: Sois bem ousada em me fazer uma proposta dessas: proíbo-vos de voltar aqui, se pretendeis conversar sobre isso.

Não vos entristeçais, prosseguiu a anciã, que eu não cedo tão facilmente; e, contanto que a paciência não vos falte, espero conseguir o meu intento.

Para resumir minha história, disse o jovem, contar-vos-ei que a mensageira fez ainda, inutilmente, várias tentativas a meu favor com a orgulhosa inimiga da minha tranquilidade. O meu pesar chegou a tal ponto que os médicos me abandonaram. Fui, então, considerado como homem que só aguardava a morte, mas a anciã me devolveu a vida.

Para que ninguém a ouvisse, disse-me ao ouvido: Cuidei do presente que deveis dar-me pela boa notícia que vos trago. Aquelas palavras produziram em mim um efeito maravilhoso; levantei-me e respondi-lhe com arrebatamento: O presente não vos faltará. Que tendes para me dizer? Meu caro senhor, prosseguiu ela, não morrereis, e em breve terei o prazer de vos ver em perfeita saúde, e muito contente comigo. Ontem, segunda-feira, visitei a jovem que amais e encontrei-a bem-humorada; a princípio fingi estar triste, suspirando profundamente e deixando cair algumas lágrimas. Minha boa mãe, disse-me ela, que tendes? Por que estais tão aflita? Ah, minha querida e honrada jovem, respondi-lhe, venho da casa do jovem de quem vos falei há dias; está acabado e vai morrer pelo amor que vos dedica. É uma pena, asseguro-vos, e da vossa parte há muita crueldade. Não sei, respondeu-me, por que hei de ser a causa de sua morte. Em que contribuí

para isso? Como?, perguntei. Não vos contei que se achava sentado diante da vossa janela quando a abristes para regar um vaso de flores? Ele viu esse prodígio de beleza, esses encantos que o vosso espelho vos reflete todos os dias e, desde aquele instante, fenece. O seu mal chegou a tal ponto que está reduzido ao lastimável estado que vos descrevi...”

Sherazade deixou de falar por ver aparecer o dia. Na noite seguinte prosseguiu a história do jovem coxo de Bagdá:

160^A NOITE

“Senhor, a anciã, continuando a contar ao jovem doente de amor a conversa mantida com a filha do cádi, disse-lhe:

Lembraí-vos bem, senhora, com que rigor me tratastes há pouco quando quis falar-vos da sua doença e propor-vos um meio de livrá-lo do perigo em que se achava. Voltei à sua casa, ao deixar-vos, e mal viu que eu não lhe levava notícia favorável, piorou. Desde então, senhora, está a ponto de morrer, e não sei se podereis salvá-lo, caso dele vos apiedeis.

Eis o que lhe contei, acrescentou a anciã. O temor da vossa morte a impressionou, e vi o seu rosto mudar de cor. O que me dizeis, perguntou-me, é verdade? Ele está realmente doente de amor por mim? Ah, senhora, disse-lhe, infelizmente é a verdade! Prouvera a Deus que fosse mentira! E julgais que a esperança de me ver e falar possa contribuir para tirá-lo do perigo em que se encontra? Talvez, disse-lhe, e, se vós me ordenares, experimentarei o remédio. Pois bem, respondeu ela, suspirando, transmiti-lhe a esperança de que há de me ver; mas que não espere outros favores, a menos que não pense em desposar-me, e a menos que meu pai consinta no nosso casamento. Senhora, exclamei, como sois bondosa! Vou visitar o jovem e contar-lhe que ele terá o prazer de conversar convosco. Não vejo dia mais oportuno, disse ela, do que a próxima sexta-feira, durante a prece do meio-dia. Ele deve observar quando meu pai sair para ir à mesquita e vir imediatamente, se se comportar direito. Vê-lo-ei chegar pela janela e descerei para lhe abrir a porta. Conversaremos durante a hora da prece, e ele se retirará antes que o meu pai volte.

Estamos na terça-feira, continuou a anciã. Até sexta-feira podereis retomar as forças e preparar-vos para conversar comigo. À medida que a boa senhora falava eu sentia diminuir o meu mal, ou melhor, vi-me curado quando ela terminou.

Tomai, disse-lhe, dando-lhe minha bolsa cheia, a vós somente é que devo minha cura. Considero esse dinheiro muito mais bem gasto do que o que dei

aos médicos que nada mais fizeram senão atormentar-me durante minha doença.

Quando a anciã me deixou, me senti bastante forte para me levantar. Minha família, satisfeita por me ver bem, retirou-se.

Na sexta-feira de manhã, a anciã chegou quando eu começava a me vestir e estava escolhendo o mais belo traje do meu guarda-roupa. Não vos pergunto, disse-me, como estais. A ocupação em que vos encontro me faz ver o que devo pensar; mas não vos banhais antes de ir à casa do primeiro cádi? Levar-me-ia muito tempo, respondi-lhe. Contentar-me-ei em mandar vir um barbeiro, que me corre os cabelos e a barba. E ordenei imediatamente a um dos meus escravos que procurasse um hábil na profissão e rápido.

O escravo trouxe-me esse desgraçado que estais vendo, que me disse, após saudar-me: Senhor, parece-me, pelo vosso aspecto, que não vos sentis bem. Respondi-lhe que acabava de sair de uma terrível doença. Desejo, prosseguiu ele, que Deus vos livre de todo tipo de mal e que a sua misericórdia vos acompanhe sempre. Espero, disse-lhe, que ele ouça tal desejo, pelo qual fico muito grato. Como estais convalescendo, disse o barbeiro, rogo a Deus que vos conserve a saúde. Dizei-me agora do que se trata; trouxe as minhas navalhas e lancetas. Quereis ser barbeado, ou quereis uma sangria? Acabo de vos dizer que estou convalescendo, e haveis de perceber que só vos mandei chamar para me cortardes os cabelos e a barba. Apressai-vos, pois, e não percamos tempo, pois que me esperam precisamente ao meio-dia...”

Sherazade se calou ao terminar aquelas palavras, visto que o dia estava surgindo. Na noite seguinte, assim retomou o fio da história:

161^A NOITE

“O barbeiro, disse o jovem coxo de Bagdá, levou muito tempo para abrir o estojo e preparar as navalhas; em vez de pôr água na bacia, tirou do estojo um astrolábio muito limpo, saiu do quarto e foi ao meio do pátio, apressado, para medir a altura do Sol. Com a mesma rapidez voltou, e disse: Ficareis contente, senhor, em saber que estamos hoje na sexta-feira, 18 da lua de safar do ano 653,^[43] depois da fuga do nosso grande profeta, de Meca para Medina, e do ano 7320,^[44] da época do grande Iskander de dois cornos, e que a conjunção de Marte e Mercúrio significa não poderdes escolher melhor dia do que hoje, a essa hora, para deixar que vos cortem os cabelos e a barba. Mas, por outro lado, essa mesma conjunção é de mau presságio para vós; mostra-me que correis, nesse dia, um grande perigo, não verdadeiramente perigo de morrer, mas de uma coisa que durará para o resto dos vossos dias. Deveis agradecer-me pelo aviso que vos dou de precaver-vos contra tal desgraça. Se ela vos suceder, sentirei muito.

Imaginaí, senhor, a raiva que de mim se apoderou por ter caído entre as mãos de um barbeiro tão tagarela e extravagante! Que contratempo para um amante que se prepara para um encontro! Fiquei furioso. Pouco me importam, gritei-lhe encolerizado, o vosso aviso e as vossas profecias. Não vos chamei para vos consultar sobre astrologia; viestes aqui para prestar-me um serviço; prestai-o, pois, ou retirai-vos, que eu mandarei chamar outro barbeiro!

Senhor, respondeu ele com uma calma que me fez perder a paciência, por que vos encolerizais? Sabeis que não encontraríeis outro igual, nem se o mandásseis fazer especialmente? Vós não pedistes senão um barbeiro, e na minha pessoa tendes o melhor barbeiro de Bagdá, médico experimentado, químico profundo, astrólogo que jamais se engana, gramático completo, perfeito retórico, lógico sutil, matemático perfeito na geometria, na aritmética, na astronomia e em todos os refinamentos da álgebra, além de historiador que conhece a história de todos os países do mundo. Ademais,

posso todas as bases da filosofia; trago na memória todas as nossas leis e tradições. Sou poeta, arquiteto... Enfim, que não sou eu? Nada é oculto para mim na natureza. O falecido vosso pai, a quem presto meu tributo de lágrimas todas as vezes em que nele penso, estava convencido do meu mérito; estimava-me e não cessava de mencionar-me em todos os grupos que frequentava como primeiro homem do mundo. Por reconhecimento e amizade a ele, quero prender-me a vós, tomar-vos sob a minha proteção e defender-vos contra todas as desgraças de que vos possam ameaçar os astros.

Àquelas palavras, apesar da minha cólera, não pude deixar de rir. Terminareis em breve, tagarelo importuno, e começareis o vosso trabalho?”

Sherazade, nesse ponto, deixou de prosseguir na história do coxo de Bagdá, por ver que já era dia; mas na noite seguinte assim continuou:

162^A NOITE

“O jovem coxo prosseguiu:

Senhor, vós me insultais, dizendo-me ser tagarela. Todos me concedem o honroso título de o Silencioso. Tinha eu seis irmãos, a quem poderíeis, com razão, ter chamado de tagarelas; e para que os conheçais, o mais velho era Bachuc; o segundo, Bakbará; o terceiro, Bakhac; o quarto, Alcuz; o quinto, Alnachar; e o sexto, Chacabac. Não passavam de faladores importunos, mas eu, o segundo irmão, sou grave e conciso nas minhas palavras.

Por favor, colocai-vos no meu lugar. Que decisão deveria tomar, vendo-me tão cruelmente assassinado? Dai-lhe três moedas de ouro, disse a meu escravo que cuida das despesas da casa, para que se vá e me deixe em paz. Senhor, disse-me então o barbeiro, que pretendeis com tais palavras? Não fui eu que vim procurar-vos, vós é que me mandastes chamar; sendo assim, juro, pela minha fé de muçulmano, que não sairei dessa casa sem antes terminar meu trabalho. Se não sabeis o que valho, a culpa não é minha. O falecido vosso pai fazia-me mais justiça; todas as vezes que mandava me chamar para uma sangria, ordenava que eu me sentasse perto dele; era um encanto, então, ouvir as lindas coisas com que eu o entretinha. Mantinha-o em constante admiração, arrebatava-o; e quando eu terminava: Ah!, exclamava ele, sois uma fonte inesgotável de ciência; ninguém se aproxima da profundidade do vosso saber! Meu caro senhor, respondia-lhe eu, vós me honrais mais do que mereço. Se digo coisas lindas devo-o à bondade com a qual me ouvis. Vossa liberalidade é que me inspira todos os sublimes pensamentos que têm a ventura de vos agradar. Um dia, encantado com um discurso admirável que eu acabara de lhe fazer, disse: Deem-se-lhe cem moedas de ouro, e vista-se-lhe com um dos trajes mais luxuosos que possuo. Recebi o presente imediatamente; fiz-lhe o horóscopo e achei-o o mais feliz do mundo. Levei mais longe ainda minha gratidão, pois lhe tirei sangue com ventosas.

O barbeiro não parou. Iniciou outro falatório, que durou cerca de meia hora. Cansado de ouvi-lo, e pesaroso em notar que o tempo se escoava sem

que eu me adiantasse, já não sabia o que dizer. Não!, exclamei, não é possível que haja no mundo outro homem que, como vós, se divirta encolerizando os outros!...”

A claridade do dia, que penetrava o aposento de Shahriar, obrigou Sherazade a deter-se. Na noite seguinte assim continuou sua história:

163^A NOITE

“Pensei, disse o jovem coxo de Bagdá, que me sairia melhor enfrentando o barbeiro com doçura. Em nome de Deus, disse-lhe, deixai vossas belas palavras e aprontai-me depressa. Um negócio de suma importância me espera, como eu já vos disse. Àquelas palavras, ele pôs-se a rir. Seria louvável, ele respondeu-me, se o nosso espírito ficasse sempre na mesma situação, se fôssemos sempre sábios e prudentes; quero crer, contudo, que, se vos encolerizastes comigo, foi a vossa doença que causou tal mudança de humor. Por isso, precisais de algumas instruções, e nada podeis fazer melhor do que seguir o exemplo de vosso pai e de vosso avô: vinham consultar-me em todos os seus negócios, e garanto-vos, sem vaidade, que se alegravam com meus conselhos. Senhor, jamais logramos êxito no que empreendemos se não recorremos aos conselhos dos avisados. Não nos tornamos hábeis, diz o provérbio, se não nos aconselhamos com os hábeis. Estou, pois, às vossas ordens.

Não consigo fazer, interrompi-o, com que abandoneis todas essas palavras que a nada conduzem, e que só me quebram a cabeça, impedindo que me encontre onde devo estar? Cortai-me a barba, ou retirai-vos! Assim, levantei-me, irritado, batendo com o pé no chão.

Quando viu meu estado, ele me disse: Senhor, não vos aborreçais, vamos começar. Efetivamente, lavou-me a cabeça e pôs-se a rapá-la; mal deu, porém, quatro golpes de navalha, deteve-se para me dizer: Senhor, sois arrebatado. Deveríeis abster-vos de ímpetos que só vêm do demônio. Mereço, aliás, alguma consideração, em virtude da minha idade, da minha ciência e das minhas esplêndidas virtudes...

Continuai, respondi-lhe, interrompendo-o outra vez, não faleis mais. Quer dizer, prosseguiu ele, que tendes um negócio urgente; aposto que não engano. Pois se há duas horas, respondi, que vo-lo digo! Já devíeis ter me aprontado. Moderai vosso ardor, insistiu o barbeiro, pois com certeza não refletistes bem no que pretendeis levar ao fim. Quando se fazem coisas com

precipitação, sempre vem o arrependimento. Gostaria que me dissésseis que negócio urgente é o vosso, porque vos daria minha opinião. Tendes tempo de sobra, pois só vos aguardam ao meio-dia, quer dizer, daqui a três horas. Os homens de honra e de palavra, respondi-lhe, não se fazem esperar; mas estou vendo que, enquanto me divirto em falar convosco, caio nas conversas dos barbeiros tagarelas. Terminai, depressa, o vosso serviço!

Quanto mais pressa eu demonstrava tanto menos ele me obedecia. A certa altura, deixou a navalha para pegar o astrolábio; depois, deixando o astrolábio, voltou a pegar a navalha...”

Sherazade, vendo aparecer o dia, calou-se. Na noite seguinte assim continuou a história iniciada:

164^A NOITE

“O barbeiro, prosseguiu o jovem coxo, mais uma vez largou a navalha, pegou o astrolábio e deixou-me semibarbeado para ver que hora era precisamente. Pouco depois, voltou, e disse-me: Senhor, eu bem sabia que não estava enganado; faltam três horas para o meio-dia, estou certo, ou as regras da astronomia são falsas. Justo céu!, exclamei, a minha paciência está no fim! Não aguento mais! Maldito barbeiro, maldito! Não sei como até agora não te estrangulei! Calma, senhor, respondeu-me ele friamente, sem se comover, não tendes medo de cair outra vez doente? Não vos exalteis, que sereis servido num momento. Assim dizendo, recolocou o astrolábio no estojo, pegou novamente a navalha, afiou-a numa tira de couro presa à cintura e recomeçou; mas não parou de falar: Se me dissésseis que negócio tendes ao meio-dia, dar-vos-ia alguns conselhos que vos seriam muito úteis. Para contentá-lo, disse-lhe que uns amigos me esperavam para um banquete, a fim de festejarem meu restabelecimento.

Quando ouviu falar em banquete, exclamou: Deus vos abençoe nesse dia assim como nos outros! Fazeis com que eu me lembre de que convidei ontem quatro ou cinco amigos para comer comigo; havia me esquecido, e ainda não fiz nenhum preparativo. Não vos preocupeis, disse-lhe eu, embora vá banquetear-me fora, o meu guarda-comida está sempre munido; dou-vos tudo quanto lá se encontrar; mandar-vos-ei dar até todo o vinho que quiserdes, e do melhor, mas terminai depressa, e lembrai-vos de que, ao contrário de meu pai que vos presenteava para que falásseis, eu vos presenteio para que vos caleis!

Não se contentou com a minha palavra. Deus vos recompense, respondeu-me, pelo favor que me prestais! Mas mostrai-me já essas provisões, para que eu veja se posso servi-las a meus amigos; quero que fiquem contentes comigo. Tenho, disse, um carneiro, seis capões, uma dúzia de frangos e o suficiente para quatro pratos de entradas. Dei ordem a um escravo, para que trouxesse tudo, e mais quatro bilhas de vinho. Está muito

bem, disse o barbeiro, mas faltam as frutas e os condimentos da carne. Mandeí que lhe entregassem o que pedia. Deixou de me rapar para examinar tudo minuciosamente; e como o exame durou quase meia hora, encolerizei-me; mas encolerizei-me em vão, porque o verdugo não se apressava. Tornou a empunhar a navalha e, durante alguns momentos, trabalhou; de repente, parando, disse-me: Jamais teria pensado, senhor, que fôsseis tão liberal; começo a ver que o falecido vosso pai revive em vós. Certamente eu não merecia os presentes de que me cumulais, e asseguro-vos de que minha gratidão será eterna, pois nada possuo, a não ser o que me vem da generosidade de gente honesta como vós; e, nisso, pareço-me a Zantu, que esfrega o mundo no banho; a Sali, que vende grão-de-bico pelas ruas; a Saluz, que vende favas; a Akercha, que vende verduras; a Abu-Mekarés, que rega as ruas para retirar a poeira; e a Cassem, da guarda do califa; nenhum deles causa melancolia; não são incômodos nem resmungões; mais contentes com sua sorte do que o califa no meio da corte, estão sempre alegres, dispostos a cantar e a dançar, e cada um tem sua canção e sua dança predileta, com as quais divertem a cidade de Bagdá; mas o que mais estimo neles é não serem grandes faladores, como o escravo que tem a honra de vos falar. Eis aqui, senhor, a canção e a dança de Zantu, que esfrega o mundo no banho; olhai para mim, vede como o imito bem...”

Sherazade não pôde continuar, por já ser dia. Na noite seguinte assim prosseguiu:

165^A NOITE

“O barbeiro cantou a canção e dançou a dança de Zantu, continuou o jovem coxo; e, apesar dos meus protestos para obrigá-lo a terminar suas palhaçadas, só parou depois de imitar todos os que tinha mencionado. Em seguida, voltando-se para mim, disse-me: Senhor, chamei à minha casa todos esses homens; vinde conosco, e deixai os vossos amigos, grandes conversadores talvez, mas que só vos aborrecerão com suas tediosas palavras e vos provocarão uma doença pior que aquela da qual vos restabelecesteis, ao passo que em minha casa só encontrareis prazer.

Apesar da raiva, não pude deixar de rir das suas loucuras. Se não fosse o meu compromisso, disse-lhe, aceitaria a proposta que me fazeis e iria de boa vontade divertir-me convosco, mas hoje estou ocupadíssimo; outro dia estarei mais livre, e participarei do vosso banquete. Terminai, agora, o trabalho e apressai-vos em voltar, que os vossos amigos com certeza vos estão esperando. Senhor, prosseguiu, não me recuseis o favor que vos peço; vinde divertir-vos com o meu alegre grupo. Se conhecêsseis meus amigos, ficaríeis tão contente que renunciariéis aos vossos. Não falemos mais disso, respondi-lhe, não posso ir.

Nada lucrei com a doçura... Como não quereis ir a minha casa, respondeu o barbeiro, haveis de concordar que eu vá convosco. Levarei para casa o que me deste, e os meus amigos comerão, se quiserem; mas eu voltarei imediatamente. Não quero cometer a incivilidade de deixá-lo ir sozinho; bem mereceis que por vós tenha eu essa complacência. Céus, exclamei, então, não conseguirei me livrar hoje desse homem tão inconveniente! Em nome do grande Deus que vive, disse-lhe, acabemos! Ide encontrar vossos amigos, comei, bebei, diverti-vos e deixai-me a liberdade de ir com os meus. Quero ir sozinho, não preciso que me acompanhem! Vou dizer-vos outra coisa: o lugar para o qual me dirijo não é lugar em que possais ser recebido. Somente a mim é que esperam. Zombais de mim, senhor, respondeu o barbeiro. Se os vossos amigos vos convidaram para um festim, que motivo há

para que eu não vos acompanhe? Causar-lhe-eis prazer, estou certo, levando-lhes um homem que, como eu, sabe fazer rir e divertir qualquer grupo de pessoas. Apesar de tudo quanto disserdes, está resolvido, acompanhar-vos-ei.

Aquelas palavras, senhores, me deixaram embaraçado: Como poderei desfazer-me desse maldito barbeiro?, refleti. Se eu insistir em contradizê-lo, jamais acabaremos a disputa. De repente, ouvi chamar pela primeira vez para a prece do meio-dia. Estava, pois, na hora de partir. Resolvi nada dizer e fingir que consentia no seu pedido. Terminou, então, de me rapar, feito o que, disse-lhe: Valei-vos de alguns dos meus criados para levar essas provisões, e voltaí que eu vos espero. Não irei sem vós.

O barbeiro saiu. Terminei imediatamente de me vestir. Ouvi que chamavam pela última vez para a prece, e apressei-me em partir; mas o malicioso barbeiro, desconfiando de mim, contentara-se em acompanhar os criados até as proximidades de sua casa e vê-los entrar. Depois, ocultara-se num canto da rua para me observar e seguir. Com efeito, quando cheguei à porta da casa do cádi, voltei-me e o descobri na entrada da rua. Senti uma punhalada no coração!

A porta estava semiaberta; entrando, vi o ancião que me esperava, e que, após fechar a porta, me conduziu ao quarto da jovem por quem eu estava apaixonado. Mal havia começado a falar, porém, ouvimos um barulho na rua. A jovem, chegando na janela, distinguiu através da persiana o cádi, seu pai, regressando da prece. Olhei também, e percebi o barbeiro sentado no mesmo ponto do qual eu vira a jovem pela primeira vez.

Meu temor foi duplo: a chegada do cádi e a presença do barbeiro. A jovem me tranquilizou quanto ao primeiro, dizendo-me que seu pai só subia ao seu quarto raramente, e que, como tinha previsto tal contratempo, pensara em um modo de fazer-me sair com segurança. Mas a indiscrição do maldito barbeiro me causava grande inquietação. E vereis que tal inquietação tinha bom fundamento!

Mal o cádi entrou, espancou pessoalmente um escravo culpado, que deu grandes gritos, que se ouviam da rua. O barbeiro julgou, então, que era eu que estava gritando e que me maltratavam. Urrando terrivelmente, rasgou suas vestes e atirou terra na cabeça, chamando por socorro. A vizinhança

toda ocorreu. Alguém lhe perguntou o que se passava. Ah!, disse, estão matando meu amo, meu querido amo! E, sem dizer mais nada, correu para minha casa, voltando imediatamente, seguido de todos os meus criados, armados de bastões. Em seguida, bateram com inconcebível furor à porta do cádi; este mandou um escravo ver o que ocorria, mas este, amedrontado, voltou ao amo, dizendo-lhe: Senhor, mais de dez mil homens querem entrar em vossa casa à força e estão começando a derrubar a porta!

O próprio cádi foi abrir a porta, perguntando o que desejava aquela turba. Sua venerável presença não inspirou respeito aos meus criados, que lhe responderam insolentemente: Maldito cádi! Cão! Que motivo tendes para assassinar nosso amo? Que ele vos fez? Meus bons homens, respondeu-lhes o cádi, por que eu deveria matar vosso amo, que não conheço e que nunca me ofendeu? Eis aqui a casa aberta; entrai, examinai, procurai. Vós o espancastes, disse o barbeiro, ouvi seus gritos, há pouco. Mas torno a repetir, respondeu o cádi, que ofensa pode ter-me feito o vosso amo para me levar a maltratá-lo como afirmais? Estará, por acaso, em minha casa? E se está, como entrou, ou quem o mandou entrar? Apesar dessa enorme barba, não me fareis acreditar no que dizeis, mau cádi, respondeu o barbeiro. Vossa filha ama nosso amo e marcou-lhe um encontro em vossa casa durante a prece do meio-dia. Sem dúvida, fostes advertido, voltastes, surpreendestes o pobre jovem e ordenastes aos escravos que o espancassem; mas tão maldosa ação não ficará impune! O califa será informado e saberá ser justo. Deixai-o sair, imediatamente, senão, para vergonha vossa, iremos nós mesmos buscá-lo. Não há necessidade de falar tanto, respondeu o cádi, nem de fazer tanto barulho. Se o que dizeis é verdade, podeis entrar e procurá-lo, que eu vos dou permissão. Mal o cádi terminou aquelas palavras, o barbeiro e meus criados entraram pela casa adentro como verdadeiros demônios e puseram-se a procurar-me por toda parte...”

Sherazade, nesse ponto, percebendo o dia, deixou de falar. Shahriar se levantou, rindo do indiscreto zelo do barbeiro e curioso em saber o que se passara na casa do cádi, e por que o jovem se tornara coxo. A sultana satisfez-lhe a curiosidade na noite seguinte.

166^A NOITE

“O alfaiate continuou a contar ao sultão de Casgar a história iniciada.

‘Senhor, o jovem coxo, prosseguindo, disse:

Como eu havia ouvido tudo quanto o barbeiro dissera ao cádi, procurei um lugar para me esconder. Só encontrei um grande baú vazio, no qual me meti, fechando-o por dentro. O barbeiro, após farejar por toda parte, entrou no quarto em que eu me achava, e, aproximando do baú, abriu-o. Ao me ver, pegou-o, colocou-o sobre a cabeça e levou-o; depois, desceu por uma escada bastante alta e chegou a um pátio que atravessou rapidamente, alcançando finalmente a porta da rua. Enquanto me carregava, o baú abriu-se, infelizmente; e então, não suportando a vergonha de me ver exposto aos olhares e vaías do povo que nos seguia, atirei-me para a rua com tamanha precipitação que me feri na perna. Desde aquele instante, tornei-me coxo. A princípio, não senti muita dor e não deixei de me levantar para escapar às gargalhadas do povo. Lancei-lhes até punhados de ouro e prata, tirados de minha bolsa; e, enquanto todos se precipitavam para pegar as moedas, fugi por ruelas desertas. Mas o maldito barbeiro, aproveitando-se da astúcia mediante a qual eu me livrara da turba, seguiu-me sem me perder de vista, gritando com toda a força: Detende-vos, senhor. Por que correis tão depressa? Se soubésseis como fiquei triste com o tratamento que o cádi vos dispensou, que sois tão generoso e a quem eu e meus amigos devemos tantas obrigações! Não vos tinha dito que iríeis expor-vos com a vossa obstinação em não querer que eu vos acompanhasse? Eis aí o que vos sucedeu, por culpa exclusivamente vossa; e se eu, por minha vez, não me houvesse obstinado em vos seguir para ver aonde íeis, o que teria sido de vós? Aonde ides agora, senhor? Esperai-me!

Assim falava o desgraçado, em voz alta, na rua. Não se contentava por me ter causado enorme vergonha no bairro do cádi; pretendia ainda que toda a cidade soubesse do ocorrido. Na minha raiva, tinha vontade de esperá-lo para o estrangular; mas com isso só teria tornado mais patente a minha

confusão. Tomei outra resolução: vendo que sua voz fazia de mim um espetáculo para uma infinidade de gente que aparecia às portas ou às janelas ou que parava nas ruas para me contemplar, entrei num khan cujo porteiro conhecia. Encontrei-o à porta, para onde o havia atraído o tumulto. Em nome de Deus, gritei-lhe, fazei-me o favor de impedir que esse furioso entre aqui atrás de mim. Prometeu-me e manteve a palavra; mas não foi sem trabalho, pois o obstinado barbeiro pretendia entrar de qualquer maneira, e só se retirou depois de tê-lo injuriado sem piedade. Até chegar à sua casa não deixou de exagerar a todos os que encontrava o grande serviço que pensava ter me prestado.

Eis como me livreí desse homem tão fatigante. Depois disso, o porteiro pediu-me que eu lhe contasse a minha aventura. Satisfiz-lhe a vontade. Em seguida, pedi-lhe, por minha vez, que me cedesse um aposento até que eu estivesse curado. Senhor, respondeu-me, não ficaríeis mais à vontade em vossa casa? Não quero lá voltar, respondi-lhe. Esse detestável barbeiro acabaria por me encontrar; ficaria obcecado pela sua presença incessante e acabaria por morrer. De resto, após o que me aconteceu, não posso continuar vivendo nessa cidade; pretendo ir para onde minha má sorte queira levar-me. Efetivamente, desde que sarei, peguei o dinheiro necessário para viajar e do restante dos meus bens fiz uma doação aos parentes.

Parti, pois, de Bagdá, senhores, e vim aqui. Esperava não tornar a ver esse pernicioso barbeiro num país tão distante do meu; no entanto, vejo-o entre vós. Não vos admireis, portanto, da pressa que tenho de me retirar. Compreendereis a dor que me causa a visão de um homem que provocou meu defeito físico e me reduziu à triste situação de viver afastado dos meus parentes, dos meus amigos e da minha pátria. Terminando, o jovem coxo levantou-se e saiu. O dono da casa acompanhou-o até a porta, testemunhando-lhe o desprazer que sentia por lhe ter oferecido, embora inocentemente, tão grande motivo de mortificação.

Quando o jovem partiu, continuou o alfaiate, todos nós ficamos atônitos com sua história. Olhando para o barbeiro, dissemos-lhe que errara, desde que fosse verdadeiro o que acabávamos de ouvir. Senhores, respondeu-nos ele, levantando a cabeça, baixa até então, o silêncio que mantive, enquanto o

jovem vos falava, deve servir-vos de prova de que ele disse coisa com a qual eu não concordo. Mas, apesar de tudo, sustento que me vi obrigado a fazer o que fiz, e vós sereis os juízes. Não foi ele ao encontro do perigo? E sem o meu auxílio teria se safado tão felizmente? Devia agradecer-me por ter sido ferido apenas na perna. Não me expus a maior perigo para tirá-lo de uma casa onde supunha que o estavam maltratando? Terá razão para queixar-se de mim e insultar-me tão atrozmente? Eis o que se ganha em servir ingratos. Acusa-me de ser tagarela: é pura calúnia. De sete irmãos que éramos, sou o que menos fala, e o que tem mais espírito. Para que concordeis, senhores, resta-me somente contar a minha história e a deles. Suplico, pois, a vossa atenção.

A história do barbeiro

No reinado do califa Mostanser Bilá, príncipe muito famoso por suas imensas liberalidades para com os pobres, dez ladrões molestavam os caminhos das cercanias de Bagdá, e havia tempo que praticavam roubos e crueldades inauditas. O califa, advertido de tão grave desordem, mandou chamar o chefe de polícia alguns dias antes da festa do bairam, e ordenou-lhe, sob pena de morte, de levá-los todos...”

Sherazade deixou de falar nesse ponto para advertir o sultão da Índia de que o dia começava a surgir. O príncipe se levantou, e, na noite seguinte, a sultana assim prosseguiu:

167^A NOITE

“O chefe de polícia, continuou o barbeiro, tomou as suas medidas, e pôs tanta gente em movimento que os dez ladrões foram presos no mesmo dia do bairam. Estava eu, então, passeando às margens do Tigre, e vi dez homens ricamente trajados embarcando num barco. Teria reconhecido serem ladrões por menos atenção que tivesse prestado aos guardas que os acompanhavam; mas só para eles é que eu tinha olhos; e, supondo que se tratasse de gente que ia se divertir e passar a festa alegremente, entrei no barco com eles, sem dizer uma palavra, com a esperança de que consentiriam em que eu os acompanhasse. Descemos o Tigre e paramos em frente ao palácio do califa. Tive tempo de recuperar o bom senso e notar que os havia julgado mal. Ao sairmos do barco, fomos rodeados por uma nova tropa de guardas do chefe de polícia, que nos amarraram e levaram à presença do califa. Deixei que me amarrassem como os outros, sem protestar. De que me adiantaria opor resistência? Teria sido um meio de fazer com que os guardas me maltratassem, que não me dessem ouvidos, pois são grosseiros que não entendem nada. Eu estava com ladrões; era o bastante para fazê-los acreditar que eu devia ser ladrão também.

Na presença do califa, ordenou este o castigo dos dez bandidos: corte-se a cabeça desses dez ladrões. Imediatamente, o verdugo nos colocou em fila, ao alcance das suas mãos, e eu, por felicidade, fui o último. Cortou a cabeça aos dez ladrões, começando pelo primeiro; quando chegou a minha vez, parou. O califa, vendo que o verdugo não me feria, encolerizou-se. Não te ordenei, disse-lhe, que cortasses a cabeça aos dez ladrões? Por que só a cortaste dos nove primeiros? Comendador dos Crentes, respondeu o verdugo, Deus me livre de não executar as ordens de Vossa Majestade! Eis aí dez corpos sobre o chão, e outras tantas cabeças. Podeis mandar contá-los. Quando o califa verificou que o verdugo dizia a verdade, olhou-me com espanto; e não descobrindo em mim fisionomia de ladrão, disse-me: Bom velho, por que estais no meio dos miseráveis que mereceram mil mortes? Respondi-lhe:

Comendador dos Crentes, vou dizer-vos a verdade. Essa manhã vi entrar num barco esses dez homens, cujo castigo acaba de fazer resplender a vossa justiça; embarquei com eles, convencido de que se tratava de gente que ia se divertir para celebrar o dia mais famoso da nossa religião.

O califa riu-se da minha aventura; e, ao contrário do jovem coxo que me trata de tagarela, admirou a minha discrição e a minha persistência em calar-me. Comendador dos Crentes, prossegui, não vos admireis por ter-me calado em ocasião que provocaria, em outro qualquer, o desejo de falar. Tenho por hábito calar-me, e por esta virtude é que ganhei o glorioso título de o Silencioso. Assim é que me chamam para distinguir-me dos seis irmãos que tive. É o fruto da minha filosofia, e tal virtude constitui toda a minha glória e toda a minha felicidade.

Alegra-me, disse o califa, sorridente, que vos tenham dado o título que tão bem usais. Mas contaime que espécie de gente eram vossos irmãos. Assemelhavam-se a vós? De maneira nenhuma, respondi-lhe; eram todos um mais tagarela que o outro; e, quanto ao aspecto, era grande a diferença entre eles e mim: o primeiro, corcunda; o segundo, banguela; o terceiro, cego; o quarto, caolho; o quinto, de orelhas cortadas; e o sexto, de lábios fendidos. Sucederam-lhes aventuras que vos permitiriam julgar o seu caráter, se me fosse concedida a honra de narrá-las. Parecendo-me que o califa não queria outra coisa senão ouvi-las, prossegui sem aguardar sua ordem.

A história do primeiro irmão do barbeiro

Senhor, disse-lhe, meu irmão mais velho, chamado Bachuc, o corcunda, era alfaiate de profissão. Ao sair da aprendizagem, alugou uma loja em frente a um moinho, e como ainda não tinha prática, custava-lhe muito viver com seu trabalho. O moleiro, pelo contrário, prosperava, e tinha uma formosa mulher. Um dia, meu irmão, trabalhando na loja, levantou a cabeça e viu a uma janela do moinho a moleira olhando para a rua. Achou-a tão linda que ficou encantado. Quanto à moleira, não lhe deu a menor atenção, e, fechando a janela, não tornou a aparecer durante o resto do dia. Entretanto, o pobre alfaiate não fez outra coisa senão erguer os olhos para o moinho enquanto trabalhava. Picou os dedos várias vezes, e o seu trabalho, naquele dia, não foi bastante regular. Pelo fim da tarde, quando tratou de fechar a loja, relutou, por esperar sempre que a moleira reaparecesse; finalmente, foi obrigado a fechar a loja e a dirigir-se para casa, onde passou péssima noite. É verdade que se levantou mais cedo no dia seguinte, e que, impaciente por rever a dama, voou para a loja. Não teve mais ventura que na véspera: a moleira só apareceu um instante; aquele instante acabou de fazê-lo o mais apaixonado dos homens. No terceiro dia, ficou mais alegre que nos dois primeiros. A moleira, por acaso, o viu, e surpreendeu-o a contemplá-la tão embevecidamente que percebeu logo o que se passava...”

O dia surgindo obrigou Sherazade a interromper a história, cujo fio retomou na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

168^A NOITE

— Senhor — continuando a história de seu irmão mais velho, disse o barbeiro:

“Comendador dos Crentes, mal a moleira percebeu os sentimentos de meu irmão, em lugar de aborrecer-se, resolveu divertir-se, olhando-o, sorridente; meu irmão retribuiu-lhe o gesto, mas de maneira tão divertida que a moleira fechou a janela depressa, com medo de explodir numa gargalhada, demonstrando assim que o achava simplesmente ridículo. O inocente Bachuc interpretou o ato vantajosamente para ele e não deixou de se gabar.

A moleira tomou a resolução, portanto, de se divertir à custa do meu irmão. Possuía um belo tecido com o qual havia muito que desejava mandar fazer um vestido. Embrulhando-o num lindo lençol de seda bordada, enviou-lhe por uma de suas jovens escravas. A escrava bem- -instruída, chegando à loja do alfaiate, disse-lhe: Minha ama vos saúda, e vos pede que lhe façais um vestido com esse tecido, do mesmo modelo que esse que também vos envia; troca frequentemente de vestidos, e é uma cliente com a qual ficareis satisfeitíssimo. Meu irmão não duvidou absolutamente de que a moleira estivesse apaixonada por ele, e julgou que ela lhe mandava um trabalho, imediatamente após o que se passara entre ambos, só para lhe dizer que lera no seu coração, e assegurar-lhe que o seu afeto era bem-recebido. Confiante na sua crença, encarregou a escrava de dizer à dama que por ela abandonaria tudo, e que o vestido ficaria pronto no dia seguinte, de manhã. Com efeito, trabalhando com afinco, logrou terminá-lo no mesmo dia.

No dia seguinte, a jovem escrava foi perguntar se o trabalho já estava pronto. Bachuc entregou-o, bem-dobrado, dizendo-lhe: Tenho muito interesse em contentar vossa ama para me esquecer do seu vestido; quero que, de hoje em diante, só se sirva dos meus préstimos. A jovem escrava deu alguns passos para retirar-se; mas, voltando, disse baixinho a meu irmão: A propósito, estava me esquecendo de vos transmitir um recado; minha ama me

encarregou de vos apresentar suas saudações e de vos perguntar como passastes a noite; quanto a ela, pobrezinha, ama-vos tanto que não conseguiu dormir. Dize-lhe, respondeu arrebatadamente o palerma do meu irmão, que nutro por ela paixão tão violenta que há quatro noites que não posso sequer fechar os olhos. E julgou dever gabar-se de que a moleira não o deixaria morrer à espera dos seus favores.

Mal fazia uns 15 minutos que a escrava deixara meu irmão, quando ele a viu voltar com uma peça de cetim. Minha ama está satisfeitíssima com o seu vestido, que lhe assenta perfeitamente; mas, como é muito lindo, e ela só quer usá-lo com calças novas, roga-vos que lhe prepareis um par o mais depressa possível com essa peça de cetim. Basta, respondeu Bachuc, ficarão prontas hoje, antes que eu feche a loja; vem buscá-las antes do cair da noite. A moleira assomou várias vezes à janela, prodigando os seus encantos a meu irmão, a fim de lhe incutir ânimo. Dava gosto vê-lo trabalhar. As calças não tardaram em ficar prontas. A escrava foi buscá-las, sem levar, porém, o dinheiro por ele desembolsado com os aviamentos do vestido e das calças, nem o dinheiro para pagar o feitio das peças. Entretanto, o infeliz amante, do qual se riam e que nada percebia, não comera durante o dia inteiro, e foi obrigado a pedir emprestadas algumas moedas para comprar o suficiente para jantar. No dia seguinte, mal chegou à loja, a jovem escrava foi dizer-lhe que o moleiro desejava falar-lhe: Minha ama, acrescentou, falou-lhe tão bem de vós, ao mostrar-lhe o vosso trabalho, que ele também quer que trabalheis para ele. Assim procedeu, propositadamente, a fim de que a ligação que ela pretende formar entre o marido e vós sirva para chegardes ambos facilmente ao que desejais. Meu irmão deixou-se persuadir e foi ao moinho com a escrava. O moleiro acolheu-o bem, e, apresentando-lhe um tecido, disse-lhe: Preciso de camisas, e desejaria que me preparásseis vinte. Se sobrar tecido, me devolvereis...”

Sherazade, ferida de súbito pela claridade do dia que começava a iluminar o aposento de Shahriar, se calou. Na noite seguinte, assim continuou a história de Bachuc:

169^A NOITE

“Meu irmão, prosseguiu o barbeiro, teve trabalho por cinco ou seis dias, no preparo das camisas do moleiro, que em seguida lhe confiou outra peça para ceroulas. Quando ficaram prontas, Bachuc levou-as ao moleiro, que perguntou quanto lhe devia, ao que meu irmão respondeu que se contentaria com vinte dracmas de prata. O moleiro chamou imediatamente a jovem escrava, pedindo-lhe que trouxesse a balança para ver se as moedas tinham o peso exato. A escrava, que fora avisada, olhou para meu irmão encolerizada, a fim de lhe dar a entender que ele estragara tudo, se recebesse o dinheiro. Bachuc se recusou, pois, a aceitá-lo, embora dele precisasse, tendo até pedido emprestado algum para comprar o fio com o qual cosera as camisas e as ceroulas. Ao sair da casa do moleiro, foi suplicar-me que lhe emprestasse o suficiente para viver, dizendo-me que o não pagavam. Dei-lhe algumas moedas que eu tinha na bolsa, o que lhe permitiu comer durante uns dias. É verdade, porém, que só se alimentava de leite e farinha, e sem faltar-se.

Um dia entrou na casa do moleiro, ocupado no moinho, e que, julgando que ele lá tivesse ido pedir-lhe dinheiro, lhe ofereceu; mas a jovem escrava, presente, fez-lhe um sinal para que não o aceitasse; e levou-o a responder ao moleiro que só o visitara para indagar da sua saúde. O moleiro agradeceu-lhe, e deu-lhe tecido para fazer um vestido. Bachuc levou-o no dia seguinte. O moleiro pegou a bolsa, mas a jovem escrava limitou-se a olhar para meu irmão, que disse ao moleiro: Vizinho, não há pressa; pagar-me-eis outro dia. Assim, o infeliz voltou para a loja com três graves enfermidades: amor, fome e falta de dinheiro.

A moleira era má e avarenta e, não se contentando em não pagar a meu irmão o que lhe era devido, instigou o marido a vingar-se do amor dele. Eis como se passaram os fatos. Uma noite, o moleiro convidou Bachuc para jantar, e, após oferecer-lhe péssima comida, disse-lhe: Meu irmão, já é muito tarde para que volteis. Fica aqui. Assim, levou-o para um lugar onde se

encontrava um leito. Deixando-o lá, retirou-se com sua mulher para o quarto em que costumavam deitar-se. No meio da noite, o moleiro foi ter com meu irmão e disse-lhe: Vizinho, estais dormindo? A minha mula está doente, e não me falta trigo para moer; prestar-me-íeis um favor se fizésseis girar o moinho no seu lugar. Bachuc, para lhe provar ser homem de boa vontade, respondeu-lhe estar pronto. O moleiro, então, prendeu-o pelo meio do corpo, tal qual um animal, para fazer girar o moinho; em seguida, fustigando-o nos rins, ordenou-lhe: Caminha, vizinho, caminha! Mas por que me bateis?, perguntou-lhe meu irmão. Para vos encorajar, respondeu o moleiro; sem isso, a minha mula não se move. Bachuc admirou-se do tratamento; contudo, não ousou queixar-se. Dadas umas cinco ou seis voltas, quis repousar; mas o moleiro aplicou-lhe uma dúzia de chicotadas, dizendo-lhe: Coragem, vizinho, não pareis, é preciso caminhar sem tomar fôlego. A não ser assim, estragareis a minha farinha.”

Sherazade deixou de falar nesse ponto, por ver que já era dia. No dia seguinte, assim recomeçou:

170^A NOITE

“O moleiro obrigou meu irmão a mover o moinho pelo resto da noite, continuou o barbeiro. Ao despontar do dia, deixou-o, sem o desamarrar, e retirou-se para o quarto de sua mulher. Bachuc assim ficou por algum tempo. Finalmente, a jovem escrava foi soltá-lo. Ah, como vos lastimamos, minha boa ama e eu!, exclamou a pérfida; não participamos absolutamente da peça que o marido vos pregou. O infeliz Bachuc não respondeu, de tão fatigado e moído de pancadas, limitando-se a voltar para casa com a firme resolução de nunca mais pensar no moleiro.

A história, prosseguiu o barbeiro, fez rir o califa. Ide-vos, disse-me ele, voltai para casa; dar-vos-ão alguma coisa de minha parte para vos consolardes de ter perdido a festa que esperáveis. Comendador dos Crentes, prossegui, suplico-vos concordar com que não me seja entregue nada antes de vos contar a história de meus outros irmãos. Consentindo o califa, com o seu silêncio, continuei:

A história do segundo irmão do barbeiro

Meu segundo irmão, chamado Bakbará, o banguela, estando um dia passeando pela cidade, encontrou numa rua isolada uma anciã que lhe dirigiu a palavra: Tenho de falar-vos. Portanto, detende-vos um pouco. Bakbará parou, perguntando-lhe o que desejava. Se tendes tempo para vir comigo, disse-lhe ela, levar-vos-ei a um palácio maravilhoso, onde vereis mulher mais bela que o dia; receber-vos-á com prazer, e vos oferecerá excelente refeição e ótimo vinho. Não é preciso que vos diga mais. O que me dizeis é verdade?, perguntou meu irmão. Não sou mentirosa, respondeu a anciã, e não vos proponho o que não é verdadeiro. Mas ouvi o que de vós exijo; é preciso que sejais prudente, que faleis pouco e que tenhais infinita complacência. Tendo Bakbará aceitado as condições, seguiu-a, e ambos chegaram à porta de um grande palácio, onde se encontrava grande número de oficiais e criados. Alguns quiseram deter meu irmão; mal a anciã, porém, lhes falou, deixaram-no passar. Voltando-se para meu irmão, disse-lhe ela: Lembrai-vos pelo menos de que a jovem para a qual vos levo ama a doçura e a moderação, e não quer que a contradigam. Se a contentardes nesse ponto, obtereis dela o que bem vos aprouver. Bakbará agradeceu-lhe o aviso, prometendo obedecer-lhe.

Ela o fez entrar num belo aposento, uma grande construção quadrada, que correspondia à magnificência do palácio, tendo, a rodeá-lo, uma galeria, e, no meio, um belíssimo jardim. A anciã mandou que se sentasse num sofá e pediu-lhe que esperasse um instante, enquanto ia avisar a jovem.

Meu irmão, que nunca entrara num lugar tão maravilhoso, pôs-se a olhar para todas as belezas que se lhe ofereciam à vista; e, julgando da sua boa sorte pela magnificência do recinto, mal conseguia refrear o júbilo. De repente, ouviu um grande ruído, causado por um grupo de escravas alegres que para ele se dirigiam rindo e percebeu entre elas uma jovem de beleza extraordinária, facilmente reconhecível como sua ama, pelas considerações que todas lhe demonstravam. Bakbará, que tinha esperado uma entrevista particular com a jovem, ficou extremamente surpreso por vê-la chegar em

tão boa companhia. Entretanto, as escravas, ao se aproximarem dele, deixaram de rir, e quando a jovem chegou perto do sofá, meu irmão, que se havia levantado, lhe fez profunda reverência. Ela se sentou no lugar de honra; depois, rogando-lhe que tornasse a ocupar o seu lugar, disse-lhe, sorridente: Estou contentíssima por vos ver, e desejo-vos todo o bem que se pode desejar. Senhora, respondeu Bakbará, o maior bem que posso desejar é a honra de estar na vossa presença. Parece-me que estais bem-humorado, respondeu ela, e que pretendeis passar agradavelmente o tempo comigo.

Ordenou imediatamente que servissem as iguarias. Ao mesmo tempo, cobriu-se uma mesa de várias corbelhas de frutos e confeitos. Em seguida, a jovem sentou-se à mesa com as escravas e meu irmão. Sentado diante dela, quando abria a boca para comer, ela notou que ele era banguela, e chamou a atenção das escravas, que riam muito. Bakbará, que de vez em quando levantava a cabeça para contemplá-la, e a via rir, supôs que fosse de alegria por ele ter vindo, e regozijou-se à ideia de que, em pouco tempo, ela se livraria das escravas para ficar sozinha com ele, sem testemunhas. A jovem descobriu o pensamento do meu irmão, e, divertindo-se em mantê-lo em tão agradável erro, murmurou-lhe palavras doces e apresentou-lhe, com suas próprias mãos, tudo quanto havia de melhor.

Finda a refeição, todos se levantaram. Dez escravas, empunhando instrumentos, começaram a tocar e cantar. Outras iniciaram uma dança. Meu irmão, para ser gentil, dançou também, e a jovem também participou do divertimento. Depois de algum tempo, todos se sentaram para recobrar o fôlego. A jovem mandou que lhe dessem um copo de vinho e olhou para meu irmão sorrindo, para lhe demonstrar que beberia à sua saúde. Bakbará ficou de pé, enquanto ela bebia. A jovem, após beber, mandou que enchessem de novo o copo, e ofereceu-o a meu irmão...”

Sherazade quis prosseguir, mas, notando que já era dia, deixou de falar. Na noite seguinte, retomando a palavra, disse ao sultão da Índia:

171^A NOITE

— Senhor, o barbeiro continuou a história de Bakbará:

“Meu irmão pegou o copo da mão da jovem e bebeu de pé, em reconhecimento pelo favor recebido. Em seguida, a jovem fez com que ele se sentasse perto dela e começou a acariciá-lo, passando-lhe a mão na nuca, dando-lhe tapinhas. Embevecido, Bakbará julgava-se o mais feliz dos mortais, e teve ímpetos de brincar também; não ousava, porém, tomar tal liberdade diante de tantas escravas que o fitavam, e não paravam de rir. A jovem continuou a dar-lhe tapinhas; finalmente, aplicou-lhe um tão forte, que ele ficou indignado, e, corando, levantou-se para afastar-se de tão rude brincalhona. A anciã que para lá o levava olhou-o então de tal modo que lhe deu a entender que ele não tinha razão, e que não se lembrava do aviso recebido. Bakbará reconheceu a sua falta, e, para repará-la, voltou a aproximar-se da jovem, fingindo não ter se afastado por mau humor. Ela o puxou pelo braço, fez com que ele se sentasse novamente ao seu lado e continuou a fazer-lhe mil carícias maliciosas. As escravas, que só buscavam diverti-la, auxiliaram-na: uma dava violentos piparotes no pobre Bakbará; outra lhe puxava as orelhas, outras, enfim, lhe aplicavam tapas que ultrapassavam a brincadeira. Meu irmão sofreu tudo com admirável paciência, fingindo até um ar alegre. E, olhando para a anciã com um sorriso forçado, disse: Bem dissestes que eu encontraria uma jovem excelente, agradável, encantadora! Quantas obrigações vos devo! Não é nada, respondeu-lhe a anciã; não vos importais que, em breve, vereis outra coisa. A jovem, tomando então a palavra, disse a meu irmão: Sois um bom homem, e estou encantada por achar em vós tanta doçura e complacência para os meus caprichozinhos e um humor igual ao meu. Senhora, respondeu Bakbará, embevecido, já não me pertenço, sou todo vosso, e podeis fazer de mim o que quiserdes. Como me agradais, respondeu a jovem, manifestando-me tamanha submissão! Estou contente convosco e quero que também fiquéis contente comigo. Trazei-lhe imediatamente, acrescentou, o perfume e a água

de rosas. Àquelas palavras, duas escravas se retiraram, voltando pouco depois uma com uma taça de prata onde havia aloés do mais raro, com o qual o perfumou, e outra com água de rosas que lhe atirou ao rosto e às mãos. Meu irmão não cabia em si de contentamento por se ver tão bem-tratado.

Após aquela cerimônia, a jovem ordenou às escravas, que já tinham tocado e cantado, que recomeçassem o concerto. Elas obedeceram; e a dama, chamando outra escrava, lhe ordenou levar meu irmão com ela, dizendo-lhe: Fazei-lhe o que sabeis; quando tiveres terminado, traga-o novamente. Bakbará, que ouviu a ordem, levantou-se imediatamente e, aproximando-se da anciã, que também se havia levantado para acompanhá-lo, pediu-lhe que lhe explicasse o que pretendiam fazer. A nossa ama é curiosa, respondeu-lhe baixinho a anciã, e deseja ver como ficareis disfarçado de mulher; e a escrava que recebeu a ordem de vos levar vai pintar-vos as sobrancelhas, rapar seu bigode e vestir-vos de mulher. Podem pintar-me quanto quiserem as sobrancelhas, respondeu meu irmão, que eu consinto, mas quanto ao bigode, é coisa que não permitirei; como ousaria aparecer, depois, sem bigode? Guardai-vos de vos opor ao que de vós se exige, prosseguiu a anciã; estragaríeis tudo e acabaria mal uma coisa que começou muito bem. Sois amado, e querem tornar-vos feliz; renunciareis, por um miserável bigode, aos mais deliciosos favores que um homem pode obter? Bakbará cedeu, e, sem dizer uma palavra, deixou-se levar pela escrava a um quarto, onde lhe pintaram de vermelho as sobrancelhas. Em seguida, raparam-lhe o bigode e prepararam-se para rapar-lhe também a barba. A docilidade de meu irmão não pôde ir além: Oh, quanto a minha barba, não admitirei de forma alguma que a cortem! A escrava fez-lhe ver que era inútil a perda do bigode, se ele não consentisse em sacrificar a barba, que um rosto barbudo não condizia com as vestes de mulher e que ela se admirava de ver que um homem que ia possuir a mais bela criatura de Bagdá desse importância à sua barba. A anciã, intervindo, apresentou outras razões, entre as quais a de que ele perderia as boas graças da jovem. Finalmente, disse-lhe tantas coisas que ele cedeu mais uma vez.

Quando ficou pronto, levaram-no de volta à presença da jovem, que desatou a rir ao vê-lo, e riu tanto que caiu extenuada sobre o sofá em que se

achava sentada. As escravas imitaram-na, batendo as mãos. Meu irmão se confundiu. A jovem, tornando a se levantar e sem deixar de rir, disse-lhe: Após a complacência que tivestes comigo, bem errada andaria eu se não vos amasse de todo o coração; é preciso, porém, que façais ainda outra coisa: dançar. Ele obedeceu, e a jovem e suas escravas dançaram com ele, rindo como loucas. Após dançarem algum tempo, atiraram-se todas sobre o infeliz e deram-lhe tantos tapas, socos e pontapés que ele caiu por terra quase sem sentidos. A anciã ajudou-o a se levantar, para não lhe dar tempo de se aborrecer com tão mau tratamento. Consolai-vos, disse-lhe ao ouvido, chegaste ao fim dos vossos tormentos, e ides receber seu prêmio...”

O dia que estava aparecendo impôs silêncio à sultana Sherazade, que assim prosseguiu, na noite seguinte:

172^A NOITE

“A anciã, disse o barbeiro, continuou a falar a Bakbará. Só vos resta agora uma coisa, uma verdadeira bagatela. Minha ama tem por costume, quando bebe um pouco, como hoje, não permitir que dela se aproximem os que ama, a não ser que se encontrem apenas com a camisa. Vendo-os nesse estado, toma uma dianteira e põe-se a correr pela galeria, de quarto em quarto, até que a agarrem. É outra das suas esquisitices. Por maior que seja sua dianteira, porém, leve e disposto como sois, não tardareis em enlaçá-la. Despi-vos, portanto, imediatamente, sem protestos.

Meu bom irmão já não podia recuar. Despiu-se; entretanto, a jovem, tirando o vestido, ficou apenas com um saíote, para poder correr mais depressa. Estando ambos já em condições de começar a corrida, a jovem tomou uma dianteira de cerca de vinte passos e pôs-se a correr com surpreendente rapidez. Meu irmão seguiu-a, provocando as risadas de todas as escravas, que batiam palmas. A jovem, em vez de perder parte da dianteira inicial, aumentava cada vez mais a distância. Deu, antes, duas ou três voltas pela galeria, para em seguida entrar numa longa aleia escura, onde escapou por um desvio que lhe era conhecido. Bakbará, que a perseguia, perdendo-a de vista, foi obrigado a correr menos depressa por causa da escuridão. Finalmente, percebeu uma luz para a qual recomeçou a correr, e cruzou uma porta que imediatamente se fechou atrás dele. Imaginai sua surpresa ao encontrar-se no meio de uma rua de curtidores. Estes, vendo-o somente de camisa, com os olhos pintados de vermelho, sem barba e sem bigodes, começaram a vaiá-lo; alguns, correndo atrás dele, surraram-lhe as nádegas com peles. Depois, agarrando-o, puseram-no sobre um burro, encontrado por acaso, e levaram-no a passeio pela cidade, exposto às chacotas e risadas de toda a população.

Por cúmulo de desgraça, ao passarem diante da casa do chefe de polícia, quis o magistrado saber a causa do tumulto. Os curtidores disseram-lhe que haviam visto meu irmão sair naquele estado por uma porta da residência das

mulheres do grão-vizir. O juiz mandou infligir ao desgraçado Bakbará cem bastonadas nas plantas dos pés, e ordenou que o levassem para fora da cidade, proibindo-o de voltar.

Eis, Comendador dos Crentes, disse eu ao califa Mostanser Bilá, a aventura de meu segundo irmão. Ele não sabia que as mulheres dos nossos mais poderosos senhores se divertem às vezes em pregar tais peças aos jovens bastante tolos para se meterem em tais aventuras...”

Sherazade foi obrigada a deter-se nesse ponto por causa do dia. Na noite seguinte, retomou a história, dizendo a Shahriar:

173_A NOITE

— Senhor, o barbeiro, sem interromper-se, passou à história do seu terceiro irmão.

A história do terceiro irmão do barbeiro

“Comendador dos Crentes, disse ele ao califa, meu terceiro irmão, chamado Bakhac, era cego, e, tendo seu mau destino o reduzido à miséria, ia de porta em porta pedir esmolas. Estava tão habituado a caminhar sozinho nas ruas que não precisava de guia. Costumava bater às portas, e só responder quando lhe abriam. Um dia, bateu à porta de uma casa; o dono, que se achava sozinho, perguntou: Quem é? Meu irmão nada respondeu, e bateu pela segunda vez. O dono da casa tornou a perguntar, inutilmente, quem era. Desceu, então, e abriu a porta, perguntando ao meu irmão o que ele desejava. Dai-me alguma coisa, pelo amor de Deus, disse-lhe Bakhac. Sois cego, se não me engano, disse-lhe o dono da casa. Ah, sim!, respondeu meu irmão. Estendei a mão, pediu-lhe o dono. Meu irmão a estendeu, crendo receber a esmola, mas o dono pegou-a para o ajudar a subir à sala. Bakhac julgou que iria comer com ele, como lhe sucedia frequentemente. Ao chegarem à sala, o dono da casa largou sua mão, voltou ao seu lugar, e perguntou-lhe de novo o que desejava. Já vos disse, respondeu-lhe Bakhac. Dai-me alguma coisa, pelo amor de Deus. Bom cego, respondeu o dono da casa, e continuou: Tudo quanto posso fazer por vós é desejar que Deus vos devolva a visão. Bem podíeis ter-me dito isso à porta, respondeu-lhe meu irmão, poupando-me, assim, o trabalho de subir. E por que, anjo que sois, não respondeis imediatamente quando vos perguntam quem é? Por que dais às pessoas o trabalho de vos ir abrir a porta? Que pretendeis de mim?, perguntou meu irmão. Repito-o, respondeu o dono da casa, nada tenho para vos dar. Ajudai-me, então, a descer, assim como me ajudastes a subir, respondeu Bakhac. A escada está na vossa frente, concluiu, descei sozinho. Meu irmão pôs-se a descer, mas faltando-lhe o pé no meio da escada, machucou-se bastante nos rins e na cabeça, ao escorregar. Levantou-se com muito esforço e saiu resmungando contra o dono da casa, que se limitou a rir.

Na rua, dois cegos, seus amigos, que iam passando, o reconheceram pela voz, e, parando, perguntaram-lhe o que tinha. Meu irmão contou-lhes o que

sucedera; e, após dizer-lhes que durante o dia inteiro não havia recebido nada, acrescentou: Suplico-vos, que me acompanheis para que eu pegue, diante de vós, algum dinheiro do que possuímos os três em comum, e compre o que comer. Os dois cegos concordaram.

Convém observar que o dono da casa em que meu irmão fora tão maltratado era um ladrão, homem naturalmente astuto e malicioso. Ouvindo, pela janela, o que Bakhac dissera aos companheiros, desceu, seguiu-os e entrou com eles na péssima casa em que meu irmão vivia. Sentando-se os cegos, disse Bakhac: Irmãos, fechemos a porta e tratemos de verificar se não há aqui algum estranho. Àquelas palavras, o ladrão ficou perplexo; mas, percebendo uma corda presa por acaso ao forro, agarrou-a e susteve-se no ar, enquanto os cegos fechavam a porta e davam a volta ao quarto, tateando por toda a parte com os bastões. Quando voltaram aos seus lugares, o ladrão largou a corda e foi sentar-se silenciosamente perto do meu irmão, que, julgando-se sozinho com os cegos, lhes disse: Irmãos, como me fizestes depositário do dinheiro que há muito tempo recebemos todos os três, quero mostrar-vos que não sou indigno da confiança que tendes em mim. A última vez que o contamos, possuíamos mil dracmas, guardados em dez sacos. Aqui estão eles. Assim, enfiou a mão sob uma trouxa de roupas velhas e, tirando os sacos um depois do outro, entregou-os aos seus companheiros: Pelo seu peso, notareis que estão intactos; mas se quiserdes, poderemos contá-los. Tendo-lhe respondido os companheiros que criam no que ele lhes dizia, abriu um dos sacos e tirou dez dracmas; os outros dois fizeram o mesmo.

Em seguida, meu irmão recolocou os dez sacos no lugar, após o que um dos cegos lhe disse que não havia necessidade de que ele gastasse naquele dia para a sua refeição pois trazia provisões suficientes para os três. Ao mesmo tempo, tirou do alforje pão, queijo e algumas frutas, e, pondo tudo sobre a mesa, começaram a comer. O ladrão, que se achava à direita do meu irmão, escolhia o que havia de melhor e comia com eles; mas, apesar de todas as suas precauções para não fazer ruído, Bakhac ouviu-o mastigar, e imediatamente gritou: Estamos perdidos. Há um estranho entre nós! Estendeu a mão e, agarrando o ladrão pelo braço, atirou-se contra ele, dando-lhe fortíssimos murros. Os outros cegos também começaram a gritar e

a bater no ladrão, que, por sua vez, se defendia da melhor forma possível. Como era forte e vigoroso, e tinha a vantagem de ver onde lhe aplicavam os golpes, batia furiosamente, gritando ao mesmo tempo, mais forte que seus adversários. Os vizinhos acorreram, arrombaram a porta e tiveram muito trabalho para separar os briguentos; finalmente, conseguindo-o, perguntaram o motivo da luta. Senhores!, gritou meu irmão, que não havia largado o ladrão, esse homem é um gatuno que entrou conosco para nos roubar o pouco dinheiro que possuímos. O ladrão, que cerrara os olhos ao ver surgir os vizinhos, fingindo ser cego, disse, então: Senhores, esse homem é mentiroso; juro-vos, pelo nome de Deus e pela vida do califa, que sou companheiro deles e que se recusam a dar-me o que de direito me pertence. Atiraram-se os três contra mim, e eu exijo justiça! Os vizinhos, não querendo intrometer-se na briga, levaram os quatro ao chefe de polícia.

Ao chegarem à presença do magistrado, o ladrão, sem esperar que o interrogassem, disse, fingindo sempre ser cego: Senhor, pois que estais encarregado de ministrar a justiça por parte do califa, cujo poder queira Deus que prospere, declarar-vos-ei que somos todos criminosos, meus três companheiros e eu. Mas como nos empenhamos por juramento a só confessar se fôssemos espancados, se quiserdes saber o nosso crime, ordenais que nos batam, e começai por mim. Meu irmão quis falar, mas impuseram-lhe silêncio. O ladrão começou, pois, a ser espancado...”

Àquelas palavras, Sherazade, notando que já era dia, interrompeu a história, para continuá-la na noite seguinte.

174^A NOITE

“O ladrão foi espancado, disse o barbeiro, tendo a paciência de receber trinta bastonadas. Fingindo, depois, ser vencido pela dor, abriu primeiramente um olho, em seguida outro, suplicando clemência. O chefe de polícia, vendo que o ladrão o fitava com ambos os olhos abertos, admirou-se: Que significa esse milagre?, perguntou-lhe. Senhor, respondeu-lhe o ladrão, revelarei a vós um importante segredo, se me concederdes perdão e me entregardes, como penhor da vossa palavra, o anel que usais nesse dedo e vos serve de sinete. Estou pronto a revelar-vos esse mistério.

O chefe de polícia mandou pararem as bastonadas, entregou-lhe o anel e prometeu-lhe perdão. Confio na vossa promessa, disse-lhe o ladrão, e confesso-vos, senhor, que meus companheiros e eu vemos todos muito bem. Fingimos ser cegos para entrar livremente nas casas e penetrar até nos aposentos das mulheres, onde abusamos da sua fraqueza. Confesso-vos ainda que, com tal artifício, ganhamos dez mil dracmas em sociedade. Hoje exigi dos meus amigos 2.500 dracmas que constituem a minha parte; recusaram-me, por eu lhes ter declarado que pretendia retirar-me, e recearem que eu os denunciasse; vendo que eu insistia no pedido, atiraram-se contra mim e maltrataram-me, como podem testemunhar as pessoas que nos trouxeram à vossa presença. Espero da vossa justiça, senhor, que ordenais que me sejam entregues as 2.500 dracmas. Se quereis que os meus companheiros confessem a verdade do que afirmo, mandai infligir-lhes três vezes o número de bastonadas que recebi, e vereis que abrirão os olhos como eu.

Meu irmão e os outros dois cegos quiseram justificar-se perante tão horrível impostura, mas o chefe de polícia não se dignou a ouvi-los. Celerados!, disse-lhes, é assim, então, que fingis ser cegos, que enganais a população, com o pretexto de lhes provocar a caridade, e que cometeis tão más ações!, respondeu, furioso, o chefe de polícia. É mentira!, exclamou meu irmão; nenhum de nós vê, e tomamos a Deus por testemunha!

Tudo quanto meu irmão disse foi inútil; ele e os dois companheiros receberam cada um duzentas bastonadas. O chefe de polícia esperava que abrissem os olhos, atribuindo a uma grande obstinação o que não passava de efeito de uma absoluta incapacidade. Entretanto, dizia o ladrão aos cegos: Pobres que sois, abri os olhos, não deixeis que vos matem. Depois, dirigindo-se ao chefe de polícia: Senhor, sei que levarão a obstinação ao extremo e que jamais abrirão seus olhos; querem, sem dúvida, evitar a vergonha que teriam ao ler a condenação nos olhares de todos. Será melhor perdoar-lhes e mandar alguém comigo buscar as dez mil dracmas escondidas por eles.

O chefe de polícia ordenou imediatamente a um dos seus homens que acompanhasse o ladrão. Dentro de instantes, voltaram com os dez sacos. Contadas as 2.500 dracmas para o ladrão, o juiz guardou o resto. Quanto ao meu irmão e aos seus companheiros, deles se apiedando, contentou-se em expulsá-los. Mal soube o que ocorrera a meu irmão, corri para vê-lo. Contou-me sua desgraça, e eu o levei secretamente de volta à cidade. Bem teria podido justificá-lo perante o chefe de polícia e mandar punir o ladrão como merecia, mas nada ousei, com medo de atrair sobre mim a desventura.

Foi assim que terminei a triste história do meu bom irmão cego. O califa riu-se tanto quanto se rira ao ouvir as outras e novamente ordenou que me dessem alguma coisa; mas, sem esperar que a sua ordem fosse executada, comecei a contar as aventuras de meu quarto irmão.

A história do quarto irmão do barbeiro

Meu quarto irmão se chamava Alcuz, que se tornou caolho na ocasião que terei a honra de descrever-vos. Era açougueiro de profissão e tinha um talento especial para criar e preparar carneiros que lutavam entre si; por esse meio, conquistara o conhecimento e a amizade dos principais senhores, que se divertiam em apreciar tal espécie de combate. De resto, gozava de excelente reputação. Tinha sempre na sua loja a mais bela carne, por ser muito rico, e nada poupar para adquiri-la.

Um dia, estando ele na sua loja, um ancião de longa barba branca foi comprar seis libras de carne, entregou-lhe o dinheiro e retirou-se. Meu irmão achou as moedas tão lindas, brancas e bem-feitas que as guardou separadamente num cofre, num lugar separado das demais. O mesmo ancião não deixou, durante cinco meses, de ir todos os dias buscar a mesma quantidade de carne, e de pagar-lhe sempre com as mesmas moedas, que meu irmão continuou a guardar separadamente.

Cinco meses depois, Alcuz, pretendendo comprar certa quantidade de carneiros e pagá-los com as lindas moedas, abriu seu cofre; mas, em vez de encontrá-las, espantou-se ao ver, no seu lugar, simples folhas cortadas em rodela. Dando fortes murros na cabeça e gritando, atraiu a atenção dos vizinhos, cuja surpresa igualou à sua ao saberem de que se tratava. Prouvera a Deus que o traidor do ancião chegasse nesse instante com os seus ares hipócritas!, disse meu irmão, chorando. Mal terminou tais palavras, viu-o chegar; correndo-lhe ao encontro e pondo uma das mãos sobre ele, gritou: Muçulmanos, socorro! Ouvi a peça que esse malvado me pregou. Ao mesmo tempo, contou a um grande número de pessoas que o haviam rodeado o que já contara aos vizinhos. Quando acabou, o ancião, sem comover-se, disse-lhe friamente: Andaríeis bem em deixar que eu prossiga e reparar com tal ato a afronta que me fazeis diante de toda essa gente, pois poderia suceder que vos fizesse outra, mais sangrenta, o que muito me aborreceria. Ora, que tendes contra mim?, respondeu meu irmão; sou um homem honrado na minha profissão e não vos temo. Quereis, portanto, que eu fale?, respondeu o

ancião, com a mesma violência. Sabei, acrescentou, dirigindo-se ao povo, que em vez de vender carne de carneiro, como deve, vende carne humana! Sois um impostor!, protestou meu irmão. Não, não, disse o velho; enquanto vos falo, há um homem degolado e pendurado fora da vossa loja, como um simples carneiro. Vá ver quem quiser certificar-se da verdade.

Antes de abrir o cofre em que se achavam as folhas, meu irmão abatera um carneiro e expusera-o fora da loja, segundo seu costume. Protestou, afirmando que o que o ancião dizia era falso; mas, apesar dos seus protestos, o povo crédulo, deixando-se prevenir contra homem acusado de coisa tão atroz, quis certificar-se imediatamente. Obrigou-o, por conseguinte, a largar o ancião, pegou-o e correu furiosamente até a loja, onde viu um homem degolado e pendurado, como dissera o acusador. O ancião, que era mágico, hipnotizava a todos, assim como havia fascinado meu irmão, para obrigá-lo a receber como bom dinheiro folhas, simples folhas.

Àquela cena, um dos que seguravam Alcuz lhe disse, aplicando-lhe fortíssimo murro: Como, infame, então nos dás a comer carne humana? E o ancião, que não o tinha abandonado, deu-lhe outro que lhe vazou um dos olhos. Ninguém o poupou. Nem se contentaram em maltratá-lo; levaram-no ao chefe de polícia, a quem foi apresentado o suposto cadáver, como testemunha para a acusação. Senhor, disse-lhe o velho mágico, estais vendo um homem bárbaro, capaz de trucidar gente e vender sua carne como carne de carneiro. O público espera que lhe apliqueis castigo exemplar. O chefe de polícia ouviu pacientemente meu irmão, mas o dinheiro transformado em folhas pareceu-lhe tão pouco digno de fé que tratou meu irmão como um impostor vulgar, e, crendo nos seus olhos, mandou que lhe aplicassem cem bastonadas.

Em seguida, tendo-o obrigado a confessar-lhe onde guardava o dinheiro, tirou-o todo e expulsou-o para sempre, após expô-lo aos olhos de toda a cidade durante três dias seguidos montado num camelo...”

— Mas, senhor — disse nesse ponto Sherazade a Shahriar —, a claridade do dia me impõe silêncio. — E se calou.

Na noite seguinte, assim continuou a história ao sultão da Índia:

175^A NOITE

“Eu não me encontrava em Bagdá, disse o barbeiro, quando tão trágica aventura sucedeu ao meu quarto irmão, que se retirou para um lugar isolado, onde se escondeu até que se curasse completamente das pancadas que lhe tinham moído as costas. Quando pôde caminhar novamente, dirigiu-se de noite por caminhos ermos, a uma cidade onde ninguém o conhecia, e ali abrigou-se numa casa, da qual raramente saía. Por fim, aborrecido de viver sempre escondido, foi passear num arrabalde onde ouviu, de repente, uma confusão provocada por cavaleiros que vinham atrás dele. Achava-se, então, por acaso, perto da porta de uma casa, e, como após o que lhe havia sucedido, temia tudo e todos, receou que os cavaleiros o seguissem para detê-lo. Por isso, abriu a porta para esconder-se; e depois de fechá-la, entrou num grande pátio onde, mal apareceu, dois criados, aproximando-se dele e pegando-o, disseram-lhe: Deus seja louvado, por virdes vós mesmos entregar-vos! Destes-nos tanto trabalho estas três últimas noites que nem conseguimos dormir e não poupastes a nossa vida a não ser porque soubemos nos proteger.

Bem podeis imaginar a surpresa do meu irmão. Boa gente, disse-lhes, não sei o que pretendeis de mim; sem dúvida, estais a me confundir. Não, não, responderam eles, não ignoramos que vós e os vossos companheiros sois ladrões. Não vos contentastes em roubar do nosso amo tudo quanto lhe pertence e de tê-lo reduzido à mendicância; pretendeis, ainda, tirar-lhe a vida. Vejamos se não trazeis a faca que tínheis quando nos perseguistes ontem de noite. Assim, revistaram-no, e encontraram a faca. Oh, oh!, exclamaram, pegando-a. Ousais ainda afirmar que não sois ladrão? Como!, respondeu meu irmão, não se pode, por acaso, usar uma faca sem ser ladrão? Ouvi a minha história, acrescentou, em vez da má opinião que de mim tendes, ficareis comovidos com as minhas desgraças. Longe de o ouvirem, lançaram-se sobre ele, pisaram-lhe os pés, arrancaram-lhe as vestes e rasgaram-lhe a camisa. Em seguida, vendo as cicatrizes que trazia nas costas,

disseram: Ah, cão, queres fazer-nos crer que és um homem honrado, e as tuas costas nos dizem exatamente o contrário! Ai de mim!, gemeu meu irmão. Devem ser bem grandes os meus pecados, porque, depois de ter sido tão injustamente maltratado, sou-o pela segunda vez, e sem ter culpa!

Os dois criados não se comoveram. Levaram-no ao chefe de polícia, que lhe disse: Como ousastes entrar na casa deles, para os perseguir de faca na mão? Senhor, respondeu o pobre Alcuz, sou o homem mais inocente do mundo, e estarei perdido se não me concederdes a graça de ouvir-me pacientemente. Ninguém é mais digno de compaixão do que eu. Senhor, disse então um dos criados, ouvireis um ladrão que penetra nas casas para roubar e assassinar? Se recusardes acreditar no que afirmamos, olhai para as suas costas. Assim, descobriu as costas do meu irmão e mostrou-as ao chefe, que, sem outra informação, ordenou imediatamente que lhe dessem cem golpes de nervo de boi. Em seguida, mandou que o conduzissem pela cidade sobre um camelo e anunciassem: Eis de que modo são castigados os que entram à força nas casas alheias.

Terminando aquele passeio, levaram-no para fora da cidade, com a proibição de a ela voltar. Algumas pessoas, que o viram após essa segunda desgraça, revelaram-me o lugar em que ele se achava. Fui procurá-lo e levei-o secretamente a Bagdá, onde lhe ofereci todos os cuidados.

O califa Mostanser Bilá, prosseguiu o barbeiro, não riu muito com essa história como riu com as outras. Teve a capacidade de lastimar o infeliz Alcuz e quis, outra vez, oferecer-me alguma coisa e mandar-me embora; mas sem lhe dar tempo de executar sua ordem, retomei a palavra, e disse-lhe: Meu soberano, senhor e mestre, bem vedes que falo pouco; e como me destes a honra de ouvir-me até aqui, tende a bondade de ouvir ainda as aventuras dos meus outros dois irmãos; espero que elas vos divirtam tanto quanto as anteriores. Podereis com elas fazer uma história completa, que não será indigna da vossa biblioteca. Terei, pois, o prazer de vos dizer que meu quinto irmão se chamava Alnachar...”

— Mas estou vendo que já é dia — disse Sherazade. E calou-se, para assim continuar na noite seguinte:

176^A NOITE

— Senhor, o barbeiro então continuou a falar nestes termos:

A história do quinto irmão do barbeiro

“Alnachar, enquanto viveu nosso pai, foi muito preguiçoso. Em vez de trabalhar para ganhar a vida, não se envergonhava de pedir e viver com o que recebia. Nosso pai morreu de velhice e nos deixou apenas setecentas dracmas de prata. Dividimo-los em partes iguais, de sorte que cada um recebeu cem. Alnachar, que jamais possuía tanto dinheiro ao mesmo tempo, viu-se fortemente embaraçado quanto ao uso que dele faria. Após refletir durante muito tempo, decidiu finalmente empregá-lo em copos, garrafas e outros objetos de vidro, que foi comprar na loja de um grande mercador. Pôs tudo num cesto e escolheu uma lojinha, onde se sentou, com o cesto na frente e as costas apoiadas à parede, esperando que lhe comprassem a mercadoria. Nessa atitude, de olhos no cesto, começou a sonhar, e no seu sonho pronunciou as seguintes palavras bastante alto para que as ouvisse um alfaiate, seu vizinho: Esse cesto, disse ele, me custa cem dracmas, e é tudo quanto possuo no mundo. Vendendo-o a varejo, hei de conseguir certamente duzentas dracmas e, destas duzentas dracmas, que empregarei ainda em vidros, farei quatrocentas. Assim, poderei juntar com o tempo quatro mil dracmas. De quatro mil dracmas passarei facilmente para oito mil. Quando tiver dez mil, deixarei os objetos de vidro, para me dedicar à joalheria. Comerciarei com diamantes, pérolas e todo tipo de pedras preciosas. Possuindo, então, riqueza à vontade, comprarei uma bela casa, grandes terras, escravos, eunucos e cavalos; hei de me divertir também. Chamarei tudo quanto for, na cidade, tocadores de instrumentos, dançarinos e dançarinas. Não pararei nisso e amontoarei, se Deus quiser, até cem mil dracmas. Quando possuir cem mil dracmas, julgar-me-ei um verdadeiro príncipe, e pedirei em casamento a filha do grão-vizir, dizendo a esse ministro que ouvi falar maravilhas da beleza, do recato, da inteligência e de outras qualidades de sua filha; finalmente, dar-lhe-ei mil moedas de ouro pela primeira noite das nossas núpcias. Se o vizir for tão perverso que me recuse a filha, o que não pode acontecer, irei buscá-la, apesar de tudo, e a levarei para minha casa. Assim que tiver me casado com a filha do grão-vizir, me vestirei como um

príncipe, e, montado num belo cavalo com sela do ouro mais fino, ou uma gualdrapa de tecido dourado incrustado de diamantes e pérolas, passarei pela cidade, acompanhado de escravos na minha frente e atrás, e me dirigirei à residência do vizir, enquanto grandes e pequenos me farão profundas reverências. Aos pés da escadaria do vizir, subirei no meio dos meus homens, enfileirados à direita e à esquerda; e o grão-vizir, recebendo-me como genro, me cederá o seu lugar, e se colocará numa posição inferior à minha, para mais honrar-me. Se isso se der, o que espero, dois dos meus homens trarão cada um uma bolsa de mil moedas de ouro. Pegarei uma e, apresentando-lhe, direi: Eis aqui, as mil moedas de ouro que prometi pela primeira noite do meu casamento. E oferecendo-lhe a outra, acrescentarei: Tomai, dou-vos outras tantas para vos demonstrar que sou homem de palavra e que dou mais do que prometo. Após um gesto desse, no mundo só se falará da minha generosidade. Voltarei para casa com a mesma pompa. Minha mulher me enviará, por intermédio de um oficial, seus cumprimentos sobre a visita feita ao seu pai; honrarei o oficial com um belo traje e o despedirei com um riquíssimo presente. Se ela, por sua vez, me mandar um, não o aceitarei, e mandarei de volta o emissário. Não permitirei que ela saia dos seus aposentos sem que eu seja avisado e, quando eu quiser entrar, o farei de tal modo que adquira respeito por mim. Finalmente, não haverá casa mais bem governada que a minha. Vestir-me-ei sempre ricamente. Quando eu me recolher com ela, de noite, me sentarei no lugar de honra, com severidade, sem voltar a cabeça nem para a direita nem para a esquerda. Falarei pouco; e enquanto minha mulher, bela como a lua cheia, ficará de pé na minha frente com todos os seus adornos, fingirei não vê-la. Suas criadas, à sua volta, me dirão: Caro amo e senhor, eis vossa esposa, vossa humilde servidora, à espera de que a acaricieis, mortificada por ver que vos não se dignais olhá-la; está cansada de ficar em pé. Dizei-lhe, pelo menos, que se sente. Não responderei a tais palavras, o que lhe aumentará a surpresa e a dor; se lançarão aos meus pés, e, depois que elas tiverem ficado bastante tempo a me suplicar, levantarei finalmente a cabeça e olharei distraidamente para minha mulher; em seguida, retomarei a mesma posição. Com a ideia de que minha mulher não estará bem-vestida, a levarão para o gabinete a fim de que ela troque de vestido;

enquanto isso, eu também, levantando-me, envergarei um traje mais esplêndido. Elas voltarão pela segunda vez; dirão as mesmas palavras, e eu só me darei ao prazer de olhar para minha mulher após ter deixado que me supliquem demoradamente, muito mais que a primeira vez. Começarei desde o primeiro dia de casamento a mostrar-lhe de que modo pretendo comportar-me com ela para o resto da vida.”

A sultana Sherazade, nesse momento, se calou, por causa do dia que ia nascendo, mas retomou o fio da história na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

177^A NOITE

— Senhor, o barbeiro tagarela assim continuou:

“Após as cerimônias das núpcias, prosseguiu Alnachar, pegarei das mãos de um dos meus homens, que estará perto de mim, uma bolsa com quinhentas moedas, que entregarei às suas cabeleireiras, a fim de que me deixem sozinho com minha mulher. Quando se retirarem, minha mulher se deitará antes de mim. Deitarei depois, ao seu lado, dando-lhe as costas, e passarei a noite sem dizer-lhe uma palavra. No dia seguinte, ela não deixará de se queixar do meu desprezo e orgulho com sua mãe, mulher do grão-vizir, e eu rejubilarei. Sua mãe virá visitar-me, beijar-me-á as mãos com respeito, e dirá: Senhor, pois não ousará chamar-me de genro, com medo de me ofender falando-me tão familiarmente, suplico-vos que não desdenheis minha filha e que dela vos aproximeis; asseguro-vos que ela só quer vos agradar e

que vos ama de todo seu coração. Mas minha sogra falará em vão, pois eu não lhe responderei uma sílaba sequer e ficarei firme na minha decisão. Ela se atirá, então, aos meus pés, os beijará várias vezes, e dirá: Senhor, será possível que duvideis do recato da minha filha? Asseguro-vos que sempre a vigiei e que sois o primeiro homem que ela jamais viu em pleno rosto. Não lhe causeis tão grande mortificação; concedei-lhe a graça de a olhar, de falar-lhe e de apoiá-la na boa intenção que ela tem de vos satisfazer em tudo. Nada disso me comoverá. Minha sogra, então, pegando um copo de vinho e pondo-o na mão de sua filha, minha esposa, lhe dirá: Vai, apresente-lhe tu mesma esse copo de vinho; talvez ele não tenha a crueldade de recusá-lo. Minha mulher me apresentará o copo e ficará de pé, tremendo, na minha frente. Quando vir que eu não voltarei os olhos para o seu lado e que persistirei em desprezá-la, me dirá, em pranto: Meu coração, minha querida alma, meu amado senhor, rogo-vos, pelos favores com que o céu vos cumula, que me concedais a graça de receber esse copo de vinho da mão da vossa humilde servidora. Tratarei ainda de não olhar para ela, nem de responder.

Meu formoso marido, continuará ela, redobrando as lágrimas e aproximando o copo da minha boca, não desistirei, enquanto não beberdes.

Fatigado, então, dos seus rogos, lhe lançarei um terrível olhar e lhe darei um bom tapa na face, repelindo-a tão fortemente com o pé que ela cairá bem longe do sofá.

Meu irmão estava de tal modo absorto nas suas visões quiméricas que deu de fato um pontapé, como se a esposa tivesse sido uma criatura real, e por desgraça atingiu em cheio o cesto de vidros, que caiu na rua, espatifando todos os objetos.

Um alfaiate, seu vizinho, que ouvira a extravagância das suas palavras, explodiu numa gargalhada ao ver o cesto. Oh, que homem indigno!, disse ele para o meu irmão; deverias morrer de vergonha por maltratar assim uma jovem esposa que não te proporcionou nenhum motivo de queixa. Deves ser bem brutal para desprezar as lágrimas e os encantos de tão linda mulher! Se eu fosse o grão-vizir, teu sogro, mandaria que te dessem cem golpes de nervo de boi e te faria andar pelas ruas da cidade com o elogio que mereces.

Meu irmão, diante desse acidente tão funesto para ele, voltou a si, e vendo que aquilo lhe acontecera pelo seu insuportável orgulho, deu murros no rosto, rasgou suas vestes e pôs-se a chorar, com gritos que atraíram imediatamente os vizinhos, e detiveram os transeuntes em caminho para a prece do meio-dia. Por ser sexta-feira, os transeuntes eram mais numerosos que nos outros dias. Uns tiveram pena de Alnachar; outros se limitaram a rir da sua extravagância. Entretanto, a vaidade que ele enfiara na cabeça desvanecera-se com os seus bens, e ele chorava amarguradamente a sua sorte, quando passou por lá uma dama de posição, montada numa mula ricamente ornada. O estado do meu irmão provocou-lhe tamanha compaixão, que perguntou o que havia acontecido e por que aquele homem chorava. Disseram-lhe apenas que se tratava de um infeliz que empregara todo o seu dinheiro na compra de um cesto de vidros, que o cesto caíra, e que todos os vidros tinham se despedaçado. Imediatamente, voltando-se para um eunuco que a acompanhava, disse-lhe: Dá-lhe o que trazes. O eunuco obedeceu, e colocou nas mãos do meu irmão uma bolsa com quinhentas moedas de ouro. Alnachar pensou morrer de alegria ao recebê-la, abençoou mil vezes a dama,

e, após fechar a loja, onde a sua presença já não era necessária, voltou para casa.

Estava refletindo profundamente sobre o que acabara de lhe suceder quando ouviu bater à porta. Antes de abrir, perguntou quem era, e, reconhecendo pela voz que se tratava de uma mulher, abriu. Meu filho, disse-lhe a mulher, tenho de pedir-vos um favor; está na hora da prece, e eu quisera lavar-me antes. Deixai-me entrar e dai-me um vaso de água. Meu irmão examinou a mulher e viu que se tratava de uma pessoa idosa. Embora não a conhecesse, concedeu-lhe o que ela lhe pedia. Deu-lhe um vaso cheio de água. E em seguida voltou para o seu lugar; sempre imerso na sua aventura, pôs o ouro numa espécie de bolsa longa e estreita, própria para se levada à cintura. A anciã, entrando, fez a sua prece; quando terminou, prostrou-se diante do meu irmão, tocando o chão com a testa, como se estivesse a orar para um Deus; depois, levantando-se, desejou-lhe todo tipo de bens...”

A aurora, cujo esplendor começava a surgir, obrigou Sherazade a se calar. Na noite seguinte, prosseguiu, fazendo sempre falar o barbeiro:

178^A NOITE

“A anciã desejou todo tipo de bens ao meu irmão, agradecendo-lhe a bondade. Como estivesse vestida simplesmente e se humilhasse bastante diante dele, meu irmão julgou que ela desejasse receber uma esmola e apresentou-lhe duas moedas de ouro. A anciã recuou, surpresa. Como se Alnachar a estivesse insultando. Grande Deus! Que quer dizer isso? Será possível, senhor, que me tomeis por uma dessas miseráveis que fazem profissão de entrar ousadamente nas casas alheias para pedir esmolas? Não quero vosso dinheiro, do qual não necessito, graças a Deus! Pertencço a uma jovem dama dessa cidade, senhora de encantadora beleza, e riquíssima, e nada me falta.

Meu irmão não foi bastante astuto para perceber a manha da anciã, que só recusara as duas moedas de ouro para lograr muito mais. Perguntou-lhe se não podia proporcionar-lhe um meio de ver a jovem dama. De muito boa vontade, respondeu-lhe ela; gostará de vos desposar e de vos fazer senhor de todos os seus bens e da sua pessoa; tomai o vosso dinheiro e segui-me. Encantado por ter obtido grande quantia de dinheiro e, quase ao mesmo tempo, mulher formosa e rica, cerrou os olhos a qualquer outra consideração, pegou as quinhentas moedas de ouro e acompanhou a anciã.

Seguiu-a de longe, até a porta de uma grande casa, em que ela bateu, e uniu-se-lhe, no momento em que uma jovem escrava grega a abria. A anciã fez com que ele entrasse antes e passasse por um pátio bem-pavimentado, para introduzi-lo numa sala cuja mobília lhe confirmou a boa opinião concebida da dona da casa. Enquanto a anciã ia avisar a dama, meu irmão se sentou; e, como estava com calor, tirou seu turbante, pondo-o ao seu lado. Imediatamente viu entrar a jovem, que o surpreendeu muito mais pela sua beleza do que pela riqueza das suas vestes. Alnachar se levantou. A dama pediu-lhe, graciosamente, que se sentasse perto dela, manifestou-lhe seu prazer, e, após murmurar-lhe palavras doces, acrescentou: Não estamos aqui muito à vontade. Vinde comigo, dai-me sua mão. Àquelas palavras,

apresentou-lhe a sua e levou-o a um quarto separado, onde com ele se entreteve algum tempo; ao deixá-lo, disse-lhe: Esperai-me, que voltarei daqui a pouco. Alnachar esperou; mas, em vez da dama, entrou um grande escravo negro, empunhando um sabre; e, cravando os olhos furiosos no meu irmão, perguntou-lhe: O que fazes aqui? Alnachar, diante daquilo, foi dominado por tal terror que não teve forças para responder. O escravo tirou-lhe o ouro, despiu-o e aplicou-lhe vários golpes de sabre. O infeliz rolou pelo chão, onde ficou imóvel, embora conservasse ainda seus sentidos. O negro, julgando-o morto, pediu sal; a escrava grega trouxe-lhe, e ambos esfregaram os ferimentos do meu irmão, que teve a presença de espírito, apesar da dor, de não mostrar sinal de vida. O negro e a escrava grega se retiraram, e a anciã, que atraíra meu irmão para essa cilada, foi buscá-lo pelos pés e arrastou-o até um alçapão, que abriu. Em seguida, atirou-o lá dentro. Alnachar viu-se num subterrâneo com vários cadáveres, o que notou assim que recobrou os sentidos, perdidos por ocasião da violenta queda. O sal com que seus ferimentos tinham sido esfregados, salvou-lhe a vida. Aos poucos, readquiriu forças suficientes para manter-se de pé. E dois dias depois, abrindo o alçapão durante a noite e descobrindo no pátio um bom esconderijo, ali se abrigou até o despontar do dia. Viu, então, aparecer a detestável velha, que abriu a porta da rua, saindo em busca de outra vítima. Para que ela não o descobrisse, só abandonou o esconderijo alguns momentos depois, e foi se refugiar em minha casa, onde me contou todas as aventuras.

Um mês depois ficou completamente curado com os remédios que lhe dei, e resolveu vingar-se da anciã que o havia enganado tão cruelmente. Para isso, fez uma bolsa bastante grande para conter quinhentas moedas de ouro; mas, em vez de ouro, colocou nela pedaços de vidro...”

Sherazade, terminando essas palavras, percebeu que já era dia. E se calou. Mas, na noite seguinte, assim continuou a história de Alnachar:

179^A NOITE

“Meu irmão, continuou o barbeiro, prendeu o saco de vidro picado na sua cinta em torno dos quadris, disfarçou-se de velha e escondeu um sabre sob as vestes. Certa manhã, encontrou a anciã passeando pela cidade, em busca de alguém a quem pudesse pregar uma peça. Alnachar, se aproximando dela, disse-lhe, falando com voz de mulher: Não tereis, por acaso, uma balança para me emprestar? Sou persa, e cheguei há pouco. Trouxe do meu país quinhentas moedas de ouro, e desejo verificar se possuem o peso certo. Boa mulher, respondeu-lhe a anciã, não poderíeis ter vos dirigido a ninguém melhor do que a mim. Segui-me, que vos levarei ao meu filho, que é trocador, que terá prazer em pesá-las ele mesmo. Não percamos tempo, para que possamos encontrá-lo antes que vá para sua loja. Meu irmão a seguiu até a casa onde ela o fizera entrar na primeira vez, e a porta foi novamente aberta pela escrava grega.

A anciã levou meu irmão à sala e ali disse-lhe que aguardasse um instante. O pretenso filho apareceu sob a forma de um vil escravo negro. Maldita velha, disse ele ao meu irmão, levanta-te e segue-me. Pronunciando essas palavras, caminhou na frente para conduzi-lo ao lugar onde pretendia trucidá-lo. Alnachar se levantou e o seguiu; e, tirando o sabre, golpeou-o tão certeirairamente no pescoço, que lhe decepou a cabeça. Pegando-a com uma das mãos, com a outra arrastou o cadáver para o alçapão, onde o atirou, assim como a cabeça. A escrava grega, acostumada àquilo, apareceu imediatamente com uma bacia cheia de sal, mas quando viu Alnachar empunhando o sabre, e já sem o véu que lhe cobria o rosto, deixou cair a bacia e fugiu; meu irmão, correndo mais depressa do que ela, alcançou-a e fez-lhe também voar a cabeça. A infame velha correu ao barulho e Alnachar se apoderou dela, antes que tivesse tempo de escapar.

Pérfida, gritou, reconheces-me? Ai, senhor, respondeu ela, tremendo, quem sois? Não me lembro de vos ter visto antes? Sou aquele em cuja casa entraste há dias para te lavares e fazeres a tua prece de hipócrita. Lembras-te?,

respondeu Alnachar. A velha ajoelhou-se para lhe pedir perdão, mas ele a cortou em quatro pedaços.

Só restava a jovem dama, que nada sabia do que acabava de ocorrer na sua casa. Alnachar encontrou-a num quarto, onde ela quase desmaiou ao vê-lo. A jovem suplicou-lhe a vida, e Alnachar apiedou-se dela. Senhora, disse-lhe, como podeis viver com gente tão infame como essa de quem acabo de vingar-me tão justamente? Eu era, respondeu-lhe ela, mulher de um mercador honesto, e a maldita velha, cuja infâmia eu não conhecia, ia visitar-me às vezes. Senhora, disse-me um dia, temos em casa lindas núpcias; divertir-vos-ei, se quiserdes dar-nos a honra da vossa presença. Deixei-me persuadir e coloquei meu vestido mais lindo, com uma bolsa de cem moedas de ouro. Segui-a, e ela me levou a uma casa, onde encontrei um negro que me segurou à força. Aqui estou, contra a minha vontade, há três anos. Pela maneira como o detestável negro fizera, observou meu irmão, deve ter juntado grandes riquezas. São tantas, respondeu ela, que de hoje em diante sereis rico, se puderdes levá-las; segui-me, e as vereis. Conduziu, então, Alnachar a um quarto, onde lhe mostrou vários baús cheios de ouro, que ele contemplou com profunda admiração. Ide buscar, disse-lhe ela, gente bastante para levar tudo isso. Meu irmão não quis ouvir a mesma ordem duas vezes; saiu e só esteve fora o tempo suficiente para reunir dez homens. Ao chegar à casa, admirou-se ao ver a porta aberta; mas admirou-se muito mais quando, entrando no quarto em que vira os baús, nada mais encontrou. A dama, mais astuta do que ele, retirara-os e desaparecera. Na falta dos baús, e para não voltar de mãos vazias, Alnachar mandou que levassem tudo quanto havia em móveis, o que compensou de sobra as quinhentas moedas de ouro roubadas. Mas, ao sair, esqueceu-se de fechar a porta. Os vizinhos, que tinham reconhecido meu irmão, e tinham visto o movimento dos carregadores, correram para avisar o chefe de polícia. Alnachar passou a noite tranquilamente, mas, no dia seguinte, pela manhã, ao sair de casa encontrou à porta vinte homens do chefe de polícia que o prenderam. Vinde conosco, disseram-lhe, que o nosso amo deseja falar-vos. Meu irmão pediu-lhes que tivessem um pouco de paciência e ofereceu-lhes uma quantia para que o deixassem fugir; mas, em vez de o ouvirem, amarraram-no e levaram-no à

força. Numa rua, encontraram um velho amigo do meu irmão, que os fez parar e lhes perguntou por que o levavam preso. Depois, ofereceu-lhes elevada quantia para que dissessem ao chefe de polícia que não o tinham encontrado. Mas nada conseguiu, e Alnchar foi conduzido ao chefe de polícia...”

Sherazade deixou de falar nesse ponto, por ver que já era dia. Na noite seguinte, retomou o fio da história, dizendo ao sultão da Índia:

180^A NOITE

“Quando os guardas, prosseguiu o barbeiro, levaram meu irmão à presença do chefe de polícia, este lhe perguntou: Quero saber onde pegastes todos os móveis que mandastes levar à vossa casa ontem. Senhor, respondeu Alnchar, estou pronto a vos contar a verdade, mas permiti-me antes que recorra à vossa clemência e vos suplique a palavra de que nada sofrerei. Dou-a, respondeu o chefe. Meu irmão contou-lhe, então, sem nada ocultar, tudo quanto lhe sucedera e tudo quanto fizera desde que a velha entrara em sua casa até o instante em que não mais encontrara a jovem dama no quarto em que a havia deixado após matar o negro, a escrava grega e a velha. Quanto aos que mandara levar para casa, suplicou ao chefe de polícia que lhe deixasse pelo menos uma parte, como compensação pela perda das suas quinhentas moedas de ouro.

O chefe de polícia, sem nada prometer ao meu irmão, mandou à sua casa alguns dos seus homens para buscar tudo o que encontrassem; quando lhe informaram que nada mais havia e que tudo se achava no seu guarda-móveis, ordenou imediatamente ao meu irmão que saísse da cidade e que nunca mais voltasse. Temia que, voltando, fosse queixar-se da sua injustiça ao califa. Entretanto, Alnchar obedeceu à sua ordem sem murmurar, e saiu da cidade para refugiar-se em outra. No caminho, uns ladrões o assaltaram, deixando-o nu como a natureza o fizera. Mal soube de tão triste notícia, peguei um traje e fui buscar meu irmão. Após consolá-lo, trouxe-o comigo e fiz com que ele entrasse secretamente na cidade, onde cuidei dele tão bem como dos meus outros irmãos.

A história do sexto irmão do barbeiro

Resta-me apenas contar-vos a história do meu sexto irmão, chamado Chacabac, dos lábios fendidos. A princípio, valorizou bastante as cem dracmas recebidas na partilha, como seus outros irmãos, de modo que passara a desfrutar de boa situação; mas um revés da sorte o reduziu à mendicância. Houve-se com habilidade, esforçando-se sobretudo por entrar em grandes casas, mediante o auxílio dos criados, a fim de ter livre acesso aos donos, e atrair-lhes a compaixão.

Um dia, passando na frente de uma magnífica residência, cuja porta deixava entrever um pátio espaçoso, no qual encontrava-se uma multidão de criados, aproximou-se de um deles e perguntou-lhe a quem pertencia tão linda residência. Bom homem, respondeu-lhe o criado, de onde vens para me fazer tal pergunta? O que vês não te dá a conhecer imediatamente que se trata da morada de um barmecida? Meu irmão, a quem a generosidade e liberalidade dos barmecidas não eram desconhecidas, dirigiu-se aos porteiros, pois havia vários, e pediu-lhes que lhe dessem uma esmola. Entra, disseram-lhe, e dirige-te pessoalmente ao dono da casa, que ficará contente.

Meu irmão não esperava aquilo; agradecendo aos porteiros, entrou na residência, tão vasta que levou bastante tempo para chegar ao aposento do barmecida. Entrou, finalmente, numa grande sala, de formosa arquitetura, e, por um vestíbulo, foi ter a um magnífico jardim, com aleias de pedrinhas de cores diferentes, esplêndidas de se ver. Os aposentos de baixo, colocados em redor, eram quase todos abertos para o pátio e fechavam-se com grandes cortinas, que os protegiam do Sol, e que eram abertas quando refrescava.

Um lugar assim tão agradável teria causado admiração ao meu irmão, se ele estivesse mais contente do que estava. Avançando, entrou numa sala ricamente mobiliada e ornada com pinturas de folhas de ouro azuis e onde distinguiu um homem venerável, com uma longa barba branca, sentado num sofá, o que o levou a crer que se tratava do dono da casa. Com efeito, era o barmecida, que lhe deu gentilmente as boas-vindas e lhe perguntou o que desejava. Senhor, respondeu meu irmão, com voz e aspecto que suscitavam

piedade, sou um pobre homem que precisa do auxílio das pessoas poderosas e generosas como vós. Não podia dirigir-se de maneira melhor àquele senhor, recomendável por mil esplêndidas qualidades.

O barmecida pareceu admirar-se da resposta de meu irmão, e, levando as mãos ao estômago, como para rasgar as vestes em sinal de dor, disse: É possível que eu esteja em Bagdá, e que um homem como vós passe pela necessidade que acabais de me dizer? Não posso admiti-lo. Àquelas demonstrações, meu irmão, certo de que ele lhe daria extraordinário sinal de sua generosidade, abençoou-o mil vezes e desejou-lhe todo tipo de bens. Não se dirá, prosseguiu o barmecida, que vos abandono, nem pretendo que me abandoneis. Senhor, respondeu meu irmão, juro-vos que nada comi hoje. É bem verdade, disse o barmecida, que ainda estais em jejum a essa hora? Ai! Pobre homem, morrendo de fome! Ó rapaz, acrescentou, elevando o tom de sua voz, traze imediatamente uma bacia com água, para que lavemos as mãos. Embora ninguém aparecesse, e o meu irmão não visse nem bacia nem água, o barmecida esfregou as mãos, como se alguém tivesse derramado água por cima delas; fazendo aquilo, dizia a meu irmão: Aproximai-vos, e lavai-vos também. Chacabac julgou que o barmecida gostasse de brincar; como sabia compreender brincadeiras, e não ignorava a complacência que os pobres devem aos ricos, se querem lucrar alguma coisa, aproximou-se e imitou-o.

Vamos, disse então o barmecida, traze-nos algo para comer e não nos faças esperar. Terminado essas palavras, embora nada trouxessem, começou a proceder como se tivesse tirado alguma coisa de um prato, levado à boca e a mastigasse, dizendo ao meu irmão: Comei, meu hóspede, peço-vos; procedei como se estivésseis em vossa própria casa; comei, portanto. Faminto que estais, parece-me que hesitais muito. Perdoai-me, senhor, respondeu Chacabac, imitando, perfeitamente os seus gestos; bem vedes que não perco tempo, e que cumpro o meu dever. Que achais desse pão?, perguntou o barmecida; não o achais delicioso? Ah, senhor, respondeu meu irmão, que não via nem pão nem carne, jamais comi outro tão branco e delicado. Comei-o à vontade, respondeu o barmecida; asseguro-vos que comprei por quinhentas moedas de ouro a padeira que me prepara esse excelente pão...”

Sherazade quis continuar, mas o dia a obrigou a deter-se nesse ponto. Na noite seguinte, assim prosseguiu:

181^A NOITE

“O barmecida, disse o barbeiro, após falar da sua escrava padeira e elogiar-lhe o pão, que meu irmão só comia de faz de conta, exclamou: Ó rapaz, traze-nos outro prato! Meu querido hóspede, disse ele ao meu irmão (muito embora não aparecesse nenhum rapaz), provai dessa iguaria e dizei-me se jamais comestes carneiro cozido com trigo descascado mais bem-preparado do que esse. É admirável, respondeu-lhe meu irmão, por isso, como-o com muito prazer. Que alegria me proporcionais!, prosseguiu o barmecida. Peço-vos, pela satisfação que sinto em vê-lo comer tão bem, que nada deixeis dessa iguaria, já que tanto condiz com o vosso gosto. Pouco depois, pediu um ganso ao molho doce, preparado com vinagre, mel e uvas secas, que foi servido do mesmo modo que o prato de carne de carneiro. O ganso está bem gordo, disse o barmecida; comi apenas uma coxa e uma asa. É preciso reservar o apetite, porque ainda nos faltam muitas outras coisas. Efetivamente, o barmecida pediu vários outros pratos de diferentes tipos, dos quais meu irmão, sempre morrendo de fome, fingiu comer. Mas o que elogiou mais que tudo foi um cordeiro nutrido de pistaches, também servido como os pratos anteriores. Oh, quanto a essa, disse o barmecida, trata-se de iguaria que só se come em minha casa! Quero que vos farteis! Assim, fez como se tivesse um pedaço na mão, e, aproximando-se da boca de meu irmão, disse-lhe: Tomai, engoli-o. Vereis se exagero nos meus elogios a esse prato. Meu irmão estendeu a cabeça, abriu sua boca, fingiu pegar o pedaço, mastigá-lo e engoli-lo com enorme prazer. Eu bem sabia, prosseguiu o barmecida, que o acharíeis excelente. Nada no mundo é superior, respondeu meu irmão; francamente, é uma coisa deliciosa a vossa mesa. Traze o guisado, ordenou o barmecida, dirigindo-se ao criado invisível. E, voltando-se para meu irmão, disse-lhe: Tenho certeza de que vos agrada tanto quanto o cordeiro. E então, o que achais? É maravilhoso, respondeu Chacabac. Sente-se, ao mesmo tempo, o âmbar, o cravo, a noz-moscada, o gengibre, a pimenta e as mais perfumadas ervas; e todos esses aromas estão

tão bem-arrumados que um não impede que se sinta o outro. Que delícia! Servi-vos desse guisado, replicou o barmecida, comei-o. Ó rapaz, acrescentou, elevando a voz, traze-nos outro guisado. Não, por favor, interrompeu-o meu irmão. Já não posso mais comer.

Tira a mesa, então, disse o barmecida, e traze-nos as frutas. E, após aguardar um pouco, como para dar tempo ao criado de cumprir a ordem, começou: Experimentai essas amêndoas, excelentes e colhidas há pouco. Ambos fingiram comer amêndoas. Depois, o barmecida convidou meu irmão a servir-se de outras coisas: Eis aqui, disse-lhe, todo tipo de frutas, bolos, confeitos, compotas. Escolhei o que mais vos agradar. E, estendendo a mão, como se lhe apresentasse alguma coisa, disse-lhe: Tomai, aqui está uma excelente pastilha para ajudar a digestão. Chacabac fingiu tomá-la e comê-la. Senhor, disse ele, o almíscar não está faltando. Essas pastilhas são feitas aqui, respondeu o barmecida, e nisso, como em tudo o que se prepara em minha casa, não sei o que é economizar. Convidou mais uma vez meu irmão a comer. Come, homem em jejum; quando aqui entrastes, pareceu-me que bem pouco comestes. Senhor, respondeu-lhe meu irmão, cujos maxilares lhe doíam de tanto mastigar sem ter nada na boca, asseguro-vos que estou literalmente satisfeito e que nada mais posso comer.

Meu hóspede, prosseguiu o barmecida, após comerdes tão bem, precisamos beber.^[45] Aceitareis vinho? Senhor, disse-lhe meu irmão, não beberei vinho, pois que o seu uso me está proibido. Sois demasiadamente escrupuloso, respondeu o barmecida. Fazei como eu. Beberei para lhe ser gentil, disse Chacabac. Pelo que vejo, não quereis que falte coisa alguma a esse festim. Mas como não estou acostumado a beber vinho, receio cometer alguma falta contra a boa educação e até contra o respeito que vos devo; eis por que vos peço que me dispenseis de beber vinho; contentar-me-ei com água. Não, não, disse o barmecida, bebereis vinho. Ao mesmo tempo, ordenou que o trouxessem; mas o vinho não era mais real que a carne e as frutas. Fingiu, então, o barmecida, servir-se e beber antes; depois, fingindo servir meu irmão e apresentar-lhe uma taça, disse-lhe: Bebei à minha saúde, disse-lhe. Quero saber se achais bom esse vinho. Meu irmão fingiu pegar a taça, observá-la de perto, como para ver se a cor do vinho era linda, e levá-la

ao nariz para julgar se o aroma era agradável; em seguida, inclinou profundamente a cabeça diante do barmecida, para lhe dar a entender que tomava a liberdade de beber à sua saúde, e finalmente fingiu beber com todas as demonstrações de homem que bebe com prazer. Senhor, disse ele, acho esse vinho excelente, mas não é muito forte, ao que me parece. Se desejais outro mais forte, respondeu o barmecida, basta-vos dizê-lo, guardo na minha adega várias qualidades. Vede se esse vos agrada. Àquelas palavras, fingiu servir outro vinho a si mesmo, e depois ao meu irmão. Fez aquilo tantas vezes que Chacabac, fingindo ter-lhe o vinho subido à cabeça, portou-se como um embriagado, levantou a mão e bateu-a na cabeça do barmecida com tanta força que o atirou no chão. Quis mesmo batê-lo mais; o barmecida, porém, erguendo a mão para evitar os golpes, gritou-lhe: Estais louco? Meu irmão, contendo-se, disse-lhe: Senhor, tivestes a bondade de receber em vossa casa um escravo e de oferecer-lhe um grande festim; devíeis ter-vos contentado em ter-me feito comer; não convinha oferecer-me vinho, pois que eu bem vos tinha dito que, possivelmente, vos faltaria ao devido respeito. Sinto muito e peço-vos perdão humildemente.

Mal terminou aquelas palavras, o barmecida, em vez de se encolerizar, desatou a rir, e disse-lhe: Há muito tempo, que procuro um homem com o vosso caráter...”

— Mas, senhor — disse Sherazade, ao sultão da Índia —, estou me esquecendo que já é dia.

Shahriar se levantou-se imediatamente e, na noite seguinte, a sultana continuou sua história:

182^A NOITE

— Senhor, o barbeiro, continuando a história do sexto irmão, acrescentou:

“O barmecida acariciou Chacabac: Não somente vos perdoo pelo golpe que me destes, como também quero que, de hoje em diante, sejamos amigos, e que não tenhais outra casa senão a minha. Tivestes a complacência de vos submeter ao meu humor e a paciência de aguentar minha brincadeira até o fim; mas agora vamos comer realmente, disse-lhe. Terminando, bateu palmas e ordenou a vários criados que apareceram que trouxessem a mesa e os servissem. Foi imediatamente obedecido, e o meu irmão fartou-se das mesmas iguarias que só conhecera pela imaginação. Quando tiraram a mesa, trouxeram vinho, e ao mesmo tempo certo número de belas escravas ricamente vestidas entrou e cantou ao som de instrumentos. Finalmente, Chacabac teve todas as razões para alegrar-se com as gentilezas do barmecida que o tratou familiarmente e o presenteou com um traje.

O barmecida achou em meu irmão tanto espírito e tão grande inteligência em tudo que poucos dias depois lhe confiou o cuidado da casa e de todos os seus negócios. Meu irmão se saiu bem no seu encargo durante vinte anos. Ao fim desse tempo, o generoso barmecida, doente em consequência de sua velhice, morreu; não tendo deixado herdeiros, confiscaram todos os seus bens em nome do príncipe. Meu irmão foi despojado de todos os bens que conquistara, de modo que, vendo-se reduzido ao seu estado anterior, se uniu a uma caravana de peregrinos de Meca, com o intuito de fazer a peregrinação à custa deles. Para a sua desgraça, a caravana foi atacada e pilhada por um bando de beduínos,^[46] superior ao dos peregrinos. Meu irmão viu-se escravo de um beduíno que o espancou durante vários dias para obrigá-lo a comprar sua liberdade. Chacabac mostrou-lhe que era inútil. Sou o vosso escravo, dizia-lhe, podeis dispor de mim a vosso bel-prazer, mas declaro-vos que sou extremamente pobre, e que não tenho meios para comprar-lhe minha liberdade. Enfim,

meu irmão expôs-lhe inutilmente toda a sua miséria; chorando, tentou comovê-lo. O beduíno foi implacável e, com raiva de ser privado de uma quantia considerável com a qual havia contado, pegou a faca e fendeu-lhe os lábios para vingar-se da sua perda.

O beduíno tinha uma mulher muito jovem. Frequentemente, quando ia fazer suas incursões, deixava meu irmão sozinho com ela. A mulher, então, nada esquecia para consolar Chacabac dos rigores da escravidão. Dava-lhe a conhecer muito bem que o amava; mas ele não ousava corresponder à sua paixão, com medo de se arrepender, e evitava encontrar-se sozinho com ela, assim como ela de encontrar-se com ele. Estava tão acostumada a gracejar com o pobre Chacabac todas as vezes que o via que o fez um dia na presença do marido. Meu irmão, notando que seu amo os observava, teve a ideia, pelos seus pecados, de gracejar com ela. O beduíno desconfiou logo de que ambos se entendiam criminosamente. Enfurecido pela suspeita, atirou-se contra o meu irmão. Após mutilá-lo barbaramente, conduziu-o sobre um camelo ao alto de uma montanha deserta, onde o abandonou. A montanha achava-se no caminho de Bagdá, de modo que os caminhantes que o encontraram me avisaram. Dirigi-me para o lugar sem perda de tempo, e encontrei o desventurado Chacabac num estado deplorável. Prestei-lhe o socorro de que necessitava e levei-o para a cidade.

Eis aí o que contei ao califa Mostanser Bilá, acrescentou o barbeiro. O príncipe desatou novamente a rir. Agora já não tenho dúvida de que foi muito justamente que vos deram o apelido de o Silencioso: ninguém pode dizer o contrário. Por certos motivos, contudo, ordeno que vos afasteis o mais cedo possível da cidade. Ide, e que nunca mais eu ouça falar de vós. Cedi à necessidade e viajei vários anos em países longínquos. Soube, enfim, que o califa morrera, e voltei a Bagdá, onde não encontrei nenhum dos meus irmãos com vida. Foi ao voltar para Bagdá que prestei ao jovem coxo o importante serviço que já conheceis. Sois, portanto, testemunha da sua ingratidão e da maneira injuriosa pela qual me tratou. Em vez de me ser reconhecido, preferiu fugir e afastar-se do seu país. Quando soube que não estava mais em Bagdá, embora ninguém pudesse dizer-me com certeza para que lado se dirigira, pus-me a caminho para procurá-lo. Há muito tempo

que vou de província em província; e, quando menos pensava, vi-o hoje. Não esperava que estivesse tão irritado comigo...”

Sherazade, nesse ponto, percebendo que já era dia, calou-se e, na noite seguinte, assim retomou o fio da história:

183^A NOITE

— Senhor, o alfaiate acabou de contar ao sultão de Casgar a história do jovem coxo e do barbeiro de Bagdá da maneira pela qual tive a honra de dizer a Vossa Majestade.

“Quando o barbeiro’, prosseguiu ele, ‘terminou sua história, achamos que o jovem tinha toda a razão em acusá-lo de ser um grande falador. Contudo, quisemos que ficasse conosco, que participasse do festim que o dono da casa havia preparado para nós. Pusemo-nos, portanto, à mesa, e nos distraímos até a hora da prece, entre o meio-dia e o pôr do sol. Aí, nos separamos, e eu voltei a trabalhar na minha oficina, esperando a hora de tomar o rumo de casa.

Foi durante tal intervalo que o pequeno corcunda, semibêbado, se apresentou diante da minha porta, cantando e tocando um pandeiro. Julguei que, levando-o para casa, minha mulher se divertiria com ele. Minha mulher nos serviu um prato de peixe do qual ofereci um pedaço ao corcunda, que o comeu sem se dar ao trabalho de verificar se havia espinhas. Caiu desacordado na nossa frente. Após termos tentado inutilmente socorrê-lo e, diante de tão funesto acidente, não hesitamos em levar o corpo para fora, até a casa do médico judeu. Este o fez descer ao quarto do fornecedor, e o fornecedor levou-o à rua, onde o mercador julgou tê-lo assassinado. Eis, senhor, acrescentou o alfaiate, o que tinha de contar-vos. Cabe a vós decidir se somos dignos de clemência ou de cólera, de vida ou de morte.’

O sultão de Casgar deixou transparecer um ar alegre, que devolveu a vida ao alfaiate e aos seus companheiros. ‘Não posso deixar de reconhecer’, disse, ‘que fiquei mais impressionado com a história do jovem coxo, do barbeiro e das aventuras de seus irmãos do que com a história do meu corcunda. Mas antes de vos enviar de volta para casa, a todos, e antes que seja enterrado o corpo do corcunda, quero ver o barbeiro, que é a causa do meu perdão. Visto que se encontra na capital, será fácil satisfazer minha curiosidade.’

Ao mesmo tempo, mandou um dos guardas procurá-lo com o alfaiate, que sabia onde ele poderia estar.

O guarda e o alfaiate voltaram pouco depois, trazendo o barbeiro, que apresentaram ao sultão. Era o barbeiro um ancião dos seus noventa anos. Tinha barba e sobrancelhas brancas como a neve, grandes orelhas e nariz bastante comprido. O sultão, ao vê-lo, não pôde deixar de rir. ‘Homem taciturno’, disse-lhe, ‘informaram-me de que sabeis histórias maravilhosas. Quereis contar-me algumas?’ ‘Senhor’, respondeu-lhe o barbeiro, ‘deixemos de lado agora, por favor, as histórias que sei. Suplico humildemente a Vossa Majestade que me permita perguntar-lhe o que fazem aqui esse cristão, esse judeu, esse muçulmano e esse corcunda morto que vejo estendido sobre o chão.’ O sultão sorriu da liberdade do barbeiro, e respondeu-lhe: ‘Que vos importa?’ ‘Senhor’, respondeu o barbeiro, ‘importa-me fazer essa pergunta para que Vossa Majestade saiba que não sou um grande falador, como pretendem alguns, mas o homem justamente cognominado de o Silencioso...’”

Sherazade, ferida pela claridade do dia, que ia penetrando o aposento do sultão da Índia, calou-se, para retomar o fio da história na noite seguinte.

184^A NOITE

“O sultão de Casgar teve a bondade de satisfazer a curiosidade do barbeiro, e ordenou que lhe contassem a história do pequeno corcunda, pois ele parecia desejar muito ouvi-la. Terminando a história, o barbeiro sacudiu a cabeça, como se pretendesse dizer que havia naquilo tudo alguma coisa que não compreendesse: ‘É surpreendente; mas quero examinar de perto o corcunda!’ Aproximou-se dele, pois, sentou-se sobre o chão, pegou-lhe a cabeça, colocou-a sobre os joelhos, e, após examiná-la atentamente, desatou, de súbito, a rir, e com tanta força e com tão pouco comedimento que chegou a deitar-se de costas, sem se lembrar de estar na presença do sultão de Casgar. Depois, erguendo-se, mas sem deixar de rir, disse: ‘Dizem bem, e com razão, que não se morre sem motivo. Se jamais houve história merecedora de ser escrita em letras de ouro, é a do corcunda!’

Àquelas palavras, todos olharam para o barbeiro como se olha para um bufão ou para um velho caduco. ‘Homem silencioso’, disse-lhe o sultão, ‘por que rides tão forte?’ ‘Senhor’, respondeu o barbeiro, ‘juro pelo humor benfazejo de Vossa Majestade que esse corcunda não está morto, que ainda vive, e que me chamem de louco se não o provar imediatamente.’ Pegando, então, uma caixa com vários remédios, que sempre trazia para dela servir-se quando precisava, tirou um bálsamo, com o qual esfregou por um longo tempo o pescoço do corcunda. Em seguida, escolheu no seu estojo um tipo de ferramenta, que lhe colocou entre os dentes; e, após abrir-lhe a boca, enfiou-lhe na garganta um par de pinças com as quais tirou o pedaço de peixe e a espinha, que mostrou a todos. Imediatamente o corcunda tossiu, estendeu os braços e as pernas, abriu os olhos e deu vários sinais de vida.

O sultão de Casgar e todos os que testemunharam essa cena ficaram menos surpresos ao ver reviver o corcunda, após passar a noite e a maior parte do dia sem dar sinal de vida, do que com o mérito e a capacidade do barbeiro, que começou a ser, apesar dos seus defeitos, visto como grande personagem. O sultão, contentíssimo, ordenou que a história do corcunda

fosse registrada com a do barbeiro, a fim de que a sua lembrança, que tão bem merecia ser conservada, jamais desaparecesse. Não se deteve nisso: para que o alfaiate, o médico judeu, o fornecedor e o mercador cristão só se lembrassem com prazer da aventura que o acidente do corcunda lhes causara, não os enviou para suas casas senão depois de presentear cada um deles com um traje riquíssimo, que vestiram na sua presença. Quanto ao barbeiro, honrou-o com uma gorda pensão e reteve-o na corte.”

A sultana Sherazade terminou assim essa longa série de aventuras às quais a suposta morte do corcunda dera origem. Como o dia estivesse a aparecer, calou-se; e sua querida irmã, Dinazade, vendo que ela não mais falava, disse-lhe:

— Minha princesa, minha sultana, a tua história encantou-me deveras, tanto mais por findar com um incidente que eu não esperava. Eu supusera o corcunda realmente morto.

— Essa surpresa me proporcionou prazer — disse Shahriar —, como me proporcionaram as aventuras dos irmãos do barbeiro.

— A história do jovem coxo de Bagdá me divertiu muito — prosseguiu Dinazade.

— Alegra-me, minha querida irmã — disse a sultana —; e como tenho a ventura de não aborrecer o sultão, nosso senhor e amo, se Sua Majestade me conceder a graça de permanecer ainda viva, terei a honra de lhe contar amanhã a história dos amores de Abul-Hassan Ali Ebn Becar e de Chemselnihar, favorita do califa Harun al-Rashid, que não é menos digna da sua atenção e da tua que a história do corcunda.

O sultão da Índia, muito satisfeito com as coisas que Sherazade lhe havia contado até então, abandonou-se ao prazer de ouvir mais a história prometida. Levantou-se para fazer sua prece e reunir o Conselho, sem todavia manifestar a sua boa decisão à sultana.

185^A NOITE

Dinazade, sempre atenta, também naquela noite chamou Sherazade à hora habitual:

— Minha irmã querida — disse-lhe — o dia não tardará em aparecer, e eu te peço, esperando, que nos contes uma das tuas interessantíssimas histórias.

— Não escolherei outra: será a dos amores de Abul-Hassan Ali Ebn Becar e de Chemselnihar, favorita do califa Harun al-Rashid — decidiu Shahriar.

— Senhor — disse Sherazade —, vou contentar a vossa curiosidade. E começou-a assim:

História de Abul-Hassan Ali Ebn Becar e de Chemselnihar, favorita do Califa Harun al-Rashid

“No reinado do califa Harun al-Rashid, havia em Bagdá um droguista chamado Abul-Hassan Ebn Taher, um homem poderoso e muito rico, formoso e educado. Possuía mais espírito e polidez que os seus companheiros de profissão, e sua retidão, sua sinceridade e seu humor alegre o tornavam amado e procurado por todos. O califa que lhe conhecia o mérito depositava nele cega confiança. Estimava-o tanto que lhe confiava o cuidado de fornecer às damas, suas favoritas, todas as coisas de que precisassem. Era ele quem lhes escolhia os vestidos, os móveis e as joias, o que fazia com admirável gosto.

Suas boas qualidades e o favor do califa atraíam-lhe os filhos dos emires e outros dignitários de maior importância; sua própria casa era o ponto de encontro de toda a corte. Mas entre os jovens senhores que iam visitá-lo todos os dias, havia um que ele considerava mais que os outros, e com o qual tinha grande amizade. Chamava-se Abul-Hassan Ali Ebn Becar e provinha de uma antiga família real da Pérsia. Essa família existia ainda em Bagdá depois de, pela força das armas, terem os muçulmanos conquistado aquele reino. A natureza parecia ter se divertido em reunir no jovem príncipe as mais raras qualidades do corpo e do espírito: ele tinha um rosto de beleza perfeita, corpo delgado, naturalidade e fisionomia tão atraente que era impossível vê-lo sem o amar. Quando falava, expressava-se sempre com termos adequados, com maneira agradável e nova. Sua voz possuía algo que encantava os que a ouviam. Com tudo isso, e como era dono de bastante espírito e julgamento, pensava e falava de tudo com admirável precisão. Tinha tão grande comedimento e modéstia que só afirmava alguma coisa após tomar todas as precauções possíveis para não dar motivo a que suspeitassem preferir o seu sentimento ao dos outros.

Assim, não era de admirar que Ebn Taher o distinguisse dos demais jovens senhores da corte, cuja maioria tinha vícios opostos a tais virtudes. Um dia, estando esse príncipe na casa de Ebn Taher, viram chegar uma dama

montada numa mula preta e branca, no meio de dez escravas que a acompanhavam a pé, todas lindíssimas, a julgar através do véu que lhes cobria o rosto. A dama tinha um cinto cor-de-rosa, com quatro dedos de largura, sobre o qual cintilavam pérolas e diamantes de extraordinária grandeza; e pela sua beleza era fácil de ver que ultrapassava as demais criaturas, como a lua cheia ultrapassa o crescente de dois dias. Tinha feito compras e, como precisasse falar com Ebn Taher, entrou na loja, então muito limpa e espaçosa, e foi recebida por ele com todos os sinais do mais profundo respeito. Ebn Taher pediu-lhe que se sentasse, indicando-lhe o lugar mais honroso.

Entretanto, o príncipe da Pérsia, não querendo perder tão bela ocasião de demonstrar sua polidez e galanteria, arrumou um coxim com bordados de ouro que serviria de apoio à dama; depois, retirou-se prontamente para que ela pudesse se sentar. Em seguida, beijando o tapete aos pés da dama, ergueu-se e ficou de pé diante dela. Como a dama tivesse liberdade na casa de Ebn Taher, tirou seu véu e fez reluzir aos olhos do príncipe da Pérsia uma beleza tão extraordinária que ele se sentiu ferido no coração. Por sua vez, a dama não pôde deixar de fitar o príncipe, que lhe causou a mesma impressão. ‘Senhor’, disse-lhe ela, com delicadeza, ‘peço-vos que vos senteis.’ O príncipe da Pérsia obedeceu e sentou-se na beira do sofá, sempre de olhos cravados nela e sorvendo a longos tragos o doce veneno do amor. Naquele instante, a dama notou o que se passava na alma do príncipe, e essa descoberta terminou de inflamá-la. Levantou-se, aproximou-se de Ebn Taher e, após explicar-lhe baixinho o motivo da sua chegada, perguntou-lhe o nome e o país do príncipe da Pérsia. ‘Senhora’, respondeu-lhe Ebn Taher, ‘esse jovem de quem me falais é Abul-Hassan Ali Ebn Becar, e é príncipe real.’

A dama alegrou-se em saber que o objeto do seu apaixonado amor pertencia à nobreza. ‘Quereis dizer, sem dúvida’, prosseguiu, ‘que descende dos reis da Pérsia?’ ‘Sim, senhora’, respondeu-lhe Ebn Taher, ‘os últimos reis da Pérsia são seus antepassados. Desde a conquista desse reino, os príncipes de sua Casa sempre se tornaram recomendáveis na corte dos nossos califas.’ ‘Vós me proporcionais enorme prazer’, disse ela, ‘fazendo-me conhecer esse jovem. Quando eu vos enviar essa mulher’, acrescentou, mostrando-lhe uma

das suas escravas, ‘para vos avisar que deveis visitar-me, peço-vos que o leves convosco. Quero que veja a magnificência de minha casa, a fim de que possa dizer que a avareza não reina absolutamente em Bagdá entre as pessoas de qualidade. Ouvis bem o que vos digo? Não falteis; do contrário, aborrecer-me-ei convosco, e aqui nunca mais pisarei.’

Ebn Taher era senhor de bastante inteligência para não julgar, por aquelas palavras, os sentimentos da dama. ‘Minha princesa, minha rainha’, respondeu-lhe, ‘Deus me preserve de jamais vos dar motivo de cólera contra mim! Para mim será sempre lei executar as vossas ordens.’ Àquela resposta, a dama despediu-se de Ebn Taher, inclinando a cabeça; e, após lançar um profundo olhar ao príncipe da Pérsia, tornou a montar no seu animal e partiu.”

A sultana Sherazade se calou nesse ponto, com grande desgosto do sultão da Índia, que foi obrigado a levantar-se, pois já era dia. Na noite seguinte, continuou sua história, dizendo a Shahriar:

186^A NOITE

“O príncipe da Pérsia, perdidamente apaixonado pela dama, acompanhou-a com os olhos enquanto pôde, e já havia muito tempo que não a via, embora mantivesse a vista voltada para o lado pelo qual ela desaparecera. Ebn Taher advertiu-o de que algumas pessoas o observavam e começavam a rir. ‘Ah!’, exclamou o príncipe, ‘o mundo e vós teríeis compaixão de mim se soubésseis que aquela bela dama leva consigo minha melhor parte, e que o resto só deseja unir-se a ela! Dizei-me, suplico-vos, quem é essa jovem tirânica que nos força a amá-la sem querer?’ ‘Senhor’, respondeu Ebn Taher, ‘é a famosa Chemselnihar,^[47] a primeira favorita do califa, nosso amo.’ ‘É com justiça que assim a chamam’, o príncipe o interrompeu, ‘pois é mais bela que o Sol num dia sem nuvens.’ ‘É verdade’, respondeu Ebn Taher. ‘E é por isso que o Comendador dos Crentes a ama, ou melhor, a adora. Ordenou-me expressamente que lhe forneça tudo quanto ela queira, e até que a previna, à medida do possível, em tudo quanto possa desejar.’

Falava-lhe nesses termos para impedi-lo que se aventurasse a um amor que só poderia ser desgraçado; mas só conseguiu inflamá-lo mais. ‘Bem que desconfiei, encantadora Chemselnihar, que não me seria permitido elevar a vós o meu pensamento! Mas sinto, embora sem esperança de ser amado por vós, que não poderei deixar de vos amar. Eu a amarei, portanto, e abençoarei a minha sorte de ser escravo da mais linda criatura que o Sol ilumina!’, disse o príncipe.

Enquanto o príncipe da Pérsia assim consagrava seu coração à bela Chemselnihar, esta, voltando para casa, pensava num modo de ver o príncipe e de ficar à vontade com ele. Mal entrou no palácio, enviou a Ebn Taher a mulher que lhe indicara, e em quem depositava toda a confiança, para lhe dizer que fosse visitá-la, sem demora, com o príncipe da Pérsia. A escrava chegou à loja de Ebn Taher no momento em que este se esforçava em dissuadi-lo de amar a favorita do califa. Ao vê-los juntos, disse-lhe a escrava:

‘Senhores, minha ama Chemselnihar, a primeira favorita do Comendador dos Crentes, vos pede para comparecer ao palácio, onde vos aguarda.’ Ebn Taher, para provar sua obediência, levantou-se imediatamente, sem nada responder à escrava, e dispôs-se a segui-la, com alguma relutância. Quanto ao príncipe, ele a seguiu, sem refletir no perigo a que se expunha com tal visita. A presença de Ebn Taher, que podia visitar a favorita, deixava-o tranquilo. Seguiram, pois, a escrava, que caminhava um pouco na frente, e entraram, depois dela, no palácio do califa, indo até a porta do pequeno palácio de Chemselnihar. A escrava introduziu-os numa grande sala e pediu-lhes que se sentassem.

O príncipe da Pérsia julgou-se num desses deliciosos palácios que nos prometem no outro mundo. Não havia visto até então algo que se aproximasse da magnificência do lugar em que se encontrava. Os tapetes, os coxins de apoio e os demais pertences do sofá, com os móveis, os ornamentos e a arquitetura eram de uma beleza surpreendente e extremamente luxuosa. Pouco depois de terem se sentado, uma escrava negra lhes serviu numa mesa várias iguarias delicadas, cujo aroma fazia imaginar a finura dos seus temperos. Enquanto comiam, a escrava que os levara não os abandonou, cuidando de convidá-los a comer guisados que, sabia-o, eram dos melhores; outras escravas lhes serviram excelente vinho no final da refeição. Terminaram, por fim, o príncipe e Ebn Taher, e a cada um separadamente foram apresentados uma bacia e um belo vaso de ouro cheio de água para que lavassem as mãos, após o que trouxeram-lhes perfume de aloés num pulverizador também de ouro, e com eles perfumaram a barba e as vestes. A água perfumada não foi esquecida. Trazida num vaso de ouro incrustado de diamantes e rubis, ela foi derramada sobre suas mãos, que eles passaram pela barba e pelo rosto, de acordo com o costume. Depois, puseram-se nos seus lugares; mal se achavam sentados, porém, pediu-lhes a escrava que se levantassem e a seguissem. Abriu-lhes uma porta da sala em que estavam, e eles entraram num enorme salão de maravilhosa estrutura. Era uma cúpula das mais agradáveis, sustentada por cem colunas de belo mármore branco, como o alabastro. As bases e os capitéis das colunas eram ornados de animais quadrúpedes e aves douradas de diferentes espécies. O

tapete do extraordinário salão, composto de uma única peça com fundo de ouro, realçado por ramalhetes de rosas de seda rubra e branca, e a cúpula arabescada ofereciam aos olhos uma das mais encantadoras visões. Entre cada duas colunas havia uma pequena mesa guarnecida da mesma forma, com grandes jarros de porcelana, de cristal, de jaspe, de azeviche, de porfírio, de ágata e de outros materiais preciosos, ornados de ouro e de joias. Os espaços entre as colunas eram grandes janelas com sacadas, guarnecidas como as mesas, e que se abriam para um jardim dos mais agradáveis do mundo. As aleias do jardim eram cobertas de pedregulhos de diversas cores, que representavam o tapete do salão, de modo que, olhando o tapete do lado de dentro, e o do lado de fora, parecia que a cúpula e o jardim, com todos os seus encantos, estivessem sobre o mesmo tapete. O panorama terminava ao redor, ao longo das aleias, por dois canais de água límpida que conservavam a mesma figura circular que a cúpula, e dos quais um, mais alto que o outro, deixava cair sua água em forma de toalha sobre o outro; e lindos vasos de bronze, guarnecidos de pequenas folhagens e de flores, achavam-se alinhados sobre este de espaço em espaço. As aleias constituíam uma separação entre grandes espaços plantados de árvores retas e capadas, onde mil pássaros proporcionavam melodioso concerto e divertiam os olhos com seus voos, e as suas lutas às vezes inocentes, outras sangrentas.

O príncipe da Pérsia e Ebn Taher ficaram por um longo tempo contemplando tão grande magnificência. A cada novidade, lançavam exclamações de surpresa e admiração, especialmente o príncipe da Pérsia, que jamais vira coisa que se comparasse ao que estava vendo. Ebn Taher, embora já tivesse entrado outras vezes naquele recinto, não deixava ele gozar as belezas que lhe pareciam sempre novas. Finalmente, não se cansavam de admirar tantas coisas singulares, e ainda se achavam profundamente entretidos, quando notaram um grupo de mulheres ricamente trajadas, sentadas no lado de fora, a certa distância da cúpula, cada uma sobre um trono de madeira de plátano da Índia, enriquecido de lavares de prata, e cada uma empunhando um instrumento de música. Aguardavam somente ordem para tocar.

Ambos foram prostrar-se na sacada, em que podiam ser vistos de frente; olhando para a direita, viram um grande pátio, pelo qual se subia ao jardim por degraus e que estava rodeado de belíssimos aposentos. A escrava os deixara; como estivessem sozinhos, conversaram um pouco. ‘Quanto a vós, que sois um homem sensato’, disse o príncipe da Pérsia, ‘não duvido de que examinais com grande satisfação todos esses sinais de grandeza e de poder. Quanto a mim, não penso que haja no mundo coisa mais surpreendente; mas quando reflito que essa é a morada da demasiadamente gentil Chemselnihar, e que é o primeiro monarca da Terra que aqui a retém, confesso-vos que me julgo o mais desventuado dos homens. Parece-me que não há destino mais cruel do que o meu, amar uma criatura submetida ao meu rival, e num lugar onde esse rival é tão poderoso que talvez, nesse momento, nem a minha própria vida esteja segura.’”

Sherazade não mais falou, pois acabava de ver nascer o dia. Na noite seguinte, retomando a palavra, disse ao sultão da Índia:

187^A NOITE

“Ebn Taher, ouvindo o príncipe da Pérsia falar daquela maneira, disse-lhe: ‘Senhor, prouvera a Deus que eu pudesse dar-vos a certeza do êxito feliz dos vossos amores como posso dar-vos a certeza da vida! Embora esse soberbo palácio pertença ao califa, que mandou construí-lo especialmente para Chemselnihar, com o nome de Palácio do Prazer Eterno, e faça parte do seu, sabeis que a dama vive aqui em inteira liberdade. Não está rodeada de eunucos que vigiem seus atos. Possui seus aposentos particulares, dos quais dispõe à sua vontade. Sai de casa para ir à cidade sem pedir licença a ninguém; volta quando lhe agrada, e jamais o califa a visita sem antes fazer-se anunciar por Mesrur, chefe dos seus eunucos, para que ela se prepare. Assim, tranquilizai-vos e concentraí toda a vossa atenção no concerto que Chemselnihar, ao que vejo, nos oferece.’

No momento em que Ebn Taher terminou de falar, o príncipe da Pérsia e ele viram surgir a escrava confidente da favorita, que ordenou às mulheres sentadas diante deles que cantassem e tocassem. Imediatamente tocaram todas juntas, como para preludiar, e, depois de certo tempo, uma delas começou a cantar, acompanhando-se com um alaúde tocado com perfeição. Como fora avisada do assunto sobre o qual devia cantar, as palavras concordavam de tal forma com os sentimentos do príncipe da Pérsia que ele não pôde deixar de aplaudi-la. ‘Será possível, que tenhais o dom de penetrar nos corações, e que o conhecimento do que se passa no meu vos tenha obrigado a nos dar uma prova da vossa estupenda voz? Eu mesmo não me expressaria com outras palavras’, disse o príncipe, maravilhado. A mulher nada respondeu; continuou a cantar vários outros trechos, que comoveram o príncipe a ponto de ele repetir alguns, com lágrimas nos olhos, o que demonstrava que vivia o sentido daquelas palavras. Quando ela terminou, levantou-se com suas companheiras, e todas juntas cantaram ‘que a lua cheia ia surgir com todo o seu esplendor, e que dali a pouco se aproximaria do Sol’. Aquilo significava

que Chemselnihar não tardaria em aparecer, e que o príncipe da Pérsia teria, em breve, o prazer de contemplá-la.

Com efeito, olhando para o lado do pátio, Ebn Taher e o príncipe da Pérsia notaram que a escrava confidente se aproximava, seguida de dez mulheres negras que traziam, com grande esforço, um trono de prata maciça, agradavelmente lavrado, que ela mandou depor diante deles, a certa distância, após o que as escravas negras se retiraram para trás das árvores, à entrada de uma aleia. Em seguida, vinte mulheres, todas formosas, rica e uniformemente trajadas, adiantaram-se em duas filas, cantando e tocando instrumentos, para colocar-se perto do trono, de ambos os lados.

A atenção do príncipe da Pérsia e de Ebn Taher era tanto maior por estarem ambos curiosos por saber aonde chegariam. Finalmente, viram surgir à mesma porta por onde tinham entrado as dez mulheres negras com o trono, e as vinte que acabavam de chegar, outras dez mulheres, igualmente belas e bem-trajadas, que ali se detiveram um instante aguardando a favorita; esta se apresentou, por fim, pondo-se no meio delas...”

O dia, que começava a iluminar o aposento de Shahriar, impôs silêncio a Sherazade. Na noite seguinte, ela assim prosseguiu:

188^A NOITE

“Chemselnihar colocou-se, portanto, no meio das dez mulheres que a tinham esperado à porta. Era fácil distingui-la, quer pelo seu porte e pelo seu ar majestoso, quer por uma espécie de capa de tecido levíssimo, cor de ouro e azul-celeste, que ela trazia presa aos ombros, por cima das vestes, as mais lindas que se possa imaginar. As pérolas, os diamantes e os rubis que a ornavam não estavam distribuídos desordenadamente; apesar de poucos, eram escolhidos e de valor incalculável. Ela se adiantou com uma majestuosidade que não representava mal o Sol no seu curso através das nuvens que recebem o seu esplendor sem lhe ocultar o brilho, e foi sentar-se no trono de prata.

Mal o príncipe da Pérsia viu Chemselnihar, só teve olhos para ela: ‘Não mais pedimos notícias do que procurávamos’, disse ele a Ebn Taher, ‘quando a encontramos e não mais temos dúvidas quando a verdade se manifesta. Estais vendo essa encantadora beleza? É a origem dos meus males, males que abençoo, e que não deixarei de abençoar por mais rigorosos e duradouros que possam ser. Diante dessa beleza, não me contenho, minha alma se perturba, se revolta, e sinto que quer me abandonar. Parte, pois, alma! Eu te permito, mas que seja para o bem e a conservação desse frágilimo corpo. Sois vós, cruel Ebn Taher, a causa dessa desordem; crestes dar-me grande prazer trazendo-me aqui, e vejo que vim para acabar de perder-me. Perdoai-me, engano-me, fui eu que quis vir, e só de mim mesmo é que posso queixar-me.’ Ao terminar, desatou em pranto. ‘Alegro-me’, disse-lhe Ebn Taher, ‘por me fazerdes justiça. Quando vos disse que Chemselnihar era a primeira favorita do califa, foi somente para evitar essa funesta paixão que vos divertis em alimentar. O que estais presenciando deve fazer-vos voltar à realidade. Conservai apenas o reconhecimento da honra que Chemselnihar vos deu, ordenando-me que vos trouxesse comigo. Voltai, voltai à realidade, e pende-vos em condição de aparecer diante dela como ordena a boa educação. Ei-la que se aproxima. Se fosse preciso recomençar, eu tomaria outras medidas; mas,

como já é impossível, rogo a Deus que não nos arrependamos. Resta-me ainda dizer-vos que o amor é um traidor capaz de atirar-vos a um precipício do qual nunca mais escapareis.’

Ebn Taher não teve tempo de dizer outras coisas, porque Chemselnihar chegou, sentou-se no trono e saudou a ambos inclinando a cabeça. Mas deteve os olhos sobre o príncipe da Pérsia, e ambos falaram a muda linguagem entremeada de suspiros, pela qual em poucos instantes disseram mais do que teriam dito em muito tempo. Quanto mais Chemselnihar olhava o príncipe, tanto mais encontrava no seu olhar a certeza de que não lhe era indiferente; e Chemselnihar, já convencida da paixão do príncipe, julgava-se a mais venturosa criatura do mundo. Finalmente, desviou os olhos para ordenar que se aproximassem as primeiras mulheres que tinham começado a cantar. Estas se levantaram; e, enquanto caminhavam, as negras que saíram da aleia trouxeram suas cadeiras e colocaram-nas perto da janela em que se encontravam Ebn Taher e o príncipe da Pérsia, de modo que as cadeiras, assim dispostas com o trono da favorita e as mulheres que tinha ao seu lado, formavam um semicírculo diante dos dois homens.

Quando as mulheres que se achavam sentadas antes nas cadeiras retomaram seus respectivos lugares com a permissão de Chemselnihar, que a deu por um sinal, a encantadora favorita escolheu uma das suas mulheres para cantar. Esta, depois de afinar o alaúde, cantou uma canção que dizia que os dois amantes que se amavam perfeitamente tinham um pelo outro uma ternura sem limites, que os seus corações, em dois corpos diferentes, não constituíam senão um só e que, quando um obstáculo se opunha aos seus desígnios, podiam dizer, com lágrimas nos olhos: Se nos amamos, somos dignos de censuras? Censure-se o destino!

Chemselnihar deu a entender tão bem pelos olhos e pelos gestos que tais palavras deviam aplicar-se a ela e ao príncipe da Pérsia, que este não pôde conter-se. Levantando-se pela metade, e debruçando-se sobre o peitoril que lhe servia de apoio, obrigou uma das companheiras da mulher que acabara de cantar a prestar-lhe atenção: ‘Escutai-me’, disse-lhe, ‘e fazei-me o favor de acompanhar com o vosso alaúde a canção que ouvireis.’ Cantou então uma canção cujas palavras, ternas e apaixonadas, expressavam perfeitamente a

força do seu amor. Quando terminou, Chemselnihar, seguindo-lhe o exemplo, disse a uma das mulheres: ‘Ouvi-me também, e acompanhai-me.’ Ao mesmo tempo, cantou de tal maneira que abrasou ainda mais o coração do príncipe da Pérsia, que lhe respondeu com outra canção ainda mais apaixonada.

Tendo assim declarado os dois amantes mútua ternura, Chemselnihar cedeu à força da sua. Levantando-se do trono, fora de si, encaminhou-se para a porta do salão. O príncipe, adivinhando-lhe a intenção, levantou-se também e correu-lhe precipitadamente ao encontro. Encontraram-se sob a porta, onde se abraçaram com tamanho prazer que perderam os sentidos, e teriam caído, se as mulheres que tinham seguido Chemselnihar não os tivessem sustentado, transportando-os para um sofá onde os fizeram voltar a si, lançando-lhes água fria ao rosto e fazendo-os aspirar vários tipos de perfumes.

Recobrando os sentidos, a primeira coisa que Chemselnihar fez foi olhar para todos os lados; e como não visse Ebn Taher, perguntou ansiosamente onde ele andava. Este se afastara por respeito, enquanto as mulheres estavam ocupadas em socorrer sua ama, e temia, com razão, consequências tristes para o que acabava de ver. Quando soube que Chemselnihar perguntava por ele, apresentou-se-lhe...”

A sultana Sherazade deixou de falar nesse ponto, em virtude do dia que estava aparecendo. Na noite seguinte, assim deu prosseguimento à história:

189^A NOITE

“Alegrou-se Chemselnihar por ver Ebn Taher, e testemunhou-lhe sua alegria dizendo-lhe: ‘Ebn Taher, não sei como poderei reconhecer as infinitas obrigações que vos devo. Sem vós, jamais teria conhecido o príncipe da Pérsia e amado o que há de mais digno de sê-lo no mundo. Convençei-vos, pois, de que não morrerei ingrata e de que meu reconhecimento, se possível, igualará o benefício que dos devo.’ Ebn Taher não respondeu a tal cumprimento, a não ser com profunda reverência, e desejou à favorita a realização de tudo quanto ela pudesse almejar.

Chemselnihar voltou-se para o lado do príncipe da Pérsia, sentado perto dela, e, olhando-o confusa, após o que entre eles se passara, disse-lhe: ‘Senhor, estou certa de que me quereis; não duvideis de que o amor que vos tenho seja tão forte quanto o vosso. Mas não nos alegremos: por maior que seja o acordo entre os vossos sentimentos e os meus, não vejo nem para vós nem para mim senão dores, impaciências e pesares. Não há outro remédio para os nossos males senão nos amarmos sempre, conformando-nos à vontade do céu e aguardando o que lhe aprouver decidir sobre o nosso destino.’ ‘Senhora’, respondeu o príncipe da Pérsia, ‘faríeis a mim a maior injustiça do mundo, se duvidásseis um só instante da constância do meu amor, tão unido está a minha alma que dela constitui a melhor parte. Eu o conservarei após a minha morte. Dores, tormentos, obstáculos, nada será capaz de me impedir que vos ame.’ Terminando tais palavras, deixou cair copiosas lágrimas, enquanto Chemselnihar não refreava as suas.

Ebn Taher aproveitou-se da pausa para falar à favorita. ‘Senhora’, disse-lhe, ‘permiti que vos assegure que, em vez de chorar, deveríeis vos alegrar por estardes juntos. Não compreendo vossa dor. Que será, pois, quando a necessidade vos forçar a uma separação? Já faz bastante tempo que estamos aqui e, bem sabeis, senhora, que precisamos nos retirar.’ ‘Ah, como sois cruel!’, respondeu Chemselnihar. ‘Vós que sabeis a causa das minhas lágrimas não vos apiedais da infeliz condição em que me vedes? Triste fatalidade! Que

mal fiz para ser submetida à dura lei de não poder desfrutar da única coisa que me empolga?’

Certa de que Ebn Taher só lhe falara por amizade, não se zangou com o que ouviu; pelo contrário, aproveitou-o. Com efeito, fez um sinal à escrava sua confidente que saiu depressa, trazendo pouco depois frutas sobre uma mesinha de prata, que ela colocou entre a ama e o príncipe da Pérsia. Chemselnihar escolheu o que havia de melhor e apresentou-o ao príncipe, pedindo-lhe que comesse. Ele levou-o à boca pelo ponto em que Chemselnihar o tocara, e, por sua vez, apresentou alguma coisa a Chemselnihar, que também a comeu da mesma maneira. Ela não se esqueceu de convidar Ebn Taher a comer com eles; mas, vendo-se em lugar no qual não se julgava seguro, este preferira estar em casa, e se comeu só o fez por complacência. Quando tiraram a mesa, trouxeram uma bacia de prata e água num vaso de ouro. Todos lavaram as mãos; em seguida, voltaram aos seus lugares; depois, três dentre as dez mulheres negras trouxeram cada uma uma taça de cristal de rocha cheia de um vinho delicioso, sobre um pires de ouro, colocando-as diante de Chemselnihar, do príncipe da Pérsia e de Ebn Taher.

Para ficarem mais à vontade, Chemselnihar reteve ao seu lado apenas as dez negras com dez outras mulheres que sabiam tocar e cantar; e após mandar que se retirassem as demais, pegou uma das taças e, segurando-a, cantou meigas palavras, acompanhada por uma de suas escravas ao alaúde. Quando terminou, bebeu; em seguida, pegou outra das duas taças e apresentou-a ao príncipe, pedindo-lhe que bebesse, assim como ela acabara de beber. O príncipe recebeu-a com amor e alegria; mas antes de sorver o líquido, cantou uma canção que uma das escravas acompanhou; e, cantando, as lágrimas caíram-lhe abundantemente; com as palavras da canção disse não saber se ia beber o vinho oferecido ou suas próprias lágrimas. Chemselnihar apresentou, então, a terceira taça a Ebn Taher, que lhe agradeceu a bondade e a honra.

Depois, Chemselnihar, pegando um alaúde das mãos de uma das escravas, acompanhou-se tão apaixonadamente com a voz que parecia estar fora de si; e o príncipe da Pérsia, de olhos nela, imobilizou-se, enfeitiçado. De repente,

a escrava, merecedora de toda a confiança, entrou emocionada, e, dirigindo-se à ama, disse-lhe: ‘Senhora, Mesrur e outros dois oficiais, com vários eunucos, estão à porta, e querem falar-vos, por ordem do califa.’ Quando o príncipe da Pérsia e Ebn Taher ouviram tais palavras, mudaram de cor e começaram a tremer, como se a sua morte fosse coisa certa. Mas Chemselnihar, que o notou, tranquilizou-os com um sorriso...”

A claridade do dia obrigou Sherazade a interromper a história, que retomou na noite seguinte.

190^A NOITE

“Chemselnihar, após tranquilizar o príncipe da Pérsia e Ebn Taher, incumbiu sua confidente de entreter Mesrur e os outros dois oficiais do califa até que ela estivesse em condições de recebê-los e mandá-los entrar. Deu então ordem para que fechassem todas as janelas do salão e que abaixassem as telas pintadas do lado do jardim. E depois de afirmar ao príncipe e a Ebn Taher que ali poderiam ficar sem medo, saiu pela porta que se abria para o jardim, fechando-a na frente deles. Mas, apesar de lhes ter sido garantida a segurança, não deixaram ambos de se preocupar bastante quando ficaram sozinhos.

No jardim, com as mulheres que a tinham seguido, Chemselnihar mandou trazer as cadeiras que haviam servido às instrumentistas para sentar-se perto da janela, de onde as tinham ouvido o príncipe da Pérsia e Ebn Taher. Depois, já no trono de prata, ordenou à sua confidente que trouxesse à sua presença o chefe dos eunucos e os dois oficiais, seus subalternos.

Estes apareceram, seguidos por vinte eunucos negros, todos corretamente vestidos, de alfanje ao lado e um cinto de ouro de quatro dedos de largura. Mal viram a favorita Chemselnihar, fizeram-lhe profunda reverência, por ela retribuída do alto do trono. Ao se aproximarem mais, ela se levantou e perguntou a Mesrur que notícias lhe trazia. Respondeu-lhe Mesrur: ‘Senhora, o Comendador dos Crentes, que me envia a vós, já não resiste à tentação de visitar-vos. Pretende vê-la essa noite, e eu venho avisá-la para que vos prepareis para recebê-lo. Ele espera, senhora, que o acolhais com prazer equivalente à impaciência que o domina.’

Àquelas palavras de Mesrur, Chemselnihar prostrou-se contra o chão para demonstrar submissão à ordem do califa. Depois, erguendo-se, disse: ‘Peço-vos transmitir ao Comendador dos Crentes que para mim há de ser sempre uma glória cumprir as ordens de Sua Majestade, e que sua escrava se esforçará em acolhê-lo com o respeito que lhe é devido.’ Ao mesmo tempo, ordenou à escrava, sua confidente, que pusesse o palácio em condições de

receber o califa, valendo-se das negras destinadas a tal trabalho. E, despedindo o chefe dos eunucos, disse: ‘Estais vendo que é preciso algum tempo para os preparativos. Fazei com que o califa aguarde um pouco, para que, à sua chegada, encontre tudo em perfeita ordem.’

Partindo o chefe dos eunucos e os seus companheiros, Chemselnihar voltou ao salão extremamente aflita pela necessidade em que se via de despedir o príncipe da Pérsia antes do que supusera. Suas lágrimas aumentaram o terror de Ebn Taher, que previa algo sinistro. ‘Senhora’, disse-lhe o príncipe, ‘sei que vindes dizer-me que devemos nos separar. Embora nada funesto tenha de recluir, espero que o céu me conceda a paciência necessária para suportar vossa ausência.’ ‘Ai, meu coração querido, minha alma’, interrompeu-o a terna Chemselnihar, ‘como sois feliz, e como sou infeliz quando comparo a vossa sorte ao meu triste destino! Sofrereis, sem dúvida, por não me ver; mas será uma dor inteiramente vossa, e podereis consolar-vos com a esperança de em mim tornar a fixar os olhos. Quanto a mim, ó céus, que provação me aguarda! Além de não poder contemplar meu único amor, terei de admitir o de um ente que vós me tornastes tão odioso! A chegada do califa não fará com que eu me lembre da vossa partida? E como, embevecida com vossa querida imagem, poderei demonstrar ao califa toda a alegria que já lhe demonstrei quando vinha me visitar? Estarei distraída ao falar-lhe, e as menores condescendências que terei pelo seu amor serão punhaladas que atravessarão meu coração. Serei capaz de suportar suas palavras, suas carícias? A que tormentos não estarei exposta desde o instante em que eu deixar de vê-lo?’ As lágrimas que deixou cair e os soluços impediram que continuasse. O príncipe da Pérsia quis responder-lhe, mas não teve forças; sua própria dor e a da sua meiga amante tiraram-lhe a palavra.

Ebn Taher, que só desejava ver-se fora do palácio, foi obrigado a consolá-los, exortando-os a que tivessem paciência. Mas a escrava confidente o interrompeu: ‘Senhora’, disse a Chemselnihar, ‘não temos tempo a perder: os eunucos começam a chegar, e vós bem sabeis que o califa não tardará em aparecer.’ ‘Ó céus, como é cruel essa separação!’, ‘Apressai-vos!’, disse à confidente. ‘Levai-os à galeria que dá para o jardim num dos lados, e no

outro para o Tigre, e, quando a noite envolver a Terra no seu manto, fazei-os sair pela porta posterior, a fim de que se afastem com segurança.' Àquelas palavras, abraçou ternamente o príncipe da Pérsia e foi ao encontro do califa com a perturbação que é fácil imaginar.

A escrava confidente conduziu o príncipe e Ebn Taher à galeria indicada por Chemselnihar; e, depois, deixou-os, fechando a porta, após assegurar-lhes de que nada deviam temer e que ela os faria sair quando soasse a hora oportuna..."

— Mas, senhor — disse então Sherazade —, o dia me impõe silêncio.

191^A NOITE

— Senhor — prosseguiu Sherazade — , “tendo se retirado a escrava confidente de Chemselnihar, o príncipe da Pérsia e Ebn Taher se esqueceram de que ela acabara de lhes dizer que nada deveriam temer. Examinaram a galeria e foram dominados por um terror extremo, quando perceberam não existir um único lugar por onde pudessem escapar, no caso de para lá se dirigir o califa ou um dos seus oficiais.

Um grande clarão, entrevisto de súbito do lado do jardim através das persianas, obrigou-os a se aproximarem para verificar de onde vinha. Era causada por cem archotes de cera branca empunhados por jovens eunucos negros, seguidos de outros cem, mais idosos, todos pertencentes à guarda das mulheres do palácio do califa, armados de alfanjes, como os que já mencionei. O califa caminhava entre Mesrur, chefe dos eunucos, à sua direita, e Vassif, segundo oficial, à esquerda.

Chemselnihar aguardava o califa à entrada de uma aleia, acompanhada por vinte mulheres, todas de surpreendente beleza e ornadas de colares e brincos de diamantes. Cantavam ao som dos seus instrumentos e compunham encantador concerto. A favorita, mal viu aparecer o califa, adiantou-se e prostrou-se aos seus pés. Mas ao mesmo tempo, pensou: ‘Príncipe da Pérsia, se os vossos tristes olhos testemunhassem o que estou fazendo, avaliaríeis minha triste sorte. Diante de vós é que eu desejaria assim me humilhar; meu coração não teria nisso nenhuma repugnância.’

O califa ficou encantado ao ver Chemselnihar. ‘Levantai-vos, senhora’, disse-lhe, ‘e aproximai-vos. Censuro-me por ter-me privado por tão longo tempo do prazer de visitá-la.’ Terminando, pegou-a pela mão, e, sem parar de pronunciar palavras amorosas, foi sentar-se no trono de prata que Chemselnihar mandara que lhe trouxessem. Chemselnihar sentou-se diante dele, e as vinte mulheres formaram um círculo em torno de ambos, em outros assentos, enquanto os jovens eunucos que empunhavam os archotes se

dispersaram pelo jardim, a certa distância um do outro, a fim de que o califa desfrutasse mais comodamente do frescor da noite.

Quando o califa se sentou, olhou em volta e viu com grande satisfação todo o jardim iluminado por um sem-número de outras luzes que não os archotes dos jovens eunucos. Mas, notando que o salão estava fechado, admirou-se, e perguntou o motivo. Tratava-se de uma surpresa que lhe fora reservada. Com efeito, mal havia falado, abriram-se todas as janelas ao mesmo tempo, e ele o viu iluminado fora e dentro muito melhor do que jamais o vira. ‘Encantadora Chemselnihar’, disse, ‘compreendo-vos. Quisestes dar-me a conhecer que há noites tão belas como os mais belos dias. E eu não posso deixar de concordar!’

Voltemos ao príncipe da Pérsia e a Ebn Taher, que deixamos na galeria. Ebn Taher não se cansava de admirar tudo quanto se lhe oferecia aos olhos. ‘Não sou moço’, disse, ‘e vi grandes festas na minha vida; mas não creio que se possa contemplar coisa tão surpreendente e grandiosa. Tudo quanto nos contam dos palácios encantados é insignificante diante do prodigioso espetáculo que se nos oferece. Quanta riqueza, quanta magnificência!’

O príncipe da Pérsia não se achava comovido pelas maravilhas que tão grande prazer proporcionavam a Ebn Taher. Só tinha olhos para Chemselnihar, e a presença do califa o mergulhava em inconcebível aflição. ‘Caro Ebn Taher’, disse, ‘prouvera a Deus que eu pudesse dominar-me para só me concentrar, como vós, no que devia causar-me admiração! Mas, ai de mim! Tudo isso só aumenta a minha tortura. Como posso ver o califa ao lado da mulher que amo e não morrer de desespero? Por que rival tão poderoso perturba meu terno amor? Como é cruel o meu destino! Há um instante supunha-me o mais afortunado amante da Terra, e agora recebo no coração um golpe que me mata. Não resisto, meu caro Ebn Taher, o meu mal me acabrunha e o meu ânimo desaparece.’ Pronunciando as últimas palavras, notou que se passava alguma coisa no jardim, obrigando-o a calar-se e a prestar atenção.

Com efeito, o califa ordenara a uma das mulheres que cantasse ao som do alaúde. As palavras da canção eram apaixonadíssimas, e o califa, convencido de que ela as cantava por ordem de Chemselnihar, que muitas vezes lhe dera

semelhantes provas de ternura, interpretava-as a seu favor. Mas não era essa a intenção de Chemselnihar naquela ocasião. Aplicava-as ao seu querido príncipe da Pérsia e deixava-se penetrar de tão viva dor por diante dela um ente cuja presença já não suportava, que acabou por perder os sentidos. Caindo sobre o espaldar de uma cadeira sem braços, rolaria para o chão, se algumas das mulheres não a tivessem prontamente socorrido, levantando-a e levando-a para o salão.

Ebn Taher, na galeria, surpreso com o acidente, voltou-se para o príncipe da Pérsia, e em vez de vê-lo apoiado à persiana como imaginava, ficou atônito ao encontrá-lo imóvel, aos seus pés. Que força havia no amor do príncipe por Chemselnihar, que estranho efeito da atração! Ebn Taher angustiou-se em virtude do lugar em que se achavam. Fez, no entanto, o possível para que o príncipe recobrasse os sentidos. Tudo em vão, porém. De súbito, a confidente de Chemselnihar abriu a porta da galeria, e entrou ofegante e como quem não sabe o que deve fazer. ‘Vinde logo, para que eu vos faça sair! Aqui reina a confusão, e creio que estamos no fim dos nossos dias.’ ‘Mas como quereis que partamos?’, respondeu Ebn Taher, com tristeza. ‘Aproximai-vos, por favor, e vede em que estado se encontra o príncipe da Pérsia.’ Quando a escrava o viu desmaiado, correu para buscar água, sem perder tempo com palavras, voltando pouco depois.

Finalmente, o príncipe da Pérsia, após lhe terem jogado água ao rosto, recobrou os sentidos: ‘Príncipe’, disse-lhe então Ebn Taher, ‘corremos o risco de morrer, vós e eu, se aqui continuarmos. Fazei um esforço, portanto, e escapemos o quanto antes.’ Estava tão combalido o jovem que não conseguia pôr-se de pé sozinho. Ebn Taher e a confidente o ampararam. E, sustentando-o de ambos os lados, dirigiram-se até uma portinha de ferro que se abria para o Tigre. Por lá saíram e rumaram até a margem de um canal que se comunicava com o rio. A confidente bateu palmas e imediatamente um barco com um único remador se aproximou deles. O príncipe da Pérsia e o seu companheiro embarcaram, e a escrava ficou na margem do canal. Quando o príncipe se viu no barco, estendeu uma das mãos para o lado do palácio, e, colocando a outra sobre o coração, disse: ‘Caro anseio de minha alma, recebei com esta mão a minha fidelidade, enquanto com a outra vos

asseguro que o meu coração há de conservar para sempre o fogo que o consome...”

A essa altura, Sherazade notou que já era dia; calou-se e, na noite seguinte, assim prosseguiu:

192^A NOITE

“Enquanto o remador empregava toda a sua força, a escrava de Chemselnihar acompanhava o príncipe da Pérsia e Ebn Taher, caminhando sobre a margem do canal até que eles chegassem à corrente do Tigre. Então, não podendo prosseguir, despediu-se, afastando-se.

O príncipe da Pérsia achava-se sempre muito fraco. Ebn Taher consolava-o e exortava-o a se animar. ‘Pensai’, disse-lhe, ‘quando desembarcamos, ainda teremos muito de andar antes de chegarmos a minha casa, pois não pretendo acompanhar-vos a essa hora, e no estado em que vos encontrais, até a vossa, muito mais distante que a minha. Correríamos o risco de que nos encontrasse a patrulha.’ Deixaram, finalmente, o barco, mas eram tão escassas as forças do príncipe que ele não conseguia caminhar, o que embaraçou bastante Ebn Taher. De repente, lembrou-se de que tinha um amigo na vizinhança e para lá arrastou, com grande dificuldade, o príncipe. O amigo os acolheu cortesmente; e, depois de fazer com que se sentassem, perguntou-lhes de onde vinham. Ebn Taher, respondeu: ‘Soube essa tarde que um homem que me deve considerável quantia planejava uma longa viagem; não perdi meu tempo, fui procurá-lo, e, pelo caminho, se me deparou esse jovem a quem devo mil obrigações; como conhece meu devedor, quis me acompanhar. Tivemos muito trabalho para convencê-lo; conseguimos-lo, no entanto, e foi por isso que só saímos da casa dele bem tarde. Na volta, a alguns passos daqui, esse jovem, por quem tenho grande consideração, sentiu-se repentinamente mal, o que me levou a bater à vossa porta, certo de que teríeis a bondade de nos abrigar por essa noite.’

O amigo de Ebn Taher contentou-se com suas palavras, disse-lhe que eram bem-vindos e ofereceu ao príncipe da Pérsia, que não conhecia, toda a ajuda de que precisava. Mas Ebn Taher, falando pelo príncipe, explicou que o mal deste exigia apenas repouso. O amigo compreendeu, por aquelas palavras, que ambos desejavam descansar, e levou-os a um aposento, onde os deixou à vontade.

Se o príncipe dormiu, foi um sono agitado por sonhos horríveis, que lhe mostravam Chemselnihar desmaiada aos pés do califa. Ebn Taher, impaciente em voltar para casa, e certo de que sua família devia estar preocupada (visto que jamais lhe ocorrera passar a noite fora), levantou-se e partiu de manhãzinha, após despedir-se do amigo, que também se havia levantado para a prece matinal. Finalmente, chegou; a primeira coisa que o príncipe da Pérsia fez foi atirar-se sobre um sofá, tão fatigado como se tivesse viajado por longo tempo. Não podendo rumar para sua casa, Ebn Taher ordenou que lhe fosse preparado um aposento, e, a fim de não causar preocupações, mandou dizer aos seus criados o estado e o lugar em que o príncipe, se achava. Ao mesmo tempo, rogou a este que se acalmasse, e se pusesse à vontade em sua casa. ‘Aceito de todo coração os vossos delicados oferecimentos’, disse-lhe o príncipe, ‘mas cuidai de fazer como se eu aqui não estivesse. Não me demoraria, se soubesse que a minha presença vos poderia constranger.’

Mal Ebn Taher viu o momento oportuno, explicou à família tudo quanto se havia passado no palácio de Chemselnihar, e terminou agradecendo a Deus ter sido livrado do perigo. Os principais criados do príncipe da Pérsia foram receber suas ordens em casa de Ebn Taher, e em breve chegaram vários dos seus amigos, sabendo da sua indisposição. Os amigos passaram a melhor parte do dia com ele; e, embora não pudessem apagar-lhe as tristes ideias causadas pelo mal, pelo menos o aliviaram. No fim do dia, quis despedir-se de Ebn Taher, mas o fiel amigo, vendo-o ainda muito fraco, o obrigou a esperar o dia seguinte. Entretanto, para distraí-lo, proporcionou-lhe de noite um concerto de vozes e instrumentos, que só serviu, porém, para trazer-lhe à lembrança o da véspera, avivando-lhe a saudade de tal forma que no outro dia piorou. Ebn Taher, então, não se opôs mais ao desejo do príncipe. Cuidou pessoalmente de que o levassem para casa, acompanhou-o e, quando se viu sozinho com ele no aposento, fez-lhe ver todos os motivos para um generoso esforço no sentido de vencer uma paixão cujo fim não seria feliz nem para ele nem para a favorita. ‘Ah, meu caro Ebn Taher’, exclamou o príncipe, ‘como vos é fácil dar-me tal conselho, mas como é difícil para mim segui-lo. Bem vejo toda a sua importância, mas não posso aproveitá-lo. Já o disse, levarei comigo para o túmulo o amor que nutro por

Chemsel-

nihar.' Quando Ebn Taher compreendeu que não conseguia influenciar o príncipe, despediu-se e quis retirar-se..."

Sherazade, nesse ponto, vendo aparecer o dia, se calou. Na noite seguinte, assim recomeçou:

193^A NOITE

“O príncipe da Pérsia o deteve. ‘Meu prestimoso Ebn Taher’, disse-lhe, ‘embora eu vos tenha declarado não poder seguir vossos sábios conselhos, peço-vos não fazer da minha declaração um crime, e não deixar, por isso, de me testemunhar vossa amizade. Não poderíeis dar-me prova maior do que informando-me do destino da minha querida Chemselnihar. A incerteza em que vivo, as apreensões que me causam o seu desmaio mantêm-me na apatia que me censurais.’ ‘Senhor’, respondeu-lhe Ebn Taher, ‘podeis estar certo de que o seu desmaio não deve ter tido consequências ruins, e que sua confidente não tardará em vir dizer-me tudo quanto se passou. Quando tiver novidades, virei imediatamente transmiti-las.’

Ebn Taher deixou o príncipe com esperança e voltou para casa, onde aguardou inutilmente pelo resto do dia a confidente de Chemselnihar, tampouco vendo-a no dia seguinte. Sua inquietação sobre o estado de saúde do príncipe da Pérsia não lhe permitiu ficar mais tempo sem visitá-lo. Correu, pois, à casa dele, com o intuito de exortá-lo a ter paciência. Encontrou-o no leito, nas mesmas condições, e cercado de alguns amigos e médicos que empregavam toda sua arte para descobrir a causa daquele estranho mal. Quando viu Ebn Taher, olhou-o sorridente, para testemunhar-lhe duas coisas: sua alegria em revê-lo e como se enganavam os médicos que não podiam absolutamente adivinhar a causa da sua doença.

Os amigos e os médicos retiraram-se uns após os outros, de modo que Ebn Taher ficou sozinho com o príncipe, de cujo leito se aproximou para perguntar-lhe como estava se sentindo. ‘Direi a vós’, respondeu-lhe o príncipe, ‘que o meu amor, cada vez mais forte, e a incerteza do destino da formosa Chemselnihar aumentam a cada instante o meu mal e me põem num estado que aflige meus parentes e amigos e desconcerta os médicos. Não imaginais como sofro por ver tanta gente que me importuna e que não posso repelir. Sois o único cuja companhia me faz bem; mas nada me dissimuleis, suplico-vos. Que notícias me trazeis de

Chemselnihar? Vistes a sua confidente? Que vos disse ela?’ Ebn Taher respondeu que não a vira. Mal transmitiu ao príncipe aquela triste notícia, as lágrimas assomaram aos seus olhos e não conseguiu dizer uma palavra, tão oprimido sentia o coração. ‘Príncipe’, prosseguiu Ebn Taher, ‘permiti-me dizer-vos que vos estais se torturando cruelmente. Em nome de Deus, enxugai essas lágrimas. Alguém pode entrar nesse mesmo instante e bem sabeis com que cuidado deveis ocultar vossos sentimentos.’ Por mais que o sensato amigo falasse, o príncipe não conseguia refrear o pranto. ‘Meu bom Ebn Taher, sei que posso impedir que a língua revele o segredo do meu coração, mas não domino as lágrimas à Chemselnihar. Se esse adorado e único objeto dos meus desejos já não estivesse no mundo, eu não lhe sobreviveria um instante.’ ‘Repeli ideia tão triste’, replicou Ebn Taher, ‘Chemselnihar vive ainda, não duvideis. Se não vos deu notícias é porque não pôde fazê-lo, mas espero que ainda hoje haveis de saber alguma coisa.’ E, após acrescentar outras palavras consoladoras, retirou-se.

Mal Ebn Taher voltou para casa, surgiu a confidente de Chemselnihar. Seu ar triste fez com que Ebn Taher tivesse um mau pressentimento, pelo que se apressou em lhe pedir notícias da favorita. ‘Dai-me antes as vossas’, respondeu-lhe a confidente, ‘pois tenho andado muito inquieta, desde que vos vi partir com o príncipe da Pérsia naquele estado.’ Contou-lhe Ebn Taher tudo quanto ela desejava saber; quando acabou, disse a escrava: ‘Se o príncipe da Pérsia sofreu e ainda sofre pela amante, esta não sofre menos. Depois que vos deixei, voltei ao salão, onde verifiquei que Chemselnihar não havia ainda recobrado os sentidos, apesar de todos os cuidados que tomaram. O califa, sentado ao seu lado, com todos os sinais de verdadeira dor, perguntava às mulheres, e sobretudo a mim se não sabíamos qual era a causa daquele mal; mantivemos o segredo e dissemos-lhe tudo menos o que não ignorávamos. Todavia, chorávamos por vê-la sofrer tanto e de nada nos esquecemos para socorrê-la. Finalmente, já era quase meia-noite quando voltou a si. O califa, que tivera a paciência de esperar aquele momento, manifestou grande alegria, e perguntou a Chemselnihar a origem daquele mal-estar. Ouvindo-lhe a voz, ela se esforçou para recobrar a presença de espírito e, após beijar-lhe os pés antes que ele a pudesse impedir, disse-lhe:

‘Senhor, queixo-me do céu por ele não ter me concedido a graça de morrer aos pés de Vossa Majestade, para vos provar até que ponto me penetra a vossa bondade.’ ‘Bem certo estou de que sentes amor por mim’, disse-lhe o califa; ‘mas ordeno que vos conserveis por amor a mim. Sem dúvida, fizestes hoje um excesso qualquer que vos causou essa indisposição; não o repitais. Alegro-me muito em ver que estais melhor, e aconselho-vos passar aqui a noite em vez de voltar para o vosso aposento. Receio que o movimento vos prejudique.’ Àquelas palavras, ordenou que trouxessem um dedo de vinho, que ela teve de sorver para refazer as forças. Depois, despediu-se. Quando o califa saiu, minha ama chamou-me com um sinal e pediu notícias vossas, e com grande inquietação. Garanti-lhe que havia muito tempo que tínheis deixado o palácio. Evitei falar-lhe

do desmaio do príncipe da Pérsia, com medo de que recaísse no estado do qual com tão grande dificuldade a tinham tirado os nossos cuidados; mas a minha precaução foi inútil, como ireis saber. ‘Príncipe, renuncio doravante a todos os prazeres, enquanto me vir privado de vos ver. Se bem penetrei o vosso coração, nada mais faço do que seguir o vosso exemplo. Só deixarei de chorar quando estiverdes na minha presença, e é justo que eu chore e me aflija até que volteis.’ Terminando tais palavras, pronunciadas com toda a força da sua paixão, perdeu os sentidos pela segunda vez entre os meus braços...”

Nesse ponto, Sherazade, vendo aparecer o dia, se calou. Na noite seguinte, assim prosseguiu:

194^A NOITE

“A confidente de Chemselnihar continuou a contar a Ebn Taher tudo o que havia se passado com sua ama, desde o seu primeiro desmaio. ‘Levamos novamente, muito tempo para fazermos com que ela recobrasse os sentidos, minhas companheiras e eu. Recobrou-os finalmente, e eu lhe disse, então: Senhora, estais resolvida a deixar-vos morrer e a deixar-nos morrer convosco? Suplico-vos, em nome do príncipe da Pérsia, por quem tendes interesse em viver, que conserveis os vossos dias. Por favor, deixai-vos convencer e fazei os esforços que deveis a vós mesma, ao amor do príncipe e ao nosso afeto.’ “Agradeço-vos,” disse-me, “os vossos cuidados, o vosso zelo e conselho. Mas, ai de mim! De que me vale o vosso conselho? Não nos é permitida qualquer esperança, e é somente no túmulo que poderemos aguardar o fim do nosso tormento.’ Uma das minhas companheiras quis desviá-la dos seus tristes pensamentos, cantando acompanhada pelo alaúde; mas ela impôs-lhe silêncio e ordenou-lhe, como às demais, que se retirassem. Só eu fiquei para passar a noite com ela. Que noite, ó céus! Passou-a chorando e gemendo; e, chamando sem cessar o príncipe da Pérsia, queixou-se da sorte que a destinara ao califa, a quem não podia amar, e não ao homem a quem amava perdidamente. No dia seguinte, visto não achar-se bem à vontade no salão, ajudei-a a transferir-se para o seu aposento, onde, mal chegou, entraram todos os médicos do palácio por ordem do califa, que não tardou em aparecer. Os remédios ordenados não surtiram nenhum efeito, já que a causa do mal era desconhecida. O constrangimento em que a mergulhava a presença do califa só lhe aumentava o mal-estar. Entretanto, essa noite conseguiu repousar um pouco; e, quando despertou, incumbiu-me de vir procurar-vos e pedir notícias do príncipe da Pérsia.’

‘Já vos informei do estado em que se acha’, disse-lhe Ebn Taher. ‘Voltai, pois, e assegurai a vossa ama que o príncipe da Pérsia aguarda notícias dela com a mesma impaciência. Exortai-a, sobretudo, a moderar-se e a dominar-se, para que não profira diante do califa palavras que nos possa perder com

ela.’ ‘Quanto a mim’, respondeu a confidente, ‘confesso, tudo receio dos seus rompantes. Tomei a liberdade de lhe dizer o que pensava disso, e estou certa de que não protestará por eu lhe falar ainda de vossa parte.’

Ebn Taher, que acabara de chegar da casa do príncipe da Pérsia, não julgou conveniente voltar para lá imediatamente e descuidar negócios importantes. Só o viu novamente pelo fim do dia. Estava sozinho e continuava na mesma. ‘Ebn Taher’, disse, ao vê-lo, ‘tendes sem dúvida numerosos amigos; mas os vossos amigos não sabem o que valeis, como me demonstra o vosso zelo, o vosso cuidado, o vosso sacrifício. Confunde-me tudo quanto fazeis por mim com tão grande afeto, e não sei como poderei desobrigar-me.’ ‘Príncipe’, respondeu-lhe Ebn Taher, ‘não falemos nisso, peço-lhe. Estou pronto não somente a vos dar um dos olhos, mas até a sacrificar minha vida pela vossa. Não é disso porém, que se trata agora. Venho dizer-vos que Chemselnihar me enviou a sua confidente para saber notícias vossas, e ao mesmo tempo dar as suas. Nada lhe disse que não confirmasse o excesso do vosso amor pela ama e a constância com a qual a amais.’ Ebn Taher, em seguida, contou-lhe pormenorizadamente tudo o que lhe fora transmitido pela escrava. O príncipe ouviu-o com temor, ciúme, ternura e compaixão inspiradas por aquelas palavras, entregando-se a pensamentos tristes ou consoladores capazes de reinar no espírito de tão apaixonado amante.

A conversa do príncipe com seu amigo durou tanto tempo que, sendo já tarde da noite, o príncipe da Pérsia obrigou Ebn Taher a ficar com ele. No dia seguinte, de manhã, ao voltar para sua casa, o fiel amigo viu ir-lhe ao encontro a confidente de Chemselnihar, que lhe disse: ‘Minha ama vos saúda, e eu venho suplicar-vos, por ela, que entregue essa carta ao príncipe da Pérsia.’ O zeloso Ebn Taher pegou a carta, e, regressando, seguido da escrava confidente, para a casa do príncipe...”

Sherazade deixou de falar nessa altura, em virtude do dia que acabava de aparecer. Prosseguiu na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia.

195^A NOITE

“Quando Ebn Taher entrou na casa do príncipe da Pérsia com a confidente de Chemselnihar, pediu-lhe que aguardasse um instante na antessala. Mal o príncipe o viu, perguntou-lhe imediatamente qual era a notícia. ‘A melhor que poderíeis esperar’, respondeu-lhe Ebn Taher; ‘seis amado tanto quanto amais. A confidente de Chemselnihar está na antessala e traz-lhe uma carta de sua ama; só aguarda vossa permissão para entrar.’ ‘Pois entre!’, exclamou o príncipe com alegria. E preparou-se para recebê-la.

Como os que rodeavam o príncipe tinham saído do aposento e apenas permanecera Ebn Taher, este foi abrir a porta pessoalmente e mandou entrar a confidente. O príncipe recebeu-a com delicadeza. ‘Senhor’, disse-lhe ela, ‘sei como sofrestes depois que tive a honra de vos conduzir ao barco que vos esperava; mas ousa crer que essa carta contribuirá para o vosso restabelecimento.’ Àquelas palavras, apresentou-a. Ele pegou a carta e, após beijá-la várias vezes, abriu-a para ler.

Carta de Chemselnihar ao príncipe da Pérsia, Ali Ebn Becar

A pessoa que vos entregará essa carta lhe dirá como estou melhor do que eu mesma, pois já não me reconheço desde que deixei de vê-lo. Sem a vossa presença, busco me enganar com estas linhas, e com o mesmo prazer que experimentaria se tivesse a ventura de falar-lhe pessoalmente.

Diz-se que a paciência é remédio para todos os males; no entanto, ela irrita os meus em vez de aliviá-los. Embora eu vos traga bem gravado no meu coração, meus olhos almejam vos rever, e perderão toda a luz se da vossa imagem se ficarem privados por mais tempo. Os vossos também desejam rever-me? Sim, tenho certeza, pois me deram a conhecer pela sua ternura. Como seria feliz Chemselnihar, e como o seríeis vós, príncipe, se os meus anseios, conformes os vossos, não tivessem pela frente insuperáveis obstáculos, que mais me afligem por serem a causa da vossa aflição.

Tais sentimentos traçados pelos meus dedos, e que eu expresso com incrível prazer, repetindo-os várias vezes, partem do fundo do meu coração e da ferida incurável que nele fizestes, ferida que abençoo mil vezes, apesar da tristeza que me causa a vossa ausência. Não me importaria com o que se opõe aos nossos amores se pudesse vê-lo livremente. Possuir-vos então, e que mais eu poderia desejar?

Não julgueis que as minhas palavras dizem mais do que isso. Ah! Sejam quais forem as expressões de que me sirvo, bem sei que penso muito mais do que digo. Os meus olhos, que vigiam constantemente e incessantemente, choram à espera de revê-lo; o meu coração aflito que só deseja a vós; os suspiros que dou todas as vezes em que penso em vós, isto é, a todo instante; a minha imaginação, que só me representa a vossa querida imagem; as queixas que lanço ao céu contra o rigor do meu destino; enfim, as minhas inquietações, os meus tormentos, que não me concedem repouso depois que vos perdi de vista, garantem o que vos escrevo.

Não sou bem infeliz por ter nascido para amar sem a esperança de possuir o que amo? Esse pensamento desolador me acabrunha a tal ponto, que eu morreria se não estivesse certa de que me amais. Tão doce consolo alivia meu desespero e me prende à vida. Dizei-me que me tendes amor para sempre; guardarei a vossa carta, hei de lê-la mil vezes por dia e suportarei os meus pesares com menos impaciência. Desejo que o céu cesse de estar irritado contra nós e nos permita encontrar a oportunidade de nos dizermos, sem constrangimento, que nos amamos e que jamais deixaremos de nos amar. Adeus. Saúdo Ebn Taher a quem tantas obrigações devemos.”

196^A NOITE

“O príncipe da Pérsia não se contentou em ler a carta apenas uma vez, parecendo-lhe tê-lo feito com muito pouca atenção. Releu-a mais devagar, às vezes com tristes suspiros, chorando outras, e outras ainda explodindo em exclamações de alegria e de ternura. Finalmente, não se cansava de correr os olhos pelos caracteres traçados por mão tão querida; e preparava-se para relê-la pela terceira vez quando Ebn Taher fez ver que a confidente não podia perder tempo, e que era preciso escrever uma resposta. ‘Ai de mim!’, gemeu o príncipe, ‘como pretendeis que eu responda uma carta tão amorosa? Com que palavras me expressarei, perturbado como me encontro? Agitam-me o espírito mil ideias cruéis, e os meus sentimentos se destroem no instante em que os concebo para cederem lugar a outros. Enquanto meu corpo se resente das impressões da alma, como poderei segurar o papel e guiar a cana^[48] para formar as letras?’

Assim, pegou, numa mesinha de papel, uma cana e um tinteiro...”

Sherazade, percebendo o dia, interrompeu a história, para continuá-la na noite seguinte, dizendo a Shahriar:

197^A NOITE

“Senhor, o príncipe da Pérsia, antes de escrever, entregou a carta de Chemselnihar a Ebn Taher, rogando-lhe que a conservasse aberta enquanto ele escrevia, a fim de que, pondo sobre ela o olhar, pudesse ver melhor o que iria responder. E começou, mas as lágrimas que lhe tombavam dos olhos sobre o papel por várias vezes o obrigaram a deter-se. Terminou finalmente a carta, e, passando-a a Ebn Taher, disse-lhe: Leia-a e fazei-me o favor de verificar se a minha perturbação me permitiu dar uma resposta conveniente. Ebn Taher pegou-a, e leu o que se segue:

Resposta do príncipe da Pérsia à carta de Chemselnihar

Estava eu imerso em mortal aflição quando me entregaram vossa carta. Apenas por vê-la, dominou-me uma alegria que vos não posso expressar; e, à vista dos caracteres traçados pela vossa formosa mão, receberam os meus olhos nova luz, mais viva que a que tinham perdido quando os vossos se cerraram subitamente aos pés do meu rival. As palavras de tão obsequiosa carta são outros tantos raios luminosos que dissipam as trevas de minha alma. Dizem-me como sofreis pelo meu amor e dão-me a conhecer também que não ignorais como sofro por vós; por conseguinte, consolam-me. Por um lado, fazem-me verter muitas lágrimas; por outro, inflamam-me o coração com um fogo que o sustenta e impedem que eu morra de dor. Não tive um instante de repouso depois da nossa cruel separação. Somente a vossa carta é que me trouxe algum alívio. Mantive um silêncio sombrio até o momento em que a recebi, ela me devolveu a palavra. Estava mergulhado em profunda melancolia, e ela me inspirou uma alegria que, em primeiro lugar, me transfigurou os olhos e o rosto. Mas a surpresa de receber um favor que ainda não mereci foi tão grande que não sabia por onde começar para vos demonstrar meu reconhecimento. Finalmente, após beijá-la várias vezes, como precioso penhor da vossa bondade, reli-a, e o excesso da minha ventura me confundiu. Quereis que vos diga que vos amo sempre. Ah! Mesmo que não vos amasse tão perfeitamente como vos amo, não poderia deixar de vos adorar, após todos os sinais que me destes de

tão extraordinário amor. Sim, amo-vos, minha alma querida, e há de ser-me uma honra arder por toda a vida do fogo que pusestes no meu coração. Jamais me queixarei do vivo ardor que me consome; e, por mais rigorosos que sejam os pesares causados pela vossa ausência, os suportarei com constância, certo de poder vê-la um dia. Prouvera a Deus que fosse possível hoje e que, em vez de vos enviar uma carta, me fosse dado ir assegurar-vos que morro de amor por vós! As minhas lágrimas impedem que eu continue. Adeus.

Ebn Taher não conseguiu ler as últimas linhas sem dar vazão ao pranto. Depois, recolocou a carta nas mãos do príncipe da Pérsia, assegurando-lhe nada ter de corrigir. O príncipe fechou-a e disse à confidente de Chemselnihar, que se achava um pouco distante: ‘Aproximai-vos. Eis a resposta para vossa ama. Levai-a e saudai-a por mim.’ A escrava pegou a carta e retirou-se com Ebn Taher...”

Terminando essas palavras, a sultana da Índia, vendo que o dia estava para nascer, se calou; na noite seguinte, assim continuou:

198^A NOITE

“Ebn Taher, após caminhar por algum tempo com a escrava confidente, deixou-a, voltando para sua casa, onde se pôs a pensar profundamente na intriga amorosa em que se achava infelizmente envolvido. O príncipe da Pérsia e Chemselnihar, apesar do interesse que tinham em ocultar seu amor, se comportavam com tão pouca discrição que em breve o segredo seria descoberto. Ebn Taher tirou daí todas as consequências de um homem sensato. ‘Se Chemselnihar’, refletiu, ‘fosse uma senhora comum, contribuiria com todas as minhas forças para tornar feliz o seu amante e ela; mas trata-se da favorita do califa, e não há ninguém que possa impunemente agradar ao que ele ama. Sua cólera cairá primeiro sobre Chemselnihar, o príncipe da Pérsia perderá a vida, e eu também serei levado de roldão pela desgraça. Devo cuidar da minha honra, do meu repouso, da minha família e dos meus bens. É preciso, pois, enquanto me é permitido, livrar-me de tão grande perigo.’

Durante todo o dia não pensou em outra coisa. No dia seguinte pela manhã, foi visitar o príncipe da Pérsia com a intenção de envidar um derradeiro esforço para obrigá-lo a desistir de sua paixão. Efetivamente, fez-lhe ver o que já lhe fizera ver inutilmente, que seria melhor empregar toda a coragem para destruir sua inclinação por Chemselnihar, que tal inclinação era tanto mais perigosa por ser poderosíssimo seu rival. ‘Enfim, senhor’, acrescentou, ‘crede-me, esforçai-vos por triunfar do vosso amor. A não ser assim, correis o risco de perder-vos com Chemselnihar, cuja vida vos deve ser mais cara que a vossa. Dou-vos esse conselho como amigo; um dia, me agradecerás.’

O príncipe ouviu Ebn Taher com enorme impaciência, embora o deixasse falar. Mas, tomando a palavra, disse: ‘Ebn Taher, julgais que eu possa deixar de amar Chemselnihar, que com tão grande ternura me ama? Ela não teme expor sua vida por mim, e vós pretendeis que eu cuide de conservar a

minha? Não, venha a desgraça que vier, hei de amar a Chemselnihar até meu último suspiro.’

Ebn Taher, ofendido pela obstinação do príncipe da Pérsia, deixou-o repentinamente e retirou-se para a sua casa, onde, remoendo as reflexões do dia anterior, pôs-se a pensar seriamente no que lhe cabia fazer. Enquanto isso, um joalheiro, seu amigo íntimo, foi visitá-lo. Havia o joalheiro notado que a confidente de Chemselnihar ia à casa de Ebn Taher com maior frequência que o normal, e que Ebn Taher estava quase sempre com o príncipe da Pérsia, cuja enfermidade era conhecida por todos, embora ninguém lhe soubesse a causa. Tudo isso lhe despertara fortes suspeitas. Vendo Ebn Taher aparentemente a sonhar, não duvidou de que algum negócio importante o preocupava, e julgando estar a par do assunto, perguntou-lhe o que desejava a escrava confidente de Chemselnihar. Ebn Taher confundiu-se um pouco com aquela pergunta, e pretendeu dissimular, dizendo que era por insignificância que ela o procurava tantas vezes. ‘Não me falais com sinceridade’, disse o joalheiro, ‘e, com a vossa dissimulação, levais-me a crer que tal insignificância é coisa mais importante do que a princípio supus.’

Ebn Taher, notando que o amigo insistia, disse-lhe: ‘É verdade que essa questão é das mais importantes. Eu tinha resolvido mantê-la em segredo, mas como conheço o interesse que tendes em tudo quanto me diz respeito, prefiro fazer-vos uma confidência a deixar-vos pensar o que é falso. Não vos recomendo segredo: sabereis, pelo que vos vou dizer, que é muito importante guardá-lo.’ Após isso, contou-lhe os amores de Chemselnihar e do príncipe da Pérsia: ‘Sabeis’, acrescentou, ‘qual é a consideração de que desfruto na corte e na cidade com os maiores senhores e as mais distintas damas? Que vergonha para mim se um dia descobrissem esses temerários amores! Mas o que digo? Não estariam perdidos minha família e eu? Eis o que mais me preocupa; acabo, porém, de tomar uma decisão: tratarei de liquidar os meus credores e depois partirei para Bassorá, onde ficarei até que passe a tormenta que prevejo. A amizade por Chemselnihar e pelo príncipe da Pérsia me torna muito sensível ao mal que lhes pode suceder; rogo a Deus que lhes dê a conhecer o perigo a que se expõem, e os salve; mas, se o

destino deles exige que os seus amores cheguem ao conhecimento do califa, estarei pelo menos longe do seu ressentimento. Não creio que procurem que eu me intrometa na sua desgraça. Se isso acontecesse, a ingratidão deles seria extrema, seria o mesmo que pagar com o mal os serviços que lhes prestei e os bons conselhos que lhes dei, sobretudo ao príncipe da Pérsia, que ainda poderia salvar-se do precipício, se quisesse. É fácil para ele sair de Bagdá, como o é a mim, e a ausência o livraria insensivelmente de uma paixão que, pelo contrário, só aumentará, enquanto ele insiste em ficar.’

Ouviu o joalheiro com grande surpresa a narrativa de Ebn Taher. ‘O que acabais de me contar’, disse-lhe, ‘é tão importante que não compreendo como Chemselnihar e o príncipe da Pérsia foram capazes de se entregar a tão violento amor. Por mais forte que seja a atração que os impele um para o outro, em vez de ceder covardemente, deviam resistir e empregar melhor a razão. Estarão loucos? Como é deplorável a sua cegueira! Posso ver todas as consequências. Sou prudente e aprovo a resolução que tomastes; somente assim é que podereis livrar-vos dos resultados funestos que temeis.’ Após aquelas palavras, levantou-se, e despediu-se de Ebn Taher...”

— Senhor — disse Sherazade, nessa altura —, o dia me impede de continuar.

E calou-se; mas na noite seguinte, assim prosseguiu:

199^A NOITE

“Antes que o joalheiro se retirasse, Ebn Taher pediu-lhe, pela amizade que os unia, que nada dissesse do que acabara de ouvir. ‘Ficai sossegado’, respondeu-lhe o joalheiro. ‘Guardarei esse segredo, à custa da minha própria vida.’

Dois dias depois, o joalheiro passou diante da loja de Ebn Taher e, vendo-a fechada, não duvidou de que o amigo fizera o que havia prometido. Para certificar-se, perguntou a um vizinho por que a loja não estava aberta. Este lhe respondeu que só sabia ter Ebn Taher ido viajar. O joalheiro lembrou-se imediatamente do príncipe da Pérsia. ‘Infeliz’, pensou, ‘que dor a vossa quando souberdes da notícia! Como poderá se comunicar com Chemselnihar? Receio que morrerá de desespero, tenho pena de vós, e é preciso que eu recompense a perda de um confidente demasiadamente íntimo.’

Não sendo importante o negócio que o obrigara a sair, deixou-o de lado, e, embora não conhecesse o príncipe da Pérsia senão por lhe ter vendido algumas pedras preciosas, correu a visitá-lo. Dirigindo-se a um dos seus criados, pediu-lhe que dissesse ao seu amo que ele desejava dizer-lhe algo importantíssimo. O criado voltou em pouco tempo, e introduziu-o no aposento do príncipe, recostado no sofá, a cabeça apoiada num travesseiro. Reconhecendo-o, o príncipe se levantou para recebê-lo, deu-lhe as boas-vindas e, após pedir-lhe que se sentasse, perguntou-lhe em que lhe poderia ser útil, ou se vinha contar-lhe algo. ‘Príncipe’, respondeu-lhe o joalheiro, ‘embora não tenha a honra de vos ser particularmente conhecido, o desejo de vos demonstrar meu zelo me fez tomar a liberdade de visitar-vos para vos transmitir uma notícia que vos diz respeito; espero que perdoeis a minha ousadia, levando em conta minha boa intenção.’

Após tal início, entrou logo no assunto: ‘Príncipe, tenho a honra de vos dizer que há muito tempo a conformidade de caráter e alguns negócios que realizamos juntos me fizeram estreitar íntima amizade com Ebn Taher. Sei

que o conheceis, e que até agora ele tratou de vos auxiliar em tudo que lhe foi possível; soube-o por ele mesmo, pois entre nós não existem segredos. Acabo de passar pela sua loja, e, com surpresa, encontrei-a fechada. Indaguei a razão a um dos vizinhos, e soube que há dois dias Ebn Taher se despediu dele e de outros vizinhos, oferecendo-lhes os seus préstimos em Bassorá, para onde ia. Não me satisfiz com tal resposta, e o interesse que tenho pelo que lhe diz respeito me impeliu a vir perguntar-vos se nada sabeis de especial no tocante a tão repentina partida.’

Àquelas palavras, que o joalheiro acrescentou ao assunto, para melhor alcançar seu objetivo, o príncipe da Pérsia mudou de cor e fitou o joalheiro com profunda aflição. ‘O que me dizeis’, respondeu, ‘me surpreende. Não podia suceder-me maior desgraça. Sim, estou perdido, se o que afirmais é verdade! Ebn Taher, que era todo o meu consolo, em quem eu depositava toda a minha esperança, abandona-me! Já não poderei viver depois de tão cruel golpe!’

Aquilo convenceu plenamente o joalheiro da violenta paixão do príncipe da Pérsia. A simples amizade não fala tal língua; só o amor é que é capaz de produzir sentimentos tão vivos.

O príncipe, por alguns momentos, mergulhou nos mais negros pensamentos. Finalmente, ergueu a cabeça e, dirigindo-se a um dos seus criados, disse-lhe: ‘Ide à casa de Ebn Taher, falai com um dos seus criados e verificai se é verdade que ele partiu para Bassorá. Correi e voltai imediatamente com notícias.’ Esperando o regresso do criado, o joalheiro esforçou-se em distrair o príncipe; mas o príncipe quase não lhe deu ouvidos, preso que estava a tamanha inquietação. Ora não se convencia de que Ebn Taher partira, ora não duvidava, quando se lembrava das palavras que o confidente proferira na última visita, e da maneira rude pela qual saíra do aposento.

Finalmente, chegou o criado do príncipe, contando que havia falado com um dos servidores de Ebn Taher, que lhe garantira já não estar ele em Bagdá, tendo partido, havia dois dias, para Bassorá. ‘Ao sair da casa de Ebn Taher’, acrescentou o criado, ‘uma escrava se aproximou de mim; e após perguntar-me se eu não tinha a honra de vos pertencer, disse-me que precisava falar-vos

e pediu-me que a trouxesse para cá. Está na antessala e creio que deseja entregar-vos uma carta proveniente de pessoa de consideração.’ O príncipe ordenou imediatamente que a fizessem entrar, não duvidando tratar-se da escrava de Chemselnihar, como realmente era. O joalheiro reconheceu-a por tê-la visto algumas vezes em casa de Ebn Taher. Não podia chegar mais a propósito para impedir que o príncipe caísse no desespero... Ela o saudou...”

— Mas, senhor — disse Sherazade —, noto que já é dia.

E calou-se; na noite seguinte, porém, assim prosseguiu:

200^A NOITE

“O príncipe da Pérsia retribuiu a saudação à confidente de Chemselnihar. O joalheiro levantara-se ao vê-la aparecer, e afastara-se para dar-lhes liberdade para conversar. A confidente, após entreter-se algum tempo com o príncipe, despediu-se, e saiu, deixando-o completamente mudado. Seus olhos pareciam mais brilhantes, o rosto mais alegre, o que fez com que o joalheiro julgasse a escrava ter trazido notícias favoráveis.

O joalheiro, sentando-se novamente perto do príncipe, disse-lhe, sorrindo: ‘Ao que vejo, príncipe, tendes negócios importantes no palácio do califa.’ O príncipe da Pérsia, pasmado e alarmado com tais palavras, respondeu-lhe: ‘Por que julgais que eu tenha negócios no palácio do califa?’ ‘Por causa’, respondeu o joalheiro, ‘da escrava que acaba de sair.’ ‘E a quem julgais que pertence essa escrava?’, respondeu o príncipe. ‘A Chemselnihar, a favorita do califa’, respondeu o joalheiro. ‘Conheço-a, assim como conheço sua ama, que às vezes me dá a honra de ir à minha loja comprar pedras preciosas. Sei mais, que Chemselnihar nada oculta a essa escrava, que, há muito tempo, vejo caminhar pelas ruas, visivelmente atordoada. Creio que se trata de algum assunto importante, que diz respeito à sua ama.’

As palavras do joalheiro perturbaram muito o príncipe da Pérsia. ‘Não me falaria assim’, pensou, ‘se não desconfiasse, ou melhor, se não soubesse meu segredo.’ Resolveu manter-se calado por alguns instantes, não sabendo que decisão tomar. Finalmente, retomou a palavra e disse ao joalheiro: ‘Acabais de me dizer algo que me faz supor saberdes vós mais do que o que falais. Para a minha tranquilidade, preciso ser esclarecido e peço-vos nada ocultar.’

O joalheiro, que não pretendia outra coisa, detalhou-lhe exatamente a conversa mantida com Ebn Taher. Deu-lhe a conhecer, pois, que sabia da ligação existente entre ele e Chemselnihar, e não se esqueceu de lhe dizer que Ebn Taher, aterrorizado pelo perigo a que o expunha a qualidade de confidente, lhe contara sua intenção de retirar-se para Bassorá, para ali ficar até que se dissipasse a tormenta temida. ‘Foi o que ele fez’, acrescentou o

joalheiro ‘e admiro-me que tenha podido abandonar-vos no estado em que vos encontrais. Quanto a mim, príncipe, confesso-vos que me apiedei de vós e venho oferecer-vos os meus préstimos. Se me concederdes a graça de concordar, comprometo-me a ter para convosco a mesma fidelidade que Ebn Taher. Prometo-vos, também, mais firmeza; estou pronto a sacrificar por vós minha honra e vida; e para que não duvideis da minha sinceridade, juro, pelo que há de mais sagrado na nossa religião, que mantereis sigilo inviolável. Convençei-vos, pois, príncipe, de que achareis em mim o amigo que perdestes.’ Aquelas palavras tranquilizaram o príncipe e o consolaram da perda de Ebn Taher. ‘Estou bem contente’, disse ao joalheiro, ‘por reparar convosco a perda que sofri. Não encontro palavras capazes de vos transmitir toda a minha gratidão. Peço a Deus que recompense a vossa generosidade e aceite de bom grado a vossa distinta oferta. Sabeis, que a confidente de Chemselnihar acaba de me falar de vós? Disse-me que fostes vós que aconselhastes Ebn Taher a se afastar de Bagdá. Foram as últimas palavras que me dirigiu ao se despedir, e pareceu-me certa do que afirmava. Mas não vos faz justiça; não duvido de que ela se engana, após tudo quanto acabais de me dizer.’ ‘Príncipe’, respondeu-lhe o joalheiro, ‘tive a honra de vos repetir fielmente a conversa mantida com Ebn Taher. É verdade que, quando me declarou que pretendia retirar-se para Bassorá, não me opus ao seu plano, e lhe afirmei ser homem prudente; mas não devo vos impedir depositar isso em mim; estou pronto a vos prestar os meus serviços com todo o ardor possível. Se procederdes de outra maneira, não deixarei de guardar religiosamente esse segredo, como prometi por juramento.’ ‘Já vos disse’, respondeu o príncipe, ‘que não acreditei nas palavras da escrava. Foi o zelo que a levou à suspeita sem fundamento, e deveis desculpá-la, como eu.’

Continuaram conversando ainda por algum tempo, e combinaram juntos os meios mais convenientes de manter a correspondência entre o príncipe e Chemselnihar. Concordaram em que convinha começar por desiludir a confidente tão injustamente prevenida contra o joalheiro. O príncipe incumbiu-se de tirá-la do erro mal tornasse a vê-la, e rogar-lhe que se dirigisse ao joalheiro quando tivesse cartas ou qualquer outra notícia de sua ama. Com efeito, acharam que não devia aparecer com tanta frequência na

casa do príncipe, pois poderia oferecer oportunidade para a descoberta do que era tão importante ocultar. Finalmente, o joalheiro se levantou; e, após rogar mais uma vez ao príncipe da Pérsia que depositasse inteira confiança nele, retirou-se...”

Sherazade deixou de falar nesse momento, em virtude do dia que começava a aparecer. Na noite seguinte, retomou o fio da história, dizendo ao sultão da Índia:

201^A NOITE

“O joalheiro, voltando para sua casa, percebeu diante dele, na rua, uma carta que alguém deixara cair. Pegou-a, e como não estivesse fechada, abriu-a, e leu:

Carta de Chemselnihar ao príncipe da Pérsia

Acabo de saber pela minha confidente uma notícia que me aflige tanto quanto a vós. Perdendo Ebn Taher, perdemos muito, na verdade; mas que isso não vos impeça, meu caro príncipe, de cuidar da vossa saúde. Se o nosso confidente nos abandona, movido pelo terror, consideremos esse fato um mal que não podemos evitar. Consolemo-nos. Confesso que Ebn Taher nos abandona quando mais necessário nos era o seu auxílio; munamo-nos, porém, de paciência contra o imprevisto, e não deixemos de nos amar constantemente. Fortificai-vos contra tal desgraça; não se obtém sem trabalho o que se deseja. Não nos entristecemos, e esperemos que o céu nos seja favorável. Após tantos sofrimentos, que nos permita ver o fim ditoso dos nossos desejos. Adeus.

Enquanto o joalheiro conversava com o príncipe da Pérsia, a confidente tivera tempo de voltar ao palácio e de anunciar à sua ama a desagradável notícia da partida de Ebn Taher. Chemselnihar escrevera imediatamente a carta e tornara a mandar a escrava à casa do príncipe, mas a jovem a deixara cair no chão, por descuido.

O joalheiro alegrou-se em encontrá-la, pois lhe proporcionava excelente meio para se justificar perante a confidente, e levá-la ao ponto por ele desejado.

Ao terminar de lê-la, viu a escrava procurando-a com grande inquietação, correndo os olhos por todos os lados. Tornou a fechá-la imediatamente e guardou-a consigo; mas a escrava, percebendo-lhe o gesto, aproximou-se dele e disse-lhe: ‘Senhor, deixei cair a carta que estáveis segurando há pouco

e suplico-vos que a devolveis.’ O joalheiro fingiu não compreendê-la, e, sem responder-lhe, continuou o caminho para casa. Não fechou a porta ao entrar, para que a confidente pudesse segui-lo, o que ela fez. E quando se viu na sala do joalheiro, disse-lhe: ‘Senhor, não podeis usar a carta que encontrastes, e não vos oporeis a entregar-me quando souberdes de quem vem e para quem vai; de resto, permiti-me que vos diga que não a podeis guardar.’

Antes de responder à confidente, o joalheiro fez com que ela se sentasse. Depois, disse-lhe: ‘Não é verdade que a carta de que se trata foi escrita por Chemselnihar e se destina ao príncipe da Pérsia?’ A escrava, que não esperava aquela pergunta, mudou de cor. ‘A pergunta vos embaraça’, continuou, ‘mas eu a não fiz por indiscrição. Teria podido devolver-vos a carta na rua; quis, porém, atrair-vos para cá por pretender de vós um esclarecimento. Será justo atribuir um fato desagradável a pessoas que para ele em nada contribuíram? No entanto, foi o que fizestes ao dizerdes ao príncipe da Pérsia ter sido eu quem aconselhou Ebn Taher a sair de Bagdá. Não pretendo perder tempo em justificar-me; basta que o príncipe da Pérsia esteja plenamente ciente da minha inocência sobre esse assunto. Dir-vos-ei apenas que, em vez de ter contribuído para a partida de Ebn Taher, fiquei extremamente mortificado, não tanto pela amizade por ele como pela condição em que deixava o príncipe, cuja relação com Chemselnihar ele me havia confiado. Quando me certifiquei de que Ebn Taher já não estava mais em Bagdá, corri para falar com o príncipe, em cuja casa me vistes, para lhe dar a notícia e oferecer-lhe os mesmos serviços que aquele lhe prestava. Consegui o meu intento; e, se tiverdes em mim a mesma confiança que tínheis em Ebn Taher, podereis servi-vos utilmente dos meus préstimos. Transmiti a vossa ama o que acabo de vos dizer, e assegurai-a de que, ainda que eu deva morrer por me intrometer em tão perigosa intriga, jamais me arrependerei de ter-me sacrificado por dois amantes tão dignos um do outro.’

A confidente, após ouvir o joalheiro com grande satisfação, pediu-lhe perdão pela sua suspeita, em nome do zelo por ele demonstrado pelos interesses de sua ama. ‘Estou contentíssima’, acrescentou, ‘em saber que Chemselnihar e o príncipe encontram em vós um homem tão indicado para

preencher o lugar de Ebn. Não deixarei de expor a minha ama a boa vontade que tendes para com ela...”

Sherazade, nesse ponto, notando que já era dia, deixou de falar, para assim prosseguir, na noite seguinte:

202^A NOITE

“Após a confidente ter manifestado ao joalheiro a sua alegria por vê-lo tão disposto a ajudar Chemselnihar e o príncipe da Pérsia, o mercador, mostrando-lhe a carta, devolveu-a, dizendo: ‘Ei-la, levai-a imediatamente ao príncipe da Pérsia, e tornai a vir aqui a fim de que eu veja a resposta. Não vos esqueçais de lhe contar nossa conversa.’

A confidente levou a carta ao príncipe, que escreveu uma resposta sem perda de tempo, e voltou à casa do joalheiro para mostrá-la:

Resposta do príncipe da Pérsia a Chemselnihar

A vossa preciosa carta produziu em mim grande efeito, não tão grande, porém, como eu desejaria. Tentais consolar-me pela perda de Ebn Taher. Ah! por mais que eu a sinta, é a menor parte dos meus males. Vós conheceis esses males e sabeis que somente a vossa presença seria capaz de curá-los. Quando chegará o dia em que dela não hei de me ver privado? Como me parece distante! Ou, antes, vê-lo-emos? Ordenais que eu cuide de viver, eu a obedecerei, porque renunciei à minha própria vontade para somente seguir a vossa. Adeus.

Quando o joalheiro acabou de ler a carta, deu-a à confidente, que lhe disse, ao despedir-se: ‘Esforçar-me-ei, senhor, para que minha ama tenha em vós a mesma confiança que tinha em Ebn Taher. Amanhã receberéis notícias minhas.’ Com efeito, no dia seguinte, viu-a chegar com jeito que denotava satisfação. ‘Somente o fato de vê-la’, disse-lhe ele, ‘me faz saber que conseguistes de Chemselnihar o que pretendíeis.’ ‘É verdade’, respondeu a confidente, ‘e sabereis de que maneira o consegui. Ontem encontrei Chemselnihar à minha espera, impaciente; entreguei-lhe a carta do príncipe, que ela leu, chorando, e, quando terminou, notando que ia entregar-se ao desespero, disse-lhe: ‘Senhora, sem dúvida o que vos aflige é o afastamento de Ebn Taher; permita-me pedir-vos, em nome de Deus, que não vos alarmeis quanto a isso. Encontramos outro Ebn Taher, tão zeloso quanto o

primeiro, e, o que é mais importante, dotado de maior coragem. Falei-lhe, então, de vós, e contei-lhe o motivo que vos teria levado a procurar o príncipe da Pérsia. Finalmente, assegurei-lhe que guardaríeis inviolavelmente o segredo e que pretendíeis auxiliá-los com todo o vosso empenho. Pareceu-me bastante consolada. Ah! Que obrigações não temos o príncipe da Pérsia e eu para com o bom homem do qual me falais! Quero conhecê-lo, vê-lo, para ouvir da sua própria boca tudo quanto acabais de me contar e agradecer-lhe tamanha generosidade para com pessoas por quem nada o obriga a se interessar com tão grande afeto. Vê-lo será para mim um prazer, e de nada me esquecerei para confirmá-lo em tão bons sentimentos. Não deixeis de ir buscá-lo amanhã e trazê-lo aqui. Por isso, senhor, dai-vos o trabalho de acompanhar-me ao palácio.’

As palavras da confidente embaraçaram o joalheiro. ‘Vossa ama me permitirá dizer que não refletiu bem no que de mim exige. Ebn Taher podia entrar e sair livremente, e os oficiais, que o conheciam, nada lhe opunham; quanto a mim, porém, como ousarei entrar no palácio de Chemselnihar? Bem vedes que é impossível. Suplico-vos transmitir a Chemselnihar os motivos que me impedem de proporcionar-lhe tal satisfação e as consequências que eu me exporia inutilmente a um enorme perigo.’

A confidente tentou tranquilizá-lo. ‘Julgais’, disse-lhe ela, ‘que Chemselnihar esteja tão desprovida de sensatez para vos expor ao menor perigo, vós de quem ela espera tão grandes serviços? Podeis estar certo de que não há perigo nenhum. Estamos demasiadamente interessadas na questão, minha ama e eu, para vos colocarmos em má situação. Confiai, e vinde comigo. Depois, vós mesmo confessareis que não tinha fundamento o vosso temor.’

O joalheiro, rendendo-se à evidência das palavras da confidente, levantou-se para segui-la, mas, apesar de toda a firmeza apregoada, o terror de tal forma se havia apoderado do seu espírito que seu corpo estremecia violentamente. ‘No estado em que vos achais’, disse-lhe ela, ‘é preferível que permaneçais em vossa casa; Chemselnihar tomará outras medidas para vê-lo. Com certeza, para satisfazer o desejo que a domina, virá aqui pessoalmente. Sendo assim, senhor, ficai. Dentro em pouco a vereis.’ A confidente havia

imaginado bem. Mal contou à ama o terror do joalheiro, Chemselnihar preparou-se para visitá-lo.

Ele a acolheu com o mais profundo respeito. Quando a favorita se sentou, cansada pela distância percorrida, tirou seu véu e mostrou ao joalheiro uma beleza que lhe demonstrou ser o príncipe da Pérsia perdoado por ter entregado o coração à favorita do califa. Em seguida, saudou graciosamente o joalheiro e disse-lhe: ‘Não pude ouvir o entusiasmo com que entrastes nos interesses do príncipe da Pérsia e nos meus sem desejar imediatamente vos agradecer. Dou graças ao céu por ter nos recompensado pela perda de Ebn Taher...’”

Sherazade foi obrigada a calar-se, nesse ponto, em virtude do dia que acabava de surgir. Na noite seguinte, prosseguiu sua história desta maneira:

203^A NOITE

“Chemselnihar disse ainda outras amabilidades ao joalheiro, e depois voltou ao seu palácio. O joalheiro foi imediatamente prestar contas dessa visita ao príncipe da Pérsia, que, ao vê-lo, lhe disse: ‘Aguardava-o com impaciência. A escrava confidente trouxe-me uma carta de sua ama, mas essa carta não conseguiu me aliviar. Apesar de tudo que Chemselnihar possa ordenar-me, não ousou esperar coisa nenhuma, e a minha paciência chegou ao fim. Já não sei o que fazer; a partida de Ebn Taher desespera-me. Ele era o meu apoio e, perdendo-o, perdi tudo. Pela sua vontade de visitar Chemselnihar quando lhe aprouvesse, eu tinha esperanças.’

Àquelas palavras pronunciadas tão vivamente pelo príncipe, respondeu o joalheiro: ‘Príncipe, é impossível participar dos vossos pesares como eu participo, e se quiserdes ter a paciência de me ouvir, vereis que vos ofereço alívio.’ O príncipe prestou atenção ao que ele dizia. ‘Bem sei’, prosseguiu o joalheiro, ‘que o único meio de vos tornar contente é fazer que converseis livremente com Chemselnihar. É uma satisfação que tratarei de vos obter, e começarei a agir amanhã. Não convém que vos exponhais a entrar no palácio de Chemselnihar; sabeis, por experiência, que se trata de um passo perigosíssimo. Conheço um lugar adequado para o encontro, onde estareis seguro.’ Quando o joalheiro terminou, o príncipe o abraçou. ‘Com essa encantadora promessa’, disse-lhe, ‘ressuscitais um infeliz amante que já se havia condenado à morte. Ao que vejo, reparei completamente a perda de Ebn Taher. Tudo quanto fizerdes será bem-feito, e eu confio inteiramente em vós.’

Após agradecer ao joalheiro, despediu-se. No dia seguinte, de manhã, a confidente de Chemselnihar foi visitar o joalheiro na sua loja. Este contou-lhe que dera ao príncipe a esperança de ver Chemselnihar em breve. ‘Venho expressamente’, respondeu-lhe ela, ‘para combinar convosco certas medidas necessárias. Parece-me que essa casa conviria para o encontro.’ ‘Eu bem poderia deixá-los vir aqui’, respondeu o joalheiro, ‘mas pensei que estarão

mais livres em outra casa que possuo, e onde atualmente não vive ninguém. Eu a aprontarei adequadamente.’ ‘Sendo assim’, disse a confidente, ‘só resta obter o consentimento de Chemselnihar. Vou falar-lhe e virei dar-vos a resposta daqui a pouco.’

Realmente, andou depressa, não tardando em voltar e trazendo ao joalheiro a notícia de que sua ama não deixaria de encontrar-se no lugar indicado pelo final do dia. Ao mesmo tempo, pôs-lhe entre as mãos uma bolsa, dizendo-lhe que era para comprar a refeição. O joalheiro levou-a imediatamente à casa em que os amantes iriam encontrar-se, a fim de que soubesse onde se situava; quando se separaram, ele foi pedir emprestado a uns amigos uma baixela de ouro e prata, tapetes, coxins riquíssimos e móveis com os quais adornou magnificamente a casa. Depois, correu para visitar o príncipe da Pérsia.

Imaginaí a alegria do príncipe quando o joalheiro lhe disse que fora buscá-lo para levá-lo à casa preparada para receber ele e Chemselnihar. A notícia fez com que ele esquecesse seus pesares. Vestindo-se esplendidamente, saiu sem acompanhamento, com o joalheiro, que o fez passar por várias ruas afastadas para que ninguém os observasse, e o introduziu finalmente na casa, onde começaram a conversar, enquanto aguardavam a chegada de Chemselnihar.

Não esperaram muito a apaixonadíssima amante. Chegou após a prece do pôr do sol, com a confidente e duas escravas. Descrever-vos a alegria dos dois amantes ao se reverem é coisa que não me é possível fazer. Sentados no sofá, contemplaram-se longamente, sem falar, de tão emocionados! Mas, depois de algum tempo, desforraram-se do silêncio. Disseram coisas tão comoventes que o joalheiro, a confidente e as duas escravas não conseguiram reter as lágrimas. Contudo, o joalheiro tratou de aprontar a refeição, trazendo-a ele mesmo. Os amantes beberam e comeram pouco; depois, sentando-se novamente no sofá, Chemselnihar perguntou ao joalheiro se não dispunha de um alaúde ou outro instrumento. O joalheiro, que tivera o cuidado de preparar tudo quanto pudesse proporcionar-lhe prazer, trouxe-lhe um. Ela, após afiná-lo, começou a cantar...”

Deteve-se Sherazade, vendo o dia. Mas na noite seguinte assim prosseguiu:

204^A NOITE

“Enquanto Chemselnihar encantava o príncipe da Pérsia, expressando-lhe sua paixão por palavras inventadas na hora, ouviu-se um grande barulho. Imediatamente um escravo, que o joalheiro levava com ele, apareceu assustadíssimo, dizendo que estavam arrombando a porta, que ele perguntara quem era, mas que, em vez de responder, tinham redobrado as pancadas. O joalheiro, alarmado, deixou Chemselnihar e o príncipe da Pérsia para ir pessoalmente verificar tão má notícia. Já se encontrava no vestíbulo quando entreviu um bando de pessoas armadas com machados e alfanjes, que tinham arrombado a porta e caminhavam na sua direção. Encostou-se depressa numa das paredes e viu-as passar.

Como não podia prestar muito auxílio ao príncipe da Pérsia e a Chemselnihar, contentou-se em lastimá-los e pensou em fugir. Saindo da casa, buscou refúgio num vizinho que ainda não se tinha deitado, certo de que aquela violência partia de uma ordem do califa, que sem dúvida fora avisado do encontro entre a favorita e o príncipe da Pérsia. Da casa em que se escondera ouviu o barulho feito na sua, que se prolongou até meia-noite. Então, parecendo-lhe tudo tranquilo, rogou ao vizinho que lhe emprestasse um alfanje, e, assim armado, saiu, caminhou até a porta da casa, entrou no vestíbulo, onde notou, horrorizado, um homem que lhe perguntou quem era. Reconhecendo pela voz tratar-se de seu escravo, perguntou-lhe: ‘Como fizeste para não ser preso pela ronda?’ ‘Senhor’, respondeu-lhe o escravo, ‘escondi-me num canto do vestíbulo, e dali só saí quando o barulho cessou. Mas não foi a ronda que forçou vossa casa, foram ladrões, que, há dias, saquearam outra casa nessas mesmas redondezas. Com certeza notaram o luxo e o valor dos móveis que mandastes trazer para cá.’

O joalheiro achou muito provável a resposta do seu escravo. Percorrendo a casa, viu com efeito que os ladrões tinham levado os belos móveis do aposento em que ele recebera Chemselnihar e seu amante, a baixela de ouro e prata, não deixando nada que tivesse valor. E se desesperou. Ó céus! Estou

irremediavelmente perdido! Que dirão os meus amigos, e que desculpa lhes apresentarei quando lhe disser que os ladrões invadiram minha casa e roubaram tudo que me fora generosamente emprestado? Não terei com que pagar-lhes a perda que lhes causei? E onde estão Chemselnihar e o príncipe da Pérsia? Isso causará tamanho escândalo que é impossível que não chegue aos ouvidos do califa. Este saberá do encontro, e eu serei vítima da sua cólera.’ O escravo, que lhe tinha grande afeto, tratou de consolá-lo. ‘Quanto a Chemselnihar’, disse-lhe, ‘os ladrões muito provavelmente se terão contentado em despojá-la de tudo, e ela terá voltado ao palácio com suas escravas; o príncipe da Pérsia deve ter tido a mesma sorte. Assim, creio que o califa jamais saberá o que se passou. Quanto à perda sofrida pelos vossos amigos, é uma desgraça que não pudestes evitar. Sabem eles que os ladrões são tão numerosos que tiveram a ousadia de saquear a casa de que vos falei e várias outras dos principais senhores da corte; e não ignoram que, apesar das ordens dadas para prendê-los, nem um sequer foi até agora detido. Eu vos livrarei devolvendo aos vossos amigos o valor dos objetos roubados, e ainda vos restará, Deus seja louvado, boa soma de bens.’

Esperando que o dia nascesse, mandou o joalheiro que o seu escravo consertasse da melhor maneira possível a porta de entrada, após o que voltou para a sua morada habitual com o escravo, refletindo tristemente sobre o que sucedera. ‘Ebn Taher’, pensou, ‘foi muito mais importante do que eu; previra a desgraça a que eu me atirei cegamente. Prouvera a Deus que jamais me tivesse intrometido numa intriga que talvez me custe a vida!’

Mal surgiu o dia, a notícia do saque da casa do joalheiro se espalhou pela cidade, atraindo a ele uma multidão de amigos e vizinhos, cuja maioria, sob o pretexto de lhes apresentar solidariedade pelo ocorrido, ansiava saber pormenores. O joalheiro agradeceu-lhes a amizade e teve pelo menos o consolo de observar que ninguém lhe falava de Chemselnihar nem do príncipe da Pérsia, o que o fez crer que deviam ter voltado para suas casas ou se encontravam em outro lugar seguro.

Quando o joalheiro ficou sozinho, seus criados serviram-lhe a refeição, mas ele quase não comeu. Já era meio-dia quando um dos seus escravos lhe informou achar-se à porta um desconhecido que pretendia falar-lhe. O

joalheiro, não querendo admitir à sua presença um desconhecido, levantou-se para falar-lhe à porta. ‘Embora não me conheçais’, disse-lhe o desconhecido, ‘eu o conheço e venho falar-vos sobre um assunto importantíssimo.’ O joalheiro, àquelas palavras, pediu-lhe que entrasse. ‘Não’, respondeu o desconhecido, ‘dai-vos antes o trabalho de vir comigo à vossa outra casa.’ ‘Como sabeis’, perguntou o joalheiro, ‘que possuo outra casa além dessa?’ ‘Sei-o’, disse o desconhecido. ‘Segui-me e nada tereis a temer. Contarei a vós uma coisa que vos proporcionará muito prazer.’ O joalheiro partiu imediatamente com ele e, após ter lhe contado pelo caminho de que modo a casa para a qual se dirigiam fora roubada, disse-lhe não estar em condições de recebê-lo.

Ao chegarem, verificando o desconhecido que a porta estava arrebitada, disse ao joalheiro: ‘Prossigamos, pois vejo que me contastes a verdade. Vou levá-lo a um lugar onde estaremos à vontade.’ Assim, continuaram a caminhar o resto do dia, sem parar. O joalheiro, cansado e aborrecido por ver que a noite se aproximava, e que o desconhecido caminhava sempre sem explicar-lhe aonde pretendia levá-lo, começou a impacientar-se, quando atingiram uma praça que levava ao Tigre. Na margem do rio, embarcaram num bote e passaram para o outro lado. O desconhecido guiou, então, o joalheiro por uma longa rua em que ele jamais estivera; e, após fazê-lo percorrer um bom número de ruelas, deteve-se a uma porta, que abriu. Mandando entrar o joalheiro, fechou e trancou a porta, e levou-o a um aposento onde se achavam outros dez homens tão desconhecidos ao joalheiro como o que para lá o conduzia.

Os dez homens receberam o joalheiro sem cerimônias, pedindo-lhe que se sentasse, o que ele fez. Estava precisando muito sentar-se; além de cansadíssimo pela caminhada, dominava-o o terror de ver-se entre tal gente. Como tinham estado à espera do chefe para comer, mal este chegou, lavaram as mãos, obrigaram o joalheiro a proceder da mesma maneira e a sentar-se com eles à mesa. Após a refeição, perguntaram-lhe se sabia a quem estava falando. Respondeu o joalheiro que não, e que ignorava também o lugar em que se encontrava. ‘Contai-nos a vossa aventura de ontem’, disseram-lhe eles, ‘e não nos oculteis nada.’ Surpreendido, disse-lhes o joalheiro: ‘Senhores,

porventura já sabeis o que se passou?’ ‘É verdade’, responderam, ‘o jovem e a jovem que ontem se encontravam convosco contaram-nos a aventura; mas queremos ouvi-la da vossa própria boca.’ Não era preciso mais para que o joalheiro compreendesse estar falando aos ladrões que haviam saqueado sua casa. ‘Senhores! Estou deveras preocupado com essas duas criaturas. Não poderíeis dar-me notícias suas?...’

Sherazade, nesse ponto, interrompeu-se para dizer ao sultão da Índia que já era dia. Na noite seguinte, assim recomeçou a falar:

205^A NOITE

“Para a pergunta feita pelo joalheiro, lhe disseram os ladrões: ‘Deixai de vos preocupar. Encontram-se em lugar seguro e estão em boa saúde.’ Assim, mostraram-lhe dois quartos, e asseguraram-lhe que os dois estavam separados. ‘Disseram-nos’, acrescentaram os ladrões, ‘que somente vós é que sabeis o que lhes diz respeito. Quando ouvimos isso, tivemos por eles toda a consideração. Longe de empregarmos a menor violência, tratamo-los muito bem. Garantimos-vos o mesmo, e podeis depositar em nós toda a vossa confiança.’

O joalheiro, tranquilizado por essas palavras e contente em saber que o príncipe da Pérsia e Chemselnihar estavam salvos, decidiu confirmar ainda mais os ladrões na sua boa vontade. Elogiou-os e abençoou-os mil vezes. ‘Senhores, confesso que não tenho a honra de vos conhecer, mas é-me grande ventura não vos ser desconhecido, e não posso agradecer-vos bastante pela generosidade que me demonstrais. Sem falar de tão grande ato de humanidade, percebo que somente gente da vossa categoria é capaz de guardar um segredo tão fielmente, que não há medo de o ver um dia revelado; além disso, se há um empreendimento difícil, a vós é que ele deve ser confiado, pois sabereis levá-lo a termo com o vosso entusiasmo, a vossa coragem e a vossa intrepidez. Baseado nessas qualidades, que vos pertencem de direito, não terei dificuldade em vos contar, com a fidelidade exigida, a minha história e a das duas pessoas que aqui se encontram.’

Depois de o joalheiro ter tomado tais precauções para interessar os ladrões na confiança inteira do que lhes ia revelar, o que só lograria um bom efeito, pormenorizou-lhes, sem nada ocultar, os amores do príncipe da Pérsia e de Chemselnihar, desde o começo até o encontro realizado em sua casa.

Os ladrões ficaram boquiabertos. ‘Como!’, exclamaram quando o joalheiro terminou, ‘é possível que esse jovem seja o ilustre Ali Ebn Becar, príncipe da Pérsia, e a jovem a bela e famosa Chemselnihar?’ Jurou-lhes o

joalheiro que nada era mais verdadeiro, e acrescentou não ser de estranhar que tivessem se assustado em conhecer pessoas de tão elevada posição.

Diante daquilo, os ladrões foram lançar-se aos pés do príncipe e de Chemselnihar, e suplicaram-lhes perdão, protestando que nada teria acontecido, se tivessem sabido a condição das suas pessoas antes de forçar a casa do joalheiro. ‘Nós nos esforçaremos em reparar o erro cometido.’ E, voltando ao joalheiro: ‘Sentimos muito não poder devolver-vos tudo que tiramos de vossa casa, pois uma parte já não se encontra conosco. Contentai-vos, pois, com a prataria que vos entregaremos imediatamente.’

O joalheiro julgou-se feliz com o favor que lhe faziam. Quando os ladrões lhe devolveram a prataria, mandaram buscar o príncipe da Pérsia e Chemselnihar e disseram-lhes, assim como ao joalheiro, que os levariam a um lugar de onde poderiam voltar cada um para sua casa; antes, porém, que jurassem que não os denunciariam. O príncipe da Pérsia, Chemselnihar e o joalheiro garantiram-lhes que poderiam confiar neles, mas, insistindo os ladrões, juraram solenemente conservar o segredo. Imediatamente, os ladrões, satisfeitos, saíram com os prisioneiros.

Pelo caminho, o joalheiro, inquieto por não ver a confidente nem as duas escravas, aproximou-se de Chemselnihar, a quem rogou que lhe dissesse o que fora feito delas. ‘Não sei’, respondeu-lhe a favorita. ‘Nada mais posso vos dizer senão termos sido arrancados de vossa casa e conduzidos para o lugar de onde acabamos de sair.’

Chemselnihar e o joalheiro não falaram mais; deixaram-se conduzir pelos ladrões com o príncipe, e chegaram à margem do rio. Os ladrões embarcaram com eles num bote e levaram-nos para a outra margem.

Enquanto o príncipe da Pérsia, Chemselnihar e o joalheiro desembarcavam, ouviu-se o estrépito da ronda a cavalo que chegava a galope, no momento em que o bote acabava de afastar-se da margem, impelido a toda força de remos.

O comandante da ronda perguntou ao príncipe, a Chemselnihar e ao joalheiro de onde vinham tão tarde e quem eram. Assustados, e temendo aliás pronunciar algo que os prejudicasse, calaram. Mas era preciso falar, o que o joalheiro decidiu fazer. ‘Senhor, posso garantir-vos em primeiro lugar

que somos gente honesta da cidade. Os homens do bote que acabam de nos desembarcar são ladrões que forçaram ontem de noite a casa em que nos achávamos, saqueando-a e levando-nos com eles; após usarmos todos os meios que podíamos, obtivemos enfim a liberdade, e eles nos trouxeram para cá. Devolveram-nos até boa parte do roubo, que está aqui.’ Assim, mostrou ao comandante a prataria.

O comandante não se contentou com a resposta do joalheiro. Aproximando-se dele e do príncipe da Pérsia, observou-os um depois do outro. ‘Dizei-me a verdade’, retomou, dirigindo-se a ambos; ‘quem é essa dama, de onde a conheceis, e em que lugar da cidade viveis?’

Aquela pergunta embaraçou-os bastante. Não sabiam o que responder. Chemselnihar saiu-se da dificuldade. Afastando-se um pouco com o comandante, murmurou-lhe algumas palavras, e ele imediatamente apeou com grandes mostras de respeito, ordenando aos seus que mandassem vir dois barcos.

Tendo chegado os barcos, o comandante fez embarcar Chemselnihar em um e o príncipe da Pérsia e o joalheiro em outro, com dois dos seus homens em cada barco para os acompanharem aos seus destinos. Os dois barcos tomaram rumos diferentes. Só falaremos, por enquanto, do barco em que se achavam o príncipe da Pérsia e o joalheiro.

O príncipe da Pérsia, para poupar trabalhos aos guardas que lhe tinham sido dados, disse-lhes que levaria o joalheiro para a sua casa; ao mesmo tempo, mencionou-lhes o lugar em que vivia. Os guardas, porém, fizeram o barco atracar diante do palácio do califa. O príncipe da Pérsia e o joalheiro, tomados de terror, não ousaram, contudo, protestar. Embora tivessem ouvido a ordem do comandante, não deixaram de imaginar que seriam entregues aos guardas, a fim de ser levados à presença do califa, no dia seguinte.

Mas não era essa a intenção dos guardas. Quando os fizeram desembarcar, por terem de reunir-se à ronda, recomendaram-nos a um oficial da guarda do califa, que lhes cedeu dois dos seus soldados para os conduzirem por terra à casa do príncipe da Pérsia, bastante afastada do rio. Ali chegaram, enfim, mas, de tal forma cansados, que mal podiam se mover.

Apesar do cansaço, o príncipe estava tão aflito com o contratempo sucedido a ele e a Chemselnihar, que lhe tirava a esperança de outro encontro, que perdeu os sentidos ao sentar-se no sofá. Enquanto a maioria dos criados se atarefava em fazer com que recobrasse os sentidos, os outros se agruparam em torno do joalheiro, rogando-lhe que lhes contasse o que se havia passado com o príncipe, cuja ausência lhes causara indizível inquietação...”

Sherazade interrompeu-se, em virtude do dia, cuja claridade começava a invadir o aposento, mas retomou a história, na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

206^A NOITE

— Senhor, ontem eu dizia a Vossa Majestade que, “enquanto alguns dos criados tratavam de fazer com que o príncipe voltasse a si, outros perguntavam ao joalheiro o que sucedera ao seu amo. O joalheiro, que não pretendia revelar-lhes nada, respondeu-lhes ser o fato extraordinaríssimo, mas que não era hora de falar, e que era preciso socorrer o príncipe. Por felicidade, o príncipe da Pérsia recobrou os sentidos naquele momento, e os que haviam feito a pergunta se afastaram respeitosamente, alegres pelo príncipe não ter ficado desacordado durante muito tempo.

Embora o príncipe da Pérsia tivesse voltado a si, permaneceu em estado de grande fraqueza, sem mesmo poder abrir a boca para falar. Respondia apenas por sinais aos que lhe falavam. Continuava na mesma ainda no dia seguinte, quando o joalheiro dele se despediu. O príncipe respondeu-lhe apenas com o olhar, estendendo-lhe a mão e, vendo o fardo da prataria que os ladrões lhe haviam devolvido, fez sinal a um dos criados para que o transportasse.

Em casa, o joalheiro era aguardado impientemente pela família, que o vira sair com o desconhecido e que estava certa de que lhe sucedera coisa pior do que a primeira. Sua mulher, seus filhos e os criados achavam-se alarmados, e choravam ainda quando ele chegou. Alegraram-se com a sua vinda, mas imediatamente depois se entristeceram por vê-lo tão mudado em pouco tempo. A grande fadiga da véspera e a noite passada no meio do terror, sem dormir, eram a causa da mudança que mal o tornava reconhecível. Sentindo-se muito abatido, levou dois dias para refazer suas forças, e só recebeu alguns amigos íntimos.

No terceiro dia, o joalheiro, mais refeito, achou que as forças lhe voltariam inteiramente, se saísse um pouco. Foi, portanto, à loja de um rico mercador, seu amigo, com quem conversou longamente. Ao se levantar, para despedir-se do amigo, percebeu uma mulher que lhe acenava, e reconheceu a confidente de Chemselnihar. Entre o temor e a alegria, afastou-se mais

rapidamente, sem olhar para ela. A confidente seguiu-o, como ele bem imaginara, pois aquele lugar não se prestava a uma conversa. Visto que caminhava depressa, a confidente, que não conseguia segui-lo, gritava-lhe de vez em quando que a esperasse. O joalheiro bem que a ouvia, mas depois do que lhe acontecera não podia falar-lhe em público sem despertar a suspeita de que tramava com Chemselnihar. Com efeito, sabia-se em Bagdá que a confidente pertencia à favorita. Continuando com o mesmo passo, chegou o joalheiro a uma mesquita pouco frequentada, onde sabia que não havia ninguém. Ela entrou imediatamente depois dele, e ambos tiveram toda a liberdade de conversar sem testemunhas.

O joalheiro e a confidente de Chemselnihar manifestaram mutuamente toda a alegria por rever-se após a estranha aventura causada pelos ladrões.

O joalheiro queria que a confidente começasse por lhe contar como conseguira escapar com as duas escravas e dar-lhe notícias de Chemselnihar. Mas a confidente demonstrou tal ansiedade em saber antes o que lhe acontecera, depois da separação imprevista, que ele foi obrigado a satisfazê-la. ‘Eis’, disse, terminando, ‘o que desejáveis de mim. Agora, é a vossa vez de responder ao que vos perguntei.’

‘Quando vi os ladrões’, disse a confidente, ‘pensei serem os soldados da guarda do califa; supus que o califa tivesse sido informado da saída de Chemselnihar e que os mandara para matá-la, assim como o príncipe da Pérsia e todos nós. Portanto, subi imediatamente ao terraço superior da vossa casa, enquanto os ladrões entravam na sala em que se achavam o príncipe da Pérsia e Chemselnihar. As duas escravas de Chemselnihar apressaram-se em me seguir. De terraço em terraço, chegamos ao de uma casa de boa gente que nos acolheu muito bem, e com os quais passamos a noite. No dia seguinte, de manhã, após agradecermos ao dono da casa, voltamos ao palácio de Chemselnihar. Entramos aflitas, sem sabermos o destino dos dois infelizes amantes. As outras mulheres de Chemselnihar se admiraram ao verificar que tínhamos voltado sem ela. Dissemos-lhes, como tínhamos combinado, que Chemselnihar ficara na casa de uma de suas amigas e que mandaria nos chamar, quando pretendesse voltar. Contentaram-se com a desculpa. Entretanto, passei o dia mortalmente inquieta. Vinda a noite, abri a portinha

que dá para o canal, chamei o barqueiro e roguei-lhe que percorresse o rio, de ambos os lados, para ver se não descobria uma mulher, e que, se a descobrisse, a trouxesse. Esperei sua volta com as duas escravas, tão aflitas como eu; e já era quase meia-noite quando o mesmo barco chegou trazendo dois homens e uma mulher deitada na popa. Quando o barco atracou, os dois homens ajudaram a mulher a levantar-se e a desembarcar, e nela reconheci Chemselnihar. Não sei expressar minha alegria...”

Sherazade terminou aí a sua história, por essa noite. Na noite seguinte continuou-a, dizendo ao sultão da Índia:

207^A NOITE

— Senhor, deixamos ontem a confidente de Chemselnihar na mesquita, onde contou ao joalheiro o que com ela se passara e as circunstâncias da volta de Chemselnihar ao palácio. Assim ela prosseguiu sua história:

“Dei a mão a Chemselnihar para ajudá-la, pois notei que mal conseguia ficar de pé. Quando desembarcou, disse-me ao ouvido, em tom angustioso, que fosse buscar uma bolsa com mil moedas de ouro e a entregasse aos dois soldados que a tinham acompanhado. Coloquei-a nas mãos das duas escravas para que a amparassem. Após pedir aos soldados que me esperassem um instante, fui buscar a bolsa, e voltei imediatamente. Entreguei-a aos soldados, paguei o barqueiro e fechei a porta. Voltei para Chemselnihar, que ainda não tinha chegado ao seu aposento. Não perdemos tempo, despimo-la e deitamo-la. Mal se achou no leito, pareceu estar prestes a dar seu último suspiro. No dia seguinte, as outras mulheres demonstraram-se ansiosas por revê-la, mas eu lhes expliquei que ela regressara extremamente fatigada e que necessitava de descanso a fim de refazer suas forças. Prestamos-lhe, as duas escravas e eu, todo o auxílio que pudemos imaginar e que ela podia esperar do nosso zelo. A princípio, teimou em não querer nada; e nós teríamos nos desesperado, se não tivéssemos notado que o vinho que lhe dávamos de vez em quando a reanimava. De tanto insistirmos, finalmente vencemos sua obstinação, e obrigamo-la a comer. Quando a vi em condições de falar (pois não fizera outra coisa senão chorar, gemer e suspirar até então), pedi-lhe que me contasse por que ventura conseguira escapar dos ladrões:

‘Por que exigis de mim’, disse-me com um profundo suspiro, ‘que eu renove tão grande aflição? Prouvera a Deus que os ladrões me tivessem tirado a vida, em vez de deixá-la. Os meus males estariam terminados, ao passo que só vivo agora para sofrer!’

‘Senhora’, respondi-lhe, ‘suplico-vos atender-me. Não ignorais que os infelizes se consolam em contar as suas vicissitudes. O que vos peço há de vos aliviar, se tiverdes a bondade de me conceder.’

‘Escutai, então’, disse-me, ‘a coisa mais desoladora que possa suceder a uma pessoa apaixonada como eu. Quando vi entrar os ladrões empunhando alfanjes e punhais, julguei ter chegado o derradeiro instante da nossa vida e lastimei a morte do príncipe da Pérsia, pouco me importando com a minha, visto que morreria com ele. Em vez de se atirarem contra nós para nos atravessar o coração, como eu esperava, dois deles foram incumbidos de nos vigiar, enquanto os outros faziam fardos de tudo quanto havia no aposento e nos contíguos. Quando terminaram, saíram carregando os fardos sobre os ombros e nos levaram com eles. Pelo caminho, um dos que nos acompanhavam me perguntou quem eu era. Respondi-lhe ser dançarina. Fez a mesma pergunta ao príncipe, que disse ser um burguês. Quando chegamos ao nosso destino, onde passamos por novos terrores, agruparam-se os ladrões em torno de mim, e, após examinar o meu vestido e as ricas joias que me ornavam, desconfiaram de que eu havia escondido a minha identidade. Uma dançarina

não se traja assim, disseram-me. Quem sois realmente? Ao verem que eu não respondia, disseram ao príncipe da Pérsia: E vós, quem sois? Fácil é notar que não sois um simples burguês, como garantistes. Ele também não lhes deu resposta ao que desejavam saber, limitando-se a explicar-lhes apenas que fora visitar o joalheiro, cujo nome citou, e que a casa pertencia-lhe.

Conheço esse joalheiro, disse imediatamente um dos ladrões, que parecia gozar de autoridade entre eles; devo-lhe algumas obrigações, sem que ele saiba de coisa nenhuma, e sei que possui outra casa. Encarrego-me de trazê-lo aqui amanhã. Só vos deixaremos quando soubermos, por intermédio dele, quem sois. Até lá, ninguém vos maltratará.

O joalheiro apareceu no dia seguinte; e, para nos ajudar, declarou aos ladrões quem éramos verdadeiramente. Os ladrões foram pedir-me perdão, e creio que procederam da mesma forma com o príncipe da Pérsia, que se encontrava noutro aposento; além disso, garantiram-me que não teriam saqueado a casa, se tivessem sabido que pertencia ao joalheiro. Logo depois, conduziram-nos, a mim, ao príncipe da Pérsia e ao joalheiro, à margem do rio onde nos embarcaram num bote, que nos passou para o lado de cá. Mal desembarcamos, porém, rodeou-nos uma ronda a cavalo. Afastei-me com o

comandante, revelei a minha identidade e disse-lhe que, na noite anterior, voltando da casa de uma amiga, os ladrões me tinham prendido e levado com eles, que eu tinha me apresentado e que, pondo-me em liberdade, tinham perdoado também os dois homens que me acompanhavam, após eu lhes ter declarado tratar-se de conhecidos meus. Imediatamente, o comandante apeou para me homenagear e, após manifestar-me toda a sua alegria, por poder ser-me útil, mandou vir dois barcos. Ele me fez entrar num deles com dois dos seus homens, que me escoltaram até aqui. Quanto ao príncipe da Pérsia e ao joalheiro, fez com que entrassem no outro, com dois soldados que os acompanharam até o lugar do seu destino. Espero que não haja sucedido nada de mal a eles depois da nossa separação, e estou certa de que a dor do príncipe deve ser igual à minha. O joalheiro, que nos tem demonstrado tamanho apego, merece ser recompensado pela perda que sofreu por nossa causa. Amanhã de manhã levar-lhe-eis duas bolsas, cada uma com mil moedas de ouro, e pedir-lhe-eis notícias do príncipe da Pérsia.

Quando a minha ama terminou, tratei de, obedecendo às suas ordens, pedir notícias do príncipe da Pérsia, de persuadi-la a um esforço para reagir, depois do perigo pelo qual passara e do qual só escapara por milagre. ‘Não me repliqueis’, disse-me, ‘e fazei o que vos ordeno.’

Fui obrigada a calar-me, e vim para lhe obedecer. Estive em vossa casa, e lá não vos encontrei. Não sabendo se vos encontraria onde me indicaram, estive a ponto de ir à casa do príncipe da Pérsia, mas não ousei. Deixei as duas bolsas com uma pessoa minha conhecida. Se me esperardes, não tardarei em trazê-las...”

Sherazade, percebendo o dia, se calou. Na noite seguinte, continuou a história, dizendo ao sultão da Índia:

208^A NOITE

“A confidente voltou à mesquita, onde o joalheiro a aguardava e, entregando-lhe as duas bolsas, disse-lhe: ‘Aqui estão; pagai os vossos amigos.’ ‘Há aqui muito mais que o necessário’, respondeu o joalheiro, ‘mas não ousarei recusar o favor que uma dama tão generosa quer prestar ao seu humílimo servidor. Suplico-vos assegurá-la de que me lembrarei eternamente da sua bondade’, concluiu. Depois combinou com a confidente que ela o visitaria na casa em que o vira pela primeira vez quando tivesse algo para lhe comunicar da parte de Chemselnihar e desejasse notícia do príncipe da Pérsia. Então, separaram-se.

O joalheiro voltou para casa contentíssimo, não somente por ter com o que pagar os amigos como também por verificar que ninguém em Bagdá sabia que o príncipe da Pérsia e Chemselnihar haviam estado juntos na sua outra casa. É verdade que o dissera aos ladrões, mas confiava neles. No dia seguinte, pela manhã, visitou os amigos que o ajudaram e não teve dificuldade em contentá-los. Até sobrou-lhe dinheiro suficiente para mobiliar luxuosamente sua outra casa, onde deixou alguns criados. Assim, esqueceu o perigo passado e, ao cair da noite, foi à casa do príncipe da Pérsia.

Os oficiais do príncipe, que o receberam, disseram-lhe que chegava na hora certa, que o príncipe se achava em condições que inspiravam cuidados e que se lhe não arrancava uma palavra sequer. Introduziram-no no aposento, sem ruído, e o joalheiro encontrou o jovem deitado no leito de olhos fechados, num estado que lhe provocou compaixão. Saudou-o tocando-lhe a mão e exortou-o a ter ânimo.

O príncipe da Pérsia reconheceu o joalheiro, abriu os olhos e olhou-o de tal maneira que lhe deu a ver sua grande aflição, muito maior que a que o animara, após ter visto Chemselnihar pela primeira vez. Apertando-lhe a mão em sinal de amizade, disse-lhe com voz bem fraca, que lhe agradecia visitar homem tão infeliz como ele.

‘Príncipe’, respondeu o joalheiro, ‘não falemos disso. Bem quisera eu que os serviços que tentei vos prestar tivessem tido melhor êxito. Falemos, antes, da vossa saúde. No estado em que vos achais, temo que vos deixeis abater e não vos alimenteis como é necessário.’

Os criados que se achavam perto do príncipe valeram-se da ocasião para dizer ao joalheiro que tinham muito trabalho para obrigá-lo a comer um pouco, que ele não cooperava e que havia tempo que se não alimentava. O joalheiro rogou, então, ao príncipe, que permitisse que lhe trouxessem alguma coisa, conseguindo, afinal, o seu intento.

Depois de o príncipe da Pérsia, a pedido do joalheiro, ter comido, ordenou aos criados que o deixassem sozinho. E, quando os viu sair, disse ao joalheiro: ‘Com a desgraça que me acabrunha, sinto muito a perda que sofrestes por minha causa, e é justo que trate de vos recompensar. Antes, porém, pedindo-vos mil perdões, suplico-vos dizer-me se não sabeis nada de Chemselnihar.’

O joalheiro contou-lhe tudo quanto sabia, a chegada de Chemselnihar ao palácio, seu estado até agora e onde mandara a confidente em busca de notícias.

O príncipe da Pérsia não respondeu ao joalheiro senão com suspiros e lágrimas; em seguida, fez um esforço para levantar-se, chamou os criados e foi ao guarda-móveis. Ali, ordenando que se separassem ricos móveis e prataria, mandou que os levassem à casa do joalheiro.

O joalheiro pretendeu esquivar-se a aceitar o presente do príncipe, e embora lhe garantisse que Chemselnihar já lhe dera mais que o necessário para pagar os amigos, quis o jovem ser obedecido. Foi o joalheiro, portanto, obrigado a dizer-lhe como se sentia confuso com tamanha generosidade. Depois, quis despedir-se, mas o príncipe pediu-lhe que ficasse, e eles conversaram boa parte da noite.

No dia seguinte de manhã, o joalheiro viu outra vez o príncipe antes de retirar-se. ‘Sabeis’, disse-lhe este, ‘que sempre há um fim em tudo. O fim do amante é possuir sem obstáculo o que ama; uma vez perdida tal esperança, já não pensa mais em viver. Eis a triste situação em que me encontro. Com efeito, quando por duas vezes me julguei no ápice do meu desejo, fui

arrancado de perto da criatura amada do modo mais cruel. Depois disto, só me resta pensar em morrer. Já teria me matado se a minha religião não me proibisse ser o homicida de mim próprio. Mas não é preciso preveni-la; sinto que a não esperarei por muito mais tempo.’ Calou-se, com gemidos, suspiros, soluços e lágrimas.

O joalheiro, que não conhecia outro meio de afastá-lo daquele desespero, a não ser lembrando-lhe Chemselnihar e dando-lhe alguma esperança, disse-lhe temer que a confidente já havia chegado, e que, por conseguinte, lhe convinha não perder tempo e voltar. ‘Deixo-vos ir’, disse-lhe o príncipe; ‘se a virdes, porém, suplico-vos que lhe recomendeis assegurar a Chemselnihar que se devo morrer, como espero brevemente, amá-la-ei até o derradeiro suspiro e no próprio túmulo!’

O joalheiro voltou para casa, onde aguardou confiantemente a chegada da escrava, que, realmente, apareceu pouco depois, mas chorando e desesperada. O joalheiro, alarmado, perguntou-lhe ansiosamente o que tinha.

‘Chemselnihar, o príncipe da Pérsia, vós e eu’, respondeu a confidente, ‘estamos perdidos. Ouvi a triste notícia que soube ontem, entrando no palácio: Chemselnihar mandara castigar por uma falta qualquer uma das duas escravas que vistes com ela no dia do encontro em vossa casa. A escrava, indignada pelo mau trato, encontrou a porta do palácio aberta, saiu, e não duvidamos de que tenha contado tudo a um dos eunucos que a abrigou. Não é tudo: a outra escrava, sua companheira, também fugiu para esconder-se no palácio do califa; a quem supomos que deve ter contado tudo quanto se passou. Eis por que hoje o califa mandou buscar Chemselnihar por uns vinte eunucos que a levaram ao palácio. Encontrei um modo de fugir e vir aqui avisar-vos. Não sei o que terá se passado, mas nada espero de bom. Seja como for, rogo-vos conservar o segredo.’”

O dia, aparecendo, obrigou a sultana Sherazade a calar-se. Na noite seguinte, continuando a história, disse ao sultão da Índia:

209^A NOITE

“Ao que acabava de contar ao joalheiro acrescentou a confidente que seria melhor que ele fosse procurar imediatamente o príncipe da Pérsia para avisá-lo, a fim de que se preparasse para tudo. Depois, retirou-se subitamente, sem aguardar resposta.

Que teria podido responder o joalheiro no estado em que se encontrava? Limitou-se a ficar imóvel, atônito. Percebeu, contudo, que havia pressa, reagiu e correu à casa do príncipe da Pérsia. Aproximando-se-lhe com ar que já denotava a má notícia, disse-lhe: ‘Príncipe, armai-vos de paciência, constância e coragem, e preparai-vos ao choque mais terrível que enfrentastes na vossa vida.’

‘Dizei-me em duas palavras o que há’, respondeu o príncipe. ‘Estou pronto a morrer, se for preciso’, concluiu.

O joalheiro contou-lhe o que acabava de saber pela confidente. ‘Vedes que a vossa morte é certa. Levantai-vos e fugi sem perda de tempo. Não deveis vos expor à cólera do califa, e muito menos a confessar com horríveis tormentos.’

Pouco faltou para que o príncipe morresse naquele momento. Recobrando, porém, a presença de espírito, perguntou ao joalheiro que resolução lhe aconselhava em tão triste situação. ‘Não há outra’, respondeu, ‘senão montar a cavalo já e rumar para Anbar,^[49] a fim de ali chegar antes do amanhecer. Levai os homens que julgardes convenientes, com bons cavalos, e permiti que eu fuja convosco.’

O príncipe da Pérsia, que não viu outra saída, ordenou rápidos preparativos, pegou dinheiro e pedras preciosas, e, depois de despedir-se de sua mãe, partiu, afastando-se imediatamente de Bagdá com o joalheiro e os homens escolhidos.

Andaram o resto do dia e toda a noite sem deter-se em lugar nenhum, até duas ou três horas antes do amanhecer, quando, cansados de tão longa jornada e esgotados os cavalos, apearam, para repousar.

Mal tinham tido tempo de respirar, quando se viram atacados de repente por um grande bando de ladrões. Por algum tempo se defenderam corajosamente, mas os homens do príncipe foram mortos, o que o obrigou, assim como ao joalheiro, a render-se. Os ladrões concederam-lhe a vida, mas, após se apoderarem dos cavalos e da bagagem, despojaram-nos e, retirando-se com o roubo, deixaram-nos no mesmo lugar.

Já distantes os ladrões, disse o príncipe: ‘E então, que me dizeis da nossa aventura e do estado em que nos encontramos? Não seria melhor eu ter continuado em Bagdá, à espera da morte, fosse ela qual fosse?’

‘Príncipe’, respondeu-lhe o joalheiro, ‘é um desígnio de Deus: apraz-lhe provar-nos, amontoando sobre nós pesares e mais pesares. Cabe-nos não murmurar e receber tais desgraças com toda humildade. Mas não fiquemos aqui, procuremos um abrigo, onde queiram nos ajudar.’

‘Deixai-me morrer’, disse-lhe o príncipe da Pérsia. ‘Pouco me importa morrer aqui ou em outro lugar. Talvez, enquanto estamos falando, Chemselnihar já não mais exista, e eu não quero viver sem ela.’ O joalheiro convenceu-o por fim, à força dos seus pedidos. Caminharam certo tempo e encontraram uma mesquita aberta, onde entraram, passando nela o resto da noite.

Ao despontar o dia, chegou à mesquita um homem, que orou. Após a prece, voltando-se, viu o príncipe da Pérsia e o joalheiro sentados num canto. Saudando-os educadamente, disse-lhes: ‘Ao que me parece, sois estrangeiros.’

O joalheiro tomou a palavra: ‘Não vos enganais. Fomos roubados essa noite, quando vínhamos de Bagdá, como podeis verificar pelo estado em que nos encontramos, e necessitamos de auxílio; não sabemos, porém, a quem nos dirigir.’ ‘Se quiserdes dar-vos o trabalho de vir à minha casa’, respondeu o homem, ‘prestar-vos-ei de boa vontade todo o auxílio que me for possível.’

Diante de tão gentil oferecimento, o joalheiro, voltando-se para o príncipe da Pérsia, disse-lhe ao ouvido: ‘Esse homem, príncipe, como vedes, não nos conhece, ao passo que, se continuarmos aqui, é provável que outro venha e nos reconheça. A meu ver, não devemos recusar o favor que ele nos

faz.’ ‘Sois o senhor’, respondeu o príncipe, ‘e consinto em tudo quanto quiserdes.’

O homem, notando que o joalheiro e o príncipe da Pérsia conversavam, julgou que eles tivessem dificuldades em aceitar a oferta, e perguntou-lhes o que tinham resolvido. ‘Estamos prontos a seguir-vos’, respondeu o joalheiro, ‘mas o que nos aborrece é estarmos nus e nos envergonharmos de assim aparecer em público.’

Por sorte, tinha o homem o que lhes dar para que se cobrissem. Mal chegaram à casa do desconhecido, este mandou que trouxessem para eles um traje novo e, certo de que estavam com fome e que gostariam de ficar à vontade, ordenou a um escravo que lhes trouxesse várias iguarias. Mas eles pouco comeram, sobretudo o príncipe da Pérsia, tão triste e abatido que o joalheiro temia pela sua vida.

O anfitrião visitou-os várias vezes naquele dia e, ao cair da noite, sabendo que necessitavam de repouso, deixou-os cedo. Mas o joalheiro viu-se obrigado, dali a pouco, a chamá-lo para o ajudar na agonia do príncipe da Pérsia. Percebeu que este respirava com dificuldade, o que lhe deu a ver que só lhe restavam poucos instantes de vida. Aproximando-se, disse-lhe o príncipe: ‘Acabou-se, como bem vedes, e alegro-me por testemunhardes o derradeiro suspiro da minha vida. Perco-a com satisfação, e vós sabeis por quê. O que me entristece é não morrer entre os braços de minha querida mãe, que sempre me amou ternamente e por quem sempre tive respeito. Sofrerá muito por não ter tido o consolo de me cerrar os olhos e de me enterrar com suas próprias mãos. Dizei-lhe toda a minha dor por isso, e rogai-lhe que mande transportar o meu corpo para Bagdá, a fim de que ela possa regar o meu túmulo com as suas lágrimas.’ Não se esqueceu do anfitrião; agradeceu-lhe a generosa acolhida, e, após suplicar-lhe que permitisse a permanência do seu corpo naquela casa, até que o fossem buscar, expirou...”

Sherazade, nesse ponto, deixou de falar, por ver que o dia ia aparecendo. Mas retomou a história na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

210^A NOITE

“No dia seguinte ao da morte do príncipe da Pérsia, o joalheiro valeu-se de uma caravana e voltou a Bagdá, em segurança. Trocando as vestes, dirigiu-se imediatamente à casa do falecido príncipe, onde todos se alarmaram por não verem com ele o jovem. Pediu que avisassem à mãe do príncipe que ele desejava falar-lhe, e pouco depois o introduziram numa sala em que ela se encontrava com várias mulheres. ‘Senhora’, disse-lhe o joalheiro com um ar que denotava a triste notícia, ‘Deus vos conserve e cumule de bondades! Não ignorais que Deus dispõe de nós como melhor lhe apraz...’

Ela não deu tempo ao joalheiro de terminar: ‘Ah! anunciais-me a morte do meu filho!’ Logo em seguida, deu muitos gritos, que, misturados aos das mulheres, renovaram as lágrimas do joalheiro. Chorou muito, antes de permitir que este terminasse o que tinha de lhe dizer. Finalmente, interrompeu os soluços e rogou ao joalheiro que continuasse e que nada lhe ocultasse sobre as circunstâncias de tão triste perda. Quando ele terminou, perguntou-lhe se o príncipe, seu filho, nos últimos instantes de vida, não o incumbira de lhe contar algo de particular. O joalheiro assegurou-lhe que o maior desgosto do jovem fora o de morrer distante, e que a única coisa por ele desejada havia sido a de ter o corpo transportado para Bagdá. No dia seguinte, de manhã, a mãe do príncipe pôs-se a caminho, acompanhada das damas e da maior parte das suas escravas.

Quando o joalheiro viu partir a dama, voltou para casa triste e cabisbaixo, com grande pesar pela morte de um príncipe tão amável, na flor da idade.

Enquanto caminhava, uma mulher se deteve diante dele. O joalheiro, levantando os olhos, reconheceu a confidente de Chemselnihar, vestida de luto e chorando. Ao ver aquilo, recomeçou a chorar e continuou a caminhar até chegar em casa, onde com ele entrou a confidente.

Sentaram-se, e o joalheiro, tomando a palavra, perguntou à escrava, com um triste suspiro, se já sabia da morte do príncipe da Pérsia, e se era por ele

que chorava. ‘Ai, não! Como? O encantador príncipe morreu? Não viveu então muito depois da sua querida Chemselnihar... Formosas almas, onde quer que estejais, deveis estar contentíssimas por poder amar-vos, enfim, sem obstáculos! Os vossos corpos eram um empecilho para os vossos desejos, e deles o céu vos livrou para unir-vos!’

O joalheiro, que desconhecia a morte de Chemselnihar e que não notara ainda estar a confidente trajada de luto, mais pesaroso ficou com a notícia. ‘Chemselnihar morreu!’ ‘Sim, morreu’, disse a confidente, chorando outra vez, ‘e é por ela que estou de luto. As circunstâncias da sua morte são singulares e merecem que as saibais; antes, porém, contaime como se deu a morte do príncipe da Pérsia, que eu chorarei a vida toda, como hei de chorar a morte de Chemselnihar, minha querida ama.’

O joalheiro satisfez o pedido da confidente; e, quando lhe contou tudo, até a partida da mãe do príncipe, que se dirigia em busca do corpo do filho, disse-lhe: ‘Não vos esquecestes que eu vos havia contado ter o califa mandado chamar Chemselnihar ao seu palácio; como havíamos suposto, fora o califa informado dos amores de Chemselnihar e do príncipe da Pérsia pelas duas escravas interrogadas separadamente. Encolerizado, deu mostras de grande ciúme e manifestou o desejo de vingar-se do príncipe da Pérsia?, perguntareis. Nada disso. Limitou-se simplesmente a lastimar Chemselnihar, e é de crer que atribuiu a si mesmo a culpa de tudo, por lhe ter concedido permissão para passear pela cidade desacompanhada de eunucos. Não é possível imaginar outra coisa, pela extraordinária maneira pela qual se comportou, como vereis.

O califa acolheu-a desanuviado e, notando a tristeza que a acabrunhava, que em nada lhe diminuía a beleza (pois ela apareceu diante dele sem surpresa e sem terror), disse-lhe, com extrema bondade: Chemselnihar, não suporto que venhais à minha presença com um ar que muito me aflige. Sabeis com que paixão vos amei, deveis estar convencida disso pelas minhas demonstrações. Eu não mudo e continuo a amar-vos mais do que nunca. Tendes inimigos, e esses inimigos murmuraram contra o vosso procedimento, mas o que disseram não me causou a menor impressão. Deixai, pois, a vossa melancolia, e preparai-vos para vos entreter essa noite em coisas agradáveis e

interessantes. Disse-lhe, ainda, outras amabilidades, e fez com ela entrasse num aposento magnífico, perto do seu, onde lhe rogou que o aguardasse.

Chemselnihar sensibilizou-se com tais provas de consideração; quanto mais, porém, sabia dever obrigações ao califa, tanto mais a penetrava a vivacidade de estar afastada, talvez para sempre, do príncipe da Pérsia.

A conversa entre o califa e Chemselnihar desenrolou-se enquanto eu fora visitar-vos, e eu soube os pormenores por minhas companheiras, presentes. Quando vos deixei, fui procurar Chemselnihar e testemunhei o que se passou de noite. Encontrei-a no aposento que mencionei; e, estando ela certa de que eu voltava de vossa casa, mandou que eu me aproximasse e, sem que a ouvissem, disse-me: Muito vos agradeço o serviço que acabastes de prestar-me. Sinto que será o último. Nada mais me falou e eu não estava em condições de consolá-la.

O califa entrou de noite, ao som dos instrumentos que as mulheres de Chemselnihar tocavam. Imediatamente serviram a ceia. O califa, pegando Chemselnihar pela mão, fez com que ela sentasse perto dele, sobre o sofá. Chemselnihar esforçou-se por lhe agradar, mas o esforço a levou ao derradeiro suspiro, poucos instantes depois. Com efeito, mal se havia sentado, tombou para trás. O califa julgou que se tratasse de um desmaio, e todas nós tivemos o mesmo pensamento. Tratamos de socorrê-la, mas ela não recobrou os sentidos. Eis aí como a perdemos.

O califa honrou-a com lágrimas que não conseguiu reter, e, antes de retirar-se para o seu aposento, ordenou que se quebrassem todos os instrumentos, o que foi imediatamente feito. Fiquei a noite inteira ao lado do seu corpo, lavei-o, e eu mesma o preparei, banhando-o de lágrimas; no dia seguinte, foi enterrada, por ordem do califa, em magnífico túmulo já mandado construir num lugar escolhido por ela mesma. Como dizeis que trarão o corpo do príncipe da Pérsia para Bagdá, estou resolvida a fazer com que o coloquem no mesmo túmulo.'

Admirou-se o joalheiro da resolução da confidente. 'Não vos lembraís', disse-lhe, 'de que o califa jamais daria o seu consentimento?' 'Julgais tal impossível', disse a confidente, 'mas não o é, e convencer-vos-eis quando vos contar que o califa doou a liberdade a todas as escravas de Chemselnihar,

com uma pensão suficiente para que possam viver e que me incumbiu do cuidado e guarda do túmulo, com uma renda considerável para conservá-lo e para eu viver. Além disso, o califa, que não ignora os amores do príncipe da Pérsia e Chemselnihar, como já vos expliquei, e que se não indignou, não protestará.’ O joalheiro se calou, limitando-se a pedir à confidente que o guiasse ao túmulo, para lá poder orar. A sua surpresa foi enorme, ao chegar, vendo a multidão de ambos os sexos que acorria de todos os lados de Bagdá. Não conseguiu se aproximar, e quando terminou sua prece, disse à confidente: ‘Já não acho impossível realizar o que imaginastes. Não temos outra coisa que fazer senão divulgar, vós e eu, o que sabemos dos amores de ambos, e sobretudo da morte do príncipe da Pérsia, verificada quase na mesma hora. Antes que o seu corpo chegue, toda Bagdá concorrerá para que ele não fique separado de Chemselnihar.’ A medida teve êxito. E no dia em que o corpo devia chegar, uma verdadeira multidão percorreu mais de vinte milhas para ir recebê-lo.

A confidente, que esperava à porta da cidade, rogou à mãe do príncipe, em nome de toda a cidade que o desejava ardentemente, que permitisse a união, no mesmo túmulo dos corpos dos jovens amantes que só tinham tido um coração até a morte. Ela consentiu. E o corpo do príncipe foi levado ao túmulo de Chemselnihar, diante de uma população de todas as classes, e colocado ao lado dela. Desde então, todos os habitantes de Bagdá, e até os estrangeiros de todos os lugares do mundo em que há muçulmanos, têm tido grande veneração por esse túmulo, e ali vão orar.

— Eis, senhor — disse Sherazade, que acabava de ver nascer o dia —, o que me cabia vos contar sobre os amores da formosa Chemselnihar, favorita do califa Harun al-Rashid, e Ali Ebn Becar, príncipe da Pérsia.

Quando Dinazade viu que a sultana terminara de falar, agradeceu-lhe tão interessante história.

— Se o sultão permitir que eu viva ainda amanhã — prosseguiu Sherazade —, contarei a do príncipe Camaralzaman,^[50] muito mais interessante.

Calou-se, e o sultão, que não conseguiu decidir-se a fazê-la morrer, aguardou a noite seguinte.

211_A NOITE

No dia seguinte, antes do amanhecer, a sultana Sherazade, despertada por Dinazade, sua irmã, contou ao sultão da Índia a história de Camaralzaman, como havia prometido:

A história dos amores de Camaralzaman, príncipe da ilha dos filhos de Kaledan, e de Badura, princesa da China

“A vinte dias, aproximadamente, navegando pela costa da Pérsia, encontra-se no vasto oceano uma ilha, chamada ilha dos Filhos de Kaledan. Divide-se em várias províncias, todas grandes, e possui cidades florescentes e bem populosas, que formam um reino poderoso. Outrora, era ela governada por um rei de nome Chahzaman,^[51] que tinha quatro esposas legítimas, quatro filhas de rei, e sessenta concubinas.

Chahzaman julgava-se o monarca mais feliz da Terra, pela tranquilidade e progresso do seu país. Só uma coisa lhe desgostava: estar idoso e não ter filhos, apesar do grande número de mulheres que possuía. Não sabia a que atribuir sua esterilidade, e, no seu pesar, considerava a mais dura das desgraças ter de morrer sem deixar um sucessor do seu sangue. Por um longo tempo dissimulou a tristeza que o corroía, e sofria mais por querer ocultar seu sofrimento. Rompeu, enfim, seu silêncio, e, um dia, após queixar-se amargamente com seu grão-vizir, a quem falou em particular, perguntou-lhe se não conhecia algum remédio para o seu problema.

‘Se o que me pedis’, respondeu-lhe o sábio ministro, ‘dependesse das regras comuns da sabedoria humana, teríeis em breve a satisfação tão ardentemente desejada, mas confesso que a minha experiência e os meus conhecimentos estão abaixo do que me propondes; só a Deus podemos recorrer, nessa emergência. No meio da nossa prosperidade, que tão frequentemente faz com que o esqueçamos, apraz-lhe mortificar-nos a fim de que nele pensemos, reconheçamos o seu poder e lhe peçamos o que só a Ele podemos pedir. Tendes súditos que sobremodo o honram e servem, e vivem rigidamente por amor a Ele; aconselho-vos a dar-lhes esmolas e exortá-los a unir as suas preces às vossas. Talvez se encontre alguém que consiga alcançar de Deus o que vós tanto quereis.’

O rei Chahzaman aprovou o conselho, pelo qual agradeceu ao grão-vizir. Mandou levar ricas esmolas a cada uma das comunidades dos consagrados a Deus e chamou à corte os superiores. Após oferecer-lhes frugal festim,

declarou-lhes sua intenção e rogou-lhes que avisassem os devotos que lhes obedeciam.

Chahzaman obteve do céu o que desejava, o que transpareceu pela gravidez de uma de suas mulheres, que lhe deu um filho, nove meses depois. Em ação de graças, enviou às comunidades dos muçulmanos devotos novas esmolas, dignas da sua grandeza e do seu poder, e celebrou-se o nascimento do príncipe, não somente na capital, como também em todo o país, com festividades públicas que duraram uma semana. Levaram-lhe o príncipe, mal este nasceu, e ele o achou tão belo que lhe deu o nome de Camaralzaman, Lua do Século.

O príncipe Camaralzaman foi criado com todos os cuidados possíveis; quando atingiu a idade necessária, deu-lhe o sultão Chahzaman, seu pai, um sábio dirigente e hábeis professores. Essas personagens, ilustres pela capacidade, encontraram nele um espírito dócil e apto a receber todos os ensinamentos, tanto em matéria de regras de costumes como em matéria de conhecimentos que um príncipe como ele devia possuir. Em idade mais avançada, aprendeu igualmente os seus exercícios e desempenhou-os com uma graça maravilhosa, mediante a qual encantava a todos, especialmente seu pai.

Quando o príncipe completou 15 anos, o sultão, que o amava ternamente e lhe demonstrava isso todos os dias, quis dar-lhe a prova mais esplendente do seu afeto, passando-lhe o trono. Falou do seu plano ao grão-vizir. ‘Temo’, disse-lhe, ‘que meu filho perca na ociosidade da juventude todas as vantagens com as quais a natureza o cumulou e as que conquistou com tão grande êxito mediante a boa educação que me esforcei por lhe dar. Como já estou na idade de pensar em retirar-me, estou quase resolvido a entregar-lhe o governo e a passar o resto dos meus dias com a satisfação de vê-lo reinar. Há muito que trabalho e necessito de repouso.’

Não quis o grão-vizir mostrar ao sultão todas as razões que teriam podido dissuadi-lo de executar sua resolução. Pelo contrário, preferiu apelar para o seu sentimento. ‘Senhor’, respondeu-lhe, ‘o príncipe é ainda muito jovem, parece-me, para incumbi-lo tão cedo de uma tarefa pesada como a de governar um Estado poderoso. Temeis que ele se corrompa na ociosidade, e

com muita razão; mas, para remediar isso, não seria melhor casá-lo? O matrimônio prende e impede que um jovem se esgote. Assim, dar-lhe-íeis acesso aos vossos conselhos, onde ele aprenderia, pouco a pouco, a manter dignamente o esplendor e o peso da vossa coroa, de que estaríeis em tempo de vos despojar, quando o julgásseis capaz.’

Chahzaman achou razoável o conselho do grão-vizir. E, após despedi-lo, mandou chamar o príncipe Camaralzaman.

Este, que até então só vira o pai em certas horas determinadas, sem necessidade de ser chamado, ficou um pouco surpreso com a ordem. Em vez de apresentar-se com a liberdade que era habitual, saudou-o com grande respeito e deteve-se, de olhos baixos.

O sultão notou o constrangimento do príncipe. ‘Meu filho’, disse-lhe com ar tranquilizador, ‘sabeis por que vos mandei chamar?’ ‘Senhor’, respondeu o príncipe, com modéstia, ‘só Deus penetra nos corações. Saberei de vós, e com prazer, o motivo.’ ‘Mandei-vos chamar para vos dizer’, prosseguiu o sultão, ‘que pretendo casar-vos. Que vos parece?’

O príncipe Camaralzaman ouviu essas palavras com grande desgosto, atônito, sem saber o que responder. Após alguns instantes de silêncio, respondeu: ‘Senhor, suplico-vos que me perdoeis se pareço embaraçado com vossa declaração. Não a esperava, visto que ainda sou demasiadamente jovem. Nem sei se poderia decidir-me um dia ao casamento, não apenas por causa das preocupações que as mulheres causam, como também por causa do que li nos nossos autores sobre os seus ardis, as suas maldades e as suas perfídias. Talvez, mais tarde, eu mude meu modo de pensar. Contudo, sei que é preciso tempo antes de eu me decidir ao que de mim exigis.’”

Sherazade quis prosseguir, mas notou que o sultão da Índia, vendo nascer o dia, abandonava o leito, pelo que se calou. Continuou, porém, a história na noite seguinte, dizendo-lhe:

212^A NOITE

“A resposta do príncipe Camaralzaman afligiu profundamente o sultão, que sentiu verdadeira dor ao ver nele tão grande aversão ao casamento. Não quis, entretanto, considerá-la desobediência, nem valer-se da autoridade paterna, contentando-se em dizer: ‘Não pretendo obrigar-vos; dou-vos o tempo necessário para pensar e considerar que um príncipe como vós, destinado a governar um grande reino, deve cuidar em primeiro lugar de arranjar um herdeiro. Dando-me tal satisfação, dá-la-eis a mim também, que me sinto contentíssimo por ver que revivo em vós e nos filhos que a vós hão de ter como pai.’

Chahzaman nada mais disse ao príncipe Camaralzaman. Concedeu-lhe acesso aos conselhos do Estado e deu-lhe, mais, todas as provas de estar contente. Um ano depois, chamou-o em particular, e perguntou-lhe: ‘E então, meu filho, lembrastes de refletir sobre o meu projeto de casar-vos? Recusar-vos-eis a proporcionar-me a alegria que aguardo da vossa obediência? Quereis deixar-me morrer sem dar-me tal satisfação?’

O príncipe pareceu menos embaraçado do que na primeira vez, e não hesitou muito em responder com firmeza: ‘Senhor, não deixei de refletir como devia; mas após ponderar maduramente, fortaleci minha resolução de viver sem casar-me. Com efeito, os inúmeros males causados pelas mulheres desde que o mundo é mundo, como vi perfeitamente nas nossas histórias, e como ouço todos os dias, são motivos que me levam a não querer ligar-me a elas. Assim, perdoar-me-eis se ousar dizer-vos ser inútil falar-me em casar.’ Calou-se, e deixou o sultão, seu pai, repentinamente, sem esperar outras palavras.

Qualquer outro monarca que não o rei Chahzaman, teria se encolerizado diante da ousadia com a qual o príncipe acabava de falar. Mas ele o amava ternamente e preferiu valer-se de todos os meios oferecidos pela ternura antes de o forçar. Comunicou ao grão-vizir o novo pesar que Camaralzaman acabava de lhe causar. ‘Segui o vosso conselho’, disse-lhe, ‘mas

Camaralzaman está mais afastado agora da ideia do casamento do que da primeira vez que lhe falei; e explicou-se em termos tão ousados, que precisei da minha sensatez e de toda a minha moderação para que a ira de mim não se apoderasse. Os pais que pedem filhos, com o ardor com o qual eu pedi este, são insensatos que buscam privar-se do repouso do qual só deles é que depende desfrutar. Dizei-me por que meios devo conciliar espírito tão rebelde à minha vontade?’

‘Senhor’, respondeu o grão-vizir, ‘consegue-se chegar ao fim de numerosas questões mediante a paciência; não vos arrependereis, se julgardes conveniente conceder outro ano ao príncipe. Se nesse intervalo ele ceder, tereis satisfação tanto maior por só haverdes empregado a bondade paterna. Se, pelo contrário, ele persistir na sua obstinação, então, quando o ano estiver terminado, parece-me que devereis declarar-lhe, em pleno conselho, ser útil ao Estado que se case. Não é de crer que vos falte com o respeito devido perante o ilustre grupo que honrais com a vossa presença.’

O sultão, que desejava tão ardentemente ver o príncipe casado, a ponto de simples instantes lhe parecerem anos, hesitou em decidir-se. Contudo, reconheceu que o grão-vizir tinha razão...”

O dia impôs silêncio a Sherazade nesse ponto. Mas ela continuou na noite seguinte, e disse ao sultão Shahriar:

213^A NOITE

“Após o grão-vizir ter-se retirado, o sultão Chahzaman dirigiu-se ao aposento da mãe do príncipe Camaralzaman, a quem manifestara há tempos o ardente desejo que tinha de casá-lo. Quando lhe contou com dor de que maneira ele acabava de recusar pela segunda vez, e a sua indulgência, a conselho do grão-vizir, disse-lhe: ‘Senhora, sei que Camaralzaman tem mais confiança em vós do que em mim e que vos ouve mais; rogo-vos lhe faleis seriamente e o façais compreender que, se persiste na sua ideia, me forçará a valer-me de meios extremos que o levarão a arrepender-se de ter me desobedecido.’

Fátima, assim se chamava a mãe de Camaralzaman, informou ao príncipe, na primeira vez que o viu, que sabia da nova recusa feita ao sultão, seu pai, e que se sentia aborrecida por ter o rapaz provocado tão grande cólera. ‘Senhora’, respondeu-lhe Camaralzaman, ‘peço-vos não renovar a minha dor. Temeraria, irritado como estou, que me escapasse alguma coisa contra o respeito que vos devo.’ Fátima viu, por aquela resposta, ser sua dor recente demais, e nada mais lhe disse.

Muito tempo depois, Fátima julgou ter encontrado a ocasião de lhe falar sobre o mesmo assunto, com mais esperança de ser ouvida. ‘Meu filho’, disse-lhe, ‘peço-vos dizer-me quais são os motivos que vos causam tão grande aversão ao casamento. Se não tendes senão o da malícia e malignidade das mulheres, não pode haver outro mais fraco e menos sensato. Não quero defender as mulheres más, que há bom número delas, eu sei. Mas é uma injustiça das mais fortes afirmar que todas o são. Meu filho, por que vos detendes em algumas de que falam os vossos livros e que causaram na verdade grandes desordens? Por que não vos lembrais de tantos monarcas, sultões e outros príncipes cuja tirania, barbaridade e maldade causam horror? Por uma mulher, encontrareis mil desses tiranos. E as mulheres honestas e bondosas, meu filho, que têm a desgraça de ligar-se pelo matrimônio a esses furiosos, julgais que são felizes?’

‘Senhora’, respondeu Camaralzaman, ‘não duvido de que haja muitas mulheres virtuosas, meigas e cheias de bondade. Prouvera a Deus que todas elas se assemelhassem a vós! O que me revolta é a escolha duvidosa a que um homem é forçado para casar-se, ou melhor, a imposição que pretendem fazer-lhe. Suponhamos que eu me decida ao matrimônio, como deseja meu pai com tão grande impaciência; que mulher ele me dará? Com certeza, uma princesa pedida a um dos príncipes seus vizinhos. Bela ou feia, serei obrigado a aceitá-la. Pois eu pretendo que nenhuma outra princesa se lhe compare em beleza. Quem pode me assegurar que terá juízo, que será tratável, complacente, acolhedora, prudente e delicada, que sua conversa versará sobre coisas sólidas e não sobre vestidos, ornatos e mil outras bagatelas que devem suscitar a piedade de todo homem de bom senso, numa palavra que não será altiva, irritante, cheia de desprezo e que não gastará um patrimônio inteiro para as suas frívolas despesas em vestes, pedras preciosas, em joias, em magnificência doida e malcompreendida? Como vedes, senhora, eis uma infinidade de coisas que me fazem ter aversão ao casamento. Ainda que essa princesa tivesse o dom da perfeição, e fosse irrepreensível em todos os pontos, resta-me grande número de razões mais fortes ainda para não desistir da minha intenção.’

‘Como, meu filho!’, respondeu Fátima, ‘tendes outras razões além das que me mencionastes? No entanto, pretendia eu responder-vos e calar-vos com uma só palavra.’ ‘Que tudo quanto eu disse não vos impeça de responder, senhora’, disse o príncipe, ‘talvez eu tenha resposta.’

‘Queria dizer, meu filho, que é fácil para um príncipe quando tem a desgraça de desposar uma princesa como a que descrevestes, deixá-la e dar ordens a fim de impedir que ela arruíne o Estado.’

‘Mas senhora’, disse o príncipe Camaralzaman, ‘não vedes que mortificação a do príncipe obrigado a tais extremos? Não é muito melhor, para a sua tranquilidade, não se expor?’

‘Meu filho, percebo que desejais ser o último dos reis da vossa raça que tão gloriosamente reinaram nas ilhas dos Filhos de Kaledan.’

‘Senhora’, respondeu o príncipe Camaralzaman, ‘não desejo sobreviver ao rei meu pai. Se eu morrer antes dele, não será motivo de espanto, após tantos

exemplos de filhos que morrem antes dos pais. Porém, é sempre glorioso para uma raça de reis terminar com um príncipe tão digno de o ser como eu me esforcei, tal como os seus predecessores e aquele pelo qual ela começou.’

Desde então, Fátima conversou frequentemente com o príncipe, tudo fazendo para lhe desarraigar tal aversão. Mas ele esquivou-se a todas as razões apresentadas com outras às quais ela não soube o que responder, e permaneceu inabalável.

O ano terminou, e, com grande pesar do sultão Chahzaman, o príncipe Camaralzaman não deu o menor sinal de ter mudado de opinião. Num dia de conselho solene, quando o grão-vizir, os outros vizires, os principais oficiais da Coroa e os generais estavam reunidos, o sultão, tomando a palavra, disse ao príncipe: ‘Meu filho, há muito que vos manifestei o desejo de vê-lo casado, e esperava de vós mais condescendência por um pai que só exigia uma coisa sensata. Após tão longa resistência da vossa parte, que levou ao fim a minha paciência, repito-vos o pedido na presença do meu conselho. Já não é simplesmente por ter de satisfazer um pai que não podeis recusar-vos; é o bem do Estado que o exige. Todos esses senhores o exigem comigo. Falai, pois, a fim de que, segundo a vossa resposta, eu tome as medidas necessárias.’

O príncipe Camaralzaman respondeu com tão pouco comedimento que o sultão, justamente irritado pelo embaraço em que o filho o colocava, em pleno conselho, gritou: ‘Como! Filho desnaturado, tendes a insolência de falar assim a vosso pai e sultão?’ E ordenou que os guardas o prendessem e o levassem a uma torre antiga, abandonada, onde foi encerrado, com um leito, poucos móveis, alguns livros e um único escravo para servi-lo.

Camaralzaman, contente por ter a liberdade de se entreter com os seus livros, encarou a prisão com indiferença. Pela noite, levantou-se, fez sua prece, e, após ter lido alguns capítulos do Alcorão com a mesma tranquilidade com que teria estado no seu aposento, no palácio do sultão, deitou-se sem apagar a luz, perto do leito, e adormeceu.

Nessa torre, havia um poço que servia de abrigo durante o dia a uma fada chamada Maimune, filha de Damriá, rei de uma legião de gênios. Era aproximadamente meia-noite quando Maimune voou ligeiramente para o

alto do poço, a fim de percorrer o mundo, conforme seu hábito. Surpreendida por ver luz no quarto do príncipe Camaralzaman, entrou e, sem dar importância ao escravo deitado à porta, aproximou-se do leito, cuja magnificência a atraiu. Mais surpreendida ficou ao ver alguém deitado.

Tinha o príncipe o rosto semioculto pela coberta. Maimune levantou-o um pouco e viu o mais belo jovem jamais visto. ‘Que esplendor’, disse para si mesma, ‘ou antes que prodígio de beleza não deve ser, quando estão erguidas pálpebras tão bem-formadas! Por que será tratado de maneira tão indigna da sua categoria?’

Maimune não conseguia deixar de admirar o príncipe Camaralzaman. Finalmente, após beijar-lhe o rosto e a testa, sem despertá-lo, recolocou a coberta no lugar e saiu voando. Bem no alto, ouviu um bater de asas, e reconheceu um gênio dos rebeldes. Quanto a Maimune, era das que o grande Salomão obrigou a reconhecer Deus desde então.

O gênio, chamado Danhach, filho de Chamburach, reconheceu também Maimune, mas com grande terror. Com efeito, sabia ser ela dona de grande superioridade, pela sua submissão a Deus. Bem gostaria de ter evitado o encontro, mas achava-se tão perto, que era preciso lutar ou ceder.

Danhach preveniu Maimune: ‘Minha boa Maimune’, disse-lhe em tom de súplica, ‘jurai-me pelo grande nome de Deus que não me fareis mal, e eu vos prometo, por minha vez, também não fazê-lo.’

‘Maldito gênio’, respondeu Maimune, ‘que mal me podeis tu fazer? Não te temo. Concedo-te a graça que me pedes e pronuncio o juramento que de mim exiges. Dize-me de onde vens, o que viste, o que fizeste essa noite.’ ‘Bela senhora’, respondeu Danhach, ‘encontrai-me para ouvir uma coisa maravilhosa...’”

Sherazade foi obrigada a calar-se em virtude do dia que ia aparecendo. Na noite seguinte, continuou assim:

214^A NOITE

— Senhor — Sherazade disse — , Danhach, o gênio dos rebeldes, continuou a falar a Maimune:

“Visto que assim desejais, dir-vos-ei que venho das extremidades da China, postas diante das últimas ilhas desse hemisfério... Mas, encantadora Maimune’, acrescentou Danhach, que tremia de medo e falava com dificuldade, ‘prometer-me-ás pelo menos perdoar-me e deixar-me ir em liberdade quando tiver satisfeito as vossas exigências.’

‘Prossegue, prossegue, maldito’, respondeu-lhe Maimune, ‘e nada temas. Crês que seja pérfida como tu e capaz de faltar ao grande juramento feito? Cuidas apenas de dizer a verdade; de outro jeito, cortarei tuas asas e te tratarei como mereces.’

Danhach, um pouco tranquilizado pelas palavras de Maimune, respondeu-lhe: ‘Minha querida dama, dir-vos-ei somente a verdade; tende a bondade de ouvir-me. O país da China, de onde venho, é um dos maiores e mais poderosos da Terra, do qual dependem as últimas ilhas desse hemisfério. O atual rei chama-se Gaiur, e tem uma única filha, a mais bela jamais vista no universo desde que o mundo é mundo. Nem vós, nem eu, nem os gênios do vosso lado, nem os do meu, nem todos os homens juntos temos palavras próprias, expressões bastante vivas ou eloquência suficiente para dela fazer um retrato que se aproxime do que ela é realmente. Possui cabelos escuros e tão longos que lhe descem muito abaixo dos pés, e tão abundantes que se assemelham a um desses cachos de uvas, cujos bagos têm tamanho extraordinário quando os arranja em anéis sobre a cabeça. É dona de uma testa lisa como o mais bem-polido dos espelhos e, de forma admirável, olhos negros à flor do rosto, brilhantes e cheios de fogo, nariz nem muito grande nem muito pequeno, boca pequenina e rubra, dentes como duas fileiras de pérolas alvíssimas. Enquanto fala, revela uma voz doce e agradável, e se expressa com palavras que denotam a vivacidade do seu espírito. O mais belo

dos alabastros não é mais branco que o seu pescoço. Por esse fraco esboço, enfim, vereis facilmente que não há no mundo beleza mais perfeita.

Quem não conhecesse bem o rei, pai da princesa, poderia crer, pelas suas demonstrações de ternura, que está apaixonado por ela. Nunca amante nenhum fez pela mulher querida o que ele tem feito pela filha. Com efeito, o mais violento dos ciúmes jamais deu a imaginar o que o cuidado de torná-la inacessível a qualquer outro homem, que não ao que deve desposá-la, o fez excogitar ou inventar. Para que ela não se aborrecesse no retiro que lhe destinou, mandou construir sete palácios, e coisa igual nunca se viu no mundo. O primeiro é de cristal de rocha, o segundo de bronze, o terceiro de aço do mais fino, o quarto de outra espécie de bronze mais precioso que o outro, o quinto de pedra de toque, o sexto de prata e o sétimo de ouro maciço. Mobiliou-os suntuosamente, cada um de acordo com o tipo de construção. Não esqueceu nos jardins os canteiros de fresca relva repletos de flores, os lagos, as fontes, os canais, as cascatas, os bosques cheios de árvores, nos quais o Sol nunca penetra. Enfim, o rei Gaiur demonstrou que o amor paterno o levou a uma despesa imensa.

‘Atraídos pela fama da incomparável beleza da jovem, os reis vizinhos mandaram, em primeiro lugar, pedi-la em casamento por solenes embaixadas. O rei da China a todas acolheu da mesma maneira; mas como não pretendia casar a princesa sem o seu consentimento, e como a princesa não se interessava por nenhum dos partidos, os embaixadores, embora se retirassem insatisfeitos quanto ao assunto da embaixada, partiam contentíssimos com as gentilezas e honras que lhes eram tributadas.

Senhor, dizia a princesa ao rei da China, quereis que eu me case, e com isso julgais proporcionar-me um grande prazer. Agradeço-vos. Mas onde poderei encontrar, a não ser na vossa corte, palácios tão soberbos e jardins tão deliciosos? Acresce que em nada me sinto constrangida e que me são prestadas as mesmas honras que a vós. São vantagens que não encontrarei em parte nenhuma do mundo, case-me com quem me casar. Os maridos querem sempre ser patrões, e eu não tenho inclinação para obedecer.

Após várias embaixadas, chegou uma da parte de um rei mais rico e poderoso que todos os que se haviam apresentado. O rei da China expôs à

filha as vantagens que ela teria com tal matrimônio. A princesa suplicou-lhe que a dispensasse, e apresentou-lhe as mesmas razões de antes. Ele insistiu; mas, em vez de ceder, a princesa perdeu o respeito pelo pai. Senhor, disse-lhe, encolerizada, não me faleis mais em casamento, senão hei de afundar um punhal no peito, livrando-me assim da vossa importunidade.

O rei da China, extremamente indignado com a princesa, respondeu-lhe: Minha filha, estais louca, e como louca hei de tratar-vos. Com efeito, mandou trancá-la num aposento de um dos palácios, e só lhe deu dez velhas para fazer-lhe companhia e servi-la, sendo a principal a sua própria ama. Em seguida, para que os reis vizinhos não pensassem nela, enviou-lhes emissários que lhes anunciaram não pretender ela de maneira nenhuma casar-se. Certo de que estava realmente louca, encarregou os mesmos emissários de anunciar em cada corte que, se houvesse um médico capaz de curá-la, ele, em recompensa, lhe daria como esposa.’

‘Bela Maimune’, prosseguiu Danhach, ‘assim estão as coisas, e eu não deixo de ir regularmente todas as noites contemplar a incomparável beleza, a quem seria incapaz de fazer o menor mal, apesar da minha natural maldade. Vinde vê-la, peço-vos, que ela vale a pena. Quando verificardes que não sou mentiroso, estou certo de que me agradecereis terdes contemplado uma princesa que em formosura não possui igual. Estou pronto a servir-vos de guia.’

Em vez de responder a Danhach, Maimune explodiu numa longa gargalhada; e Danhach, que não sabia a que atribuir aquilo, ficou atônito. Quando acabou de rir, respondeu-lhe Maimune: ‘Bem, bem, queres enganar-me. Pensei que me fosses falar de alguma coisa surpreendente e rara e falas-me de uma remelenta qualquer? Que dirias, maldito, se tivesses visto, como eu, o belo príncipe a quem amo como merece? Verdadeiramente é uma coisa bem diferente, e tu enlouquecerias.’

‘Bondosa Maimune’, respondeu Danhach, ‘poderei ousar perguntar-vos quem é esse príncipe?’ ‘Sabe’, disse Maimune, ‘que lhe sucedeu quase o mesmo que à princesa de que acabas de me falar. O rei, seu pai, queria que se casasse. Após muito tempo, declarou o jovem, franca e rudemente, que

não cederia. Eis por que, enquanto te falo, está encerrado numa velha torre onde eu moro, e onde acabo de admirá-lo.’

‘Não quero contradizer-vos’, insistiu Danhach; ‘mas haveis de permitir-me, até que eu tenha visto o vosso príncipe, que julgue não existir mortal cuja beleza se compare à da minha princesa.’ ‘Cala-te, maldito’, respondeu Maimune, ‘digo-te mais uma vez que é impossível.’

‘Não me obstino contra vós’, acrescentou Danhach; ‘o meio de vos convencer se digo a verdade ou não é aceitar o convite que vos fiz de visitar a minha princesa, e mostrar-me, depois, o vosso príncipe.’

‘Não é preciso que me dê tal trabalho’, disse Maimune. ‘Há outro meio de ficarmos satisfeitos, é trazeres a tua princesa e pô-la ao lado do meu príncipe, no mesmo leito. Assim, será fácil, a mim e a ti, compará-los e tirar dúvidas.’

Danhach concordou com o desejo da fada e quis voltar à China imediatamente. Maimune, porém, deteve-o. ‘Espera’, disse-lhe, ‘vem, antes, ver a torre para onde deves levar a tua princesa.’ Voaram juntos até a torre, e quando Maimune a mostrou a Danhach, disse-lhe: ‘Vai buscar a princesa, e anda depressa; encontrar-me-ás aqui. Mas ouve: quero que, pelo menos, me pagues uma aposta, se o meu príncipe for mais belo que a tua princesa; se esta, porém, for mais bela, eu te pagarei...’

O dia, surgindo, obrigou Sherazade a calar-se. Na noite seguinte, retomando o fio da história, disse ao sultão da Índia:

215^A NOITE

“Danhach afastou-se da fada, rumou para a China e de lá voltou com incrível rapidez, transportando a formosa princesa adormecida. Maimune, recebendo-a, introduziu-a no quarto do príncipe Camaralzaman e colocou-a sobre o leito, ao seu lado.

Quando o príncipe e a princesa ficaram juntos, houve entre o gênio e a fada uma grande disputa. Por algum tempo, os contemplaram, sem falar. Finalmente, Danhach rompeu o silêncio e disse a Maimune: ‘Estais vendo, e eu bem que vos avisara que a minha princesa é mais bela que o vosso príncipe. Duvidais ainda?’

‘Como não duvido!’, respondeu Maimune. ‘Deves estar cego para não reconhecer que o meu príncipe é muito superior à tua princesa. Ela é linda, confesso, mas não te apresses; compara-os bem, sem prevenção, e reconhecerás a verdade do que afirmo.’

‘Mesmo que os comparasse por muito tempo’, respondeu Danhach, ‘não mudaria meu modo de pensar. Vi o que estou vendo, desde o primeiro instante, e o tempo não me faria ver outra coisa que o que estou vendo. Isso não impedirá, encantadora Maimune, que eu ceda, se assim desejardes.’ ‘Não’, disse Maimune, ‘não quero que um maldito gênio como tu me conceda um favor. Entrego a questão a um juiz, e, se não consentires, será para mim uma vitória a tua recusa.’

Danhach, que estava pronto para qualquer outra complacência em proveito de Maimune, deu imediatamente seu devido consentimento. Maimune bateu no chão com o pé, a terra se abriu e imediatamente saiu dela uma espécie de gênio hediondo, corcunda, vesgo, com seis chifres na cabeça, mãos e pés curvados. Mal a terra se fechou de novo e ele percebeu que era Maimune, se lançou aos seus pés. Depois, com um dos joelhos sobre o chão, perguntou-lhe o que desejava.

‘Levantai-vos, Cachcah’, disse-lhe. ‘Chamei-vos para ser juiz numa disputa que mantive com esse maldito Danhach. Olhai para o leito, e dizei-

nos sem parcialidade quem vos parece mais belo, o jovem ou a jovem.’

Cachcah contemplou o príncipe e a princesa com extraordinária surpresa e admiração. Depois, sem poder decidir-se, respondeu: ‘Senhora, confesso-vos que vos enganaria e que me trairia se vos dissesse que acho um mais lindo que o outro. Quanto mais os examino, tanto mais me parece que cada um possui, no mais soberano grau, a beleza de que partilham; além disso, nenhum dos dois tem o menor defeito, em virtude do que se possa afirmar que é inferior ao outro. Se um deles tem qualquer defeito, só há um meio para o sabermos: é despertá-los um depois do outro. Aquele que demonstrar mais amor, pelo seu entusiasmo, pelo seu arrebatamento, terá menos beleza em determinado ponto.’

O conselho de Cachcah agradou a Maimune e a Danhach. Maimune, metamorfoseando-se em pulga, saltou ao pescoço de Camaralzaman e picou-o tão violentamente que ele acordou e levou a mão ao ponto ferido, sem nada apanhar. Maimune apressara-se em dar outro salto para trás e a retomar a forma habitual, invisível contudo, assim como os dois gênios, a fim de verificar o que se passaria.

Retirando a mão, o príncipe deixou-a tombar sobre a da princesa da China. Abriu os olhos, então, e extasiou-se ao ver deitada perto dele uma jovem mulher de tão grande beleza. Levantando a cabeça, apoiou-se sobre o cotovelo, para contemplá-lo melhor. A juventude da princesa e a sua incomparável beleza inflamaram-no imediatamente com um fogo a que até então fora insensível, e pelo que tivera tamanha aversão.

O amor apoderou-se do seu coração, e ele não pôde deixar de exclamar: ‘Que beleza! Que encanto! Meu coração, minha alma!’ Ao mesmo tempo, beijou-a na testa, nas faces e na boca, com tão pouca precaução que ela teria despertado, se não estivesse adormecida mais profundamente que o normal por obra de Danhach.

‘Como, formosa mulher’, estranhou o príncipe, ‘não despertais às provas de amor do príncipe Camaralzaman? Quem quer que sejais, ele não é indigno de vós.’ Ia acordá-la, mas deteve-se de repente: ‘Não será essa mulher’, refletiu, ‘a que o sultão, meu pai, pretendia que eu desposasse? Muito errado andou em não mostrá-la a mim. Não o teria ofendido com a

minha desobediência e o meu arrebatamento em público, e ele teria poupado a confusão em que se viu.’ O príncipe Camaralzaman arrependeu-se sinceramente da falta cometida e esteve ainda a ponto de acordar a princesa da China. ‘Talvez queira o sultão, meu pai, fazer-me uma surpresa! Sem dúvida, mandou-me essa jovem para descobrir se eu realmente tinha tão grande aversão pelo casamento. Quem sabe se não a trouxe ele mesmo, e se se não ocultou para aparecer, de súbito, e envergonhar-me? Esta segunda falta seria muito maior que a primeira. Enfim, me contentarei com esse anel para dela me lembrar.’

Era um belíssimo anel o da princesa. Ele o tirou docemente e substituiu-o pelo seu. Depois, dando-lhe as costas, adormeceu mais profundamente que antes, por encantamentos dos gênios.

Então, Danhach transformou-se em pulga e foi morder a princesa, embaixo do lábio. Ela despertou sobressaltada, e, abrindo os olhos, admirou-se por se ver deitada com um homem. Do espanto passou à admiração, e da admiração a um impulso de alegria, quando verificou tratar-se de um formoso jovem.

‘Como! sois vós que meu pai me havia destinado por esposo? Como me entristeço por não o ter sabido antes. Não o teria encolerizado contra mim, e não teria estado privada por tanto tempo de um marido que não posso deixar de amar de todo o coração. Despertai, despertai! Não fica bem a um marido dormir tão profundamente na primeira noite de núpcias.’

Dizendo tais palavras, a princesa pegou o príncipe Camaralzaman pelo braço e agitou-o com força. Ele teria acordado, se naquele momento Maimune não tivesse aumentado o sono que o possuía. A princesa sacudiu-o repetidas vezes, mas, ao ver que não despertava, perguntou: ‘Que vos sucedeu? Algum rival, ciumento da vossa ventura e da minha, terá recorrido à magia e vos terá lançado nesse sono?’ Pegou-lhe a mão, e, beijando-a ternamente, notou o anel. Achou-o tão semelhante ao seu que se convenceu de que era realmente o mesmo, quando viu outro no dedo. Não compreendeu como fora feita a troca, mas não duvidou de que se tratava do sinal do casamento. Cansada do trabalho inútil para despertá-lo e, certa que não lhe escaparia, disse-lhe: ‘Não insisto em interromper o vosso sono.

Tornaremos a nos ver.' Após beijá-lo no rosto, ao pronunciar as últimas palavras, voltou-se, e não tardou em adormecer novamente.

Quando Maimune notou que podia falar sem temor de que a princesa despertasse, disse a Danhach: 'E então, maldito, viste? Estás convencido de que a tua princesa é menos bela que o meu príncipe? Perdoo-te a aposta feita. Outra vez, acredita-me, quando eu te afirmar alguma coisa.' E, voltando-se para Cachcah, disse-lhe: 'Quanto a vós, agradeço-vos. Pegai a princesa, com Danhach, e depositai-a de novo em seu leito.' Danhach e Cachcah executaram a ordem de Maimune, e esta retirou-se para o seu poço..."

O dia, que começava a surgir, impôs silêncio à sultana Sherazade. O sultão da Índia levantou-se e, na noite seguinte, a sultana continuou a contar-lhe a história:

216^A NOITE

“O príncipe Camaralzaman, despertando no dia seguinte, olhou para o lado a fim de verificar se ainda lá continuava a mulher vista de noite. Mas, ao notar o lugar vazio, pensou: ‘Bem havia eu pensado tratar-se de uma surpresa que meu pai pretendeu fazer-me. Estou alegre por ter-me precavido.’ Acordando seu escravo, ordenou-lhe que o vestisse, sem nada lhe dizer. O escravo trouxe-lhe uma bacia de água. O príncipe se levantou e, depois de orar, pegou um livro, e por algum tempo ficou lendo.

Após esses passos habituais, chamou o escravo e disse-lhe: ‘Venha aqui e não me mintas. Dize-me como apareceu a mulher que dormiu comigo essa noite e quem a trouxe.’

‘Príncipe’, respondeu o escravo, atônito, ‘de que mulher estais falando?’ ‘Da que veio, ou que me trouxeram essa noite, e que dormiu comigo.’ ‘Príncipe’, respondeu o escravo, ‘juro-vos que nada sei. Por onde teria entrado a mulher, se eu durmo à vossa porta?’

‘És um mentiroso, maroto’, respondeu o príncipe, ‘e fazes parte da trama para me afligir e encolerizar.’ Com tais palavras, deu-lhe uma bofetada, atirando-o no chão; e, após pisá-lo, amarrou-o por baixo dos ombros com a corda do poço, desceu-o e mergulhou-o várias vezes na água, até cobrir-lhe a cabeça. ‘Eu o afogarei, se não me disseres imediatamente quem é a mulher e quem a trouxe!’, exclamou com raiva.

O escravo, perplexo e pela metade dentro da água, pensou: Sem dúvida, o príncipe perdeu o juízo, e eu só poderei escapar por uma mentira! ‘Príncipe’, prosseguiu em tom de súplica, ‘dai-me a vida, e eu prometo que vos contarei tudo’, concluiu.

O príncipe puxou o escravo para cima. Quando se viu fora do poço, disse-lhe o escravo, tremendo: ‘Bem vedes que não posso satisfazer-vos no estado em que me encontro. Concedei-me tempo suficiente para ir trocar de roupa.’

‘Concedo-te’, respondeu o príncipe. ‘Mas anda depressa, e cuida de não me ocultares a verdade.’

O escravo saiu. E, fechando a porta, correu ao palácio, onde o rei estava conversando com o grão-vizir, a quem se queixava da péssima noite passada pela desobediência criminosa do filho, opondo-se à sua vontade.

O ministro esforçava-se em consolá-lo, e fazer-lhe compreender que o próprio príncipe fora o culpado. ‘Senhor, não deveis arrepender-vos de tê-lo mandado prender. Se tiverdes a paciência de deixá-lo algum tempo na prisão, podereis estar certo de que ele perderá o arrebatamento da mocidade e acabará por submeter-se a tudo quanto dele exigirdes.’

O grão-vizir estava terminando de proferir essas últimas palavras quando o escravo se apresentou ao rei Chahzaman. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘sinto muito vir anunciar-vos uma coisa que só ouvireis com grande desgosto. O fato de o príncipe afirmar que uma mulher dormiu com ele essa noite, e o estado em que me deixou, como podeis ver, confirmam infelizmente ter perdido o juízo.’ Em seguida, pormenorizou tudo quanto o príncipe dissera, a maneira pela qual fora tratado, em palavras dignas de fé.

O rei, que não esperava mais aquela angústia, disse ao grão-vizir: ‘Eis um dos acidentes mais importunos, bem diferente da esperança que vós tratáveis de me incutir há pouco. Ide, não percais tempo, verificai pessoalmente o que se passa e vinde informar-me.’

O grão-vizir obedeceu imediatamente, e, entrando no quarto do príncipe, encontrou-o sentado, tranquilo, com um livro na mão, lendo. Saudou-o, sentando-se perto dele e dizendo: ‘Estou zangado com o vosso escravo por ele ter assustado o rei vosso pai com a notícia que lhe levou.’

‘Que notícia?’, perguntou o príncipe, ‘e por que se assustou tanto meu pai? Eu tenho motivo muito maior para queixar-me do escravo.’

‘Príncipe’, respondeu o vizir, ‘não queira Deus que seja verdade o que disse de vós! O bom estado em que vos encontro, e em que, rogo a Deus, vos conserveis, dá-me a conhecer que se trata de um engano.’ ‘Talvez’, disse o príncipe, ‘ele não tenha se explicado bem. Pois que viestes, valho-me do ensejo para perguntar a uma pessoa como vós, que deve saber as coisas, onde está a mulher que dormiu comigo essa noite?’

O grão-vizir estremeceu-se diante daquela pergunta. ‘Príncipe’, respondeu-lhe, ‘não vos assombréis com o espanto que me transparece no rosto. Seria possível, já não digo uma mulher, que um homem pudesse penetrar de noite até aqui, onde não se entra a não ser pela porta, e pisando o vosso escravo? Por favor, lembrai-vos bem, e verificareis que tivestes um sonho que vos impressionou fortemente.’

‘Não cedo às vossas palavras’, disse o príncipe, falando num tom mais alto. ‘Quero saber o que foi feito dessa mulher, e saberei fazer-me obedecer.’

Diante de palavras tão firmes, o grão-vizir viu-se num indizível embaraço, e refletiu o melhor meio de livrar-se. Empregando a doçura, perguntou ao príncipe, com as mais humildes palavras, se ele mesmo vira a tal mulher.

‘Sim, sim’, respondeu o príncipe. ‘Eu a vi e percebi que fostes vós quem aqui a introduziu para me tentar’, concluiu. ‘Ela desempenhou muito bem o papel que a incumbistes de representar, fingiu estar adormecida e afastou-se mal me viu dormir de novo. Vós o sabeis; sem dúvida, pois ela o terá dito.’

‘Príncipe’, disse o grão-vizir, ‘juro-vos que não é verdade o que acabo de ouvir da vossa boca, e que o rei, vosso pai, e eu não vos enviamos a mulher de que falais. Sequer pensamos nisso. Permitti-me dizer-vos mais uma vez que só a vistes em sonho.’

‘Vindes, pois, zombar-vos de mim’, desabafou o príncipe, encolerizado, ‘e dizer-me que o que vos conto não passa de um mero sonho?’ Assim falando, pegou-o pela barba, e espancou-o, enquanto teve forças.

O pobre grão-vizir suportou pacientemente, por respeito, a cólera de Camaralzaman. ‘Eis-me’, refletiu, ‘no mesmo caso que o escravo, e felicíssimo, se me for dado escapar, como ele, a tão grande perigo!’ No meio das pancadas, pediu: ‘Príncipe, suplico-vos ouvir-me um instante.’ O príncipe, cansado de bater, deixou-o falar.

‘Confesso-vos, príncipe’, disse então o grão-vizir, dissimulando, ‘que há certa verdade no que acreditais. Mas não ignorais a necessidade em que se encontra o vizir de cumprir as ordens do rei. Se tiverdes a bondade de permitir-me, estou pronto a ir dizer-lhe de vossa parte o que me ordenardes.’ ‘Permito’, respondeu o príncipe. ‘Idei dizei-lhe que quero desposar a mulher

que ele me enviou, ou me trouxe, e que essa noite dormiu comigo. Andai depressa e trouxe-me, mais depressa ainda, a resposta.’ O grão-vizir fez profunda reverência ao despedir-se, e só se julgou livre quando se viu fora da torre.

O grão-vizir apresentou-se ao rei Chahzaman profundamente triste. ‘E então’, perguntou-lhe o monarca, ‘em que estado vistes meu filho?’ ‘Senhor’, respondeu o ministro, ‘o que o escravo contou a vossa majestade é a pura verdade’. E narrou-lhe a conversa com o príncipe, o mau trato recebido e o artifício empregado para livrar-se a tempo.

Chahzaman, mais mortificado ainda por amar sempre ternamente o jovem, quis verificar pessoalmente o que sucedia e foi visitá-lo acompanhado pelo grão-vizir...”

— Mas, senhor — disse, nesse ponto, a sultana Sherazade, interrompendo-se —, vejo que o dia começa a surgir.

E calou-se. Na noite seguinte, retomando o fio da história, disse ao sultão da Índia:

217^A NOITE

“O príncipe acolheu o rei com grande respeito. O rei se sentou, e, mandando que o filho se sentasse ao seu lado, fez-lhe várias perguntas, que o jovem respondeu com grande sensatez. De vez em quando olhava para o grão-vizir, como para lhe dizer que o filho não perdera o juízo.

Finalmente, começou a falar da misteriosa mulher. ‘Meu filho’, pediu-lhe, ‘peço-vos que me faleis da mulher que dormiu convosco, essa noite, ao que se diz.’

‘Senhor’, respondeu Camaralzaman, ‘suplico a Vossa Majestade que não aumente o meu pesar. Fazei-me, antes, o favor de me conceder a sua mão. Não obstante a antipatia que demonstrei até agora pelas mulheres, essa jovem de tal forma me enfeitiçou que eu não me envergonho de confessar minha fraqueza. Estou pronto a recebê-la de vós.’

O rei Chahzaman ficou atônito diante da resposta do príncipe, tão distante, assim lhe parecia, do bom senso demonstrado até aquele instante. ‘Meu filho’, prosseguiu, ‘falais-me de tal modo que não consigo arrancar-me ao assombro que as vossas palavras me causam. Juro-vos pela Coroa, que um dia há de ser vossa, que nada sei da mulher que me falais, e se aqui veio alguma, não foi com a minha intervenção. Mas como poderia ter penetrado nessa torre, sem o meu consentimento? Tudo quanto o meu grão-vizir vos disse só teve um objetivo, o de acalmar-vos. Deve tratar-se de um sonho. Cuidado, muito cuidado, precavei-vos bem.’

‘Senhor’, respondeu o príncipe, ‘eu seria indigno da vossa bondade, se não acreditasse no que me dizeis. Ouvi-me, porém, e julgai, se o que tenho a vos contar é um simples sonho.’

Contou, então, ao rei de que modo havia despertado. Exagerou a beleza e os encantos da mulher que vira deitada ao seu lado, o amor que o invadira num instante, e tudo quanto fizera, inutilmente aliás, para despertá-la. Não lhe ocultou também ter adormecido de novo, após trocar o seu anel com o dela. E, terminando, mostrou seu novo anel ao rei, dizendo-lhe: ‘Senhor, o

meu anel não vos era desconhecido, pois que sempre o vistes. Com isso, espero que vos convencereis de que não perdi o juízo, como vos deram a crer.’

Chahzaman reconheceu tão claramente a verdade naquilo que o príncipe acabava de lhe contar que nada pôde responder. O seu assombro foi tal que por muito tempo ficou sem dizer uma só palavra.

O príncipe aproveitou-se daqueles instantes e disse-lhe: ‘Senhor, a paixão que sinto pela encantadora criatura cuja imagem conservo carinhosamente no meu coração já é tão violenta que não sou capaz de resistir-lhe; suplico-vos ter compaixão de mim e proporcionar-me a ventura de tê-la.’

‘Após o que ouvi, meu filho, e após o que vejo por este anel’, prosseguiu o rei, ‘não posso duvidar da realidade da vossa paixão e de que vistes de fato a mulher que a fez nascer. Prouvera a Deus que eu a conhecesse! Ficaríeis contente hoje mesmo, e eu seria o mais feliz dos pais da Terra. Mas onde procurá-la? Como e por onde entrou essa criatura, sem que de nada eu soubesse e sem o meu consentimento? Por que entrou somente para dormir convosco, para mostrar-vos a sua beleza, para inflamar-vos de amor enquanto dormia e para desaparecer enquanto vós dormíeis? Nada compreendo dessa aventura, meu filho, e, se o céu não nos ajudar, iremos para o túmulo vós e eu.’ Terminando tais palavras e pegando a mão do filho, disse-lhe: ‘Vinde, vamos chorar juntos, vós por amardes sem esperança, e eu por vê-lo chorar e não poder remediar o vosso mal.’

O rei Chahzaman tirou o filho da torre e levou-o para o palácio, onde o príncipe, desesperado por amar com toda sua alma uma desconhecida, pôs-se no leito. O rei encerrou-se com ele e chorou durante vários dias, sem querer tomar conhecimento dos negócios do reino.

O seu grão-vizir, o único que tinha entrada livre, foi um dia contar-lhe que toda a corte e até o povo começava a murmurar por não vê-lo mais e por não ministrar ele justiça, diariamente, como costumava fazer. Disse-lhe também que não se responsabilizava pelas desordens que, por acaso, sobreviessem. ‘Suplico-vos’, prosseguiu, ‘dar a devida atenção ao caso. Estou certo de que a vossa presença alivia a dor do príncipe, e que a do príncipe alivia a vossa, mas deveis lembrar-vos de que assim não é possível continuar.

Perdoai-me, se vos aconselho transferir-vos com o príncipe para o castelo da ilhota pouco distante do porto e dar audiência somente duas vezes por semana. Enquanto tal mister vos obrigar a um afastamento do príncipe, a encantadora beleza do lugar, o ar puro e o maravilhoso panorama farão com que o príncipe suporte a vossa ausência, curta aliás, com muito mais paciência.’

O rei Chahzaman aprovou o conselho; quando o castelo, que já fazia muito que se não dirigia, foi mobiliado para ele, se mudou com o príncipe, a este só deixando na ocasião das duas audiências. Passava o resto do tempo à cabeceira do filho, esforçando-se, umas vezes, em consolá-lo, outras, chorando por ele.

Enquanto isso sucedia na capital do rei Chahzaman, os dois gênios, Danhach e Cachcah, haviam levado a princesa da China ao palácio, em que o rei da China a encerrara, tornando a pô-la no leito.

No dia seguinte, pela manhã, ao despertar, a princesa da China olhou para a direita e para a esquerda. Quando verificou que Camaralzaman não estava ao seu lado, chamou as mulheres, que acorrendo-lhe imediatamente, lhe rodearam o leito. A ama, que se pôs à sua cabeceira, perguntou-lhe o que desejava e se acontecera alguma coisa.

‘Dizei-me’, pediu a princesa, ‘onde está o jovem a quem amo profundamente e que dormiu comigo essa noite?’ ‘Princesa’, respondeu a ama, ‘não compreendemos. Explicai-vos melhor, por favor.’

‘Um jovem’, prosseguiu a princesa, ‘o mais formoso que se possa imaginar, dormiu ao meu lado essa noite. Acariciei-o e fiz o possível para despertá-lo, sem conseguir o meu intento. Dizei-me onde se encontra.’

‘Princesa’, respondeu a ama, ‘é sem dúvida para zombar de nós que assim procedeis. Quereis levantar-vos?’

‘Falo seriamente’, respondeu a princesa, ‘e quero saber onde está.’ ‘Mas, princesa’, insistiu a ama, ‘estáveis sozinha, quando vos deitamos ontem de noite, e ninguém aqui entrou para deitar-se convosco, que saibamos.’

A princesa da China perdeu a paciência e deu na ama bofetadas e murros, dizendo: ‘Tu me contarás tudo, velha bruxa, ou eu te matarei.’

A ama fez grandes esforços para se livrar dela. Conseguiu, enfim, e correu imediatamente para procurar a rainha da China, mãe da princesa, a quem se apresentou com lágrimas nos olhos e rosto machucado, com grande assombro da rainha, que lhe perguntou por que se achava naquele estado.

‘Senhora’, disse a ama, ‘estais vendo como a princesa me tratou. Ela me teria matado, se eu não lhe tivesse escapado.’ E contou-lhe, em seguida, o motivo da sua cólera, o que causou na rainha um misto de surpresa e dor. ‘Vedes, senhora’, acrescentou, ‘que a princesa está fora de si. Visitai-a e vos convencereis de que o que afirmo é verdade.’

A ternura da rainha da China fez-se ouvir. Acompanhada pela ama, correu a visitar a filha.”

A sultana Sherazade quis continuar, mas, percebendo a chegada do dia, se calou. Na noite seguinte, retomando a história, disse ao sultão da Índia:

218^A NOITE

“A rainha da China sentou-se perto da filha, chegando ao aposento em que ela estava encerrada, e, após informar-se da sua saúde, perguntou-lhe qual a razão do seu descontentamento contra a ama. ‘Minha filha, isso não vos fica bem, e uma grande princesa não deve jamais deixar-se levar por excessos.’

‘Senhora’, respondeu a princesa, ‘vejo que também vós vindes aqui zombar de mim; mas eu vos digo que não sossegarei enquanto não tiver desposado o formoso cavaleiro que essa noite dormiu comigo. Deveis saber onde ele está; por conseguinte, peço-vos que o façais voltar.’

‘Minha filha’, respondeu a rainha, ‘surpreendeis-me, e eu nada compreendo das vossas palavras.’ A princesa perdeu, então, o respeito. ‘Senhora’, disse, ‘o rei, meu pai, e vós me perseguistes para obrigar-me ao casamento quando eu não tinha inclinação. Agora, sinto-a, e quero ter por marido o cavaleiro que vos mencionei, senão morrerrei.’

A rainha tentou convencer a filha pela doçura. ‘Minha filha, bem sabeis que estais sozinha no vosso aposento e que ninguém aqui pode entrar.’ Em vez, porém, de ouvi-la, a princesa interrompeu-a e entregou-se a extravagâncias, que obrigaram a rainha a se retirar cheia de dor, para ir contar tudo ao rei.

O rei quis imediatamente verificar a situação. Chegando ao aposento da filha, perguntou-lhe se era verdade o que acabava de saber. ‘Senhor’, respondeu-lhe ela, ‘não falemos nisso; concedei-me apenas a graça de me devolver o homem que amo e que dormiu comigo.’

‘Como, minha filha!’, respondeu o rei, ‘alguém dormiu convosco essa noite?’ ‘Vós ainda me perguntais se alguém dormiu comigo?’, interrompeu-o a princesa, sem lhe dar tempo de prosseguir. ‘É o cavaleiro mais formoso jamais visto na Terra. Torno a pedir-vos, não me recuseis. A fim de que não duvideis de eu ter visto o cavaleiro, de ele ter dormido comigo, de tê-lo acariciado, e dos meus esforços para despertá-lo, sem o conseguir, examinai

esse anel.’ E estendeu a mão. O rei da China não soube o que pensar, quando reconheceu o anel de um homem. Mas como nada compreendesse do que a filha lhe dizia, julgou-a mais louca ainda do que antes. Assim, sem dizer mais nada, com medo de que ela praticasse uma violência contra ele ou contra os que dela se aproximassem, mandou que a acorrentassem, deixando-lhe apenas a ama para servi-la, com guardas à porta.

O rei da China, inconsolável da desgraça sucedida à princesa que perdera o juízo, segundo ele tinha por certo, cuidou dos meios de curá-la. Reuniu o conselho, e, após expor o estado em que ela se encontrava, acrescentou: ‘Se algum de vós conseguir curá-la, darei a mão de minha filha e o farei herdeiro dos meus Estados e da minha coroa.’

O desejo de possuir uma formosa princesa e a esperança de governar um dia tão poderoso reino como o da China surtiram grande efeito no espírito de um emir já idoso presente ao conselho. Visto que era hábil na magia, ofereceu-se ao rei, certo de que curaria a jovem. ‘Consinto’, disse o rei, ‘mas advirto-vos antes de que é com a condição de terdes a cabeça cortada, se falhardes. Não seria justo que merecêsseis tão grande recompensa, sem arriscar alguma coisa. O que digo de vós digo-o de todos os outros que se apresentarem depois, no caso de não aceitardes as condições, ou no caso de não conseguirdes curá-la.’

O emir aceitou as condições e o rei levou-o pessoalmente ao aposento da princesa. Esta cobriu o rosto ao ver aparecer o emir. ‘Senhor’, disse, ‘surpreendeis-me trazendo um homem que não conheço, e a quem a religião me proíbe mostrar-me.’ ‘Minha filha’, respondeu o rei, ‘a sua presença não deve vos scandalizar; é um dos meus emires que vos pediu em casamento.’ ‘Senhor’, disse a princesa, ‘não é o que já me destes, e cuja promessa recebi com o anel que uso. Não vos zangueis, se não o aceito.’

O emir esperava que a princesa fizesse malcriações. Espantou-se ao vê-la tranquila e falar com tão grande sensatez, e reconheceu imediatamente que a sua loucura se limitava a um violento amor. Não ousou tomar a liberdade de entrar em explicações com o rei. Este não permitira que a princesa entregasse o coração a outro homem que não ao que lhe destinava. Prostrando-se a seus pés, disse então: ‘Senhor, após o que ouvi, seria inútil

empreender a cura da princesa; não possuo remédio adequado ao seu mal, e a minha vida está à vossa disposição.’ O rei, irritado com a incapacidade do emir, mandou que lhe cortassem a cabeça.

Alguns dias depois, para não recriminar-se por qualquer negligência na cura da princesa, fez o monarca anunciar na capital que se houvesse um médico, astrólogo, mágico, assaz experimentado para devolver à filha o juízo, bastaria apresentar-se, com a condição de perder a cabeça, no caso de mau êxito. Mandou anunciar a mesma notícia nas principais cidades do país e nas cortes dos príncipes vizinhos.

O primeiro que se apresentou foi um astrólogo e mágico a quem o rei ordenou que levassem à prisão da princesa. O astrólogo tirou de um alforje um astrolábio, uma pequena esfera, um rescaldo, vários tipos de drogas para fumegação, um vaso de cobre, várias outras coisas, e pediu fogo.

A princesa da China perguntou o que significava tudo aquilo. ‘Princesa’, respondeu um eunuco, ‘serve para expulsar o mau espírito que vos possui, encerrá-lo no vaso que aqui está e lançá-lo ao fundo do mar.’

‘Maldito astrólogo, não preciso desses teus preparativos, tendo todo o meu juízo. Tu é que és louco! Se o teu poder chegou até aí, traze-me aquele que amo; será o melhor serviço que poderás prestar-me’, disse a princesa. ‘Princesa’, respondeu o astrólogo, ‘se é assim, não depende de mim atender ao vosso pedido, mas de vosso pai.’ E tornou a pôr no alforje tudo que dele havia tirado, aborrecidíssimo por se ter empenhado em curar uma doente imaginária.

Quando o eunuco levou de novo o astrólogo à presença do rei da China, não esperou o pobre homem que o eunuco falasse, e disse: ‘Senhor, conforme mandastes publicar, e me confirmastes pessoalmente, julguei que a princesa estivesse louca e tinha a certeza de lhe devolver o juízo mediante os segredos que possuo; mas não tardei em ver que ela não tem outra doença senão a de amar, e a minha arte não conhece remédios para o mal de amor. Vós a curareis melhor que qualquer outra pessoa dando-lhe o marido que ela exige.’

O rei tratou o astrólogo de insolente e ordenou que lhe cortassem a cabeça. Enfim, um depois do outro, apresentaram-se 150 médicos, astrólogos

e mágicos, cujas cabeças foram enfileiradas nos muros da cidade.

A história de Marzavan, com o prosseguimento da história de Camaralzaman

Tinha a ama da princesa da China um filho chamado Marzavan, irmão de leite da princesa. A amizade entre ambos fora tão grande na infância que se tratavam como irmãos, mesmo depois de terem sido separados, em virtude da sua idade.

Entre as várias ciências que Marzavan praticava, levava-o a inclinação ao estudo da astrologia, da geomancia e outras ciências ocultas, em que se revelara muito hábil. Não satisfeito com o que aprendera dos seus mestres, pusera-se a viajar bem cedo. Não havia homem célebre em ciência e em arte a quem ele não tivesse procurado nas cidades mais distantes, e com quem não tivesse privado bastante tempo para deles aproveitar todos os conhecimentos.

Após uma ausência de vários anos, Marzavan voltou, enfim, à capital da China, e as cabeças cortadas nos muros da cidade o encheram de terror. Ao entrar em casa, perguntou por que lá se achavam, e soube do que sucedera à princesa, sua irmã de leite, de quem não se esquecera. Muito triste, esperou a vinda de sua mãe para ter outras informações...”

Sherazade se calou nesse ponto. Na noite seguinte, retomou o fio da história, dizendo ao sultão da Índia:

219^A NOITE

— Senhor — disse ela —, “embora a ama, mãe de Marzavan, estivesse demasiadamente ocupada com a princesa da China, mal sabendo que seu filho voltara, saiu para abraçá-lo e com ele entreter-se por algum tempo. Depois de saber o lastimável estado em que se achava a princesa e por que o rei da China a tratava de tal forma, Marzavan perguntou-lhe se ela não poderia fazer com que a visse, sem que o rei de nada desconfiasse. A ama, pensando um pouco, respondeu-lhe: ‘Meu filho, nada vos posso garantir agora; esperai até amanhã, à mesma hora, que eu vos darei a resposta.’

Como, fora a ama, ninguém tivesse acesso ao aposento da princesa, a não ser com a permissão do eunuco que comandava a guarda da porta, a ama, que sabia estar ele a serviço do rei havia pouco e que ignorava o que se passara antes na corte do rei da China, disse-lhe: ‘Sabeis que amamentei e criei a princesa, mas não sabeis que a amamentei com uma filha minha da mesma idade, que se casou não faz muito tempo. A princesa, que a honra com a sua amizade, gostaria de vê-la, mas quer que isso aconteça sem que ninguém a veja entrar e sair.’

A ama quis falar ainda, mas o eunuco a deteve, dizendo: ‘Basta-me isso, farei sempre com prazer tudo quanto puder para favorecer a princesa. Mandai vir, ou ide buscar vossa filha quando for noite, e trazei-a depois de o rei ter se retirado. A porta lhe será aberta.’

Quando anoiteceu, a ama foi buscar Marzavan. Disfarçou-o ela mesma de mulher, de modo que ninguém o reconheceria, e levou-o. O eunuco abriu-lhe a porta e deixou-os entrar.

Antes de apresentar Marzavan, a ama aproximou-se da princesa. ‘Senhora, não é mulher a pessoa que estais vendo, é meu filho Marzavan, recém-chegado das suas viagens, que consegui entrar aqui disfarçado. Espero que lhe consintas a honra de vos saudar.’

Ao ouvir o nome de Marzavan, a princesa demonstrou grande alegria, dizendo: ‘Aproximai-vos, meu irmão, e tirai o véu. Não está proibido a dois

irmãos verem-se de rosto descoberto.’

Marzavan saudou-a com muito respeito; sem dar-lhe tempo de falar, disse a princesa: ‘Estou contentíssima por vos rever em perfeita saúde após uma ausência de tantos anos.’

‘Princesa’, respondeu Marzavan, ‘muito vos agradeço a bondade. Esperava, ao chegar, ter de vós melhores notícias que as que me deram, que muita dor me causaram. Alegro-me, contudo, por ter vindo a tempo para vos proporcionar, após tantos outros que não conseguiram, a cura de que necessitais. Se os meus estudos e as minhas viagens não me oferecerem outro fruto, julgar-me-ei bastante recompensado.’

Terminando, Marzavan tirou um livro e outras coisas que havia levado por julgá-las necessárias, de acordo com a descrição que sua mãe lhe fizera da doença da princesa. Esta, ao ver aqueles preparativos, exclamou: ‘Como, meu irmão, vós também sois dos que me acreditam louca? Escutai-me.’

E contou-lhe toda a história, sem esquecer nenhum pormenor, inclusive o do anel trocado, que lhe mostrou. ‘Nada vos ocultei’, acrescentou, ‘em tudo que acabais de ouvir. É verdade que há coisas que não compreendo, o que faz com que me suponham doida.’

Quando a princesa acabou de falar, Marzavan, cheio de admiração e espanto, ficou por algum tempo cabisbaixo, sem proferir palavra. Levantou finalmente a cabeça, e disse: ‘Princesa, se o que me dizeis é verdade, como estou certo, não desespero de poder oferecer-vos a satisfação que desejais. Suplico-vos apenas que tenhais paciência por mais algum tempo, até que eu percorra países que não visitei; quando souberdes que voltei, podereis ter a certeza de que aquele por quem suspirais tão apaixonadamente não está longe de vós.’ Após essas palavras, despediu-se e, no dia seguinte, partiu.

Viajou de cidade em cidade, de província a província, de ilha a ilha, e em todos os lugares só ouvia falar da princesa Badura e da sua história.

Quatro meses depois, o nosso viajante chegou a Torf, cidade marítima, grande e populosa, onde já não ouvia falar da princesa Badura, mas do príncipe Camaralzaman, que diziam estar doente e cuja história era narrada mais ou menos como a da princesa Badura. Marzavan sentiu uma alegria

indizível; informou-se em que lugar se encontrava o príncipe. Havia dois caminhos, um por terra e por mar; por mar era mais curto.

Marzavan escolheu o último, e embarcou num navio mercante, que fez excelente viagem até as proximidades da capital do reino de Chahzaman; mas, antes de entrar no porto, o barco foi de encontro a um rochedo, por imperícia do piloto, afundando perto do castelo em que vivia o príncipe Camaralzaman, e onde o rei, seu pai, Chahzaman, estava naquela ocasião com o grão-vizir.

Marzavan, sabendo nadar muito bem, não hesitou em atirar-se ao mar, indo até o castelo do rei Chahzaman, onde foi socorrido por ordem do grão-vizir, de acordo com a vontade do rei. Deram-lhe um novo traje e trataram-no bem; quando recobrou suas forças, conduziram-no à presença do grão-vizir.

Por ser jovem, elegante e de boas maneiras, o vizir acolheu-o cordialmente, simpatizando com ele pelas respostas justas e cheias de sensatez a todas as perguntas feitas. O grão-vizir percebeu até, insensivelmente, que Marzavan era senhor de mil interessantes conhecimentos, o que o levou a dizer: ‘Ouvindo-vos, reconheço que não sois homem vulgar. Prouvera a Deus que nas vossas viagens tivésseis aprendido algum segredo para curar um doente que há muito mergulha na tristeza e no desespero toda a corte!’

Marzavan respondeu que, se soubesse de que doença se tratava, talvez conseguisse oferecer um remédio.

Contou-lhe, então, o grão-vizir o estado em que se achava Camaralzaman. Nada lhe ocultou, nem o seu nascimento, tão fortemente desejado, nem a sua educação, nem o desejo do rei Chahzaman de casá-lo, nem a resistência do príncipe e a sua aversão extraordinária ao matrimônio, a sua desobediência em pleno conselho, a sua prisão, as suas esquisitices, a sua paixão violenta por uma desconhecida cujo único fundamento era um anel que o príncipe dizia ser da misteriosa mulher, que talvez nem existisse.

Às palavras do grão-vizir, Marzavan alegrou-se por, na desgraça do naufrágio, ter conseguido encontrar o que buscava tão ansiosamente. Viu claramente que Camaralzaman devia ser o jovem por quem a princesa da China ardia de amor. Não entrou em explicações com o grão-vizir; disse-lhe

apenas que, se visse o príncipe, poderia avaliar melhor o tipo de auxílio que deveria proporcionar-lhe. ‘Segui-me’, pediu-lhe o grão-vizir. ‘Encontrareis o rei ao seu lado e eu sei que ele quer vê-lo.’

A primeira coisa que impressionou Marzavan, ao entrar no aposento do príncipe, foi vê-lo no leito, entorpecido e de olhos fechados. Sem consideração pelo rei Chahzaman nem pelo príncipe, a quem podia incomodar, exclamou: ‘Céus! Nada é mais semelhante no mundo!’ Queria dizer que o achava semelhante à princesa da China, e a verdade manda que se diga que, de fato, muito se pareciam nas feições.

As palavras de Marzavan despertaram a curiosidade do príncipe Camaralzaman que, abrindo os olhos, o fitou. Marzavan, valendo-se do momento, saudou-o em versos improvisados que o rei e o grão-vizir não compreenderam. Contou-lhe tão bem o que ocorrera com a princesa da China, que deu ao príncipe a certeza de trazer-lhe notícias da sua amada. E o moribundo deixou transparecer no rosto e nos olhos sinais de intensa alegria...”

A sultana Sherazade não pôde prosseguir. O sultão concedeu-lhe o tempo de retomar a história na noite seguinte:

220^A NOITE

“Quando Marzavan terminou sua saudação em versos, que tão agradavelmente surpreenderam o príncipe Camaralzaman, este pediu ao pai por um gesto que lhe cedesse o lugar.

O rei, encantado por ver no príncipe algo que lhe dava boa esperança, levantou-se, pegou Marzavan pela mão e obrigou-o a sentar-se. Perguntou-lhe quem era e de onde vinha; e, após ter-lhe Marzavan respondido ser súdito do rei da China, e que desse país provinha, disse-lhe: ‘Queira Deus que arranqueis meu filho de tão negra melancolia! Eu vos ficarei eternamente grato, e os sinais do meu reconhecimento serão tão grandes que toda a Terra verá que jamais serviço algum poderia ter sido melhor recompensado.’ Terminando, deixou o príncipe na liberdade de conversar com Marzavan, enquanto ele se rejubilava com o grão-vizir por tão feliz encontro.

Marzavan aproximou-se do ouvido do príncipe Camaralzaman, e, falando-lhe baixinho, disse-lhe: ‘Príncipe, pare de vos afligir tão cruelmente! A mulher por quem sofreis é minha conhecida: é a princesa Badura, filha do rei da China, chamado Gaiur. Contou-me a sua aventura e a vossa. A princesa não sofre menos que vós.’ Revelou-lhe, em seguida, tudo o que sabia da história da princesa, desde a noite em que se haviam visto de maneira tão inacreditável, e não se esqueceu de mencionar o destino que o rei da China reservava aos que tentavam em vão curar a princesa Badura de uma suposta loucura. ‘Sois o único’, acrescentou, ‘que pode curá-la. Para isso, apresentai-vos sem medo. Antes, porém, de empreender tão longa viagem, convém que vos comporteis bem; depois, tomaremos as medidas necessárias. Cuidai, portanto, de se restabelecer.’

As palavras de Marzavan produziram um efeito extraordinário. O príncipe Camaralzaman ficou tão aliviado com a esperança que lhe acabavam de dar que se sentiu com forças para levantar-se, e pediu ao rei que lhe permitisse vestir-se, com ar que a este proporcionou indizível alegria.

O rei limitou-se a abraçar Marzavan para agradecer-lhe, sem se informar do meio de que se servira para causar tão surpreendente resultado, e saiu imediatamente do quarto do príncipe com o grão-vizir para dar a conhecer a agradável notícia. Ordenou festa de vários dias, distribuiu recompensas aos oficiais e ao povo, esmolou aos pobres, e mandou pôr em liberdade todos os presos. Reinava, enfim, alegria na capital, e em breve em todo o país do rei Chahzaman.

O príncipe Camaralzaman, extremamente enfraquecido por noites contínuas sem dormir e por uma longa abstinência de quase todo tipo de alimentação, não tardou em recobrar a saúde. Quando se sentiu bastante refeito para suportar a fadiga de uma viagem, chamou Marzavan e disse-lhe: ‘Caro Marzavan, é tempo de cumprirdes a vossa promessa. Na minha impaciência de ver a encantadora princesa e de pôr fim aos estranhos tormentos que a perseguem por amor a mim, sinto que tornarei a cair de novo no abatimento em que me vistes, se não partimos imediatamente. Numa coisa me aflige e me faz crer num adiamento: é a importuna ternura do rei, meu pai, que jamais poderá decidir-se a me conceder permissão para me afastar. Será uma desolação para mim se não me ajudardes. Sabeis que ele jamais me deixa sozinho.’ E o príncipe chorou.

‘Príncipe’, respondeu Marzavan, ‘já previ o grande obstáculo de que me falais. A mim cabe fazer com que não sejais detido. A primeira ideia da minha viagem foi livrar a princesa da China dos seus males, e isso pela mútua amizade que nos une desde o nosso nascimento e do afeto que tenho por ela. Faltaria ao meu dever se não tratasse de consolar a ela e a vós com toda a habilidade de que disponho. Eis o que imaginei para eliminar a dificuldade de lograr a permissão do rei, vosso pai. Não saístes ainda desde a minha chegada. Dizei-lhe que pretendeis respirar outros ares e solicitai-lhe permissão para ir a uma caçada de dois ou três dias comigo. Com certeza não recusará o vosso pedido. Dareis ordens, então, para que nos aprontem dois excelentes cavalos, um para montaria e outro para reserva. E deixai a mim o resto.’

No dia seguinte, o príncipe Camaralzaman manifestou ao rei o desejo de respirar ar puro e pediu-lhe permissão para caçar com Marzavan. ‘Consinto’,

concordou o rei, ‘contanto que só passeis fora uma noite. Demasiado exercício no começo poderia vos prejudicar e uma ausência mais longa me causaria verdadeira angústia.’ O rei ordenou que escolhessem os melhores cavalos e que nada lhe faltasse. Quando tudo ficou pronto, abraçou-o, e, após recomendar a Marzavan que cuidasse bem do seu filho, deixou-os partir.

O príncipe Camaralzaman e Marzavan chegaram ao campo, e, para enganar os dois palafreiros que conduziam os cavalos de reserva, fingiram caçar, afastando-se o máximo possível. Ao cair da noite, detiveram-se num alojamento de caravanas, onde comeram e dormiram quase até meia-noite. Marzavan, que foi o primeiro a acordar, acordou também o príncipe, sem despertar os palafreiros. Depois, pediu ao jovem que lhe cedesse o seu traje e que vestisse outro trazido por um dos palafreiros. Cada um montou um dos cavalos de reserva, e, após ter Marzavan pegado o cavalo de um dos palafreiros pela rédea, puseram-se a caminho.

Ao amanhecer, os dois cavaleiros viram-se numa floresta, num ponto onde a estrada se dividia em quatro caminhos. Ali Marzavan pediu ao príncipe que o esperasse um instante e entrou na floresta, onde matou o cavalo do palafreiro, rasgou as vestes que o príncipe lhe entregara e banhou-as em sangue. Voltando depois ao príncipe, lançou-as à estrada, no ponto em que ela se dividia.

Camaralzaman perguntou a Marzavan qual era o seu plano. ‘Príncipe’, respondeu Marzavan, ‘quando o rei, vosso pai, notar essa noite que não voltastes, ou souber pelos palafreiros que partimos sem eles enquanto dormiam, não deixará de mandar que vos procurem. Os que aqui vierem e encontrarem essas roupas ensanguentadas crerão que um animal feroz vos devorou, e que eu fugi, com medo das consequências. O rei, que não vos julgará mais vivo, deixará de procurar-vos e nos permitirá a continuação da viagem sem que tenhamos de recear perseguições. A precaução é realmente extrema, mas a alegria de vosso pai será bem grande quando souber que estais vivo e contente.’ ‘Muito bem, Marzavan’, respondeu o príncipe, ‘só posso aprovar um estratagema tão engenhoso, e mais uma vez vos fico agradecido.’

O príncipe e Marzavan, munidos de dinheiro para as despesas, continuaram a viajar por terra e por mar e não encontraram outros obstáculos a não ser o tempo que lhes parecia uma eternidade. Chegaram, finalmente, à capital da China, onde Marzavan, em vez de levar o príncipe para casa, o instalou num alojamento público para estrangeiros. Ali se demoraram por três dias, refazendo-se da viagem; e durante tal intervalo Marzavan mandou fazer um traje de astrólogo para disfarçar o príncipe. Passados os três dias, foram juntos ao banho, onde Marzavan fez com que o príncipe envergasse o traje de astrólogo, e, à saída do banho, conduziu-o diante do palácio do rei da China, deixando-o, para mandar avisar sua mãe, a fim de que ela transmitisse a notícia à princesa...”

A sultana Sherazade, percebendo a chegada do dia, parou imediatamente de falar. E, continuando na noite seguinte, disse ao sultão da Índia:

221^A NOITE

“O príncipe Camaralzaman, instruído por Marzavan sobre o que devia fazer e munido de tudo o que convinha a um astrólogo, caminhou para a porta do palácio do rei da China. Parando ali, gritou, na presença da guarda e dos porteiros: ‘Sou astrólogo, e venho curar a princesa Badura, filha do grande e poderoso monarca Gaiur, rei da China, com as condições impostas por sua majestade de desposá-la, se conseguir, ou de perder a vida se falhar.’

A novidade atraiu num instante verdadeira multidão em redor do príncipe Camaralzaman. Com efeito, havia muito tempo que não se apresentava médico, nem astrólogo, nem mágico, após tantas trágicas execuções. Supunham todos já não haver mais no mundo astrólogos, ou pelo menos os não ter tão doidos.

Diante do formoso aspecto do príncipe, do seu ar nobre, da mocidade que lhe transparecia no rosto, não houve quem dele não se apiedasse. ‘Que ideia é a vossa?’, perguntaram-lhe os que estavam mais perto. ‘Por que expondes dessa maneira a um triste fim uma vida cheia de belas esperanças? As cabeças cortadas que vistes nos muros da cidade não vos horrorizaram? Em nome de Deus, abandonai o vosso plano insensato e retirai-vos.’

Àquelas censuras, o príncipe Camaralzaman fez ouvidos de mercador, e em vez de dar atenção àquela gente, notando que ninguém se decidia a fazê-lo entrar, repetiu o que já dissera com uma segurança que fez estremecer a todos. E todos exclamaram: ‘Está resolvido a morrer, e Deus que tenha piedade da sua juventude e de sua alma!’ Camaralzaman tornou a repetir as palavras, e enfim o grão-vizir veio pessoalmente ao seu encontro, a mando do rei da China.

O ministro levou Camaralzaman à presença do rei. Mal o príncipe o divisou sentado no trono, prostrou-se e beijou o chão aos seus pés. O rei, que dentre todos os que a presunção desmedida levava aos seus pés, jamais vira um que merecesse a atenção de um olhar, apiedou-se de Camaralzaman, em vista do perigo a que se expunha. Ordenou-lhe que se aproximasse e se

sentasse ao seu lado, e disse-lhe: 'Jovem, custa-me crer que tenhais adquirido, com a vossa idade, bastante experiência para ousar empreender a cura de minha filha. Gostaria que conseguísseis, e vo-la daria por esposa não somente sem aversão, mas até com a maior alegria deste mundo, enquanto a teria cedido com enorme desgosto a qualquer um dos que vos precederam. Mas declaro-vos, com dor, aliás, que se falhardes, a vossa mocidade e o vosso ar de nobreza não impedirão que eu vos mande cortar a cabeça.'

'Senhor', respondeu o príncipe Camaralzaman, 'devo dar-vos os meus agradecimentos, pela honra que me concedeis e pela bondade que demonstraís para um desconhecido. Não vim de um país tão distante para não cumprir o que a mim mesmo prometi. Que não diriam da minha leviandade, se abandonasse tão generoso plano após tantas fadigas e tantos perigos? Vós mesmo não perderíeis a estima em que já me tendes? Se devo morrer, senhor, morrerei com a satisfação de não ter perdido tal estima após tê-la merecido. Suplico-vos, pois, não deixar-me mais na impaciência de dar a conhecer a exatidão da minha arte, mediante a experiência que estou pronto a realizar.'

O rei da China ordenou ao eunuco, guarda da princesa Badura, que se achava presente, conduzir o príncipe Camaralzaman ao aposento de sua filha. Antes de deixá-lo sair, repetiu-lhe que tinha ainda tempo de abandonar a tarefa, mas o príncipe não o ouviu, seguindo o eunuco com resolução, ou, antes, com espantoso entusiasmo.

O eunuco levou o príncipe Camaralzaman, e, quando chegaram a uma longa galeria ao fim da qual se situava o aposento da princesa, Camaralzaman, vendo-se perto do objeto que tantas lágrimas lhe fizera verter, e pelo qual havia tanto tempo que suspirava, apressou o passo, pondo-se na frente do eunuco.

O eunuco também apressou o passo, mas teve trabalho para alcançá-lo. 'Aonde vais tão depressa?', perguntou-lhe, segurando-o pelo braço. 'Não podeis entrar sem mim. Deveis ter muita vontade de morrer para correr tão rapidamente em direção à morte. Nenhum dos astrólogos que vi antes demonstrou tamanha pressa.'

‘Meu amigo’, respondeu o príncipe Camaralzaman, fitando o eunuco e ajustando o seu passo ao dele, ‘é porque os astrólogos de que falas não estavam certos da sua ciência, como eu estou da minha. Sabiam que perderiam a vida se falhassem, e não sabiam se teriam êxito. É por isso que tinham razão de tremer, ao se aproximarem do lugar aonde vou, e onde estou certo de que encontrarei a minha felicidade.’ Nesse instante, chegaram a porta. O eunuco a abriu e fez entrar o príncipe numa grande sala, de onde se ia ao quarto da princesa.

Antes de entrar no quarto, o príncipe Camaralzaman parou, e, falando muito mais baixo do que antes, com medo de que o ouvissem no aposento da princesa, disse ao eunuco: ‘Para te convencer que não há presunção, nem capricho, nem ardor de mocidade no que pretendo levar a termo, deixo-te uma escolha: o que preferes, que eu cure a princesa na tua presença ou aqui, sem prosseguir mais, e sem a ver?’

O eunuco ficou espantado com a segurança do príncipe. Deixou de escarnecê-lo e, falando-lhe com seriedade, disse-lhe: ‘Pouco importa, que seja lá ou aqui. De qualquer maneira, adquirireis glória imortal, não somente nessa corte, mas também em todo o mundo.’

‘Será melhor, então’, respondeu o príncipe, ‘que a cure sem vê-la, a fim de que tu possas provar a minha habilidade. Apesar da impaciência que tenho de ver a princesa de tão alta categoria, que deve ser minha esposa, em consideração por ti privar-me-ei por alguns instantes de tal prazer.’ Como trazia tudo quanto distinguia um astrólogo, escolheu papel e tinta e escreveu o seguinte bilhete à princesa da China:

Bilhete do príncipe Camaralzaman à princesa da China

Adorável princesa, o ardente príncipe Camaralzaman não vos fala dos indizíveis males que o atormentam desde a noite onde os vossos encantos lhe fizeram perder uma liberdade que ele decidira conservar por toda a vida. Diz-vos apenas que vos entregou, então, o coração enquanto dormíeis, encantadora, um sono importuno que o privou do vivo esplendor dos vossos belos olhos, apesar dos esforços feitos para vos obrigar a abri-los. Ousou até entregar-vos o seu anel, como sinal de amor, e pegar o vosso em troca,

que vos envia agora com esse bilhete. Se vos dignardes devolvê-lo como penhor recíproco do vosso, julgar-se-á o mais feliz dos amantes; se não, a vossa recusa não o impedirá de receber o golpe da morte com tanto maior resignação por recebê-lo em virtude do amor que vos dedica. Aguardo a vossa resposta na antessala.

Quando o príncipe terminou o bilhete, fez com ele um pacote onde colocou o anel da princesa, sem que o eunuco visse. E, entregando-o ao eunuco, disse-lhe: ‘Amigo, leva isso a tua ama. Se não ficar curada levando o bilhete e vendo o objeto que o acompanha, permito que digas ser eu o mais indigno e imprudente de todos os astrólogos que já existiram, que existem e existirão...’”

O dia obrigou Sherazade a calar-se. Mas ela prosseguiu a história, na outra noite, dizendo ao sultão da Índia:

222^A NOITE

“O eunuco entrou no quarto da princesa da China e, apresentando-lhe o pacotinho que o príncipe Camaralzaman lhe enviava, disse-lhe: ‘Princesa, um astrólogo mais temerário que todos os outros, se não me engano, acaba de chegar, e pretende que vós estareis curada assim que lerdes esse bilhete e virdes o que está dentro do pacote. Muito desejaria eu que ele não fosse mentiroso nem impostor.’

Badura pegou o bilhete e abriu-o com bastante indiferença, mas, quando viu o anel, quase não se deu o trabalho de terminar a leitura. Levantou-se com precipitação, rompeu a corrente que a prendia, correu à porta e abriu-a. A princesa reconheceu o príncipe, e ele a ela. Imediatamente precipitaram-se um ao encontro do outro, abraçaram-se ternamente, e, sem poderem falar, no excesso da sua alegria, olharam-se longamente, admirados de se reverem após aquela noite. A ama, que acorrera, levou-os ao quarto, onde a princesa devolveu o anel ao príncipe. ‘Tomai-o’, disse-lhe; ‘eu não poderia ficar com ele sem devolver o vosso, que quero guardar comigo por toda a vida. Nenhum dos dois anéis poderia estar em melhores mãos.’

Entretanto, o eunuco fora avisar o rei da China do que acabava de se passar. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘todos os astrólogos, médicos e outros que ousaram empreender a cura da princesa até agora não passaram de ignorantes. Este último não se serviu de magia, nem de espíritos malignos, nem de perfumes ou de outra coisa qualquer, e curou-a sem vê-la.’ Contou-lhe depois como se verificara a benéfica mudança, e o rei, agradavelmente surpreso, dirigiu-se imediatamente ao aposento da princesa para abraçá-la; em seguida, abraçou também o príncipe, pegou-lhe a mão, e pondo-a sobre a da princesa, disse-lhe: ‘Feliz estrangeiro, quem quer que sejais, mantenho a minha promessa, e dou-vos minha filha por esposa. Só de vê-lo, porém, não é possível que eu me convença de serdes o que apresentais.’

O príncipe Camaralzaman agradeceu ao rei nos termos mais submissos para melhor lhe demonstrar todo o seu reconhecimento. ‘Quanto à minha

peessoa, senhor’, prosseguiu, ‘é verdade que não sou astrólogo, como bem vistes; tomei as vestes de astrólogo para melhor conseguir merecer o elevado apoio do mais poderoso monarca do mundo. Nasci príncipe, filho de rei e de rainha; o meu nome é Camaralzaman, e meu pai chama-se Chahzaman; ele reina nas conhecidíssimas ilhas de Khaledan.’ Depois, narrou a sua história e deu-lhe a conhecer a origem maravilhosa do seu amor pela princesa, justificado pela troca de anéis.

Quando o príncipe Camaralzaman terminou, disse o rei: ‘História tão extraordinária merece ser transmitida à posteridade. Fá-lo-ei e, depois de depositar o original nos arquivos do meu reino, torná-la-ei pública, a fim de que do meu país passe para os outros.’

A cerimônia de casamento realizou-se no mesmo dia, e houve festas solenes em toda a China. Marzavan não foi esquecido: o rei da China concedeu-lhe acesso à corte, honrando-o com um cargo e com a promessa de elevá-lo, posteriormente, a outros mais consideráveis.

O príncipe Camaralzaman e a princesa Badura, ambos radiantes, gozaram as delícias do himeneu; durante vários meses, o rei da China não deixou de provar sua alegria por meio de festas constantes.

Em tais prazeres, o príncipe Camaralzaman teve certa noite um sonho, onde lhe pareceu ver o rei Chahzaman, seu pai, no leito, prestes a entregar a alma, e a dizer: ‘Esse filho que tão carinhosamente criei, esse filho me abandonou e é a causa da minha morte!’ O jovem despertou com um grande suspiro, que acordou a princesa, e esta lhe perguntou o motivo.

‘Ai de mim!’, exclamou o príncipe, ‘talvez, enquanto falo, meu pai já não viva mais!’ E contou-lhe por que o perturbava tão triste pensamento. Sem lhe falar do que pensara naquele instante, a princesa, que só buscava agradar-lhe e que notou que o desejo de rever seu pai poderia diminuir o prazer que ele sentia em viver com ela em país tão distante, aproveitou-se no mesmo instante da oportunidade de falar com o rei da China: ‘Senhor’, disse-lhe, beijando-lhe a mão, ‘tenho de pedir-vos uma graça, e suplico-vos que não a negais. Mas para que não julgueis que a peço por solicitação do príncipe, meu marido, asseguro-vos de que ele nada sabe. Permiti que eu vá com ele visitar o rei Chahzaman, meu sogro.’

‘Minha filha’, respondeu o rei, ‘por maior que seja a tristeza que me causa a vossa ausência, não posso desaprovar tal resolução. Ela é digna de vós, apesar de tão longa viagem. Ide, mas com a condição de só vos demorardes um ano na corte do rei Chahzaman. O rei Chahzaman concordará que procedamos assim, e que eu e ele vejamos, de tempos em tempos, ele o filho e a nora, e eu a filha e o genro.’

A princesa anunciou o consentimento do rei da China ao príncipe Camaralzaman, que muito se alegrou, agradecendo-lhe mais aquela prova de amor.

O rei da China deu ordem para os preparativos da viagem; quando tudo ficou pronto, partiu com eles, acompanhando-os parte do percurso. A separação fez-se com lágrimas de ambos os lados. O rei abraçou-os ternamente, e, após pedir ao príncipe que amasse sempre a princesa, permitiu-lhes prosseguir a viagem, e voltou para sua capital.

O príncipe Camaralzaman e a princesa Badura, mal enxugaram as lágrimas, só pensavam na alegria do rei Chahzaman, quando pudesse vê-los e abraçá-los, e na deles.

Depois de um mês de viagem, chegaram a uma planície enorme, com grandes árvores espaçadas, que proporcionavam agradabilíssima sombra. Fazendo calor excessivo naquele dia, o príncipe julgou conveniente acampar, e transmitiu à princesa o seu desejo; ela concordou, pois tinha intenção de propor-lhe a mesma coisa. Apearam-se num belíssimo lugar, e, quando a tenda foi erguida, a princesa, que se achava sentada à sombra, entrou, enquanto o príncipe dava as suas ordens para o resto do acampamento. A fim de estar mais à vontade, mandou ela que lhe tirassem o cinto, deposto pelas escravas ao seu lado, após o que, fatigada, adormeceu.

Quando tudo ficou pronto no acampamento, o príncipe rumou para a tenda, e, vendo que a princesa dormia, entrou e sentou-se sem fazer ruído. Esperando, talvez, dormir também, pegou o cinto da princesa, contemplou demoradamente os diamantes e os rubis que o ornavam e descobriu uma bolsinha costurada no tecido e fechada por um cordão. Tocando-a, sentiu alguma coisa resistente. Curioso em saber o que era, abriu-a e dela tirou uma cornalina gravada com figuras e caracteres que lhe eram desconhecidos. ‘Essa

cornalina’, refletiu, ‘deve ser bem preciosa. Minha princesa não a traria consigo com tão grande cuidado se assim não fosse.’

Com efeito, tratava-se de um talismã presenteado pela rainha da China à princesa para torná-la venturosa enquanto a trouxesse consigo.

Para melhor ver o talismã, o príncipe saiu da tenda, escura, e quis examiná-lo à luz do dia. Enquanto o segurava com a mão, um pássaro, de súbito lhe arrancou...”

O dia já estava aparecendo quando Sherazade acabou de dizer as últimas palavras. Calou-se, portanto. Mas continuou a história na noite seguinte, dizendo ao sultão de Shahriar:

223_A NOITE

— Senhor, bem podeis imaginar o susto e a tristeza de Camaralzaman quando o pássaro lhe arrancou da mão o talismã. “Diante daquele imprevisto, causado por uma curiosidade sem razão, e que privava a princesa de um objeto precioso, ficou parado ali, sem saber o que fazer, por alguns instantes.

Separação do príncipe Camaralzaman da princesa Badura

O pássaro, após roubar o talismã, pousara no chão, a pouca distância, segurando-o com o bico. O príncipe avançou, na esperança de que ele o deixaria; mas o pássaro, erguendo voo, foi pousar mais adiante. Camaralzaman, continuou a persegui-lo; o pássaro, após engolir o talismã, voou ainda mais longe. O príncipe, esperando matá-lo com uma pedrada, perseguiu-o mais ainda. Quanto mais o pássaro se afastava, mais se obstinava o jovem em o seguir.

De vale em colina, e de colina em vale, o pássaro atraiu durante todo o dia o príncipe, afastando-se sempre da planície e da princesa Badura; ao cair da noite, em vez de atirar-se a uma moita, onde Camaralzaman teria podido surpreendê-lo na escuridão, empoleirou-se no alto de uma grande árvore, pondo-se em segurança.

O príncipe, desesperado com o inútil trabalho, decidiu voltar para o acampamento. ‘Mas’, refletiu, ‘por onde voltarei? Pelas colinas e pelos vales? Não me perderei na escuridão? E terei força para tanto? Ousarei, além disso, apresentar-me à princesa sem lhe devolver o talismã?’ Abismado em tão desoladores pensamentos e morto de cansaço, de fome, de sede e de sono, deitou-se e passou a noite aos pés da árvore.

No dia seguinte, Camaralzaman despertou antes que o pássaro abandonasse a árvore. Quando o viu voar, seguiu-o durante todo o dia, com tão pouco êxito como na véspera, alimentando-se de ervas e de frutos encontrados pelo caminho. Fez o mesmo durante dez dias, seguindo o pássaro de manhã à noite, e passando a noite aos pés de uma árvore.

Onze dias depois, o pássaro, sempre voando, e Camaralzaman sempre a persegui-lo, chegaram a uma grande cidade. Quando o pássaro se viu perto dos muros, ultrapassou-os, e fugiu de uma vez da vista de Camaralzaman, que perdeu a esperança de recobrar o talismã da princesa Badura.

Camaralzaman, desesperado, entrou na cidade, construída no litoral e dotada de um belíssimo porto. Caminhou longamente pelas ruas, sem saber onde ia. Finalmente, chegou ao porto. Mais incerto ainda sobre o que devia

fazer, caminhou até chegar à porta aberta de um jardim, onde entrou. O jardineiro, um bom velho, levantou a cabeça naquele momento e, reconhecendo nele um estrangeiro e muçulmano, convidou-o a entrar depressa e a fechar a porta.

Camaralzaman entrou, fechou a porta, e, aproximando-se do jardineiro, perguntou-lhe por que lhe recomendara toda aquela precaução. ‘Porque vejo’, respondeu o jardineiro, ‘que sois estrangeiro recém-chegado, e muçulmano, e porque essa cidade está habitada, na sua maior parte, por idólatras que possuem total aversão aos muçulmanos, tratando muito mal os poucos que somos da religião do nosso profeta. Considero um milagre terdes vindo aqui sem que vos molestassem. Com efeito, esses idólatras observam cuidadosamente os estrangeiros muçulmanos à sua chegada e os fazem cair em ciladas quando sabem que estão desprevenidos. Dou graças a Deus por tê-lo trazido para um refúgio seguro.’

Camaralzaman agradeceu ao bom homem por lhe oferecer tão generosamente abrigo contra todo e qualquer insulto. Quis falar mais; o jardineiro, porém, interrompeu-o, dizendo: ‘Deixemos isso. Estais cansado e com certeza precisais comer. Vinde descansar.’ Levou-o, então, para casa; e, após ter o príncipe comido suficientemente, pediu-lhe o velho que lhe contasse o motivo da sua chegada.

Camaralzaman satisfez a curiosidade do jardineiro e, quando terminou a história, sem nada lhe esconder, perguntou-lhe por sua vez por que estrada poderia voltar aos Estados de seu pai: ‘Pois desisto de voltar para a companhia da princesa; onde a encontraria eu após 11 dias de separação, por tão extraordinária aventura? Estará viva ainda?’ E chorou.

Como resposta ao que Camaralzaman acabava de lhe perguntar, o jardineiro disse-lhe que, da cidade onde se achava, havia um ano inteiro de caminho até o país onde só viviam muçulmanos, comandados por príncipes da mesma religião; por mar, todavia, se chegaria à ilha de Ébano em muito menos tempo e de lá era mais fácil passar às ilhas dos Filhos de Kaledan, de onde, todos os anos, um navio mercante ia à ilha de Ébano, e que ele poderia valer-se desse meio para voltar às ilhas dos Filhos de Kaledan. ‘Se tivésseis chegado alguns dias antes’, acrescentou, ‘poderíeis ter embarcado no

que zarpou esse ano. À espera de que parta o do ano que vem, se concordares em morar comigo, oferecer-vos-ei a minha casa, como ela é, de muito bom coração.’

O príncipe Camaralzaman julgou-se feliz em encontrar tal abrigo num lugar onde não dispunha de conhecimentos, e muito menos de vontade de travá-los. Aceitando a oferta, passou a morar com o jardineiro. À espera da partida do navio mercante para a ilha de Ébano, entreteve-se em trabalhar no jardim durante o dia, enquanto passava a noite cheio de saudades da sua querida princesa, suspirando e chorando. Nós o deixaremos, para voltar à princesa Badura, que abandonamos adormecida na tenda.

A história da princesa Badura após a separação do príncipe Camaralzaman

A princesa dormiu bastante tempo. Ao acordar, assustou-se por não ver o príncipe ao seu lado. Chamou as escravas e perguntou-lhes se não sabiam por onde ele andava. Enquanto lhe asseguravam que o tinham visto entrar, mas não o tinham visto sair, percebeu Badura, pegando de novo seu cinto, que a bolsinha se achava aberta e que o talismã desaparecera. Certa de que Camaralzaman o pegara por curiosidade, e que lhe traria de volta o talismã, aguardou até o cair da noite com grande impaciência, não podendo compreender o que o teria obrigado a se afastar por tanto tempo. Quando viu que já era noite fechada e que ele não voltava, uma indizível aflição dela se apoderou. Maldisse mil vezes o talismã e quem o fizera; e, se o respeito não a refreasse, teria lançado imprecações contra sua mãe, que lhe dera tão funesto presente. Extremamente desolada, também por não saber de que maneira poderia ter contribuído o talismã para a separação do príncipe, tomou corajosa resolução, pouco comum às pessoas do seu sexo.

Somente ela e as escravas sabiam que Camaralzaman desaparecera. Os outros já estavam repousando ou dormindo nas suas tendas. Temendo que a traissem, se soubessem do ocorrido, moderou em primeiro lugar sua dor e proibiu às escravas que dissessem qualquer coisa sobre o acontecido, ou dessem origem à menor suspeita. Em seguida, substituiu as suas vestes por outras de Camaralzaman, a quem tanto se assemelhava, que os componentes da caravana a tomaram por ele no dia seguinte de manhã, quando a viram aparecer e ordenar-lhes que levantassem o acampamento. Tudo pronto, mandou que uma das mulheres entrasse na liteira. Quanto a ela, montou a cavalo, e a caravana partiu.

Após uma viagem de vários meses por terra e por mar, a princesa, que mandara prosseguir a rota sob o nome do príncipe Camaralzaman, para dirigir-se à ilha dos Filhos de Kaledan, chegou à capital do reino da ilha de Ébano, cujo rei se chamava Armanos. Quando seus primeiros homens, que tinham desembarcado para procurar-lhe um alojamento, espalharam a notícia

de que o navio que acabava de chegar trazia o príncipe Camaralzaman, de volta de uma longa viagem, que o mau tempo o obrigara a parar, não tardou tal notícia em chegar ao palácio do rei.

O rei Armanos, acompanhado de grande parte da corte, dirigiu-se imediatamente à presença da princesa, que mal acabava de desembarcar, rumando para o alojamento que lhe fora arranjado. Acolheu-a como filho de um rei, seu amigo, com quem sempre vivera em harmonia, e levou-a ao palácio, onde a alojou com as pessoas do seu séquito sem ouvir o pedido que ela lhe fez de deixá-la alojar-se em sítio particular. Prestou-lhe, ademais, todas as honras imagináveis, e por três dias a festejou com extraordinária magnificência.

Passados os três dias, vendo o rei Armanos que a princesa, que ele supunha ser o príncipe Camaralzaman, falava em embarcar novamente e prosseguir a viagem, e encantado com a presença de tão formoso príncipe, tão nobre e tão inteligente, chamou-o em particular. ‘Príncipe’, disse-lhe, ‘como podeis verificar, estou bastante idoso, e muito pouca esperança de viver por mais tempo me resta. A minha única dor é não ter um filho a quem deixar o meu reino. O céu me deu somente uma filha, cuja beleza é tal que não pode combinar melhor do que com a de um príncipe tão formoso, de tão nobre nascimento e tão perfeito como vós. Em vez de pensar em voltar para o vosso reino, aceitai minha filha e a minha coroa, que eu dispenso a partir desse instante a vosso favor, e vivei conosco. É tempo que eu descanse, após sustentar o peso durante tão longos anos, e não o posso fazer com mais consolo do que vendo o meu país governado por tão digno sucessor...’”

A sultana Sherazade quis prosseguir, mas o dia que estava para surgir lhe impediu. Na noite seguinte, retomou o fio da história e disse, sempre falando ao sultão da Índia:

224^A NOITE

“A generosa oferta do rei da ilha de Ébano de dar sua filha única como esposa à princesa Badura, que não podia aceitá-la por ser mulher, e entregá-lhe a coroa do país, colocou-a num incrível embaraço. Declarar-lhe que não era o príncipe Camaralzaman, mas sua mulher, era coisa indigna de uma princesa. Recusar a oferta incutia-lhe grande temor, visto estar ele profundamente interessado em realizar tal casamento e poder transformar a simpatia em aversão e ódio. Ademais, não sabia se encontraria o príncipe Camaralzaman na corte do rei Chahzaman, seu pai.

Tais pensamentos e a ideia de conseguir um reino para o príncipe, seu marido, no caso de voltar a encontrá-lo, determinaram-na a aceitar a proposta feita pelo rei Armanos. Assim, após ficar alguns instantes sem falar, cheia de pudor, que o rei atribuiu à modéstia, respondeu: ‘Senhor, devo-vos infinitas obrigações pela vossa boa opinião a meu respeito, pela honra que me fazeis, e por um favor que eu não mereço e que não ousa recusar. Mas não aceito tão grande aliança, a não ser com a condição de que me ajudareis com os vossos conselhos, e que só farei o que for, antes, aprovado por vós.’

Combinado o casamento, a cerimônia foi marcada para o dia seguinte, e a princesa Badura valeu-se do tempo para avisar os seus oficiais que também a tomavam pelo príncipe Camaralzaman, do que se passaria, a fim de que não se espantassem, assegurando-lhes que a princesa dera o seu consentimento. Falou também às suas escravas, a quem ordenou que guardassem o segredo.

O rei da ilha de Ébano, satisfeito e feliz por ter conquistado tal genro, reuniu o conselho no dia seguinte e declarou que concedia a mão da princesa, sua filha, ao príncipe Camaralzaman, sentado ao seu lado, e lhe entregava a coroa. Deviam todos reconhecê-lo como novo rei e prestar-lhe as devidas homenagens. Terminando, desceu do trono e, após mandar surgir a princesa Badura, fez com que ela recebesse o juramento de fidelidade e as homenagens dos mais poderosos senhores da ilha de Ébano.

À saída do conselho, realizou-se solenemente a proclamação do novo rei em toda a cidade; decretaram-se festividades de vários dias e espalharam-se por toda parte criados encarregados de organizar as mesmas cerimônias e as mesmas demonstrações de alegria.

De noite, o palácio esteve em festa, e a princesa Haiatalnefuz^[52] (assim se chamava a princesa da ilha de Ébano) foi conduzida à princesa Badura, a quem todos tomavam por homem. Terminadas as cerimônias, deixaram-nas sozinhas, e elas se deitaram.

No dia seguinte, pela manhã, enquanto a princesa Badura recebia numa assembleia geral os cumprimentos de toda a corte, por motivo do seu casamento e como novo rei, o rei Armanos e a rainha dirigiram-se ao aposento da nova rainha, sua filha, perguntando-lhe como passara a noite. Em vez de responder, ela abaixou os olhos, e a tristeza que lhe transpareceu no rosto demonstrou claramente não estar feliz.

Para consolar a princesa Haiatalnefuz, disse-lhe o rei Armanos: ‘Minha filha, não vos entristeçais; o príncipe Camaralzaman, ao chegar aqui, só pensava em rumar o mais cedo possível para a corte do rei Chahzaman, seu pai. Embora o tenhamos detido por uma razão que só lhe pode proporcionar satisfação, devemos crer que ele sente muito por ter sido privado de repente da esperança de revê-lo. Portanto, aguardai, que uma vez satisfeita a ternura filial, será para vós um excelente marido.’

A princesa Badura, sob o nome de Camaralzaman, rei da ilha de Ébano, passou todo o dia não somente recebendo os cumprimentos da corte, mas também inspecionando as tropas da sua casa e em várias outras funções reais, com dignidade e capacidade que lhe atraíram a aprovação de todos os que as testemunharam.

Era noite quando voltou ao aposento da princesa Haiatalnefuz e percebeu logo, pelo constrangimento com que a acolheu a princesa, que se lembrava da noite anterior. Tentou dissipar-lhe o desgosto mediante uma longa conversa, em que emprestou todo o seu espírito para a convencer de que a amava muitíssimo. Deu-lhe, enfim, tempo suficiente para deitar-se, e, no intervalo, pôs-se a orar; mas orou por tão longo tempo que a princesa Haiatalnefuz adormeceu. Badura deixou então de orar e deitou-se perto

dela, sem despertá-la, aflita por ter de representar um papel que não lhe convinha e pela perda do seu querido Camaralzaman, por quem não cessava de suspirar. Levantou-se ao despontar do dia, antes que Haiatalnefuz acordasse, e dirigiu-se para o conselho.

O rei Armanos e a rainha visitaram outra vez a filha, encontrando-a chorando. O rei compreendeu imediatamente o motivo daquela aflição. Indignado por aquele desprezo, segundo supunha, e cuja causa desconhecia, disse-lhe: ‘Minha filha, tende ainda paciência até a próxima noite. Elevei vosso marido ao trono, mas saberei fazê-lo descer e expulsá-lo, se não vos der a satisfação que vos deve. Na minha cólera, por vê-la tratada tão indignamente, nem sei se me contentarei com tão suave castigo. Não é a vós, mas à minha pessoa que ele faz tal afronta.’

No mesmo dia, a princesa Badura voltou bem tarde para o aposento de Haiatalnefuz. Como na véspera, conversaram novamente, e quis fazer sua prece, enquanto ela se deitava; mas Haiatalnefuz a deteve, obrigando-a a sentar-se de novo, e disse-lhe: ‘Como! Pretendeis, ao que vejo, tratar-me ainda essa noite como me trataste as duas últimas? Dizei-me, por favor, em que vos pode desagradar uma princesa como eu, que não somente vos ama, como também vos adora, e que se julga a mais feliz de todas as princesas da sua categoria por ter um príncipe tão formoso por marido. Outra, não digo ofendida, mas ultrajada como fui, teria excelente oportunidade para vingar-se, abandonando-vos ao vosso mau destino; mas mesmo que não vos amasse como vos amo, bondosa e comovida como sou pela desventura de quem quer que seja, não deixarei de vos avisar que o rei, meu pai, está fortemente irritado com vosso procedimento, e que só aguarda amanhã para vos fazer sentir o peso da sua justa cólera, se continuardes assim. Concedei-me a graça de não desesperar uma princesa que não pode deixar de vos amar.’

Aquelas palavras mergulharam a princesa Badura no desespero. Não duvidou da sinceridade de Haiatalnefuz, pois a frieza do rei Armanos lhe testemunhara naquele dia o seu descontentamento. O único meio de justificar seu comportamento era revelar seu sexo a Haiatalnefuz. Mas embora tivesse previsto que deveria chegar a tal resolução, a incerteza da reação de Haiatalnefuz a fazia tremer. Após lembrar-se, porém, de que se o

príncipe Camaralzaman ainda vivia, teria de forçosamente chegar ao reino da ilha de Ébano para se dirigir ao do rei Chahzaman, e que devia conservar-se para ele, o que só lograria, se revelasse tudo à princesa Haiatalnefuz, não vacilou.

Tendo a princesa Badura ficado perplexa, Haiatalnefuz, impaciente, ia retomar a palavra, quando ela a deteve, dizendo-lhe: ‘Minha encantadora princesa, confesso que não tenho razão, e a mim mesma condeno; mas espero que me perdoeis e que guardareis o segredo, que, para justificar-me, vos revelarei.’

Ao mesmo tempo, Badura descobriu seu seio e disse à princesa: ‘Vede, princesa, se uma princesa, mulher como vós, não merece que lhe perdoeis. Estou certa de que o fareis de todo coração quando eu vos tiver contado a minha história, e sobretudo a tristíssima desgraça que me levou a representar este papel.’

Quando Badura se deu a conhecer inteiramente à princesa da ilha de Ébano, suplicou-lhe mais uma vez que guardasse o segredo e fingisse ser ela verdadeiramente seu marido, até a chegada do príncipe Camaralzaman.

‘Princesa’, prosseguiu a princesa da ilha de Ébano, ‘é estranho que um casamento feliz como o vosso durasse tão pouco, após um amor recíproco tão cheio de maravilhas. Desejo, convosco, que o céu vos reúna bem cedo. Portanto, guardarei religiosamente o segredo que acabais de me confiar. Terei grande prazer em ser a única que vos conhece realmente no grande reino da ilha de Ébano, enquanto o governardes tão dignamente como fizestes até agora. Eu exigia de vós amor, mas agora vos declaro que me julgarei felicíssima se me concederdes a vossa amizade.’ Após tais palavras, as duas princesas abraçaram-se ternamente, e, depois de mil provas de recíproca amizade, deitaram-se.

Segundo o costume do país, era preciso mostrar publicamente o sinal da consumação do casamento. As duas princesas descobriram um meio de vencer tal dificuldade. Assim, as escravas da princesa Haiatalnefuz foram iludidas no dia seguinte e enganaram o rei Armanos, a rainha sua mulher e toda a corte. Desse modo, a princesa Badura continuou a governar tranquilamente, com plena satisfação do rei e de todo o país...”

A sultana Sherazade se calou por essa noite. Mas, na seguinte, assim prosseguiu:

225^A NOITE

Continuação da história do príncipe Camaralzaman desde a sua separação da princesa Badura

“Enquanto na ilha de Ébano as coisas entre a princesa Badura, a princesa Haiatalnefuz, o rei Armanos, a rainha, a corte e o povo se achavam no estado que pudésseis compreender no fim das minhas últimas palavras, o príncipe Camaralzaman continuava na cidade dos idólatras, na casa do jardineiro que lhe dera abrigo.

Um dia, bem cedo, estando o príncipe preparando-se para trabalhar no jardim, segundo o seu costume, o bom jardineiro o impediu, dizendo-lhe: ‘Os idólatras hoje têm uma grande festa e, como se abstêm de qualquer trabalho para passar o dia em festejos públicos, não querem também que os muçulmanos trabalhem; e os muçulmanos, para garantir a amizade deles, divertem-se assistindo a tais espetáculos, que merecem ser vistos. Assim, repousai hoje. Deixo-vos aqui e, como se aproxima o dia em que o navio mercante que vos falei deve zarpar para a ilha de Ébano, vou visitar alguns amigos e informar-me com eles do dia da partida. Ao mesmo tempo tratarei de garantir o vosso embarque’. Assim dizendo, saiu.

Quando o príncipe Camaralzaman se viu sozinho, em vez de participar da alegria pública que ecoava por toda a cidade, lembrou-se com mais saudade do que nunca da sua querida princesa. Absorto, suspirava e gemia passeando pelo jardim, quando o canto de dois pássaros numa árvore o obrigou a levantar a cabeça e a olhá-los.

Camaralzaman viu com surpresa que os pássaros brigavam cruelmente a bicadas e que em poucos momentos um deles caía morto aos pés da árvore. O vencedor, erguendo o voo, desapareceu.

Naquele momento, outros dois pássaros, maiores, que tinham assistido ao combate de longe, chegaram de outro lado; pondo-se um aos pés, outro à cabeça do morto, o contemplaram por algum tempo, sacudindo a cabeça de

modo que manifestavam todo o seu pesar, e cavaram-lhe uma fossa onde o enterraram.

Quando os dois pássaros encheram de terra a fossa, afastaram-se e pouco depois voltaram segurando no bico, um por uma asa, outro por um pé, o pássaro assassino que dava gritos e fazia terríveis esforços para escapar. Levaram-no sobre a sepultura do pássaro que ele sacrificara à sua cólera e lá, sacrificando-o também em justa vingança do assassinio cometido, tiraram-lhe a vida a bicadas. Abriram-lhe, enfim, o ventre, e arrancaram-lhe as entranhas, deixando o corpo abandonado. Depois, fugiram.

Camaralzaman ficou profundamente admirado durante todo o tempo em que assistiu ao surpreendente espetáculo. Aproximando-se da árvore em que se desenrolara a cena e correndo os olhos pelas entranhas dispersadas, percebeu alguma coisa vermelha saindo do estômago rasgado pelos pássaros vingadores. Apanhou o estômago e, tirando o vermelho entrevisto, verificou tratar-se do talismã da princesa Badura, que tantos pesares, aborrecimentos e suspiros lhe custara desde que o pássaro lho arrancara. ‘Cruel’, exclamou, fitando os olhos no pássaro, ‘aprazias-te em fazer o mal, e agora pagaste o preço da tua maldade! Na mesma medida em que me fizeste mal, desejo bem aos pássaros que, vingando a morte do seu semelhante, me vingaram!’

Não é possível expressar a alegria do príncipe Camaralzaman. ‘Minha querida princesa’, exclamou ainda, “esse feliz instante que me devolve o que vos é tão precioso, é sem dúvida presságio que me anuncia o nosso próximo encontro! Bendito seja o céu que me envia essa ventura e que ao mesmo tempo me dá a esperança da maior que eu possa desejar!’

Terminando tais palavras, Camaralzaman beijou o talismã, embrulhou-o e guardou-o cuidadosamente. Na sua extrema aflição, havia passado quase todas as noites a se atormentar e sem dormir. Na que se seguiu a tão feliz acidente, dormiu um sono tranquilo e, no dia seguinte, colocando as vestes de trabalho, foi receber as ordens do jardineiro, que lhe pediu para abater e desenraigar certa velha árvore que já não dava frutos.

Camaralzaman pegou um machado e foi pôr mãos à obra. Ao cortar um pedaço da raiz, deu um golpe em alguma coisa dura que ressoou fortemente. Afastando a terra, descobriu uma grande placa de bronze, sob a qual achou

uma escada de dez degraus. Desceu imediatamente e, ao chegar embaixo, viu um túnel subterrâneo de duas ou três toesas de lado, onde contou cinquenta grandes vasos de bronze enfileirados, cada um com tampa. Abrindo-os um depois do outro, verificou estarem cheios de pó de ouro. Saiu do túnel, entusiasmado com a descoberta de tão rico tesouro, recolocou a placa sobre a escada e terminou de desenraigar a árvore, aguardando o regresso do jardineiro.

Soubera este, na véspera, que o navio que viajava para a ilha de Ébano todos os anos partiria dentro de alguns dias; não pudera saber que dia precisamente; por conseguinte, decidia voltar para informar-se. Foi o que fizera então, e voltava com rosto onde transparecia a boa nova destinada a Camaralzaman. ‘Meu filho’, disse-lhe (pois, por sua idade, costumava tratá-lo assim), ‘alegrai-vos e aprontai-vos para partir daqui a três dias. O navio zarpará sem falta, e já combinei com o capitão o vosso embarque.’

‘No estado em que me encontro’, respondeu Camaralzaman, ‘não podeis anunciar-me coisas mais agradáveis. Em compensação, tenho de dar-vos uma notícia que há de causar-vos enorme contentamento. Vinde comigo e vereis a boa sorte que o céu vos enviou.’

Camaralzaman levou o jardineiro ao lugar onde desenraigara a árvore, ajudou-o a descer e, quando lhe mostrou os vasos repletos de pó de ouro, demonstrou-lhe toda a sua alegria por Deus recompensar finalmente a virtude e todos os seus trabalhos durante tão longos anos.

‘Que estais pensando?’, perguntou-lhe o jardineiro. ‘Julgais que eu queira apropriar-me desse tesouro? Pertence-vos, e eu não o desejo. Há oitenta anos, desde que meu pai morreu, não faço outra coisa senão remexer a terra desse jardim, sem nada ter descoberto. É sinal de que vos era destinado, visto que Deus permitiu que o achásseis; convém a um príncipe como vós, muito mais que a mim, que estou à beira do túmulo, e que já de nada necessito. Deus vo-lo envia justamente na hora em que ides reunir-vos à pessoa amada, no país em que sabereis empregá-lo.’

O príncipe Camaralzaman não quis ceder ao jardineiro em generosidade, e ambos discutiram muito. Finalmente, Camaralzaman terminou dizendo

que não aceitaria coisa nenhuma se ele não ficasse com a metade. O jardineiro concordou então, e cada um ficou com 25 vasos.

Feita a partilha, disse-lhe o jardineiro: ‘Meu filho, não é o bastante; agora, trata de embarcar esta riqueza no navio e levá-lo convosco secretamente, sem que ninguém desconfie. De outro modo correreis o risco de perdê-la. Não há azeitonas na ilha de Ébano, e as daqui são preciosas. Como sabeis, tenho boa provisão das que colho no meu jardim. Pegareis cinquenta potes, que serão enchidos pela metade com pó de ouro e pela outra metade com azeitonas, e mandaremos levá-la ao navio quando embarcardes.’

Camaralzaman seguiu o bom conselho e empregou o resto do dia em preparar os cinquenta potes; temendo que o talismã da princesa, que ele trazia ao braço, lhe escapasse, teve a precaução de colocá-lo num dos potes, assinalando-o para reconhecê-lo. Quando terminou de preparar os potes para serem transportados e viu que a noite se aproximava, retirou-se com o jardineiro, e, conversando com ele, contou-lhe a luta dos dois pássaros e as circunstâncias da aventura que lhe fizera encontrar o talismã de Badura.

Quer por causa da idade, quer por causa do atarefamento daquele dia, o jardineiro passou mal a noite. O mal aumentou no dia seguinte, e pior ainda encontrou-se ele no terceiro dia de manhã. Ao amanhecer, o capitão do navio em pessoa e vários marinheiros foram bater à porta do jardim, perguntando a Camaralzaman, que lhes abriu, onde estava o passageiro que devia embarcar. ‘Sou eu mesmo’, respondeu o príncipe. ‘O jardineiro que pediu passagem para mim está doente e não pode vos falar; entrai, e transportai os potes de azeitonas que estão aqui com a minha bagagem, e eu vos seguirei depois de despedir-me dele.’

Os marinheiros carregaram os potes e a bagagem e, deixando Camaralzaman, disse-lhe o capitão: ‘Não deixeis de vir imediatamente. O vento está ótimo, e eu só espero por vós para zarpar.’

Quando o capitão e os marinheiros partiram, Camaralzaman voltou à cabeceira da cama do jardineiro para despedir-se e agradecer-lhe todos os benefícios dele recebidos. Achou-o agonizante, porém; e mal obtivera dele que fizesse a sua profissão de fé, de acordo com o costume dos muçulmanos em hora de morte, viu-o expirar.

Na necessidade de embarcar, tratou apressadamente de prestar as últimas homenagens ao amigo morto. Levou-lhe o corpo, e, após cavar-lhe uma cova no jardim (pois como os muçulmanos eram apenas tolerados naquela cidade de idólatras, não possuíam cemitério público), o enterrou. Só terminou pelo fim do dia. Partiu, então, sem perda de tempo para o navio, levando consigo a chave do jardim, com a intenção de entregá-la ao seu dono, se pudesse, ou deixá-la com pessoa de confiança na presença de testemunhas. Mas, chegando ao porto, soube que o navio levantara âncora e desaparecera, após aguardá-lo por três longuíssimas horas...”

Sherazade quis prosseguir, mas a claridade do dia a obrigou a calar-se. Retomou a história de Camaralzaman na noite seguinte e disse ao sultão da Índia:

226^A NOITE

“Senhor, o príncipe Camaralzaman, como é fácil se imaginar, se desesperou vendo-se obrigado a ficar ainda num país onde não se acostumava e esperar outro ano para valer-se da ocasião que acabava de perder. O que mais o desolava era ter-se separado do talismã da princesa Badura mais uma vez. Entretanto, não teve outra escolha senão voltar ao jardim de onde saíra, alugá-lo do proprietário e continuar a cultivá-lo, chorando sua desgraça. Como não pudesse suportar o trabalho de cultivá-lo sozinho, empregou os serviços de um rapaz; e, a fim de não perder a outra parte do tesouro, que lhe cabia pela morte do jardineiro, colocou o pó de ouro em outros cinquenta potes, que acabou de encher com azeitonas, para embarcá-los no devido tempo.

Enquanto o príncipe começava um novo ano de luta, dor e impaciência, o navio continuava a viagem com vento próspero, chegando felizmente à capital da ilha de Ébano.

Visto que o palácio se situava à beira-mar, o novo rei, ou melhor, a princesa Badura, que notou o navio quando ia entrar no porto com todas as suas bandeiras, perguntou que barco era e soube assim que se tratava do que vinha todos os anos da cidade dos idólatras, quase sempre repleto de preciosas mercadorias.

A princesa, sempre com Camaralzaman na lembrança, no meio do esplendor que a rodeava, pensou que ele talvez tivesse embarcado no navio. Ocorreu-lhe a ideia de preveni-lo para não dar-se a conhecer (pois tinha certeza de que ele a reconheceria imediatamente), mas a fim de com ele combinar as medidas necessárias para o mútuo reconhecimento. Com o pretexto de indagar pessoalmente sobre as mercadorias e até de ser a primeira a escolher as mais preciosas, ordenou que lhe trouxessem um cavalo e dirigiu-se para o porto acompanhada de vários oficiais, chegando no momento em que o capitão acabava de desembarcar. Mandou chamá-lo e quis saber de onde vinha, há quanto tempo partira, que encontros bons ou

maus tivera durante a navegação, se não trazia estrangeiros, e, sobretudo, que carga era a do navio.

O capitão satisfez-lhe todas as perguntas. Quanto aos passageiros, assegurou-lhe só trazer a bordo mercadores que costumavam trazer riquíssimos tecidos de diferentes países, telas das mais finas, pintadas ou não, pedras preciosas, almíscar, âmbar cinzento, cânfora, especiarias, drogas medicinais, azeitonas e várias outras coisas.

Badura gostava muito de azeitonas. Quando ouviu mencioná-las, disse o capitão: ‘Fico com as que trouxestes. Mandai-as desembarcar logo. Quanto às mercadorias, avisareis os mercadores que me levem o que há de mais belo antes de mostrá-las a quem quer que seja.’

‘Senhor’, respondeu o capitão, que a tomava pelo rei da ilha de Ébano, ‘há cinquenta potes bem grandes de azeitonas; mas pertencem a um mercador que ficou em terra. Eu mesmo o havia advertido, e aguardei-o em vão. Ao verificar que não aparecia, e que o seu atraso me impedia valer-me do bom vento, perdi a paciência, e zarpei.’ ‘Desembarcai-os’, disse a princesa. ‘Isso não impedirá que sejam vendidos.’

O capitão enviou a chalupa ao navio e ela voltou carregada com os potes.

A princesa perguntou quanto valeriam na ilha de Ébano. ‘Senhor’, respondeu-lhe o capitão, ‘o mercador é bem pobre; não lhe dareis demais, dando-lhe mil moedas de prata.’

‘Para que ele fique contente’, respondeu a princesa, ‘e em consideração pelo que me dizeis acerca da sua pobreza, vos serão contadas mil moedas de ouro, que lhe entregareis.’ Deu ordem para o pagamento, e, mandando transportar os potes, voltou ao palácio.

Estando próxima a noite, Badura se retirou antes para o palácio interior, foi ao aposento da princesa Haiatalnefuz e mandou que lhe levassem os cinquenta potes de azeitonas. Depois abriu um deles para experimentarem os frutos, ela e Haiatalnefuz. Imagine o seu espanto ao ver azeitonas misturadas com pó de ouro. ‘Que maravilha!’, exclamou. Mandou, então, abrir e esvaziar os outros potes, na sua presença, pelas escravas de Haiatalnefuz, e sua admiração cresceu à medida que ia vendo as azeitonas de cada pote mescladas

com pó de ouro. Quando se esvaziou aquele em que Camaralzaman escondera o talismã, ficou tão surpreendida que perdeu os sentidos.

A princesa Haiatalnefuz e suas escravas correram em seu auxílio e fizeram com que recobrasse o sentidos, lançando-lhe água ao rosto. Imediatamente ela se apoderou do talismã, beijando-o repetidas vezes. Mas como nada quisesse dizer diante das escravas da princesa, que ignoravam o seu disfarce, e como estivesse na hora de dormir, despediu-as. ‘Princesa’, disse a Haiatalnefuz, quando se viram sozinhas, ‘deveis ter notado que foi à vista desse talismã que desmaiei. É o meu, o mesmo que nos separou, o príncipe Camaralzaman e eu. Foi a causa de uma separação tão dolorosa para um como para o outro, mas será, estou certa, a causa da nossa próxima união.’

No dia seguinte, ao amanhecer, Badura mandou chamar o capitão do navio, e, ao vê-lo chegar, disse-lhe: ‘Falai-me do mercador a quem pertencem as azeitonas que comprei ontem. Dissestes-me, se não me engano, que o deixaste na cidade dos idólatras. Podeis me dizer o que ele fazia?’

‘Senhor’, respondeu o capitão, ‘só posso vos contar o que sei. Combinei o seu embarque com um jardineiro extremamente idoso, onde trabalhava sob suas ordens, o que me levou a dizer-vos que era pobre. Fui procurá-lo e avisá-lo da partida do navio, e falei-lhe pessoalmente.’

‘Se é assim’, respondeu a princesa Badura, ‘vos será preciso partir imediatamente, voltar à cidade dos idólatras e trazer-me esse jovem que é meu devedor, senão confiscarei as mercadorias que vos pertencem e as dos mercadores que vierem convosco; além disso, correrá perigo a vossa vida e a dos mercadores. Desde já, por minha ordem, serão seladas as mercadorias no depósito onde se encontram, e os selos somente serão retirados quando me tiverdes trazido o homem que exijo. É o que tinha de vos dizer. Ide e fazei o que vos ordeno.’ Feito aquilo zarparam no mesmo dia.

O capitão nada pôde responder a tal ordem, que, não executada, acarretaria tão grande prejuízo aos seus negócios e aos dos mercadores. Estes, avisados, apressaram-se tanto quanto ele em mandar embarcar imediatamente as provisões necessárias para a viagem.

O navio fez uma excelente viagem, e o capitão calculou tão bem que atingiu à noite o porto da cidade dos idólatras. Chegado o mais próximo

possível, não mandou lançar ferros; pelo contrário, enquanto o barco aguardava, embarcou na chalupa e foi descer em terra num ponto pouco distante do porto, de onde se encaminhou para o jardim de Camaralzaman com seis marinheiros dos mais resolutos.

Camaralzaman não estava dormindo ainda, a separação de sua formosa mulher o afligia como sempre, e ele detestava o momento em que se deixara tentar pela curiosidade de tocar aquele cinto. Assim passava os momentos de repouso, quando ouviu bater à porta do jardim. Foi imediatamente abrir, semivestido, e mal o fez o capitão e os seis marinheiros, sem dizerem uma palavra, o conduziram à chalupa à força, rumando com ele para o navio, que zarpou de novo, sem perda de tempo.

Camaralzaman, calado até aquele momento, assim como o capitão e os marinheiros, perguntou ao capitão, que reconheceu, por que o levava com tamanha violência. ‘Não sois devedor do rei da ilha de Ébano?’, perguntou-lhe o capitão, por sua vez. ‘Eu, devedor do rei da ilha de Ébano?’, respondeu Camaralzaman, surpreso. ‘Eu sequer o conheço, nunca tive negócios com ele e nunca pus os pés no seu reino’, disse. ‘É o que deveis saber melhor do que eu’, disse o capitão. ‘Falar-lhe-eis pessoalmente; enquanto isso, tenha paciência...’”

Sherazade foi obrigada a calar-se nesse ponto, para permitir que o sultão da Índia se levantasse. Mas na noite seguinte assim retomou o fio da história:

227^A NOITE

“Camaralzaman foi arrancado do seu jardim, como já vos disse. O navio não foi menos feliz em levá-lo para a ilha de Ébano do que fora ao ir buscá-lo na cidade dos idólatras. Embora já fosse noite quando entrou no porto, o capitão desembarcou-o e levou o príncipe Camaralzaman ao palácio, onde pediu que o apresentassem ao rei.

Badura, que já tinha se retirado para o interior do palácio, mal foi avisada da volta do capitão e da chegada de Camaralzaman, saiu para falar-lhe. Lançando os olhos para o príncipe, por quem muito chorara, reconheceu-o imediatamente, apesar das pobres vestes que usava. Quanto ao príncipe, que tremia diante de um rei a quem devia responder por uma dívida imaginária, sequer teve a ideia de que estava diante de alguém tão ardentemente desejado. Se a princesa tivesse seguido sua inclinação, teria corrido para ele, dando-se a conhecer, mas refreou-se, crendo ser do interesse de ambos representar ela ainda o papel de rei. Contentou-se, pois, em recomendá-lo a um oficial que se achava presente.

Quando Badura terminou de tomar as medidas concernentes ao príncipe Camaralzaman, voltou-se para o capitão a fim de lhe agradecer tão importante serviço; depois, encarregou outro oficial de ir imediatamente tirar os selos colocados nas mercadorias. Antes de despedir o capitão, deu-lhe um precioso diamante, que muito o recompensou pela despesa da viagem que acabara de realizar. Disse-lhe também que guardasse as mil moedas de ouro pagas pelas azeitonas, que ela trataria diretamente com o mercador.

Entrou, finalmente, no aposento da princesa da ilha de Ébano, a quem participou a sua alegria, rogando-lhe, contudo, que continuasse a guardar o segredo, e confiando-lhe as medidas que julgava necessárias, antes de se dar a conhecer ao príncipe Camaralzaman. ‘Há’, acrescentou, ‘tão grande distância de um jardineiro a um príncipe, como ele é, que seria perigoso fazê-lo passar num instante do último grau do povo ao mais elevado, apesar de toda a justiça de tal ato.’ Em vez de deixar de ser-lhe fiel, a princesa da ilha de

Ébano tomou parte no seu plano e assegurou-lhe que contribuiria com grande prazer.

No dia seguinte, a princesa da China, com o nome, hábito e autoridade de rei da ilha de Ébano, após mandar que levassem o príncipe Camaralzaman ao banho e o vestissem com um traje de emir ou governador de província, ordenou que o introduzissem no conselho, onde ele atraiu os olhares de todos os presentes pelo seu excelente aspecto e pelo seu ar majestoso e dominador.

Badura alegrou-se em revê-lo tão imponente como o vira tantas vezes, o que a instigou a fazer o seu elogio em pleno conselho. Após ele ter se colocado entre os emires, por ordem dela, disse Badura: ‘Senhores, Camaralzaman, que hoje ponho entre vós como colega, não é indigno do lugar que ocupa. Eu o conheci suficientemente nas minhas viagens e posso garantir que se dará a conhecer pelo seu valor e por mil outras belas qualidades, ao lado de uma grande inteligência.’

Camaralzaman ficou extremamente surpreso quando ouviu que o rei da ilha de Ébano, que ele estava bem longe de tomar por sua mulher, o tinha chamado pelo nome, além de assegurar que o conhecia; e como estava certo de jamais tê-lo visto, mais espantado ficou com os excessivos elogios que acabara de receber.

Aqueles elogios, contudo, pronunciados por uma boca cheia de majestade, não o desconcertaram; recebeu-os com uma modéstia que demonstrou que os merecia e que lhe não causavam vaidade. Após prostrar-se perante o trono do rei, disse: ‘Senhor, não tenho palavras para vos agradecer a grande honra que me concedeis, e toda a vossa bondade. Farei tudo quanto puder para merecê-la.’

Saindo do conselho, o príncipe foi conduzido por um oficial a um grande alojamento que a princesa Badura já mandara mobiliar. Ali encontrou oficiais e criados prontos para receber suas ordens, e uma cavalaria repleta de belos animais, tudo para sustentar a dignidade de emir que acabava de ser honrado; quando chegou ao seu gabinete, o seu intendente apresentou-lhe um cofre cheio de ouro para as suas despesas. Camaralzaman não sabia a que

atribuir tão grande ventura. Nem por um instante imaginou que a causa fosse a própria princesa da China!

Depois de dois ou três dias a princesa Badura, para dar ao príncipe Camaralzaman mais acesso à sua pessoa, e ao mesmo tempo maior distinção, o investiu do cargo de tesoureiro-mor, Camaralzaman desempenhou a tarefa com tamanha integridade que adquiriu a amizade de todos os senhores da corte e o coração de todo o povo por sua retidão e generosidade.

Camaralzaman teria sido o mais feliz dos homens por se ver tão favorecido por um rei estrangeiro e gozar de ótima consideração que aumentava todos os dias, se houvesse tido ao seu lado a princesa. No meio da sua ventura não cessava de chorar por não receber notícias suas num país onde ela devia ter passado. Teria podido duvidar de alguma coisa, se Badura conservasse o nome de Camaralzaman que ela tomara com os seus trajes; mas a princesa trocara-o, ao subir ao trono, pelo de Armanos, em honra ao antigo rei, seu sogro. Só a conheciam pelo nome de rei Armanos, o jovem, e só havia alguns cortesãos que se lembravam do nome de Camaralzaman, com que fazia chamar-se quando chegara à corte da ilha de Ébano. Camaralzaman não tinha ainda bastante intimidade com eles para saber daquilo, mas, enfim, um dia poderia sabê-lo.

Como a princesa Badura receasse isso resolveu pôr um fim aos seus próprios tormentos e aos que, sabia-o ela, o afligiam. Notara com efeito que todas as vezes que discutia com ele negócios do país dava suspiros prolongados. Ela mesma vivia num constrangimento de que estava resolvida a libertar-se. Por outro lado, a amizade dos cortesãos, o zelo e afeto do povo, tudo contribuía para colocar sobre a cabeça de Camaralzaman, sem obstáculos, a coroa da ilha de Ébano.

Mal tomou tal decisão, de acordo com a princesa Haiatalnefuz, chamou o príncipe Camaralzaman em particular no mesmo dia: ‘Camaralzaman’, disse-lhe, ‘quero falar convosco sobre um assunto importante, que necessito do vosso conselho. Como não vejo melhor ocasião do que de noite, vinde, e dissei que vos aguardo. Proporcionarei a vós um leito.’

Camaralzaman dirigiu-se ao palácio à hora marcada pela princesa. Ela o fez entrar no palácio, e, após dizer ao chefe dos eunucos, que se preparava

para segui-la, que o dispensava, e que se limitasse a manter fechada a porta, levou o príncipe para o outro aposento, que não o da princesa Haiatalnefuz, onde costumava deitar-se.

Quando o príncipe e a princesa se viram no quarto em que havia um leito, a princesa tirou o talismã de uma caixinha, e, apresentando-o a Camaralzaman, disse-lhe: ‘Não há muito tempo, um astrólogo me deu este talismã. Visto que sois hábil em tudo, diga-me para que serve.’

Camaralzaman pegou o talismã e aproximou-se de uma vela para examiná-lo. A sua surpresa, ao reconhecê-lo, causou enorme satisfação à princesa: ‘Senhor’, exclamou, ‘perguntais-me para que serve este talismã? Ah! Serve para me fazer morrer de dor, se não encontrar a mais encantadora princesa que jamais apareceu na Terra, a quem ele pertence, e cuja perda me causou! Causou-me tal perda por um acidente tão estranho que a sua história comoveria Vossa Majestade. Teríeis piedade de um marido infortunado como eu, se me ouvísseis.’

‘Contarás a vossa história outro dia’, respondeu a princesa. ‘Mas tenho o prazer de vos dizer que dela já sei boa parte. Volto já, esperai-me um instante.’

Assim, entrou no seu gabinete, onde tirou o turbante real, e vestindo-se de mulher em poucos instantes, com o cinto que usava no dia da separação, tornou a entrar no quarto.

Camaralzaman reconheceu imediatamente sua querida princesa, correu-lhe ao encontro, e abraçou-a apaixonadamente. ‘Ah!’, exclamou, ‘que obrigações devo ao rei que me proporcionou tão agradável surpresa!’ ‘Não espereis rever o rei’, respondeu a princesa, abraçando-o por sua vez, com lágrimas nos olhos. ‘Vendo-me, vedes o rei. Sentemo-nos, que vos explicarei todo esse mistério.’

Sentaram-se, e a princesa contou ao príncipe a resolução tomada na planície onde haviam acampado juntos pela última vez, quando soube que esperaria inutilmente; de que maneira a pusera em execução até a sua chegada à ilha de Ébano, onde fora obrigada a desposar a princesa Haiatalnefuz e aceitar a coroa que o rei Armanos lhe oferecera pelo seu casamento; como a princesa, cujos méritos realçou, recebera a declaração do

seu sexo; e finalmente a aventura do talismã encontrado num dos potes de azeitonas e pó de ouro por ela comprados, o que lhe dera a oportunidade de mandar buscá-lo na cidade dos idólatras.

Quando Badura terminou, quis que o príncipe lhe contasse por que fora o talismã a causa da sua separação. Ele lhe satisfez a vontade, e quando acabou, queixou-se por ter estado a definhar por tão longo tempo. Ela apresentou-lhe os motivos que nos são conhecidos, após o que, por ser bastante tarde, deitaram-se...”

Sherazade interrompeu sua história. O dia ia despontando. Na noite seguinte continuou a história, e disse ao sultão da Índia:

228^A NOITE

“Senhor, a princesa Badura e o príncipe Camaralzaman levantaram-se no dia seguinte logo pela manhã. Mas a princesa, deixando a veste real, retomou a de mulher, e quando ficou pronta mandou o chefe dos eunucos pedir ao rei Armanos, seu sogro, que viesse ao seu aposento. Quando o rei Armanos chegou, ficou fortemente surpreso em ver uma mulher desconhecida e o tesoureiro-mor, a quem não cabia entrar no palácio como não cabia a nenhum senhor da corte. Sentando-se, perguntou onde se achava o rei.

‘Senhor’, respondeu a princesa, ‘ontem eu era o rei, e hoje não sou senão a princesa da China, mulher do verdadeiro príncipe Camaralzaman, filho verdadeiro do rei Chahzaman. Se quiserdes ter a paciência de ouvir a nossa história, espero que não me condenareis por tê-lo enganado tão inocentemente.’ O rei Armanos ouviu, então, a história com espanto, do princípio até o fim.

Terminando, disse a princesa: ‘Senhor, embora na nossa religião as mulheres muito dificilmente se conformem com a liberdade que têm os maridos de possuir várias mulheres, se consentirdes em conceder a mão da princesa Haiatalnefuz, vossa filha, ao príncipe Camaralzaman, lhe cederei de bom grado a qualidade de rainha que lhe pertence de direito e me contentarei com o segundo título. Mesmo que tal preferência não lhe pertencesse, não deixaria eu de cedê-la após o favor que me fez guardando o meu segredo com tão grande generosidade. Já a preveni, e estou certa de que ficará contentíssima.’

O rei Armanos ouviu as palavras da princesa Badura com admiração, e quando ela terminou, disse-lhe, voltando-se para o príncipe Camaralzaman: ‘Meu filho, já que a princesa Badura, vossa esposa, que até agora supus meu genro, por um engano do qual não posso me queixar, me assegura que deseja partilhar o vosso leito com minha filha, só me resta saber se quereis desposá-la e aceitar a coroa que a princesa Badura mereceria usar por toda a vida se não preferisse deixá-la ao homem a que ama.’

‘Senhor’, respondeu o príncipe Camaralzaman, ‘por maior que seja o desejo de rever o rei, meu pai, as obrigações que devo a vós e à princesa Haiatalnefuz são tão essenciais que nada vos posso recusar.’

Camaralzaman foi proclamado rei, e, no mesmo dia, casou-se com grande magnificência, ficando satisfeitíssimo com a beleza, o espírito e o amor da princesa Haiatalnefuz.

As duas rainhas continuaram a viver juntas com a mesma amizade e a mesma união de antes, e contentíssimas com a igualdade que o rei Camaralzaman mantinha com respeito a elas, com elas dividindo alternadamente o leito.

Cada uma lhe deu um filho, no mesmo ano, quase ao mesmo tempo, e o nascimento dos dois príncipes foi celebrado com grandes festividades. Camaralzaman chamou de Amdjad^[53] o primeiro, filho de Badura, e de Assad^[54] o filho da rainha Haiatalnefuz.

A história dos príncipes Amdjad e Assad

Os dois príncipes foram criados cuidadosamente, e quando atingiram certa idade, tiveram o mesmo governante, os mesmos professores nas ciências e nas belas-artistas, o mesmo mestre em todos os exercícios. A forte amizade que tinham um pelo outro dera origem a tal uniformidade que crescia cada vez mais.

Assim, quando chegaram à idade de ter cada um uma casa, se achavam tão unidos que suplicaram ao rei Camaralzaman que concordasse em lhes ceder apenas uma. Viram atendido seu pedido, e assim tiveram os mesmos oficiais, os mesmos criados, os mesmos aposentos e a mesma mesa. Sem sentir, Camaralzaman começara a depositar tão grande confiança na capacidade e retidão deles que quando chegaram aos 18 anos não tinha dificuldade em incumbi-los do cuidado de presidir o conselho, alternadamente, todas as vezes em que participava de caçadas de vários dias.

Por serem os dois príncipes igualmente formosos, desde a infância tinham as duas rainhas concebido por eles uma indizível ternura, mas Badura tinha mais inclinação por Assad, filho da rainha Haiatalnefuz do que por Amdjad, seu próprio filho, ao passo que a rainha Haiatalnefuz tinha mais por Amdjad do que por Assad, seu filho.

A princípio, as rainhas viram naquela inclinação um prolongamento da amizade que tinham uma pela outra. Mas, à medida que os príncipes foram crescendo, a inclinação transformou-se em atração, e esta em amor dos mais violentos, quando eles apareceram aos seus olhos com encantos que acabaram de cegá-las. Toda a infâmia da sua paixão lhes era conhecida, e fizeram terríveis esforços para resisti-la; mas a familiaridade com que os viam todos os dias e o hábito de admirá-los desde a infância e de acariciá-los as inflamaram de amor a ponto de perderem o sono e a vontade de comer e beber. Para desgraça delas, e por desgraça dos dois príncipes, estes, acostumados àquelas carícias, sequer suspeitaram de tão detestável chama.

Como as duas rainhas não haviam feito segredo da sua paixão, mas não tinham coragem para manifestá-la abertamente ao príncipe que cada uma

delas amava, concordaram em fazê-lo por um bilhete; e para levarem a termo tão pernicioso plano, valeram-se da ausência do rei Camaralzaman por uma caçada de três ou quatro dias.

No dia da partida do rei, o príncipe Amdjad presidiu o conselho e ministrou a justiça até as duas ou três horas depois do almoço. À saída do conselho, entrando no palácio, um eunuco lhe apresentou um bilhete da rainha Haiatalnefuz. Amdjad leu-o com horror, e, voltando-se para o eunuco, disse-lhe: ‘Como, pérfido, é assim que guardas a fidelidade que deves ao teu senhor e rei?’ E assim falando, cortou-lhe a cabeça.

Após tal ato, Amdjad, vencido pela cólera, foi procurar a rainha Badura, sua mãe, com ressentimento. Mostrou-lhe o bilhete e informou-a do conteúdo assim como da providência. Em vez de ouvi-lo, a rainha Badura se irritou, e lhe disse: ‘Meu filho, o que me dizeis é uma calúnia e impostura. A rainha Haiatalnefuz é honesta e eu vos considero bem ousado falando-me contra ela com tamanha insolência.’ O príncipe indignou-se diante daquelas palavras. ‘Sois todas umas piores que as outras! Se não fosse o respeito que devo a meu pai, este dia seria o último da vida de Haiatalnefuz.’

Badura, vendo o exemplo de seu filho Amdjad, bem pôde julgar que Assad, não sendo menos virtuoso, não receberia mais favoravelmente a declaração semelhante feita por ela. Isso, porém, não a impediu de persistir no abominável plano, e escreveu-lhe um bilhete no dia seguinte, confiando-o a uma velha que tinha entrada no palácio.

A velha entregou o bilhete ao príncipe Assad à saída do conselho, que ele, por sua vez, acabava de presidir. O príncipe pegou-o, e, ao lê-lo, deixou-se vencer tão vivamente pela cólera que, sem dar-se ao trabalho de terminar, tirou o alfange e puniu a velha como esta merecia. Em seguida, correu ao aposento de Haiatalnefuz, sua mãe, levando o bilhete. Quis mostrar-lhe, mas ela não lhe deu tempo sequer de falar. ‘Sei o que quereis de mim’, disse, ‘e vós sois tão impertinente como vosso irmão Amdjad. Retirai-vos, e nunca mais volteis a visitar-me.’

Assad ficou boquiaberto diante daquelas palavras inesperadas, que o enfureceram a tal ponto que pouco faltou para que não desse vazão aos seus sentimentos. Dominando-se, porém, retirou-se sem nada dizer, com medo

de dizer alguma coisa indigna da sua grandeza de alma. Como o príncipe Amdjad nada lhe contara do bilhete recebido na véspera, e como o que sua mãe acabava de lhe dizer demonstrava claramente não ser ela menos criminosa que a rainha Badura, foi ter com ele para reprovar-lhe a discrição e unir a sua dor à dele.

As duas rainhas, desesperadas por terem encontrado nos príncipes uma virtude que devia devolver a elas o juízo perdido, renunciaram a todos os sentimentos da natureza e de mãe, e combinaram fazê-los morrer. Deram a crer às suas criadas que eles haviam tentado forçá-las, e fingiram lágrimas e maldições, deitando-se num mesmo leito, como se a resistência supostamente oferecida as tivesse reduzido aos extremos...”

— Mas, Senhor — disse Sherazade —, o dia está aparecendo e me impõe silêncio.

Calou-se, então. Mas na noite seguinte continuou a mesma história, dizendo ao sultão da Índia:

229^A NOITE

“Senhor, deixamos ontem as duas rainhas desnaturadas decididas a mandar matar os dois príncipes, seus filhos. No dia seguinte, o rei Camaralzaman, ao voltar da sua caçada, ficou estupefato por vê-las deitadas juntas, em tal estado, muito bem-fingido, aliás, que se compadeceu, e lhes perguntou ansiosamente o que havia acontecido. Àquela pergunta, as dissimuladas redobram os gemidos e soluços; e após muita insistência, Badura enfim tomou a palavra: ‘Senhor’, disse, ‘a justa dor que nos aflige é tal que não deveríamos mais ver o dia após o ultraje que os príncipes, vossos filhos, nos fizeram com uma brutalidade sem par. Por uma combinação indigna do seu nascimento, a vossa ausência lhes deu a ousadia e insolência de atentar contra a nossa honra. Dispensai-nos de falar mais. A nossa dor bastará para dar-vos a compreender o resto.’

O rei mandou chamar os dois príncipes, e teria tirado as suas vidas com suas próprias mãos, se o velho rei, Armanos, que estava presente, não o detivesse. ‘Meu filho’, disse-lhe, ‘que fazeis? Quereis ensanguentar vossas mãos e o vosso palácio com o vosso próprio sangue? Há outros meios para puni-los, se é verdade que são culpados.’ Tratou de acalmá-lo, assim, e pediu-lhe que verificasse se era verdade terem eles cometido o nefando crime de que os acusavam.

Camaralzaman conseguiu dominar-se e não se fazer algoz dos próprios filhos; mas, após mandá-los prender, mandou chamar, ao cair da noite, um emir de nome Jondar, que incumbiu de lhes tirar a vida fora da cidade, em qualquer lugar que lhe aprouvesse, e de não voltar sem trazer-lhe as vestes dos jovens como sinal da execução da ordem dada.

Jondar caminhou a noite toda, e, no dia seguinte, pela manhã, apeando-se, transmitiu aos príncipes, com lágrimas nos olhos, a ordem recebida. ‘Príncipes’, disse-lhes, ‘essa ordem é muito cruel, e para mim é uma mortificação das piores ter sido escolhido para ser o seu executor. Prouvera a Deus que de tal missão eu pudesse me dispensar.’ ‘Cumpra o vosso dever’,

responderam-lhe os príncipes. ‘Bem sabemos que não sois a causa da nossa morte, e nós vos perdoamos de todo o coração.’

Assim, os príncipes se abraçaram e se despediram com tamanha ternura que por muito tempo não conseguiram se separar. O príncipe Assad foi o primeiro que se dispôs a receber o golpe mortal. ‘Começai por mim’, disse, ‘para que eu não tenha o desgosto de ver morrer meu caro irmão Amdjad.’ Amdjad opôs-se, e Jondar não pôde, sem chorar ainda mais, testemunhar tão sublime disputa, que denotava a sincera e perfeita amizade que os unia.

Terminaram, enfim, as divergências, pedindo a Jondar que os atasse juntos e os matasse ao mesmo tempo. ‘Não nos recuseis este consolo de morrermos juntos, dois infelizes irmãos que somos, que tudo tiveram em comum desde que nasceram, inclusive a inocência do crime de que nos acusaram.’

Jondar concedeu aos príncipes o que pediram. Atou-os, e após colocá-los da melhor maneira possível para lhes cortar as cabeças com um só golpe, perguntou-lhes se tinham algum desejo antes de morrer.

‘Só vos pedimos uma coisa’, responderam os dois príncipes. ‘Assegurar ao rei, nosso pai, que morremos inocentes, mas que não o culpamos de derramar o nosso sangue. Sabemos que não está bem-informado da verdade do crime de que fomos acusados.’ Jondar prometeu-lhes cumprir o pedido, e puxou o alfanje. O seu cavalo, que se achava amarrado a uma árvore nas proximidades, espantado com aquele gesto e com o brilho da lâmina, rompendo as rédeas, fugiu, pondo-se a correr desabaladamente pelo campo.

Era um cavalo de elevado preço, ricamente arreado, cuja perda muito entristeceria Jondar. Preocupado com aquele acidente, em vez de cortar a cabeça dos dois príncipes deixou cair o alfanje e precipitou-se atrás do cavalo para agarrá-lo.

O animal, vigoroso, deu várias voltas diante de Jondar, levando-o até o bosque, para onde ele correu. Jondar o seguiu, e os relinchos do cavalo despertaram um leão. Este, vindo, em vez de atirar-se ao cavalo, precipitou-se sobre Jondar.

Jondar esqueceu-se do cavalo, inteiramente desesperado em salvar sua vida, evitando o ataque do leão, que o seguia de perto, através das árvores. ‘Numa situação dessas, Deus não teria me enviado este castigo’, refletiu, ‘se

os príncipes cuja vida me ordenaram tirar não fossem inocentes, e por desgraça minha não disponho do alfanje para me defender!’

Durante o afastamento de Jondar, os dois príncipes viram-se torturados por uma sede terrível, causada pelo terror da morte, não obstante a corajosa resolução de submeter-se à cruel ordem do rei, seu pai. O príncipe Amdjad disse ao irmão não estarem distantes de uma fonte, e propôs-lhe se desamarrarem e irem beber. ‘Meu irmão’, respondeu o príncipe Assad, ‘pelo pouco que nos resta de vida, não vale a pena saciar nossa sede. Nós a suportaremos mais um pouco.’

Não ouvindo aquelas censuras, Amdjad se desamarrou e desamarrou seu irmão, apesar dos seus protestos. Em seguida, dirigiram-se os dois para a fonte; e, após se saciarem, ouviram o rugido do leão e gritos no bosque onde o cavalo e Jondar haviam entrado. Amdjad, pegando o alfanje do qual Jondar se desembaraçara, disse a Assad: ‘Meu irmão, corramos para salvar o infeliz Jondar; talvez cheguemos a tempo para livrá-lo do perigo que o ameaça.’

Os dois príncipes não perderam mais tempo e chegaram ao lugar precisamente no instante em que o leão acabava de abater Jondar. O leão, vendo que o príncipe Amdjad avançava para ele de alfanje levantado, largou a presa e atacou-o com fúria. O príncipe recebeu-o com intrepidez, dando-lhe um golpe com tamanha força e destreza que o fez tombar morto.

Quando Jondar percebeu que devia a vida aos dois príncipes, lançou-se-lhes aos pés, e agradeceu-lhes o que haviam feito com palavras que demonstravam todo o seu reconhecimento. ‘Príncipes’, disse-lhes, levantando-se e beijando-lhes as mãos, com lágrimas nos olhos, ‘Deus me livre de atentar contra a vossa vida após o inestimável auxílio que acabais de me prestar! Ninguém censurará o emir Jondar por tão grande gratidão.’

‘O serviço que vos prestamos’, responderam os príncipes, ‘não deve impedir-vos de cumprir a ordem recebida. Peguemos, antes, o vosso cavalo, e voltemos ao lugar onde nos tínheis deixado.’ Tiveram pouco trabalho para agarrar o animal, que, tendo perdido a foga, se detivera. Mas, quando voltaram às proximidades da fonte, não conseguiram persuadir o emir Jondar a matá-los. ‘A única coisa que eu tomo a liberdade de vos pedir’, disse-lhes eles, ‘é pegardes das minhas vestes o que posso dar-vos, e ceder-me as vossas;

além disso, fugi para longe, a fim de que o rei, vosso pai, não mais ouça o vosso nome.’

Os príncipes foram obrigados a concordar com o que ele exigia; e, após lhe entregarem as respectivas vestes, cobrindo-se com o que ele lhes cedeu das suas, o emir Jondar entregou-lhes todo o ouro e prata que trazia, e despediu-se.

Quando o emir Jondar se separou dos príncipes, atravessou o bosque, onde tingiu com o sangue do leão as vestes dos dois jovens, e continuou o caminho até a capital da ilha de Ébano. À sua chegada, o rei Camaralzaman perguntou-lhe se fora fiel na execução da ordem recebida. ‘Senhor’, respondeu Jondar, apresentando-lhe as vestes dos dois príncipes, ‘eis aqui as provas.’

‘Dizei-me’, respondeu o rei, ‘de que modo receberam o castigo.’ ‘Senhor’, disse o emir, ‘receberam-no com admirável firmeza e com resignação aos desígnios de Deus, demonstrando, assim, a sinceridade com que faziam profissão do seu credo, mas sobretudo com enorme respeito por vós, e com inconcebível submissão. Morremos inocentes, disseram-me, mas não protestamos. Recebemos a morte das mãos de Deus, e perdoamos ao rei, nosso pai. Sabemos muito bem que não lhe contaram a verdade.’

Camaralzaman, sensivelmente comovido pelas palavras do emir Jondar, quis revistar os bolsos das vestes dos dois príncipes, e começou pelas de Amdjad. Encontrou um bilhete que abriu e leu. Mal verificou que fora a rainha Haiatalnefuz quem o escrevera, não somente pela letra como também por uma mecha dos seus cabelos colocada entre as folhas, estremeceu. Revistou, tremendo, as vestes de Assad, e o bilhete da rainha Badura o encheu de tão grande espanto, que desmaiou...”

A sultana Sherazade, percebendo que o dia estava para nascer, deixou de falar, mas retomou o fio da história na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

230^A NOITE

“Senhor, nunca se viu dor igual à de Camaralzaman quando recobrou os sentidos. ‘Que fizeste, pai bárbaro?!’, gritou. ‘Mataste teus próprios filhos! Filhos inocentes! A sua sensatez, a sua modéstia, a sua obediência, a sua submissão a todas as tuas vontades, a sua virtude não te diziam nada em defesa deles? Pai cego! Mereces que a terra te suporte ainda após tão nefando crime! Eu mesmo me atirei a essa abominação, e é esse o castigo com que Deus me tortura por não ter perseverado na aversão às mulheres com que nasci! Não lavarei o vosso crime no vosso sangue, como mereceríeis, detestáveis mulheres! Não, não sois dignas da minha cólera. Mas que o céu me fulmine, se eu as vir outra vez!’

O rei Camaralzaman manteve religiosamente seu juramento. Mandou transferir as duas rainhas no mesmo dia para um aposento separado, com boa guarda, e em sua vida nunca mais se aproximou delas.

Enquanto Camaralzaman se afligia assim pela perda dos príncipes, por culpa dele mesmo, por culpa do seu arrebatamento, os dois jovens andavam pelos desertos, evitando aproximar-se dos lugares habitados e encontrar-se com qualquer tipo de pessoas. Viviam apenas de ervas e frutos selvagens, e só bebiam água da chuva, encontrada nos ocos dos rochedos. Durante a noite, para se protegerem de animais ferozes, dormiam revezadamente.

Um mês depois, chegaram ao pé de uma horrível montanha, toda de pedra negra, inacessível ao que parecia. Descobriram, contudo, um caminho trilhado, mas tão estreito e difícil que não ousaram enveredar por ele. Na esperança de encontrar outro menos rude, continuaram a caminhar ao lado da montanha, durante cinco dias, mas inutilmente, sendo obrigados a voltar ao caminho negligenciado. Pensaram, antes de começar a subir. Finalmente, decidiram-se.

Quanto mais avançavam, mais lhes parecia alta e escarpada a montanha, e várias vezes tiveram a tentação de abandonar a tentativa. Quando um se cansava, e o outro o notava, este parava, e, juntos, retomavam alento. Às

vezes, estavam ambos tão fatigados que as forças lhes faltavam. Então, decidiram não subir mais, e deixar-se morrer de fadiga e esgotamento. Instantes depois, porém, sentindo voltar as forças, animavam-se e retomavam o caminho.

Apesar de todos os seus esforços e da sua coragem, não lhes foi possível chegar ao pico naquele dia. A noite os surpreendeu, e o príncipe Assad viu-se tão fatigado que disse ao irmão: ‘Amdjad, não aguento mais, vou mesmo morrer.’ ‘Descansemos quanto quiserdes’, disse Amdjad, detendo-se, ‘e animai-vos. Não nos resta muito para subir, e a lua nos favorece.’

Depois de uma boa meia hora de repouso, Assad fez um novo esforço, e os dois chegaram finalmente ao alto da montanha, onde se entregaram novamente ao descanso. Amdjad foi o primeiro a se levantar, de imediato, e viu uma árvore a pouca distância. Para ela se encaminhou, verificando, então, que se tratava de uma romãzeira carregada de frutos, e com uma fonte aos pés. Correu a anunciar a boa nova a Assad, e levou-o para a árvore. Refrescaram-se, e ambos comeram dos frutos, após o que adormeceram.

No dia seguinte, de manhã, quando despertaram, disse Amdjad a Assad: ‘Vamos, meu irmão, prossigamos o caminho; vejo que a montanha é muito mais suave deste lado do que do outro e só nos resta descer!’ Mas Assad se achava de tal modo fatigado pelo esforço do dia anterior que lhe foram necessários três dias para refazer-se completamente. Nesse tempo, conversando, como já haviam feito várias vezes, sobre o doido amor de suas mães, que os levara a tão deplorável estado. ‘Mas’, diziam, ‘se Deus se pôs do nosso lado tão visivelmente, devemos suportar os nossos males com paciência e nos consolar com a esperança de que chegaremos ao fim deles.’

Passados os três dias, os dois irmãos puseram-se de novo a caminho, e como a montanha, daquele lado, possuía grandes campos, levaram cinco dias para chegar à planície. Ali descobriram, finalmente, uma grande cidade. ‘Meu irmão’, disse então Amdjad a Assad, ‘não pensais, como eu, em ficardes em algum lugar fora da cidade onde eu possa vir procurar-vos, enquanto eu for informar-me do nome dessa cidade e do nome do país onde nos encontramos? Ao voltar, terei o cuidado de trazer provisões. Será conveniente não entrarmos os dois ao mesmo tempo.’

‘Meu irmão’, respondeu Assad, ‘aprovo o vosso plano, que é cheio de prudência; mas se um dos dois deve ir, jamais permitirei que sejais vós. Incumbo-me dessa tarefa. Que dor não seria a minha, se vos sucedesse alguma coisa!’

‘Mas, meu irmão’, disse Amdjad, ‘a mesma coisa que temeis por mim, temo eu por vós. Suplico-vos deixar-me ir, e aguardai-me com paciência.’ ‘Jamais o permitirei’, respondeu Assad; ‘e se me suceder alguma desgraça, terei pelo menos o consolo de saber que estais em segurança.’ Amdjad foi obrigado a ceder, e ficou ao pé de algumas árvores ao lado da montanha.

A prisão do príncipe Assad ao entrar na Cidade dos Magos

O príncipe Assad pegou algum dinheiro da bolsa de Amdjad e continuou a caminhar até chegar à cidade. Mal havia entrado na primeira rua, viu um ancião venerável, de bom aspecto, e com um bordão. Não duvidando de que devia tratar-se de um homem de distinção, que não o enganaria, aproximou-se. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘peço-vos indicar-me o caminho para a praça pública.’

O ancião, sorrindo, olhou para o príncipe e disse-lhe: ‘Meu filho, sois estrangeiro? Se não fosseis, não me faríeis tal pergunta.’ ‘Sim, sou estrangeiro’, respondeu Assad. ‘Sede bem-vindo’, disse o ancião. ‘O nosso país sente-se honrado com a visita de um jovem formoso como vós. Dizei-me, que assunto vos leva à praça pública?’

‘Senhor’, respondeu Assad, ‘há quase dois meses meu irmão e eu partimos de um país muito distante daqui. Desde então não deixamos de caminhar, e chegamos aqui hoje. Meu irmão, fatigado por tão longa jornada, ficou ao pé da montanha, e eu vim aqui procurar alimentos para ele e para mim.’

‘Meu filho’, disse o ancião, ‘não podíeis escolher momento mais propício, e eu me alegro por vós e pelo vosso irmão. Ofereci hoje um grande festim a vários amigos, e sobram ainda muitas iguarias em que ninguém tocou. Vinde comigo; darei de comer a vós, e, quando tiverdes acabado, darei ainda o suficiente para que vós e vosso irmão possais viver vários dias. Não vos deis, portanto, o trabalho de ir gastar o vosso dinheiro na praça; os viajantes nunca têm dinheiro demais. Com isso, enquanto estiverdes comendo, falarei a vós das particularidades da nossa cidade. Uma pessoa como eu, que passou pelos cargos mais honrosos com distinção, não deve ignorá-los. Alegrai-vos também por vos terdes dirigido a mim e não a outro, pois vos direi, de passagem, que nem todos os cidadãos são como eu; há os bem malvados. Vinde, pois, quero fazer-vos conhecer a diferença que há entre um homem honesto, como eu, e muita gente que se jacta de o ser, mas não o é.’

‘Agradeço-vos muito’, respondeu o príncipe Assad, ‘a boa vontade que me demonstrais; confio inteiramente em vós, e estou pronto a ir aonde

quiserdes.’

O ancião, continuando a caminhar ao lado de Assad, dava gargalhadas, e com medo de que Assad percebesse, falava-lhe de várias coisas, a fim de que o jovem mantivesse boa opinião sobre ele. ‘É preciso confessar’, disse-lhe, ‘que a vossa ventura por vos terdes dirigido a mim é bem grande. Sabereis por que vos falo assim, quando estivermos em minha casa.’

Chegaram, enfim, e o ancião introduziu Assad numa grande sala, onde ele viu quarenta anciões em círculo em torno de um fogo que eles adoravam.

Àquela cena, o príncipe Assad, atônito por ver homens desprovidos de bom senso que prestavam culto à criatura em vez de o prestar ao Criador, espantou-se ao verificar que fora enganado, e que se achava num lugar abominável.

Enquanto Assad ficava imóvel, o astuto ancião saudou os outros quarenta. ‘Devotos adoradores do fogo’, disse-lhes, ‘eis um dia feliz para nós. Onde está Gazban?’, acrescentou. ‘Que venha imediatamente.’

Àquelas palavras, pronunciadas em voz alta, um negro, que as ouviu de baixo da sala, apareceu; este negro, que era Gazban, mal percebendo o desolado Assad, compreendeu por que fora chamado. Correu para ele, lançou-o por terra com um murro, e amarrou-lhe os braços com surpreendente ligeireza. Quando terminou, ordenou-lhe o ancião: ‘Leva-o para baixo, e dize a minhas filhas, Dostana e Cavame, que lhe apliquem bastonadas diariamente, com um pão de manhã e outro de noite como alimento. É o bastante para que viva até a partida do navio para o mar Azul e a Montanha do Fogo. Faremos um belo sacrifício ao nosso deus...’”

A sultana Sherazade não continuou por já ser dia. Continuou, porém, a história na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

231^A NOITE

“Ao ouvir a cruel ordem do ancião, Gazban apoderou-se de Assad brutalmente e o fez descer. Após cruzar várias portas, chegaram a um calabouço, onde desceram vinte degraus. Gazban prendeu Assad com uma corrente grossa e pesada. Quando terminou, foi avisar as filhas do ancião, mas este já lhes estava falando pessoalmente. ‘Minhas filhas’, disse-lhes, descei e espancai como sabeis o muçulmano que acabo de capturar; não o poupeis, demonstrando assim que sois excelentes adoradoras do fogo.’

Dostana e Cavame, criadas no ódio a todos os muçulmanos, receberam a ordem com satisfação. Imediatamente foram ao calabouço, despiram Assad e o espancaram impiedosamente até que ele perdesse os sentidos. Após esse ato tão bárbaro, deixaram-lhe um pão e um pote de água, e retiraram-se.

Assad só recobrou os sentidos muito tempo depois, e para chorar, lastimando sua sorte, mas com o consolo de não ter tal desgraça acontecido ao seu irmão Amdjad.

Amdjad aguardou o irmão até o cair da noite, ao pé da montanha, mas com grande impaciência. Quando notou que já era noite fechada e que ele não voltava, quase enlouqueceu. Passou a noite em desoladora inquietação, e mal o dia nasceu, encaminhou-se para a cidade. A princípio, admirou-se por encontrar poucos muçulmanos. Abordando o primeiro que encontrou, pediu-lhe que lhe dissesse como se chamava a cidade. Soube, assim, que era a Cidade dos Magos, por causa dos magos adoradores do fogo, de cuja maioria se compunha a população. Perguntou também que distância havia de lá à ilha de Ébano; e a resposta que lhe foi dada evidenciou levar quatro meses de viagem por mar e um ano por terra. Aquele a quem se dirigira deixou-o subitamente, após responder-lhe às duas perguntas, continuando seu caminho por estar apressado.

Amdjad, que empregara cerca de seis semanas para vir à ilha de Ébano com Assad, não pôde compreender como haviam feito tão grande caminho em tão pouco tempo, a menos que não fosse por encantamento, ou por ser o

caminho através da montanha muito mais curto. Caminhando pela cidade, deteve-se na oficina de um alfaiate, muçulmano, segundo via pelas suas vestes. Sentando-se perto dele, saudou-o, e contou-lhe a angústia que o dominava.

Quando terminou, respondeu-lhe o alfaiate: ‘Se vosso irmão caiu nas mãos de algum mago, podeis ter certeza de que jamais tornareis a vê-lo. Está perdido, irremediavelmente perdido, e eu vos aconselho a consolar-vos e cuidar da vossa própria salvação. Para isso, crede-me, convirá que fiquéis morando comigo, e eu vos explicarei todas as astúcias desses magos. Assim, quando sairdes, sabereis defender-vos.’ Amdjad, arrasado por ter perdido seu irmão, aceitou a oferta, e agradeceu ao alfaiate a sua bondade.

A história do príncipe Amdjad e de uma dama da Cidade dos Magos

O príncipe Amdjad não saiu da casa em que se hospedara durante um mês, a não ser na companhia do alfaiate. Finalmente, ousou ir sozinho ao banho público. Na volta, ao passar por uma rua onde não havia ninguém, encontrou uma dama.

Esta, notando aquele jovem formoso que acabava de sair do banho, tirou seu véu e perguntou-lhe para onde se dirigia, com ar risonho e convidativo. Amdjad não soube resistir aos encantos da mulher. ‘Senhora’, respondeu-lhe, ‘vou para minha casa, ou para a vossa, conforme quiserdes.’

‘Senhor’, disse a dama, ‘as mulheres da minha categoria não levam os homens para as suas casas, vão às casas deles.’

Amdjad ficou embaraçado diante dessa resposta, que não esperava. Não ousava levá-la para a casa do alfaiate, com medo de perder a proteção de que tanto necessitava numa cidade onde era preciso ter muito cuidado. Também não conhecia nenhum lugar onde pudesse levá-la, e não conseguia se decidir. Nessa incerteza, resolveu entregar-se ao acaso; e, sem responder à dama, continuou a caminhar, seguido por ela.

Amdjad levou-a de rua em rua, de praça em praça, e já estavam ambos cansados de andar quando se encontravam numa rua que terminava numa grande porta fechada de uma casa de belíssima aparência, com dois bancos, um de cada lado. Amdjad sentou-se num deles, para recobrar o fôlego, e a dama, mais fatigada que ele, no outro.

‘É aqui a vossa casa?’, perguntou a mulher ao príncipe Amdjad. ‘Como estais vendo, senhora’, respondeu o príncipe. ‘Por que, então, não a abris?’, perguntou ela. ‘Que esperais?’ ‘Minha formosa’, disse Amdjad, ‘não abro porque não tenho a chave; deixei-a com o meu escravo, que encarreguei de um recado, do qual não pode ainda ter voltado. E, como lhe ordenei que me comprasse, depois, o necessário para uma boa refeição, temo que deveremos esperá-lo ainda por muito tempo.’

A dificuldade encontrada pelo príncipe para satisfazer a sua paixão, da qual começava a arrepender-se, fez-lhe imaginar essa desculpa, na esperança de que a dama, despeitada, o deixaria. Mas se enganou.

‘Eis um escravo impertinente, que se faz esperar’, disse ela. ‘Eu mesma o castigarei, como merece, se vós não o fizerdes, quando ele voltar. Não fica bem, contudo, que eu permaneça sozinha, a uma porta, com um homem.’ Assim, levantou-se, pegando uma pedra para arrombar a fechadura, de madeira, e fraquíssima, segundo a moda do país.

Amdjad, desesperado, quis se opor. ‘Senhora, que pretendeis fazer? Esperai pacientemente alguns instantes.’ ‘Que terror é o vosso?’, perguntou ela. ‘A casa não vos pertence? Que vale, além disso, uma fechadura partida? Será fácil arranjar outra.’ E, assim, rompeu-a; aberta a porta, ela entrou na frente.

Amdjad pensou estar perdido quando viu forçada a porta da casa. Hesitou, sem saber se entraria ou não, para livrar-se do perigo; e ia decidir pela fuga quando a dama, voltando-se, observou que ele continuava parado. ‘Que tendes, por que não entrais na vossa casa?’, perguntou-lhe. ‘Porque’, respondeu Amdjad, ‘estava vendo se o meu escravo não havia voltado. Temo que não haja nada pronto.’ ‘Vinde, vinde’, disse-lhe ela, ‘esperaremos melhor aqui do que lá fora.’

Amdjad entrou, apesar de todos os seus escrúpulos, num vestíbulo espaçoso e bem-pavimentado. Dali subiu por uns degraus a uma grande galeria, onde perceberam, ele e a dama, uma sala aberta, muito bem-mobiliada, e na sala uma mesa de delicadíssimas iguarias com outra coberta de vários frutos e um aparador guarnecido de excelentes garrafas de vinho.

Amdjad, ao ver aqueles preparativos, teve a certeza de estar perdido. ‘És um homem morto, pobre Amdjad’, pensou, ‘não sobreviverás por muito tempo ao teu querido irmão Assad.’ A dama, pelo contrário, arrebatada por tão agradável espetáculo, disse: ‘Como, senhor, e vós temíeis que não tivesse nada pronto! No entanto, vedes que o vosso escravo fez mais do que julgáveis. Mas, se não me engano, tais preparativos são para outra mulher. Não importa. Venha essa outra mulher, que eu não terei ciúme. O único favor que vos peço é que me deixeis servi-la assim como a vós.’

Amdjad não pôde deixar de rir, apesar de toda a sua aflição. ‘Senhora’, disse, pensando em outra coisa totalmente diferente que muito o entristecia, ‘não se trata do que imaginais. O que vedes é o que sempre costumo ter.’ Como não pudesse se decidir a sentar a uma mesa que não fora preparada para ele, quis acomodar-se no sofá; mas a dama o impediu. ‘Que fazeis? Deveis estar com fome, após o banho. Sentemo-nos à mesa, comamos, e nos divirtamos.’

Amdjad foi obrigado a fazer o que a dama exigia. Puseram-se à mesa, e comeram. Depois dos primeiros bocados, a dama, pegando uma garrafa, bebeu à saúde de Amdjad. Depois, tornou a encher o copo, e ofereceu-o a Amdjad.

Quanto mais Amdjad refletia sobre a aventura, tanto mais admirava de ver que o dono da casa não aparecia, e que uma casa onde tudo era tão luxuoso não possuía um único criado. ‘A minha ventura seria extraordinária’, dizia para si mesmo, ‘se o dono se demorasse o suficiente para eu sair desta complicação!’ Enquanto assim se entretinha, a dama continuava a comer, interrompendo-se às vezes para beber, e obrigando-o a fazer o mesmo. Haviam chegado às frutas, quando surgiu o dono da casa.

Era o escudeiro-mor do rei dos magos, e chamava-se Bahader. Aquela casa lhe pertencia, mas possuía outra, onde costumava viver. Da primeira somente se servia para banquetear-se com poucos amigos escolhidos. As iguarias tinham sido trazidas por alguns criados, que tinham se retirado pouco antes da chegada de Amdjad e da dama.

Bahader apresentou-se sem acompanhamento e disfarçado, como costumava, e um pouco antes da hora marcada para os amigos. Surpreendeu-se ao ver forçada a porta da casa. Entrou sem fazer barulho; e ouvindo vozes alegres na sala, colou-se à parede, e introduziu a cabeça pela fresta da porta a fim de verificar quem se achava lá dentro. Ao reconhecer um jovem e uma mulher comendo à mesa preparada para ele e os seus amigos, e notando que o mal não era tão grande quanto supunha, resolveu divertir-se.

A dama, de costas, não podia ver o escudeiro-mor, mas Amdjad, quando o viu, tinha o copo na mão. Mudou de cor, cravando os olhos em Bahader, que lhe fez um sinal para nada dizer e ir falar-lhe.

Amdjad bebeu e levantou-se. ‘Aonde ides?’, perguntou-lhe a dama. ‘Senhora’, disse-lhe ele, ‘esperai-me. Estarei de volta num momento. Uma pequena necessidade me obriga a sair.’ Encontrou Bahader à sua espera na galeria e ambos se dirigiram para o vestíbulo, a fim de poderem falar sem que a dama os interrompesse.”

Sherazade, com essas últimas palavras, percebeu que estava na hora de o sultão da Índia se levantar. Calou-se, pois, mas continuou sua história na noite seguinte:

232^A NOITE

“Bahader perguntou ao príncipe por que ele se achava na sua casa com aquela mulher, e por que tinham forçado a porta da casa.

‘Senhor’, respondeu-lhe Amdjad, ‘devo vos parecer bastante culpado, mas se tiverdes paciência em me ouvir, vereis que sou inocente.’ E contou-lhe tudo em poucas palavras sem nada esconder. Para convencê-lo de não ser capaz de cometer ação tão indigna como a de forçar uma casa, não lhe escondeu que era príncipe, como também não lhe escondeu seu motivo de encontrar-se na Cidade dos Magos.

Bahader, que estimava naturalmente os estrangeiros, alegrou-se com a oportunidade de ajudar um rapaz como Amdjad. Com efeito, não duvidou da sua sinceridade, diante do seu porte, das suas maneiras, das suas palavras tão distintas. ‘Príncipe’, disse-lhe, ‘sinto-me satisfeitíssimo em poder servi-lo. Longe de perturbar vossa festa, será para mim um prazer contribuir para a vossa satisfação. Antes de vos dizer o que penso sobre isso, convém que eu me apresente: sou o escudeiro-mor do rei, e chamo-me Bahader. Vivo regularmente em outra casa, e esta só me serve para me encontrar em liberdade, uma vez ou outra, com os meus amigos. Dissestes à vossa querida que tínheis um escravo. Serei seu escravo, e, para que não fiquéis constrangido, repito-vos que quero sê-lo. Sabereis por quê. Voltai, portanto, para o vosso lugar, e continuai a vos divertir; quando eu regressar daqui a pouco e me apresentar a vós em vestes de escravo, censurai-me bem; não temais sequer bater-me. Servir-vos-ei por todo o tempo em que ficardes à mesa, e até a noite. Dormireis nesta casa, vós e a dama, e amanhã de manhã despedi-la-eis com dignidade. Depois, tentarei prestar-vos serviços de maior importância.’ Amdjad quis responder, mas o escudeiro-mor não permitiu.

Mal Amdjad tornou a entrar na sala, chegaram os amigos do escudeiro-mor. Este lhes pediu delicadamente que o desculpassem por não recebê-los naquele dia, explicando-lhes que aprovariam o motivo, quando dele soubessem. Depois, saiu, para ir buscar uma veste de escravo.

Amdjad voltou à dama, contente por a sorte tê-lo conduzido à casa de um homem de tão grande distinção. Tornando a sentar-se à mesa, disse-lhe: ‘Senhora, peço-vos mil perdões pela minha incivilidade e pelo mau humor em que me põe a ausência do meu escravo. O maroto há de pagar-me. Mostrar-lhe-ei que não deve ficar fora tanto tempo.’

‘Não vos inquieteis’, respondeu a dama. ‘Tanto pior para ele. Pagará as faltas. Não pensemos mais nele, pensemos somente em nos divertir.’

Continuaram, pois, a banquetear-se, rindo, pilheriando e bebendo mais do que comiam, até a chegada de Bahader, disfarçado de escravo.

Bahader entrou como um perfeito escravo, mortificado por ver que o amo estava acompanhado e por saber que voltava tão tarde. Lançou-se aos pés de Amdjad, beijando o chão, para implorar clemência. Depois, levantando-se, cruzou os braços e abaixou o olhar, aguardando ordens.

‘Maroto’, disse-lhe Amdjad, encolerizado, ‘dize-me se há no mundo escravo pior que tu. Onde estiveste? Que fizeste para voltar a esta hora?’

‘Senhor’, respondeu Bahader, ‘peço-vos perdão, acabo de desincumbir-me das tarefas que me destes, e não supus que voltásseis tão cedo.’

‘És um vagabundo’, respondeu Amdjad, ‘e eu seria capaz de te moer de pancadas para te ensinar a não mentir e a não faltar aos teus deveres.’ Levantou-se, pegou um bastão e deu-lhe duas ou três pancadas leves, após o que voltou novamente à mesa.

A dama não se contentou com aquele castigo. Levantando-se por sua vez, pegou o bastão e descarregou sobre Bahader uma saraivada de golpes que o fizeram chorar. Amdjad, revoltado pela liberdade por ela tomada, e por vê-la maltratar tão importante oficial do rei, gritou inutilmente para que ela parasse. A dama continuava a bater e disse-lhe: ‘Deixa-me fazer, quero ensinar-lhe a não se ausentar por tanto tempo outra vez.’ E continuou com tamanha fúria, que ele se viu obrigado a levantar e arrancar-lhe o bastão, só cedido por ela após muita resistência. Quando viu que não podia mais bater em Bahader, voltou ao seu lugar, atirando-lhe mil insultos.

Bahader enxugou suas lágrimas e ficou de pé para lhes dar de beber. Vendo depois que já não comiam nem bebiam, tirou a mesa, limpou a sala e tornou a pôr tudo em ordem. Quando anoiteceu, acendeu as velas. Cada vez

que entrava ou saía não deixava a dama de resmungar, de ameaçá-lo e injuriá-lo, com grande descontentamento de Amdjad. Chegada a hora de dormir, Bahader preparou-lhes um leito sobre o sofá e retirou-se para outro aposento, onde adormeceu imediatamente.

Amdjad e a dama conversaram ainda durante uma meia hora. Antes de se deitarem, a dama saiu por instantes. Passando pela galeria, vendo que Bahader já roncava, e lembrando-se de que havia na sala um alfanje disse a Amdjad: ‘Senhor, peço-vos um favor’. ‘De que se trata?’, perguntou Amdjad. ‘Pegai esse alfanje e ide cortar a cabeça do vosso escravo.’

Amdjad assustou-se com a ideia daquela mulher, certamente bêbada. ‘Senhora’, disse-lhe, ‘deixemos o meu escravo, que não merece tal cuidado, porquanto já o castiguei! Vós mesma o castigastes, e isso é o bastante. Além disso, é um escravo que me satisfaz, e não está acostumado a esse tipo de faltas.’

‘Não me contento com isso’, respondeu a dama, enraivecida. ‘Quero que ele morra; e se não morrer pela vossa mão, morrerá pela minha!’. Assim, pegou o alfanje e escapou para executar o seu funesto plano.

Amdjad alcançou-a na galeria: ‘Senhora’, disse-lhe, ‘mister se faz satisfazer-vos, já que assim quereis. Muito me aborreceria ver outra pessoa, que não eu, tirar a vida ao meu escravo.’ E quando ela lhe entregou o alfanje, disse: ‘Vinde, segui-me, e não façamos barulho, para que ele não desperte.’ Entraram no quarto de Bahader; mas em vez de abatê-lo, Amdjad desferiu o golpe na dama, e cortou-lhe a cabeça, que foi cair em cima de Bahader...”

O dia já começava a aparecer quando Sherazade pronunciou essas últimas palavras. Na noite seguinte, retomando o fio da história, disse ao sultão Shahriar:

233^A NOITE

“A cabeça da mulher, caindo sobre ele, teria interrompido o sono do escudeiro-mor, se não o tivesse despertado o som do golpe de alfanje. Espantado por ver Amdjad empunhando a arma ensanguentada, e o corpo da mulher caído por terra sem a cabeça, perguntou-lhe o que aquilo significava. Amdjad contou-lhe o que se passara e, terminando, acrescentou: ‘Para impedir que esta fúria vos tirasse a vida, só tive um meio: matá-la!’

‘Senhor’, respondeu Bahader, cheio de gratidão, ‘pessoas do vosso sangue, e tão generosas, não são capazes de favorecer atos tão infames. Sois o meu salvador, e não sei como agradecer-vos.’ E após abraçá-lo, para melhor lhe demonstrar todo o seu reconhecimento, disse-lhe: ‘Antes de despontar o dia, será preciso tirar este cadáver daqui, e é o que vou fazer.’ Amdjad opôs-se, dizendo que ele mesmo o levaria. ‘Um recém-chegado a esta cidade, como vós’, respondeu Bahader, ‘não o conseguiria. Deixai-me fazer, e aguardai-me aqui. Se eu não voltar antes do amanhecer, será porque a ronda me prendeu. Nesse caso, farei a vós, por escrito, doação da minha casa e de todos os móveis.’

Quando Bahader acabou de escrever a doação e a entregou ao príncipe, colocou o corpo e a cabeça da mulher num saco, pôs o fardo sobre os ombros e caminhou de rua em rua, em direção ao mar. Já estava perto quando se lhe parou o chefe de polícia que fazia pessoalmente a ronda. Os homens do chefe o detiveram, abriram o saco, e nele encontraram o corpo da mulher assassinada. O chefe de polícia, que reconheceu o escudeiro-mor, apesar do disfarce, levou-o; e por não ousar executá-lo pela sua dignidade sem falar ao rei, conduziu-o à presença deste no dia seguinte. Mal o rei soube, pela exposição do chefe de polícia, o nefando crime que pesava na consciência do escudeiro-mor segundo as aparências indicavam, cobriu-o de injúrias. ‘É assim que tu matas os meus súditos para roubá-los e que lanças os seus corpos ao mar? Pois será enforcado!’, exclamou.

Apesar de inocente, Bahader recebeu a sentença de morte com toda a resignação possível, não proferindo palavra para justificar-se. O chefe de polícia levou-o de novo; e, enquanto se preparava a forca, mandou anunciar pela cidade inteira o ato de justiça que seria cumprido ao meio-dia por um crime cometido pelo escudeiro-mor.

O príncipe Amdjad, que o esperava em vão, ficou estarecido ao ouvir aquele anúncio. ‘Se alguém deve morrer pela morte de criatura tão malvada como aquela mulher’, pensou, ‘não é o escudeiro-mor, sou eu; e não permitirei que o inocente seja castigado no lugar do culpado.’ Sem mais, saiu, dirigindo-se para o lugar de execução, com o povo que para lá corria.

Quando Amdjad viu aparecer o chefe de polícia que conduzia Bahader à forca, apresentou-se-lhe: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘venho declarar-vos e assegurar-vos que o escudeiro-mor é inocente. Fui eu quem cometeu o crime, se crime é ter tirado a vida de uma mulher detestável que pretendia matar o escudeiro-mor. Eis como se passaram os fatos.’

Informado de que maneira Amdjad travara conhecimento com a dama, à saída do banho, como o levava ela a entrar na casa de prazer do escudeiro-mor, e tudo o que se passara até o instante em que ele se vira forçado a lhe cortar a cabeça para salvar a vida do escudeiro-mor, suspendeu o chefe de polícia a execução, e levou-o ao rei em companhia do escudeiro-mor.

O rei quis que o próprio Amdjad lhe contasse tudo, e Amdjad, para demonstrar-lhe mais claramente a sua inocência e a do escudeiro-mor, valeu-se da ocasião para lhe contar a sua história e a do irmão Assad, desde o começo.

Quando o príncipe terminou disse-lhe o rei: ‘Estou contentíssimo pela oportunidade que tive de vos conhecer. Não somente vos perdoo, como ao meu escudeiro-mor, a quem elogio pela boa intenção demonstrada para convosco e a quem reintegro no cargo; nomeio-vos também meu grão-vizir para compensar-vos pelo injusto, embora desculpável, tratamento de vosso pai. Quanto ao príncipe Assad, permito-vos empregar toda a autoridade que acabo de vos dar para o encontrardes.’

Depois de agradecer o rei da Cidade e do País dos Magos, e tomar posse do cargo de grão-vizir, empregou Amdjad todos os meios imagináveis para

descobrir o paradeiro do irmão. Mandou prometer por arautos em todos os bairros da cidade uma grande recompensa aos que lhe conduzissem ou dele dessem notícias. Mas, apesar de todos os seus esforços, nada conseguiu.

Continuação da história do príncipe Assad

Entretanto, Assad continuava sempre encerrado no lugar a que o levava a astúcia do velho. E Dostana e Cavame, filhas dele, continuavam a maltratá-lo com a mesma crueldade. Aproximava-se a festa solene dos adoradores do fogo. Preparado o navio que costumava viajar para a Montanha do Fogo, carregavam-no de mercadorias, sob os cuidados de um capitão chamado Behram, grande fiel da religião dos magos. Mandou Behram que levassem a bordo Assad numa caixa cheia pela metade de mercadorias, e com orifícios para que ele pudesse respirar.

Antes de o navio zarpar, o grão-vizir Amdjad, avisado de que os adoradores do fogo tinham por costume sacrificar todos os anos um muçulmano na Montanha do Fogo, e temeroso de que talvez Assad estivesse destinado a tão sangrenta cerimônia, quis visitar o navio. Mandou subir marinheiros e passageiros ao tombadilho, enquanto seus homens examinavam todo o barco. Mas Assad, que fora muito bem-escondido, não foi descoberto.

Concluída a visita, o navio zarpou. Ao atingir o alto-mar, Behram ordenou que tirassem Assad da caixa e o agrilhoassem com medo de que, desesperado pela ideia do sacrifício, se atirasse ao mar.

Após vários dias de viagem pelo mar, o vento favorável que sempre acompanhara o navio tornou-se contrário, e, aumentando de velocidade, originou uma das mais violentas tempestades. O navio perdeu o rumo. Behram e o piloto já não sabiam onde se encontravam, e temiam dar de encontro a um rochedo a cada instante. No meio da tormenta, porém, avistaram terra firme, e Behram, reconhecendo o porto e a capital da rainha Marjana, sentiu-se aflito.

Com efeito, a rainha Marjana, muçulmana, era inimiga dos adoradores do fogo. Não somente não admitia a presença de nenhum deles no seu país como também proibia que os seus navios se aproximassem. Behram, contudo, já não podia evitar que o navio entrasse no porto, a menos que o atirasse de encontro aos rochedos da costa. Naquela emergência, reuniu o piloto e os marinheiros e disse: ‘Meus filhos, vedes em que situação nos

achamos. De duas uma: ou somos engolidos pelas ondas ou nos salvamos no país da rainha Marjana; mas conheceis o seu ódio implacável contra a nossa religião e contra os que a professam. Ela se apoderará do nosso navio e mandará matar-nos. Só vejo um remédio que possivelmente terá efeito. Proponho desagrilhoarmos o muçulmano e vesti-lo de escravo. Quando a rainha ordenar que eu vá à sua presença e me perguntar de que me ocupo, responderei ser mercador de escravos, tê-los vendido todos, e só ter guardado um para me servir, por saber ler e escrever. Ela há de querer vê-lo, e como o nosso prisioneiro, além de formoso, pertence à mesma religião, me proporá a rainha que eu o venda para ela, e concordará em aguardarmos no porto a volta do bom tempo. Se tiverdes ideia melhor, exponha, que eu vos escutarei.' O piloto e os marinheiros apoiaram o seu modo de ver, que foi seguido..."

Sherazade foi obrigada a calar-se a essas últimas palavras em vista do dia. Mas prosseguiu na noite seguinte, dizendo ao sultão da Índia:

234^A NOITE

“Behram, mandando desagrilhoar Assad, fez com que ele usasse uma veste de escravo, de acordo com o posto de escravidão do navio, com o que o levaria à presença da rainha Marjana. Pouco depois, o navio lançou ferros.

Quando Marjana, cujo palácio se situava perto do mar, de modo que o jardim se estendia até a praia, viu fundear o navio, mandou dizer ao capitão que comparecesse imediatamente à corte; e para satisfazer mais rapidamente sua curiosidade, foi aguardá-lo no jardim.

Behram desembarcou com o príncipe Assad, após dele exigir que confirmasse ser escravo. Levado à presença de Marjana, lançou-se aos seus pés, e explicando-lhe a necessidade que o levava a refugiar-se no porto, disse-lhe ser mercador de escravos, que Assad era o último e que lhe serviria.

Assad agradeou, desde o primeiro instante, à rainha Marjana, que ficou radiante ao saber que ele era escravo. Resolvida a comprá-lo, fosse qual fosse o preço, perguntou-lhe como se chamava.

‘Rainha’, respondeu Assad, com lágrimas nos olhos, ‘quereis saber o nome que eu sempre usei ou o nome que uso agora?’ ‘Como’, estranhou a rainha, ‘tendes dois?’ ‘Ah, infelizmente é verdade! Chamava-me, antigamente, Assad (venturoso) e, hoje, Motar (destinado ao sacrifício).’

Marjana, não conseguindo descobrir o verdadeiro sentido daquela resposta, atribuiu-a ao estado do jovem, e reconheceu que ele possuía bastante inteligência: ‘Como sois escrivão’, disse-lhe, ‘tenho certeza de que sabeis escrever bem. Mostrai-me a vossa habilidade.’

Assad, munido de um tinteiro e de papel, pelos cuidados de Behram, afastou-se um pouco e escreveu o que se segue, com relação à sua desgraça:

O cego se desvia do buraco onde tomba quem enxerga; a ignorância eleva-se às dignidades por palavras que nada significam, enquanto o que sabe permanece no pó com sua eloquência. O muçulmano está reduzido à miséria, apesar de toda a

sua riqueza, enquanto o infiel triunfo no meio dos seus bens. Não se pode esperar que as coisas mudem, pois é por vontade do Onipotente que elas assim estão.

Assad apresentou a folha de papel a Marjana, que admirou tanto a moral das frases como a beleza da letra. Foi o bastante para inflamá-la de amor e compaixão. Quando acabou de ler, disse a Behram: ‘Escolhei. Vendei-me este escravo ou dai-o a mim de presente. Talvez seja melhor o segundo caminho.’

Behram respondeu insolentemente que não tinha nada que escolher, que precisava do escravo e, portanto, o conservaria.

Marjana, irritada, não quis mais discutir com Behram; pegando Assad pelo braço, levou-o ao palácio e mandou dizer a Behram que faria confiscar todas as suas mercadorias e incendiar seu navio, se ele se detivesse no porto para passar a noite. Behram foi obrigado a voltar ao navio, aborrecidíssimo, e mandar fazer os preparativos para a partida, embora a tormenta continuasse.

Marjana, depois de ordenar que servissem imediatamente a refeição, levou Assad ao seu aposento, onde mandou que ele se sentasse. Assad quis protestar, afirmando que tal honra não cabia a um simples escravo.

‘A um escravo?’, respondeu a rainha. ‘Já não sois escravo. Sentai-vos perto de mim, e contai-me a vossa história, pois o que escrevestes para mostrar-me a vossa letra e a insolência do mercador de escravos me dão a ver que deve ser extraordinária.’

Assad obedeceu. E, sentando-se, disse-lhe: ‘Poderosa rainha, não vos enganais. A minha história é verdadeiramente extraordinária, mais do que podeis imaginar. Os males e tormentos incríveis que sofri, e o tipo de morte a que eu fora condenado, e da qual tão generosamente me livrastes, vos darão a conhecer a grandeza do vosso benefício do qual jamais me esquecerei. Antes, porém, permiti que eu remonte à origem dos meus males.’

Após essas palavras, que aumentaram a curiosidade de Marjana, Assad começou por informá-la do seu nascimento real, do de seu irmão Amdjad, da amizade entre ambos, da censurável paixão das duas rainhas, transformada em poderoso ódio, razão do estranho destino de ambos. Chegou, enfim, à cólera de seu pai, à salvação quase milagrosa da sua vida, e, finalmente, à

perda do irmão e à prisão tão longa e dolorosa da qual só o tinham feito sair para sacrificá-lo na Montanha do Fogo.

Quando Assad terminou, a rainha Marjana, mais do que nunca enraivecida contra os adoradores do fogo, disse-lhe: ‘Príncipe, não obstante a minha aversão aos adoradores do fogo, sempre os tratei com humanidade, mas depois do que vos fizeram e diante do seu execrável plano de sacrificá-lo, declaro-lhes, a partir de agora, guerra implacável!’ Ia estender-se mais sobre o assunto quando serviram as iguarias. Sentou-se, então, à mesa com Assad, encantada por vê-lo e ouvi-lo, e já dominada por uma paixão que não tardaria em dar a perceber. ‘Príncipe’, disse-lhe, ‘mereceis ser compensado por tantos jejuns e más refeições que os adoradores do fogo vos impuseram. Deveis alimentar-vos bem, depois dos vossos sofrimentos.’ E serviu-o, oferecendo-lhe também bebida.

Tirada a mesa, Assad, tendo necessidade de sair, fez com que a rainha não o percebesse. Desceu ao pátio, e vendo aberta a porta do jardim, entrou. Atraído por inúmeras belezas, passeou por algum tempo. Finalmente, rumou para uma fonte, lavou as mãos e o rosto, e, deitando-se sobre a relva, adormeceu.

A noite se aproximava, e Behram, que não queria dar à rainha a oportunidade de executar a ameaça, já levantara ferros, apesar de aborrecido com a perda de Assad e a frustração da esperança de um sacrifício. Tratou, contudo, de se consolar por ver que a tormenta cessara e uma brisa suave lhe favorecia o afastamento. Depois de ter se afastado do porto com o auxílio da chalupa, antes de içá-la a bordo, disse aos marinheiros que nela se achavam: ‘Meus filhos, esperai. Vou ordenar que vos deem os barris para a água, e eu vos aguardarei.’ Os marinheiros, não sabendo onde ir buscar água, quiseram recusar-se. Mas Behram, que falara com a rainha no jardim e notara a fonte de água, respondeu-lhes: ‘Descei à terra diante do jardim do palácio. Saltai o muro e encontrareis água suficiente no tanque existente no meio do jardim.’

Os marinheiros obedeceram. E, após carregar cada qual um barril sobre os ombros, pularam facilmente o muro. Aproximando-se da fonte, notando um jovem adormecido, reconheceram nele Assad. Dividiram-se, então. E, enquanto uns enchiam os barris com o menor ruído possível, os outros,

rodeando Assad, ficaram a observá-lo, para o segurarem, se acordasse. Quando os barris ficaram cheios, os que vigiavam Assad apoderaram-se dele e levaram-no, sem dar-lhe tempo de reagir, passaram-no por sobre o muro, colocaram-no na chalupa com os barris e transportaram-no ao navio. ‘Capitão’, gritaram, ao chegar, ‘alegrai-vos que vos trazemos o escravo.’

Behram, não podendo compreender como os marinheiros haviam conseguido apoderar-se de Assad, e não podendo também avistá-lo na chalupa, em virtude da escuridão da noite, esperou com impaciência que subissem ao navio para lhes perguntar o que pretendiam dizer. Quando viu Assad, não se conteve; e sem querer saber como fora possível tão bela captura, mandou mais uma vez que o agrilhoassem. Em seguida, após ordenar que içassem a chalupa, zarpou, retomando o caminho para a Montanha do Fogo...”

Sherazade interrompeu-se, pois já era dia. Na noite seguinte, prosseguiu dizendo ao sultão da Índia:

235^A NOITE

— Senhor, disse-vos ontem que Behram retomara o caminho da Montanha do Fogo contentíssimo por lhe terem os marinheiros devolvido o prisioneiro.

“Entretanto, a rainha Marjana não se inquietou a princípio, quando percebeu que Assad saía. Não duvidando de que voltaria dentro em pouco, aguardou-o impacientemente. Algum tempo depois, vendo que ele não voltava, começou a inquietar-se, e ordenou às mulheres do palácio que o procurassem. Estas não puderam descobrir-lhe o paradeiro, embora, vindo a noite, continuassem a procurá-lo à luz dos archotes.

Alarmada, Marjana saiu, e notando estar aberta a porta do jardim, entrou por ele, percorrendo-o com as suas mulheres. Ao passar perto da fonte, percebeu uma sandália sobre a relva, imediatamente reconhecida como uma das que o príncipe usava. Aquilo, unido à água derramada sobre a borda do tanque, deu-lhe a compreender que provavelmente Behram mandara raptá-lo. Mandou então verificar se o navio continuava no porto; sabendo depois que zarpara pouco antes do anoitecer, mas que antes uma chalupa fora buscar água no jardim, mandou avisar o comandante de dez navios de guerra, sempre prontos a partir à primeira ordem, que pretendia embarcar no dia seguinte, de manhã.

O comandante fez os seus preparativos: reuniu os capitães, os demais oficiais, os marinheiros, os soldados, e tudo ficou pronto à hora desejada. A rainha embarcou, e, quando a esquadra se achava em alto-mar, declarou ao comandante: ‘Quero que persigais o navio mercante que partiu do nosso porto ontem. Deixo-o a vós, se dele vos apoderardes; caso contrário, pagareis com a vida!’

Os dez navios perseguiram o barco de Behram durante dois dias inteiros, mas em vão. Finalmente, descobriram-no ao despontar do terceiro dia; e por volta do meio-dia, cercaram-no.

Quando o cruel Behram percebeu a esquadra, teve a certeza de que a rainha lhe saíra no encalço, e ordenou que Assad fosse espancado; desde o embarque não deixara sequer um dia de aplicar-lhe o mesmo tratamento. Behram ficou estarrecido quando viu que o cercaram. Conservar Assad era declarar-se culpado; tirar-lhe a vida era perigoso. Mandou, então, que o desagrilhoassem, e, quando o levaram a sua presença, disse-lhe: ‘Tu és a causa de nos perseguirem.’ Assim dizendo, atirou-o ao mar.

Assad, que sabia nadar, auxiliado pelas vagas conseguiu chegar à terra. Ali, a primeira coisa que fez foi agradecer a Deus por tê-lo livrado de tão grande perigo e arrancado mais uma vez das mãos dos adoradores do fogo. Em seguida, despiu-se, torceu as vestes e estendeu-as sobre um rochedo onde em breve secaram, com o calor do Sol e o do rochedo aquecido.

Descansou, deplorando a sua desgraça, sem saber onde estava nem para onde se dirigiria. Tornou a vestir-se por fim, e caminhou sem afastar-se demasiadamente do mar, até encontrar um atalho que seguiu. Andou mais de dez dias por uma região desabitada onde só se lhe deparavam frutos silvestres e algumas plantas ao longo dos regatos. Chegou, enfim, às vizinhanças de uma cidade na qual reconheceu a dos Magos, onde fora tão maltratado e onde era vizir seu irmão Amdjad. Alegrou-se, mas cuidou de não se aproximar dos adoradores do fogo. Tratou, pelo contrário, de aproximar-se de alguns muçulmanos de que se lembrara. Por ser tarde e as lojas estarem fechadas, e como além disso encontraria pouca gente nas ruas, decidiu deter-se no cemitério, onde havia vários mausoléus.

Afinal, encontrou um, por cuja porta aberta entrou.

Voltemos agora ao navio de Behram. Após o lançamento de Assad ao mar, não tardou em ser rodeado de todos os lados pelos da rainha Marjana. Por não poder absolutamente se defender, Behram ordenou que se dobrassem as velas.

Marjana, passando para o navio de Behram, perguntou-lhe onde estava o escrivão que ele tivera a ousadia de raptar do palácio. ‘Rainha’, respondeu-lhe Behram, ‘juro-vos que não está no meu navio. Podeis mandar procurá-lo, e vereis que sou inocente.’

Marjana mandou cuidadosamente revistar o barco, mas não foi possível descobrir o homem a quem ela amava tão apaixonadamente. Esteve a ponto de matar Behram, mas dominou-se, contentando-se em confiscar-lhe o navio e a carga, deixando-lhe apenas uma chalupa para que ele e os seus homens pudessem alcançar a terra.

Behram, acompanhado dos seus marinheiros, chegou à Cidade dos Magos na mesma noite em que Assad se havia detido no cemitério. Por estarem fechadas as portas, ele também se viu obrigado a procurar no cemitério um túmulo, onde pudesse ficar para aguardar o dia.

Infelizmente para Assad, Behram passou diante do túmulo onde ele tinha se refugiado. Entrou e viu um homem adormecido, com a cabeça coberta pelas vestes. Assad despertou, e, levantando a cabeça, perguntou quem ele era.

Behram imediatamente o reconheceu. ‘Ah, Ah! Sois a causa da minha ruína pelo resto da vida! Não fostes sacrificado este ano, mas não escapareis no próximo.’ Pronunciando tais palavras, atirou-se sobre Assad, pôs-lhe um lenço na boca para impedir que gritasse e ordenou aos marinheiros que o amarrassem.

No dia seguinte de manhã, quando a porta se abriu, foi fácil a Behram levar Assad ao ancião que já o maltratara tão cruelmente, por ruas afastadas em que se não via ninguém. Mal entrou, fez com que ele descesse ao mesmo antro em que já estivera, e informou ao ancião da sua volta e do mau êxito da viagem. O ancião não se esqueceu de ordenar às filhas que castigassem mais severamente ainda o infeliz príncipe.

Assad ficou estarrecido ao ver-se no mesmo lugar onde tanto havia sofrido; e, à espera dos mesmos tormentos dos quais se julgara livre para sempre, começou a chorar o seu triste destino, quando viu entrar Dostana com um bordão, um pão e uma tigela de água. Estremeceu à vista daquela criatura desumana, e só em pensar nos suplícios diários que iria sofrer mais uma vez por um ano inteiro antes de enfrentar uma morte horrorosa...”

O dia, que a sultana Sherazade viu aparecer naquele instante, obrigou-a a se calar. Na noite seguinte, retomando o fio da história, disse ao sultão da Índia:

236^A NOITE

“Dostana tratou o infeliz príncipe Assad tão cruelmente como da primeira vez. Os lamentos e rogos de Assad, que lhe suplicava que o poupasse, unidos às suas lágrimas, foram tão fortes que Dostana não conseguiu evitar a piedade e chorar com ele. ‘Senhor’, disse-lhe cobrindo-lhe os ombros, ‘peço-vos mil desculpas pela crueldade com que vos tenho tratado. Até agora não pude desobedecer a um pai injustamente indisposto contra vós, e que se obstina em vos sacrificar; detesto esta barbaridade. Consolai-vos: os vossos males chegaram ao fim, e eu tentarei reparar todos os meus crimes, cuja enormidade reconheço. Considerastes-me até este instante uma infiel; mas de agora em diante vede em mim uma muçulmana. Já possuo algumas noções que me foram dadas por uma escrava da vossa religião; espero que queirais terminar o que ela começou. Para vos demonstrar as minhas boas intenções, peço perdão ao verdadeiro Deus por todos os meus pecados e os maus-tratos que vos infligi, e tenho certeza de que Ele me fará achar o meio de vos devolver a liberdade.’

Essas palavras serviram de grande consolo para o príncipe Assad, que deu graças a Deus por ter conseguido comover o coração de Dostana. E, após agradecer-lhe, fez tudo para a confirmar nos seus bons propósitos, não somente em terminar de instruí-la na religião muçulmana como também em lhe contar a sua história e a das suas desgraças, apesar do seu elevado nascimento. Quando se certificou da firmeza da jovem, perguntou-lhe como faria para que sua irmã Cavame de nada se apercebesse. ‘Não vos inquieteis’, respondeu Dostana, ‘saberei fazer com que ela deixe de vos importunar.’

Com efeito, soube sempre evitar que Cavame descesse àquele antro. Quanto a ela, visitava Assad frequentemente; e em vez de lhe levar apenas pão e água, oferecia-lhe vinho e boas iguarias mandadas preparar por 12 escravas muçulmanas que a serviam. De vez em quando comia com ele, e tudo fazia para consolá-lo.

Alguns dias depois, Dostana achava-se à porta de casa quando ouviu um pregoeiro público anunciar alguma coisa. Por não distinguir bem do que se tratava, visto que o pregoeiro se achava bem distante, mas se aproximava para passar diante da casa, tornou a entrar, e deixando a porta entreaberta notou que ele caminhava diante do grão-vizir Amdjad, irmão do príncipe Assad, acompanhado de vários dignitários e de uma multidão de gente.

O pregoeiro encontrava-se apenas a alguns passos de distância quando repetiu as suas palavras:

‘O excelente e ilustre grão-vizir, que aqui está, procura seu caro irmão, que dele se encontra separado há mais de um ano. Se alguém o está prendendo, ou sabe onde se encontra, ordena Sua Excelência que o leve à sua presença, que será recompensado. Se alguém o está escondendo, uma vez descoberto, será punido de morte, ele, sua mulher, seus filhos e toda a sua família, e a sua casa será arrasada!’

Mal ouviu tais palavras, Dostana fechou a porta depressa e foi procurar Assad. ‘Príncipe’, disse-lhe com alegria, ‘estais no fim das vossas desgraças; segui-me imediatamente.’ Assad, a quem ela tirara as correntes, seguiu-a a rua, onde ela gritou: ‘Ei-lo aqui, ei-lo aqui!’

O grão-vizir se voltou. Assad o reconheceu, e, correndo para ele, o abraçou. Amdjad, que também o reconheceu imediatamente, retribuiu-lhe o abraço, fê-lo montar num dos cavalos e levou-o ao palácio em triunfo, onde o apresentou ao rei, que o nomeou um dos seus vizires.

Dostana, que não quisera tornar a entrar na casa de seu pai, arrasada no mesmo dia, e que não o perdera de vista até a chegada do palácio, foi enviada aos aposentos da rainha. Seu pai e Behram, levados à presença do rei com suas famílias, foram condenados à decapitação. Ambos, lançando-se aos pés do monarca, suplicaram clemência. ‘Não há perdão para vós’, respondeu o rei, ‘a não ser que renunciéis a adorar o fogo e abraceis a religião muçulmana.’ Tomando essa resolução, salvaram suas vidas, assim como Cavame, irmã de Dostana.

Em consideração por Behram ter se convertido muçulmano, Amdjad, que pretendia recompensá-lo pelas suas perdas, nomeou-o um dos seus principais oficiais. Behram, informado da história de Amdjad, seu benfeitor, e de

Assad, seu irmão, propôs a ambos mandar equipar um navio e voltarem para a corte de Camaralzaman, seu pai. ‘Evidentemente’, disse-lhes, ‘há de ter reconhecido a vossa inocência e deseja impacientemente vos rever. Se não for assim, não será difícil demonstrar-lhe a vossa inocência antes de desembarcar; e se ele permanecer com a sua injusta opinião, só tereis um trabalho: voltar.’

Os dois irmãos aceitaram o oferecimento de Behram, comunicaram o seu plano ao rei, que o aprovou e ordenaram que se aparelhasse um navio. Behram atarefou-se, e quando o barco ficou pronto, foram os príncipes despedir-se do rei. Enquanto lhe agradeciam todos os favores, ouviu-se na cidade um forte rumor. Ao mesmo tempo, veio um oficial anunciar que um grande exército se aproximava, e que ninguém sabia de que forças se tratava.

Diante daquela impressionante notícia, Amdjad tomou a palavra: ‘Senhor’, disse ele, ‘embora eu acabe de repor em vossas mãos a dignidade de grão-vizir com que fui honrado, estou pronto a prestar-vos os meus serviços; suplico-vos, pois, deixar-me ir ver que inimigo se apresta a atacar a vossa capital sem declaração de guerra.’ Obtida a permissão do monarca, partiu Amdjad imediatamente com um pequeno séquito.

Não tardou o príncipe em descobrir o exército que lhe pareceu poderoso e que avançava sem cessar. Os patrulhadores, já instruídos, acolheram-no favoravelmente e levaram-no à presença da princesa. Amdjad, fazendo-lhe profunda reverência, perguntou-lhe se vinha como amiga ou como inimiga, e se vinha como inimiga, qual o motivo de queixa contra o rei, seu amo.

‘Venho como amiga’, respondeu a princesa, ‘e não tenho nenhum motivo de descontentamento contra o rei dos magos. Os seus Estados e os meus de tal maneira se acham situados que é difícil entre nós uma divergência. Venho apenas exigir um escravo, Assad, que me foi raptado por um capitão desta cidade, chamado Behram, o mais insolente dos homens; e espero que o vosso rei faça-me justiça quando souber que sou Marjana.’

‘Poderosa rainha’, disse o príncipe Amdjad, ‘sou irmão do escravo que acabastes de mencionar. Havia-o perdido, mas tornei a encontrá-lo. Vinde, que eu mesmo vo-lo entregarei. O rei, meu amo, ficará encantado com a vossa visita.’

Enquanto o exército da rainha Marjana acampava naquele mesmo lugar, o príncipe Amdjad acompanhou-a até o palácio real, onde a apresentou ao monarca; e após recebê-lo o rei como merecia, Assad, que se achava presente, e que a reconhecera mal a vira surgir, saudou-a. Marjana demonstrou-lhe toda a sua alegria por revê-lo, e naquele instante um mensageiro anunciou ao rei que do outro lado da cidade acabara de aparecer um exército maior ainda que o primeiro.

O rei dos magos, estarecido pela chegada de um segundo exército mais poderoso que o primeiro, o que era fácil de ver pelas nuvens de poeira que já cobriam o céu, perguntou: ‘Amdjad, que está nos sucedendo? Eis aí um segundo exército que vai nos destruir!’

Amdjad, montando a cavalo, partiu imediatamente ao encontro do novo exército. Aos primeiros soldados pediu que o levassem à presença do comandante, um rei, reconhecível pela coroa. Mal o viu de longe, apeou, e quando se achou perto, após prostrar-se de rosto no chão, perguntou-lhe o que desejava do rei, seu amo.

‘Chamo-me Gaiur, sou o rei da China. O desejo de saber notícias de minha filha chamada Badura, que há muitos anos desposou o príncipe Camaralzaman, filho do rei Chahzaman, rei das ilhas dos Filhos de Kaledan, levou-me a sair do meu país. Eu havia permitido a esse príncipe que visitasse seu pai, contanto que voltasse todos os anos para visitar-me e trouxesse minha filha. Entretanto, faz muito tempo que não os revejo. O vosso rei prestaria um grande favor a um pai aflito, se pudesse dizer-lhe algo de novo.’

Amdjad, reconhecendo seu avô, beijou-lhe a mão com ternura, e respondeu-lhe: ‘Senhor, me perdoareis a liberdade quando souberdes que com este gesto pretendo dizer-vos que sois meu avô. Sou filho de Camaralzaman, hoje rei da ilha de Ébano, e da rainha Badura, que tanto vos preocupa; tenho a certeza de que gozam de perfeita saúde no seu reino.’

O rei da China, encantado por ver seu neto, abraçou-o ternamente; e o encontro, tão feliz e inesperado, fez ambos chorarem muito. Ao perguntar o rei da China a Amdjad por que se encontrava naquele país estrangeiro, o príncipe contou-lhe toda a sua história e a do príncipe Assad, seu irmão. Quando terminou, disse o rei da China: ‘Meu filho, não é justo que

príncipes inocentes como vós continuem a ser maltratados. Consolai-vos, que eu vos acompanharei, a todos apaziguando. Voltai, e comunicai a minha chegada a vosso irmão.’

Enquanto o rei da China acampava no ponto em que o príncipe Amdjad o havia encontrado, este ia dar conta da mensagem ao rei dos magos que o aguardava impaciente. O rei ficou espantado ao saber que um monarca como o rei da China havia empreendido tão longa e penosa viagem movido pelo desejo de rever sua filha. Imediatamente deu ordens para que lhe aprontasse um banquete, e pôs-se a caminho a fim de ir recebê-lo.

Nesse intervalo, de outro lado da cidade surgiu uma enorme nuvem de pó, indicando um terceiro exército que se aproximava. O rei dos magos viu-se obrigado a suspender a partida e a rogar ao príncipe Amdjad que verificasse o que acontecia.

Amdjad partiu, e o príncipe Assad o acompanhou. Não tardaram em verificar que se tratava das forças de Camaralzaman, seu pai, que vinha procurá-los. Camaralzaman dera mostras de tão grande dor com a suposta morte dos filhos, que Jondar não conseguira refrear o desejo de dizer-lhe toda a verdade. O rei decidira, então, procurá-los.

O pai aflito abraçou ternamente os dois príncipes, chorando copiosas lágrimas que terminaram as amargas lágrimas que há tempo ele derramava. Os príncipes contaram-lhe que o rei de China, seu sogro, acabara de chegar naquele mesmo dia; Camaralzaman, então, seguido de alguns homens apenas, foi visitá-lo no seu acampamento. Não haviam caminhado muito quando perceberam um quarto exército que avançava em perfeita ordem, e parecia vir do lado da Pérsia.

Camaralzaman pediu aos dois filhos que fossem averiguar o que se passava, enquanto ele os aguardaria. Partiram os dois jovens sem perda de tempo, e ao chegarem foram apresentados ao rei que chefiava o misterioso exército. Após saudá-lo, perguntaram-lhe com que objetivo se havia aproximado da capital do rei dos magos.

O grão-vizir, presente, tomou a palavra: ‘O rei a quem acabais de falar’, disse-lhes, ‘é Chahzaman, rei das ilhas dos Filhos de Kaledan, que há longo tempo procura o príncipe Camaralzaman, seu filho, que há muitos anos

abandonou o seu país. Se algo sabeis, lhe proporcionareis o maior prazer do mundo.’

Responderam os dois jovens que trariam a resposta dentro em pouco; e a toda velocidade foram anunciar a Camaralzaman que o último exército que acabava de chegar era o do rei Chahzaman.

O espanto, a surpresa, a alegria e a dor de ter abandonado o rei, seu pai, sem dele se despedir, produziram tal efeito no espírito do rei Camaralzaman que ele perdeu os sentidos. Por fim, recobrou-se, auxiliado por Amdjad e Assad; e quando se sentiu com forças, foi atirar-se aos pés do rei Chahzaman.

Havia muito que não se via encontro tão patético. Chahzaman queixou-se da insensibilidade do rei Camaralzaman, que tão cruelmente se afastara, e Camaralzaman deu vazão a todo o pesar pela falta que o amor lhe fizera cometer.

Os reis e a rainha Marjana demoraram-se três dias na corte do rei dos magos, que os tratou com fidalguia. Os três dias assinalaram-se também pelo casamento do príncipe Assad com a rainha Marjana e do príncipe Amdjad com Dostana, em consideração pelo serviço por ela prestado ao príncipe Assad. Os três reis, finalmente, e a rainha Marjana com Assad, seu marido, retiraram-se cada um para o seu reino. Quanto a Amdjad, o rei dos magos que por ele se havia afeiçoado, e que já estava bastante idoso, entregou-lhe a coroa; e Amdjad dedicou-se com empenho a destruir o culto ao fogo e a estabelecer a religião muçulmana nos seus Estados.”

A HISTÓRIA DE NUREDIN E DA FORMOSA PERSA^[55]

“A cidade de Bassorá foi por muito tempo a capital de um reino tributário dos califas. O rei que a governava, na época do califa Harun al-Rashid, chamava-se Zibeni; eram primos, filhos de dois irmãos. Zibeni, não julgando conveniente confiar a administração dos seus Estados a um único vizir, havia escolhido dois, Kacan e Sauí.

Kacan era suave, previdente, liberal e tinha prazer em servir os que dele precisassem em tudo quanto dependia do seu poder, sem prejudicar a justiça que tinha de ministrar. Não havia na corte, nem na cidade, nem em todo o reino quem não o respeitasse.

Sauí tinha um caráter completamente diferente: vivia mal-humorado e maltratava a todos, sem distinção de classe nem de qualidade. Com isso, bem longe de saber desfrutar a grande riqueza de que dispunha, era de uma avarizia completa, chegando a ponto de negar a si mesmo coisas necessárias. Ninguém o suportava, e dele só se falava mal. O que o tornava mais odioso era a grande aversão que sentia por Kacan; interpretando mal tudo quanto era feito pelo digno vizir, não parava de criticá-lo ao rei.

Um dia, após o conselho, o rei de Bassorá, descansando o espírito, entretinha-se com os dois vizires e vários outros membros do conselho. A conversa caiu sobre as escravas que, entre nós, são mantidas quase em pé de igualdade com as legítimas esposas. Pretendiam alguns que bastava uma escrava formosa para que os homens se consolassem por terem que desposar, por interesse de família, mulheres que nem sempre possuem beleza e formosura.

Sustentavam os outros, e Kacan figurava entre eles, que a beleza e as demais belas qualidades do corpo não são as únicas coisas aproveitáveis numa escrava; pelo contrário, devem ter muito espírito, prudência e modéstia. O motivo, diziam, é que nada convém mais a pessoas que administram grandes

negócios do que, após passarem o dia inteiro imersas em penosas ocupações, poder em casa manter uma conversação útil, agradável e divertida; enfim, acrescentavam que os homens seriam apenas animais, se se contentassem em ver e possuir uma bela escrava.

O rei pôs-se ao lado destes últimos, e deu a conhecer a sua opinião ordenando a Kacan que lhe comprasse uma escrava senhora de todas as belas qualidades que acabavam de ser discutidas, e que fosse, sobretudo, muito sensata.

Saui, despeitado com a honra que o rei acabava de conceder a Kacan, mesmo porque defendera a opinião contrária, disse: ‘Senhor, será difícil encontrar uma escrava perfeita como quereis. Se for, porém, o que me custa crer, a tereis por ótimo preço, se a pagardes dez mil moedas de ouro.’ ‘Saui’, respondeu o rei, ‘achais, sem dúvida, que a quantia é demasiada; sê-lo-á para vós, talvez, mas não para mim.’ Ao mesmo tempo, ordenou ao tesoureiro presente que enviasse as dez mil moedas de ouro a Kacan.

Quando Kacan voltou para casa, mandou chamar os corretores que tratavam da venda de mulheres e jovens escravas, e encarregou-os de lhe arranjar uma que satisfizesse os requisitos necessários. Os corretores, tanto para obsequiar o vizir Kacan como para tratar dos seus interesses particulares, prometeram-lhe dedicar-se cuidadosamente a procurar a mulher desejada. Não se passava dia sem que lhe levassem uma, mas Kacan encontrava sempre defeitos.

Um dia, de manhãzinha, quando Kacan se dirigia ao palácio do rei, um corretor, apressado, lhe anunciou que um mercador da Pérsia, chegado na véspera, possuía uma escrava de beleza completa, superior a todas as outras já vistas. ‘Quanto ao seu espírito e aos seus conhecimentos’, acrescentou, ‘garante o mercador que ela será capaz de enfrentar os maiores sábios do mundo.’

Kacan, contente com a novidade, ordenou-lhe que levasse a escrava ao palácio e aguardasse a sua volta; depois, prosseguiu seu caminho.

O corretor não deixou de encontrar-se na casa do vizir na hora marcada, e Kacan achou a escrava tão superior ao que esperava que, a partir daquele instante, passou a chamá-la de Formosa Persa. Possuidor de espírito refinado

e muita ciência, verificou imediatamente, conversando com ela, que procuraria inutilmente outra escrava que a superasse em qualquer uma das qualidades exigidas pelo monarca. Perguntou, pois, ao corretor o preço imposto pelo mercador da Pérsia.

‘Senhor’, respondeu o corretor, ‘esse negociante é homem que só tem uma palavra: afirma que não pode cedê-la por menos de dez mil moedas de ouro. Jurou-me até que, sem contar os cuidados e o tempo gasto para criá-la, teve mais ou menos as mesmas despesas com mestres de exercícios físicos e de exercícios espirituais que as feitas em vestidos e alimentos. Por julgá-la digna de um rei, desde o instante em que a comprou, quando menina, nada poupou no que podia contribuir para fazê-la atingir tão elevada posição. Toca todos os instrumentos, canta, dança, escreve melhor que os mais hábeis escrivães, faz versos e não há livro que não tenha lido. Nunca se ouviu falar de escrava que saiba o que ela sabe.’

O vizir Kacan, que conhecia o mérito da Formosa Persa muito melhor que o corretor, que só repetia o que o mercador lhe dissera, não quis mais adiar o negócio. Mandou, pois, um dos seus criados chamar o mercador.

Quando o mercador da Pérsia chegou, disse-lhe o vizir Kacan: ‘Não é para mim que quero comprar a vossa escrava, é para o rei. Mas é preciso que a venda a ele por um preço menor do que o que exigis.’

‘Senhor’, respondeu o mercador, ‘seria para mim uma honra dá-la de presente a Sua Majestade, se tal procedimento pudesse caber a um simples mercador. Só exijo o dinheiro que desembolsei para criá-la e torná-la tal como é, mas afirmo que Sua Majestade fará uma compra com que só poderá ter motivos de alegria.’

Kacan não quis regatear, e mandou pagar imediatamente ao mercador. E este, antes de retirar-se, disse ao vizir: ‘Senhor, já que a escrava se destina ao rei, permita-me dizer-vos que ela está extremamente fatigada pela viagem até aqui. Embora seja uma beleza que não tema confrontos, há de ser inteiramente outra, se a conservardes por uns 15 dias em vossa casa e a tratardes como merece. Depois desse tempo, quando a apresentardes ao monarca, vereis que ela saberá honrar-vos. O Sol queimou-lhe levemente a

pele, mas quando apenas tiver tomado dois ou três banhos e se vestir como julgardes conveniente, será tal a mudança que a achareis muito mais linda.’

Kacan seguiu o conselho do mercador e cedeu à Formosa Persa um aposento perto do de sua mulher, a quem pediu que a tratasse como dama pertencente ao rei. Pediu ainda à mulher que lhe mandasse fazer vários vestidos, os mais magníficos possíveis. Antes de deixar a Formosa Persa, disse-lhe: ‘A vossa ventura não poderá ser maior do que a que acabo de vos proporcionar. Lembrai-vos de que foi para o rei que vos comprei, e espero que ele fique satisfeito como eu. Advirto-vos de que tenho um filho muito jovem, inteligente, mas estouvado e atrevido. Não permitais que se aproxime de vós.’ A Formosa Persa agradeceu-lhe o aviso e retirou-se.

Nuredin, assim se chamava o filho do vizir Kacan, entrava livremente nos aposentos de sua mãe, com quem costumava fazer suas refeições. Era atraente, jovem, agradável e ousado, e como possuía muito espírito e falava com facilidade, cativava a todos com muita facilidade. Vendo a Formosa Persa, desde o primeiro instante, embora soubesse que o pai a comprara para o rei, não cuidou de dominar a paixão que o invadia. Deixou-se levar pelos encantos da escrava e as palavras que com ela trocou lhe fizeram tomar a resolução de empregar todo tipo de meios para roubá-la do rei.

Por sua vez, a Formosa Persa achou Nuredin extremamente simpático, e pensou: ‘O vizir dá-me uma grande honra, destinando-me ao rei de Bassorá, mas eu me consideraria bastante feliz, se ele me destinasse apenas ao seu filho.’

Nuredin não deixou de aproveitar-se da vantagem que tinha de contemplar uma beleza pela qual estava apaixonado. Só a deixava quando sua mãe o obrigava. ‘Meu filho’, dizia-lhe ela, ‘não fica bem a um jovem como vós permanecer sempre nos aposentos das mulheres. Retirai-vos e procurai tornar-vos digno de suceder um dia à dignidade de vosso pai.’

Como fazia muito tempo que a Formosa Persa não frequentava o banho público, por causa da longa viagem empreendida, cinco ou seis dias depois de ter sido comprada, incumbiu-se a mulher do vizir de mandar preparar-lhe o que havia em sua própria casa, e ordenou às suas escravas que lhe prestassem os mesmos serviços que a ela; além disso, quando saísse do banho,

deviam pôr-lhe o vestido que lhe fora preparado. Pretendia, assim, enaltecer-se com o marido e manifestar-lhe como se interessava por tudo que lhe dizia respeito.

À saída do banho, a Formosa Persa, mil vezes mais bela do que parecera a Kacan quando a comprara, foi apresentar-se à mulher do vizir, que custou a reconhecê-la.

A escrava, beijando-lhe a mão, disse-lhe: ‘Senhora, não sei como me achais com o vestido que tivestes a bondade de mandar fazer-me. Asseguram-me as vossas escravas que me cai tão bem que não me reconhecem, mas receando ser vítima da lisonja, a vós é que me dirijo. Se, porém, me disseram a verdade, a vós é que devo tudo.’

‘Minha filha’, respondeu a esposa do vizir, muito alegre, ‘não há lisonja no que vos afirmaram as minhas escravas; sem falar do vestido que vos vai às mil maravilhas, trazeis do banho uma beleza tão radiante que eu mesma duvido em reconhecer-vos. Eu mesma, apesar da minha idade, passarei, de agora em diante, a valer-me frequentemente do banho.’ ‘Senhora’, disse a Formosa Persa, ‘não sei o que responder a elogios que não mereço. Quanto ao banho, é admirável, e creio que não deveis perder tempo. Vossas escravas poderão confirmar o que vos asseguro.’

A esposa do vizir quis aproveitar o ensejo, e as suas escravas correram imediatamente para buscar tudo quanto se fazia necessário. A persa retirou-se para o seu aposento, e a mulher do vizir, antes de ir para o banho, ordenou a duas escravas que a vigiassem, a fim de proibir a entrada de Nuredin.

Enquanto a mulher do vizir estava no banho e a bela princesa se achava sozinha, chegou Nuredin; não encontrando sua mãe, dirigiu-se ao aposento da Formosa Persa; mas, na antessala, detiveram-no as duas escravas. Nuredin perguntou-lhes onde estava sua mãe, ao que responderam elas a verdade. ‘E a Formosa Persa’, perguntou ainda Nuredin, ‘também está no banho?’ ‘Já voltou’, responderam as escravas, ‘e encontra-se neste instante no seu quarto, mas temos ordens de não deixá-lo entrar.’

Uma simples cortina separava o aposento da Formosa Persa. Nuredin avançou; as duas escravas, porém, fecharam-lhe o caminho. Ele, pegando-as pelo braço, pô-las fora da antessala e fechou a porta. As duas, aflitas,

correram à sala de banho, e, chorando, contaram à esposa do vizir o que acabava de acontecer.

Diante daquela audácia, a boa senhora se assustou. Vestiu-se imediatamente, mas antes de chegar ao aposento da Formosa Persa, Nuredin havia fugido.

A Formosa Persa se surpreendeu ao ver entrar a mulher do vizir, fora de si. ‘Senhora’, disse-lhe, ‘por que estais tão aflita? Que desgraça vos aconteceu no banho para de lá sairdes tão cedo?’

‘Como’, estranhou a mulher do vizir, ‘podeis estar tão tranquila assim, depois de Nuredin, meu filho, ter-se demorado convosco? Que maior desgraça podia suceder a ele e a mim?’

‘Meu Deus, senhora’, respondeu a Formosa Persa, ‘que desgraça pode advir a vós e a Nuredin do que ele fez?’ ‘Como’, insistiu a esposa do vizir, ‘meu marido não vos advertiu que tivésseis cuidado com Nuredin?’

‘Não me esqueci da advertência, senhora’, disse a Formosa Persa: ‘Mas Nuredin veio apenas dizer-me que o vizir, seu pai, mudara de ideia, e que, em vez de me destinar ao rei, como era sua intenção, me concedera a ele. Acreditei, senhora, e escrava que sou desde a mais tenra idade, haveis de compreender que não pude opor-me à sua vontade. Digo até que cedi, sem nenhuma repugnância, pois sinto por Nuredin forte atração. Não lastimo ter perdido a honra de pertencer ao rei, e julgo-me muito feliz por passar a vida inteira com vosso filho.’

‘Prouvera a Deus’, disse a esposa do vizir, ‘que o que me contaís fosse verdadeiro! Crede-me, porém, Nuredin é um impostor. Ele vos enganou. Infeliz dele, infeliz de mim, e muito mais infeliz do pai pelas consequências! Nem as minhas lágrimas nem os meus rogos serão capazes de comovê-lo. O pai há de sacrificá-lo ao seu justo ressentimento assim que venha a saber a violência que ele cometeu.’ Terminando estas palavras, chorou amargamente, e as suas escravas, temendo tanto pela vida dela como pela de Nuredin, seguiram-lhe o exemplo.

O vizir, chegando alguns momentos depois, surpreendeu-se ao ver sua mulher e as escravas chorando, enquanto a Formosa Persa se mantinha a um canto, emudecida e triste. Logo à sua primeira pergunta, todas elas, em vez

de responder, redobramos os gritos e as lágrimas. Dirigindo-se, então, diretamente à mulher, ordenou-lhe: ‘Quero que me digais imediatamente por que estais chorando e que me digais a verdade.’

A mulher do vizir, embora desolada, teve de obedecê-lo: ‘Prometei-me senhor’, respondeu, ‘que não guardareis rancor pelo que vou contar. Antes, porém, asseguro-vos que a culpa não é minha.’ E, sem aguardar resposta, prosseguiu: ‘Enquanto me encontrava no banho com as minhas criadas, vosso filho aproveitou-se para fazer crer à Formosa Persa que tínheis cedido. Eis a razão da minha dor. Não ousou implorar-vos clemência.’

É impossível descrever a mortificação de Kacan ao ouvir a revelação da ousadia de seu filho Nuredin. ‘Ah!’, exclamou, mordendo as mãos e arrancando a barba, ‘é assim, filho indigno da luz do dia, que atirais vosso pai ao abismo, e vos perdeis com ele? O rei não há de contentar-se com o vosso sangue nem com o meu para vingar-se de tamanho ultraje.’

Sua mulher tentou consolá-lo:

‘Não vos aflijais’, disse-lhe. ‘Conseguirei facilmente dez mil moedas de ouro com uma parte das minhas joias. Comprareis outra escrava que será mais bela e digna do rei.’

‘Ora’, respondeu Kacan, ‘julgai-me capaz desta aflição somente por causa das dez mil moedas de ouro? Nem essa perda tampouco a de todos os meus bens seria capaz de emocionar-me. O que me importa é a honra que para mim é mais preciosa do que todos os bens do mundo.’ ‘Mas’, respondeu sua mulher, ‘parece-me que o que tem remédio mediante o emprego de dinheiro não é, afinal de contas, de tão graves consequências.’

‘Como’, estranhou o vizir, ‘não sabeis que Sauí é o meu inimigo fidalgo? Não vedes que mal saiba o que me sucedeu irá imediatamente festejar com o rei? Vós, dirá ao rei, só falais do afeto e do zelo de Kacan. Mas ele acaba de vos demonstrar quão pouco digno é de consideração. Recebeu dez mil moedas de ouro para comprar-vos uma escrava; de fato, desincumbiu-se a contento da missão, pois nunca se viu escrava mais formosa; mas em vez de trazê-la à vossa presença, julgou mais acertado, dá-la de presente ao filho. Meu filho, disse-lhe, esta escrava é vossa, porque a mereceis mais que o nosso soberano. O filho, continuará Sauí a falar, diverte-se com ela todos os dias...

Não percebeis, acrescentou o vizir, que em consequência de tais palavras os guardas do rei poderão vir a qualquer instante forçar a porta de minha casa e levar a escrava?’

‘Senhor’, respondeu sua mulher, ‘concordo que a maldade de Sauí é grande e que ele é capaz de tudo quanto acabastes de afirmar. Mas como pode ele, ou qualquer outra pessoa, saber o que se passa aqui dentro? Se surgirem suspeitas, e se o rei vos falar a respeito, não podereis afirmar que após terdes bem-contemplado a escrava, não a achastes, afinal, tão digna de Sua Majestade, como à primeira vista vos parecera? Não podereis dizer que de fato é senhora de incomparável beleza, mas que quanto ao espírito não é o que se vos havia afigurado? O rei crerá em vós e Sauí sofrerá a humilhação de outro malogro das tramas com que procura destruir-vos. Tranquilizai-vos, pois, mandai chamar os corretores, dizei-lhes que não estais contente com a Formosa Persa e encarregai-os de vos procurar outra escrava.’

Diante dessas palavras sensatas, Kacan sossegou um pouco, e seguiu o conselho, embora continuasse encolerizado com Nuredin.

Nuredin, durante o dia inteiro, não apareceu. Tampouco tratou de esconder-se na casa de um dos seus jovens amigos, com medo de que seu pai mandasse buscá-lo. Fora da cidade, refugiou-se num jardim que lhe era inteiramente desconhecido. Só voltou bem tarde, quando tinha certeza de que seu pai se retirara. Abriram-lhe a porta as criadas de sua mãe, que o fizeram entrar sem ruído. No dia seguinte, antes que o vizir se levantasse, saiu, tomando as mesmas precauções durante um mês, mas visivelmente mortificado. As criadas de sua mãe lhe esconderam a verdade: seu pai continuava encolerizado e dizia que o mataria quando o visse.

Quanto a sua mãe que sabia, por intermédio das criadas, que Nuredin voltava todos os dias para casa, não ousava interceder por ele com o marido. Finalmente, após muito hesitar, decidiu. ‘Senhor’, disse um dia ao vizir, ‘até agora não ousei tomar a liberdade de vos falar de vosso filho. Permiti que eu vos pergunte o que pretendeis fazer. Nuredin, é verdade, privou-vos de uma grande honra e da satisfação de apresentar ao rei uma escrava tão perfeita, concordo. Mas, agora, qual é a vossa intenção? Pretendeis matá-lo? Atraireis outro mal, e pior. Não temeis que o mundo que é mau, curioso em saber

por que se afasta de vós vosso filho, não descubra a verdadeira causa? Se isso se der, caireis na desgraça que tanto procurais evitar.’

‘Senhora’, respondeu o vizir, ‘o que dizeis tem sentido, mas não posso de maneira alguma perdoar a Nuredin.’ ‘Ele ficará suficientemente mortificado’, respondeu a mulher, ‘se fizerdes o que penso. Vosso filho entra aqui todas as noites quando vos retirais, dorme aqui, e sai antes que vos levanteis. Esperai-o esta noite e fingi que pretendeis matá-lo; dissei-lhe depois que lhe poupais a vida porque o pedi. Forçai-o então a desposar a escrava. Ele a ama, e sei que a Formosa Persa não o odeia.’

Kacan seguiu o conselho; assim, antes que se abrisse a porta a Nuredin, quando chegou a hora habitual, pôs-se atrás dela, e mal o viu, atirou-se a ele. Nuredin virou a cabeça e reconheceu seu pai, de punhal na mão prestes a lhe tirar a vida.

A mãe de Nuredin chegou nesse momento, e, retendo o vizir pelo braço, gritou: ‘Que estais querendo fazer, senhor?’ ‘Deixai-me’, respondeu o vizir, ‘que mate esse filho indigno!’ ‘Ah! senhor’, respondeu a mãe, ‘matai-me antes, não permitirei nunca que mancheis as vossas mãos com o vosso próprio sangue!’ Nuredin aproveitou o momento: ‘Meu pai’, gritou com lágrimas nos olhos, ‘imploro a vossa clemência e misericórdia! Concedei-me o perdão que vos rogo em nome Daquele diante do qual um dia apareceremos todos.’

Kacan deixou cair o punhal. Nuredin, atirando-se aos seus pés, beijou-os para mostrar como se arrependia de tê-lo ofendido. ‘Nuredin’, disse Kacan, ‘agradecei a vossa mãe o meu perdão. Cedo-vos a Formosa Persa, mas com a condição de me prometerdes sob palavra de que a considerareis vossa mulher; não a vendereis nem a repudiareis. Como é inteligente e tem espírito superior ao vosso, estou certo de que moderará esses ímpetos de juventude que são capazes de vos arruinar.’

Nuredin não ousara esperar ser tratado com tão grande indulgência. Agradecendo ao pai com todo reconhecimento, deu-lhe de todo o coração a palavra desejada. A Formosa Persa e ele se alegraram, e o vizir ficou muito satisfeito com tão boa união.

Kacan não esperou que o rei lhe perguntasse sobre a missão de que fora incumbido; tomou o cuidado de lhe falar frequentemente, e de lhe dar a conhecer as dificuldades encontradas no desempenho. Enfim, soube manejá-lo com tanta habilidade, que o rei nem pensou mais nisso. Sauí soube alguma coisa de que se tinha passado, mas gozando Kacan de grande prestígio com o rei, não ousou falar.

Havia mais de um ano que estava encerrada a delicada questão, quando o vizir, indo um dia ao banho público, viu-se obrigado, por um assunto urgente, a sair precipitadamente; o ar um pouco frio causou-lhe uma pneumonia que o forçou a pôr-se de cama, estando ele com febre alta. Percebendo que não estava longe o último momento de sua vida, assim falou a Nuredin, que não o abandonava: ‘Meu filho, não sei se fiz bom uso das grandes riquezas que Deus me deu; estais vendo que de nada me servem para me livrar da morte. A única coisa que vos peço, ao morrer, é que vos lembreis da vossa promessa que fizestes ao receberdes a Formosa Persa. Morro com a certeza de que não a esqueceréis.’

Foram as suas últimas palavras. Expirou poucos momentos depois, e deixou um luto indizível na casa, na corte e na cidade. O rei chorou-o como sábio vizir, zeloso e fiel, e a cidade inteira como um protetor e benfeitor. Nunca se viu funeral mais honroso em Bassorá. Os vizires, os emires e todos os grandes da corte se apressaram em carregar o ataúde, uns depois dos outros, até o sepulcro.

Nuredin demonstrou todos os sinais da grande aflição que a perda que acabava de ter lhe causava, e ficou muito tempo sem ver ninguém. Finalmente, permitiu que um amigo íntimo o visitasse. Este tentou confortá-lo; e, vendo-o disposto a ouvi-lo, disse, depois de ter prestado a devida homenagem à memória de seu pai, e depois de ter satisfeito tudo o que a boa educação exigia, que era tempo de Nuredin aparecer, ver os amigos e manter a posição que o seu nascimento e o seu mérito lhe tinham adquirido. ‘Pecaríamos’, acrescentou, ‘contra as leis da natureza e até contra as leis civis se, quando nossos pais morressem, não lhes rendêssemos tudo quanto a ternura exige de nós. Mas somos obrigados, depois, a retomar o modo de

viver de antes. Enxugai, portanto, as vossas lágrimas e voltai a ser velho inspirador de alegria de outros tempos.’

O conselho do amigo era sensato e Nuredin teria evitado todas as suas infelicidades se o tivesse seguido. Deixou-se convencer sem dificuldade, e quando o amigo quis se retirar, pediu-lhe que voltasse no dia seguinte e levasse três ou quatro amigos. Formou um grupo de dez jovens, aproximadamente da sua idade, e com eles passava o tempo em festins contínuos. Não havia dia que não desse, a cada um, um presente.

Algumas vezes, para proporcionar maior alegria aos amigos, Nuredin mandava chamar a Formosa Persa; obedecia-lhe ela, mas não aprovava aquela excessiva profusão e dizia-lhe abertamente o seu modo de pensar. ‘Não duvido de que o vizir, vosso pai, vos deixou grandes riquezas; por maiores que sejam, porém, não vos encolerizeis se uma escrava vos afirma que logo vereis o seu fim, se continuardes esta vida. Às vezes é lícito banquetear os amigos e divertir-se com eles, mas o excesso faz correr a grandes passos para a desgraça. Pela vossa honra e reputação, faríeis muito melhor em seguir os passos de vosso falecido pai e pôr-vos em estado de alcançar os cargos que lhe conseguiram tanta glória...’

Nuredin ouviu, rindo-se da Formosa Persa, e quando ela acabou, disse-lhe: ‘Minha beleza, deixemos esse assunto e tratemos de nos alegrar. Meu falecido pai sempre me manteve muito preso, e eu quero agora desfrutar da liberdade a que tanto aspirei. Terei sempre tempo de me sujeitar à vida regrada de que me falais; um homem da minha idade deve gozar todos os prazeres da juventude.’

O que ainda mais contribuiu para pôr em desordem os assuntos de Nuredin foi não querer ver as contas que o seu mordomo lhe apresentava. Mandava-o sempre embora. ‘Vai, vai’, dizia-lhe, ‘confio em ti. Mas toma cuidado para que eu viva sempre bem.’

‘Vós sois o amo, senhor’, respondeu o mordomo. ‘Mas haveis de permitir que eu vos lembre do provérbio que diz que quem faz grandes despesas e não as conta, vê-se no fim reduzido a mendigar. Não vos contentais apenas com despesas prodigiosas para a vossa mesa; dais ainda às mãos cheias. Os vossos tesouros não podem bastar, mesmo que fossem grandes como

montanhas...’ ‘Retira-te’, ordenava-lhe Nuredin. ‘Não preciso das tuas lições: continua a me fazer comer e não te preocupes quanto ao resto.’

Os amigos de Nuredin, entretanto, sempre presentes à sua mesa, não deixavam passar nenhuma ocasião para se aproveitar da sua liberdade. Lisonjeavam-no e atribuíam valor à menor das suas ações; particularmente, não se esqueciam de louvar tudo o que lhe pertencia. ‘Senhor’, dizia-lhe um, ‘passei outro dia pelo terreno que possúis em tal lugar. Não há nada mais magnífico, nem existe casa mais bem-mobiliada. É um paraíso de delícias o jardim que a acompanha...’ ‘Estou encantado’, respondia Nuredin. ‘Tragam-me pena, tinta e papel; não quero mais ouvir falar nisso, a casa é vossa.’ Outros mal lhe elogiavam qualquer uma das suas casas, dos banhos e dos lugares públicos para hospedar pessoas estranhas que lhe proporcionavam grandes rendas, recebiam uma doação. A Formosa Persa mostrava-lhe o erro que cometia, mas em vez de dar-lhe ouvido, Nuredin continuava a dispersar o que lhe restava.

Enfim, não fez outra coisa, durante um ano inteiro, do que viver bem e divertir-se, dissipando os grandes bens que os seus antepassados e o bom vizir, seu pai, tinham adquirido ou conservado com muito esforço. Mal terminou o ano, alguém bateu, um dia, à porta da sala onde se achava a mesa de banquetes. Nuredin estava lá com os amigos.

Um deles quis se levantar, mas Nuredin o precedeu e foi abrir. Era o mordomo, e Nuredin, para ouvir melhor, saiu um pouco da sala, deixando a porta entreaberta.

O amigo, que percebera o mordomo, curioso em saber o que se passava, postou-se entre a cortina e a porta, e ouviu o mordomo dizer: ‘Senhor, peço-vos mil vezes perdão por vir interromper-vos no meio dos vossos prazeres. O que tenho a comunicar-vos é para vós, parece-me, de tão grande importância que pensei não poder dispensar-me de tomar esta liberdade. Acabei de fazer as últimas contas, e comprovei o que sempre previ. Quer dizer, senhor, que nada mais me sobra de todo o dinheiro que me destes. As outras reservas também se acham esgotadas; os que vos deviam rendas fizeram ver-me claramente que transferistes a outros o que era vosso. Nada mais posso exigir deles em vosso nome. Aqui estão as

minhas contas. Examinai-as, e se quizerdes que continue a vos servir, destinaí-me outros fundos. Se não, permiti que me retire.’ Nuredin ficou tão surpreso que não conseguiu falar.

O amigo, que a tudo ouviu, entrou imediatamente e comunicou aos outros a novidade. ‘De cada um de vós, depende’, disse-lhes, ‘aproveitar esse aviso. Quanto a mim, declaro-vos que hoje é o último dia que me vereis com Nuredin.’

‘Se é assim’, responderam eles, ‘não temos mais nada que fazer na casa dele.’

Nesse momento, Nuredin voltou. Apesar de apresentar um rosto alegre para pôr os seus convidados novamente à vontade, não pôde evitar que eles percebessem a verdade do que acabavam de saber. Mal retomou o seu lugar, um dos amigos se levantou: ‘Lastimo não poder fazer-vos companhia por mais tempo. Desculpai-me, se me retiro.’ ‘Que vos obriga a deixar-nos tão cedo?’, perguntou Nuredin. ‘Senhor’, respondeu ele, ‘minha mulher deu à luz hoje, e vós não ignorais que a presença de um marido é sempre necessária em tal acontecimento.’ Um momento depois, outro se retirou sob outro pretexto. Os demais procederam da mesma maneira.

Nuredin não suspeitou da decisão tomada pelos amigos de não mais vê-lo. No aposento da Formosa Persa, conversou com ela a respeito da declaração do mordomo e deu mostras de estar arrependido.

‘Senhor’, disse-lhe a persa, ‘permiti-me dizer-vos que não devíeis ter confiado apenas em vós; vede o que vos aconteceu. Não me enganei quando vos predisse tão triste fim. O que me entristece é que não percebeis todo o inconveniente desse fim. Quando quis dizer-vos a minha opinião, Alegremonos, respondestes-me, e aproveitemos o tempo bom que a sorte nos oferece; talvez não esteja sempre de tão bom humor. Mas eu tinha razão aos vos responder que nós mesmos éramos os artesãos da nossa boa sorte, por meio de um comportamento inteligente. Não quisestes me ouvir e fui obrigada a deixar que agísseis livremente.’

‘Concordo’, respondeu Nuredin. ‘Errei não seguindo os bons conselhos que me dáveis com a vossa inteligência admirável, mas se dissipei todos os meus bens, lembrai-vos de que o fiz em companhia de amigos que conheço

há tempo e que são honestos e gratos.’ ‘Senhor’, respondeu a Formosa Persa, ‘se não tendes outros recursos que o reconhecimento dos amigos, crede-me, a vossa esperança é mal-fundada.’

‘Persa encantadora’, respondeu Nuredin, ‘tenho melhor opinião que vós da assistência que me darão. Eu visitarei todos amanhã, antes que aqui me venham e me vereis voltar com boa quantia de dinheiro. Mudarei de vida como acabo de decidir, e empregarei o dinheiro em negócio lucrativo.’

No dia seguinte, Nuredin foi à procura dos dez amigos que residiam na mesma rua. Bateu na porta da primeira casa, onde morava um dos mais ricos. Uma escrava, antes de abrir, perguntou quem era. ‘Dize ao teu amo que é Nuredin, filho do falecido vizir Kacan.’ A escrava abriu, conduziu-o à sala, e entrou num quarto onde estava seu amo, a quem anunciou que Nuredin vinha vê-lo. ‘Nuredin?’, respondeu o amo com um tom de desconfiança, e tão alto que Nuredin o ouviu com grande surpresa. ‘Dize-lhe que não estou aqui, e repete-lhe a mesma coisa cada vez que ele aparecer.’ A escrava, voltando, explicou a Nuredin que havia se enganado, e que seu amo não estava.

Nuredin saiu confuso. ‘Ah, pérfido!’, gritou. ‘Ontem afirmava que não tinha melhor amigo que eu, e hoje me trata tão indignamente!’ O segundo amigo, em cuja porta bateu, mandou dizer-lhe a mesma coisa. Recebeu a mesma resposta do terceiro, e assim por diante até o décimo.

Reconheceu, então, o erro irreparável de ter confiado tão facilmente nos falsos amigos e nos seus protestos de amizade, enquanto lhes oferecia banquetes suntuosos e os cumulava de benefícios. ‘É verdade’, refletiu, com lágrimas nos olhos, ‘que o homem se parece a uma árvore carregada de frutos. Enquanto dá frutos, todos a procuram. Mal cessa de produzi-los, afastam-se e deixam-na sozinha.’ Controlou-se enquanto esteve fora de casa; uma vez chegado, porém, abandonou-se inteiramente à sua aflição e foi demonstrá-la à Formosa Persa.

Quando esta o viu aparecer abatido, percebeu imediatamente que não encontrara com os amigos a ajuda esperada. ‘Então, senhor’, perguntou-lhe, ‘estais agora convencido da verdade?’ ‘Ah, minha querida’, desabafou

Nuredin, ‘como acertastes! Nenhum deles quis me ver nem falar-me! Nunca imaginei que pudesse ser tratado tão cruelmente por homens que me devem tantas obrigações, e pelos quais me arruinei! Nada mais possuo, e tenho medo de cometer ação indigna de mim no estado deplorável e no desespero em que me acho, se não me ajudardes com os vossos sábios conselhos.’ ‘Senhor’, respondeu a Formosa Persa, ‘não vejo outro remédio para a vossa má sorte senão vender as escravas e os móveis e viver com o provento, até que o céu vos mostre outro caminho para sairdes da miséria.’

O remédio pareceu extremamente duro a Nuredin. Mas o que ele podia fazer no estado em que se achava? Primeiro, vendeu todos os escravos, bocas inúteis. Por algum tempo viveu do dinheiro que recebeu dessa venda; quando este começou a faltar, mandou levar os móveis à praça pública, onde foram vendidos muito abaixo do valor, apesar de terem alguns, preciosíssimos, custado somas enormes. Finalmente, também esse recurso faltou. Não tendo nada mais com que pudesse obter mais dinheiro, falou da sua grande dor à Formosa Persa.

Nuredin não esperava a resposta que lhe deu a inteligente mulher. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘sou vossa escrava, e sabeis que vosso pai, o falecido vizir, me comprou por dez mil moedas de ouro. Evidentemente, desde então, deve ter diminuído o meu preço. Mas estou convencida de que ainda posso ser vendida por quantia não muito inferior. Não hesiteis em levar-me ao mercado e vender-me. Com o dinheiro que receberdes, e que será bastante para vós, falarei de vós ao mercador em qualquer cidade onde não fordes conhecido, e com isso encontrareis um meio de viver, se não na opulência, pelo menos feliz.’

‘Ah, encantadora e bela persa!’, exclamou Nuredin, ‘como é possível que tenhais tido tal ideia! Dei-vos tão poucos sinais do meu amor que me achais capaz dessa indigna covardia? Não seria eu um perjuro depois da promessa que fiz a meu pai de nunca vender-vos? Preferiria morrer a separar-me de vós, a quem amo mais do que a mim mesmo. Sugerindo-me proposta tão pouco razoável, dai-me a conhecer que falta muito para que me ameis tanto quanto eu vos amo.’

‘Senhor’, respondeu a persa, ‘estou convencida de que me quereis tanto como afirmais. Deus sabe que a paixão que tenho por vós não é inferior à vossa, e sabe mais a repugnância que senti ao fazer-vos a proposta que vos revolta tão fortemente contra mim. Para defender-me, lembro-vos apenas que a necessidade não conhece leis. Amo-vos a tal ponto que não é possível amar-se mais, e posso assegurar-vos que não deixarei jamais de vos amar da mesma maneira. Não terei nenhum prazer maior no mundo do que o de me reunir a vós logo que os negócios vos permitam comprar-me de novo, como espero. É uma necessidade bem cruel para vós e para mim, mas não vejo outros meios de nos tirar da miséria.’

Nuredin, que conhecia muito bem a verdade do que a Formosa Persa acabava de lhe dizer, e que não tinha absolutamente outro recurso para evitar a indignação, foi obrigado a tomar essa decisão. Assim, levou-a ao mercado onde se vendiam as escravas, com uma dor que se não pode expressar. Dirigindo-se a um corretor chamado Hagi Hassan, disse-lhe: ‘Hagi Hassan, eis aqui uma escrava que quero vender. Quanto me dareis por ela?’

Hagi Hassan fez entrar Nuredin e a persa no seu aposento e quando a escrava tirou o véu que lhe escondia o rosto, disse a Nuredin: ‘Senhor, estarei enganado? Não é a escrava que vosso pai, o falecido vizir, comprou por dez mil moedas de ouro?’ Nuredin lhe assegurou que era ela mesma, e Hagi Hassan prometeu-lhe valer-se de todos os meios para que ela fosse comprada pelo maior preço possível.

Hagi Hassan e Nuredin saíram do aposento onde ficou a persa. Em seguida, Hagi foi procurar os mercadores, mas todos estavam ocupados em comprar escravas gregas, africanas e tártaras, e ele se viu obrigado a esperar até que tivessem feito suas compras. Uma vez terminada a transação, e quando estavam quase todos juntos, disse-lhes com alegria: ‘Meus bons senhores, nem tudo o que é redondo é avelã, nem tudo o que é longo é figo, nem tudo o que é vermelho é carne, nem todos os ovos são frescos. Quero dizer que tendes visto e comprado muitas escravas na vossa vida, mas nunca vistes uma que possa comparar-se à que aqui tenho. É a pérola das escravas, vinde, segui-me e eu vo-la mostrarei. Quero que me digais que preço posso alcançar!’

Os mercadores seguiram Hagi Hassan. Este lhes abriu a porta do aposento onde se achava a bela persa. Surpresos, concordaram unanimemente que ela não podia ser vendida a preço inferior a quatro mil moedas de ouro. Saíram, depois, do aposento, e Hagi Hassan, acompanhando-os, após fechar a porta, gritou em voz alta, sem se afastar: ‘Por quatro mil moedas de ouro a escrava persa!’

Nenhum dos mercadores havia ainda falado quando o vizir Sauí apareceu. Ao ver Nuredin na praça, pensou: ‘Parece que Nuredin ainda está obtendo dinheiro com móveis (porque sabia que os vendia), e que veio comprar uma escrava.’ Hagi Hassan gritou pela segunda vez: ‘Por quatro mil moedas de ouro a escrava persa!’

Esse preço alto fez com que Sauí julgasse que a escrava devia ser de uma beleza extraordinária; imediatamente sentiu muita vontade de vê-la. Guiando o cavalo na direção de Hagi Hassan, que estava cercado de mercadores, disse-lhe: ‘Abri a porta e mostrai-me a escrava.’ Não era costume mostrar escravas a um particular, uma vez que os mercadores a tinham visto e a negociavam. Mas os mercadores não tiveram a lembrança de fazer valer o seu direito contra a autoridade do vizir, e Hagi Hassan não pôde deixar de abrir a porta e de fazer sinal à Formosa Persa para que se aproximasse a fim de que Sauí pudesse vê-la sem apeiar do cavalo.

Sauí ficou admirado quando a viu. Já tinha tido negócios com o corretor, e o seu nome não lhe era desconhecido. ‘Hagi Hassan, por quatro mil moedas de ouro é que a oferecestes?’ ‘Sim, Senhor’, respondeu. ‘Os mercadores que estais vendo aqui concordaram com esse preço há apenas um momento. Mas espero que ofereçam mais no leilão.’ Sauí olhou imediatamente os mercadores de tal forma que mostrava não pretender que a pusessem eles em leilão. Todos cuidaram bem de não abrir a boca em protesto.

Quando o vizir Sauí viu que nenhum dos mercadores lançava oferta, disse: ‘Então, o que esperais?’ ‘Ide procurar o vendedor e fazei o negócio com ele, por quatro mil moedas de ouro, ou tratai de saber o que ele pretende fazer.’ Não sabia ainda que a escrava pertencia a Nuredin.

Hagi Hassan, que já tinha fechado a porta do aposento, foi ao encontro de Nuredin, e disse-lhe: ‘Senhor, estou muito aborrecido por ter de vos comunicar uma notícia ruim: a vossa escrava será vendida por quase nada.’ ‘Por quê?’, respondeu Nuredin. ‘Senhor’, respondeu Hagi Hassan, ‘a coisa tinha tomado, no princípio, muito bom caminho. Mal os mercadores viram a vossa escrava, me incumbiram de anunciá-la por quatro mil moedas de ouro. Ofereci-a a tal preço, mas daí a pouco surgiu o vizir Sauí, que ordenou silêncio aos mercadores, que estavam dispostos a aumentar o preço até atingir pelo menos o que ela custou ao falecido vizir, vosso pai. Sauí quer dar apenas as quatro mil moedas de ouro, e, embora contra a minha vontade, trago-vos esta oferta tão pouco razoável. A escrava pertence-vos, mas jamais vos aconselharei a vendê-la por tal preço. Senhor, conheceis Sauí e todos o conhecem. É bastante mau para imaginar um meio de não vos pagar.’

‘Hagi Hassan’, respondeu Nuredin, ‘estou necessitando do vosso conselho, não temais que eu tolere seja a minha escrava vendida ao inimigo da minha casa. Tenho muita necessidade de dinheiro, mas preferiria morrer na miséria a permitir que ela lhe seja entregue. Peço-vos uma coisa: como conheceis todos os costumes, dizei-me apenas o que devo fazer para impedir isso.’

‘Senhor’, respondeu Hagi Hassan, ‘nada é mais fácil. Fingi que estáveis enraivecido contra a escrava e que havíeis jurado levá-la ao mercado para vendê-la. Isso satisfará a todos e Sauí não terá nada que dizer. Vinde, pois, e no momento em que a apresentar a Sauí como se fosse com o vosso consentimento, retomai-a, dai-lhe algumas batidas, e levai-a para casa...’ ‘Agradeço-vos’, disse Nuredin, ‘e seguirei o vosso conselho.’

Hagi Hassan voltou ao quarto, abriu-o, entrou, e, depois de ter avisado a Formosa Persa em duas palavras para que não se alarmasse com o que ia acontecer, pegou-a pelo braço e levou-a ao vizir Sauí. ‘Senhor’, disse-lhe, apresentando-lhe, ‘eis aqui a escrava; é vossa.’

Hagi Hassan não tinha acabado tais palavras quando Nuredin pegou a Formosa Persa, e, dando-lhe uma leve pancada, disse-lhe bastante alto para que todos o ouvissem: ‘Tomai, impertinente, e voltaí comigo. O vosso mau humor me obrigou a trazer-vos ao mercado, mas não a vender-vos. Ainda

tenho necessidade de vós, e terei tempo de chegar a esse ponto, quando não me restar outra opção.’

O vizir Saui ficou furioso com a intervenção de Nuredin. ‘Miserável’, gritou, ‘quereis dar-me a crer que vos resta ainda outra coisa para vender além da vossa escrava?’ Ao mesmo tempo, esporeou o cavalo na sua direção para lhe arrancar a bela persa. Nuredin, ofendido profundamente pela afronta que o vizir lhe fazia, largou a Formosa Persa, dizendo-lhe que o esperasse, e atirou-se ao cavalo, fazendo-o recuar três ou quatro passos: ‘Pretensioso’, disse ao vizir, ‘arrancar-vos-ia a alma, se não fosse a consideração pelos presentes.’

Como ninguém gostava do vizir, não houve quem não se alegrasse por Nuredin tê-lo mortificado. Deram todos a compreender ao jovem que podia vingar-se como bem lhe aprouvesse.

Saui quis fazer um esforço para forçar Nuredin a largar as rédeas do cavalo, mas Nuredin que era moço forte, estimulado pela benevolência dos presentes, arrancou-o do cavalo, deu-lhe violentas pancadas e deixou-o com a cabeça sangrando na calçada. Dez escravos que acompanhavam Saui quiseram desembainhar suas espadas a atirar-se sobre Nuredin, mas os mercadores intervieram. ‘Que pretendeis fazer?’, disseram-lhes, ‘não vedes que se é um vizir o outro é filho de vizir? Deixai que decidam a disputa entre si. Talvez um dia eles se reconciliem, e se matardes Nuredin, julgais que o vosso amo, ainda que poderosíssimo, poderá garantir-vos contra a justiça?’ Enfim, Nuredin após cansar-se de espancar o vizir, deixou-o, retomou a bela persa, e voltou para casa, no meio dos aplausos do povo.

Saui, contundido, levantou-se, ajudado pela sua gente, com muita dificuldade, humilhado por se ver completamente coberto de sangue e de lama. Apoiou-se em dois dos seus escravos, e nesse estado rumou diretamente para o palácio, à vista de todos, e em grande confusão, porque ninguém tinha pena. Ao ver-se sob as janelas do aposento do rei, começou a gritar e a implorar por justiça. O rei mandou chamá-lo e perguntou-lhe quem o tinha maltratado e posto naquele estado. ‘Senhor’, gritou Saui, ‘apesar de ter parte nestes sagrados conselhos, fui tratado da maneira indigna,

como vedes.’ ‘Deixemos essas palavras’, respondeu o rei. ‘Dizei-me apenas o que se passou, e quem é o ofensor. Ele há de se arrepender.’

‘Senhor’, disse então Sauí, contando a coisa a seu modo, ‘fui ao mercado das escravas para comprar uma cozinheira da qual tenho necessidade; cheguei e vi que ofereciam uma escrava por quatro mil moedas de ouro. Mandeí que me trouxessem a escrava, que é a mais bela que se tem visto até agora. Perguntei a quem pertencia, e fiquei sabendo que Nuredin, filho do falecido vizir Kacan, queria vendê-la. Certamente vos lembrais, Senhor, de que mandastes entregar a esse vizir dez mil moedas de ouro há dois ou três anos, encarregando-o de comprar-vos uma escrava por essa quantia. Usou-a para comprar esta, mas em vez de vo-la trazer, julgou-vos indigno dela e deu-a de presente ao filho. Depois da morte do pai, o filho esbanjou tudo o que tinha, e só lhe restou essa escrava que, finalmente, decidiu vender. Mandeí-o chamar e sem lhe falar da perfí-

dia de seu pai para convosco: Nuredin, disse-lhe, os mercadores, como acabo de saber, ofereceram quatro mil moedas de ouro pela vossa escrava. Não duvido de que o preço há de subir; cedei-me pelas quatro mil moedas de ouro, e eu a oferecerei ao rei, nosso único senhor e amo. Será muito melhor. Em vez de me responder, o insolente me olhou cheio de orgulho, e disse: Velho mau, prefiro dar a minha escrava a um judeu qualquer por nada, a vendê-la a vós. Mas, Nuredin, respondi sem me exaltar, mesmo que façais bom uso dela, não considerais que, ao falardes assim, ofendeis o rei que fez do vosso pai o que foi e de mim o que sou? Essa explicação que devia acalmá-lo serviu apenas para irritá-lo ainda mais; atirou-se imediatamente contra mim como um louco, sem nenhuma consideração com a minha idade, menos ainda com a minha dignidade, derrubou-me do cavalo, bateu-me o quanto quis e pôs-me no estado em que me vedes. Rogo-vos considerar que foi no vosso interesse que sofri tão grave afronta.’

Terminando de falar, abaixou a cabeça e deixou correr abundantes lágrimas.

O rei, irritado com Nuredin por essas palavras ardilosas, deixou transparecer sinais de grande raiva, e voltando-se para o capitão da guarda,

disse-lhe: ‘Escolhei quarenta homens da minha guarda, e após devastardes a casa de Nuredin, e mandardes arrasá-la, trazei-o aqui com a sua escrava.’

O capitão da guarda não havia ainda abandonado o aposento quando um porteiro, que ouvira a ordem, já tomava a dianteira. Sandjar era o seu nome. Tinha sido escravo do vizir Kacan, que o apresentara, posteriormente à casa do rei, onde fora promovido.

Sandjar, cheio de reconhecimento para com o antigo amo e de zelo para com Nuredin, que ele vira nascer, e sabedor do ódio de Sauí à casa de Kacan, não pôde ouvir a ordem sem estremecer. ‘A ação de Nuredin’, pensou, ‘não pode ser tão feia como Sauí contou; esse maldito preveniu o rei que vai fazer morrer Nuredin, sem lhe dar tempo para se justificar.’ Caminhando depressa, chegou com bastante antecedência para transmitir a Nuredin o que se passara na casa do rei e dar-lhe tempo para salvar-se com a Formosa Persa. Batendo na porta com insistência, obrigou Nuredin, que não tinha mais criados, a abrir sem demora. ‘Meu caro senhor’, disse-lhe, ‘não há mais segurança para vós em Bassorá, parti e salvai-vos sem perder tempo!’

‘Por quê?’, perguntou Nuredin; ‘que me obriga a partir tão depressa?’ ‘Parti, repito-vos’, respondeu Sandjar, ‘e levai a vossa escrava convosco. Sauí acaba de contar ao rei, ao seu modo, o que se passou entre vós e ele; e o capitão da guarda está vindo com quarenta soldados para vos prender. Tomai estas quarenta moedas de ouro; eu vos daria mais, se tivesse. Desculpai-me se não fico mais tempo. Deixo-vos contra a minha vontade para o vosso bem e o meu; não quero que o capitão da guarda me veja.’ Sandjar, mal dando tempo a Nuredin de agradecer-lhe, se retirou.

Nuredin correu para avisar a Formosa Persa da necessidade em que se achavam de se afastar imediatamente; ela, pondo o véu, saiu com ele. Não somente tiveram a sorte de sair da cidade sem que ninguém percebesse a sua evasão, como também de chegar à embocadura do rio Eufrates, que não se achava longe, e de embarcar num navio pronto para zarpar.

De fato, quando chegaram, achava-se o capitão no tombadilho, no meio de passageiros: ‘Meus filhos, estais todos aqui? Algum de vós ainda tem de fazer uma coisa na cidade?’ Todos responderam que estavam prontos e que ele podia partir quando quisesse. Nuredin, mal embarcando, perguntou para

onde ia o navio, e alegrou-se ao saber que se destinava a Bagdá. O capitão mandou levantar âncora e o navio se afastou de Bassorá com um vento muito favorável.

Eis agora o que se passou em Bassorá enquanto Nuredin com a Formosa Persa escapava da cólera do rei.

O capitão da guarda, chegando à casa de Nuredin, bateu à porta. Vendo que ninguém abria, mandou que a arrombassem, e imediatamente os seus soldados entraram, procuraram por todos os cantos, mas não acharam Nuredin nem a escrava. O capitão da guarda perguntou pessoalmente aos vizinhos se não os tinham visto. Mesmo que os tivessem visto, como não havia quem não gostasse de Nuredin, ninguém disse nada que pudesse prejudicá-lo. Enquanto os soldados arrasavam a casa, foi levar a notícia ao rei. ‘Procurai-os por toda a parte’, disse o rei. ‘Quero-os presos!’

O capitão da guarda fez novas indagações enquanto o rei despedia-se honrosamente do vizir Sauí. ‘Ide, voltai para casa e não procureis castigar Nuredin, que eu mesmo vos vingarei da sua insolência.’

Valendo-se de todos os meios, fez o rei anunciar pela cidade inteira, por pregoeiros públicos, que daria mil moedas de ouro para quem lhe levasse Nuredin e a escrava, e que castigaria severamente quem os escondesse. Mas, apesar de todos os cuidados, não conseguiu ter notícias. E ao vizir Sauí só restou o consolo de ver que o rei se colocara do seu lado.

Enquanto isso a Formosa Persa e Nuredin viajavam com toda a felicidade possível. Enfim, chegaram a Bagdá. Quando o capitão, alegre por ter terminado a viagem, percebeu a cidade, disse aos passageiros: ‘Meus filhos, alegrai-vos. Eis aí a grande e maravilhosa cidade para onde convergem constantemente pessoas de todos os recantos do mundo. Vereis enorme multidão e não sofrereis o frio insuportável do inverno nem o calor excessivo do verão. Gozareis de uma primavera que dura para sempre, com suas flores e seus deliciosos frutos de outono.’

Imediatamente os passageiros desembarcaram, rumando para os seus respectivos destinos. Nuredin pagou cinco moedas de ouro pela passagem e desembarcou com a Formosa Persa. Porém, jamais tendo estado em Bagdá, não sabia onde se hospedar. Andaram, assim, por muito tempo ao longo de

jardins que margeiam o Tigre, e chegaram finalmente a um rodeado por um belo e longo muro. Entraram, em seguida, numa rua comprida e bem-calçada, onde viram a porta do jardim, e perto, uma bela fonte.

A porta, magnífica, dava para um vestíbulo que continha um sofá em cada lado. ‘Eis aqui um esplêndido lugar’, disse Nuredin à Formosa Persa. ‘A noite se aproxima; visto que comemos antes do desembarque, creio que devemos passar aqui a noite; amanhã de manhã teremos tempo de procurar uma hospedaria. Que dizeis?’ ‘Sabeis, Senhor’, respondeu a Formosa Persa, ‘que só desejo o que desejais. Portanto, fiquemos aqui.’ Beberam um pouco na fonte e deitaram-se num dos sofás, onde, por algum tempo, se entregaram a carícias. Enfim, o sono os venceu; e adormeceram com o murmúrio agradável da água.

Aquele jardim pertencia ao califa. Havia no meio um grande pavilhão com pinturas, visto que o seu ornamento principal eram pinturas à moda persa executadas por artistas persas especialmente contratados pelo califa. O grande e magnífico salão era iluminado por 24 janelas com um lustre em cada uma; os 24 lustres eram acesos somente quando o califa ia passar as noites lá, e quando não ventava. Proporcionavam, então, esplêndida iluminação, visível de bem longe.

Somente um guarda vivia no jardim, um velho bem idoso chamado Cheich Ibraim, que ocupava o posto por recompensa do califa. Havia-lhe este recomendado que não deixasse entrar qualquer pessoa, e sobretudo que não permitisse que ninguém sentasse ou deitasse nos dois sofás da porta.

Um negócio obrigara o guarda a sair. Ao voltar, percebeu que duas pessoas dormiam sobre um dos sofás, com suas cabeças ocultas por uma coberta. ‘Bem’, disse Ibraim, ‘aqui se trata de gente que desobedeceu à proibição do califa; vou ensinar-lhes a respeitar o que devem.’ Abriu a porta sem fazer barulho e um momento depois voltou com um grande pau na mão e o braço levantado. Já estava para bater com toda a força neles quando se reteve. ‘Ibraim’, pensou, ‘vais bater-lhes e não considerais que talvez se trate de estrangeiros que não sabem onde hospedar-se e que ignoram a intenção do califa; é melhor saber primeiro quem são.’ Levantando a coberta

com grande precaução, ficou surpreso ao ver um jovem tão bem-feito e uma jovem tão formosa. Acordou Nuredin, puxando-o pelos pés.

Nuredin ergueu imediatamente a cabeça, e ao ver um ancião de barba branca comprida até os pés, levantou-se e pôs-se de joelhos; em seguida, tomando-lhe a mão, beijou-a: ‘Meu pai’, disse-lhe, ‘que Deus vos conserve, desejai alguma coisa?’ ‘Meu filho’, respondeu Ibraim, ‘quem sois? de onde vindes?’ ‘Somos estrangeiros’, respondeu Nuredin, ‘e queríamos passar a noite aqui até amanhã cedo.’

‘Aqui estais mal’, respondeu Ibraim, ‘vinde comigo que eu vos instalarei mais confortavelmente; e a vista do jardim, que é muito bonito, vos alegrará enquanto é ainda dia.’ ‘E este jardim é vosso?’, perguntou-lhe Nuredin. ‘Sim, é meu’, respondeu Ibraim sorridente; ‘é uma herança que recebi do meu pai, entrai, que não vos arrependereis de vê-lo.’

Nuredin, demonstrando a Ibraim toda a sua gratidão, entrou no jardim com a Formosa Persa. Ibraim fechou a porta e, caminhando na frente, levou-os a um lugar de onde puderam apreciar a disposição, a grandeza e a beleza do jardim com um só olhar.

Nuredin vira numerosos jardins belíssimos em Bassorá, mas nunca um comparável a este. Após contemplar tudo muito bem a passear por algumas aleias, voltou-se para o guarda que o acompanhava e perguntou-lhe como se chamava. ‘Ibraim’, disse-lhe, ‘é preciso reconhecer que este é um jardim maravilhoso; que Deus vos conserve por muito tempo! Não podemos vos agradecer bastante pelo favor que nos fizestes mostrando-nos um lugar tão digno de ser visto; é justo que demonstremos o nosso reconhecimento. Tomai duas moedas de ouro e mandai buscar alguma coisa para que possamos comer e alegrar-nos juntos.’

Vendo as duas moedas de ouro, Ibraim, que gostava muito desse metal, sorriu e pegou-as, deixando Nuredin e a Formosa Persa para ir pessoalmente encarregar-se da compra. ‘São boa gente’, pensou; ‘teria cometido um grande erro, se tivesse tido a imprudência de maltratá-los. Servi-los-ei principescamente com a décima parte desse dinheiro, e o resto ficará para o meu trabalho!’

Enquanto Ibraim ia comprar o necessário, Nuredin e a Formosa Persa, passeando pelo jardim, chegaram ao pavilhão das pinturas. Ali pararam para contemplar sua estrutura admirável, sua grandeza e sua altura; e depois de ter-lhe dado a volta, olhando-o de todos os lados, subiram à porta do salão por uma grande escada de mármore branco, mas encontraram-na fechada.

Nuredin e a Formosa Persa iam descendo a escada quando Ibraim chegou carregado de provisões. ‘Ibraim’, disse-lhes Nuredin, com surpresa, ‘não nos havíeis dito que este jardim vos pertence?’ ‘Disse’, respondeu Ibraim, ‘e digo-o ainda. Por que me fazeis essa pergunta?’ ‘E este soberbo pavilhão’ insistiu Nuredin, ‘também vos pertence?’ Ibraim, que não esperava tal pergunta, pareceu um pouco aborrecido. ‘Se lhes digo que não me pertence’, refletiu, ‘hão de perguntar-me imediatamente como posso ser dono do jardim e não do pavilhão.’ Desejando muito fingir que o jardim era dele, fingiu a mesma coisa a respeito do pavilhão. ‘Meu filho’, respondeu, ‘o pavilhão não vai sem o jardim; os dois me pertencem.’ ‘Sendo assim’, pediu Nuredin, ‘e como quereis que sejamos seus hóspedes esta noite, mostrai-vos, eu vos rogo, o seu interior; a julgar por fora, deve ser de magnificência extraordinária!’

Não houvera sido conveniente a Ibraim recusar o pedido de Nuredin. Considerando que o califa não tinha mandado avisá-lo, como fazia costumeiramente, e que, por conseguinte, não viria naquela noite, resolveu comer ali com seus hóspedes. Colocando as provisões no primeiro degrau da escada, foi buscar a chave do aposento em que morava. Voltando depois com uma lanterna, abriu a porta.

Nuredin e a Formosa Persa entraram no salão e o acharam tão surpreendente que não se cansavam de lhe admirar a beleza e o luxo. De fato, sem falar das pinturas, os sofás eram magníficos, e além dos lustres que se achavam em cada janela, havia ainda, entre cada cruzeiro, um braço de prata cada um com a sua vela. Nuredin não pôde deixar de se lembrar, com um suspiro, do esplendor no qual tinha vivido.

Cheich Ibraim, entretanto, após trazer as provisões, preparou a mesa. Quando tudo ficou pronto, Nuredin, a Formosa Persa e ele sentaram-se e comeram. Depois de acabar e lavar as mãos, Nuredin abriu uma janela e

chamou a Formosa Persa: ‘Aproximai-vos’, disse-lhe, ‘e admirai comigo a bela vista e a beleza do jardim. Nada é mais encantador!’ Ela se aproximou e ambos se deliciaram com o espetáculo, enquanto Ibraim retirava a mesa.

Quando Ibraim terminou, Nuredin perguntou-lhe se não havia alguma bebida que ele pudesse oferecer-lhe. ‘Que bebida desejais?’, respondeu Ibraim. ‘Licor? Tenho-o, e o mais delicioso, mas vós sabeis muito bem que é hábito tomar licor depois do jantar.’

‘Sei’, disse Nuredin. ‘Não é licor que vos pedimos; é outra bebida, e eu me admiro que não me compreendais.’ ‘Então, é vinho que quereis’, respondeu Ibraim. ‘Adivinhastes, trouxe-me, pois, uma garrafa. Bebe-se, não é, depois do jantar até a hora de deitar-se.’

‘Deus me livre de ter vinho em minha casa!’, gritou Ibraim, ‘e de me aproximar de um lugar em que há! Um homem como eu, que fez quatro peregrinações a Meca, renunciou ao vinho por toda a vida!’

‘Apesar disso, proporcionar-me-íeis um grande prazer oferecendo-me vinho’, respondeu Nuredin; ‘se quiserdes, ensinarei a vós meio de obtê-lo sem entrar em adega nenhuma e sem pôr a mão no que o contém.’ ‘Bem, nessas condições, aceito’, respondeu Ibraim. ‘Dizei-me o que devo fazer.’

‘Vimos um burro amarrado na entrada do vosso jardim’, disse Nuredin; ‘pertence-vos, sem dúvida. Vede, aqui tendes mais duas moedas de ouro; confiai o burro com os seus cestos ao primeiro homem que passar e pedi-lhe que vá à adega comprar duas jarras de vinho e que vo-las traga com o burro. Depois, tereis apenas o trabalho de empurrar o burro até aqui, que nós mesmos pegaremos as jarras. Assim, nada fareis que vos cause a menor repugnância.’

As outras duas moedas de ouro que Ibraim acabara de receber lograram poderoso efeito no seu espírito: ‘Ah! meu filho’, exclamou, ‘como sois inteligente! Sem vós eu nunca teria cogitado esse meio para vos servir vinho.’ Deixando-os, em seguida, para a compra, não tardou em desempenhar-se. Logo que voltou, Nuredin desceu, tirou as jarras dos cestos e levou-as para o salão.

Ibraim, após levar o burro de volta ao lugar de onde o tinha tirado, foi acolhido por Nuredin com as seguintes palavras: ‘Ibraim, não sabemos como

agradecer-vos pelo que fizestes, mas ainda nos falta alguma coisa.’ ‘Que posso fazer mais para vos servir?’ ‘Não temos taças’, respondeu Nuredin, ‘e algumas frutas muito nos agradariam.’ ‘Nada vos faltará’, respondeu o guarda. Ibraim desceu e em pouco tempo preparou-lhes uma mesa coberta de belas porcelanas cheias de várias frutas, com taças de ouro e de prata. Depois de lhes perguntar se precisavam de mais alguma coisa, retirou-se, apesar de Nuredin e a escrava lhe pedirem com muita insistência que ficasse.

Estes, então, pondo-se à mesa, começaram a beber cada um de uma taça, e acharam o vinho excelente. ‘Minha querida’, disse Nuredin à Formosa Persa, ‘não somos as pessoas mais felizes do mundo por nos ter a sorte trazido para um lugar tão agradável e encantador? Alegremo-nos e refaçamo-nos dos maus momentos da nossa viagem. Sou feliz, porque estou entre vós e a taça.’ E ambos beberam diversas vezes, conversando e cantando.

Como tinham belas vozes, especialmente a Formosa Persa, o seu canto atraiu Ibraim, que ficou a ouvi-los por muito tempo do lado de fora, sem que eles o vissem. Finalmente, mostrou-se, enfiando a cabeça pela porta entreaberta. ‘Coragem, senhor’, disse a Nuredin, que ele já supunha embriagado, ‘estou encantado por vos ver nessa alegria.’

‘Ah’, gritou Nuredin, voltando-se. ‘Sois um homem bom e muitas obrigações vos devemos. Não ousaremos oferecer-vos uma taça, isso não impede que entreis. Aproximai-vos e dai-nos a honra da vossa companhia.’ ‘Continuai’, respondeu Ibraim, ‘que muito me alegram as vossas belas canções.’ E, assim, desapareceu.

A Formosa Persa, percebendo que Ibraim havia parado fora, avisou Nuredin. ‘Senhor’, acrescentou, ‘bem vedes que ele demonstra aversão ao vinho, mas eu, se fosse vós não desistiria de fazê-lo beber.’ ‘Como?’, perguntou Nuredin, ‘dizei-me o que devo fazer para isso!’ ‘Mandai-o entrar e ficar conosco’, disse ela. ‘Depois, ofereci-lhe uma taça, se se recusar, bebei vós o vinho que eu farei o resto.’

Nuredin compreendeu a intenção da Formosa Persa; chamando Ibraim, disse-lhe: ‘Somos vossos hóspedes e vós nos acolhestes da maneira mais fidalga; certamente não nos recusareis a honra da vossa companhia. Não insistimos para que bebais. Basta-nos o prazer de vê-lo.’

Ibraim deixou-se convencer. Entrou e sentou-se no sofá que estava mais próximo da porta. ‘Aí não estais bem’, disse-lhe, então, Nuredin; ‘aproximai-vos e sentai-vos aqui perto.’ ‘Farei o que pedis’, disse Ibraim. Aproximou-se, e sorrindo de prazer, sentou-se a pouca distância da Formosa Persa. Nuredin pediu a esta que cantasse em honra a Ibraim, o que ela fez, provocando-lhe verdadeiro êxtase.

Quando a formosa mulher acabou de cantar, Nuredin, pondo vinho numa taça, apresentou-a a Ibraim. ‘Ibraim’, disse-lhe, ‘bebei uma taça à nossa saúde, peço-vos.’ ‘Senhor’, respondeu Ibraim, recuando, como que horrorizado só de ver o vinho, ‘desculpai-me; já disse que renunciei ao vinho há muito tempo.’ ‘Uma vez que de maneira alguma quereis beber à nossa saúde’, continuou Nuredin, ‘permiti então que eu beba à vossa.’

Enquanto Nuredin bebia, a Formosa Persa cortou a metade de uma maçã e deu-a a Ibraim, dizendo: ‘Já que não quereis beber, creio que não tereis dificuldade em experimentar esta maçã, que é excelente.’ Ibraim não pôde recusá-la. Pegando-a, levou-a à boca. A Formosa Persa disse-lhe algumas amabilidades enquanto Nuredin, estendendo-se sobre o sofá, fingia dormir. Imediatamente a persa falou ao ouvido de Ibraim: ‘Vedes? Nunca procede de outra forma quando nos divertimos; apenas toma duas taças, adormece e deixa-me sozinha; mas sei que me fareis companhia enquanto ele dorme.’

Pegando uma taça, encheu-a de vinho, e apresentando-a a Ibraim disse-lhe: ‘Tomai e bebei à minha saúde.’ Ibraim relutou a princípio. Mas ela insistiu e ele, vencido finalmente pelos seus encantos e insistência, sorveu o conteúdo da taça.

O bom ancião gostava de beber, mas envergonhava-se de beber diante de gente que não conhecia. Ia à adega às escondidas, como muitos outros. Não tomara as precauções que Nuredin lhe recomendara para comprar o vinho. Fora comprá-lo, sem cerimônia, onde era conhecido; a noite servira-lhe de manto, e ele economizara o dinheiro.

Enquanto Ibraim, depois de beber, terminava de comer a metade da maçã, a Formosa Persa ofereceu-lhe outra taça que ele tomou com muito menos dificuldade. Para a terceira não opôs resistência. Finalmente bebeu a quarta, quando Nuredin deixou de fingir que estava dormindo; de fato,

sentando-se no sofá, olhou-o e soltou uma grande gargalhada: ‘Ah, ah, Ibraim’, disse-lhe, ‘surpreendi-vos; no entanto, havíeis me dito que tínheis renunciado ao vinho!’

Ibraim, não esperando aquilo, corou levemente, o que não o impediu, porém, de acabar de beber. Depois, disse rindo: ‘Senhor, se pequei a culpa não é minha. Como poderia não me render diante de tão linda mulher?’

A Formosa Persa tomou o partido de Ibraim. ‘Ibraim’, disse-lhe, ‘deixai-o falar, continuai a beber e alegrai-vos.’ Alguns momentos depois, Nuredin encheu o seu copo, para, logo em seguida, fazer o mesmo com o da persa. Quando Ibraim viu que Nuredin não enchia o dele, apresentou-lhe uma taça: ‘E eu’, disse, ‘pensais que não bebo tão bem como vós?’

A essas palavras, Ibraim, Nuredin e a Formosa Persa puseram-se a rir. Divertiram-se e beberam até meia-noite. Por volta dessa hora a persa notou que a mesa estava iluminada apenas por uma vela. ‘Ibraim’, disse ao bom guarda, ‘trouxestes apenas uma vela; trouxei-nos outras e acendei-as para podermos ver claramente.’

Ibraim valeu-se da liberdade que o vinho concede, e para não interromper a conversa com Nuredin disse à formosa mulher: ‘Acendei-as vós. Isso convém mais a moços, como vós, mas cuidai de só acender cinco ou seis, que será o bastante.’ A persa se levantou, pegou uma vela, acendeu-a no castiçal que estava sobre a mesa e acendeu as 24 velas, sem levar em conta o que Ibraim dissera.

Pouco depois, enquanto Ibraim distraía a Formosa Persa com outro assunto, Nuredin, por sua vez, pediu-lhe que acendesse alguns castiçais. Sem reparar que todas as velas estavam acesas, disse-lhe: ‘Deveis ser bem preguiçoso, ou sois mais fraco do que eu, se não podeis acendê-los vós. Ide, fazei-o; mas não acendais mais do que três.’ Em vez de se limitar apenas àquele número, Nuredin acendeu-os todos, e abriu as 24 janelas, ao que Ibraim, ocupado em distrair a Formosa Persa, não notou.

O califa Harun al-Rashid achava-se ainda no salão do seu palácio que se estendia até o Tigre, com vista para o lado do jardim e do pavilhão das pinturas. Por acaso, abrindo uma janela desse lado, ficou extremamente surpreso ao ver o pavilhão completamente iluminado, tanto que, em virtude

da grande claridade, pensou primeiro tratar-se de um incêndio. O grão-vizir Djafar estava ainda com ele, e esperava apenas o momento de o califa retirar-se para voltar para casa. O califa, encolerizado, o chamou e disse: ‘Vizir negligente, aproximai-vos, e olhai o pavilhão das pinturas. Dizei-me por que está iluminado a esta hora, se lá não me encontro?’

O grão-vizir tremeu. Aproximou-se, e mais ainda tremeu ao ver que o califa dissera a verdade. Precisava de um pretexto para acalmá-lo. ‘Comendador dos Crentes, não vos posso dizer outra coisa senão que Ibraim há quatro ou cinco dias se apresentou a mim informando-me de que tinha intenção de realizar uma assembleia de ministros da sua mesquita, em virtude de certa cerimônia que ele gostaria de levar a efeito sob o feliz reinado de Vossa Majestade. Perguntei-lhe o que desejava que eu fizesse para servi-lo, e ele me respondeu que obtivesse de vós permissão para realizar a cerimônia no pavilhão. Despedi-o, dizendo que estava autorizado, pois eu não deixaria de falar convosco. Peço-vos perdão pelo meu esquecimento. Ibraim deve ter escolhido este dia para a cerimônia, e festejando os seus ministros da mesquita, quis sem dúvida lhes dar o prazer dessa iluminação.’

‘Djafar’, respondeu o califa em tom que demonstrava estar um pouco acalmado, ‘conforme o que acabastes de dizer-me, cometestes três erros que não são perdoáveis. O primeiro foi ter dado a Ibraim permissão para a cerimônia no meu pavilhão; um simples guarda não é oficial tão importante que mereça esta honra. O segundo foi não me terdes falado. E o terceiro, não terdes penetrado a verdadeira intenção do bom homem. De fato, estou convencido de que não teve outra senão ver se não obteria uma gratificação que o ajudasse a cobrir a despesa. Não pensastes nisso, e não culpo Ibraim de vingar-se de vós por não tê-la obtido com a despesa maior dessa iluminação.’

O grão-vizir Djafar, alegre por ver que o califa levava a questão para esse lado, arcou prazerosamente com os erros que acabavam de lhe ser atribuídos e confessou francamente que andara mal não dando algumas moedas de ouro a Ibraim. ‘Como é assim’, acrescentou o califa, sorridente, ‘é justo que sejais castigado por esses erros; mas o castigo será leve. Passaremos o resto da noite com essa boa gente. Enquanto vou pôr uma veste simples, ide disfarçar-vos também com Mesrur e vinde ambos comigo.’ O grão-vizir quis dizer-lhe

que era tarde e que o grupo se retiraria evidentemente antes que ele chegasse; mas o califa insistiu. O vizir, desesperado, obedeceu.

Harun al-Rashid saiu então do palácio, disfarçado, com o grão-vizir e Mesrur, chefe dos eunucos, e caminhou pelas ruas de Bagdá até chegar no jardim. A porta estava aberta, por negligência de Ibraim, que se esquecera de fechá-la ao voltar da compra do vinho. O califa ficou escandalizado: ‘Djafar’, disse ao grão-vizir, ‘que significa a porta aberta a esta hora? Terá Ibraim o hábito de deixá-la aberta durante a noite? Prefiro crer que a festa o levou a cometer esse erro!’

E entrou no jardim. Quando chegou ao pavilhão, como não queria subir ao salão antes de saber o que lá se passava, perguntou ao grão-vizir se não convinha subir às árvores para indagar. O grão-vizir, porém, olhando para a porta do salão, percebeu que estava entreaberta. Ibraim assim a deixara ao entrar para fazer companhia a Nuredin e à Formosa Persa.

O califa, abandonando o seu primeiro plano, subiu à porta do salão sem fazer barulho; pôde ver os que estavam lá dentro sem ser visto. Sua surpresa foi grande ao notar uma jovem de beleza sem igual e um rapaz de boas feições com Ibraim sentado com eles à mesa. Ibraim, segurando a taça, dizia: ‘Minha formosa senhora, um bebedor nunca deve beber sem antes cantar. Dai-me a honra de ouvir-me. Eis uma das mais bonitas canções.’

Ibraim cantou. E o califa mais surpreso ainda ficou, pois ignorava que ele bebesse. Julgava-o um homem sensato, como sempre lhe parecera. Afastando-se da porta com precaução, disse ao grão-vizir que se achava na escada, alguns degraus abaixo: ‘Subi, vinde ver se se trata dos ministros da mesquita como queríeis dar-me a crer?’

Pelo tom com o qual o califa pronunciou tais palavras, compreendeu o grão-vizir que as coisas iam mal. Olhando pela abertura da porta, estremeceu ao ver aquelas três pessoas, e voltando para o califa, completamente confuso, não soube o que dizer. ‘Que ousadia’, disse o califa, ‘a dessa gente, vindo divertir-se no meu jardim e no meu pavilhão; como pôde Ibraim deixá-los entrar e divertir-se com eles? Confesso que é impossível ver dois jovens mais formosos e distintos. Antes de dar vazão à minha cólera, quero saber quem são e por que se encontram aqui.’ Voltou à porta para observá-los mais; e o

vizir, que o seguiu, postou-se-lhe atrás. Ouviram ambos dizer Ibraim à Formosa Persa: ‘Minha amável senhora, há alguma coisa que desejais para que a nossa alegria desta noite seja mais perfeita?’ ‘Parece-me’, respondeu a Formosa Persa, ‘que tudo iria bem se tivésseis um instrumento que eu pudesse tocar.’ ‘Senhora’, respondeu Ibraim, ‘sabeis tocar alaúde?’ ‘Trazei um’, respondeu a bela persa, ‘e eu vos mostrarei.’

Sem se afastar muito, Ibraim tirou de um armário um alaúde e entregou-o à Formosa Persa, que começou a afiná-lo. Entretanto, o califa, voltando-se para o grão-vizir, disse-lhe: ‘Djafar, a jovem vai tocar. Se ela o fizer bem, perdoar-lhe-ei, assim como ao rapaz. Quanto a vós, não deixarei de mandar enforcá-lo’. ‘Comendador dos Crentes’, respondeu o grão-vizir, ‘se é assim, rogo a Deus que ela toque mal.’ ‘Por quê?’, perguntou o califa. ‘Quanto mais mundanos formos’, respondeu o grão-vizir, ‘mais nos consolaremos por morrer em companhia de bela gente.’ O califa, que gostava de boas palavras, começou a rir, e, voltando-se para o lado da porta, ficou ouvindo a Formosa Persa tocar.

A Formosa Persa, preludiando, deu a entender ao califa que tocava com perfeição. Em seguida entoou uma canção com tanta arte que o califa ficou arrebatado.

Quando a Formosa Persa acabou de cantar, o califa deixou a escada seguido do grão-vizir. Quando chegaram embaixo, disse ao vizir: ‘Em toda a minha vida, nunca ouvi cantar melhor, nem melhor tocar alaúde; Isaac, que acreditava ser o mais hábil artista do mundo, sequer se lhe assemelha. Estou tão contente que quero entrar para ouvi-la tocar diante de mim; resta-me saber como.’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu o grão-vizir, ‘se entrardes, e Ibraim vos reconhecer, morrerá de medo.’ ‘É o que me dá pena’, disse o califa; ‘aborrecer-me-ia causar-lhe a morte depois de tanto tempo que ele me serve. Mas tenho uma ideia que talvez dê resultado. Aguardai-me aqui com Mesrur, e esperai na primeira aleia que eu volte.’

A vizinhança do Tigre dera ao califa a oportunidade de desviar água bastante e formar um excelente aquário com peixes dos mais bonitos. Bem o sabiam os pescadores que teriam fortemente desejado a liberdade de lá

pescar; mas o califa proibira terminantemente a Ibraim que permitisse a aproximação lá de quem fosse. Naquela mesma noite, porém, um pescador, ao passar diante da porta do jardim, depois de o califa ter entrado, deixando-a aberta como a encontrara, valera-se da ocasião e fora até o aquário.

Já tinha jogado a rede e estava prestes a retirá-la quando o califa querendo aproveitar aquela conjuntura para o seu plano, rumou para o mesmo lugar. Apesar de disfarçado, imediatamente o reconheceu o pescador, que se lhe atirou aos pés, suplicando perdão. ‘Levanta-te e não tenhas medo’, disse o califa. ‘Retira a rede para eu ver que peixe há nela.’

O pescador, tranquilizado, executou prontamente o que o califa desejava, e retirou cinco ou seis peixes bonitos, dos quais o califa escolheu os dois maiores que mandou amarrar juntos pela cabeça com uma fibra vegetal. Em seguida, disse ao pescador: ‘Dá-me a sua veste e pega a minha.’ ‘Agora’, prosseguiu o califa, ‘pega a tua rede e vai fazer os teus negócios.’

Quando o pescador partiu, muito contente com a sua boa sorte, o califa pegou os dois peixes e foi novamente ao encontro do grão-vizir Djafar e Mesrur. O grão-vizir não o reconheceu. ‘Que queres?’, perguntou-lhe. ‘Vai, continua o teu caminho.’ O califa começou imediatamente a rir. Djafar reconheceu-o, então. ‘Comendador dos Crentes’, gritou, ‘seis realmente vós? Não vos reconheci, e peço-vos perdão. Agora podeis entrar no salão sem temer que Ibraim vos reconheça.’ ‘Continuai aqui’, ordenou o califa, ‘enquanto vou fazer o que quero.’

E subindo ao salão, bateu à porta. Nuredin, que o ouviu, avisou Ibraim, e este perguntou quem era. O califa abriu a porta e, adiantando-se apenas um passo no salão, para mostrar-se, disse: ‘Sou o pescador Kerim; vendo que estais banquetecendo com os vossos amigos, vim perguntar-vos se não quereis estes dois belos peixes.’

Nuredin e a Formosa Persa ficaram encantados ao ouvirem falar do peixe. ‘Ibraim’, disse imediatamente a persa, ‘mandai-o entrar para que possamos ver os seus peixes.’ Ibraim já não se achava em estado de perguntar o que o pescador queria nem de onde vinha; pensou apenas em contentar a Formosa Persa. Voltando a cabeça para a porta com muito esforço, de tanto que tinha

bebido, balbuciou: ‘Aproxima-te, bom ladrão noturno, aproxima-te para que te vejamos.’

O califa se aproximou, imitando perfeitamente as maneiras de um pescador, e mostrou os dois peixes. ‘Que peixes bonitos!’, exclamou a persa. ‘Gostaria de comê-los, se fossem bem-preparados.’ ‘Tendes razão’, disse Ibraim. E, dirigindo-se ao pescador, disse: ‘Que queres que façamos com o teu peixe, se não está preparado? Prepara-o, depois traga-o aqui. Encontrarás tudo o que é necessário na cozinha.’

O califa rumou para o lugar em que deixara o grão-vizir: ‘Djafar’, disse-lhe, ‘fui muito bem-recebido, mas querem que o peixe seja preparado.’ ‘Vou prepará-lo já’, disse o grão-vizir. ‘Estou tão ansioso por chegar ao fim do meu plano que eu mesmo me incumbirei desse trabalho. Já que sei imitar o pescador, posso também fazer o papel de cozinheiro; na minha juventude frequentei a cozinha e não me saí mal.’ Dizendo essas palavras, partiu em direção à morada de Ibraim, seguido do grão-vizir e de Mesrur.

Puseram-se a trabalhar os três. E, apesar de não ser grande, à cozinha de Ibraim nada faltava. Em pouco tempo ficou pronto o peixe. O califa levou-o, e servindo-o, pôs um limão diante de cada um. Os três comeram bem, sobretudo Nuredin e a Formosa Persa, enquanto o califa permanecia de pé diante deles.

Quando acabaram, Nuredin disse ao califa: ‘Pescador, não se pode comer melhor peixe, e tu nos proporcionaste o maior prazer do mundo.’ Levando a mão ao peito, tirou a bolsa que continha as trinta moedas de ouro, o resto das quarenta que Sandjar, porteiro do rei de Bassorá lhe dera, antes da partida. ‘Toma’, disse-lhe, ‘dar-te-ia mais, se mais tivesse. Terias sido protegido por mim, se te houvesse conhecido antes de esbanjar o meu patrimônio. Mas recebe este presente de bom coração, como se valesse muito mais.’

O califa pegou a bolsa e, agradecendo a Nuredin, mas notando que era ouro que ela continha, disse-lhe: ‘Senhor, não posso vos agradecer bastante pela vossa generosidade. É bom tratar com homens honestos como vós; mas antes de me retirar quero vos fazer um pedido. Eis um alaúde que me revela que sua senhora sabe tocar. Se puderdes fazer com que ela me conceda a

honra de cantar, serei o homem mais feliz do mundo. É um instrumento que me agrada muito.'

'Formosa Persa', Nuredin disse imediatamente, 'peço-vos esse favor. Espero que não recusais!' A jovem pegou o alaúde, e depois de tê-lo afinado, tocou e cantou uma canção que encantou o califa. Terminando, continuou a tocar sem cantar, e o fez com tamanha expressão que o califa se extasiou.

Quando ela parou, o califa exclamou: 'Ah, que voz, que mão e que arte! Alguém jamais cantou e tocou melhor? É impossível!'

Nuredin, acostumado a dar o que lhe pertencia a todos que o elogiavam, disse-lhe: 'Pescador', disse-lhe, 'vejo que sabes o que é bom. Como ela te agrada tanto, é tua, dou-a.' Ao mesmo tempo, levantou-se, pegou a veste e quis retirar-se, deixando o califa, a quem conhecia apenas como pescador, de posse da Formosa Persa. Esta, extremamente surpresa com a generosidade de Nuredin, o reteve. 'Senhor', disse olhando-o ternamente, 'aonde pretendeis ir? Ponde-vos no vosso lugar, rogo-vos, e ouvi o que vou tocar e cantar.' Nuredin aquiesceu, e ela, então, tocando o alaúde, e olhando-o com lágrimas nos olhos, cantou versos improvisados, censurando-o pelo pouco amor que lhe tinha visto que a abandonava tão facilmente e com tanta dureza a Kerim, um simples pescador. Terminando, pôs o alaúde perto dela e levou o lenço ao rosto para esconder as lágrimas que não conseguia reter.

Nuredin não respondeu uma única palavra a essa censura e, pelo silêncio, deu a compreender que não se arrependia do que acabava de fazer. Mas o califa, surpreso, disse-lhe: 'Senhor, ao que vejo, esta senhora tão bela, rara e admirável, da qual acabais de me fazer presente com tanta generosidade, é vossa escrava?' 'É verdade, Kerim', respondeu Nuredin, 'e ficarás muito mais surpreso, se contar todas as desgraças que por sua causa me aconteceram.' 'Por favor, senhor', respondeu o califa, sempre desempenhando muito bem o papel de pescador, 'concedei-me a graça de ouvir a vossa história.'

Nuredin, apesar de considerá-lo um simples pescador, quis mostrar-lhe mais essa complacência. Contou toda a história, a partir da compra que o vizir, seu pai, tinha feito da bela persa para o rei de Bassorá, e não omitiu nada do que lhe acontecera desde a sua chegada a Bagdá até o momento no qual lhe falava.

Quando Nuredin terminou, o califa perguntou: ‘E agora onde ides?’ ‘Aonde vou?’, disse ele. ‘Para onde Deus me levar.’ ‘Se me credes’, respondeu o califa, ‘não ireis mais longe: deveis, pelo contrário, voltar a Bassorá. Entregareis ao monarca uma carta da minha parte e vereis que ele vos receberá muito bem.’

‘Kerim’, respondeu Nuredin, ‘o que me dizes é bem singular. Nunca imaginei que um pescador como tu mantivesse correspondência com um rei.’ ‘Isso não vos deve surpreender’, respondeu o califa. ‘Fizemos os nossos estudos com os mesmos mestres e fomos sempre os melhores amigos do mundo. É verdade que a sorte não nos foi igualmente favorável, pois o fez rei e a mim pescador; mas esta desigualdade não diminui nossa amizade. Quis ele tirar-me desta situação. Contentei-me com a consideração que me dispensa de nada me recusar para servir os meus amigos: deixa-me fazer, e vereis o que sucede.’

Nuredin consentiu na proposta do califa. Como havia no salão tudo o que era preciso para escrever, o califa aprontou a seguinte carta ao rei de Bassorá, sobre a qual, quase na extremidade do papel, acrescentou esta fórmula em caracteres muito pequenos: ‘Em nome de Deus Todo Misericordioso’, para dar a entender que queria ser obedecido.

Carta

Harun al-Rashid, filho de Madi, envia esta carta a Mohamed Zinebi, seu primo. Tão logo Nuredin, filho do vizir Kacan, portador desta carta, a entregue e tu a tenhas lido, tira o teu manto real, põe-no sobre os seus ombros e faze-o sentar-se no teu lugar. Adeus.

O califa dobrou e fechou a carta e, sem dizer a Nuredin o que continha, disse-lhe: ‘Tomai, embarcai imediatamente num navio que partirá logo.’ Nuredin partiu com o pouco dinheiro que lhe restava do que Sandjar lhe dera; e a Formosa Persa, desolada, recolhendo-se a um canto do sofá, começou a chorar.

Mal Nuredin saiu do salão, Ibraim, que se mantivera em silêncio durante todo o tempo, olhando para o califa, disse-lhe: ‘Escuta, Kerim, tu nos trouxestes dois peixes que bem valem vinte moedas de cobre ou mais; para isso deram-te uma bolsa e uma escrava. Pensas que tudo isto será teu? Declaro-te que quero a metade da escrava. Quanto à bolsa, mostra-me o que há dentro; se for dinheiro, tomarás uma parte para ti; e se for ouro, pegarei tudo, e lhe darei algumas peças de cobre que restam na minha bolsa.’”

— Para bem compreender o que se segue — disse aqui Sherazade, interrompendo-se —, é preciso notar que antes de trazer ao salão o prato de peixe, o califa encarregara o grão-vizir Djafar de ir imediatamente ao palácio buscar quatro criados com uma veste e esperá-lo no outro lado do pavilhão até que ele batesse palmas, por uma das janelas. O grão-vizir cumpriu a ordem; e ele, Mesrur e os quatro criados ficaram à espera do sinal no lugar designado: — Volto agora ao ponto em que parei — acrescentou a sultana: “O califa, sempre disfarçado de pescador, respondeu a Ibraim: ‘Ibraim, não sei o que há na bolsa, se prata, se ouro, mas o dividirei convosco de bom coração; quanto à escrava, quero-a para mim somente. Se não aceitardes essas condições, não tereis nada.’

Ibraim, encolerizado com aquela insolência, pegou uma jarra de porcelana e atirou-a contra a cabeça do califa. Este não teve trabalho em evitar a porcelana jogada por um bêbado, que se espatifou contra a parede. Ibraim, mais zangado que antes por ter errado o golpe, pegou o castiçal que se achava sobre a mesa, levantou-se, tropeçando, e desceu por uma escada oculta para ir buscar uma bengala.

O califa aproveitou o tempo para bater palmas. O grão-vizir, Mesrur e os quatro criados correram imediatamente. Os criados tiraram-lhe sem perda de tempo as vestes de pescador e puseram-lhe a que tinham trazido. Estavam ainda ocupados com o califa, que se achava sentado no trono no salão, quando Ibraim voltou com um grande bordão com que pretendia aplicar boa surra ao suposto pescador. Em vez de encontrá-lo, percebeu as suas vestes no meio do salão, e viu o califa no trono, tendo ao lado o grão-vizir e Mesrur. Duvidou se estava acordado ou dormindo. O califa se riu da sua surpresa: ‘Ibraim’, disse-lhe, ‘que queres, o que procuras?’

Ibraim, já não mais duvidando de que se tratava realmente do califa, atirou-se-lhe aos pés. ‘Comendador dos Crentes’, gritou, ‘vosso mau escravo que vos ofendeu implora a vossa clemência!’ Mas o califa a quem os criados tinham acabado de vestir disse-lhe, descendo do trono: ‘Levanta-te, que eu te perdoo.’

Em seguida, dirigiu-se à Formosa Persa que deixara de chorar, desde que vira que o jardim e o pavilhão pertenciam ao califa e não a Ibraim e que era o próprio califa que se havia disfarçado de pescador. ‘Formosa Persa’, disse-lhe, ‘levantai-vos e segui-me. Deveis saber o que sou depois do que acabaste de dever; não sou dos que possam valer-se de um presente, que Nuredin me fez com generosidade sem igual. Enviei-o a Bassorá para que seja o seu rei, e para lá vos enviarei, como rainha, assim que tenha dado as necessárias instruções. Enquanto esperais, tereis no meu palácio um aposento e sereis tratada como mereceis.’

Isso acalmou a Formosa Persa, que se sentiu dominada por grande alegria ao saber que Nuredin, a quem amava apaixonadamente, acabava de ser levado a tão alta dignidade. O califa, honrando a sua palavra, recomendou-a a Zobeida, sua mulher, depois de lhe comunicar a consideração que acabava de ter para com Nuredin.

A volta de Nuredin a Bassorá foi rápida e feliz. Ao chegar, foi diretamente ao palácio do rei. Este estava dando audiência. Empunhando a carta, avançou pela multidão e entregou-a ao rei, que ao abri-la mudou de cor. Ia executar a ordem do califa quando pensou em mostrá-la ao vizir Saui, inimigo figadal de Nuredin.

Saui, que reconhecera Nuredin e, com grande intranquilidade, procurava adivinhar por que havia voltado, não ficou menos surpreso que o rei. Imediatamente, porém, pensou num meio para esquivar-se à ordem. Fingindo não ter lido bem a carta para lê-la pela segunda vez, virou-se um pouco para o lado como que à procura de melhor luz. Então, sem que alguém o percebesse, tirou habilmente a fórmula que indicava querer o califa ser obedecido, levou-a à boca e a comeu.

Depois de tão grande maldade, Saui virou-se para o rei e devolveu-lhe a carta: ‘Senhor, qual é a vossa intenção?’ ‘Fazer o que o califa me ordena’,

respondeu o rei. ‘Cuidado, Senhor’, respondeu o mau vizir, ‘a letra é do califa, não há dúvida, mas a fórmula não está lá.’ O rei, que bem a vira, confuso como estava, imaginou que havia se enganado.

‘Senhor’, continuou o vizir, ‘é certo que o califa deu esta carta a Nuredin, diante das queixas que este lhe apresentou contra vós e contra mim. Mas ele não quer que executeis o que a carta contém. Ademais, é preciso notar que não mandou um mensageiro com a patente, sem o qual ela é inútil. Não se depõe um rei sem esta formalidade; outra pessoa qualquer poderá vir também com uma carta falsa. Senhor, podeis tranquilizar-vos, que eu tomarei a meu cargo todo o mal que daí possa advir.’

O rei Zinebi deixou-se persuadir e deixou Nuredin aos cuidados do vizir Sauí, que o levou para casa. Logo que chegou, mandou-o espancar até que ficasse como morto, e nesse estado ordenou que o recolhessem à prisão, onde exigiu que o pusessem na cela mais escura e profunda, com a ordem ao carcereiro de só lhe dar pão e água.

Quando Nuredin voltou a si e se viu na cela, lastimou-se, em altos brados, da sua sorte infeliz: ‘Ah, pescador, como me enganaste e como foi fácil! Como eu poderia esperar destino tão cruel depois do bem que te fiz! Que Deus te abençoe, contudo, pois não posso crer que a tua intenção tenha sido má, aguentarei até o fim.’

O aflito Nuredin ficou dez dias assim. E o vizir Sauí não se esqueceu dele. Decidido a matá-lo, valia-se vergonhosamente da sua autoridade. Para ter êxito no seu plano, carregou alguns dos seus escravos com ricos presentes e foi apresentar-se ao rei: ‘Senhor’, disse-lhe com malícia, ‘aqui está o que o novo rei vos suplica aceitar para celebrar a sua coroação.’

O rei compreendeu o que Sauí queria. ‘Como’, respondeu, ‘esse infeliz ainda vive? Pensei que já estivesse morto!’ ‘Senhor’, respondeu Sauí, ‘não é a mim que cabe tirar a vida a uma pessoa, é a vós.’ ‘Ide’, respondeu o rei, ‘mandai que lhe cortem a cabeça; dou-vos permissão.’ ‘Senhor’, disse então Sauí, ‘agradeço-vos a justiça que me fazeis, mas como Nuredin me ofendeu publicamente, o que não ignorais, peço-vos conceder-me a graça de levar a cabo a execução diante do palácio, e que os arautos a anunciem em todos os recantos da cidade para que ninguém ignore que a

ofensa que me foi feita será plenamente vingada.’ O rei concordou com o que Sauí lhe pediu e os arautos espalharam a triste notícia por toda a cidade. A lembrança ainda recente das virtudes do pai de Nuredin fez com que se soubesse com indignação estar prestes a morrer o filho, a pedido do vizir Sauí.

Sauí encaminhou-se para a prisão acompanhado de uns vinte escravos, executores da sua crueldade. Nuredin teve de montar num péssimo cavalo sem cela. Ao ver-se nas mãos do inimigo, gritou: ‘Triunfais, abusais do poder, mas tenho confiança na verdade destas palavras de um dos nossos livros: *Julgai injustamente e dentro em pouco assim sereis julgados.*’

O vizir Sauí, que não cabia em si de contente, respondeu: ‘Como, insolente, ousais insultar-me ainda? Perdoo-vos, contudo, uma vez que seja cortada a vossa cabeça à vista de Bassorá inteira. Deveis saber também o que diz outro dos nossos livros: *Que importa morrer no dia seguinte ao da morte do inimigo?*’

Aquele ministro, implacável no seu ódio, cercado de uma parte dos seus escravos armados, fez conduzir Nuredin à sua frente e rumou para o palácio. O povo estava a ponto de se atirar sobre ele, e tê-lo-ia feito, se alguém houvesse dado o exemplo. Já diante do palácio, deixou-o nas mãos do carrasco, e foi ter com o rei, que se encontrava no seu gabinete, prestes a alegrar os olhos com aquele sangrento espetáculo.

A guarda do rei e os escravos do vizir Sauí, que formavam um grande círculo em redor de Nuredin, tiveram muito trabalho para conter a população que fazia todos os esforços possíveis, mas inutilmente, para romper o cerco. O carrasco aproximou-se dele e disse: ‘Senhor, suplico-vos que me perdoeis a vossa morte; não sou mais do que um escravo e não posso deixar de cumprir meu dever; ponde-vos na posição, que o rei dará o sinal.’

‘Neste momento tão cruel, não há pessoa caridosa’, disse o infeliz Nuredin, virando a cabeça para a direita e para a esquerda, ‘que queira fazer-me o favor de me dar um pouco de água?’ Imediatamente foi-lhe passado às mãos um vaso. O vizir Sauí, notando o atraso, gritou para o carrasco: ‘Que esperas? Bate!’ Àquelas palavras desumanas, em toda a praça ecoaram violentas imprecações contra ele e o rei. Este, subitamente, ordenou que se

suspendesse a execução. Tinha uma boa razão: é que naquele momento, olhando para uma grande rua fronteiriça que levava a uma praça, percebera um grupo de cavaleiros que vinham depressa. ‘Vizir’, disse a Sauí, ‘que é isso?’ Sauí, assustado, insistiu para que o rei desse o sinal ao carrasco. ‘Não’, respondeu este, ‘quero saber antes quem são esses cavaleiros.’ Tratava-se do grão-vizir Djafar com o seu séquito, que vinha de Bagdá a mando do califa.

Para sabermos o motivo da chegada desse ministro a Bassorá, diremos que, depois da partida de Nuredin com a carta, o califa não se lembrava por alguns dias de enviar o mensageiro com a patente. Estando no pavilhão das mulheres e passando diante de um aposento, ouviu uma voz bonita expressando grande dor por uma ausência; perguntou, então, a um oficial dos eunucos que o seguia quem era a mulher que vivia naquele aposento. O oficial respondeu-lhe tratar-se da escrava do jovem senhor que fora enviado a Bassorá para ser rei no lugar de Mohamed Zinebi.

‘Ah, pobre Nuredin, filho de Kacan!’, gritou o califa. ‘Esqueci-me dele, completamente! Que Djafar compareça já!’, ordenou. ‘Djafar’, disse-lhe, mal este surgiu, ‘não me lembrei de mandar a patente para fazer reconhecer Nuredin rei de Bassorá. Não há tempo a perder! Segue imediatamente para Bassorá. Se Nuredin já estiver morto, prenda o vizir Sauí, e traga-o com o rei à minha presença.’

Djafar, montando num cavalo, partiu imediatamente com um bom grupo de oficiais. Chegou a Bassorá na hora que descrevemos. Mal entrou na praça, todos recuaram para lhe dar passagem, pedindo perdão para Nuredin. Djafar só parou diante da escadaria do palácio, onde apeou.

O rei de Bassorá, reconhecendo o grão-vizir do califa, correu a recebê-lo. O grão-vizir perguntou primeiro se Nuredin ainda vivia; se sim, que o levassem à sua presença. Ao vê-lo amarrado e moído de pancadas, mandou que o libertassem, e ordenou que amarrassem o vizir Sauí com as mesmas cordas.

Djafar dormiu somente uma noite em Bassorá, partindo no dia seguinte, e conforme a ordem, levando Sauí, o rei de Bassorá e Nuredin. Quando chegou a Bagdá, apresentou-se ao califa que, depois de informado do estado em que Nuredin fora encontrado e do tratamento que lhe fora dispensado a

conselho de Sauí, propôs a Nuredin cortar ele mesmo a cabeça do vizir Sauí. ‘Comendador dos Crentes’, respondeu Nuredin, ‘apesar do mal que esse homem me fez e do que experimentou fazer ao meu falecido pai, eu me consideraria o mais infame de todos os homens se sujasse as mãos com o seu sangue.’ O califa, apreciando a sua generosidade, mandou que Sauí fosse executado pelo carrasco.

O califa quis, em seguida, mandar Nuredin a Bassorá como rei; mas Nuredin rogou que o dispensasse. ‘Comendador dos Crentes’, disse, ‘a cidade de Bassorá causa-me agora aversão tão grande depois do que me aconteceu, que vos suplico concordar em nunca mais eu voltar para lá. Farei tudo para vos servir, se tiverdes a bondade de permitir.’ O califa, satisfazendo-lhe o pedido, incluiu-o entre seus cortesãos e devolveu-lhe a Formosa Persa. Nuredin e ela viveram sempre juntos, com toda a felicidade que podiam desejar.

Quanto ao rei de Bassorá, contentou-se o califa em lhe mostrar como devia escolher os seus vizires, e mandou-o de volta ao seu reino.

A HISTÓRIA DE BEDER, PRÍNCIPE DA PÉRSIA, E DE SAHARA, PRINCESA DO REINO DE SAMANDAL

“A Pérsia é uma região tão extensa que não é sem razão que os seus antigos reis se ordenavam do soberbo título de reis dos reis. Quantas as províncias, sem falar dos outros reinos conquistados, tantos eram os reis. Estes não somente lhes pagavam grandes tributos como também eram submissos, como o são os governadores aos reis.

Um desses reis, que iniciara seu reinado por grandes e felizes conquistas, governava, havia muitos anos, com uma sorte e uma tranquilidade que o tornavam o mais satisfeito de todos os monarcas. Só num ponto se julgava infeliz: estar muito idoso e de todas as suas mulheres não haver uma só que lhe tivesse dado um príncipe que lhe sucedesse após sua morte. No entanto, possuía mais de cem, todas acomodadas magnífica e separadamente, com escravas para servi-las e eunucos para guardá-las. Apesar de todos os seus cuidados para torná-las felizes e adivinhar seus desejos, nenhuma correspondeu às suas atenções. Frequentemente traziam-lhe mulheres dos países mais distantes; e ele, não se contentando em pagá-las, sem dar atenção ao preço, desde que gostasse delas, ainda cumulava os mercadores de benefícios, para atrair outros, na esperança de, finalmente, conseguir ter um filho. Não deixava tampouco de fazer boas obras para agradar aos céus. Dava esmolas imensas aos pobres,

demonstrava grande generosidade para com os devotos da sua religião, desejando obter, por meio das suas preces, o que ardorosamente almejava.

Certa vez, conforme o costume diário dos reis, seus predecessores, que reuniam os cortesãos, os embaixadores e todos os estrangeiros de distinção que viviam na corte, e tratavam não das questões concernentes ao Estado, mas das ciências, da história, da literatura, da poesia e de tudo o que alegrava o espírito, um eunuco lhe anunciou que um mercador de vinho de um longínquo país, com uma escrava, solicitava permissão para comparecer à sua

presença. ‘Que entre e espere’, disse o rei; ‘falarei com ele depois da assembleia.’ Introduzido, foi o mercador posto num lugar de onde podia ver o rei à vontade e ouvi-lo falar aos que o rodeavam.

Assim procedia o monarca com todos os estrangeiros; fazia-o expressamente para que se acostumassem a vê-lo, e vendo-o falar com uns e outros familiarmente e com bondade, adquirissem confiança, e não se deixassem surpreender pelo esplendor e grandeza que o cercavam, capazes de tirar a palavra aos que não estavam acostumados. Procedia assim com os próprios embaixadores; primeiro comia com eles e, durante a refeição, informava-se da sua saúde, da sua viagem e das particularidades dos seus países.

Quando a assembleia terminou e todos se retiraram, só ficando o mercador, prostrou-se este diante do trono do rei, de rosto ao chão, e desejou-lhe o cumprimento de todos os seus desejos. Mal se levantou, perguntou-lhe o rei se era verdade que lhe trouxera uma formosa escrava.

‘Senhor’, respondeu o mercador, ‘não duvido de que tendes lindas escravas, uma vez que as procurais em todos os lugares do mundo, mas posso assegurar-vos, sem temer elogiar demais a minha mercadoria, que nunca se viu uma que possa comparar-se a ela, se se considerar a sua beleza e todas as suas perfeições.’ ‘Onde ela está?’, disse o rei. ‘Traga-a.’ ‘Senhor’, respondeu o mercador, ‘deixei-a nas mãos de um oficial dos vossos eunucos; ordenai que a tragam.’

Quando o rei a viu ficou encantado; só tinha olhos para a sua figura bela e delgada. Por fim, entrou no seu gabinete, para onde o seguiu com alguns eunucos. Um véu de cetim vermelho listrado de ouro escondia o rosto da escrava. O mercador tirou-o e o rei da Pérsia viu uma criatura que excedeu em beleza todas as que ele conhecera até então. Apaixonado por ela, desde aquele momento, perguntou ao mercador por quanto queria vendê-la.

‘Senhor’, respondeu o mercador, ‘dei mil moedas de ouro a quem a vendeu a mim, e calculo que gastei a mesma soma nos três anos durante os quais viajei para chegar à vossa corte. Não me cabe estipular preço a tão grande monarca como vós. Suplico-vos recebê-la como presente, se vos agrada.’ ‘Devo-te muito’, disse o rei, ‘pois não é esse costume dos mercadores

que vêm de tão longe proporcionar-me prazer. Vou mandar pagar-te dez mil moedas de ouro. Estás contente?’

‘Senhor’, respondeu o mercador, ‘teria me julgado feliz se tivésseis querido aceitá-la por nada, mas não ousou recusar tão grande generosidade. Não deixarei de anunciá-la no meu país e em todos os lugares por onde passar.’ A soma foi-lhe paga, e antes que ele se retirasse o rei mandou que lhe dessem, na sua presença, um manto de brocado de ouro.

A formosa escrava foi, por sua ordem, alojada no mais esplêndido aposento, depois do seu, com várias mulheres para servi-la, dar-lhe banho e vesti-la com os mais luxuosos tecidos, além de a ornarem com as mais belas joias e os mais finos diamantes.

As escravas, cuja única função era agradar ao rei, encheram-se de assombro diante da beleza da escrava recém-chegada. Disseram ao rei: ‘Senhor, se nos concederdes apenas três dias; serão tais as mudanças, que não a reconheceréis.’ O rei, apesar do desgosto de se privar por tanto tempo do prazer de possuí-la, respondeu: ‘Concordo, mas com a condição de manterdes a vossa promessa.’

Situava-se a capital do rei da Pérsia numa ilha, e o seu palácio esplêndido erguia-se à beira-mar. Tanto os seus aposentos como o da bela escrava tinham janelas que davam para o mar.

Três dias depois, a formosa escrava, magnificamente enfeitada, achava-se sozinha no aposento, sentada no sofá e apoiada a uma das janelas quando o rei, informado de que podia vê-la, entrou. Ela, ao ouvir passos, virou imediatamente a cabeça. Reconheceu o rei, mas sem demonstrar a mínima surpresa, sem levantar-se sequer para fazer-lhe uma reverência e recebê-lo, como se se tratasse da pessoa mais indiferente do mundo, voltou a apoiar-se à janela.

O rei da Pérsia admirou-se de ver que uma escrava tão bela não soubesse o que era etiqueta, mas atribuiu tal defeito à má educação que lhe fora dada. Prosseguiu, contudo, até à janela, onde, apesar da frieza com que acabava de o receber, deixou que o rei a acariciasse e a abraçasse.

No meio das carícias e abraços, deteve-se o monarca para devorá-la com os olhos. ‘Minha bela e encantadora criatura!’, exclamou, ‘dize-me, eu te

peço, de onde vens e quem são os felizes pais que deram ao mundo uma obra-prima como tu! Como te amo e como te amarei! Nunca senti por outra mulher o que sinto por ti; nunca vi tantos encantos que me subjugam inteiramente a ti. Meu coração, não me respondes, não me dás a conhecer nem por sinal que é sensível ao testemunho que te dou do meu amor! Nem levantas os olhos para dar aos meus o prazer de encontrá-los e de te convencer de que não se pode amar mais do que te amo. Por que ficas tão silenciosa? De onde vem essa frieza, essa tristeza que te aflige? Lastimas teus pais, teus amigos? Mas então um rei da Pérsia, que te ama, que te adora, não é capaz de fazer-te esquecer tudo no mundo?’

Apesar de todos os protestos de amor do rei da Pérsia, apesar de tudo o que disse à escrava para obrigá-la a falar, ela permaneceu muda e de olhos baixos.

O rei da Pérsia, contente com a sua aquisição, não insistiu, na esperança de que o bom tratamento não tardaria em fazê-la mudar. Bateu palmas, e às mulheres que vieram mandou que trouxessem o jantar. Em seguida, voltando-se para a escrava, disse-lhe: ‘Meu coração, aproxima-te.’ Ela se levantou e, colocando-se diante do rei, serviu-a este antes de servir-se a si mesmo. A escrava comeu, mas sempre de olhos baixos, sem responder a uma única palavra, cada vez que ele lhe perguntava se as iguarias eram do seu gosto.

Não insistindo, contudo, o rei perguntou-lhe como se chamava, se estava contente com o seu aposento, com suas joias, e se a paisagem descortinada das janelas a satisfazia; mas ela continuou calada. O rei já não sabia o que pensar. De repente lembrou-se de que talvez fosse muda. ‘Mas’, refletia, ‘será possível que Deus tenha formado uma criatura tão bela, tão perfeita e tão única com tão grande defeito? Que pena! Mesmo assim, porém, não poderia deixar de amá-la como a amo.’

Mandando tirar a mesa, o rei lavou as mãos, enquanto a escrava fazia o mesmo. Aproveitando a oportunidade, perguntou às mulheres que lhe seguravam a bacia e a toalha se a escrava lhes falara alguma vez. Respondeu uma delas: ‘Senhor, não a ouvimos pronunciar uma palavra sequer. Prestamo-lhes os nossos serviços no banho, penteamo-la, vestimo-la, mas ela

nunca abriu a boca para nos dizer se estava contente ou não. Perguntamo-lhe: Não tendes necessidade de nada? Desejais alguma coisa? Dai-nos as vossas ordens! Não sabemos por que, mas não conseguimos tirar-lhe uma única palavra. É tudo o que podemos dizer-vos, majestade.’

O rei da Pérsia ficou mais surpreso do que antes. Pensando que a escrava estivesse deprimida, experimentou alegrá-la; para isso, mandou chamar todas as damas do palácio. As que sabiam tocar, tocaram; as outras cantaram e dançaram. Enfim, com vários tipos de distrações alegraram o rei. Somente a escrava não tomou parte naqueles divertimentos; quieta no seu lugar, sempre de olhos abaixados, aparentava uma tranquilidade inexplicável. Finalmente todas as mulheres se retiraram para os seus aposentos; e o rei dormiu com a formosa escrava.

No dia seguinte ele se levantou mais contente do que nunca e mais apaixonado ainda pela escrava, o que demonstrou pelo fato de decidir ligar-se apenas a ela. No mesmo dia despediu todas as outras mulheres com ricas vestes, joias e grande soma de dinheiro, livres para casar-se com quem lhes aprouvesse; apenas reteve as matronas e outras mulheres idosas, necessárias para fazer companhia à bela escrava. Esta não lhe deu o consolo de uma única palavra durante o ano inteiro. Apesar disso, não deixou o rei de ser muito atencioso para com ela e de lhe demonstrar por sinais toda a força da sua paixão.

No final do ano, estando o rei sentado um dia perto da escrava, dizia-lhe que o seu amor, em vez de diminuir, aumentava sempre. ‘Minha rainha, não posso adivinhar o que pensais; porém nada é mais verdadeiro, e juro-vos que nada mais desejo desde que tenho a sorte de vos possuir, considero o meu reino uma coisa insignificante quando vos vejo e posso dizer-vos mil vezes que vos amo. Não quero que as minhas palavras vos obriguem a crê-lo: mas não o podeis duvidar depois do sacrifício que fiz por causa da vossa beleza, no grande número de mulheres que tinha no meu palácio. Lembrai-vos. Há um ano que as mandei embora e não me arrependo. Nunca me arrependerei. Nada me faltaria, se me dissésseis apenas uma palavra. Mas como podeis dizer-me, se sois muda?

Ai de mim, temo que isso seja a pura verdade, e como não o temer, depois

de um ano inteiro que vos rogo mil vezes por dia falar-me e que vos conserveis num silêncio tão penoso para mim. Se não consigo obter de vós esse consolo, faça o céu pelo menos que me deis um filho para me suceder depois da minha morte! Sinto-me envelhecer todos os dias, e desde já precisaria de uma alegria para me ajudar a suportar o grande peso da coroa. Como desejo ouvi-la. Alguma coisa me diz que não sois muda. Senhora, suplico-vos, rompei tão longa obstinação; dizei-me uma única palavra, e eu já não me importarei de morrer.’

A essas palavras, a bela escrava, que conforme o seu costume o ouvira sempre de olhos baixos, e que, além de lhe ter feito pensar que era muda, que nunca sorrisa, esboçou um leve sorriso. O rei da Pérsia, surpreso, proferiu uma exclamação de alegria, e como não duvidou que ela quisesse falar, esperou com indizível impaciência.

A escrava, finalmente, rompendo tão longo silêncio, disse-lhe: ‘Senhor, tenho tantas coisas para vos explicar, que não sei por onde começar. Creio que é meu dever agradecer-vos primeiro todas as graças e todas as honras com que me cumulastes e pedir aos céus que vos faça prosperar, que afaste as más intenções dos vossos inimigos e não permita que morrais depois de haver-me ouvido falar, e sim depois de longa vida. Senhor, não vos posso dar maior satisfação do que vos anunciar que estou esperando um filho. Desejo, como vós, que seja um menino. Senhor, rogo-vos tomar por bem a minha sinceridade, estava decidida a nunca vos amar, bem como a guardar um silêncio perpétuo, mas agora vos amo tanto como devo.’

O rei da Pérsia, contentíssimo em ouvir a bela escrava e por saber notícia tão importante para ele, abraçou-a ternamente. ‘Luz ofuscante dos meus olhos’, disse-lhe, ‘não podia ter maior alegria neste mundo que aquela que acabais de me proporcionar! Falastes-me da vossa gravidez; já não me sinto, portanto, o mesmo.’

No arrebatamento da sua alegria, o rei da Pérsia nada mais disse à bela escrava, e retirou-se, dando a entender, porém, que voltaria logo. Como queria que a causa da sua alegria se tornasse pública, anunciou-a aos seus oficiais, e fez chamar seu grão-vizir. Quando este chegou, encarregou-se de

distribuir cem mil moedas de ouro aos ministros da sua religião, aos pobres e aos hospitais, em ação de graças a Deus.

Dada essa ordem, voltou para a bela escrava. ‘Senhora’, disse-lhe, ‘desculpai-me, se vos deixei tão bruscamente. Permiti-me falar-vos outra vez; quero saber de algo mais importante. Dizei-me, rogo-vos, minha querida alma, qual a razão que vos levou a ver-me, ouvir-me, comer e dormir comigo todos os dias durante um ano inteiro e permanecer em tão inabalável propósito, já não digo de não abrir a boca para falar, mas de nem me dar a compreender que ouviu muito bem tudo o que vos dizia. Não compreendo como pudestes decidir-vos a isso. A causa deve ser bem extraordinária!’

Para satisfazer a curiosidade do rei da Pérsia, respondeu: ‘Senhor, ser escrava, estar longe de meus pais, ter perdido toda a esperança de voltar, ter o coração despedaçado por me ver separada para sempre da minha mãe, do meu irmão, dos meus parentes, dos meus conhecidos, não são motivos bastante fortes para eu manter o silêncio que vós achastes tão estranho? O amor à pátria não é menos natural que o amor filial, e a perda da liberdade é insuportável a quem quer que tenha bastante senso para lhe conhecer o preço. O corpo pode estar submisso à autoridade do amo, mas a vontade não pode ser dominada, porque pertence sempre ao seu dono; vistes disso um exemplo na minha pessoa. Nem sei como não imitei uma infinidade de infelizes que o amor à liberdade leva à triste decisão de procurar a morte, por uma liberdade que lhes não pode ser tirada.’

‘Senhora’, respondeu o rei da Pérsia, ‘estou convencido do que me dizeis. Mas parece-me que uma criatura linda e de bom senso como vós, escrava por causa do seu mau destino, devia ser feliz por dispor de um rei como amo.’

‘Senhor’, respondeu a bela escrava, ‘seja qual for a escrava, como acabo de vos dizer, um rei não pode dominar a sua vontade. Mas, visto que falais de uma escrava capaz de gostar de pertencer a um rei e de amá-lo, se é de classe inferior, concordo em que ela deve julgar-se feliz na sua infelicidade. Mas que felicidade! Não cessará de considerar-se como escrava arrancada dos braços de seu pai e de sua mãe, e talvez de um amante a que não deixará de amar por toda a vida. Mas, se ela nada fica a dever ao rei que a comprou,

julgai vós mesmo a dureza da sua sorte, da sua miséria, da sua aflição, da sua dor e o que ela é capaz de fazer!’

O rei da Pérsia, surpreso, respondeu: ‘Como, Senhora, quereis dizer-me com isso que sois de sangue real? Esclarecei-me, por favor, a esse respeito, e não aumenteis mais a minha impaciência. Dizei-me quem são os felizes pais de tão grande milagre de beleza, quem são vossos irmãos, vossas irmãs, vossos parentes e particularmente como vos chamais.’

‘Senhor’, disse então a bela escrava, ‘meu nome é Gulnara do Mar.^[56] Meu pai era um dos reis mais poderosos do mar, e morrendo deixou o seu reino para meu irmão, Saleh,^[57] e à rainha, minha mãe. Minha mãe é também princesa, filha de outro rei do mar muito poderoso. Vivíamos tranquilamente no nosso reino, em perfeita paz, quando um inimigo, invejoso da nossa felicidade, entrou nos nossos Estados com um exército poderoso, penetrou até a nossa capital, apoderou-se dela e nos deu apenas o tempo de fugirmos para um lugar inacessível, com alguns oficiais fiéis que não nos abandonaram. Nesse retiro, meu irmão não deixou de pensar num meio de afugentar o injusto ladrão; um dia, disse-me: Minha irmã, os resultados dos menores empreendimentos são sempre incertos; posso morrer no que estou meditando fazer para retornar aos nossos Estados; mas a minha possível desgraça me aborrece menos do que o que vos poderia acontecer. Para vos preservar dela, desejaria vê-la casada; mas no mau estado em que se acham os nossos negócios, não vejo como poderíeis desposar um dos nossos príncipes do mar. Gostaria de que vos decidísseis a desposar um príncipe de terra. Diante da vossa beleza, estou certo de que não há nenhum, por mais poderoso que seja, que não ficaria encantado em dividir convosco a coroa. As palavras de meu irmão me encolerizaram. Meu irmão, disse-lhe, eu, pelo meu pai e pela minha mãe, descendo como vós de reis e rainhas do mar sem nenhuma aliança com os reis de terra, não pretendo, como eles, ligar-me mal, e fiz esse juramento, desde que cheguei à idade suficiente para perceber a nobreza e a antiguidade da nossa casa. O estado a que estamos reduzidos não me forçará a mudar de opinião, e se deveis morrer na execução do vosso plano, prefiro morrer convosco a seguir um conselho que não esperava da vossa parte. Meu irmão quis fazer-me compreender que havia na terra reis

nada inferiores aos do mar. Aquilo de tal forma me irritou, que ele, por sua vez, me disse palavras cheias de dureza. Nos despedimos, ambos muito pouco satisfeitos. Zangada como estava, lancei-me ao mar e fui ter à ilha da Lua. Apesar do terrível descontentamento que me obrigava a rumar para esta ilha, não deixei de viver lá bastante bem em lugares longínquos. Mas minhas precauções não impediram que um homem de certa distinção, acompanhado de alguns criados, me surpreen-

desse quando dormia e me levasse consigo. Deu-me provas de muito amor, e envidou todos os esforços para me convencer a corresponder-lhe. Quando viu que nada lucrara com a doçura, pensou que teria êxito com a força, mas fi-lo de tal modo arrepender-se da sua insolência que ele decidiu vender-me a um mercador, que, por sua vez, me cedeu a vós. Este mercador, um homem inteligente, meigo e humano, durante a longa viagem até aqui só me deu motivos para elogiá-lo. Quanto a vós, se não tivésseis tido para comigo todas as considerações que vos agradeço, se não tivésseis dado tantos sinais de amor com sinceridade da qual não posso duvidar, se, sem hesitar, não tivésseis dispensado as outras mulheres, eu não teria ficado convosco. Eu teria me lançado ao mar por esta janela, onde me saudastes pela primeira vez, quando me vistes neste aposento, voltando para o lado de meu irmão, minha mãe e meus parentes. Teria perseverado no meu plano e o teria executado, se depois de certo tempo estivesse perdida para mim a esperança de uma gravidez. Já não penso mais nisso no estado em que me encontro. De fato, apesar do que pudesse dizer a minha mãe ou ao meu irmão, jamais acreditariam que tivesse sido escrava de um rei como vós, e nunca me perdoariam o erro. Por isso, majestade, príncipe ou princesa, meu filho será um penhor que me obrigará a jamais me separar de vós. Espero também que não mais

me considereis como escrava, mas como uma princesa que não é indigna da vossa aliança.'

Assim a princesa Gulnara contou a sua história ao rei da Pérsia. 'Minha encantadora e minha adorável princesa', exclamou então o monarca, 'que maravilhas acabo de ouvir! Mas, em primeiro lugar, devo agradecer-vos a bondade e a paciência com que provastes a sinceridade e a constância do

meu amor. Não pensei poder amar mais do que vos amava. Porém, desde que sei que sois princesa, amo-vos ainda mais. Que digo, sois mais, sois a minha rainha e a rainha dos persas, e este título há de ressoar imediatamente no meu reino. Amanhã, senhora, ele ressoará na minha capital com alegrias jamais vistas que revelarão serdes vós rainha e minha mulher legítima. Já o teria feito há mais tempo, se me tivésseis tirado mais cedo do meu engano, visto que, desde o momento em que vos vi, vos amei para nunca mais amar outra. Enquanto me preparo para dar-vos tudo o que vos é devido, rogo-vos contar-me outros detalhes sobre esses Estados e povos do mar que me são desconhecidos. Já ouvi falar de homens marinhos, mas sempre supus que se tratasse de simples lendas. Nada, porém, é mais verdadeiro depois do que me dizeis, e tenho disso boa prova em vós que consentistes em ser minha mulher. Mas não posso compreender como podeis viver na água sem vos afogardes. Apenas alguns dentre nós sabem ficar embaixo da água; porém, pereceriam se não fossem retirados rapidamente.’

‘Senhor’, respondeu a rainha Gulnara, ‘satisfar-vos-ei com muito prazer. Andamos no fundo do mar da mesma maneira como se anda na terra, e respiramos na água como se respira no ar. A água, em vez de nos afogar, como vos afoga, contribui para a nossa vida. O que é mais notável é que não molha as nossas vestes, e que estando na terra, saímos sem ter necessidade de nos secar. A nossa língua é a mesma que está gravada nas letras do sinete do grande profeta Salomão, filho de Davi. Não devo esquecer que a água tampouco nos impede de ver. Mantemos os olhos abertos sem nenhum incômodo. Durante a noite, a lua nos ilumina, e as plantas e as estrelas não nos ficam ocultas. Como o mar é muito maior que a terra, os nossos reinos são em maior número e mais extensos. Dividem-se em províncias, e em cada província há grandes cidades muito populosas. Finalmente, há uma infinidade de nações, de costumes e hábitos diferentes, como na terra. Os palácios dos reis e príncipes são soberbos: há os de mármore de diversas cores, de cristal de rocha, do qual o mar é rico, de madrepérola, de coral e de outros materiais mais preciosos. O ouro, a prata e as pedras preciosas são mais abundantes que sobre a terra. Não falo das pérolas; seja qual for o seu tamanho, não lhes damos importância. Só servem para adorno da plebe.

Como dispomos de maravilhosa e inacreditável agilidade, nos locomovemos rapidamente, e não temos necessidade de veículos nem de cavalos. Porém, não há rei que não tenha suas cocheiras marinhas; contudo, só se serve dos animais como divertimento, nas festas e cerimônias públicas. Uns gostam de montar e demonstrar sua habilidade nas corridas. Outros os atrelam a carruagens de madrepérola, adornados de milhares de conchas de todas as cores. Os reis, nas carruagens, mostram-se aos seus súditos. Hábeis em guiá-las, dispensam cocheiros. Evito muitos outros pormenores curiosos quanto aos países marinhos, que vos proporcionariam grande prazer para falar-vos, agora, de coisa mais importante. O que vos devo dizer, Senhor, é que o parto das mulheres do mar difere do das mulheres da terra; e eu tenho medo de que as parteiras daqui me prejudiquem. Como não tendes menos interesse do que eu, creio que será necessário mandar vir a rainha, minha mãe, e minhas primas. Ao mesmo tempo, desejaria rever o rei, meu irmão, para com ele reconciliar-me. Ficarão contentíssimos quando lhes contar a minha história, e souberem que sou esposa do poderoso rei dos persas. Dai-me a vossa permissão, e prometo-vos que tereis satisfação em vê-los.’

‘Senhora’, respondeu o rei dos persas, ‘fazei o que quiserdes; receberei os vossos parentes com todas as honras que merecem. Mas dissei-me como vos comunicareis com eles e quando pretenderão chegar para que eu ordene os preparativos de recepção e vá pessoalmente encontrá-los.’

‘Senhor’, respondeu a rainha Gulnara, ‘não há necessidade dessas cerimônias. Estarão aqui dentro de um momento, e vereis de que maneira chegarão; entrai nesse gabinete e olhai pelas cortinas.’

Quando o rei dos persas se retirou, a rainha Gulnara mandou que uma das mulheres lhe trouxesse um turíbulo com fogo. Quando ficou sozinha, pegou um pedaço de madeira de aloés de uma caixa, colocou-o no turíbulo e logo que viu fumaça, pronunciou palavras desconhecidas ao rei dos persas, que observava com grande atenção tudo o que ela fazia; não tinha ainda terminado quando a água do mar se movimentou. O rei via tudo pela cortina.

O mar entreabriu-se, e imediatamente saiu dele um jovem elegante com bigodes da cor do mar. Seguiram-no uma senhora de idade, mas majestosa, e

cinco jovens senhoras, que em beleza nada ficavam a dever à rainha Gulnara.

Gulnara, pondo-se imediatamente em uma das janelas, reconheceu o rei, seu irmão, a rainha, sua mãe, e seus parentes, que também a reconheceram. O grupo caminhou sobre a água, e quando todos chegaram à margem, acorreram imediatamente, um depois do outro, à janela onde a rainha Gulnara aparecera e de onde se havia retirado para lhes dar lugar. O rei Saleh, a rainha, sua mãe, e seus parentes a abraçaram com ternura e lágrimas nos olhos.

Depois de sentados no sofá, a rainha, sua mãe, disse: ‘Minha filha, alegro-me por vos rever depois de tão longa ausência, e estou certa de que vosso irmão e vossos parentes não se alegram menos do que eu. A vossa ausência nos atirou a uma indizível aflição. Não podemos dizer-vos quantas lágrimas derramamos. Não sabemos por que tomastes esse rumo tão surpreendente; só sabemos o que vosso irmão nos contou da conversa que manteve convosco. O conselho que vos deu então parecia-lhe vantajoso para a vossa posição. Não devíeis ter-vos assustado tanto assim. Mas deixemos este assunto que só renova dores e queixas que deveis esquecer conosco e contai-nos tudo o que vos aconteceu, desde que não nos vimos. Dizei-nos se estais contente.’

A rainha Gulnara lançou-se imediatamente aos pés da rainha, sua mãe, e após beijar-lhe a mão, respondeu, levantando-se: ‘Senhora, cometi um grande erro, confesso, e ficarei muito reconhecida pela vossa bondade em me perdoar. O que vou contar-vos há de mostrar-vos que muitas vezes é em vão que se tem aversão por certas coisas. Verifiquei que a coisa a que a minha vontade tanto se opunha é justamente aquela para onde o meu destino me levou.’ Contou tudo quanto lhe acontecera, desde que a revolta a tinha levado para a terra. Quando disse, finalmente, que fora vendida ao rei da Pérsia, em cujo palácio se encontrava, interrompeu-a o rei, seu irmão, e disse: ‘Minha irmã, não devíeis ter sofrido tantas indignidades, e a culpa cabe exclusivamente a vós. Tínheis o meio de livrar-vos e eu me admiro de vossa paciência; levantai-vos e voltaí conosco ao nosso reino por mim reconquistado ao orgulhoso inimigo que dele se apoderara.’

O rei dos persas, ouvindo aquelas palavras do gabinete em que se ocultara, alarmou-se. ‘Ah’, pensou, ‘estou perdido, e a minha morte é certa,

se a minha rainha, se a minha Gulnara ceder esse conselho! Não posso mais viver sem ela, e querem tirá-la de mim!’ A rainha Gulnara, porém, não o deixou por muito tempo na incerteza.

‘Meu irmão’, respondeu, ‘o que acabo de ouvir me demonstra a sincera amizade que tendes por mim. Não pude suportar o conselho que me destes de casar-me com um príncipe da terra. Agora quase me zango convosco pelo que acabastes de me dizer: abandonar o laço que me une ao mais poderoso de todos os reis. Não falo da ligação de uma escrava com um amo, porque nesse caso seria fácil restituir-lhe o que lhe custei; falo da ligação de uma mulher com seu marido, de uma mulher que de nada pode se queixar. É um monarca religioso, inteligente, moderado, que tem me dado todas as provas do seu amor. Não podia dar-me prova maior do seu amor do que dispensar, desde os primeiros dias que lhe pertenci, o grande número de mulheres que tinha para se dedicar unicamente a mim. Sou sua mulher, e ele acaba de me declarar rainha dos persas. Digo-lhe também que estou grávida, e que se tiver a sorte, com a graça dos céus, de dar-lhe um filho, será mais um laço que a ele me ligará inseparavelmente. Assim, meu irmão, longe de seguir o vosso conselho, todas essas considerações, como bem vedes, não somente me obrigam a amar o rei dos persas como também me impelem a passar a vida com ele mais por reconhecimento do que por dever. Espero que nem minha mãe, nem vós, nem minhas boas primas, desaproveis a minha decisão, nem a aliança que contraí, sem procurá-la, e que honra tanto aos reis do mar como aos da terra. Desculpai-me, se vos fiz vir aqui das profundezas do mar para vos dizer isso e ter a ventura de vos ver depois de tão longa separação.’

‘Minha irmã’, respondeu o rei Saleh, ‘a proposta que vos fiz de voltar conosco após nos terdes contado as vossas aventuras foi apenas para vos demonstrar quanto vos amamos, e quanto vos estimo particularmente; nada nos emociona mais que tudo o que pode contribuir para a vossa felicidade. Por esse motivo não posso, por minha parte, deixar de aprovar decisão tão razoável e tão digna de vós, depois do que acabais de nos dizer sobre o rei dos persas, vosso esposo, e das grandes obrigações que tendes para com ele. Quanto à rainha, vossa mãe, estou certo de que não sente de outra maneira.’

Realmente a rainha-mãe confirmou o que o rei, seu filho, acabava de dizer. ‘Minha filha’, disse ela, ‘estou contente em saber que sois feliz e não tenho nada a acrescentar ao que o rei, vosso irmão, acaba de vos testemunhar. Seria a primeira a vos condenar se não devêsseis tão grande reconhecimento a um monarca que vos ama com tanta paixão e que tanto tem feito por vós.’

O rei dos persas ficou radiante ao ver que Gulnara não queria abandoná-lo. Como não podia mais duvidar do seu amor depois daquela declaração, amou-a ainda mais, e tratou de lhe demonstrar o seu reconhecimento por todos os meios ao seu alcance.

Enquanto o rei dos persas refletia, a rainha Gulnara, chamando suas escravas, ordenou-lhes que trouxessem iguarias para sua família. Depois convidou a rainha, sua mãe, o rei, seu irmão, e suas primas à mesa. Mas todos tiveram o mesmo pensamento: o de se encontrarem sem permissão no palácio de um poderoso rei que nunca os tinha visto, que não os conhecia, e o de ser grande grosseria comer sem ele. O rubor lhes invadiu o rosto, e com a emoção, lançaram chamas pelas narinas e pela boca, enquanto os olhos se lhes inflamavam.

O rei dos persas ficou tomado de pavor diante daquele espetáculo que não esperava, e cuja causa ignorava. A rainha Gulnara, pelo contrário, compreendendo o que se passava com os parentes, deu-lhes a entender, levantando-se, que voltaria logo. E entrando no gabinete, onde tranquilizou o rei com a sua presença: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘não duvido de que estejais contente com a prova que acabo de dar-vos das grandes obrigações que vos devo. Só de mim dependia voltar com eles para os nossos Estados, mas não sou capaz de uma ingratidão da qual seria a primeira em censurar-me.’ ‘Ah, minha rainha!’, exclamou o rei dos persas, ‘não faleis de obrigações, que não me deveis nenhuma. Eu é que vo-las devo, e tão grandes que jamais poderei testemunhar-vos bastante o meu reconhecimento. Não acreditava que me amásseis tanto!’ ‘Senhor’, respondeu a rainha Gulnara, ‘podia eu fazer menos do que acabo de fazer? Não é o bastante depois de todas as honras que recebi, depois de tantos benefícios com que me cumulastes, depois de tantos sinais de amor aos quais não é possível que seja eu insensível. Mas, senhor,

deixemos este assunto; quero assegurar-vos da amizade sincera que minha mãe, a rainha, e o rei, meu irmão, vos dedicam. Quis certificar-me melhor, oferecendo-lhes comida antes de lhes proporcionar a honra de vos conhecer. Rogo-vos entrar e honrá-los com a vossa presença.’

‘Senhora’, respondeu o rei dos persas, ‘terei grande prazer em saudar as pessoas que vos são tão chegadas; mas as chamas que vi sair das suas narinas e das suas bocas me assustam.’ ‘Senhor’, respondeu, rindo, a rainha ‘essas chamas não devem causar-vos o menor medo, pois não significam outra coisa senão a recusa deles em comer no vosso palácio sem a vossa honrosa presença.’

O rei dos persas, tranquilizado, levantou-se e entrou no aposento com a rainha Gulnara, que o apresentou à rainha, sua mãe, ao rei, seu irmão, e às suas primas, que se prostraram imediatamente de rosto contra o chão. O rei dos persas, correndo imediatamente em sua direção, obrigou-os a se levantarem e abraçou-os um depois do outro. Já sentados, o rei Saleh tomou a palavra: ‘Senhor, não podemos testemunhar-vos bastante a nossa alegria pelo fato de a rainha Gulnara, minha irmã, ter tido a sorte de ver-se sob a proteção de tão poderoso monarca. Podemos assegurar-vos que não é indigna do alto posto a que lhe destes a honra de a levar. Temos sempre tido tão grande ternura para com ela que não soubemos decidir-nos a dá-la a nenhum dos poderosos príncipes do mar que no-la pediram em casamento antes mesmo de ela ter idade suficiente. O céu vo-la reservou, senhor, e nós não podemos agradecer-vos melhor do que pedindo a ele que vos conceda a graça de viver longos anos com vossa esposa e toda prosperidade e satisfação.’

‘Creio’, respondeu o rei dos persas, ‘que os céus a reservaram como afirmais. De fato, a paixão com que a amo me dá a conhecer que eu nunca tinha amado antes de vê-la. Não posso testemunhar bastante o meu agradecimento à rainha, vossa mãe, nem a vós, nem aos vossos parentes pela generosidade com que concordais em me acolher numa aliança tão gloriosa para mim.’ Terminando, convidou-os à mesa com ele e a rainha Gulnara. Após a refeição, o rei dos persas conversou com eles até altas horas da noite; quando soou a hora de deitar-se, ele mesmo os conduziu aos seus aposentos.

O rei dos persas festejou os seus ilustres hóspedes durante vários dias, de nada se esquecendo que pudesse fazer aparecer a sua grandeza e magnificência; e obrigou-os a ficar na corte até o parto da rainha. Quando chegou a hora, deu ordens para que nada lhe faltasse. Enfim, Gulnara deu à luz um filho com grande alegria da rainha, sua mãe, que a ajudou. O menino foi imediatamente apresentado ao rei.

Este recebeu o menino com júbilo que é mais fácil de imaginar do que de expressar. Vendo o rosto do filhinho luminoso de beleza, pensou não poder dar-lhe nome mais conveniente que o de Beder.^[58] Em ação de graças aos céus, doou grandes esmolas aos pobres, mandou liberar os prisioneiros e os escravos de ambos os sexos e distribuiu grandes somas aos ministros e devotos da sua religião. O povo festejou o acontecimento durante dias.

Depois de a rainha Gulnara se restabelecer, quando o rei dos persas, a rainha, sua mãe, o rei Saleh, seu irmão, e as princesas, suas parentes, conversavam nos seus aposentos, a ama entrou trazendo nos braços o pequeno príncipe Beder. O rei Saleh levantou-se imediatamente, correu para o pequeno príncipe, e depois de tirá-lo dos braços da ama pôs-se a acariciá-lo com grande ternura. Perambulou pelo aposento, levantando-o ao ar, e de repente, no ápice da alegria, precipitou-se por uma janela aberta e imergiu no mar com o príncipe.

O rei dos persas, que não esperava aquilo, se assustou, pensando não ver mais o filho querido, ou então só revê-lo afogado. Pouco faltou para que morresse. ‘Senhor’, disse-lhe a rainha Gulnara com voz tranquilizadora, ‘não temais. O príncipe é meu filho, e eu o amo tanto quanto vós; no entanto, podeis ver que não estou preocupada. Ele não corre risco nenhum e em breve voltará. Seu tio o trará de volta são e salvo. Embora nascido do vosso sangue, por me pertencer não deixa de ter a mesma vantagem que nós, e pode viver tanto no mar quanto na terra.’ A rainha, sua mãe, e as princesas confirmaram suas palavras. Mas o medo do rei continuou, e ele só se acalmou quando reviu, finalmente, o príncipe Beder.

O mar agitou-se de súbito, e o rei Saleh, com o pequeno príncipe entre os braços entrou pela mesma janela pela qual saíra. O rei dos persas ficou contentíssimo por rever o filho adorado. Saleh perguntou-lhe: ‘Senhor, não

vos assustastes ao me virdes submergir no mar com o príncipe, meu sobrinho?’ ‘Ah, príncipe’, disse o rei dos persas, ‘julguei-o perdido, e vós me devolvestes a vida trazendo-o de volta.’ ‘Senhor’, respondeu o rei Saleh, ‘estava certo disso, mas não havia o menor motivo de temor. Antes de submergir, pronunciei sobre ele as misteriosas palavras gravadas no sinete do grande rei Salomão, filho de Davi. Fazemos a mesma coisa com todas as crianças que nascem nas regiões do fundo do mar; e, por essas palavras, recebem elas o mesmo privilégio que todos nós possuímos. Pelo que acabais de ver, vedes a vantagem do príncipe Beder por ser filho da rainha Gulnara, minha irmã. Enquanto viver e cada vez que assim desejar, terá a liberdade de submergir no mar e percorrer vastos impérios.’

Depois dessas palavras, o rei Saleh, que já recolocara o pequeno príncipe Beder nos braços de sua ama, abriu uma caixa que retirara do seu palácio durante o tempo em que havia desaparecido, e que trouxera cheia de diamantes grandes como ovos de pombo, com igual número de rubis, de extraordinária grandeza, assim como esmeraldas com meio pé de comprimento, e de trinta colares de pérolas. ‘Senhor’, disse ao rei dos persas, dando-lhe a caixa, ‘quando fomos chamados pela rainha, minha irmã, ignorávamos em que lugar da Terra se achava, e que tinha a honra de ser esposa de tão grande monarca; por isso, viemos de mãos vazias. Como não vos podemos provar o nosso agradecimento, rogamo-vos aceitar este pequeno presente em consideração aos favores que a ela concedestes.’

Não se pode descrever a surpresa do rei dos persas quando viu tanta riqueza em tão pequeno espaço. ‘Rei’, disse ele, ‘chamais pequeno presente de reconhecimento, vós que nada me deveis, a um presente de tão elevado valor? Declaro-vos, mais uma vez, que nada me deveis, nem a rainha, vossa mãe. Julgo-me feliz demais com o consentimento que destes à minha união.’ ‘Senhora’, disse à rainha Gulnara, voltando-se para ela, ‘o rei, vosso irmão, me confunde. Pedi-lhe que se não ofenda por eu não concordar em aceitar o presente.’

‘Senhor’, respondeu o rei Saleh, ‘não me espanto ver-vos hesitar diante deste presente. Sei que não estais acostumado na Terra a contemplar pedras desta qualidade e em tão grande número de uma só vez. Mas, se soubésseis

que conheço o lugar de onde são tiradas, e que posso com elas reunir um tesouro superior a todos os tesouros dos reis do mundo, vos admiraríeis de termos tido a ousadia de vos oferecer um presente tão simples. Não o considerareis, portanto, sob esse ponto de vista, mas como sinal da sincera amizade que nos obriga a vo-lo oferecer. Não nos mortifiquéis recusando-o.' Foi assim o rei dos persas forçado a aceitá-lo.

Alguns dias depois, explicou o rei Saleh que a rainha, sua mãe, as princesas e ele não teriam maior prazer do que passar a vida na sua corte, mas como já fazia muito tempo que se achavam ausentes do seu reino, e como a sua presença era necessária, pediram-lhe que concordasse em se despedirem dele e da rainha Gulnara. O rei dos persas lastimou não poder retribuir-lhes a gentileza visitando-os no seu país. 'Mas como estou convencido', acrescentou, 'de que não vos esqueceréis da rainha Gulnara, e que voltareis a vê-la, espero ter a honra de vos receber novamente.'

Houve muitas lágrimas de ambos os lados, no momento da separação. O rei Saleh retirou-se em primeiro lugar; mas a rainha, sua mãe, e as princesas tiveram de arrancar-se dos abraços da rainha Gulnara que não podia resolver-se a deixá-los partir. Quando o grupo real desapareceu, o rei dos persas disse a Gulnara: 'Senhora, teria por homem que pretendesse mentir-me quem me descrevesse maravilhas como as que eu testemunhei desde o momento em que a vossa ilustre família honrou o meu palácio. Mas não posso negar o que os meus olhos viram, e disso me lembrarei a vida inteira; e não cessarei de agradecer ao céu pelo que me enviou, preferindo-me a qualquer outro príncipe.'

Beder foi criado no palácio sob os olhares vigilantes do rei e da rainha dos persas, que o viram, com grande satisfação, crescer e tornar-se um belo rapaz. Proporcionou-lhes muito maior satisfação, conforme ia crescendo, pelas suas maneiras agradáveis em tudo o que fazia e pelos sinais de justiça e vivacidade de espírito em tudo o que dizia. O rei Saleh, seu tio, a rainha, sua avó, e as princesas, suas primas, vinham frequentemente visitá-lo. Quase não lhe custou aprender a ler e a escrever, e em breve dominou com a mesma facilidade todas as ciências que convinham a um príncipe da sua classe.

Quando Beder completou 15 anos, já desempenhava bem todos os seus exercícios com muito mais graça que os seus mestres. Dispunha de inteligência e prudência admiráveis. O rei dos persas, que nele reconheceu essas virtudes tão necessárias a um monarca, que vira crescer forte e vigoroso, não quis esperar que a sua morte desse ao filho a oportunidade de subir ao trono. Não lhe custou muito fazer com que o seu conselho consentisse no que ele desejava, e o povo soube da sua resolução com grande alegria, pois o príncipe Beder era digno de comandar. De fato, como havia muito tempo que aparecia em público, todos haviam podido notar que não tinha ar desdenhoso, orgulhoso e antipático, tão familiar à maioria dos demais príncipes que encaram os inferiores com altivez e desprezo insuportáveis. Pelo contrário, sabiam que ele via a todos com uma bondade que convidava a aproximar-se dele, sabiam que ouvia os que iam falar-lhe, que lhes respondia com benevolência e que não recusava a ninguém o que se lhe afigurava justo.

O dia da cerimônia foi marcado. Nesse dia, no meio do seu conselho, o rei dos persas, que primeiro se sentara no trono, dele desceu, tirou a coroa e colocou-a sobre a cabeça do príncipe Beder; depois, beijou-lhe a mão como sinal de que lhe transferia toda a sua autoridade, e foi postar-se no lugar dos vizires e emires.

Imediatamente os vizires, os emires e os principais dignitários se prosternaram perante o novo rei e prestaram-lhe o juramento de fidelidade, cada um na sua posição. Em seguida, o grão-vizir relatou alguns importantes assuntos a respeito dos quais o rei se pronunciou com uma inteligência que causou admiração a todo o conselho. Depôs vários governadores culpados de má-fé, e substituiu-os por outros, com um discernimento tão justo e equitativo que atraiu aclamações gerais. Saindo do conselho, acompanhado pelo rei, seu pai, foi ao aposento da rainha Gulnara, sua mãe. Esta, mal o viu com a coroa, abraçou-o com muita ternura, desejando-lhe um longo reinado.

No primeiro ano, Beder desempenhou todas as funções reais com grande assiduidade. Quis saber a situação exata dos negócios e de tudo que podia contribuir para a felicidade dos seus súditos.

No ano seguinte, confiando a administração dos negócios ao conselho sob a direção do antigo rei, seu pai, saiu da capital sob o pretexto de uma caçada, mas na realidade para percorrer todas as províncias do seu reino e corrigir abusos, restabelecer a boa ordem e a disciplina por toda a parte e tirar aos príncipes, seus vizinhos mal-intencionados, a vontade de atentar contra a segurança e a tranquilidade dos seus Estados.

Foi necessário um ano inteiro para executar um plano tão digno dele. Não fazia muito tempo que voltara quando o rei, seu pai, adoeceu gravemente e reconheceu que não sobreviveria. Aguardou o último momento de vida com grande tranquilidade, e o único cuidado que teve foi recomendar aos ministros e senhores da corte o rei, seu filho. Todos renovaram o seu juramento de fidelidade. Finalmente, ele morreu, com grande desgosto do rei Beder e da rainha Gulnara, que mandaram colocar o seu corpo num soberbo mausoléu.

Depois do funeral, o rei Beder não teve trabalho para seguir o costume da Pérsia de chorar seus mortos um mês inteiro e de não ver ninguém durante todo esse tempo. Teria chorado pelo pai durante a vida inteira, se tivesse dado ouvidos à sua dor e se tivesse sido permitido a um grande rei abandonar-se a ela. Nesse período, a rainha, mãe da rainha Gulnara, e o rei Saleh, com as princesas vieram participar da tristeza de ambos.

Quando o mês acabou, o rei não pôde dispensar-se de atender o grão-vizir e todos os senhores da corte que lhe suplicaram abandonar o luto, mostrar-se aos súditos e retomar as rédeas do governo. A princípio não quis ouvi-los falar disso; mas o grão-vizir, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Senhor, não há necessidade de fazer-vos saber que só as mulheres é que se obstinam em luto perpétuo. Nem as nossas lágrimas nem as vossas podem ressuscitar o rei, vosso pai. Foi vítima da lei que submete todos os homens ao tributo indispensável da morte. Não podemos dizer, porém, que esteja morto, uma vez que o revemos na vossa sagrada pessoa. Ele mesmo não duvidou, ao morrer, de que reviveria em vós. Cabe-vos, portanto, demonstrar-lhe que não se enganou.’

Beder não pôde resistir a tais insistências. Abandonou o luto, e depois de ter retomado as vestes habituais, começou a cuidar das necessidades do reino

e dos súditos com a mesma atenção de antes. Visto que observava as disposições dos seus predecessores, o povo não notou que o amo era outro.

O rei Saleh, que voltava para o mar com a rainha, sua mãe, e as princesas, mal soube que o rei Beder havia recomeçado a governar, voltou sozinho ao fim de um ano. Beder e Gulnara alegraram-se em revê-lo. Uma noite, ao se retirarem da mesa quando estavam sozinhos, conversaram coisas diversas.

O rei Saleh começou a falar do rei, seu sobrinho, e disse à rainha, sua irmã, como estava satisfeito com a sensatez com que ele governava, que lhe tinha granjeado grande reputação, não somente entre os reis, seus vizinhos, como também nos reinos mais distantes. Beder, não desejando ouvir esses elogios, impôs silêncio ao rei, seu tio, virou-se para o outro lado, e fingiu dormir, apoiando a cabeça sobre algumas almofadas.

Dos elogios que se referiam ao comportamento maravilhoso e ao espírito superior do rei Beder, passou Saleh para os do corpo, e dele falou como de prodígio que não tinha semelhante na Terra nem em todos os reinos do mar. ‘Minha irmã’, prosseguiu, ‘admira-me não terdes ainda pensado em casá-lo. Se não me engano, ele está com uns vinte anos, e nesta idade não é permitido a um príncipe como ele ficar sem mulher. Tratarei de arranjar-lhe por esposa uma princesa dos nossos reinos.’

‘Meu irmão’, respondeu a rainha Gulnara, ‘lembrais-me uma coisa que, confesso, até agora não pensei. Como ele nunca me disse que tinha qualquer inclinação ao casamento, eu mesma me esqueci, muito vos agradeço a lembrança. Concorro com a vossa ideia e peço-vos conseguir uma tão bela e perfeita que o rei, meu filho, a ame.’

‘Conheço uma’, respondeu o rei Saleh, falando baixo, ‘mas antes de dizer-vos quem é ela, peço-vos verificar se o rei, meu sobrinho, está realmente dormindo. Direi a vós por que devemos tomar esta precaução.’ A rainha Gulnara voltou-se, e vendo Beder na mesma posição, não duvidou que estivesse dormindo profundamente. Beder, porém, fingindo dormir, concentrava a atenção para nada perder do que o rei, seu tio, ia dizer com tamanho segredo. ‘Não receeis’, disse a rainha ao irmão, ‘podeis falar livremente sem temer ser ouvido.’

‘Não é necessário’, prosseguiu Saleh, ‘que o rei, meu sobrinho, tenha logo conhecimento do que vou dizer. O amor, bem o sabeis, pega-se, às vezes, pela orelha. Vejo grandes dificuldades que devem ser vencidas, não do lado da princesa, como espero, mas do lado do rei, seu pai. Direi a vós que se trata da princesa Djauara^[59] do rei de Samandal.’

‘Que me dizeis, meu irmão’, respondeu Gulnara, ‘a princesa Djauara não está ainda casada? Lembro-me de tê-la visto pouco antes de me separar de vós; tinha aproximadamente um ano e seis meses e era de uma beleza surpreendente. Deve ser hoje uma das maravilhas do mundo, se a sua beleza continuou a aumentar. Os poucos anos que ela tem a mais do que o rei, meu filho, não nos deve impedir de envidar esforços para lhe obter um partido tão vantajoso. Trata-se apenas de vencer as dificuldades de que falastes.’

‘Minha irmã’, respondeu o rei Saleh, ‘Samandal é de uma vaidade insuportável e considera-se superior aos demais reis; assim, há pouca probabilidade de poder entrar em contato com ele a respeito dessa união. Contudo, eu mesmo irei pedir-lhe a mão da princesa, sua filha; se recusar, dirigir-me-ei a outros, que me acolherão mais favoravelmente. Por esse motivo, como vedes, é bom que o rei, meu sobrinho, não saiba nada do nosso plano até que estejamos certos do consentimento do rei de Samandal; do contrário, o amor pela princesa Djauara poderia apoderar-se do seu coração antes que nós consigamos obtê-la para ele.’ Conversaram ainda por algum tempo sobre o assunto, e antes de separar-se, combinaram que o rei Saleh voltaria imediatamente para o seu reino e pediria a mão da princesa ao rei de Samandal para o rei dos persas.

Gulnara e o rei Saleh, acreditando que o rei Beder dormia realmente, acordaram-no, e Beder conseguiu fingir que acabava de dormir profundamente. No entanto não perdera uma palavra da conversa, e o retrato feito da princesa Djauara já lhe havia posto no coração um sentimento que lhe era completamente novo. O desejo de conquistá-la fê-lo fechar os olhos por um único momento.

No dia seguinte, Saleh quis despedir-se da rainha Gulnara e do rei, seu sobrinho. O jovem rei dos persas, sabendo que o rei, seu tio, partia tão cedo somente para ir obter-lhe a felicidade, não pôde deixar de mudar de cor. Já

era tão forte a sua paixão que não conseguia ficar sem ver o objeto dos seus anseios. Tomou, assim, a decisão de pedir que o levasse com ele; mas não querendo que a rainha, sua mãe, soubesse, obrigou-o a ficar ainda naquele dia a fim de participar de uma caçada no dia seguinte. Estava decidido a se aproveitar da ocasião para lhe revelar seu plano.

Pôde então o rei Beder encontrar-se várias vezes com o tio, mas não teve ânimo para dizer-lhe uma palavra do que havia planejado. No meio da caçada, estando o rei Saleh separado dele, e não havendo perto nenhum dos seus oficiais, apeou-se Beder à margem de um regato, e depois de amarrar o cavalo a uma árvore que proporcionara excelente sombra, deitou-se sobre a relva e chorou. Demorou-se muito tempo naquele estado, imerso nos seus pensamentos, sem dizer uma palavra.

Entretanto, o rei Saleh que não vira mais o sobrinho, fez grandes esforços para descobrir-lhe o paradeiro, sem nada conseguir. Separando-se dos outros caçadores, percebeu-o, de repente, bem longe. Notara, desde a véspera, que Beder não era mais alegre como habitualmente, que vivia imerso em pensamentos e não respondia às perguntas que lhe faziam ou, se respondia, não o fazia como de costume. Não tivera, porém, a menor suspeita da causa de tal mudança. Desde que o viu na condição em que se achava, teve a certeza de que ouvira a conversa e estava apaixonado. Apeou-se bastante longe, deu uma grande volta e aproximou-se sem fazer barulho. Ouviu-o, então, pronunciar estas palavras:

‘Amável princesa do reino de Samandal, certamente me esboçaram apenas levemente a vossa incomparável beleza. Creio que sois ainda mais linda que todas as princesas do mundo, assim como o Sol é mais belo que a Lua e as estrelas. Já neste momento vos ofereceria meu coração, se soubesse onde estais; pertence a vós somente.’

O rei Saleh não quis ouvir mais, e, apresentando-se ao rei Beder, disse-lhe: ‘Como vejo, meu sobrinho, ouvistes o que dizíamos anteontem de noite sobre a princesa Djauara. Pensamos que estivésseis dormindo.’ ‘Meu caro tio’, respondeu Beder, ‘não perdi nenhuma palavra e estou experimentando o efeito que havíeis previsto. Reti-vos precisamente porque desejava falar-vos do meu amor antes de vossa partida; mas a vergonha de vos confessar a

minha fraqueza, se é fraqueza amar uma princesa tão digna de ser amada, me calou. Por isso rogo-vos pela amizade que me tendes ter pena de mim e tratar de me obter imediatamente a mão da divina Djauara, uma vez recebido o consentimento do rei, seu pai, se não quiserdes que morra de amor por ela antes de vê-la.’

Tais palavras embaraçaram fortemente o rei Saleh, que fez ver ao sobrinho como era difícil dar-lhe a satisfação pedida; daria os passos necessários sem levá-lo consigo; e como a sua presença era necessária no reino, pois era perigoso ausentar-se, pediu-lhe que refreasse sua paixão até que as coisas estivessem em tal ponto que ele pudesse contentá-lo. Andaria depressa e voltaria para contar-lhe as novidades dali a alguns dias. O rei dos persas não ouviu essas razões: ‘Bem vejo que não me estimais tanto como eu julgava, e que preferis ver-me morrer a conceder-me o primeiro pedido que vos faço na minha vida!’

‘Estou pronto a mostrar-vos’, respondeu o rei Saleh, ‘que não há nada que eu não queira fazer para vos agradar, mas não posso levar-vos comigo antes de falardes com a rainha, vossa mãe. Que diria ela de vós e de mim? Acrescentarei os meus rogos aos vossos...’ ‘Vós não ignorais’, prosseguiu o rei dos persas, ‘que a rainha, minha mãe, não permite que eu a abandone, e essa desculpa me revela melhor a dureza que tendes para comigo. Se me estimardes, será necessário que volteis ao vosso reino imediatamente e que eu vos acompanhe.’

O rei Saleh, forçado a ceder à vontade do rei dos persas, tirou um anel que tinha no dedo, onde estavam gravadas as mesmas palavras misteriosas de Deus do sinete do Salomão, e apresentando-o, disse: ‘Coloque-o no vosso dedo e não temais as águas do mar, nem a sua profundidade.’ O rei dos persas pegou o anel e, ao pô-lo no dedo, o rei Saleh ainda lhe disse: ‘Fazeis como eu.’ Ao mesmo tempo, ascenderam levemente ao ar avançando para o mar, que não estava longe, onde submergiram.

O rei marinho não precisou de muito tempo para chegar ao seu palácio com o rei dos persas, seu sobrinho. Primeiro levou-o ao aposento da rainha, a quem o apresentou. O rei dos persas beijou a mão da rainha, sua avó, e esta o abraçou com grande demonstração de alegria. ‘Não vos peço notícias da

vossa saúde’, disse-lhe, ‘pois vejo que estais bem; falai-me da rainha Gulnara, vossa mãe.’ O rei dos persas cuidou de não lhe dizer que havia partido sem dela se despedir; pelo contrário, assegurou-lhe tê-la deixado em perfeita saúde e ela haver-lhe recomendado que transmitisse os seus cumprimentos. A rainha apresentou-lhe em seguida as princesas, e enquanto lhe dava tempo para conversar com elas, entrou no seu gabinete com o rei Saleh, que a informou do amor do rei dos persas pela princesa Djauara, motivado pela descrição da sua beleza. Contou também que não pudera deixar de trazê-lo e que ia pensar num modo de lhe obter a mão da princesa.

Apesar de não ter o rei Saleh culpa da paixão do rei dos persas, a rainha repreendeu-o por ele ter falado da princesa Djauara na frente do sobrinho com tão pouca precaução. ‘A vossa imprudência é imperdoável’, disse-lhe; ‘esperais que o rei de Samandal, cujo caráter é tão conhecido, tenha mais consideração por vós do que por tantos outros reis a que tem recusado sua filha com evidente desprezo? Quereis que ele vos desgrace com a humilhação?’

‘Senhora’, respondeu o rei Saleh, ‘já vos disse que foi contra a minha vontade que o rei, meu sobrinho, ouviu o que eu disse da beleza de Djauara à minha irmã. O mal já está feito. O certo é que ele a ama apaixonadamente e que morrerá de dor, se não a conseguirmos de qualquer maneira. Nada posso descuidar, uma vez que fui eu, embora inocentemente, quem causou o mal. Espero, senhora, que aproveis a minha decisão de ir procurar pessoalmente o rei de Samandal com um rico presente de joias e pedir-lhe a mão da princesa para o rei dos persas, vosso neto. Creio que ele não recusará e que consentirá em se unir a um dos monarcas mais poderosos da Terra.’

‘Seria muito bom’, respondeu a rainha, ‘que não precisássemos fazer esse pedido, mas como se trata da tranquilidade e da satisfação do rei, meu neto, dou o meu consentimento. Em todo caso, visto que conheceis o caráter do rei de Samandal, rogo-vos tratá-lo com todo o respeito que lhe é devido para evitar que ele se ofenda.’

A rainha separou pessoalmente um presente de diamantes, rubis, esmeraldas e pérolas e colocou-o num luxuoso cofre. No dia seguinte, o rei Saleh despediu-se dela e do rei Beder e partiu com um grupo escolhido e

pouco numeroso de oficiais. Chegando ao palácio do rei de Samandal, não hesitou este em lhe dar audiência. Levantou-se do trono quando o viu surgir. E o rei Saleh, esquecendo-se do que era por alguns momentos, prostrou-se-lhe aos pés, desejando chegar a uma feliz conclusão. O rei de Samandal imediatamente se inclinou para levantá-lo, e depois de fazê-lo sentar-se perto do trono, deu-lhe as boas-vindas e perguntou-lhe em que lhe podia ser útil.

‘Senhor’, respondeu o rei Saleh, ‘mesmo que eu só tivesse vindo para apresentar os meus respeitos a um dos reis mais poderosos do mundo e famoso pela inteligência e pelo valor, muito debilmente vos estaria honrando. Se pudésseis penetrar até o fundo do meu coração, veríeis a minha grande veneração e o desejo ardente que tenho de vos testemunhar o meu afeto.’ Dizendo tais palavras, pegou o cofrinho das mãos de um dos seus abriu-o e rogou-lhe que o aceitasse.

‘Príncipe’, respondeu o rei de Samandal, ‘trazei-me tão belo presente e não tendes nenhum pedido? Se alguma coisa depender de mim, será um prazer concedê-la. Dize-me francamente em que vos posso servir.’

‘É verdade, Senhor! Venho pedir-vos uma graça; não a pediria, se soubesse que não a podeis conceder. Por conseguinte, rogo-vos não a recusar.’ ‘Se é assim’, disse o rei de Samandal, ‘informai-me de que se trata, e vereis que, se me for possível, vos hei de servir.’

‘Senhor’, disse-lhe, então, o rei Saleh, ‘depois da confiança que me despertais na vossa boa vontade, rogo-vos honrar-nos com a vossa aliança, consentindo no casamento da princesa Djauara, vossa filha, e assim fortalecer a compreensão que une os dois reinos há tanto tempo.’

Diante dessas palavras, o rei de Samandal deu grandes gargalhadas, caindo sobre as almofadas, de forma injuriosa ao rei Saleh: ‘Rei Saleh’, disse-lhe, com ar de desprezo, ‘pensei que fosseis um príncipe de bom senso, inteligente, sensato; pelo contrário, as vossas palavras me revelam que me enganei. Dizei-me, onde estava o vosso espírito quando imaginastes quimera tão grande. Como concebestes a ideia de aspirar à mão da princesa, filha de um rei tão grande e tão poderoso como eu? Primeiro devíeis considerar bem a distância que há entre vós e mim e não perder num momento a estima que eu tinha pela vossa pessoa.’

O rei Saleh ficou extremamente ofendido com resposta tão ultrajante e muito lhe custou conter o ressentimento. ‘Senhor’, respondeu, por fim, ‘que Deus vos recompense como mereceis; permiti-me a honra de dizer-vos que não peço a mão da princesa para mim. Mesmo que assim fosse, porém, bem longe de pretender ofender a vós, ou à princesa, teria pensado em proporcionar-vos grande honra a um e a outro. Bem sabeis que sou um dos reis do mar, como vós; que os reis meus predecessores em nada são inferiores quanto à antiguidade a nenhuma das outras famílias reais e que o reino que herdei não é menos florescente nem menos poderoso que nos tempos deles. Se não me tivésseis interrompido, teríeis logo compreendido que a honra que vos peço não é para mim, e sim para o jovem rei dos persas, meu sobrinho, cujo poder e grandeza não vos devem ser desconhecidos. Todos reconhecem ser a princesa Djauara a mais bela mulher que existe sob o céu; mas não é menos verdade ser o jovem rei dos persas o príncipe mais perfeito que haja na Terra e em todos os reinos do mar; a esse respeito as opiniões não estão divididas. Assim, como a graça que vos peço pode somente oferecer grande glória a vós e à princesa Djauara, não podeis duvidar de que ao vosso consentimento se siga a aprovação universal. A princesa é digna do rei dos persas e o rei dos persas não é menos digno dela. Não há nem rei nem príncipe no mundo que possa disputá-la.’

O rei de Samandal não teria deixado o rei Saleh falar por tanto tempo, se a sua exaltação lhe houvesse permitido. Levou ainda algum tempo sem nada dizer. Finalmente irrompeu em injúrias ferozes e indignas de um grande rei. ‘Cão!’, gritou, ‘ousas falar-me desse modo e proferir o nome da minha filha diante de mim? Pensas que o filho de sua irmã Gulnara pode comparar-se com a minha filha? Quem és tu? Quem é teu pai? Quem é tua irmã? Quem é teu sobrinho? Não era teu pai um cão e filho de cão como tu?’ E voltando-se para os guardas, ordenou: ‘Detende-o e cortai-lhe a cabeça!’

Os oficiais quiseram imediatamente cumprir seu dever, mas como o rei Saleh estava em pleno vigor da idade, escapou antes que aqueles pudessem sacar o alfanje e alcançou a porta do palácio, onde se lhe depararam mil homens de sua família e de sua casa, bem-armados e equipados, que acabavam de chegar. Enviara-os a rainha, sua mãe, prevendo a má recepção

que o rei de Samandal lhe faria, e recomendando-lhes que se apressassem. Os que se achavam na frente perceberam que tinham chegado na hora certa quando o viram perseguido. ‘Senhor’, gritaram-lhe, no momento de se unirem a ele, ‘o que se passa? Estamos prontos a vingar-vos; não tendes de ordenar nada mais.’

Saleh contou-lhes o sucedido em poucas palavras e pôs-se diante de um grande grupo enquanto os outros ficaram na porta, e voltou. Como os poucos oficiais e guardas que o tinham perseguido se haviam dispersado, entrou na sala do rei de Samandal, que, abandonado, foi detido. O rei Saleh, deixando-o rodeado de bom número de guardas, percorreu aposento após aposento procurando o da princesa Djauara. Mas, ouvindo o barulho, esta se havia precipitado para a superfície do mar com as suas criadas, e refugiara-se numa ilha deserta.

Enquanto isso ocorria no palácio do rei de Samandal, os homens do rei Saleh, fugidos desde as primeiras ameaças do rei de Samandal, alarmaram a rainha-mãe, anunciando-lhe o perigo em que o tinham deixado. Beder, que se achava presente quando chegaram, mais impressionado ficou por se considerar culpado de todo o mal que daí poderia advir, e não teve coragem de suportar a presença da rainha, sua avó, depois do perigo a que, por sua causa, se expunha o rei Saleh. Enquanto a rainha dava as ordens necessárias em tal emergência, precipitou-se ele à superfície do mar, e não sabendo o caminho para voltar ao reino da Pérsia, refugiou-se na mesma ilha em que se encontrava a princesa Djauara.

Fora de si, foi sentar-se junto a uma grande árvore. Enquanto tratava de se acalmar, ouviu que alguém falava dele; imediatamente prestou atenção; mas como se achava um pouco longe, levantou-se, e avançando sem fazer ruído para o lado donde vinham aquelas palavras, percebeu entre a folhagem uma beleza que o deslumbrou. ‘Sem dúvida’, pensou, ‘é a princesa Djauara, que o medo talvez tenha obrigado a abandonar o palácio do rei, seu pai; se não é ela, não merece menos que a ame de todo o meu coração.’ Aproximando-se então da princesa, disse-lhe, após profunda reverência: ‘Senhora, não posso agradecer bastante ao céu o favor que me faz hoje de abrir-me os olhos ao que há de mais belo. Não podia ter ventura maior que

a de vos oferecer os meus modestos préstimos. Rogo-vos aceitá-los, pois uma pessoa como vós não se encontra nesta solidão sem ter necessidade de socorro.’

‘É verdade, senhor’, respondeu a princesa, porém muito triste. ‘É fora de comum ver-se uma dama da minha classe neste estado. Sou princesa, filha do rei de Samandal, e chamo-me Djauara. Estava no palácio, no meu aposento, quando de repente ouvi um terrível tumulto. Anunciaram-me que o rei Saleh, não sei por que, forcara o palácio e apoderara-se de meu pai. Mal tive tempo de me salvar e procurar aqui um abrigo contra sua violência.’

Ouvindo aquelas palavras, Beder envergonhou-se de ter abandonado a rainha, sua avó, sem esperar confirmação das notícias trazidas. Mas alegrou-se em saber que seu tio se havia apoderado do rei de Samandal. Tinha a certeza de que este, para ter a liberdade, não lhe recusaria a princesa. ‘Princesa’, respondeu, ‘a vossa dor é muito justificada, mas é fácil diminuí-la, devolvendo ao rei, vosso pai, a liberdade. Primeiro ficareis surpreendida ao saber que me chamo Beder, que sou rei dos persas e que o rei Saleh é meu tio. Posso assegurar-vos que ele não deseja absolutamente apoderar-se dos Estados do rei, vosso pai. Não tem outra intenção senão alcançar a honra e a felicidade de ver-me genro de vosso pai. Já vos entreguei o coração quando ouvi falar da vossa beleza e dos vossos encantos. Longe de me arrepender, suplico-vos recebê-lo, certa de que só arde por vós. Espero que não o recuseis: um rei que saiu dos seus Estados unicamente para vo-lo oferecer merece reconhecimento. Permiti, princesa, que eu tenha a honra de vos apresentar meu tio. Mal o rei, vosso pai, dê o seu consentimento à nossa união, voltará a ser senhor do seu país, como antes.’

A declaração de Beder não causou o efeito que ele esperava. Mal a princesa o vira, o seu aspecto e a graça com a qual dela ele havia se aproximado, o revelaram um homem interessante. Mas, quando soube que era a causa do mau tratamento imposto a seu pai, a dor, o medo e a necessidade que tivera de refugiar-se naquela ilha, fizeram com que ela o visse como inimigo. Por outro lado, apesar da disposição que ela pudesse ter para o casamento desejado por Beder; julgando que uma das razões de seu pai para recusar-se era ser o rei Beder nascido de um rei da Terra, estava

decidida a submeter-se inteiramente à sua vontade nesse ponto. Não quis, porém, mostrar seu ressentimento; pensou apenas num meio de livrar-se habilmente das mãos do rei Beder, fingindo vê-lo com prazer. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘sois então filho da rainha Gulnara, célebre pela sua extraordinária beleza! Muito me alegra ver em vós um príncipe digno dela. O rei, meu pai, cometeu um grande erro opondo-se à nossa união. Assim que vos veja não hesitará em permitir que sejamos felizes.’ Assim, estendeu-lhe a mão em sinal de amizade.

Beder julgou-se no ápice da felicidade; pegando a mão que a princesa lhe oferecia, curvou-se para beijá-la com respeito. A princesa não lhe deu tempo para isso.

‘Temerário’, disse-lhe, empurrando-o e cuspindo-lhe no rosto, ‘deixe a forma de homem e tome a de um pássaro branco com bico e pés vermelhos!’

Tendo pronunciado essas palavras, Beder transformou-se num pássaro, com grande mortificação e surpresa. ‘Pegue-o’, disse imediatamente a princesa a uma das suas criadas, ‘e leve-o para a ilha Seca.’ Era essa ilha um espantoso rochedo onde não havia uma gota d’água sequer.

A criada o pegou, e cumprindo a ordem da princesa, compadeceu-se contudo da sorte do rei Beder. ‘Será uma pena’, pensou, ‘que um príncipe tão digno de viver morra de fome e de sede. A princesa, bondosa como é, talvez se arrependa desta ordem tão cruel, quando recobrar a calma; vou levá-lo para um lugar melhor.’ E levou-o para uma ilha populosa, onde o deixou num campo ameno, com várias árvores frutíferas e banhado por variados riachos.

Voltemos ao rei Saleh. Depois de ter ele mesmo procurado a princesa e de tê-la feito procurar pelo palácio inteiro, inutilmente, mandou prender o rei de Samandal no seu próprio palácio sob boa guarda; e após dar as ordens necessárias para o governo do reino na sua ausência, foi dar conta à rainha, sua mãe, do que havia se passado. Soube, então, com grande surpresa e muito dor, que Beder tinha desaparecido. ‘Informaram-nos’, prosseguiu a rainha, ‘o grande perigo no qual vos encontráveis no palácio do rei de Samandal, e enquanto dava as ordens para vos mandar outros socorros ou para vos vingar,

Beder desapareceu. Deve ter-se assustado, vendo que estáveis em perigo, e com certeza não se julgou seguro conosco.’

Saleh arrependeu-se da grande facilidade com que consentira no desejo do rei Beder sem falar antes à rainha Gulnara. Mandou procurá-lo por todos os lados, mas apesar de todos os esforços nenhuma notícia lhe foi trazida e em vez da alegria já experimentada pelo casamento que considerava obra sua, a dor que sentiu por tão inesperado acidente mortificou-o profundamente. Esperando ter notícias dele, boas ou más, deixou o reino sob o governo da rainha, e foi cuidar do rei de Samandal, que continuou a ser vigiado, mas com toda a consideração devida à sua posição.

No mesmo dia em que o rei Saleh partiu para voltar ao reino de Samandal, a rainha Gulnara, mãe do rei Beder, chegou ao palácio de sua mãe. Gulnara não se admirara de não rever o rei, seu filho. Supusera que o ardor da caçada, como acontecia às vezes, o levara mais longe do que ele mesmo queria. Mas, quando viu que não voltava no dia seguinte, nem depois, preocupou-se muito. Sua inquietação cresceu ao saber, pelos oficiais que o tinham acompanhado e que tinham sido obrigados a voltar após procurarem por muito tempo Beder e Saleh, que devia ter-lhes acontecido algo desagradável. Os cavalos de ambos haviam sido encontrados, mas era só. Ouvindo isso, decidiu Gulnara esconder a sua aflição e incumbir os oficiais de voltar e continuar a procurar. Entretanto, sem dizer nada a ninguém, avisando apenas às suas criadas de que desejava ficar sozinha, lançou-se ao mar para verificar se Saleh não levara o sobrinho para o seu país marinho.

A grande rainha teria sido recebida por sua mãe com grande prazer se, ao vê-la não tivesse percebido o motivo da visita. ‘Minha filha’, disse-lhe, ‘não é para me ver que vindes aqui. Vindes pedir-me notícias de vosso filho, e as que vos posso dar só aumentarão a vossa tristeza. Foi enorme a minha alegria quando o vi chegar com o rei, seu tio, mas mal soube que partira sem vos falar participei da vossa dor.’ Em seguida, contou-lhe o interesse com que o rei Saleh fora pessoalmente pedir a mão da princesa e o que acontecera até o instante do desaparecimento de Beder. ‘Mandeí muita gente procurá-lo’, acrescentou, ‘e o rei, meu filho, que acaba de partir para governar o país de

Samandal tem feito outro tanto. Até agora nada conseguimos. Mas é de se esperar que tornaremos a vê-lo quando menos esperarmos.'

Gulnara não se acalmou com essa esperança; considerando o rei, seu filho, perdido, chorou-o amargamente, culpando o rei Saleh. A rainha, sua mãe, fez-lhe ver a necessidade de não sucumbir à dor. 'É verdade', disse-lhe, 'que o rei, vosso irmão, não devia ter-vos falado em tal casamento com tão pouca precaução, nem consentir em trazer para cá o rei, meu neto, sem vos avisar antes. Mas, como não há certeza de haver o rei dos persas perecido, não vos descuideis de lhe conservar o reino. Não percais tempo, portanto; voltai à vossa capital, pois lá é necessária a vossa presença; não vos será difícil manter a paz, mandando publicar que o rei dos persas decidiu fazer-nos uma visita.'

Era preciso um motivo tão forte quanto aquele para obrigar a rainha Gulnara a voltar. Despediu-se de sua mãe e regressou ao palácio da capital dos persas antes que alguém percebesse ela ter se ausentado. Mandando chamar os oficiais a quem incumbira de procurar o filho desaparecido, anunciou-lhes que sabia onde se encontrava e que ele não tardaria em reaparecer. Ordenou que a notícia fosse divulgada pela cidade inteira e governou de acordo com o grão-vizir do conselho com a mesma tranquilidade como se o rei Beder estivesse presente.

Voltemos, agora, ao rei Beder, levado pela escrava de Djauara à ilha. O monarca ficou boquiaberto quando se viu transformado em ave. Mais infeliz ainda se sentia por nem saber em que parte do mundo estava situado o reino dos persas. Quando soubesse e tivesse certeza da força das suas asas para ousar atravessar o oceano e voltar para lá, o que lucraria? Continuar a não ser reconhecido como rei, nem mesmo como homem. Era obrigado a permanecer onde se encontrava e viver da mesma comida que as aves da sua espécie, além de passar as noites empoleiradas numa árvore qualquer.

Depois de alguns dias, um camponês, hábil em agarrar aves com redes, muito se alegrou ao ver uma de espécie desconhecida, embora já houvesse muitos anos que se entregava a tal mister. Empregando toda a sua capacidade, procedeu com tal arte que não tardou em apoderar-se do animal. Contentíssimo com tão boa presa, que, conforme estimava, valeria muito mais que as outras que ele habitualmente caçava, em virtude de sua raridade,

colocou-a numa gaiola e levou-a à cidade. Ao chegar ao mercado, um indivíduo perguntou-lhe quanto queria por ela.

Em vez de responder à pergunta, o camponês perguntou por sua vez ao indivíduo o que ele desejava fazer com ela. ‘Meu bom homem’, respondeu o indivíduo, ‘que quer que eu faça com ela, senão mandar assá-la para depois comê-la?’ ‘Se é assim’, disse o camponês, ‘julgaríeis tê-la pago muito bem dando-me a menor das nossas moedas de prata. Eu a avalio muito mais, e não a entregaria a vós nem que me désseis uma moeda de ouro. Estou velho, mas desde que me conheço nunca vi ave semelhante. Vou dá-la de presente ao rei, que saberá pagá-la muito melhor que vós.’

Imediatamente rumou para o palácio. O rei, a uma das janelas dos seus aposentos, vira tudo quanto se havia passado no mercado. Percebendo a formosa ave, mandara um oficial dos eunucos comprá-la. O oficial, aproximando-se do camponês, perguntou-lhe quanto custava: ‘Se for para Sua Majestade’, respondeu o camponês, ‘rogo-lhe que me consinta cedê-la, e a vós peço que a leveis.’ O oficial levou a ave ao rei; este achou-a tão exótica que incumbiu o oficial de levar dez moedas de ouro ao camponês, que depois se afastou, radiante; em seguida, mandou pôr a ave numa esplêndida gaiola, e dar-lhe comida e água.

O rei que naquele dia se apresentava a montar a cavalo para uma caçada, e que não tivera tempo de examinar bem sua compra, ordenou que a trouxessem assim que voltou. O oficial dos eunucos, para que o monarca pudesse contemplá-la melhor, abriu a gaiola e pegou a ave. O rei, contemplando-a com grande admiração, perguntou ao oficial se havia visto o que ela comia. ‘Senhor’, respondeu-lhe, ‘podeis verificar que o prato de comida continua intacto.’ Ordenou então o rei que lhe dessem vários tipos de comida, para que ela escolhesse a que mais lhe agradasse.

Estando a mesa posta, quis o rei refazer-se. Mal as iguarias foram postas sobre a mesa, a ave, batendo as asas, se escapou das mãos do rei, e pôs-se a bicar pães e carnes num prato de ouro. O rei, surpreso, mandou o oficial dos eunucos avisar a rainha para que viesse ver aquela maravilha. A rainha foi imediatamente. Mas nem bem vira a ave, cobriu seu rosto com um véu e

quis retirar-se. O rei, mais espantado ainda, por haver na sala apenas eunucos e mulheres, perguntou-lhe o motivo do seu procedimento.

‘Senhor’, respondeu-lhe a rainha, ‘ficareis surpreso ao saberdes que esta ave não é verdadeiramente ave como imaginais e sim um homem.’ ‘Senhora’, respondeu o rei, boquiaberto, ‘pretendeis zombar de mim, sem dúvida; não quereis, com certeza, dizer-me que uma ave pode ser homem.’ ‘Senhor, Deus me guarde de zombar de vós. Nada é mais verdadeiro do que eu vos disse, contudo, e torno a afirmar-vos que é o rei dos persas, filho da famosa Gulnara, princesa de um dos maiores reinos do mar, sobrinho de Saleh, e neto da rainha Farache, mãe de Gulnara e Saleh. E foi a princesa Djauara, filha do rei de Samandal, quem assim o metamorfoseou.’ E para que o rei deixasse de duvidar, contou-lhe por que se havia vingado assim a princesa Djauara do mau tratamento dispensado pelo rei Saleh ao rei de Samandal, seu pai.

O soberano não teve dúvida em acreditar em tudo o que a rainha lhe dissera, uma vez que sabia ser ela feiticeira das mais hábeis do mundo e por nada ignorar do que se passava, preveni-lo sempre dos maus intentos dos monarcas, seus vizinhos. Compadecido do rei dos persas, pediu à esposa que terminasse com o encantamento.

A rainha consentiu com prazer: ‘Senhor’, disse ao rei, ‘dai-vos o trabalho de entrar no vosso gabinete com a ave; daqui a pouco vos mostrarei um rei digno da consideração que por ele tendes.’ A ave que deixara de comer para prestar atenção ao diálogo entre o rei e a rainha foi a primeira a entrar no gabinete. A rainha seguiu-a e ao rei com um vaso cheio de água sobre o qual pronunciou palavras misteriosas, até que a água comesse a ferver; imediatamente, atirou-a contra a ave e disse:

‘Pela virtude das misteriosas palavras que acabo de proferir; e em nome do Criador do Céu e da Terra, que ressuscita os mortos e governa o universo, abandonai esta forma de ave e retomai a que recebestes do vosso Criador.’

Mal acabou de pronunciar a última palavra, o soberano viu aparecer um jovem formoso que o encantou. O rei Beder prostrou-se e deu graças a Deus pelo que acabava de fazer-lhe. Em seguida, levantando-se, beijou a mão do

rei para lhe demonstrar todo o seu reconhecimento; mas este o abraçou com grande alegria e deu-lhe mostras da sua grande satisfação. Beder quis também agradecer à rainha, mas ela já havia se retirado. Mandou o rei que preparassem a mesa, e depois de comerem, pediu-lhe que contasse de que modo a princesa Djauara tivera a desumanidade de transformar em ave um príncipe tão interessante como ele. O rei dos persas satisfez-lhe o desejo. Quando terminou, o rei, indignado com o procedimento de Djauara, não pôde deixar de censurá-la.

‘Louvo a princesa de Samandal por não ser insensível ao tratamento dispensado ao rei, seu pai, mas ela jamais poderá justificar sua extrema vingança contra um príncipe que de nada tinha culpa. Deixemos, porém, esse assunto, e digei-me em que vos posso servir.’

‘Senhor’, respondeu Beder, ‘a obrigação que tenho para convosco é tão grande que deveria passar a vida ao vosso lado para vos testemunhar todo o meu reconhecimento; como, porém, não tendes limites para a vossa bondade, suplico-vos conceder-me um navio que me leve de volta à Pérsia, onde temo que a minha ausência, já bastante prolongada, tenha causado desordens, e que minha mãe, a rainha Gulnara, a quem ocultei a minha partida, esteja morta de dor na sua incerteza quanto ao meu destino.’

O rei concedeu-lhe o que ele pedia com a melhor boa vontade do mundo, e, sem hesitar, deu ordens para que se apressasse o melhor veleiro da sua enorme frota. Providenciados os marinheiros, os soldados, as provisões e a munição necessária, mal o vento soprou favoravelmente Beder embarcou, depois de despedir-se do rei e de lhe agradecer todos os benefícios que lhe devia.

O navio zarpou e por dez dias navegou sem parar. Onze dias depois, o vento começou a ser contrário, e dali a pouco tornou-se tão violento que provocou furiosa tempestade. O navio não somente se desviou da sua rota como também foi agitado terrivelmente; seus mastros se partiram, e ele, à mercê das ondas, foi arrojado a um banco de areia, onde se despedaçou.

A maior parte da tripulação se afogou. Alguns confiaram na força dos braços para salvar-se a nado, e outros seguraram-se a pedaços de madeira. Beder foi um desses últimos, e levado pela correnteza, incerto sobre seu

destino, percebeu, enfim, que estava perto de terra, e pouco distante de uma grande cidade. Valendo-se da pouca força que lhe restava, continuou a lutar, até que chegou a um ponto onde as águas davam pé. Imediatamente, abandonou o pedaço de madeira que tanto o havia auxiliado, mas avançando para alcançar a areia ficou estarrecido ao ver correr de todos os lados cavalos, camelos, burros, bois, vacas, touros e outros animais que, por todas as formas, o impediam de pôr pé em terra. Teve de insistir para, finalmente, conseguir passar por entre eles. Quando conseguiu, pôs-se ao abrigo dum rochedo, à espera de recobrar o fôlego e de ver secas as suas vestes.

Quando quis prosseguir para entrar na cidade, outra vez enfrentou a mesma dificuldade contra os mesmos animais, que pareciam pretender desviá-lo do seu objetivo e fazê-lo compreender que havia perigo.

Beder entrou na cidade, onde viu ruas espaçosas, mas surpreendeu-se pelo fato de não ver pessoas. Tão grande solidão lhe mostrou que não era sem razão haverem feito tudo os animais para obrigá-lo a afastar-se antes de entrar. Continuando, porém, notou algumas lojas abertas que lhe revelaram não estar a cidade inteiramente abandonada como supusera. Aproximando-se de uma delas, onde se expunham à venda várias frutas, saudou um ancião que lá se achava sentado.

O ancião, ocupado com alguma coisa, levantou a cabeça ao ver aquele jovem e perguntou-lhe, com espanto, de onde vinha e por que se encontrava naquele lugar. Beder satisfez-lhe o desejo com poucas palavras. O ancião perguntou-lhe, ainda, se não havia encontrado ninguém pelo caminho. ‘Sois o primeiro homem que vejo’, respondeu Beder, ‘e não posso compreender como esteja deserta uma cidade tão bela.’ ‘Entrai, não vos demoreis na porta’, respondeu o ancião, ‘senão talvez vos aconteça algo de mal. Satisfarei a vossa curiosidade, e vos direi o motivo por que convém tomardes tal precaução.’

Beder obedeceu. Entrando, sentou-se perto do ancião, mas este, compreendendo que o príncipe precisava comer, o obrigou primeiro a refazer suas forças. E, embora Beder lhe pedisse explicação quanto à precaução de entrar, não quis dizer-lhe nada antes de o jovem acabar de comer. Receava, evidentemente, que o que ia contar o impedisse de refazer-se tranquilamente. De fato, mal viu que Beder havia terminado, disse-lhe:

‘Deveis agradecer a Deus terdes chegado até aqui sem nenhum problema.’ ‘Ora, por quê?’, perguntou Beder, alarmado. ‘É preciso que saibais’, respondeu o ancião, ‘que esta cidade se chama a Cidade dos Encantamentos, e que é governada não por um rei, e sim por uma rainha, a mais bela mulher que jamais existiu, porém a mais poderosa e temível feiticeira do mundo. Convencer-vos-ei disso quando souberdes que todos esses cavalos, burros e outros animais que vistes são tão homens como vós e eu, metamorfoseados pela sua arte diabólica. Todos os que aqui entram são presos e levados à sua presença. Ela os recebe muito bem, acaricia-os, festeja-os, hospeda-os magnificamente, dá-lhes demonstrações de que os ama; mas não os deixa gozar por muito tempo de uma ventura fingida. Não há um único homem que ela não metamorfoseie em animal, no fim de quarenta dias. Falastes-me de todos esses animais que se vos apresentaram procurando impedir-vos de pôr os pés em terra e entrar na cidade. Não podendo eles fazer-vos compreender de outro modo o perigo ao qual vos expúnheis, trataram de dissuadir-vos como sabiam.’

Essas palavras afligiram muito o jovem rei Beder. ‘Ai de mim!’, exclamou, ‘a que situação me vejo reduzido pelo mau destino que me persegue! Apenas sou libertado de um encantamento, que ainda me horroriza, já me vejo exposto a outro mais terrível!’ E contou sua história mais pormenorizadamente, falou do seu nascimento, da sua qualidade, da sua paixão pela princesa de Samandal e da crueldade que ela tivera ao transformá-lo em ave no momento em que acabava de vê-la e falar-lhe do seu amor.

Continuação da história de Beder, príncipe dos persas, e de Djauara, princesa do reino de Samandal

Quando o príncipe terminou de contar sua história, falando da sua sorte em encontrar uma rainha que desfizera seu encantamento, o ancião, que vira o seu medo de ser novamente metamorfoseado, procurou acalmá-lo, dizendo:

‘O que acabo de vos dizer da rainha-feiticeira e da sua maldade é verdadeiro, mas nem por isso deveis vos abandonar à intranquilidade. Sou estimado pela cidade inteira e posso vos afirmar que a própria rainha tem consideração por mim, de modo que tivestes a sorte em vos dirigir a mim e não a outro. Estais seguro em minha casa, onde vos aconselho ficar, se concordardes. Uma vez que daqui não saiais, garanto-vos que nada vos acontecerá. Assim, pois, não temais.’

O rei Beder agradeceu ao ancião por sua hospitalidade e proteção generosamente oferecida e sentou-se à entrada da loja, onde sua juventude e seu formoso aspecto atraíram imediatamente os olhos de todos os transeuntes. Alguns chegaram até a parar, dando os parabéns ao ancião por ter adquirido tão belo escravo, como o supunham. Não podiam compreender como havia escapado à sanha da rainha aquele belo rapaz. ‘Não penseis que se trata de um escravo’, disse-lhes o ancião. ‘Não sou bastante rico nem desfruto de posição tão elevada que me permita esse luxo. É meu sobrinho, filho de um irmão falecido, e mandei-o vir para cá a fim de fazer-me companhia.’

Alegraram-se todos com a sua satisfação, mas ao mesmo tempo não puderam deixar de lhe expressar o seu temor de que a rainha lhe arrancasse. ‘Vós a conheceis’, disseram-lhe, ‘e não ignorais o perigo a que vos expondes... Que dor a vossa, se o tratasse como tratou a tantos outros!’

‘Sou-vos muito agradecido’, respondeu o ancião, ‘pela amizade que me demonstrais e pelo interesse que tendes pelo que é meu. Mas não posso acreditar que a rainha seja capaz de causar-me o menor desgosto depois de todas as gentilezas com as quais me tem cumulado. Se ela souber de alguma

coisa, e me falar, espero que não pensará apenas nele, desde que saiba tratar-se de meu sobrinho...’

O ancião estava contentíssimo com os elogios dispensados ao jovem rei dos persas. Alegrava-se como se fosse seu próprio filho. E concebeu por ele um afeto que aumentou à medida que o ia conhecendo melhor. Havia aproximadamente um mês que viviam juntos quando um dia, estando à porta da loja, como de costume, a rainha Labe (assim se chamava a feiticeira) passou diante da casa com toda a pompa a que tinha direito. Beder, mal a viu, levantou-se, entrou na loja e perguntou ao ancião o que significava aquilo. ‘É a rainha, mas não temais!’, respondeu.

Os mil guardas da rainha Labe, vestindo um uniforme cor de púrpura, montados e equipados luxuosamente, passaram em quatro fileiras, de sabre levantado. Todos os oficiais saudaram o ancião. Seguiram-nos mil eunucos, vestidos de brocado e mais bem-montados ainda, cujos oficiais também o saudavam com grande respeito. Depois deles, era a vez de outras tantas jovens, igualmente belas, ricamente trajadas e ornadas de joias, que a pé rodeavam a rainha Labe, montada num corcel repleto de diamantes, com uma sela de ouro e uma manta de valor inestimável. Também as jovens cumprimentaram o ancião. A rainha Labe, surpreendida pelo belo aspecto de Beder, deteve-se diante da loja. ‘Abdalá’, perguntou ao ancião, ‘é vosso esse encantador escravo? Há muito que o comprastes?’

Antes de responder à rainha, Abdalá se ajoelhou. Depois, levantando-se, disse-lhe: ‘Senhora, é meu sobrinho, filho de meu irmão falecido não faz muito tempo. Como não tenho ninguém, considero-o meu filho; mandei trazê-lo para fazer-me companhia e receber, depois da minha morte, o pouco que possuo.’

A rainha Labe, que nunca vira um homem que se comparasse ao rei Beder, dominada por violenta paixão, pensou num modo de fazer com que o ancião o cedesse para ela. ‘Meu bom velho, não quereis demonstrar-me a vossa amizade presenteando-o a mim? Não recuseis, rogo-vos. Juro-vos pelo fogo e pela luz que o farei grande e poderoso como ninguém no mundo. Mesmo que tivesse o desejo de destruir todo o gênero humano, será ele o único que eu pouparei. Espero que me satisfaçais o pedido e baseio minha

confiança mais na amizade que tendes para comigo do que na estima que tenho e que sempre tive para convosco.’

‘Senhora’, respondeu o bom Abdalá, ‘sou-vos infinitamente agradecido por todas as bondades que tendes tido para comigo e da honra que pretendeis dar ao meu sobrinho. Mas ele não é digno de se aproximar de tão grande rainha; rogo-vos o obséquio de me dispensar do vosso pedido.’

‘Abdalá’, respondeu a rainha, ‘pensei que me estimásseis mais e nunca teria acreditado que me daríeis uma prova tão evidente do pouco caso que fazeis dos meus pedidos. Mas juro mais uma vez pelo fogo e pela luz, e mesmo pelo que é mais sagrado na minha religião, que não prosseguirei sem antes vencer a vossa obstinação. Compreendo muito bem o vosso pesar, mas prometo-vos que não tereis o menor motivo para arrepender-vos.’

Abdalá sofreu indizivelmente, por ele e por Beder, vendo-se forçado a ceder à vontade da rainha. ‘Senhora’, respondeu, ‘não quero que formeis opinião tão má a meu respeito, nem a respeito do meu zelo por vós. Tenho toda a confiança na vossa palavra e não duvido de que vós tendes na minha. Rogo-vos apenas adiar tão grande honra a meu sobrinho até o primeiro dia em que reaparecerdes.’ ‘Será, então, amanhã’, respondeu a rainha. E, dizendo tais palavras, baixou a cabeça para testemunhar a obrigação que lhe devia e retomou o caminho do palácio.

Quando a rainha Labe e o seu séquito passaram, disse o bom Abdalá ao rei Beder: ‘Meu filho (tinha se acostumado a chamá-lo assim para não revelar sua identidade em público), não pude, como vós mesmo vistes, recusar à rainha o que ela pediu com tanta vivacidade, a fim de evitar que ela empregasse uma violência evidente ou secreta, com uma arte mágica, dando-vos por vingança contra mim e contra vós um tratamento mais cruel que o dispensado àqueles dos quais dispôs até o presente, como já vos disse. Tenho certa razão para crer que ela vos tratará bem como me prometeu pela consideração toda especial que tem para comigo. Vós mesmo o pudestes notar pelas cortesias que me demonstrou. Ela seria amaldiçoada pelos céus, se me enganasse; mas não me enganaria impunemente, e eu saberia vingar-me.’

Aquelas incertas palavras não surtiram grande efeito no rei Beder, que disse: ‘Depois de tudo o que me contastes dessa rainha, não me envergonho

de vos dizer que temo me aproximar dela. Não desconfiaria talvez de nada do que me dissesstes, me deixaria cegar pelo brilho da sua corte, se já não soubesse por experiência o que significa estar à mercê de uma feiticeira. O estado em que me encontrei pelo encantamento da princesa Djauara e do qual parece que me livrei apenas para enfrentar outro me obriga a vê-la com horror.’ As lágrimas impediram-no de prosseguir, e demonstraram com que repugnância se via na fatal necessidade de ser entregue à rainha Labe.

‘Meu filho’, retomou Abdalá, ‘não vos aflijais. Confesso que não podemos confiar muito nas promessas nem nas palavras de uma rainha tão perniciosa, mas deveis saber que o seu poder não me atinge. Ela não o ignora, e é por isso que tem tanta consideração para comigo. Saberei impedir que vos faça o menor mal. Podeis confiar em mim, e se seguides exatamente os conselhos que vos darei antes de vos ceder a ela, garanto-vos que ela não terá mais poder sobre vós do que tem sobre mim.’

A rainha não deixou de passar no dia seguinte diante da loja de Abdalá com toda a pompa do dia anterior. O ancião acolheu-a com grande respeito. ‘Bom velho’, disse-lhe ela, parando, ‘podeis imaginar minha impaciência de ver vosso sobrinho, pela exatidão com que venho lembrar-vos a vossa promessa. Sei que sois um homem honesto e de palavra, e espero que não tenhais mudado de ideia.’

Abdalá, que se prosternara, mal vira a rainha aproximar-se, levantou-se quando ela acabou de falar, e como não queria que pessoa nenhuma ouvisse o que tinha a dizer-lhe, aproximou-se com respeito: ‘Poderosa rainha’, disse, ‘estou convencido de que não levareis a mal a minha relutância em vos confiar meu sobrinho ontem; deveis ter compreendido o meu motivo. Hoje eu o cedo, mas rogo-vos que vos esqueçais de todos os segredos da maravilhosa ciência que possuis em alto grau. Considero meu sobrinho meu próprio filho, e vós me desesperaríeis se não procedêsseis como bondosamente prometestes.’

‘Prometo-vos, mais uma vez’, disse a rainha, ‘e repito-vos as mesmas palavras de ontem: vós e ele tereis toda a razão para apreciar-me. Vejo que não me conheceis bastante ainda’, acrescentou. ‘Tendes-me visto até agora com o rosto coberto; mas como acho vosso sobrinho digno do meu afeto,

quero demonstrar-vos que não sou indigna do dele.’ Dizendo tais palavras, mostrou a Beder, que se tinha aproximado com Abdalá, uma deslumbrante beleza. Mas Beder ficou pouco emocionado. ‘Na verdade’, pensou, ‘não basta ser bonita; é preciso que os atos estejam à altura da beleza.’

Enquanto Beder fazia suas reflexões de olhos postos na rainha Labe, Abdalá virou-se para o seu lado e, tomando-o pela mão, apresentou-o: ‘Aqui está, senhora’, disse. ‘Rogo-vos mais uma vez que vos lembrais de que é meu sobrinho e que lhe permitais visitar-me algumas vezes.’ A rainha aceitou e para demonstrar-lhe sua gratidão, mandou que lhe dessem um saco com mil moedas de ouro. A princípio, o ancião recusou-se a aceitá-lo; mas ela insistiu, e ele teve de aceitar. A rainha mandara trazer um cavalo ricamente selado como o seu para o rei dos persas. Enquanto Beder punha o pé no estribo, disse a rainha a Abdalá: ‘Esquecia-me de vos perguntar como se chama vosso sobrinho.’ Ao ouvir que se chamava Beder (lua cheia), disse: ‘Enganou-se, devia chamar-se Chems (Sol).’

Quando Beder montou, quis colocar-se um pouco atrás da rainha, mas ela mandou que se pusesse à sua esquerda. E partiram.

Em vez de notar no povo certa satisfação acompanhada de respeito diante de sua soberana, Beder notou, pelo contrário, que era olhada com desprezo e que alguns chegavam até a lançar imprecensões contra ela. ‘A feiticeira’, diziam, ‘descobriu outra vítima para suas maldades. O céu jamais livrará o mundo desta tirana?’ ‘Pobre estrangeiro’, gritavam, ‘que engano o vosso, se credes que a vossa felicidade durará muito tempo; é para cairdes mais que vos levam tão alto.’ Aquelas palavras lhe revelaram que o ancião descrevera a rainha Labe tal como era na realidade; mas como não dependia dele afastar-se do perigo, entregou seu destino à Providência.

Quando chegaram ao palácio, a rainha, apeando-se com o auxílio de Beder, entrou com ele, acompanhada de suas damas e dos oficiais dos seus eunucos. Ela mesma lhe mostrou todos os aposentos onde só havia ouro maciço, pedras preciosas e móveis de raro luxo. No seu gabinete, foi com ele ao balcão de onde lhe mostrou um jardim de encantadora beleza. Beder elogiava tudo o que via com muito espírito, mas de tal maneira que não

podia duvidar-se ser ele apenas sobrinho de Abdalá. Estavam conversando ainda quando a rainha foi avisada de que a mesa estava posta.

Imediatamente ela e Beder foram sentar-se à mesa de ouro maciço, assim como os pratos. Comeram, e quase não beberam até a sobremesa; mas aí mandou a rainha que lhe servissem numa taça de ouro um vinho excelente; depois de ter bebido à saúde de Beder, mandou-a encher novamente e apresentou-lhe. Beder recebeu-a com muito respeito, e com acentuada inclinação de cabeça, lhe mostrou que também bebia à sua saúde.

Entretanto, as damas da rainha Labe, entrando com instrumentos musicais, deram início a um agradável concerto enquanto os dois continuavam a beber pela noite adentro. Em virtude do vinho, tão fortemente se aqueceram que Beder se esqueceu de que a rainha era feiticeira, e olhou-a apenas como a mais linda mulher do mundo. Mal a rainha percebeu que o tinha levado ao ponto desejado, ordenou, com um sinal, que os eunucos e as mulheres se retirassem. E Beder e ela dormiram juntos.

No dia seguinte, foram ao banho; à saída, as mulheres que haviam auxiliado o rei apresentaram-lhe uma veste das mais magníficas. A rainha, que também tinha posto um vestido mais esplêndido que o da véspera, levou-o ao seu aposento. Após uma boa refeição, passaram agradavelmente o dia passeando pelo jardim e distraíndo-se.

Labe tratou Beder dessa maneira durante quarenta dias, como costumava fazer com os outros amantes. Depois, julgando que Beder estivesse dormindo, levantou-se sem fazer barulho. Mas Beder, que estava acordado, e que desconfiava de que ela planejasse alguma coisa, fingiu dormir, e prestou atenção a tudo quanto ela fazia. A rainha, abrindo um cofrezinho, tirou uma caixa de madeira cheia de um pó amarelo. Com o pó, traçou uma linha atrás do quarto. Imediatamente transformou-se a linha num ribeiro de água muito límpida, com grande surpresa de Beder, que, tremendo de medo, continuou a fingir que dormia.

A rainha, tirando água do regato, colocou-a dentro de uma pia, onde havia farinha, e preparou uma pasta, amassando-a por muito tempo; finalmente, introduziu drogas que tirou de diversas caixas, e fez um bolo que

pôs num recipiente coberto. Como havia acendido antes um fogo, tirou algumas brasas, pôs sobre elas o recipiente, e enquanto o bolo cozia, guardou os vasos e caixas de que se servira; em seguida, pronunciando misteriosas palavras, fez desaparecer o regato que corria no meio do quarto. Quando o bolo ficou pronto, tirou-o de cima das brasas e levou-o a um gabinete; depois, tornou a deitar-se com o rei Beder.

Beder, a que os prazeres e os divertimentos tinham feito esquecer o bom Abdalá, lembrou-se dele, e julgou ter necessidade do seu conselho depois do que vira a rainha Labe fazer durante a noite. Logo que se levantou, demonstrou à rainha o desejo de visitá-lo, e rogou-lhe que lhe concedesse permissão. ‘Como, meu caro Beder’, respondeu a rainha, ‘já estais aborrecido, não digo de morar num palácio tão soberbo, mas da companhia de uma rainha que vos ama apaixonadamente e que disso vos dá tantas provas?’

‘Poderosa rainha’, disse Beder, ‘como eu poderia aborrecer-me de tantos favores com os quais tendes a bondade de me cumular? Bem longe disso, senhora, peço sua permissão para dar conta a meu tio das grandes obrigações que vos devo e demonstrar-lhe que dele não me esqueço. Não nego, porém, que em parte solicito esta licença pela seguinte razão: como sei que me estima muito e que há quarenta dias que não me vê, não quero que ele pense que não correspondo aos seus sentimentos.’ ‘Ide’, respondeu a rainha, ‘mas não vos demoreis; lembrai-vos de que não posso viver sem vós.’

Abdalá ficou contentíssimo ao rever o rei Beder; sem considerar a sua posição, abraçou-o ternamente, o mesmo fazendo Beder, de modo que ninguém duvidou de que não fosse realmente seu sobrinho. Quando estavam sentados, Abdalá perguntou: ‘E então, como vos achastes e como vos achais ainda com essa infiel, essa feiticeira?’

‘Até agora’, respondeu Beder, ‘posso dizer que ela tem tido para comigo todo tipo de consideração para melhor me convencer de que me ama perdidamente. Mas esta noite percebi uma coisa que me dá uma justa razão para suspeitar que tudo quanto ela tem feito é apenas dissimulação. Pensando que eu estivesse dormindo profundamente, levantou-se e afastou-se de mim com grande precaução. Pus-me a observá-la, fingindo sempre que dormia.’

Continuando a narrativa, Beder contou ao ancião tudo o que vira fazer; e terminando, acrescentou: ‘Até agora confesso que quase me esqueci dos vossos avisos quanto à sua maldade; mas essa ação me faz temer que ela não manterá a palavra que vos deu com tão solene juramento. Lembrei-me de vós imediatamente e considero-me feliz por haver ela permitido que eu viesse visitá-lo.’

‘Não vos enganastes’, respondeu Abdalá com um sorriso que mostrava não ter ele mesmo acreditado que ela procedesse de outra maneira; ‘nada é capaz de obrigar essa pérfida a melhorar. Mas nada temais, conheço o meio de fazer com que o mal que vos destina recaia sobre ela mesma. Suspeitastes bem e não podeis ter feito melhor do que recorrer a mim. Como não mantém os seus amantes mais do que quarenta dias, em vez de mandá-los embora simplesmente os transforma em animais com que enche os campos e os bosques; desde ontem tomei medidas para impedir que vos trate da mesma maneira. Já faz tempo demais que o mundo aguenta esse monstro: é necessário que ela mesma seja tratada como merece.’

Terminando, deu Abdalá dois bolos a Beder e pediu-lhe que os guardasse até o momento oportuno. ‘Dissestes-me’, continuou, ‘que a feiticeira fez um bolo esta noite; destina-se a vós, não duvideis, mas guardai-vos de prová-lo. Não deixeis, porém, de pegá-lo quando ela vo-lo apresentar, e em vez de levá-lo à boca, substituí-o por um dos dois que acabo de vos dar sem que ela o perceba. Logo que ela acreditar que comestes o que vos ofereceu, não deixará de começar a transformar-vos em animal. Nada conseguindo, há de fingir que é uma brincadeira, para causar-vos um pouco de medo; no entanto, dominá-la-á mortal desespero e imaginará que omitiu alguma coisa na composição do bolo. Quanto ao outro, obrigue-a a comê-lo. Obedecerá para fazer-vos crer que não desconfia de vós, depois de vos ter dado razão de desconfiar dela. Quando tiver comido, atire ao seu rosto um pouco de água e diga: ‘Deixai esta forma e tomai a do animal que mais vos agrada. Vinde, em seguida, procurar-me, com o animal, e eu vos direi o que será preciso fazer.’

Beder demonstrou ao ancião sua gratidão pelo interesse com que procurava impedir que uma feiticeira tão perigosa praticasse um ato de

maldade contra ele, e voltou ao palácio. Ao chegar, soube que a feiticeira o aguardava no jardim com grande impaciência. A rainha Labe, mal o viu, correu-lhe ao encontro, e lhe disse: ‘Caro Beder, tem razão quem afirma que nada revela melhor a força do amor que o afastamento de quem se ama. Não tive tranquilidade, depois que vos ausentastes, e parece-me que há anos que não vos vejo! Se tivésseis demorado mais um pouco, eu teria me preparado para ir buscá-lo.’

‘Senhora’, respondeu o rei Beder, ‘posso vos assegurar que não foi menor a minha impaciência em revê-la; mas não pude recusar alguns momentos de conversa a um tio que me ama e que não me tinha visto por tanto tempo. Quis deter-me, mas consegui deixá-lo para vir ter aonde o amor me chama; do que me ofereceu para comer trouxe-vos um bolo.’ Beder, que havia embrulhado um dos bolos num lenço bem limpo, apresentou-o: ‘Senhora, aceite-o.’

‘Aceito-o de bom coração’, respondeu a rainha, tomando-o, ‘e o comerei com prazer por amor a vós e ao vosso tio, meu bom amigo; mas antes quero que por amor a mim experimenteis este que preparei durante a vossa ausência.’ ‘Formosa rainha’, respondeu Beder, recebendo-o com respeito, ‘mãos como as vossas não podem fazer nada que não seja excelente; não saberei nunca vos agradecer o bastante.’

O rei substituiu habilmente o bolo da rainha pelo outro que o ancião lhe dera; e tirando um pedaço, levou-o à boca. ‘Ah, minha rainha!’, exclamou, ‘nunca experimentei coisa mais saborosa!’ Como estavam perto de uma fonte, a feiticeira, pegando um pouco de água com as palmas das mãos, lançou-a a seu rosto:

‘Infeliz’, disse-lhe, ‘deixa a forma de homem, e toma a de um cavalo feio, cego e coxo!’

Essas palavras não surtiram efeito, e a feiticeira ficou extremamente surpresa de o rei Beder estar no mesmo estado, dando apenas sinais de grande medo. O rubor cobriu-lhe as faces, vendo que tinha falhado: ‘Caro Beder’, disse-lhe, ‘não é nada, acalmai-vos! Não queria vos fazer mal; pretendia apenas ver o que diríeis. Seria a mais detestável de todas as

mulheres se cometesse tão negra ação, não digo apenas pelos juramentos que fiz, como também pelos sinais de amor que vos dei.’

‘Poderosa rainha,’ respondeu o rei Beder, ‘ainda que esteja convencido de que o fizestes apenas para vos divertir, não posso deixar de estar surpreso. Como não se sentir emocionado quando se ouvem palavras que revelam tão estranha mudança! Mas, senhora, deixemos isso, e como comi do vosso bolo, concedei-me a graça de experimentar o meu.’

A rainha Labe, não podendo justificar-se melhor do que com esse sinal de confiança ao rei dos persas, tirou um pedaço do bolo e comeu. Mal o engoliu, sentiu-se mal e imobilizou-se. Beder não perdeu tempo, e, lançando-lhe água no rosto, gritou:

‘Abominável criatura, abandonai a vossa forma e mudai-vos em égua!’

No mesmo instante, a rainha metamorfoseou-se numa bela égua; e a sua humilhação foi tão grande que chorou sem parar. Curvando a cabeça até os pés de Beder, pareceu querer comovê-lo. Mas, ainda que fosse vencido pela comoção, não poderia reparar o mal feito. Levou a égua ao estábulo do palácio, para que um palafrenero a selasse; mas nenhuma das selas serviu. Mandou, então, selar outros dois animais, e ordenou que o palafrenero o seguisse até a casa de Abdalá, conduzindo a égua.

Abdalá, que reconheceu de longe o rei Beder com a égua, certificou-se imediatamente de que ele havia feito o que fora recomendado. ‘Maldita feiticeira!’, disse com alegria, ‘o céu enfim te castigou como merecias.’ Beder, apeando-se, entrou na loja de Abdalá, a quem abraçou, agradecendo-lhe o serviço prestado. Contou-lhe o que havia se passado, e disse-lhe que não encontrara rédeas nem sela apropriadas à égua. Abdalá, possuidor de uma sela que servia a qualquer cavalo, selou pessoalmente a égua, e mal Beder despediu o palafrenero, disse-lhe: ‘Senhor, não tendes mais necessidade de permanecer nesta cidade; montai a égua e voltai ao vosso reino. A única coisa que vos devo recomendar é, no caso de vos desfazer dela, não a entregardes com a sela.’ Beder prometeu-lhe que se lembraria e, dizendo-lhe adeus, partiu.

O jovem rei dos persas, mal abandonando a cidade, sentiu toda a alegria de ter se livrado de tão grande perigo e de ter à sua disposição a feiticeira de

quem tinha tanta razão para desconfiar. Três dias depois, chegou a uma grande cidade. Nos arredores, encontrou um ancião de certa importância que ia a pé a uma casa de diversões. ‘Senhor’, disse-lhe o ancião, parando, ‘posso perguntar-vos de onde vindes?’ Beder deteve-se imediatamente para responder; uma anciã, também passando por ali, parou e começou a chorar, olhando para a égua e dando grandes suspiros.

O rei Beder e o ancião interromperam a conversa, e Beder perguntou a razão que a levava a chorar. ‘Senhor’, ela respondeu, ‘é que a vossa égua se parece tão perfeitamente a uma de meu filho que acreditaria ser a mesma, se não estivesse morta. Vendei-a, rogo-vos, pagarei o que quiserdes.’

‘Boa mulher’, respondeu-lhe o rei Beder, ‘lastimo não poder conceder-vos o que solicitais; a minha égua não está à venda.’ ‘Ah, senhor’, insistiu a velha, ‘não me recuseis, peço-vos em nome de Deus, morreremos meu filho e eu, se nos não concederdes essa graça.’ ‘Boa mulher’, disse o rei Beder, ‘eu a cederia com prazer, se tivesse decidido desfazer-me dela; nesse caso, porém, exigiria mil moedas de ouro.’ ‘Dai-me o vosso consentimento’, retomou a anciã, ‘e eu vos pagarei imediatamente as mil moedas.’

Beder, vendo que aquela criatura estava pobremente vestida, não acreditou que ela dispusesse de tão grande quantia. Para ver se não mentia, disse-lhe: ‘Dai-me o dinheiro, e a égua será vossa.’ Imediatamente ela tirou uma bolsa da cintura e apresentou-a. ‘Apeai-vos’, pediu-lhe, ‘para verificarmos se a quantia está certa. Se não estiver, encontraremos logo o restante, uma vez que a minha casa não é distante.’

A surpresa de Beder foi extrema ao ver a bolsa. ‘Boa mulher’, prosseguiu, ‘não percebeis que o que eu vos disse foi simples gracejo? Repito-vos que a égua não está à venda.’

O ancião que testemunhava toda a conversa tomou então a palavra: ‘Meu filho, é preciso que saibais de uma coisa: não é permitido nesta cidade de maneira nenhuma mentir, sob pena de morte. Assim, não podeis dispensar-vos de pegar o dinheiro desta boa mulher e entregar-lhe a égua, uma vez que ela vos oferece a importância que pedistes. Será melhor proceder sem escândalo do que expor-vos à infelicidade daí resultante.’

Beder, aborrecidíssimo por se ter metido naquele negócio com tão pouca precaução, apeou-se. A anciã, rapidamente, tirou a sela da égua e mais rapidamente ainda tirou com a palma das mãos água de um regato que corria no meio da rua e jogou-a sobre a égua dizendo estas palavras: ‘Minha filha, abandonai esta forma estranha e retornai a vossa.’

A mudança realizou-se num momento, e Beder, que perdeu os sentidos ao ver aparecer a rainha Labe, teria caído por terra, se o ancião não o tivesse amparado.

A anciã, que era mãe da rainha Labe, a quem ensinara todos os segredos da magia, apenas abraçou a filha, fez aparecer com um assobio um gênio horrendo e enorme. O gênio pegou imediatamente Beder, a anciã e a rainha-feiticeira, e transportou-os em poucos momentos ao palácio da Cidade dos Encantamentos.

A rainha, enraivecida, lançou ao rosto de Beder grandes censuras mal se viu de novo no palácio: ‘Ingrato’, disse-lhe, ‘é assim que vosso tio e tu me agradeceis tudo quanto fiz por vós? Farei sentir-vos o que mereceis.’ Calou-se então, e pegando um pouco de água, atirou-lhe ao rosto:

‘Abandonai esta forma e tomai a de um horrendo mocho.’

Essas palavras foram seguidas do efeito. Logo em seguida, ela ordenou a uma das mulheres que colocasse o mocho numa gaiola, e que nunca lhe desse de comer nem de beber.

A mulher retirou-se com a gaiola, e sem levar em consideração a ordem da rainha, deu ao mocho comida e água; ao mesmo tempo, como era amiga de Abdalá, mandou avisá-lo às ocultas do modo pelo qual a rainha acabava de tratar seu sobrinho e do seu plano de matá-los; pedia-lhe, assim, que o impedisse, e cuidasse de salvar-se.

Abdalá reconheceu que era difícil lidar com a rainha Labe. Assobiando de certa maneira, fez com que imediatamente aparecesse um gênio de quatro asas que lhe perguntou por que fora chamado.

‘Ó Raio’, disse-lhe o ancião (Raio era o nome do gênio), ‘trata-se de proteger a vida do rei Beder, filho da rainha Gulnara. Ide ao palácio da feiticeira e levai sem demora à capital dos persas a mulher compassiva encarregada de guardar a gaiola, a fim de que ela informe à rainha Gulnara

do perigo em que se encontra o rei, seu filho, e da necessidade que ele tem de auxílio; não a espanteis ao vos apresentardes a ela, e dissei-lhe o que ela deve fazer.’

Raio desapareceu, para num instante encontrar-se no palácio da feiticeira. Após falar à mulher, transportou-a pelos ares à capital dos persas, onde a pousou no terraço pertencente ao aposento da rainha Gulnara. A mulher, descendo pela escada de comunicação, encontrou a rainha Gulnara e a rainha, sua mãe, conversando sobre a triste causa da sua aflição. Ambas reconheceram, pela narrativa que ela lhes fez, a extrema necessidade de socorro de Beder.

Ouvindo aquela notícia, a rainha Gulnara se alegrou. E, para demonstrar o seu contentamento, levantou-se para abraçar a recém-chegada. Imediatamente depois deu ordens para que soassem os clarins, os timbales e os tambores do palácio a fim de anunciar a toda a cidade que o rei da Pérsia não tardaria em voltar. Ao regressar, encontrou o rei Saleh, seu irmão, que a rainha-mãe mandara vir valendo-se de certa mágica. ‘Meu irmão’, disse-lhe ela, ‘o rei, vosso sobrinho, meu querido filho, encontra-se na Cidade dos Encantamentos em poder da rainha Labe. Vamos buscá-lo, e não podemos perder tempo!’

Saleh reuniu um poderoso exército dos seus Estados marinhos, que logo saiu do mar. Chamou até em seu auxílio os gênios, seus aliados, que apareceram com outro enorme exército. Quando os dois exércitos se uniram, Saleh pôs-se à frente deles com a rainha Farache, a rainha Gulnara e as princesas. Levantando voo, não tardaram em pousar no palácio, e a Cidade dos Encantamentos, onde a rainha-feiticeira, sua mãe, e todos os adoradores do fogo foram destruídos num instante.

A rainha Gulnara recomendou à mulher que fora avisá-la do encantamento do filho que não se ocupasse com a luta e fosse sem perda de tempo buscar a gaiola. Cumprida a ordem, retirou o mocho, e atirando-lhe água por cima, disse-lhe: ‘Meu querido filho, abandonai esta forma estranha e retomai a de homem, que é a vossa.’

No mesmo momento, Gulnara contemplou Beder, seu filho, a quem abraçou imediatamente, louca de alegria. As suas lágrimas completaram a

expressão da sua enorme alegria. Não podia decidir-se a largá-lo, e foi preciso que a rainha Farache a afastasse dele. Depois, Beder foi abraçado pelo rei, seu tio, e pelas princesas, suas parentes.

O primeiro cuidado da rainha Gulnara, depois disso, foi mandar procurar Abdalá, a quem devia a descoberta do paradeiro do rei dos persas. Mal o viu na sua presença, disse-lhe: ‘A gratidão que vos devo é tão grande que não há nada que eu não esteja pronta a fazer para vos demonstrar todo o meu reconhecimento. Dizei-me como posso vos agradecer.’ ‘Poderosa rainha’, respondeu Abdalá, ‘se a mulher que vos enviei quiser consentir em desposar-me, e se o rei dos persas tiver a bondade de me aceitar na sua corte, consagrarei de bom coração o resto dos meus dias ao seu serviço.’ A rainha Gulnara voltou-se imediatamente para o lado da corajosa mulher, e vendo, pelo seu rubor, que não tinha objeção ao casamento, mandou que unissem as mãos, enquanto o rei dos persas e ela cuidavam da sua felicidade.

Esse casamento deu oportunidade ao rei dos persas de tomar a palavra e dirigir-se à sua mãe: ‘Senhora, estou contentíssimo com o casamento que se acaba de realizar; mas ainda resta um no qual deveis pensar.’ A rainha Gulnara não compreendeu a princípio de que união pretendia ele falar; depois de alguns instantes, porém, disse: ‘É do vosso que estais falando! Pois consinto de muito boa vontade.’ E, voltando-se para os súditos marinhos do rei, seu irmão, e para os gênios, pediu-lhes: ‘Parti, visitai todos os palácios do mar e da terra e avisai-nos do paradeiro da princesa mais formosa que encontrardes para destiná-la a meu filho.’

‘Senhora’, respondeu Beder, ‘é inútil que vos entregueis a esse trabalho. Não ignorais certamente que dei o meu coração à princesa de Samandal; vi-a e não me arrependi. Não pode haver na terra nem no mar princesa que se lhe compare. É verdade que, quando lhe declarei o meu amor, ela me tratou de uma maneira capaz de apagar a chama de qualquer outro amante menos inflamado do que eu; mas é desculpável, nem podia tratar-me diversamente, depois da detenção do rei, seu pai, cuja causa inocente afinal sou eu mesmo. Talvez o rei de Samandal tenha mudado de opinião, e ela já não sinta dificuldade em me amar com o consentimento paterno.’

‘Meu filho’, disse-lhe a rainha Gulnara, ‘se no mundo não há outra criatura que vos possa fazer feliz senão a princesa Djauara, não me oporei ao vosso casamento. O rei vosso tio mandará vir o rei de Samandal, e veremos imediatamente se ele continua tão intratável como antes.’

Durante a prisão por ordem do rei Saleh, o rei de Samandal tinha sido sempre tratado com grande consideração e chegara a entrar em boas relações com os oficiais que o vigiavam. O rei Saleh ordenou que lhe trouxessem um fogareiro dentro do qual atirou certa composição, ao mesmo tempo que proferia palavras misteriosas. Quando a fumaça começou a levantar-se, o palácio estremeceu e imediatamente apareceu o rei de Samandal com os oficiais do rei Saleh. O rei dos persas se lançou aos seus pés; depois, ajoelhando-se, disse-lhe: ‘Majestade, não é o rei Saleh que vos pede a honra da vossa aliança para o rei dos persas, é o próprio rei dos persas quem vos roga esta graça. Não posso acreditar que pretendeis ser a causa da morte de um rei que só viverá com o amor da formosa Djauara.’

O rei de Samandal não permitiu que o rei dos persas continuasse aos seus pés. Abraçando-o, obrigou-o a levantar-se: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘muito me entristeceria contribuir para a morte de um monarca tão digno da vida. Se é verdade que vida tão preciosa só pode ser conservada com a posse de minha filha, vivei, senhor, que ela vos pertence. Tendo sido sempre muito submetida à minha vontade, não creio que se recuse.’ Terminando, incumbiu um dos oficiais que o rei Saleh lhe havia concedido de ir buscar a princesa imediatamente.

Djauara havia continuado no mesmo lugar onde o rei dos persas a encontrara. O oficial não tardou em voltar acompanhado por ela e pelas suas escravas. O rei de Samandal abraçou-a. ‘Minha filha’, disse-lhe, ‘destino-vos um esposo, o rei dos persas, o melhor soberano que existe no mundo. A preferência com que ele vos honra nos obriga, a vós e a mim, a patentear-lhe a nossa gratidão.’

‘Senhor’, respondeu Djauara, ‘bem sabeis que nunca vos faltei ao respeito devido. Estou pronta a obedecê-lo e espero que o rei dos persas se esqueça do desgosto que lhe causei. Acho que é bastante justo para compreender que eu não podia faltar ao meu dever.’

Celebrou-se o casamento no palácio da Cidade dos Encantamentos, com grande solenidade, tanto que da festa participaram todos os amantes da rainha-feiticeira, que haviam retomado a sua forma no momento em que ela deixara de existir, e queriam apresentar seus agradecimentos ao rei dos persas, à rainha Gulnara e ao rei Saleh. Eram todos filhos de reis, príncipes ou membros das classes mais elevadas.

Saleh devolveu ao rei de Samandal todos os seus Estados, e o rei da Pérsia, no ápice da ventura, voltou à capital dos persas com a rainha Gulnara, a rainha Farache e as princesas. Estas ali se demoraram até que Saleh fosse buscá-las para levá-las de volta ao reino do mar.

A HISTÓRIA DE GANEM, FILHO DE ABU AIRU, ESCRAVO DO AMOR

— Senhor — disse Sherazade ao sultão da Índia —, “havia antigamente em Damasco um mercador que pelo seu zelo e pelo seu trabalho acumulara grandes bens, vivendo dignamente. Abu Airu era seu nome, e tinha um filho e uma filha. O filho, a princípio, foi conhecido por Ganem; mais tarde, porém, passou a ser chamado Escravo do Amor. Muito famoso, o seu espírito, já por natureza excelente, fora aprimorado por ótimos mestres que seu pai tivera o cuidado de lhe proporcionar; a filha, conhecida por Força dos Corações, era tão bela que os que a viam não podiam deixar de amá-la.

Abu Airu, um dia, morreu, deixando uma imensa riqueza. A menor parte era constituída por cem cargas de brocado e outras fazendas de seda, depositadas nas suas lojas. As cargas estavam prontas e sobre cada fardo se lia, em grandes letras: *Para Bagdá*.

Naquele tempo reinava em Damasco, capital da Síria, Maomé, filho de Solimão, cognominado Zinebi. Harun al-Rashid, seu parente, que reinava em Bagdá, dera-lhe esse reino como tributário.

Pouco tempo depois da morte de Abu Airu, conversava Ganem com sua mãe sobre os negócios da casa. E a respeito das mercadorias que se achavam nas lojas perguntou o que significavam as palavras escritas sobre cada fardo. ‘Meu filho’, respondeu-lhe a mãe, ‘vosso pai viajava tanto a uma província como a outra, e costumava, antes da partida, escrever sobre cada fardo o nome da cidade para a qual tencionava ir. Pusera todas as coisas em ordem para a viagem a Bagdá, e estava pronto para partir quando a morte...’ Não teve forças para acabar; a saudade do marido não lhe permitiu continuar e ela pôs-se a chorar.

Ganem não pôde ver sua mãe aflita sem entristecer-se também. Ficaram alguns momentos sem falar; mas, finalmente, Ganem refez-se, e quando viu sua mãe em estado de poder ouvi-lo, tomou a palavra: ‘Uma vez que meu

pai destinou estas mercadorias a Bagdá, vou preparar-me para essa viagem. Acredito até que seja bom apressar a minha partida, pois tenho medo que estas mercadorias se estraguem, ou que percamos a ocasião de vendê-las vantajosamente.’

A viúva de Abu Airu, que amava seu filho ternamente, alarmou-se com aquela decisão. ‘Meu filho’, respondeu-lhe, ‘só posso vos elogiar por quererdes imitar vosso pai, mas lembrai-vos de que sois ainda muito jovem, sem experiência, e de maneira nenhuma acostumado à fadiga das viagens. Ademais, quereis abandonar-me e acrescentar nova dor à que já me acabrunha? Não será melhor vender essas mercadorias aos mercadores de Damasco e contentar-nos apenas com um lucro razoável?’

Foi-lhe inútil querer combater com boas razões o plano de Ganem. Ele não cedeu. A vontade de viajar e de aperfeiçoar o espírito por um conhecimento do mundo impeliu-o a partir tanto que o irritaram os pedidos, as preces e até as lágrimas de sua mãe. No mercado de escravos, comprou um dos mais fortes, alugou cem camelos, e depois de se abastecer de todas as coisas necessárias, pôs-se a caminho com cinco ou seis mil mercadores de Damasco que iam negociar em Bagdá.

Esses mercadores, seguidos de todos os seus escravos e acompanhados de outros viajantes, compunham uma caravana tão grande que não eram de temer os beduínos, isto é, os árabes, que não têm outra profissão senão a de lutar, atacar e roubar as caravanas quando não são bastante fortes para repelir os seus ataques. Só tiveram, pois, de enfrentar as fadigas habituais de uma longa jornada, do que se esqueceram facilmente diante de Bagdá, onde chegaram felizmente.

Iam apaar-se no khan mais magnífico e melhor frequentado da cidade, mas Ganem, que queria ser hospedado confortável e separadamente, contentou-se em deixar ali as suas mercadorias numa loja, para que estivessem seguras, e alugou nas vizinhanças uma bela casa ricamente mobiliada, com um jardim muito agradável semeado de lindas fontes e bosques.

Alguns dias depois de o jovem mercador ter se estabelecido nessa casa, já completamente reffeito da fadiga da viagem, vestiu-se bem e foi à praça

pública onde se reuniam os mercadores para vender ou comprar mercadorias, seguido de um escravo que carregava um pacote de algumas peças de fazenda e materiais finos.

Os mercadores acolheram Ganem com simpatia, e o seu chefe, a quem ele se dirigiu primeiro, comprou o pacote pelo preço marcado em cada peça de fazenda. Ganem teve tanta sorte que vendeu toda a mercadoria.

Não lhe restava mais que um fardo que mandara tirar da loja e levar para a sua casa quando um dia foi à praça pública, onde encontrou todas as lojas fechadas. Parecendo-lhe estranho, perguntou a causa, e foi informado de que um dos primeiros mercadores, que não lhe era conhecido, morrera, e que todos os seus companheiros, conforme o costume, tinham ido ao seu enterro.

Ganem, informado da mesquita onde devia realizar-se a prece, mandou de volta o escravo com as mercadorias e dirigiu-se à mesquita, onde chegou quando a prece, que se realizava numa sala coberta de cetim preto, ainda não estava terminada. Os parentes, os mercadores e Ganem acompanharam o corpo até o sepulcro, que se achava fora da cidade, bem longe. Era uma construção de pedra em forma de redoma, destinada a receber os corpos de toda a família do falecido; sendo pequeno, instalaram-se tendas ao redor para que todos ficassem protegidos durante a cerimônia. Aberto o túmulo e colocado o corpo, fecharam-no novamente. Em seguida, o imã e os outros ministros da mesquita sentaram-se sobre um tapete embaixo da tenda principal e recitaram o resto das preces. Leram também capítulos do *Alcorão* prescritos para os enterros. Parentes e mercadores, a exemplo dos ministros, sentaram-se ao redor, atrás deles.

Já era quase noite quando tudo terminou. Ganem, que não tinha esperado cerimônia tão longa, começou a se inquietar, e a sua inquietude aumentou quando viu que se servia uma refeição em memória do defunto, conforme o uso de Bagdá. Disseram-lhe até que as tendas não tinham sido feitas apenas contra os rigores do Sol, mas também contra a neblina, visto que se voltaria à cidade apenas no dia seguinte. Essas palavras alarmaram Ganem. ‘Sou estrangeiro’, pensou, ‘e passo por mercador rico; os ladrões podem se aproveitar da minha ausência e roubar a minha casa. Até os meus

escravos serão tentados por tão bela ocasião; se fugirem com o meu ouro recebido pelas mercadorias, ainda irei encontrá-los?’ Muito ocupado com esses pensamentos, comeu alguma coisa depressa e deixou a companhia sem que os outros percebessem.

Apressou o passo para chegar mais depressa, mas como acontece frequentemente, quanto mais pressa se tem tanto menos se avança, tomou um caminho pelo outro e perdeu-se na escuridão, de modo que já era quase meia-noite quando chegou à porta da cidade. Por cúmulo de má sorte, achou-a fechada. Esse contratempo causou-lhe novo aborrecimento, e foi forçado a procurar um abrigo onde pudesse passar o resto da noite e esperar que a porta se abrisse. Entrando num grande cemitério que se estendia atrás da cidade, avançou até os muros bastante altos que cercavam um pequeno campo que constituía o cemitério particular de uma família, e onde havia uma palmeira. Viam-se ainda numerosos cemitérios particulares, nos quais não se tinha o cuidado de fechar as portas. Assim, Ganem, notando que estava aberto aquele em que se erguia a palmeira, entrou, e fechando a porta, deitou-se sobre a relva, esforçando-se para adormecer; mas a inquietude por se ver fora de casa o impediu. Levantou-se, e depois de ter passado e repassado algumas vezes diante da porta, abriu-a; imediatamente notou uma luz distante que parecia vir na sua direção. Aquilo deu-lhe medo; empurrou a porta e trepou prontamente na palmeira, que lhe pareceu o abrigo mais seguro.

Mal se instalou, com o auxílio da luz que o tinha espantado viu entrar no cemitério três homens que reconheceu como escravos por suas vestes. Um deles caminhava na frente com uma lanterna, e os outros dois o seguiam carregando um cofre com cinco ou seis pés de comprimento; parando, puseram-no no chão, e um dos três disse aos dois compadres: ‘Irmãos, deixemos aqui este cofre e retomemos o caminho para a cidade.’ ‘Não, não’, respondeu outro, ‘não é assim que se devem executar as ordens que a nossa ama nos dá. Poderemos nos arrepender; enterremos o cofre, uma vez que assim nos mandaram fazer.’ Os outros dois escravos, convencidos, começaram a remover a terra com pás; feita uma cova profunda, lá depositaram o cofre, para depois recobri-lo. Em seguida, abandonaram o lugar.

Ganem, que do alto da palmeira ouvira as palavras dos escravos, não sabia o que pensar. Julgou que o cofre contivesse alguma coisa preciosa, e que a pessoa a quem pertencia tinha sérias razões para escondê-lo no cemitério. Decidindo averiguar, desceu. A partida dos escravos livrara-o do medo. Começou imediatamente a cavar, valendo-se dos pés e das mãos; em pouco tempo viu o cofre; mas encontrou-o fechado com um pesado cadeado. Aborrecido com o novo obstáculo que o impedia de satisfazer sua curiosidade, foi auxiliado pelo despontar do dia, que lhe mostrou grandes pedras. Escolhendo uma delas, não teve muito trabalho para forçar o cadeado. Então, cheio de impaciência, abriu o cofre. Em vez de achar dinheiro, como supunha, ficou estarecido ao se lhe deparar uma jovem senhora de beleza sem igual. Pela sua cor rosada, e por uma leve respiração regulada, reconheceu que ainda vivia; mas não conseguiu compreender como, se apenas estava adormecida, não a acordou o barulho feito por ele ao forçar o cadeado. Usava um vestido magnífico, pulseiras, brincos de diamantes e um colar de grandes pérolas; Ganem não duvidou um momento de que se tratasse de uma das primeiras senhoras da corte. Diante de pessoa tão bela, não somente a piedade e a inclinação natural para socorrer vidas em perigo, como também alguma coisa mais forte que Ganem não podia ainda compreender, o determinaram a dar à formosa jovem todo o auxílio que dele dependia.

Antes de tudo, foi fechar a porta do cemitério, que os escravos tinham deixado aberta; em seguida, tirou aquela mulher do caixão e deitou-a no chão. Apenas ficando exposta ao ar livre, a enterrada espirrou e com um pequeno esforço feito ao voltar a cabeça, expeliu pela boca um líquido; depois, entreabrindo e esfregando os olhos, gritou com uma voz que Ganem, a qual ela não via, achou adorável. ‘Flor de Jardim, Ramo de Coral, Cana-de-açúcar, Luz do Dia, Estrela da Manhã, Delícias do Tempo, falai, dizei-me, onde estais?’ Eram os nomes das escravas que costumavam servi-la. Ela se surpreendeu ao ver que ninguém respondia. Finalmente, abriu os olhos e vendo-se num cemitério, sentiu-se dominada pelo terror: ‘Como’, gritou mais forte que antes, ‘os mortos ressuscitam? Estamos no Dia do Julgamento? Que mudança estranha da noite para o dia!’

Ganem não quis deixá-la por mais tempo naquela inquietação. Apresentando-se com todo respeito e honestidade, disse-lhe: ‘Senhora, só fracamente posso expressar a minha alegria por ter podido prestar-vos um serviço e por poder oferecer-vos o auxílio que tendes necessidade no estado em que vos achais.’

Para que a dama adquirisse confiança nele, disse-lhe primeiro quem era e por que se achava no cemitério. Contou-lhe, em seguida, a chegada dos três escravos e o modo pelo qual tinham enterrado o caixão. A dama, que velara o rosto mal Ganem se apresentara, ficou vivamente comovida. ‘Dou graças a Deus’, respondeu-lhe, ‘por ter me enviado um homem honesto como vós para salvar-me da morte. Mas, visto que começastes obra tão caridosa, rogo-vos não deixá-la imperfeita. Ide, por favor, à cidade buscar uma almocreve e um animal a fim de que eu possa voltar para casa nesse mesmo cofre; se fosse convosco a pé, o meu traje, diferente do das damas da cidade, atrairia a atenção e alguém seria capaz de seguir-me, o que é muito importante evitar. Quando estiver em vossa casa vós sabereis quem sou; entretanto, podeis estar certo de que não prestastes serviço a uma ingrata.’

Antes de separar-se da dama, o jovem mercador tirou o cofre da cova, tornou a pôr nele a dama e fechou-o de tal modo que não parecia ter sido forçado o cadeado. Mas, com medo que ela sufocasse, proporcionou-lhe uma entrada de ar. Saindo do cemitério, fechou a porta, e como a porta da cidade estivesse aberta, conseguiu o que almejava. Voltando ao cemitério, ajudou o almocreve, e para tirar-lhe qualquer suspeita, disse-lhe que chegara de noite com um almocreve que, apressado para voltar, descarregara o cofre no cemitério.

Ganem, que depois da sua chegada a Bagdá só havia se ocupado com os seus negócios, e não tinha ainda experimentado o amor, sentiu então os seus primeiros efeitos. A inquietação com a qual seguiu de longe o almocreve e o medo de que acontecesse no caminho algum acidente à dama demonstraram-lhe quais eram os seus verdadeiros sentimentos. A sua alegria foi extrema quando, ao chegar felizmente, viu descarregar o cofre. Despediu o almocreve e, mandando fechar a porta por um dos escravos, abriu o cofre, ajudou a dama a sair, deu-lhe a mão e conduziu-a ao seu aposento,

lamentando-a por ter sofrido naquela estreita prisão. ‘Sofri’, disse ela, ‘mas estou recompensada pelo que fizestes por mim e pelo prazer que sinto de me ver em segurança.’

O aposento de Ganem, ricamente mobiliado, atraiu menos os olhares da dama do que o bom aspecto do seu salvador, cuja cortesia e maneiras lhe inspiraram uma viva gratidão. Sentou-se no sofá, e para demonstrar ao mercador como apreciava o serviço que dele recebera, tirou o véu. Ganem, por sua vez, sentiu toda a ventura de ver que ela lhe mostrava o rosto descoberto, ou melhor, sentiu toda a sua violenta paixão. Independentemente de qualquer obrigação que ela pudesse ter para com ele, considerou-se bem recompensado por tão precioso favor.

A dama, penetrando os sentimentos de Ganem, não se alarmou, visto que ele parecia respeitador. Ganem, notando que ela precisava comer, e não querendo confiar a ninguém o cuidado de festejar tão encantadora hóspede, saiu, seguido por um escravo, e foi a um hospedeiro encomendar uma refeição. Do hospedeiro passou para um fruteiro, onde escolheu os mais belos e melhores frutos. Também comprou vinho excelente e pão do que se comia no palácio do califa.

Ao voltar, fez com as suas próprias mãos uma pirâmide de todas as frutas que tinha comprado, e servindo-as ele mesmo numa finíssima travessa de porcelana, disse-lhe: ‘Senhora, enquanto esperais iguarias mais dignas de vós, escolhei, por favor, algumas destas frutas.’ Ele queria permanecer de pé, mas ela respondeu que não tocaria em nada se ele não se sentasse e comesse também. Ganem obedeceu; depois de alguns bocados, percebendo que o véu da dama tinha frisos de ouro, quis examiná-lo. A dama imediatamente o entregou a Ganem, perguntando se ele sabia ler. ‘Senhora’, respondeu Ganem com modéstia, ‘um mercador faria mal os seus negócios se não soubesse ler e escrever.’ ‘Nesse caso, leia as palavras escritas neste véu; será mais um motivo para eu vos contar a minha história.’

Ganem pegou o véu e leu: ‘Pertença-vos e vós pertenceis a mim, o descendente do tio do profeta!’ Esse descendente do tio do profeta era o califa reinante Harun al-Rashid, oriundo de Abas, tio do profeta.

Ganem, compreendendo o sentido das palavras, respondeu: ‘Ah, senhora, acabo de vos devolver a vida, e estas letras me dão a morte! Não compreendo tudo, mas vejo, por aí, que sou o mais infeliz dos homens. Desculpai-me, senhora, a minha liberdade em vo-lo dizer; não pude ver-vos sem vos entregar o coração; vós não ignorais que eu não podia deixar de vo-lo ceder, e é o que faz a minha temeridade perdoável. Propunha-me comover-vos com o meu respeito, os meus cuidados, as minhas complacências, as minhas assiduidades, a minha submissão, a minha constância; e apenas concebi tão lisonjeiro plano, vejo falhar todas as minhas esperanças. Não sei se poderei resistir por muito tempo a tão grande infelicidade, mas suceda o que suceder, terei o conforto de morrer pertencendo inteiramente a vós. Terminai, senhora, rogo-vos, terminai a vossa explicação.’

Não pôde falar sem chorar. A dama se comoveu. Longe de se queixar da declaração que acabara de ouvir, sentia uma secreta alegria, porque o seu coração começava a deixar-se vencer. Mas dissimulou, e como se não tivesse prestado atenção às palavras de Ganem, disse-lhe: ‘Não vos teria mostrado o véu, se tivesse sabido que vos causaria tão grande desgosto; não vejo o que vou dizer-vos que possa tomar a vossa sorte tão deplorável como imaginais. Sabereis, pois, que me chamo Tormenta, nome que me foi dado por julgarem que o meu simples olhar causaria grandes males. Não vos deve ser desconhecido, porque não há ninguém em Bagdá que não saiba que o califa Harun al-Rashid, meu amo e soberano, e vosso, tem uma favorita assim chamada. Fui levada para o seu palácio quando criança e fui educada com todo o cuidado tido pelas pessoas do meu sexo destinadas a ficarem lá. Aprendo com êxito tudo quanto me ensinam, e isso acrescentado a alguns traços de beleza fez-me ser apreciada pelo califa que me deu um aposento particular perto do dele. Não se deteve aí; designou vinte mulheres para me servirem, com o mesmo número de eunucos, e desde então tem me dado presentes tão valiosos que hoje sou mais rica que qualquer rainha do mundo. Daí podereis julgar que Zobeida, esposa e parente do califa, não via a minha ventura sem sentir ciúme. Apesar de toda a consideração de Harun, ela tem procurado todas as ocasiões possíveis para me matar. Até agora consegui defender-me muito bem das suas armadilhas, mas finalmente sucumbi ao

último esforço do ciúme e sem vós estaria morta a esta hora. Não duvido de que ela tenha subornado uma das minhas escravas, que me deu ontem de noite, ao refresco, uma droga que me fez dormir. Fortalece essa minha suposição o fato de eu possuir, por natureza, um sono muito leve. Zobeida, para executar o seu plano, aproveitou-se da ausência do califa, que há poucos dias foi pôr-se diante das suas tropas para castigar a audácia de alguns reis, seus vizinhos, que se aliaram a fim de guerreá-lo. Sem isso a minha rival, apesar de furiosa, nada teria ousado contra a minha vida. Não sei o que fará para esconder ao califa esta ação, mas vedes que tenho grande interesse em que vós guardeis o segredo. Trata-se da minha vida, não estarei segura na vossa casa enquanto o califa estiver fora de Bagdá. Vós tendes interesse em calar, porque se Zobeida souber o que vos devo, vos castigará por terdes me salvado. Quando o califa voltar, terei de tomar menos medidas de precaução. Acharei um meio de informá-lo de tudo o que se passou, e estou convencida de que terá mais interesse do que em reconhecer um serviço que me devolve ao seu amor.’

Mal a bela favorita de Harun al-Rashid acabou de falar, Ganem tomou a palavra: ‘Senhora’, disse-lhe, ‘agradeço-vos mil vezes por me haverdes dado a explicação que tomei a liberdade de vos pedir, e rogo-vos crer que aqui estais a salvo. Os sentimentos que me inspirastes garantem-vos a minha discrição. Quanto aos meus escravos, confesso que é necessário desconfiar deles. Poderiam faltar à fidelidade que me devem, se soubessem por que acaso e em que lugar tive a sorte de vos encontrar. Mas isso lhes é impossível adivinhar. Ousarei até assegurar-vos que não terão a menor curiosidade. É tão natural aos jovens procurar formosas escravas, que não se surpreenderão de maneira nenhuma ao vos ver aqui, certos de que vos compreí. Acreditarão ainda que terei tido as minhas razões para vos trazer aqui como viram; por isso tranquilizai-vos e convencei-vos de que sereis servida com todo o respeito devido à favorita de um monarca tão poderoso como o nosso. Mas permiti-me declarar-vos, senhora, que nada será capaz de me fazer revogar o presente que vos fiz do meu coração. Nunca me esquecerei de que o que pertence ao amo é proibido ao escravo, mas ameí-vos antes de me dizerdes que pertencíeis ao califa, e não depende de mim vencer uma paixão que, apesar

de malnascida, tem toda a força de um amor fortalecido por uma reciprocidade perfeita. Desejo que o vosso augusto e tão feliz amante vos vingue da maldade de Zobeida chamando-vos de volta; mas quando vos entregardes aos seus desejos, lembrai-vos do infeliz Ganem, que não vos ama menos que o califa. Por mais poderoso que seja este nobre, se sois sensível à ternura, gabo-me de que não desaparecerei da vossa memória. Não pode o califa amar-vos com mais ardor do que eu, e não cessarei de querer-vos independentemente do lugar onde irei morrer depois de vos ter perdido.’

Tormenta, percebendo que Ganem estava tomado pela mais viva dor, comoveu-se, mas vendo o embaraço em que se precipitaria se continuasse a conversa sobre tal assunto, pois sem querer seria levada a fazer aparecer a inclinação que sentia por ele, disse-lhe: ‘Vejo que essas palavras vos fazem sofrer demais; deixemos isso, e conversemos sobre a enorme gratidão que vos devo. Não posso expressar-vos bastante a minha alegria quando penso que sem o vosso socorro estaria agora privada da luz do dia.’

Felizmente para ambos, alguém bateu à porta naquele momento. Ganem se levantou para ver quem era. Um dos escravos lhe anunciou a chegada do hospedeiro. Ganem, que por maior precaução não queria que os escravos entrassem no quarto onde estava Tormenta, foi pegar o que o hospedeiro havia preparado, e ele mesmo serviu a bela hóspede, que ficou contentíssima com os seus cuidados.

Depois da refeição, Ganem tirou a mesa, e depois de repor tudo diante da porta do quarto, disse para Tormenta: ‘Senhora, talvez desejeis repousar. Deixo-vos e quando tiverdes descansado um pouco me vereis pronto a receber as vossas ordens.’ Terminando, saiu para comprar duas escravas; comprou também roupas e tudo o que podia servir para ornar a favorita do califa. Levou as duas escravas para casa, e apresentando-as a Tormenta, disse-lhe: ‘Senhora, uma criatura como vós necessita de pelo menos duas escravas; aceitai, pois, estas.’

Tormenta admirou a atenção de Ganem. ‘Senhor’, respondeu-lhe, ‘vejo que não sois homem para fazer as coisas pela metade. Aumentais com os vossos modos a gratidão que vos devo, mas espero não morrer como ingrata

e que os céus me ofereçam logo a oportunidade de agradecer todas as vossas generosidades.’

Quando as escravas se retiraram para outro aposento, a um aceno do mercador, sentou-se este no sofá em que estava Tormenta, mas a certa distância para mostrar-lhe mais respeito. Tornando a falar da sua paixão, disse coisas emocionantes quanto aos invencíveis obstáculos que lhe tiravam toda a esperança. ‘Não ousar esperar excitar pela minha ternura o menor sentimento num coração como o vosso, destinado ao mais poderoso príncipe do mundo. Ai de mim, na minha infelicidade seria um consolo para mim pensar que não vedes com indiferença o excesso do meu amor!’ ‘Senhor’, respondeu Tormenta. ‘Ah, senhora’, interrompeu-a Ganem, ‘é a segunda vez que me dai a honra de tratar-me de senhor! A presença das escravas impediu-me a primeira vez de vos dizer

o que pensava; em nome de Deus, não me concedais este título de honra que não me convém. Tratai-me, por favor, como vosso escravo. Sou-o, e nunca deixarei de sê-lo.’

‘Não, não!’ interrompeu-o por sua vez Tormenta, ‘guardar-me-ei de tratar assim o homem a quem devo minha vida. Seria uma ingrata. Deixai-me seguir os impulsos da minha gratidão e não exijais como preço dos vossos benefícios que eu proceda desonestamente para convosco. É o que nunca farei. Sinto-me por demais comovida com o vosso respeito e confesso-vos que não vejo com indiferença todos os cuidados que me dispensais. Nada mais posso dizer-vos. Sabeis as razões que me condenam ao silêncio.’

Ganem ficou radiante com aquela declaração, e chorou de alegria. Não achando palavras bastante adequadas para agradecer a Tormenta, contentou-se em lhe dizer que, sabendo o que era devido ao califa, não ignorava, por outro lado, que o que pertence ao amo é proibido ao escravo.

Percebendo que a noite se aproximava, levantou-se para ir buscar uma vela. Trouxe-a pouco depois, bem como o necessário para uma refeição conforme o costume de Bagdá, onde, depois de uma boa refeição ao meio-dia, se passam as primeiras horas da noite comendo frutas, bebendo vinho e conversando agradavelmente até a hora de deitar.

Ambos se puseram à mesa. Primeiro ofereceram-se frutas. Sem sentirem, a excelência do vinho os fez beber duas ou três taças, após o que decidiram não mais beber sem cantar antes algumas canções. Ganem cantou versos que compunha de improviso e que expressavam a força da sua paixão; e Tormenta, animada pelo seu exemplo, cantou também canções que tinham relação com a sua aventura, e nas quais sempre havia alguma coisa que Ganem podia explicar em seu favor. Apesar disso, a fidelidade devida ao califa foi mantida. A refeição demorou muito tempo. A noite já estava bem adiantada e não pensavam ainda em separar-se. Finalmente, Ganem retirou-se para outro aposento, enquanto as duas escravas entravam para servir Tormenta.

Viveram, desse modo, juntos por alguns dias. O jovem mercador só saía para negócios de extrema importância, e assim mesmo se aproveitava do tempo durante o qual a dama repousava; porque não podia decidir-se a perder um único momento que lhe fosse permitido passar ao lado dela. Pensava exclusivamente em sua querida Tormenta, que por sua vez, animada pela inclinação dele lhe confessou não ter-lhe menor amor. Entretanto, apesar da sua paixão, a consideração para com o califa teve o poder de os reter nos limites exigidos, o que lhes tornou mais viva ainda a paixão.

Enquanto Tormenta passava agradavelmente o tempo com Ganem, Zobeida vivia aborrecida no palácio de Harun al-Rashid.

Apenas tinham os três escravos executores da sua vingança levado o cofre sem saber o que continha, e nem mesmo ter a curiosidade de saber, como gente acostumada a executar cegamente as suas ordens, ela se sentiu angustiada. Milhares de reflexões importunas lhe torturaram o repouso. Não podia gozar nem por um momento da doçura do sono, passando a noite a imaginar os meios de esconder o seu crime. ‘Meu esposo’, dizia, ‘ama Tormenta mais que qualquer outra favorita. O que lhe direi quando voltar?’ Ocorreram-lhe alguns estratagemas que não a contentavam, porém, por encontrar sempre neles dificuldades. Vivia ao seu lado uma velha mulher que a tinha educado desde a infância; mandando chamá-la ao despontar o dia, confiando-lhe o segredo, disse-lhe: ‘Minha boa mãe, sempre me ajudastes com os vossos bons conselhos; agora que se trata de acalmar o meu espírito

agitado por um medo mortal, dai-me um conselho, com o qual eu possa contentar o califa.’

‘Minha cara ama’, respondeu-lhe a confidente, ‘teria sido muito melhor não terdes arranjado esse aborrecimento; mas como é um assunto acabado, não falemos mais nele. Pensemos apenas num meio de enganar o Comendador dos Crentes; deveis mandar talhar rapidamente um pedaço de madeira em forma de corpo humano, que nós envolveremos em roupas velhas; depois de fechá-lo num caixão, mandaremos enterrá-lo num canto do jardim do palácio; em seguida, sem perdermos tempo, mandaremos construir um mausoléu de mármore sobre o sepulcro. Há ainda uma coisa, que convém não esquecer; é necessário que vos vistais de luto, vós e as vossas escravas, bem como as de Tormenta, os vossos eunucos e, enfim, todos os oficiais do palácio. Quando o califa voltar e vir o palácio de luto, não deixará de vos perguntar o motivo. Dir-lhe-eis, então, que em consideração a ele prestastes as últimas honras a Tormenta, levada por morte súbita. Dir-lhe-eis que mandastes erguer um mausoléu, e enfim, que prestastes à sua favorita todas as honras que ele mesmo ter-lhe-ia prestado. Como a sua paixão por ela foi extrema, irá, sem dúvida, chorar sobre o seu túmulo. Talvez também’, acrescentou a velha, ‘não acredite que esteja definitivamente morta, poderá suspeitar que vós a expulsastes do palácio por ciúme e considerar todo o luto como artifício para enganá-lo e impedi-lo de mandá-la procurar. Provavelmente mandará desenterrar e abrir o caixão, e é certo que se convencerá da sua morte ao ver um vulto amortalhado. Ser-vos-á grato por tudo o que fizestes e vos demonstrará sua gratidão. Quanto ao pedaço de madeira, encarrego-me de fazê-lo talhar eu mesma por um artesão da cidade que não saberá o fim a que se destina. Quanto a vós, senhora, ordenai à escrava de Tormenta, que lhe deu ontem o refresco, que anuncie às suas companheiras ter acabado de encontrar sua ama morta no leito, a fim de que elas só cuidem de chorá-la sem querer entrar no quarto; mandai-a acrescentar que já vos avisou e que já destes ordem a Mesrur de fazê-la amortilhar e sepultar.’

Mal a confidente acabou de falar, Zobeida tirou um rico diamante do seu cofre, deu-lhe e, abraçando-a, disse: ‘Ah, minha boa mãe, como vos

agradeço! Nunca teria imaginado algo tão engenhoso. Não pode deixar de ter êxito, e sinto que começo a readquirir a minha tranquilidade. Confio-vos, portanto, a busca da estátua de madeira; quanto ao resto, vou dar as minhas ordens.’

A estátua de madeira, uma vez pronta, foi levada pela própria confidente ao quarto de Tormenta, onde ela a amortalhou e a pôs num caixão; em seguida, Mesrur, enganado, mandou levar o caixão para ser sepultado com todas as cerimônias costumeiras no lugar marcado por Zobeida, entre os soluços das escravas da favorita estimuladas pelas lágrimas, gritos e lamentações da mulher que dera o refresco fatal.

Imediatamente, no mesmo dia, Zobeida mandou vir o arquiteto do palácio e o mausoléu não tardou a ficar pronto. As princesas que têm a honra de ser esposas de um príncipe que governa do Levante ao Poente são sempre obedecidas mal pronunciam as suas ordens. Zobeida vestiu-se de luto, assim como toda a corte, o que fez com que a notícia da morte de Tormenta fosse divulgada por toda a cidade.

Ganem foi um dos últimos a saber, porque, como já disse, quase nunca saía. Soube-a, finalmente, um dia. ‘Senhora’, disse à bela favorita do califa, ‘em Bagdá a vossa morte é um fato, e não duvido de que a própria Zobeida esteja convencida disso. Agradeço aos céus por ser eu a causa da vossa vida. Queira Deus que, aproveitando-vos do falso boato, desejeis ligar a vossa sorte à minha e ir comigo para longe daqui e reinar sobre o meu coração. Mas para onde me leva tanta alegria! Não percebo que nascestes para fazer a felicidade do mais poderoso príncipe da Terra e somente Harun al-Rashid é digno de vós. Mesmo que fôsseis capaz de me sacrificar e seguir-me, consentiria eu? Não, porque devo lembrar-me sem cessar que o que pertence ao amo é proibido ao escravo.’

A amável Tormenta, apesar de sensível à ternura de Ganem, tratou de não demonstrar-lhe: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘não podemos impedir que Zobeida triunfe. Pouco me surpreende o artifício de que se serve para encobrir o seu crime; mas deixemos que proceda como queria, porque o seu triunfo será logo seguido de dor. O califa voltará e nós acharemos um meio para informá-lo de tudo o que se passou. Entretanto, tomemos maiores

precauções para que ela não fique sabendo que ainda vivo: já vos disse quais as consequências.’

Prosseguimento da história de Ganem, filho de Abu Airu, o Escravo do Amor

Três meses depois, o califa voltou finalmente a Bagdá, glorioso e vencedor de todos os seus inimigos. Impaciente em rever Tormenta e render-lhe a homenagem dos seus novos louros, entrou no palácio e ficou atônito ao ver seus oficiais todos de luto. Estremeceu sem saber por que, e a sua emoção cresceu quando, ao chegar ao aposento de Zobeida, notou a princesa que se lhe apresentava enlutada, seguida de todas as damas do seu séquito também cobertas de luto. Imediatamente, perguntou-lhe, dominado pela agitação, a causa daquilo. ‘Comendador dos Crentes’, respondeu-lhe Zobeida, ‘vesti-me de luto em virtude de Tormenta, vossa escrava, que morreu tão repentinamente que não foi possível proporcionar-lhe nenhum remédio.’ Quis continuar, mas o califa não lhe deu tempo. Ficou tão impressionado com a notícia que, dando um grande grito, caiu desmaiado nos braços de Djafar, seu vizir, que o acompanhava. Não tardou, porém, em reaver-se, e, com uma voz que denotava toda a sua enorme dor, perguntou onde fora sepultada a sua querida Tormenta. ‘Senhor’, disse-lhe Zobeida, ‘eu mesma me encarreguei do funeral, e nada poupei para torná-lo soberbo. Mande erguer um mausoléu de mármore sobre o lugar da sepultura. Se me permitirdes, eu mesma vos conduzirei.’

O califa não quis que Zobeida se desse àquele trabalho, contentando-se em pedir a Mesrur que o guiasse, acompanhando-o como se encontrava, isto é, em traje de campanha. Quando viu o túmulo coberto por um manto negro, os círios acesos em volta e a magnificência do mausoléu, estranhou por Zobeida ter realizado as exéquias da sua rival com tão grande pompa; e por ser naturalmente desconfiado, duvidou da generosidade de sua mulher e da morte da amante. Zobeida, talvez, aproveitando-se da sua longa ausência, a tivesse expulsado do palácio, com ordem aos escravos de a conduzirem para tão longe que nunca mais se ouvisse falar nela. Não teve outras dúvidas, pois não supunha Zobeida tão má que pudesse atentar à vida da favorita.

A fim de comprovar pessoalmente a verdade, ordenou que se abrisse o túmulo; mas quando viu a mortalha que envolvia o pedaço de madeira, não ousou continuar. Religioso como era, temia ofender a religião, se tocasse o corpo da morta. Assim, teve a certeza da morte de Tormenta. Fechado o túmulo novamente, e julgando-se ele na obrigação de prestar alguns cuidados póstumos à favorita, mandou chamar os ministros da religião, os do palácio e os leitores do *Alcorão*, e enquanto não vinham, ficou no mausoléu, regando com as lágrimas a terra que cobria o corpo da amante. Quando os ministros apareceram, recitou com eles longas preces, após o que os leitores do *Alcorão* leram vários capítulos do livro sagrado.

A mesma cerimônia foi repetida todos os dias durante um mês, de manhã e de tarde, e sempre na presença do califa, do grão-vizir Djafar e dos principais oficiais da corte, todos de luto, assim como o califa, que durante todo aquele tempo não cessou de honrar com lágrimas a memória de Tormenta, sem querer saber de mais nada.

No último dia do mês, as preces e a leitura duraram desde a manhã até o despontar do dia seguinte; finalmente, quando tudo acabou, os presentes se retiraram. Harun al-Rashid, fatigado com tão prolongada vigília, foi descansar no seu aposento e adormeceu num sofá entre duas damas do palácio, uma à cabeceira e outra aos seus pés, ambas bordando em silêncio.

A da cabeceira, chamada Aurora, vendo o califa adormecido, disse baixinho à outra: ‘Estrela da Manhã (pois assim ela se chamava), vou contar-vos uma grande novidade. O Comendador dos Crentes, nosso amo e senhor, terá grande alegria ao despertar, quando souber o que vou lhe dizer. Tormenta não morreu, e goza de excelente saúde.’ ‘Céus!’, exclamou Estrela da Manhã, jubilante, ‘será possível que a bela, a encantadora, a incomparável Tormenta ainda viva?’ Estrela da Manhã pronunciou essas palavras com tamanha vivacidade e tão alto que o califa despertou, perguntando por que lhe havia sido interrompido o sono.

‘Ah, senhor’, respondeu-lhe Estrela da Manhã, ‘perdoai-me a indiscrição; não pude receber imperturbável a notícia de que Tormenta ainda vive. O júbilo proibiu que eu me contivesse.’ ‘Mas, então, onde está ela’, perguntou o califa, ‘se não está morta?’ ‘Comendador dos Crentes’, respondeu Aurora,

‘recebi hoje de um desconhecido um bilhete sem assinatura, mas escrito pela própria mão de Tormenta, que me conta a sua triste aventura, e ordena que eu vo-la conte. Esperava, para desincumbir-me do recado, que tivésseis repousado um pouco; sabia que necessitáveis, e...’ ‘Dai-me, dai-me esse bilhete’, interrompeu-a o califa; ‘fizestes mal em adiar a sua entrega!’

Aurora deu-lhe imediatamente o bilhete. O califa abriu-o com grande impaciência. Tormenta narrava pormenorizadamente tudo quanto se passara, mas demorava-se um pouco demais sobre os cuidados a ela dispensados por Ganem. Harun al-Rashid, ciumento, em vez de se indignar com a desumanidade de Zobeida, só cuidou da infidelidade aparente de Tormenta. ‘Como!’, exclamou, após ler o bilhete, ‘há quatro meses que essa pérfida vive com um mercador cujas atenções tem a desfaçatez de elogiar! Há trinta dias que voltei de Bagdá, e é hoje apenas que ela me envia notícias! Ingrata, enquanto passo os dias a chorá-la, ela os passa a trair-me! Vamos, vingemo-nos de uma infiel e de um jovem ousado que me ultraja.’ Terminando, levantou-se e entrou numa grande sala onde costumava dar audiência aos senhores da corte. Aberta a primeira porta, entraram imediatamente os cortesãos que aguardavam aquele instante. O grão-vizir Djafar prostrou-se diante do trono em que o califa se sentara. Em seguida, levantou-se e ficou de pé perante o amo que lhe disse em tom que ordenava imediata obediência. ‘Djafar, a tua presença é necessária para a execução de uma ordem importante de que vou te encarregar. Escolhe quatrocentos homens da minha guarda, informa-te em primeiro lugar de onde vive um mercador de Damasco, Ganem, filho de Abu Airu, e quando o souberes, vai à sua casa, e manda-a arrasar; mas apodera-te antes de Ganem e traze-me aqui com Tormenta, minha escrava, que com ele vive há quatro meses. Quero castigá-lo e dar um exemplo com o temerário que teve a insolência de faltar-me com respeito.’

O grão-vizir, após receber a ordem, curvou-se reverentemente, pondo a mão sobre a cabeça, para indicar que estava pronto a perdê-la se não obedecesse fielmente, e saiu. A primeira coisa que fez foi mandar perguntar ao síndico dos mercadores de tecidos estrangeiros notícias de Ganem, com ordem especial de descobrir a rua e a casa onde ele vivia. O oficial

incumbido dessa tarefa não tardou em trazer-lhe a informação de que havia meses que Ganem não aparecia e que todos ignoravam o que o retinha em casa, se é que ainda estava lá. O mesmo oficial disse também a Djafar o lugar em que vivia Ganem e o nome da viúva que lhe havia alugado a casa.

O vizir, sem perda de tempo, pôs-se em marcha com os soldados que o califa lhe destinara, foi ao chefe de polícia, a quem ordenou que o acompanhasse, e seguido de grande número de pedreiros e carpinteiros munidos das ferramentas necessárias, chegou à casa de Ganem. A casa era isolada. O vizir dispôs os soldados em volta, a fim de impedir que o mercador escapasse.

Tormenta e Ganem estavam terminando sua refeição. Tormenta sentara-se perto de uma janela que se abria para a rua. Ouvindo ruído, olhou pela cortina, e vendo o grão-vizir que se aproximava com todo o seu séquito, imaginou imediatamente que vinha castigá-la como também a Ganem. Compreendeu que o bilhete fora recebido, mas não esperava tal resposta; pelo contrário, aguardara outra reação do califa. Não sabia quando o príncipe voltara a Bagdá, e embora lhe conhecesse o ciúme, nada temia. Entretanto, vendo o grão-vizir e os soldados, tremeu, não por ela, mas por Ganem. Não tinha dúvida de que saberia justificar-se desde que o califa lhe desse ouvidos. Quanto a Ganem, a quem se afeiçoara mais por inclinação do que por reconhecimento, previa que o rival, irritado, quereria vê-lo e condená-lo, em virtude da sua mocidade. Assim, voltando-se para o mercador, disse-lhe: ‘Ah! Ganem, estamos perdidos! Estão procurando por nós!’ Ganem também olhou pela cortina e ficou tomado de pavor ao perceber os guardas do califa de alfanjes desembainhados e o grão-vizir com o chefe de polícia. Diante daquela cena, imobilizou-se, sem força para pronunciar uma palavra sequer. ‘Ganem’, continuou a favorita, ‘não percamos tempo. Se me tendes amor, pegai imediatamente as vestes de um dos vossos escravos e esfregai no rosto e nos braços fuligem da chaminé. Em seguida, ponde sobre a cabeça alguns destes pratos; o tomarão por copeiro e o deixarão passar. Se vos perguntarem onde está o amo, respondei sem hesitar que se encontra em casa.’ ‘Ah, senhora’, respondeu-lhe Ganem, menos assustado por ele do que por Tormenta, ‘só pensais em mim! Ah! Que será de vós?’ ‘Não vos preocupeis’,

respondeu ela, ‘que eu saberei o que fazer. Quanto ao que deixais nesta casa, espero que um dia vos seja fielmente devolvido, quando a cólera do califa passar; mas evitai-lhe a violência. As ordens que ele dá nos primeiros instantes são sempre funestas.’ A aflição do jovem mercador era tal que ele não sabia o que decidir, e sem dúvida houvera sido surpreendido pelos soldados do califa, se Tormenta não o tivesse obrigado a disfarçar-se. Ganem cedeu, pegou as vestes de um escravo e sujou-se de fuligem; já era tempo, pois naquele mesmo instante bateram à porta, e tudo quanto ambos puderam fazer foi abraçar-se ternamente. Estavam tão vencidos pela dor que não disseram nada. Foi esse o seu adeus. Ganem saiu, finalmente, com alguns pratos na cabeça. Tomaram-no realmente por um copeiro, e não o detiveram. Pelo contrário, o grão-vizir afastou-se para deixá-lo passar, longe de supor que aquele era exatamente o homem tão procurado. Os que acompanhavam o grão-vizir também o deixaram passar, favorecendo-lhe a fuga. Ganem, alcançando uma das portas da cidade, desapareceu.

Enquanto ele fugia à perseguição do grão-vizir Djafar, entrou este na sala onde se achava Tormenta, sentada num sofá, e onde havia grande quantidade de baús repletos de roupas de Ganem e do dinheiro ganho com suas mercadorias.

Mal Tormenta viu entrar o grão-vizir, prosternou-se de rosto contra o chão. E assim, como que disposta a receber a morte, disse-lhe: ‘Senhor, estou pronta a sofrer o castigo que o Comendador dos Crentes pronunciou contra mim.’ ‘Senhora’, replicou-lhe Djafar, prosternando-se também até que ela se levantasse, ‘não queira Deus que alguém ouse colocar sobre vós mão profana! Não tenho a intenção de fazer-vos o menor mal. E não tenho outra ordem senão suplicar-vos que me acompanheis ao palácio com o mercador que vive nesta casa.’ ‘Senhor’, disse a favorita, ‘partamos, estou pronta para seguir-vos. Quanto ao jovem mercador a quem devo a vida, não se encontra aqui. Há quase um mês foi a Damasco a negócios, e até o seu regresso deixou-me encarregada de vigiar os baús que estais vendo. Suplico-vos que os mandeis levar ao palácio e que ordeneis que sejam postos em segurança, a fim de que eu possa manter minha promessa.’

‘Sereis obedecida, senhora’, respondeu Djafar. E imediatamente chamou carregadores, que ordenou que levassem os baús a Mesrur.

Mal os carregadores saíram, Djafar falou ao ouvido do chefe de polícia, encarregando-o de arrasar a casa e de mandar, antes, procurar Ganem, que ele supunha estar escondido, apesar do que lhe dissera Tormenta. Em seguida, saiu, levando com ele a jovem mulher, seguida das duas escravas. Quanto aos escravos de Ganem, ninguém lhes deu atenção.

Quando Djafar abandonou a casa, os pedreiros e carpinteiros começaram imediatamente o seu trabalho destruidor, e tão bem souberam cumprir o dever que em menos de uma hora não restava da construção o menor vestígio. Mas o chefe de polícia, não tendo conseguido descobrir o mercador, apesar de todos os seus esforços, mandou avisar o grão-vizir antes que este chegasse ao palácio. ‘E então’, perguntou-lhe Harun al-Rashid, ao vê-lo entrar, ‘executaste as minhas ordens?’ ‘Sim, meu amo’, respondeu Djafar; ‘a casa onde vivia Ganem está completamente arrasada, e eu vos trago Tormenta, vossa favorita. Está à porta, e vou mandar que entre, se assim me ordenais. Quanto ao mercador, não foi possível encontrá-lo, embora tenha sido procurado por toda parte. Tormenta afirma que ele partiu para Damasco há um mês.’

Nunca se viu cólera como a do califa ao saber que Ganem lhe havia escapado. Quanto à favorita, certo de que não lhe fora fiel, não quis vê-la nem falar-lhe. ‘Mesrur’, disse ao chefe dos eunucos presente, ‘encerra a ingrata e pérfida Tormenta na torre escura.’ Erguia-se a torre perto do palácio, e servia comumente de prisão às favoritas que causavam aborrecimentos ao califa.

Mesrur, acostumado a executar sem demora as ordens do amo, por mais violentas que fossem, obedeceu com pesar, testemunhando a sua dor a Tormenta, que se afligiu ainda mais por ver que o califa se recusara a falar-lhe. Obrigada a ceder ao triste destino, seguiu Mesrur, que a levou à torre escura, onde a deixou.

Entretanto, o califa, irritado, despediu o grão-vizir; e só dando ouvidos ao rancor, escreveu a seguinte carta ao rei da Síria, seu primo e tributário, que vivia em Damasco.

Carta do califa Harun al-Rashid a Maomé Zinebi, rei da Síria

Meu primo, esta carta é para vos fazer saber que Ganem, filho de Abu Airu seduziu a mais formosa das minhas escravas, Tormenta, e fugiu. Peço-vos que o mandeis procurar. Quando estiver em vosso poder, prenda-o com algemas, e durante três dias mande aplicar-lhe cinquenta chicotadas de nervo de boi. Em seguida, ordenai que o conduzam pelas ruas da cidade com um arauto que anuncie: Eis o mais leve dos castigos infligidos pelo Comendador dos Crentes a quem ofende o seu amo e seduz uma das suas escravas. Depois, envie-o a mim, sob minha escolta. Não é tudo; quero que lhe saqueeis a casa e a arraseis; ordenai, em seguida, que sejam transportados os materiais fora da cidade. Além disso, se ele tiver pai, mãe, irmãs, mulheres, filhas e outros parentes, mandai que os dispam; e quando estiverem nus, oferecei-os como espetáculo por três dias seguidos à cidade, com a proibição, sob pena de morte, de serem abrigados. Espero que não tardeis em cumprir a execução do que vos recomendo.

Harun al-Rashid

O califa, após escrever essa carta, confiou-a a um mensageiro, ordenando-lhe que a levasse rapidamente, com alguns pombos, a fim de ser informado mais depressa das medidas de Maomé Zinebi.

Os pombos de Bagdá têm um particular: por mais afastado que seja o lugar a que são levados, voltam a Bagdá mal se veem livres, especialmente quando possuem filhotes. Prende-se-lhes sob as asas um bilhete enrolado, e por esse meio têm-se notícias dos lugares desejados.

O mensageiro do califa caminhou dia e noite para satisfazer a impaciência do seu amo; chegando a Damasco, foi ao palácio do rei Zinebi, que, sentado no trono, recebeu a carta do califa. Maomé reconheceu a letra, levantou-se por respeito, beijou a carta e colocou-a sobre a cabeça, para demonstrar que iria executar com submissão as ordens nela contidas. Abriu-a, então, e mal a leu, desceu do trono, sem perda de tempo montou a cavalo com os principais oficiais da corte. Mandou também avisar o chefe de polícia, que

chegou depressa, e seguido de todos os soldados da guarda dirigiu-se para a casa de Ganem.

Desde que o jovem mercador partira de Damasco, sua mãe não recebera notícia nenhuma dele. Entretanto, os demais mercadores com quem Ganem empreendera a jornada a Bagdá haviam voltado, dizendo-lhe que haviam deixado seu filho em perfeita saúde; mas como não voltava e descuidava de mandar-lhe notícias, não foi preciso mais para que sua afetuosa mãe o julgasse morto. E tão bem se convenceu que até vestiu luto por ele, chorando como se o tivesse visto morrer e ela mesma lhe houvesse cerrado os olhos. Nunca houve mãe que demonstrasse tamanha dor; longe de procurar consolar-se, deleitava-se em alimentar sua tristeza. Mandou construir no meio do pátio da casa uma cúpula, sob a qual colocou uma estátua que representava o filho, coberta por uma mortalha. Passava dias e noites a chorar sob a cúpula, como se o corpo do filho lá estivesse enterrado; fazia-lhe companhia a formosa Força dos Corações, sua filha.

Já fazia tempo que assim se affligiam. A vizinhança, ouvindo-lhes os lamentos, lastimava parentes tão ternos. De repente, Maomé Zinebi bateu à porta, e uma escrava abriu-lhe. Maomé entrou bruscamente, perguntando onde estava Ganem, filho de Abu Airu.

Apesar de a escrava nunca ter visto o rei Zinebi, à vista do séquito adivinhou que devia tratar-se de um dos principais oficiais de Damasco. ‘Senhor’, respondeu-lhe, ‘Ganem, a quem buscais, está morto. Minha ama, sua mãe, está no túmulo que vedes, a chorar-lhe a perda.’ O rei, sem deter-se, mandou que os guardas procurassem Ganem por toda a parte. Em seguida dirigiu-se para o túmulo, onde viu a mãe e a filha sentadas sobre uma simples esteira perto da estátua de Ganem, banhadas em lágrimas. As pobres mulheres velaram-se mal perceberam aquele homem. Mas a mãe, que reconheceu o rei de Damasco, levantou-se e correu a prostrar-se-lhe aos pés. ‘Minha boa senhora’, disse-lhe o rei, ‘ando à procura de vosso filho Ganem. Está aqui?’ ‘Ah, senhor!’, exclamou, ‘há muito, muito tempo que ele não vive! Prouvera a Deus que pelo menos o tivesse enterrado com as minhas próprias mãos e tido o consolo de guardar-lhe os ossos nesta campa! Ah, meu

filho, meu querido filho!...' Quis continuar, mas dominou-a intensa dor que lhe tirou as forças.

Zinebi se comoveu. Era rei, mas de natureza meiga e compassiva. 'Se Ganem é o único culpado', refletiu, 'por que punir mãe e irmã, que são inocentes? Ah, cruel Harun al-Rashid, a que mortificação me expões, fazendo-me ministro da tua vingança e obrigando-me a perseguir pessoas que não te ofenderam!'

Nesse momento, os guardas, voltando, disseram-lhe que as suas buscas haviam sido inúteis. Zinebi convenceu-se: as lágrimas das duas mulheres não lhe permitiam dúvidas. Estava desesperado por se ver obrigado a executar as ordens do califa; mas, apesar de toda a sua piedade, não ousava resolver-se a enganar o ressentimento do califa. 'Minha boa senhora', disse à mãe de Ganem, 'saí deste túmulo, vós e vossa filha. Aqui não estareis seguras.' Saíram elas, e ao mesmo tempo, para preservá-las de qualquer afronta, tirando o manto que o protegia, cobriu-as, ordenando-lhes que não se afastassem dele. Feito isso, mandou entrar a população para começar o saque, realizado com grande avidez, e com gritos que encheram de terror a mãe e a irmã de Ganem, que nada compreendiam. Retiraram os móveis mais preciosos, os baús cheios de riquezas, tapetes da Pérsia e da Índia, coxins guarnecidos de ouro e prata, porcelanas; enfim, levou-se tudo, só ficando as paredes da casa. Que tristeza para as duas mulheres ver o saque dos seus bens sem saber por que eram tão cruelmente tratadas.

Zinebi, após o saque, ordenou ao chefe de polícia que arrasasse a casa e o túmulo; e enquanto cumpriam as suas ordens, levou ao seu palácio Força dos Corações e sua mãe. Ali redobrou-lhes a dor, revelando-lhes as vontades do califa: 'Quer que vos mande despir, e vos exponha nuas aos olhos do povo durante três dias. É com enorme aversão que obedeco a ordens tão cruéis e ignominiosas.' O rei pronunciou essas palavras com uma voz que demonstrava estar definitivamente penetrado de dor e compaixão. Embora o temor de ser destronado lhe impedisse seguir os impulsos da piedade, não deixou de suavizar em parte as ordens de Harun al-Rashid, mandando fazer para mãe e filha grosseiras camisas sem mangas, de um tecido de crina de cavalo.

No dia seguinte, as duas vítimas da cólera do califa foram despidas e vestidas com as camisas de crina. Os cabelos, desalinhados, caíam-lhes sobre os ombros. Força dos Corações tinha-os belissimamente loiros. Nesse estado, foram expostas aos olhos do povo. O chefe de polícia, seguido dos seus homens, as acompanhava. Assim percorreram toda a cidade. Precediam-nas um arauto, que de vez em quando, gritava: *Eis o castigo dos que atraíram a indignação do Comendador dos Crentes.*

Enquanto caminhavam pelas ruas de Damasco, de braços e pés nus, tentando ocultar a sua confusão sob os cabelos com que cobriam o rosto, todo o povo chorava.

As mulheres, sobretudo, olhando-as como inocentes, através das cortinas, e comovidas pela mocidade e beleza de Força dos Corações, choravam. Os próprios meninos, assustados pelos gritos e pelo espetáculo, uniam as suas lágrimas à desolação geral. Finalmente, se os inimigos do Estado tivessem passado pela cidade de Damasco, pondo tudo a ferro e fogo, não haveria maior consternação.

Já era quase noite quando a terrível cena acabou. Mãe e filha voltaram ao palácio do rei Zinebi. Como não estavam acostumadas a caminhar descalças, achavam-se tão cansadas que por um longo tempo ficaram sem sentidos. A rainha de Damasco, vivamente comovida com essa desgraça, apesar da proibição de Harun al-Rashid, enviou-lhes algumas das suas criadas para as consolar com todo tipo de refrescos e um pouco de vinho para que recobrassem as forças perdidas.

As criadas encontraram-nas ainda desmaiadas e quase fora de condições de valer-se do socorro oferecido. Contudo, recobram os sentidos. A mãe de Ganem agradeceu-lhes a boa vontade. ‘Minha boa senhora’, disse-lhe uma das criadas da rainha, ‘muito nos entristecem as vossas dores, e a rainha da Síria, nossa ama, nos proporcionou grande prazer ao nos encarregar de vos auxiliardes. Podemos vos assegurar que ela participa da vossa dor, tanto quanto seu esposo.’ A mãe de Ganem rogou-lhes agradecer mil vezes à rainha, em seu nome e no de Força dos Corações; em seguida, dirigindo-se à que havia falado, disse-lhe: ‘Senhora, o rei não me explicou por que o Comendador dos Crentes nos submete a tantos ultrajes; disse-me que crimes

cometemos.’ ‘Minha boa senhora’, respondeu a mulher, ‘a causa da vossa desgraça vem de vosso filho Ganem, que não está morto, como supondes. Acusam-no de ter raptado a formosa Tormenta, a favorita do califa; e como ele fugiu à cólera do califa, o castigo recaiu sobre vós. Todos condenam o ressentimento do califa, mas todos o temem, e vós vedes que o próprio rei Zinebi não ousa contrariar-lhe as ordens. Portanto, tudo que podemos fazer é lastimar-vos e exortar-vos à paciência.’

‘Conheço meu filho’, respondeu a mãe de Ganem, ‘eu o criei com muito cuidado e no respeito devido ao Comendador dos Crentes. Ele não pode ter cometido o crime de que o acusam, e respondo por sua inocência. Deixo de lamentar-me, porque é para ele que sofro, e porque não está morto. Ah, Ganem’, acrescentou, vencida por um impulso de ternura e alegria, ‘meu querido Ganem, é possível que ainda vivas? Já não lastimo os meus bens, e cheguem aonde chegarem os excessos do califa, perdoo-lhe tudo, visto que os céus me conservaram o filho. Mas minha filha me aflige, e os seus males constituem agora toda a minha dor. Creio, porém, que, sendo boa irmã como é, seguirá o meu exemplo.’

Àquelas palavras, Força dos Corações, aparentemente insensível até então, voltou-se para a mãe, e lançando-lhe os braços ao redor do pescoço, disse-lhe: ‘Sim, minha querida mãe, seguirei sempre o vosso exemplo, seja qual for a causa a que vos leve o vosso amor por meu irmão.’

Mãe e filha, confundindo seus suspiros e lágrimas, abraçaram-se longa e ternamente. Entretanto, as mulheres da rainha, comovidíssimas pela cena, envidaram todos os seus esforços para fazer com que a mãe de Ganem se alimentasse. Ela, para agradar-lhes, comeu um pouco, imitada por Força dos Corações.

Como a ordem do califa mandava que os parentes de Ganem aparecessem por três dias seguidos aos olhos do povo, Força dos Corações e sua mãe serviram de espetáculo no dia seguinte pela segunda vez, desde a manhã até a noite; mas naquele dia e no seguinte, as coisas não se passaram da mesma maneira: as ruas, antes repletas de gente, tornaram-se desertas. Todos os mercadores, indignados com o tratamento dispensado à viúva e à filha de Abu Airu, fecharam suas lojas. As mulheres, em vez de olharem pelas

cortinas, retiraram-se para o interior das suas casas. Não havia ninguém nas praças públicas pelas quais passaram as duas infelizes. Era como se todos os habitantes de Damasco tivessem abandonado a cidade.

No quarto dia, o rei Maomé Zinebi, que desejava executar as ordens do califa, embora não as aprovasse, enviou arautos para todos os bairros da cidade anunciar rigorosa proibição a todos os habitantes de Damasco ou forasteiros, de qualquer condição, sob pena de morte e de ser atirado aos cães após a morte, de oferecer abrigo à mãe e à irmã de Ganem ou de lhes dar um pedaço de pão ou uma gota de água, ou numa palavra, de lhes prestar a menor assistência.

Depois de os arautos fazerem o que o rei lhes havia ordenado, ordenou este que expulsassem mãe e filha do palácio, dando-lhes a liberdade de se dirigirem para onde mais lhes aprouvesse. Mal as viram, todos se apressaram em afastar-se, de tal forma havia impressionado a proibição publicada. Elas notaram que eram evitadas; mas como ignoravam a causa, surpreenderam-se, e a sua surpresa aumentou quando, entrando na rua em que, entre outras pessoas, reconheceram alguns dos seus melhores amigos, os viram desaparecer com a mesma precipitação que os outros. ‘Como!’, disse a mãe de Ganem, ‘estaremos cobertas pela peste? O injusto e bárbaro tratamento a que nos expuseram nos terá tornado odiosas aos nossos próprios concidadãos? Vamos, minha filha, saíamos o quanto antes de Damasco, não fiquemos mais um instante sequer numa cidade onde causamos horror aos nossos próprios amigos.’

Assim, as duas infelizes alcançaram uma das extremidades da cidade e retiraram-se para passar a noite. Ali alguns muçulmanos, impelidos pela compaixão, as encontraram, quando chegou o fim do dia. Traziam-lhe provisões, mas não ousaram deter-se para as consolar, com medo de ser descobertos e punidos como desobedientes das ordens do califa.

Entretanto, o rei Zinebi dera liberdade ao pombo para informar Harun al-Rashid do cumprimento da ordem, dizendo-lhe tudo quanto se passara e suplicando-lhe que lhe mandasse um mensageiro para explicar-lhe o que pretendia fazer da mãe e da irmã de Ganem. Dentro em pouco recebeu pelo mesmo caminho a resposta do califa: devia expulsá-las para sempre de

Damasco. Imediatamente o rei da Síria enviou guardas com ordem de prender mãe e filha, e levá-las a três dias de distância de Damasco.

Os guardas de Zinebi cumpriram o dever; mas menos exatos que o amo na execução das ordens de Harun al-Rashid, deram por piedade a Força dos Corações e a sua mãe algumas moedas para comprar o necessário e a cada uma um alforje para as provisões.

Em tão deplorável situação, elas chegaram à primeira aldeia. As aldeãs as rodearam; e como, através do seu disfarce, demonstravam ser pessoas de boa posição, perguntaram-lhes o que as obrigava a viajar com vestes que pareciam não ser as que habitualmente usavam. Em vez de responder à pergunta, começaram a chorar, o que só serviu para aumentar a curiosidade das camponesas e inspirar-lhes piedade. A mãe de Ganem contou-lhes todo o seu sofrimento e o da filha. As boas camponesas, enternecidas, tentaram consolá-las oferecendo-lhes tudo quanto lhes permitia a sua pobreza. Pediram-lhes que tirassem as camisas de crina de cavalo e as substituíssem por outras que lhes entregaram, com sapatos e gorros para proteger os cabelos.

Dessa aldeia, após agradecerem as caridosas camponesas, Força dos Corações e sua mãe caminharam em direção a Alepo. Costumavam abrigar-se perto das mesquitas, ou no interior das próprias mesquitas para passar a noite; outras vezes alojavam-se nos lugares públicos destinados aos viajantes. Quanto à comida, não lhes faltava. Encontravam-na nos pontos em que se distribui pão, arroz cozido e outras iguarias aos viajantes.

Finalmente chegaram a Alepo, mas não quiseram permanecer ali e, continuando o caminho para o Eufrates, atravessaram o rio e entraram na Mesopotâmia, que percorreram até Mussul. Dali, apesar de todos os males já sofridos, rumaram para Bagdá. Era o lugar para onde as levava o seu desejo, na esperança de encontrar Ganem, embora não pudessem gabar-se de estar numa cidade onde vivia o califa. A sua ternura por ele, apesar de todas as suas desgraças, aumentava em vez de diminuir. Suas conversas giravam sempre em torno dele, e até pediam notícias aos que encontravam. Mas deixemos Força dos Corações e sua mãe e voltemos a Tormenta.

Tormenta continuava encerrada na torre escura desde o dia que fora tão funesto a Ganem e a ela. Entretanto, por mais desagradável que lhe fosse a

prisão, muito mais lhe era a desgraça de Ganem, cuja sorte incerta lhe causava grande inquietação. Não havia momento em que não se queixasse.

Uma noite em que o califa passeava sozinho no recinto do palácio, o que lhe sucedia com frequência, pois era o rei mais curioso do mundo, e muitas vezes nos seus passeios noturnos sabia coisas que se passavam no palácio, que sem isso jamais chegariam ao seu conhecimento, passou perto da torre escura, e crendo ouvir vozes, parou. Aproximando-se da porta para melhor ouvir percebeu distintamente as seguintes palavras que Tormenta, sempre triste pela saudade de Ganem, pronunciou, em voz alta: ‘Ó Ganem, infeliz Ganem, onde estás neste momento? Para que lugar te levou o teu triste destino? Ai! Fui eu que te desgraçei.

Por que não me deixaste morrer miseravelmente, em vez de prestar-me tão generoso auxílio? Que triste fruto colheste dos teus cuidados e do teu respeito? O Comendador dos Crentes, que deveria recompensar-te, te persegue, por me considerar apenas pessoa reservada ao seu leito. Perdestes todos os teus bens e vês-te obrigado a procurar a salvação na fuga. Ah, califa, bárbaro califa, que direis para defender-vos quando vos virdes com Ganem diante do tribunal do Juiz Supremo, e os anjos testemunharem a verdade diante de vós? Todo o poder de que hoje desfrutais e sob o qual treme quase toda a Terra não impedirá que sejais condenado e punido pela vossa injusta violência.’ Calou-se Tormenta, pois os suspiros e as lágrimas a impediram de continuar.

Não foi preciso mais para que o califa percebesse tudo. Viu que, se o que acabava de ouvir era verdade, a favorita estava inocente e que ele dera ordens precipitadíssimas com respeito a Ganem e sua família. A fim de aprofundar um assunto em que a equidade da qual se gabava parecia interessada, voltou imediatamente aos seus aposentos; mal chegou ali, encarregou Mesrur de ir à torre escura e trazer-lhe Tormenta.

O chefe dos eunucos percebeu pela ordem e mais ainda pelo tom do califa que o príncipe pretendia perdoar a favorita, e rejubilou-se, pois amava Tormenta, cuja desgraça o enternecia. Imediatamente correu à torre. ‘Senhora’, disse à favorita com voz em que se lia toda a sua alegria, ‘seguime, por favor; espero que não tornareis a rever esta sórdida torre; o

Comendador dos Crentes deseja falar-vos, e eu tenho um bom pressentimento.’

Tormenta seguiu Mesrur, que a levou à sala do califa. Em primeiro lugar, ela prostrou-se diante do rei, banhada em lágrimas. ‘Tormenta’, disse-lhe ele, sem ordenar que se levantasse, ‘parece-me que me acusas de violento e injusto; quem é que, apesar da consideração que teve para comigo, se encontra em tão mísera situação? Fala, bem sabes como sou bom naturalmente e como gosto de fazer justiça.’

A favorita compreendeu que o califa a ouvira falar, e valendo-se de tão bela ocasião para justificar o seu querido Ganem, respondeu-lhe: ‘Comendador dos Crentes, se me escapou palavra que não vos seja agradável, suplico-vos humildemente perdão. Mas aquele cuja inocência e miséria quereis conhecer é Ganem, o infeliz filho de Abu Airu, mercador de Damasco; foi ele que me salvou a vida e me abrigou em sua casa. Confesso-vos que, quando me viu, talvez tenha pensado em entregar-se a mim e esperado que eu cedesse aos seus desejos; assim julgo pela pressa com a qual me prestou todos os auxílios de que eu carecia. Mas, mal soube que eu tinha a honra de vos pertencer, disse-me: Ah, senhora, *o que pertence ao amo está proibido ao escravo*. A partir daquele instante, devo essa justiça à sua virtude, o seu procedimento não desmentiu as palavras. No entanto, bem sabeis, Comendador dos Crentes, o rigor com o qual o tratastes; por isso, respondereis perante o tribunal de Deus’.

O califa não se ofendeu com a liberdade das palavras de Tormenta. ‘Mas’, respondeu, ‘poderei confiar na certeza que tu me dás do procedimento de Ganem?’ ‘Sim’, disse ela, ‘podeis, não vos ocultaria a verdade; e para provar-vos que sou sincera, devo fazer-vos uma confissão que talvez vos desagrade; desde já vos peço perdão.’ ‘Fala, minha filha’, disse Harun al-Rashid, ‘perdoo-te tudo, contanto que nada me ocultes.’ ‘Pois bem’, respondeu Tormenta, ‘sabei que as atenções respeitosas de Ganem despertaram em mim afeto por ele. Fui além até. Conheceis a tirania do amor; senti nascer em meu coração ternos sentimentos. Ganem os notou, mas longe de se aproveitar da minha fraqueza, e apesar do fogo que o consumia, cumpriu

firmente seu dever, e tudo quanto a paixão conseguia arrancar-lhe eram as palavras que já repeti: *O que pertence ao amo está proibido ao escravo.*

Aquela franca declaração talvez tivesse encolerizado qualquer outro homem que não o califa; pois bem, pelo contrário, terminou de abrandá-lo. Ordenou a Tormenta que se levantasse, e fazendo-a sentar-se ao seu lado, disse-lhe: ‘Conta-me a tua história do começo até o fim.’ Ela obedeceu com bastante habilidade, passando levemente ao que dizia respeito a Zobeida; prolongou-se sobre as obrigações que devia a Ganem, sobre as despesas deste, elogiou-lhe a discrição, querendo fazer com que o califa compreendesse que ela se vira na necessidade de esconder-se na casa de Ganem para enganar Zobeida; e terminou com a fuga do jovem mercador, forçado àquilo, para fugir à cólera do califa.

Quando terminou, disse-lhe o califa: ‘Creio em tudo o que me contaste; mas por que vos demoraste tanto em dar-me notícias vossas? Tínheis de esperar um mês inteiro para me dizer aonde vos encontráveis?’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Tormenta, ‘Ganem saía tão raramente de casa que não é de estranhar que não tenhamos sabido a notícia da vossa chegada. Por outra, Ganem, que se encarregara de mandar entregar o bilhete que escrevi a Aurora por longo tempo, não teve oportunidade para o fazer.’

‘Basta, Tormenta’, disse o califa; ‘reconheço o meu erro, e quero repará-lo, enchendo de benefícios o jovem mercador de Damasco. Vê, pois, o que posso fazer por ele, pede-me o que quiseres, que eu te concederei.’ Àquelas palavras, a favorita lançou-se aos pés do califa, de rosto sobre o chão; e erguendo-se, disse-lhe: ‘Comendador dos Crentes, após agradecer-vos por Ganem, suplico-vos humildemente mandar anunciar nos vossos Estados que perdoais o filho de Abu Airu, e que ele deve apresentar-se a vós.’ ‘Farei mais’, respondeu o príncipe; ‘por te haver conservado a vida, para reconhecer a consideração que tem para comigo, para o recompensar pela perda dos seus bens, e enfim para reparar a injustiça que cometi contra sua família, dou-te por esposo.’ Tormenta não conseguiu encontrar palavras para agradecer ao califa tamanha generosidade. Depois, retirou-se para o aposento que ocupava antes da cruel aventura. Ainda estavam lá os mesmos móveis.

Nada fora tocado. Mas o que maior prazer lhe proporcionou foi ver os baús de Ganem, levados por ordem de Mesrur.

No dia seguinte, Harun al-Rashid deu ordem ao grão-vizir de mandar anunciar por todas as cidades que perdoava a Ganem, filho de Abu Airu. Mas foi uma medida inútil, pois que se passou considerável tempo sem que se ouvisse falar do jovem mercador. Tormenta imaginou que muito provavelmente ele não pudera sobreviver à dor de tê-la perdido. Uma terrível inquietação se apoderou do seu espírito, mas como a esperança é a última coisa que abandona os amantes, suplicou ao califa que lhe permitisse procurar pessoalmente Ganem. Recebida a permissão, pegou uma bolsa com mil moedas de ouro e certa manhã saiu do palácio montada numa mula do califa, luxuosamente arreada. Acompanhavam-na dois eunucos negros, cada um dos quais apoiava a mão sobre a garupa do animal.

Tormenta foi de mesquita em mesquita fazer donativos aos devotos da religião muçulmana, implorando o socorro das suas preces para a resolução de um ponto importante do qual dependia, disse-lhes ela, a tranquilidade de duas pessoas. Empregou o dia inteiro as mil moedas de ouro em esmolas às mesquitas; ao cair da noite, voltou ao palácio.

No dia seguinte, pegou outra bolsa com a mesma quantia e dirigiu-se a uma joalheria. Detendo-se diante da porta, e sem apear-se, mandou chamar o proprietário por um dos eunucos negros. O proprietário, um homem caridoso, que empregava para mais de dois terços das suas rendas no alívio aos pobres forasteiros, doentes ou necessitados, não se fez esperar por Tormenta, que reconheceu, pelas vestes, como dama do palácio. ‘Dirijo-me a vós’, disse-lhe ela, ‘entregando-lhe a bolsa, por serdes homem cuja piedade toda a cidade reconhece. Rogo-vos distribuir estas moedas de ouro aos forasteiros pobres aos quais auxiliais, pois sei que socorreis os que recorrem à vossa generosidade. Sei também que lhes satisfazeis as necessidades e que nada vos é mais agradável que mitigar-lhes a miséria.’ ‘Senhora’, respondeu-lhe o homem, ‘executarei com prazer o que me ordenais; mas se desejardes fazer os vossos benefícios pessoalmente, dignai-vos vir à minha casa, que ali vereis duas mulheres merecedoras da vossa piedade. Encontrei-as ontem, ao chegarem à cidade; achavam-se num estado lastimável, e o que mais me

entristeceu foi perceber que se tratavam de pessoas de boa condição. Através dos farrapos que as cobriam, e apesar dos estragos produzidos pelo calor do Sol no rosto de ambas, percebi uma nobreza que falta aos pobres a que habitualmente auxilio. Levei-as para casa e confiei-as a minha mulher, que imediatamente pensou como eu. Ela mandou-lhes preparar bons leitos, e ela mesma se incumbiu de lhes lavar o rosto e de fazer com que trocassem de roupa. Não sabemos ainda quem são, pois desejamos que antes repousem bastante, sem que as fatiguem as nossas perguntas.’

Tormenta, sem saber por que, sentiu grande curiosidade. O joalheiro encarregou-se de levá-la à sua casa, mas ela não quis que ele se desse a tal trabalho, e fez-se guiar por um escravo que ele lhe cedeu. Quando chegou à porta, apeou e seguiu o escravo do joalheiro que tomara a dianteira a fim de avisar sua ama, que se encontrava no quarto de Força dos Corações e de sua mãe.

A mulher do joalheiro, sabendo que uma dama do palácio estava em sua casa, quis sair do quarto para recebê-la; mas Tormenta, seguindo de perto o escravo, não lhe deu tempo e entrou. A mulher prostrou-se diante dela a fim de demonstrar o respeito por tudo quanto pertencia ao califa. Tormenta, obrigando-a a levantar-se, disse-lhe: ‘Minha boa senhora, rogo-vos permitir-me falar às duas forasteiras que ontem ao cair da noite chegaram a Bagdá.’ ‘Senhora’, respondeu a mulher, ‘aqui estão, deitadas nesses dois leitinhos um perto do outro.’ Imediatamente aproximou-se a favorita do leito da mãe, e, observando-o, com atenção, disse-lhe: ‘Minha boa mulher, venho oferecer-vos o meu auxílio. Tenho prestígio nesta cidade e poderei ser-vos útil e a vossa companheira.’ ‘Senhora’, respondeu a mãe de Ganem, ‘diante dos vossos oferecimentos, vejo que os céus ainda não nos abandonaram. No entanto, bastantes razões tínhamos para assim supor, após as desgraças que nos feriram.’ Terminando, pôs-se a chorar tão amargamente que Tormenta e a mulher do joalheiro não conseguiram refrear suas lágrimas.

A favorita do califa, após enxugar suas lágrimas, disse à mãe de Ganem: ‘Contai-nos as vossas desgraças e a vossa história; não poderíeis contá-las a gente mais disposta que nós a envidar todos os meios para vos consolar.’ ‘Senhora’, prosseguiu a triste viúva de Abu Airu, ‘uma favorita do

Comendador dos Crentes, uma mulher chamada Tormenta, é a causa de todo o nosso infortúnio.’ Àquelas palavras, sentiu-se a favorita como que atingida por um raio; mas escondendo sua agitação, deixou que a mãe de Ganem continuasse: ‘Sou viúva de Abu Airu, um mercador de Damasco; tinha um filho, Ganem, que tendo vindo negociar em Bagdá foi acusado de ter raptado Tormenta. O califa mandou procurá-lo por toda a parte a fim de matá-lo; não conseguindo encontrá-lo, porém, escreveu ao rei de Damasco, ordenando-lhe mandar saquear e arrasar nossa casa e expor minha filha e eu, por três dias seguidos, nuas, aos olhos do povo, e em seguida, expulsar-nos da Síria para sempre. Apesar da indignidade do tratamento que nos deu, me consolaria se meu filho vivesse ainda e eu pudesse revê-lo. Que prazer não seria para sua irmã e para mim! Ao abraçá-lo, esqueceríamos a perda dos nossos bens e todos os males que por ele sofremos. Ah! Estou convencida de que ele não passa de um inocente, e que não é, perante o califa, mais culpado do que eu e sua irmã.’ ‘Não, sem dúvida’, interrompeu-a Tormenta, ‘Ganem não é mais culpado do que vós. Posso garantir-vos que é inocente, pois Tormenta da qual tanto vos queixais sou eu, que, pela fatalidade dos astros, dei origem a todos os vossos males. A mim é que deveis imputar a perda de vosso filho, se ele já não existir. Mas, se fui a causa da vossa desgraça, posso contudo aliviá-la. Já justifiquei Ganem perante o califa, tanto que o príncipe mandou anunciar por todos os seus Estados ter perdoado o filho de Airu; podeis, além disso, ter a certeza de que ele vos fará tanto bem quanto mal vos fez. Já não sois suas inimigas. Aguarda Ganem para recompensá-lo pelo serviço que me prestou, unindo-nos pelo casamento. Portanto, considerai-me vossa filha, e permiti que eu vos consagre eterna amizade.’ Assim, inclinou-se sobre a mãe de Ganem, que não conseguiu responder. Tormenta abraçou-a longamente, e só a deixou para correr ao outro leito a fim de abraçar Força dos Corações, que lhe estendia os braços.

Após ter a encantadora favorita do califa dado à mãe e à filha todas as demonstrações de ternura que podiam aguardar da esposa de Ganem, disse-lhes: ‘Deixei de vos afligir; os bens que Ganem possuía nesta cidade não estão perdidos; encontram-se no palácio do califa, nos meus aposentos. Bem sei que toda a riqueza do mundo é insuficiente para consolar-vos pela

ausência de Ganem. É o que espero de vós, ao julgar-vos por mim mesma. O sangue tem a mesma força que o amor nos grandes corações. Mas por que desesperarmos de o rever? Havemos de encontrá-lo; a felicidade de vos ter visto dá-me novas esperanças. Talvez seja este o último dia dos vossos males e o começo de uma ventura maior que a que desfrutáveis em Damasco, quando ainda possuíeis Ganem.’

Tormenta ia prosseguir quando chegou o joalheiro: ‘Senhora’, disse ele, ‘acabo de assistir a uma cena comoventíssima: um jovem levado por um cameleiro ao hospital de Bagdá. Estava amarrado sobre o animal, pois não dispunha de forças para sustentar-se. Já o haviam libertado e estavam para levá-lo ao hospital quando passei pelo lugar. Aproximei-me, observei-o com atenção, e pareceu-me não ser o seu rosto inteiramente desconhecido. Fiz-lhe várias perguntas sobre sua família, mas como resposta, só lhe arranquei suspiros e lágrimas. Apiedei-me, e sabendo, por hábito, que precisava de cuidados urgentes, não permiti que o levassem ao hospital, pois sei como ali se tratam os doentes, e conheço a incapacidade dos médicos. Mandeí que um dos meus escravos o trouxesse para casa, lhe desse um quarto, roupa minha e o servisse como se a mim mesmo estivessem servindo.’

Tormenta estremeceu, dominada por uma grande emoção. ‘Levai-me ao quarto desse doente. Quero vê-lo.’ O joalheiro obedeceu. E, enquanto ela saía, disse a mãe de Ganem a Força dos Corações: ‘Ah, minha filha, por mais infeliz que seja esse estrangeiro, vosso irmão, se ainda vive, não o pode ser menos!’

A favorita do califa, já no quarto do doente, aproximou-se do leito em que o haviam deitado e viu um jovem de olhos cerrados, com o rosto pálido, desfigurado e coberto de lágrimas. Observando com atenção, o coração palpitou-lhe fortemente, e ela creu reconhecer Ganem. Mas desconfiou dos próprios olhos. Embora reconhecesse algo de Ganem naquele indivíduo, pareceu-lhe tão diferente que não ousou imaginar que se tratasse dele realmente. Não podendo, todavia, resistir ao desejo de tirar a dúvida, disse-lhe com voz trêmula: ‘Ganem, sois vós?’ Àquelas palavras, deteve-se para dar ao jovem tempo de responder, mas notando que ele parecia insensível, continuou: ‘Ah, Ganem, não é a ti que falo. A minha imaginação

demasiadamente repleta de ti deu a este forasteiro uma semelhança enganadora. O filho de Abu Airu, por mais doente que estivesse, ouviria a voz de Tormenta.’ O nome Tormenta fez com que Ganem abrisse as pálpebras e voltasse a cabeça em direção à pessoa que lhe falava. E, reconhecendo a favorita do califa, disse-lhe: ‘Ah, senhora, sois vós? Por que milagre!...’, não conseguiu terminar. Dominou-o imediatamente tamanha alegria, que perdeu os sentidos. Tormenta e o joalheiro apressaram-se em socorrê-lo, mas quando verificaram que custava a recobrar os sentidos, o joalheiro rogou à dama que se retirasse, com medo que a sua presença fizesse mal a Ganem.

Ganem olhou para todos os lados, mas não vendo o que procurava, perguntou: ‘Bela Tormenta! Onde estais? Tornarei a vê-la realmente ou foi tudo uma ilusão?’ ‘Não, senhor’, respondeu-lhe o joalheiro, ‘não foi ilusão. Fui eu que pedi à dama que se afastasse; tornareis a vê-la. Agora precisais de repouso, e nada o deve impedir. A vossa situação está mudada, pois, ao que vejo, sois Ganem a quem o Comendador dos Crentes perdoou publicamente. Por enquanto, contentai-vos com esta notícia. A mulher que acaba de vos falar vos explicará melhor o que aconteceu. Cuidai, portanto, de vos restabelecer; quanto a mim, ajudarei no que me for possível.’ Terminando, deixou que Ganem repousasse e deu ordem que lhe fossem preparados todos os remédios necessários.

Entretanto, Tormenta dirigira-se para o quarto de Força dos Corações e de sua mãe, onde se passou a mesma cena; pois quando a mãe de Ganem soube que o forasteiro doente era o próprio filho, perdeu os sentidos. E quando, mediante o auxílio de Tormenta e da mulher do joalheiro, os recobrou, quis levantar-se para vê-lo: mas o joalheiro, chegando, a impediu, explicando-lhe estar Ganem tão fraco e extenuado que não era possível, sem expô-lo a sério perigo, provocar nele emoções. O joalheiro não teve de falar muito para convencer a mãe de Ganem. Mal reconheceu que, insistindo, a vida do filho correria perigo, deixou de pedir. Tormenta, então, tomando a palavra, disse: ‘Agradecemos aos céus, por nos ter reunido. Voltarei agora ao palácio para informar o califa de tudo o que se passou, e amanhã de manhã estarei aqui novamente.’ E, abraçando mãe e filha, saiu. Ao chegar ao palácio,

pediu uma audiência particular ao califa, o que lhe foi concedido sem perda de tempo. O califa estava sozinho. Em primeiro lugar, Tormenta prostrou-se, de rosto contra o chão, segundo o costume. Harun al-Rashid ordenou-lhe que se levantasse, e perguntou-lhe se soubera notícias de Ganem. ‘Comendador dos Crentes’, disse ela, ‘tive tanta sorte que não somente a ele encontrei, mas também sua mãe e sua irmã.’ O califa, interessado, quis saber o que havia sucedido. Tormenta satisfez-lhe a curiosidade, e tão bem lhe falou da mãe de Ganem e de Força dos Corações que ele quis vê-las, assim como Ganem.

Harun al-Rashid, apesar de homem violento e, nos seus arrebatamentos, capaz às vezes de atos cruéis, em compensação era equitativo e o mais generoso califa da Terra, uma vez passada a cólera e reconhecida a injustiça. Assim, certo de que perseguira injustamente Ganem e sua família, resolveu dar-lhes satisfação pública: ‘Estou encantado’, disse a Tormenta, ‘com o feliz êxito das tuas buscas; a minha alegria é grande, menos por ti do que por mim mesmo. Mantereí a minha promessa; desposarás Ganem, e desde já declaro que não és mais escrava. Vai procurar o jovem mercador, e quando ele estiver restabelecido, traga-o à minha presença, com sua mãe e sua irmã.’

No dia seguinte, de manhãzinha, Tormenta foi imediatamente para a casa do joalheiro, impaciente em saber o estado de saúde de Ganem e dar às mulheres as boas novas. A primeira pessoa que viu foi o joalheiro que lhe disse que Ganem passara uma ótima noite, que o seu mal provinha exclusivamente de melancolia e que, eliminada a causa, não tardaria em recobrar completamente suas forças.

Com efeito, o filho de Abu Airu estava bem melhor. O repouso e os bons remédios, e mais que tudo isso, a nova condição do seu espírito, tinham produzido tão bom resultado que o joalheiro achou que ele poderia, sem nenhum perigo, rever sua mãe, sua irmã e sua amante, contanto que fosse devidamente preparado. Era de temer que, não sabendo que sua mãe e irmã se encontravam em Bagdá, a sua presença pudesse emocioná-lo demais. Ficou resolvido, pois, que Tormenta entraria sozinha no quarto de Ganem, e que, depois, faria um sinal para que as outras duas mulheres entrassem.

Tudo combinado, Tormenta, anunciada pelo joalheiro, apareceu. Ganem, contentíssimo em revê-la finalmente, por pouco deixou de perder outra vez os sentidos. ‘Ganem’, disse-lhe ela, aproximando-se, ‘eis-vos diante de Tormenta, a quem supúnheis perdida para sempre!’ ‘Ah, senhora’, interrompeu-a Ganem, com precipitação, ‘por que milagre vos ofereceis aos meus olhos? Julgava-vos no palácio do califa. Ele sem dúvida vos ouviu, tiraste-lhes as suspeitas, e ele vos devolveu toda a tua ternura.’ ‘Sim, meu querido Ganem’, respondeu Tormenta, ‘justifiquei-me diante do Comendador dos Crentes, que a fim de reparar o mal que sobre vós fez recair, a vós me cede como esposa.’ As últimas palavras provocaram tão grande alegria em Ganem que, a princípio, só pôde responder com o silêncio tão terno e tão bem-conhecido dos amantes. ‘Ah, formosa Tormenta!’, exclamou. ‘Poderei crer-vos? O califa vos cede realmente ao filho de Abu Airu?’ ‘Nada é mais verdadeiro’, respondeu ela. ‘O rei que antes vos buscava para tirar-vos a vida e que, na sua cólera, fez sofrer mil indignidades a vossa mãe e vossa irmã, deseja agora vê-lo recompensado pelo respeito que por ele tivestes. Não é de duvidar que cumule de benefícios vossa família.’

Ganem perguntou de que maneira havia o califa tratado sua mãe e sua irmã. Tormenta contou-lhe tudo. Ele não pôde ouvir sem chorar. Mas, quando Tormenta lhe disse que elas estavam agora em Bagdá, na mesma casa, demonstrou tão grande impaciência em revê-las que a favorita se apressou em lhe obedecer. Chamou-as, pois. Elas, que não esperavam outra coisa, avançaram em direção a Ganem; e beijando-o, cobriram-no de lágrimas. Tormenta chorava. O próprio joalheiro e sua mulher, apiedados, não conseguiram conter-se, admirando os secretos recursos da Providência, que tinham unido, debaixo do seu teto, quatro pessoas tão cruelmente separadas.

Após terem todos enxugado as lágrimas, Ganem provocou outras descrevendo tudo o que sofrera depois de se afastar de Tormenta até o instante em que o bom joalheiro o mandara levar para aquela casa. Disse-lhes que, tendo-se refugiado numa aldeiazinha, ali adoecera, que alguns camponeses o haviam tratado, mas que, não conseguindo curá-lo, um cameleiro se encarregara de levá-lo ao hospital de Bagdá. Tormenta contou

também todos os pesares da sua prisão, como o califa, após ouvi-la falar na torre, a mandara chamar, e como diante dele havia se justificado. Finalmente, Tormenta disse: ‘Agradecemos os céus que nos reuniu, e cuidemos apenas da ventura que nos aguarda. Quando Ganem tiver recobrado a saúde, terá de ir à presença do califa com sua mãe e sua irmã; mas como elas não podem aparecer assim, vou tomar as minhas providências. Rogo-vos esperar um momento.’

Assim, saiu, foi ao palácio, e voltou imediatamente à casa do joalheiro com uma bolsa com outras mil moedas de ouro, que lhe entregou, rogando-lhe que comprasse vestidos para Força dos Corações e sua mãe. O joalheiro, homem de bom gosto, escolheu dois lindos e mandou aprontá-los o quanto antes. Três dias depois eles estavam prontos; e Ganem, já disposto a sair, escolheu o dia; quando, porém, se preparou com Força dos Corações e sua mãe, chegou à casa do joalheiro o grão-vizir Djafar.

O ministro, a cavalo, era seguido por um grande número de oficiais: ‘Senhor’, disse ele a Ganem, entrando, ‘venho da parte do Comendador dos Crentes, meu amo e vosso. A ordem da qual estou incumbido é bem diferente daquela cuja lembrança não desejo reavivá-lo; devo acompanhá-lo à presença do califa, que quer vê-lo.’ Ganem só respondeu com uma profunda inclinação de cabeça e montou num dos animais do califa. Mãe e filha acomodaram-se em mulas do palácio, e enquanto Tormenta, também montada numa mula, as conduzia ao príncipe por um caminho, Djafar guiou Ganem por outro, introduzindo-o na sala de audiências. O califa lá estava, sentado no trono, rodeado por emires, vizires, os chefes dos guardas e demais cortesãos árabes, persas, egípcios, africanos e sírios, sem mencionarmos outros estrangeiros.

Quando o grão-vizir levou Ganem aos pés do trono, o jovem mercador prestou a sua reverência, lançando-se no chão; depois, levantando-se, pronunciou um formoso cumprimento em versos, que embora composto no momento, recebeu a aprovação de toda a corte. O califa, então, pedindo-lhe que se aproximasse, disse-lhe: ‘Estou contente em vê-lo e por saber de ti mesmo onde encontraste a minha favorita e tudo o que por ela fizeste.’ Ganem obedeceu, e foi tão sincero que o califa se convenceu. Mandando

que lhe entregasse um riquíssimo traje, segundo o costume observado para aqueles a que se concediam audiência, disse-lhe: ‘Ganem, quero que fiques na minha corte.’ ‘Comendador dos Crentes’, respondeu o jovem mercador, ‘o escravo não tem outra vontade senão a do amo, de quem dependem a sua vida e os seus bens.’ O califa ficou satisfeitíssimo com as palavras de Ganem e deu-lhe grande recompensa. Em seguida, descendo do trono, e pedindo a Ganem que o seguisse assim como ao grão-vizir, entrou nos seus aposentos.

Ali ordenou que lhe trouxessem Tormenta, com a mãe de Ganem e a filha de Abu Airu. Elas, ao chegarem, prostraram-se aos seus pés. Harun al-Rashid ordenou-lhes que se levantassem, e achou Força dos Corações tão linda que, após observá-la com muita atenção, disse-lhe: ‘Arrependo-me tanto de ter tão indignamente tratado os vossos encantos que lhes devo uma reparação que supere a ofensa que lhes fiz. Desposo-vos, e com isso punirei Zobeida, que se tornará a causa da vossa ventura, como o foi das vossas desgraças. Não é tudo’, acrescentou, voltando-se para a mãe de Ganem. ‘Senhora, sois jovem ainda e creio que não desdenhareis unir-vos a meu grão-vizir. Dou-vos a Djafar, e vós, Tormenta, sois agora de Ganem. Venha um cádi e testemunhas, e sejam os três contratos preparados e assinados imediatamente.’ Ganem quis dizer ao califa que sua irmã se consideraria honrada em pertencer apenas ao número das suas favoritas, mas Harun al-Rashid quis desposar Força dos Corações.

Achando, ademais, extraordinária a história, ordenou a um famoso historiador que a escrevesse com todos os pormenores. Guardou-a, depois, no seu tesouro; mas várias cópias tiradas do original a tornaram pública.”

Quando Sherazade terminou a história de Ganem, filho de Abu Airu, o sultão da Índia manifestou-lhe todo o seu prazer.

— Senhor — disse então a sultana —, já que esta história tanto vos divertiu, suplico-vos humildemente ouvir a do príncipe Zein Alasnam e do rei dos gênios. Não ficareis menos contente!

Shahriar consentiu. Mas, como o dia começava a aparecer, o início foi adiado para a noite seguinte. Nessa ocasião, assim começou a sultana:

A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE ZEIN ALASNAM E DO REI DOS GÊNIOS

“Um dos reis de Bassorá possuía grandes riquezas. Era amado por seus súditos, mas não tinha filhos, o que muito o afligia. Por meio de consideráveis presentes, empenhara todos os homens santos dos seus Estados a rogar aos céus um filho para ele. As suas preces não foram vãs. A rainha, estando grávida, deu à luz um príncipe, que recebeu o nome de Zein Alasnam, que quer dizer ‘ornamento das estátuas’.

O rei, reunindo todos os astrólogos do seu reino, ordenou-lhes que fizessem o horóscopo do seu filho. Descobriram eles, mediante observações, que ele viveria muito tempo, que seria corajoso, mas que necessitaria de coragem para enfrentar com firmeza as desgraças que o ameaçariam. O rei não se espantou com aquelas predições: ‘Meu filho’, disse, ‘não deve ser lastimado, pois que será corajoso. É bom que os príncipes tenham de enfrentar desgraças; a adversidade lhes purifica as virtudes e eles aprendem a governar melhor.’

Recompensando os astrólogos, despediu-os. Educou Zein com todos os cuidados imagináveis; e proporcionou-lhe mestres quando o viu na idade adequada para se valer dos seus ensinamentos. Enfim, propunha-se a transformá-lo num perfeito príncipe, quando, de repente, adoeceu. Os médicos não conseguiram curá-lo. Vendo-se no leito de morte, chamou o filho, e recomendou-lhe, entre outras coisas, que preferisse fazer-se amar a fazer-se temer pelo povo, que não desse ouvidos aos bajuladores e fosse igualmente lento na recompensa e na punição, pois sucedia frequentemente sermos seduzidos por falsas aparências, cumularmos de benefícios os maus e oprimirmos os inocentes.

Mal o rei morreu, o príncipe Zein vestiu luto, que usou durante sete dias. No oitavo, subiu ao trono, tirou do tesouro real o sinete de seu pai para colocar o seu, e começou a desfrutar a doçura de reinar. O prazer de ver todos os cortesãos curvarem-se diante dele e tudo fazerem numa palavra teve

encantos demais para ele. Só via o que os súditos lhe deviam, sem pensar no que ele mesmo devia aos súditos. Pouco trabalho se deu para governá-los. Mergulhou em todo tipo de excessos com jovens voluptuosos, a quem confiou os primeiros cargos do Estado. Esqueceu-se de qualquer regra. E, como era naturalmente pródigo, não pôs freios às suas generosidades, tanto que, insensivelmente, as suas mulheres e os seus favoritos lhe esgotaram o tesouro.

Vivia ainda a rainha, sua mãe. Tratava-se de uma mulher dotada de grande prudência. Várias vezes tentara inutilmente deter o curso das prodigalidades e dos excessos do rei, mostrando-lhe que, se não mudasse de procedimento, não somente dissiparia todos os seus haveres como também afastaria o povo, causando uma revolução que haveria de custar-lhe a coroa e a própria vida. Pouco faltou para que não sucedesse o que ela previa. O povo começou a murmurar contra o governo, e os seus murmúrios teriam sido infalivelmente seguidos por uma revolta geral, se a rainha não tivesse tido a habilidade de prevê-la. Mas, informada da péssima situação das coisas, advertiu o rei, seu filho, que, finalmente, se convenceu. Confiou, então, seu ministério a sábios anciões, que souberam manter os súditos no dever.

Entretanto, Zein, vendo toda a sua riqueza dissipada, arrependeu-se de não ter sabido aproveitá-la melhor, e, caindo em mortal melancolia, nada era capaz de consolá-lo. Uma noite, viu em sonho um venerável ancião encaminhar-se para ele e dizer-lhe, rindo:

‘Ó Zein, não há pesar ao qual não se siga a alegria, não há desgraça à qual não se siga a ventura. Se queres ver o fim da tua aflição, levanta-te, parte para o Egito, vai ao Cairo, que ali te aguarda uma grande fortuna.’

Aquele sonho impressionou o príncipe, que o contou à rainha, sua mãe. A rainha limitou-se a rir. ‘Não pretendeis, meu filho’, perguntou-lhe, ‘ir ao Egito por causa desse sonho?’ ‘Por que não, senhora?’, respondeu Zein. ‘Julgais serem todos os sonhos quiméricos?’ ‘Não, não, há sonhos misteriosos. Os meus preceptores me contaram mil histórias que não me permitem dúvidas. Aliás, mesmo que não estivesse persuadido, não poderia deixar de prestar atenção ao meu sonho. O ancião que me apareceu possuía algo sobrenatural. Não é um desses homens que se tornam respeitáveis apenas pela

idade. Algo de divino lhe resplandecia no rosto. Era como nos pintou o grande profeta; e, se quiserdes que eu vos revele o meu pensamento, creio ser ele que, comovido pelos meus pesares, quer aliviá-los. Confio na certeza que ele me inspirou; creio nas suas promessas e estou resolvido a seguir-lhe o conselho.' Tentou a rainha dissuadi-lo, mas nada conseguiu. O príncipe entregou-lhe o governo do país, e uma noite, abandonando secretamente o palácio, tomou o caminho do Cairo, sem que ninguém o acompanhasse.

Após muitos dias chegou à famosa cidade, que poucas semelhanças tem no mundo, quer pela grandeza, quer pela beleza. Apeou à porta de uma mesquita e ali, cansadíssimo, deitou-se. Mal adormeceu, tornou a ver o mesmo ancião, que lhe disse:

'Ó meu filho, estou contente contigo. Tiveste fé nas minhas palavras, e aqui vieste sem que te assustassem nem a distância nem as dificuldades. Sabe, porém, que só te mandei fazer tão longa viagem para experimentar-te. Vejo que possuis coragem e firmeza. Mereces tornar-te o príncipe mais rico e feliz da Terra. Volta a Bassorá, que no teu palácio encontrarás imensa riqueza. Nunca houve rei que dispusesse de tanta.'

O príncipe não ficou satisfeito com aquele sonho. 'Ah', exclamou ao despertar, 'que erro cometi! O ancião que eu supunha o nosso grande profeta não passa de simples fruto da minha imaginação. Dominava-me de tal forma o espírito que não é de admirar que com ele tenha sonhado pela segunda vez. Voltarei a Bassorá. O que me resta fazer aqui? Estou contente por não ter dito a ninguém, a não ser para minha mãe, o motivo desta minha viagem. Eu me tornaria objeto de riso do povo, se ele soubesse o que me sucedeu.'

Retomou, por conseguinte, o caminho do seu reino, e mal chegou perguntou-lhe sua mãe se voltava satisfeito. Contou-lhe Zein tudo o que se passara, e parecia tão mortificado pela sua credulidade que a rainha, em vez de lhe aumentar a tristeza com censuras, o consolou. 'Deixai de vos afligir, meu filho. Se Deus vos destina à riqueza, haveis de obtê-la sem trabalho. Tranquilizai-vos. Tudo o que vos recomendo é serdes virtuoso. Renunciai às delícias da dança, dos prazeres e do vinho cor de púrpura. Evitai todos os

prazeres que já ameaçaram destruí-lo. Tratai de fazer felizes os vossos súditos, porque, proporcionando-lhes ventura, assegurareis a vossa.’

Jurou o príncipe Zein que seguiria, a partir daquele instante, os conselhos de sua mãe e os dos sábios vizires escolhidos por ela para o ajudarem a sustentar o peso do governo. Mas logo na primeira noite no palácio viu ele em sonho, pela terceira vez, o ancião, que lhe disse:

‘Ó corajoso Zein! Chegou enfim o tempo da tua prosperidade! Amanhã de manhã, quando te levatares, pega uma pá e cava no aposento do falecido rei. Tu descobrirás um grande tesouro.’

O príncipe, ao levantar-se, correu imediatamente ao aposento da rainha e contou-lhe com vivacidade o novo sonho. ‘Na verdade, meu filho’, disse a rainha, sorrindo, ‘eis um ancião bastante obstinado. Não se contenta em tê-lo enganado duas vezes. Estais pronto a dar-lhe ouvidos pela terceira vez?’ ‘Não, senhora’, respondeu Zein, ‘não creio absolutamente no que ele me disse; mas por prazer visitarei o aposento de meu pai.’ ‘Ah, bem que eu duvidava!’, exclamou a rainha, desatando a rir. ‘Ide, meu filho, satisfazei a vossa curiosidade. O que me consola é que esse trabalho não é tão fatigante quanto a viagem a Bagdá.’

‘Pois, senhora’, respondeu o rei, ‘devo confessá-lo: esse terceiro sonho me devolveu a confiança por estar ligado aos outros dois. Examinemos as palavras do ancião: em primeiro lugar, ordenou-me que fosse ao Egito; lá, disse-me que só me fizera viajar como experiência. Volta para Bassorá, disse-me então, pois lá encontrarás tesouros. Esta noite indicou-me precisamente o lugar onde se encontram. Os três sonhos, a meu ver, são seguidos, nada possuem de equívoco, e não há neles uma circunstância que me embarace. Talvez sejam simplesmente quiméricos; mas prefiro levar a cabo uma busca inútil a arrepender-me por toda a vida por ter perdido grandes riquezas.’

Terminando, saiu do aposento da rainha, pediu uma pá e entrou sozinho no aposento do falecido rei. Começou a trabalhar, e retirou mais da metade dos quadrados do piso sem notar o menor vestígio de tesouro. Descansando um momento, refletiu: ‘Tenho medo de que minha mãe ria de mim.’ Contudo, recobrou o ânimo, e continuou. Não se arrependeu, pois descobriu, de súbito, uma pedra branca, sobre a qual estava escondido um

cadeado de aço. Rompeu-o e abriu a porta que escondia uma escada de mármore branco. Acendeu uma vela e desceu pela escada a um quarto assoalhado com porcelana da China, cujas paredes e o forro eram de cristal. Mas Zein observou particularmente quatro estrados, sobre cada um dos quais havia dez urnas de porfírio. Imaginou-as cheias de vinho. ‘Bem’, refletiu, ‘este vinho deve ser velhíssimo, mas tenho certeza de que deve ser excelente.’ Aproximou-se de uma das urnas, tirou-lhe a tampa, e viu, com surpresa e alegria, que estava cheia de moedas de ouro. Examinou as outras quatro, também cheias de cequins. Pegando um punhado de moedas, levou-as à mãe.

É fácil supor o espanto da rainha ao ouvir a história do filho. ‘Ó meu filho!’, exclamou, ‘guardai-vos de dissipar doidamente todos esses bens, como já fizestes com o tesouro real! Não permitas que os vossos inimigos tenham motivos para alegrar-se!’ ‘Não, senhora’, respondeu Zein, ‘de hoje em diante viverei de modo que só tereis satisfação.’

A rainha rogou ao filho que a levasse ao maravilhoso subterrâneo que o falecido marido mandara construir tão secretamente. Zein conduziu-a ao aposento, ajudou-a a descer a escada de mármore e fê-la entrar no recinto onde se encontravam as urnas. Ela contemplou tudo com admiração, e notou num dos cantos uma pequena urna do mesmo material que as outras. O príncipe não a vira ainda. Pegou-a então, e abrindo-a encontrou uma chave de ouro. ‘Meu filho’, disse a rainha, ‘esta chave revela, sem dúvida, outro tesouro. Procuremos por toda parte, e vejamos se descobrimos a que se destina.’

Examinaram o quarto com extremo cuidado, e encontraram, finalmente, uma fechadura no meio de uma das paredes. O rei experimentou imediatamente a chave. Uma porta se abriu e mostrou-lhes outro quarto no meio do qual se viam nove pedestais de ouro maciço, oito sustentando estátuas feitas de um único diamante. As estátuas faiscavam de tal modo que o quarto resplandecia.

‘Ó céus!’, exclamou Zein, boquiaberto, ‘onde pôde meu pai encontrar coisas tão lindas?’ O nono pedestal aumentou-lhe o assombro, pois sustentava uma peça de cetim branco onde se liam as seguintes palavras:

‘Meu caro filho! Estas oito estátuas me custaram muito! Mas, embora sejam lindíssimas, sabe que há no mundo outra que as ultrapassa. Sozinha vale mais que mil das que vês. Se desejares possuí-la, vai ao Cairo. Nessa cidade vive um dos meus antigos escravos, Mobarec; não terás trabalho para descobri-lo: a primeira pessoa que se te deparar há de indicar-lhe a sua morada. Vai procurá-lo, e diga-lhe o que te sucedeu. Ele o reconhecerá como meu filho, e o levará ao lugar onde está a maravilhosa estátua que adquirirás.’

O príncipe, após ler aquelas palavras, disse à rainha: ‘Não quero perder a nona estátua. Deve ser bem rara, visto que estas, juntas, lhe são inferiores. Partirei para o Cairo, e não creio, senhora, que contrariareis a minha resolução.’ ‘Não, meu filho’, respondeu a rainha, ‘não me oponho. Estais, sem dúvida, sob a proteção do nosso grande profeta, e ele não permitirá que morras na jornada. Os nossos vizires e eu governaremos o país durante a vossa ausência.’ O príncipe mandou fazer os preparativos, mas somente quis levar com ele um pequeno número de escravos.

Nada lhe sucedeu no caminho. No Cairo, pediu notícias de Mobarec. Disseram-lhe que era um dos mais ricos cidadãos da cidade, que vivia luxuosamente e que sua casa estava particularmente aberta aos estrangeiros. Zein para lá se dirigiu, e bateu à porta. Um escravo, abrindo, perguntou-lhe:

‘O que desejais, e quem sois?’ ‘Sou estrangeiro’, respondeu o rei. ‘Ouvi falar da generosidade de Mobarec e venho alojar-me aqui.’ O escravo pediu a Zein que esperasse um pouco, e foi falar com seu amo, que lhe ordenou mandar entrar o desconhecido. O escravo, voltando, disse-lhe que era bem-vindo.

Zein entrou, atravessou um grande pátio e penetrou numa sala magnificamente ornada, onde Mobarec, que o aguardava, o recebeu com cordialidade, agradecendo-lhe a honra da visita. O rei, após responder ao cumprimento, disse a Mobarec: ‘Sou filho do falecido rei de Bassorá, e chamo-me Zein Alasnam.’

‘Esse rei’, respondeu Mobarec, ‘foi outrora meu amo; mas, senhor, não lhe conheci o filho. Que idade tendes?’ ‘Vinte anos’, respondeu o príncipe. ‘Há quantos deixastes a corte de meu pai?’ ‘Há quase 22’, disse Mobarec.

‘Mas como poderei ter certeza de que sois realmente seu filho?’ ‘Meu pai’, explicou Zein, ‘tinha sob o seu aposento um subterrâneo, onde encontrei quarenta urnas de porfírio repletas de ouro.’ ‘E o que mais existe ali?’, perguntou Mobarec. ‘Há’, disse o rei, ‘nove pedestais de ouro maciço, oito dos quais suportam estátuas de diamantes; sobre o nono repousa uma peça de cetim branco onde meu pai escreveu o que devo fazer para adquirir a nona estátua mais preciosa que as outras todas juntas. Sabeis em que lugar se encontra essa estátua, pois no cetim está escrito que vós me conduziráis.’

Mal o príncipe terminou essas palavras, Mobarec se lançou aos seus pés; depois, beijando-lhe uma das mãos repetidas vezes, disse: ‘Dou graças a Deus por tê-lo feito vir até aqui. Reconheço em vós o filho do rei de Bassorá. Se pretendeis ir ao lugar onde se encontra a estátua maravilhosa, eu o levarei; mas antes será preciso que repouse alguns dias. Ofereço hoje um festim aos grandes do Cairo. Estávamos à mesa quando me avisaram da vossa chegada. Desejais, senhor, unir-vos a nós?’ ‘Sim’, respondeu Zein, ‘e ficarei encantado com o vosso festim.’ Imediatamente Mobarec o levou a uma cúpula onde se achava reunido o grupo. Fê-lo sentar-se à mesa e começou a servi-lo de joelhos. Os grandes do Cairo se espantaram, dizendo baixinho uns aos outros: ‘Quem será este estrangeiro a quem Mobarec serve com tão grande respeito?’

Após comerem, Mobarec tomou a palavra: ‘Grandes do Cairo’, disse ele, ‘não vos espanteis por me ver servir desta maneira ao jovem estrangeiro. Sabei que se trata do filho do rei de Bassorá, meu amo. Seu pai me comprou com o seu próprio dinheiro, e morreu sem ter me dado a liberdade. Por conseguinte, sou ainda seu escravo, e todos os meus bens pertencem de direito ao jovem príncipe, seu único herdeiro.’ Zein, a essa altura, interrompeu-o: ‘Ó Mobarec’, disse-lhe, ‘declaro diante de todos estes senhores que vos dou a liberdade a partir deste momento, e que separo dos meus bens a vossa pessoa e tudo quanto possuis; além disso, vede o que desejais que eu vos doe.’ Mobarec, diante dessas palavras, beijou o chão e proferiu grandes agradecimentos ao rei. Em seguida, trouxeram vinho. Beberam durante todo o dia e, ao cair da noite, presentes foram distribuídos aos convivas, que se retiraram.

No dia seguinte, Zein disse a Mobarec: ‘Já descansei bastante. Não vim ao Cairo para viver na ociosidade. Quero ter a nona estátua, e é tempo de partirmos à sua conquista.’ ‘Senhor’, respondeu Mobarec, ‘estou pronto a ceder ao vosso desejo; mas não sabeis os perigos que tereis de enfrentar para tão preciosa conquista.’ ‘Seja qual for o perigo’, respondeu o príncipe, ‘resolvi corrê-lo. Morrerei ou conseguirei. Tudo quanto sucede é Deus quem o faz suceder. Acompanhai-me e que a vossa firmeza seja igual à minha.’

Mobarec, vendo-o determinado a partir, chamou os criados e ordenou-lhes que fizessem os devidos preparativos. Em seguida, o príncipe e ele fizeram a ablução e a prece do preceito, chamada farz,^[60] após o que puseram-se a caminho. Notaram, durante o percurso, coisas raras e maravilhosas. Caminharam durante vários dias, no fim dos quais, chegados a um pouso delicioso, apearam. Mobarec, então, ordenou aos criados que os seguissem: ‘Ficai neste lugar e vigiai cuidadosamente os cavalos até que voltemos.’ Depois, virando-se para Zein, disse-lhe: ‘Vamos, senhor, prossigamos sozinhos; estamos perto do terrível lugar onde se encontra a nona estátua. Precisareis de toda a vossa coragem...’

Chegaram à margem de um grande lago. Mobarec se sentou, dizendo a Zein: ‘Teremos de atravessar estas águas.’ ‘Como poderemos atravessá-las?’, perguntou Zein, ‘se não temos um barco?’ ‘Vereis um daqui a pouco’, prosseguiu Mobarec, ‘o barco encantado do rei dos gênios virá nos buscar; mas não vos esqueçais do que vos digo: deveis conservar o mais profundo silêncio; não faleis ao barqueiro. Por nada mais singular que vos pareça o seu aspecto, por mais extraordinária a novidade que virdes, nada digais, pois vos advirto de que, se pronunciardes uma única palavra quando estivermos embarcados, o barco desaparecerá sob as águas.’ ‘Saberei calar-me’, disse o príncipe. ‘Ensinaí-me o que devo fazer, e eu o obedecerei.’

Assim, percebeu de repente no lago um barco de sândalo vermelho. Num mastro de âmbar desfraldava-se ao vento uma bandeirola de cetim azul. Só havia um barqueiro, cuja cabeça se assemelhava à de um elefante, enquanto o seu corpo tinha a forma de um tigre. Quando o barco se aproximou do príncipe e de Mobarec o barqueiro pegou-os com a sua tromba, um depois

do outro, e colocou-os no barco. Em seguida, passou-os para o outro lado do lago num instante. Tornou, então, a pegá-los com a tromba, colocou-os na margem e desapareceu imediatamente.

‘Agora podemos falar’, disse Mobarec. ‘Esta ilha é a do rei dos gênios; não há outra semelhante em todo o mundo. Olhai para todos os lados, príncipe; haverá pouso mais encantador do que este? É sem dúvida uma verdadeira imagem do maravilhoso lugar que Deus destina aos fiéis observadores da nossa lei. Veja os campos cobertos de flores e de todo tipo de ervas perfumadas. Admirai estas lindas árvores, cujos frutos deliciosos vergam os ramos para o chão. Desfrutai o prazer que proporcionam os cantos harmoniosos de mil pássaros de mil espécies desconhecidas nos demais países.’ Zein não pôde deixar de contemplar a beleza de tudo quanto o rodeava; e viu outras coisas maravilhosas, conforme ia avançando para o interior da ilha.

Finalmente, chegaram a um palácio de finas esmeraldas, rodeado por um largo fosso, em cujas bordas, a certa distância uma da outra, estavam plantadas árvores tão altas que, com a sua sombra, cobriam todo o palácio. Em frente à porta, de ouro maciço, havia uma ponte feita com uma única escama de peixe, embora tivesse no mínimo seis toesas de comprimento por três de largura. À cabeça da ponte, achavam-se vários gênios de desmedida altura, que defendiam a entrada do castelo com grossas maçãs de aço da China.

‘Não continuemos’, disse Mobarec, ‘que os gênios nos matarão; e, se quisermos que não venham a nós, teremos de realizar uma cerimônia mágica.’ Ao mesmo tempo, tirou de uma bolsa quatro faixas de tafetá amarelo. Com uma rodeou a cintura; a outra colocou sobre as costas. E, entregando as duas restantes ao príncipe, pediu-lhe que o imitasse. Depois, Mobarec estendeu sobre o chão duas toalhas, em cujas bordas espalhou algumas pedras com almíscar e âmbar; em seguida, sentou-se sobre uma delas, enquanto Zein fazia a mesma coisa sobre a outra. E Mobarec disse, então, ao príncipe: ‘Senhor, vou agora conjurar o rei dos gênios, que vive no palácio, a apresentar-se aos nossos olhos, e que ele venha sem cólera! Confesso-vos que me inquieta sua recepção. Se a nossa chegada à sua ilha lhe desagrade, aparecerá sob o aspecto de espantoso monstro; mas, se aprovar o

nosso fim, se mostrará sob a forma de um homem de bom aspecto. Quando estiver na nossa frente, tereis de levantar-vos e saudá-lo sem sairdes da vossa toalha, pois, caso contrário, morrereis infalivelmente. Diga-lhe: soberano senhor dos gênios, meu pai, que era vosso servidor, foi arrebatado pelo anjo da morte. Proteja-me como sempre protegestes meu pai!’

‘E, se o rei dos gênios’, acrescentou Mobarec, ‘vos perguntar que favor desejais que ele vos conceda, respondereis: senhor, suplico-vos humildemente a nona estátua.’

Mobarec, após ter assim instruído o príncipe Zein, começou as suas conjurações. Imediatamente feriu-lhe os olhos um longo relâmpago, seguido por poderoso trovão. A ilha inteira cobriu-se de espessas trevas e um vento furioso se ergueu. Ouviu-se, em seguida, um grito terrível, a terra estremeceu semelhante ao que Asrafiel^[61] causará no Dia do Julgamento.

Zein, emocionado, começou a tirar do estrondo um péssimo presságio, quando Mobarec, que sabia melhor do que ele o que pensar, sorrindo, disse-lhe: ‘Tranquilizai-vos, meu príncipe, tudo vai bem.’ Com efeito, no mesmo instante o rei dos gênios apresentou-se sob a forma de um homem. Não deixava, contudo, de ter no seu semblante algo de feroz.

Mal o príncipe Zein o percebeu, dirigiu-lhe a saudação que Mobarec lhe havia ensinado. O rei dos gênios respondeu-lhe sorrindo: ‘Ó meu filho, servi teu pai, e todas as vezes em que ele vinha prestar-me o devido respeito, presenteava-lhe com uma estátua. Não sinto menos amizade por ti. Obriguei teu pai, alguns dias antes da morte, a escrever o que leste sobre a peça de cetim branco. Prometi-lhe tomar-te sob a minha proteção e dar-te a nona estátua, que em beleza ultrapassa as que possuis. Comecei a manter minha palavra. Fui eu que tu viste em sonho sob a forma de ancião. Fiz com que descobrisses o subterrâneo onde se encontram as urnas e as estátuas. Participei grandemente de tudo quanto te sucedeu, ou melhor, sou a causa. Sei o que te trouxe aqui: obterás o que desejais. Mesmo que nada tivesse prometido a teu pai, eu a daria a vós de boa vontade. Mas antes é preciso que me jures, por tudo quanto torna um juramento inviolável, que voltarás a esta ilha e me trarás uma jovem de 15 anos, virgem, e não desejosa de conhecer

homens. É preciso também que a sua beleza seja perfeita e que tu te domines e sequer tenhas o desejo de possuí-la ao conduzi-la para cá.’

Zein pronunciou o temerário juramento exigido. ‘Mas, senhor’, disse em seguida, ‘supondo eu seja bastante feliz para encontrar a jovem que exigis, como poderei saber que a encontrei?’ ‘Confesso’, respondeu o rei dos gênios, sorrindo, ‘que nesse ponto poderás enganar-te: tal conhecimento é superior aos filhos de Adão; por conseguinte, não pretendo confiar em ti. Eu te darei um espelho, que terá mais certeza do que tu. Quando vires uma jovem de 15 anos perfeitamente bela, deverás apenas olhar no teu espelho, que a refletirá. O espelho se conservará puro e límpido se ela for casta; se, pelo contrário, ele se embaciou, será sinal de que a jovem já deu algum passo errado, ou pelo menos desejou dá-lo. Não te esqueças, portanto, do juramento. Mantenha-o como homem honrado; de outro modo tirar-te-ei a vida, apesar da amizade que experimento por ti.’ Zein Alasnam mais uma vez prometeu que guardaria fielmente a palavra empenhada.

O rei dos gênios, então, deu-lhe um espelho e disse-lhe: ‘Ó meu filho, poderás voltar quando quiseres. Eis o espelho de que te valerá.’ Zein e Mobarec despediram-se do rei dos gênios e rumaram para o lago. O barqueiro com cabeça de elefante aproximou-se e tornou a passá-los da mesma maneira. Reuniram-se às pessoas da comitiva e voltaram para o Cairo.

O rei Alasnam descansou alguns dias na casa de Mobarec. Em seguida, disse-lhe: ‘Partamos para Bagdá e procuremos uma jovem para o rei dos gênios.’ ‘Mas não estamos na grande Cairo?’, perguntou Mobarec. ‘Não conseguiremos encontrar aqui lindas jovens?’ ‘Tendes razão’, disse o rei; ‘mas como faremos para descobri-las?’ ‘Não vos preocupeis, senhor’, respondeu Mobarec; ‘conheço uma anciã muito hábil. Encarregá-la-ei desse trabalho.’

Efetivamente a anciã mostrou ao príncipe grande número de jovens de 15 anos; mas quando, após as contemplar, consultava o espelho, a fatal pedra de toque da sua virtude, ele se embaciava sempre. Todas as jovens da corte e da cidade com 15 anos de idade submeteram-se ao exame e jamais o espelho se conservou puro e límpido.

Quando viram que não podiam encontrar criaturas castas no Cairo, partiram para Bagdá. Ali alugaram um magnífico palácio num dos mais belos

bairros e começaram a oferecer banquetes; depois de todos terem comido no palácio, eram os restos levados aos dervixes, que assim levavam vida regalada.

Ora, havia no bairro um imã chamado Bubekir Muezin. Era um homem vão, soberbo e invejoso. Odiava os ricos simplesmente por ele ser pobre. A sua miséria o azedava tanto quanto a prosperidade do próximo. Ouvindo falar de Zein Alasnam e da abundância que em sua casa reinava, não foi preciso mais para criar aversão ao príncipe. Levou a coisa a tal ponto que um dia na mesquita disse ao povo, após a prece da tarde: ‘Meus irmãos, ouvi dizer que veio alojar-se no nosso bairro um forasteiro que todos os dias dispense quantias enormes. Talvez seja esse desconhecido um celerado ladrão no seu país, de consideráveis bens, e talvez tenha vindo para cá simplesmente para gastá-los. Acautelemo-nos, meus irmãos; se o califa souber que há no nosso bairro homem de tal tipo é de temer que ele nos puna por não o termos avisado. Quanto a mim, declaro-vos que lavo minhas mãos e que, se se verificar um acidente, eu não terei culpa nenhuma.’ O povo, que é facilmente persuadido, gritou uníssono: ‘É o vosso dever, doutor, comunicai a notícia ao conselho.’ O imã, então, satisfeito, retirou-se, e pôs-se a compor um relatório, resolvido a apresentá-lo ao califa no dia seguinte.

Mobarec, porém, que assistira à prece e que ouvira as palavras do doutor, guardou quinhentos cequins de ouro num lenço, fez um fardo de vários tecidos de seda e rumou para a casa de Bubekir. Este perguntou-lhe, com rudeza, o que desejava. ‘Ó doutor’, respondeu-lhe Mobarec com suavidade, entregando-lhe o ouro e as fazendas; ‘sou vosso vizinho e servidor; venho a pedido do rei Zein que aqui vive. Ele ouviu falar do vosso mérito e encarregou-me de vir e dizer-vos que desejaria conhecê-lo. Entretanto, roga-vos que aceiteis este pequenino presente.’ Bubekir, contentíssimo, respondeu a Mobarec: ‘Senhor, suplico, por vosso intermédio, perdão ao rei. Estou envergonhado por ainda não tê-lo visitado; mas repararei minha falta e amanhã irei apresentar-lhe os meus respeitos.’

Realmente, no dia seguinte, após a prece da manhã, disse Bubekir ao povo: ‘Sabei, meus irmãos, que não há quem não tenha inimigos. A inveja ataca sobretudo os que possuem grandes bens. O forasteiro de que vos falei ontem não é um homem mau como quiseram pintá-lo alguns mal-

intencionados. É um jovem príncipe possuidor de mil virtudes. Guardemo-nos de fazer-lhe qualquer mal perante o califa.’

Bubekir, tendo apagado da mente do povo, com aquelas palavras, a opinião já formada a respeito de Zein na véspera, voltou para casa. Vestindo um traje de cerimônia, foi visitar o rei, que o recebeu afavelmente. Após várias saudações de ambos os lados, Bubekir disse ao rei: ‘Senhor, tencionais viver muito tempo em Bagdá?’ ‘Aqui ficarei’, respondeu-lhe Zein, ‘até que encontre uma jovem de 15 anos, perfeitamente bela e tão casta que jamais tenha conhecido homem nem desejado conhecê-lo.’ ‘Procurais coisa bastante rara’, respondeu o imã, ‘e receio que a vossa busca seria inútil, se não soubesse onde se acha jovem semelhante. Seu pai foi, em outros tempos, vizir; mas abandonou a corte, e há muito que vive numa casa isolada, onde se entrega inteiramente à educação da filha. Se quiserdes, irei pedi-la para vós. Tenho certeza de que há de ficar encantado com um genro do vosso sangue.’ ‘Não corramos tanto’, respondeu o príncipe. ‘Não desposarei essa criatura sem que antes verifique se me convém. Quanto à vossa beleza, posso fiar-me de vós; mas no tocante à sua virtude, que garantias me ofereceis?’ ‘Mas que garantias pretendeis?’, estranhou Bubekir. ‘É preciso que eu lhe veja o rosto’, respondeu Zein; ‘basta-me isso para tirar a minha conclusão.’ ‘Conheceis tão bem assim as fisionomias?’, respondeu o imã, sorrindo. ‘Pois bem, vinde comigo à casa do vizir; rogarei que vo-la mostre um momento, apenas, na sua presença.’

Muezin conduziu o príncipe à casa do vizir, que, mal soube do nascimento e do propósito de Zein, mandou chamar a filha, ordenando-lhe que tirasse o véu. Jamais se havia apresentado aos olhos do jovem rei de Bassorá beleza tão perfeita e provocante. O seu contentamento foi enorme. E mais encantado ainda ficou quando, ao tirar o espelho e consultá-lo, ele se manteve puro e límpido.

Vendo que finalmente se lhe deparara a jovem tão desejada, rogou ao vizir que a cedesse. Imediatamente chamado, o cádi não tardou em aparecer. Realizaram-se, então, o contrato e a prece do casamento. Após a cerimônia, Zein conduziu o vizir à sua casa, onde lhe ofereceu um esplêndido banquete e valiosos presentes. Em seguida enviou à recém-casada um sem-número de

joias por intermédio de Mobarec. Na casa de Zein, realizaram as núpcias celebradas com toda a pompa conveniente à posição de Zein. Quando todos se retiraram, Mobarec disse ao seu amo: ‘Vamos, senhor, não nos demorem mais tempo em Bagdá; retomemos o caminho do Cairo. Lembrai-vos da promessa feita ao rei dos gênios.’ ‘Partamos’, respondeu Zein; ‘é preciso que eu a cumpra com fidelidade. Confesso-vos, porém, meu caro Mobarec, que se obedeço ao rei dos gênios não é sem pesar. A criatura que acabo de desposar é encantadora, e estou tentado a levá-la para Bassorá, a fim de colocá-la ao meu lado no trono.’ ‘Ah, senhor’, respondeu Mobarec, ‘guardai-vos de ceder ao vosso desejo! Dominai vossa paixão! Custe o que custar, mantenha a palavra dada ao rei dos gênios.’ ‘Pois bem, Mobarec’, disse o príncipe, ‘cuidai de ocultar-me essa tentadora jovem. Não permitais que eu a veja. Talvez já a tenha visto demasiadamente.’

Mobarec mandou fazer os preparativos para a partida. Voltaram ao Cairo e de lá tomaram o caminho da ilha do rei dos gênios. Quando chegaram, a jovem, que viajara em liteira, e que o príncipe nunca mais vira depois das núpcias, disse a Mobarec: ‘Onde estamos? Estaremos nos Estados do rei meu marido?’ ‘Senhora’, respondeu-lhe Mobarec, ‘convém desenganar-vos. O rei Zein só vos desposou para separá-la do vosso pai. Não foi para tornar-vos rainha de Bassorá que ele vos jurou fidelidade; foi para entregar-vos ao rei dos gênios, que lhe pediu uma jovem como vós.’ Àquelas palavras, ela pôs-se a chorar desesperadamente, o que muito comoveu o rei e Mobarec.

‘Apiedai-vos de mim!’, disse-lhe. ‘Sou uma forasteira, e vós respondereis perante Deus pela traição que fizestes contra mim!’

Suas lágrimas foram inúteis. Apresentada ao rei dos gênios, este, após observá-la com muita atenção, disse a Zein: ‘Príncipe, estou contente convosco. A jovem que me trouxestes é encantadora e casta, e o esforço que envidastes para cumprir sua palavra muito me agrada. Voltai aos vossos Estados. Quando entrardes na câmara subterrânea onde se encontram as oito estátuas, vereis a nona que vos prometi; os meus gênios a transportarão.’ Zein agradeceu ao rei, e retomou o caminho do Cairo com Mobarec; mas pouco se demorou nessa cidade. A impaciência de receber a nona estátua fez com que ele apressasse a partida. Entretanto, não deixava de pensar na jovem

desposada; censurando-se pela traição, considerava-se causa e instrumento da sua desgraça. ‘Ah!’, refletia, ‘arranquei-a às ternuras do pai para sacrificá-la a um gênio! Ó beleza sem par! Bem merecíeis sorte melhor!’

Zein, imerso nesses pensamentos, chegou finalmente a Bassorá, onde os seus súditos, encantados com o seu regresso, se entregaram a explosões de júbilo. Em primeiro lugar, ele foi contar a viagem a sua mãe, que ficou encantada ao saber que ele obtivera a nona estátua. ‘Vamos, meu filho, vamos vê-la, pois sem dúvida deve estar no subterrâneo. O rei dos gênios assim vos garantiu.’ Zein e sua mãe, ambos impacientes por contemplar a maravilhosa estátua, desceram ao subterrâneo e entraram na sala das estátuas. Mas qual não foi a sua surpresa quando no meio de uma estátua de diamante perceberam sobre o nono pedestal uma jovem extremamente formosa que o príncipe reconheceu como a que conduzira à ilha dos gênios. ‘Príncipe’, disse-lhe a jovem, ‘certamente vos assustais por ver-me aqui; esperáveis ver algo mais precioso que eu, e tenho a certeza de que neste momento vos arrependeis de todo o vosso trabalho. Esperáveis, sem dúvida, muito melhor recompensa.’ ‘Não, senhora’, respondeu Zein; ‘os céus podem provar que várias vezes pensei em faltar ao respeito devido ao rei dos gênios para vos conservar ao meu lado. Valha quanto valer uma estátua de diamante, valerá, porventura, o prazer de vos possuir? Amo-vos muito mais que todos os diamantes e todas as riquezas do mundo.’

Quando ele terminou de falar, ouviu-se um trovão que fez estremecer o subterrâneo. A mãe de Zein recuou, aterrorizada; mas o rei dos gênios, aparecendo, afastou-lhe o temor: ‘Senhora’, disse-lhe, ‘protejo e estimo vosso filho. Quis ver se, com a sua idade, seria capaz de dominar sua paixão. Bem sei que os encantos desta jovem o feriram, e que ele não manteve rigorosamente a promessa que me fizera de sequer desejar possuí-la; mas conheço de sobejo a fraqueza humana para me ofender, e estou contentíssimo com a sua resistência. Eis a nona estátua que lhe destinava: é mais rara e mais preciosa que as outras.’ ‘Vivei, Zein’, prosseguiu, dirigindo-se ao rei, ‘vivei feliz com esta mulher, que é vossa esposa. E, se quereis que vos seja fiel constantemente, amai-a sempre, mas amai a ela exclusivamente. Não lhe deis rival, e eu respondo pela sua fidelidade.’ O rei dos gênios

desapareceu depois de pronunciar essas palavras. E Zein, alegríssimo, consumou o seu matrimônio no mesmo dia, nomeando a esposa rainha de Bassorá. Ambos, sempre fiéis, sempre apaixonados, viveram juntos muitos e muitos anos.”

A sultana da Índia, mal terminou a história do príncipe Zein Alasnam, pediu permissão para iniciar outra, o que Shahriar lhe concedeu para a próxima noite, porém, visto que o dia não tardaria em surgir. Assim, na noite seguinte, disse Sherazade:

A HISTÓRIA DE CODADAD E SEUS IRMÃOS

“Os que escreveram a história do reino de Diarbekir dizem que na cidade de Harran reinara um rei magnífico e poderoso. Amava seus súditos e era amado por eles. Possuía mil virtudes, e só lhe faltava, para ser perfeitamente feliz, ter um herdeiro. Embora vivessem no seu harém as mais formosas criaturas do mundo, não conseguia ter filhos delas. Pedia constantemente aos céus essa graça. Uma noite, enquanto desfrutava a doçura do sono, um homem de belo aspecto, ou antes um profeta, lhe apareceu e disse-lhe:

‘As tuas preces foram ouvidas. Obtiveste enfim o que desejavas. Levanta-te mal despertares, faze as tuas preces e duas genuflexões. Depois vai aos jardins do teu palácio, chama o jardineiro e ordena-lhe que te traga uma romã. Come quantos grãos te aprouverem, e os teus anelos serão satisfeitos.’

O rei, ao despertar, deu graças aos céus. Levantou-se, fez as suas preces, as duas genuflexões, e foi, depois, ao jardim, onde pegou cinquenta grãos de romã, que contou um após o outro, e comeu-os. Possuía ele cinquenta mulheres, que dividiam entre si as honras do seu leito. Todas engravidaram. Somente uma, Piruzé, não deu sinais de estar grávida. Foi tal a aversão que o rei por ela concebeu, que quis condená-la à morte. ‘A sua esterilidade’, refletia, ‘é uma demonstração de que os céus não a acharam digna de ser mãe de um príncipe. É preciso que eu limpe o mundo de objeto tão odioso ao Senhor.’ Estava tomado a cruel resolução, mas o grão-vizir conseguiu dissuadi-lo, mostrando-lhe que nem todas as mulheres tinham o mesmo temperamento, e que talvez Piruzé estivesse grávida, sem apresentar sinais evidentes, contudo. ‘Pois bem’, respondeu o rei, ‘deixemo-la viver; mas ela terá de sair da minha corte, pois não posso vê-la.’ ‘Enviai-a, senhor’, disse o vizir, ‘ao príncipe Samer, vosso primo.’ O rei ouviu com agrado o conselho e mandou Piruzé a Samaria com uma carta, mediante a qual ordenava ao primo que a tratasse bem e, se estivesse grávida, que o avisasse do dia do parto.

Mal Piruzé chegou àquele país, notou que estava grávida. Finalmente, deu à luz um príncipe mais lindo que a luz do dia. O príncipe de Samaria escreveu imediatamente ao rei de Harran para comunicar-lhe o feliz nascimento daquele filho e dar-lhe os devidos parabéns. O rei muito se alegrou, e respondeu nos seguintes termos ao príncipe Samer:

Meu primo, as minhas outras mulheres também deram à luz cada uma a um príncipe, de modo que é grande meu número de filhos. Rogo-vos criar o de Piruzé, dar-lhe o nome de Codadad, e enviá-lo a mim quando eu assim pedir.

O príncipe de Samaria nada poupou para a educação do filho do primo. Fez com que ele aprendesse a montar a cavalo, a atirar com o arco e as demais coisas que convêm aos filhos de reis, tanto que Codadad aos 18 anos passava por um prodígio. O jovem, sentindo uma coragem digna do seu nascimento, disse um dia à sua mãe: ‘Senhora, começo a aborrecer-me aqui na Samaria; sinto que amo a glória. Permiti-me buscar aventuras nos perigos da guerra. O rei de Harran, meu pai, tem inimigos. Alguns príncipes, seus vizinhos, querem perturbar-lhe a tranquilidade. Por que não me chama em seu auxílio? Por que me deixa por tanto tempo na infância? Não deveria estar na corte? Enquanto todos os meus irmãos têm a sorte de combater ao lado dele, terei de passar aqui a minha vida na ociosidade?’ ‘Meu filho’, respondeu-lhe Piruzé, ‘não tenho menos impaciência que vós por ver famoso o vosso nome. Bem gostaria que já vos tivésseis assinalado contra os inimigos do rei, vosso pai, mas é preciso aguardar que ele vos chame.’ ‘Não, senhora’, respondeu Codadad, ‘já esperei demais. Morro de vontade de ver o rei e estou tentado a lhe oferecer os meus préstimos como jovem desconhecido. Aceitá-los-á sem dúvida, e eu só me revelarei após mil feitos gloriosos. Quero merecer-lhe a estima antes que me reconheça.’ Piruzé aprovou tão generosa resolução, e com medo de que o príncipe Samer se opusesse, Codadad, sem nada lhe comunicar, saiu um dia de Samaria como se pretendesse dirigir-se a uma caçada.

Montara um cavalo branco com estribos de ouro e uma sela de cetim azul constelada de pérolas. O seu alfanje de empunhadura de diamante tinha uma

bainha de sândalo guarnecido de esmeraldas e rubis. Trazia sobre os ombros uma aljava e um arco. Assim armado, magnífico, chegou à cidade de Harran. Em breve arranhou meios de apresentar-se ao rei, que encantado com sua formosura, seu porte, ou talvez atraído pela força do sangue, o acolheu bondosamente, perguntando-lhe como se chamava. ‘Senhor’, respondeu Codadad, ‘sou filho de um emir do Cairo. O desejo de viajar me impeliu a abandonar a pátria; e, como soube, passando pelos vossos Estados, que estáveis em guerra contra alguns dos vossos vizinhos, aqui vim oferecer-vos o meu braço.’ O rei cumulou-o de gentilezas e cedeu-lhe um posto nas suas tropas. O jovem príncipe não tardou em revelar a sua bravura. Atraiu a estima dos oficiais, excitou a admiração dos soldados e, como tinha tanto espírito como coragem, conquistou as boas graças do rei tornando-se em breve seu favorito. Todos os dias os ministros e demais cortesãos visitavam Codadad, e de tal forma tratavam de granjear-lhe a amizade que desprezavam a dos outros filhos do rei. Esses jovens príncipes desgostaram-se e, sentindo ódio pelo estrangeiro, passaram a detestá-lo. Entretanto, o rei, estimando-o cada vez mais todos os dias, dava-lhe constantemente provas do seu afeto. Queria-o sempre ao seu lado, admirava-lhe as palavras cheias de sabedoria, e para demonstrar até que ponto o julgava sábio e prudente confiou-lhe a guarda dos príncipes, embora Codadad tivesse a mesma idade que eles.

Isso conseguiu apenas aumentar-lhes o ódio. ‘Como’, protestaram, ‘o rei não se contentando em estimar um estrangeiro mais que a nós, exige que seja ele o nosso guia, e nada podemos fazer sem a sua permissão! Não permitiremos. Precisamos nos livrar de Codadad.’ ‘Pois vamos todos juntos’, disse um deles, ‘procurá-lo e fazê-lo tombar sob os nossos golpes.’ ‘Não, não’, respondeu outro, ‘guardemo-nos de o imolar nós mesmos; sua morte nos tornaria odiados pelo rei, que, para nos punir, nos declararia indignos de reinar. Arruinemo-lo com habilidade. Peçamos-lhe para ir caçar e, quando estivermos longe do palácio, tomaremos o caminho de outra cidade, onde passaremos algum tempo. A nossa ausência assustará o rei, que, não nos vendo voltar, perderá a paciência, e talvez mande matar o estrangeiro; pelo menos o expulsará da corte por nos ter permitido sair.’

Todos concordaram com o plano. Procurando Codadad, pediram-lhe que lhes permitisse caçar, prometendo-lhe regressar no mesmo dia. O filho de Piruzé caiu na cilada e deu permissão. Os jovens príncipes partiram. Já fazia três dias que se achavam ausentes quando o rei perguntou a Codadad: ‘Onde estão os príncipes? Há muito tempo que não os vejo.’ ‘Senhor’, respondeu-lhe Codadad, após uma profunda reverência, ‘estão caçando há três dias; no entanto, me prometeram que voltariam muito antes.’ O rei se inquietou, e a sua inquietação aumentou ao ver que no dia seguinte os jovens continuavam desaparecidos. Não conseguiu, então, refrear a cólera. ‘Imprudente’, disse a Codadad, ‘por que deixaste partir meus filhos sem os acompanhar? Assim é que desempenhas a tarefa que te incumbi? Vai procurá-los imediatamente e traga-os. Do contrário morrerás.’

Essas palavras gelaram o sangue do infeliz filho de Piruzé. Armando-se, sem perda de tempo, montou em seu cavalo, saiu da cidade, e como um pastor que perdeu seu rebanho procurou seus irmãos por toda a parte; em todas as aldeias perguntou se não foram vistos; e, não recebendo notícias, abandonou-se à dor. ‘Ah, meus irmãos!’, exclamou, ‘onde estais? Estareis em poder do inimigo? Terei eu vindo à corte de Harran só para causar ao rei tão grande desgosto?’ Estava inconsolável por ter permitido aos príncipes a caçada e por não tê-los acompanhado.

Após alguns dias em vãs procuras, chegou a uma planície de prodigiosa extensão, no meio da qual se erguia um palácio de mármore negro. Aproximou-se e viu a uma janela uma dama de esplêndida beleza, mas sem nenhum enfeite; tinha os cabelos desfeitos e as vestes rasgadas. No seu rosto percebiam-se os sinais de profunda dor. Mal notou Codadad, dirigiu-lhe aquela criatura as seguintes palavras: ‘O jovem, afasta-te deste funesto palácio, senão verás em breve o poder do monstro que o habita. Aqui vive um negro que se alimenta de sangue humano; detém todos os que têm a desventura de por aqui passar e encerra-os em celas sombrias, de onde só os tira quando quer comê-los.’

‘Senhora’, respondeu-lhe Codadad, ‘dizei-me quem sois e não vos aflijais pelo resto.’ ‘Sou jovem de posição do Cairo’, respondeu a dama; ‘passei por este castelo indo a Bagdá, e encontrei o negro, que matando os meu criados

prende-me aqui. Quisera ter de temer apenas a morte, mas para a minha infelicidade o monstro quer que eu ceda à sua vontade; e, se amanhã não ceder sem resistência à sua brutalidade, terei de aguardar a maior das violências. Mais uma vez, salve-te, que o negro não tarda em chegar; saiu para perseguir alguns viajantes que ele percebeu na planície. Não tens tempo a perder; e não sei se, apesar de uma rápida fuga, poderás escapar-lhe.'

Mal terminou essas palavras apareceu o negro. Era um homem de desmedido tamanho e de aspecto terrível. Montava um poderoso cavalo da Tartária e trazia uma cimitarra tão grande e pesada que somente ele podia usá-la. O príncipe, diante daquele monstro, foi tomado de terror; mas, dirigindo-se aos céus, rogando que lhe fossem favoráveis, puxou do sabre e aguardou o negro, que, desprezando tão débil inimigo, lhe ordenou que se rendesse sem combater. Codadad, porém, deu a entender por sua atitude que pretendia defender sua vida, pois, aproximando-se-lhe, o atingiu fortemente no joelho. O negro, sentindo-se ferido, deu um grito terrível que ecoou por toda a planície. Enfureceu-se, espumou de raiva, levantou-se nos estribos e quis, por sua vez, atingir Codadad com a sua impressionante cimitarra. O golpe foi desfechado com tal força que o jovem príncipe estaria perdido se não tivesse tido a habilidade de evitá-lo com uma rápida volta do cavalo. A cimitarra assobiou no ar terrivelmente. Então, antes que o negro tivesse tempo de dar um novo golpe, desferiu-lhe Codadad outro no braço direito, e com tal força que o cortou. A terrível cimitarra caiu ao chão com o membro que a empunhava, e o negro, cedendo imediatamente à violência do golpe, ruiu sobre o chão com poderoso estrondo. Ao mesmo tempo, o príncipe, apeando-se, lançou-se sobre ele e decepou-lhe a cabeça. Nesse momento, a dama, cujos olhos haviam testemunhado a luta, e que ainda rogava aos céus a favor do jovem herói, deu um grito de alegria, e disse a Codadad: 'Príncipe, pois a difícil vitória que acabais de conseguir me persuade tanto quanto o vosso nobre aspecto, que não podeis pertencer a condição comum, terminai a vossa obra: o negro possui as chaves do castelo: pegai-as e vinde tirar-me desta prisão.' O príncipe revistou os bolsos do miserável estendido sobre o chão e encontrou várias chaves.

Abrindo a primeira porta, entrou num grande pátio, onde se lhe deparou a dama, que pretendeu atirar-se-lhe aos pés para lhe demonstrar toda a sua gratidão. Mas ele impediu. A dama elogiou-lhe o valor e colocou-o acima de todos os heróis do mundo. Codadad respondeu aos cumprimentos, e como ela lhe parecesse mais linda ainda não sei se a dama sentia maior júbilo por se ver livre do espantoso perigo a que estivera exposta do que ele, por ter prestado tão excelente serviço a criatura tão formosa.

De repente, interromperam-nos gritos e gemidos. ‘Que é isso que estou ouvindo?’, perguntou Codadad; ‘de onde vêm esses horríveis gemidos que me ferem os ouvidos?’ ‘Senhor’, disse-lhe a dama, indicando-lhe com o dedo uma porta baixa no pátio, ‘vêm dali. Há ali não sei quantos infelizes que a sua má estrela fez cair entre as mãos do negro. Estão acorrentados, e cada dia o monstro arrancava um deles para devorá-lo.’

‘É outra alegria para mim’, respondeu o príncipe, ‘saber que a minha vitória salva a vida desses infelizes. Vinde, senhora, vinde partilhar comigo o prazer de dar-lhes a liberdade: testemunharei a satisfação que lhes causaremos.’ Àquelas palavras, caminharam para a porta da masmorra. À medida que dela se aproximavam, ouviam mais distintamente os lamentos dos desgraçados. Codadad se moveu. Impaciente por lhes libertar colocou rapidamente uma das chaves na fechadura. Mas não acertou com a primeira, e viu-se obrigado a recorrer a outra; ouvindo o ruído, os infelizes, certos de que se tratava do negro que ia, segundo o costume, levar-lhes comida, e, ao mesmo tempo, apoderar-se de um deles, redobram os gritos e os gemidos.

Finalmente, conseguiu abrir a porta. Deparou-se uma escada pela qual desceu a um grande e profundo recinto iluminado por uma tênue luz proveniente de uma clareira, onde se viam mais de cem homens acorrentados. ‘Infelizes viajantes’, disse-lhes ele, ‘vítimas que só aguardavam o momento de uma morte cruel, dai graças aos céus que vos libertam com o auxílio do meu braço; matei o horrendo negro de quem séreis presa, e venho agora despedaçar os vossos grilhões.’ Os prisioneiros mal ouviram aquelas palavras, manifestaram toda a sua surpresa e alegria. Codadad e a dama começaram a pô-los em liberdade; e, à medida que progrediam no

trabalho, os que se viam livres das correntes ajudavam a despedaçar as dos outros, de modo que, em pouco tempo, ficou pronta a obra da libertação.

Ajoelharam-se, então, e, após agradecerem a Codadad, abandonaram o lúgubre recinto; quando se viram no pátio, qual não foi o assombro do príncipe, reconhecendo, entre eles, os irmãos tão procurados que ele já desistira de rever! ‘Ah, príncipes!’, gritou, ‘não estarei enganado? A vós é que estou realmente vendo? Poderei gabar-me de vos devolver ao rei, vosso pai, inconsolável com a vossa ausência? Não faltará nenhum entre vós? Estais todos vivos? Ai! A morte de um único de vós será o bastante para envenenar a alegria que experimento por vos ter salvado!’

Os 49 príncipes rodearam Codadad, que a todos abraçou, explicando-lhes a inquietação causada pela sua ausência ao rei. Codadad recebeu de todos eles o devido agradecimento, assim como os recebeu dos demais prisioneiros que não encontravam palavras suficientes para lhes testemunhar toda a gratidão que os dominava. Em seguida, acompanhado por todos, percorreu o castelo, onde se amontoavam incalculáveis riquezas, tecidos finos, cetins da China e uma infinidade de outras mercadorias roubadas pelo negro às caravanas, e cuja maior parte pertencia aos prisioneiros libertados por Codadad. Cada um reconheceu os seus haveres e os reclamou. O príncipe entregou-lhes os respectivos fardos, e até dividiu entre eles o resto das mercadorias. Depois, disse-lhes: ‘Como fareis para transportar os vossos tecidos? Estamos aqui num deserto, e não vejo como encontrareis cavalos.’ ‘Senhor’, respondeu um dos prisioneiros, ‘o negro nos roubou, com as mercadorias e os camelos; talvez se encontrem estes nos estábulos do castelo.’ ‘Não é impossível’, respondeu Codadad, ‘e é o que trataremos de averiguar.’ Ao mesmo tempo, rumaram todos para os estábulos, onde não somente descobriram os camelos como também os cavalos dos filhos do rei de Harran. Havia nos estábulos alguns escravos negros que, vendo todos os prisioneiros livres, e deduzindo, disso, ter sido o monstro assassinado, fugiram por caminhos somente por eles conhecidos. Ninguém pensou em persegui-los. Todos os mercadores, contentíssimos por terem recobrado os camelos e as mercadorias, além da liberdade, dispuseram-se a partir; mas antes agradeceram novamente ao libertador.

Quando, finalmente, partiram, Codadad, voltando-se para a dama, perguntou-lhes: ‘Para onde desejais ir, senhora? Para onde vos dirigíeis, quando fostes detida pelo negro? Pretendo conduzir-vos até o lugar que escolhestes, e tenho certeza de que os príncipes me apoiarão.’ Os filhos do rei da Harran afirmaram à dama que não a abandonariam antes de devolvê-la aos pais.

‘Príncipe’, disse-lhes ela, ‘sou de um país muito distante daqui; e além de que abusaria da vossa generosidade se vos obrigasse a tão longa viagem, confesso-vos que me afastei para sempre da minha pátria. Disse-vos há pouco que era uma dama do Cairo; mas após toda a bondade que me testemunhastes, e pela gratidão que vos devo, senhor, não poderia esconder-vos a verdade. Sou filha de um rei. Um usurpador se apoderou do trono do meu pai, após matá-lo, e para conservar a minha vida, fui obrigada a fugir.’ Diante dessa confissão, Codadad e seus irmãos rogaram à princesa que lhes contasse a sua história, assegurando-lhe que participavam de todas as suas desgraças e que estavam dispostos a nada poupar para devolver-lhe a sorte. Agradecendo-lhes novamente, não pôde a princesa esquivar-se a lhes satisfazer a curiosidade. E começou a contar-lhes suas aventuras.”

A HISTÓRIA DA PRINCESA DE DERIABAR

“Existe numa ilha uma grande cidade chamada Deriabar. Durante um longo tempo foi governada por um poderoso rei, esplêndido e virtuoso, mas sem filhos, o que lhe impedia a felicidade. Dirigia sempre fervorosas preces aos céus; mas os céus somente as ouviram pela metade, pois a rainha, após uma longa espera, deu à luz uma menina.

Esta infeliz princesa sou eu. Meu pai, quando nasci, sentiu mais tristeza do que alegria, mas submeteu-se à vontade de Deus. Criou-me com todos os cuidados, resolvido, já que não tinha filhos homens, a ensinar-me a arte de governar, e a ceder-me o seu lugar.

Um dia, estando numa caçada, encontrou um asno selvagem. Perseguiu-o, separando-se do grupo, e o seu ardor o levou tão longe que, sem perceber que se perdera, correu até o anoitecer. Apeou, então, do animal, e sentou-se à entrada de uma floresta onde o asno havia se refugiado. Mal terminou o dia, percebeu entre as árvores uma luz que lhe mostrou não estar muito longe de uma aldeia. Alegrou-se, na esperança de lá poder passar a noite e encontrar alguém que se incumbisse de informar ao seu séquito sobre o seu paradeiro. Caminhou, pois, em direção à luz que lhe servia de guia.

Mas em breve verificou estar enganado. Aquela luz não era outra coisa senão o fogo aceso numa choupana: aproximou-se, e viu, com espanto, um grande negro, ou antes um espantoso gigante sentado num sofá. O monstro tinha na sua frente um enorme vaso repleto de vinho, e sobre carvões ardentes estava assando um boi. Umas vezes levava o vaso à boca; outras, comia um pedaço do boi. O que mais atraiu a atenção do rei, meu pai, foi uma belíssima mulher, mergulhada, aparentemente, em profunda tristeza; tinha as mãos amarradas, e aos seus pés se encontrava um menino de dois ou três anos que, como se já pressentisse as desventuras de sua mãe, chorava sem parar.

Meu pai, impressionado, teve a tentação de entrar e atacar o gigante, mas, refletindo que o combate seria desigual, deteve-se e resolveu desfazer-se dele

pela surpresa. Entretanto, o gigante, após esvaziar o vaso de vinho e comer mais da metade do boi, voltou-se para a mulher e disse-lhe: Formosa princesa, por que me obrigais com a vossa obstinação a vos tratar com rudeza? Depende exclusivamente de vós ser feliz, resolvendo amar-me e ser-me fiel. Tratarei a vós com toda a doçura. Ó sátiro horroroso, respondeu a dama, não esperes que o tempo diminua o nojo que sinto por ti! Serás sempre um simples monstro! Seguiram-se a essas palavras tantas injúrias, que, finalmente, o gigante se encolerizou. Basta!, gritou furiosamente, o meu amor desprezado converte-se em ódio, excitado pelo teu. Sinto que supera os meus desejos e que quero a tua morte muito mais do que quis a tua posse. Terminando, pegou a infeliz pelos cabelos, levantou-a no ar com uma das mãos, e com a outra, tirando o alfanje, ia cortar-lhe a cabeça quando o rei, meu pai, disparando uma seta, furou o estômago do gigante, que, imediatamente, caiu ao chão, morto.

Meu pai entrou na cabana, desamarrou as mãos da mulher e perguntou-lhe quem ela era e como se encontrava naquele lugar. Senhor, respondeu-lhe, na beira do mar há várias famílias sarracenas que têm por chefe um príncipe, meu marido. O gigante que acabais de matar era um dos seus principais auxiliares. Esse miserável concebeu por mim uma violenta paixão que ele cuidou de ocultar até que se lhe deparasse ocasião favorável para executar seu plano. A sorte favorece mais frequentemente os empreendimentos injustos que as boas resoluções. Um dia, surpreendeu-me o gigante com meu filho num lugar isolado; apoderou-se de nós, e para tornar inúteis todas as buscas do meu marido afastou-se do país habitado pelos sarracenos e trouxe-nos até esta floresta, onde há vários dias me encontro. Por mais deplorável que seja o meu destino, não deixo de experimentar certo consolo ao pensar que o gigante, brutal e amoroso como era, não empregou violência para obter o que sempre recusei aos seus rogos. Cem vezes me ameaçou de que chegaria aos meios mais extremados, se não conseguisse vencer de outra maneira a minha resistência; e confesso-vos que há pouco quando lhe provoquei a cólera com as minhas palavras temi menos pela minha vida do que pela minha honra. Eis, senhor, continuou a mulher do príncipe dos sarracenos, a minha história; e estou certa de que me

achareis digna de piedade e que não vos arrependereis de tão generosamente ter me salvo.

Sim, senhora, disse-lhe meu pai, a vossa desgraça me comoveu, e fiquei impressionado. Amanhã, sairemos desta floresta, procuraremos o caminho da grande cidade de Deriabar, da qual sou soberano; e, se vos agradar, a alojarei no meu palácio, até que venha buscar-vos vosso esposo.

A dama sarracena aceitou a proposta; e no dia seguinte seguiu o rei, que, à saída da floresta, encontrou seus oficiais muitíssimo preocupados, que se alegraram em vê-lo e se surpreenderam com a beleza da mulher que o acompanhava. Contou-lhes ele de que maneira a havia encontrado e o perigo ocorrido, ao se aproximar da cabana, onde, sem dúvida, perderia a vida, se o gigante o tivesse pressentido. Um dos oficiais tomou a dama à garupa do seu animal; outro se encarregou do filhinho dela.

Chegaram, assim, ao palácio do rei, meu pai, que pôs um aposento à disposição da bela sarracena, e deu ordens para que seu filho fosse tratado como merecia. A dama não ficou insensível à bondade do rei, demonstrando-lhe grande reconhecimento. A princípio parecera bastante impaciente por ver que o marido não a procurava; pouco a pouco, todavia, foi-se-lhe a inquietação. As deferências de meu pai a encantaram, e estou certa de que, por fim, lastimava mais a sorte que novamente a aproximava dos seus do que o destino que deles a afastara.

Entretanto, o filho da rainha cresceu formoso, e como tinha grande tato achou um meio de agradar ao rei, meu pai, que muito se lhe afeiçoou. Todos os cortesãos o perceberam, e julgaram que o jovem poderia desposar-me. Com essa ideia, e já o considerando herdeiro da coroa, apegavam-se-lhe, tratando cada um de lhe conquistar a confiança. Rejubilou-se o jovem e, esquecendo-se da distância que nos separava, gabava-se de que o meu pai feriria a sua aliança à dos demais príncipes da Terra. Fez mais: tardando o rei em conceder-lhe a minha mão, teve a ousadia de pedi-la. Apesar do castigo merecido pela sua audácia, limitou-se meu pai a dizer-lhe que tinha outros planos para mim. O jovem irritou-se com a recusa. Sentiu-se ofendido com o desprezo, como se tivesse pedido a mão de uma jovem comum ou como se não tivesse nascimento igual ao meu. Não se deteve nisso: resolveu vingar-se

do rei; e com uma ingratidão sem precedentes conspirou contra ele, apunhalou-o e fez-se proclamar rei de Deriabar, por grande número de pessoas descontentes cujas graças soube conquistar. O seu primeiro cuidado, ao ver-se livre do meu pai, foi apresentar-se ao meu aposento, diante de alguns dos conjurados. Planejava tirar-me a vida ou obrigar-me a desposá-lo pela força. Mas consegui escapar-lhe: enquanto estava ocupado a matar meu pai, o grão-vizir, que fora sempre fiel ao amo, arrancou-me do palácio e pôs-me em segurança na casa de um dos seus amigos, onde me reteve até que um navio, secretamente preparado, zarpasse. Saí então da ilha, acompanhada somente por uma governanta e pelo generoso vizir que preferia seguir a filha do amo a ligar-se a um tirano.

O grão-vizir propunha-se conduzir-me às cortes dos reis vizinhos, implorar-lhes auxílio e instigá-los a vingar a morte do meu pai; mas os céus não aprovaram uma resolução que nos parecia tão sensata. Após vários dias navegando, formou-se uma furiosa tempestade, que, apesar da habilidade dos marinheiros, o navio, levado pela violência dos ventos e das ondas, se despedaçou contra um rochedo. Não vos descreverei o nosso naufrágio; não saberia dizer-vos como foram engolidos pelas águas o grão-vizir, a minha governanta e todos os que me acompanhavam; o terror que me dominava não permitiu compreender todo o horror do nosso destino. Perdi a consciência e, ou por ter sido levada por algum destroço do navio para a costa, ou porque os céus, que me reservavam outras desgraças, realizaram um milagre para salvar-me, quando recobrei os sentidos, encontrei-me na praia.

Muitas vezes os males nos tornam injustos. Em vez de agradecer a Deus a graça que Ele me concedia, levantei os braços aos céus, censurando-os por me terem poupado a vida. Em vez de chorar o vizir e a governanta, invejei-lhes o destino, e, pouco a pouco, cedendo a minha razão às tenebrosas imagens que a perturbavam, tomei a resolução de lançar-me ao mar. Estava pronta a fazê-lo, quando ouvi atrás de mim um grande estrépito de homens e cavalos. Voltei imediatamente a cabeça para ver o que era. Eram vários cavaleiros armados, e entre eles sobressaía um montado num cavalo árabe, com uma veste bordada de prata, um cinto com pedras preciosas e uma coroa de ouro. Se eu não tivesse deduzido pelas suas vestes ser ele o amo dos

outros, tê-lo-ia feito pelo seu porte. Era um jovem formoso e mais belo que a luz do dia. Surpreso por ver naquele lugar uma jovem sozinha, encarregou um dos seus oficiais de perguntar quem eu era. Respondi-lhe com lágrimas, apenas. Como a praia estava juncada de destroços do navio, julgaram que um navio acabara de despedaçar-se e que eu era, sem dúvida, a única criatura sobrevivente do naufrágio. Isso e a viva dor que em mim transparecia despertaram a curiosidade dos oficiais, que começaram a fazer-me mil perguntas, assegurando-me ser o seu rei um príncipe generoso e que eu seria consolada na sua corte.

O rei, impaciente por saber quem eu era, cansou de esperar a volta dos seus oficiais, e aproximou-se de mim, com muita atenção. Como eu não parava de chorar e de me lastimar, sem nada poder responder aos que me interrogavam, proibiu-lhes dirigir-me outras perguntas, e, dirigindo-se a mim, disse: Senhora, suplico-vos moderar a vossa dor. Se os céus encolerizados vos fazem sentir todo o seu rigor, será preciso abandonar-vos ao desespero? Tende mais firmeza; a sorte que vos persegue é inconstante e poderá mudar. Ouso até garantir-vos que as vossas desgraças serão aliviadas nos meus Estados. Ofereço-vos o meu palácio. Vivereis ao lado da rainha, minha mãe, que se esforçará em mitigar vossa tristeza. Ainda não sei quem sois, mas já me interesse por vós.

Agradei sua bondade, aceitei sua oferta e para mostrar-lhe que não era indigna de tal tratamento, revelei-lhe minha condição. Pinte-lhe a audácia do jovem sarraceno e só tive de contar-lhe as minhas desgraças para provocar-lhe a compaixão e a de todos os seus oficiais. O príncipe, quando terminei de falar, retomou a palavra e assegurou-me, mais uma vez, que se interessava pelo meu infortúnio. Em seguida, levou-me ao seu palácio, onde me apresentou à rainha, sua mãe. Ali tive de recomeçar a contar minhas aventuras e renovar minhas lágrimas. A rainha foi sensível às minhas dores e teve por mim extraordinária ternura. O rei, seu filho, por seu lado, apaixonou-se perdidamente por mim, e depois ofereceu-me a mão e a coroa. Estava ainda tão absorta na minha desgraça que o príncipe não conseguiu despertar em mim a impressão que teria logrado em outra ocasião.

Entretanto, cheia de gratidão, não me recusei a fazer-lhe a felicidade, e o nosso casamento se realizou com toda a pompa.

Enquanto todos celebravam as núpcias do soberano, um príncipe vizinho e inimigo desembarcou certa noite na ilha com grande número de soldados. Era este terrível inimigo o rei do Zanguebar. Surpreendendo a todos, cortou em pedaços todos os súditos do meu marido. Pouco faltou para que se apoderasse de nós, pois já estava no palácio com um grupo de seus homens; mas conseguimos nos salvar e alcançar a costa, onde nos atiramos a um barco de pescadores que tivemos a sorte de encontrar. Vagueamos ao sabor das ondas durante dois dias, sem sabermos o que nos aconteceria; no terceiro, percebemos um navio que se dirigia para nós. Rejubilamo-nos a princípio, por supormos que se tratasse de um barco mercante que pudesse nos acolher; mas qual não foi o nosso espanto ao vermos aparecer, de repente, no tombadilho, dez ou 12 piratas armados. Cinco ou seis deles, pondo-se ao mar num barco, apoderaram-se de nós, amarraram o rei, meu marido, e nos levaram para o seu navio, onde imediatamente arrancaram o meu véu. A minha mocidade e a minha beleza os impressionaram. Todos confessaram estar encantados. Em vez de tirar a sorte, cada um deles pretendeu ter a preferência e, atracando-se, lutaram como verdadeiros furiosos. Num instante, o tombadilho ficou coberto de cadáveres. Enfim, mataram-se todos, com exceção de um que, vendo-se senhor da minha pessoa, me disse: Pertenceis-me: vou levar-vos ao Cairo para confiar-vos a um de meus amigos, a quem prometi formosa escrava. Mas observando o rei, meu esposo, perguntou: Quem é este homem? Que laços o prendem a vós? Os do sangue ou os do amor? Senhor, respondi-lhe, é meu marido.

Se é assim, respondeu o pirata, é preciso que dele me desfaça por piedade, pois sofreria muito vendo-vos nos braços de meu amigo. A essas palavras, pegou o infeliz rei e atirou-o ao mar, apesar de todos os meus esforços para impedi-lo.

Dei gritos terríveis diante de tão cruel ação; e teria indubitavelmente me precipitado às ondas, se o pirata não me tivesse detido. Vendo que eu não tinha outro desejo, amarrou-me com uma corda ao grande mastro; depois, singrou em direção à terra. Desembarcando-me, então, desamarrou-me,

levou-me a uma cidadezinha, onde comprou alguns camelos, tendas e escravas, e rumou para o Cairo, com o plano, repetia, de apresentar-me ao amigo e cumprir sua palavra.

Já fazia vários dias que estávamos viajando, quando, ao passarmos por esta planície, vimos o negro que habitava este castelo. De longe confundimo-lo com uma torre; quando chegou perto de nós, mal pudemos crer que se tratava de um homem. Tirando a cimitarra, ordenou ao pirata que se rendesse, com todos os escravos e a dama que o acompanhava. O pirata, um homem corajoso, auxiliado pelos escravos, atacou o negro. O combate durou muito tempo; finalmente, o pirata caiu sob os golpes do inimigo, assim como caíram também seus escravos, que preferiram morrer a abandoná-lo. Depois o negro me levou ao castelo para o qual levou o corpo do pirata, que, mais tarde, devorou. No final do horroroso jantar, disse-me, vendo que eu não fazia outra coisa senão chorar: Jovem senhora, prepara-te para satisfazer os meus desejos, em vez de te afligir dessa maneira. Ceda espontaneamente à necessidade; dou-te até amanhã para decidires. Quero verte-te calma e encantada por estares reservada ao meu leito. Terminando, conduziu-me a um quarto, e foi deitar-se no seu, após fechar cuidadosamente todas as portas do castelo. Abriu-as esta manhã, mas tornou a fechá-las imediatamente, para correr em perseguição a alguns viajantes; mas devem ter-lhe fugido, pois voltava sozinho quando vós o atacastes.’

Quando a princesa terminou de contar suas aventuras, Codadad lhe confessou a impressão causada pelas suas desgraças: ‘Mas, senhora’, acrescentou, ‘depende agora exclusivamente de vós viver tranquila. Os filhos do rei de Harran vos oferecem um refúgio na corte de seu pai. Aceitai-o. Sereis bem-acolhida por esse rei e por todos; e se não desdenhais a fé do vosso libertador, permiti que eu vos despose diante de todos estes príncipes. Quero que sejam testemunhas do nosso casamento.’ A princesa consentiu; e no mesmo dia realizou-se o casamento no castelo em que se encontravam as provisões necessárias, pois as cozinhas estavam repletas de carnes e outras iguarias de que o negro se valia para alimentar-se quando estava farto de carne humana. Havia também numerosas frutas, excelentes, e para cúmulo de delícias grande quantidade de licores e de vinhos deliciosos.

Puseram-se todos à mesa e, após comerem e beberem, levaram o resto das provisões e abandonaram o castelo com o propósito de rumar para a corte do rei de Harran. Caminharam vários dias, acampando nos mais agradáveis lugares; e só lhes restava um dia para chegar a Harran quando, tendo-se detido e terminado de beber vinho, Codadad disse: ‘Príncipes, já faz muito tempo que vos oculto quem sou realmente: vedes em mim vosso irmão Codadad, pois devo a luz do dia, assim como vós, ao rei de Harran. O príncipe de Samaria me criou e minha mãe é a princesa Piruzé.’ ‘Senhora’, acrescentou, voltando-se para a princesa de Deriabar, ‘perdoai-me se fiz do meu nascimento um mistério. Talvez se vo-lo tivesse revelado antes teria evitado desagradáveis reflexões que porventura tivestes, ao vos supordes ligada por um casamento desigual.’ ‘Não, senhor’, respondeu-lhe a princesa, ‘os sentimentos que me inspirastes desde o começo fortaleceram-se cada vez mais, e, para fazerdes a minha felicidade, não necessitáveis da origem que acabais de me revelar.’

Os príncipes congratularam-se com Codadad e manifestaram-lhe todo o seu júbilo; mas no fundo do coração o seu ódio pelo irmão não fez outra coisa senão aumentar. Reuniram-se de noite num lugar distante, enquanto Codadad e a princesa dormiam sob uma tenda, e, ingratos, esquecendo-se de que o corajoso filho de Piruzé os salvara das garras do negro, resolveram assassiná-lo. ‘Não nos resta outro caminho a escolher’, disse um dos malvados; ‘quando o rei souber que esse estrangeiro que ele tanto estima é seu filho, e que teve força suficiente para destruir sozinho um gigante que juntos não pudemos vencer, há de cumulá-lo de honrarias e o declarará seu herdeiro, nos desprezando, e seremos obrigados a nos prostrarmos diante dele e obedecê-lo.’

Àquelas palavras, acrescentou outras que tal impressão causaram em todos aqueles espíritos ciumentos que imediatamente trataram de ir procurar Codadad. Feriram-no com inúmeras punhaladas, e deixando-o nos braços da princesa, partiram para a cidade de Harran, onde chegaram no dia seguinte.

A sua chegada causou júbilo ao rei, que havia se desiludido de revê-los e que lhes perguntou o motivo de tão grande atraso; mas eles evitaram cuidadosamente contar-lhe; não mencionaram o negro nem Codadad, e

disseram apenas que, não tendo podido resistir à curiosidade de ver o país, se haviam demorado em algumas cidades vizinhas.

Entretanto, Codadad, imerso no seu sangue, e quase morto, continuava na tenda com a princesa, sua mulher, tão lastimável quanto ele. Enchendo o ar de gritos, arrancava os cabelos e banhava com lágrimas o corpo do marido: ‘Ah, Codadad’, dizia a todo instante, ‘meu querido Codadad, és tu que dentro em pouco passarás para os mortos? Que mãos cruéis te reduziram ao estado em que te vejo? Serão teus próprios irmãos que tão impiedosamente te rasgaram as carnes, serão teus irmãos que tu valorosamente salvaste? Não, devem ser demônios os que, sob feições tão queridas, vieram arrancar-te a vida. Ah, bárbaros, tivestes a coragem de tão negra ingratidão? Mas por que pensar em teus irmãos, infeliz Codadad? Somente eu é que sou culpada da tua morte: quiseste unir o teu destino ao meu, e toda a desgraça que arrasto comigo depois que saí do palácio do meu pai caiu sobre ti. Ó céus, que me condenastes a levar uma vida errante e repleta de infortúnios, se não quereis que eu tenha esposo, por que permiti que eu os encontre? Já são dois os que me tirais, no momento em que começo a afeiçoar-me.’

Assim expressava a infeliz princesa de Deriabar a sua dor, contemplando o infortunado Codadad, que não podia ouvi-la. Mas Codadad não estava morto, e sua mulher, notando que respirava ainda, correu para uma grande cidade da planície a fim de procurar um cirurgião. Indicaram-lhe um que imediatamente voltou com ela; mas, quando chegaram ambos à tenda, não mais encontraram Codadad, o que os fez supor que algum animal selvagem o tivesse arrebatado para devorar. A princesa recomeçou a lamentar-se, e os seus gritos eram de partir corações. O cirurgião se comoveu; e, não querendo abandoná-la no estado em que a via, propôs-lhe regressar à cidade, e ofereceu-lhe a sua casa e os seus préstimos.

Ela se deixou levar; o cirurgião conduziu-a para casa, e sem saber ainda de quem se tratava mostrou-lhe toda consideração e respeito. Tentou consolá-la, mas era inútil combater-lhe a dor. ‘Senhora’, disse-lhe um dia, ‘contai-me as vossas desgraças; dizei-me de onde vindes e quem sois. Talvez eu possa vos dar bons conselhos quando souber as circunstâncias do vosso

infortúnio. Não fazeis senão afligir-vos, sem pensar que é possível encontrar remédios aos mais desesperados dos males.’

O cirurgião falou com tanta eloquência que conseguiu persuadi-la. E ela contou-lhe todas as suas aventuras. Quando terminou, disse-lhe o cirurgião: ‘Senhora, pois que é assim, permiti que vos afirme não deverdes abandonar-vos à vossa dor; deveis, antes, armar-vos de constância e fazer o que uma esposa deve fazer: vingar vosso marido. Servir-vos-ei de escudeiro. Vamos à corte do rei de Harran: esse príncipe é bom e justo, e vós lhe pintareis com as mais vivas cores o tratamento recebido de seus irmãos pelo príncipe Codadad. Estou certo de que vos fará justiça.’ ‘Cedo às vossas razões’, respondeu a princesa. ‘Sim, devo vingar Codadad; e, como tendes a generosidade de me acompanhar, estou pronta a partir.’ Mal tomou a resolução, o cirurgião mandou preparar dois camelos, sobre os quais a princesa e ele se puseram em caminho para a cidade de Harran.

Apearam na primeira estalagem que se lhes deparou e pediram ao dono notícias da corte. ‘Encontra-se’, disse-lhes ele, ‘em grande inquietação. Tinha o rei um filho, que, como desconhecido, viveu ao seu lado durante muito tempo, e ninguém sabe o que lhe aconteceu. Uma das mulheres do rei, Piruzé, é a mãe do jovem. Deu ela ordem para longas procuras que não apresentaram resultado. Todos estão comovidos com a perda do príncipe, pois tinha grandes méritos. O rei tem outros 49 filhos, de outras tantas mães diferentes; mas nenhum possui bastantes virtudes para fazer esquecer ao rei a morte de Codadad. Digo a morte, pois não é possível que Codadad ainda viva, visto que não foi encontrado, apesar de todas as buscas.’

Diante das palavras do dono da estalagem, o cirurgião achou que a princesa de Deriabar não tinha outra escolha senão apresentar-se a Piruzé; mas essa atitude apresentava perigo, e exigia grandes precauções. Temia-se que, se os filhos do rei de Harran soubessem da chegada e do plano de sua cunhada, mandariam raptá-la antes que ela pudesse falar à mãe de Codadad. O cirurgião refletiu bem e estudou cuidadosamente o próprio perigo a que ele se expunha; por isso, querendo proceder com prudência, rogou à princesa que permanecesse na estalagem enquanto ele iria ao palácio

reconhecer os caminhos pelos quais pudessem fazê-la chegar felizmente até Piruzé.

Rumou, portanto, para a cidade, e para o palácio como homem atraído apenas pela curiosidade de ver a corte, quando percebeu uma dama montada numa mula ricamente selada. Seguiam-na várias donzelas também montadas em mulas e grande número de guardas e escravos negros. O povo abria alas para vê-la passar e saudava-a, prostrando-se. O cirurgião assim também a saudou; e em seguida perguntou a um calândar ao seu lado se aquela dama era esposa do rei. ‘Sim, meu irmão’, respondeu-lhe o calândar, ‘é uma de suas esposas, a mais honrada e querida pelo povo, por ser mãe do príncipe Codadad, de quem provavelmente ouvistes falar.’

O cirurgião não quis ouvir mais. Seguiu Piruzé até uma mesquita, onde ela entrou para distribuir esmolas e assistir às preces públicas ordenadas pelo rei para o regresso de Codadad. O povo que se interessava extraordinariamente pelo destino do jovem príncipe corria a acrescentar os seus votos aos dos sacerdotes, de modo que a mesquita estava repleta. O cirurgião fendeu a multidão e avançou até os guardas de Piruzé. Ouviu todas as preces; e, quando a princesa saiu, aproximando-se de um dos escravos, disse-lhe ao ouvido: ‘Irmão, tenho um importante segredo para revelar à princesa Piruzé; não poderia, por vosso intermédio, ser levado aos seus aposentos?’ ‘Se esse segredo’, respondeu o escravo, ‘diz respeito ao príncipe Codadad, ousa prometer-vos que tereis a audiência que desejais, mas, se o segredo não lhe disser respeito, é inútil tentardes apresentar-vos à princesa, pois ela só pensa no filho e não quer ouvir falar em outras coisas.’ ‘Pois é precisamente desse filho querido que desejo falar-lhe’, respondeu o cirurgião. ‘Se é assim’, disse o escravo, ‘seguí-nos até o palácio, e em breve lhe falareis.’

Efetivamente, quando Piruzé voltou ao seu aposento o escravo disse-lhe que um desconhecido tinha algo de importante a lhe comunicar sobre o príncipe Codadad. Mal pronunciou aquelas palavras, demonstrou Piruzé viva impaciência em ver o desconhecido. O escravo mandou-o, então, entrar na saleta da princesa, que afastou todas as suas ajudantes, com exceção daquelas para quem não tinha segredos. Mal viu o cirurgião, perguntou-lhe

precipitadamente que notícias lhe trazia de Codadad. ‘Senhora’, respondeu-lhe o cirurgião, depois de prostrar-se, ‘devo contar-vos uma longa história, e coisas que sem dúvida vos surpreenderão.’ Pormenorizou-lhe, em seguida, tudo o que havia se passado entre Codadad e seus irmãos, o que ela ouviu com ansiedade; mas, quando falou do seu assassinato, a terna mãe, como se sentisse perfeitamente os golpes recebidos pelo filho, caiu sem sentidos sobre um sofá. As duas ajudantes trataram imediatamente de socorrê-la, e conseguiram fazer com que recobrasse os sentidos. O cirurgião continuou. Quando terminou, disse-lhe a princesa: ‘Ide buscar a princesa de Deriabar e anunciai-lhe, de minha parte, que o rei a reconhecerá como nora; quanto a vós, sabeis que os vossos serviços serão bem-recompensados.’

Mal o cirurgião saiu, Piruzé continuou no sofá no acabrunhamento que é possível imaginar; e, enternecendo-se à lembrança de Codadad, disse: ‘Ah, meu filho, eis-me sem ti! Quando permiti que partisses de Samaria para vir a esta corte, ah, não supunha que a morte te aguardava longe de mim. Ó infeliz Codadad, por que me abandonaste? Não terias, é verdade, conquistado tão grande glória, mas viverias ainda, e não custarias tão amargas lágrimas a tua mãe.’ Assim, chorava amargamente, e as duas ajudantes, comovidíssimas, mesclavam às suas lágrimas as delas.

Enquanto se afligiam as três criaturas, entrou o soberano na saleta; vendo-as naquele estado, perguntou a Piruzé se recebera tristes notícias de Codadad. ‘Ah, senhor’, respondeu-lhe ela, ‘acabou-se, meu filho morreu; e, por cúmulo de aflição, não posso prestar-lhe as derradeiras honras da sepultura, pois, de acordo com as aparências, foi devorado por animais selvagens.’ Ao mesmo tempo, contou-lhe tudo que lhe dissera o cirurgião, não deixando de mencionar a maneira cruel pela qual Codadad fora assassinado por seus próprios irmãos.

O rei não deu tempo a Piruzé de terminar de contar-lhe. Com raiva, disse: ‘Senhora, os pérfidos que vos fazem derramar essas lágrimas e que causam a seu pai uma dor mortal receberão o merecido castigo.’ E, com o furor estampado nos olhos, foi à sala de audiências, onde se encontravam os cortesãos e os súditos que pretendiam pedir-lhe alguma coisa. Assustaram-se estes ao vê-lo, julgaram-no encolerizado contra o povo, e sentiram o coração

gelar-se de medo. O rei se sentou no trono e pediu ao grão-vizir que se aproximasse: ‘Hassan’, disse-lhe, ‘tenho de dar-te uma ordem: vai imediatamente buscar mil soldados da minha guarda e prende todos os príncipes, meus filhos; encerra-os na torre destinada a servir de prisão aos assassinos e trata de apressar-te o mais que puderes.’ Diante daquela ordem os presentes estremeceram e o grão-vizir, sem responder uma palavra, pôs a mão sobre a cabeça para demonstrar obediência e saiu para desempenhar a tarefa. Entretanto, o rei despediu as pessoas que lhe haviam solicitado audiência, e declarou que durante um mês não queria ouvir assunto de espécie nenhuma. Ainda estava na sala quando o vizir regressou. ‘E então, vizir’, perguntou-lhe, ‘meus filhos estão na torre?’ ‘Sim, senhor’, respondeu-lhe o ministro, ‘as vossas ordens foram cumpridas.’ ‘Não é tudo’, respondeu o rei. ‘Tenho outra ordem.’ Assim, abandonou a sala de audiências e voltou ao aposento de Piruzé, com o vizir, perguntando à princesa onde se achava a viúva de Codadad. As ajudantes de Piruzé informaram-no, pois o cirurgião não havia se esquecido de revelar o seu paradeiro. O rei, voltando-se para o vizir, ordenou-lhe: ‘Vai a essa estalagem e traze-me aqui uma jovem princesa; trata-a com o respeito devido a pessoa da sua posição.’

O vizir não se demorou no cumprimento da ordem. Montando a cavalo com os emires e os demais cortesãos, dirigiu-se à estalagem em que se encontrava a princesa de Deriabar, a quem apresentou a ordem e, ao mesmo tempo, enviada pelo rei, uma formosa mula branca com sela e brida de ouro ornado de rubis e esmeraldas. A princesa montou; e, rodeada por todos aqueles senhores, tomou o caminho do palácio. O cirurgião a acompanhava, também montado num belo cavalo tártaro cedido pelo vizir. Todos se apinhavam às janelas ou nas ruas para verem passar tão esplêndida comitiva, e, como se dizia ser aquela princesa tão pomposamente conduzida à corte a mulher de Codadad, estrugiam aclamações. O ar ecoava mil gritos de júbilo que, sem dúvida, se teriam transformado em gemidos, se se soubesse a triste aventura do jovem príncipe, a quem tanto se estimava.

A princesa de Deriabar foi recebida pelo rei que a aguardava à porta do palácio. Ele, pegando-a pela mão, levou-a ao aposento de Piruzé, onde se desenrolou cena fortemente comovedora. A mulher de Codadad sentiu

renascer toda a sua tristeza diante do pai e da mãe do marido, assim como eles não puderam ver a esposa do filho sem se emocionarem muito. A princesa atirou-se aos pés do rei; e, após banhá-los de lágrimas, foi tomada de tão viva dor que lhe faltaram forças para falar. Piruzé não estava em situação menos deplorável; e o rei, impressionado, cedia à fraqueza. Aquelas três criaturas, confundindo suspiros e lágrimas, por algum tempo se mantiveram num comovedor silêncio. Finalmente, a princesa de Deriabar, vencendo o acabrunhamento, narrou a aventura do castelo e a desgraça de Codadad; em seguida, pediu justiça à traição dos príncipes. ‘Sim’, disse-lhe o rei, ‘esses ingratos morrerão; mas antes é preciso fazer anunciar a morte de Codadad, a fim de que o suplício de seus irmãos não revolte os meus súditos. Ademais, embora não tenhamos o corpo de meu filho, não deixemos de lhe prestar as derradeiras homenagens.’ Àquelas palavras, dirigiu-se ao vizir, e ordenou-lhe que mandasse construir uma cúpula de mármore branco numa bela planície, no meio da qual se erguia a cidade de Harran; ao mesmo tempo, cedeu no seu palácio um belíssimo aposento à princesa de Deriabar, a quem reconheceu como nora.

Hassan empregou tão grande número de construtores que em poucos dias a cúpula ficou pronta. Por baixo, construiu-se um túmulo, sobre o qual uma estátua representava Codadad. Quando o trabalho ficou terminado, ordenou o rei fazerem preces e marcou um dia para as exéquias do filho.

Chegado o dia, todos os habitantes da cidade se reuniram na planície para assistir à cerimônia que assim se desenrolou:

O rei, seguido do vizir e dos principais senhores da corte, caminhou para a cúpula; ao chegar, entrou e sentou-se com eles sobre tapetes de cetim com flores de ouro; em seguida, um grande grupo de guardas a cavalo, de cabeça baixa e olhos semicerrados, aproximou-se da cúpula, rodeou-a duas vezes, sempre em silêncio; na terceira volta, porém, deteve-se diante da porta. E todos os componentes, um depois do outro, proferiram as seguintes palavras em voz alta:

‘Ó príncipe, filho de rei, se pudéssemos proporcionar algum alívio ao teu mal, com o auxílio das nossas cimitarras e do valor humano, vos faríamos ver a luz; mas o rei dos reis ordenou, e o anjo da morte obedeceu!’

Àquelas palavras, retiraram-se, cedendo o lugar a cem anciães, todos montados em mulas negras e possuidores de grande barba branca.

Eram solitários que, durante a vida, se ocultavam em grutas. Jamais se mostravam aos homens, a não ser para assistirem às exéquias dos reis de Harran e dos príncipes da sua casa. As veneráveis personagens traziam sobre a cabeça um livro volumoso, que seguravam com uma das mãos. Todos deram três voltas em torno da cúpula sem nada proferir; em seguida, detendo-se em frente à porta, um deles pronunciou estas palavras:

‘Ó príncipe, o que poderemos fazer por ti? Se com a prece ou a ciência pudéssemos devolver-te a vida, esfregaríamos a nossa barba branca aos teus pés e recitaríamos orações; mas o Rei do Universo te arrebatou para sempre!’

Os anciães, após assim falarem, afastaram-se da cúpula, e imediatamente cinquenta donzelas perfeitamente belas sem véu se aproximaram montando cada uma um pequeno cavalo branco, trazendo cestos de ouro repletos de pedras preciosas. Também elas deram três voltas em torno da cúpula. E, detendo-se no mesmo lugar, a mais jovem, tomando a palavra, disse:

‘Ó príncipe, outrora tão belo, que auxílio podes receber de nós? Se te pudéssemos devolver a vida com os nossos encantos, nos tornaríamos tuas escravas; mas já não és sensível à beleza e já não precisas de nós!’

Saindo as donzelas, o rei e os cortesãos se levantaram, e de três em três deram a volta à cúpula. Depois, o rei, tomando a palavra, disse:

‘Meu filho querido, luz dos meus olhos, te perdi para sempre, para sempre!’

E, chorando amargamente, inundou de lágrimas o túmulo. Os cortesãos o imitaram. Em seguida, fechou-se a porta da cúpula e todos voltaram à cidade. No dia seguinte, realizaram-se preces públicas nas mesquitas, o que se repetiu durante oito dias.

No nono, o rei decidiu mandar cortar a cabeça dos príncipes, seus filhos. O povo, indignado com o tratamento por eles dispensado ao príncipe Codadad, parecia aguardar impientemente o suplício. Começou-se a construção dos cadafalsos, mas os trabalhos tiveram de ser adiados porque de repente se soube que os príncipes vizinhos, que já tinham guerreado contra o rei de Harran, avançavam com tropas mais numerosas que as da primeira

vez e já se achavam perto da cidade. Já fazia tempo que se sabia estarem preparados para um novo combate, mas os seus preparativos não tinham provocado alarme. Aquela notícia causou geral consternação e ofereceu mais uma ocasião para lastimar a perda de Codadad, porque esse príncipe se havia destacado na guerra precedente contra os terríveis inimigos. ‘Ah!’, exclamaram todos, ‘se o generoso Codadad ainda vivesse, pouco nos importariam esses príncipes que pretendem nos surpreender.’ Entretanto, o rei, em vez de se entregar ao temor, formou um exército considerável e demasiadamente corajoso para esperar dentro dos muros os inimigos, indo-lhes ao encontro. Os inimigos, por seu lado, sabendo pelos seus batedores que o rei de Harran avançava, detiveram-se numa planície e prepararam-se para a batalha.

Mal o rei os percebeu, dispôs as suas tropas, ordenou aos corneteiros que tocassem o sinal de ataque e arremessou com extremo vigor. Os inimigos resistiram. De ambos os lados correu sangue abundante e a vitória por longo tempo foi incerta. Finalmente, ela favoreceria os inimigos do rei de Harran, que, mais numerosos, se aprestavam para o envolver, quando se viu surgir na planície uma grande tropa de cavaleiros avançando para o campo de luta. Diante daqueles novos soldados os dois pártidas se espantaram, e não souberam o que pensar. Mas não lhes durou por muito tempo a incerteza; aqueles cavaleiros atacaram pelos flancos os inimigos do rei de Harran, e o fizeram com tal fúria que os puseram em fuga desordenada. Não se detiveram nisso; perseguiram-nos com energia e mataram-nos quase todos.

O rei de Harran, que observara com muita atenção tudo o que se havia passado, admirou a audácia daqueles cavaleiros cujo auxílio inopinado acabava de lhe assegurar a vitória. Impressionara-o sobretudo o chefe, que ele vira combater com denodado valor, e desejou saber o nome do valeroso herói. Impaciente em vê-lo e agradecer-lhe, ia-lhe ao encontro, quando o viu avançar para ele. Os dois príncipes se aproximaram, e o rei de Harran, reconhecendo Codadad no bravo guerreiro que acabava de socorrê-lo, ou antes de bater o inimigo, ficou imóvel pela surpresa e pela alegria. ‘Senhor’, disse-lhe Codadad, ‘deveis estar, sem dúvida, espantado por verdes surgir de repente diante de vós um homem que julgáveis morto. Estaria morto,

realmente, se os céus não me tivessem conservado para mais uma vez vos servir contra os vossos inimigos.’ ‘Ah, meu filho!’, exclamou o rei, ‘nem ousou crer que me fostes devolvido! Ah, já havia desistido de vos rever um dia!’ Assim, estendeu os braços ao jovem príncipe, que o abraçou ternamente.

‘Sei tudo, meu filho’, continuou o rei, depois. ‘Sei por que preço pagaram vossos irmãos o serviço que lhes prestastes, devolvendo-lhes a liberdade perdida às mãos do negro. Mas amanhã sereis vingado. Entretanto, vamos ao palácio; vossa mãe, a quem custastes tantas lágrimas, aguarda-me para comigo regozijar-se com a derrota dos nossos inimigos. Que alegria lhe proporcionaremos, quando lhe dissermos que a minha vitória é obra vossa!’ ‘Senhor’, disse Codadad, ‘permita-me vos perguntar quem vos contou a aventura do castelo. Talvez um de meus irmãos, impelido pelos remorsos?’ ‘Não’, respondeu o rei, ‘foi a princesa de Deriabar que nos contou tudo, pois veio ao meu palácio clamar por justiça contra o crime dos vossos irmãos.’ Codadad ficou contentíssimo ao saber que a princesa sua esposa se encontrava na corte. ‘Vamos, senhor’, exclamou arrebatado, ‘vamos ver minha mãe, que nos espera; estou ardendo de impaciência por lhe enxugar as lágrimas assim como as da princesa de Deriabar.’

O rei retomou imediatamente o caminho da cidade com o exército e entrou vitorioso no palácio, sob as aclamações do povo que o seguia, rogando aos céus que lhe prolongasse os anos, e erguendo às alturas o nome de Codadad. Os dois príncipes encontraram Piruzé e a nora, que esperavam o rei para com ele congratular-se; mas não é possível expressar os arroubos de alegria de ambas ao verem o jovem príncipe que o acompanhava. Foram abraços e lágrimas muito diferentes dos do primeiro encontro. Depois de se terem entregue a todos os sentimentos do sangue e do amor, pai, mãe e esposa perguntaram a Codadad de que modo sobrevivera.

Codadad respondeu-lhes que um camponês montado numa mula, entrando por acaso na tenda onde ele se achava desmaiado, vendo-o sozinho e ferido, levava-o para a sua casa e lá lhe aplicara sobre os ferimentos ervas mastigadas que o restabeleceram em poucos dias. ‘Quando senti que estava curado’, acrescentou, ‘agradei ao camponês e dei-lhe todos os diamantes

que trazia comigo. Em seguida, aproximei-me da cidade de Harran; mas, tendo sabido pelo caminho que alguns príncipes vizinhos haviam reunido tropas e pretendiam atacar os súditos do rei, dei-me a conhecer nas aldeias e instiguei o povo a defendê-lo. Armei grande número de jovens e, pondo-me diante deles, cheguei ao campo de batalha no momento em que os dois exércitos se empenhavam em luta.’

Quando terminou, disse-lhe o rei: ‘Demos graças a Deus por ter conservado Codadad, mas é preciso que os traidores que pretenderam assassiná-lo pereçam hoje.’

‘Senhor’, respondeu o generoso filho de Piruzé, ‘por mais ingratos e perversos que sejam, lembrai-vos que possuem o vosso sangue e que são meus irmãos. Perdoo-lhes o crime, e peço-vos que também os perdoeis.’

Tão nobres sentimentos arrancaram lágrimas ao rei, que mandou reunir o povo e declarou Codadad seu herdeiro. Em seguida, ordenou que trouxessem à presença os príncipes prisioneiros, acorrentados. O filho de Piruzé tirou-lhes as correntes e abraçou-os um a um com a mesma cordialidade com que o fizera no palácio do negro. O povo, estupefato com a generosidade de Codadad, aplaudiu-o freneticamente. Em seguida, o cirurgião, em reconhecimento dos serviços prestados à princesa de Deriabar, foi cumulado de benefícios.”

Sherazade contou a história da princesa de Deriabar com tal encanto que o sultão da Índia, seu esposo, não pôde deixar de manifestar-lhe pela segunda vez todo o seu prazer.

— Senhor — disse-lhe a sultana —, estou certa de que, se quiserdes ouvir a história do Adormecido Despertado, tereis maior satisfação ainda.

O simples título da história com que a sultana pretendia brindá-lo fez com que o sultão da Índia desejasse ouvi-la naquela mesma noite; mas já estava aparecendo o dia, e ele tinha de se levantar. Por conseguinte, deixou para a noite seguinte o prazer de ouvir a sultana, a quem essa história serviu para ter a vida prolongada por várias noites e vários dias. Assim, na noite seguinte, após Dinazade tê-la despertado, começou Sherazade a contar sua nova história:

A HISTÓRIA DO ADORMECIDO DESPERTADO

“Havia em Bagdá, no reinado do califa Harun al-Rashid, um mercador muito rico, cuja mulher já era idosa. Tinham um único filho, chamado Abu Hassan, com cerca de trinta anos de idade, que fora criado com muitos cuidados.

Um dia morreu o mercador, e Abu Hassan, vendo-se herdeiro de tudo, entrou na posse de grandes haveres amontoados pelo pai durante a vida com grande trabalho e apego. O filho, senhor de opiniões e inclinações diferentes das do seu pai, tomou rumo bem diverso. Como seu pai só lhe dera durante a mocidade o dinheiro suficiente apenas para o sustento, e como ele, Abu Hassan, invejara sempre os jovens da sua idade que de nada careciam e que nunca se recusavam prazer, resolveu sobressair por sua vez fazendo despesas proporcionadas aos grandes bens com que acabava de favorecê-lo a sorte. Para tanto dividiu-os em duas partes: uma foi empregada na aquisição de terras e casas, o que lhe proporcionou boa renda para viver com facilidade, comprometendo-se a não tocar nas quantias, mas, pelo contrário, a guardá-las à medida que as recebesse; a outra metade, uma considerável quantia em dinheiro, foi destinada a reaver o tempo que ele considerava perdido sob o duro freio que o pai sempre lhe impusera; mas jurou nada gastar além dessa quantia.

Com esse propósito, Abu Hassan rodeou-se em poucos dias de um grupo de jovens aproximadamente da sua idade e da sua condição e só cuidou de lhes fazer passar o tempo agradavelmente. Para isso não se contentou em oferecer-lhes festins todos os dias, com as mais deliciosas iguarias e os mais raros vinhos; acrescentou também a música, contratando as melhores vozes de ambos os sexos. O jovem grupo, por sua vez, de taça na mão, unia às vezes as suas canções às dos músicos, e todos juntos pareciam harmonizar-se com os instrumentos de música que os acompanhavam. Essas festas terminavam geralmente por danças em que os melhores dançarinos se exibiam. Os divertimentos, renovados todos os dias por novos prazeres,

levaram Abu Hassan a despesas tão prodigiosas que um ano depois ele se viu impossibilitado de continuar. Mal cessaram os festins, desapareceram os amigos, que ele não encontrava em parte nenhuma. Com efeito, tratavam de fugir mal o viam; e, se por acaso descobria um e pretendia detê-lo, recebia frias escusas e continuava sozinho.

Abu Hassan sofreu mais com o estranho procedimento dos amigos que o abandonavam com tão grande indignidade e ingratidão, após todas as demonstrações e protestos de amizade que sempre lhe haviam proporcionado, do que com o dinheiro gasto tão mal. Triste, a cismar, de cabeça baixa, e com o rosto onde se imprimia profunda dor, entrou no aposento de sua mãe e sentou-se na ponta do sofá, bastante longe dela.

‘Que tendes, meu filho?’, perguntou-lhe a mãe, vendo-o naquele estado. ‘Por que estais tão mudado, tão abatido e tão diferente? Se tivésseis perdido tudo quanto possuis no mundo não estaríeis mais triste. Sei as espantosas despesas que fizestes, e creio que pouco vos resta. Éreis senhor dos vossos bens, e se não me opus ao vosso comportamento desregrado é porque conhecia a sábia precaução que tivestes, conservando a metade da vossa riqueza. Não compreendo, portanto, por que estais imerso em tão negra melancolia.’

Abu Hassan, àquelas palavras, começou a chorar; e, no meio dos suspiros, disse: ‘Minha mãe, compreendo agora, por dolorosa experiência, como é insuportável a pobreza. Sim, compreendo perfeitamente que, assim como o pôr do sol nos priva do esplendor do astro, assim também a pobreza nos tira toda a alegria. Ela é que nos faz esquecer inteiramente todos os elogios que nos faziam e todo o bem que de nós diziam antes de nela cairmos; ela é que nos obriga a caminhar tomando as medidas necessárias para não sermos notados e a passar as noites derramando lágrimas de sangue. Numa palavra, quem é pobre não merece consideração, nem dos próprios parentes e amigos, e é tido por um simples estranho. Sabeis, minha mãe, como me portei com os amigos durante um ano. Dispensei-lhes todas as atenções possíveis, até que me vi sem dinheiro, e hoje percebo que eles me abandonaram. Quando digo que já não possuo nada com que possa oferecer-lhes, falo do dinheiro que para tal havia destinado. Quanto à minha renda,

dou graças a Deus por ter me inspirado a reservá-la, sob as condições e o juramento que fiz de não tocá-la. Observarei o juramento, e sei o bom uso que hei de fazer do que me resta. Mas antes quero ver até que ponto meus amigos, se é que merecem esse nome, levarão a sua maldade. Eu os visitarei um depois do outro e, após relembrar-lhes tudo quanto por eles fiz, pedir-lhes-ei que juntos me proporcionem quantia suficiente para arrancar-me da miséria a que me vejo reduzido. Só farei, no entanto, isso, como já vos disse, para ver se neles resta ainda um sentimento qualquer de gratidão.’

‘Meu filho’, respondeu sua mãe, ‘não pretendo vos dissuadir do vosso plano, mas posso vos garantir desde já que a vossa esperança está mal-fundada. Crede-me, por mais que façais, é inútil tentar essa prova; só encontrareis auxílio no que vós mesmo vos reservastes. Vejo que ainda não conheceis esses amigos; mas irei conhecê-los. Queira Deus que se verifique como desejo, isto é, para o vosso bem!’ ‘Minha mãe’, disse Abu Hassan, ‘estou convencido da verdade do que me afirmais; ficarei mais certo de um fato que de tão perto me diz respeito quando tiver comprovado pessoalmente a covardia e a insensibilidade deles.’

Abu Hassan partiu no mesmo instante e teve sorte de encontrar os amigos em casa. Explicou-lhes a necessidade em que se encontrava, e rogou-lhes que lhe socorressem. Prometeu até empenhar-se de cada um deles em particular em lhes devolver as quantias emprestadas, desde que os seus negócios estivessem novamente em boas condições, sem contudo lhes dar a conhecer que, em grande parte, por consideração para com eles é que se incomodara. Não se esqueceu de os engodar também com a esperança de recomeçar com eles os velhos festins.

Nenhum dos amigos se comoveu com as súplicas com que o triste Abu Hassan tentou persuadi-los. Até pôde notar que vários deles lhe diziam abertamente não conhecê-lo e que não se lembravam de tê-lo visto. Voltou para casa, abatido e cheio de indignação. ‘Ah, minha mãe!’, exclamou, tornando a entrar no seu aposento, ‘bem me havíeis predito: em vez de amigos, somente encontrei ingratos e maus, indignos da minha amizade. Está tudo acabado; renunciei a todos eles, e vos prometo que nunca mais os procurarei.’

Abu Hassan manteve-se firme na sua resolução. Para tanto tomou as precauções mais convenientes para evitar as ocasiões; e, para nunca mais cair no mesmo inconveniente, prometeu por juramento não dar de comer a nenhum cidadão de Bagdá. Em seguida pegou o cofre onde estava guardado o dinheiro da renda e substitui-o ao que acabara de esgotar. Resolveu dele tirar, para as suas despesas diárias, apenas uma quantia determinada e suficiente para ter à sua mesa apenas uma pessoa. Jurou ainda que o conviva nunca seria de Bagdá, mas um forasteiro chegado no mesmo dia, e que no dia seguinte de manhã o despediria.

Segundo o seu plano, Abu Hassan cuidava pessoalmente, todas as manhãs, de obter as provisões necessárias para a refeição, e pelo fim do dia ia sentar-se na extremidade da ponte de Bagdá; ao ver um forasteiro, fosse qual fosse a sua condição, aproximava-se-lhe de maneira cortês e convidava-o a dar-lhe a honra de alojar-se em sua casa para passar a primeira noite na cidade. Em seguida, após participar-lhe o juramento que fizera, conduzia-o para casa.

A refeição que Abu Hassan oferecia ao hóspede nunca era suntuosa, mas havia o bastante. Um bom vinho, sobretudo, jamais faltava. A refeição prolongava-se até altas horas da noite; e, em vez de entreter o hóspede com negócios de Estado, de família, como sucede frequentemente, só falava de coisas indiferentes, agradáveis e até alegres. Abu Hassan era, por natureza, dono de excelente humor, e em qualquer assunto sabia dar à sua conversação um tom capaz de inspirar alegria até aos mais tristes.

Ao despedir o hóspede no dia seguinte, dizia-lhe: ‘Seja qual for o lugar para o qual vos dirigis, que Deus vos preserve de toda desgraça! Quando ontem vos convidei a jantar comigo, vos falei do juramento que prestei, por conseguinte, não vos ofendais se vos disser que nunca mais beberemos juntos, e que nunca mais nos veremos, nem nesta casa, nem alhures. Tenho as minhas razões para assim proceder. Que Deus vos acompanhe!’

Abu Hassan era rígido na observância dessa regra, e nunca mais revia os estrangeiros uma vez recebidos e tampouco lhes falava. Quando sucedia encontrá-los pelas ruas, nas praças ou nas assembleias públicas fingia não reconhecê-los; voltava-se até para evitar que a ele se dirigissem; enfim, desapareciam para ele, morriam. Havia tempo que procedia dessa forma

quando, um pouco antes do pôr do sol, estando sentado no costumeiro ponto, na extremidade da ponte, surgiu o califa Harun al-Rashid, disfarçado para que ninguém o reconhecesse.

Embora o monarca tivesse vizires e oficiais-chefes de Justiça rigorosos nos seus deveres, queria a tudo conhecer pessoalmente. Com tal objetivo, como já vimos, ia frequentemente, disfarçado de várias maneiras, pela cidade de Bagdá. Não negligenciava as próprias redondezas, e quanto a isso resolvera ir, cada primeiro dia de cada mês, às grandes estradas que traziam a Bagdá. Naquele dia, primeiro do mês, surgiu disfarçado de mercador de Mussul, e seguido de um fortíssimo escravo.

Tendo o califa, no seu disfarce, um aspecto grave e respeitável, Abu Hassan, julgando-o mercador de Mussul, levantou-se e, após saudá-lo com cordialidade, e beijar-lhe a mão: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘cumprimento-vos pela vossa chegada, e suplico-vos a honra de jantar comigo e passar esta noite em minha casa, para vos refazerdes da fadiga da vossa jornada.’ E, a fim de o obrigar a aceitar o convite, explicou-lhe em poucas palavras o costume de receber em sua casa cada dia, na medida do possível, o primeiro estrangeiro que se lhe apresentasse.

O califa, encontrando algo de extraordinário na esquisitice de Abu Hassan, desejou conhecê-lo melhor. Sem abandonar o papel de mercador, declarou-lhe não poder responder a convite tão inesperado senão aceitando, e que estava pronto a segui-lo.

Abu Hassan, não sabendo que aquele novo hóspede estava muito acima da sua posição, tratou-o como igual. Levou-o à sua casa e mandou-o entrar numa sala muito bem-mobiliada, onde lhe pediu que se sentasse no sofá, o lugar mais honroso. A mesa já estava posta. A mãe de Abu Hassan, muito entendida em assunto de cozinha, serviu três pratos: um, no meio, guarnecido de um bom frango, rodeado por outros quatro menores: os outros dois serviam de entrada e eram constituídos por um pato e dois pombos ao molho. Nada mais havia, mas aquelas carnes eram deliciosas.

Abu Hassan sentou-se diante do seu hóspede, e ele e o califa começaram a comer com bom apetite, tirando cada um o que mais lhe apetecia, sem falar e até sem beber, de acordo com o costume do país. Quando

terminaram, o escravo do califa trouxe-lhe água para lavar-se, enquanto a mãe de Abu Hassan retirava os pratos e trazia a sobremesa, que consistia em vários tipos de frutos: uvas, pêssegos, maçãs, peras e pastas de amêndoas.

Pelo fim do dia, acenderam-se velas, após o que Abu Hassan mandou trazer garrafas e taças, e pediu à mãe que desse de comer ao escravo do califa.

Quando o falso mercador de Mussul, isto é, o califa, e Abu Hassan voltaram a sentar-se à mesa, Abu Hassan, antes de tocar as frutas, pegou uma taça, serviu-se em primeiro lugar, e segurando-a, disse ao califa: ‘Senhor, sabeis como eu que o galo nunca bebe sem convidar as galinhas a imitá-lo. Convido-vos, portanto, a seguir o meu exemplo. Não sei o que pensais disso; quanto a mim, penso que o homem que odeia o vinho e quer ser prudente não o é. Deixemos essas coisas para gente sombria e triste, e procuremos alegria, que está na taça.’

Enquanto Abu Hassan bebia, disse o califa: ‘Isso me agrada, e eis aí o que se chama um bom homem. Estimo-vos pela vossa alegria, e quero que me sirvais a mesma quantidade.’

Abu Hassan, terminando de beber, encheu a taça do califa e apresentou-a: ‘Provai-o, senhor’, disse, ‘que o achareis excelente.’

‘Estou certo’, respondeu o califa, sorrindo. ‘Não é possível que homem como vós não saiba escolher o que há de melhor.’

‘Basta olhar para vós’, prosseguiu Abu Hassan, ‘para perceber, logo à primeira vista, que sois dos que viram o mundo e sabem viver.’

‘Se a minha casa’, acrescentou, em versos árabes, ‘fosse capaz de sentimento, e sensível à alegria de vos possuir, eu a diria em voz alta; e, prostrando-se aos vossos pés, exclamaria: Ah, que prazer, que honra ver-me preferida pela presença de pessoa tão direita e tão complacente que não desdenha jantar aqui! Enfim, senhor, sinto-me extremamente satisfeito por ter hoje encontrado um homem do vosso mérito.’

As palavras de Abu Hassan muito divertiam o califa, que se alegrava em instigá-lo a beber, pedindo também vinho, a fim de melhor o conhecer. Para entabular a conversação, perguntou-lhe como se chamava, em que se ocupava e como vivia. ‘Senhor’, respondeu-lhe ele, ‘chamo-me Abu Hassan. Perdi meu pai, que era mercador, na verdade não dos mais ricos, mas pelo

menos dos que mais comodamente viviam em Bagdá. Ao morrer, legou-me o suficiente para que eu vivesse sem ambições, de acordo com a minha posição. Como o seu procedimento para comigo fora demasiadamente severo e até a sua morte eu passara a melhor parte da mocidade em grandes restrições, tentei recobrar o tempo que eu julgava perdido. Nisso, contudo, prosseguiu Abu Hassan, portei-me de maneira diferente da que em geral empregam os jovens, que se entregam à disposição sem freio, até que, reduzidos à extrema pobreza, fazem, malgrado seu, uma penitência forçada pelo resto dos seus dias. Para não cair nessa desgraça, dividi os meus bens em duas partes: uma em fundos, e outra em dinheiro. Destinei o dinheiro às despesas que eu calculava, e tomei a firme resolução de não tocar nas minhas rendas. Formei um grupo de pessoas da minha idade, e, com o dinheiro que gastava a mancheias, oferecia-lhes esplêndidos festins todos os dias, de modo que nada faltasse às nossas diversões. Mas isso não durou muito tempo. Um ano depois, estava eu sem uma moeda sequer; ao mesmo tempo, foram-se todos os meus amigos. Visitei-os um depois do outro. Revelei-lhes a minha desgraça, mas nenhum deles me proporcionou o menor alívio. Renunciei, pois, à sua amizade, e, limitando-me a gastar apenas as minhas rendas, jurei que somente tralaria conhecimentos com os estrangeiros chegados a Bagdá, e com a condição de lhes oferecer refeição apenas por um dia. Informei-vos o resto, e agradeço à minha boa sorte ter me apresentado hoje um forasteiro dos vossos méritos.’

O califa, satisfeito com o esclarecimento, disse a Abu Hassan: ‘Não posso vos elogiar demais pela boa resolução que tomastes, por terdes procedido com tão grande prudência no meio da dissipação e por vos terdes comportado de maneira desusada pelos jovens; estimo-vos ainda por terdes permanecido fiel a vós mesmo. Estáveis à beira do precipício, e não sei vos admirar bastante por terdes sabido, após o fim do vosso dinheiro, vos contentar em ser moderado e não destruir a vossa renda e mesmo os vossos fundos. Para vos dizer o que penso, tenho por mim que sois o único doidivanas a quem sucedeu coisa semelhante. Enfim, vos confesso que invejo a vossa felicidade. Sois o mortal mais feliz da Terra, visto que cada dia tendes a companhia de um homem honesto com que podeis conversar

agradavelmente, e a quem dais motivos para anunciar por toda parte a boa recepção que lhe dispensastes. Mas nem vós nem eu percebemos que falamos muito sem beber: bebei, pois, e servi-me também.’ O califa e Abu Hassan continuaram a regalar-se por um longo tempo.

A noite já ia bem adiantada quando o califa, fingindo estar muito cansado pela viagem, disse a Abu Hassan que precisava repousar. ‘Não quero também’, acrescentou, ‘que perca coisa nenhuma por minha causa. Antes de nos separarmos, pois, muito provavelmente, amanhã sairei antes que estejais despertado, vos direi que estou sensibilizado pela vossa hospitalidade. A única coisa que me entristece é que não sei como vos demonstrar o meu reconhecimento. Rogo-vos dar-me a conhecer o meio, e vereis que não sou ingrato. Não é possível que um homem como vós não tenha algum negócio, alguma necessidade e não deseje algo que lhe proporcione prazer. Abri o coração e falai-me francamente. Apesar de mercador, não deixo de estar em condições de poder auxiliá-lo pessoalmente ou por intermédio de amigos.’

Às ofertas do califa que Abu Hassan continuava a supor simples mercador, respondeu-lhe: ‘Meu caro senhor, estou certo de que não é por simples cumprimento que me fazeis propostas tão generosas. Mas a fé de homem honesto posso vos assegurar que não tenho nenhum pesar, nem negócio, nem desejo, e que nada suplico a ninguém. Não possuo a menor ambição, como já vo-lo disse, e estou contentíssimo com a minha sorte. Portanto só me resta vos agradecer não somente pelos vossos cortesies agradecimentos, como também pela complacência com a qual me concedestes tão grande honra vindo jantar comigo. Direi a vós, todavia’, prosseguiu Abu Hassan, ‘que há uma coisa apenas que me entristece, sem, contudo, perturbar a minha tranquilidade. Sabeis que a cidade de Bagdá está dividida em bairros e que em cada um deles há uma mesquita com um imã para fazer a prece nas horas habituais, à frente do povo que ali se reúne. O imã é um ancião, de rosto austero e perfeito hipócrita, se jamais houve hipócritas perfeitos na Terra. Associou-se a outros quatro biltres, meus vizinhos, gente mais ou menos da sua espécie, que o visitam regularmente todos os dias; e no seu conciliábulo não há maledicência, nem calúnia e nem malícia que eles não empreguem contra o bairro para lhe turbar a tranquilidade e nele fazer reinar

a dissensão. Tornam-se temíveis a uns, ameaçam outros. Querem, enfim, tornar-se senhores, e que cada um se governe segundo o capricho deles, eles que a si próprios não sabem governar. Para dizer a verdade, sofro por vê-los mesclar-se em tudo, menos no *Alcorão*, e não deixarem que ninguém viva em paz.’

‘Pois bem’, respondeu o califa, ‘desejais evidentemente descobrir um meio para deter essa desordem?’ ‘Vós o dissestes’, atalhou Abu Hassan; ‘e a única coisa que pediria a Deus seria a de substituir o Comendador dos Crentes, Harun al-Rashid, nosso soberano, senhor e amo, somente por um dia.’ ‘O que faríeis se isso se verificasse?’, perguntou o califa. ‘Daria um grande exemplo’, respondeu Abu Hassan, ‘que proporcionaria satisfação a toda gente honesta; mandaria aplicar cem bastonadas nas plantas dos pés de cada um dos quatro anciões, e quatrocentas nas do imã, para lhes ensinar que lhes não cabe perturbar e aborrecer os seus vizinhos.’

O califa achou a ideia de Abu Hassan muito interessante e, como nascera para as aventuras extraordinárias, originou-lhe o desejo de divertir-se. ‘O vosso desejo me agrada’, disse o califa, ‘tanto mais que vejo que nasce de um coração reto e de homem que não permite que a malícia dos maus fique isenta de punição. Terei muito prazer em vê-la efetuada; e talvez não seja impossível isso, como imaginais. Estou certo de que o califa se despojará de boa vontade do seu poder por 24 horas a favor da vossa pessoa, se fosse informado da vossa boa intenção e do bom uso que dele faríeis. Embora mercador estrangeiro, não deixo de gozar de prestígio.’

‘Vejo’, respondeu Abu Hassan, ‘que vos rides da minha louca imaginação, e o califa também se riria se soubesse da extravagância. O que seria possível é que dele se informasse do comportamento do imã e dos seus conselheiros e os mandasse castigar.’

‘Não me rio de vós’, disse o califa. ‘Deus me livre de ideia tão insensata com respeito a vós, que tão bem me tratastes, apesar de eu não passar de um desconhecido! E asseguro-vos que o próprio califa não se riria. Mas deixemos as palavras: não está longe da meia-noite, e convém que repousemos.’

‘Ponhamos, então, fim à nossa conversação’, disse Abu Hassan. ‘Não quero impedir o vosso repouso. Mas, como ainda resta vinho na garrafa, podemos esvaziá-la, se concordares, após o que iremos nos deitar. A única coisa que vos recomendo é que, ao sairdes amanhã cedo, no caso de eu ainda estar dormindo, não deixeis a porta aberta.’ O califa prometeu satisfazer fielmente o pedido.

Enquanto Abu Hassan falava, o califa apoderara-se da garrafa e das duas taças, e serviu-se primeiro, dizendo a Abu Hassan que o fazia para agradecer-lhe. Quando terminou, lançou habilmente na taça de Abu Hassan um pó que trazia sempre consigo, e verteu por cima o resto do vinho. Apresentando-a a Abu Hassan, disse-lhe: ‘Destes-vos o trabalho de servir-me vinho durante toda a noite; quero, pois, servir-vos pela última vez. Rogo-vos aceitar esta taça e beber.’

Abu Hassan pegou a taça. E, para demonstrar ao hóspede com que prazer recebia a honra que lhe era feita, bebeu o conteúdo quase de um gole. Apenas repôs a taça sobre a mesa, o pó surtiu o efeito; apoderou-se dele um profundo torpor, e a cabeça caiu-lhe quase sobre os joelhos. O califa não pôde deixar de rir. O escravo que o seguira voltara à sala, depois de ter comido, e lá se achava há tempos à espera de ordens. ‘Coloca este homem sobre teus ombros’, ordenou-lhe o califa; ‘mas cuida bem de marcar o lugar da casa, para que possas trazê-lo de novo quando eu mandar.’

O califa, seguido do escravo carregando sobre os ombros Abu Hassan, abandonou a casa, sem fechar a porta, como lhe pedira Abu Hassan. E fê-lo de propósito. Chegando ao palácio, entrou por uma porta secreta, sempre seguido do escravo, até o seu aposento, onde o aguardavam todos os oficiais de câmara. ‘Despi este homem’, ordenou-lhes ele, ‘e metei-o no meu leito. Dar-vos-ei, em seguida, as minhas instruções.’

Os oficiais despiram Abu Hassan, vestiram-lhe a roupa noturna do califa e deitaram-no. Ninguém ainda estava deitado no palácio. O califa mandou chamar os demais dignitários e as damas, e, quando os viu reunidos, disse-lhes: ‘Quero que os que assistem ao meu despertar estejam aqui amanhã de manhã ao lado deste homem deitado no meu leito, e que cada um proceda com ele, quando despertar, como faz exatamente comigo. Quero também

que tenham para com ele as mesmas considerações que se têm por mim, e que seja obedecido em tudo o que ordenar; nada lhe será recusado, e não será contrariado. Em todas as ocasiões em que for preciso falar-lhe ou responder-lhe, será sempre tratado de Comendador dos Crentes. Numa palavra, exijo que vos esqueçais da minha pessoa enquanto estiverdes ao seu lado, como se ele fosse realmente aquilo que sou, califa e Comendador dos Crentes. Sobretudo, que ninguém se contradiga.’

Os oficiais e as damas, compreendendo que o califa pretendia divertir-se, responderam apenas com uma profunda reverência; e imediatamente se prepararam para contribuir e para desempenhar bem o papel de que haviam sido incumbidos.

Entrando no palácio, o califa mandara o primeiro oficial que havia encontrado chamar o grão-vizir Djafar. E Djafar acabava de chegar. O califa disse-lhe: ‘Djafar, mandei-te chamar para que não te assustes amanhã, ao entrar para a audiência, com este homem deitado agora no meu leito ocupando o trono, com as vestes de cerimônia. Aproxima-te dele com o respeito que sempre me tens, e trata-o de Comendador dos Crentes. Escuta e executa prontamente tudo que ele te ordenar, como se se tratasse de ordens minhas. Não deixará de ser liberal, e o encarregará da distribuição de presentes. Faze tudo quando ele ordenar, mesmo que seja preciso esvaziar os meus cofres. Lembra-te, mais, de advertir os meus emires, guardas e demais oficiais do meu palácio, que lhe prestem amanhã, na audiência pública, as mesmas honras que estão acostumados a prestar a mim, e de dissimular bem para que ele nada possa perceber que possa perturbar o meu divertimento. Vai, retira-te; nada mais tenho de ordenar-te.’

Quando o grão-vizir se retirou, o califa passou para outro aposento; e, deitando-se, deu a Mesrur, chefe dos eunucos, as ordens que este devia executar, para que tudo resultasse como ele queria, satisfazendo o desejo de Abu Hassan e vendo como ele empregaria o poder e a autoridade de califa durante o tempo desejado. Sobretudo, ordenou-lhe que não deixasse de despertá-lo à hora habitual, e antes de Abu Hassan, pois queria estar presente.

Mesrur não deixou de despertar o califa na hora determinada. Quando o soberano entrou no quarto em que Abu Hassan dormia, postou-se num pequeno tablado fechado, de onde podia, através de uma cortina, assistir à cena. Todos os oficiais e damas entraram ao mesmo tempo, colocando-se cada um no seu lugar habitual, segundo a dignidade, e em silêncio, como se realmente fossem ver o despertar do califa.

Estando o dia a aparecer, e, por conseguinte, na hora da prece do nascer do Sol, o oficial mais próximo da cabeceira do leito aproximou do nariz de Abu Hassan uma pequena esponja embebida em vinagre.

Abu Hassan espirrou imediatamente, voltando a cabeça e sem abrir os olhos; com um esforço, lançou um pouco de pituíta imediatamente recolhida numa baciazinha de ouro para impedir que, caindo sobre o tapete, o estragasse. Era o efeito do pó que o califa o fizera ingerir, quando, em mais ou menos tempo, de acordo com a dose, ele deixa de causar o entorpecimento.

Recolocando a cabeça sobre o travesseiro, Abu Hassan abriu os olhos, e, à medida que lhe permitia a pouca luz do dia, viu-se no meio de um enorme quarto, magnífico e soberbamente mobiliado, com um forro ornado de figuras e arabescos, grandes vasos de ouro maciço, reposteiros e um tapete de ouro e seda. Rodeavam-no jovens mulheres, várias empunhando diferentes espécies de instrumentos de música, prontas para tocar, todas extremamente formosas, eunucos negros ricamente trajados e de pé. Relanceando os olhos pela coberta do leito, notou Abu Hassan que era de rendado de ouro sobre fundo vermelho, ornada de pérolas e diamantes; perto do leito havia um traje do mesmo pano e com o mesmo ornato; ao lado, sobre uma almofada um gorro de califa.

Diante de objetos tão luxuosos, Abu Hassan sentiu-se presa de um espanto e de uma confusão inexprimíveis. Olhava tudo como se estivesse sonhando um sonho tão verdadeiro que o assustava. ‘Bem’, disse para si mesmo, ‘eis-me califa’; mas acrescentou um pouco depois, ‘convém que eu não me iluda; é um sonho, efeito do desejo sobre o qual conversei ontem com o meu hóspede.’ E tornou a cerrar os olhos como para dormir novamente.

Ao mesmo tempo, um eunuco se aproximou: ‘Comendador dos Crentes’, disse-lhe respeitosamente, ‘não volteis a dormir; é tempo de vos levantardes para a prece, pois a aurora começa a surgir.’

Àquelas palavras, que causaram muita surpresa em Abu Hassan, este repetiu: ‘Estarei acordado ou dormindo? Não, evidentemente estou dormindo.’ Continuou sempre de olhos fechados. ‘Não posso duvidar.’

‘Comendador dos Crentes’, disse outra vez o eunuco, que viu não dar ele sinais de querer se levantar, ‘permitireis que vos repita que é tempo de vos levantardes, a menos que desejeis deixar passar a hora da prece da manhã; o Sol está prestes a despontar, e vós não estais habituado a faltar.’

‘Enganei-me’, disse imediatamente Abu Hassan; ‘não estou dormindo, estou acordado; os que dormem não ouvem, e eu estou ouvindo alguém me falar.’ Abriu, então, os olhos; e, como já era dia, viu distintamente tudo quanto não percebera muito confusamente. Pôs-se a sentar sorridente, como homem cheio de alegria de se ver em posição superior à sua; e o califa, que o observava sem ser visto, penetrou-lhe o pensamento com grande prazer.

As jovens mulheres do palácio prostraram-se de rosto contra o chão diante de Abu Hassan, e as que empunhavam instrumentos de música lhe deram bom-dia com um concerto de flautas suaves, oboés e outros instrumentos harmoniosos, o que o deixou em êxtase, de maneira que não sabia onde estava e já não mais se dominava. Voltou, no entanto, à sua primeira ideia, duvidando ainda da realidade de tudo quanto via e ouvia. Levou as mãos aos olhos e, abaixando a cabeça, disse: ‘Que significa tudo isso? Onde estou? O que me sucedeu? De quem é este palácio? O que significam estes eunucos, estes oficiais, estas criaturas tão lindas, e estas tocadoras que tanto me enfeitiçam? Será possível não poder eu distinguir se estou sonhando ou se estou acordado?’ E, tirando as mãos de cima dos olhos, tornou a abri-los; depois, levantando a cabeça, viu que o Sol já enviava os seus primeiros raios através das janelas.

Naquele momento, Mesrur, chefe dos eunucos, entrando, prostrou-se profundamente diante de Abu Hassan e disse-lhe, ao se erguer: ‘Comendador dos Crentes, permitireis que eu vos diga que não tendes o hábito de levantar-vos tão tarde, e que já deixastes passar a hora da prece. A

não ser que tenhais passado péssima noite, e vos acheis indisposto, só vos resta tempo para subir ao trono e dirigir o conselho. Os generais dos vossos exércitos, os governadores das vossas províncias só aguardam o instante em que se lhes abram as portas da sala do conselho.’

Às palavras de Mesrur, Abu Hassan quase se convenceu de que não estava sonhando, mas confundiu-o a incerteza sobre o que devia fazer. Finalmente, fitou os olhos em Mesrur e em tom bem sério: ‘A quem falais?’, perguntou-lhe, ‘e quem é o que chamas de Comendador dos Crentes, vós que eu não conheço? Certamente me tomais por outra pessoa.’

Qualquer homem que não Mesrur ficaria desconcertado com a pergunta de Abu Hassan; mas, instruído pelo califa, desempenhou magnificamente o seu papel. ‘Meu respeitável senhor e amo’, disse ele, ‘falais-me assim, hoje, para experimentar-me com certeza. Não sois o Comendador dos Crentes, o monarca do mundo, de Oriente a Ocidente, e o Vigário na Terra do profeta enviado por Deus, Senhor dos Mundos terrestre e celeste? Mesrur, vosso dedicado escravo, não o esqueceu depois de tantos anos que tem a honra e a ventura de prestar as suas homenagens e os seus serviços. Ele se julgaria o mais desventurado dos homens, se tivesse incorrido na vossa desgraça; ele vos suplica, pois, humildemente, ter a bondade de tranquilizá-lo; prefere crer que um sonho fastidioso vos perturbou o repouso durante a noite.’

Abu Hassan, àquelas palavras de Mesrur, desatou em tão clamorosa risada que caiu sobre o travesseiro do leito, com grande alegria do califa que também teria gargalhado se não temesse pôr fim, logo no começo, à interessante cena.

Abu Hassan, após rir-se por muito tempo, tornou a sentar-se, e, dirigindo-se a um pequeno eunuco negro como Mesrur, disse-lhe: ‘Escuta, dize-me quem sou’. ‘Senhor’, respondeu o eunuco com modéstia, ‘sois o Comendador dos Crentes, e o Vigário na Terra do Senhor dos dois mundos.’ ‘És um mentiroso’, respondeu Abu Hassan.

Abu Hassan chamou, em seguida, uma das mulheres mais próximas. ‘Aproximai-vos, formosa’, disse-lhe, estendendo a mão; ‘mordei a ponta do meu dedo, para que eu veja se estou dormindo ou se estou acordado.’

A dama, que sabia estar o califa presenciando tudo que se desenrolava no quarto, alegrou-se por poder mostrar do que era capaz quando se tratava de diverti-lo. Aproximando-se, pois, de Abu Hassan, com toda a seriedade, e apertando levemente entre os dentes a ponta do dedo que lhe fora estendido, fê-lo sentir pequena dor.

Retirando apressadamente a mão: ‘Não estou dormindo’, disse imediatamente Abu Hassan, ‘não estou dormindo certamente. Por que milagre me tornei califa numa noite? Eis a coisa mais maravilhosa e surpreendente do mundo!’ Em seguida, dirigindo-se à mesma dama: ‘Não me oculteis a verdade’, disse-lhe; ‘suplico-vos, pela proteção de Deus, em quem, como eu, confiais. É verdade que eu sou o Comendador dos Crentes?’ ‘É tão verdade’, respondeu-lhe ela, ‘que sois o Comendador dos Crentes que muito nos surpreende quererdes dar-nos a entender que não o sois.’ ‘Sois mentirosa’, respondeu Abu Hassan. ‘Pois, então, não hei de saber quem sou?’

O chefe dos eunucos, percebendo que Abu Hassan desejava se levantar, apresentou-lhe a mão, e ajudou-o a sair do leito. Mal se viu de pé, todo o quarto ecoou a saudação que os oficiais e as damas lhe dirigiram ao mesmo tempo: ‘Comendador dos Crentes, que Deus vos dê um bom-dia.’

‘Ah, céus! que maravilha!’, exclamou Abu Hassan. ‘Era eu ontem de noite Abu Hassan, e hoje de manhã sou o Comendador dos Crentes; não compreendo absolutamente mudança tão rápida e surpreendente.’ Os oficiais incumbidos de o vestirem desempenharam-se com presteza, e quando terminaram abriram alas com os demais dignitários e as damas, para darem passagem a Mesrur seguido de Abu Hassan. Corrida a cortina, foi a porta aberta por um guarda. Mesrur entrou na sala do conselho e caminhou ainda diante dele até o pé do trono, onde se deteve para o ajudar a subir, pegando-o por um lado sob o ombro, enquanto outro oficial se encarregava do ombro oposto.

Abu Hassan sentou-se sob as aclamações dos guardas que lhe desejaram toda ventura e prosperidade; e, voltando-se para a direita e para a esquerda, viu ele os oficiais da guarda enfileirados em esplêndida ordem.

Entretanto, o califa, que abandonara o canto em que se ocultara no momento em que Abu Hassan entrara na sala do conselho, rumou para outro de onde podia ver e ouvir tudo o que se passava quando o grão-vizir presidia o conselho, por estar ele impedido por alguma indisposição. O que lhe agradou de início foi ver que Abu Hassan, no trono, assumia a mesma gravidade.

O grão-vizir, que acabava de chegar, prostrou-se diante do trono; em seguida, levantou-se, e, dirigindo-se a Abu Hassan, disse-lhe: ‘Comendador dos Crentes, Deus vos cumule dos seus favores nesta vida, vos receba no seu paraíso na outra, e precipite os vossos inimigos nas chamas do inferno!’

Abu Hassan, após tudo o que lhe sucedera desde o instante em que despertara, e o que acabava de ouvir da boca do grão-vizir, não duvidou de que era o califa, como sempre havia desejado. Assim, sem examinar como ou por que acaso uma mudança de sorte tão inesperada se realizara, tomou imediatamente a resolução de exercer o poder de que estava investido. Por conseguinte, perguntou ao grão-vizir, olhando-o com gravidade, se tinha alguma coisa para lhe dizer.

‘Comendador dos Crentes’, respondeu o grão-vizir, ‘os emires, os vizires e os demais oficiais que têm assento no conselho real estão à porta e só aguardam o momento em que vós lhes permitais entrar e apresentar-vos os devidos respeitos.’ Abu Hassan ordenou que fosse aberta a porta; e o grão-vizir, voltando-se para o chefe dos guardas, disse-lhe: ‘Chefe dos guardas, o Comendador dos Crentes vos ordena cumprir o vosso dever.’

Ao mesmo tempo que se abriu a porta, os emires e os principais dignitários da corte, todos em trajes de cerimônia, entraram em ordem, caminharam até os pés do trono e prestaram as devidas homenagens a Abu Hassan, cada um de acordo com a sua dignidade, de joelho no chão e testa sobre o tapete, como se estivessem realmente diante do califa, e o saudaram dando-lhe o título de Comendador dos Crentes, segundo as instruções dadas pelo grão-vizir; em seguida, cada um ocupou seu lugar.

Quando a cerimônia terminou, reinou um grande silêncio.

O grão-vizir, então, sempre de pé diante do trono, começou a expor o seu relatório sobre vários assuntos. Tratava-se, na verdade, de assuntos

comuns e de pouca importância. Abu Hassan, no entanto, fez-se admirar pelo próprio califa. Com efeito, não se atrapalhou em nenhum ponto. Pronunciou-se com exatidão sobre todos os pontos, conforme lhe inspirava o bom senso, quer se tratasse de conceber ou de rejeitar o que lhe era pedido.

Antes que o grão-vizir terminasse o seu relatório, Abu Hassan notou o chefe de polícia, que conhecia de vista, sentado no seu posto. ‘Esperai um momento’, disse ao grão-vizir, interrompendo-o; ‘tenho uma ordem urgente para o chefe de polícia.’

Este, que tinha os olhos fitos em Abu Hassan e que percebeu estar Abu Hassan a olhá-lo de modo particular, ouvindo-se nomear, levantou-se imediatamente e se aproximou com gravidade do trono, a cujos pés se prostrou com o rosto contra o chão. ‘Chefe de polícia’, disse-lhe Abu Hassan, após ele ter se levantado, ‘ide imediatamente a tal bairro; na rua que vos indico há uma mesquita onde encontrareis o imã e quatro anciães de barba branca; prendei-os e mandai aplicar a cada um dos quatro anciães cem bastonadas de nervo de boi e quatrocentas ao imã. Depois mandai-os montar em camelos, vestidos de andrajos e de rosto voltado para a cauda dos animais. Fazei-os atravessar todos os bairros da cidade, precedidos por um arauto que em altos brados dirá as seguintes palavras:

Eis o castigo aos que se intrometem em negócios que não lhes dizem respeito, e que tratam de lançar a discórdia nas famílias dos seus vizinhos e causar-lhes todo o mal de que são capazes.

‘A minha intenção é ainda que os obrigueis a mudar de bairro, com a proibição de tornar a pôr os pés no de onde forem expulsos. Enquanto o vosso lugar-tenente os levar ao passeio que vos expliquei, voltareis para dar-me conta da execução das minhas ordens.’

O chefe de polícia colocou a mão sobre a cabeça para dar a entender que executaria a ordem recebida, sob pena de ser morto. Pela segunda vez, prostrou-se diante do trono, e, após erguer-se, retirou-se.

A ordem dada com tão grande firmeza proporcionou ao califa enorme prazer, tanto que verificou não perder Abu Hassan tempo a fim de castigar o imã e os anciães, pois a primeira coisa em que pensava, ao ver-se califa, era exatamente puni-los.

Entretanto, o grão-vizir continuou a apresentar o seu relatório, e estava para terminar quando o chefe de polícia, de volta, se apresentou para dar conta da sua missão e aproximou-se do trono. Após prostrar-se, disse: ‘Comendador dos Crentes, encontrei o imã e os quatro anciães na mesquita que me indicastes; e, como prova de que cumpri fielmente a ordem recebida, eis aqui o processo assinado por várias testemunhas.’ Ao mesmo tempo, tirando do peito um papel, apresentou-o ao falso califa.

Abu Hassan pegou o processo, leu-o todo, inclusive os nomes das testemunhas, que lhe eram conhecidas, e, quando terminou, disse ao chefe de polícia, sorrindo: ‘Está bem, sinto-me alegre e vós me proporcionastes um prazer. Voltai ao vosso lugar.’ ‘Tartufos’, continuou para si, ‘que gostavam de criticar os meus atos e me censuravam por oferecer festins, bem mereciam tal castigo.’ O califa, que o observava, compreendendo-lhe o íntimo, sentiu-se bastante satisfeito com tão bela expedição.

Abu Hassan, em seguida, dirigiu-se ao grão-vizir: ‘Mandai que o grão-tesoureiro’, disse-lhe, ‘vos entregue uma bolsa com mil moedas de ouro, e ide ao bairro para onde enviei o chefe de polícia, levá-la à mãe de Abu Hassan, cognominado o Devasso. É um homem conhecido em todo o bairro por esse nome; qualquer pessoa vos indicará a casa onde ele vive. Ide e voltai imediatamente.’

O grão-vizir Djafar pôs a mão sobre a cabeça para indicar que obedecia, e após prostrar-se diante do trono, saiu e rumou para o grão-tesoureiro, que lhe entregou a bolsa. Ordenando a um escravo que a pegasse, foi bater à porta da casa da mãe de Abu Hassan. Ao vê-la, disse-lhe que o califa lhe enviava aquele presente, sem dar outras explicações. Ela o recebeu surpresa, não imaginando o que podia ter levado o califa a conceder-lhe tão grande dádiva.

Durante a ausência do grão-vizir, o chefe de polícia expôs vários assuntos concernentes às suas funções. Quando o grão-vizir tornou a entrar numa sala

do conselho e assegurou a Abu Hassan que cumprira a ordem recebida, o chefe dos eunucos, Mesrur, que entrara no palácio, após acompanhar Abu Hassan até o trono, voltou e por um sinal deu a compreender a vizires, emires e oficiais que o conselho estava terminado e que todos podiam retirar-se. Foi o que fizeram estes, despedindo-se com uma profunda reverência aos pés do trono. Só ficaram perto de Abu Hassan os oficiais da guarda do califa e do grão-vizir.

Abu Hassan não se demorou no trono do califa; desceu como subira, isto é, auxiliado por Mesrur e por outro oficial dos eunucos, que o acompanharam até o aposento de onde ele saía. Entrou, precedido pelo grão-vizir, mas, apenas deu alguns passos, sentiu urgente necessidade física. Imediatamente, abriram-lhe um gabinete limpíssimo com piso de mármore e apresentaram-lhe chinelos de seda bordada de ouro. Abu Hassan pegou-os, e como não soubesse para que serviam, colocou-os no interior de uma das mangas bastante largas.

Como sucede quase sempre, quando nos rimos mais de uma bagatela do que de algo importante, pouco faltou para que o grão-vizir, Mesrur e todos os oficiais do palácio desatassem a rir e estragassem toda a brincadeira. Conseguiram, porém, conter-se; e o grão-vizir foi, finalmente, obrigado a explicar-lhe que devia calçá-los para entrar no gabinete.

Enquanto Abu Hassan permanecia lá, o grão-vizir foi ao encontro do califa, que se havia postado em outro ponto para continuar a observar Abu Hassan sem ser visto, e contou-lhe o que acabava de acontecer. O califa, mais uma vez, se divertiu.

Abu Hassan saiu do gabinete. Mesrur, caminhando à sua frente para mostrar-lhe a direção, conduziu-o ao aposento interior onde estava posta a mesa. A porta de comunicação foi aberta e vários eunucos correram a avisar as tocadoras que o falso califa estava se aproximando. Imediatamente começaram um concerto de vozes com tal satisfação de Hassan, que ficou arrebatado de prazer, sem saber o que pensar do que via e ouvia. ‘Se for um sonho’, refletia, ‘é um sonho bem longo. Mas não pode ser; sinto-me bem, raciocino, vejo, caminho, ouço. Seja o que for, confio em Deus. Não posso deixar de crer, todavia, que não sou o Comendador dos Crentes; só existe

um Comendador dos Crentes que viva no esplendor que me rodeia. As honras e os respeitos que me prestam, as ordens que dei e que foram executadas são provas suficientes.’

Enfim, Abu Hassan acabou por se convencer de que era realmente o califa e o Comendador dos Crentes quando se viu num salão magnífico e espaçoso. O ouro mesclado às cores mais vivas fulgia por toda parte. Sete grupos de tocadoras, umas mais lindas que as outras, enchiam o salão; e sete lustres de ouro de sete ramos pendiam de vários pontos do forro, onde o ouro e o azul, engenhosamente combinados, produziam um efeito maravilhoso. No meio, via-se uma mesa com sete grandes pratos de ouro maciço que perfumavam o salão com o aroma de especiarias e âmbar, condimento de deliciosas carnes. Sete jovens mulheres de pé, formosíssimas, vestidas com os tecidos mais ricos e fulgurantes, rodeavam a mesa. Cada uma delas segurava um leque de que se serviriam para renovar o ar a Abu Hassan enquanto ele estivesse à mesa.

Se houve jamais mortal encantado, foi Abu Hassan ao entrar no magnífico salão. A cada passo não podia deixar de deter-se para contemplar à vontade todas as maravilhas que se lhe apresentavam. Voltava-se a todo instante de um lado ou do outro, com enorme prazer do califa, que o observava cuidadosamente. Finalmente, avançou até o meio e pôs-se à mesa. Imediatamente as sete formosas mulheres agitaram o ar com os seus leques para refrescá-lo. Abu Hassan olhava-as uma depois da outra; e após admirar a graça com a qual desempenhavam o seu papel disse-lhes com um sorriso que julgava bastar uma delas para lhe proporcionar todo o ar necessário; e quis que as outras seis se sentassem à mesa com ele, três à direita e três à esquerda, para fazer-lhe companhia. A mesa era redonda e Abu Hassan mandou que se colocassem em volta, para só encontrar criaturas agradáveis e divertidas para onde quer que olhasse.

As seis mulheres obedeceram. Mas Abu Hassan percebeu que elas não comiam por respeito, o que fez com que ele mesmo as servisse, convidando-as a comer. Perguntou-lhes, em seguida, como se chamavam, e cada uma satisfez a sua curiosidade. Tinham por nomes Pescoço de Alabastro, Boca de Coral, Face da Lua, Brilho do Sol, Prazer dos Olhos, Delícias do Coração.

Abu Hassan dirigiu também a mesma pergunta à que segurava o leque, e recebeu como resposta o nome de Cana-de-Açúcar. As gentilezas que ele proferiu em torno de tais nomes demonstraram que era possuidor de excelente espírito, e não se pode imaginar como aquilo aumentou a estima que o califa já concebera por ele.

Quando as mulheres viram que Abu Hassan deixara de comer, uma disse aos eunucos: ‘O Comendador dos Crentes deseja passar ao salão da sobremesa. Trazei água para as mãos.’ Levantaram-se todas ao mesmo tempo e pegaram das mãos dos eunucos uma a bacia de ouro, outra um jarro do mesmo metal e a terceira uma toalha e ajoelharam-se diante de Abu Hassan. Quando este se lavou, levantou-se, e imediatamente um eunuco, puxando a cortina, abriu a porta de outro salão.

Mesrur, que não havia abandonado Abu Hassan, caminhou na sua frente e introduziu-o num salão de dimensões iguais ao precedente, mas ornado de várias pinturas dos maiores mestres e enriquecido por vasos de metal, tapetes e preciosos móveis. Havia nele sete grupos de tocadoras, outras que não as do primeiro salão; estes sete grupos começaram um novo concerto mal Abu Hassan apareceu. Ornavam o salão outros sete lustres, e a mesa, posta no meio, suportava sete grandes bacias de ouro contendo pirâmides de várias frutas, escolhidas e deliciosas; em volta estavam de pé outras sete mulheres, cada uma com um leque, mais belas que as primeiras.

Aquilo proporcionou a Abu Hassan mais admiração ainda. Detendo-se, patenteou toda a sua surpresa. Avançou finalmente para a mesa e, após sentar-se e contemplar as sete belezas uma depois da outra, com um embaraço que denotava não saber a qual delas preferir, ordenou-lhes que deixassem os leques e se sentassem à mesa para comer com ele, dizendo que o calor não o importunava.

Depois de se sentarem à sua direita e à sua esquerda, quis Abu Hassan, em primeiro lugar, saber como se chamavam, e soube que cada uma tinha um nome diferente dos das sete mulheres do primeiro salão e que os seus nomes significavam igualmente uma perfeição da alma ou do espírito, a distingui-las umas das outras. Abu Hassan alegrou-se, e deu a conhecer a sua alegria por palavras de cortesia, apresentando a cada uma delas alguns dos deliciosos

frutos à sua disposição. ‘Comei-os por mim’, disse a Cadeia dos Corações, à sua direita, apresentando-lhe figos, ‘e tornai mais suportáveis as cadeias que trago desde o instante em que vos vi.’ E apresentando uvas a Tormento da Alma disse: ‘Tomai estas uvas e fazei cessar sem demora o tormento que, por vossa causa, me aniquila.’ E assim com as demais criaturas. Com tudo isso, Abu Hassan fazia com que o califa se alegrasse cada vez mais por ter encontrado um homem que o divertia e que lhe dera a oportunidade de imaginar um meio de conhecê-lo mais a fundo.

Quando Abu Hassan experimentou todos os frutos, levantou-se; e imediatamente Mesrur, que não o abandonava, caminhou ainda na sua frente, introduzindo-o num terceiro salão, magnificamente ornado e mobiliado como os dois primeiros.

Abu Hassan ali encontrou outros sete grupos de tocadoras e outras sete mulheres em redor de uma mesa com sete bacias de ouro repletas de doces de diferentes cores e feitios. Após relancear os olhos por todos os lados, admirado, avançou até a mesa ao som harmonioso dos sete grupos de tocadoras. As sete mulheres sentaram-se ao seu lado e, como não podia servi-las como fizera às demais, rogou-lhes que elas mesmas escolhessem os doces que mais a atraíam. Perguntou-lhes também os nomes, que lhe agradaram tanto quanto os das outras mulheres pela sua diversidade, e que lhe proporcionaram nova ocasião para com elas conversar e dirigir-lhes galanteios que muito agradaram a elas e ao califa, que não perdia nada do que ele dizia.

O dia chegava ao fim quando Abu Hassan foi levado ao quarto salão, ornado, como os outros, dos mais lindos e preciosos móveis. Também nesse havia sete grandes lustres de ouro com velas acesas; estava iluminado por prodigiosa quantidade de luzes que proporcionavam maravilhoso efeito. Nada se vira semelhante nos outros três salões. Abu Hassan encontrou ainda nesse último salão, como havia nos outros três, outros sete grupos de tocadoras capazes de inspirar maior alegria. Viu também outras sete mulheres de pé em torno de uma mesa com sete bacias de ouro repletas de doces folheados, doces secos e outras coisas capazes de provocar a sede. Mas o que Abu Hassan achou mais interessante foi um aparador com sete grandes jaras

de prata cheias do mais delicioso dos vinhos, e sete copos de cristal muito bem-trabalhados.

Nos três primeiros salões Abu Hassan só havia bebido água, segundo o costume observado em Bagdá tanto entre o povo e as camadas superiores como na corte do califa, onde só se bebe vinho à noite. Todos os que procedem diversamente são tidos por devassos e não ousam mostrar-se durante o dia. Esse costume é louvável, pois temos necessidade de todo o nosso bom senso durante o dia para cuidarmos dos negócios, e assim não se veem ébrios, em pleno dia, provocando desordens nas ruas da cidade.

Abu Hassan, no quarto salão, caminhou até a mesa e, sentando-se, ali se demorou por muito tempo, como que extasiado, a admirar as sete criaturas que o rodeavam, achando-as mais belas que as demais já vistas nos outros salões. Desejou saber-lhes os nomes, mas, como a música sobretudo os pandeiros não lhe permitissem fazer-se ouvir, bateu palmas para impor silêncio.

Pegando então pela mão a mulher que se encontrava mais perto dele, à sua direita, fê-la sentar-se; e, após apresentar-lhe um doce, perguntou-lhe como se chamava. ‘Comendador dos Crentes’, responde ela, ‘o meu nome é Ramalhete de Pérolas.’ ‘Não era possível dar-vos nome mais conveniente’, respondeu Abu Hassan, ‘e que melhor revelasse o vosso valor; sem censurar quem vo-lo impôs, contudo, creio que os vossos lindíssimos dentes eclipsam as mais belas pérolas do mundo. Ramalhete de Pérolas, já que esse é o vosso nome, dai-me a honra de servir-me uma taça de vinho.’

Imediatamente a dama se dirigiu ao aparador de onde voltou com uma taça de vinho que apresentou a Abu Hassan com muita graça. Abu Hassan pegou-a com prazer, e fitando a linda criatura, apaixonadamente, lhe disse: ‘Ramalhete de Pérolas, bebo à vossa saúde; rogo-vos beber também.’ Ela correu ao aparador e voltou com outra taça, mas antes de beber cantou uma canção que o extasiou tanto pela novidade quanto pelo encanto de uma voz maravilhosa.

Abu Hassan, depois de beber, escolheu o que mais lhe agradou dentre as bacias, e apresentou-o a outra mulher, que fez sentar ao seu lado, e a quem perguntou o nome. Respondeu-lhe ela chamar-se Estrela da Manhã. ‘Os

vossos belos olhos’, respondeu ele, ‘possuem mais brilho que a estrela cujo nome trazeis. Concedei-me o favor de oferecer-me vinho.’ Estrela da Manhã o atendeu imediatamente, com a melhor graça deste mundo. Abu Hassan comportou-se da mesma maneira com a terceira, chamada Luz do Dia, e assim procedeu até a sétima. Todas o serviram com extrema satisfação do califa.

Quando Abu Hassan terminou de beber, Ramalhete de Pérolas, a primeira à qual se dirigira, foi ao aparador, pegou uma taça cheia de vinho e nela despejou uma pitada do pó de que o califa se servira na véspera. Depois, ofereceu-a. ‘Comendador dos Crentes’, disse-lhe, ‘suplico-vos, pelo interesse que tenho na conservação da vossa saúde, beber mais esta taça de vinho, e conceder-me o favor, antes, de ouvir uma canção que, se posso gabar-me, não vos desagradará. Eu a compus hoje e ainda não a cantei para ninguém.’

‘Concedo-vos a permissão com prazer’, disse-lhe Abu Hassan, pegando a taça que ela lhe oferecia, ‘e ordeno-vos, como Comendador dos Crentes, que a canteis para mim, certo de que uma criatura formosa como vós só pode compô-las agradabilíssimas.’ A dama, pegando um alaúde, cantou acompanhando-se com o instrumento com tal graça que deixou Abu Hassan extasiado do começo ao fim. Achou-a tão linda que a obrigou a repetir.

Quando ela terminou, Abu Hassan, desejando elogiá-la como merecia, esvaziou o conteúdo da taça de uma só vez; depois, voltando a cabeça para o lado da dama, como se pretendesse falar-lhe, foi impedido pelo pó que produziu o seu efeito tão subitamente que ele só conseguiu abrir a boca. Os seus olhos se fecharam; e, deixando tombar a cabeça sobre a mesa, adormeceu profundamente, quase na mesma hora da véspera; no mesmo instante, uma das damas tirou-lhe das mãos a taça vazia. O califa, que muito se havia divertido e que também assistira à última cena, saiu do esconderijo em que se achava e apareceu no salão contentíssimo por ver o feliz êxito do que imaginara. Em primeiro lugar, ordenou que tirassem de Abu Hassan o traje de califa com que o haviam vestido naquela manhã e o metessem nas vestes com que chegara ao palácio 24 horas antes trazido pelo escravo. Em seguida, mandou chamar o mesmo escravo e ordenou-lhe: ‘Torna a pôr este

homem sobre os ombros, e leva-o de volta à sua casa, sem ruído; ao te retirares, deixa a porta aberta.’

O escravo pegou Abu Hassan, levou-o pela porta secreta do palácio, repô-lo em sua casa como o califa havia ordenado e voltou imediatamente dar conta do que fizera. ‘Abu Hassan’, disse, então, o califa, ‘desejara ser califa durante um dia somente para castigar o imã da mesquita e os quatro xeques ou anciães cujo procedimento lhe desagradava; proporcionei-lhe o meio de satisfazer o seu desejo, e agora deve estar contente.’

Abu Hassan, reposto sobre o sofá pelo escravo, dormiu até o dia seguinte à tarde; só despertou quando o pó que sorvera com o vinho perdeu o efeito. Abrindo os olhos, ficou surpreso por ver-se de novo em casa: ‘Ramalhete de Pérolas, Estrela da Manhã, Aurora do Dia, Boca de Coral, Face da Lua!’, exclamou, chamando as damas do palácio que lhe haviam feito companhia, ‘onde estais? Vinde, aproximai-vos.’

Abu Hassan gritou. Sua mãe, ouvindo-o do seu aposento, correu, e, entrando no quarto, perguntou-lhe: ‘Que tendes, meu filho. O que vos sucedeu?’

Àquelas palavras, Abu Hassan levantou a cabeça, e olhando com desprezo para sua mãe, disse-lhe: ‘Boa mulher, a quem chamas teu filho?’

‘A vós mesmo’, respondeu sua mãe, com doçura; ‘não sois Abu Hassan, meu filho? Seria a coisa mais esquisita do mundo se disso vos tivésseis esquecido em tão pouco tempo.’

‘Eu, teu filho? Velha execrável!’, respondeu Abu Hassan; ‘não sabes o que dizes, és mentirosa. Não sou Abu Hassan como afirmas; sou o Comendador dos Crentes.’

‘Calai-vos, meu filho’, respondeu a mãe; ‘não estais bem. Seríeis enforcado, se vos ouvissem.’

‘Tu é que és louca’, disse Abu Hassan, ‘eu não! Repito-te que sou o Comendador dos Crentes, e o Vigário na Terra dos Senhor dos dois mundos.’

‘Ah, meu filho!’, exclamou a mãe, ‘é possível que eu vos ouça proferir palavras que demonstram tão grande alienação? Que mau gênio vos obceca

para fazer-vos dizer semelhantes palavras? Deus vos abençoe e vos livre da maldade de Satã! Sois meu filho, Abu Hassan, e eu sou vossa mãe.’

Após tentar todos os meios para fazê-lo voltar a si, e demonstrar-lhe o erro em que estava, disse-lhe: ‘Não vedes que este é o vosso quarto, e não o de um palácio digno do Comendador dos Crentes, e que nunca o deixastes desde que estais no mundo? Refleti em tudo que vos afirmo e não metais na cabeça coisas que não podem ser. Mais uma vez, meu filho, reflita seriamente.’

Abu Hassan ouviu pacientemente as repreensões de sua mãe, de olhos baixos, como o homem que volta a si para examinar a verdade de tudo quanto vê e ouve. ‘Creio que tendes razão’, disse por fim a sua mãe, como que despertando de um profundo sono, sem, no entanto, mudar de posição; ‘parece-me que sou Abu Hassan, que sois minha mãe e que estou no meu quarto.’ Mais uma vez, examinando tudo quanto lhe caía sob os olhos: ‘Sou Abu Hassan, já não duvido, e não compreendo como pude meter tais ideias na cabeça.’

Acreditou a boa mulher que seu filho estivesse curado da perturbação que ela atribuía a um sonho. Preparava-se até para rir com ele e a interrogá-lo sobre seu sonho quando de repente Abu Hassan se sentou e, olhando-a de soslaio, disse-lhe: ‘Velha feiticeira, velha bruxa, não sabes o que dizes. Não sou teu filho e tu não és minha mãe. Enganas-te e queres enganar-me também. Digo-te que sou o Comendador dos Crentes e tu não conseguirás persuadir-me do contrário’.

‘Por misericórdia, meu filho, recomendai-vos a Deus e abstende-vos de falar assim, pois podereis sucumbir à desgraça. Falemos antes de outras coisas; deixai-me contar-vos o que sucedeu ontem no nosso bairro ao imã da nossa mesquita e a quatro xeques. O chefe de polícia os prendeu; e, após mandar aplicar a cada um não sei quantas bastonadas, fez um arauto pronunciar que se tratava de um castigo por se imiscuírem em negócios que não lhes diziam respeito e por introduzirem a discórdia nas famílias vizinhas. Em seguida, mandou-os passear por todos os bairros da cidade, e proibiu-lhes repor os pés no nosso.’

A mãe de Abu Hassan, não podendo supor que seu filho tivera parte na aventura que ela acabava de contar, mudara de assunto e narrara aquele fato exatamente por crer que seria capaz de apagar a impressão em que o via de ser o Comendador dos Crentes.

Mas sucedeu o oposto; e a narração, em vez de apagar-lhe a ideia de ser o Comendador dos Crentes, só serviu para fortalecê-la.

Por conseguinte, mal ouvindo aquelas palavras: ‘Já não sou teu filho’, disse-lhe, ‘nem Abu Hassan; sou certamente o Comendador dos Crentes; não me é possível continuar duvidando, após o que acabas de me contar. Sabe que foi por minha ordem que o imã e os quatro xeques foram castigados. Sou, pois, verdadeiramente, o Comendador dos Crentes, e digo-te: pare de afirmar que se trata de um simples sonho. Não estou dormindo, e estava naquela ocasião tão acordado como no momento em que te falo. Dá-me o prazer de continuar o que o chefe de polícia, a quem eu dera a ordem, me repetiu, isto é, haver sido a minha ordem pontualmente executada; e muito me alegro, pois esse imã e os quatro xeques são realmente patifes. Quisera eu saber quem me trouxe aqui. Deus seja louvado! O que é certo é que sou, sem a menor sombra de dúvida, o Comendador dos Crentes, e as tuas razões não me convencerão do contrário.’

A mãe, não podendo adivinhar e sequer imaginar por que seu filho sustentava com tamanha teimosia ser o Comendador dos Crentes, acreditou que ele tivesse perdido o juízo ao ouvi-lo pronunciar coisas incríveis, embora tivessem fundamento no espírito de Abu Hassan. Assim, disse-lhe: ‘Meu filho, rogo a Deus que se apiede de vós e vos faça misericórdia. Cessai, meu filho, de falar com tão pouco bom senso. Dirigi-vos a Deus, pedi-lhe que vos perdoe e vos conceda a graça de falar como homem sensato. Que diriam de vós, se vos vissem assim? Não sabeis que as paredes têm ouvidos?’

Tão belas repreensões, em vez de mitigar o espírito de Abu Hassan, só serviram para o azedar mais ainda. E, encolerizado, ele respondeu: ‘Velha, já te ordenei que te calasses; se continuares, levantar-me-ei e te tratarei de tal maneira que hás de lembrar-te pelo resto dos teus dias. Sou o califa, o Comendador dos Crentes, e deves crer-me quando falo.’

A boa mulher, notando que Abu Hassan se afastava cada vez mais do bom senso, abandonou-se às lágrimas; e, batendo no rosto e no peito, dava gritos que exprimiam a sua enorme dor por ver o filho em horrível alienação.

Abu Hassan, em vez de se acalmar e de se comover com as lágrimas de sua mãe, chegou a ponto de perder para com ela o respeito que a natureza inspira. Levantando-se repentinamente, pegou um bordão, e, aproximando-se dela, bradou, como um furioso: ‘Maldita velha, dize-me já quem sou!’

‘Meu filho’, respondeu sua mãe, olhando-o com ternura, sem medo, ‘não vos creio abandonado de Deus a ponto de já não reconhecerdes quem vos deu à luz. Digo-vos e repito-vos que sois meu filho, Abu Hassan, e que errais arrogando-vos um título que só pertence ao califa Harun al-Rashid, vosso soberano e meu, enquanto esse monarca nos cumula de bens, a vós e a mim, com o presente que me enviou ontem. Sabei que o grão-vizir Djafar se deu o trabalho de vir ontem visitar-me, e dando-me uma bolsa contendo mil moedas de ouro, dizer-me que rogasse a Deus pelo Comendador dos Crentes. Essa generosidade não diz mais respeito a vós que a mim, a quem sobram apenas alguns dias de vida?’

Àquelas palavras, Abu Hassan ficou fora de si. As circunstâncias da generosidade do califa diziam-lhe que não se enganava, e convenceram-no mais do que nunca de que era o califa, pois o vizir levava aquela bolsa precisamente por sua ordem. ‘Então, velha bruxa, ficarás convencida’, gritou, ‘quando eu te disser que fui eu quem enviou mil moedas de ouro pelo meu grão-vizir Djafar, que se limitou a executar a minha ordem de Comendador dos Crentes? Entretanto, em vez de acreditares, só buscas fazer-me perder a razão pelas tuas contradições, e pela afirmação de que sou teu filho. Mas não deixarei por mais tempo impune a tua maldade.’ Terminando, frenético, desnaturadamente a espancou com o bordão.

Sua pobre mãe, que nunca supusera que seu filho passaria tão rapidamente das ameaças aos atos, sentindo as pancadas, pôs-se a gritar, pedindo ajuda; e, enquanto os vizinhos não acudiram, Abu Hassan continuou a bater, perguntando-lhe a todo instante: ‘Sou o Comendador dos Crentes, ou não sou?’ Ao que respondia sua mãe: ‘Sois meu filho!’

O furor de Abu Hassan começou a ceder um pouco quando os vizinhos entraram no quarto. O primeiro deles interpôs-se imediatamente entre a mãe e o filho, e, após arrancar-lhe o bordão, perguntou-lhe: ‘Que estais fazendo, Abu Hassan? Perdeste o temor de Deus e a razão? Quando se viu filho tão bem-criado, como vós, erguer a mão contra sua própria mãe? Não vos envergonhais de maltratar assim quem tão ternamente vos ama?’

Abu Hassan, ainda furioso, olhou para o homem que lhe falava, sem nada responder; e, lançando o olhar ao mesmo tempo sobre cada um dos vizinhos que o acompanhavam, perguntou: ‘Quem é esse Abu Hassan do qual falais? A mim é que chamais com tal nome?’

Aquela pergunta desconcertou um pouco os recém-chegados. ‘Como!’, respondeu o que acabava de falar-lhe, ‘não reconheceis, pois, a mulher que estais vendo pela que vos criou?’ ‘Sois impertinente’, respondeu Abu Hassan; ‘não a conheço e tampouco conheço vós, e não quero conhecê-la. Não sou Abu Hassan, sou o Comendador dos Crentes, e se o ignorais saberei fazer com que o aprendais.’

Diante de tais palavras de Abu Hassan, os vizinhos não tiveram dúvidas sobre a sua loucura. E, para impedirem que ele chegasse a excessos semelhantes aos que acabava de cometer contra sua mãe, apoderaram-se dele, e amarraram-lhe os braços, mãos e pés. Nesse estado, julgaram-no ainda perigoso na companhia de sua mãe. Por conseguinte, dois deles se dirigiram apressadamente ao hospital dos loucos a fim de avisarem o guarda do que se passava. Para lá correu imediatamente o guarda, acompanhado por bom número de homens com correntes, algemas e chicote.

Ao vê-los chegar, Abu Hassan, que já esperava coisa tão horrorosa, fez grandes esforços para livrar-se; mas o guarda, manejando o chicote, não tardou em fazê-lo parar com dois ou três golpes bem-assetados sobre as costas. Abu Hassan se acalmou, e o guarda e os seus ajudantes tiveram liberdade de ação. Carregaram-no preso, puseram-lhe as algemas, e, terminando, conduziram-no ao hospital.

Abu Hassan, mal se viu na rua, foi rodeado por uma grande multidão. Um lhe dava um murro, outro uma bofetada, enquanto a maioria o cobria de insultos, tratando-o de louco, insensato e extravagante.

A todos aqueles maus-tratos, dizia ele: ‘Não há grandeza e força senão em Deus Todo-Poderoso. Querem que eu seja louco, embora continue com o meu bom senso. Sofro esta injúria e estas indignidades por amor a Deus.’

Dessa maneira, levaram-no para o hospital, onde o fecharam numa jaula de ferro; antes, porém, o guarda, endurecido naquele mister, aplicou-lhe sem piedade cinquenta bastonadas sobre as costas, e por três semanas continuou a dar-lhe o mesmo tratamento diariamente, repetindo-lhe sempre as mesmas palavras: ‘Volta ao bom senso e dize-nos se ainda és o Comendador dos Crentes.’

‘Não preciso do teu conselho’, respondia Abu Hassan, ‘pois não sou louco; mas, se devesse ficá-lo, nada seria mais capaz de me lançar a tão grande desgraça que os golpes com que me matas.’

Entretanto, a mãe de Abu Hassan ia ver o filho todos os dias; e não podia conter as lágrimas, notando que as suas forças diminuía dia a dia, e ouvindo-o queixar-se e suspirar de dor. Com efeito, tinha os ombros, as costas e as ilhargas feridas e não sabia de que lado voltar-se para encontrar descanso. Sua pele mudou várias vezes durante a sua estada naquele horrendo lugar. Sua mãe pretendia falar-lhe para o consolar e verificar se ainda continuava na mesma situação sobre a pretensa dignidade de califa e Comendador dos Crentes. Mas, cada vez que abria a boca para tocar no assunto, ele a repelia com tão grande fúria que ela se via obrigada a deixá-lo, e a voltar, inconsolável, diante da sua teimosia.

A ideia que Abu Hassan conservara no espírito de ter sido investido do poder do califa, de ter exercido as suas funções e a sua autoridade, de ter sido obedecido e tratado como verdadeiro califa, e o que o tinha convencido, ao despertar, de o ser na realidade, fazendo-o persistir por longo tempo no erro, começou a desaparecer.

‘Se eu fosse o califa e o Comendador dos Crentes’, refletia às vezes, ‘por que me teria encontrado em casa ao despertar, com o meu traje habitual? Por que não me houvera visto rodeado pelo chefe dos eunucos e por tão grande multidão de formosas criaturas? Por que o grão-vizir Djafar, que vi aos meus pés, tantos emires, tantos governadores de províncias e tantos outros oficiais teriam me abandonado? Há muito, sem dúvida, que me

haveriam livrado da lastimável situação em que me encontro, se sobre eles eu gozasse de alguma autoridade. Foi tudo um simples sonho, é-me forçoso crê-lo. Comandei, é verdade, ordenei ao chefe de polícia que punisse o imã e os quatro anciões do seu conselho, ordenei ao grão-vizir Djafar que levasse mil moedas de ouro a minha mãe, e as minhas ordens foram executadas. Isso me torna tudo incompreensível. Mas quantas outras coisas não compreendo e jamais compreenderei? Confio-me, portanto, a Deus, que a tudo sabe e conhece.’

Abu Hassan estava ainda imerso em tais pensamentos quando sua mãe chegou. Ela o viu tão extenuado e desfeito que chorou mais amargamente do que até então. No meio dos seus soluços não se esqueceu de saudá-lo, como sempre fazia, e Abu Hassan respondeu-lhe, diferente do seu hábito desde que entrara no hospital. Ela se alegrou, e disse: ‘E então, meu filho, como estais? Como está a vossa mente? Renunciastes às vossas fantasias e aos propósitos que o demônio vos sugeria?’

‘Minha mãe’, respondeu Abu Hassan com tranquilidade e de modo que demonstrava a sua dor pelos excessos em que caíra com respeito a ela, ‘reconheço o meu transtorno; mas rogo-vos perdoar-me o crime execrável que detesto e do qual sou culpado para convosco. Dirijo a mesma súplica aos meus vizinhos, por causa do escândalo que lhes dei. Fui prejudicado por um sonho, um sonho extraordinário e tão semelhante à verdade que qualquer outro homem houvera procedido como procedi, e talvez houvesse caído em extravagâncias superiores às que presenciastes. Ainda agora me sinto perturbado, e custa-me crer que na realidade sonhei, tal a semelhança com o que se passa entre gente que não dorme. Seja como for, quero tê-lo por sonho, por ilusão. Estou até certo de que não sou o califa e o Comendador dos Crentes, mas simplesmente Abu Hassan, vosso filho. Sim, sou filho de uma mulher a quem sempre respeitei até o triste dia cuja lembrança me cobre de vergonha, de uma mulher que honro e honrarei por toda a vida.’

Àquelas palavras tão sensatas, as lágrimas de dor, de compaixão e de afeto que a mãe de Abu Hassan derramava todos os dias se transformaram em lágrimas de alegria, consolo e amor cheio de ternura pelo filho que ela acabava de encontrar novamente. ‘Meu filho!’, exclamou, arrebatada pelo

júbilo, ‘sinto-me tão contente por vos ouvir falar sensatamente, após o que se passou, como se terminasse de dar-vos à luz pela segunda vez. É preciso que vos dê a conhecer o meu pensamento sobre a vossa aventura e que vos faça observar uma coisa que talvez não percebestes. O estranho que, um dia, levastes a jantar convosco, retirou-se sem fechar a porta do vosso quarto, como lhe havíeis recomendado: creio que foi isso que proporcionou oportunidade ao demônio para entrar e vos mergulhar na espantosa ilusão que tanto vos tortura. Assim, meu filho, deveis agradecer a Deus por vos ter salvado e rogar-lhe que vos preserve de cair outra vez em poder do espírito maligno.’

‘Descobriste a fonte do meu mal’, respondeu Abu Hassan; ‘e foi justamente naquela noite que tive o sonho que me transtornou o cérebro. No entanto, eu pedira ao mercador que fechasse a porta ao sair, e agora acabo de saber que ele não o fez. Estou certo, pois, que o demônio viu a porta aberta, entrou, e me encheu a cabeça de tolas fantasias. Convém não se saiba em Mussul, de onde provinha o mercador, como estamos convencidos em Bagdá de que o demônio nos causa todos esses sonhos horríveis quando deixamos abertos os quartos em que dormimos. Em nome de Deus, minha mãe, já que recobrei perfeitamente o juízo, suplico-vos, como pode um filho suplicar a tão bondosa mãe como sois, fazer-me sair quanto antes deste inferno e livrar-me das mãos do algoz que infalivelmente me abreviará os dias, se aqui eu me demorar mais um pouco.’

A mãe de Abu Hassan, enternecida por ver que o filho pusera inteiramente de lado a ideia de ser califa, foi imediatamente procurar o guarda e, assegurando-lhe que Abu Hassan já gozava de todo o seu bom senso outra vez, obrigou-o a ir examiná-lo e a pô-lo em liberdade.

Abu Hassan voltou para casa, onde ficou vários dias, a fim de refazer as forças com alimentos melhores que os que lhe haviam sido dados no hospital de loucos. Mas, ao ver-se completamente são, começou a aborrecer-se de passar as noites sozinho. Por isso, não tardou em retomar o mesmo modo de vida de antes, isto é, recomeçou a oferecer todos os dias um jantar a um forasteiro.

O dia em que reiniciou o velho costume de ir, pelo cair da noite, à extremidade da ponte de Bagdá para ali deter o primeiro estrangeiro que se lhe deparasse, e rogar-lhe o favor de jantar com ele, era o primeiro do mês, e o mesmo, como já dissemos, em que o califa se divertia em ir, disfarçado, a uma das estradas que conduziam à cidade, a fim de observar pessoalmente se tudo estava em ordem.

Fazia pouco que Abu Hassan chegara e se sentara no banco encostado ao parapeito, quando, olhando para a outra extremidade da ponte, percebeu o califa que para ele se encaminhava, disfarçado de mercador de Mussul, tal como a primeira vez, e seguido do mesmo escravo. Convencido de que todo o mal que sofrera vinha exclusivamente de haver o califa, que ele supunha mercador de Mussul, ter deixado a porta, estremeceu. ‘Deus me guarde!’, refletiu. ‘Eis, se não me engano, o mágico que me enfeitiçou.’ Imediatamente voltou a cabeça para o lado das águas, apoiando-se ao parapeito, para não vê-lo, até que passasse.

O califa, desejando levar mais longe ainda o prazer que experimentava com Abu Hassan, tivera o cuidado de informar-se de tudo quanto ele dissera e fizera no dia seguinte, ao despertar, e de tudo quanto lhe sucedera. Alegrara-se com o que havia sabido e até com o tratamento que fora dispensado ao pobre homem no hospital. Mas, por ser generoso e justiceiro, e ter reconhecido em Abu Hassan indivíduo capaz de distraí-lo por mais tempo, e, além disso, prevendo que, após renunciar à pretensa dignidade de califa, ele voltaria ao velho modo de viver, julgou acertado, para atraí-lo, disfarçar-se no dia primeiro do mês em mercador de Mussul, como antes, a fim de melhor executar o seu plano. Notou, pois, Abu Hassan, ao mesmo tempo que era por ele notado; e percebeu logo que aquele homem estava descontente e procurava evitá-lo. Isso fez com que o califa encostasse o mais possível ao parapeito. Quando dele se aproximou, olhou-o no rosto: ‘Sois vós, então, meu caro Abu Hassan!’, disse-lhe. ‘Saúdo-vos. Permiti que vos abrace.’

‘E eu’, respondeu rudemente Abu Hassan, sem fitar os olhos no falso mercador de Mussul, ‘não vos retribuo a saudação; não preciso dela nem dos vossos abraços. Continuai o vosso caminho.’

‘Como’, respondeu o califa, ‘não me reconheceis? Não vos lembrais da noite que passamos juntos em vossa casa, há um mês, durante a qual me destes a honra de um generoso festim?’ ‘Não’, respondeu Abu Hassan no mesmo tom, ‘não vos conheço, e não sei de quem pretendeis falar-me. Mais uma vez vos digo, continuai o vosso caminho.’

O califa não se ofendeu com a rudeza de Abu Hassan. Sabia que uma das leis que Abu Hassan se impusera era de nunca mais falar com o estrangeiro a quem oferecera pouso em sua casa, mas pretendia logr  -lo. ‘Não posso acreditar’, respondeu, ‘que não me reconheceis. Não faz muito tempo que nos vimos, e não podeis ter-me esquecido tão facilmente. Deve ter-vos sucedido alguma desventura para causar-vos esta aversão por mim. Lembrai-vos de que vos demonstrei o meu reconhecimento por bons desejos, e que, sobre uma coisa que muito vos interessava, vos ofereci o meu prestígio que não é de desprezar.’

‘Ignoro’, disse Abu Hassan, ‘qual seja o vosso prestígio, e não tenho o menor desejo de p  -lo    prova. O que sei é que os vossos desejos me levaram à loucura. Em nome de Deus, mais uma vez vo-lo repito, continuai o vosso caminho e não me entristeçais mais.’

‘Ah, meu irmão, Abu Hassan’, insistiu o califa, abraçando-o, ‘não pretendo separar-me de vós dessa maneira. Já que a minha boa sorte quis que vos encontrasse pela segunda vez, deveis pela segunda vez oferecer-me a vossa hospitalidade e convidar-me a beber convosco.’

Abu Hassan protestou, asseverando que não cairia outra vez no mesmo erro. ‘Sei dominar-me’, acrescentou, ‘e não quero entreter-me de novo com um homem como v  s que traz consigo a desgraça. Conheceis o provérbio que diz: *Engole a tua cantiga e vai cantar noutro lugar*. Segui-o. Tereis de repeti-lo ainda? Deus vos guie! Causastes-me tanto mal que não quero expor-me novamente ao mesmo perigo.’

‘Meu bom amigo Abu Hassan’, respondeu o califa, abraçando-o outra vez, ‘tratais-me com uma dureza que eu não esperava. Suplico-vos não falar tão injuriosamente; convencei-vos da minha amizade. Concedei-me a graça de me narrar o que vos sucedeu. Eu só vos desejo o bem e sabereis reparar o mal que dizeis ter-vos sido causado, se realmente errei.’ Abu Hassan cedeu

aos rogos do califa, e, após fazê-lo sentar-se ao seu lado, disse-lhe: ‘A vossa incredulidade e a vossa insistência esgotaram a minha paciência. O que vou contar-vos vos dirá se não tenho razão para queixar-me de vós.’

Sentou-se o califa ao lado de Abu Hassan, que lhe narrou todas as aventuras a ele sucedidas desde o despertar no palácio até o segundo despertar no quarto, como se se tratasse realmente de um sonho, e com uma infinidade de pormenores que, mais uma vez, alegraram o Comendador dos Crentes. Exagerou-lhe, em seguida, a impressão que o sonho lhe deixara no espírito de ser o califa e o Comendador dos Crentes: ‘Impressão’, acrescentou, ‘que me havia atirado a extravagâncias tão grandes que os meus vizinhos foram obrigados a amarrar-me como se eu fosse um louco furioso, e mandar-me levar ao hospital dos loucos, onde fui tratado cruel, bárbara e desumanamente; mas o que vos surpreenderá muito é que tudo isso me aconteceu por culpa vossa. Lembrai-vos do pedido que vos fiz de fechar a porta do meu quarto, ao sairdes após o jantar? Não obedecestes: pelo contrário, deixastes a porta como se achava, e o demônio, entrando, me encheu a cabeça com um sonho que, embora agradável, me causou os males de que me queixo. Sois, portanto, o culpado, pela vossa negligência, do horroroso crime que cometi levantando a mão contra minha própria mãe e levando-a quase a morrer aos meus pés, e isso por um motivo que me cobre de vergonha sempre que nele penso, pois foi por chamar-me de filho, como o sou na realidade e não querer reconhecer-me por Comendador dos Crentes, como eu supunha ser e sustentava. Sois ainda a causa do escândalo que proporcionei aos meus vizinhos, quando, acorrendo aos gritos de minha pobre mãe, me viram prestes a matá-la. Nada teria acontecido, se tivésseis tido o cuidado de fechar a porta ao vos retirardes, como vos pedi. Não teriam entrado sem a minha permissão, e o que mais me entristece, não teriam testemunhado minha loucura. Não teria sido obrigado a batê-los, defendendo-me, e eles por sua vez não teriam me maltratado e amarrado, como fizeram, para levar-me ao hospital, onde, posso assegurar-vos, todos os dias, enquanto lá estive, me aplicaram um bom número de bastonadas.’

Abu Hassan falava ao califa com veemência. Harun al-Rashid sabia muito bem o que sucedera e estava contentíssimo por ter obtido tão grande êxito

no seu plano. Não pôde, no entanto, ouvir a narração feita com tanta ingenuidade sem desatar a rir.

Abu Hassan, que julgava a sua história digna de compaixão, indignou-se muito diante da risada do falso mercador de Mussul. ‘Zombais de mim’, disse-lhe, ‘e ousais rir tão descaradamente na minha presença? Credes por acaso que me rio de vós quando vos falo? Quereis provas reais do que afirmo? Olhai; dir-me-eis depois se me rio de vós.’ Ao dizer aquelas palavras, abaixou-se; e descobrindo as costas e o peito, mostrou ao califa as cicatrizes deixadas pelas bastonadas recebidas.

O califa se horrorizou, se apiedou do pobre Abu Hassan e se aborreceu por ter sido a brincadeira levada tão longe. Imediatamente voltou à sua sensatez, e, abraçando Abu Hassan, disse-lhe de todo o coração: ‘Levantai-vos, eu vos peço, meu caro irmão; vamos à vossa casa; quero divertir-me convosco esta noite. Amanhã, se a Deus agradar, vereis que tudo será melhor.’

Abu Hassan, apesar da sua resolução, e contrariando o juramento feito de não acolher o mesmo forasteiro pela segunda vez, não pôde resistir às boas palavras do califa que ele continuava a supor simples mercador de Mussul. ‘Aceito’, disse, ‘mas com a condição de me jurardes que fechareis a porta do meu quarto ao sairdes, a fim de que o demônio não me perturbe novamente, como fez na primeira vez.’ O falso mercador prometeu. Levantaram-se, então, ambos, e tomaram o caminho da cidade. O califa, para cativar ainda mais Abu Hassan, disse-lhe: ‘Tende confiança em mim, não faltarei à minha palavra; prometo-o como homem de bem. Não hesiteis em ter confiança num homem como eu que vos deseja todo tipo de bem e de prosperidade, cujos efeitos não tardareis em ver.’

‘Não vos peço isso’, respondeu Abu Hassan, se detendo; ‘cedo de boa vontade à vossa importunidade; mas dispenso os vossos desejos, e suplico-vos em nome de Deus que não me façais mal nenhum. Tudo quanto me sucedeu até agora foi por causa dos que já me formulastes.’

‘Ora’, disse o califa, rindo-se internamente da imaginação sempre ferida de Abu Hassan, ‘pois que assim quereis, sereis obedecido, e eu vos prometo que não tornarei a fazê-los.’ ‘Dais-me prazer falando assim’, disse-lhe Abu

Hassan; ‘não vos peço outra coisa; e ficarei contente, se mantiverdes a vossa palavra.’

Abu Hassan e o califa, seguidos do escravo, se aproximavam insensivelmente do ponto de encontro. O dia começava a terminar quando chegaram à casa de Abu Hassan. Imediatamente ele chamou sua mãe e pediu-lhe que trouxesse uma vela. Depois rogou ao califa que se sentasse no sofá, imitando-o. Dali a instantes foi servido o jantar na mesa, posta em frente de ambos. Comeram de boa vontade. Quando acabaram, a mãe de Abu Hassan veio tirar a mesa, colocou as frutas e os vinhos perto do filho e se retirou.

Abu Hassan começou a servir-se de vinho em primeiro lugar, para em seguida servir o califa. Cada um sorveu cinco ou seis taças, conversando sobre diversos assuntos. Quando o califa notou que Abu Hassan começava a se aquecer, dirigiu-o para a narração de amores, e perguntou-lhe se havia alguma vez amado.

‘Meu irmão’, respondeu familiarmente Abu Hassan, que julgava estar falando a um igual, ‘jamais considerei o amor ou o casamento, se assim quiserdes, senão como servidão para a qual sempre tive aversão; e até agora vos confesso que só amei a mesa, a boa vida e sobretudo o bom vinho; numa palavra, só tenho pensado em me divertir com os amigos. No entanto, não vos afirmo que fui indiferente ao casamento, nem incapaz de apego; a verdade, porém, é que nunca se me deparou mulher de beleza e espírito iguais aos daquela que vi em sonhos na noite fatal em que aqui viestes pela primeira vez e, para a minha desgraça, deixastes aberta a porta do meu quarto; nunca se me deparou mulher que gostasse de passar as noites a beber comigo, que soubesse cantar, tocar e conversar agradavelmente, enfim, que se esforçasse unicamente em me divertir. Creio, pelo contrário, que eu trocaria a minha indiferença por um perfeito amor a tal pessoa, e viveria com ela repleto de ventura. Mas onde encontrar mulher tal como a que acabo de vos pintar, a não ser no palácio do Comendador dos Crentes, com o grão-vizir Djafar, ou com os senhores mais poderosos da corte, a quem nunca faltam nem ouro nem prata? Prefiro, portanto, ficar com as garrafas; é um prazer barato que me é comum com eles.’ Dizendo tais palavras, pegou a taça e

verteu mais vinho: ‘Pegai a vossa, para que eu vos sirva também’, disse ao califa, ‘e continuemos a deliciar-nos.’

Quando o califa e Abu Hassan terminaram de beber prosseguiu o califa: ‘É pena que um homem de bem como vós, não indiferente ao amor, leve vida tão solitária!’

‘Não me custa’, respondeu Abu Hassan, ‘preferir esta vida tranquila à companhia de uma mulher cuja beleza não me agradasse talvez e me causasse mil desgraças com as suas imperfeições e o seu mau humor.’

Muito conversaram sobre o assunto; e o califa, vendo Abu Hassan no ponto em que o desejava, disse-lhe: ‘Deixai-me fazer, saberei encontrar aquilo de que precisais, e nada vos custará.’ Imediatamente pegou a garrafa e a taça de Abu Hassan, na qual pôs habilmente um pouco de pó de que já se valera na outra ocasião, e apresentando-a: ‘Bebei à saúde daquela que fará a vossa felicidade. Ficareis satisfeito.’

Abu Hassan pegou a taça, rindo; e sacudindo a cabeça: ‘Seja, concordou, pois que assim o quereis! Não saberia cometer descortesia contra vós, nem ofender hóspede do vosso mérito por uma coisa de tão pouca importância. Beberei à saúde da formosa que me prometeis, embora, contente com a minha sorte, não tenha nenhuma confiança na vossa promessa.’

Abu Hassan, mal bebeu, foi dominado por profundo torpor, e o califa não teve dificuldade para, mais uma vez, fazer dele o que bem lhe parecesse. Ordenou, pois, ao escravo que levasse Abu Hassan ao palácio. O escravo obedeceu; e o califa, não tendo a intenção de devolver Abu Hassan como na primeira vez, fechou cuidadosamente a porta do quarto ao sair.

O escravo seguiu com o seu peso, e, quando o califa chegou ao palácio, mandou deitar Abu Hassan num sofá no quarto salão. Antes de deixá-lo dormir, ordenou que lhe vestissem o mesmo traje com que representara o papel de califa, o que se fez na sua presença. Em seguida, mandou que todos fossem dormir, e ordenou ao chefe e aos demais oficiais do quarto, às tocadoras e às mesmas mulheres que se achavam no salão quando Abu Hassan sorvera a última taça de vinho que lhe causara o entorpecimento que se encontrassem, sem falta, no dia seguinte, ao despontar do dia, no mesmo lugar; e a cada um ordenou que representasse bem o seu papel.

O califa foi deitar-se após mandar avisar Mesrur que o acordasse, antes que todos entrassem, no mesmo esconderijo em que já uma vez se havia ocultado.

Mesrur despertou o califa precisamente na hora marcada. O califa vestiu-se rapidamente e saiu para ir ao salão, onde Abu Hassan ainda dormia. Ali encontrou os oficiais dos eunucos, os da sala, as damas e as tocadoras à porta, esperando por ele. Explicou-lhes em poucas palavras qual era a sua intenção; depois entrou, e foi colocar-se no recinto fechado por cortinas. Mesrur, os oficiais, as damas e as tocadoras entraram em seguida, e dispuseram-se em torno do sofá sobre o qual Abu Hassan se achava deitado, sem impedir que o califa visse tudo o que se passava.

Tudo preparado, no instante em que o pó do califa perdeu o seu efeito Abu Hassan despertou sem abrir os olhos, e lançou um pouco de pituita que foi recolhida numa baciazinha de ouro como na primeira vez. Naquele momento, os sete grupos de tocadoras uniram as suas encantadoras vozes ao som dos oboés, das flautas e dos demais instrumentos e iniciaram um agradável concerto.

A surpresa de Abu Hassan foi enorme quando ouviu tão harmoniosa música; abrindo os olhos, percebeu as damas e os oficiais que o rodeavam, e julgou reconhecê-los. O salão em que se encontrava pareceu-lhe o mesmo visto no primeiro sonho; notou a mesma iluminação, os mesmos móveis e os mesmos ornatos.

O concerto cessou para fazer com que o califa pudesse prestar atenção à atitude do seu novo hóspede, e a tudo quanto proferisse. As damas, Mesrur e todos os oficiais, mantendo-se em silêncio, permaneceram nos seus postos com muito respeito. ‘Ai!’, exclamou Abu Hassan, mordendo os dedos, e em voz tão alta que o califa o ouviu, ‘eis-me de novo no mesmo sonho e na mesma ilusão de um mês atrás; só devo aguardar agora, outra vez, as bastonadas, o hospital de loucos e a jaula de ferro. Deus Todo-Poderoso’, acrescentou, ‘coloco-me nas mãos da vossa divina Providência! O desonesto a quem dei abrigo ontem de noite é a causa desta ilusão e das dores que sofrerei. O traidor e pérfido havia-me prometido com solene juramento que fecharia a porta do quarto ao sair; mas não o fez, e o diabo tornou a entrar e

a transtornar-me a mente com este maldito sonho de Comendador dos Crentes e com muitos outros fantasmas com que me fascina os olhos. Deus te confunda, Satã! Possas tu ser esmagado por uma montanha de pedras!’

Após essas palavras, Abu Hassan cerrou os olhos e concentrou-se, fortemente embaraçado. Um momento depois, tornou a abri-los; e correndo-os sobre todos os objetos que se lhe apresentavam: ‘Grande Deus! Coloco-me nas mãos da vossa Providência. Preservai-me da tentação de Satã.’ Depois, cerrando os olhos, continuou: ‘Sei o que farei; vou dormir até que Satã me deixe e volte por onde veio, ainda que deva esperar até o meio-dia.’

Não lhe deram tempo de tornar a dormir, como se propunha. Força dos Corações, uma das mulheres que ele vira na primeira vez dele se aproximou; e, sentando-se na beirada do sofá, disse-lhe: ‘Comendador dos Crentes, suplico-vos perdoar-me se tomo a liberdade de vos advertir que não convém dormir outra vez e sim, pelo contrário, levantar-vos visto que o dia começa a surgir.’

‘Retira-te, Satã’, disse Abu Hassan, ao ouvir aquela voz. Depois, encarando Força dos Corações: ‘A mim é que chamais Comendador dos Crentes? Certamente me confundis com outro.’

‘É a vós’, respondeu Força dos Corações, ‘que dou este título que vos pertence por serdes soberano de tudo o que é muçulmano no mundo, a vós de quem sou humilde escrava e a quem tenho a honra de estar falando. Quereis vos divertir, sem dúvida, fingindo ter-vos esquecido de vós mesmo, a menos que se trate de um resto de horrível sonho; mas, se abrídes os olhos, as nuvens que vos perturbam o espírito se dissiparão e vereis que estais no vosso palácio rodeado pelos vossos oficiais e por todas as vossas escravas prestes a vos obedecer. Não vos espanteis de ver-vos neste salão, e não no vosso leito; adormeceste ontem tão subitamente que não quisemos vos despertar para conduzir ao vosso quarto; nos contentamos em vos deitar comodamente neste sofá.’

Força dos Corações disse ainda a Abu Hassan tantas outras coisas aparentemente verdadeiras que ele, por fim, resolveu sentar-se, abriu os olhos, e reconheceu-a, assim como Ramalhete de Pérolas e as demais damas.

Todas, então, se aproximaram; e Força dos Corações, retomando a palavra, disse-lhe: ‘Comendador dos Crentes e vigário do profeta na Terra, permitireis que vos advirtamos de que é tempo de vos levantardes; eis que o dia está nascendo.’

‘Sois importunas’, respondeu Abu Hassan, esfregando os olhos; ‘não sou o Comendador dos Crentes, e sim Abu Hassan, bem o sei, e vós não conseguireis me persuadir do contrário.’ ‘Não conhecemos Abu Hassan, do qual nos falais’, disse Força dos Corações, ‘nem queremos conhecê-lo; conhecemo-vos como Comendador dos Crentes, e jamais nos convencereis de que não o sois.’

Abu Hassan, olhando para todos os lados, e reconhecendo o mesmo salão onde já havia estado, atribuía tudo a um sonho semelhante ao já tido, e cujas tristes consequências temia. ‘Deus se apiede de mim!’, exclamou, levantando as mãos e os olhos, como homem que não sabe onde está; ‘coloco-me nas suas mãos. Após o que estou vendo, não posso duvidar de que o diabo que entrou no meu quarto me obceca e perturba a minha imaginação com todas estas visões.’ O califa pôs-se a rir com vontade.

Entretanto Abu Hassan voltara a deitar-se e cerrara mais uma vez os olhos. ‘Comendador dos Crentes’, disse-lhe imediatamente Força dos Corações, ‘já que não vos levantaiis, e como é necessário que vos dediqueis aos negócios do império, cujo governo vos está confiado, usaremos a licença que nos destes em tais casos.’ Ao mesmo tempo, pegou-o por um braço e chamou as outras mulheres que a auxiliaram a fazê-lo sair do leito. Depois, levaram-no, por assim dizer, ao meio do salão, onde o puseram sentado. Em seguida, entrelaçando as mãos, começaram a dançar em torno dele, ao som dos instrumentos e dos tamborins agitados sobre a cabeça e perto das orelhas.

Abu Hassan viu-se em inexprimível perplexidade. ‘Serei verdadeiramente califa e Comendador dos Crentes?’, perguntava a si mesmo. Enfim, na sua incerteza, queria dizer alguma coisa; mas o ruído dos instrumentos o impedia de fazer-se entender. Fazendo um sinal a Ramalhete de Pérolas e a Estrela da Manhã, que dançavam em volta dele, deu-lhes a compreender que desejava falar-lhe. Imediatamente fizeram cessar a dança e os instrumentos, e

aproximaram-se dele. ‘Não mintais’, disse-lhes, ‘e dizei-me, por favor, quem sou.’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Estrela da Manhã, ‘quereis nos espantar com essa pergunta, como se não soubésseis que sois o Comendador dos Crentes e o vigário do profeta de Deus na Terra, Senhor de ambos os mundos, do mundo em que vivemos e do mundo que conheceremos depois da morte. Se não fosse assim, somente um sonho extraordinário poderia tê-lo feito se esquecer quem sois. E é bem possível, se considerarmos que dormiste mais do que habitualmente; contudo, se permitirdes, vos lembrarei o que fizestes ontem durante todo o dia.’ E contou-lhe a sua entrada no conselho, o castigo do imã e dos quatro anciães pelo chefe de polícia; o presente de uma bolsa de moedas de ouro enviada pelo seu vizir à mãe de Abu Hassan; o que fez no interior do palácio, e o que se passou nas três refeições a ele servidas nos três salões, até o último. ‘Foi neste último salão que vós, após nos terdes mandado sentar ao vosso lado, nos destes a honra de ouvir as nossas canções e receber vinho das nossas mãos, até o momento em que adormecestes como acaba de dizer Força dos Corações. Dormistes um sono profundo até o raiar do dia. Ramalhete de Pérolas, as demais escravas e todos os oficiais que aqui se encontram confirmarão o que afirmo. Assim, preparai-vos para a prece, que já é tempo.’

‘Bem, bem’, respondeu Abu Hassan, sacudindo a cabeça, ‘seríeis capaz de me convencer, se eu vos desse ouvidos. Mas garanto-vos que sois todas doidas, que perdestes o juízo. E é pena, porque sois criaturas lindas. Sabei que fui à minha casa, que ali maltratei minha mãe, que me levaram ao hospital dos loucos, onde fiquei a contragosto mais de três semanas, durante as quais o guarda me aplicou todos os dias cinquenta bastonadas. E pretendeis que tudo isso foi um simples sonho! Vós vos rides de mim.’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Estrela da Manhã, ‘estamos prontas todas nós a jurar por tudo o que tendes de mais sagrado que tudo quanto nos afirmais não passa de mero sonho. Não saístes daqui, desde ontem, e não deixastes de dormir toda a noite até este instante.’

A confiança com que aquela mulher assegurava a Abu Hassan que tudo quanto lhe dizia era verdade e que ele não saíra do salão após ali ter entrado

mais uma vez o mergulhou na dúvida. Por algum tempo abismou-se nos seus pensamentos. ‘Ó céu!’, exclamou, ‘sou realmente Abu Hassan ou o Comendador dos Crentes? Deus Todo-Poderoso aclarai o meu entendimento; dai-me a conhecer a verdade, a fim de que eu saiba o que fazer.’ Descobrindo, então, as costas, ainda lívidas pelas bastonadas recebidas, e mostrando-se às damas, disse-lhes: ‘Vede, e dizei-me se semelhantes ferimentos podem verificar-se durante um sonho. Posso assegurar-vos que são reais; e a dor que ainda sinto me garante quando duvido. Se isto me sucedeu quando eu dormia, é a coisa mais extraordinária que conheço, e eu vos confesso que me espanta.’

Na incerteza em que se achava, Abu Hassan chamou um dos oficiais do califa e ordenou-lhe: ‘Aproximai-vos, mordei-me a ponta da orelha, a fim de que eu possa saber se estou dormindo ou se estou acordado.’ O oficial aproximou-se, pegou-lhe a ponta da orelha entre os dentes e apertou-a tão forte que Abu Hassan deu um grande grito.

Imediatamente todos os instrumentos tocaram ao mesmo tempo, e as damas e os oficiais puseram-se a dançar, a cantar e a saltar em volta de Abu Hassan com tão grande alarido que ele, entusiasmado, cometeu mil loucuras, pondo-se a cantar como os outros, e rasgando as belas vestes de califa que o cobriam. Lançou ao chão o seu gorro; e, somente em camisa e ceroula, levantou-se repentinamente e pegando pelas mãos duas damas pôs-se a dançar e saltar com tanta agilidade, movimento e contorções grotescas e divertidas que o califa não conseguiu conter-se, e gargalhou tão ruidosamente que caiu para trás e deixou-se ouvir por sobre o ruído dos instrumentos musicais e dos tamborins. Finalmente, levantou-se e abriu a cortina. Avançando, então, a cabeça, e rindo sempre: ‘Abu Hassan, Abu Hassan!’, exclamou, ‘queres fazer-me morrer de tanto rir?’

Todos se calaram e o ruído cessou imediatamente. Abu Hassan deteve-se como os outros, e voltou a cabeça para o lado de onde partira a voz. Reconheceu o califa e, ao mesmo tempo, o mercador de Mussul. Não se desconcertou, todavia; pelo contrário, compreendeu que estava bem despertado, e que tudo quanto lhe sucedera era real e não um sonho. Resolveu, então, pilheriar. ‘Ah, ah!’, exclamou olhando-o com

tranquilidade, ‘eis-vos aqui, mercador de Mussul!’ ‘Como! Queixai-vos de que vos faço morrer, vós que sois a causa dos maus-tratos que infligi a minha mãe e dos que recebi por tão longo tempo no hospital dos loucos, vós que tão rudemente maltratastes o imã da mesquita do meu bairro e os quatro xeques meus vizinhos, pois não fui eu, vós que tantas dores e vicissitudes me causastes! Enfim, não sois vós o agressor e eu o ofendido?’

‘Tens razão, Abu Hassan’, respondeu o califa, continuando a rir; ‘mas para te consolar e te recompensar por tantos sofrimentos estou pronto, e tomo Deus como testemunha, a dar-te as reparações que quiseses impor-me.’

Terminando tais palavras, o califa saiu do lugar onde se havia ocultado e entrou no salão. Mandando trazer um dos seus mais belos trajes, ordenou às damas que desempenhassem o papel dos oficiais do quarto, e com ele vestissem Abu Hassan. Depois, vendo-o já trajado, disse-lhe: ‘És meu irmão, pede-me o que te agrada, e eu te concederei.’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Abu Hassan, ‘suplico-vos conceder-me a graça de me dizer o que fizestes para me transtornar a tal ponto e qual foi a vossa intenção: é o que me importa presentemente mais que qualquer outra coisa, a fim de que eu possa devolver ao meu espírito o devido equilíbrio.’

O califa dignou-se em dar aquela satisfação a Abu Hassan. ‘Deves saber em primeiro lugar’, disse-lhe, ‘que me disfarço frequentemente, sobretudo de noite, para conhecer pessoalmente se reina a ordem na cidade de Bagdá; e, visto que me agrada também saber o que sucede pelas redondezas, estabeleci um dia, o primeiro de cada mês, para dar uma grande volta, às vezes de um lado, outras de outro, voltando sempre pela ponte. Estava eu de regresso, na tarde em que me convidaste a jantar contigo. No nosso encontro, disseste-me que a única coisa que almejava era ser califa e Comendador dos Crentes, por 24 horas, para castigar o imã da mesquita e os quatro xeques, seus conselheiros. O teu desejo me pareceu ótimo para proporcionar-me divertimento; e com esse propósito cogitei os meios de te oferecer a satisfação que desejavas. Trazia comigo um pó que faz adormecer por certo tempo. Sem que o percebesses, coloquei uma dose na taça que te apresentei, e que tu sorveste. O sono apoderou-se de ti imediatamente, e eu

mandei que o meu escravo te levasse ao palácio, após deixar aberta a porta do teu quarto, ao sair. Não é preciso dizer o que te aconteceu aqui quando despertaste, e durante o dia, até o cair da noite, quando uma das escravas que te servia lançou outra dose do mesmo pó no último copo que te apresentou. O entorpecimento te dominou, e eu mandei que te levassem de novo para tua casa, com ordem de deixar aberta a porta, mais uma vez. Tu mesmo me contastes o que te sucedeu no dia seguinte e nos outros. Não poderia imaginar que tu devesse sofrer como sofreste nessa ocasião; mas, como já te prometi, hei de consolar-te, e farei com que te esqueças de todos os males. Vê, pois, o que posso fazer para tornar-te feliz, e pede-me o que desejas.’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Abu Hassan, ‘por maiores que sejam os males que sofri, foram-se da minha memória desde que soube que me foram causados pelo meu soberano e senhor. Quanto à generosidade cujos efeitos me prometeis, não duvido da vossa palavra irrevogável; mas como o interesse jamais me escravizou, e já que me destes esta liberdade, ouse pedir-vos a graça de permitir que eu tenha acesso à vossa pessoa, para que eu tenha sempre a ventura de poder admirar a vossa grandeza.’

Este testemunho de desinteresse de Abu Hassan terminou de lhe granjear toda a estima do califa. ‘Agradeço-te pelo pedido’, disse-lhe o califa, ‘e concedo-te com entrada livre no meu palácio a qualquer hora, e em qualquer lugar em que eu me encontre.’ Ao mesmo tempo, designou-lhe um aposento no palácio. Quanto à pensão, ordenou imediatamente ao tesoureiro que lhe entregasse uma bolsa com mil moedas de ouro. Abu Hassan agradeceu muitíssimo ao califa, que o deixou para ir ao conselho.

Abu Hassan se aproveitou do tempo para ir contar a sua mãe tudo quanto se passara e toda a sua boa sorte.

Explicou-lhe, também, que o que lhe havia sucedido não fora um simples sonho, que fora o califa, e que exercera realmente as funções de califa por um dia, que ela não devia duvidar do que estava ouvindo, pois ele recebera a confirmação da própria boca do califa.

A nova da história de Abu Hassan não tardou em se alastrar por toda Bagdá; chegou até às províncias vizinhas e daí às mais distantes, acompanhada de todas as circunstâncias singulares e divertidas.

O favor concedido a Abu Hassan o tornou extremamente assíduo com o califa. Por ser dotado de muito bom humor e expandir alegria onde quer que se encontrasse, o califa não o dispensava; levava-o até, certas vezes, à presença de Zobeida, sua esposa. Zobeida o apreciava bastante, mas notou que todas as vezes em que acompanhava o califa, fitava os olhos insistentemente numa das suas escravas chamadas Nujatul-Auadá.^[62] Resolveu, pois, avisar o califa: ‘Comendador dos Crentes’, disse-lhe um dia, ‘talvez não tenhais observado como eu que todas as vezes em que Abu Hassan vos acompanha não cessa de manter o olhar sobre Nujatul-Auadá, que cora sempre, o que prova evidentemente que ela não o odeia. Por isso, havemos de casá-los.’

‘Senhora’, respondeu o califa, ‘lembrais-me uma coisa que eu já devia ter feito. Conheço a opinião de Abu Hassan sobre o casamento, e sempre lhe prometi arranjar-lhe mulher que haveria de contentá-lo. Alegro-me por me terdes falado no assunto. Mas é preferível deixar que Abu Hassan siga a sua inclinação. Aliás, como Nujatul-Auadá não se afasta, não hesitaremos no casamento. Aí estão ambos, perguntemos-lhes se consentem.’

Abu Hassan lançou-se aos pés do califa e de Zobeida para lhes demonstrar como era sensível às gentilezas que tinham para com ele. ‘Não posso’, disse ele, tornando a levantar-se, ‘receber esposa de melhores mãos; mas não ousou esperar que Nujatul-Auadá queira ceder-me a sua mão de tão boa vontade como estou pronto a ceder-lhe a minha.’ Terminando tais palavras, olhou para a escrava da princesa, que deu provas, mediante respeitoso silêncio, e pelo rubor que lhe subia ao rosto, de que estava disposta a seguir a vontade do califa e de Zobeida, sua ama.

Celebraram-se as núpcias no palácio com grande regozijo que durou vários dias. Zobeida deu à escrava ricos presentes, para agradar ao califa; e este, por sua vez, em consideração a Zobeida, procedeu da mesma forma com Abu Hassan.

A noiva foi levada ao aposento destinado por Harun al-Rashid a Abu Hassan, seu marido, que a aguardava com impaciência. Recebeu-a ao som de instrumentos musicais, dos coros de músicos e músicas do palácio, que faziam ressoar pelos ares as suas vozes e os seus instrumentos.

Vários dias se passaram em festas e regozijos habituais a essas ocasiões, após os quais os dois noivos começaram a gozar tranquilamente os seus amores. Abu Hassan e a esposa estavam encantados um com o outro. Viviam em união tão perfeita que, fora o tempo empregado em companhia do califa e da rainha Zobeida, estavam sempre juntos. É verdade que Nujatul-Auadá possuía todas as qualidades de uma mulher capaz de oferecer amor e apego a Abu Hassan, pois que correspondia aos desejos por ele manifestados ao califa, isto é, acompanhá-lo nos seus prazeres. Com essas disposições, não podiam deixar de passar juntos o tempo muito agradavelmente. A sua mesa estava sempre posta e, em cada refeição, surgiam as mais delicadas iguarias fornecidas por um negociante. Havia sempre vinho do melhor. Desfrutavam, pois, interessantes conversações, e se entretinham com mil distrações que lhes provocavam grandes explosões de riso. A refeição da noite destinava-se particularmente à alegria. Só lhes eram servidos excelentes frutos, bolos e outras delícias; e a cada taça de vinho animavam-se com canções muito frequentemente improvisadas sobre o assunto de que conversavam. As canções eram às vezes acompanhadas por um alaúde ou outro instrumento que ambos sabiam tocar.

Abu Hassan e Nujatul-Auadá passaram, assim, longo período de tempo divertindo-se. Jamais se haviam preocupado com as despesas; e o mercador que tinham escolhido tudo lhes adiantava. Era justo, pois, que recebesse algum dinheiro; apresentou-lhes, portanto, a conta, elevadíssima, que acrescentada à despesa com as vestes nupciais das mais ricas para ambos e uma joia de grande preço para a noiva tornou-se excessiva, e eles perceberam, demasiadamente tarde, que todo o dinheiro de que dispunham, recebido do califa e de Zobeida, mal bastava para o pagamento. Refletiram então no passado, o que absolutamente não remediava o presente. Abu Hassan achou mais conveniente pagar o mercador, no que teve o consentimento da esposa. Mandaram-no chamar e pagaram-lhe tudo quanto lhe deviam, sem dar prova do embaraço em que se achavam.

O mercador retirou-se contentíssimo por ter sido pago com belas moedas de ouro. Abu Hassan e Nujatul-Auadá, pelo contrário, entristeceram-se vendo o fundo das respectivas bolsas. Calados, de olhos baixos, e muito

embaraçados pelo estado a que se viam reduzidos, lembraram-se de que se findava o primeiro ano do seu casamento.

Abu Hassan recordou-se de que o califa, ao recebê-lo no palácio, lhe prometera que nada lhe faltaria. Mas, ao considerar que despendera em tão pouco tempo tudo quanto possuía, e não gostando de pedir, não quis expor-se à vergonha de declarar ao califa o mau uso feito do dinheiro. Aliás, havia deixado os seus bens à mãe, mal o califa o retivera na corte, e estava muito longe de recorrer à bolsa de sua mãe, a quem daria a conhecer, assim, ter recaído na mesma desordem de outros tempos.

Por sua vez, Nujatul-Auadá, que considerava a generosidade de Zobeida como recompensa mais que suficiente pelos seus serviços e pelo apego, não se julgava autorizada a pedir-lhe mais dinheiro.

Abu Hassan rompeu finalmente o silêncio e, olhando para Nujatul-Auadá, disse-lhe: ‘Vejo que estais no mesmo embaraço que eu, e que vos esforçais a descobrir o caminho que devemos seguir nesta situação, em que o dinheiro acaba de nos desaparecer. Não sei como pensais; quanto a mim, suceda o que suceder, creio que em nada devemos diminuir as nossas despesas e creio também que sois da mesma opinião. Trata-se, agora, de descobrir qual é esse meio, sem descermos a pedidos, nem eu ao califa, nem vós a Zobeida. Mas julgo tê-lo achado. Para isso, é preciso que nos ajudemos mutuamente.’

As palavras de Abu Hassan muito agradaram a Nujatul-Auadá, cujas esperanças renasceram. ‘Este pensamento não me preocupava menos que a vós’, disse-lhe ela, ‘e se nada falei foi por não ver remédio. Confesso-vos que o que acabais de me afirmar me proporciona o maior dos prazeres. Mas, já que encontrastes o meio e que precisais do meu auxílio para terdes êxito, só vos resta explicar-me o que devo fazer, e vereis que envidarei todos os meus esforços.’

‘Sabia’, respondeu Abu Hassan, ‘que não deixaríeis de me auxiliar. Eis o meio que cogitei para fazer com que o dinheiro nos não falte, pelo menos durante algum tempo. Consiste num pequeno engano que eu pregarei ao califa, e vós a Zobeida, e que, estou certo, os divertirá, sendo-nos ao mesmo tempo proveitoso. Morreremos ambos.’

‘Morrermos?’, interrompeu-o Nujatul-Auadá, ‘Morrei vós, se quiserdes; quanto a mim, não estou cansada de viver e não pretendo morrer tão cedo. Se não dispões de outro meio, executai-o sozinho, pois vos asseguro que nisso não me meterei.’

‘Sois mulher’, respondeu Abu Hassan, ‘e portanto senhora de surpreendente vivacidade; não me dais tempo de explicar. Escutai-me um momento com paciência, e vereis que depois havereis de querer morrer da mesma morte que eu. Não se trata de verdadeira morte, mas de morte fingida.’

‘Ah!’, interrompeu-o mais uma vez Nujatul-Auadá; ‘se se trata de morte fingida, estou convosco. Contai comigo; testemunhareis o meu zelo e vereis como vos hei de auxiliar a morrer dessa maneira; para falar-vos francamente, sinto uma repugnância invencível a morrer verdadeiramente.’

‘Pois bem, ficareis satisfeita’, continuou Abu Hassan. ‘Eis como pretendo resolver o problema. Fingir-me-ei morto; imediatamente vós pegareis um lençol e me preparareis como se eu estivesse realmente morto. Colocar-me-ei no meio do quarto, no modo habitual, com o turbante sobre o rosto e os pés voltados para o lado de Meca, pronto para ser levado à sepultura. Quando tudo estiver pronto, chorareis como choram as mulheres em tais ocasiões, rasgando as vestes e arrancando os cabelos, ou pelo menos fingindo que os arrancais, e ireis, em pranto e com os cabelos desalinhados, apresentar-vos a Zobeida. A princesa quererá saber o motivo das vossas lágrimas, e, quando lhe tiverdes informado com palavras entrecortadas de soluços, ela não deixará de vos lastimar e de vos dar uma quantia para os funerais e uma peça de brocado para mortalha, para tornar mais magnífico o meu enterro, e preparar para vós um vestido que substitua o rasgado. Mas, ao voltardes com o dinheiro e a peça de brocado, levantar-me-ei do meio do quarto e vós tomareis o meu lugar. Fingir-vos-eis, então, morta; e, após vos preparar, irei por minha vez ao califa para com ele desempenhar o papel que desempenhareis com Zobeida; tenho a certeza de que o califa não será menos generoso comigo do que Zobeida convosco.’

Quando Abu Hassan acabou de explicar a sua ideia; respondeu Nujatul-Auadá: ‘Creio que a peça será muito divertida e muito me enganarei se o

califa e Zobeida não se divertirem. Trata-se, agora, de pregá-la bem; quanto a mim, deixa-me fazer. Desempenhar-me-ei tão bem como creio que vós vos desempenhareis, e com grande zelo e atenção visto que será importante a nossa vantagem. Não percamos tempo. Enquanto vou buscar um lençol, pende-vos em camisa e ceroula; sei muito bem preparar cadáveres, pois, quando estava às ordens de Zobeida e uma das escravas minhas companheiras morria, quem se encarregava dos preparativos era eu.’

Abu Hassan não tardou em fazer o que Nujatul-Auadá lhe pediu. Estendeu-se de costas sobre o lençol posto sobre o tapete no meio do quarto, cruzou os braços e deixou-se envolver de modo que parecia pronto a ser levado ao cemitério. Nujatul-Auadá voltou-lhe os pés para o lado de Meca, cobriu-lhe o rosto com musselina das mais delicadas e por cima lhe colocou o turbante, cuidando de lhe deixar livre a respiração. Em seguida, desalinhou os cabelos, e, com lágrimas nos olhos, fingindo arrancar os cabelos, bateu no rosto e no peito, com todos os outros sinais de dor. Atravessando um espaçoso pátio, dirigiu-se ao apartamento da rainha Zobeida.

Nujatul-Auadá dava gritos tão penetrantes que Zobeida os ouviu e ordenou às suas escravas que vissem donde vinham aqueles lamentos. Imediatamente voltaram para dizer a Zobeida que se tratava de Nujatul-Auadá. A princesa, impaciente em saber o que lhe havia sucedido, levantou-se e foi-lhe ao encontro até a porta da antessala.

Nujatul-Auadá desempenhou seu papel com perfeição. Mal percebeu Zobeida, que mantinha entreaberto o reposteiro da antessala e a aguardava, redobrou os gritos, continuando a caminhar, arrancou os cabelos, bateu-se mais fortemente, e lançou-se aos seus pés, banhando-se de lágrimas.

Zobeida, atônita por ver a escrava em tão grande aflição, perguntou-lhe o que tinha e o que lhe sucedera.

Em vez de responder, Nujatul continuou a soluçar por algum tempo, fingindo esforçar-se por reter as lágrimas. ‘Ai, minha bondosa senhora!’, exclamou, enfim, com palavras entrecortadas por soluços, ‘que desgraça maior podia suceder-me que a que me obriga a vir lançar-me aos pés de Vossa Majestade! Que Deus vos prolongue os dias em perfeita saúde, minha

respeitável princesa, e vos dê longos e venturosos anos! Abu Hassan, o pobre Abu Hassan que honrastes com as vossas bondades, já não vive!’

Nujatul-Auadá redobrou as lágrimas e os seus soluços, e mais uma vez se lançou aos pés da princesa. Zobeida ficou extremamente surpreendida. ‘Abu Hassan morreu!’, exclamou. ‘Ele, tão cheio de saúde, tão agradável e divertido! Na verdade não esperava receber tão cedo a notícia da morte de um homem como esse que prometia vida muito mais ampla, e que tanto a merecia.’ Não conseguiu, então, reprimir a dor e chorou. As suas escravas que a acompanhavam e que muitas vezes haviam participado das brincadeiras de Abu Hassan, quando ele era admitido às conversas familiares de Zobeida e do califa, também testemunharam pelo pranto a tristeza pela sua perda.

Zobeida, as suas escravas e Nujatul-Auadá ficaram bastante tempo, com o lenço aos olhos, a chorar e a suspirar pela suposta morte. Finalmente, a Princesa Zobeida rompeu o silêncio: ‘Malvada!’, exclamou, dirigindo-se à suposta viúva, ‘talvez foste tu a causa da sua morte. Com certeza lhe deste bons motivos de pesar pelo teu mau gênio, e o levaste ao túmulo.’

Nujatul-Auadá fingiu-se profundamente mortificada com aquela censura: ‘Ah, senhora!’, exclamou, ‘não creio ter-vos dado alguma vez, durante todo o tempo que tive a ventura de ser vossa escrava, o menor motivo para tão desvantajosa opinião do meu procedimento para com um esposo tão querido! Julgar-me-ia a mais infeliz de todas as mulheres, se disso estivésseis realmente convencida. Amei Abu Hassan como deve uma mulher amar seu marido, isto é, ternamente; e posso afirmar sem vaidade que tive por ele toda a ternura possível, em virtude das suas atenções para comigo que me demonstravam todo o seu amor. Estou certa de que ele saberia justificar-me perante vós, se ainda estivesse vivo. Mas, senhora, a sua hora chegou, e essa foi a causa única da sua morte.’

Zobeida havia sempre notado, realmente, a mesma doçura de caráter na escrava, uma grande suavidade e um zelo em tudo o que fazia que indicava agir ela mais por inclinação do que por dever. Assim, não hesitou em crer-lhe, e ordenou ao tesoureiro que lhe entregasse uma bolsa com cem moedas de ouro e uma peça de brocado.

O tesoureiro voltou imediatamente com a bolsa e a peça, que passou às mãos de Nujatul-Auadá.

Ao receber o presente, lançou-se esta aos pés da rainha, agradecendo-lhe humildemente, e muito satisfeita por ter conseguido o seu intento. ‘Vai’, disse-lhe Zobeida, ‘usa a peça de brocado como mortalha para teu marido e emprega o dinheiro para preparar-lhe um funeral honroso e digno. Depois, modera a tua aflição, que eu cuidarei de ti.’

Nujatul-Auadá mal se despediu de Zobeida, enxugou suas lágrimas com grande alegria e voltou mais que depressa para contar tudo a Abu Hassan.

Ao entrar, desatou numa risada, encontrando Abu Hassan na mesma posição. ‘Levantai-vos’, disse-lhe, ‘e vede o fruto da peça que provoquei a Zobeida. Não morreremos de fome ainda hoje.’

Abu Hassan levantou-se imediatamente e regozijou-se com sua mulher, ao ver a bolsa e a peça de brocado.

Nujatul-Auadá estava tão contente por ter tido êxito na peça pregada à rainha que não conseguiu conter o entusiasmo: ‘Não é tudo’, disse ao marido, rindo; ‘fingir-me-ei morta agora, e vereis se sois tão hábil quanto eu.’

‘Eis o caráter feminino’, respondeu Abu Hassan; ‘temos toda razão em afirmar que sempre têm vaidade de julgar que são mais do que os homens, embora geralmente só façam bem as coisas quando recebem conselhos. Só faltava que eu não me houvesse bem com o califa, eu que imaginei o plano! Mas não percamos tempo com palavras inúteis. Fingi-vos morta como eu, e vereis o meu êxito.’

Abu Hassan preparou sua mulher, colocou-a no mesmo lugar em que ele já estivera, voltou-lhe os pés para Meca, e saiu do quarto em desordem, com o turbante mal-ajustado, como homem preso a grande aflição. Nesse estado, foi ao califa então em conselho particular com o grão-vizir Djafar e outros vizires de confiança. Apresentou-se à porta, e o porteiro abriu-lhe sem nenhuma dificuldade. Entrou com o lenço nos olhos, para ocultar as lágrimas fingidas, e, batendo no peito com força, as suas exclamações exprimiam toda a sua grande dor.

O califa, acostumado a ver Abu Hassan sempre alegre, ficou surpreso ao vê-lo em tão tristes condições. Interrompendo a atenção que dava ao negócio que se discutia no conselho, perguntou-lhe a causa daquilo.

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Abu Hassan com repetidos soluços e suspiros, ‘não podia suceder-me desgraça maior. Permita Deus que vivais por longo tempo no vosso trono! Nujatul-Auadá, com quem me casei para com ela passar os meus dias, ai...’

Àquelas palavras, Abu Hassan fingiu estar dominado pela emoção e desatou a chorar.

O califa, compreendendo que Abu Hassan acabava de anunciar-lhe a morte da esposa, ficou extremamente comovido. ‘Deus se apiede dela!’, disse com tristeza. ‘Era uma boa escrava e nós a havíamos dado, Zobeida e eu, com a intenção de proporcionar-te prazer. Merecia viver muito mais tempo!’ Caíram-lhe, então, lágrimas dos olhos, e ele foi obrigado a enxugá-las com o lenço.

A dor de Abu Hassan e as lágrimas do califa atraíram as do grão-vizir Djafar e dos outros vizires. Todos choraram a morte de Nujatul-Auadá, que, por sua vez, esperava impacientemente a volta de Abu Hassan.

O califa pensou do marido o que Zobeida havia pensado da mulher, e imaginando que, talvez, a causa da morte da jovem fosse o próprio Abu Hassan: ‘Infeliz!’, exclamou, indignado, ‘não foste tu o autor da morte de tua mulher pelos teus maus-tratos? Ah! Não tenho dúvida! Devias ter pelo menos certa consideração para com a rainha Zobeida, minha esposa, que para cedê-la dela se privou. Bela demonstração de reconhecimento!’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Abu Hassan, fingindo chorar mais amargamente ainda, ‘como poderia pensar que Abu Hassan, a quem cumulares de benefícios e a quem tributastes honras que ele jamais esperou, tenha sido capaz de tão grande ingratidão? Amava Nujatul-Auadá, minha esposa, por todas as suas belas qualidades, e tive por ela todo o apego e a ternura merecidos. Mas, senhor, estava escrito que morreria e Deus não quis permitir que eu por mais tempo desfrutasse uma ventura proporcionada por vós e por Zobeida, vossa querida esposa.’

Enfim, Abu Hassan soube dissimular tão perfeitamente que o califa, que, aliás, bem sabia que ele vivia muito bem com a esposa, acreditou em tudo o que lhe dizia. O tesoureiro do palácio, presente, foi incumbido de ir ao tesouro buscar para Abu Hassan uma bolsa com cem moedas de ouro e uma bela peça de brocado. Abu Hassan lançou-se imediatamente aos pés do califa, para lhe demonstrar o seu reconhecimento e agradecer-lhe o presente. ‘Segue o tesoureiro’, disse-lhe o califa. ‘A peça de brocado servirá de mortalha para a morta, e o dinheiro para que lhe faças dignas exéquias.’

Abu Hassan não respondeu às palavras do califa, a não ser com uma profunda inclinação, para logo em seguida retirar-se e seguir o tesoureiro. Mal recebeu a bolsa e o brocado, voltou muito contente para o seu aposento.

Nujatul-Auadá, cansada de esperar, não esperou que Abu Hassan lhe ordenasse que se erguesse. Mal ouviu abrir a porta, correu para ele: ‘E então’, perguntou-lhe, ‘iludiste o califa tão facilmente como eu iludi Zobeida?’

‘Vedes’, respondeu-lhe Abu Hassan, sorrindo e mostrando-lhe a bolsa e o brocado, ‘que sei muito bem fingir tristeza pela morte de uma mulher que goza de excelente saúde.’

Entretanto, Abu Hassan pôs-se a refletir que aquele duplo engano teria evidentemente as suas consequências. Assim, preveniu a mulher, para que ambos pudessem agir de acordo. E acrescentou: ‘Quanto mais pusermos o califa e Zobeida no embaraço, tanto maior será o prazer deles no fim, e talvez nos testemunhem a sua satisfação com novas demonstrações da sua generosidade.’

Embora houvesse ainda numerosas questões para tratar no conselho, o califa, impaciente por ir procurar Zobeida e apresentar-lhe as suas condolências pela morte da escrava, levantou-se pouco depois da partida de Abu Hassan, adiando o conselho para outro dia. O grão-vizir e os outros, após se despedirem, retiraram-se.

Mal saíram, o califa disse a Mesrur, chefe dos eunucos do palácio, quase inseparável da sua esposa: ‘Segue-me, e vem participar como eu da dor da rainha pela morte de Nujatul-Auadá, sua escrava.’

Foram juntos ao aposento de Zobeida. Ao chegarem à porta, o califa afastou o reposteiro e percebeu a rainha sentada num sofá, muito aflita, com os olhos ainda avermelhados pelas lágrimas.

Harun al-Rashid entrou, e, caminhando para Zobeida, disse-lhe: ‘Senhora, não é necessário vos dizer como participo da vossa dor, pois sabeis que sou tão sensível ao que vos entristece como ao que vos alegra. Mas somos todos mortais e devemos devolver a Deus a vida que Ele nos dá quando no-la exige. Nujatul-Auadá, vossa fiel escrava, tinha verdadeiramente qualidades que lhe fizeram merecer a vossa estima, e concordo com que demonstreiis mesmo depois de ela morta. Lembrai-vos, porém, de que os vossos ais não lhe devolverão a vida; assim, senhora, se me tendes amor, consolai-vos desta perda e cuidai de uma vida que bem o sabeis, é a felicidade da minha.’

Se a rainha ficou encantada com os ternos sentimentos que acompanhavam a saudação do califa, ficou, ao mesmo tempo, surpresa por ouvir a notícia da morte de Nujatul-Auadá, que ela não esperava. A notícia deixou-a por algum tempo sem resposta. Por fim, recobrando a calma: ‘Comendador dos Crentes’, disse, ‘sou muito sensível aos ternos sentimentos que por mim demonstreiis; permiti-me, porém, dizer-vos que não compreendo esta notícia, pois Nujatul-Auadá goza de perfeita saúde. Deus vos conserve e a mim, senhor! Se me vedes entristecida é com a morte de Abu Hassan, seu marido, e vosso favorito, a quem eu estimava tanto pela consideração que lhe tendes como porque tivestes a bondade de me fazer conhecer. Mas a vossa insensibilidade diante da sua morte me surpreende. E mais inexplicável ainda é a notícia que me dais da morte da minha escrava em lugar da dele.’

O califa, que tinha as suas razões para crer na morte de Nujatul-Auadá, pôs-se a rir ao ouvir Zobeida falar daquela maneira: ‘Mesrur’, disse, voltando-se para ele e dirigindo-lhe a palavra, ‘que me dizes das palavras da rainha? Não é verdade que as mulheres devem perdoar? Não ouviste tudo, perfeitamente, como eu?’ E dirigindo-se para Zobeida: ‘Senhora, não choreis mais pela morte de Abu Hassan, que vive muito bem. Chorai, antes, a morte da vossa escrava. Há pouco, seu marido visitou-me, debulhado em

pranto, e anunciou-me a morte da mulher. Mandeí dar-lhe uma bolsa de cem moedas e uma peça de brocado. Mesrur a tudo testemunhou, e poderá confirmar o que acabo de dizer-vos.’

Não pareceram sérias à rainha as palavras do califa. ‘Comendador dos Crentes’, respondeu-lhe, ‘embora seja hábito vosso gracejar, dir-vos-ei não ser esta a ocasião para fazê-lo. O que vos afirmo é, infelizmente, verdade. Não se trata da morte da minha escrava, mas da morte de Abu Hassan, seu marido, cuja sorte lastimo e que vós devíeis chorar comigo.’

‘E eu, senhora’, insistiu o califa, falando em tom de voz muito sério, ‘digo-vos que vos enganais: foi Nujatul-Auadá quem morreu, e Abu Hassan continua vivo e cheio de saúde.’

Zobeida ofendeu-se com a resposta seca do califa. ‘Comendador dos Crentes’, respondeu, ‘Deus não permita que continueis por longo tempo nesse erro! Eu poderia julgar que o vosso espírito não está perfeitamente equilibrado. Permiti-me repetir mais uma vez que quem morreu foi Abu Hassan e que Nujatul-Auadá, minha escrava, viúva do defunto, está viva. Não faz uma hora que daqui saiu. Veio desesperada e fez-me chorar quando, no meio dos soluços, me expôs o motivo da sua aflição. Todas as minhas criadas choraram comigo, e todas elas podem testemunhar o que digo. Elas vos dirão também que dei a Nujatul uma bolsa com cem moedas de ouro e uma peça de brocado; e a dor que notastes no meu rosto, ao entrar, era causada pela morte do marido e pela aflição em que eu acabava de vê-la. Pretendia até vos apresentar as minhas condolências quando aqui chegastes.’

Àquelas palavras de Zobeida, exclamou o califa com uma risada: ‘Eis aí, senhora, obstinação bem estranha! E eu vos repito que quem morreu foi Nujatul-Auadá.’ ‘Não, senhor’, respondeu Zobeida imediatamente, ‘quem morreu foi Abu Hassan.’

Uma onda de fogo invadiu o rosto do califa, que, sentando-se sobre o sofá, bem afastado da rainha, e dirigindo-se a Mesrur: ‘Vai ver imediatamente’, ordenou-lhe, ‘qual dos dois morreu e volta já para dizer-me a verdade. Embora eu esteja certíssimo da morte de Nujatul-Auadá, prefiro esta solução a insistir mais sobre uma coisa que me é perfeitamente conhecida.’

O califa não terminara, quando Mesrur se afastou. ‘Vereis’, continuou, voltando-se para Zobeida, ‘dentro de um instante, quem tem razão, vós ou eu.’

‘Quanto a mim’, respondeu Zobeida, ‘sei que me assiste a razão, e vós vereis que quem morreu foi Abu Hassan, como afirmiei.’

‘E eu’, insistiu o califa, ‘estou tão certo de que foi Nujatul-Auadá que estou pronto a apostar o que quiserdes que ela já não vive, e que Abu Hassan goza de ótima saúde.’

‘Não julgueis que haveis de enganar-me’, disse Zobeida. ‘Aceito a aposta. Estou tão convencida da morte de Abu Hassan que aposto de boa vontade o que me é mais caro contra o que quiserdes, por mais insignificante que seja o seu valor. Não ignorais quais são os meus pendores; escolhei que eu aceitarei as condições por piores que sejam para mim as consequências.’

‘Pois que é assim’, disse então o califa, ‘aposto o meu Jardim das Delícias contra o vosso Palácio das Pinturas. Um bem vale o outro.’ ‘Não se trata de saber’, disse Zobeida, ‘se o vosso jardim vale mais que o meu palácio. O que importa é que a aposta está feita e que tomo a Deus por testemunha.’ O califa prestou o mesmo juramento e ambos ficaram à espera de Mesrur.

Enquanto o califa e Zobeida discutiam tão acaloradamente sobre a morte de Abu Hassan ou de Nujatul-Auadá, Abu Hassan, prevendo tudo aquilo, tomara as suas medidas. Ao ver Mesrur, através das cortinas perto das quais se achava sentado conversando com Nujatul, compreendeu imediatamente o que se passava, e pediu à mulher que, mais uma vez, fingisse estar morta, sem perda de tempo.

Com efeito, o tempo urgia e Abu Hassan mal conseguiu preparar a mulher, estendendo-lhe por cima o brocado, quando Mesrur chegou. Abu Hassan abriu-lhe a porta e, de rosto triste e abatido, sempre pronto com o lenço nos olhos, sentou-se ao lado da suposta morta.

Mal terminou, Mesrur entrou. Aquele lúgubre espetáculo lhe despertou grande alegria no tocante à ordem de que fora incumbido pelo califa. Quando Abu Hassan o notou, encaminhou-se para ele e, beijando-lhe respeitosamente a mão, disse-lhe, suspirando e gemendo: ‘Senhor, aqui estou

na mais negra das aflições pela morte de Nujatul-Auadá, minha querida esposa, a quem honráveis com as vossas bondades.’

Mesrur enterneceu-se com tais palavras e não pôde conter algumas lágrimas. Levantou um pouco a mortalha para ver o rosto de Nujatul; e, tornando a abaixá-la, disse com um profundo suspiro: ‘Não há outro deus senão Deus, e devemos nos submeter todos à sua vontade e para ele nos voltarmos. Nujatul-Auadá, minha boa irmã, o teu destino teve curta duração. Deus se apiede de ti!’ Em seguida, voltou-se para Abu Hassan, que chorava: ‘Não é sem razão’, disse-lhe, ‘que se afirma terem às vezes as mulheres distrações imperdoáveis; Zobeida, apesar de excelente senhora, está nesse caso. Asseverou ao califa que vós é quem tínheis morrido e não vossa esposa; e, por mais que o califa tenha tentado convencê-la, nada conseguiu. Tomou-me até por testemunha da verdade que afirmava, pois, como sabeis, estava eu presente quando lhe levastes tão triste notícia; nada, porém, serviu. Obstinaram-se até a tal ponto ambos que jamais teriam terminado se o califa, a fim de convencer Zobeida, não tivesse tido a ideia de mandar que eu lhe procurasse a verdade. Mas temo nada lograr, pois as mulheres são incrivelmente firmes nas suas opiniões.’

‘Deus conserve o Comendador dos Crentes na posse e no bom uso do seu raro espírito’, respondeu Abu Hassan, sempre com lágrimas nos olhos, e palavras entrecortadas de soluços. ‘Bem vedes que não menti a Sua Majestade. E prouvera a Deus’, exclamou para melhor dissimular, ‘que eu nunca tivesse tido a ocasião de lhe anunciar tão triste notícia! Ai, não sei como exprimir a perda irreparável que acabo de sofrer!’

‘É verdade’, disse Mesrur, ‘e posso assegurar-vos que muito participo da vossa dor; mas, enfim, convém que vos consoleis. Deixo-vos, a contragosto, para voltar ao califa; mas peço-vos o favor de não mandar retirar o corpo até que eu regresse, pois pretendo assistir ao enterro e acompanhá-lo com as minhas preces.’

Mesrur já saíra para ir dar contas da missão a Harun al-Rashid, quando Abu Hassan, que o acompanhou até a porta, lhe observou não ser digno daquela honra. Receando que Mesrur voltasse para dizer-lhes mais alguma coisa, acompanhou-o com o olhar por algum tempo e, quando o viu bem

distante, tornou a entrar e livrou Nujatul-Auadá de tudo quanto a envolvia: ‘Eis outra cena do espetáculo, e creio que não será a última; certamente Zobeida quererá verificar as palavras de Mesrur. Assim, devemos esperar outros acontecimentos.’ Durante tais palavras de Abu Hassan, Nujatul-Auadá teve tempo de vestir-se de novo, e ambos foram sentar-se no sofá perto da cortina, a fim de descobrir o que se passava.

Entretanto, Mesrur, tornando a apresentar-se a Zobeida, ria e batia palmas, como homem que tem algo de interessante para anunciar.

O califa, naturalmente impaciente, quis ser esclarecido sem perda de tempo, mesmo por ter sido irritado pelo desafio da rainha; assim, ao ver Mesrur, exclamou: ‘Mau escravo, esta não é ocasião para rir! Fala! Quem dos dois morreu, o marido ou a mulher?’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu imediatamente Mesrur, em tom sério, ‘foi Nujatul-Auadá. Abu Hassan continua aflito como quando compareceu à presença de Vossa Majestade.’

Sem dar a Mesrur tempo para prosseguir, o califa o interrompeu: ‘Boa nova’, gritou, com uma grande explosão de riso; ‘há um instante apenas Zobeida, tua senhora, possuía um palácio chamado das Pinturas, que, agora, pertence a mim. Fizemos uma aposta quando te retiraste; por conseguinte, não poderias proporcionar-me prazer maior. Cuidarei recompensar-te. Mas deixemos isso de lado. Dize-me tudo quanto viste.’

‘Comendador dos Crentes’, prosseguiu Mesrur, ‘ao chegar ao aposento de Abu Hassan, entrei, pois que a porta se achava aberta; encontrei-o ainda muito triste, chorando a morte de Nujatul-Auadá, sua esposa. Estava sentado ao lado da morta, preparada no meio do quarto, com os pés voltados para Meca, e coberta com a peça de brocado que destes a Abu Hassan. Após lhe testemunhar a parte que eu tomava na sua dor, aproximei-me; e, levantando a mortalha, reconheci Nujatul-Auadá, já com o rosto inchado. Exortei, da melhor maneira possível, Abu Hassan a resignar-se, e retirando-me disse-lhe que estaria presente ao enterro. É tudo quanto posso contar-vos.’

Quando Mesrur terminou, respondeu-lhe o califa, rindo: ‘Basta-me, e estou contentíssimo da exatidão com que te houveste.’ E dirigindo-se a Zobeida: ‘E então, senhora, tendes mais alguma coisa contra essa verdade?’

Continuais a crer que Nujatul-Auadá vive ainda e que Abu Hassan foi quem morreu? Reconheceis que perdeste a aposta?’

Zobeida não concordou. ‘Como, senhor’, respondeu, ‘podeis pretender que eu acredite neste escravo? É um impertinente que não sabe o que afirma. Não sou tão cega nem insensata; vi com os meus próprios olhos Nujatul-Auadá mergulhada na mais profunda tristeza; eu mesma lhe falei e bem ouvi o que me disse sobre a morte do marido.’

‘Senhora’, respondeu-lhe Mesrur, ‘juro-vos, pela vossa vida e pela vida do Comendador dos Crentes, tão queridas para mim, que Nujatul-Auadá morreu e que Abu Hassan continua vivo.’ ‘Mentes, vil escravo, ente desprezível’, respondeu Zobeida, encolerizada; ‘e hei de desmascarar-te num instante.’ Imediatamente chamou as mulheres: ‘Vinde cá’, disse-lhes, ‘contai-me a verdade. Quem me procurou aqui, pouco antes da chegada do Comendador dos Crentes?’ Todas elas responderam que fora a pobre Nujatul-Auadá. ‘E vós’, acrescentou, dirigindo-se à sua tesoureira, ‘o que eu vos ordenei lhe entregásseis?’ ‘Senhora’, respondeu esta, ‘dei a Nujatul-Auadá, por vossa ordem, uma bolsa de cem moedas de ouro e uma peça de brocado.’ ‘E então, infeliz’, exclamou Zobeida, voltando-se para Mesrur, fortemente indignada: ‘O que me dizes agora?’

Mesrur não carecia de razões para se opor às palavras da rainha; mas, temendo irritá-la mais, preferiu calar-se, convencido, no entanto, do que dizia, pelas provas que possuía.

Durante esta disputa entre Zobeida e Mesrur, o califa, sempre convencido do contrário do que afirmava a rainha, tanto por ter visto pessoalmente Abu Hassan como pelo que Mesrur acabava de lhe contar, ria-se, ao ver Zobeida tão encolerizada contra Mesrur. ‘Senhora’, disse-lhe, ‘não sei quem afirmou que as mulheres eram às vezes excessivamente distraídas, mas o que sei é que dizia a verdade. Mesrur acaba de voltar do aposento de Abu Hassan, diz-vos que viu com os seus próprios olhos Nujatul-Auadá morta no meio do quarto e Abu Hassan vivo e, não obstante o seu testemunho, não o quereis crer! Não compreendo!’

Zobeida, sem prestar-lhe atenção, respondeu-lhe: ‘Comendador dos Crentes, perdoai-me esta suspeita, mas desconfio que combinastes com

Mesrur aborrecer-me e pôr à prova a minha paciência. E, como percebo que as palavras de Mesrur foram combinadas, rogo-vos conceder-me a liberdade de enviar também alguma serva minha aos aposentos de Abu Hassan, para verificar se estou realmente enganada.’

Com o consentimento do califa, a rainha incumbiu dessa missão uma mulher idosa que a conhecia há muito. ‘Ama’, ordenou-lhe, ‘escuta: vai aos aposentos de Abu Hassan, ou antes, de Nujatul-Auadá, visto que Abu Hassan está morto, e conta-me tudo. Se me trouxeres uma boa notícia, receberás um presente. Vai e volta imediatamente.’

Partiu a ama, com muita alegria do califa, contentíssimo por ver Zobeida tão embaraçada; mas Mesrur, extremamente mortificado por notar a cólera da princesa contra ele, buscava os meios de apaziguá-la e de fazer com que o califa e ela ficassem contentes com ele. Por isso alegrou-se quando Zobeida enviou sua ama aos aposentos de Abu Hassan, pois estava convencido de que seria justificado.

Abu Hassan, entretanto, sempre à espreita ao lado da cortina, reconheceu a ama de longe, e compreendeu imediatamente que se tratava de pessoa enviada por Zobeida. Chamando, pois, a mulher, e sem hesitar um instante sobre o partido que devia tomar: ‘Eis’, disse-lhe, ‘a ama da rainha que vem a saber a verdade; agora cabe a mim fingir que estou morto.’

Realizaram os preparativos. Nujatul-Auadá colocou-lhe por cima a peça de brocado e sobre o rosto o turbante. A ama, entrando no quarto, reconheceu Nujatul-Auadá sentada ao lado de Abu Hassan, descabelada e em pranto, batendo no rosto e no peito e dando grandes gritos.

Aproximou-se, então, da falsa viúva: ‘Minha querida Nujatul-Auadá’, disse-lhe muito triste, ‘não venho aqui perturbar a vossa dor, nem impedir que derrameis as vossas lágrimas por um marido a quem amáveis com tanta ternura.’ ‘Ah, minha boa mãe’, interrompeu-a a falsa viúva, ‘estais vendo a minha desgraça com a perda do meu amado Abu Hassan que Zobeida, minha senhora e vossa, e o Comendador dos Crentes me deram por marido! Abu Hassan, meu caro esposo!’, exclamou, ‘por que me abandonastes tão depressa? Não segui sempre as vossas vontades? Ai, que será de mim!’

A ama ficou extremamente surpreendida ao ver o contrário do que o chefe dos eunucos dissera ao califa: ‘Mesrur’, gritou ela, erguendo os braços, ‘mereceria ser amaldiçoado por Deus por ter provocado tão grande disputa entre minha boa ama e o Comendador dos Crentes com mentira tão grande! Será preciso, minha filha, que eu vos conte a maldade e a impostura do vil Mesrur que afirmou à nossa boa ama, com inconcebível desfaçatez, que vós é que estáveis morta, e não Abu Hassan.’

‘Ai, minha boa mãe’, respondeu Nujatul-Auadá, ‘prouvera a Deus fosse verdade. Não estaria mergulhada na aflição em que me vedes, e, não choraria um marido a quem tanto amo!’ Terminando tais palavras, renovou o pranto.

A ama, enternecida pelas lágrimas de Nujatul-Auadá, sentou-se perto dela, e, acompanhando-a no pranto, aproximou-se da cabeça de Abu Hassan, ergueu um pouco o turbante e descobriu-lhe o rosto para reconhecê-lo. ‘Ah, meu pobre Abu Hassan’, disse, recobrando-o imediatamente, ‘peço a Deus que vos seja misericordioso! Adeus, minha filha’, disse a Nujatul-Auadá; ‘se pudesse fazer-vos companhia por mais tempo, aqui não vacilaria em ficar, mas o meu dever me obriga a ir já livrar minha boa ama da inquietação em que o vil Mesrur a mergulhou com a sua imprudente mentira.’

Mal a ama de Zobeida fechou a porta, Nujatul-Auadá enxugou as lágrimas, desembaraçou Abu Hassan de tudo quanto o rodeava, e ambos retomaram o lugar sobre o sofá perto da cortina, esperando tranquilamente o fim daquele embuste, e sempre prontos a defender-se.

A ama de Zobeida, apesar da idade, voltou apressadamente. O prazer de levar à princesa uma boa notícia e mais ainda a esperança de uma boa recompensa a fizeram apressar-se, e ela entrou no aposento da princesa, com a respiração ofegante, para contar-lhe tudo quanto acabara de ver.

Zobeida ouviu a narração da ama com enorme alegria. Depois, com voz triunfante, ordenou-lhe: ‘Conta a mesma coisa ao Comendador dos Crentes, que nos considera desprovidas de bom senso, e que, com isso, pretende dar-nos a crer que não possuímos sentimento de religião e não tememos a Deus. Conta-a a esse péssimo escravo negro que tem a insolência de me afirmar uma coisa que não é verdadeira.’

Mesrur ficou profundamente mortificado, tanto mais que se sentia atingido em cheio pela cólera de Zobeida. Por isso, alegrou-se por ter a oportunidade de se entender livremente com a ama e não com a rainha, a quem não ousava responder: ‘Velha desdentada’, disse então à ama, ‘és uma mentirosa. Nada é como afirmaste. Vi com os meus próprios olhos Nujatul-Auadá morta no meio do quarto.’

‘Tu é que és mentiroso, e dos grandes’, respondeu-lhe a ama com voz insultante, ‘por ousares sustentar tamanha falsidade diante de mim que acabo de sair daquele aposento onde vi Abu Hassan morto e Nujatul-Auadá cheia de vida!’

‘Não sou impostor’, insistiu Mesrur. ‘Tu é que procuras nos lançar no erro.’

‘Eis aí uma grande desfaçatez’, respondeu a ama. ‘Ousas desmentir-me na presença de Suas Majestades, a mim que, com os meus próprios olhos, acabo de verificar a verdade.’

‘Ama’, disse Mesrur, ‘faria melhor não falar, pois só dizes asneiras.’

Zobeida não suportou a falta de respeito de Mesrur, que, sem nenhuma consideração, tão injuriosamente tratava a ama na sua presença. Assim, sem dar a este tempo de responder, disse ao califa: ‘Comendador dos Crentes, peço-vos justiça contra essa insolência.’ Nada mais pôde dizer, de tal forma a dominava o respeito.

O califa não sabia o que pensar. A princesa, por sua vez, assim como Mesrur, a ama e as escravas presentes não sabiam o que crer, e calaram-se. Finalmente, Harun al-Rashid tomou a palavra: ‘Senhora’, disse, dirigindo-se a Zobeida, ‘percebo que somos todos mentirosos, eu em primeiro lugar, tu, Mesrur, e tu, ama. Pelo menos é o que parece. Por conseguinte, vamos imediatamente descobrir qual é a verdade. Não vejo outro meio para nos tranquilizar novamente.’

Assim, levantou-se seguido pela rainha e precedido por Mesrur, que lhes abria a porta.

‘Comendador dos Crentes’, disse-lhe Mesrur, ‘estou contentíssimo por terdes tomado essa resolução, e muito mais ficarei quando mostrar à ama que o que ela diz não corresponde à verdade.’

A ama respondeu imediatamente: ‘Cala-te, negro! Aqui só há um mentiroso, és tu!’

Zobeida, extraordinariamente zangada com Mesrur, interveio: ‘Mau escravo, afirmo que a minha ama disse a verdade; quanto a ti, nada mais te considero do que um simples mentiroso.’

‘Senhora’, respondeu Mesrur, ‘se a ama está tão certa de que Nujatul-Auadá vive e que Abu Hassan está morto, por que não aposta comigo? Garanto que não ousará.’

‘Como não ousa?’, respondeu a ama. ‘Pois olha, apostol!’

Mesrur não recuou. Apostaram na presença do califa e da rainha uma peça de brocado de ouro com florões de prata.

O aposento do qual o califa e Zobeida saíram, embora bastante afastado, achava-se em frente ao de Abu Hassan, que, vendo-os vir, precedidos de Mesrur e seguidos da ama e das escravas de Zobeida, imediatamente avisou a mulher. Nujatul-Auadá também espreitou pela cortina, e ficou surpreendida: ‘Que faremos?’, perguntou. ‘Estamos perdidos!’

‘Absolutamente, nada temais’, respondeu Abu Hassan com imperturbável sangue frio. ‘Já vos esquecestes do que combinamos? Finjamos estar mortos, como já fingimos separadamente, e vereis que tudo acabará bem. Teremos tempo de preparar-nos.’

Com efeito, Abu Hassan e sua mulher resolveram amortilhar-se da melhor forma possível, no meio do quarto, e aguardar os que vinham visitá-los.

Chegaram finalmente os visitantes e Mesrur abriu a porta, e o califa e Zobeida entraram no quarto, seguidos de todos. Fortemente assombrados, imobilizaram-se à vista do fúnebre espetáculo que se lhes mostrava. Ninguém sabia o que pensar. Finalmente, Zobeida rompeu o silêncio: ‘Ai’, disse ao califa, ‘ambos estão mortos! Tanto vos obstinastes em me fazer crer que a minha querida escrava morreria que ela acabou realmente morrendo, e, sem dúvida, pela dor de ter perdido o esposo.’ ‘Dizei antes, senhora’, respondeu o califa, ‘que Nujatul-Auadá morreu em primeiro lugar e que foi o pobre Abu Hassan que sucumbiu depois por ver morta sua mulher, vossa escrava.’

Portanto, deveis convir que perdestes a aposta, e que o vosso Palácio das Pinturas me pertence.’

‘E eu’, respondeu Zobeida, animada pela contradição do califa, ‘sustento que vós é que perdestes, e que o vosso Jardim das Delícias de hoje em diante me pertence. Abu Hassan morreu antes, pois a minha ama nos contou que viu sua mulher, viva ainda, a chorar o marido morto.’

A disputa entre o califa e Zobeida acarretou outra. Mesrur e a ama estavam no mesmo caso. Também tinham apostado e cada um pretendia ser o vencedor. A disputa acalorava-se, e o chefe dos eunucos e a velha ama estavam a ponto de chegar a grandes palavrões.

Finalmente, o califa, refletindo em tudo quanto se passara, reconhecia que Zobeida tinha tanta razão quanto ele para insistir que ganhara. Aborrecido por não poder descobrir a verdade, aproximou-se dos dois corpos e sentou-se, procurando algum meio para conquistar a vitória contra Zobeida. ‘Sim’, exclamou de repente, ‘juro pelo santo nome de Deus que daria mil moedas de ouro a quem me dissesse qual dos dois morreu antes.’

Mal terminou essas palavras, ouviu uma voz sob o brocado que cobria Abu Hassan: ‘Comendador dos Crentes, fui eu quem morreu antes. Dai-me as mil moedas de ouro.’ E ao mesmo tempo Abu Hassan, livrando-se do brocado que o amortalhava, prostrou-se-lhe aos pés. Nujatul-Auadâ imitou-o, prostrando-se aos pés de Zobeida. Mas Zobeida deu um forte grito que aumentou o terror dos presentes. Finalmente, dominando o medo, alegrou-se extraordinariamente por notar que a escrava querida acabava de ressuscitar. ‘Ah, malvada’, exclamou, ‘fizeste-me sofrer muito! Perdoo-te, entretanto, de bom coração, pois vejo que não estás morta.’

O califa, por sua vez, em vez de amedrontar-se ao ouvir a voz de Abu Hassan, quase estourou de tanto rir ao vê-los ambos desembaraçar-se de tudo quanto os envolvia, e ouvindo Abu Hassan pedir com seriedade as mil moedas de ouro prometidas.

‘Como, Abu Hassan’, disse-lhe o califa, ‘decidiste fazer-me morrer de rir? De onde te veio a ideia de nos iludir assim, a Zobeida e a mim?’

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Abu Hassan, ‘vou falar-vos a pura verdade. Sabeis que sempre tive propensão para a vida regalada. A mulher

que me destes não me diminuiu tal pendor; pelo contrário, encontrei disposições, julgareis facilmente que, mesmo que dispuséssemos de um tesouro do tamanho do oceano, não tardaríamos em esgotá-lo. Foi exatamente o que nos sucedeu. Desde que vivemos juntos, nada poupamos. Esta manhã, após pagarmos ao nosso fornecedor, verificamos que nada mais nos restava de todo o dinheiro que possuíamos. Atravessaram-nos, então, a mente mil reflexões sobre o passado e o futuro, e fizemos mil projetos que imediatamente abandonamos. Enfim, a vergonha de nos vermos reduzidos a tão triste estado, e de não ousarmos declará-lo a vós, nos levou a imaginar este meio para cuidarmos das nossas necessidades, e agora vos pedimos perdão.'

O califa e Zobeida muito se alegraram com a sinceridade de Abu Hassan. Zobeida não pôde deixar de rir-se ao lembrar-se do que Abu Hassan havia cogitado para conseguir o seu intento. O califa, que não cessara um instante de rir, de tal maneira lhe parecia tudo aquilo tão extraordinário: 'Segui-me ambos', ordenou a Abu Hassan e à mulher, levantando-se. 'Mandarei que vos sejam entregues as mil moedas de ouro prometidas, pois estou radiante por vos ver ainda vivos.'

'Comendador dos Crentes', interveio Zobeida, 'contentai-vos em mandar entregar as mil moedas de ouro a Abu Hassan. Quanto à sua mulher, é comigo.' Ao mesmo tempo, ordenou à sua tesoureira que entregasse mil moedas de ouro a Nujatul-Auadá para lhe manifestar, por sua vez, toda a sua alegria.

Com isso, Abu Hassan e Nujatul-Auadá, sua querida mulher, conservaram por longo tempo as boas graças do califa Harun al-Rashid e de Zobeida, sua esposa, e obtiveram o suficiente para toda a vida."

Sherazade, terminando a história de Abu Hassan, prometera ao Sultão Shahriar que lhe contaria outra na noite seguinte, mais interessante ainda. Dinazade, sua irmã, lembrou-lhe, antes do nascer do dia, a promessa. Sherazade iniciou-a imediatamente.

A HISTÓRIA DE ALADIM, OU A LÂMPADA MARAVILHOSA

“Senhor, na capital de um reino da China, muito rico e de enorme extensão, de cujo nome, porém, não me lembro, vivia um alfaiate chamado Mustafá. Paupérrimo, tirava do trabalho apenas o bastante para o seu sustento, o de sua mulher e o de um filho.

O filho, Aladim, fora pessimamente educado e contraíra perigosos vícios. Mau e cabeça dura, desobedecia aos pais. Assim que cresceu, seus pais não conseguiram mais retê-lo em casa. Aladim saía de manhãzinha e passava os dias brincando nas ruas e nas praças com companheiros vadios, menores do que ele.

Quando chegou à idade de aprender um ofício, seu pai, não podendo ensinar-lhe outro senão o seu, levou-o à loja e começou a mostrar-lhe como devia usar a agulha; mas nem com brandura nem com ameaças conseguiu concentrar a atenção do filho. Não podia obrigá-lo a ser assíduo ao trabalho, como queria. Apenas Mustafá dava as costas, Aladim tratava de fugir para não mais voltar naquele dia. O pai o repreendia, o castigava, mas o rapaz não se emendava. Com enorme desgosto, viu-se Mustafá forçado a abandoná-lo à sua vida errante; e, muito triste, não tardou em ser atacado de pertinaz doença que dentro de alguns meses o levou à morte.

A mãe de Aladim, vendo que o filho não aprendia de modo nenhum o ofício do pai, fechou a loja e vendeu todos os pertences a fim de poderem viver ela e o filho com os proventos do seu trabalho de fiar algodão.

Aladim, livre do temor ao pai, e não tendo respeito nenhum por sua mãe, chegando a ponto de ameaçá-la quando ela o repreendia, entregou-se à maior das libertinagens, frequentando cada vez mais a companhia dos rapazes da mesma idade e continuando a perder todo o seu tempo com eles. Nesse tipo de vida continuou até os 15 anos, sem nunca recorrer aos conselhos de ninguém, e sem nunca pensar no que poderia vir a ser um dia. Certa vez,

brincando com os companheiros no meio de uma praça, conforme o seu costume, um estrangeiro, passando por lá, o fitou demoradamente.

Aquele estrangeiro não passava de um grande mágico, natural da África, chegado dessa região havia dois dias.

Quer porque o mágico africano, profundo conhecedor de fisionomias, tivesse visto no rosto de Aladim tudo quanto se fazia necessário para a realização do plano que o impelira àquela viagem, quer por outro motivo, pediu informações sobre a sua família, o que fazia e a sua inclinação. Depois, aproximando-se do rapaz, chamou-o de lado e perguntou-lhe: ‘Meu filho, teu pai não era Mustafá, o alfaiate?’ ‘Sim, senhor, respondeu Aladim; mas já faz bastante tempo que morreu.’

Àquelas palavras, o mágico africano atirou-se ao pescoço de Aladim, abraçou-o efusivamente e beijou-o várias vezes, enquanto as lágrimas lhe assomavam aos olhos. Aladim perguntou-lhe a razão daquele pranto: ‘Ah, meu filho’, gritou o mágico, ‘como poderia não chorar? Sou teu tio, e teu pai era meu irmão. Depois de viajar durante muitos anos, ao chegar aqui com a esperança de revê-lo, recebo assim de chofre a notícia de que já morreu! Asseguro-te que me é bastante penoso ver-me privado do consolo esperado por tão longos anos. O que me alivia um pouco a dor, contudo, é o fato de reconhecer no teu rosto as suas feições e de não me ter enganado ao dirigir-me a ti.’ Em seguida, perguntou a Aladim onde vivia sua mãe. Respondeu-lhe Aladim imediatamente, e o mágico, entregando-lhe algum dinheiro, pediu-lhe: ‘Meu filho, vai procurar tua mãe, dá-lhe as minhas recomendações e diz-lhe que amanhã irei visitá-la, para ter o consolo de visitar a casa em que meu bom irmão viveu e morreu.’

Mal o mágico se despediu do suposto sobrinho, correu este para casa contentíssimo com o dinheiro que acabava de receber. ‘Minha mãe’, disse, logo ao chegar, ‘rogo-vos o favor de dizer-me se tenho um tio.’ ‘Não, meu filho, não tens tio nem do lado paterno nem do meu.’ ‘Mas’, respondeu Aladim, ‘acabo de encontrar um homem que se diz meu tio, pelo lado de meu pai, de quem era irmão, ao que ele me contou; ao ver-me, começou a chorar, abraçou-me quando lhe narrei que meu pai havia morrido. Como prova de que estou falando a verdade’, acrescentou, mostrando à mãe o

dinheiro recebido, ‘eis aqui o que ele me deu ao mesmo tempo que me recomendou que vos desse as suas recomendações e a notícia de que, amanhã, se puder, virá visitar-vos, para ver a casa em que meu pai viveu e morreu.’ ‘Meu filho’, respondeu a mãe, ‘é verdade que teu pai tinha um irmão; mas já faz muito tempo que morreu.’ Nada mais disseram mãe e filho sobre o mágico.

No outro dia, o mágico aproximou-se novamente de Aladim, que se achava em companhia de amiguinhos, abraçou-o, como na véspera, e, pondo-lhe na mão duas moedas de ouro, disse-lhe: ‘Meu filho, leva essas moedas a tua mãe, e avisa-a de que irei visitá-la esta noite; que compre, portanto, o necessário para a ceia; antes, porém, dá-me o teu endereço.’

Aladim deu-lhe o endereço e retirou-se com as duas moedas. Mal contou à mãe qual era a intenção do tio, ela saiu para voltar, mais tarde, com ótimas provisões. Desprovida de uma parte dos talheres e pratos de que precisava, pediu-os emprestados aos vizinhos. Depois, passou o resto do dia preparando uma succulenta ceia. Ao entardecer, já estando tudo pronto, disse a Aladim: ‘Meu filho, teu tio talvez não saiba encontrar a casa; vai buscá-lo, pois.’

Dispunha-se Aladim a obedecer quando bateram à porta. O menino, abrindo, reconheceu o mágico, que entrou com garrafas de vinho e várias frutas.

Após entregar o que trazia a Aladim, cumprimentou a mulher de Mustafá e pediu-lhe que lhe mostrasse o lugar em que o irmão costumava sentar-se. Ao vê-lo, prostrou-se e beijou-o muitas vezes, chorando e exclamando: ‘Meu pobre irmão, infeliz de mim que não tive a ventura de abraçar-te antes da tua morte!’ Por mais que a mãe de Aladim suplicasse, não concordou o mágico em sentar-se no mesmo lugar. ‘Não’, respondeu, ‘de modo nenhum; permiti, porém, que eu fique aqui na frente, pois, embora impedido de vê-lo em pessoa, quero vê-lo com os olhos da mente.’ A mãe de Aladim não insistiu.

Começou o mágico, então, a conversar: ‘Minha boa irmã, não vos admireis de nunca me haverdes visto durante todo o tempo em que fostes casada com meu irmão. Faz hoje quarenta anos que saí daqui. Desde então, após ter percorrido a Índia, a Pérsia, a Arábia, a Síria e o Egito, e ter vivido

nas formosas cidades desses países, cheguei à África, onde vivi mais demoradamente. Por fim, natural que é a todo homem lembrar-se sempre do país de nascimento e das pessoas com quem conviveu, desejei ardentemente rever meu pobre irmão, antes que as forças de todo me abandonassem. Garanto-vos que em todas as minhas viagens nunca senti tamanha dor como a que senti quando soube da morte de Mustafá, a quem sempre estimei. Reconheci imediatamente as suas feições no rosto de Aladim, vosso filho, e consolo-me por revê-lo dessa maneira.’

O mágico, notando que a mãe de Aladim se enternecia com a lembrança do marido, mudou depressa de assunto; e, voltando-se para Aladim, perguntou-lhe o nome, ‘Aladim’, respondeu o rapaz. ‘E então, Aladim, qual é a tua ocupação? Tens um ofício?’

Àquela pergunta, Aladim abaixou os olhos, perturbado. Sua mãe, porém, interveio: ‘Aladim é um vadio. O pai fez tudo quanto lhe era possível para ensinar-lhe alguma coisa, mas teve de desistir. Apesar de tudo o que lhe repito todos os dias, limita-se a perder o tempo com os companheiros, esquecido de que já não é uma criança. Estou desesperada! Sabe que o pai não deixou haveres e sabe também que, embora eu fie o dia inteiro, mal consigo o suficiente para matar nossa fome. Um dia destes sou capaz de fechar-lhe a porta e mandar que procure viver em outra parte.’

Após ter a mãe de Aladim proferido tais palavras, chorando, o mágico disse a Aladim: ‘Mau, mau, meu sobrinho, tu precisas pensar em ganhar a vida. Vários são os ofícios que podes escolher. Procura aquele para o qual tenhas mais propensão; talvez não te agrade o que foi de teu pai. Fala-me francamente, que eu só terei prazer em ajudar-te.’ Notando que Aladim não respondia, acrescentou: ‘Se não queres aprender nenhum ofício, e desejas ser mercador, poderei abrir-te uma loja repleta de preciosos tecidos; com o dinheiro que ganhares, comprarás outros tecidos e viverás honradamente. Fala-me, pois, que a qualquer instante cumprirei a minha promessa.’

Aladim ficou contentíssimo, visto que sentia grande aversão pelos trabalhos manuais e sabia que as lojas de tecidos eram limpas e bem frequentadas, e que os mercadores, além de andarem sempre bem-vestidos, eram muito apreciados por todos. Assim, não teve dúvidas em apresentar a

sua aspiração ao mágico a quem supunha ser seu tio. ‘Já que tal é a profissão que te agrada’, respondeu-lhe o mágico africano, ‘acompanhar-me-ás amanhã, pois vou mandar fazer-te boas vestes condizentes com a condição de um dos maiores mercadores da cidade; depois de amanhã, trataremos de abrir a loja que te convém.’

A mãe de Aladim, que até aquele instante não acreditara estar na frente do irmão do falecido marido, não duvidou mais. Agradeceu, portanto, ao mágico, e, exortando Aladim a fazer-se digno das vantagens que o tio lhe oferecia, servia a ceia, durante a qual a conversação girou em torno do mesmo assunto. Finalmente, notando o mágico o adiantado da hora, despediu-se da mulher e de seu filho.

No dia seguinte, logo de manhã, voltou à casa da viúva como havia prometido, e levou Aladim à loja de um rico mercador. Ali chegando, mandou que lhe apresentassem vestes adequadas ao tamanho de Aladim, e, após separar as que lhe agradavam, disse ao sobrinho: ‘Escolhe dentre estas a que mais gostas.’ Aladim, contentíssimo com a bondade do suposto tio, escolheu uma que o mágico pagou imediatamente, sem discutir o preço.

Aladim, esplendidamente trajado, agradeceu efusivamente ao tio, que, de novo, lhe prometeu protegê-lo para sempre. E com efeito conduziu-o aos pontos mais frequentados da cidade, sobretudo àqueles em que se situavam as lojas dos mais ricos mercadores. Aí, disse a Aladim: ‘Como daqui a pouco serás mercador como estes que aqui estão, deves conhecê-los.’ Fê-lo visitar, ainda, as maiores mesquitas, e levou-o aos khans em que se hospedavam os mercadores estrangeiros, assim como às partes do palácio do sultão franqueadas ao público. Por fim, após percorrerem todos os bairros, chegaram ao khan em que se havia alojado o mágico e no qual se encontravam vários mercadores por ele convidados para um banquete. Pretendia, sem dúvida, apresentar-lhes o sobrinho.

O banquete prolongou-se até altas horas. Quis, então, Aladim despedir-se do tio; mas o mágico resolveu acompanhá-lo. A mãe de Aladim, ao ver o filho tão bem-trajado, ficou radiante e abençoou mil vezes o mágico: ‘Bondoso parente’, disse-lhe, ‘não sei agradecer-vos bastante; meu filho não merece isso, e disso será indigno, se não souber justificar às vossas boas

intenções. Quanto a mim, desejo-vos uma longa vida, para que possais ver o reconhecimento de Aladim, que não deverá descuidar os vossos conselhos.’ ‘Aladim’, respondeu o mágico africano, ‘é um bom moço, respeita-me muito, e creio que dele poderemos tirar bons resultados. Só me aborrece uma coisa: não poderei fazer amanhã o que lhe prometi. Sendo sexta-feira, as lojas não abrirão, e não será possível alugar uma. Portanto, deixemos a transação para o sábado. Amanhã iremos passear, ele e eu, nos jardins frequentados por pessoas distintas. Até agora Aladim só conheceu rapazes como ele; de hoje em diante conhecerá homens.’ Despediu-se, então, da mãe e do filho. Aladim, entretanto, muito alegre por ver-se tão bem-vestido, antegozou o passeio pelos jardins.

No dia seguinte, levantou-se cedo para estar pronto assim que o tio fosse buscá-lo. A impaciência levou-o a abrir a porta para ver se conseguia vê-lo. Mal o reconheceu, despediu-se de sua mãe, fechou a porta e correu ao encontro do tio.

O mágico acariciou-o e disse-lhe: ‘Vamos, meu filho, hoje hei de mostrar-te coisas lindas.’ Conduziu-o, pois, através de uma porta, a vários palácios maravilhosos, cada um deles com luxuosos jardins de entrada livre; e em cada um perguntava-lhe se o achava lindo. Aladim, quando se lhe apresentava outro, já ia exclamando: ‘Meu tio, este é mais lindo que o que acabamos de ver.’ Contudo, cada vez mais iam se afastando; e o mágico, que queria afastar-se ainda mais para pôr em execução o seu plano, valeu-se da oportunidade de entrar num dos jardins. Sentou-se ao lado de um tanque que recebia água límpida da bocarra de um leão de bronze, e fingiu-se cansado. ‘Meu sobrinho, tu também deves estar fatigado. Refaçamos as forças, para depois continuarmos o passeio.’

Ao sentar-se, o mágico tirou da faixa que lhe envolvia a cintura bolos e frutas e colocou-os na borda do tanque. Depois, repartiu um dos bolos com Aladim; quanto às frutas, deixou que o rapaz escolhesse as que lhe apetiessem. Durante a refeição, recomendou ao sobrinho que abandonasse a companhia dos maus amigos e se aproximasse dos homens honestos. ‘Dentro de alguns anos’, disse-lhe, ‘serás homem como eles; portanto, convém que desde já trates de imitá-los em tudo.’ Por fim, levantaram-se e continuaram a

caminhar, atravessando jardins apenas separados um do outro por fossos que, embora servindo de limites, não impediam as comunicações. A confiança dos habitantes daquela capital levava-os a não tomar outras precauções contra uma possível invasão. Aos poucos foi o mágico africano levando Aladim para além dos jardins, em direção às montanhas.

Aladim, que nunca andara tanto na vida, cansou-se: ‘Meu tio’, perguntou ao mágico, ‘aonde vamos? Já deixamos bem para trás os jardins e agora só estou vendo montanhas. Se prosseguirmos, não sei se depois terei força bastante para voltar.’ ‘Ânimo, meu sobrinho’, respondeu-lhe o mágico; ‘quero mostrar-te outro jardim muito mais lindo que os que já viste. Não está longe, e quando chegarmos tu mesmo reconhecerás que te houveras arrependido deixando de contemplá-lo.’ Aladim, persuadido, deixou que o tio o conduzisse mais longe ainda, ouvindo histórias interessantes com as quais aquele tratava de lhe tornar mais suportável o cansaço.

Viram-se, então, entre duas montanhas de pouca altura e quase iguais, separadas por um estreito vale. Era o lugar para o qual o mágico pretendia, desde o início, levar Aladim, a fim de realizar um plano que o fizera ir da extremidade da África à China. ‘Não iremos mais longe, Aladim. Aqui, hei de mostrar-te coisas maravilhosas que os mortais desconhecem; quando as vires, hás de agradecer-me. Enquanto me preparo para acender o fogo, reúne gravetos e ramos secos.’

Tão grande era a quantidade de ramos secos que em pouco tempo Aladim fez um bom monte. O mágico acendeu imediatamente o fogo, e, no instante em que as chamas se elevaram, tirou de um dos bolsos um vidrinho e fez cair sobre a fogueira várias gotas de perfume nele contido que deram origem a uma espessa fumaça. Ao mesmo tempo, pronunciou palavras mágicas, cujo sentido Aladim, evidentemente, não compreendeu.

A terra estremeceu, e abriu-se, pondo a descoberto uma grande pedra com uma argola de bronze no meio. Aladim, assustadíssimo, quis fugir. Mas, sendo necessário, o mágico, encolerizado, não titubeou em pregar-lhe sonora bofetada que o atirou ao chão e quase lhe arrancou os dentes da frente e muito sangue lhe jorrou da boca. Tremendo e chorando, queixou-se o pobrezinho: ‘Mas, meu tio, que fiz para ser maltratado desta maneira?’

‘Tenho motivos para assim proceder’, respondeu o mágico, ‘e quero que me obedeças fielmente, se desejas merecer as grandes vantagens que vou te proporcionar.’ As palavras do mágico tranquilizaram um pouco Aladim; quando o mágico o viu sossegado, disse-lhe: ‘Viste o que fiz com o perfume e as palavras que proferi. Debaixo desta pedra oculta-se um tesouro que se destina a ti e que te fará um dia mais rico que qualquer soberano. Só tu podes tocar nesta pedra e levantá-la; eu mesmo não posso tirá-la. Executa, pois, cuidadosamente o que eu te ordenar, que o resultado será ótimo tanto para ti como para mim.’

Aladim, assombrado, esqueceu-se de tudo: ‘Meu tio’, perguntou ao mágico, ‘dizei-me o que devo fazer, que estou pronto a vos obedecer.’ ‘Alegro-me com a tua resolução’, respondeu-lhe o mágico, abraçando-o; ‘aproxima-te, pega esta argola e levanta a pedra.’ ‘Meu tio’, objetou Aladim, ‘sei que não tenho força bastante para isso; precisais ajudar-me.’ ‘Não, nada conseguiríamos juntos; tu sozinho é que deves levantá-la. Pronuncia o nome de teu pai e de teu avô ao segurar a argola, e levanta-a, que o farás sem nenhum esforço.’ Obedeceu Aladim e ergueu a pedra com facilidade.

Viu, então, um subterrâneo, com portinha e degraus. ‘Meu sobrinho’, disse-lhe o mágico, ‘desce, e quando chegares ao fim desta escada verás uma porta aberta pela qual irás ter a um recinto abobadado, dividido em três grandes salas. Em cada uma delas verás à direita e à esquerda quatro vasos de bronze cheios de ouro e prata. Não os toque. Antes de penetrar na primeira sala, levanta as tuas vestes até a cintura; depois, vai à segunda e daí à terceira, sem parar. Evita cuidadosamente aproximar-te demais das paredes; se tocares numa delas, nem que seja apenas com as vestes, morrerás. No fundo da terceira sala uma porta te permitirá entrar num jardim repleto de belas árvores carregadas de frutas; cruza esse jardim e atingirás uma escada de cinquenta degraus. Sobe por ela e irás ter a um terraço em que, num nicho, repousa uma lâmpada acesa. Pega-a, e depois de a apagar e atirar para fora o pavio e o líquido, guarda-a no peito e traze-a para mim. Não tenhas medo de sujar-te. O líquido não é azeite. Se quiseres algumas frutas do jardim, serve-te à vontade.’

Pronunciadas aquelas palavras, tirou do dedo um anel e colocou-o num dos dedos de Aladim, dizendo-lhe que se tratava de uma proteção contra qualquer mal. ‘Agora vai, meu filho, desce, que seremos ricos ambos por toda a vida.’

Aladim desceu imediatamente, e atravessou as três salas, não se esquecendo de observar com atenção tudo que lhe fora recomendado.

Atravessou o jardim, subiu ao terraço, agarrou a lâmpada acesa, atirou fora o pavio e o líquido e guardou-a. Depois, retirou-se, parou no jardim e examinou as frutas, brancas, luzidias, transparentes como cristal, vermelhas, verdes, azuis, roxas, amarelas, enfim de todas as cores. As brancas eram pérolas, as transparentes, diamantes, as vermelhas, rubis, as verdes, esmeraldas, as azuis, turquesas, as roxas, ametistas, e as amarelas, safiras. Tamanho e perfeição eram incomparáveis. Aladim, não lhes conhecendo o valor, não lhes deu a atenção que teria dado se se tratasse de figos, uvas e outras frutas da China. Tudo aquilo lhe pareceu apenas vidro de cor, inútil. No entanto, a diversidade das cores e o tamanho das frutas o levou a colher algumas, com as quais encheu os bolsos, além de duas grandes sacolas que o mágico lhe dera, e que ele atou à cintura, uma de cada lado.

Assim carregado, sem saber que transportava uma verdadeira riqueza, atravessou depressa as três salas, subiu a escada e chegou à entrada, onde o aguardava, impaciente, o mágico africano. Mal o viu, disse-lhe Aladim: ‘Meu tio, ajudai-me a subir’. Respondeu-lhe o mágico: ‘Filho, entrega-me antes a lâmpada’. ‘Perdão, meu tio’, respondeu Aladim, ‘eu vo-la entregarei assim que subir.’ Insistiu o mágico no seu propósito; mas Aladim recusou terminantemente ceder-lhe a lâmpada antes de sair. O mágico, então, encolerizado, completamente dominado pela fúria, lançou algumas gotas do perfume ao fogo e pronunciou algumas palavras. Imediatamente voltou ao seu lugar a pedra, e a terra mais uma vez a cobriu.

O mágico não era irmão de Mustafá, o alfaiate, nem era, portanto, tio de Aladim. Vinha realmente da África, e, como nessa região a mágica é a mais poderosa do mundo, a ela se dedicara desde a mocidade. Após quase quarenta anos de estudos, pudera descobrir a existência de uma lâmpada maravilhosa que o tornaria o homem mais poderoso do mundo, se lograsse apoderar-se

dela. Mediante a geomancia, ficara sabendo que a lâmpada se encontrava num subterrâneo do centro da China. Certo daquilo, abandonara a África e, após penosa jornada, chegara à cidade próxima do terreno. Mas não podia tocar na lâmpada e apoderar-se dela pessoalmente, tampouco entrar no subterrâneo.

Outra criatura devia ir buscá-la. Por isso é que escolhera Aladim, que se lhe afigurara indicado para aquela missão. Logo que se apoderasse da lâmpada, trataria de pronunciar sobre o fogo ainda aceso as duas palavras mágicas, sacrificando o infeliz à sua maldade sem nome. O bofetão e o tom autoritário destinavam-se a fazer com que Aladim, temendo-o, passasse a obedecer-lhe cegamente e, assim, quando ele lhe pedisse o tão desejado objeto, não vacilasse um instante em entregá-lo. Tudo porém saíra ao contrário do que ele esperava. E, se não empregou toda a maldade de que era capaz para desgraçar o pobre adolescente, foi porque temeu chamar a atenção de alguém e divulgar o que precisava ficar bem oculto.

Vendo as suas esperanças perdidas para sempre, não teve outra solução a não ser voltar para a África, o que fez naquele mesmo dia, enveredando por atalhos a fim de não entrar na cidade pelo mesmo lugar de que saíra com Aladim, receando ser notado.

Tinha a certeza de que o rapaz estava perdido e que nunca mais se ouviria falar nele; mas esqueceu-se de que lhe havia colocado no dedo um anel cujas virtudes iriam salvá-lo. É de admirar que aquela perda, com a da lâmpada, não tivesse mergulhado o mágico no mais negro dos desesperos. Mas os mágicos sempre estão acostumados aos dissabores.

Aladim, que não esperava absolutamente tão negra ingratidão por parte do suposto tio, já que dele recebera grandes benefícios, ficou estarrecido, como é fácil imaginar, ao ver-se enterrado vivo. Chamou-o repetidas vezes, dizendo que se prontificava a ceder-lhe a lâmpada. Mas era em vão. Assim, calou-se no meio das trevas. Finalmente, depois de parar de chorar, desceu mais uma vez a escada a fim de ir procurar a luz do jardim. Mas a parede, que fora aberta por encantamento, tornara a fechar-se. Aladim apalpou à direita e à esquerda, ansiosamente, mas não descobriu a porta. Gritou cada

vez mais; de repente, sentou-se nos degraus, certo de que nunca mais veria a luz e certo também de que daquelas trevas só passaria para as da morte.

Dois dias permaneceu naquele estado, sem comer e sem beber; no terceiro, tendo como inevitável a morte, levantou as mãos, e, resignado aos desígnios de Deus, bradou: ‘Não há outra força nem outro poder, senão os de Deus, que é grande e poderoso!’ Ao unir as mãos, sem querer esfregou o anel que o mágico lhe dera, e cujos poderes desconhecia. Imediatamente um gênio de tamanho enorme e aspecto impressionante pôs-se de pé diante dele, tocando com a cabeça a abóbada, e perguntou:

‘O que desejas? Aqui estou, pronto para obedecer-te, como escravo teu e de todos os possuidores desse anel’.

Em qualquer outra ocasião, Aladim, que nunca vira gênios, teria emudecido. Mas, aflito e no perigo em que se achava, respondeu depressa: ‘Quem quer que sejas, tira-me deste lugar, se para isso tens poder bastante.’ Mal pronunciou aquelas palavras, abriu-se a terra e ele viu-se fora do subterrâneo, no mesmo lugar em que o mágico o havia deixado.

Privado da luz do dia por tão longo tempo, a princípio ficou ofuscado. A ela se foi habituando aos poucos, e olhando em volta ficou admirado de não ver na terra nenhuma abertura. Não podia compreender de que forma conseguira sair de lá dentro. Ao voltar para a cidade, percebeu-a no meio dos jardins que a rodeavam e, reconhecendo o caminho pelo qual seguira com o mágico africano, por ele enveredou, agradecendo a Deus por estar de novo no mundo. Chegado à cidade, apressou-se em rumar para casa. Ao entrar, a alegria por revê-la aliada à fraqueza oriunda de não comer durante três dias o fizeram desmaiar. Sua mãe, que já o chorava como perdido ou morto, tratou imediatamente de fazê-lo recobrar os sentidos. Quando voltou a si, as suas primeiras palavras foram: ‘Minha boa mãe, antes de tudo peço-vos alguma coisa para comer. Há três dias que não me entra nada no estômago.’ A mãe, trazendo-lhe o de que dispunha naquele momento, disse-lhe: ‘Meu filho, não tenhas pressa, que é perigoso. Come devagar. Não quero que me fales agora. Terás tempo de sobra para contar-me o que te aconteceu, quando estiveres inteiramente restabelecido. Estou muito contente por rever-te!’

Aladim seguiu o conselho. Comeu calmamente, e sorveu alguns tragos. Depois, disse-lhe: ‘Minha querida mãe, deveria queixar-me por me haverdes confiado tão facilmente à sanha de um indivíduo que tencionava perder-me e que a estas horas tão certo está da minha morte que nada teme. Como pudemos crer que ele fosse meu tio! Mas como podíamos duvidar de um homem que me encheu de tantos benefícios? Pois, minha mãe, não passa de um traidor, de um pérfido. Se me fez o bem foi apenas para conseguir o objetivo de perder-me. Posso assegurar-vos que não lhe dei razões para que tão mal me tratasse. Vê-lo-eis vós mesma pela minha narração de tudo quanto se passou desde o instante em que vos deixei até o momento em que ele executou o seu horrível intento.’

Aladim contou a sua mãe tudo quanto lhe sucedera desde a sexta-feira em que o mágico o levava a visitar os palácios e jardins dos arredores da cidade, o que lhe sucedera no caminho até o lugar em que se erguiam as duas montanhas, e como, lançando um perfume ao fogo e proferindo palavras mágicas, o tio abrira a terra, descobrindo a entrada de um subterrâneo em que se ocultava maravilhoso tesouro. Não se esqueceu de mencionar o bofetão e de dizer como, depois de acalmar-se um pouco, o mágico, mediante grandes promessas, e pondo-lhe no dedo o anel, o fizera descer ao subterrâneo. Nada omitiu do que vira, nem a lâmpada nem as frutas transparentes e de diversas cores. Sua mãe não deu importância àquelas frutas, que, no entanto, eram pedras preciosas, cujo esplendor, igual ao do Sol, indicava o seu enorme valor. Mulher criada pobremente, não podia avaliar tão grande riqueza. Além disso, nunca vira pedras daquelas com nenhuma das vizinhas; logo, não é de admirar que só as julgasse coisas de pouco valor, bonitas apenas. Aladim escondeu-as atrás de uma das almofadas do sofá. Terminada a narração da aventura, disse-lhe que, ao recusar-se a entregar a lâmpada ao mágico, este, irritado, fechara imediatamente o subterrâneo, valendo-se de outro encantamento. Não pôde continuar sem chorar ao lembrar-se do seu desespero, quando se vira sepultado no subterrâneo fatal de onde lograra sair pelos poderes desconhecidos do anel que recebera do tio. ‘Não é preciso contar-vos mais’, disse a sua mãe. ‘Eis a aventura que tive, e o perigo que corri desde que de vós me separei.’

A mãe de Aladim teve a paciência de ouvir a extraordinária história sem interromper o filho, a quem muito amava não obstante todos os seus defeitos. Nos pontos mais impressionantes, porém, e que mais revelavam toda a maldade do mágico africano, indignava-se. Mal Aladim acabou, proferiu uma torrente de injúrias contra o traidor, chamando-o de pérfido, bárbaro, assassino, destruidor do gênero humano. ‘Sim, meu filho’, acrescentou, ‘ele é um mágico, e os mágicos são seres amaldiçoados, pois mantêm contato com os demônios. Louvado seja Deus que não permitiu que ele tivesse feito contra ti a sua maldade! Deves agradecer-lhe, pois morrerias inevitavelmente, se Deus não se tivesse lembrado de ti.’ Disse ainda outras coisas, amaldiçoando sempre o que o mágico fizera com o filho. De repente, notando que Aladim estava morto de sono, visto que havia três dias não sabia o que era dormir, mandou-o deitar-se.

Aladim dormiu a noite inteira, só acordando no dia seguinte, muito tarde. Levantou-se, então, e pediu a sua mãe que lhe desse alguma coisa de comer. ‘Ai de mim, filho, não tenho sequer um pedaço de pão para dar-te! Ontem comeste tudo quanto me restava. Mas espera: vou trazer-te alguma coisa; um pouco de algodão que fiei me dará o dinheiro suficiente para o almoço.’ ‘Minha boa mãe’, respondeu Aladim, ‘guardai o vosso trabalho para outra oportunidade e dai-me a lâmpada que eu trouxe para casa. Com o dinheiro que me derem por ela terei com que almoçar e jantar.’

A mãe de Aladim foi buscá-la: ‘Aqui está’, disse ao filho; ‘mas está muito suja. Se a limparmos um pouco, o preço poderá ser maior.’ Preparou, então, água e areia fina; mas, apenas começou a esfregá-la, um medonho e gigantesco gênio se levantou e perguntou-lhe com voz de trovão: ‘O que queres? Estou pronto a obedecer-te como escravo teu e de todos os possuidores desta lâmpada. E não somente eu, mas também os demais escravos da lâmpada.’

A mãe de Aladim não pôde responder, não suportando ver aquela figura horrível. Tão grande foi o seu susto que perdeu os sentidos.

Mas Aladim, que já vira coisa semelhante no subterrâneo, sem perder a presença de espírito, agarrou depressa a lâmpada e, substituindo sua mãe, por ela respondeu sem medo: ‘Tenho fome, traga-me de comer.’ O gênio

desapareceu imediatamente, para voltar logo em seguida carregando à cabeça uma enorme bandeja de prata com 12 pratos do mesmo metal, contendo excelentes iguarias, e em cima de cada prato seis grandes pães brancos como a neve; trazia nas mãos duas garrafas de vinho delicioso e duas taças também de prata. Depois de colocar tudo aquilo sobre o sofá, tornou a desaparecer.

Tão rápida foi a cena, que quando a mãe de Aladim voltou a si o gênio já havia sumido. Aladim, que já havia experimentado inutilmente fazê-la voltar a si, continuava a refrescar-lhe o rosto com água; de repente, ela recobrou os sentidos, talvez por causa do suave aroma das finas iguarias trazidas pelo gênio. ‘Minha mãe’, disse-lhe Aladim, ‘tudo acabou. Levantai-vos e comei comigo. Temos alimento em abundância que bastará para satisfazer-nos. Não deixemos esfriar os pratos!’

Encheu-se de assombro a mãe de Aladim ao ver a grande bandeja, os 12 pratos, os seis pães, as duas garrafas de vinho e as duas taças, e ao sentir o delicioso aroma dos apetitosos guisados. ‘Meu filho’, perguntou a Aladim, ‘de onde vem tudo isto? A quem devemos tão grande generosidade? Terá tido o sultão conhecimento da nossa miséria e terá se apiedado de nós?’ ‘Minha mãe’, respondeu Aladim, ‘sentemo-nos e comamos. Tanto vós como eu estamos com fome. Depois, vos contarei o que se passou.’ Comeram, então, com muito bom apetite.

A mãe de Aladim não se cansava de admirar a bandeja e os pratos, embora não soubesse bem se eram de prata ou de outro metal. Movia-a apenas a admirá-los a novidade e não o seu valor.

Aladim e ela, que pretendiam simplesmente almoçar, ainda se achavam à mesa na hora do jantar. As excelentes iguarias eram extremamente convidativas. E ambos refletiram não ser mal reunir numa só refeição o almoço e o jantar. Terminado o banquete, restou-lhes ainda o bastante para a ceia e para duas copiosas refeições no dia seguinte.

Finalmente, tirando a mesa, sentou-se a mãe ao lado do filho no sofá. ‘Aladim’, disse-lhe, ‘espero que satisfaças a impaciência que me domina de ouvir a história que me prometeste.’ Aladim contou-lhe tudo que sucedera durante o seu desmaio.

A mãe de Aladim pasmou com as palavras do filho. ‘Mas, Aladim, que pretendes dizer com tais gênios? Desde que nasci, não sei de ninguém que jamais os visse. Por que se dirigiu o gênio da lâmpada a mim e não a ti, a quem ele já havia aparecido no subterrâneo?’ ‘Minha mãe’, respondeu Aladim, ‘esse gênio não é o mesmo que me apareceu debaixo da terra. Assemelham-se um pouco na estrutura gigantesca, mas diferem nas feições e nas vestes. Por isso pertencem a amos diversos. Lembrai-vos de que o que vi no subterrâneo se apresentou como escravo do anel, e o que acabastes de ver se confessou escravo da lâmpada. Creio, porém, que nada ouvistes, pois perdestes os sentidos imediatamente.’ ‘Como? Pois então foi a lâmpada a causa de o maldito gênio falar a mim? Ah, meu filho, tira-a da minha presença, guarda-a onde quiseses, que eu não quero mais vê-la. Prefiro quebrá-la ou vendê-la a morrer de susto quando a tocar. Crê em mim, Aladim, desfaze-te também do anel. Não devemos tratar com gênios. Não passam de demônios, já o disse o profeta.’ ‘Minha mãe, perdoai-me’, respondeu Aladim, ‘livre-me Deus de vender uma lâmpada que, a partir de agora, será utilíssima a mim e a vós. Não vistes o que acabou de nos dar? Precisa continuar a dar-nos de comer, precisa continuar a sustentar-nos. Não era sem razão que meu falso tio empreen-

deu tão penosa viagem para se apossar dessa lâmpada maravilhosa, não era sem razão que a preferia a todo o ouro e a prata das salas. Sabia muito bem o valor deste objeto. Visto que o acaso nos levou a descobrir todos os seus poderes, façamos dela uso proveitoso, sem comentários, porém, a fim de que se não encham de inveja os nossos vizinhos. Afastá-la-ei da vossa presença e guardá-la-ei em lugar seguro, já que tanto vos aterrorizam os gênios. Quanto ao anel, também não quero desfazer-me dele. Sem o anel, nunca mais me teríeis revisto. Permiti, pois, minha mãe, que eu o conserve e o use no dedo. Quem sabe se não terei de enfrentar outro perigo imprevisível?’ Parecendo justas e sensatas as palavras do filho, sua mãe limitou-se a dizer-lhe: ‘Faze o que queres. Eu, contudo, não quero tratar com gênios. Lavo, por conseguinte, as mãos, e sobre este assunto não falarei mais.’

No dia seguinte, depois da ceia, nada restou das iguarias trazidas pelo gênio. No outro dia, Aladim, não desejando esperar que a fome se fizesse

sentir, escondeu um dos pratos de prata debaixo da veste, e de manhã saiu para vendê-lo, dirigindo-se a um judeu que encontrou pelo caminho, e a quem o mostrou.

O judeu, homem muito astuto, pegou-o, examinando-o, e mal viu tratar-se de prata da melhor perguntou a Aladim quanto queria por ele. Aladim, não conhecendo o valor da prata, pois nunca lidara com ela, respondeu-lhe que confiava nele. A ingenuidade do rapaz confundiu o judeu, que, na incerteza de saber se Aladim conhecia o valor daquele objeto, tirou da bolsa uma moeda de ouro, a septuagésima parte do preço, e ofereceu. Aladim aceitou-a. E imediatamente se afastou, enquanto o judeu, descontente, se maldizia por lhe não ter dado muito menos; e esteve a ponto de correr-lhe atrás, para obter uma redução. Mas Aladim já se achava bem longe.

No caminho para casa, entrou o rapaz numa padaria onde comprou pão para sua mãe e para ele, pagando com a moeda de ouro e recebendo o troco. Ao chegar, entregou a sua mãe o restante do dinheiro; e ela correu ao mercado a fim de comprar outras provisões necessárias para vários dias.

Assim foram vivendo. Aladim vendeu todos os pratos, um depois do outro, até o décimo segundo, ao mesmo judeu. Este, que pelo primeiro dera uma moeda de ouro, não teve coragem de lhe oferecer menos pelos demais, temendo perder tão excelente freguês. Assim, pagou por todos o mesmo preço. Gasto o dinheiro do último, foi a vez da bandeja, que pesava dez vezes mais do que cada prato. Tentou levá-la ao judeu, mas não pôde, em virtude do seu grande peso; viu-se, portanto, forçado a chamar o negociante à casa de sua mãe. E o judeu, depois de examiná-la bem, pagou-lhe dez moedas de ouro.

O dinheiro foi muito bem-usado nas despesas da casa. Aladim, sempre acostumado a viver ociosamente, desistira da companhia dos rapazes da sua idade desde a aventura com o mágico. Passava os dias passeando ou conversando com pessoas com quem travara amizade. Às vezes detinha-se nas lojas de mercadorias, e ficava a ouvir a conversa de varões distintos. Aos poucos foi adquirindo um verniz de conhecimento do mundo.

Gastas as dez moedas de ouro, teve um dia a ideia de vender a lâmpada. Pegou-a, pois, e esfregou-a exatamente no mesmo lugar em que a havia

esfregado sua mãe. Imediatamente o mesmo gênio se lhe apresentou para, dessa vez, perguntar-lhe em tom mais suave: ‘O que queres? Aqui estou para obedecer-te, como escravo teu e de todos os possuidores da lâmpada, não somente eu senão também os demais escravos da lâmpada.’ Respondeu-lhe Aladim: ‘Tenho fome, dá-me de comer.’ O gênio sumiu, para voltar em seguida carregado com um serviço de mesa igual ao da primeira vez. E, depois de colocá-lo sobre o sofá, desapareceu.

A mãe de Aladim, avisada com antecedência pelo filho, saíra para não achar-se em casa quando o gênio aparecesse. Pouco depois, ao voltar, viu a mesa bem-posta e ficou tão assombrada como na primeira vez. Sentados à mesa, fartaram-se mãe e filho, e ainda lhes restou com que passar muito bem os dois dias seguintes.

Quando Aladim percebeu que já não havia em casa nem pão nem outras provisões, e muito menos dinheiro, pegou um prato e tratou de procurar o judeu conhecido, para vendê-lo. Ao passar, porém, diante da oficina de um ourives, homem honrado, notou-o este, chamou-o e disse-lhe: ‘Meu filho, já te vi várias vezes ir falar com um judeu e voltar depois sem nada. Com certeza vendeste-lhe o que levavas; mas ignoras que esse homem é um ganancioso pior que os outros judeus. Ninguém quer ter negócios com ele. Se assim te falo é apenas para ajudar-te. Mostra-me o que trazes aí que eu te darei exatamente o seu valor, se me interessar; caso contrário, apresentar-te-ei outros mercadores que não serão capazes de enganar-te.’ A esperança de vender por melhor preço o prato levou Aladim a mostrá-lo ao ourives. O ancião, verificando imediatamente tratar-se de prata da mais fina, perguntou-lhe quanto lhe pagara o judeu cada um deles. Aladim confessou-lhe que recebera por 12 pratos do mesmo tipo 12 moedas de ouro. ‘Patife!’, exclamou o ourives. ‘Ouve, filho’, acrescentou, ‘o que passou, passou; mas quando eu te disser o valor exato deste prato, que é da melhor prata do mundo, verás como te enganou o judeu.’

Assim, pesou-o e depois de explicar a Aladim como se avaliava a prata, disse-lhe mais que, de acordo com o peso, ele valia exatamente 72 moedas de ouro, que lhe entregou sem perda de tempo. ‘Eis o justo valor. Se duvidas do

que afirmo, dirige-te a outro ourives honesto; e, se ele te disser que vale mais, pagar-te-ei o dobro.’

Aladim, comovido, agradeceu muito o conselho recebido; depois, a partir de então, só procurou esse mercador para vender os seus pratos, assim como a bandeja. Embora ele e sua mãe possuíssem uma verdadeira mina de prata na lâmpada, continuaram a viver com a modéstia de sempre. Aladim, entretanto, guardava alguma coisa para as suas despesas pessoais. Sua mãe, porém, preferia vestir-se com o produto da venda do algodão fiado. É fácil, assim, imaginar quanto tempo lhes duraria o dinheiro proveniente da venda dos pratos ao bom ourives. Desse modo, viveram alguns anos.

Aladim, que durante todo esse tempo não deixou de frequentar as lojas dos mercadores de ouro e de prata, tecidos e sedas, e pedras preciosas, e que às vezes participava da conversa de gente educada, acostumou-se, sem perceber, às boas maneiras. Na loja de mercadores de pedras se convenceu de que as frutas transparentes colhidas no jardim subterrâneo eram joias de enorme valor e não simples pedaços de vidro de cor, como sempre suspeitara. Não vendo, além disso, outras iguais às suas, percebeu que era senhor de imenso tesouro.

Teve, porém, o bom senso de não mencionar a descoberta a ninguém, nem a sua própria mãe. E o silêncio proporcionou-lhe a boa sorte que não tardou em encontrar.

Passeando, certo dia, por um dos bairros da cidade, ouviu, lida em alta voz, uma ordem do sultão para que se fechassem as lojas e as portas das casas, até que a princesa Badrulbudur, sua filha, passasse, de volta do banho.

O aviso do arauto despertou em Aladim a curiosidade de contemplar a princesa; só podia fazê-lo, porém, escondendo-se numa casa de gente conhecida, e por uma cortina; acresce que ela, de acordo com o costume, usaria um véu. Recorreu, pois, a outro expediente: colocou-se atrás da porta da terma, de tal maneira que não podia deixar de vê-la de frente mal chegasse.

Não esperou muito. A princesa não tardou em aparecer, e ele a viu, sem ser visto. Acompanhava-a grande número de mulheres e eunucos. A uns três

ou quatro passos da terma, tirou o véu, e, assim, permitiu que Aladim a contemplasse comodamente.

Até então não havia Aladim visto outras mulheres de rosto descoberto, a não ser sua mãe, mulher já idosa e que nunca fora realmente bela. Ouvira dizer que havia criaturas lindíssimas, mas, por mais que sejam as palavras que se empregam numa descrição, não causam nunca a mesma impressão que a realidade.

Ao fitar Badrulbudur, deixou imediatamente de pensar que todas as mulheres deviam parecer-se mais ou menos com a sua mãe, adquiriu novos sentimentos, e todo o seu coração se voltou para o objeto que acabava de enfeitiçá-lo. Com efeito, era a princesa a criatura mais formosa da Terra, tinha grandes olhos, olhar meigo e modesto, nariz bem-proporcionado, boca pequenina, lábios rubros e perfeitamente simétricos; enfim, era toda ela a mais completa perfeição. Não é, portanto, de estranhar que Aladim ficasse arrebatado, e quase fora de si diante de tantos encantos juntos, até então desconhecidos para ele. Ademais, possuía a princesa maravilhoso porte, cheio de tal majestosidade que conquistava imediatamente o respeito de todos.

Quando ela entrou na terma, ficou Aladim por certo tempo estático, gravando profundamente na sua memória a lembrança de tão linda mulher. Finalmente, voltou a si, e, refletindo que seria vão esperá-la, resolveu retirar-se.

Entrando em casa, não pôde esconder a sua grande perturbação. A mãe admirou-se de vê-lo triste e pensativo daquela maneira, e perguntou-lhe se havia sucedido alguma coisa ou se não estava se sentindo bem. Mas o filho não lhe respondeu, e sentou-se descuidadamente sobre o sofá, revendo com os olhos da mente a encantadora imagem de Badrulbudur. Sua mãe não insistiu, passando a preparar o jantar. Depois, serviu-o. Mas, percebendo que Aladim não prestava atenção a nada, pediu-lhe que comesse, ao que ele obedeceu, com relutância, todavia, comendo muito menos do que habitualmente, de olhos baixos e em tão profundo silêncio que a mãe não logrou obter uma resposta que fosse às perguntas feitas sobre o motivo de tão incomum mudança.

Depois do jantar, resolveu tornar a perguntar-lhe a razão daquela tristeza; nada pôde saber. Aladim, indo deitar-se, não lhe deu a menor satisfação.

Se nos detivermos a imaginar como passou a noite Aladim, arrebatado pelos encantos da princesa, diremos que no dia seguinte, estando de novo sentado no sofá diante de sua mãe, que fiava algodão, disse-lhe: ‘Minha boa mãe, vou romper o silêncio em que me vedes desde ontem, quando voltei do passeio à cidade, porque vejo que sofreis. Não estava doente, como supusestes, nem estou. Mas o que eu sentia e o que ainda estou sentindo é alguma coisa pior que qualquer doença. Não sei bem que mal é o meu, mas estou certo de que apenas eu ao explicá-lo sabereis reconhecê-lo. Ninguém soube neste bairro que ontem a princesa Badrulbudur, filha do sultão, ia ao banho. Soube da notícia quando passeava pela cidade. Ouvi uma ordem para que se fechassem as lojas e cada um se recolhesse à sua casa, a fim de prestar à princesa a honra que lhe é devida, deixando-lhe o caminho livre. A grande curiosidade de vê-la de rosto descoberto deu-me a ideia de colocar-me atrás da porta da terma, refletindo que talvez ela tirasse o véu ao se aproximar. Realmente, ao entrar, tirou-o e eu tive a enorme ventura de contemplar o mais belo rosto do mundo. Eis, minha mãe, a razão pela qual me vistes ontem tão triste quando cheguei, e a razão pela qual me mantive calado até agora. Amo aquela criatura com um amor cuja força é tal que não sei exprimir; e, como este amor cresce a cada instante, sei que só conseguirei satisfazê-lo com a posse da encantadora Badrulbudur. Assim, estou decidido a pedi-la em casamento ao sultão.’

A mãe de Aladim ouviu com atenção todas as palavras do filho. Quando, porém, soube que tencionava pedir a mão da princesa, não pôde deixar de interrompê-lo com uma sonora gargalhada. Aladim quis prosseguir, mas ela, interrompendo-o outra vez, disse-lhe: ‘Ah, meu filho, que ideia é esta tua? Deves ter enlouquecido para falar deste modo!’ ‘Minha boa mãe’, respondeu ele, ‘asseguro-vos que continuo com o meu juízo. Previ as vossas repreensões; mas nada poderá impedir que eu vos repita ter tomado tal resolução e desejar pedir a mão da princesa Badrulbudur ao sultão.’ ‘Na verdade’, insistiu a mãe, falando muito seriamente, ‘não posso deixar de repetir-te que deves ter perdido o juízo. Mas, supondo que pretendesse

executar tal resolução, quem ousaria incumbir-se da missão de apresentar-se à corte?’ ‘Vós’, respondeu imediatamente Aladim. ‘Eu?!’, estranhou a mãe. ‘Eu apresentar-me ao sultão?! Ah, cuidarei bem de não embarcar nesta aventura! E quem és tu, meu filho’, continuou, ‘para ousares aspirar à filha do teu sultão? Já te esqueceste de que és filho de um dos mais ínfimos alfaiates da capital e de uma mãe cujos antepassados em nada se destacaram? Os sultões, meu filho, não se dignam dar as filhas em casamento nem aos filhos de sultões sem esperança de, um dia, governarem como eles.’ ‘Minha mãe’, disse Aladim. ‘Já vos disse que previ todas as vossas palavras. Nem elas, nem nada me fará mudar de opinião. Ireis pedir a mão da princesa Badrulbudur; é um favor que vos rogo com todo o respeito. Suplico-vos atender-me, a não ser que prefirais ver-me morrer a dar-me a vida pela segunda vez.’

A mãe de Aladim ficou sem saber o que fazer quando viu a teimosia do filho numa ideia tão distante do bom senso. ‘Filho’, continuou, ‘sou tua mãe, e, por haver-te dado à luz, não há nada, dentro do sensato, que eu não esteja pronta a fazer por ti. Se se tratasse de um pedido de casamento com a filha de um dos vizinhos, de condições iguais ou quase iguais às nossas, não vacilaria e faria tudo quanto me fosse possível; mesmo nesse caso, porém, seria preciso que dispusesse de alguns bens ou que tivesses um bom ofício. Quando nós, pobres, queremos nos casar, a primeira coisa que se faz necessária é ter o suficiente para viver. Deixando de lado a humildade do teu nascimento, os teus poucos bens, aspiras ao mais alto dos voos, à mão da filha do soberano, que, com uma só palavra, pode esmagar-te. Reflete no que pretendes. Como podes ter tido a ideia de que eu vá à presença do sultão pedir-lhe que te dê a mão de sua filha? Supondo que eu tenha a desfaçatez de ir à Sua Majestade com tão extravagante proposta, a quem me dirigirei para entrar? Não achas que o primeiro a quem eu falasse me trataria de louca e me expulsaria? Supondo, mais, que consiga chegar à presença do sultão, visto que sei não haver dificuldades, quando se trata de lhe pedir justiça ou alguma graça que ele quase sempre concede de muito boa vontade aos merecedores, estarás tu, por acaso, no número destes? Achas que mereces a graça que vou suplicar? És digno dela? Que fizeste pelo teu soberano ou pela tua pátria, e em que te salientaste? Coloca-te no meu lugar; como poderei

pedir uma coisa dessas? Como poderei abrir a boca para falar ao sultão? A sua grandeza e o brilho da sua corte me fariam calar imediatamente a mim, que tremia sempre diante de teu pai, quando me via obrigada a pedir-lhe alguma coisa, por insignificante que fosse. Esqueces-te ainda de outra razão. Aladim: ninguém se apresenta aos sultões sem um presente quando pretende solicitar uma graça. Os presentes, ainda que seja recusada a graça pedida, têm a vantagem de fazer com que o portador possa falar sem ser expulso com indignação. Mas que presentes podes tu oferecer? Ainda que possuísses alguma coisa digna da atenção de tão grande rei, qual seria a proporção entre o teu presente e a tua pretensão? Volta a ti, meu filho, e lembra-te de que aquilo a que aspiras é impossível.’

Aladim ouviu com atenção as palavras de sua mãe, e depois de bem refletir disse-lhe: ‘Confesso que sou demasiadamente ousado com as minhas pretensões, e que vos faltei ao respeito exigindo que fôsseis levar a proposta de casamento ao sultão, sem arranjar antes os meios que permitam uma boa acolhida. Nesse ponto, peço-vos perdão, minha mãe. Mas, dominado como estou pela minha paixão, não vos admireis de não haver eu considerado logo tudo quanto se faz preciso para que eu tenha a satisfação que almejo. Amo Badrulbudur muito mais do que imaginais, ou melhor, tenho por ela verdadeira veneração, e insisto na minha ideia de desposá-la. A isso estou firmemente resolvido. Agradeço-vos, contudo, as vossas boas palavras. Dissestes-me que ninguém se apresenta ao sultão sem um presente digno dele. Mas, quanto a não ter eu nada que lhe possa ser levado, crede-me, minha boa mãe, o que eu trouxe para casa, quando evitei a morte da maneira que sabeis, há de constituir presente dos mais agradáveis ao soberano. Refiro-me aos que supúnhamos, vós e eu, simples vidros coloridos. Pois sabeis que são pedras do mais alto valor, dignas dos mais altos monarcas. Conheci-lhes o valor frequentando as lojas dos mercadores de pedras. As que vi não se lhe comparam, nem no tamanho nem na beleza, e, no entanto, possuem preço exorbitante. Ignorávamos, vós e eu, o valor das nossas. Mas, pelo que me é dado julgar com a pouca prática que possuo, estou certo de que serão recebidas com enorme alegria pelo sultão. Trazei-me o vaso de porcelana grande que possuí, e vejamos como ficam colocadas nele.’

A mãe entregou-lhe o vaso. Aladim, tirando as pedras das bolsas em que estavam guardadas, arrumou-as com arte. O efeito delas, à luz do dia, com as suas cores variadas, o seu esplendor, foi tal que mãe e filho quase ficaram ofuscados. É verdade que Aladim já as contemplara sobre as respectivas árvores como frutas maravilhosas, mas, sendo muito criança ainda naquela ocasião, só vira nelas brinquedos.

Após admirar a esplêndida beleza do presente, continuou Aladim: ‘Minha boa mãe, já tendes agora um ótimo presente para o sultão. Com ele sereis recebida da maneira mais favorável.’

Muito embora a mãe de Aladim, apesar do esplendor do presente, não o julgasse tão valioso como o filho garantia, pareceu-lhe que seria aceito, e nesse ponto deixou de insistir. Insistiu, porém, repetidamente, sobre a graça que o filho aguardava do sultão, dominada que estava pelas preocupações: ‘Meu filho’, disse-lhe, ‘não duvido de que este presente surtirá efeito e que o sultão me acolherá de boa vontade; mas, quando tiver de lhe apresentar o teu pedido, creio que não serei capaz sequer de falar. Portanto, além do presente, perderei também o meu tempo, e envergonhada voltarei para dizer-lhe que abandones a tua louca esperança. Contudo, submeto-me à tua vontade, e farei o que desejas: de duas uma, ou o sultão se rirá de mim, e me expulsará, ou se indignará com toda a razão e tu e eu seremos vítimas da sua cólera.’

Expôs ainda outros motivos para fazer com que o filho desistisse do intento; mas os encantos da princesa, gravados no âmago do seu coração, agiam com força incrível, e Aladim continuou a exigir de sua mãe que executasse o plano traçado. E ela, um tanto pela ternura que lhe tinha, como para que ele não recorresse a extremos, concordou.

Sendo já muito tarde, ficou a ida ao palácio para o dia seguinte. Mãe e filho não falaram em outra coisa durante o resto daquele dia, e Aladim teve o cuidado de continuar a induzi-la àquele passo. Apesar, porém, de todos os motivos apresentados pelo filho, não se convenciu que lograria êxito. ‘Meu filho, se o sultão me acolher favoravelmente, como desejamos, se der ouvidos à proposta e se tiver a ideia de perguntar-me onde estão os teus bens, as tuas riquezas e os teus Estados, o que deverei responder-lhe?’ ‘Minha boa mãe’, respondeu Aladim, ‘não nos preocupemos com coisas que talvez não se

verifiquem. Tratemos de ver, primeiro, a espécie de acolhida do sultão e a sua resposta. Se ele desejar, depois, todas as informações que acabais de mencionar, estudarei a resposta. Estou certo de que a lâmpada não me faltará em tal emergência.’

Nada respondeu a mãe de Aladim às últimas palavras do filho, refletindo que a lâmpada talvez servisse realmente para maiores maravilhas ainda. Com isso, sentiu-se mais aliviada, e Aladim, lendo-lhe o pensamento, acrescentou: ‘Guardai o segredo, minha mãe, que dele depende o nosso êxito.’ Logo depois, deitaram-se para descansar. Mas a paixão e os grandes planos que o atormentavam impediram que Aladim passasse a noite com sossego, como desejava. De madrugada, levantou-se e foi acordar sua mãe, instando-a a que se vestisse depressa para ir à porta do palácio e esperar que a fizessem entrar para ser levada à presença do sultão, do grão-vizir, dos vizires e de todos os grandes dignitários da corte.

A mãe fez tudo que seu filho pedira. Pegou o vaso de porcelana com as pedras, embrulhou-o em dois panos, um muito fino e limpo, outro menos e saiu com enorme satisfação de Aladim, tomando o caminho do palácio do sultão. O grão-vizir, os vizires e os dignitários da corte já tinham entrado quando ela chegou à porta. A multidão que aguardava era grande. Finalmente, aberta a porta, ela entrou num belo salão amplo e magnífico, e parou na frente do sultão ladeado pelos seus conselheiros. Chamadas pela ordem, foram as diversas causas expostas, defendidas e julgadas. Levantou-se, então, o monarca, despediu o conselho e retirou-se acompanhado pelo grão-vizir. Os demais vizires e conselheiros retiraram-se também, assim como todos os que se haviam dirigido ao palácio para negócios, uns contentes por terem ganho as suas questões, outros descontentes, e outros, ainda, com a esperança de ser submetidos a julgamento na sessão seguinte.

A mãe de Aladim, quando o sultão se levantou e se afastou, supôs que ele não reapareceria mais naquele dia; resolveu, portanto, voltar. Aladim, vendo-a entrar novamente com o presente destinado ao sultão, não teve coragem de perguntar-lhe que notícias tinha. A boa mãe, que nunca entrara no palácio do sultão e que desconhecia completamente as regras da corte, disse com grande simplicidade ao filho: ‘Vi o sultão, e estou certa de que ele também

me viu. Postei-me diante dele; mas estava tão entretido com os que lhe falavam que tive pena da sua enorme paciência. Finalmente, aborrecido, segundo creio, levantou-se inesperadamente e retirou-se sem querer ouvir outros suplicantes. Contudo, fiquei satisfeita, porque estava começando a cansar-me de tanto ficar de pé. Voltarei lá amanhã, e talvez encontre o sultão mais bem-humorado e menos ocupado.’

Aladim viu-se obrigado a contentar-se com aquela desculpa e esperar, tendo pelo menos a satisfação de notar que sua mãe cumprira a parte mais difícil que era a de não perturbar-se na presença do sultão. Era de esperar, portanto, que, seguindo o exemplo dos outros suplicantes, soubesse desempenhar a missão a contento, quando para isso tivesse a oportunidade.

No dia seguinte, cedinho como na véspera, voltou ela ao palácio com as pedras preciosas. Mas foi inútil a sua ida, pois achou fechada a porta do conselho. Soube, então, que este só se reunia de dois em dois dias. Levou a notícia ao filho, que, mais uma vez, teve de ter paciência. Enfim, sua mãe voltou ao palácio outras seis vezes, permanecendo sempre na frente do sultão, mas não conseguindo falar-lhe; e talvez houvesse ido lá outras cem, sem nenhum êxito, se o sultão não a tivesse notado.

Terminado o conselho, ao entrar o sultão no seu gabinete, disse ao grão-vizir: ‘Já faz tempo que observo a presença regular de certa mulher que me traz alguma coisa envolta num pano, e que fica de pé desde o começo da audiência até o fim. Sabeis o que ela deseja?’

O grão-vizir, que a tudo desconhecia, não quis deixar de responder alguma coisa: ‘Senhor, não ignorais que as mulheres costumam às vezes queixar-se de insignificâncias. Esta, ao que me parece, vem queixar-se, sem dúvida, de lhe terem vendido farinha de péssima qualidade ou de a terem prejudicado em coisa de nenhuma importância.’ O sultão não se satisfez com a resposta, e disse: ‘No primeiro dia de conselho, se ela voltar, não deixeis de mandá-la chamar, para que eu a ouça.’ O grão-vizir beijou-lhe a mão e pô-la sobre a sua cabeça, para indicar que estava pronto a perdê-la, se não cumprisse a ordem recebida.

Já de tal forma se habituara a mãe de Aladim a comparecer ao conselho do sultão que não dava a menor importância ao seu trabalho inútil, contanto

que mostrasse ao filho fazer por ele tudo quanto lhe agradasse. Voltou, por conseguinte, ao palácio no dia do conselho, e, como sempre, postou-se diante do sultão.

Ainda não havia o grão-vizir dado ouvidos a nenhuma questão, quando o monarca a reconheceu, e, apiedado de tão grande paciência, ordenou ao grão-vizir: ‘Em primeiro lugar, eis aí a mulher de quem vos falei. Chamai-a imediatamente, e resolvamos o assunto que aqui a traz.’ O grão-vizir apontou a mãe de Aladim ao chefe dos guardas e ordenou que a fizessem subir.

O chefe dos guardas aproximou-se dela e com um gesto lhe pediu que o seguisse aos pés do trono, onde a deixou para voltar ao seu posto perto do grão-vizir.

A mãe de Aladim, imitando o exemplo de tantos outros que se haviam aproximado do sultão, prostrou-se com o rosto sobre o tapete dos degraus do trono, e assim ficou até que o sultão se dignasse ordenar-lhe que se levantasse. ‘Boa mulher’, disse-lhe ele, ‘há muito tempo que vos vejo ficar de pé no conselho, desde o princípio até o fim. O que quereis?’

Pela segunda vez, prostrou-se a mãe de Aladim. E, depois de levantar-se, disse: ‘Ó rei, maior que todos os reis do mundo, antes de vos expor o motivo extraordinário e incrível que me traz aos pés do vosso sublime trono, suplico-vos que me perdoeis a ousadia. É tão fora do comum o meu pedido que tremo e tenho medo de vo-lo apresentar.’ Para dar-lhe plena liberdade de falar, ordenou o sultão que saíssem do conselho todos, com exceção do grão-vizir.

A mãe de Aladim, muito grata pela bondade do sultão, que lhe evitara o desgosto de falar na presença de tanta gente, quis ainda escapar à sua possível indignação, perante a proposta que iria apresentar-lhe: ‘Senhor, suplico-vos também que, se achardes desagradável ou injuriosa a proposta que vou apresentar-vos, me concedais o vosso perdão.’ ‘Seja o que for, perdoo-vos desde já. Nada vos acontecerá. Falai francamente.’

Tomadas tais precauções, por temer a cólera do sultão, contou-lhe em que oportunidade vira Aladim a princesa Badrulbudur, e o forte amor que ela lhe inspirara. Contou-lhe, mais, tudo que fizera para dissuadi-lo daquele amor ‘tão injurioso a vós’, disse ao sultão, ‘como à princesa vossa filha; meu

filho, porém, não ouvindo os meus conselhos, e perseverando na sua ousadia, ameaçou levar a cabo um ato de desespero, se eu me recusasse a vir pedir a princesa em casamento. Muito me custou tal ato, e mais uma vez vos suplico perdão, não só a mim, como também a Aladim por ter tido a temerária ideia de aspirar a tão elevada união.’

O monarca ouviu aquelas palavras com extrema bondade, sem dar sinal de cólera nem de indignação, e sem rir-se. Perguntou-lhe, depois, o que trazia envolto naquele pano. Ela, descobrindo imediatamente o jarro de porcelana, apresentou-o.

É impossível descrever o assombro do sultão ao ver naquele vaso preciosas pedras tão perfeitas, brilhantes e de tamanho incomparável. Por algum tempo, ficou imóvel. Finalmente, recobrando a presença de espírito, exclamou com enorme alegria: ‘Ah, que maravilha e que riqueza!’ Depois de admirar e tocar quase todas as pedras, avaliando-as, voltou-se para o grão-vizir e, apontando para o vaso, disse: ‘Concordai comigo que não pode haver no mundo coisa mais rica e esplêndida.’ O grão-vizir, pasmado, não soube o que responder. ‘Então’, prosseguiu o monarca, ‘que vos parece este presente? Não é bem digno da princesa?’

Aquelas palavras muito perturbaram o grão-vizir. Havia tempo que o sultão lhe dera a compreender que pretendia ver sua filha desposar-lhe o filho. Temeu, e com razão, que o soberano, fora de si com tão extraordinário presente, mudasse de ideia. Por conseguinte, aproximando-se, disse-lhe ao ouvido: ‘Senhor, não é possível negar que seja digno da princesa; mas suplico-vos conceder-me três meses antes de vos decidirdes. Durante esse tempo, espero que o meu filho consiga oferecer-vos outro superior ao desse Aladim que sequer conheceis.’ O sultão, embora persuadido da impossibilidade de o grão-vizir arranjar para o filho presente que superasse aquele, resolveu atendê-lo. Portanto, voltando-se para a mãe de Aladim, ordenou-lhe: ‘Retirai-vos, minha boa mulher, voltai para casa e dizei a vosso filho que aceito de boa vontade a sua proposta. Mas não posso ceder-lhe a princesa, minha filha, sem preparar-lhe, antes, o enxoval, o que me levará cerca de três meses. Voltaí, pois, depois desse tempo.’

Regressou a mãe de Aladim para casa, contentíssima por ter sido bem-acolhida pelo sultão e por ter obtido resposta favorável em vez de uma repulsa que a cobriria de vergonha. Duas coisas deram a ver a Aladim que sua mãe trazia boas notícias: voltar mais cedo e ter no rosto uma grande alegria. ‘Minha mãe, posso esperar, ou serei obrigado a morrer de desespero?’ Ela, sentando-se no sofá com ele, disse-lhe: ‘Meu filho, para que não fiques por mais tempo na incerteza, dir-te-ei em primeiro lugar que tens ótimos motivos para ficar contente.’ Continuando, disse-lhe que fora chamada antes de todos os outros, e que por isso é que voltara tão cedo; as suas precauções a fim de que o sultão não se ofendesse com a proposta de casamento haviam surtido efeito, e o sultão dera-lhe a resposta favorável pela própria boca. Contou também que, a deduzir pelo aspecto do monarca, o presente era a verdadeira causa do seu imediato consentimento. ‘Para ser franca, não esperava resposta tão agradável, visto que o grão-vizir, falando-lhe ao ouvido, me fez recear que conseguiria desviá-lo da atitude tomada.’

Aladim considerou-se o mais venturoso dos homens, agradeceu a sua mãe, e, apesar de, com a sua impaciência, lhe parecerem uma eternidade os três meses solicitados, resolveu aguardar, confiante na palavra do sultão que ele considerava irrevogável. Contando não somente as horas, senão também os minutos, passaram-se dois meses, quando sua mãe, desejando uma noite acender a lâmpada notou não haver mais uma gota de azeite em casa. Saiu, portanto, para comprá-lo, e notou que na cidade reinava grande júbilo. As lojas mantinham-se abertas, e cada uma tratava de orná-las melhor. Todos davam grandes demonstrações de alegria. As ruas estavam repletas de cortesãos ricamente trajados, montados em cavalos luxuosamente selados, e circundados por um sem-número de criados a pé. Na loja em que comprava azeite, perguntou ao mercador o significado daquilo. ‘De onde vindes, minha boa mulher?’, perguntou-lhe ele, por sua vez. ‘Não sabeis que o filho do grão-vizir desposa hoje a princesa Badrulbudur, filha do sultão? A princesa não tardará em sair da terma, e os cortesãos que estais vendo se preparam para escoltá-la até o palácio, onde se realizará a cerimônia.’

Bastaram aquelas palavras à mãe de Aladim, que tornou a entrar em casa, esbaforida, correndo imediatamente ao encontro do filho, que estava muito

longe de receber tão má notícia. ‘Meu filho!’, gritou-lhe, ‘foram-se as tuas esperanças. Pouco te valeu confiar nas promessas do sultão.’ Aladim, assustado com aquelas palavras, perguntou: ‘Minha mãe, por que não haveria ele de cumprir a palavra empenhada? Que acabastes de saber?’ ‘Esta noite’, disse-lhe sua mãe, ‘o filho do grão-vizir casa-se com a princesa Badrulbudur no palácio.’

Imobilizou-se Aladim, como se um raio o tivesse atingido. Outro que não ele houvera, sem dúvida, sucumbido ao golpe. Mas um poderoso ciúme o impediu de permanecer por muito tempo naquele estado. Lembrou-se imediatamente da lâmpada, e, sem prorromper em palavras raivosas contra o sultão, o grão-vizir e o filho deste, disse apenas: ‘Minha boa mãe, o filho do grão-vizir não há de ser, esta noite, feliz como pensa! Enquanto vou ao meu quarto, preparai-me o jantar.’

A mãe de Aladim compreendeu muito bem que seu filho pretendia usar a lâmpada para impedir que o casamento do filho do grão-vizir com a princesa se realizasse. Não se enganava. De fato, quando Aladim foi ao seu quarto, pegou a lâmpada maravilhosa e esfregou-a no mesmo lugar. Imediatamente o gênio apareceu diante dele:

‘O que queres?’, perguntou a Aladim. ‘Estou aqui para te obedecer como escravo teu e de todos os que possuem a lâmpada, eu e os outros escravos da lâmpada!’

‘Escuta’, disse-lhe Aladim, ‘tu me trouxeste até agora tudo quanto me era necessário. Neste momento, porém, trata-se de um assunto completamente diferente. Mandeí pedir em casamento ao sultão a princesa Badrulbudur, sua filha. Ele a prometeu a mim e deu-me um prazo de três meses. Em vez de manter sua promessa, esta noite, antes do fim do prazo, casa-a com o filho do grão-vizir. O que eu quero é que, tão logo estejam deitados os recém-casados, tu os tragas aqui, ambos, no leito.’

‘Meu amo’, respondeu o gênio, ‘obedecer-te-ei. Tens outra coisa para me ordenar?’

‘Nada mais, por enquanto’, respondeu Aladim.

No mesmo instante, o gênio desapareceu.

Aladim voltou a sua mãe, e jantou com ela com a mesma tranquilidade de sempre. Depois, conversou por algum tempo sobre o casamento da princesa, como se se tratasse de coisa que não o interessava. Voltou ao quarto e deixou sua mãe à vontade. Mas ele não se deitou; esperou a volta do gênio e a execução da ordem que lhe dera.

Enquanto isso, tudo fora preparado com magnificência no palácio do sultão para celebrar-se o casamento da princesa. A noite passou-se com grande alegria. Quando a festa acabou, o filho do grão-vizir, a um sinal do chefe dos eunucos da princesa, escapou-se habilmente, e entrou no aposento de sua mulher. Deitou-se em primeiro lugar. Pouco depois, a sultana, acompanhada de suas aias e das da princesa, sua filha, trouxe a nova esposa, que opunha grande resistência, conforme o costume dos recém-casados. A sultana ajudou-a a despir-se, deitou-a à força, depois de abraçá-la desejando-lhe uma boa noite, e retirou-se com todas as suas aias.

Mal a porta do aposento se fechou, o gênio, como escravo fiel da lâmpada, e leal executor das ordens recebidas, sem dar tempo ao esposo de fazer a menor carícia a sua mulher, levou pelos ares o leito com marido e mulher, ambos fortemente surpresos e, num instante, transportou-os para o quarto de Aladim, onde os deixou.

Aladim, que esperava aquele momento com impaciência, não permitiu que o filho do grão-vizir ficasse deitado com a princesa.

‘Pega este homem’, disse ao gênio, ‘fecha-o no gabinete, e volta amanhã de manhã, um pouco depois do despontar do dia.’

O gênio imediatamente tirou o filho do grão-vizir do leito e transportou-o para o lugar que Aladim lhe tinha indicado. Lá, deixou-o, depois de ter lançado sobre ele um sopro que o varreu da cabeça aos pés e que o imobilizou.

Apesar de toda a sua paixão pela princesa Badrulbudur, Aladim não lhe dirigiu imediatamente a palavra.

‘Não temais, adorável princesa’, disse-lhe por fim, com expressão apaixonada. ‘Estais aqui segura, e, não obstante o enorme amor que sinto pela vossa beleza e pelos vossos encantos, nunca me esquecerei do profundo respeito que vos devo. Se fui forçado a chegar a este extremo, não foi com a

intenção de vos ofender, mas para impedir que um rival injusto vos possuísse, contra a palavra a mim empenhada pelo sultão, vosso pai.’

A princesa, que nada sabia daquelas particularidades, prestou muito pouca atenção a tudo o que Aladim lhe disse, não se achando absolutamente em condições de lhe responder. O espanto pela aventura na qual se encontrava, tão surpreendente e tão pouco esperada, pusera-a num estado em que Aladim não conseguiu tirar-lhe uma única palavra. O rapaz não parou aí. Despindo-se, deitou-se no lugar do filho do grão-vizir, de costas viradas para a princesa, depois de ter tomado a precaução de pôr um alfanje entre ele e a princesa para demonstrar que sofreria o devido castigo, se atentasse à sua honra.

Contente por ter privado o rival da felicidade que ele se prometera naquela noite, dormiu tranquilamente, o que não se deu com a princesa Badrulbudur. Durante toda a sua vida nunca lhe sucedera passar uma noite tão desagradável; e, se tomarmos em consideração o lugar e o estado em que o gênio deixara o filho do grão-vizir, veremos que a noite do recém-casado também não foi das melhores.

No dia seguinte, Aladim não teve de esfregar a lâmpada para chamar o gênio, que voltou à hora marcada.

‘Aqui estou’, disse-lhe. ‘O que me ordenas?’

‘Pega’, respondeu-lhe Aladim, ‘o filho do grão-vizir, torna a colocá-lo no leito e leva-o de volta para o palácio do sultão.’

O gênio foi pegar o filho do grão-vizir, e Aladim retirou o alfanje. Posto o recém-casado perto da princesa, num instante levou o gênio o leito nupcial de volta ao mesmo aposento.

É preciso notar que durante tudo isso o gênio não foi percebido pela princesa nem pelo filho do grão-vizir. Sua forma odiosa seria capaz de fazê-la morrer de medo. Nada ouviram também da conversa entre ele e Aladim e apenas perceberam o estremecimento do leito ao ser transportado de um lugar a outro.

Mal fora o leito nupcial recolocado no seu lugar, o sultão, curioso para saber como a princesa, sua filha, tinha passado a primeira noite do casamento, entrou no aposento para desejar-lhe bom dia. O filho do grão-

vizir, que sentira frio a noite toda e que não tivera ainda tempo de se aquecer, apenas ouviu a porta abrir-se, levantou-se e entrou no gabinete em que se despira na véspera.

O sultão aproximou-se do leito da princesa, beijou-a entre os olhos conforme o costume, desejando-lhe bom dia, e perguntou-lhe, sorrindo, como se sentia depois da noite passada. Levantando, porém, a cabeça e fitando-a mais atentamente, ficou extremamente surpreso por vê-la muito melancólica, sem dar nenhum sinal do que houvera satisfeito a curiosidade paterna. Seu olhar muito triste demonstrava uma grande aflição ou um grande descontentamento. Disse-lhe o sultão ainda algumas palavras, mas, percebendo que dela nada saberia, imaginou que era uma questão de pudor e retirou-se. Não deixou, todavia, de suspeitar que havia alguma coisa de extraordinário no seu silêncio, o que o obrigou a procurar imediatamente a sultana, a quem descreveu o estado em que encontrara a princesa.

‘Senhor’, respondeu-lhe a sultana, ‘isso não deve vos surpreender, não há recém-casada que não tenha a mesma reserva no dia seguinte ao do casamento. Não será o mesmo dentro de dois ou três dias, quando ela receberá o sultão, seu pai, como deve. Vou vê-la, e me enganarei muito, se me receber da mesma maneira.

Depois de vestir-se, foi ao aposento da princesa, que ainda não se havia levantado, aproximou-se do leito, desejou-lhe bom dia e abraçou-a. Mas a sua surpresa foi das maiores não apenas porque a filha não lhe respondeu senão também porque, olhando-a, percebeu que se achava muito abatida, o que a fez crer que lhe acontecera alguma coisa.

‘Minha filha’, perguntou-lhe, ‘por que respondeis tão mal às carícias que vos faço? É com vossa mãe que deveis proceder assim? Duvidais de que eu não possa compreender o que acontece em situação semelhante? Quero crer que não pensais assim. Certamente vos aconteceu alguma coisa; confessai-o francamente e não me deixeis por mais tempo nesta horrível inquietação.’

Enfim, a princesa Badrulbudur quebrou o silêncio, suspirando profundamente:

‘Ah! minha mãe!’ gritou. ‘Perdoai-me se faltei ao respeito que vos devo. Estou tão absorta com as coisas que me aconteceram a noite passada que não

me refiz ainda da surpresa e do espanto, e tenho até dificuldade em me reconhecer.’

Contou-lhe, então, como, um instante depois de ela e o marido estarem deitados, fora o leito transportado para um aposento pouco limpo e escuro, onde se vira sozinha, separada do seu marido, sem saber o que lhe acontecera e onde lhe aparecera um jovem, que, depois de lhe dizer algumas palavras que o seu medo lhe impedira compreender, se deitara no lugar do marido, colocando antes um alfanje entre ambos. Contou-lhe que o marido lhe fora devolvido no dia seguinte, de manhã, e o leito recolocado no aposento real.

‘Isso sucedeu pouco antes que o sultão, meu pai, aqui entrasse’, acrescentou ela. ‘Eu estava tão desfigurada pela tristeza que não tive forças para lhe responder uma única palavra; por isso não duvido que se haja indignado com a maneira pela qual o recebi. Mas espero que me perdoe, uma vez que saiba a minha triste aventura e o estado em que me encontro ainda neste momento.’

A sultana ouviu tranquilamente tudo o que a princesa lhe contou, mas não acreditou.

‘Minha filha’, disse-lhe, ‘fizestes muito bem em nada dizer ao sultão, vosso pai, e tomais cuidado para nada contar a ninguém. A julgarão louca, se vos ouvirem falar dessa maneira.’

‘Senhora’, respondeu a princesa, ‘posso vos assegurar que falo com toda a sensatez. Meu marido vos dirá a mesma coisa.’

‘Informar-me-ei’, respondeu a sultana, ‘mas, ainda que ele me conte a mesma coisa, não acreditaria mais do que acredito agora. Portanto, levantai-vos e tirai essas ideias da vossa cabeça. Não convém estragar, por uma visão semelhante, as festas preparadas em honra do vosso casamento, que devem continuar por alguns dias no palácio e em todo o reino. Não estais ouvindo as fanfarras e os tambores? Tudo isto deve causar-vos alegria e prazer, e fazer com que vos esqueçais de todas as fantasias de que me falastes.’

Ao mesmo tempo, chamou as aias da princesa, e depois de obrigá-la a levantar-se e vestir-se foi ao aposento do sultão, e explicou-lhe que realmente a filha tivera umas ideias esquisitas, mas que não era nada. Em seguida, mandou chamar o filho do vizir para dele saber alguma coisa do que

a princesa lhe falara; mas o filho do vizir, honradíssimo pela aliança com o sultão, decidira dissimular.

‘Meu genro’, perguntou-lhe a sultana, ‘dizei-me: sois tão teimoso como vossa mulher?’

‘Senhora’, respondeu ele, ‘permiti-me que eu vos peça ao que vos referis.’

‘Basta’, disse a sultana, ‘não quero saber nada; sois mais inteligente do que ela.’

O regozijo continuou todo o dia no palácio; e a sultana, que não abandonou um instante a princesa, de nada se esqueceu para alegrá-la e fazer com que participasse dos divertimentos preparados. Mas, impressionada pela lembrança do que lhe tinha acontecido na véspera, era fácil ver que estava fortemente preocupada. O filho do grão-vizir também se achava abatido pela noite malpassada, mas sua ambição o fazia dissimular e, vendo-o, ninguém duvidava de que fosse um marido felicíssimo.

Aladim, que estava bem-informado do que se passava no palácio, não duvidou de que os recém-casados iriam dormir juntos, apesar da aventura desagradável da véspera. Não quis, pois, deixá-los sossegados, de maneira que, mal a noite se adiantou um pouco, serviu-se da lâmpada. Imediatamente o gênio apareceu e repetiu a Aladim as mesmas palavras de sempre, oferecendo-lhe os seus serviços.

‘O filho do grão-vizir e a princesa Badrulbudur’, disse-lhe Aladim, ‘devem ainda dormir juntos esta noite. Vai, e no momento em que se deitarem traze-me o leito aqui, como ontem.’

O gênio serviu Aladim com a mesma fidelidade e exatidão que no dia anterior; o filho do grão-vizir passou a noite tão fria e desagradavelmente como já o fizera uma vez, e a princesa sofreu a mesma mortificação de ter Aladim como companheiro durante a noite, e o alfanje posto entre ambos. O gênio, seguindo as ordens de Aladim, voltou no dia seguinte, repôs o marido ao lado da mulher, e levou o leito de volta para o aposento do palácio.

O sultão, depois da acolhida que a princesa Badrulbudur lhe tinha feito no dia anterior, inquieto em saber como teria ela passado a segunda noite, e se o acolheria da mesma maneira, foi para o seu aposento de manhã cedo. O

filho do grão-vizir, mais mortificado ainda pelo êxito desta última noite pior que o da primeira, mal ouviu chegar o sultão, levantou-se precipitadamente e ocultou-se no gabinete.

O sultão foi até o leito da princesa, desejou-lhe bom-dia, e, depois de lhe fazer as mesmas carícias da véspera:

‘Então, minha filha’, perguntou-lhe, ‘ainda continuais de tão mau humor como ontem? Poderei saber como passastes a noite?’

A princesa manteve-se calada, e o sultão percebeu que estava menos tranquila e mais abatida do que no dia anterior. Não duvidou, pois, de que algo de extraordinário lhe tivesse acontecido. E, irritado, disse-lhe:

‘Minha filha, ou me dizeis o que me estais escondendo ou vos cortarei a cabeça neste instante!’

A princesa, mais assustada com o tom e a ameaça do sultão ofendido do que com a vista do alfanje desembainhado, rompeu finalmente o silêncio:

‘Meu caro pai e sultão’, gritou, com lágrimas nos olhos, ‘peço-vos perdão, se vos ofendi. Espero que a vossa bondade e clemência provoquem a vossa compaixão depois de vos contar fielmente a razão do meu triste e penoso estado.’

Depois disso, que acalmou e enterneceu um pouco o sultão, contou-lhe fielmente tudo o que lhe tinha acontecido durante as duas noites desagradáveis, mas de maneira tão emocionante que ele ficou vivamente impressionado pelo amor e pela ternura que dedicava à filha. Badrulbudur terminou com estas palavras:

‘Se tendes a menor dúvida, podeis informar-vos com o marido que me destes. Estou convencida de que dirá o mesmo que eu.’

O sultão compreendeu que dor aquela aventura tão surpreendente devia ter causado à princesa:

‘Minha filha’, disse-lhe, ‘fizestes muito mal em não terdes confiado desde ontem em mim sobre um assunto tão esquisito como o que acabais de me contar, e pelo que não me interessa menos do que vós. Não vos casei com a intenção de fazer-vos infeliz, mas sim para fazer-vos feliz e contente e para dar-vos a desfrutar toda a felicidade que mereceis e que podeis esperar de um marido que me pareceu ser-vos conveniente. Arrancai do vosso espírito

todas essas ideias. Vou fazer o necessário para que não mais passeis noites tão desagradáveis.’

Logo depois de entrar nos seus aposentos, mandou chamar o grão-vizir:

‘Vizir’, disse-lhe, ‘vosso filho não vos contou nada?’

Como o grão-vizir lhe respondeu que não tornara a ver o filho, o sultão contou-lhe tudo o que a princesa Badrulbudur lhe descrevera. E terminando:

‘Não duvido’, acrescentou, ‘de que minha filha contou a pura verdade; porém ficaria mais à vontade, se tivesse a confirmação do testemunho de vosso filho.’

O grão-vizir não demorou em ir procurar o filho, comunicou-lhe o que o sultão lhe tinha dito e instigou-o a não dissimular a verdade e contar-lhe toda a verdade.

‘Nada vos ocultarei, meu pai’, respondeu-lhe o filho. ‘Tudo o que a princesa narrou ao sultão é verdade; mas não lhe contou o mau tratamento a mim em particular dispensado. Desde o meu casamento, passei duas das mais cruéis noites que posso imaginar, e não tenho palavras para vos descrever o que sofri. Não vos falo do espanto ao notar que transportavam o leito de um lugar ao outro sem poder imaginar de

que maneira. Julgareis o estado desagradável no qual me encontrei quando vos disser que passei duas noites de pé, nu, sem camisa, numa espécie de reservado, sem ter liberdade de mexer-me do lugar e sem poder fazer nenhum movimento, apesar de não haver nenhum obstáculo na minha frente. Depois disto não há necessidade de contar mais explicitamente todos os meus sofrimentos. Não vos esconderei que isso não me impediu de manter pela princesa, minha mulher, os mesmos sentimentos de amor, de respeito e de reconhecimento, mas confesso-vos que, apesar da honra e do brilho que recaem sobre mim por haver desposado a filha do meu soberano, preferirei morrer a viver mais tempo em tão elevada aliança, se for necessário continuar a experimentar o que já experimentei. Não duvido de que a princesa se acha nas mesmas condições, e certamente concordará facilmente em ser a nossa separação necessária para o seu repouso e para o meu. Assim,

meu pai, solicito-vos fazer com que o sultão concorde em que o nosso casamento seja declarado nulo.’

Não obstante a ambição do grão-vizir para ver o filho genro do sultão, a firme decisão do mancebo de separar-se da princesa convenceu-o de que não era conveniente propor-lhe paciência pelo menos por mais alguns dias, a fim de ver se aquela aventura não terminaria. Deixou-o, e foi dar a resposta ao sultão, a quem confessou que o fato era verdadeiro, a julgar pelas palavras do filho. Sem esperar que o sultão lhe falasse em anular o casamento, suplicou-lhe permitir que o filho se retirasse do palácio, e voltasse para casa, pretendendo não ser justo que a princesa ficasse exposta por mais um só minuto a tão terrível perseguição.

O grão-vizir não teve dificuldade em obter o que pedia. Imediatamente, o sultão, que já tomara a sua resolução, deu ordens para suspender as festas no palácio e na cidade, e até no reino inteiro.

Aquela súbita mudança originou os mais diversos comentários, perguntando uns aos outros o que poderia ter causado tal contratempo; dizia-se só que o grão-vizir fora visto sair do palácio acompanhado do filho. Apenas Aladim recebeu a notícia, rejubilou-se com o êxito obtido pelo uso da lâmpada. Informado com certeza de que o rival tinha abandonado o palácio e que o casamento fora anulado, não teve mais necessidade de esfregá-la e chamar o gênio para impedir que o casamento se efetuasse. O que é estranho é que nem o sultão nem o grão-vizir, completamente esquecidos de Aladim, pensaram de maneira nenhuma que ele pudesse ter parte no fato que acabava de causar a anulação do casamento da princesa.

Aladim deixou passar os três meses solicitados pelo sultão para o casamento da princesa Badrulbudur com ele, contando cuidadosamente os dias. Quando terminaram, logo no dia seguinte não deixou de enviar sua mãe ao palácio, para lembrar ao sultão a palavra empenhada.

A mãe de Aladim dirigiu-se ao palácio e postou-se à entrada do conselho no mesmo lugar que anteriormente. O sultão, mal a viu, reconheceu-a, e lembrou-se ao mesmo tempo do pedido que ela lhe fizera e do tempo por ele estipulado. Naquele momento o grão-vizir apresentava-lhe um relatório.

‘Vizir’, disse-lhe o sultão, interrompendo-o, ‘reconheço a boa mulher que nos fez um presente tão belo há alguns meses. Mandai-a vir; retornareis ao vosso relatório depois que eu a tiver ouvido.’

O grão-vizir, lançando um olhar para o lado da entrada do conselho, também percebeu a mãe de Aladim. Imediatamente chamou o chefe dos guardas e, mostrando-a, deu-lhe ordem de fazê-la aproximar-se.

A mãe de Aladim adiantou-se até os pés do trono, onde se prosternou, conforme o costume. Depois de ordenar-lhe que se levantasse, perguntou-lhe o sultão o que desejava.

‘Senhor’, respondeu-lhe ela, ‘apresento-me novamente ao vosso trono para lembrar-vos, em nome de Aladim, meu filho, que os três meses impostos por vós para dar-me a resposta expiraram. Suplico-vos que vos lembreis da vossa promessa.’

O sultão, estipulando o prazo de três meses para responder ao pedido da boa mulher a primeira vez que a vira, julgara que não mais ouviria falar de um casamento que considerava como pouco conveniente para a princesa, sua filha, diante da humildade e pobreza da mãe de Aladim, que se lhe apresentava com vestes simples. Porém, à lembrança da promessa feita, pareceu-lhe embaraçoso responder imediatamente; assim, consultou o grão-vizir, explicando-lhe toda a aversão que sentia por realizar o casamento da princesa com um desconhecido, cujos bens, supunha ele, deviam ser bem inferiores à média.

O grão-vizir não hesitou em expor ao sultão o que pensava.

‘Senhor’, disse-lhe, ‘parece-me que há um meio infalível para escapar de um casamento tão desproporcionado sem que Aladim possa queixar-se: é de tal forma avaliar a princesa que as riquezas dele, por maiores que sejam, não bastem. Aladim terá de desistir de proposta tão absurda, para não dizer teimosa.’

O sultão aprovou o conselho do grão-vizir. Virou-se para o lado da mãe de Aladim e, depois de alguns momentos de reflexão, disse-lhe:

‘Minha boa mulher, os sultões devem manter as suas promessas; estou pronto, pois, a manter a minha e a fazer seu filho feliz permitindo-lhe desposar a princesa, minha filha. Mas, como não posso casá-la antes de saber

melhor em que condições ela irá viver, dissei a vosso filho que cumprirei minha palavra se ele me enviar quarenta grandes bandejas de ouro maciço, cheias das mesmas coisas que já me mandou uma vez, trazidas por igual número de escravos pretos guiados por outros quarenta escravos brancos, jovens, bem-feitos e de boa aparência, e todos vestidos magnificamente. Eis as condições pelas quais estou pronto a dar a mão da princesa, minha filha. Ide, boa mulher; esperarei a resposta.’

A mãe de Aladim prosternou-se novamente diante do trono do sultão, e se retirou. No caminho, ria-se da loucura do filho.

‘Francamente’, refletia, ‘onde encontrará ele tantas bandejas de ouro e quantidade tão grande desses vidros coloridos para enchê-las? Voltará ao subterrâneo, cuja entrada está fechada, para apanhá-las das árvores? E todos esses escravos trajados como o sultão o exige, de onde os tirará? Creio que meu filho não gostará muito do recado.’

Quando entrou em casa, com o espírito imerso em tais pensamentos que a levaram a crer nada mais dever Aladim esperar, disse-lhe:

‘Meu filho, aconselho-te a não pensar mais no casamento com a princesa Badrulbudur. O sultão recebeu-me com toda a bondade, e penso que estava bem-intencionado comigo; mas o grão-vizir, se não me engano, fê-lo mudar de ideia. Ouve, pois: após lembrar a Sua Majestade que os três meses estavam acabados, e que em teu nome eu fora buscar a sua resposta, observei que antes de falar-me conversou baixinho com o grão-vizir.’

A mãe de Aladim contou-lhe exatamente tudo o que o sultão lhe dissera e as condições pelas quais consentiria no casamento da princesa sua filha com ele. Terminando, disse-lhe:

‘Meu filho, ele espera a resposta. Mas, entre nós, creio que esperará por muito tempo.’

‘Não tanto quanto pensais, minha mãe’, respondeu Aladim. ‘E o sultão também se engana, se julga, com as suas exigências exorbitantes, pôr-me fora das condições de pensar na princesa Badrulbudur. Eu aguardava dificuldades insuperáveis, mas agora estou contente; o que ele exige de mim é pouco em comparação ao que me é possível dar-lhe pela princesa. Enquanto cuido de satisfazê-lo, ide aprontar o nosso jantar.’

Logo que sua mãe saiu para comprar provisões, Aladim pegou a lâmpada e esfregou-a; num momento o gênio se lhe apresentou, e, com as mesmas palavras que já conhecemos, perguntou-lhe o que desejava, pois estava pronto a servi-lo. Aladim disse-lhe:

‘O sultão dá-me a princesa, sua filha, em casamento, mas antes exige quarenta grandes bandejas de ouro maciço e bem pesadas, cheias de frutas do jardim de onde tirei a lâmpada da qual és escravo. Exige, além disso, que as quarenta bandejas sejam carregadas por igual número de escravos pretos guiados por quarenta escravos brancos, jovens, bem-feitos, de bela aparência e ricamente trajados. Vai, e traze-me esse presente o quanto antes, para que eu possa enviá-lo ao sultão antes do conselho.’

O gênio assegurou-lhe que a ordem seria imediatamente cumprida, e desapareceu.

Pouco tempo depois, reapareceu acompanhado de quarenta escravos pretos, cada um carregando uma bandeja de ouro maciço, cheia de pérolas, diamantes, rubis e esmeraldas superiores em beleza e tamanho aos que já tinham sido levados ao sultão; cada bandeja estava coberta de uma toalha bordada com ouro. Os escravos, tanto os pretos como os brancos, com os seus pratos de ouro, ocupavam quase toda a casa, pequena aliás, com um simples quintal e um jardimzinho. O gênio perguntou a Aladim se estava contente e se tinha ainda outra coisa para lhe ordenar. Respondeu-lhe Aladim que não, e ele desapareceu imediatamente.

A mãe de Aladim, ao voltar do mercado e entrar em casa, ficou muito surpresa vendo toda aquela gente e toda aquela riqueza. Livrando-se das compras, quis tirar o véu que lhe cobria o rosto, mas Aladim a deteve.

‘Minha mãe, não há tempo a perder. Antes que o sultão encerre o conselho, deveis voltar ao palácio e levar o presente e o dote da princesa Badrulbudur para que ele avalie, diante da minha diligência e da minha exatidão, o ardente e sincero interesse que tenho em me aliar a ele.’

Sem esperar a resposta de sua mãe, abriu a porta para a rua e mandou desfilar sucessivamente todos os escravos, deixando sempre um escravo branco seguir um preto carregando uma bandeja de ouro na cabeça. Depois de sua mãe sair atrás do último escravo preto, fechou a porta e ficou

tranquilamente no quarto, certo de que o sultão, depois daquele presente, não hesitaria em recebê-lo como genro.

O primeiro escravo branco que saiu de casa de Aladim fez parar todos os transeuntes. E, antes que os oitenta escravos brancos e pretos tivessem acabado de sair, na rua se apinhava enorme multidão de gente que acorria de todos os lados para ver o magnífico e extraordinário espetáculo. O traje de cada escravo era tão rico que os melhores conhecedores não hesitaram em o avaliar em mais de um milhão. O esplendor dos trajes, a graça e o aspecto de cada escravo, o seu andar grave, a uma distância igual uns dos outros, com o faiscar das pedras de enorme tamanho colocadas nos cintos de ouro maciço, assim como as armas incrustadas de lindas pedras, causaram na multidão de espectadores uma admiração tão grande que eles não se contentaram em segui-los com os olhos. As ruas estavam tão cheias de gente que cada um se via forçado a ficar no lugar em que se achava.

Sendo preciso passar por várias ruas para chegar ao palácio, gente de todas as classes e condições sociais testemunhou tão encantadora pompa. O primeiro dos oitenta escravos chegou, enfim, à porta do primeiro jardim do palácio; os porteiros, que tinham aberto alas, ao perceber o maravilhoso séquito que se aproximava, julgaram-no um rei, tão rica e magnificamente estava vestido, e adiantaram-se para beijar-lhe a orla das vestes; mas o escravo, instruído pelo gênio, os fez parar e disse-lhes gravemente: ‘Somos apenas escravos. O nosso amo aparecerá na ocasião oportuna.’

O primeiro escravo, seguido de todos os outros, adiantou-se até o segundo pátio, muito espaçoso, e onde se encontravam os aposentos do sultão durante o conselho. Os dignitários, magnificentes aliás, ficaram eclipsados pela presença dos oitenta escravos carregando o presente de Aladim. Todo o brilho dos senhores da corte nada era em comparação ao que lá se apresentava naquele momento.

O sultão, avisado da aproximação daqueles escravos, dera ordem para fazê-los entrar. Assim, logo que se apresentaram, acharam a entrada do conselho livre e entraram em ordem, postando-se uma parte à direita, outra à esquerda. Depois, formando um grande semicírculo diante do trono do sultão, cada um dos escravos pretos depositou a sua bandeja sobre o tapete.

Ao mesmo tempo, prosternaram-se todos juntos, encostando a testa ao chão. Os escravos brancos imitaram-nos. Em seguida, levantaram-se todos. E os pretos descobriram habilmente as bandejas, ficando de pé com as mãos cruzadas sobre o peito, em atitude de humildade.

A mãe de Aladim, que, entretanto, avançara até o pé do trono, disse ao sultão, depois de se prosternar:

‘Senhor, Aladim, meu filho, não ignora que o presente que vos envia é inferior ao que merece a princesa Badrulbudur; mas espera que o aprecies e lhe consentireis desposar a princesa, visto que se conformou às condições por vós impostas.’

O sultão não pôde prestar atenção à saudação da mãe de Aladim. O primeiro olhar lançado às quarenta bandejas de ouro, cheias das joias mais brilhantes, mais ofuscantes e mais preciosas jamais vistas no mundo, e aos oitenta escravos que pareciam reis pelo aspecto e pela riqueza e magnificência dos seus trajes, de tal modo o impressionou que não conseguia refazer-se. Em vez de responder ao cumprimento da mãe de Aladim, dirigiu-se ao grão-vizir, que também não podia compreender de onde vinha tão grande profusão de riquezas.

‘Então, vizir’, disse, ‘que pensais disto? Quem poderá ser o homem que me envia tão rico e extraordinário presente, e a quem nem eu nem vós conhecemos? Parece-vos indigno de casar-se com a princesa Badrulbudur, minha filha?’

Embora o grão-vizir sentisse inveja por ver que um desconhecido se tornaria genro do sultão, em vez do filho, não ousou dissimular o seu sentimento. Era visível demais ser o presente de Aladim mais do que suficiente para merecer ele ser admitido a tão alta aliança. Por isso, respondeu ao sultão:

‘Senhor, bem longe de pensar que aquele que vos faz tão digno presente seja indigno da honra que desejais dar-lhe, ousaria dizer que mereceria mais, se eu não estivesse convencido de que não há tesouro no mundo suficiente para equilibrar a beleza sem par da princesa, vossa filha’.

Os cortesãos, pelos seus aplausos, deram a conhecer que a sua opinião não diferia da do grão-vizir.

O sultão não esperou mais, nem cuidou de se informar se Aladim possuía as outras qualidades convenientes ao homem que poderia aspirar a tornar-se seu genro. Diante de tantas riquezas e da diligência com que Aladim satisfizera a sua exigência, sem opor a menor dificuldade às exorbitantes condições apresentadas, convenceu-o de que nada faltava ao pretendente. Assim, para despedir a mãe de Aladim com a satisfação desejada, disse-lhe:

‘Boa mulher, dissei ao vosso filho que o espero para recebê-lo de braços abertos e abraçá-lo. Quanto mais se apressar para receber das minhas mãos o presente que lhe faço da princesa minha filha, tanto mais prazer me proporcionará.’

Logo que a mãe de Aladim se retirou com a alegria de uma mulher da sua condição ao ver o filho subir a tão elevada posição, o sultão pôs fim à audiência daquele dia, e, levantando-se do trono, ordenou aos eunucos destinados ao serviço da princesa que levassem as bandejas ao aposento de sua ama, para onde ele foi, depois, a fim de examiná-las com calma. A ordem foi imediatamente executada pelo chefe dos eunucos.

Os oitenta escravos brancos e pretos entraram no palácio e, pouco depois, o sultão, que acabava de falar à princesa Badrulbudur, ordenou que se apresentassem aos aposentos dela a fim de verificar que, longe de ter exagerado na descrição que acabava de fazer, lhe dissera muito menos que a realidade.

Entretanto, a mãe de Aladim, chegando em casa, tinha uma expressão que bem patenteava a boa notícia.

‘Meu filho’, disse-lhe, ‘tens toda razão para estar contente, pois realizaste os teus desejos, o que eu não esperava; o sultão, com os aplausos da corte inteira, declarou que és digno de possuir a princesa Badrulbudur. Espera-te para abraçar-te e realizar o casamento. Cabe a ti pensar nos preparativos para essa visita. A julgar, porém, pelas maravilhas que sabes operar, estou convencida de que nada te faltará. Não devo esquecer de dizer-te ainda que o sultão te espera com impaciência. Portanto, não percas tempo.’

Aladim, contentíssimo com a notícia, retirou-se para o seu quarto. Ali, depois de pegar a lâmpada que tantos serviços lhe prestara até então,

esfregou-a. E, quando o gênio, demonstrando-lhe toda a sua obediência, lhe apareceu, disse-lhe:

‘Gênio, chamei-te para me mandares preparar um banho e aprontar-me o mais rico e magnífico traje usado até hoje.’

Mal acabou de falar, o gênio, tornando-o invisível como ele, levou-o a uma terma de mais fino mármore. Sem ver quem o servia, foi Aladim despido num salão espaçoso e limpíssimo. Do salão entrou em água moderadamente aquecida e ali foi esfregado e lavado. Depois de passar vários graus de calor, conforme os diversos quartos de banho, saiu completamente diferente do que entrara, com a pele fresca e branca e o corpo muito mais leve e disposto. No salão não achou mais o traje que lá deixara, pois o gênio o substituíra pelo pedido, que o encheu de assombro. Vestiu-se com auxílio do gênio, admirando as várias peças, tão superiores eram ao que ele pudera imaginar. Quando acabou, o gênio tornou a levá-lo para casa, e perguntou-lhe se tinha outras ordens.

‘Sim’, respondeu-lhe Aladim, ‘traga-me um cavalo que supere em beleza e qualidade o mais estimado do sultão, e cuja gualdrapa, sela, bridão e arreios valham mais de um milhão. Traze-me, ademais, vinte escravos, tão ricamente trajados como os que levaram o presente, para me seguirem, e outros vinte semelhantes para me precederem. Traze para minha mãe seis escravas, cada uma pelo menos tão ricamente trajada como as escravas da princesa Badrulbudur, cada uma com vestido magnífico como o da sultana. Além disso, preciso de dez mil moedas de ouro em dez bolsas. Eis o que peço. Vai, e apressa-te!’

O gênio desapareceu e voltou logo depois com o cavalo, os quarenta escravos, dos quais dez carregavam uma bolsa de mil moedas de ouro, e seis escravas, cada uma das quais trazendo na cabeça um vestido diferente para a mãe de Aladim envolto num tecido bordado de prata.

Das dez bolsas, Aladim pegou quatro, que deu a sua mãe, dizendo-lhe que delas se servisse. As outras seis deixou nas mãos dos escravos que as carregavam, com a ordem de guardá-las e de lançar punhados de moedas ao povo ao passarem pelas ruas rumo ao palácio do sultão. Ordenou-lhes também que caminhassem na sua frente com os outros três à direita, e três à

esquerda. Finalmente, apresentou a mãe às seis escravas, dizendo-lhe que lhe pertenciam e que delas se servisse assim como dos luxuosos vestidos.

Quando Aladim acabou de dispor tudo, disse ao gênio, despedindo-o, que o chamaria, se tivesse necessidade dos seus serviços. O gênio imediatamente desapareceu. Aladim cuidou de satisfazer o desejo que o sultão tinha de vê-lo. Enviou ao palácio um dos quarenta escravos, com ordem de se dirigir ao chefe dos guardas e perguntar-lhe quando poderia ter a honra de ir lançar-se aos pés do sultão. O escravo não demorou muito em executar a ordem, e trouxe a resposta. O sultão esperava-o com impaciência.

Aladim não hesitou em montar, e pôr-se em marcha. Apesar de nunca ter montado a cavalo, fazia-o com tal graça que o cavaleiro mais experimentado não o teria tomado por novato. As ruas pelas quais passou encheram-se de uma multidão de gente, que fazia ecoar pelos ares exclamações e gritos de admiração cada vez que os seis escravos que levavam as bolsas deixavam cair punhados de moedas de ouro à direita e à esquerda. Aquelas aclamações, porém, não vinham da parte dos que se empurravam e abaixavam para pegar as moedas, mas dos da classe superior do povo, que não podiam deixar de elogiar publicamente a generosidade de Aladim. Não somente os que se lembravam de tê-lo visto brincar nas ruas não mais o reconheciam, como também os que o tinham visto não havia muito dificilmente o reconheciam, de tal forma ele mudara. Era aquilo obra da lâmpada que tinha a propriedade de fazer pouco a pouco com que os que a possuíam se assemelhassem ao estado ao qual chegavam pelo bom uso que dela faziam. Na verdade, prestava-se mais atenção à pessoa de Aladim que à pompa que o acompanhava. O cavalo era admirado pelos conhecedores, que sabiam distinguir a beleza sem deixar-se cegar pela riqueza, ou pelo brilho dos diamantes e outras pedras com as quais estava coberto. Como se espalhara a notícia de que o sultão lhe dava a princesa Badrulbudur em casamento, ninguém lhe invejava a sorte nem a elevação, tão digno parecia ele de ambas.

Aladim chegou finalmente ao palácio, onde tudo estava preparado para recebê-lo. Quando atingiu a segunda porta, quis apear-se para conformar-se ao uso observado pelo grão-vizir e pelos generais e governadores dos Estados; mas o chefe dos guardas, que lá o aguardava por ordem do sultão, o

acompanhou até perto da sala do conselho, onde o ajudou a apear-se, apesar de Aladim se opor fortemente. Entretanto, os guardas formavam uma ala dupla na entrada da sala. O chefe, pondo Aladim à sua direita, depois de fazê-lo passar pelo meio, o levou ao trono do sultão.

Mal este percebeu Aladim, não ficou menos surpreso por vê-lo rico e magnificamente vestido do que pelo seu bom aspecto e certa expressão de grandeza muito distante da humildade com que sua mãe comparecera à corte. Mas a sua surpresa e o seu espanto não o impediram de se levantar e descer dois ou três degraus bastante rapidamente a fim de impedir que Aladim se prosternasse diante dele, e a fim de abraçá-lo com demonstrações de amizade. Depois, quis ainda Aladim prosternar-se-lhe mas o sultão o reteve pela mão e o obrigou a subir e a sentar-se entre o vizir e ele.

Então Aladim tomou a palavra:

‘Senhor, recebo as vossas honras porque sois bom, mas permiti-me dizer que de maneira alguma me esqueci de ter nascido vosso escravo, que conheço a grandeza do vosso poder e que não ignoro quanto o meu nascimento me põe abaixo do esplendor e do brilho da vossa suprema posição. Se mereci tão favorável recepção, confesso que o devo à astúcia de levantar os olhos e pensamentos à divina princesa que é o objeto dos meus anelos. Peço-vos perdão pela minha teimosia, mas não posso ocultar que morreria de dor, se perdesse a esperança.’

‘Meu filho’, respondeu o sultão, abraçando-o pela segunda vez, ‘seríeis injusto se duvidásseis um único momento da sinceridade da minha palavra. A vossa vida me é cara demais agora em diante para vo-la não conservar dando-vos o remédio que se acha à minha disposição. Prefiro o prazer de ver-vos e de ouvir-vos a todos os meus tesouros e aos vossos.’

Terminando, o sultão fez um sinal. Imediatamente ouviram-se clarins, timbales e oboés; ao mesmo tempo, o sultão conduziu Aladim a um salão magnífico, onde foi servido um soberbo banquete. O sultão comeu sozinho com Aladim. O grão-vizir e os cortesãos, cada um conforme a sua dignidade, os acompanharam durante o banquete. O sultão fitava continuamente Aladim, sentindo prazer em vê-lo, e conversou sobre vários assuntos diferentes. Durante a conversa, Aladim falou com tal conhecimento

e inteligência que conseguiu confirmar a boa opinião que o sultão já tinha dele.

Terminado o banquete, o sultão mandou chamar o primeiro juiz da sua capital, e ordenou-lhe que preparasse imediatamente o contrato de casamento da princesa Badrulbudur, sua filha, com Aladim. Entretanto, o sultão ficou conversando com Aladim sobre várias coisas na presença do grão-vizir e dos cortesãos, que admiraram a solidez do seu espírito, a grande facilidade que tinha de falar, e os seus finos pensamentos.

Quando o juiz completou o contrato com todas as suas formalidades, o sultão perguntou a Aladim se desejava ficar no palácio, para terminar as cerimônias do casamento no mesmo dia:

‘Senhor’, respondeu Aladim, ‘apesar da impaciência que tenho de desfrutar plenamente da vossa bondade, suplico-vos que me permitais adiá-la até que tenha mandado construir um palácio para receber a princesa de acordo com o seu mérito e dignidade. Peço-vos, por isso, que me concedais um lugar conveniente no vosso, a fim de que possa fazer-lhe a corte.’

‘Meu filho’, disse-lhe o sultão, ‘escolhei o terreno que julgardes necessário. O espaço vazio é grande demais na frente do meu palácio, e já tinha pensado em ocupá-lo, mas lembrai-vos de que tenho pressa de ver-vos unido a minha filha.’

Terminando, abraçou mais uma vez Aladim, que dele se despediu com a mesma cortesia como se tivesse sido educado e como se houvesse sempre vivido na corte.

Aladim montou novamente a cavalo e voltou para casa como tinha saído, atravessando a mesma multidão e ouvindo as aclamações do povo que lhe desejava todo tipo de ventura e prosperidade. Logo que entrou, apeou-se, retirou-se para o quarto, pegou a lâmpada e chamou o gênio. O gênio não se fez esperar.

‘Gênio’, disse-lhe Aladim, ‘elogio a tua pontual execução de tudo quanto exigi até agora. Hoje se trata de demonstrares, se possível, maior zelo ainda. Peço-te, pois, que me construas em frente do palácio do sultão, a uma distância conveniente, um palácio digno de receber a princesa Badrulbudur, minha mulher. Deixo a teu critério a escolha do material, quer dizer, do

porfírio, do jaspe, da ágata, do lápis-lazúli e do mais fino mármore. Mas quero que bem no alto desse palácio mandes fazer um grande salão em forma de cúpula, com quatro faces iguais, cujos suportes sejam de ouro e de prata maciça, com 24 cruzeiros, seis em cada lado, e que as venezianas de cada cruzeiro, com exceção de uma, que ficará incompleta, estejam incrustadas com arte de diamantes, rubis e esmeraldas, para que nada semelhante possa ser visto no mundo. Quero também que esse palácio tenha um antepátio, um pátio, um jardim, e que tenha também, num lugar que tu me indicarás, um tesouro repleto de ouro e prata. Quero também que haja cozinhas, gabinetes, depósitos, guarda-móveis com móveis preciosos para todas as estações e de acordo com a magnificência do palácio, cocheiras com os mais belos cavalos, escudeiros e palafreiros. Deve haver, outrossim, cozinheiros e escravas destinadas ao serviço da princesa. Compreendes qual é a minha intenção? Vai e volta para avisar-me quando tudo estiver pronto.’

O Sol acabava de se pôr quando Aladim terminou de explicar ao gênio o que desejava no futuro palácio. No dia seguinte, Aladim, a quem o amor pela princesa não permitia dormir tranquilamente, mal se levantando viu na sua frente o gênio.

‘Senhor, o vosso palácio está pronto. Vinde ver se estais contente.’

Apenas Aladim deu a entender que assim desejava, levou-o o gênio num instante. Aladim achou-o tão superior à sua expectativa que não se cansava de admirá-lo. O gênio guiou-o para todas as partes, e em todas se depararam ao mancebo riqueza e magnificência. Os escravos estavam trajados de acordo com a sua posição e os serviços a que se destinavam. Não deixou de lhe mostrar o tesouro, cuja porta foi aberta pelo tesoureiro. Ali viu Aladim montes de bolsas de diversos tamanhos conforme as somas que continham, empilhadas até o teto, e de tal maneira arrumadas que dava prazer contemplá-las. Ao sair, assegurou-o da fidelidade do tesoureiro. Em seguida, levou-o para as cocheiras e mostrou-lhe no seu mister. Mostrou-lhe, ainda, os depósitos repletos de tudo que era necessário para os adornos dos cavalos e para sua alimentação.

Quando Aladim acabou de percorrer o palácio, aposento por aposento, inclusive o salão abobadado, e de contemplar a riqueza, a magnificência e a

comodidade de tudo, disse ao gênio:

‘Não se pode estar mais contente do que eu. Basta uma coisa da qual não te falei: estender desde a porta do palácio do sultão até a porta do quarto destinado à princesa, neste palácio, um tapete do melhor veludo, para quando ela vier do palácio do sultão.’

‘Voltarei num momento’, respondeu o gênio.

Pouco depois, Aladim surpreendeu-se ao ver executada a sua ordem, porem sem saber como. O gênio, reaparecendo, levou Aladim de volta para casa, no momento em que se abria a porta do palácio do sultão.

Os porteiros ficaram boquiabertos ao ver o tapete de veludo estendido desde a porta do palácio do sultão. A princípio não distinguiram bem o que era; mas a sua surpresa aumentou quando viram bem o soberano palácio de Aladim. A notícia de tão surpreendente maravilha alastrou-se pelo palácio inteiro em pouco tempo. O grão-vizir não ficou menos assombrado que os outros com a novidade, e comunicou-a ao sultão. Quis, porém, atribuir aquilo a um encantamento.

‘Vizir’, respondeu-lhe o sultão, ‘por que haveis de querer que seja um encantamento? Sabeis tão bem como eu que é o palácio que Aladim mandou construir, com a minha permissão, para acolher a princesa, minha filha. A julgarmos pela amostra de sua riqueza, podemos estranhar que tenha mandado construir esse palácio em tão pouco tempo? Quis nos surpreender, isso sim, e nos mostrar que com dinheiro se podem fazer verdadeiros milagres. Confessai antes que o que sentis é um pouco de inveja.’

A hora de entrar no conselho o impediu de continuar.

Quanto a Aladim, de novo em casa, foi procurar sua mãe, que começava a preparar-se com um dos vestidos trazidos pelo gênio. Aproximadamente na hora em que o sultão saía do conselho, fez Aladim com que sua mãe fosse ao palácio acompanhada pelas suas escravas, pedindo-lhe dizer ao sultão que se apresentava para ter a honra de acompanhar a princesa quando esta se achasse pronta a passar ao palácio do marido. Embora a mãe de Aladim e as suas escravas estivessem vestidas como sultanas, a multidão foi menos densa na sua passagem por estarem elas veladas e uma capa cobrir a riqueza e a magnificência das vestes. Quanto a Aladim, montou a cavalo e, depois de sair

da casa paterna, para não mais voltar, sem se esquecer da lâmpada maravilhosa, cuja ajuda lhe fora tão vantajosa para chegar ao cume da sua felicidade, foi ao seu palácio com a mesma pompa com que se havia apresentado ao sultão no dia anterior.

Logo que os porteiros do palácio do sultão perceberam a mãe de Aladim, avisaram ao sultão. Imediatamente foi dada a ordem aos clarins, tímbores, tambores e oboés em diversos lugares dos terraços do palácio, e num instante ecoaram os sons que anunciavam alegria à cidade inteira. Os mercadores começaram a adornar as suas lojas com belos tapetes, almofadas e folhas e a preparar a iluminação para a noite. Os artesãos deixavam o trabalho e o povo correu para a grande praça, que se achava entre o palácio do sultão e o de Aladim. Este atraiu mais a admiração, não somente por estarem todos acostumados a ver o do sultão, como também porque o do sultão não podia comparar-se ao de Aladim; mas

o que causou maior espanto foi não ser possível compreender por meio de que maravilha inexplicável se via um palácio tão magnífico num lugar onde na véspera não havia materiais nem fundações.

A mãe de Aladim foi honrosamente recebida no palácio e levada aos aposentos da princesa Badrulbudur pelo chefe dos eunucos. Mal a princesa a notou, correu a abraçá-la; depois fez com que se sentasse no sofá, e, enquanto as suas aias acabavam de vesti-la e adorná-la com as mais preciosas joias que Aladim lhe dera de presente, mandou que lhe servissem deliciosas iguarias. O sultão, vindo para ficar do lado da princesa, sua filha, antes que ela partisse para o palácio de Aladim, também a saudou. A mãe de Aladim falara diversas vezes com o sultão, mas ele nunca a vira sem véu. Embora já um pouco idosa, era fácil ver ainda nos seus traços alguma beleza da juventude. O sultão, que sempre a vira trajada muito simplesmente, para não dizer pobremente, ficou surpreendido ao vê-la rica e magnificamente vestida, o que o levou a reconhecer que Aladim, além de tudo, era sensato e inteligente.

Quando a noite caiu, a princesa despediu-se do sultão, seu pai; com ternas lágrimas, abraçaram-se várias vezes, sem nada dizer; e enfim ela saiu do aposento e pôs-se a caminho com a mãe de Aladim à esquerda, e seguida

de cem escravas, magnificamente trajadas. Os instrumentos musicais que se ouviam desde a chegada da mãe de Aladim abriam a marcha, seguidos de cem porteiros e de igual número de eunucos pretos em duas filas com os seus chefes à frente. Quatrocentos jovens pajens do sultão, em duas filas, cada um segurando uma tocha, proporcionavam uma luz que, unida à do palácio do sultão e à do de Aladim, substituía maravilhosamente a luz do dia.

A princesa caminhou sobre o tapete estendido do palácio do sultão até o palácio de Aladim, e, à medida que avançava, os instrumentos que se achavam diante do cortejo, aproximando-se, e misturando-se aos que se faziam ouvir nos terraços do palácio de Aladim, formaram um concerto que, apesar de extraordinário e confuso, não deixava de aumentar a alegria, não apenas na praça cheia de gente, senão também nos dois palácios, na cidade inteira e mais longe ainda.

Enfim, a princesa chegou ao novo palácio, e Aladim correu com toda a alegria para a entrada do aposento em que devia recebê-la. A mãe de Aladim tivera o cuidado de fazer com que ela notasse o filho no meio dos oficiais que o cercavam, e a princesa ficara contentíssima.

‘Adorável princesa’, disse-lhe Aladim, aproximando-se para cumprimentá-la respeitosamente, ‘se tive a má sorte de vos desagradar pela minha teimosia em vos querer, a vós que sois filha do meu sultão, ousou dizer-vos que o fiz impelido pelos vossos belos olhos e pelos vossos encantos.’ ‘Príncipe, se estou aqui’, respondeu-lhe a princesa, ‘é porque obedeci à vontade do sultão, meu pai, e basta-me ter-vos visto para dizer-vos que lhe obedeço de muito boa vontade.’

Aladim, contentíssimo com essa resposta tão agradável para ele, não deixou por mais tempo a princesa de pé, depois da caminhada a que não estava habituada. Pegando-lhe a mão, que beijou com demonstração de alegria, conduziu-a para um grande salão iluminado por um sem-número de velas, e onde, pelos cuidados do gênio, estava posta uma soberba mesa. Os pratos, de ouro maciço, continham deliciosas iguarias. Os vasos, as travessas e os copos também eram de ouro finamente lavrado. Os outros adornos do salão correspondiam perfeitamente a tão grande riqueza. A princesa, encantada por ver tantas riquezas juntas, disse a Aladim:

‘Príncipe, até hoje pensei que nada no mundo fosse mais belo que o palácio do sultão, meu pai; mas basta-me ver apenas este salão para reconhecer que me enganei.’ ‘Princesa’, respondeu-lhe Aladim, fazendo-a sentar-se no lugar que lhe era destinado, ‘apraz-me recebê-la em tão grande honra.’

Badrulbudur, Aladim e sua mãe sentaram-se. Imediatamente, um coro de instrumentos dos mais harmoniosos, acompanhado de belíssimas mulheres, iniciou um concerto que durou até o fim do banquete. A princesa, deslumbrada, disse que nunca ouvira coisa semelhante no palácio do sultão, seu pai; mas não sabia que os executantes eram fadas escolhidas pelo gênio, escravo da lâmpada.

Terminado o banquete, e rapidamente retirada a mesa, um grupo de dançarinos acompanhou os músicos, dançando de acordo com o costume do país; finalmente, dois deles dançaram sozinhos com graciosa leveza, revelando cada um por sua vez toda a habilidade que possuíam. Já era quase meia-noite quando, obedecendo à praxe da China naquele tempo, Aladim se levantou, e deu a mão à princesa, para dançarem juntos e pôr assim fim às cerimônias do casamento. Tão bem se deram que causaram admiração em todos os presentes. Depois, Aladim não deixou a mão da princesa e juntos rumaram para o aposento onde fora preparado o leito nupcial. As aias da princesa ajudaram-na a despir-se e deitaram-na; os camareiros de Aladim fizeram o mesmo com ele, e todos se retiraram. Estavam terminadas as cerimônias do casamento de Aladim com a princesa Badrulbudur.

No dia seguinte, quando Aladim despertou, apresentaram-se-lhe os camareiros, que o vestiram com uma veste diferente da da véspera, mas igualmente magnífica. Em seguida, Aladim pediu um cavalo. Montando-o, dirigiu-se ao palácio do sultão com um grande séquito de escravos. O sultão o recebeu com as mesmas honras que a primeira vez, abraçou-o, e, depois de fazê-lo sentar-se perto do trono, ordenou que servissem o café.

‘Senhor’, disse-lhe Aladim, ‘suplico-vos dispensar-me hoje desta honra, e peço-vos o prazer da vossa companhia no palácio da princesa; podereis ir acompanhado do vosso grão-vizir e dos vossos cortesãos.’

O sultão aquiesceu, levantou-se no mesmo instante, e, por não ser longo o trajeto, quis ir a pé. Assim, saiu com Aladim, à direita, o grão-vizir à esquerda, e os cortesãos atrás, precedido pelos arautos e principais guardas do palácio.

Quanto mais o sultão se aproximava do palácio de Aladim, tanto mais surpreso ficava perante a maravilha. Mais assombrado ficou ao entrar; as exclamações não cessavam um instante, aposento após aposento. Mas, quando chegaram ao salão das 24 janelas, para onde Aladim o convidara a subir, e quando ele viu os adornos e sobretudo as persianas incrustadas de diamantes, rubis e esmeraldas, e depois de Aladim lhe explicar que a riqueza era a mesma no lado de fora, tão surpreso ficou que perdeu a fala. Finalmente, conseguiu dizer: ‘Vizir, é possível haver neste reino e tão perto do meu palácio outro supremo ignorado até agora?’ ‘Deveis lembrar-vos’, respondeu o grão-vizir, ‘que anteontem concedestes a Aladim, ao qual havíeis acabado de reconhecer como vosso genro, a permissão de construir um palácio em frente do vosso. No mesmo dia, ao pôr do sol, não existia ainda este palácio; e ontem tive a honra de vos anunciar, logo de manhã, que estava pronto.’ ‘Lembro-me’, respondeu o sultão, ‘mas nunca poderia imaginar que este palácio resultaria uma das maravilhas do mundo. Onde se encontram no mundo pilares maciços de ouro e prata em vez de pilares de simples pedra ou mármore, e janelas com molduras incrustadas de diamantes, rubis e esmeraldas. Nunca se viu coisa igual!’

O sultão quis admirar a beleza das 24 janelas. Mas contou apenas 23 da mesma riqueza e ficou muito surpreso por estar a 24^a imperfeita. ‘Vizir’, disse, ‘admira-me que um salão tão magnífico tenha ficado imperfeito neste lugar.’ ‘Senhor’, respondeu o grão-vizir, ‘Aladim com certeza se apressou e faltou-lhe tempo para terminar esta janela; mas é de crer que não lhe faltem as pedras necessárias e que executará imediatamente o trabalho.’

Aladim, que deixara o sultão para dar algumas ordens, voltou ao seu lado.

‘Meu filho’, disse-lhe o sultão, ‘eis aqui um salão dos mais dignos de ser admirado por todos. Uma única coisa me surpreende, é ver esta janela imperfeita. Foi a obra do esquecimento, da negligência, ou foi porque os operários não tiveram tempo de acabar tão bela joia de arquitetura?’

‘Senhor’, respondeu Aladim, ‘não é por nenhuma dessas razões que a janela ficou no estado em que a vedes. A coisa foi feita de propósito. Dei ordem para que os operários a deixassem de lado, querendo que tivésseis a glória de terminar este salão e ao mesmo tempo o palácio. Rogo-vos concordar com a minha boa intenção para que eu possa lembrar-me do favor que de vós receberei.’

‘Se é assim’, respondeu o sultão, ‘concordo de bom grado, e darei imediatamente as ordens para isso.’

Ordenou realmente que fossem chamados os joalheiros mais bem-abastecidos de pedras e os ourives mais hábeis da capital.

Depois desceu do salão, e Aladim o conduziu àquela em que recebera a princesa no dia das núpcias. Badrulbudur chegou um momento depois, e apresentou-se a seu pai com expressão que lhe deu a conhecer como estava contente com o casamento. Duas mesas estavam cobertas das mais deliciosas iguarias servidas em pratos de ouro. O sultão sentou-se e comeu com a princesa, Aladim e o grão-vizir. Os cortesãos serviram-se depois. O monarca achou as iguarias deliciosas e confessou que nunca havia comido tão bem. A mesma coisa disse do vinho, realmente ótimo. O que mais admirou, porém, foram quatro grandes peças com garrafas, travessas e copos de ouro maciço incrustados de pedras. Encantaram-no também os coros musicais; clarins acompanhados de timbales e tambores ressoavam a uma distância adequada para serem agradáveis.

Quando o sultão se levantou da mesa, anunciaram-lhe que acabavam de chegar os joalheiros e ourives chamados por sua ordem. Subiu, então, novamente ao salão das 24 janelas e mostrou-lhes a janela incompleta.

‘Chamei-vos’, disse-lhes, ‘para que termineis esta janela, dando-lhe a mesma perfeição que as outras; não percais tempo em deixá-la completamente idêntica.’

Os joalheiros e ourives examinaram as 23 janelas com grande atenção, e, depois de se consultarem e combinarem o que cada um iria fazer, voltaram a apresentar-se ao sultão. O joalheiro-mor do palácio, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Senhor, estamos prontos para empregar todos os nossos esforços a

fim de vos obedecer, mas, juntos, não temos as pedras preciosas necessárias para executar tão grande trabalho.’

‘Eu tenho’, respondeu-lhes o sultão, ‘o que se vos faz preciso. Vinde ao meu palácio, que eu vo-lo mostrarei para que possais escolher.’ Quando voltou ao palácio, mandou o sultão buscar as pedras, e os joalheiros escolheram grande quantidade, especialmente das que haviam sido dadas de presente por Aladim. Empregaram-nas sem perda de tempo; mas o trabalho não parecia progredir, e eles voltaram a buscar outras. Um mês depois não tinham feito ainda a metade do serviço, apesar de se valerem das pedras do sultão e das que o grão-vizir lhe emprestou.

Aladim, vendo que o sultão se esforçava inutilmente em tornar aquela janela igual às outras, e nunca chegava ao fim, mandou vir os ourives e disse-lhes que, além de cessar o trabalho, desfizessem a parte já feita e devolvessem ao sultão e ao grão-vizir as pedras emprestadas.

O trabalho, no qual haviam sido empregadas mais de seis semanas, foi destruído em poucas horas. Depois, os joalheiros retiraram-se, deixando Aladim sozinho. Este, tirando a lâmpada, esfregou-a e imediatamente se lhe apresentou o gênio: ‘Gênio’, disse-lhe Aladim, ‘ordenei-te que deixasse uma das 24 janelas deste salão incompleta; e tu executaste a minha ordem; agora, chamei-te porque desejo que a tornes igual às outras.’

O gênio desapareceu, e Aladim desceu. Poucos momentos depois, quando subiu outra vez, achou a janela no estado em que a desejava e igual às outras.

Os joalheiros e os ourives, entretanto, no palácio do sultão, foram-lhe imediatamente apresentados. O principal deles, devolvendo-lhe as pedras, disse-lhe: ‘Senhor, sabeis quanto tempo trabalhamos para terminar a obra da qual fomos incumbidos. Já estava bem adiantada quando Aladim nos obrigou não somente a cessar mas até a desfazer tudo o que tínhamos feito e devolver as vossas pedras e as do grão-vizir.’

O sultão perguntou-lhes se Aladim não lhes explicara a razão; e, ao lhe responderem que nada sabiam, ele deu ordem de que lhe trouxesse imediatamente o cavalo, no qual montou, seguido de pouca gente a pé. Ao chegar ao palácio de Aladim, apeou-se perto da escada que conduzia ao salão

de 24 janelas e subiu sem fazer-se anunciar; mas Aladim teve ainda tempo suficiente para recebê-lo na porta.

O sultão, sem permitir que ele se queixasse de não haver Sua Majestade anunciado, disse-lhe: ‘Meu filho, venho perguntar-vos por que quisestes deixar imperfeito tão magnífico e singular salão?’

Aladim dissimulou a verdadeira razão, que era a de não possuir o sultão pedras suficientes para tão grande obra. Mas, para revelar-lhe de que maneira excedia o seu palácio, disse-lhe: ‘Senhor, é verdade que vistes o salão incompleto; mas, agora, verifique se falta alguma coisa.’

O sultão foi diretamente à janela incompleta, e, ao vê-la detidamente e depois de se convencer de que a janela que tanto tempo exigira dos ourives estava terminada, abraçou Aladim e, beijando-o na testa, entre os olhos, disse-lhe, boquiaberto: ‘Meu filho, quem sois para fazeres coisas tão espantosas num abrir e fechar de olhos? Não tendes igual no mundo, e quanto mais vos conheço tanto mais vos admiro.’

Aladim recebeu os elogios do sultão com modéstia e respondeu-lhe: ‘Senhor, é grande glória para merecer vossa benevolência e aprovação. O que vos posso assegurar é que tratarei de não me esquecer de merecê-las cada vez mais.’

O sultão voltou ao palácio sem permitir que Aladim o acompanhasse. Ao chegar, encontrou o grão-vizir à sua espera. O sultão, ainda comovido pelas maravilhas que acabava de ver, descreveu-as em termos que não deixaram dúvidas ao vizir de ser o palácio de Aladim efeito de um encantamento, o que já dissera quando surgira o palácio. Quis, então, repetir-lhe a mesma coisa. ‘Vizir’, interrompeu-o o sultão, ‘já me dissestes a mesma coisa; vejo que não vos esquecestes ainda do casamento de minha filha com vosso filho.’

O grão-vizir, notando a obstinação do sultão, não quis discutir. Todos os dias, depois de levantar-se, ia o monarca ao seu gabinete, de onde contemplava o palácio de Aladim; e para lá voltava diversas vezes durante o dia.

Aladim não permanecia fechado no palácio; pelo contrário, tratava de ir à cidade várias vezes por semana, para orar numa mesquita, para visitar o grão-vizir ou para render homenagem aos principais cortesãos. Cada vez que saía,

mandava dois escravos, que lhe ladeavam o cavalo, atirando moedas de ouro nas ruas e praças por onde passava.

Não havia pobre que se apresentasse à porta do palácio e que de lá não voltasse contente com a generosidade do dono.

Como Aladim dividira o tempo de tal modo que não havia semana em que não fosse à caça pelo menos uma vez, quer nas vizinhanças da cidade, quer mais longe, usava da mesma generosidade nas estradas e nas povoações. A sua generosidade fazia com que o povo o abençoasse. Enfim, sem dar sinal ao sultão, a quem visitava regularmente, pode-se dizer que atraía, com as suas maneiras afáveis, o afeto do povo e que era até mais amado que o próprio sultão. A essas belas qualidades acrescentava inexcedível zelo pelo bem do Estado. Demonstrou-o por ocasião de uma revolta nos confins do reino. Mal soube que o sultão reunia um exército para combatê-la, suplicou-lhe que lhe cedesse o comando, e não teve dificuldade em obtê-lo. Pondo-se diante das tropas, fê-las marchar contra os revoltos; e durante a expedição tão bem se desempenhou que pouco depois recebia o sultão a notícia de que os inimigos haviam sido subjugados e castigados. Esse feito que lhe celebrizou o nome no reino inteiro não lhe mudou o coração; Aladim voltou vitorioso, mas afável como sempre fora.

Já havia alguns anos que Aladim levava tal vida quando o mágico, que lhe proporcionara, sem querer, os meios de galgar tão elevada posição, dele se lembrou na África para onde voltara. Apesar de ter certeza de haver Aladim morrido no subterrâneo onde o deixara, quis saber exatamente o seu fim. Sendo grande geomante, tirou de um armário um quadrado em forma de caixa coberta, do qual se servia para as suas artes de geomancia, sentou-se num sofá diante do quadrado, descobriu-o e, depois de preparar e nivelar a areia, com a intenção de saber se Aladim estava morto no subterrâneo, descreveu várias figuras com um compasso e formou o horóscopo. Examinando-o, em vez de descobrir que Aladim morrera no subterrâneo, viu que conseguira safar-se e que vivia em grande esplendor, poderosamente rico, esposo de uma princesa, honrado e respeitado.

Mal verificou, mediante o auxílio da arte diabólica, que Aladim desfrutava de elevada posição, subiu-lhe o fogo ao rosto, e, furibundo,

murmurou: ‘Esse miserável filho de alfaiate descobriu o segredo da lâmpada! Julguei-o morto e eis que ele goza o fruto dos meus trabalhos e das minhas noites passadas em claro. Mas saberei impedir que continue a desfrutá-los, ou morrerei.’

Não demorou muito para decidir o que fazer. No dia seguinte, montou a cavalo e pôs-se a caminho. De cidade em cidade e de província em província, parando apenas para não cansar demasiadamente o animal, chegou à China e à capital do sultão cuja filha fora desposada por Aladim, e hospedou-se num khan. Ali passou o resto do dia e a noite para refazer-se da fadiga da jornada.

No dia seguinte, quis saber o que se dizia de Aladim. Passando pela cidade entrou no lugar mais frequentado pelas pessoas de classe que sorviam chá, bebida quente que ele conhecia desde a primeira viagem. Mal se sentou, serviram-lhe uma xícara. Pegando-a, e prestando atenção à direita e à esquerda, ouviu o que se falava do palácio de Aladim. Aproximou-se, então, de um dos frequentadores, e perguntou-lhe o que vinha a ser aquele palácio do qual tanto se falava.

‘De onde vindes?’, perguntou-lhe a pessoa à qual ele se dirigia. ‘Deveis ser novato aqui, uma vez que nunca vistes o palácio do príncipe Aladim!’

Já não era simplesmente Aladim desde que casara com a princesa Badrulbudur.

‘Não vos digo’, continuou o homem, ‘que é uma das maravilhas do mundo, porque é a única maravilha existente. Nunca se viu coisa igual, tão rica, tão magnífica! Deveis vir de muito longe, porque nunca ouvistes falar nele. Ide contemplá-lo e verificareis por vós mesmo se falei ou não a verdade.’ ‘Perdoai-me a minha ignorância’, respondeu o mágico africano. ‘Cheguei ontem, e de fato venho de tão longe, da extremidade da África, que a fama do palácio não foi ainda ter àquelas paragens. E, como, com respeito aos negócios urgentes que aqui me trazem, não tive outra preocupação senão chegar o mais cedo possível sem parar e sem travar conhecimento com ninguém, apenas sei o que me acabais de comunicar. Não deixarei de contemplar o palácio; a minha impaciência é tão grande que

estou pronto a satisfazer desde já a minha curiosidade desde que queiras ter a bondade de me mostrar o caminho.’

A pessoa a quem o mágico africano se dirigira não teve dúvidas em lhe ensinar o caminho a fim de poder ver o palácio de Aladim; o mágico africano levantou-se e partiu no mesmo momento. Depois de examinar o palácio de perto e de todos os lados, não duvidou de que Aladim se havia servido da lâmpada para construí-lo. Sabia muito bem que Aladim, filho de um simples alfaiate, nunca poderia mandar erguer uma construção daquelas, a não ser com o auxílio dos escravos da lâmpada. Vivamente irritado com a sorte e a grandeza de Aladim, voltou ao khan onde se hospedara.

Tratava-se de saber onde se achava a lâmpada, se Aladim a transportava sempre ou se a escondia em algum lugar; cabia-lhe descobri-lo por um ato de geomancia. No aposento do khan em que se hospedara, pegou o quadrado e a areia que acompanhava em todas as viagens, e, mal terminou a operação, soube que a lâmpada estava no palácio de Aladim. Ficou tão contente que quase enlouqueceu.

‘Terei a lâmpada!’, exclamou. ‘Desafio Aladim a me impedir de levá-la e de fazê-lo voltar ao ínfimo nível de onde saiu.’

A má sorte de Aladim levou-o a uma caçada de oito dias. Fazia apenas três dias que partira e eis como o mágico africano o soube: quando acabou a operação que tanto o alegrou, correu ao porteiro do khan, sob o pretexto de conversar, e teve muita sorte. Disse-lhe que acabara de ver o palácio de Aladim e, depois de exagerar tudo o que notara de mais surpreendente, acrescentou: ‘A minha curiosidade vai mais longe, e não ficarei satisfeito enquanto não conhecer o homem a quem pertence tão maravilhosa construção.’ ‘Não vos será difícil’, respondeu-lhe o porteiro, ‘uma vez que quase todos os dias vai à cidade; mas há três que se acha fora da cidade participando de uma caçada que durará oito dias.’

O mágico africano despediu-se do porteiro e, ao retirar-se, pensou: ‘Eis a ocasião para agir, e não devo deixá-la escapar.’

Rumou, então, para a loja de um fabricante de lâmpadas. ‘Mestre’, disse-lhe, ‘necessito de uma dúzia de lâmpadas de cobre, podeis fornecer-me?’

O vendedor respondeu-lhe que faltavam algumas, mas que, se tivesse paciência até o dia seguinte, as entregaria. O mágico concordou, recomendando-lhe que fossem bem-feitas e lustrosas. Depois de lhe prometer que as pagaria bem, retirou-se para o seu khan.

No dia seguinte, a dúzia de lâmpadas foi entregue ao mágico africano, que por elas pagou o estipulado. Colocando-as numa cesta que comprara expressamente para aquilo, dirigiu-se para o palácio de Aladim, e, aproximando-se, começou a apregoar: ‘Quem quer trocar lâmpadas antigas por novas?’

Mal as crianças que brincavam na praça o ouviram, cercaram-no com grandes gritos, enquanto os transeuntes se riam da sua falta de sensatez.

‘Deve ter perdido o juízo, para estar oferecendo lâmpadas novas por velhas’, diziam.

O mágico africano não se irritou com as vaías das crianças nem com o que se dizia dele, e continuou a apregoar: ‘Quem quer trocar lâmpadas velhas por novas?’

Tantas vezes repetiu a mesma coisa, perambulando pela praça diante do palácio, que Badrulbudur, que se achava no salão das 24 janelas, não podendo distinguir bem o que o homem apregoava em virtude da gritaria das crianças que o seguiam, cujo número aumentava a cada momento, mandou uma das escravas verificar a origem daquilo.

A escrava não demorou em voltar e entrou no salão com tão estrondosas gargalhadas que a princesa não pôde deixar de rir-se também.

‘E então, sua doidinha’, perguntou-lhe a princesa, ‘por que estás rindo assim?’ ‘Princesa’, respondeu-lhe a escrava, ‘quem não riria vendo um louco de cesto ao braço cheio de belas lâmpadas novas, a querer trocá-las por velhas? As crianças que o cercam é que estão fazendo toda esta algazarra.’

Ouvindo tais palavras, outra escrava tomou a palavra: ‘Quanto a lâmpadas velhas’, disse, ‘não sei se vos lembrais de que se encontra no palácio a que vos pertence. Certamente vos dareis por feliz se em vez dela receberdes uma nova. Se quiserdes tentar, esse louco será capaz de dar-vos uma lâmpada nova em troca de uma velha, sem nada mais pedir.’

A lâmpada da qual a escrava falava era a lâmpada maravilhosa de que Aladim se servira para chegar à grandeza. Ele mesmo a pusera num nicho antes de ir à caçada, temendo perdê-la. Nem as escravas nem os eunucos, sequer a princesa lhe haviam prestado atenção durante a ausência de Aladim. A precaução de Aladim fora excelente, sem dúvida, mas ele devia tê-la escondido cuidadosamente. Tais erros, porém, se cometem sempre.

Badrulbudur, que ignorava o valor daquela lâmpada, de tão grande interesse para Aladim, ordenou a um eunuco que fosse trocá-la. O eunuco, obedecendo, desceu do salão, e mal cruzou a porta percebeu o mágico africano; chamou-o e, mostrando-lhe a velha lâmpada, disse-lhe: ‘Dá-me uma lâmpada nova por esta.’

O mágico viu imediatamente que era a que ele tanto almejava; não podia haver outras no palácio de Aladim, onde tudo era de ouro e prata. Pegou-a, sem perda de tempo, das mãos do eunuco, e, depois de guardá-la no peito, apresentou-lhe o cesto inteiro pedindo-lhe que escolhesse a que mais lhe interessava. O eunuco obedeceu e levou a lâmpada nova à princesa Badrulbudur; mal a troca foi efetuada, redobram as crianças as suas gargalhadas, rindo-se a valer da estupidez do mágico.

O mágico não se importou com as zombarias, e, sem deter-se mais tempo perto do palácio de Aladim, afastou-se sem apregoar mais a sua mercadoria. Contente com a que obtivera, o seu silêncio fez com que as crianças parassem finalmente de gritar.

Mal se viu fora da praça entre os dois palácios, procurou ruas menos frequentadas, desfazendo-se rapidamente do cesto e das lâmpadas novas que lhe sobraram. Em seguida, ao enveredar por outra rua, apressou os passos em direção a uma das portas da cidade. Continuando a caminhar pelos arrabaldes, comprou algumas provisões antes de sair. Quando chegou ao campo, desviou-se para um lugar isolado, fora da vista de todos, onde ficou até o momento que julgou adequado para a execução do seu plano. Não sentiu a perda do cavalo que ficara no khan; pelo contrário, julgou-se muito bem-recompensado pelo tesouro que acabava de adquirir.

Passou o resto do dia nesse lugar, até certa hora da noite, quando as trevas se adensaram. Tirou, então, a lâmpada do peito e esfregou-a. Obedecendo ao

apelo, o gênio apareceu-lhe:

‘O que queres?’, perguntou-lhe. ‘Aqui estou, pronto para te obedecer como escravo teu e de todos os que possuem a lâmpada.’ ‘Ordeno-te’, respondeu o mágico africano, ‘que neste mesmo momento leves o palácio que tu e os outros escravos da lâmpada construístes nesta cidade, com tudo o que nele vive e comigo para um ponto da África.’

Sem responder-lhe o gênio, com a ajuda dos outros escravos da lâmpada o transportou em pouco tempo, a ele e ao palácio ao ponto indicado da África. Deixemos agora o africano e o palácio com a princesa Badrulbudur na África para falarmos da surpresa do sultão.

Quando este se levantou, não deixou, conforme o seu costume, de ir ao gabinete para ter o prazer de contemplar o palácio de Aladim. Lançando o olhar para onde costumava vê-lo, notou apenas uma praça vazia, como era antes. Pensou enganar-se, e esfregou os olhos, mas não viu nada mais do que a primeira vez, apesar de estar bom o tempo e o céu límpido. Olhou pelas duas aberturas, à direita e à esquerda, e viu apenas o que costumava ver pelos dois lugares. Sua surpresa foi tão grande que ficou muito tempo no mesmo lugar, olhando para o ponto onde o palácio se erguia, procurando compreender como podia um palácio tão grande e tão vistoso como o de Aladim desaparecer sem o menor vestígio. ‘Não me engano’, disse para si mesmo. ‘Sempre estive neste lugar; se tivesse desabado eu enxergaria seus escombros, e se a terra o tivesse engolido sempre veria alguma coisa.’ Embora convencido de que o palácio não existia mais, deixou passar algum tempo para ver se de fato não se enganara. Finalmente, retirou-se, depois de lançar um último olhar. Voltou ao seu aposento e ordenou que o grão-vizir comparecesse imediatamente; entretanto, sentou-se, agitado, não sabendo o que fazer.

O grão-vizir não demorou, e ocorreu tão rapidamente que nem ele nem o seu séquito perceberam o desaparecimento do palácio de Aladim.

Aproximando-se do sultão, disse-lhe o grão-vizir: ‘Senhor, com a pressa com que me mandastes chamar fez-me crer que se trata de algo extraordinário, uma vez que não ignorais que hoje é dia de conselho e que eu não posso faltar ao meu dever de vir.’ ‘O que aconteceu é realmente

extraordinário, como dissestes. Dizei-me, onde está o palácio de Aladim?’ ‘O palácio de Aladim, Senhor?!’, estranhou o grão-vizir. ‘Acabo de passar diante dele, e pareceu-me vê-lo no seu lugar; uma construção como aquela não muda de lugar tão facilmente!’ ‘Ide contemplá-lo no gabinete’, respondeu-lhe o sultão, ‘e contaí-me depois o que vistes.’

O grão-vizir correu ao gabinete do sultão e ficou boquiaberto. Quando se convenceu de que o palácio de Aladim já não se achava no mesmo lugar, voltou à presença do sultão: ‘Então, vistes o palácio de Aladim?’, perguntou-lhe o sultão. ‘Senhor’, respondeu o grão-vizir, ‘haveis de lembrar-vos de que tive a honra de dizer-vos que esse palácio e todas as suas imensas riquezas não passavam de obra mágica, mas não quisestes dar-me ouvidos.’

O sultão, não podendo discordar, encheu-se de cólera: ‘Onde está esse impostor, para que eu mande decepar sua cabeça?’ ‘Senhor’, respondeu o grão-vizir, ‘há alguns dias Aladim despediu-se de nós. Convém perguntar-lhe onde se encontra o seu palácio, pois ele não deve ignorar.’ ‘Isso seria tratá-lo com demasiada indulgência’, respondeu o sultão. ‘Mandai trinta dos meus cavaleiros trazê-lo algemado!’

O grão-vizir transmitiu a ordem do sultão aos cavaleiros e explicou ao oficial de que forma deviam executá-la para que ele não lhes escapasse. Aladim foi encontrado a cinco ou seis milhas da cidade de volta da caçada. O oficial, aproximando-se dele, disse-lhe que o sultão, impaciente por revê-lo, lhe mandara aquela escolta para acompanhá-lo.

Aladim não desconfiou da verdadeira razão da ordem do monarca e continuou; mas, quando chegou a meia milha da cidade, viu-se cercado pela escolta, e o oficial, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Príncipe Aladim, é com grande pesar que vos transmitimos a ordem do sultão de vos levar à sua presença como criminoso de Estado. Suplicamo-vos não nos querer mal, porque apenas cumprimos o nosso dever!’

Aquela declaração constituiu enorme surpresa para Aladim, que era inocente. Perguntou, então, ao oficial do que o acusaram. E o oficial respondeu-lhe que nem ele nem os outros homens sabiam.

Aladim, notando que os seus companheiros eram menos numerosos que os da escolta, e que se afastavam, apeou-se. ‘Aqui estou’, disse, ‘executai a

vossa ordem. Posso assegurar-vos, porém, que estou inocente de qualquer crime contra a pessoa do sultão ou contra o Estado.’

Imediatamente passaram-lhe uma corrente ao redor do pescoço e dos braços. Quando o oficial se colocou diante da escolta, um dos homens pegou a extremidade da corrente, e, caminhando atrás, guiou Aladim, que foi obrigado a segui-lo a pé até a cidade.

Quando entraram no subúrbio, os primeiros habitantes que viram Aladim levado como criminoso de Estado não duvidaram de que lhe seria decepada a cabeça. Como era estimadíssimo, empunharam alguns alfanjes e outras armas e os que não tinham nada armaram-se de pedras, e seguiram a escolta. Os cavaleiros que se achavam no fim voltaram-se para pô-los em fuga, mas o número aumentou tanto que eles preferiram fingir estarem contentíssimos por chegar ao palácio do sultão sem que Aladim lhes fosse arrebatado. Para isso trataram de ocupar toda a largura da rua; quando atingiram a praça do palácio, enfileiraram-se, enfrentando a massa popular, até que os oficiais cavaleiros que conduziam Aladim tivessem entrado no palácio e as portas fossem fechadas.

Aladim foi levado à presença do sultão. Este, que o esperava, acompanhado do grão-vizir, mal o viu ordenou ao carrasco presente que lhe cortasse a cabeça, sem querer ouvi-lo nem receber explicações.

Quando o algoz, pegando Aladim, lhe tirou a corrente, e depois de estender sobre o chão um tapete manchado do sangue de inúmeros criminosos, executados, mandou que se ajoelhasse, tomou as medidas necessárias para cortar-lhe a cabeça, fazendo brilhar o alfanje no ar por três vezes, e esperou que o sultão desse o sinal.

Naquele momento, o grão-vizir percebeu que a massa popular, vencendo a resistência dos guardas, acabava de galgar os muros do palácio em vários lugares, e começava a demoli-los para abrir uma brecha, e disse antes que o sultão desse o fatídico sinal:

‘Senhor, rogo-vos pensar bem no que estais fazendo, pois correis o risco de ver o vosso palácio destruído; a vossa medida poderá provocar as piores consequências.’ ‘Quem pode ter a ousadia de forçar e destruir o meu

palácio?’ respondeu o monarca. ‘Senhor’, continuou o grão-vizir, ‘olhai para os muros e para a praça e verificareis a verdade do que vos digo.’

Foi tal o espanto do sultão ao ver o povo revoltado, que no mesmo momento ordenou ao carrasco que tirasse a venda dos olhos de Aladim e o deixasse livre. Depois, ordenou que anunciassem os arautos que o sultão havia perdoado a Aladim.

Todos os que haviam galgado os muros do palácio desistiram, então, do seu intento; desceram, e, cheios de alegria por terem salvado a vida de um homem a quem amavam, transmitiram a notícia aos que os cercavam. A notícia difundiu-se imediatamente por toda a população que enchia a praça do palácio. O gesto do sultão, perdoadando a Aladim, desarmou a população, pôs fim ao tumulto e fez com que cada um se retirasse para o próprio lar.

Quando Aladim se viu livre, levantou a cabeça em direção ao sogro, e disse:

‘Senhor, rogo-vos acrescentar outra graça à que acabais de fazer: dizei-me qual é o meu crime!’ ‘Qual é o vosso crime, pérfido?’, respondeu-lhe o sultão. ‘Pois não sabeis ainda? Subi aqui que eu vo-lo darei a conhecer.’

Aladim obedeceu-lhe.

‘Segui-me’, ordenou-lhe o sultão, precedendo-o e conduzindo-o ao gabinete em cuja porta, parando, disse-lhe: ‘Entrai. Deveis saber onde se encontra o vosso palácio.’

Aladim só viu na frente o espaço anteriormente ocupado pelo palácio; mas, não podendo adivinhar de que modo ele desaparecera, caiu em tamanha confusão que não conseguiu responder ao sultão. Este, impaciente, insistiu: ‘Dizei-me, pois, onde se acha o vosso palácio e onde está minha filha!’

Finalmente, Aladim conseguiu falar: ‘Senhor, bem vejo que o palácio que mandei construir já não se acha no seu lugar e não posso dizer-vos onde está. Mas asseguro-vos que sou inocente.’ ‘Não me importa o que aconteceu com o vosso palácio’, respondeu o sultão. ‘O que me interessa é minha filha, que vale muito mais. Quero que a descubrais imediatamente, senão mandarei cortar-lhe a cabeça.’ ‘Senhor’, respondeu-lhe Aladim, ‘suplico-vos conceder-me quarenta dias para as buscas. Se nesse intervalo nada conseguir, dou-vos a

minha palavra de que trarei a cabeça aos pés do vosso trono para que façais com ela o que vos aprouver.’

‘Concedo-vos os quarenta dias que me pedis’, aquiesceu o sultão, ‘mas não penseis em abusar da graça que vos faço e escapar do meu ressentimento, pois saberei descobrir-vos onde quer que vos oculteis.’

Aladim afastou-se humilhadíssimo e em condições de dar pena, atravessou as salas de cabeça baixa, sem ousar levantar os olhos. Os principais dignitários da corte aos quais sempre demonstrara estima, em vez de se lhe aproximarem para o consolar ou oferecer-lhe abrigo, viraram-lhe as costas. Mesmo, porém, que se tivessem aproximado dele para dizer-lhe algumas palavras ou oferecer-lhe os seus serviços, não o teriam reconhecido, de tal modo estava ele transtornado. E bem o mostrou quando, fora das portas do palácio, perguntou de porta em porta se não tinham visto o seu palácio.

Aquelas perguntas fizeram com que todos acreditassem ter Aladim perdido o juízo. Alguns riram-se; os mais sensatos, contudo, especialmente os que tinham tido amizade e negócios com ele, ficaram realmente impressionados. Por três dias perambulou Aladim de um lado a outro, comendo apenas o que lhe davam por misericórdia e sem nada resolver.

Finalmente, não podendo mais, no infeliz estado em que se achava, continuar na cidade onde fora tão estimado, saiu e rumou para o interior. Desviando-se das grandes estradas e, depois de atravessar os campos dominado por terrível incerteza, chegou finalmente, ao cair da noite, à margem de um rio. Ali, dele se apoderou o desespero.

‘Aonde irei procurar o meu palácio?’, disse para si mesmo. ‘Em que província e em que país, em que parte do mundo o encontrarei e à minha amada princesa? Jamais conseguirei; por isso é melhor que eu me livre de tanta tristeza e fadiga!’

Sentiu ímpetos de atirar-se ao rio, mas acreditou, como muçulmano, fiel à sua religião, que antes devia fazer a sua prece. Assim, aproximou-se da água para lavar as mãos e o rosto, conforme o hábito. Como, porém, fosse aquele lugar um pouco inclinado, escorregou, e teria caído no rio, se não tivesse se agarrado a uma pedra cravada no chão. Felizmente, para ele, ainda tinha no dedo o anel que o mágico africano lhe dera antes de descer ao subterrâneo

para ir buscar a preciosa lâmpada. Sem querer, esfregou-o com bastante força; no mesmo instante apareceu-lhe novamente o gênio que ele vira pela primeira vez no subterrâneo em que o mágico africano o encerrara: ‘O que queres?’, perguntou-lhe. ‘Aqui estou, pronto para obedecer-te como escravo teu e de todos os que possuem o anel, eu e os outros escravos do anel!’

Aladim, agradavelmente surpreso com a aparição tão pouco esperada, respondeu-lhe: ‘Gênio, salva-me a vida pela segunda vez, dizendo-me onde se encontra o palácio que mandei construir e fazendo com que seja trazido de volta imediatamente.’ ‘O que me pedes’, respondeu-lhe o gênio, ‘não me é possível. Sou apenas escravo do anel. Dirige-te ao escravo da lâmpada.’

‘Se é assim’, prosseguiu Aladim, ‘ordeno-te que me leves ao lugar em que se acha o meu palácio, e que me deixes sob as janelas do aposento da princesa Badrulbudur.’

Mal acabou de falar, transportou-o o gênio à África, no meio de uma planície em que se erguia o palácio, pouco distante de uma grande cidade, e colocou-o exatamente sob as janelas do aposento da princesa.

Apesar da escuridão da noite, o reconheceu Aladim assim como reconheceu o aposento da princesa Badrulbudur; mas, estando adiantada a noite e tudo em silêncio, afastou-se um pouco e sentou-se ao pé de uma árvore. Ali, cheio de esperança e pensando na sua sorte, tranquilizou-se pela primeira vez desde que fora preso, levado à presença do sultão e livrado do perigo de perder a vida. Por algum tempo ficou imerso em pensamentos agradáveis; finalmente, por já estar há cinco ou seis dias sem dormir, adormeceu ao pé da árvore que o abrigava.

No dia seguinte, ao despontar do Sol, foi acordado pelo gorjeio dos pássaros que haviam passado a noite na árvore. A primeira coisa que fez foi lançar um demorado olhar ao admirável palácio. Sentiu indescritível alegria ao rever a sua querida Badrulbudur. Levantou-se, então, e aproximou-se do aposento da princesa, caminhando sob as janelas, à espera de que ela o notasse. Ao mesmo tempo tratou de descobrir qual seria a causa da sua infelicidade; e, depois de pensar bem, verificou que toda a sua má sorte provinha do fato de ter abandonado a lâmpada maravilhosa. Recriminou-se pela negligência de tê-la perdido de vista, mas não conseguiu

imaginar quem poderia ter-lhe invejado a ventura. Tudo teria compreendido, se tivesse sabido que ele e seu palácio se encontravam na África; mas o gênio, escravo do anel, nada lhe dissera. Bastaria o nome de África para lembrar-lhe o mágico africano, seu inimigo mortal.

A princesa levantara-se mais cedo do que de costume, desde que fora raptada e transportada à África pelo mágico africano, cuja presença ela se via forçada a suportar; mas tão mal o tratava que ele ainda não ousara instalar-se no palácio. Quando terminou de vestir-se, uma das aias, olhando por uma janela, reconheceu Aladim. Imediatamente avisou a ama. A princesa, que não podia acreditar, correu depressa à janela e viu Aladim. Ao ouvir o ruído com a abertura da janela, Aladim levantou a cabeça e saudou Badrulbudur com o júbilo a lhe transbordar por todos os gestos. ‘Não percas tempo’, disse-lhe a princesa, ‘abre a porta secreta e sobe.’ E fechou a janela.

A porta secreta achava-se debaixo do aposento da princesa. Abrindo-a, Aladim subiu. Não é possível exprimir a alegria dos dois cônjuges ao se reverem. Abraçando-se repetidas vezes, deram vazão a todo o seu amor e ternura depois de tão triste separação. Em seguida, misturando as suas lágrimas de alegria, sentaram-se, e Aladim tomou a palavra:

‘Princesa’, disse, ‘antes de mais nada, peço-te, em nome de Deus, tanto no teu interesse como no do sultão, teu respeitável pai, e no meu, que me digas o que aconteceu à velha lâmpada que deixei no salão das 24 janelas antes de partir para a caçada.’ ‘Ah, meu marido’, respondeu-lhe a princesa, ‘bem sei que nossa má sorte provém dessa lâmpada, e o que me desola é que eu sou culpada.’ ‘Princesa’, disse Aladim, ‘não te culpes. A culpa é toda minha; devia ter tido mais cuidado. Agora tratemos de remediar a perda; para isso, conta-me tudo o que se passou e em que mãos ela caiu.’

Badrulbudur contou a Aladim a troca da lâmpada velha pela nova e como na noite seguinte, depois de perceber o roubo do palácio, se vira naquela região desconhecida, que era a África, segundo lhe dissera o próprio traidor que o mandara transportar pelo gênio.

‘Princesa’, interrompeu-a Aladim, ‘mencionando-me esse traidor, diz-me que me encontro na África. É o mais pérfido dos homens. Mas não há tempo nem é este o lugar apropriado para dar-te uma ideia da sua maldade.

Peço-te apenas que me contes onde ele guarda a lâmpada.’ ‘No peito’, respondeu a princesa, ‘e posso testemunhá-lo, visto que dali a tirou na minha presença para mostrar-me a sua vitória.’ ‘Princesa’, disse Aladim, ‘não te zangues por te perguntar tantas coisas e cansar-te. São importantes para ti e para mim. Para chegar ao que me interessa especialmente, peço-te agora que me digas como te trata esse malvado.’ ‘Desde que me acho aqui’, respondeu a princesa, ‘apresenta-se a mim uma vez por dia, e estou convencida de que a pouca satisfação que tira das suas visitas fará com que não me importune mais frequentemente. Todas as suas palavras têm apenas por fim convencer-me a faltar ao juramento que te prestei e recebê-lo como marido, querendo fazer-me ver que já não vives, pois o sultão meu pai mandou que te cortassem a cabeça. Acrescenta, para justificar-se, que és um ingrato, que a tua sorte a ele é que se deve e muitas outras coisas. Como só recebe de mim queixas e lágrimas, é forçado a retirar-se tão pouco satisfeito como quando entra. Não duvido de que a sua intenção é aguardar até que eu mude de ideia e, finalmente, empregar a violência, se eu continuar a resistir. Mas, querido, a tua presença já afugentou toda a minha intranquilidade.’ ‘Princesa’, disse Aladim, ‘creio ter encontrado o meio de livrar-te do teu inimigo e do meu. Para isso é necessário que eu vá à cidade. Voltarei ao meio-dia e explicar-te-ei o meu plano e o que será preciso que faças para o êxito. Não te espantes de me veres voltar com outras vestes e dá ordem para que eu não tenha de esperar na porta secreta.’

A princesa prometeu-lhe que a porta seria imediatamente aberta.

Quando Aladim desceu e saiu pela mesma porta, olhou para ambos os lados e percebeu um camponês a caminho dos campos.

Como o camponês, passando pelo palácio, já se achasse um pouco distante, Aladim apressou-se, e depois de alcançá-lo propôs-lhe trocar de vestes, com o que o camponês concordou. A troca efetuou-se atrás de uma moita. Quando se separaram, Aladim tomou o caminho da cidade, onde, ao chegar, entrou pela rua que se estendia diante da porta. Desviando-se das ruas mais frequentadas, alcançou um lugar em que cada classe de mercadores e artesãos tinha seu ponto especial. Procurou a rua dos droguistas e,

dirigindo-se para a maior das lojas, perguntou ao mercador se tinha certo pó cujo nome lhe deu.

O mercador, supondo que Aladim fosse pobre e não dispusesse de bastante dinheiro, respondeu-lhe que o tinha, mas que era muito caro. Aladim, por sua vez, adivinhando o pensamento do mercador, tirou a bolsa e pediu meia dracma do pó. O mercador pesou-o, embrulhou-o e por ele pediu uma moeda de ouro. Aladim entregou-a, e, parando na cidade só para comer um pouco, voltou ao palácio. A porta secreta foi-lhe aberta imediatamente e ele subiu ao aposento de Badrulbudur.

‘Princesa’, disse-lhe, ‘a aversão que tens pelo teu raptor há de com certeza causar-te dificuldades para seguir o meu conselho. Mas é para te livrares da sua perseguição e dares ao sultão teu pai e meu senhor a satisfação de te rever que irás dissimular. Se seguires o meu conselho, desde já te vestirás luxuosamente e, quando o mágico africano vier, tratarás de recebê-lo da melhor forma possível, sem constrangimento, de maneira porém que fique sempre uma sombra de aflição que ele perceberá, mas que se dissipará com o tempo. Durante a conversa dize-lhe que está fazendo todos os esforços para me esquecer, e, para que ele melhor se convença da tua sinceridade, convida-o a jantar contigo e acrescenta que gostarias de experimentar o melhor vinho do país; ele não hesitará em mandar buscá-lo. Enquanto estiveres esperando a sua volta, deita numa taça igual àquela em que costumavas beber este pó e avisa uma das tuas aias que a traga cheia de vinho ao sinal que lhe fizeres. Ela que cuide de não se enganar. Quando o mágico voltar e vós sentardes à mesa, manda trazer a taça com o pó e troca a tua taça com a dele. O mágico achará esse favor tão grande que não o recusará e beberá. Mal esvaziar a taça, vê-lo-ás cair ao chão. Apesar da tua repugnância em beber da sua taça, não hesiteis, porque o efeito do pó será tão rápido que ele não terá tempo de ver se bebes ou não.’

Quando Aladim terminou:

‘Confesso-te’, disse-lhe a princesa, ‘que muito me custa consentir. Mas que resolução não tomaria eu contra inimigo tão cruel! Farei o que me aconselhas, uma vez que a minha tranquilidade depende disso tanto quanto a tua.’

Tomadas as precauções com a princesa, Aladim despediu-se e foi passar o resto do dia perto do palácio, esperando a noite para aproximar-se da porta secreta.

Badrulbudur, que durante toda a longa separação vivera inconsolável não apenas por causa de Aladim como também do sultão, seu pai, a quem tanto amava, negligenciara a sua beleza. Esquecera-se até da limpeza adequada às pessoas do seu sexo, especialmente depois de o mágico africano se lhe ter apresentado pela primeira vez e de haver ela sido informada pelas aias que fora ele quem se apoderara da velha lâmpada. A oportunidade de vingar-se dele como merecia fez com que decidisse contentar Aladim. Assim, imediatamente ordenou às aias que a penteassem e vestiu-se luxuosamente. O cinto, de ouro com diamantes, era acompanhado de um adorno de pérolas, seis de cada lado e uma no meio, maior e mais preciosa que a de qualquer sultão ou rainha. As pulseiras, incrustadas de diamantes e rubis, combinavam maravilhosamente com a riqueza do cinto e do adorno.

Quando Badrulbudur terminou os preparativos, consultou o espelho e ouviu a opinião das aias quanto aos encantos que não poderiam deixar de atrair a paixão do mágico. Depois, sentou-se no sofá, à espera.

O mágico compareceu à hora habitual. Mal a princesa o viu entrar na sala das 24 janelas, onde o esperava, levantou-se e exibiu toda a sua beleza e os seus encantos e mostrou-lhe o lugar de honra em que esperava que ele se sentasse.

Depois, a princesa, para tirá-lo do embaraço em que o via, tomou a palavra, olhando-o de modo que lhe deu a entender não ser-lhe ele mais odioso, e disse-lhe: ‘Estais surpreso, sem dúvida, por me verdes hoje diferente do que até agora fui. Mas a vossa surpresa desaparecerá quando vos disser que tenho um temperamento tão oposto à tristeza e aos aborrecimentos que trato de afugentá-lo o mais cedo possível, desde que me convenço de não haver mais razão para tanto. Estive pensando no que me dissestes a respeito do destino de Aladim; e, como conheço meu pai, estou convencida, como vós, de que nunca poderia evitar o efeito terrível da sua ira. Assim, reconheço que as minhas lágrimas não farão ressuscitar Aladim. Por isso, depois de cumprir os deveres que o meu amor exigia, parece-me

dever tratar por todos os meios de consolar-me. Eis os motivos da minha mudança. Decidida a banir a tristeza, e certa de que havereis de fazer-me boa companhia, ordenei que fosse preparado um banquete. Mas, como disponho apenas de vinho da China e me encontro na África, tenho vontade de experimentar o que se produz aqui, e creio que me fareis o favor de me proporcionar.’

O mágico, não acreditando ter chegado tão facilmente a conquistar as boas graças da princesa, disse-lhe que não achava palavras para lhe testemunhar toda a sua gratidão. E, para pôr fim o mais depressa possível a uma conversação perigosa, falou sobre os vinhos da África e disse-lhe que, entre as vantagens das quais a África podia gloriar-se, a de produzir vinhos excelentes era uma das principais. Dispunha de algumas garrafas de sete anos com um vinho que excedia os mais finos do mundo.

‘Se’, acrescentou, ‘permitirdes que eu me afaste, irei buscar duas garrafas.’ ‘Não desejo incomodar-vos’, disse-lhe a princesa. ‘Preferiria que mandásseis alguém.’ ‘É necessário que eu mesmo vá’, o mágico respondeu; ‘ninguém, exceto eu, sabe onde está a chave.’ ‘Se é assim’, continuou a princesa, ‘ide, mas voltai imediatamente. Quanto mais tempo demorardes, tanto mais crescerá a minha impaciência em vos rever. Lembrai-vos de que nos sentiremos assim que voltardes.’

O mágico, cheio de esperanças, não correu, voou em busca do vinho de sete anos e regressou sem perda de tempo. A princesa, entretanto, deitara o pó que Aladim lhe dera numa das taças. Quando o mágico reapareceu, sentaram-se à mesa, um diante do outro, de maneira que o mágico dava as costas ao aparador. Servindo-lhe as melhores iguarias, a princesa disse-lhe: ‘Se o desejardes, vos proporcionarei o prazer de ouvir música e canções; mas, como somos dois apenas, parece-me que a simples conversa nos há de interessar mais.

O mágico considerou aquela escolha um novo favor da princesa.

Depois de comerem alguma coisa, a princesa pediu-lhe a bebida, brindou a saúde do mágico, e quando terminou, disse-lhe: ‘Tínheis razão de elogiar o vosso vinho. Nunca bebi outro tão delicioso.’ ‘Encantadora princesa’, respondeu ele, segurando a taça que acabava de lhe ser apresentada, ‘o meu

vinho lucra ainda mais com a vossa aprovação.’ ‘Bebei à minha saúde’, respondeu-lhe a princesa, ‘e verificareis que não exagero.’

O mágico bebeu à saúde da princesa, e, devolvendo a taça, disse: ‘Princesa, considero-me feliz por ter guardado este vinho para tão excelente ocasião. Confesso que em toda a minha vida nunca provei vinho que se compare a este.’

Continuaram a comer e a beber. Finalmente, a princesa, que acabava de encantar o mágico com as suas delicadas maneiras, deu o sinal à mulher que servia o vinho. Quando cada um segurou a sua taça, disse ela ao mágico: ‘Não sei qual o costume seguido no vosso país quando se ama e se brinda ao amor. Na China, o amante e a amante trocam as taças.’

Ao mesmo tempo, apresentou-lhe a que segurava, avançando a outra mão para receber a dele. O mágico africano apressou-se em efetuar a troca, certíssimo de que conquistara realmente o coração da princesa. Mas, antes de beber, disse: ‘Princesa, muito nos falta a nós africanos para igualarmos os requintes atingidos pelos chineses no amor e nos prazeres. Aprendendo esta lição, aprendo também a que ponto devo ser sensível à graça que me concedeis. Nunca o esquecerei, amável princesa. E bebendo na vossa taça torno a encontrar uma vida que a vossa crueldade, se tivesse continuado, teria destruído para sempre.’

A princesa, a quem muito aborreciam as palavras do mágico africano, disse-lhe: ‘Bebamos. Continuareis depois o que pretendes dizer-me.’ Ao mesmo tempo levou a taça aos lábios, enquanto o mágico africano esvaziava apressadamente a dele. Terminando, como tivesse inclinado um pouco a cabeça para trás, ficou algum tempo nesse estado, até que a princesa, que continuava com a taça apenas encostada aos lábios, o viu virar os olhos e cair de costas, sem sentidos.

A princesa não teve de ordenar que se abrisse a porta secreta de Aladim. As duas aias haviam-se colocado em intervalos regulares no salão, até a escada, de maneira que, mal o mágico africano caiu, a porta se abriu.

Aladim, subindo, entrou no salão e, apenas viu o mágico africano estendido no sofá, deteve com um gesto a princesa, que se levantara para lhe demonstrar toda a sua alegria. ‘Princesa, retira-te para o teu aposento e

deixa-me dar sozinho os passos necessários para voltarmos imediatamente à China.’

Quando a princesa e as suas aias e eunucos se afastaram do salão, Aladim, aproximando-se do cadáver do mágico africano, abriu-lhe o colete e dele tirou a lâmpada. Desembrulhando-a, esfregou-a. Imediatamente se lhe apresentou o gênio com as palavras habituais.

‘Gênio’, ordenou-lhe Aladim, ‘chamei-te a fim de pedir-te que transportes imediatamente este palácio para a China, para o mesmo lugar de onde o tiraste.’

O gênio, depois de mostrar por uma inclinação da cabeça que obedeceria, desapareceu. De fato, realizou-se o transporte sentido apenas por duas leves sacudidas, uma quando foi levantado do lugar onde estava na África e outra quando foi posto na China, diante do palácio do sultão.

Aladim desceu ao aposento de Badrulbudur e, abraçando-a, disse-lhe: ‘Princesa, posso assegurar-te que a tua alegria e a minha serão completas amanhã de manhã.’

Visto que a princesa não tinha acabado de jantar e Aladim precisava comer, foram-lhes trazidos do salão das 24 janelas os pratos que mal haviam sido tocados. Os dois esposos comeram, beberam do bom vinho do mágico africano; depois, retiraram-se para o seu quarto.

Desde o desaparecimento do palácio de Aladim e da princesa, o sultão vivia inconsolável por tê-la perdido. Quase não dormia, nem de noite nem de dia, e, em vez de evitar o que pudesse mantê-lo na sua dor, era o que mais procurava. Assim, em vez de, como antes, ir apenas de manhã ao gabinete para contemplar o palácio, para lá se dirigia várias vezes por dia a fim de renovar as lágrimas e submergir-se cada vez mais na profunda dor que lhe despertava a ideia de não mais ver o que tanto prazer lhe tinha proporcionado e de ter perdido a criatura a quem mais amava no mundo.

Mal surgira a aurora, foi ao gabinete, na mesma manhã em que o palácio acabava de ser colocado no seu lugar. Tão imerso estava nos seus pensamentos e na sua dor que só lançou um triste olhar para o espaço em que julgava ver apenas o lugar antes ocupado pelo palácio. Ao ver aquele esplendor que sempre o deslumbrava, pensou primeiro tratar-se de efeito da

névoa. Olhando com mais atenção, reconheceu por fim o palácio de Aladim. Dominou-o, então, enorme alegria. Imediatamente voltou ao seu aposento e ordenou que se selasse um cavalo. Depois montou impacientíssimo, para chegar o mais depressa possível ao lado da filha adorada.

Aladim, que previra o que podia acontecer, levantara-se ao despontar do dia; e, mal se meteu numa das mais luxuosas vestes do seu guarda-roupa, subiu ao salão das 24 janelas, de onde notou a aproximação do monarca. Mal teve tempo para descer e recebê-lo ao pé da escadaria e ajudá-lo a apear-se. ‘Aladim’, disse-lhe o sultão, ‘quero falar imediatamente com a minha filha.’

Aladim conduziu-o ao aposento da princesa, que já fora avisada de que não se encontrava mais na África e sim na China, na capital do sultão, seu pai, e que acabava de vestir-se. O sultão abraçou-a várias vezes, banhado em lágrimas de alegria; por sua vez, a princesa demonstrou toda a sua grande alegria por revê-lo após tanto tempo.

O sultão ficou sem poder abrir a boca de tão emocionado em reaver a filha querida, depois de tê-la chorado como perdida.

Finalmente, conseguiu dizer: ‘Minha filha, creio que é a alegria de me rever que faz com que pareças pouco mudada, como se nada de desagradável te houvesse acontecido. Estou certo, porém, de que sofreste muito. Conte-me tudo.’

A princesa alegrou-se em poder dar ao sultão, seu pai, a satisfação exigida: ‘Senhor’, disse-lhe, ‘se pareço tão pouco mudada, rogo-vos considerar que comecei a respirar novamente desde ontem de manhã pela presença de Aladim, meu querido esposo e meu libertador. Toda a minha dor foi apenas por me ver afastada de vós, de meu marido, e por temer os efeitos da vossa ira quanto a Aladim. Muito menos sofri com a insolência do meu raptor. Aladim não tem a menor culpa do meu rapto; a única causa involuntária de tudo quanto sucedeu fui eu mesma.’

Para convencer o sultão do que dizia, descreveu-lhe o aparecimento do mágico africano como mercador de lâmpadas, a troca da lâmpada de Aladim cujo segredo e importância ignorava, o transporte do palácio e dela própria depois da troca para a África com o mágico africano, reconhecido por duas de suas aias e pelo eunuco que realizara a troca da lâmpada; contou-lhe

também que o mágico se lhe apresentara pela primeira vez, depois do êxito, propondo-lhe desposá-la, e enfim a perseguição sofrida até a chegada de Aladim, e as medidas que tinham tomado juntos para reaver a lâmpada. ‘Quanto ao resto’, concluiu, ‘prefiro que o próprio Aladim vos explique o que se passou.’

Aladim tinha pouca coisa a dizer ao sultão. ‘Quando me abriram a porta secreta e subi ao salão das 24 janelas onde vi o traidor morto sobre o sofá, já que não era conveniente que a princesa ficasse naquele lugar, pedi-lhe que descesse ao seu aposento. Uma vez sozinho, depois de retirar a lâmpada do peito do mágico, dela me servi sem perda de tempo para trazer-vos de volta a princesa e o palácio. Em outras palavras, fiz com que o palácio voltasse para o seu lugar e tive sorte de devolver-vos vossa filha, a princesa. Se quiserdes dar-vos o trabalho de subir ao salão, vereis o mágico castigado como merecia.’

Para convencer-se imediatamente da verdade, o sultão levantou-se, subiu e, ao encontrar o mágico africano morto, de rosto já lívido pela violência do veneno, abraçou Aladim com ternura, dizendo-lhe: ‘Meu filho, não me julgues mau pelo procedimento que tive para contigo. Fui impelido pelo amor paternal e mereço que me perdoes o excesso a que me entreguei.’ ‘Senhor’, respondeu-lhe Aladim, ‘não tenho razão nenhuma de queixa contra o vosso comportamento. Fizestes apenas o que devíeis fazer. Esse mágico infame é a causa única da minha desgraça. Quando puderdes contarei outra maldade sua não menos negra que esta e da qual fui salvo pela graça de Deus.’ ‘Não nos faltará tempo’, respondeu o sultão. ‘Mas agora cuidemos de nos alegrar. Manda tirar esse ser odioso da nossa frente.’

Aladim deu imediatamente a ordem de atirar o corpo do mágico africano ao lixo para servir de pasto às feras e às aves de rapina. O sultão, por sua vez, depois de ordenar toques de tambor, timbales e clarins, em sinal de regozijo, declarou uma festa de dez dias para celebrar a volta de Badrulbudur e de Aladim com o palácio.

Destarte, escapou Aladim pela segunda vez do perigo quase inevitável de perder a vida. Mas correu um terceiro perigo, cujas circunstâncias descreveremos.

Tinha o mágico um irmão mais moço não menos hábil que ele na mágica, e até superior na maldade. Como nem sempre vivessem juntos, achando-se frequentemente um no Ocidente e outro no Oriente, não deixaram de se informar todos os anos pela geomancia da parte do mundo em que se encontravam e da necessidade ou não de auxílio.

Algun tempo depois de o mágico africano perecer na luta contra Aladim, o irmão mais moço, não recebendo notícias suas por um ano, e estando num país bem distante, quis saber em que ponto da Terra vivia o mágico e o que fazia. Para onde quer que se dirigisse, levava sempre consigo o seu quadrado geomântico. Um dia, colocou-o sobre a areia, traçou figuras com o compasso e finalmente formou o horóscopo. Examinando as figuras, verificou que seu irmão já não vivia e que fora envenenado, morrendo instantaneamente. Soube mais: que o seu corpo se achava na capital da China e finalmente que o seu envenenador era homem de humilde nascimento, casado com a princesa filha do sultão.

O mágico não perdeu tempo com lamúrias, que não teriam surtido efeito. Decidido a vingar a morte do irmão, montou num cavalo e pôs-se a caminho da China. Atravessou planaltos, rios, montanhas, desertos; e depois de longa viagem, sem parar em lugar nenhum, chegou à China e à capital que a geomancia lhe indicara. Certo de que não estava enganado, tratou de hospedar-se.

No dia seguinte, saiu, e, passeando pela cidade, não para ver as belezas que lhe eram indiferentes, mas com a intenção de começar a dar os passos necessários para executar o seu plano, meteu-se nos lugares mais frequentados e ouviu o que se dizia. Num lugar em que se jogava todo tipo de jogos, e onde enquanto uns jogavam outros conversavam, ouviu contar maravilhas sobre as virtudes de uma mulher retirada do mundo, chamada Fátima. Achando que essa mulher poderia ser-lhe útil chamou para o lado um dos membros do grupo e pediu-lhe que lhe explicasse quem era a santa e que espécie de milagres fazia. ‘Como?’, estranhou o homem, ‘nunca vistes nem ouvistes falar nela? Pois se causa a admiração da cidade inteira com os seus jardins, a sua austeridade, e os bons exemplos que dá. Com exceção das segundas e das sextas-feiras, não abandona o seu pequeno retiro; e quando

aparece na cidade faz inúmeros benefícios e não há pessoa com dor de cabeça que não seja curada pelo toque das suas mãos.’

O mágico nada mais quis saber. Perguntou apenas ao mesmo homem em que ponto da cidade vivia a santa. Obtida a informação, e depois de imaginar o seu plano, de que falaremos, passou a seguir todos os passos da mulher a partir do primeiro dia, sem perdê-la de vista até que ela voltasse para o retiro. Aí, retirou-se para um lugar em que se sorvia certa bebida quente e onde se passava a noite, dormindo sobre uma esteira, sobretudo no verão.

Depois de pagar a despesa feita, saiu por volta de meia-noite e rumou para o retiro de Fátima, a Santa. Não encontrando dificuldade em abrir a porta, travada apenas com um trinco, fechou-a novamente sem ruído, após entrar, e percebeu Fátima à luz dormindo num sofá. Aproximou-se-lhe e, puxando o punhal, despertou-a.

Abrindo os olhos, a pobre Fátima ficou horrorizada ao ver um homem pronto a apunhalá-la. Encostando-lhe a ponta da lâmina ao coração, disse-lhe ele: ‘Se gritas, ou fazes o menor ruído, mato-te! Levanta-te, pois, e obedece-me!’

Fátima, que estava deitada vestida, levantou-se, tremendo de medo.

‘Nada temas’, disse-lhe o mágico. ‘Quero apenas o teu vestido!’

Efetuada a troca, prosseguiu o mágico: ‘Pinta-me o rosto como o teu, para que eu me pareça contigo.’

E, notando que ela tremia, disse-lhe para tranquilizá-la: ‘Não tenhas medo, repito-te. Juro-te em nome de Deus que te pouparei a vida.’

Fátima mandou-o entrar no seu quarto, acendeu uma lâmpada e, retirando de um vaso certo líquido, esfregou-o no rosto do mágico, assegurando-lhe que a cor não mudaria. Em seguida, pôs-lhe sobre a cabeça uma peruca, cobriu-o com um véu e ensinou-lhe a maneira pela qual devia esconder o rosto ao caminhar pela cidade. Finalmente, depois de lhe enrolar ao pescoço um grande lenço que lhe caía na frente até a metade do corpo, entregou-lhe o bordão de que sempre se valia. E, mostrando-lhe um espelho, disse-lhe:

‘Fitai-vos, e verificareis que não poderíeis parecer-vos mais comigo.’

O mágico, satisfeíssimo com o resultado, não manteve a palavra tão solenemente empenhada. Para evitar derrame de sangue, estrangulou-a e atirou-lhe o cadáver à cisterna da pousada.

Depois, disfarçado como Fátima, a Santa, passou o resto da noite no mesmo lugar, em nada preocupado com o horrendo crime com que acabava de manchar-se. No dia seguinte, logo cedo, apesar de ser dia em que a santa não costumava sair, abandonou o abrigo, certo de que ninguém o importunaria com perguntas, mas, em todo caso, pronto para responder. Visto que um dos seus primeiros atos, ao chegar à cidade, fora visitar o palácio de Aladim, para lá se dirigiu.

Mal a Santa saiu à rua, cercou-a grande multidão. Uns lhe pediam que orasse por eles, outros lhe beijavam a barra da veste, e outros, ainda, prostravam-se diante dela, para que ela os abençoasse com as mãos, o que o mágico fazia, murmurando palavras que pretendia ser de oração, e tão bem-imitando a infeliz morta que ninguém desconfiava. Depois de parar várias vezes, para satisfazer toda espécie de gente, alcançou finalmente a praça em que se situava o palácio de Aladim; ali, sendo maior a afluência, aumentou também a solicitude dos que se aproximavam. Os mais fortes e fanáticos varavam a multidão, provocando brigas cujo ruído chegou ao salão das 24 janelas, onde se encontrava naquele momento a princesa Badrulbudur.

A princesa perguntou a que se devia a confusão, e, como ninguém soubesse explicar-lhe o motivo, ordenou a um dos eunucos que fosse ver o que se passava. Uma das aias, porém, espreitando por uma cortina, disse-lhe que a multidão cercava a Santa para que esta lhe curasse os males com a simples imposição das suas mãos.

Badrulbudur, que, havia muito, ouvira falar das qualidades da Santa, mas que ainda não tivera oportunidade de vê-la, teve ardente desejo de conversar com ela. O chefe dos eunucos, que se achava presente, disse-lhe, então, que era fácil trazê-la à sua presença. A princesa concordou e ele mandou imediatamente quatro eunucos buscarem a suposta Santa.

Apenas os eunucos cruzaram a porta do palácio de Aladim e rumaram para o ponto em que estava o mágico disfarçado, a multidão se dispersou. O mágico, vendo-se livre da turba, e notando que os eunucos o procuravam,

alegrou-se. Um dos eunucos, tomando a palavra, ordenou-lhe: ‘Santa mulher, a princesa deseja ver-vos. Acompanhai-nos.’ ‘A princesa concede-me grande honra’, respondeu a suposta Fátima, ‘e eu estou pronta a obedecer.’

Assim, seguiu os eunucos em direção ao palácio.

Quando o mágico, que sob aquelas vestes de santidade ocultava um coração diabólico, se viu no salão das 24 janelas e viu a princesa, orou pela saúde, prosperidade e êxito. Depois, valendo-se de toda a sua arte de impostor e hipócrita, tratou de insinuar-se no espírito da jovem, o que conseguiu facilmente, visto que Badrulbudur, dotada de excelente natureza, se convenciu de serem todos bons como ela, especialmente os que por profissão serviam a Deus em vida retirada.

Terminada a longa oração da suposta Fátima, disse-lhe a princesa: ‘Minha boa mãe, agradeço-vos as preces, nas quais deposito grande confiança, e espero que Deus se digne ouvi-las. Aproximai-vos e sentai-vos perto de mim.’

A falsa Fátima sentou-se com fingida modéstia. E, retomando a palavra, disse a princesa: ‘Minha boa mãe, peço-vos uma coisa que deveis conceder-me. Não me recuseis: desejo que passeis a viver comigo para que me faleis sempre da vossa vida e para que eu possa aprender convosco e os vossos bons exemplos como devo servir a Deus.’ ‘Princesa’, respondeu-lhe a falsa Fátima, ‘rogo-vos não exigir de mim coisa em que não posso consentir sem me desviar das minhas orações e dos meus exercícios de devoção.’ ‘Não seja esta a vossa dificuldade’, respondeu a princesa. ‘Disponho de vários aposentos desocupados; escolhereis o que mais vos convier, e ali fareis todos os vossos exercícios com a liberdade que tendes na vossa pousada.’

O mágico, que não tinha outro alvo em mente do que introduzir-se no palácio de Aladim, onde lhe seria fácil levar a cabo o seu sinistro intento e onde, vivendo sob a proteção da princesa, poderia ir a seu bel-prazer do palácio à pousada e desta ao palácio, não opôs mais resistência e aceitou o oferecimento de Badrulbudur.

‘Princesa’, disse-lhe, ‘apesar da minha decisão de renunciar ao mundo, às suas pompas e às suas grandezas, não ousou resistir à vontade de tão bondosa e

grande princesa.’

Ouvindo aquela resposta, Badrulbudur levantou-se e disse-lhe: ‘Levantai-vos e acompanhai-me, a fim de que eu vos mostre os aposentos que vos destino.’

O mágico acompanhou a princesa Badrulbudur, e dentre todos os aposentos que ela lhe mostrou, muito bem limpos e mobiliados, escolheu o que se lhe afigurou menos bom, dizendo hipocritamente que superava as suas expectativas e que o escolhia apenas para ser agradável à ama.

Badrulbudur quis levar novamente o patife para o salão das 24 janelas, a fim de comerem ambos; mas, sendo, para isso, necessário que ela descobrisse o rosto, e temendo que a princesa reconhecesse não ser aquela pessoa a Santa Fátima, pediu-lhe reiteradamente que o dispensasse, explicando-lhe que comia apenas pão e frutas secas, e isto mesmo no seu aposento.

‘Minha boa mãe’, respondeu-lhe Badrulbudur, ‘procedei como se estivésseis na vossa pousada; vou mandar que vos tragam os vossos alimentos aqui. Mas lembrai-vos de que vos espero, assim que tiverdes terminado a vossa refeição.’

A princesa comeu e a falsa Fátima não deixou de comparecer novamente, uma vez avisada por um dos eunucos.

‘Minha boa mãe’, disse-lhe a princesa, ‘estou contentíssima em ter neste palácio criatura santa como vós, uma verdadeira bênção. Quanto ao palácio, que achais dele? Antes, porém, que eu vos mostre aposento por aposento, dizei-me o vosso parecer sobre este salão.’

Ouvindo aquela pergunta, a suposta Fátima, que, para melhor desempenhar o seu papel, mantivera até então a cabeça baixa, sem sequer voltá-la nem para um lado nem para outro, levantou-a e correu os olhos pelo salão, de uma extremidade a outra. Depois, respondeu-lhe: ‘Princesa, este salão é realmente admirável e de grande beleza. Mas, apesar de ser uma solitária que nada entende do mundo, parece-me faltar nele uma coisa.’ ‘Que coisa, minha boa mãe?’, perguntou Badrulbudur, ‘dizei-me logo, pois, se falta alguma coisa, tratarei imediatamente de fazê-la vir.’ ‘Princesa’, disse a suposta Fátima, sempre dissimulando com perfeição, ‘perdoai-me a liberdade, mas tenho por mim que seria útil bem no alto e no meio da cúpula um ovo

de roc. Assim, este salão não teria similar nas quatro partes do mundo, e o vosso palácio constituiria a maravilha número um da Terra.’ ‘Minha boa mãe’, indagou a princesa, ‘que ave é o roc? E onde se poderá encontrar um ovo desses?’ ‘Princesa’, respondeu-lhe a falsa Fátima, ‘o roc é uma ave gigantesca, que vive no mais alto do Cáucaso. O arquiteto do vosso palácio saberá descobri-la.’

Depois de agradecer-lhe, a princesa continuou a conversar sobre outros assuntos; mas não se esqueceu do ovo de roc e decidiu falar sem perda de tempo com Aladim, mal este voltasse da caçada para a qual partira havia seis dias, o que muito bem sabia o mágico, que quisera valer-se da sua ausência. Aladim voltou naquele mesmo dia, no momento em que a suposta Santa acabava de despedir-se da princesa e retirar-se para o seu aposento. Ao chegar, subiu ao quarto da princesa, e, abraçando-a, teve a impressão de que ela o acolhia com alguma frieza.

‘Minha princesa’, disse-lhe, ‘não estou vendo em ti a mesma alegria de sempre. Terá acontecido durante a minha ausência alguma coisa que te desagradou? Em nome de Deus, nada me escondas, pois farei tudo para contentar-te.’ ‘É pouca coisa’, respondeu-lhe a princesa; ‘mas a minha inquietude, ao que vejo, se me estampou no rosto. Uma vez que, contra a minha vontade, a notaste, não te ocultarei a causa, pouco importante, aliás. Sempre pensei, como tu, que o nosso palácio era o mais lindo, o mais esplêndido e o mais perfeito do mundo. Mas ouve a minha ideia, depois de bem haver examinado o salão das 24 janelas. Não achas, como eu, que ali muito bem ficaria, suspenso no meio da cúpula, um ovo de roc?’ ‘Princesa’, respondeu-lhe Aladim, ‘a mim basta-me que tu julgues faltar um ovo de roc para que eu note a falta. Hás de ver, pela rapidez com que mandarei trazê-lo, que não há nada que eu não faça pelo meu amor.’

Imediatamente deixou Badrulbudur, subiu ao salão das 24 janelas; e ali, depois de tirar do peito a lâmpada da qual jamais se separava, esfregou-a. O gênio se lhe apresentou no mesmo instante. ‘Gênio’, ordenou-lhe Aladim, ‘falta nesta cúpula um ovo de roc. Trata, sem perda de tempo, de preencher tal lacuna.’

Mal acabou de falar, deu o gênio tamanho grito, e tão horroroso, que o salão estremeceu e Aladim quase tombou ao chão.

‘Como, miserável?’, perguntou-lhe o gênio, por sua vez, com voz capaz de fazer tremer o mais valente dos homens. ‘Não te basta ver que meus companheiros e eu a tudo fazemos para atender os teus pedidos? Queres, ainda por cima, que eu te traga meu amo e o pendure no meio da cúpula? Mereces que te reduza a cinzas com tua mulher e o palácio. Mas tens sorte por não seres tu o autor desse pedido. Sabe que o verdadeiro autor dele é o irmão do mágico africano a quem exterminaste em boa hora. Encontra-se no teu palácio, disfarçado com as vestes de Fátima, a Santa, que ele matou. E foi ele quem sugeriu a tua mulher o pedido que acabas de me apresentar. Tenciona eliminar-te, e, portanto, deves tomar cuidado.’

Assim, o gênio desapareceu.

Aladim não perdeu uma palavra do gênio. Sempre ouvira falar de Fátima e não ignorava que ela era exímia curadora de dores de cabeça. Voltou, pois, ao aposento da princesa, e, sem falar do que acabava de lhe acontecer, sentou-se, dizendo que tinha forte dor de cabeça. Badrulbudur ordenou imediatamente que fosse chamada a Santa. E, enquanto aguardava, contou a Aladim que ela se achava no palácio, onde recebera um bom aposento. ‘Vinde, minha boa mãe’ pediu-lhe Aladim, ‘que estou contentíssimo por ver-vos. Tortura-me uma terrível dor de cabeça, e peço o vosso auxílio, esperando que não me recuseis a graça que sempre dispensais a todos.’

Terminando tais palavras, levantou-se e abaixou a cabeça. A suposta Fátima aproximou-se, empunhando sob as vestes um afiado punhal. Aladim, atento, agarrou-lhe a mão, e varando-lhe o coração com a sua própria arma, atirou-a morta ao chão.

‘Meu marido, o que fizeste?!’, gritou a princesa, assombrada. ‘Mataste a Santa!’ ‘Não, minha princesa’, respondeu-lhe Aladim, sem nenhuma emoção. ‘Não matei Fátima, e sim um canalha que pretendia assassinar-me. Foi este perverso’, acrescentou, tirando o véu ao cadáver, ‘que estrangulou Fátima de cujas vestes se valeu para disfarçar-se. Era irmão do mágico africano, o homem que vos raptou.’

Contou-lhe, em seguida, por que meio soubera dos pormenores. Depois, mandou retirar da sua presença o cadáver.

Destarte, livrou-se da perseguição dos dois irmãos mágicos. Poucos anos mais tarde, morreu o sultão, e, como não tivesse filho varão, Badrulbudur, na qualidade de herdeira, passou a exercer o poder supremo, ao lado de Aladim. Juntos governaram longos anos, e deixaram ilustre posteridade.”

— Senhor — disse Sherazade —, terminando a história da lâmpada maravilhosa — sem dúvida tereis reconhecido na pessoa do mágico africano um homem possuído pela desmedida paixão de possuir tesouros por todos os meios condenáveis. Em Aladim, pelo contrário, deveis ter visto um homem que, embora de humilde nascimento, se levantou até o poder real, servindo-se de tesouros que lhe aparecem sem que ele os procure. No sultão, vistes como um monarca justo corre o perigo de perder o trono, quando, por uma injustiça sem nome, ousa condenar um inocente, sem querer ouvir-lhe justificações. Finalmente, deveis ter-vos horrorizado com as maldades dos dois irmãos mágicos, um dos quais sacrifica a vida para se apossar de tesouros e outro a vida e a religião, tratando de vingar um patife como ele.

O sultão da Índia disse a Sherazade, sua esposa, que estava satisfeitíssimo com os prodígios da lâmpada maravilhosa, e que, além disso, as histórias que ela lhe contava sempre lhe proporcionavam grande prazer. Havia muito bem percebido que a sultana fazia com que uma se seguisse habilmente à outra; mas não se zangava com a suspensão da sentença que mandava morrer suas esposas no dia seguinte à noite

de núpcias. O que lhe importava era ver quando se esgotaria a fonte de onde jorravam tão lindas aventuras.

Assim, depois de ouvir o fim da história de Aladim e de Badrulbudur, assaz diversa das que lhe haviam sido contadas até então, ao acordar no dia seguinte, e prevenindo Dinazade, despertou a sultana e perguntou-lhe se não tinha outra história para contar-lhe.

— Bem longe estou do fim dos meus contos, Senhor! — respondeu-lhe a sultana. — É tão grande o número dos que sei que eu mesma não o sei ao certo. O que temo, Senhor, é que vos canseis de ouvir-me.

— Repeli tal temor do vosso espírito — respondeu o sultão — e prossegui as vossas histórias.

Sherazade, encorajada pelas palavras do sultão da Índia, começou a contar-lhe outra história:

AS AVENTURAS DO CALIFA HARUN AL-RASHID

— Senhor, já vos narrei algumas aventuras do famoso califa Harun al-Rashid. Passou ele por muitas outras, e a que se segue não é menos digna da vossa curiosidade. Às vezes, como bem sabeis, e como se talvez vós mesmo experimentastes, tão grande é a nossa alegria que a comunicamos aos que nos rodeiam. Outras vezes, porém, é tão grande a nossa tristeza que, quando nos perguntam a sua causa, não sabemos o que responder.

“Estava um dia o califa nesse estado de espírito quando Djafar, seu grão-vizir, se lhe apresentou. Encontrando-o sozinho, contrariamente ao seu hábito, e notando que se achava muito mal-humorado e que sequer levantava os olhos para fitá-lo, parou.

Finalmente, Harun al-Rashid, erguendo os olhos, fê-los cair sobre Djafar. Mas imediatamente os desviou, e recaiu no estado de antes.

Djafar, não percebendo irritação no califa, disse-lhe:

‘Comendador dos Crentes, permiti que vos pergunte de onde provém a tristeza que vos domina, pois raramente vos vejo imerso nela.’ ‘É verdade, vizir’, respondeu-lhe o califa, mudando de posição, ‘poucas vezes cedo à tristeza; e sem ti não perceberia a que agora me subjuga. Se nada de novo te obrigou a comparecer à minha presença, faze por dissipá-la quanto antes.’ ‘Comendador dos Crentes’, respondeu o grão-vizir Djafar, ‘foi apenas o dever que me obrigou a vir aqui. Tomo a liberdade de vos lembrar que vos havíeis proposto observar pessoalmente o policiamento que desejais mantido na capital e nos arredores. Hoje é o dia mais oportuno que se vos oferece para dissipar as nuvens que ofuscam a vossa habitual alegria.’ ‘Havia me esquecido’, respondeu o califa. ‘E fazes bem em vir lembrar-me. Troca, pois, as tuas vestes, enquanto eu faço o mesmo.’

Cada um deles se meteu na veste de mercador forasteiro, e sob aquele disfarce saíram por uma porta secreta do jardim do palácio que se abria para os campos. Rodearam a cidade até que chegaram às margens do Eufrates, bem distante da cidade, sem nada notarem de anormal contra a ordem.

Atravessaram o rio no primeiro barco que se lhes apresentou e, depois de darem a volta do outro lado da cidade, enveredaram pelo caminho que conduzia à ponte de ligação.

Passada a ponte, viram na extremidade um cego bastante idoso pedindo esmolas. O califa, voltando-se, pôs-lhe na mão uma moeda de ouro.

O cego imediatamente lhe agarrou a mão, segurando-a.

‘Homem caridoso’, disse-lhe, ‘quem quer que sejas, não me recuseis a graça que vos suplico de me aplicar uma bofetada, pois que a mereço, assim como mereço castigo maior.’

Terminando, largou a mão do califa e aguardou a bofetada; mas com medo de que o transeunte não lhe satisfizesse o pedido, agarrou-o pela veste.

O califa, surpreso com a súplica do ancião disse-lhe: ‘Bom homem, não posso conceder-te o que me pedes; pelo contrário, guardar-me-ei de anular o mérito da minha esmola com tão mau tratamento.’

E quis livrar-se do cego. Esse maior esforço ainda envidou para retê-lo, ‘Senhor’, prosseguiu, ‘perdoai a minha pertinência. Dai-me uma bofetada, ou retomai a vossa esmola, que eu só posso receber mediante tal condição, pois não me é permitido quebrar um juramento solene diante de Deus. Se soubésseis a razão, concordaríeis comigo, não tenho dúvida.’

O califa, não desejando atrasar-se mais, cedeu e aplicou-lhe uma leve bofetada. O cego largou-o imediatamente, agradecendo-lhe e abençoando-o. O califa continuou a caminhar com o grão-vizir, a quem, alguns passos depois, disse: ‘O motivo pelo qual o cego assim se comporta com todos os que lhe dão uma esmola deve ser bem forte. Apraz-me saber mais; volta, pois, dize-lhe quem sou e ordena-lhe que não deixe de comparecer amanhã ao palácio, na hora da prece, depois do almoço, porquanto quero falar-lhe.’

O grão-vizir voltou, deu a sua esmola ao cego, aplicou-lhe uma bofetada e transmitiu-lhe a ordem do califa.

Voltando à cidade, passaram o califa e o grão-vizir por uma praça onde viram um grande número de curiosos de olhos fitos num jovem bem-trajado, montado numa égua a quem fazia correr em torno da praça e a quem maltratava com o chicote e as esporas, cobrindo-a de sangue e de espuma.

O califa, surpreendido com a desumanidade daquele moço, deteve-se e perguntou aos vizinhos se sabiam por que ele maltratava daquela bárbara maneira a égua; nada lhe puderam explicar, a não ser que todos os dias se repetia a estranha cena.

Continuando a caminhar, disse o califa ao grão-vizir que se prestasse bastante atenção onde ficava aquela praça e que não esquecesse de intimar o jovem a comparecer ao palácio à mesma hora que o ancião da bofetada.

Antes de chegar ao palácio, numa rua pela qual não passava havia muito tempo, notou uma casa de construção recente, que lhe pareceu a moradia de um cortesão. O grão-vizir, a quem perguntou se sabia de quem era, respondeu-lhe que o ignorava, mas que trataria de informar-se.

Realmente, interrogou um vizinho que lhe explicou pertencer a casa a Codja Hassan, cognominado Alhabal, em virtude da sua profissão de cordoeiro, na qual começara a trabalhar muito pobre; mas a sorte o favorecera de tal maneira que adquirira bens consideráveis a ponto de poder dar-se ao luxo de construir uma magnífica residência.

O grão-vizir apressou-se em contar ao califa o que acabava de ouvir.

‘Quero falar com esse Codja Hassan Alhabal’, disse-lhe o califa. ‘Dize-lhe, portanto, que me procure amanhã no palácio à mesma hora que os outros dois.’

Djafar cumpriu a ordem recebida. No dia seguinte, depois da prece da tarde, o califa entrou no seu aposento e o grão-vizir apresentou-lhe imediatamente as três personagens de que falamos.

Prostraram-se os três homens aos pés do trono, e quando se ergueram, perguntou o califa ao cego como se chamava.

‘Baba-Abdalá’, respondeu o cego. ‘Baba-Abdalá’, prosseguiu o califa, ‘a tua maneira de pedir esmolas me pareceu, ontem, tão estranha que, se não houvesse sido detido por certas considerações, não teria tido por ti a complacência que tive, e ter-te-ia proibido de continuar a provocar escândalo. Mande-te chamar para saber qual o motivo do teu juramento; pelo que me contares, julgarei se procedeste bem e se posso permitir que continues tão mau exemplo. Conta-me, pois, sem nada me ocultares, de onde te veio tão estranha ideia.’

Baba-Abdalá, intimidado, prostrou-se pela segunda vez diante do trono do califa e, depois de erguer-se, disse:

‘Comendador dos Crentes, peço-vos humildemente perdão por ter de vós exigido que fizésseis uma coisa que realmente se afigura insensata. Reconheço o meu crime; mas como não vos conhecia, imploro a vossa clemência e espero que vos apiedeis da minha ignorância. Confesso que a minha atitude parece verdadeira extravagância aos olhos dos homens, mas aos olhos de Deus é uma modesta penitência por uma enorme culpa que me pesa nos ombros, e que eu jamais pagarei, mesmo que os mortais me esbofeteiem a vida inteira. Sereis o próprio juiz, quando, obedecendo à vossa ordem, vos contar a minha história.’

A HISTÓRIA DO CEGO BABA-ABDALÁ

‘Comendador dos Crentes’, continuou Baba-Abdalá, ‘nasci em Bagdá e herdei alguns bens dos meus pais que morreram um depois do outro, em poucos dias. Apesar de ser muito jovem, não os dissipei inutilmente. Pelo contrário, não poupei esforços para aumentá-los pelo meu trabalho. Assim, tornei-me rico e cheguei a possuir oitenta camelos, que alugava aos mercadores e que me rendiam grandes quantias nas jornadas para os diversos pontos do país. No meio de tal aventura, desejando ardentemente enriquecer ainda mais, um dia, ao voltar de Bassorá sem carga, com os meus camelos que para lá conduzira, carregados de mercadorias que seguiriam para a Índia, quando os deixei em liberdade para pastar em ponto bem afastado de qualquer habitação, um dervixe que se dirigia a Bassorá aproximou-se de mim e sentou-se para descansar. Perguntei-lhe de onde vinha e para onde ia. Ele, por sua vez, perguntou-me a mesma coisa. Depois de satisfazermos a nossa curiosidade recíproca, comemos juntos as nossas provisões.

Terminada a nossa refeição, após conversarmos sobre vários assuntos, disse-me o dervixe que em lugar pouco distante daquele em que nos encontrávamos existia um tesouro contendo imensas riquezas, que se eu carregasse devidamente os meus oitenta camelos nem se perceberia a parte levada.

Aquela notícia encheu-me de assombro e a alegria que experimentei fez-me perder o bom senso. Não julgando que o dervixe fosse capaz de enganar-me, abracei-o e disse-lhe: Meu bom dervixe, bem sei que pouco vos ocupais com os bens do mundo. Por isso, de que vos serve o conhecimento de existência de tão enorme tesouro? Sois sozinho, e pouca é a quantidade que podeis levar convosco. Dizei-me onde se situa o tesouro, que eu carregarei os oitenta camelos e vos darei um de presente, em sinal de agradecimento.

Insignificante era a minha oferta; mas não deixava de ser gigantesca comparada à ganância que de mim se apoderou, desde o momento da

confidência. Considerava os 79 camelos restantes quase nada diante daquele de que eu iria privar-me.

O dervixe, lendo a minha estranha paixão pela riqueza, não se indignou, contudo, com a oferta que eu acabava de lhe fazer:

Meu irmão, disse-me tranquilamente, refleti no que me ofereceis; não está em proporção com o benefício que de mim exigis. Não precisava falar-vos do tesouro, mas como o fiz, podeis avaliar a minha boa intenção para convosco, a fim de que, defendendo a vossa e a minha sorte, vos lembreis de mim para sempre. Tenho outra proposta e a vós é que cabe decidir se vos convém. Dizeis que tendes oitenta camelos; estou pronto a conduzir-vos ao tesouro. Carregaremos todo o ouro e pedras que pudermos, eu ficarei com a metade, vós com a outra, e depois nos separaremos, seguindo cada um o seu destino. A divisão será justa; se me derdes quarenta camelos, tereis graças a mim os meios para comprar outros mil.

Não pude negar que a condição que o dervixe me impunha era justa. Mas, sem tomar em consideração a grande riqueza que daí me adviria, considerei grande perda deixar-lhe a metade dos meus camelos, sobretudo porque o dervixe ficaria tão rico quanto eu. Já pagava com a ingratidão um benefício que ainda não tinha recebido; mas não havia outro caminho: era preciso aceitar a condição ou decidir ficar com remorsos por toda a vida por ter perdido tão excelente ocasião.

No mesmo momento, juntei os camelos e partimos. Depois de andarmos por algum tempo, chegamos a um vale bem amplo cuja entrada era estreitíssima. Os meus camelos só puderam passar um de cada vez; mas quando o terreno se alargou, acharam eles um jeito de ficar todos juntos. As duas montanhas que formavam o vale, terminando em semicírculo na extremidade, eram tão altas, tão íngremes e impraticáveis que não era de temer que jamais nos visse mortal nenhum.

Quando chegamos entre as duas montanhas disse-me o dervixe: Não prossigamos, paraí os vossos camelos e fazei-os deitar-se sobre o ventre no espaço que vedes a fim de não termos dificuldades para os carregar; quando tiverdes acabado, tratarei da abertura do tesouro.

Fiz o que o dervixe me ordenou e voltei a procurá-lo imediatamente. Encontrei-o com uma pederneira na mão, reunindo lenha para fazer uma fogueira. Quando a viu acesa, atirou a ela um perfume, pronunciando, ao mesmo tempo, palavras cujo sentido não compreendi. Imediatamente elevou-se aos ares uma grande fumaça. O dervixe separou a fumaça; e no mesmo instante se abriu no rochedo uma fenda bastante ampla, como uma espécie de porta de dois batentes.

Aquela abertura expôs aos nossos olhos, no interior do rochedo, um magnífico palácio, obra talvez de gênios e não de simples homens.

Mas, Comendador dos Crentes, naquele momento não fiz esta reflexão. Não admirei sequer a enorme riqueza que se me deparava por todos os lados; e sem deter-me a observar a disposição dada a tantos tesouros, assim como a águia se precipita sobre a sua presa, atirei-me ao primeiro monte de moedas de ouro que se me apresentou e comecei a pô-las nos alforjes de que me havia provido. Os alforjes eram enormes e eu bem que os teria abarrotado; mas mister se fazia proporcioná-los às forças dos camelos.

O dervixe seguiu o meu exemplo, mas percebi que preferia as pedras; e ao mostrar-me a razão do seu procedimento, resolvi imitá-lo. Juntos carregamos muito mais pedras que moedas de ouro. Finalmente, acabamos de encher os nossos alforjes, que colocamos sobre os camelos. Faltava apenas fechar o tesouro e partir.

Antes, porém, de partirmos, o dervixe tornou a entrar, e como houvesse lá dentro grandes vasos de todos os formatos e outros objetos preciosos, vi-o pegar num vaso uma caixinha de uma espécie de madeira para mim desconhecida e guardá-la no peito, após mostrar-me que continha simplesmente uma pomada.

Depois, repetiu os mesmos passos para fechar o tesouro. E, ao pronunciar as palavras mágicas, a porta fechou-se e o rochedo nos pareceu tão inteiro como era antes.

Dividimos os camelos. Pus-me à frente dos quarenta que me pertenciam e o dervixe diante dos seus.

Sáímos do vale por onde havíamos entrado e caminhamos juntos até a grande estrada onde nos separaríamos, pois o dervixe continuaria rumo a

Bassorá e eu seguiria para Bagdá. A fim de agradecer-lhe, empreguei as minhas melhores palavras; abraçamo-nos com grande alegria e nos separamos.

Mal eu dera alguns passos para me aproximar dos meus camelos, apossou-se do meu coração o demônio da ingratidão e da inveja. Deplorei a perda dos quarenta camelos e mais ainda da riqueza que transportavam. O dervixe não precisa dela, dizia para mim mesmo, pois que dispõe do tesouro quando quiser. Assim, entreguei-me à mais negra ingratidão e resolvi arrancar-lhe os camelos e a carga.

Para levar a efeito o meu plano, detive os meus camelos e corri atrás do dervixe chamando-o aos brados e fazendo-lhes sinais para parar. O dervixe, ouvindo a minha voz, estacou; e, ao aproximar-me dele: Meu irmão, disse-lhe eu, quando me separei de vós, lembrei-me de uma coisa da qual talvez vós mesmo vos esquecesteis. Sois um bom dervixe, habituado a uma vida tranquila, distante dos cuidados do mundo e sem outro intento do que servir a Deus. Talvez não imagineis o trabalho a que vos entregais com tão grande número de camelos. Crede-me, eu no vosso lugar não levaria mais do que trinta, e assim mesmo tenho a certeza de que encontrareis enormes dificuldades para lidar com eles. Tendes razão, respondeu-me o dervixe, e confesso que isso não me havia ocorrido. Escolhei os dez que mais agradam, levai-os e ide com Deus.

Assim, separou dez, que encaminhou para o lado dos meus. Não pensei que seria tão fácil convencer o dervixe, e aquilo aumentou a minha ganância, fazendo vir o desejo de roubar-lhe outros dez.

Portanto, em vez de lhe agradecer o rico presente que acabava de doar-me, disse-lhe: Meu irmão, não posso decidir-me a partir, sem vos pedir que considereis mais uma vez como são difíceis de manejar trinta camelos carregados. Muito melhor vos achareis, se repetirdes o favor que acabais de me conceder. Se assim vos falo, faço-o menos pelo meu interesse do que pelo vosso prazer. Aliviai-vos de mais dez camelos, confiando-os a mim, que muito bem sei lidar com eles.

As minhas palavras lograram o efeito desejado, e o dervixe cedeu-me, sem nenhuma resistência, os dez camelos; restavam-lhe, por conseguinte, vinte,

ao passo que eu me via senhor de sessenta, cujo valor excedia em muito a riqueza de inúmeros soberanos. Eu devia estar contente, sem dúvida.

Mas, Comendador dos Crentes, semelhante ao bêbado que quanto mais bebe tanto mais quer beber, me senti totalmente dominado pelo desejo de possuir os camelos restantes.

Redobrei os pedidos para fazer com que o dervixe concordasse em me ceder mais dez dos vinte que lhe sobravam, no que logrei êxito. Quanto aos dez que lhe restavam, de tal maneira o abracei e beijei, ao mesmo tempo que lhe rogava que não me recusasse, que, por fim, cedeu.

Usai-os bem, meu irmão, recomendou-me, e, lembrai-vos de que Deus pode tirar-nos as riquezas assim como no-las pode dar, quando delas não nos servimos para ajudar os pobres por ele mesmo criados a fim de dar aos ricos a oportunidade de demonstrar que merecem os haveres, dando esmolas, e com isso ganhando maior recompensa no outro mundo.

A minha cegueira foi tão grande que desprezei o excelente conselho. Não me contentando em possuir oitenta camelos e saber que estavam carregados de um tesouro inestimável, lembrei-me da caixinha de pomada que o dervixe pegara e que me havia me mostrado, vendo nela coisa mais preciosa que todas as riquezas que eu lhe devia.

O lugar de onde a tirou, refleti, e o cuidado com que a pegou me fazem crer que se trata de algo bem misterioso.

Resolvi, pois, apossar-me dela. Acabava de abraçá-lo e despedir-me, quando disse-lhe, voltando-me: Ah!, o que ireis fazer com a caixinha de pomada? Parece-me tão pouco valiosa que hesito em pedir-vos que a deis de presente a mim. Além disso, um dervixe como vós, que renunciou à vaidade mundana, para que precisará de pomada?

Ah se Deus houvesse feito com que ele me recusasse! Fora de mim, e mais forte, muito mais forte do que ele, eu não teria vacilado, contudo, em tirá-la pela força para que ele não levasse a menor parte do tesouro.

Longe de recusar-me, o dervixe, tirando-a do peito, entregou-me com o melhor dos sorrisos. Tomai-a, meu irmão, disse-me. Aqui está, espero que fiques contente. Se mais alguma coisa posso fazer por vós, não duvideis em pedir-me, pois estou pronto a satisfazer-vos.

Abri imediatamente a caixinha, e olhando para a pomada, respondi-lhe: Visto que sois senhor de tão grande bondade, digei-me a que se destina esta pomada. O seu uso é surpreendente, respondeu-me o dervixe. Se aplicardes um pouquinho em volta do olho esquerdo e sobre a pálpebra, vereis todos os tesouros ocultos no fundo da terra; se a aplicardes, porém, sobre o olho direito, o cegareis.

Quis passar pela experiência. Pegai a caixinha, disse ao dervixe, e aplicai um pouco da pomada sobre o meu olho esquerdo. Sabeis melhor do que eu o que fazer. Estou impaciente em comprovar a verdade de uma coisa que se me afigura impossível.

O dervixe não se recusou àquele trabalho, e, pedindo-me que cerrasse o olho esquerdo, espalmou sobre ele a pomada. Abri-o, então, e verifiquei que me havia dito simplesmente a verdade. Vi um sem-número de tesouros tão prodigiosos e diversos que eu seria incapaz de descrevê-los minuciosamente. Mas, por me ver obrigado a manter o direito fechado com a mão e estar cansado, roguei ao dervixe que sobre ele também passasse um pouco de pomada.

Estou pronto a obedecer, respondeu-me; mas não vos esqueçais de que cegareis imediatamente.

Duvidei das palavras do dervixe, e imaginei, pelo contrário, que ele pretendia ocultar-me algum novo mistério.

Meu irmão, prossegui, sorrindo, não é possível que esta pomada surta dois efeitos tão opostos!

No entanto, é exatamente como vos afirmo, insistiu o dervixe, tomando o nome de Deus como testemunha, e vós tendes de acreditar em mim, pois não sei mentir.

Não quis confiar na palavra do dervixe, que era realmente um homem honrado; e o irrefreável desejo de contemplar à vontade todos os tesouros da Terra e talvez de poder repetir a contemplação quando mais me aprouvesse, fez com que eu lhe desprezasse a advertência, para arrepende-me depois, irremediavelmente.

Na minha ânsia, pensei que se a pomada tinha a virtude de me mostrar todos os tesouros da Terra, uma vez que eu a aplicasse sobre o olho esquerdo,

talvez tivesse a virtude de pô-los à minha disposição, se eu a esfregasse sobre o direito. Assim, instei com o dervixe para que o fizesse, mas ele relutava.

Depois de vos ter proporcionado tão grandes benefícios, meu irmão, disse-me, não posso decidir-me a fazer-vos tão grande mal. Lembrai-vos de que é tristíssima a infelicidade de perder uma vista, e não me obrigueis a fazer, contra a vontade, coisa de que vos arrependereis para sempre.

A minha teimosia atingiu o extremo. Meu irmão, respondi-lhe com firmeza, deixai de lado essas dificuldades. Após me haverdes cumulado de bens, pretendeis que eu me separe de vós, insatisfeito com uma coisa tão insignificante? Em nome de Deus, concedei-me este último favor. Aconteça o que acontecer, não vos culparei.

O dervixe resistiu ao máximo; mas ao ver-me decidido a obrigá-lo pela força, disse-me: Seja como quereis. Vou contentar-vos.

Pegou, então, um pouco da pomada fatal e esfregou-a sobre o meu olho direito. Mas, quando o reabri, vi apenas densas trevas. Estava cego!

Ah, maldito dervixe! gritei. O que me predissestes era apenas a verdade. Fatal curiosidade, insaciável desejo de riqueza, em que precipício me atiraste! Sei que fui eu, exclusivamente eu, quem atraiu tamanha desgraça, mas vós, meu caro irmão, que sois tão caridoso, não possúis um segredo que me devolva a visão?

Infeliz, respondeu-me o dervixe, se tivésseis acreditado em mim, haveríeis evitado a desgraça. Mas recebestes agora o que merecíeis. É claro que conheço inúmeros segredos, mas nenhum deles me permite devolver-vos a visão. Dirigi-vos a Deus, se nele acreditais, pois somente ele é quem poderá atender à vossa súplica. Deu-vos riquezas das quais sois indigno, e de vós as tirou para, por intermédio meu, cedê-las a homens menos ingratos do que vós.

O dervixe se calou. Quanto a mim, não soube o que lhe responder. Deixou-me sozinho, confuso e imerso em dor inexprimível, e depois de reunir os meus oitenta camelos, com eles prosseguiu sua jornada para Bassorá.

Pedi-lhe que não me abandonasse e me ajudasse pelo menos a atingir a primeira caravana; mas ele foi surdo às minhas súplicas. Privado da vista e de

tudo o que possuía, eu teria morrido de dor e de fome se, no dia seguinte, uma caravana que regressava de Bassorá não me tivesse levado a Bagdá.

De uma posição de príncipe, se não em poder, pelo menos em riqueza e magnificência, me vi reduzido à de mendigo. E, para pagar o meu crime contra Deus, impus-me o castigo de uma bofetada de todas as pessoas caridosas que se compadecessem da minha miséria.

Eis, Comendador dos Crentes, o motivo que ontem tão esquisito vos pareceu e que vos causou tamanha indignação. Mais uma vez vos peço perdão, e como vosso escravo, me submeto à punição merecida. Se tiverdes a bondade de dar o vosso parecer sobre a penitência que me impus, estou certo de que a considerareis leve demais e inferior à minha culpa.'

Quando o cego terminou a sua história, disse-lhe o califa:

'Baba-Abdalá, o teu pecado é grande, mas demos graças a Deus por teres reconhecido a sua enormidade e por te haveres imposto tão grave penitência! Basta. É preciso que de agora em diante continues não cessando de suplicar perdão a Deus em cada uma das preces a que estás obrigado pela tua religião; e para que da penitência não te afastes pela necessidade de ganhar a vida, dou-te uma esmola de quatro dracmas de prata por dia, durante toda a tua existência. Não te retires, portanto, e aguarda que o meu vizir cumpra a ordem.'

Àquelas palavras, Baba-Abdalá prostrou-se diante do trono do califa; depois, levantando-se, agradeceu-lhe e desejou-lhe toda a prosperidade.

Harun al-Rashid, contente com a história de Baba-Abdalá e do dervixe, dirigiu-se ao jovem que vira maltratar a égua e perguntou-lhe o nome, como fizera com o cego. O jovem respondeu-lhe chamar-se Sidi Numan.

'Sidi Numan', disse-lhe o califa, 'tenho visto exercitar cavalos durante toda a minha vida e muitas vezes eu mesmo os exercitei; mas nunca o vi fazer de maneira tão bárbara como a que ontem adotaste com a tua égua na praça pública, provocando a indignação dos espectadores. Não estou menos indignado do que eles, e pouco faltou para que te desse a conhecer o meu intento. Mas o teu aspecto me demonstra que não és bárbaro nem cruel. Deves ter uma razão para assim proceder. Como sei que há muito tempo que

maltratas a égua, quero saber já qual é a razão. Foi por isso que mandei trazer-te à minha presença. Conta-me tudo, portanto, e não me mintas.’

Sidi Numan compreendeu o que o califa desejava, mudou de cor várias vezes e deixou transparecer o enorme embaraço que o dominava. No entanto, mister se lhe fazia decidir-se e narrar a sua história. Assim, antes de falar, prostrou-se diante do trono, e, depois de se levantar, tentou começar para satisfazer o califa; mas ficou como que impedido, menos impressionado pela majestade do califa do que pela natureza da história que devia contar-lhe.

Apesar da sua impaciência, não deu o califa prova de cólera a respeito do silêncio de Sidi Numan, pois compreendeu que o rapaz estava intimidado ou vacilava em dizer-lhe coisas que deviam ficar ocultas.

‘Sidi Numan’, disse-lhe o califa para acalmá-lo, ‘coragem! Imagina que não é a mim que contas a história, mas a um amigo. Se nela houver alguma coisa que te causa dificuldade e pensas que posso ofender-me, perdoa-te desde já. Por isso, esquece a tua intranquilidade, fala-me de coração aberto e não me escondas nada.’

Sidi Numan, acalmado pelas últimas palavras do califa, tomou finalmente a palavra:

‘Comendador dos Crentes, apesar da apreensão que todo mortal deve experimentar aproximando-se de vós e do brilho de vosso trono, sinto-me bastante forte para crer que foi esta apreensão respeitosa que me tirou a palavra a ponto de vos desobedecer. Não ousou imaginar ser o mais perfeito dos homens e não sou bastante mau para cometer e até ter vontade de cometer coisas contra as leis. Independentemente da minha boa intenção, reconheço que estou sujeito a pecar por ignorância, e foi o que me aconteceu. Não digo que tenho confiança no perdão que já me concedestes sem ter me ouvido. Submeto-me à vossa justiça e sofrerei o castigo, se o merecer. Confesso que a maneira com a qual trato a minha égua há algum tempo, como vós mesmo testemunhastes, é estranha e cruel, mas espero que achareis justo o motivo e que julgareis ser eu mais digno de compaixão do que de castigo. Não quero deixar-vos por mais tempo em suspenso com um preâmbulo aborrecido. Eis o que me aconteceu:

A HISTÓRIA DE SIDI NUMAN

Comendador dos Crentes, não vos falo do meu nascimento, que não possui brilho bastante para merecer a vossa atenção. Quanto à minha fortuna, os meus antepassados deixaram-me quanto podia desejar para viver como homem honesto, sem ambição e sem depender de ninguém.

Com tais vantagens, a única coisa que podia desejar para completar a minha felicidade era achar uma criatura amável que teria toda a minha ternura e que, amando-me realmente, partilhasse comigo a minha sorte; mas Deus não concedeu a mim; pelo contrário, desde o dia seguinte ao das minhas núpcias, começou minha mulher a abusar da minha paciência, e de tal maneira que apenas os que passaram por tal prova é que podem imaginar.

Como o costume exige que o casamento se realize sem que conheçamos a futura esposa, não ignorais que um marido não pode queixar-se quando verifica que a mulher que lhe coube não é horrorosa e que seus bons costumes, o seu espírito e o seu procedimento corrigem qualquer imperfeição do corpo.

A primeira vez que vi minha mulher de rosto descoberto, depois de ser ela levada à minha casa, alegrei-me por comprovar que não me enganara quanto à sua beleza.

No dia seguinte ao das minhas núpcias, ao sentar-me à mesa para o almoço e não ver minha mulher, mandei chamá-la. Depois de fazer-me esperar muito tempo, chegou. Dissimulei a impaciência e nos sentamos.

Comecei pelo arroz, que tomei com uma colher, como é o nosso costume. Minha mulher, porém, em vez de servir-se de uma colher, tirou de um dos bolsos uma espécie de palito, com o qual começou a pegar o arroz, e levá-lo à boca grão por grão.

Surpreso com aquele modo de comer, disse-lhe:

Amina, foi assim que aprendestes a comer o arroz? Contais os grãos para comer sempre o mesmo número. Se assim procedeis por economia, e para me ensinar a não ser pródigo, nada receeis. Asseguro-vos que jamais nos

arruinaremos por isso. Temos, graças a Deus, o bastante para viver bem, sem de nada nos privarmos.

A expressão afável com que lhe fiz tais observações deveria, assim pensava eu, dar origem a uma resposta; mas sem me dizer uma única palavra, Amina continuou a comer da mesma maneira, e para me causar maior aborrecimento engoliu menos arroz ainda, e, em vez de comer dos outros pratos comigo, contentou-se em levar à boca, de vez em quando, um pouco de pão esfarelado.

A sua teimosia me indignou. Imaginei que não estivesse acostumada a comer com homens, e menos ainda com o marido. Pensei também que talvez já tivesse tomado café ou pretendesse comer sozinha. Tais considerações me impediram de lhe dizer mais alguma coisa que pudesse ofendê-la ou dar-lhe prova de descontentamento.

De noite, ao jantar, foi a mesma coisa. No dia seguinte e em todas as vezes que comemos juntos, comportou-se da mesma maneira. Percebi que não era possível viver uma mulher com tão pouco alimento e que atrás daquilo se ocultava algum mistério. Resolvi, então, fingir. Pretendi não dar atenção aos seus atos, na esperança de que, com o tempo, ela se acostumaria a viver comigo como eu desejava, mas a minha esperança foi em vão, e não demorou muito para que eu me convencesse.

Uma noite, supondo Amina que eu dormisse profundamente, levantou-se cuidadosamente. Observei que se vestia com todas as precauções para não me acordar. Não pude compreender por que interrompia assim o repouso, e a curiosidade de saber o que faria me levou a fingir um sono profundo. Amina acabou de vestir-se e um momento depois saiu do quarto sem o menor ruído.

Logo que saiu, levantei-me também, meti-me rapidamente numa veste e tive tempo de notar por uma janela que dava para o quintal que ela abrira a porta da rua e saíra.

Corri imediatamente à porta entreaberta e, graças à Lua, a segui até que a vi entrar num cemitério perto de casa. Alcancei, então, o fim de um muro que terminava no cemitério, e, depois de tomar todas as precauções para não ser visto, percebi Amina com uma goule.^[63]

Não ignorais que as goules de um e de outro sexo são demônios errantes. Vivem geralmente nas ruínas, de onde se lançam de repente sobre os transeuntes, a quem matam e cuja carne devoram. Quando estes faltam, vão de noite aos cemitérios para alimentar-se da carne dos mortos.

Fiquei terrivelmente surpreendido ao ver minha mulher com a goule. Desenterraram ambas um morto que fora sepultado naquele mesmo dia e a goule cortou pedaços de carne que elas comeram juntas sentadas à beira de uma cova. Conversaram tranquilamente, enquanto faziam tão cruel refeição, mas distante como eu estava, não me foi possível compreender o que diziam.

Quando terminaram, lançaram o resto do cadáver à cova, e tornaram a cobri-la de terra. Voltei rapidamente para casa. Entrando, deixei a porta da rua entreaberta, como a tinha achado, e depois de regressar ao quarto, deitei-me novamente e fingi dormir.

Amina voltou pouco tempo depois, e sem ruído despiu-se e deitou-se, alegre, segundo me pareceu, por ter logrado que eu nada percebesse.

Com o espírito absorto em tão bárbara e abominável ação como a que eu testemunhara e dominado pela repugnância de me ver deitado perto daquela criatura, levei muito tempo para adormecer. Consegui-o, por fim; mas foi um sono tão leve que acordei à primeira voz que se fez ouvir para chamar à prece pública da manhã. Vesti-me e fui à mesquita.

Depois da prece, saí da cidade e transcorri a manhã passeando pelos jardins e pensando nas medidas que devia tomar para obrigar minha mulher a mudar seu modo de vida. Repeli todos os meios violentos que me cruzaram a mente e decidi valer-me apenas da doçura para afastá-la da sua mórbida inclinação. Com tais ideias cheguei em casa, onde entrei justamente na hora do almoço.

Logo que Amina me viu, mandou servir, e nos sentamos à mesa. Vendo que continuava a comer arroz de grão em grão, disse-lhe com toda a moderação possível: Amina, sabeis como fiquei surpreso no dia seguinte ao das nossas núpcias quando vos vi comer arroz de uma maneira que teria ofendido qualquer outro marido, e sabeis também que me contentei em vos fazer observar o meu aborrecimento pedindo-vos que provásseis também as carnes que nos serviam. Desde então tendes visto a nossa mesa sempre

servida do mesmo modo, mudando-se às vezes alguns pratos para que não comamos sempre a mesma coisa. Mas as minhas observações foram inúteis e até hoje continuastes a fazer a mesma coisa. Calei-me porque não quis vos contrariar. Muito me aborreceria se o que vos digo agora vos causasse a menor dor. Amina, digei-me, as carnes que nos servem aqui não têm o mesmo gosto que a carne dos mortos?

Mal pronunciei aquelas palavras, Amina, compreendendo que eu a seguira na véspera, de tal forma se encolerizou que o rosto se lhe inflamou e os olhos quase lhe saíram das órbitas.

O estado horroroso em que a vi deixou-me terrificado, incapaz de defender-me da maldade que ela premeditava contra mim. Com efeito, no auge da cólera, agarrou um vaso de água, mergulhou os dedos, proferindo algumas palavras que não compreendi, e borrifando-me o rosto, disse-me: Desgraçado, eis o castigo da tua curiosidade: transforma-te num cão!

Mal Amina, que eu não sabia ser feiticeira, pronunciou as satânicas palavras, vi-me transformado num cão. A repentina mudança impediu que eu cuidasse de fugir quanto antes, e ela teve tempo de pegar um pedaço de pau para surrar-me à vontade, dando-me tais pancadas que não sei como não morri; tratei de lhe evitar a desmedida cólera, fugindo para o pátio, mas ela me perseguiu com o mesmo rancor e, apesar de toda a minha agilidade, não pude evitar tremendas pancadas. Finalmente, cansada de correr atrás de mim e me espancar sem conseguir matar-me, como queria, cogitou um novo meio: abriu um pouquinho a porta da rua, a fim de esmagar-me quando eu pretendesse passar por lá para safar-me. Mas eu suspeitei do seu intento, e visto que o perigo dá às vezes boas ideias para salvar a vida, enganei-lhe a vigilância e pude fugir, apenas com a ponta do rabo um pouco machucada.

A dor obrigou-me a ganir e ladrar correndo pela rua, o que atçou contra mim vários cães que me atacaram às dentadas. Para evitá-los, entrei na loja de um vendedor de cabeças, línguas e pés de carneiro.

O dono tomou imediatamente a minha defesa, expulsando os cães que pretendiam seguir-me. Quanto a mim, o meu primeiro cuidado foi agachar-me num canto. Não encontrei, contudo, naquela casa a proteção que havia imaginado. Era o dono um desses homens supersticiosos, que, com a

desculpa de serem os cães imundos, não se cansam de ensaboar e lavar as vestes, quando por acaso os toca um pobre cão. Depois de fugirem os que me haviam perseguido, fez ele o possível para afastar-me no mesmo dia; mas eu permaneci oculto, fora do alcance das suas mãos. Assim, contra a vontade dele, passei a noite na loja e pude recobrar as forças.

Para não vos fatigar com pormenores de pequena importância, não descreverei as tristes reflexões que fiz sobre a minha transformação no dia seguinte, tendo o dono saído antes do amanhecer para comprar provisões, voltou, ao fim de certo tempo, carregado de cabeças, línguas e pés de carneiro; e enquanto se entretinha em expor a mercadoria à venda, abandonei o meu abrigo e fugi, indo pôr-me no meio de vários cães que, na frente da loja, suplicavam um bocado.

O dono da loja, reconhecendo-me, deu-me pedaços maiores que aos outros animais. Depois de comer, eu quis entrar outra vez na loja, olhando-o e sacudindo a cauda, como quem suplica um favor. Ele, porém, não se apiedou, e com um pedaço de pau me obrigou a correr.

Vi-me, portanto, na necessidade de afastar-me. Parei na frente da loja de um padeiro, que, contrariamente ao vendedor de cabeças de carneiro, parecia homem de bom humor. Estava ele almoçando no momento, e embora eu lhe não desse sinal nenhum de querer comer, atirou-me um pedaço de pão. Antes de o devorar, dei-lhe mostras de minha gratidão, pelo que o homem sorriu.

Eu não tinha fome; contudo, para proporcionar-lhe prazer, abocanhei o pedaço de pão e engoli-o, conseguindo que ele me permitisse ficar perto da loja; sentei-me e voltei-me para a rua, a fim de dar-lhe a compreender que o que eu desejava era apenas a sua proteção.

Dispensou-me carinhos que me levaram a entrar em sua casa, e indicou-me o lugar em que eu deveria ficar; naquela casa, por todo o tempo que lá vivi, fui muito bem-tratado; o meu amo não tomava as suas refeições sem dar-me bons petiscos. Quanto a mim, fui-lhe sempre amigo fiel.

Trazia sempre os olhos voltados para ele e seguia-o por toda parte. Fazia a mesma coisa, quando o tempo lhe permitia dar voltas para tratar dos negócios. Às vezes, quando pretendia sair, chamava-me pelo nome de Ruivo.

Ouvindo tal nome, eu abandonava imediatamente o meu lugar, saltava, esperneava e corria na frente da porta. Só cessava essas brincadeiras quando o meu amo, já fora de casa, me obrigava a acompanhá-lo. De vez em quando, olhava para ele a fim de demonstrar-lhe todo o meu júbilo.

Já havia tempo que eu vivia naquela casa quando certo dia vi uma mulher entrar para comprar pão que pagou com uma moeda de prata falsa de mistura com outras boas. O padeiro, notando o dinheiro falso, devolveu-o, exigindo outra moeda.

Não quis a criatura aceitá-la, declarando que se tratava de dinheiro legítimo. Meu amo sustentou o contrário: A moeda, disse à mulher, é tão patentemente falsa que estou certo de que o meu cão, um simples animal, me dará razão. Vem cá, Ruivo, chamou-me. Ao ouvir-lhe a voz, saltei com agilidade para o balcão, e ao espalhar ele as moedas diante de mim, disse: Vê, Ruivo, uma destas moedas não é falsa? Olhei para todas elas, e, colocando a pata sobre a falsa, separei-a das demais, ao mesmo tempo que fitava meu amo.

O padeiro encheu-se de assombro ao notar que eu a descobrira facilmente, sem hesitar. A mulher, convencida, não teve outras desculpas e viu-se obrigada a substituí-la por outra. Depois que ela se retirou, meu amo chamou os vizinhos e contou-lhes o que eu acabara de fazer. Os vizinhos, incrédulos, exigiram uma prova, e de todas as moedas falsas que puseram na minha frente, misturadas com outras boas, não houve nenhuma sobre a qual eu não colocasse a pata, separando-a das verdadeiras.

A mulher, por sua vez, também contou aos que se lhe depararam pelo caminho o que acabava de presenciar. A notícia da minha extraordinária habilidade alastrou-se em pouco tempo por todo o bairro e por toda a cidade.

Eu tinha grande trabalho durante o dia inteiro. Precisava contentar todos os compradores de pão e mostrar-lhes minha habilidade. Vinha gente dos lugares mais distantes. Tantos fregueses proporcionei assim ao meu amo, que mal conseguia ele atendê-los. Um dia tive o prazer de ouvi-lo explicar aos vizinhos que eu constituía um verdadeiro tesouro.

Não deixei, porém, de atrair bom número de invejosos, que prepararam armadilhas para roubar-me, tanto que ele se viu obrigado a vigiar-me com cuidado. Um dia, apareceu na loja uma mulher para comprar pão, como os outros. O meu posto habitual era sobre o balcão, onde ela deixou seis moedas de prata, entre as quais uma falsa. Pondo a pata sobre a falsa, olhei para a mulher como que lhe perguntando se não era realmente aquela. Sim, disse-me ela, fitando-me, não te enganaste. Por muito tempo ficou a admirar-me; depois pegou o pão que havia comprado, e quando se retirou fez-me um gesto para segui-la, sem que o padeiro percebesse.

Eu vivia pensando em libertar-me da minha estranha transformação. Havia observado o afeto com que aquela criatura me examinara, e pensei que talvez soubesse alguma coisa da minha desgraça que me entristecia. Não me enganara. Deixei-a ir e segui-a com os olhos. Depois de dar dois ou três passos, voltou-se ela, e notando que eu não abandonava o meu posto, tornou a repetir o gesto de convite.

Após caminhar por algum tempo, chegou a casa, onde abriu a porta e me disse: Entra, que não hás de arrepender-te de ter-me seguido. Obedeci-lhe; ela fechou a porta e levou-me para o seu quarto, onde vi uma jovem de grande formosura a bordar; era a filha da caridosa mulher muito hábil na mágica, como logo percebi.

Minha filha, disse-lhe a mãe, trago-te o famoso cão do padeiro, que distingue muito bem as moedas boas das falsas. Bem sabe que eu logo te disse, de início, que ele bem podia ser um homem transformado em cão por efeito de uma maldade. Hoje fui à padaria e testemunhei a verdade do que se afirmava; assim, tratei de fazer-me seguir pelo cão que constitui o prodígio de Bagdá. Que te parece, minha filha? Enganei-me? Não vos enganastes, não, minha boa mãe, respondeu-lhe a filha, e vou provar o que digo.

Levantou-se, então; pegou um vaso de água, mergulhou a mão, e borrifando a água sobre mim, disse: Se nascestes cão, continua cão; mas se nascestes homem, retoma a tua forma pela virtude desta água. Imediatamente se desfez o encantamento, e voltei a ser homem como antes.

Agradecido por tão grande benefício, lancei-me aos pés da jovem, e depois de beijar-lhe a barra da veste, disse-lhe: Minha boa libertadora, fostes

tão bondosa para com um estranho como eu que vos rogo que me digais o que devo fazer para agradecer-vos, ou melhor, disponde de mim como de um escravo, pois que vos pertenço. Agora, vou contar-vos a minha história.

Assim, depois de lhe dizer quem era, narrei-lhe o meu casamento com Amina, a minha paciência em lhe suportar o mau gênio, as suas maneiras esquisitas e a ingratidão com que havia me tratado. Terminei agradecendo a sua mãe a grande ventura que me tinha proporcionado.

Sidi Numan, disse-me a filha, deixemos de lado a obrigação que vós afirmais dever-me. A ideia de ter auxiliado um homem honrado como sois basta-me. Falemos de Amina; conheci-a antes que se casasse convosco, e sabendo que era mágica, não lhe escondi os meus conhecimentos dessa arte. Algumas vezes nos encontramos no banho. Mas, como não nos déssemos bem, evitava qualquer intimidade com ela, no que fui muito auxiliada pelo seu desejo de também não estreitar amizade comigo. Não me espanta a sua maldade. O que fiz, porém, em benefício vosso, não é suficiente, e eu preciso acabar o que iniciei. Não basta haver desfeito o feitiço com que ela vos eliminou da sociedade dos homens; precisais puni-la como merece ao chegardes à vossa casa, a fim de recuperardes a autoridade. Para tanto, dar-vos-ei o meio. Ficai conversando com minha mãe, que eu não me demorarei.

Entrou num gabinete; e eu tive tempo para patentear a sua mãe toda a gratidão. Minha filha, disse-me ela, não é inferior na mágica a Amina; mas exerce-a apenas para o bem, que pratica quase diariamente, motivo pelo qual não me oponho à sua atividade. Não daria a minha permissão, se soubesse que ela iria cometer abusos.

Havia começado a explicar-me algumas das maravilhas levadas a efeito pela filha quando esta voltou trazendo uma garrafinha: Sidi Numan, disse-me, os meus livros que consultei mostram-me que Amina não está em casa neste momento, mas que não tardará em voltar. Mostram-me, outrossim, que a falsa criatura finge diante dos criados estar profundamente desassossegada com a vossa ausência; deu-lhes

a acreditar que saístes para um negócio urgente, e que, ao sair, deixastes a porta aberta; um cão, acrescentou, entrou pela sala e ela viu-se obrigada a

enxotá-lo a pauladas. Voltai, portanto, para casa, sem perda de tempo, com a garrafinha que estais vendo. Mal abrirem a porta, entrai e esperai Amina no quarto; ela não se demorará. Quando ela chegar, descei ao pátio, e ponde-vos na sua frente. Com o susto, ela vos dará as costas para fugir. Atirai-lhe, então, a água contida nesta garrafa, e pronuncia distintamente as seguintes palavras: Recebe a punição da tua maldade. Vereis imediatamente o efeito. Depois das palavras da minha benfeitora, de que não me esqueci, despedi-me com demonstrações do maior reconhecimento e voltei para casa.

Tudo se passou como a jovem mágica havia predito. Amina não tardou em voltar. Ao vê-la, apresentei-me com a água na mão. Amina deu um grande grito, e ao voltar-se para fugir, atirei-lhe a água, proferindo ao mesmo tempo as palavras que me haviam sido ensinadas. Transformou-se em égua, a mesma égua que vistes ontem.

No mesmo instante, agarrei-a pela crina, e apesar da sua resistência, levei-a para a cocheira onde lhe pus um cabresto; depois, lançando-lhe ao rosto toda a sua maldade, castiguei-a às chicotadas até que me venceu o cansaço. Mas resolvi dar-lhe todos os dias castigo igual. Comendador dos Crentes, ouse esperar que não censurareis o meu comportamento e que reconhecereis não merecer criatura tão má melhor tratamento que o que lhe é aplicado.’

Quando o califa notou que Sidi Numan nada mais tinha que dizer, disse-lhe: ‘A tua história é estranha, bem estranha, e a maldade de tua mulher é inacreditável. Por isso não reprovoo absolutamente o castigo a que a submetes; mas considera o seu suplício ao ver-se reduzida a simples animal, e contenta-te em deixá-la em tal estado. Ordenar-te-ia até que consultasses a jovem mágica que a metamorfoseou, para pôr fim ao encantamento, se a dureza dos mágicos que abusam da sua arte não preparasse contra ti vingança mais cruel ainda que a primeira.’

Harun al-Rashid, compadecido dos sofrendores, depois de declarar a sua vontade a Sidi Numan, dirigiu-se ao terceiro homem trazido à sua presença pelo grão-vizir Djafar: ‘Codja Hassan’, disse-lhe, ‘ao passar ontem pelo teu palácio, pareceu-me ele tão esplêndido que tive a curiosidade de saber quem era o dono; soube, assim, que o mandaste erguer, depois de haveres trabalhado num ofício que mal bastava para que vivesses. Sei também que és

sempre o mesmo, que empregas muito bem a riqueza que Deus te concedeu e que és muito estimado pelos vizinhos. Estou certo de que o caminho pelo qual quis recompensar-te a Providência deve ser fora do comum. Quero sabê-lo de ti mesmo e foi por isso que mandei chamar-te. Fala-me, pois, com toda a sinceridade, para que eu me alegre mais com a tua ventura. E, para que não suspeites da minha curiosidade e não penses ter eu outro interesse que não o que acabo de explicar, declaro que tens a minha proteção para que desfrutes a teu bel-prazer dos haveres conquistados.’

Com essa promessa do califa, Codja Hassan prostrou-se perante o seu trono, tocou com a testa o tapete e, levantando-se, disse: ‘Comendador dos Crentes, qualquer outro homem que não tivesse a consciência limpa como eu a tenho, se perturbaria com a ordem de aparecer à vossa presença; mas como sempre tive para convosco respeito e veneração, e como nada cometi contra a obediência que vos é devida, nem contra as leis, o que me entristeceu foi apenas a lembrança de que me embarçaria diante de vós. Confiado, porém, na bondade com que acolheis e ouvis o menor dos vossos súditos, tranquilizei-me, sobretudo depois de saber que concedeis a vossa bondosa proteção. Vou narrar-vos, portanto, as minhas aventuras.’

Após isso, para conciliar a benevolência de Harun al-Rashid, Codja Hassan, concentrando-se por um instante, assim respondeu:

A HISTÓRIA DE CODJA HASSAN

‘Comendador dos Crentes, para melhor vos fazer compreender por que caminho atingi a felicidade de que gozo atualmente, devo, em primeiro lugar, falar-vos de dois amigos íntimos, habitantes da mesma cidade de Bagdá, que vivem ainda e podem provar a verdade das minhas afirmações. A eles devo, depois de Deus, toda a minha ventura.

Chamam-se eles Saadi e Saad Saadi. O primeiro, homem extremamente rico, sempre pensou que ninguém podia ser feliz no mundo se não dispusesse de grandes bens, para ser independente de quem quer seja.

Saad pensava de outra maneira. Dizia ele que a riqueza era, sem dúvida, coisa importante, mas sustentava que a virtude é que constitui a verdadeira felicidade das criaturas humanas. Saad vivia contentíssimo no estado em que se encontrava, e embora Saadi fosse muito mais opulento do que ele, a amizade entre ambos era sincera, e o mais rico não se considerava superior ao outro. Nunca divergiram, a não ser num ponto.

Um dia, estando distraídos numa conversa, pretendeu Saadi que os pobres eram pobres apenas por nascerem na pobreza ou por terem perdido os seus haveres. Creio, afirmou, que os pobres não são pobres senão porque não conseguem reunir quantia suficiente para arrancar-se da miséria; se o conseguissem, não somente enriqueceriam como também se tornariam opulentos. Seria uma simples questão de tempo.

Saad não concordou com ele. Acho que o vosso meio, respondeu, não é tão certo. Poderia apoiar o meu parecer em bons motivos que muito longe nos levariam. Tenho a certeza de que o pobre é capaz de enriquecer com qualquer outro meio que não uma simples quantia de dinheiro; às vezes até alguns conseguem riqueza maior que com uma quantia, como pensais, por mais que se esforcem em economizar. Saad, respondeu Saadi, percebo que de nada me adianta persistir em sustentar o meu modo de ver contra o vosso. Vou fazer uma experiência para vos convencer, dando determinada quantia a

um pobre trabalhador, pai de filhos. Se não lograr êxito, veremos se a vossa ideia será superior à minha.

Algum tempo depois da discussão, sucedeu passarem os dois amigos pelo bairro em que eu exercia o meu ofício de cordoeiro, aprendido com meu pai. Ao verem a minha casa e as minhas vestes, bem puderam avaliar a minha falta de recursos.

Saad, lembrando-se do que Saadi lhe dissera, sugeriu-lhe: Se é que vos não esqueceste da vossa proposta, eis um homem que há muito tempo vejo exercer o ofício de cordoeiro, sem por isso conseguir livrar-se da miséria que o oprime. É um excelente homem, digno da vossa generosidade. Lembro-me, respondeu Saadi, tanto que tenho aqui o necessário para a experiência. Só aguardava uma ocasião para estarmos juntos e poderdes presenciar o meu ato. Falemos com ele, e procuremos saber se realmente vive na pobreza.

Vieram ambos a mim; e, percebendo que desejavam falar-me, interrompi o trabalho. Após me saudarem, Saadi me perguntou como me chamava.

Devolvi-lhes a saudação, e, respondendo a Saadi, disse-lhe: Senhor, chamo-me Hassan, e em virtude da profissão que exerço sou conhecido pelo nome de Hassan Alhabal. Hassan, respondeu Saadi, uma vez que não há ofício que não proporcione sustento, suponho que o teu te há de fazer viver comodamente; admira-me que não hajas até agora guardado alguma coisa e comprado uma boa provisão de cânhamo para ofereceres trabalho a ajudantes que te poupem mais esforços. Senhor, respondi, deixareis de vos admirar quando souberdes que, apesar de todos os meus esforços, desde de manhã até à noite, mal ganho o suficiente para o meu sustento e o da minha família; e assim mesmo limitamo-nos a pão e legumes. Possuo mulher e cinco filhos, nenhum dos quais está em idade de me auxiliar; devo sustentá-los e vesti-los; e numa família sempre há uma infinidade de coisas necessárias; embora o cânhamo não seja caro, é preciso dinheiro para comprá-lo. Vede, senhor, se é possível qualquer economia. Contentamo-nos, minha família e eu, com o que Deus nos dá, e não achamos que nos falte alguma coisa, quando dispomos do bastante e não precisamos pedir aos vizinhos.

Hassan, disse-me Saadi, eis aqui uma bolsa em que acharás duzentas moedas de ouro. Que Deus abençoe e te dê a graça de empregá-las bem.

Meu amigo Saad e eu teremos muito prazer quando soubermos que elas te terão ajudado a ser mais feliz do que és agora.

Comendador dos Crentes, guardei imediatamente a bolsa, dominado por grande alegria. Tão reconhecido fiquei, que não consegui murmurar uma palavra de agradecimento, e só pude estender a mão para agarrar a veste do meu benfeitor para beijá-la. Mas ele, afastando-se, continuou o caminho com o amigo.

Prossegui o trabalho. O meu primeiro cuidado foi saber onde poderia guardar a bolsa. Não possuía em minha pobre casa baú nem armário, nem lugar nenhum seguro.

Sem saber o que fazer, ocultei o meu pouco dinheiro nas dobras do turbante, abandonei o trabalho e voltei para casa. Tão bem procedi que, sem que ninguém percebesse, consegui tirar dez moedas da bolsa para as despesas urgentes, e coloquei o resto no turbante.

A principal despesa no mesmo dia foi a compra de uma boa partida de cânhamo. Em seguida, lembrando-me de que há tempo minha família não comia carne, dirigi-me ao açougue e comprei uma boa porção. De volta para casa, trazia a carne na mão quando, sem que eu pudesse defender-me, uma ave a teria arrebatado, se eu não a estivesse segurando com força. Mas, ai de mim, por que não a deixei, em vez de perder a bolsa? A ave, quanto maior a minha resistência, tanto mais esforços fazia para levar a carne. Em dado momento, caiu-me ao chão o turbante.

A ave largou imediatamente a carne e agarrou o turbante, sumindo-se com ele. Gritei o mais alto que pude e os que acorreram uniram os seus gritos aos meus.

Às vezes, com tal expediente, se consegue que essas aves larguem o que arrebatam. Mas nada logramos, e ela sumiu com o turbante. Percebi que seria inútil tentar recuperá-lo.

Rumei para casa tristíssimo com a perda do turbante e, por conseguinte, do dinheiro. Tive de comprar outro, o que mais ainda me diminuiu as dez moedas de ouro tiradas da bolsa. Lá se foram as minhas formosas esperanças de uma vida melhor.

O que mais me entristeceu foi imaginar o aborrecimento do meu benfeitor quando visse o péssimo resultado da sua generosidade; consideraria, talvez, o que me acontecera como simples e inútil desculpa.

Enquanto duraram as moedas que me sobravam, vivemos melhor minha família e eu; logo, porém, tornamos a cair na miséria de antes. Não protestei, contudo. Meu Deus, refleti, quisestes provar-me, dando-me aquilo de que eu menos esperava. Tiraste-me porque assim quiseste, visto que vos pertencia. Louvado sede, e, submeto-me à vossa vontade.

Assim pensava, enquanto minha mulher se lamuriava. Cometi o erro de contar aos vizinhos que, perdendo o turbante, perdera também 190 moedas de ouro. Como não pudessem compreender ter eu ganho tão grande quantia com o meu trabalho, desataram a rir, e os meninos e adolescentes ainda mais do que todos.

Já fazia quase seis meses que a ave maldita me arruinara como acabo de vos contar, quando os dois amigos mais uma vez passaram pela rua em que eu vivia. Saadi lembrou-se de mim. E Saadi disse: Não estamos longe da casa de Hassan Alhabal; visitemo-lo, pois, e verifiquemos se as duzentas moedas de ouro que lhe demos serviram para lhe melhorar a sorte. Consinto, respondeu Saad; já ando pensando nele há vários dias. Estou certo de que comprovareis a existência de uma boa mudança e de que teremos dificuldades em reconhecê-lo.

Saad foi o primeiro em me reconhecer de longe, e assim disse ao amigo: Parece-me que ganhastes. Creio que Hassan Alhabal não mudou absolutamente. Continua malvestido como antes; a única diferença é um turbante um pouco mais limpo que o de antes.

Saadi reconheceu que Saad tinha razão e não conseguiu explicar a falta de qualquer mudança em mim. Tão assombrado ficou que não foi ele quem comigo falou quando ambos se aproximaram. Saad, após saudar-me, disse: Então, Hassan, há tempo que não te perguntamos como vão os negócios; deves ter com certeza prosperado desde que te deixamos as duzentas moedas de ouro. Senhores, respondi, dirigindo-me a ambos, é enorme a tristeza que sinto ao ter de contar-vos que os vossos desejos, os vossos votos e as vossas esperanças não se verificaram como vós esperáveis e como eu também

esperava. Tereis dificuldade em acreditar na extraordinária aventura que me sucedeu. Crede-me, no entanto, pois sou homem honrado: nada mais me resta do que me destes. Conteí-lhes a aventura com todos os pormenores. Hassan, respondeu-me Saadi, sem acreditar em nada do que eu lhes dizia, estás rindo de nós e queres nos enganar. O que tu nos contas é inacreditável. Nenhuma ave se interessa por turbantes, e o que quer sempre é comer. Fizeste, isso sim, o que fazem todos os do teu ofício. Quando conseguem um lucro extraordinário, inesperado, abandonam o trabalho e entregam-se às diversões, e depois de terem dissipado tudo, veem-se novamente na mesma necessidade. Continuas na miséria porque mereces e porque és indigno do bem que procuram fazer-te. Senhor, disse eu, por minha vez, aceito todas as vossas repreensões e suportarei ainda outras, mais duras; porém, afirmo que não as mereço. O caso é tão conhecido na vizinhança que não há quem não vos repita o que vos contei. Informai-vos e vereis que não vos enganei. Confesso que até aquele dia não supunha que uma ave pudesse arrebatrar um turbante, mas a verdade é que assim aconteceu comigo.

Saad pôs-se do meu lado e contou a Saadi muitas outras histórias de aves gatunas; finalmente, tirou esta sua bolsa e entregou-me duzentas moedas de ouro que eu ocultei no peito.

Depois, disse-me: Hassan, dou-te estas duzentas moedas; mas guarda-as bem, para que não as percas como as outras, e faze com que elas te proporcionem as vantagens que as primeiras não conseguiram. Agradecei-lhe, sobretudo por não merecer tão grande generosidade, após o que me acontecera, e garanti-lhe que não me esqueceria de nada para seguir-lhe o bom conselho. Quis prosseguir, mas ele não me deu tempo. Despedindo-se, continuou a passear com o amigo.

Não voltei a trabalhar; corri para casa, onde naquele momento não estavam minha mulher e meus filhos. Separei dez moedas e escondi as restantes num pano que amarrei cuidadosamente; em seguida, tratei de guardá-lo num lugar seguro. Depois de bem refletir, lembrei-me de colocá-lo no fundo de um vaso de barro cheio de farinha. Dali a pouco chegou minha mulher, e como só me restasse pouca quantidade de cânhamo, sem

nada lhe contar dos dois amigos que me haviam novamente visitado, saí para comprar outra porção.’

Não podendo Sherazade terminar a história de Codja Hassan Alhabal, pela qual, bem sabia, bastante interessado estava o sultão da Índia, continuou-a no dia seguinte, quando sua irmã Dinazade a despertou:

A continuação da história de Codja Hassan

‘Comendador dos Crentes, já sabeis que Saadi me deu mais duzentas moedas de ouro, a fim de que eu pudesse compensar minha perda. E já vos contei que, abandonando o trabalho, rumei para casa, peguei dez moedas, e, embrulhando as restantes num pano, coloquei-as no fundo de um vaso de farinha, sem que minha mulher e meus filhos percebessem. Depois, disse-lhes que ia comprar cânhamo.

Saí, mas enquanto eu ia realizar a compra, um vendedor de greda, que as mulheres empregam no banho, passou pela rua, apregoando sua mercadoria.

Minha mulher o chamou, e, não tendo dinheiro, perguntou-lhe o que desejava em troca e se não aceitava farinha. Mostrou-lhe o vaso, e a transação foi concluída. Minha mulher recebeu a greda e o vendedor levou o vaso.

Voltei com bastante cânhamo, seguido de cinco rapazes carregados como eu; com o cânhamo enchi o sótão de casa. Paguei o preço estipulado aos rapazes; e depois de vê-los partir, descansei um instante; em seguida, lancei os olhos para o canto em que havia deixado o vaso de farinha. Não o vi!

Não vos posso exprimir o meu susto. Perguntei a minha mulher o que sucedera com ele; e ela contou-me a transação que havia efetuado, contente, como se com aquilo tivesse lucrado bastante.

Ah, infeliz!, gritei. Ignora o mal que fizestes a mim, a ti e aos nossos filhos com essa troca! Pensaste em vender apenas farinha e, no entanto, com ela enriqueceste o vendedor de greda, que recebeu, sem querer, 190 moedas de ouro, que me foram dadas por Saadi, pela segunda vez.

Minha mulher se desesperou quando soube do erro cometido por ignorância. Bateu no peito, arrancou os cabelos, e, rasgando as vestes, gritou: Desgraçada que sou! Serei digna de viver depois de tão estúpida inadvertência? Onde poderei encontrar o vendedor de greda, se não o conheço? Ah, meu marido, fizeste mal em me ocultar o segredo! Nada teria acontecido se eu o tivesse sabido! Não terminaria, Senhor, se pretendesse descrever-vos toda a sua aflição. Bem sabeis como são as mulheres em tais ocasiões.

Mulher, disse-lhe, tranquiliza-te. Não vês que estás chamando a atenção dos vizinhos? Não quero que saibam a nossa desgraça. Em vez de participarem da nossa desventura ou de nos proporcionarem consolo, hão de rir-se da tua e da minha simplicidade. O melhor que podemos fazer é esconder a perda, suportá-la com paciência e submeter-nos à suprema vontade do Todo-Poderoso. Abençoemo-lo por nos ter dado duzentas moedas, por só nos ter tirado 190, e por nos deixar dez que, bem-empregadas, hão de nos dar alívio pelo menos por algum tempo.

Muito custou a minha mulher concordar. Finalmente, o tempo que a tudo abrandava, inclusive os piores males, fez com que ela se acalmasse.

Vivemos na pobreza, expliquei-lhe, não há dúvida, mas que possuem os ricos que nós também não possuímos? Não respiramos, por acaso, o mesmo ar? Não recebemos a mesma luz e o mesmo calor do Sol? Morrem, apesar de todos os seus haveres, como nós morremos. Afinal, a vantagem deles é tão pouco considerável que sequer lhe devemos dar atenção.

Não vos cansarei, Senhor, com as minhas reflexões. Consolamo-nos, minha mulher e eu. Continuei a trabalhar, como se não tivesse sofrido duas perdas tão importantes.

A única coisa que me afligia era saber como me apresentaria a Saadi quando ele me pedisse contas do emprego por mim feito das duzentas moedas de ouro. Não via outra solução a não ser preparar-me para o embarço, embora nessa segunda vez também em nada tivesse contribuído para tamanha desventura.

Muito tardaram os dois amigos em visitar-me outra vez. Saadi adiava sempre sua visita, e dizia a Saad: Quanto mais nos demorarmos, tanto mais rico encontraremos Hassan, e maior será a minha satisfação.

Saad não tinha a mesma opinião que o amigo. Julgais, portanto, que o vosso presente foi mais bem-usado desta vez? Não vos alegréis demasiadamente, pois temo que o vosso desgosto será maior que o da primeira vez. Não sucede sempre, insistia Saadi, que uma ave gatuna arrebate um turbante. Hassan passou por esta desgraça, segundo parece, mas deve ter tomado as medidas necessárias para evitar a sua repetição. Não duvido, respondeu Saadi; mas bem pode ter-se verificado outro acidente que não

prevemos. Repito, moderai a vossa alegria. Tenho o pressentimento de que não sereis bem-sucedido, e que eu terei mais êxito em encontrar um homem capaz de enriquecer mais facilmente do que os outros por qualquer outro meio que não o dinheiro.

Um dia, por fim, achando-se Saad na casa de Saadi, após longa discussão, disse este: Quero comprovar hoje mesmo a verdade; vamos passear e saber quem perdeu a aposta.

Saíram. Eu os vi de longe. Fiquei fora de mim e tive vontade de abandonar o trabalho e esconder-me. Mas, dedicando toda a atenção ao serviço, fingi não percebê-los, e não ergui os olhos, a não ser quando de mim se acercaram, depois de terem-me saudado. Tornei a abaixar os olhos imediatamente, e descrevendo-lhes a minha desgraça com todas as minúcias, disse-lhes que continuava pobre como antes.

Dir-me-eis, sem dúvida, que devia ter ocultado as moedas em outro lugar que não no vaso. Mas havia anos que esse vaso ali estava. Como podia saber que naquele mesmo dia passaria um vendedor de greda pela minha rua, e que minha mulher, supondo não ter dinheiro nenhum, lhe ofereceria o vaso em troca de greda? Devia ter avisado minha mulher, acrescentareis. Mas duvido que, sendo homens sensatos como sois, me houvésseis dado tal conselho. Senhor, Deus não permitiu que a vossa generosidade contribuisse para enriquecer-me, e isso em virtude de motivos superiores às nossas forças. Deus quer que eu continue pobre. Mas eu sei que vos devo sempre a mesma obrigação.

Calei-me, então, e Saadi me disse: Hassan, embora queiras convencer-nos de que o que acabas de contar-nos é a pura verdade, e que não pretendes esconder a tua devassidão, cuidarei bem de insistir numa experiência que poderia arruinar-me. Não lamento as quatrocentas moedas que te dei para arrancar-te da pobreza; fi-lo apenas para beneficiar-te. Se há uma coisa capaz de fazer com que eu me arrependa é ter-te escolhido a outro homem, que talvez soubesse empregar melhor o capital recebido. E, voltando para o amigo, disse: Saad, vedes que não abandono de todo o campo da luta. Mas agora cabe a vós fazer a experiência. Provai-me a existência de outro meio, além do dinheiro, que permita que se torne rico um pobre, e escolhei o

próprio Hassan. Por mais que lhe deis, estou certo de que não chegará a ser rico, uma vez que nada logrou com as quatrocentas moedas que lhe cedi.

Saad mostrou a Saadi um pedaço de chumbo e disse: Vistes quando peguei este pedaço de chumbo. Vou dá-lo a Hassan, e vereis, então, o resultado.

Riu-se Saadi de Saad. Um pedaço de chumbo! Que fará Hassan com a simples moeda que lhe pagarão por esse pedaço de chumbo? Saad, ao mesmo tempo que me entregava o chumbo, disse-me: Aceita-o, Hassan, e deixa que Saadi se ria à vontade. Um dia, nos contarás a felicidade que com ele alcançaste.

Tive a impressão de que Saad pretendia apenas divertir-se comigo. Aceitei, contudo, o chumbo, agradeci-lhe e meti-o no cinto. Os dois amigos deixaram-me, então, e eu continuei a trabalhar.

De noite, ao despir-me para deitar-me, o pedaço de chumbo do qual já nem me lembrava caiu no chão. Peguei-o e deixei-o num canto qualquer.

Na mesma noite, um pescador, meu vizinho, ao consertar as suas redes, verificou que lhe faltava um pedaço de chumbo. Àquela hora já estavam fechadas todas as lojas. No entanto, ele precisava ir pescar antes do amanhecer, se quisesse comer. Pediu, pois, à mulher que batesse à porta dos vizinhos para obter o que ele precisava.

Ela obedeceu e foi de porta em porta, em ambos os lados da rua. Mas nada encontrou. Perguntou-lhe o marido, quando ela lhe deu a má notícia: Foste, por acaso, à morada de Hassan Alhabal? É verdade, respondeu ela, não fui, por ser longe; mas crês que lá encontraria o que procuramos? Sim, e peço-te que para lá te dirijas o quanto antes. Já por cem vezes foste à sua casa sem nunca encontrar o que buscava. Hoje, talvez, se te depare o pedaço de chumbo de que preciso.

Mais uma vez saiu a mulher, resmungando, e foi bater à minha porta. Eu já estava dormindo. Acordei e perguntei o que queriam. Hassan Alhabal, respondeu-me ela, meu marido precisa de um pedaço de chumbo para as suas redes. Não tens, por acaso, um que me possas ceder?

Eu não me havia esquecido do presente de Saad. Assim, respondi à vizinha que esperasse um pouco, que minha mulher lhe entregaria o objeto

de que ela carecia.

Minha mulher, que também acordara com as pancadas à porta, levantou-se, pegou o pedaço de chumbo no lugar que lhe indiquei, abriu a porta e entregou-o à vizinha.

Contentíssima por não ter perdido a viagem, disse ela a minha mulher: Vizinha, esse favor é tão grande que prometo trazer para cá todos os peixes que meu marido apanhar na primeira vez.

Muito alegre, o pescador aprovou a promessa feita por sua mulher e acabou de consertar as redes. Depois, foi pescar duas horas antes do amanhecer, de acordo com o costume. Na primeira vez não apanhou mais que um peixe, bastante grande, porém. Os outros lances foram mais felizes, mas nenhum dos peixes se comparava ao apanhado em primeiro lugar.

Mal voltou para casa, lembrou-se imediatamente de mim e fiquei boquiaberto, quando trabalhava, por vê-lo postar-se na minha frente, levando-me o peixe. Vizinho, disse-me, minha mulher prometeu-te o peixe que eu lograsse apanhar na primeira vez que lançasse as redes ao mar. Deus só permitiu que eu pegasse este, que te peço aceitar. Vizinho, respondi, o pedaço de chumbo que te dei é tão insignificante que não merece absolutamente tal preço. Os vizinhos devem sempre se auxiliar nas necessidades; não fiz contigo mais do que a minha obrigação, e recusaria o teu presente, se não visse que o dás de muito bom coração. Aceito-o, portanto, visto que assim queres, e bastante te agradeço.

O pescador despediu-se e eu levei o peixe para casa. Toma, disse à minha mulher, este peixe que o nosso vizinho acaba de me oferecer por gratidão pelo pedaço de chumbo que lhe cedi. Aí está tudo quanto, segundo me parece, devemos esperar do presente de Saad. E falei-lhe da volta dos dois amigos e das palavras trocadas entre eles e eu.

Minha mulher ficou profundamente admirada ao ver um peixe daquele tamanho: Que faremos com ele?, perguntou-me. A nossa grelha só serve para peixes pequenos, e vaso grande para cozê-lo não possuímos. Prepara-o como quiseses, respondi-lhe, assado, ou cozido, tanto se me dá. E, assim dizendo, voltei ao trabalho.

Preparado o peixe, ao tirar as entranhas encontrou ela um diamante, que, depois de limpo, se lhe afigurou um pedaço de vidro. Já ouvira falar, é certo, de diamantes, mas o conhecimento que tinha deles não lhe permitia reconhecê-lo distintamente. Por conseguinte, entregou-o ao mais novo dos filhos, para que com ele brincasse com os irmãos.

De noite, ao acender-se a lâmpada, nossos filhos, que continuavam a brincar com a pedra, passando-a de mão em mão, perceberam que ela brilhava mais, conforme minha mulher, ao andar de um lado para o outro, se afastava. Os menores dentre eles choravam quando os maiores a retinham mais tempo nas mãos.

Já que com muito pouco se distraem os meninos e até brigam, nem minha mulher nem eu demos importância àquilo. Cessaram finalmente as disputas, quando os maiores se sentaram à mesa para comer conosco e os menores receberam a sua parte.

Depois da refeição, meus filhos tornaram a juntar-se, recomeçando a balbúrdia de antes. Quis eu, então, saber a causa da briga; por conseguinte, chamei o maior e perguntei-lhe a razão daquela gritaria. Disse-me ele: Papai, é um pedaço de vidro que brilha quando ficamos no escuro. Pedi-o imediatamente e fizemos a experiência.

Aquilo me pareceu fora do comum, e perguntei a minha mulher o que era. Não sei, respondeu-me ela; é um pedaço de vidro que tirei do interior do peixe quando o limpei.

Eu também julguei que não passasse de vidro, mas continuei a experiência; mandei que minha mulher escondesse a lâmpada, o que ela fez, e vi que o suposto vidro produzia tão grande claridade que podíamos dispensar a lâmpada para nos deitar. Pedi-lhe que a apagasse, e coloquei o pedaço de vidro sobre a beirada da chaminé para nos iluminar. Eis, disse eu, outra vantagem do pedaço de chumbo de Saadi, pois que podemos dispensar a compra de azeite.

Quando meus filhos me viram mandar apagar a lâmpada, inutilizada pela presença do vidro, deram gritos de assombro que toda a vizinhança os ouviu.

Minha mulher e eu, à força de pedir-lhes que se calassem, mais ainda aumentamos a bulha. Finalmente, adormeceram os diabinhos, e pudemos

respirar.

Deitamo-nos depois deles, minha mulher e eu, e no dia seguinte, logo de manhãzinha, esquecido do pedaço de vidro, levantei-me para ir trabalhar como sempre. Não é de estranhar tal coisa num homem que nunca vira diamantes.

Dir-vos-ei agora, Senhor, que entre a minha casa e a do meu vizinho só existia uma parede muito fina. Pertencia ela a um riquíssimo judeu, ourives; e o quarto onde ele e sua mulher repousavam era contíguo à parede. Já estavam dormindo quando meus filhos iniciaram a gritaria, que os acordou.

No dia seguinte, a mulher do judeu queixou-se com a minha do enorme barulho. Minha boa Raquel, assim se chamava a mulher do judeu, disse-lhe minha mulher, lastimo o que sucedeu, e peço-vos desculpas. Bem sabeis o que são crianças: por nada riem e por nada choram. Entrai que vos mostrarei o que causou a interrupção do vosso sono.

A judia entrou, e minha mulher pegou o pedaço de vidro que, na realidade, eram um belíssimo diamante. Vede, disse-lhe, foi por este vidro que fizeram a gritaria de ontem. Enquanto a judia, que conhecia todo tipo de pedras, examinava o diamante com assombro, contou-lhe de que maneira achara nas entranhas do peixe comido na véspera.

Mal ela terminou, a judia, que muito bem viu não ser aquilo um simples pedaço de vidro disse-lhe: Aicha, devolvendo-lhe o diamante, eu também acho que é vidro; mas como possuo outro pedaço semelhante, com que às vezes me enfeito, se me quiserdes vender, comprá-lo-ei.

Meus filhos, ouvindo falar em vender, interromperam a conversa, protestando e suplicando a sua mãe que lhes deixasse o vidro. Ela viu-se obrigada a contentá-los.

A judia se despediu; mas antes de separar-se de minha mulher, que a acompanhou até a porta, pediu-lhe baixinho que, se tencionasse vender o vidro, o fizesse a ela e a mais ninguém.

O judeu, por sua vez, rumara para a loja no bairro dos ourives. Para lá correu a judia, revelando-lhe essa descoberta, descrevendo-lhe a grandeza, o peso, a belíssima água e sobretudo a sua singularidade, que consistia em dar luz de noite.

Imediatamente ele ordenou à sua mulher que oferecesse à minha uma pequena quantia e a fosse aumentando de acordo com a resistência, mas que comprasse a pedra, no fim, por qualquer preço.

A judia, logo depois de voltar, e antes que minha mulher dissesse qualquer coisa, ofereceu-lhe vinte moedas de ouro pelo pedaço de vidro. Minha mulher achou a quantia elevada, mas não quis dar uma resposta decisiva sem antes falar comigo.

Quando, terminado o trabalho do dia, regressei para casa, perguntou-me, pois, se eu permitiria a venda do pedaço de vidro por vinte moedas de ouro.

Não, respondi imediatamente. Estivera refletindo na promessa de Saad de que ele faria minha fortuna. A judia cuidou que eu, pelo contrário, não concordava com a quantia oferecida e respondeu: Dar-vos-ei cinquenta, vizinho. Não vos interessam?

Vendo que a vizinha passava de vinte para cinquenta moedas, consegui refrear-me e dizer-lhe que estava muito longe do preço pelo qual tinha a intenção de vendê-lo. Vizinho, insistiu ela, dar-vos-ei, nesse caso, cem moedas. É muito, e nem sei se meu marido aprovará a minha compra. Diante daquele novo aumento, declarei-lhe que exigia por ele cem mil moedas, quantia a que me limitava, por serem eles, marido e mulher, bons vizinhos. Não faltariam ourives que me dessem mais.

Apressou-se a judia em querer concluir a transação, pelo preço de cinquenta mil moedas de ouro, que eu recusei. Não posso, disse-me ela, por fim, oferecer mais sem a autorização do meu marido; assim fazei-me o favor de esperar que ele veja o diamante quando voltar para casa.

De tarde, o judeu, ao regressar, soube dela que eu recusara o oferecimento de cinquenta mil moedas de ouro.

Encontrei-o quando, abandonando o trabalho, rumei para casa: Vizinho Hassan, disse-me, aproximando-se, suplico-vos que me mostreis o diamante que vossa mulher mostrou à minha. Mandeí-o, então, entrar em casa, e não tive dúvidas em deixá-lo admirar a pedra.

Sendo já bastante escuro e não estando ainda acesa a lâmpada, viu logo, pelo esplendor do diamante na palma da minha mão que a informação de sua mulher fora verdadeira, e disse-me: Vizinho, minha mulher, ao que ela

me contou, vos ofereceu por esta pedra cinquenta mil moedas de ouro; pois bem, para que fiqueis contente, acrescento-vos outras vinte mil. Vizinho, disse, o meu preço é de cem mil; ou pagais cem mil moedas ou guardo o diamante. Não há outra solução. O judeu regateou por muito tempo, com a esperança de que eu acabaria cedendo; mas nada logrou. E, diante do temor de que eu o mostrasse a outros ourives, não teve dúvidas em concluir o negócio pelo preço que eu exigia. Explicou-me que não tinha o dinheiro em casa, mas que logo no dia seguinte me entregaria a quantia devida; e pouco depois voltou para dar-me dois sacos de mil moedas cada um, como sinal da compra.

No dia seguinte, completada a quantia de cem mil moedas de ouro, entreguei o diamante ao judeu.

Realizada a venda, e muito mais rico do que havia esperado, agradei a Deus a sua generosidade, e teria ido de muito boa vontade atirar-me aos pés de Saad, para demonstrar-lhe toda a minha gratidão, se soubesse onde ele vivia. O mesmo houvera feito com Saadi, a quem devia obrigações, embora não tivesse êxito nas suas boas intenções comigo.

Pensei imediatamente no uso de tão grande quantia. Minha mulher, vaidosa como todas as mulheres, propôs-me a compra de ricas vestes para ela e para os filhos, além de uma excelente morada com mobília de luxo. Mulher, respondi-lhe, não comecemos com despesas assim. Tem confiança em mim; o que me pedes há de vir com o tempo. Muito embora o dinheiro tenha sido feito para gastar, é preciso proceder com prudência e arranjar uma reserva; é o que vou fazer amanhã mesmo.

No dia seguinte, procurei companheiros de ofício e, confiando-lhes dinheiro adiantado, fi-los trabalhar por minha conta em várias obras de cordoaria, cada um de acordo com a sua habilidade. No outro dia terminei de contratar os serviços dos restantes cordoeiros e desde então os que vivem em Bagdá se mostram satisfeitíssimos com a minha pontualidade nos pagamentos.

Em seguida, aluguei depósitos em diversos pontos e em cada um deixei um encarregado para receber as mercadorias e vendê-las. Em pouco tempo tornei-me senhor de consideráveis rendas.

Para reunir, mais tarde, todos esses depósitos, comprei uma enorme construção num amplo terreno; como estivesse em péssimas condições, mandei que a pusessem abaixo e construíssem, no seu lugar, o que vós, Senhor, vistes ontem. Por mais aparência que possua, todavia, só contém depósitos e aposentos suficientes para mim e para minha família.

Já fazia bastante tempo que deixara a minha velha casa para estabelecer-me na nova quando Saadi e Saad se lembraram de visitar-me. E, passando pela rua em que eu sempre trabalhara, ficaram assombrados por não me verem ocupado nos meus afazeres.

Perguntando o que sucedera comigo, mais ainda lhes cresceu o assombro ao saberem que eu me tornara grande mercador e que já não me chamava simplesmente Hassan, mas sim Codja Hassan Alhabal, ou seja, o mercador Hassan, o cordoeiro, e que havia mandado erguer em outra rua uma casa com aspecto de palácio.

Foram ambos procurar-me na nova rua; e durante o percurso, não podendo Saadi imaginar que a causa da minha fortuna fosse o pedaço de chumbo que Saad me dera, disse Saadi: Estou deveras contente por ter contribuído para o progresso de Hassan Alhabal; mas não lhe perdoo duas mentiras para arrancar-me quatrocentas moedas de ouro em vez de apenas duzentas. Não posso, evidentemente, atribuir a sua boa sorte ao pedaço de chumbo que lhe deste. Se assim pensais, respondeu Saad, não penso eu da mesma forma e não percebo por que pretendeis que Codja Hassan seja um mentiroso. Tenho por mim que ele sempre disse a verdade e que o pedaço de chumbo é a única causa de toda a sua ventura. Aliás, o próprio Codja Hassan nos contará o que aconteceu.

Assim pensando, chegaram à minha rua, e muito lhes custou crer no que viam. Bateram à porta e ela se lhes abriu imediatamente.

Saadi, temendo cometer uma incivildade, se confundisse a casa de algum homem distinto com a que procurava, disse ao porteiro: Explicaram-nos ser esta a residência de Codja Hassan Alhabal. Não estaremos enganados? Não, senhor, não o estais, respondeu o porteiro. Esta é exatamente a casa que procurais. Entrai, pois, e o encontrareis na sala; um dos seus escravos se incumbirá de anunciar a vossa chegada.

Comunicaram-me imediatamente a vinda dos dois amigos. Sem perder tempo, levantei-me, corri para eles e quis beijar-lhes a orla da veste, no que não consentiram; pelo contrário, tive eu que permitir que eles me abraçassem. Convidei-os a sentar-se num enorme sofá, e ao mesmo tempo lhes mostrei outro menor para quatro pessoas, que dava para o meu jardim. Roguei-lhes que se sentassem, mas eles insistiram em que eu o fizesse primeiro. Senhores, disse-lhes, não me esqueci de que sou o pobre Hassan; e mesmo que fosse criatura diferente da que sou e vos não devesse as obrigações que vos devo, sei qual é o meu dever. Suplico-vos, portanto, não me deixardes por mais tempo em tão grande confusão. Sentaram-se, então, ambos, e coloquei-me na frente deles.

Disse-me Saadi: Codja Hassan, não sei exprimir-te a alegria que sinto por ver-te neste estado, que era o que eu desejava quando te dei por duas vezes duzentas moedas de ouro, e estou certo de que foi, graças a este dinheiro, que se realizou tão maravilhosa mudança. Só uma coisa me entristece: haveres-me por duas vezes ocultado a verdade, contando-nos perdas incríveis. Não era possível, quando nos vimos a última vez, que tivesses progredido tão pouco com as quatrocentas moedas de ouro que eu te dera a ponto de te envergonhares de nos dizer a verdade.

Ouviu Saad as palavras de Saadi com impaciência e indignação, e o patenteou, meneando a cabeça. Contudo, deixou-o terminar de falar. Depois respondeu: Saadi, perdoa-me se te respondo antes de Codja Hassan para dizer-te que admiro a tua falta de crença na sinceridade dele. Já disse e repito agora que imediatamente acreditei na sua narração dos dois acidentes que lhe sucederam. Mas deixemos que o próprio Hassan fale; saberemos daqui a pouco quem de nós dois lhe fez justiça.

Comecei então a falar: Senhores, disse-lhes, não vos daria absolutamente a explicação que me exigis, se não tivesse a certeza de que a disputa a meu respeito é incapaz de destruir a amizade que vos une. Quero, pois, explicar-me. Mas antes torno a dizer-vos que já vos contei a verdade, como vou fazer agora. Repeti-lhes, então, tudo sem esconder o menor fato. Os meus protestos não impressionaram Saadi. Quando terminei, ele respondeu: Codja Hassan, a aventura do peixe e do diamante oculto nas suas entranhas me

parece tão pouco aceitável como o roubo do teu turbante e a troca do vaso por greda. Seja como for, todavia, vejo com prazer que estás rico, como era a minha intenção.

Levantaram-se para despedir-se. Levantei-me também e, detendo-os: Senhores, disse-lhes, ouvi o meu pedido e não o recuseis. Permiti-me a honra de oferecer-vos uma ceia, e a cada um, um leito a fim de poder conduzir-vos amanhã, por água, a uma casa de campo que comprei; trar-vos-ei de volta, por terra, no mesmo dia, montados em excelentes cavalos. Se Saad não tem afazeres que o retenham, disse Saadi, concordo de boa vontade. Nada tenho que me impeça esse prazer, interveio Saad. Mandemos, portanto, um aviso às nossas casas, para que não nos esperem.

Enquanto incumbiam de tal missão um escravo, tive tempo de dar as minhas ordens para a ceia.

À espera, mostrei-lhe a casa e tudo o que nela havia. Sempre considerei a ambos meus benfeitores, porque sem Saadi não me houvera Saad dado o pedaço de chumbo e sem Saad não me houvera Saadi cedido as quatrocentas moedas de ouro. Depois, tornei a conduzi-los à sala, onde me dirigiam várias perguntas sobre as minhas transações comerciais.

Finalmente avisaram-me de que estava pronta a ceia. Estando a mesa posta em outra sala, para lá os levei. Saadi e Saad admiraram as lâmpadas, a limpeza, o aparador e as iguarias. Ademais, ofereci-lhes várias distrações: durante o festim com um coro de vozes e instrumentos, e depois de retirada a mesa, com um grupo de dançarinos de ambos os sexos. Enfim, fiz tudo para mostrar-lhes a minha gratidão.

No dia seguinte, tendo combinado com ambos partir logo ao amanhecer para desfrutarmos o frescor da manhã, rumamos para a margem do rio, antes que nascesse o Sol. Ali embarcamos num barco guarnecido de tapetes, que nos esperava, e, transportados por seis bons remadores, em uma hora e meia chegamos à minha casa de campo.

Pondo pé em terra, detiveram-se os dois amigos para admirar a beleza e a magnífica situação dos encantadores panoramas, nem demasiadamente extensos, nem demasiadamente limitados. Mostrei-lhes todos os aposentos, as ornamentações e a mobília, e tive o prazer de ouvir-lhes palavras de elogio.

Em seguida, fomos ao jardim, onde o que mais lhes interessou foi um bosque de laranjeiras e limoeiros de toda espécie, carregados de frutos e de flores perfumadas. As plantas alinhavam-se em distância igual, e as águas do rio, por intermédio de um canal que ia de raiz a raiz, as regava constantemente. A sombra, o frescor, o doce murmúrio das águas, o canto de uma infinidade de aves e muitas outras coisas lhes causaram tal admiração que eles estacavam quase a todo instante, umas vezes para agradecer-me por os ter conduzido a lugar tão delicioso, outras para congratular-me pela compra que eu fizera.

Na extremidade do bosque mostrei-lhes um grupo de grandes árvores, e pedi-lhes que entrassem numa casinha, aberta em todos os lados, mas protegida pela sombra de palmeiras, e convidei-os a descansar sobre um sofá guarnecido de tapetes e almofadas.

Dois dos meus filhos que eu havia enviado para lá, com um mestre, a fim de respirarem o ar puro dos campos, entraram no bosque, e procurando ninhos de aves, descobriram um nos ramos de uma grande árvore. Imediatamente trataram de subir, mas não tendo força nem jeito para tanto, mostraram o ninho a um escravo que jamais os abandonava e pediram-lhe que fosse buscá-lo.

O escravo subiu. Chegado ao ninho, achou esquisito vê-lo feito num turbante. Agarrou-o, desceu e mostrou-o a meus filhos; mas certo de que eu também gostaria de vê-lo, entregou-o ao mais velho para que este o levasse.

Vi-os correr de longe, muito alegres. Meu pai, disse-me o maior, vede este belo ninho feito num turbante!

Tanto Saadi como Saad muito se admiraram com a novidade; eu, porém, fui o que mais boquiaberto ficou, reconhecendo naquele turbante o que me fora roubado havia tanto tempo. Depois de examiná-lo bem e virar para um lado e outro, perguntei aos dois amigos: Senhores, creio que sem dúvida vos lembrais de que era este o turbante que eu usava no dia em que me concedestes a honra de aproximar-vos de mim, não é exato? Não me parece, respondeu Saad, que Saadi haja reparado nele, como também eu; mas todas as nossas dúvidas cessariam, se nele se encontrassem as 190 moedas de ouro. Senhor, respondi, podeis ter a certeza de que é o mesmo turbante; além de

reconhecê-lo, percebo outrossim pelo peso que não pode ser outro. Apresentei-o a ambos, assim falando. Saad, após tirar as azevins e dá-las a meus filhos, apresentou-o, por sua vez, a Saadi, para avaliar o peso.

Acho que se trata realmente do teu turbante, disse-me; mas ficarei mais convencido se vir as 190 moedas de ouro. Observai, acrescentei, que não é de hoje que se acha suspenso nessa árvore. O seu estado e o ninho são sinais de que ali esteve desde o dia em que a maldita ave o roubou. Não leveis a mal a minha observação, pois sou eu quem mais interesse tem em eliminar qualquer suspeita de fraude.

Saad me ajudou. Saadi, interveio ele, isso a vós é que diz respeito e não a mim que estou mais do que certo de nos ter Codja Hassan dito apenas a verdade.

Enquanto Saad falava, desenrolei o pano e dele tirei a bolsa, imediatamente reconhecida por Saadi como sendo a que ele mesmo me dera. Esvaziei-a, em seguida, sobre o tapete, e disse-lhes: Senhores, eis as moedas de ouro; contai-as vós mesmos. Saadi contou-as, e vendo que não mais podia negar uma verdade evidente, voltou-se para mim: Codja Hassan, reconheço que estas 190 moedas de ouro não te ajudaram a enriquecer; mas as outras 190 que ocultaste no vaso de farinha, como pretendeste dar-me a entender, devem ter contribuído para o teu bem-estar. Senhor, respondi-lhe, só vos contei a verdade, tanto a respeito de uma quantia como da outra. Não pretendereis que eu vos diga uma mentira! Codja Hassan, interveio Saad, deixa que Saadi continue com a sua opinião; deixa que se convença de que lhe deves metade da tua fortuna, mas forçoso lhe é confessar que contribuí para a outra metade com o pedaço de chumbo que te dei, e não duvide mais da existência do valioso diamante nas entranhas do peixe. Saad, respondeu Saadi, creio no que desejas; mas dá-me a liberdade de acreditar que dinheiro só se amontoa com dinheiro. Como?, estranhou Saad. Se por acaso eu encontrasse um diamante de cinquenta mil moedas de ouro, adquiriria essa quantia mediante dinheiro?

Terminou nesse ponto a disputa. Levantamo-nos e, voltando para casa, pusemo-nos à mesa. Depois da refeição, deixei que os meus hóspedes repousassem durante as horas de calor mais intenso, enquanto eu ia dar

ordens ao despenseiro e ao jardineiro. Ao voltar, conversamos um pouco, depois do que regressamos ao jardim, onde nos estendemos à sombra até o pôr do sol. Aí, os dois amigos e eu montamos a cavalo e, seguidos por um escravo, chegamos a Bagdá aproximadamente às duas horas da madrugada.

Não sei como, mas faltava em casa cevada para os cavalos. Já era tarde demais para procurá-la, pelo que, percorrendo a vizinhança, um dos meus escravos achou um vaso numa loja, comprou-o e trouxe-o. Estendendo a cevada para que cada animal recebesse a sua ração, senti um pano debaixo da mão. Imediatamente o levou dizendo-me tratar-se talvez do pano do qual tantas vezes ouvira falar quando eu contava a história aos meus amigos.

Contentíssimo, disse aos meus benfeitores: Senhores, não permita Deus que vos separeis de mim nem que fiqueis completamente certos da verdade que sempre vos afirmei. Eis as outras 190 moedas de ouro que me destes. Assim, desatei o pano e entreguei-lhes a quantia. Reconheci também o vaso; minha mulher, a quem o enviei logo, reconheceu-o também.

Perdeu Saadi toda a sua incredulidade, e disse a Saad: Reconheço que o dinheiro nem sempre é um meio seguro para enriquecer.

Senhor, disse-lhe eu, por minha vez não ousaria propor-vos a entrega das 380 moedas, pois estou certo de que, quando as destes não pretendíeis absolutamente reavê-las. Quanto a mim, não quero valer-me delas, satisfeito que estou com o que Deus me proporcionou. Assim, se me permitirdes, distribuí-las-ei amanhã aos pobres.

Os dois amigos dormiram em minha casa também no dia seguinte; em seguida, depois de me abraçarem, afastaram-se, contentes com a minha boa acolhida e por verem que eu não abusava da felicidade. Não deixei de ir agradecer-lhes pessoalmente, na casa de cada um: e desde então tenho a honra de cultivar-lhes a amizade.

De tal maneira se absorvera o califa Harun al-Rashid na narrativa de Codja Hassan que só lhe percebeu o fim pelo silêncio. Disse-lhe, então: ‘Codja Hassan, já fazia muito tempo que eu não tinha o prazer de ouvir uma história que tanto me interessasse, como as maravilhas pelas quais quis Deus tornar-te feliz na Terra. Deves continuar a agradecer-lhe pelos benefícios. Quero que saibas que o diamante que te deu tão grande riqueza se encontra

no meu tesouro; mas como Saadi ainda pode ter alguma dúvida, traze-o com Saad aqui a fim de que se convença de que o guardo como o mais precioso dos objetos da minha coleção. Assim há de reconhecer ainda mais que nem sempre é o dinheiro um meio seguro para que um pobre chegue a possuir grandes riquezas sem grande trabalho e rapidamente. Quero, outrossim, que contes a tua história ao guarda do meu tesouro a fim de que ele mande escrevê-la.’

Proferindo tais palavras e manifestando, por um sinal da cabeça, a Codja Hassan, Sidi Numan e Baba Abdalá que estava satisfeito, retiraram-se os três prostrando-se antes diante do seu trono.

Quis Sherazade iniciar outro conto, mas o sultão da Índia, notando o despontar do dia, transferiu o começo para o dia seguinte.

A HISTÓRIA DE ALI BABÁ E DOS QUARENTA LADRÕES EXTERMINADOS POR UMA ESCRAVA

Sherazade, despertada por Dinazade, sua irmã, começou a contar ao marido a história que pretendia iniciar na véspera:

“Numa cidade da Pérsia, nos limites dos vossos Estados, viviam dois irmãos, Cassim e Ali Babá. Como haviam repartido os poucos bens deixados pelo pai, era de supor que tivessem o mesmo tipo de vida, mas a verdade era outra.

Cassim casou-se com uma criatura que, pouco após o casamento, herdou uma loja, um armazém repleto de fazendas e outros bens que o transformaram num dos mais ricos mercadores da cidade.

Muito pelo contrário, Ali Babá, que contraíra núpcias com uma mulher pobre como ele, vivia na miséria, e não tinha outro meio de sustentar os filhos senão cortando lenha num bosque vizinho para vendê-la na cidade, carregando com ela três burrinhos que constituíam toda a sua fortuna.

Estava um dia Ali Babá no bosque e já havia terminado de cortar lenha bastante para carregar os animais, quando viu erguer-se aos ares uma nuvem de poeira que rumava para o lado em que ele se achava; olhando com atenção, distinguiu um grande grupo de cavaleiros a galope.

Embora ninguém falasse de ladrões na região, Ali Babá receou que aqueles homens o fossem; portanto, esquecido dos seus burrinhos, tratou de salvar sua pele. Para isso, subiu numa árvore alta, cujos ramos mal ficavam separados por pequeno espaço, e ali se escondeu, a tudo podendo ver sem ser visto. Situava-se a árvore ao lado de um grande rochedo, isolado, muito mais elevado que a árvore e tão íngreme que era impossível escalá-lo.

Os cavaleiros, todos grandes e fortes, além de armados, apearam-se perto do rochedo, e Ali Babá, contando quarenta deles, percebeu imediatamente que se tratava de verdadeiros ladrões. Eram, de fato, ladrões que, sem prejudicar os arredores, praticavam bem distante os seus roubos. Aquele era

simplesmente o ponto em que costumavam reunir-se. E o que Ali Babá os viu fazer lhe confirmou a ideia.

Cada um deles tirou a sela do seu animal e prendeu-lhe ao pescoço um saco de cevada; em seguida, cuidaram dos fardos, tão pesados, segundo bem notou Ali Babá, que evidentemente deviam conter ouro e prata.

O mais imponente dos ladrões, sem dúvida o chefe, aproximou-se do rochedo e, após abrir caminho por entre a moita, pronunciou distintamente as seguintes palavras: Abre-te, Sésamo. Ali Babá ouviu muito bem tais palavras. Mal o capitão terminou de pronunciá-las, abriu-se uma porta. Depois de passarem todos, entrou o chefe também e a porta voltou a fechar-se.

Por um longo tempo ficaram encerrados lá dentro os ladrões. Ali Babá, temendo que saíssem quando ele abandonasse o seu esconderijo para salvar-se, viu-se obrigado a permanecer oculto na árvore e aguardar pacientemente. Contudo, teve vontade de descer para apoderar-se de dois belos cavalos, montar num deles e conduzir o outro pelo cabresto, rumando para a cidade, impelindo na frente os três burrinhos; mas a incerteza do resultado o levou a seguir o caminho mais seguro.

Finalmente, abriu-se outra vez a porta, e saíram os quarenta ladrões, precedidos pelo chefe. Depois de os ver desfilar diante dele, ouviu-o Ali Babá mandar fechar a porta, pronunciando as seguintes palavras: Fecha-te, Sésamo. Cada um dos bandidos tornou a selar o seu cavalo, colocou na garupa o fardo e montou. Quando o capitão os viu todos a postos, pôs-se diante deles e voltou pelo caminho por onde viera.

Ali Babá não desceu imediatamente da árvore, refletindo: 'Podem ter-se esquecido de alguma coisa, e eu ficaria em maus lençóis, se me descobrissem.' Seguiu-os, então, com os olhos, até que desaparecessem no horizonte, e só abandonou o refúgio muito tempo depois. Lembrando-se das palavras com que o capitão abrira e fechara a porta, quis experimentar se, ao pronunciá-las, lograria o mesmo efeito. Atravessou a moita, portanto, e viu a porta oculta, diante da qual se colocou, ordenando: Abre-te, Sésamo! No mesmo instante teve o prazer de vê-la abrir-se.

Esperava descobrir apenas trevas, mas ficou boquiaberto ao se lhe deparar um recinto amplo e iluminado, escavado em forma de abóbada bem elevada, que recebia luz do alto por uma abertura no rochedo. Descobriu também um sem-número de mantimentos, fardos de preciosos tecidos empilhados, sedas e brocados, tapetes de muito valor e, sobretudo, uma infinidade de moedas de ouro e prata empilhadas e em sacos. Ao ver tudo aquilo, teve a impressão de que aquela gruta servia de abrigo aos ladrões não apenas há anos, mas séculos.

Imediatamente resolveu o que devia fazer. Entrou na gruta, e a porta fechou-se, o que não o amedrontou, visto que conhecia o segredo para abri-la. A sua preocupação era o ouro em moedas. Carregou até não poder mais os três burrinhos, e sobre os fardos amontoados nos animais colocou lenha para disfarçar. Concluído o trabalho, postou-se diante da porta, e mal pronunciou as fáticas palavras, fechou-se ela. Em seguida, tomou o caminho da cidade. Ao chegar em casa, fez entrar os burrinhos num pátio e fechou a porta cuidadosamente. Depois, descarregou a pouca lenha que ocultava os sacos de ouro e levou-os para casa, onde os alinhou na presença da mulher, que se achava sentada num sofá.

A mulher, percebendo que os sacos estavam abarrotados de dinheiro, julgou que o marido tivesse roubado, de maneira que não pôde refrear-se e disse-lhe: ‘Ali Babá, terás, por acaso, cometido a infâmia de...’ Interrompeu-a imediatamente Ali Babá: ‘Sossega, que não sou ladrão, a não ser que roubar ladrões me faça ladrão. Cessarão as tuas dúvidas, quando eu te contar o que me aconteceu.’ Depois de esvaziar os sacos, contou à mulher a sua aventura desde o começo, e, ao mesmo tempo, recomendou-lhe o máximo sigilo.

A mulher, refazendo-se do assombro, alegrou-se pelo que sucedera ao marido, e quis contar todas as moedas de ouro. ‘Mulher’, disse-lhe Ali Babá, ‘que pretendes fazer? Já refletiste no tempo que levarias para contá-lo? Deixa-me cavar um buraco para ocultá-lo. Não podemos perder tempo!’ ‘Mas convém sabermos, mais ou menos, a quantidade que possuímos. Vou pedir ao vizinho uma medida, e farei eu mesma o trabalho enquanto cavares o buraco.’ ‘Mulher’, respondeu Ali Babá, ‘a tua ideia não é sensata, acredita

no que te digo. Contudo, procede como quiseses, mas não te esqueças de manter o segredo que te pedi.’

A mulher de Ali Babá correu à casa de Cassim, seu cunhado, e, não o encontrando, dirigiu-se à sua mulher, pedindo-lhe emprestada uma medida por alguns instantes. A cunhada perguntou-lhe se ela desejava uma grande ou uma pequena, e a mulher de Ali Babá escolheu a pequena. ‘Espera um pouco, que já vou buscá-la.’

E foi. Mas, conhecendo a indigência de Ali Babá e desejosa de saber que coisa pretendia sua mulher medir, teve a ideia de aplicar uma camada de sebo embaixo da medida. Depois, apresentando-a à mulher de Ali Babá, pediu-lhe desculpas por fazê-la esperar.

Regressou correndo para casa a mulher de Ali Babá, mergulhou a medida no monte de ouro, encheu-a, esvaziou-a e assim prosseguiu até o fim; depois, deu o resultado ao marido que acabara de abrir o buraco.

Enquanto Ali Babá enterrava o seu ouro, a mulher levou a medida de volta à cunhada, sem notar, todavia, que uma das moedas ficara presa ao fundo. ‘Cunhada’, disse-lhe, entregando-a, ‘bem vês que não me demorei demasiadamente. Muito te agradeço o favor que me prestaste.’

Mal se retirou, a mulher de Cassim imediatamente examinou a medida e ficou boquiaberta ao descobrir uma moeda de ouro. No mesmo instante dominou-a poderosa inveja. ‘Como?’, gritou. ‘Ali Babá tem, então, ouro aos montes? Onde foi buscá-lo, aquele miserável?’ Cassim, o marido, não estava em casa como disse, e sim na loja, de onde só voltaria ao cair da noite. O tempo pareceu um século à mulher, vencida pela impaciência de lhe dar uma notícia que o encheria, sem dúvida, de assombro.

Apenas o avistou, disse-lhe: ‘Cassim, pensas que és rico; mas muito te enganas. Ali Babá é muito mais, e não conta as moedas de ouro, como tu fazes, mede-as.’ Em seguida explicou-lhe de que meio se valera para descobrir o segredo do cunhado.

Longe de se alegrar com a ventura do irmão, Cassim encheu-se de tremenda inveja e não conseguiu dormir naquela noite. No dia seguinte, logo de manhã, rumou para a casa do irmão. ‘Ali Babá’, disse-lhe, aproximando-se, ‘finges que és pobre, mendigo, e, no entanto, tens ouro aos

montes.’ ‘Meu irmão’, respondeu-lhe Ali Babá, ‘não sei o que queres dizer. Explica-te.’ ‘Não dissimules’, respondeu Cassim, mostrando-lhe a moeda de ouro que sua mulher lhe entregara. ‘Quantas tens’, acrescentou, ‘semelhantes a esta?’

Àquelas palavras, percebeu Ali Babá que Cassim e sua mulher haviam descoberto o que ele tinha grande interesse em ocultar. Mas, infelizmente, não havia remédio. Sem dar ao irmão nenhum sinal de admiração, contou-lhe em que lugar descobrira o abrigo dos ladrões e ofereceu-lhe, para guardar o segredo, parte do tesouro.

‘Guardarei o teu segredo’, respondeu Cassim; ‘mas quero saber onde se acha exatamente o tesouro e como posso entrar na gruta; senão, denunciarte-ei à justiça. Se recusas o meu pedido, perderás até o que roubaste, uma vez que receberei a minha parte por te denunciar.’

Ali Babá, mais pelo seu bom coração do que impelido pelas ameaças do irmão, explicou-lhe tudo, e disse-lhe também as palavras que devia usar, tanto para entrar na gruta como para sair.

Cassim não insistiu por outros pormenores, e despediu-se do irmão, resolvido a precedê-lo. Desejoso de apossar-se do tesouro, partiu sozinho no dia seguinte, logo ao despontar do Sol, com dez burros carregados de grandes alforjes, que ele pretendia encher; na segunda viagem levaria maior número. Seguiu o caminho indicado por Ali Babá e chegou ao rochedo, onde reconheceu a árvore onde se ocultara o irmão. Descoberta a porta, para fazer com que ela se abrisse, pronunciou distintamente as palavras: Abre-te, Sésamo! A porta se abriu, e ele entrou. Notando muito mais riqueza do que as que Ali Babá lhe descrevera, foi-se-lhe aumentando a admiração à medida que ele ia observando os pormenores. Avarento como era, passaria o dia inteiro a olhar cobiçosamente o ouro, se não tivesse se lembrado de que ali chegara para roubá-lo e carregar os dez burros trazidos. Mas ao querer abrir a porta, para sair com o que havia agarrado, esqueceu-se das palavras e em lugar de Sésamo disse: Abre-te, Cevada! Assustou-se, então, ao notar que a porta permanecia fechada. Pronunciou muitos outros nomes, mas em vão.

Não esperava aquele desfecho. E quanto mais esforços pendia para lembrar-se do que lhe era preciso, mais se atrapalhava, e a palavra Sésamo

não lhe saía dos lábios. Atirou os sacos ao chão e começou a caminhar, agitado, de um lado para o outro. As riquezas que o circundavam já não mais o atraíam.

Pelo meio-dia voltaram ao ladrões à gruta, e vendo os burros carregados de alforjes, avançaram à rédea solta, obrigando os animais de Cassim a dispersar-se.

Nada fizeram os ladrões para os apanhar; o que lhes importava era descobrir o dono deles. Enquanto alguns davam a volta ao redor do rochedo, o chefe e os demais apearam-se e rumaram diretamente para a porta, empunhando os alfanjes. Pronunciadas as palavras fatídicas, abriu-se imediatamente a porta. Cassim, que ouvira o ruído lá fora, não duvidou do seu fim, e decidido a pelo menos tentar salvar-se, resolveu atirar-se para fora mal a porta se abrisse. Assim, arremeteu com tal força que conseguiu derrubar o chefe. Mas não escapou aos outros ladrões, que, em poucos instantes, lhe arrancaram a vida.

O primeiro cuidado dos ladrões, depois disso, foi entrar. Perto da porta acharam os sacos tirados por Cassim. Tornaram a pô-los no devido lugar, mas não notaram a falta dos levados por Ali Babá; em seguida, não tiveram dificuldade de saber por que Cassim não havia conseguido sair da gruta: o que lhes foi difícil foi a explicação de como ele pudera ali entrar. Por fim, acharam que ele talvez tivesse descido pelo alto, mas era tão alta a abertura da parte superior do rochedo e tão inacessível, que terminaram por afastar tal suposição. Era impossível que tivesse entrado pela porta, pois os bandidos se supunham os únicos conhecedores das palavras mágicas, visto que ignoravam a existência de Ali Babá.

Reconhecendo, todavia, que os seus bens corriam perigo, decidiram dividir o corpo de Cassim em quatro partes e colocá-las perto da entrada da gruta, duas de cada lado, a fim de afugentarem possíveis intrusos. Ademais, resolveram desaparecer das vizinhanças por algum tempo.

Já não tendo o que os detivesse, fecharam bem o refúgio, montaram a cavalo e foram pôr-se nas estradas das caravanas para atacá-las como de costume.

A mulher de Cassim ficou fora de si ao ver chegar a noite sem que o marido regressasse. Indo à casa de Ali Babá, disse-lhe: ‘Cunhado, sabes que Cassim não voltou, e já está bem entrada a noite, pelo que temo haja ele sido vítima de uma desgraça.’

Ali Babá, suspeitando que o irmão rumaria para o bosque, deixara de ir ao tesouro naquele dia. Todavia, para tranquilizar a cunhada, disse-lhe que talvez Cassim, para não despertar desconfiança em ninguém, resolvera entrar na cidade somente durante a noite.

A mulher de Cassim achou razoável a explicação, e voltou para casa, onde esperou pacientemente até a meia-noite; à esta hora, contudo, redobram-se-lhe os cuidados e ela se arrependeu amargamente da inveja que sentira pela felicidade do cunhado e da cunhada. Passou a noite chorando, e, ao nascer do dia, voltou à casa de Ali Babá, dando-lhe a conhecer mais pelas lágrimas do que pelas palavras que Cassim não tinha voltado.

Ali Babá cuidou imediatamente de ir verificar o paradeiro do irmão. Partiu com os seus três burros e rumou para o bosque. Ao aproximar-se do rochedo, e depois de não ter visto pelo caminho o irmão nem os dez burros com que saíra, ficou estarecido com o sangue que se lhe deparou perto da porta. Diante desta, pronunciando as palavras, viu-a abrir-se, e quase desfaleceu perante o triste espetáculo do irmão cortado em quatro pedaços. Sem hesitar, resolveu sepultar o irmão, esquecido da pouca amizade, para não dizer desprezo, com que sempre fora por ele tratado. Fez dois embrulhos dos quatro pedaços do corpo, carregou um dos burros e cobriu-os com lenha. Em seguida, carregou os dois restantes com sacos de ouro também ocultos por lenha e, ordenando à porta que se fechasse, rumou a cidade, tendo o cuidado de parar bastante tempo na saída do bosque para só nela entrar de noite. Chegando em casa, só fez entrar no pátio os dois animais carregados de ouro; e depois de deixar à mulher o cuidado de descarregá-los e de lhe contar em rápidas palavras o que acontecera ao irmão, conduziu o terceiro burro à casa da cunhada.

Bateu à porta, e quem lhe abriu foi Morjana. Era Morjana, uma escrava dotada de espírito inventivo diante das maiores dificuldades. Mal entrou no pátio, Ali Babá retirou do costado do burro a lenha e os dois embrulhos;

depois disse à escrava: ‘Morjana, em primeiro lugar, peço-te segredo; e verás que é necessário tanto a tua ama como a mim. Aqui está o corpo de teu amo. Trata de mandá-lo enterrar, como se tivesse morrido naturalmente. Agora apresenta-me à mulher de Cassim e presta atenção ao que vou dizer.’

Morjana avisou a mulher de Cassim, e Ali Babá entrou. ‘E então, meu cunhado?’, perguntou-lhe ela com impaciência. ‘Que notícias trazes do meu marido? Não percebo no teu rosto nada com que possa alegrar-me.’ ‘Cunhada’, respondeu-lhe Ali Babá, ‘nada posso dizer-te sem que antes me prometas ouvir-me desde o começo até o fim, sem interrupção. Deves, tanto quanto eu, guardar segredo.’ ‘Ah!’, gritou a mulher de Cassim. ‘Já sei que meu marido morreu; mas sei também que preciso guardar um segredo. Saberei ser corajosa. Conta-me, pois, tudo!’

Ali Babá narrou-lhe tudo que sucedera na viagem. ‘Cunhada’, acrescentou, por fim, ‘este é motivo de grande tristeza para ti, bem sei. Embora o mal já não tenha remédio, ofereço-te um alívio: acrescentar os meus poucos bens aos teus, casando-me contigo e assegurando-te que minha mulher não terá ciúmes. Se te agrada a solução, esforça-te para dar a entender que a morte do meu irmão foi natural; por isso, tenho certeza de que podes fiar-te de Morjana, ao mesmo tempo que eu também contribuirei com a minha parte.’

A viúva de Cassim não hesitou em aceitar a proposta de Ali Babá. Dispondo dos bens do marido, acabava de achar outro mais rico ainda. Imediatamente, portanto, sufocou as lágrimas, os gritos, e respondeu ao cunhado que o desposaria com prazer.

Despediu-se, então, Ali Babá da cunhada e, depois de recomendar a Morjana que cumprisse direito o que ele dissera, voltou para casa com o burro.

Morjana saiu ao mesmo tempo que Ali Babá e foi à casa de um boticário da vizinhança, a quem pediu umas pastilhas muito boas para doenças perigosas. ‘Ah’, respondeu ela, suspirando, ‘é o meu bom amo Cassim. Ninguém sabe que doença o acometeu; não consegue falar nem comer.’ Proferindo tais palavras, levou as pastilhas que Cassim, infelizmente, já não podia usar.

No dia seguinte, Morjana voltou ao mesmo boticário, e, chorando copiosamente, pediu-lhe uma essência que era hábito dar aos doentes próximos da morte. ‘Ai de mim’, gritou, ao recebê-la, ‘creio que este remédio já não surtirá efeito, e o meu pobre amo morrerá!’ Por outro lado, indo Ali Babá e sua mulher, muito pesarosos, todos os dias à casa de Cassim, ninguém se admirou de ouvir, de repente, em plena noite, os gritos das mulheres, principalmente de Morjana, que anunciavam a morte do amo.

De manhã cedo, Morjana, sabendo da existência de um bom homem, já muito idoso, sapateiro, o primeiro a abrir a sua loja, saiu e foi procurá-lo. Pondo-lhe, então, uma moeda de ouro na mão, desejou-lhe um bom dia.

Baba Mustafá, sobejamente conhecido como homem alegre e espirituoso, olhou para a moeda, e notando que era de ouro, perguntou: ‘Mas de que se trata? Estou pronto a servir-vos em tudo.’ ‘Baba Mustafá’, disse-lhe Morjana, ‘pegai tudo que se vos faz necessário para costurar e acompanhai-me imediatamente; mas antes de chegarmos a um determinado lugar, vendarei vossos olhos.’

Pronunciadas tais palavras, Baba Mustafá apresentou obstáculos. ‘Como?’, respondeu. ‘Quereis obrigar-me a fazer alguma coisa contrária aos meus princípios?’ Morjana, dando-lhe outra moeda de ouro, respondeu-lhe: ‘Deus me livre! Não exijo de vós senão o que podeis fazer de acordo com a vossa honra. Acompanhai-me e nada temais.’

Baba Mustafá deixou de opor resistência. Morjana, depois de lhe tapar os olhos com um lenço, levou-o para a casa de Cassim, e só lhe tirou a venda no aposento onde havia deixado o corpo cortado em quatro pedaços. Disse-lhe, então: ‘Baba Mustafá, trouxe-vos aqui para coserdes estes pedaços. Não há tempo a perder; quando terminardes, será dada a vós outra moeda de ouro.’

Depois de Baba Mustafá acabar o serviço, Morjana lhe entregou outra moeda de ouro e tornou a tapar-lhe os olhos, para em seguida conduzi-lo de volta à sua casa.

Morjana mandara aquecer água para lavar o cadáver. Ali Babá, chegando no momento em que ela entrava, lavou-o, perfumou-o e amortalhou-o. Fizera acompanhar-se pelo carpinteiro, que trazia o caixão.

Para que o carpinteiro não percebesse nada, Morjana recebeu o caixão da porta, e depois de pagar o operário, ajudou Ali Babá a colocar no ataúde o defunto. Em seguida, dirigiu-se à mesquita, a fim de comunicar que tudo estava pronto para o enterro. Os homens da mesquita ofereceram-se para lavar o corpo, mas ela explicou-lhes que já havia sido providenciado o banho.

Mal ela entrou na mesquita, chegaram o imã e os demais ministros. Quatro homens, erguendo o caixão, seguiram o imã que fazia as suas preces, em direção ao cemitério. Morjana, chorando, ia atrás, de cabeça nua, gritando lastimosamente, batendo no peito e arrancando os cabelos. Ali Babá acompanhava o enterro, com os vizinhos que se revezavam no transporte do caixão.

Quanto à mulher de Cassim, ficou chorando com as mulheres da vizinhança.

Assim, a morte de Cassim, ou melhor, a verdadeira morte de Cassim, só ficou sendo conhecida por Ali Babá e por sua mulher, a viúva e Morjana. Alguns dias após o enterro, Ali Babá levou o pouco que possuía e o dinheiro que roubara do tesouro dos ladrões para a casa da viúva de seu irmão, dando a conhecer, destarte, o seu novo casamento com a cunhada, o que ninguém estranhou, visto serem tais uniões comuníssimas na nossa religião.

A loja de Cassim foi dada por Ali Babá a um filho que, já havia algum tempo, terminara o aprendizado com outro grande mercador; e com a loja prometeu-lhe, se agisse com prudência, casá-lo vantajosamente.

Voltemos agora aos quarenta ladrões. Na ocasião por eles mesmos determinada, voltaram para o seu refúgio do bosque, e ficaram boquiabertos por não ver o corpo de Cassim; muito mais ainda ficaram ao perceber a perda de numerosos sacos de ouro. ‘Estamos perdidos!’, disse o capitão. ‘Devemos imediatamente descobrir um remédio para isso, senão perderemos todas as nossas riquezas que tantos sacrifícios custaram aos nossos antepassados e a nós. É quase certo que o patife que logramos apanhar conhecia o segredo de abrir a porta; tivemos sorte em agarrá-lo exatamente no momento em que pretendia sair. Mas deve haver outro homem sabedor do segredo. O corpo desaparecido é prova mais do que evidente do que

afirmo; e como, muito provavelmente, só estas duas pessoas conheceram o nosso segredo, assim como fizemos desaparecer uma, precisamos fazer desaparecer a outra. O que vos parece, meus companheiros? Não pensais como eu?’

Tão sensata se afigurou a proposta do chefe que todos a aprovaram, concordando em abandonar qualquer outro empreendimento para se dedicarem exclusivamente a esse até que obtivessem completo êxito.

‘Já me é bastante conhecida a vossa intrepidez’, continuou. ‘Em primeiro lugar, todavia, é preciso que um dos nossos vá até a cidade, sem armas, vestido como viajante forasteiro, e empregue todos os meios para descobrir se ninguém fala da morte do homem que assassinamos, e em que casa morava. É o que precisamos saber, antes de qualquer outra coisa, a fim de não nos arrependermos, dando-nos a conhecer em região onde temos todo o interesse em continuar desconhecidos. A fim de impedir que se engane o homem que se incumbir de tal missão, e cause assim a nossa desgraça, creio oportuno que ele se submeta à pena de morte em caso de malogro.’

Imediatamente disse um dos ladrões: ‘Submeto-me à pena de morte, e exponho a vida, mas quero encarregar-me do trabalho. Se não tiver êxito, não terá sido por falta de boa vontade e de valor. O que importa, acima de tudo, é o bem da nossa sociedade.’

O ladrão recebeu grandes elogios do chefe e dos companheiros. Disfarçou-se muito bem, e, separando-se do grupo, partiu na calada da noite, chegando à cidade quando mal começava a raiar o dia, exatamente na praça onde só havia uma loja aberta, e precisamente a de Baba Mustafá.

Baba Mustafá, sentado, empunhava o instrumento disposto a trabalhar. O ladrão, desejando-lhe muito bom dia, disse-lhe:

‘Começais a trabalhar cedo demais. Como podeis enxergar bem o que fazeis com a idade que tendes? Mesmo que já fosse dia alto, duvido que pudésseis costurar como se deve.’

‘Não me conheceis’, respondeu-lhe Baba Mustafá, ‘se não saberíeis que, apesar de idoso como sou, possuo maravilhosa visão. Sabei que, há pouco tempo, cosi um morto num lugar onde não havia mais claridade que aqui.’

O ladrão ficou radiante. Que sorte a dele! Pois não fora ter diretamente ao homem de que precisava?

‘Um morto?’, estranhou. ‘Coseste um morto, segundo me dizeis; não pretendeis, acaso, dizer simplesmente que cosestes a sua mortalha?’

‘Absolutamente’, respondeu Baba Mustafá. ‘Devo saber o que afirmo. Percebo que desejais fazer-me falar, mas aí está uma coisa que não farei.’

Persuadiu-se o ladrão de que ele descobrira tudo. Pegando uma moeda de ouro, colocou-a na mão de Baba Mustafá, e disse-lhe:

‘Não me importa, bom homem, o vosso segredo. O que quero de vós é que me mostreis a casa onde coseste o morto.’

‘Meu amigo, ainda que quisesse prestar-vos o favor que de mim exigis’, respondeu-lhe Baba Mustafá, ‘não me seria dado fazê-lo, e o motivo é este: em certo lugar vendaram-me os olhos, e de lá me guiaram à casa de onde, uma vez terminado o serviço, voltaram a levar-me ao mesmo lugar da mesma maneira. Como posso ajudar-vos, forasteiro?’

‘Certamente vos lembrareis do caminho percorrido de olhos vendados’, respondeu o ladrão. ‘Vinde comigo; no mesmo lugar eu vos vendarei, e juntos faremos o mesmo trajeto. Eis aqui outra moeda de ouro... Não me negueis este favor.’

Respondeu e entregou-lhe outra moeda.

Baba Mustafá cedeu, após olhar longamente para as duas luzidias moedas de ouro. Tirando do peito uma bolsa que sempre guardava consigo, meteu-as lá dentro, e, voltando-se para o ladrão, disse-lhe:

‘Não vos garanto que consiga lembrar-me perfeitamente do caminho que me obrigaram a percorrer. Contudo, como assim desejais, farei o possível para lembrar-me.’

Levantou-se e, sem fechar a loja, conduziu o ladrão até o ponto onde Morjana lhe havia vendado os olhos.

‘Foi aqui’, explicou, ‘que me vendaram. Eu estava nesta posição.’

O ladrão vendou-o e pôs-se a caminhar ao seu lado.

‘Parece-me’, disse Baba Mustafá, ‘que não ultrapassei este lugar.’

Estava realmente diante da casa de Cassim, que passara a ser propriedade de Ali Babá.

O ladrão, mais que depressa, fez uma cruz na porta, valendo-se de um pedaço de giz, e desvendando Mustafá, perguntou-lhe se sabia de quem era aquela casa. Este, contudo, não soube responder-lhe.

Percebendo que não conseguiria outras informações, o ladrão agradeceu-lhe, e deixando que voltasse para a sua loja, rumou para o bosque, certo de que os companheiros o acolheriam com prazer.

Dali a pouco, Morjana, saindo da casa de Ali Babá para os seus afazeres, notou o sinal feito pelo ladrão.

‘Pretenderá alguém prejudicar o meu amo? Ou se tratará apenas de uma brincadeira? Seja como for, convém que nos acautelemos!’, disse.

Foi buscar, então, um pedaço de giz, e marcou com o mesmo sinal três portas à direita e três à esquerda. Depois, sem comentar nada, entrou de novo na casa de Ali Babá.

Quanto ao ladrão, não tardou em reunir-se ao bando, ao que relatou todos os passos que dera. Ouviram-no com enorme atenção. O chefe, depois de elogiá-lo pela astúcia, disse:

‘Companheiros, não podemos perder tempo. Vamos partir já, muito bem-armados; entraremos na cidade separadamente, cada um por si, a fim de que ninguém suspeite da nossa intenção. Nós nos reuniremos na praça. Irei reconhecer a casa com o nosso valente companheiro, e lá decidirei o que iremos fazer.’

Todos aplaudiram e prepararam-se para partir. Caminhando a boa distância um do outro, entraram na cidade. Os últimos foram o chefe e o autor da marca na porta. Diante de uma das portas marcadas a giz por Morjana, disse-lhe que era aquela a casa. O chefe, notando que a porta seguinte trazia a mesma marca, chamou a atenção do companheiro, e perguntou-lhe qual era, afinal, a porta por ele assinalada.

O ladrão, confuso, ficou sem saber o que responder, tanto mais que, continuando a investigação, perceberam ambos mais quatro ou cinco portas identicamente marcadas.

‘Não sei quem fez estas outras marcas, chefe. Asseguro-vos que só fiz, uma...

O chefe, vendo desabar por terra todo o plano arquitetado, rumou para a praça, e pelo primeiro que se lhe deparou, mandou informar aos outros que a jornada fora inútil. Só lhes restava regressar ao esconderijo.

No bosque, foi imediatamente o infeliz guia considerado merecedor de morte, e foi executado.

Não querendo deixar em vingança aquilo que consideravam uma verdadeira injúria, resolveram os bandidos escolher um substituto ao que malograra. Aliás, nem foi necessário escolher, porque um deles se apresentou espontaneamente.

Partiu, subornando Baba Mustafá, como fizera o primeiro. Até aí, tudo bem. Baba Mustafá mostrou-lhe a casa onde vivia o bom Ali Babá. O ladrão imediatamente fez num lugar bem oculto um sinal vermelho, para distingui-lo das vizinhas.

Dali a pouco, todavia, Morjana saiu, como na véspera. Ao regressar, deparou-se-lhe, por acaso, com o sinal feito pelo ladrão. Bastante intrigada, resolveu copiar aquele misterioso sinal nas portas das casas ao redor. Quanto ao ladrão, indo reunir-se aos seus companheiros, salientou a extrema precaução com que havia agido, e frisou que não seria possível confundir de novo a casa de Ali Babá com as vizinhas.

O chefe e os demais ladrões não vacilaram. Partiram, sem perda de tempo, para a cidade, na mesma ordem, armados da mesma maneira, decididos ao golpe que tinham planejado. O chefe e o voluntário foram à casa de Ali Babá, mas lá se viram perante a mesma dificuldade da véspera. O chefe se enfureceu, e, desiludido, só teve uma solução: retirar-se com os companheiros para o bosque. O voluntário, culpado, não tardou em ser executado.

Já eram dois companheiros, e dos mais valentes, que desapareciam. Receosos de outras diminuições, percebeu o chefe do bando que o que lhe cabia fazer era incumbir-se pessoalmente de resolver o caso. Indo à cidade, e auxiliado por Baba Mustafá, não fez sinal nenhum, como tinham feito os dois infelizes. Pelo contrário, postando-se diante da moradia de Ali Babá, limitou-se a fitá-la bem, demoradamente, examinando-a com todo cuidado para não confundi-la depois com qualquer outra.

Satisfeito, regressou ao bosque para junto dos companheiros. Na gruta, voltando-se para eles, disse-lhes:

‘Meus amigos, já não há coisa nenhuma que nos impeça a vingança que tanto almejamos. Gravei bem na memória a casa do detestável Ali Babá e sei de que modo lhe faremos sentir o peso da nossa indignação. Não podemos permitir que alguém tenha conhecimento do nosso esconderijo. Eis, meus amigos, o que planejei. Se um dentre vós tiver plano melhor, que fale.’

Explicou-lhes, então, o que pretendia fazer. E, vendo que os companheiros o aprovaram, incumbiu-se de comprar nas redondezas 19 burros e 38 odres, dos grandes, destinados ao azeite, um dos quais estaria cheio, mas vazios os outros.

Alguns dias depois, estava tudo pronto. O chefe ordenou que cada um dos seus homens se metesse num odre, é claro que perfeitamente armado. Fechou-os, então, deixando um ou outro orifício bem oculto, para que pudessem respirar. Por fora, para dar boa ilusão, untou-os com azeite.

Feito aquilo, e carregados os burros com os 37 odres onde se ocultavam os ladrões e com o que estava cheio de azeite, o capitão tomou o caminho da cidade, na hora determinada, chegando ao cair da noite. Entrando, rumou imediatamente para a casa de Ali Babá, com o objetivo de bater à porta e pedir abrigo pela noite com os seus burros.

Nem teve o trabalho de bater à porta. Ali Babá, naquele instante, respirava o ar puro da noite, no limiar, após ter comido. O ladrão, fazendo parar os burros, e dirigindo a palavra ao bom Ali Babá, disse-lhe:

‘Senhor, sou mercador de azeite, venho de muito longe, e pretendo vendê-lo amanhã no mercado. Como não conheço esta cidade, não sei onde repousar. Se não vos importunar, gostaria de passar a noite em vossa casa, pelo que vos serei eternamente grato.’

Como teria podido Ali Babá reconhecer naquele homem que lhe dirigia um pedido tão modesto o chefe dos terríveis quarenta ladrões, se estava disfarçado, e muitíssimo bem, de vendedor de azeite?

Assim, sem de nada desconfiar, disse-lhe: ‘Sede bem-vindo, forasteiro, à minha casa.’

Afastou-se para deixá-lo entrar com todos os animais, o que o ladrão, mais do que radiante, se apressou em fazer.

Ali, chamando uma escrava, ordenou-lhe que mal os animais fossem descarregados, os conduzisse à estrebaria, e lhes desse feno e cevada. Depois, indo à cozinha, mandou que Morjana preparasse quanto antes uma refeição para o hóspede, e, em seguida, lhe arrumasse um bom leito para o seu repouso.

Não se deu por satisfeito. Desejoso de acolher da melhor maneira o recém-chegado, mal o viu descarregar os animais convidou-o a entrar na sala onde eram recebidos os visitantes, explicando-lhe que jamais lhe permitiria dormir ao relento. O chefe dos perigosos ladrões desculpou-se, com o pretexto de não querer, absolutamente, importunar. Na realidade, porém, o que pretendia era fazer aquilo que havia meditado com maior liberdade. Por fim, só concordou com os rogos de Ali Babá depois de muito tempo.

Ali Babá entreteve o hóspede até que Morjana lhe servisse a refeição, e só o deixou depois de vê-lo perfeitamente saciado.

‘Pedirei tudo que vos aprouver, porque tudo que aqui se acha está à vossa disposição.’

O chefe do bando de ladrões acompanhou Ali Babá até a porta, e, enquanto este rumava para a cozinha, a fim de falar com Morjana, esgueirou-se para o pátio.

Ali Babá, após recomendar a Morjana, mais uma vez, que cuidasse bem do forasteiro, acrescentou:

‘Amanhã irei à terma. Assim, quero ver tudo pronto logo cedinho. Não te esqueças de entregar a roupa ao escravo e prepara-me uma boa sopa para eu tomar quando voltar.’

E retirou-se para dormir.

O chefe dos ladrões tratou imediatamente de dizer aos companheiros o que deviam fazer. Começando pelo primeiro odre, disse a cada um deles:

‘Quando vos atirar umas pedrinhas do quarto que aqui nesta casa me ofereceram, deveis abrir o odre com a faca que trazeis convosco, e, imediatamente, aqui aparecerei.’

Deu-lhes, então, as costas. Morjana, ao vê-lo no limiar da porta da cozinha, pegou um lampião e o guiou ao quarto que lhe fora destinado. Lá o deixou; contudo, antes, perguntou-lhe se não precisava de mais nada. O ladrão respondeu-lhe que não, e, para não despertar suspeitas, meteu-se, mesmo vestido, no leito, com o intuito de levantar-se dali a pouco.

Morjana, excelente servidora que era, não se esqueceu das ordens recebidas de Ali Babá. Aprontou-lhe pois a roupa de banho e entregou-a ao escravo que ainda estava de pé. Depois, levou ao fogo a panela da sopa... De súbito, a luz se apagou. O que fazer? Não havia mais azeite na casa. Velas também não havia. Morjana ficou perplexa, pois ainda precisava de luz para o serviço. Atarantada, começou a conversar com o escravo.

‘Olha’, disse-lhe o escravo, ‘por que te atrapalhas por tão pouco? Por que não vais buscar um pouco de azeite num dos odres que se acham no pátio?’

Morjana agradeceu-lhe o bom conselho, e, sem perder mais tempo, pegando um jarro, dirigiu-se para o pátio. Ao se aproximar do primeiro odre, o ladrão lá oculto perguntou-lhe baixinho:

‘Está na hora?’

O bandido falara baixinho, bem baixinho, mas a pobre Morjana levou tamanho susto que, por algum tempo não soube o que dizer. Contudo, dona de grande presença de espírito, reconheceu imediatamente que o que estava naqueles odres não era azeite e sim homens. Sem dar um grito, para não alarmar ninguém, pois aquilo era um tremendo perigo para o seu bom amo Ali Babá, para a família e para ela mesma, imaginou logo uma solução. Criando coragem e tratando de imitar o vozeirão do chefe dos bandidos, respondeu:

‘Ainda não, companheiro, ainda não. Daqui a pouco...’

Ali Babá, refletiu, que pensara dar acolhida a um honrado mercador de azeite, dera abrigo a 38 facínoras da pior espécie. Morjana encheu o jarro de azeite tirado do último odre, voltou à cozinha, e lá, após encher a lâmpada e acendê-la, apoderou-se de uma grande panela e voltou ao pátio, para enchê-la de azeite até a beiradinha. Em seguida, tornou a entrar na cozinha, e colocou-a sobre o fogo, que tratou de alimentar. Não via a hora de que o azeite fervesse, pois já fizera o seu plano para salvar todos os moradores da

casa a que pertencia. Quando viu o azeite ferver, pegou a panela, foi ao pátio, e dentro de cada odre lançou uma quantidade suficiente para matar os bandidos lá ocultos.

Terminada aquela tarefa, voltou à cozinha com a panela vazia e fechou a porta, e, apagando o lampião, sentou-se, bem calada, decidida a observar o que iria suceder através de uma janelinha que se abria para o pátio.

Passados alguns instantes, o chefe do sinistro bando levantou-se, espreitou pela janela que abriu e, não notando nenhuma luz suspeita, deu o sinal, atirando pedrinhas que foram bater contra os odres. Não ouviu nada que revelasse terem os companheiros entendido o sinal combinado. Nervoso, atirou outras pedras. Nada! Ele se assustou. Desceu ao pátio, sem fazer o menor ruído, aproximou-se do primeiro odre, e no momento em que ia perguntar ao ladrão lá oculto, e que, segundo acreditava, devia estar vivo, se estava por acaso dormindo, sentiu um cheiro de coisa queimada. Percebeu imediatamente que havia ruído por terra o terrível plano de sua vingança! Nada de matar Ali Babá, o patife que descobrira seu tesouro acumulado durante tão longos anos! O segundo odre, o terceiro, todos os outros só lhe mostraram gente morta. Desesperado, o chefe embarafustou pela porta do jardim de Ali Babá, e saltando paredes, uma após outra, tratou de pôr-se a salvo. Morjana, não ouvindo nenhuma bulha, e não vendo o chefe voltar, após aguardar mais algum tempo chegou à conclusão de que havia fugido. Contentíssima por ter logrado tão bom êxito, deitou-se e adormeceu placidamente.

No dia seguinte, de manhãzinha, Ali Babá rumou para o banho, acompanhado do seu escravo, sem imaginar a tremenda tragédia que se havia desenrolado em sua própria casa enquanto dormia, tanto que Morjana não achava conveniente acordá-lo e mesmo porque o medonho perigo que todos corriam não admitia demoras de nenhuma espécie.

Regressando do banho, ao entrar em casa, já depois de estar alto o Sol admirou-se de ver os odres no mesmo lugar e de não ter ido o suposto mercador ao mercado. Perguntou o motivo a Morjana, que lhe abrira a porta e que resolvera deixar tudo aquilo como estava para poder explicar-lhe melhor o que havia feito para salvar-lhe a vida.

‘Meu amo’, disse a jovem, ‘Alá vos conserve e a esta casa. Ficareis melhor a par do que desejais saber quando tiverdes visto o que vou mostrar a vós. Rogo-vos acompanhar-me.’

Obedeceu-lhe Ali Babá. Morjana, após fechar cuidadosamente a porta, levou-o ao primeiro odre.

‘Olhai aqui dentro’, pediu-lhe, ‘e dizei-me o que se vos depara é azeite.’

Ali Babá olhou, e vendo um homem dentro do odre, retrocedeu boquiaberto.

‘Não tenhais medo’, tranquilizou-o Morjana. ‘Este homem não poderá fazer-vos mal, porque está morto.’

‘Morjana, o que quer dizer tudo isto? Explica-me já!’

‘Tudo vos explicarei, meu bom amo’, respondeu Morjana, ‘mas rogo-vos que não desperteis a curiosidade dos vizinhos para um fato que convém permanecer oculto. Em primeiro lugar, examinai bem todos os odres.’

Ali Babá, curioso, examinou detidamente os demais odres. No último, onde havia azeite, notou que este diminuía bastante. Imobilizou-se, olhando umas vezes para os odres, outras para Morjana, incapaz de proferir palavra, tamanho o espanto que o possuía.

‘E o mercador?’, perguntou finalmente. ‘O que lhe aconteceu?’

‘O mercador, meu bom amo’, respondeu-lhe Morjana, ‘não é absolutamente mercador, como eu nunca fui mercadora. Sabereis já quem é na realidade e que fim levou. Mas tudo ouvireis muito melhor no vosso quarto, já que, depois do banho, convém que saboreeis uma boa sopa.’

Ali Babá foi para o seu quarto, e Morjana foi para a cozinha, em busca da sopa. Antes de tomá-la, ordenou-lhe Ali Babá:

‘Começa a contar-me tudo, Morjana. Estou deveras impaciente. Quero saber todos os pormenores de tão estranho fato.’

‘Ontem de noite, meu amo’, começou Morjana, ‘aprantei o que vos era necessário para o banho e confiei tudo a Abdalá, vosso escravo. Em seguida, levei a panela ao fogo. De repente, faltou-me luz. Procurei um pedacinho de vela, mas nada achei. Abdalá, vendo-me aflita, sugeriu-me recorrer aos odres de azeite do mercador que tínheis dado abrigo. Peguei imediatamente uma jarra e corri ao pátio. Ao me aproximar do odre, ouvi uma voz, um sussurro,

perguntar-me: Já está na hora? Percebendo num instante o plano do suposto mercador, respondi sem hesitar: Ainda não, mas não há de tardar. Fui ao segundo odre, e de novo ouvi a mesma pergunta feita por outra voz. Respondi da mesma maneira. Em todos os outros odres se verificou idêntica pergunta, à qual dei sempre idêntica resposta. Azeite só havia no último, e dele tirei uma parte para acender a minha lâmpada. Vendo que no pátio o que havia na realidade eram 37 ladrões à espera de um sinal, evidentemente para vos prejudicar, e todos os moradores desta casa, não perdi tempo. Voltando à cozinha com a jarra, acendi a lâmpada, e, apoderando-me então da primeira panela que se me deparou, regressei ao pátio para enchê-la até a boca. Levei-a ao fogo, deixei o azeite ferver, e em cada um dos odres dos quais se ocultava os bandidos derramei o líquido ardente, impedindo-os, destarte, de executar o horrível plano de aniquilamento que tinham arquitetado.

Depois, de novo na cozinha, apaguei a lâmpada, e comecei, pela janela, a ver o que iria fazer o maldito mercador. Não se passara muito tempo quando percebi que ele jogava uma pedrinha, outra, mais outra, contra os odres. Não lhe respondendo nenhum movimento, desceu ao pátio e foi de odre a odre, até o último. Perdi-o de vista por causa das trevas. Notando que não voltava, supus que tivesse fugido, desesperado com o péssimo resultado da aventura. Certa de que já não correríamos nenhum perigo, deitei-me. Eis a história que me pedistes. Acrescento que há dias, e não me pareceu conveniente vo-lo contar, ao voltar da cidade de manhã cedinho, observei na porta da rua um sinal branco que me intrigou. No outro dia, era vermelho o tal sinal. A explicação é simples: os ladrões do bosque planejavam matar-vos. Não me esquecerei nunca de zelar pela vossa salvação, e cumpro apenas o dever que me é imposto pela minha condição.'

Ali Babá, muito agradecido, respondeu a Morjana:

'Terás, minha boa jovem, a recompensa que mereces. Devo-te inegavelmente a vida... Assim, desde já, concedo-te a liberdade. É o meu primeiro gesto. Não tenho mais dúvida de que o plano de matar-me era obra dos quarenta famosos ladrões da gruta. Mas Alá, magnânimo, serviu-se de ti para salvar-me. Agora, o que nos cabe fazer é enterrar imediatamente os

cadáveres, e com tal cautela que ninguém consiga suspeitar do destino que tiveram os desalmados. Pedirei auxílio a Abdalá.’

Era o jardim de Ali Babá estreito e muito comprido. No fundo erguiam-se grandes árvores. Embaixo delas, ajudado pelo prestimoso Abdalá, abriu Ali Babá enorme cova destinada a acolher os mortos. Os dois homens retiraram dos odres os corpos e apoderaram-se das armas que eles usavam. Em seguida, levando os mortos para o fundo do jardim, atiraram-nos à sepultura. Tornaram a cobrir a cova com terra e cuidaram de não deixar vestígios que pudessem despertar a curiosidade. Os odres de azeite e as armas foram ocultados. Quanto aos burros, que não tinham nenhuma serventia, mandou Ali Babá que fossem levados ao mercado e vendidos.

Entretanto, o chefe dos quarenta ladrões voltara ao bosque. Além do tremendo desgosto sofrido, enfurecia-o a indignação. A solidão em que passou a viver afigurou-se-lhe medonha.

‘Corajosos varões’, exclamava, ‘companheiros inesquecíveis das minhas aventuras, onde estais? Que me é dado fazer sem vós? Não vos estaria chorando assim, se pelo menos tivésseis encontrado a morte em luta. Onde poderei reunir outros companheiros que vos sejam iguais? Ah, aquele canalha, o homem que nos destruiu, terá de pagar! E pagará! Farei sozinho o que não logrei fazer com o auxílio de tantos amigos. E, quando esse tesouro estiver seguro, terá sucessores depois da minha morte!’

Uma vez tomada essa resolução, não demorou para que o solitário ladrão planejasse um meio de agir. Naquela noite, esperançoso e tranquilo, dormiu bem.

Ao despertar no dia seguinte, vestiu-se bem, de acordo com o plano estabelecido e caminhou para a cidade, onde se instalou num khan. Esperando que o sucedido na casa de Ali Babá tivesse dado o que falar, conversando com o porteiro, perguntou-lhe se não havia novidades naquele dia. O porteiro fez referências a coisas que ao ladrão pouco importavam. Julgou, assim, que Ali Babá tivesse guardado tão grande segredo por não ter o desejo de revelar a todos o seu conhecimento do esconderijo do tesouro e a maneira de entrar na misteriosa gruta, pois temia pela vida.

Comprando um cavalo, dele se valeu levar ao alojamento vários riquíssimos estofos, realizando inúmeras viagens à gruta, e sempre com a maior cautela. Em seguida, reunindo todo o material, partiu em busca de uma loja onde pudesse expô-lo. A loja que se achava na frente da que alugou pertencia a Cassim, e, havia pouco, começara a ser dirigida pelo filho de Ali Babá.

O chefe dos bandidos, que passara a chamar-se Codja Hussan, entrou em contato com seus vizinhos. O filho de Ali Babá e ele terminaram por travar excelente amizade. Três ou quatro dias mais tarde, o ladrão reconheceu no homem que visitou o dono daquela loja o próprio Ali Babá, e ao saber que o mercador era filho deste, pôs-se a visitá-lo com maior frequência, dando-lhe inúmeros presentes, e convidando-o bom número de vezes para jantar.

Um dia, resolveu o filho de Ali Babá retribuir-lhe pelo menos uma das suas gentilezas. Falando da sua intenção ao pai, Ali Babá, este se incumbiu com prazer da organização do banquete.

‘Meu filho’, disse, ‘amanhã é sexta-feira. Sendo um dia em que os mercadores ricos fecham suas lojas, convidai-o para um passeio e, em seguida, para um jantar. Vou ordenar a Morjana que prepare tudo.’

Na sexta-feira, o filho de Ali Babá e Codja Hussan encontraram-se no ponto em que tinham combinado e puseram-se a passear. Depois, o jovem, acompanhado do falso mercador, dirigiu-se à casa paterna, em cuja porta bateu:

‘Esta’, disse ele ao companheiro, ‘é a casa onde vive meu pai. Conte-lhe a amizade que nos une e quis incumbir-se de preparar-vos um festim. Espero que acrescenteis mais esse favor com que me honrais aos outros que já vos devo.’

Embora tivesse o chefe dos ladrões da gruta obtido o fim proposto, ou seja, entrar na casa de Ali Babá e matá-lo, sem expor-se a perder a própria vida, não deixou de desculpar-se e pretender despedir-se. Mas já abrira a porta o escravo de Ali Babá, e ele teve de entrar com o jovem amigo.

Ali Babá acolheu-o com júbilo, agradecendo-lhe o interesse que sempre revelara pelo filho.

‘O que ele vos deve, e não somente ele, senão também eu, é ainda mais importante por se tratar de um jovem inexperiente no mundo, e por vos dedicardes a formá-lo.’

Codja Hussan respondeu-lhe que, embora o jovem não tivesse ainda a experiência dos mais velhos, era senhor de um extraordinário bom senso, que, talvez, superasse a maior das experiências.

Após conversarem algum tempo sobre vários assuntos, Codja Hussan, sempre fingindo, quis retirar-se. Ali Babá, porém, o deteve.

‘Senhor’, disse-lhe, ‘aonde ides? Peço-vos que me deis a honra de cear comigo e com meu filho. O festim que vos ofereço é bastante inferior ao que mereceis, mas penso que o aceitareis de boa vontade.’

‘Senhor’, respondeu o chefe dos ladrões, ‘tendes um excelente coração. Se vos suplico que não vos ofendais com a minha saída, podeis ter a certeza de que não há em mim nenhum desdém nem descortesia. Tenho uma razão que não vacilaríeis em aprovar, se a conhecesseis.’

‘Que razão poderá ser esta?’, estranhou Ali Babá. ‘Não me dareis a conhecer?’

‘Sim, senhor’, respondeu Codja Hussan. ‘Deveis saber que não como carne, nem outros manjares onde haja sal. Dizei-me, como poderia sentar-me à vossa mesa?’

‘Se é essa a razão’, insistiu Ali Babá, ‘não me priveis da honra de cear convosco. Devo dizer-vos que no pão que se faz nesta casa não há sal. Quanto à carne, não haverá na que vos for servida, e para isso vou dar já as minhas ordens. Portanto, ficai conosco. Voltarei dentro de alguns instantes.’

Ali Babá, indo à cozinha, ordenou à fiel Morjana que não pusesse nenhum sal na carne que iria ser servida.

A fiel Morjana, já pronta para servir, não logrou disfarçar o seu aborrecimento.

‘Quem é esse homem que não come sal? A ceia não será boa, quando eu a servir mais tarde, em virtude de tão estapafúrdia ideia.’

‘Morjana, não te zangues’, recomendou-lhe Ali Babá. ‘O mercador é um homem honrado. Assim, pois, faça o que te peço.’

Muito a contragosto, viu-se Morjana obrigada a obedecer. Mas venceu-a a curiosidade de saber quem era o convidado que tamanha aversão tinha ao sal. Quando Abdalá, o escravo, começou a pôr a mesa, ela tratou de ajudá-lo a levar os pratos. Observando, então detidamente, o suposto mercador, estremeceu. Era, apesar do disfarce, o chefe dos ladrões da gruta!

‘Não me admiro de não querer ele comer sal com o meu amo. Trata-se do seu maior inimigo, e pretende, sem dúvida, matá-lo. Mas saberemos tomar as medidas necessárias!’

Chegado o momento, enquanto os três homens ceavam, preparou-se para executar uma das mais ousadas ações. Ao Abdalá avisá-la de que estava na hora de servir as frutas, Morjana levou-as pessoalmente. Em seguida, colocando perto do amo uma mesinha, sobre ela deixou vinho com três taças. Saindo, então, fez-se acompanhar por Abdalá.

Naquele momento, o falso mercador, certo de que se lhe deparava a melhor oportunidade para o nefando crime a que se propunha, refletiu:

‘Vou embriagar pai e filho. Este, que não quero matar, pois nada me fez, não poderá impedir-me de cravar um punhal no coração do pai. Depois, fugirei pelo jardim, como já fiz na outra vez...’

Morjana, em vez de comer, preocupada com a intenção do chefe dos bandidos, não lhe deu tempo para nada. Vestindo um traje de dançarina, meteu no cinto de prata dourada um afiado punhal, e cobriu o rosto com uma belíssima máscara. Disse, então, a Abdalá:

‘Pega o tamborim, e vamos tu e eu proporcionar ao amo e ao hóspede alguma distração.’

Ao entrarem os dois na sala, Morjana curvou-se profundamente, e pediu permissão para mostrar o que sabia fazer.

‘Vem, Morjana, vem’, disse-lhe Ali Babá. ‘Codja Hussan, o meu ilustre hóspede, saberá apreciar as tuas qualidades!’

E, voltando-se para o convidado, disse:

‘Não penseis, senhor, que esta diversão me custa muito dinheiro. Vede, trata-se do meu escravo e de minha cozinheira, Morjana. Tenho a certeza de que não vos desagradarão.’

Codja Hussan teve medo de não mais poder valer-se da oportunidade para executar seu plano sinistro. Consolou-se, contudo, com a esperança de outra, se tivesse o bom senso de continuar a cultivar a amizade com o pai e com o filho. Fingiu, portanto, extremo contentamento com a diversão.

Abdalá, notando que Ali Babá e Codja Hussan tinham deixado de falar, recomeçou a tocar o tamborim e a cantar, enquanto Morjana, dançarina das mais hábeis, executava passos que provocariam o entusiasmo de quem quer que fosse.

Depois de executar algumas danças, sempre com a mesma aparente alegria, puxou do punhal e iniciou outra, impressionante, onde fingia atacar um inimigo invisível e até, em dados momentos, ferir a si mesma.

Finalmente, cansada, arrancou o tamborim das mãos de Abdalá com a mão esquerda e, sempre segurando a arma com a direita, apresentou o instrumento a Ali Babá, como costumam fazer os dançarinos profissionais que pretendem receber uma gratificação.

Ali Babá deu-lhe uma moeda de ouro. O filho seguiu o exemplo do pai. Codja Hussan, vendo que era a sua vez, já havia tirado a bolsa e nela enfiara a mão, enquanto Morjana, com tremenda resolução, lhe cravou o punhal em pleno peito, deixando-o sem vida.

Ali Babá e seu filho deram um grito:

‘Ah, infeliz! O que fizeste? Pretendes matar-me e matar também meu filho?’

‘Não vos matarei, meu bom amo’, respondeu Morjana. ‘Pelo contrário, eu vos salvo.’

Abrindo, então, a veste de Codja Hussan, e mostrando a Ali Babá a arma que o morto guardava oculta no peito, disse:

‘Observai com que espécie de serpente estáveis lidando. Examinai-lhe bem o rosto e reconheceréis o suposto mercador de azeite, na realidade o temível chefe dos ladrões do bosque. Não vos lembrais de que ele não quis comer sal? Que outras provas exigis para vos convencer da sua má intenção? Desconfiei logo de início, e estais vendo que a minha suspeita não era vã.’

Ali Babá, reconhecendo imediatamente que mais uma vez devia a vida à fiel Morjana, abraçou-a, comovido:

‘Dei-te a liberdade, minha filha, e te prometi que saberia ainda mostrar-te melhor a minha gratidão. É tempo’, disse, ‘e a partir de agora que sejas minha nora.’

Voltou-se para o filho:

‘Meu filho, sois um excelente jovem e não acredito que protesteis por vos dar como esposa a nossa valente Morjana sem sequer vos consultar. Deveis-lhe o mesmo que eu. Codja Hussan só havia procurado a vossa amizade para lograr melhor matar-me traiçoeiramente. Se o conseguisse, é certo que vós também não teríeis escapado à sua tremenda vingança. Casando-vos com Morjana, casai-vos com o amparo da família!’

O jovem, em vez de demonstrar descontentamento, revelou sem perda de tempo que consentia no casamento, não somente por não querer desobedecer ao pai, como também porque, já havia muito, sentir-se naturalmente inclinado pela formosa criatura.

Procedeu-se, então, ao sepultamento do chefe dos bandidos no mesmo lugar onde estes haviam desaparecido para sempre.

Alguns dias mais tarde, realizou Ali Babá o casamento do filho e de Morjana. Houve grande pompa na cerimônia, onde se seguiram suntuosas festas, com danças e espetáculos. Todos os vizinhos louvaram bastante a ideia de Ali Babá de ligar pelo matrimônio aquelas duas criaturas, evidentemente nascidas uma para a outra.

Terminadas as festas, Ali Babá, que nunca mais voltara a visitar a gruta desde o dia em que no costado de um burro trouxera para a cidade o cadáver do irmão, temeroso das consequências, por longo tempo, apesar do enorme desejo, se absteve de lá ir, pois não podia supor que os outros dois ladrões que completavam o fatídico número de quarenta já estivessem, por sua vez, mortos.

Findo um ano, mais tranquilo, para lá rumou de novo, com a necessária cautela. Montado a cavalo, não tardou em chegar, e não se lhe deparou vestígio nenhum que pudesse impressioná-lo. Desmontando, amarrou o animal ao tronco de uma árvore, e, postando-se diante da misteriosa porta, repetiu as palavras:

‘Abre-te, Sésamo!’

A porta se abriu. Ali Babá entrou e o estado das coisas lá dentro mostrou-lhe imediatamente que naquele recinto ninguém pusera o pé desde o dia em que Codja Hussan, ou melhor, o chefe dos bandidos, abrira uma loja na cidade. Deviam ter desaparecido definitivamente os dois ladrões restantes, não havia dúvida. Ali Babá era o único possuidor do segredo, e aquele imenso tesouro somente a ele é que pertencia. Encheu os alforjes que levava, e, tornando a montar, regressou à cidade.

A partir de então, ele e o filho, a quem conduziu até a gruta e revelou o valioso segredo, valendo-se com moderação da enorme riqueza de que dispunham, viveram sempre com esplendor e honradez.”

Sherazade, terminando a história, notando que ainda não era dia e que Shahriar, seu ilustre esposo, continuava interessadíssimo, prosseguiu com outra história.

A HISTÓRIA DE ALI CODJA, MERCADOR DE BAGDÁ

“Vivia, nos gloriosos tempos do glorioso califa Harun al-Rashid, em Bagdá, um mercador conhecido pelo nome de Ali Codja. Não era dos mais ricos, sem dúvida, mas não pertencia tampouco à última classe.

Morava na casa paterna, e não tinha mulher nem filhos. Certa vez sonhou três dias consecutivos que lhe aparecia um venerando ancião, de semblante sombrio, e lhe censurava não haver ainda pensado sequer em realizar uma peregrinação até a cidade santa de Meca.

Aquilo acabou por perturbar Ali Codja. Bom muçulmano que sempre fora, sabia muito bem da obrigação daquele sacrifício. Mas, tendo de pensar na casa, nos móveis e na loja, sempre vira neles motivo mais do que imperioso para adiar sua jornada. Dava, para aliviar sua consciência, inúmeras esmolas, e realizava todas as boas obras que lhe fossem possíveis. Depois do sonho, contudo, começou a sentir-se tão aflito, que, receoso de uma desgraça, resolveu empreender a viagem sempre adiada.

A fim de realizar no mesmo ano sua intenção, começou por vender a mobília. Em seguida, livrou-se da loja e da maior parte das fazendas que a enchiam, reservando as que, muito provavelmente, seriam bem-vendidas em Meca. Quanto à casa, arranjou um inquilino com quem assinou um contrato. Tudo pronto, dispunha-se a partir, quando se lembrou de que lhe cabia pôr em segurança as mil moedas de ouro de que dispunha. Sem dúvida, muito o embaraçariam durante a peregrinação.

Pegando um vaso de bom tamanho, guardou nele as mil moedas de ouro e acabou de enchê-lo com azeitonas. Em seguida, tapado o vaso, levou-o à casa de um amigo mercador como ele e disse-lhe:

‘Meu amigo, sabes que daqui a alguns dias vou partir para Meca com uma caravana. Por favor, incumbi-vos de guardar este vaso de azeitonas até o meu regresso.’

‘Meu caro’, respondeu-lhe o mercador, ‘aqui está a chave do meu armazém. Levai pessoalmente o vaso e colocai-o no lugar que mais vos

aprouver. Quando regressardes da viagem, encontrá-lo-eis do mesmo jeito.’

No dia em que a caravana ia partir, Ali Codja, com o seu camelo carregado de valiosos tecidos, e que, ao mesmo tempo, lhe serviria de montaria, uniu-se a ela. A viagem até Meca não teve incidentes. Em Meca, Ali Codja visitou, com os outros peregrinos, o famoso templo muçulmano, observando com escrúpulo todas as cerimônias religiosas. Cumpridos os deveres impostos pela peregrinação, expôs os tecidos para vendê-los ou trocá-los.

Dois mercadores, vendo as fazendas de Ali Codja, acharam-nas tão maravilhosas que se detiveram para examiná-las, embora delas não necessitassem. Ao se retirarem, disse um ao outro:

‘Se esse mercador soubesse o que valem esses tecidos no Cairo, preferiria levá-los para lá e não os venderia aqui, onde ninguém lhes dá apreço.’

Guardou Ali Codja aquelas palavras, e, ouvindo falar repetidamente do Egito, resolveu aproveitar a ocasião e empreender a jornada ao remoto país. Arrumando os seus tecidos, em vez de regressar a Bagdá, como havia sido a sua intenção até aquele momento, rumou para o Egito, como parte de uma caravana cujo destino era o Cairo. Nesta cidade, não se arrependeu da sua resolução; pelo contrário, logrou tamanho êxito que, ao cabo de pouquíssimos dias, vendeu todos os seus tecidos com lucro muito maior que o que havia esperado. Adquiriu outros, decidido a dirigir-se para Damasco, aguardando apenas uma caravana que para lá partiria dentro de seis semanas. No Cairo não se limitou a ver tudo que lhe despertava curiosidade, pois subiu o Nilo, até certo ponto, e visitou as cidades mais famosas, tanto de uma margem como da outra.

Na estrada de Damasco, tendo a caravana de passar por Jerusalém, resolveu Ali Codja visitar o templo, considerado por todos os bons muçulmanos o mais santo depois do de Meca.

Viu Ali Codja que Damasco era um lugar tão maravilhoso pela abundância de águas, pelos prados e jardins encantados, que tudo que lera ou ouvira contar até então lhe pareceu bastante inferior à verdade. Assim, demorou-se bastante na esplêndida cidade, não a ponto, todavia, de se esquecer que era de Bagdá e que devia regressar. No caminho, permaneceu

alguns dias em Alepo, de onde, após transpor o Eufrates, enveredou pela estrada de Mussul, para, em seguida, descer o Tigre.

Chegado a Mussul, alguns mercadores da Pérsia com que viajara de Alepo e pelos quais sentia grande simpatia, persuadiram-no a ir com eles até Xiraz. De lá, garantiram-lhe, ser-lhe-ia fácil voltar para Bagdá, com importantes lucros. De Xiraz, Ali Codja os acompanhou até a Índia, e com eles regressou a Xiraz.

Havia quase sete anos que Ali Codja deixara Bagdá. Um dia resolveu voltar à cidade onde sempre vivera. O amigo mercador, a quem havia confiado o vaso, esquecera-se dele e também do vaso. Certa vez, estando à mesa com a família, faltaram azeitonas. Sua esposa mostrara desejo de comer algumas.

‘Falastes-me em azeitonas’, respondeu-lhe o marido, ‘e fizestes-me lembrar-me de Ali Codja, que, ao deixar Bagdá, me confiou um vaso. Guardou-o no meu armazém. Onde andará, depois de tanto tempo? Um dos membros da caravana me contou que o vira partir para o Egito. Deve ter morrido o pobre Ali Codja, e não vejo mal em comermos suas azeitonas. Quero um prato e luz, para ir buscá-las.’

‘Meu marido’, respondeu-lhe a mulher, ‘não pratiqueis ação tão baixa. Não sabeis que um depósito é coisa sagrada? Dissestes-me que Ali Codja, há sete anos, partiu para Meca, e que nunca mais voltou. Não vos contaram, porém, que o viram a caminho do Egito. E quem sabe se do Egito não foi ainda mais longe? Não tendes nenhuma certeza se ele morreu ou não. É capaz de voltar amanhã, depois de amanhã, quem sabe? Seria uma vergonha para vós e para vossa família se não lhe devolvêsseis o que lhe cabe de direito. Já não tenho o menor desejo de experimentar azeitonas, sobretudo porque, após tão longos anos, não devem prestar mais. Se Ali Codja regressar, como me assevera um pressentimento, e notar que as tocastes, que irá dizer da vossa amizade, da vossa honradez? Peço-vos, por favor, que não as toqueis.’

Se assim disse a mulher, foi por ler no rosto do marido uma terrível obstinação. E ele não lhe ouviu o bom conselho. Levantando-se, foi ao armazém.

‘Se insistis’, disse-lhe a mulher, ‘lembrai-vos ao menos de que não participo do que pretendeis fazer.’

Continuou surdo o mercador. Uma vez no armazém, pegou o vaso, destapou-o e verificou que as azeitonas estavam inteiramente inutilizadas. Quis ver se estavam em melhores condições as do fundo e, ao sacudir o vaso, que espanto o seu! Caíram ao chão, tinindo, várias moedas do mais brilhante ouro.

Diante daquilo, o homem, em quem a cobiça apareceu num instante, olhou melhor para dentro do vaso e viu que lá só havia moedas de ouro. Voltou a colocar as azeitonas murchas no vaso, tapou-o de novo e foi ter com a esposa.

‘Mulher, tínheis razão. As azeitonas são imprestáveis. Assim, tornei a tapar o vaso para que Ali Codja não perceba que mexi nele.’

‘Por que não acreditastes no que vos disse antes?’, respondeu-lhe a mulher. ‘Por que fostes mexer no vaso? Não permita Alá que disto nos sobrevenha uma desgraça!’

O mercador não deu importância a essas palavras da mulher, como não dera às de pouco antes. Instigado pela cobiça, não dormiu naquela noite, pensando num modo de se apoderar do que pertencia a Ali Codja. Ao nascer do novo dia, rumou imediatamente para o mercado, comprou azeitonas boas, voltou correndo para casa, atirou fora as de Ali Codja, pegou o ouro, foi guardá-lo e, após encher o vaso com os frutos que acabara de adquirir, tapou-o com a mesma tampa e deixou-o exatamente no mesmo lugar em que o próprio Ali Codja o deixara.

Passou-se quase um mês. De súbito, apareceu Ali Codja em Bagdá. Tendo alugado a casa, antes de partir da cidade, sete anos antes, viu-se obrigado a se instalar num khan, até que o inquilino fosse avisado e se retirasse para outra moradia.

Passou a noite no khan e mal amanheceu foi procurar o mercador a quem havia confiado o vaso de azeitonas. Este o acolheu fraternalmente, dizendo-se contentíssimo com o seu regresso após tão grande ausência.

Cessadas as saudações, Ali Codja rogou ao mercador que lhe entregasse o vaso de azeitonas.

‘Meu caro amigo Ali Codja’, disse-lhe o mercador, ‘eis aqui a chave do armazém. Ide buscar o que é vosso. Está no mesmo lugar em que o deixastes sete anos atrás.’

Ali Codja correu ao armazém, pegou o vaso e, depois de entregar a chave ao amigo e mais uma vez agradecer-lhe o favor que lhe fora prestado, voltou ao khan. Lá, destapando o vaso, e enfiando a mão até o fundo, notou imediatamente o desaparecimento das mil moedas de ouro. Terrivelmente assustado, teve a impressão de ter se enganado, e, decidido a dissipar a menor dúvida, colocou as azeitonas em pratos e tigelas... Nem sombra de moedas de ouro! Pasmado, imobilizou-se. De súbito, erguendo as mãos para o céu, exclamou:

‘É possível que o meu melhor amigo tenha sido tão desleal?’

Triste com sua perda, voltou à casa do mercador.

‘Meu amigo’, começou, ‘não vos admireis de me ver regressar. O vaso que retirei do vosso armazém é o meu, não há dúvida, mas não consegui descobrir as mil moedas de ouro que nele tinha guardado, por baixo de uma camada de azeitonas. Talvez vos tenham sido necessárias no vosso comércio. Se assim é, deixo-as convosco enquanto delas precisardes, mas peço-vos que me alivieis dando-me um recibo e prometendo-me que as devolvereis quando puderdes.’

O mercador, certo de que Ali Codja voltaria com aquelas palavras, já tinha cuidado do que iria responder-lhe. Assim:

‘Meu caro Ali Codja’, respondeu-lhe, ‘toquei por acaso no vosso vaso quando aqui o trouxeste? Não vos dei eu mesmo a chave do meu armazém? E não fostes vós mesmo que o levastes para lá? Não o achastes no mesmo lugar, por ocasião do vosso regresso? Se no vaso havia ouro, deveis tê-lo achado. A mim contastes apenas que continha azeitonas, e dei-vos todo o crédito. É só o que sei. Não toquei no vosso vaso, meu bom Ali Codja.’

Ali Codja insistiu, sempre com brandura, para que o desonesto mercador se traísse.

‘Muito me desagradaria chegar a extremos que só poderiam prejudicar-vos, e que eu muito lamentaria. Não quero que a vossa obstinação me leve a servir-me da justiça. Tenho preferido sempre perder a recorrer a ela.’

‘Ali Codja’, respondeu o mercador, ‘deveis reconhecer que deixastes no meu armazém, há muitos anos, um vaso cheio de azeitonas, como vós mesmo afirmastes. Viestes, agora, buscá-lo, e exigis de mim mil moedas de ouro, que, segundo afirmas, se encontravam no vaso. Pois nem sei se havia nele azeitonas, já que não as mostrastes. Retirai-vos, meu caro Ali Codja, e não procureis atrair a atenção do povo à minha loja.’

Alguns transeuntes, com efeito, já se tinham detido diante da loja. As últimas palavras do desonesto mercador, proferidas em tom alto, fizeram parar outros. Além disso, acudiram os mercadores vizinhos, curiosos por saberem que disputa era aquela entre ele e Ali Codja, e resolvê-la, se possível. Ali Codja contou-lhes tudo o que se passara, e eles, voltando-se para o mercador, perguntaram-lhe o que tinha a dizer em sua defesa.

Reconheceu o mercador que guardara o vaso de Ali Codja no seu próprio armazém, mas afirmou que sequer o tocara. E apelou para o testemunho dos presentes, dizendo que era insultado em sua própria casa.

‘Vós é que atraís sobre vós os insultos’, respondeu-lhe Ali Codja, pegando-o pelo braço. ‘Já que sois tão perverso, tendes de comparecer perante a justiça. Quero ver se tereis lá a desfaçatez de repetir a mesma coisa.’

Intimado daquela maneira, e na sua necessidade de obedecer, como realmente cabe a todo bom muçulmano, a menos que pretenda rebelar-se contra a religião, não ousou resistir o mercador.

‘Vamos ao Tribunal de Alá. Veremos quem dos dois tem razão’, limitou-se a dizer.

Ali Codja levou-o ao tribunal do cádi, e acusou-o de haver-lhe roubado mil moedas de ouro. O cádi perguntou-lhe se tinha testemunhas. Ali Codja respondeu-lhe que não havia tomado tal precaução, por supor, como sempre supusera, que era seu amigo o depositário.

Quanto ao mercador, para defender-se, repetiu o que já dissera a Ali Codja e aos vizinhos. E terminou por afirmar que era capaz de jurar não só que nunca mexera nas tais mil moedas de ouro como também que nunca as vira. O cádi exigiu-lhe o juramento e, uma vez prestado este, absolveu-o de qualquer acusação.

Aflito por ver-se injustamente condenado a tão grande perda, Ali Codja protestou, declarando ao cádi que iria recorrer diretamente ao grande califa Harun al-Rashid. Estava certo de que este saberia dar-lhe razão. O cádi não se admirou daquilo, considerando-o um protesto igual ao de todos os outros que perdem uma questão.

O mercador, triunfante, regressou para casa. Era dono das mil moedas de ouro, e com tão pouco! Quanto a Ali Codja, preparou um pedido, e, no dia seguinte, sabendo que percurso iria fazer o califa de regresso das suas orações na mesquita, postou-se numa das ruas, à sua espera. Ao vê-lo surgir, levantou o braço, empunhando o requerimento. Um dignitário, encarregado da função de acolher os pedidos, imediatamente o pegou.

Sabendo Ali Codja que Harun al-Rashid, mal tivesse entrado no palácio, teria os requerimentos daquela maneira apresentados, seguiu o cortejo, entrou na corte e esperou que o dignitário que pegara o pedido saísse. Dali a pouco, este, aparecendo, explicou-lhe que o grande califa havia lido o pedido e lhe reservava uma audiência para o dia seguinte. Perguntou-lhe também onde vivia o mercador, uma vez que também este seria intimado a comparecer.

Na noite do mesmo dia, o califa, acompanhado de Djafar, seu grão-vizir, e de Mesrur, chefe dos eunucos, todos disfarçados, como costumavam, foi dar o seu habitual passeio pela cidade.

No momento em que passava por uma rua, chegou-lhe aos ouvidos o ruído de vozes. Diminuindo o passo, atingiu uma porta que se abria para um pátio, e, olhando pela fresta, viu uns dez ou 12 meninos brincando ainda ao luar.

Interessado naquilo, sentou-se num banco de pedra ao lado da porta e pôs-se a ouvir. Um dos meninos, o mais esperto, dizia aos outros:

‘Vamos brincar de cádi. Eu sou o cádi, tu és o mercador ladrão, e tu Ali Codja.’

Àquelas palavras, lembrou-se Harun al-Rashid do pedido que lhe havia sido apresentado naquele mesmo dia, e cuidou de prestar toda a atenção, desejoso em saber qual seria o fim da brincadeira.

Tendo-se alastrado pela cidade a notícia da disputa entre Ali Codja e o mercador, os meninos aceitaram imediatamente o convite, radiantes, e o papel que cabia a cada um deles. O cádi sentou-se com gravidade. Um oficial lhe apresentou dois meninos, um dos quais fazia o papel de Ali Codja e outro o do mercador desonesto.

O falso cádi perguntou, com severidade, ao falso Ali Codja:

‘Ali Codja, o que pretendeis deste mercador?’

O falso Ali Codja, após uma profunda reverência, contou tudo ao cádi, e terminou rogando-lhe que intervisse com sua autoridade, a fim de lhe impedir tão considerável perda de dinheiro.

O falso cádi, depois de ouvir pacientemente o falso Ali Codja, voltou para o falso mercador a quem perguntou por que não devolia ao outro a quantia que lhe devia.

O falso mercador apresentou os mesmos motivos apresentados pelo verdadeiro perante o cádi de Bagdá e prontificou-se a jurar que o que afirmava era a pura verdade.

‘Não vamos assim tão depressa’, respondeu o cádi. ‘Antes do juramento, quero ver o tal vaso de azeitonas. Ali Codja, trouxestes convosco o vaso?’

Respondeu-lhe Ali Codja que não, e ele ordenou:

‘Ide buscá-lo.’

O falso Ali Codja desapareceu um instante para logo voltar e fingir que colocava um vaso na frente do cádi. Não omitindo nenhum ponto da formalidade, o pretenso cádi perguntou ao pretenso mercador se naquele vaso reconhecia o mesmo que lhe fora entregue, muitos anos antes, por Ali Codja. Recebida resposta afirmativa, mandou que o destampassem. Ali Codja fingiu tirar-lhe a tampa, e o pretenso cádi fingiu que olhava dentro do vaso.

‘Que lindas azeitonas!’, exclamou. ‘Quero prová-las.’

Pegou uma delas e fingiu prová-la, para logo acrescentar:

‘São esplêndidas. Mas tenho a impressão de que azeitonas guardadas durante sete anos não deveriam absolutamente ser tão esplêndidas assim. Chamai outros mercadores de azeitonas, pois quero ouvir seus pareceres.’

Surgiram outros meninos, pretensos mercadores de azeitonas. O cádi perguntou-lhes:

‘Sois mercadores de azeitonas?’

Responderam-lhe eles que sim, e o cádi continuou:

‘Na vossa opinião, as azeitonas, preparadas por homens que entendem do ofício, quanto tempo resistem em condições de serem aproveitadas?’

‘Senhor’, responderam-lhe os pretensos mercadores peritos, ‘seja qual for o cuidado que se empregue, ao fim do terceiro ano não prestam mais.’

‘Examinai o conteúdo deste vaso, e dizei-me há quanto tempo foram nele colocadas as azeitonas?’

Os pretensos mercadores fingiram examinar as azeitonas com todo o cuidado, experimentaram-nas e acabaram por declarar ao cádi que eram novas e boas.

‘Enganais-vos’, respondeu-lhes o cádi. ‘Ali Codja, aqui presente, garante que ali as colocou há sete anos.’

‘Senhor’, responderam os pretensos mercadores, ‘podemos garantir-vos que estas azeitonas são deste ano, e dentre todos os mercadores especializados de Bagdá, não haverá um que ouse contrariar o nosso depoimento.’

O pretenso mercador, acusado pelo falso Ali Codja, desejou protestar contra a afirmação dos peritos, mas o cádi não lhe deu tempo:

‘Cala-te’, ordenou, ‘que não passas de desavergonhado ladrão. Enforcai-o!’

Terminou a brincadeira, com enorme bulha dos meninos, que se atiraram contra o culpado, fingindo levá-lo para a forca.

Harun al-Rashid ficou boquiaberto com a sagacidade do menino que fizera o papel de cádi e emitira tão sensata sentença. Levantando-se, perguntou ao grão-vizir Djafar, que também se absorvera na cena, se ouvira a decisão cheia de sabedoria do menino, e o que pensava dela.

‘Comendador dos Crentes’, respondeu Djafar, ‘não pode haver na Terra ninguém mais estupefato do que eu, por descobrir tamanha inteligência em tão pouca idade.’

‘Sabes’, respondeu-lhe o califa, ‘que amanhã me cabe sentenciar sobre o mesmo assunto, uma vez que Ali Codja me apresentou o seu pedido?’

Parece-te que poderei emitir outro juízo que não este que acabamos de ouvir?’

‘Se a questão é a mesma’, respondeu o grão-vizir; ‘acho que tereis de proceder da mesma maneira.’

‘Fixa bem na memória esta casa’, ordenou-lhe Harun al-Rashid, ‘e amanhã leva o menino à minha presença. Quero que ele mesmo faça o julgamento. Manda que o cádi, que tão mal se houve absolvendo o ladrão, também esteja presente, a fim de aprender com um simples menino. Avisa Ali Codja de que deverá levar o famoso vaso de azeitonas, e dá os passos necessários para que dois peritos de azeitonas figurem na audiência.’

Disse Harun al-Rashid e continuou a passear.

No dia seguinte, apressou-se Djafar em ir à casa na qual se desenrolara a cena presenciada pelo califa. Na ausência do dono, falou com a ama. Perguntou-lhe se tinha filhos. Respondeu ela que tinha três, e mandou chamá-los.

‘Meninos’, perguntou-lhes Djafar, ‘qual de vós, ontem de noite, fez o papel de cádi?’

O maiorzinho apresentou-se, pálido de medo.

‘Meu filho’, acrescentou o grão-vizir, ‘o Comendador dos Crentes quer conhecer-te.’

A pobre mãe se assustou.

‘Senhor, que pretende de meu filho o Comendador dos Crentes?’

O grão-vizir tranquilizou-a e prometeu-lhe que o menino voltaria dentro de uma hora, e que ela, então, saberia por que ele havia sido chamado ao palácio.

‘Nesse caso’, senhor, respondeu a mãe, já mais calma, ‘haveis de permitir que o vista melhor, para que se apresente com mais dignidade ao Comendador dos Crentes.’

O grão-vizir, pouco depois, conduziu o menino à presença do califa.

Harun al-Rashid, notando que ele estava um pouco amedrontado, disse-lhe:

‘Vem, meu filho, aproxima-te. Ontem julgaste a causa de Ali Codja e do mercador ladrão. Vi-te e ouvi-te, e posso te garantir que fiquei contente com

o teu bom senso no julgamento.’

O menino respondeu, modestamente, que aquilo fora uma simples brincadeira.

‘Meu filho’, continuou o califa, ‘hoje verás o verdadeiro Ali Codja e o verdadeiro ladrão. Senta-te aqui ao meu lado.’

Estendeu-lhe a mão, e o menino, subindo, acomodou-se-lhe perto. Harun al-Rashid perguntou, então, onde estavam as partes. Aproximaram-se o acusador e o acusado, prosternando-se aos pés do soberano, para logo depois levantar-se.

‘Viestes defender cada um o seu ponto de vista’, disse-lhes o califa. ‘Pois bem, este menino vos ouvirá e fará justiça. Se se vir embaraçado, ajudá-lo-ei.’

Falaram Ali Codja e o mercador, um depois do outro. Chegado o momento em que o ladrão se prontificou a fazer o juramento, o mesmo que fizera na presença do cádi, o menino, intervindo, respondeu-lhe que não era tempo ainda, e que, antes, desejava ver o vaso de azeitonas.

Àquelas palavras, Ali Codja apresentou o vaso, descoberto. Harun al-Rashid olhou para as azeitonas, pegou uma e provou-a. Os peritos, convocados, examinaram cuidadosamente o conteúdo e terminaram por afirmar que aqueles frutos eram excelentes e tinham sido colhidos naquele mesmo ano. O menino disse-lhes que Ali Codja afirmava tê-las colocado naquele vaso sete anos antes. Os peritos mantiveram, não obstante, a sua opinião: aquelas azeitonas tinham sido colhidas naquele ano, não havia dúvida.

Apesar de perceber que estava perdido, não deixou o mercador ladrão de querer dizer alguma coisa para defender-se. O menino, não ousando mandar que fosse enforcado, voltou-se para o califa:

‘Comendador dos Crentes, isto não é uma brincadeira. Cabe a vós condenar, e não a mim, pois se assim fiz ontem de noite, foi apenas por brincadeira.’

O califa entregou o mercador desonesto aos ministros da justiça, para que estes mandassem enforcá-lo. Antes, todavia, teve ele de confessar onde havia

escondido as mil moedas furtadas, que foram imediatamente restituídas ao bom Ali Codja.

Harun al-Rashid, após uma séria advertência ao cádi presente no sentido de que nunca fosse afoito nos seus julgamentos, abraçou o menino e ordenou que lhe fosse entregue uma bolsa com cem moedas de ouro.”

A HISTÓRIA DO CAVALO ENCANTADO

Sherazade, continuando a contar ao sultão da Índia as suas histórias tão interessantes, passou a entretê-lo agora com esta, a do Cavalo Encantado.

— Senhor — disse-lhe —, como não ignorais, o Nevruz, ou seja, o primeiro dia do ano e da primavera constitui uma festa solene em toda a Pérsia, apesar de a nossa religião muçulmana se ter infiltrado no país. Ela ainda persiste, com todo o seu paganismo e todas as suas estranhas cerimônias. Não há, não digo nas grandes cidades, mas nas pequenas, e não há aldeia, não há lugarejo onde ela não seja celebrada com grande regozijo.

“As festas que se realizam na corte são tão espetaculares que os forasteiros, atraídos pelos prêmios dos reis para as invenções, acorrem aos grupos. Não há nada no mundo que possa comparar-se a tamanha magnificência.

Numa das festas, depois de haverem os mais engenhosos homens do país apresentado ao soberano e à corte toda espécie de espetáculos com os estrangeiros, em Xiraz, onde então se instalava a corte, e depois de terem recebido os seus presentes, cada um segundo os seus méritos, e já estando todos preparados para retirar-se, um estranho, prosternando-se perante o trono, apresentou um cavalo selado, maravilhosamente ajaezado, tão lindo que mais parecia verdadeiro.

O homem era um indiano. Depois de prosternar-se, levantou-se, e mostrando seu animal ao soberano, disse-lhe:

‘Senhor, sou o último que me apresento a vós para concorrer com os demais, mas posso garantir-vos que neste dia não se verá coisa mais estupenda que o cavalo sobre o qual vos rogo que lanceis vossos olhos.’

‘Nesse cavalo’, respondeu-lhe o soberano, ‘mais do que a arte do fabricante que tentou rivalizar com a natureza?’

‘Senhor’, respondeu-lhe o indiano, ‘não é pelo seu aspecto que pretendo que o considereis uma maravilha. É pelo uso que dele faço, e que qualquer homem pode fazer, uma vez que eu revele um segredo. Quando o monto, posso ir a qualquer lugar da Terra, por mais longe que seja, e o que é mais

notável, pelo ar. Em outras palavras, ó magnânimo rei, este meu cavalo é uma maravilha cujo igual jamais foi visto, e vou experimentá-lo, se assim ordenardes.’

O rei da Pérsia, admirador de tudo que era belo, respondeu ao indiano que, na realidade, só se convenceria dos extraordinários dotes do estranho cavalo mediante uma demonstração.

O indiano, sem responder, colocou um pé num estribo, instalou-se no cavalo e, colocando o pé no outro estribo, perguntou ao rei da Pérsia onde pretendia mandá-lo.

Havia a três léguas de Xiraz uma elevada montanha que se enxergava da grande praça onde se encontrava o rei da Pérsia e sua corte, além da massa de povo que acorrera aos festejos.

‘Estás vendo aquela montanha?’, perguntou-lhe o rei. ‘Pois é até lá que quero que vás. A distância não é exagerada, mas me bastará para aquilatar direito o tempo que empregares na viagem. Para eu ter certeza de que foste à montanha, trar-me-ás uma folha da palmeira que se ergue na encosta da montanha.’

Não terminara ainda de falar, e o indiano, após virar uma manivela que sobressaía um pouco no pescoço do cavalo, fez com que este se levantasse do chão. Partiu, então, com a velocidade de um raio, e voando tão alto que em alguns instantes apenas todos o perderam de vista. O rei e os cortesãos ficaram estupefatos.

Depois de um quarto de hora, estava de volta o indiano. Voltava com a folha da palmeira desejada pelo soberano. Sobrevoou a praça, dando diversas voltas, enquanto o povo, entusiasmado, aplaudia, e, depois, pousou diante do trono do rei, no mesmo ponto de onde se erguera. O indiano, desmontando, prostrou-se aos pés do rei e apresentou-lhe a folha.

O soberano, que testemunhara com verdadeiro pasmo o inaudito espetáculo que o estranho lhe oferecera, sentiu-se imediatamente possuído do desejo de ser dono do maravilhoso cavalo. Certo de que não haveria dificuldade em discutir as condições com o indiano, já se considerava senhor daquela maravilha, que passaria a fazer parte do seu tesouro.

‘A demonstração que acabaste de me fazer revelou-me todo o valor do cavalo mecânico que aqui trouxeste. Para provar-te a estima que tenho por ti, estou pronto a adquiri-lo, se pretenderes vendê-lo.’

‘Senhor’, respondeu o indiano, ‘tinha a plena convicção de que vós, o mais magnânimo e inteligente dos soberanos, saberíeis apreciar o meu invento. Havia eu previsto que vos não limitaríeis apenas a admirá-lo, como acabais de me dizer, mas que quereríeis comprá-lo. Embora eu bem saiba quanto me custou este cavalo, e que a sua posse me concede direito à imortalidade, poderei desfazer-me dele para vos satisfazer. Mas, com essa declaração, apresento-vos uma condição. Deveis saber que não comprei este cavalo, só o conseguindo do inventor após dar-lhe a mão como esposa de minha filha única, e ao mesmo tempo exigiu ele de mim que não o venderia, só me autorizando a cedê-lo mediante uma troca que me proporcionasse vantagens.’

Quis prosseguir o indiano, mas o rei da Pérsia o interrompeu:

‘Estou decidido a conceder-te o que me pedires pelo teu maravilhoso cavalo. Sabes que é enorme o meu reino, que tem inúmeras cidades, ricas, povoadas. Escolhe a que mais te agradar, e será tua para o resto da tua vida.’

Aquela oferta pareceu generosíssima a toda a corte da Pérsia. Mas não deixava de ser inferior àquela que o indiano tinha em mente para propor. Com efeito, ele desejava algo muito mais importante. E, respondendo ao soberano, disse-lhe:

‘Senhor, agradeço-vos do fundo do coração a oferta que me fazeis. Suplico-vos, porém, que não vos ofendeis com a minha ousadia ao vos declarar que só vos cederei o cavalo em troca da mão da princesa, vossa filha. É a minha condição.’

Riram-se os cortesãos diante de tão absurda proposta. Quanto ao príncipe Firuz Xá, filho do rei e herdeiro do trono, não soube dominar a indignação. O rei, entretanto, pensando de outra maneira, não viu obstáculo em sacrificar a princesa da Pérsia a fim de satisfazer o enorme desejo de possuir o maravilhoso objeto. Contudo, vacilou.

Firuz Xá, notando que o pai hesitava sobre a resposta que iria dar ao indiano, e temendo que cedesse, o que seria uma injúria à dignidade real, à

princesa e à sua própria pessoa, interveio:

‘Senhor’, disse-lhe, ‘perdoai-me. Não compreendo como podeis hesitar para recusar a proposta de um vilão, de um vulgar charlatão. Suplico-vos que considereis que é necessária a recusa não somente por vós, como também pelo vosso sangue, pela nobreza dos vossos antepassados.’

‘Filho’, respondeu-lhe o rei da Pérsia, ‘agradeço-vos a advertência e o zelo com que vos esforçais em conservar o esplendor do vosso nascimento. Contudo, não considerais a excelência deste animal, e não vos lembrais tampouco de que o indiano que me apresenta tal proposta pode, se eu recusar aceitá-la, apresentá-la em outro país... Eu ficaria desesperado se outro rei pudesse gabar-se de me haver eclipsado em generosidade e haver-me privado da posse de tão extraordinário cavalo. Não digo com isso que aceito a condição do indiano. Talvez não tenha esse homem refletido bastante no que disse e se contente com outras condições. Antes de qualquer resolução, meu filho, por que não experimentais vós mesmo o cavalo, para, em seguida, dar-me o vosso parecer, que me será valioso? Consentis?’

O indiano, cuidando que o rei não estava absolutamente inclinado a não lhe conceder o que ele almejava, aceitando o cavalo pelo preço estipulado, ou seja, a mão de sua filha, e que talvez o príncipe se manifestasse favorável, não se opôs ao desejo; pelo contrário, alegrou-se, e para demonstrar que concordava de boa vontade, ajudou o jovem a montar o cavalo e aprestou-se para lhe explicar seu funcionamento.

Firuz Xá, hábil cavaleiro, montou desembaraçadamente, dispensando auxílio e mal fincou os pés nos estribos, sem esperar qualquer aviso do indiano, virou a manivela e imediatamente o cavalo mágico o arrebatou com a velocidade de uma flecha disparada pelo melhor dos arqueiros. Em poucos instantes, seu pai, a corte e todo o povo o perderam de vista.

Nem o cavalo, nem o príncipe Firuz Xá foram mais vistos. O soberano esforçava-se inutilmente para enxergá-lo. O indiano, amedrontado com o que acabava de suceder, prostrou-se diante do trono, obrigando o rei a dedicar-lhe atenção e a ouvi-lo:

‘Senhor’, disse o indiano, ‘o príncipe não me deu tempo para lhe transmitir as explicações necessárias para o governo do cavalo mágico.

Imitando-me, no que me viu fazer antes, quis demonstrar que dispensava qualquer auxílio, e elevou-se nos ares. Não sabe de que maneira há de fazer o cavalo voltar. Senhor, peço-vos humildemente que não me responsabilizeis pelo sucedido. Não podeis culpar-me de tamanha desgraça!’

Afligiou-se enormemente o rei da Pérsia, que reconheceu logo o perigo que seu filho corria. Se era verdade que havia um segredo para fazer o cavalo regressar, outro que não o que o fazia partir, como poderia rever seu amado filho? Perguntou, então, ao indiano, por que não o chamara ao vê-lo partir tão afoitamente.

‘Senhor’, respondeu-lhe o inventor, ‘testemunhastes a rapidez com que tanto o cavalo como o príncipe, vosso filho, se ergueram nos ares. O meu medo, que ainda me impede de falar desimpedidamente, me cortou a palavra naquele momento. Quando recobrei presença de espírito, vosso filho já ia longe, e não poderia ouvir-me. Ainda que tivesse me ouvido, porém, não teria logrado voltar, pois desconhece o segredo para isso. Senhor, devemos esperar que o príncipe descubra a outra manivela e consiga descer.’

Apesar da desculpa do indiano, o que, aliás, se afigurava verossímil, o rei da Pérsia, terrivelmente impressionado, respondeu:

‘Supondo, o que é incerto, que meu filho descubra a outra manivela e a use como acabaste de me explicar, o cavalo poderá, em vez de descer suavemente, tombar violentamente sobre as pedras, ou precipitar-se no fundo do mar?’

‘Senhor, posso garantir-vos que isso não sucederá. O meu cavalo cruza os mares sem nunca neles cair, e leva sempre o dono à paragem determinada por este. Quando o príncipe, vosso filho, conseguir descobrir a manivela da qual vos falei, o cavalo lhe obedecerá, e ele descerá em lugar onde lhe será possível ter auxílio e dar-se a conhecer.’

Àquelas palavras, respondeu o rei da Pérsia:

‘Como não posso, infelizmente, acreditar no que me asseguras, afirmo-te que a tua cabeça responderá pela vida do príncipe. Se daqui a três meses ele não regressar são e salvo, ou se eu não souber com certeza que ele está vivo em alguma parte, morrerás!’

E ordenou aos guardas presentes que metessem o indiano numa prisão. Depois, retirou-se para o seu palácio, triste pelo fato do Nevruz ter terminado de maneira tão trágica.

Firuz Xá, arrebatado com a velocidade espantosa que já mencionei, viu-se, em menos de uma hora, tão alto, tão alto, que não conseguia distinguir a terra. Montanhas e vales, para ele, confundiam-se com planícies. Assustado, quis voltar. Para tanto, supôs que, girando em sentido contrário a manivela, e, ao mesmo tempo, puxando pelas rédeas, lograria êxito. Mas qual não foi o seu pasmo quando verificou que o estranho animal, em vez de descer, continuava a se elevar cada vez mais. Girou desesperadamente a manivela, tornou a girá-la, mas tudo em vão. Reconheceu, então, o medonho erro cometido não recebendo do indiano as instruções necessárias. Percebeu o perigo que corria, mas nem por isso perdeu a razão. Com muita calma, pôs-se a examinar a cabeça e o pescoço do cavalo, e acabou por descobrir outra manivela, menor, menos visível que a primeira, ao lado da orelha direita. Girou-a, e, ao mesmo instante, verificou que estava descendo, não, porém, com a mesma rapidez com que subira.

Já fazia cerca de meia hora que as trevas cobriam o lugar onde o príncipe se achava quando ele girou a manivela. Ao descer, não pôde, por conseguinte, escolher um bom ponto, e viu-se obrigado a soltar as rédeas... Onde iria cair? Num lugar habitado, num deserto, num rio, onde?

Finalmente, dali a poucos instantes pousou o animal em terra firme, quando já era meia-noite. Firuz Xá desmontou. Sentia-se bastante fraco, pois não comia coisa nenhuma desde que saíra do palácio com o pai, a fim de assistir aos festejos na praça. A primeira coisa que fez, no meio da maior escuridão imaginável, foi tratar de reconhecer o lugar em que havia chegado. Achou-se na sacada de um magnífico palácio, rodeada de uma balaustrada de mármore. Examinando-o detidamente, descobriu uma escada por onde se subia ao palácio, cuja porta estava apenas encostada.

Qualquer outro homem que não o príncipe Firuz Xá não teria ousado descer, por causa da escuridão que se adensava na escada. Além do mais, encontraria amigos ou inimigos?

‘Não venho aqui fazer mal a ninguém’, refletiu o jovem, ‘e os que me virem, após notarem que não trago armas comigo, terão a generosidade de me ouvir.’

Abriu mais a porta, sem fazer o menor ruído, e desceu cautelosamente, receoso de dar um passo em falso. Teve bom resultado, e no patamar da escada viu que estava aberta a porta de uma grande sala iluminada.

Firuz Xá deteve-se para escutar. Não ouviu ruído nenhum, a não ser o de criaturas que dormiam. Entrou um pouquinho na sala e, à luz de uma lanterna, notou que os adormecidos eram eunucos negros, tendo, cada um, um afiadíssimo alfanje ao lado. Devia ser o corpo de guarda de uma rainha ou de uma princesa. Não havia se enganado.

O quarto da princesa vinha logo depois daquela sala. A porta, aberta, o demonstrava, pois lá dentro era grande a claridade. Firuz Xá aproximou-se do cortinado, pé ante pé, sem despertar os eunucos, afastou-o e entrou no quarto. Viu, então, vários leitos, sendo um mais alto que os outros, onde se achavam deitadas as criadas da princesa.

Diante daquela diferença, soube logo o príncipe o que fazer para dirigir-se à princesa, e acercou-se-lhe do leito, sem acordar ninguém. A beleza que se lhe deparou era tão extraordinária, tão maravilhosa, que ele, arrebatado, ardeu de amor.

‘Por Alá!’, exclamou para si mesmo, ‘terei vindo aqui unicamente para perder a liberdade de que desfrutei até agora? O que será de mim quando esses olhos se abrirem? Não perderei, por acaso, a razão? No entanto, tendo de tomar uma atitude, já não posso recuar, sem matar a mim mesmo...’

Feitas aquelas reflexões sobre o seu estado de espírito e a extrema formosura da jovem princesa, Firuz Xá ajoelhou-se, e, pegando a ponta da manga da camisola da princesa, puxou-a levemente.

A jovem abriu os olhos. Vendo na sua frente um jovem bem-feito, bem-trajado e de ótimo aspecto, confundiu-se, mas não deu o menor sinal de espanto.

Firuz Xá valeu-se daquele instante, inclinou a cabeça quase até o chão e, depois, erguendo-a, disse:

‘Ilustre princesa, pela mais espantosa e extraordinária aventura imaginável, vedes aos vossos pés um príncipe que vos suplica, um príncipe que é filho do rei da Pérsia. Achava-me ontem de manhã em companhia de meu pai, no meio do regozijo de uma solene festa, e hoje estou num país desconhecido, em perigo de morrer, se não tiverdes a generosidade de me ajudar, de me proteger. Imploro-vos proteção, formosa princesa, e estou certo de que não me recusareis. Não é possível que a maldade se combine com tamanha beleza, com tais encantos, com tal majestuosidade.’

Aquela jovem era a princesa de Bengala, primeira filha do rei daquele país. O pai havia-lhe mandado construir aquele palácio, pouco distante da capital. Depois de ouvir Firuz Xá com extrema bondade, respondeu-lhe:

‘Príncipe, tranquilizai-vos. Não viestes a um país bárbaro. No reino de Bengala não são inferiores às do reino da Pérsia a hospitalidade, a humanidade e a cortesia. Quem vos concede a proteção de que tanto necessitais não sou eu apenas. Achá-la-eis no meu palácio e em todo o reino. Acreditai no que vos digo e confiai na minha palavra.’

O príncipe, desejoso de agradecer àquela excelsa criatura o generoso acolhimento, já havia inclinado a cabeça, quando ela o impediu de falar:

‘Quero saber de vós mesmo por que artes maravilhosas empregastes tão pouco tempo em vir da capital do vosso país até aqui, como conseguistes entrar no meu palácio e apresentar-vos a mim tão ocultamente. Mas noto que, antes, precisais restabelecer suas forças, e como vos tenho na conta de hóspede estimado, adio minha curiosidade até amanhã. Entretanto, vou ordenar às criadas que vos instalem num dos meus aposentos, que vos tratem com toda cortesia a que estais habituado e vos deixem repousar. Contar-me-eis, então, tudo que vos sucedeu.’

As criadas, que tinham despertado logo às primeiras palavras de Firuz Xá, e que tinham ficado boquiabertas de o verem naquele aposento, sem ter acordado nem os eunucos nem a elas, vestiram-se imediatamente e puseram-se a cumprir as ordens. Pegando cada uma delas uma tocha, iluminaram o quarto da princesa. Depois, quando o príncipe saiu, retiraram-se respeitosamente, precederam-no e conduziram-no a um belíssimo aposento,

onde umas lhe aprontaram o leito, enquanto outras rumavam para a cozinha e lhe preparavam inúmeras iguarias.

O príncipe escolheu o que mais lhe agradou e comeu com apetite. As criadas retiraram, então, a mesa e o deixaram sozinho para que se deitasse, depois de lhe mostrarem onde acharia as coisas que lhe fossem necessárias.

A princesa de Bengala, encantada com as qualidades, a inteligência e a educação do príncipe da Pérsia, não pudera conciliar de novo o sono, quando as criadas voltaram ao quarto para deitar-se. Perguntou-lhes se o tinham auxiliado bem e se não lhe tinha faltado nada. Perguntou-lhes também o que achavam do príncipe tão inopinadamente chegado.

Elas responderam-lhe:

‘Não sabemos o que vós pensais, princesa, mas nos teríamos na conta de assaz felizes se o rei vosso pai houvesse por bem dar-vos por marido tão encantador jovem. Não há na corte de Bengala outro que se lhe iguale.’

Aquelas palavras tão lisonjeiras agradaram bastante à jovem princesa de Bengala. Não querendo, entretanto, manifestar o sentimento que já começava a experimentar, impôs-lhes silêncio:

‘Falais em demasia. Tornai a deitar-vos e deixai-me dormir!’

Logo ao amanhecer, a princesa, mal despertando, levantou-se e rumou para o toucador. Antes nunca empregara tamanho esmero em se enfeitar, nem se olhara tanto ao espelho. Quanto às criadas, nunca tinham tido necessidade de tamanha paciência para fazer e desfazer a mesma coisa.

‘Não desagradei ao jovem príncipe da Pérsia no estado em que me achava’, refletia ela. ‘Quando me vir preparada, porém, perceberá outra coisa.’

Ornou os cabelos com diamantes, dos maiores e mais belos, pôs um colar, braceletes e um cinto de pedras preciosas de incalculável valor. O vestido era de um tecido riquíssimo da Índia, só feito para uso dos reis, príncipes e princesas, e de uma cor que lhe realçava sobremaneira os encantos. Consultou repetidas vezes o espelho, e perguntou às criadas se não lhe faltava alguma coisa. Mandou em seguida saber se o príncipe já estava acordado e ordenou que o avisassem de que ela o visitaria em seu quarto e que, para tanto, tinha as suas razões.

Firuz Xá, já refeito inteiramente das privações sofridas na inesperada viagem, acabava de vestir-se quando uma criada foi lhe levar o bom dia da ama.

Sem dar à criada tempo para desincumbir-se da missão, perguntou-lhe se a princesa concordaria em receber-lhe a visita. Tendo, porém, a criada transmitido a ordem recebida, disse o príncipe:

‘A princesa pode fazer o que mais lhe aprouver. Aqui estou para lhe obedecer em tudo.’

Mal soube a princesa de Bengala que o príncipe da Pérsia a aguardava, foi ter com ele. O príncipe tornou a pedir-lhe desculpas por tê-la despertado àquela hora da noite, e a princesa lhe perguntou como passara a noite e como se achava. Sentaram-se num sofá — o príncipe um pouco afastado dela, por deferência.

‘Príncipe’, disse ela, ‘poderia ter-vos acolhido no aposento em que me vistes deitada ontem de noite. Mas, como o chefe dos eunucos pode lá entrar a qualquer instante, enquanto neste só entra mediante licença minha, e como estou bastante curiosa em saber que coisas maravilhosas vos sucederam pelas quais aqui vos encontrais, preferi vir aqui. Não seremos aqui interrompidos, podeis ter certeza. Portanto, satisfazei-me já a curiosidade que me domina.’

Para ser agradável à princesa de Bengala, Firuz Xá começou a descrever a solene festa do Nevruz no reino da Pérsia. Falou, em seguida, do cavalo encantado, cuja descrição, com a narrativa completa das maravilhas que o indiano exibira perante tão grande multidão, convenceu a princesa de que não poderia haver no mundo coisa que se lhe igualasse.

‘Princesa’, prosseguiu o príncipe da Pérsia, ‘haveis de imaginar facilmente que o meu pai, que não faz despesas de espécie alguma quando se trata de aumentar os seus enormes tesouros com tudo que há de mais interessante e raro neste mundo, desejaria ansiosamente um cavalo dessa natureza. Foi, com efeito, o que desejou, perguntando ao indiano quanto queria pelo animal. A resposta do estranho indiano foi das mais inverossímeis. Contou-nos que não havia comprado aquele cavalo encantado, mas que o adquirira mediante uma troca: ceder a filha única. E dele só se livraria mediante idêntica condição, ou seja, desposando a princesa, minha irmã. Todos os cortesãos que

rodeavam o trono do rei, meu pai, diante de tão estapafúrdia proposta, riram-se. Quanto a mim, foi tão grande a minha indignação que não consegui dissimulá-la, ainda mais por ver meu pai na dúvida, sem saber o que fazer. Tive a impressão de que meu pai ia ceder, e resolvi intervir, pintando-lhe com cores enérgicas a afronta que cometeria contra a sua própria glória. O meu aviso não logrou, contudo, fazê-lo abandonar de vez o plano de sacrificar minha pobre irmã a um ser desprezível como aquele indiano. O homem, certo de que eu o favoreceria, mal verificasse pessoalmente o extraordinário valor daquele cavalo mágico, quis que eu o examinasse, que o montasse. Montei o animal, e, tendo visto antes o indiano girar uma manivela e ser arrebatado, com o cavalo, aos ares, tratei de fazer o mesmo. Logo subi com velocidade muito maior que a de qualquer flecha disparada pelo melhor dos arqueiros. Em pouco tempo vi-me no alto, tão distante da terra, que já não me era dado enxergar coisa alguma. Tive medo até de atingir a cúpula do céu e nela despedaçar-me. Era tal a vertiginosa carreira que, por bastante tempo, não dei atenção ao perigo corrido. Girei a manivela no sentido contrário, mas não obtive o resultado esperado, ou seja, voltar para a corte do meu pai. O cavalo encantado continuou a me levar para o céu. Cada vez mais me afastava da terra. Finalmente, depois de muito examinar, descobri outra manivela, que imediatamente girei... Que alegria a minha! O cavalo, em vez de prosseguir, começou a descer. Vendo-me, então, no meio das trevas da noite, e não logrando dirigi-lo para lugar que me parecesse adequado ao pouso, deixei que me transportasse à vontade, confiando apenas em Deus. O cavalo pousou, desmontei, examinei o lugar e vi-me na sacada superior deste palácio. Notei que a porta se achava entreaberta, e desci sem fazer ruído. Percebi outra porta, esta inteiramente aberta, que dava para um aposento iluminado onde se estendiam sobre o chão eunucos adormecidos. No fundo, havia outro aposento, velado por uma cortina, atrás da qual brilhava boa claridade. Apesar do grande perigo, premido pelas circunstâncias, passei pelos eunucos, e entrei no vosso quarto, princesa. Não preciso dizer-vos mais, pois que o resto sabeis. Quero agradecer-vos outra vez a extrema bondade para comigo, e rogar-vos que me mostreis uma forma de vos ser útil. Já sou vosso

escravo; portanto, não vos posso oferecer a minha pessoa. Só me resta o coração... Mas o que estou dizendo? O coração já não me pertence. Com os vossos maravilhosos encantos, dele vos apoderastes, e eu o deixo convosco.'

A princesa não teve dúvidas do efeito produzido pelos seus encantos. Não se indignou com a declaração do príncipe da Pérsia, talvez um pouquinho afoita. O sangue que lhe afluiu às faces só serviu para torná-la mais linda aos olhos enamorados do príncipe da Pérsia.

'Príncipe', disse ela, 'depois de algum tempo, proporcionastes-me o melhor dos prazeres com o relato das vossas aventuras. Apesar de vos ver são e salvo na minha presença, não pude deixar de estremecer diante da imagem dos medonhos perigos que correstes subindo a tão grande altura e dos que correstes desde o momento em que pousastes na sacada do meu palácio. Alegro-me, contudo, por ter a sorte feito com que tivésseis a necessidade de pousar, e justamente aqui. Em nenhuma outra parte sérieis tão bem-recebido, com mais agrado. Príncipe, sentir-me-ia deveras ofendida se vós acreditásseis realmente ser meu escravo. A acolhida que vos dei ontem deve provar-vos que estais tão livre, neste palácio, como na corte da Pérsia.'

A princesa fez uma pausa.

'No que diz respeito ao vosso coração, príncipe', continuou num tom em que não havia a menor recusa, 'estando certa de que não esperastes até agora para oferecê-lo, e que a vossa escolha só pode ter sido digna, não quero de maneira alguma contribuir para que sejais infiel.'

Firuz Xá quis protestar, e ia responder, quando uma das criadas correu para avisá-la de que o almoço estava servido.

Aquela interrupção livrou oportunamente o príncipe e a princesa de uma situação embaraçosa. A princesa de Bengala estava convencida da plena sinceridade do príncipe da Pérsia. Quanto a este, embora não se tivesse explicado à jovem, julgou pelo modo simpático com que fora ouvido que motivos lhe sobravam para estar contente com a sua ventura.

A princesa de Bengala conduziu o jovem príncipe da Pérsia a um maravilhoso salão, onde se achava uma mesa posta com abundância das mais deliciosas iguarias. Sentaram-se ambos, e as escravas da pequenina corte da

princesa, formosas e luxuosamente trajadas, iniciaram um agradável concerto de músicas e de vozes.

Sendo o concerto dos mais suaves, que não impedia os dois jovens de conversar, passaram eles grande parte do banquete, a princesa a servi-lo, e o príncipe, por sua vez, a servi-la do que se lhe afigurava melhor. Naquela troca de gentilezas e de atenções, fez o amor mais progressos do que teria em qualquer outra oportunidade.

Os dois levantaram-se, finalmente, e ela conduziu o príncipe da Pérsia a uma saleta luxuosa, repleta de ouro e azul que mais ainda a embelezavam, e ricamente mobiliada. Sentando-se num sofá posto ao longo de uma janela, apreciaram por um longo tempo o insuperável cenário do jardim do palácio.

Firuz Xá não se cansava de olhar para as flores, os arbustos e as árvores, diferentes dos da Pérsia, mas nem por isso menos lindos.

‘Princesa’, disse ele, então, ‘sempre pensei que apenas na Pérsia é que havia palácios maravilhosos e jardins esplêndidos, dignos de qualquer soberano. Agora reconheço que em toda parte há ilustres soberanos capazes de mandar construir moradias que se condigam com o seu esplendor e poder. As diferenças na construção e na disposição das dependências são compensadas pela semelhança na grandeza e na magnificência.’

‘Príncipe’, respondeu-lhe a princesa de Bengala, ‘não tenho ideia nenhuma dos palácios da Pérsia. Assim, não sei o que vos responder. No entanto, ousa dizer que me pareceis um pouco injusto, e acredito que nas vossas palavras, no tocante a este meu palácio, haja muito de generosidade. Não pretendo desprezar a minha moradia. Tendes excelentes olhos e sois dotado de bom gosto. Asseguro-vos, entretanto, que me parece apenas medíocre quando o comparo ao do meu pai, muito superior em grandeza e em luxo. Quando o tiverdes visto, dir-me-eis se exagerei. Já que o destino vos trouxe até a capital deste reino, estou certa de que desejais visitá-la e conhecer meu pai, para que ele tenha a oportunidade de prestar as honras devidas a um príncipe da vossa linhagem.’

Supunha a princesa, proferindo tais palavras, que seu pai, vendo tão formoso príncipe, tão dotado, se decidiria a propor-lhe uma aliança, oferecendo-a por esposa. Convencida de que havia impressionado o

príncipe, como ele a impressionara, e não se recusaria a uma aliança, esperava conseguir a realização do seu desejo conservando o pudor adequado a uma princesa submissa à vontade do pai. O príncipe da Pérsia, todavia, não respondeu como ela tinha pensado.

‘Princesa, a preferência que dais ao palácio do rei, vosso pai, me convence de que se trata de preferência sincera. Quanto ao que me propondes, ou seja, ir apresentar os meus respeitos a vosso pai, fá-lo-ia com muito prazer, tanto mais que para mim é um dever. Mas achais que devo apresentar-me a vosso pai, tão poderoso soberano, como se fora um aventureiro, sem cortejo conveniente à minha dignidade?’

‘Príncipe’, respondeu-lhe a jovem, ‘não vos preocupeis com isso. Basta querer, e não vos faltará dinheiro para dispordes do séquito que vos aprouver. Dar-vos-ei tudo quanto vos é necessário. Temos mercadores do vosso país e com eles podereis escolher o que necessário for para uma casa que vos honre.’

Percebendo a intenção da princesa de Bengala, aquela patente demonstração de amor, sentiu o príncipe que o seu amor por ela crescia; contudo, por mais forte que fosse o seu afeto, não se esqueceu do dever. Respondeu, pois, sem hesitação:

‘Aceitaria de muito boa vontade o vosso oferecimento, pelo que não sei como vos agradecer, se o desespero de meu pai, em virtude da minha ausência, não me fizesse voltar à realidade. Considerar-me-ia indigno da sua ternura, sempre demonstrada, se não voltasse quanto antes, para tranquilizá-lo. Eu aqui desfruto da conversação de uma sublime princesa, e ele, infeliz, se mortifica e perde a esperança de me tornar a ver. Crede-me, princesa, não me é possível, sem crime, fugir ao dever de restituir-lhe a vida. Se me tivésseis por digno de aspirar à suprema ventura de vos ser marido, não teria nenhuma dificuldade em obter de meu pai a necessária permissão, e eu voltaria, não como aventureiro, mas como príncipe, para rogar ao rei, vosso pai, a honra de desposar-vos. Estou certo de que meu pai concordará mal eu o informe da magnanimidade com que me acolhestes na minha desgraça.’

A princesa de Bengala, diante da insistência do jovem príncipe pelo qual já estava apaixonada, não perseverou no propósito de apresentá-lo

imediatamente a seu pai. Não podia absolutamente exigir dele que fizesse alguma coisa contra a honra. Receou, contudo, que ele se despedisse e, depois, longe de manter a promessa, dela se esquecesse. Assim, resolveu dizer-lhe:

‘Príncipe, ao vos propor o meu auxílio para irdes conhecer meu pai não pretendi opor-me a tão legítimo motivo como o que me apresentais, e que eu não tinha previsto. Seria eu mesma cúmplice do vosso erro se pensasse dessa maneira. O que, porém, não posso permitir, é que partais imediatamente. Concedei-me ao menos o favor de ficar mais alguns dias, para melhor repousardes. Já que o meu destino quis que vós viésseis ter ao reino de Bengala, peço-vos que vos demoreis mais para dele levardes notícias mais minuciosas à corte da Pérsia.’

Tinham essas palavras o objetivo de fazer com que Firuz Xá, com o tempo, se apaixonasse cada vez mais pelos encantos da formosíssima jovem. Esperando que, assim, o desejo que ele manifestava de regressar à Pérsia se fosse atenuando, esperava que se decidisse apresentar-se ao rei de Bengala, seu pai. O príncipe da Pérsia não ousou desobedecer-lhe, em virtude da boa acolhida que tivera. Condescendeu, e a jovem princesa se esmerou para tornar-lhe mais do que agradável a estada, oferecendo-lhe todas as diversões imagináveis.

Depois de alguns dias de festas, bailes, concertos, festins, passeios e mais passeios pelos jardins maravilhosos do palácio, caçadas de veados, corças e outros animais, o príncipe e a princesa reuniram-se, um dia, num lindo ponto do bosque, onde lhes foram estendidos um esplêndido tapete e almofadas. Sentando-se, e refazendo-se das emoções por que tinham passado, entretiveram-se sobre diversos assuntos. A princesa de Bengala soube fazer recair a palestra sobre a grandeza, o poder, a riqueza, o governo da Pérsia, para que das palavras de Firuz Xá pudesse tirar a oportunidade de lhe falar do reino de Bengala, das vantagens que proporcionava, e assim obrigá-lo a demorar-se mais. Verificou-se, porém, o contrário do que imaginara.

O príncipe da Pérsia, sem exagerar, descreveu-lhe tão vantajosamente o reino da Pérsia, as suas forças militares, o seu comércio por terra e por mar, a multidão que se apinhava nas grandes cidades onde dispunha de palácios

luxuosamente mobiliados, prontos a recebê-lo segundo as diversas estações do ano, tanto que dispunha praticamente de uma constante primavera, que a princesa julgou o reino de Bengala bastante inferior ao da Pérsia. Quando Firuz Xá terminou, e, por sua vez, lhe pediu que descrevesse o reino de Bengala, ela só se decidiu depois de muita insistência por parte do príncipe. Falou, pois, do reino de Bengala e das suas riquezas, mas de tal modo que não parecesse superior ao da Pérsia, e manifestou-lhe tão bem a sua vontade de acompanhá-lo que ele não vacilou em acreditar que ela realmente o acompanharia se lhe fosse feita a proposta. Houve por bem, no entanto, o príncipe aguardar mais um pouco, para estar com ela mais algum tempo.

Passaram-se dois meses inteiros. O príncipe escravizara-se de vez à formosa princesa de Bengala, participando de todas as diversões que ela lhe oferecia. Dois meses depois, declarou-lhe que era tempo de cumprir seu dever e, finalmente, solicitou-lhe permissão para partir, repetindo-lhe que voltaria, sem perda de tempo, e com um séquito que lhe permitisse aparecer, sem desdouro, no palácio do rei de Bengala.

‘Princesa’, acrescentou-lhe, ‘talvez desconfies do que vos digo e talvez já me estejais incluindo no número dos falsos apaixonados que se esquecem do objeto da paixão mal se ausentam. Assim, para vos demonstrar que não finjo, e que estou certo de que a vida só me pode interessar ao lado de uma princesa da vossa estirpe, atrevo-me a pedir-vos que me acompanheis; temo, contudo, que a minha pretensão constitua para vós uma ofensa.’

Vendo o jovem que a princesa, diante daquelas últimas palavras, mudava de cor, e hesitava sobre a resposta, porém, de maneira nenhuma zangada, continuou:

‘Princesa, podeis contar com a melhor acolhida por parte de meu bondoso pai. Quanto ao rei de Bengala, em vista das provas de ternura que sempre deu e que sempre vos dá, seria preciso que fosse bastante diferente do que me afirmaste, ou seja, inimigo do vosso repouso e da vossa ventura, para não receber com simpatia os enviados que meu pai se apressaria em mandar-lhe com a solicitação da sua licença ao nosso casamento.’

A jovem nada respondeu. Mas o seu silêncio, e o olhar fito no chão, revelaram a Firuz Xá, muito melhor do que qualquer declaração, que ela não

se opunha a acompanhá-lo à Pérsia. A única dificuldade era a pouca prática de manejar o cavalo mágico que a preocupava. Mas o príncipe tão bem soube eliminar-lhe tal receio, garantindo-lhe que seria até capaz de desafiar o indiano a dirigir o cavalo melhor do que ele, que ela, pondo de lado qualquer temor, cuidou apenas dos preparativos. Desejava partir tão em segredo que ninguém no palácio pudesse suspeitar de coisa nenhuma.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, pouco antes do nascer do Sol, estando ainda o palácio todo imerso em profundo silêncio, rumou ela, com o príncipe, para a sacada. Lá, o príncipe voltou o cavalo encantado em direção à Pérsia. Depois, montou, e, ajudando a jovem a se acomodar na garupa, girou a manivela como fizera na capital da Pérsia. O cavalo ergueu-se, levando-os para o alto.

A viagem foi feita em pouquíssimo tempo. Cerca de duas horas e meia depois, os dois avistaram a capital da Pérsia. Firuz Xá resolveu não descer na praça, de onde havia partido, tampouco no palácio do sultão, mas num palácio de diversão, que distava um pouco da cidade. Lá, conduzindo a jovem princesa ao mais rico dos aposentos, disse-lhe que, para as devidas homenagens, iria conversar com o pai. O porteiro do palácio recebeu ordem de não deixar faltar coisa nenhuma à princesa.

Despedindo-se de sua amada, Firuz Xá mandou que o porteiro lhe selasse o cavalo. Quando o animal ficou pronto, montou-o e partiu. Durante o percurso até a cidade, e nas ruas desta eram grandes as ovações dos que o reconheciam, e já o tinham por morto. O povo se rejubilou. O sultão estava dando uma audiência quando Firuz

Xá se apresentou a ele, em pleno conselho. O pai, ao vê-lo, chorou de alegria e abraçou-o fortemente, ao mesmo tempo que lhe perguntava que fim levava o cavalo do indiano.

O príncipe descreveu ao pai os perigos pelos quais havia passado com o cavalo que o arrebatara aos ares, a maneira pela qual conseguira salvar-se, e como fora ter ao palácio da princesa de Bengala, que lhe proporcionara acolhida tal que ele se sentira obrigado a permanecer com ela mais do que lhe permitia o desejo de voltar e tranquilizar a corte sobre o seu destino.

Finalmente, tivera o prazer de convencê-la a regressar com ele à Pérsia, depois de lhe ter prometido casamento.

‘Senhor’, acrescentou, terminando, ‘prometi-lhe que, certamente, não me recusaríeis o vosso consentimento, e trouxe-a comigo no cavalo do indiano. Está à espera, num dos palácios de Vossa Majestade.’

Prostrou-se diante do pai, desejoso de obter o consentimento tão almejado. O sultão, abraçando-o, disse-lhe:

‘Filho, além de consentir no vosso casamento com a princesa de Bengala, quero ir pessoalmente ao seu encontro, agradecer-lhe tudo que lhe devo por vos ter tratado com tamanha generosidade. Iremos, depois, trazê-la a este palácio, e aqui, hoje mesmo, se celebrarão as núpcias.’

Deu ordens para a triunfal entrada da princesa de Bengala, mandou que terminasse o luto, que se iniciassem as festividades com o concurso de timbales, clarins, tambores e outros instrumentos, e que se pusesse em liberdade o indiano, levando-o à sua presença.

‘Apoderei-me da tua pessoa’, disse-lhe o sultão, ao vê-lo, ‘para que a tua vida, que nunca houvera bastado para me aplacar a cólera, me garantisse a do meu filho. Graças a Deus, ele voltou. Vai, indiano, pega o teu cavalo e nunca mais apareças na minha frente.’

O indiano, sabendo pelos que tinham ido tirá-lo da prisão que o príncipe, além de voltar inesperadamente, trouxera na sua companhia, na garupa do cavalo mágico, a princesa de Bengala, e se detivera num dos palácios dos arredores da cidade, e sabendo mais, que o sultão se preparava para ir buscá-la, a fim de conduzi-la triunfalmente ao seu palácio, não perdeu tempo. Tomando a dianteira, chegou ao palácio de recreio e, procurando o porteiro, disse-lhe que ia a mandado do sultão e do príncipe da Pérsia, para, fazendo a princesa subir à garupa do cavalo encantado, levá-la pelos ares ao sultão que a aguardava na praça.

O porteiro, que já conhecia o indiano, não se opôs a que ele entrasse, uma vez que o via solto da prisão. O indiano apresentou-se à princesa. E esta, mal soube que ele aparecia por ordem do príncipe da Pérsia, consentiu em acompanhá-lo.

O indiano, contentíssimo por lhe sair às mil maravilhas o plano criado pela sua maldade, montou o cavalo, ajudou a princesa a subir à garupa, girou a manivela, e subiu aos ares.

No mesmo instante, o sultão da Pérsia, com o seu séquito, saía do palácio para ir buscar a princesa. O príncipe da Pérsia pusera-se diante do cortejo. O indiano, propositadamente, passou por cima da cidade, com sua presa, querendo afrontar o sultão e o príncipe e vingar-se do injusto tratamento a que havia sido submetido por tão longo tempo.

O sultão da Pérsia, vendo o raptor e reconhecendo-o, parou, estupefato. Depois, refazendo-se do assombro, atirou-lhe mil maldições, no que foi acompanhado pelos cortesãos, testemunhas daquela insolência sem par.

O indiano, insensível a tudo, continuou seu caminho enquanto o sultão da Pérsia regressava ao palácio, cabisbaixo pela terrível afronta e pela impossibilidade de punir-lhe o autor.

Que dizer da aflição de Firuz Xá quando viu que, diante dos seus olhos, o maldito indiano lhe raptava o objeto da sua ardente paixão, a formosa princesa de Bengala, cuja vida já era a sua própria vida! Profundamente abatido, ficou quase imóvel, e antes que pudesse decidir se iria desabafar em imprecações ou em lamentos pela triste sorte da princesa, o cavalo mágico desapareceu no horizonte. O que fazer? Voltar ao palácio do pai e encerrar-se lá, mergulhar na aflição, não tentar agarrar o infame raptor, para livrar a querida princesa, e castigá-lo de morte? Não, não era possível! Firuz Xá continuou a caminhar em direção ao palácio de onde a princesa fora raptada.

Ao chegar, o porteiro, que já havia compreendido o enorme erro praticado, deixando-se iludir pelo indiano, atirou-se-lhe aos pés, chorando, acusando-se do crime e condenando-se à morte.

‘Levanta-te’, ordenou-lhe o príncipe da Pérsia. ‘Não és tu o culpado do rapto da minha princesa. O único culpado sou eu. Vai buscar-me, já, um hábito de dervixe, mas não digas a ninguém que é para mim.’

Havia, a pouca distância do palácio um convento de dervixes, cujo superior era amigo do porteiro. Foi este ter com ele, e contando-lhe a suposta desgraça de um dignitário da corte, a quem desejava favorecer para vê-lo fugir à cólera do poderoso sultão, obteve o que desejava. Levou assim o

hábito de dervixe ao príncipe. Firuz, desfazendo-se da roupa que estava usando, o vestiu e assim disfarçado e munido de uma caixinha de pérolas e diamantes para as necessidades da viagem, saiu do palácio, ao cair da noite, sem saber que caminho iria seguir, mas decidido a não regressar sem descobrir o paradeiro da mulher amada, e sem trazê-la de volta, custasse o que custasse.

Voltemos, agora, ao indiano. No mesmo dia do rapto, chegou a um bosque nas vizinhanças da capital do reino de Cachemira. Precisando comer e achando que também a princesa devia estar com fome, desceu num bosque, e deixou a jovem sobre a relva, perto de um rio de águas límpidas e frescas.

Feito isso, afastou-se. A princesa de Bengala, vendo-se em poder de um vulgar raptor, e temendo-lhe a violência, quis fugir e procurar abrigo em qualquer parte. Mas, tendo comido muito pouco pela manhã, ao chegar ao palácio de recreio, era tal a sua fraqueza que, ao querer pôr em execução o plano, viu-se obrigada a abandoná-lo. Não tinha a quem recorrer naquela emergência. Contava apenas com a sua força de espírito mediante a qual saberia até enfrentar a morte para não faltar à palavra dada ao príncipe da Pérsia. Não esperou, portanto, que o indiano a convidasse pela segunda vez a comer. Resolveu ingerir alguma coisa e sentiu-se com força bastante para responder com energia às insolentes propostas do vil indivíduo. O indiano, esgotadas as ameaças, resolveu agir, e ela, sabendo que o infame iria tentar a última violência, lutou, esbravejou e gritou. Aos seus gritos acudiram alguns cavaleiros que andavam pelas cercanias.

Tratava-se do sultão do reino de Cachemira. Estava voltando de uma caçada com a sua comitiva. Dirigindo-se com extrema severidade ao indiano, perguntou-lhe quem era e o que pretendia daquela criatura indefesa. O indiano respondeu-lhe, insolentemente, que aquela jovem era sua esposa, e que ninguém tinha o direito de intervir numa questão entre os dois.

A princesa, não podendo supor a dignidade do homem que, tão a propósito, vinha salvá-la, desmentiu o patife.

‘Senhor, quem quer que sejais’, disse, ‘é o céu que vos manda em meu auxílio! Apiedai-vos de uma princesa, e não acreditais num biltre dessa

espécie. Não sou mulher deste indiano tão desprezível. É ele um infame mágico que me raptou do príncipe da Pérsia, com quem eu ia me casar. Trouxe-me aqui nesse cavalo encantado que estais vendo.’

Não precisou a infeliz de outras palavras para convencer o sultão de Cachemira. Sua extrema formosura, seu aspecto de princesa e as lágrimas que lhe deslizavam pelas faces, tudo aquilo falava em seu favor. Quis continuar, mas o sultão de Cachemira, sem dar-lhe mais atenção, mandou imediatamente que o indiano fosse cercado, agarrado e tivesse a cabeça decepada. A ordem foi executada num abrir e fechar de olhos, e o indiano desapareceu para sempre da Terra.

Livre do perigoso bandido, a princesa de Bengala viu-se em outra prisão não menos penosa. O sultão, após mandar que lhe cedessem um cavalo, conduziu-a ao seu palácio e instalou-a no mais esplêndido dos seus aposentos, pondo, mais, à sua disposição, grande número de escravas. Ele mesmo a levou ao aposento, e lá, sem dar-lhe tempo para qualquer agradecimento, disse-lhe:

‘Descansai à vontade. Amanhã tereis mais facilidade para me contar pormenorizadamente a estranha aventura pela qual passastes.’

E o sultão se afastou.

A princesa de Bengala, radiante por se ter visto livre do asqueroso indiano, pensou que o sultão de Cachemira teria a generosidade de enviá-la ao príncipe da Pérsia. Mas a sua esperança não iria se concretizar tão facilmente...

Sim, porque o rei de Cachemira havia resolvido desposá-la no dia seguinte. Para tanto, logo ao despontar do dia, mandara anunciar-lhe a sua resolução. Ao ruído dos timbales, dos tamborins, das cornetas e de outros instrumentos destinados a inspirar júbilo, despertou a princesa de Bengala, atribuindo aquilo a outro motivo, bastante diverso. Quando, porém, o sultão de Cachemira foi visitá-la, e após informar-se da sua saúde, lhe deu a compreender que toda aquela festividade se destinava a anunciar o próximo casamento, foi tal a sua consternação que ela caiu no chão, sem sentidos.

As criadas, presentes, acudiram-na imediatamente. O próprio sultão lidou por fazê-la recobrar a lucidez. No entanto, a princesa ficou desacordada

durante um longo tempo. Finalmente, passou o desmaio, e ela, então, para não faltar à palavra empenhada, fingiu ter enlouquecido, começando logo a proferir extravagâncias e mais extravagâncias. Imagine o espanto do sultão diante daquilo! Vendo que a princesa não recuperava a lucidez de espírito, afastou-se, deixando-a com as criadas, que receberam severas ordens para dispensar-lhes os melhores cuidados. Durante o dia, várias vezes mandou indagar da saúde da infeliz. O mal, porém, aparentemente aumentava.

A princesa continuou nos dias que se seguiram a pronunciar absurdos após absurdos e a patentear sinais de um grande transtorno mental, a ponto de ser obrigado o sultão de Cachemira a reunir vários médicos, os melhores da corte, e a pedir-lhes conselhos e remédios para tão grave enfermidade.

Os médicos responderam unanimemente que as formas daquela tremenda doença eram inúmeras, umas curáveis, outras incuráveis, e que nada podiam afirmar sem um exame meticoloso da enferma. O sultão ordenou aos eunucos que os levassem ao quarto da princesa, um depois do outro, segundo a sua importância.

A princesa, temendo que os médicos, ao examiná-la, reconhecessem logo o infundado da loucura, à medida que eles iam entrando tinha tais arroubos de aversão e ameaçava de tal modo arranhar-lhes o rosto, que todos recuaram, estarecidos.

Alguns dos que se julgavam mais hábeis, e capazes de aquilatar as doenças só de ver os doentes, receitaram poções que ela não tinha dificuldade em tomar, pois muito bem sabia que a sua pretensa enfermidade dependia exclusivamente dela, e que aquelas bebidas nenhum mal lhe podiam acarretar.

Percebendo o sultão de Cachemira que os médicos da corte não conseguiam melhora nenhuma no estado da paciente, resolveu chamar os da capital, que também nada lograram. Mandou, em seguida, chamar os das demais cidades do reino, sobretudo os de maior fama. A princesa a todos eles acolheu da mesma maneira. Finalmente o sultão procurou nos reinos vizinhos um médico que se resolvesse a ir à capital de Cachemira curar a enferma, pelo que receberia os mais valiosos presentes.

Vários voluntários empreenderam a penosa jornada, mas nenhum deles logrou gabar-se de ser mais feliz que os precedentes. Ninguém conseguiu devolver o juízo à infeliz princesa.

Entretanto, Firuz Xá, sempre disfarçado de dervixe, percorrera várias províncias e as suas principais cidades, torturado, abatido.

Sempre em busca de notícias, chegou um dia a uma grande cidade da Índia, onde se falava muito de uma princesa de Bengala que havia enlouquecido no dia em que o sultão de Cachemira pretendia desposá-la. Confiante na intuição, Firuz Xá rumou para a capital de Cachemira. Lá chegando, instalou-se num khan, onde logo soube da história inteira da princesa de Bengala e do trágico fim do maldito indiano que para lá a conduzira no seu cavalo encantado. Não se havia enganado! Aquela princesa era precisamente a que ele tão ansiosamente procurava.

Firuz Xá, informado de tudo, logo no dia seguinte providenciou um traje de médico. Com ele, e valendo-se também da barba que havia deixado crescer durante a sua peregrinação, começou a caminhar pelas ruas da cidade. Não tardou, impaciente como estava, em dirigir os passos para o palácio do sultão. Lá, falou com um dos oficiais. Imediatamente o conduziram ao chefe dos porteiros, a quem, apresentando-se na qualidade de médico, pediu que o deixassem tentar a cura da infeliz princesa. Confiava, disse, no seu valor. O chefe dos porteiros explicou-lhe que seria muito bem-recebido, que o sultão lhe permitiria examinar a paciente, e que, no caso de cura, seria recompensado magnanimamente.

‘Esperai um pouco, que voltarei já.’

Havia muito tempo que nenhum médico surgia na corte. O sultão de Cachemira, tristíssimo, quase perdera a esperança. Assim, ao saber que um médico recém-chegado se propunha a difícil tarefa, mandou que o levassem o quanto antes à sua presença.

Disfarçado de médico, o príncipe da Pérsia pôs-se diante do sultão de Cachemira que, sem perder tempo em palavras inúteis, após lhe dizer que a princesa de Bengala, ao ver qualquer médico, tinha arroubos impressionantes, o mandou conduzir a uma saleta, onde, através de uma gradezinha, poderia vê-la, sem que ela o visse.

Firuz entrou e viu sua amada sentada, entoando com lágrimas nos olhos uma canção em que chorava a sua desdita, que a privava, talvez para sempre, do homem querido.

Comovido com a situação em que se encontrava o objeto da sua paixão, compreendeu, no entanto, o príncipe da Pérsia que aquela doença não passava de fingimento. Saindo da saleta, disse ao sultão que acabara de descobrir o tipo de enfermidade que afligia a pobre criatura e que, para curá-la definitivamente, tinha de lhe falar a sós. Estava certo de que ela o acolheria de maneira diferente daquela com que acolhera os médicos precedentes.

O sultão ordenou que fosse aberta a porta do quarto da princesa de Bengala. Firuz Xá entrou. A princesa, ao vê-lo, tomando-o por outro médico, pôs-se de pé, enfurecida, cobrindo-o de insultos. Firuz Xá avançou, e, aproximando-se o bastante para que somente ela o ouvisse, disse-lhe baixinho:

‘Princesa, não sou médico. Sou o príncipe da Pérsia, e venho libertar-vos!’

Reconhecendo-o pela voz e pelo aspecto, apesar da longa barba, a jovem se acalmou, deixando aparecer na fisionomia um lampejo de alegria. O pasmo tirou-lhe a palavra. Firuz Xá valeu-se da oportunidade para lhe contar o seu desespero quando vira o infame indiano raptá-la no cavalo encantado, a resolução tomada de a tudo abandonar para procurá-la até no fim do mundo se necessário e, finalmente, por obra de que acaso feliz, após longa e penosa jornada, tivera o prazer de encontrar o palácio do sultão de Cachemira, e nele o ardente objeto dos seus sonhos constantes. Concluindo, rogou à princesa que lhe contasse, por sua vez, tudo que lhe havia sucedido até o momento em que ele voltara a vê-la. Queria tomar, quanto antes, as medidas necessárias para arrancá-la da tirania do apaixonadíssimo sultão de Cachemira.

Não precisou a princesa de Bengala de muitas palavras para a narrativa. Limitou-se a dizer-lhe de que maneira, regressando de uma caçada, o sultão de Cachemira a libertara das garras do nojento indiano e como, logo no dia seguinte, fora afrontada com uma proposta de casamento que só lhe repugnava. Aquele procedimento tirânico, continuou, causara-lhe a perda

dos sentidos. Recobrando-os, resolvera fingir-se louca, para afastar o sultão e impedir-lhe que concretizasse o seu intento. Ela teria preferido morrer a ter de se entregar a outro homem que não o amado príncipe da Pérsia.

Perguntou-lhe o príncipe, depois de ouvi-la com toda a atenção, se sabia o fim dado ao cavalo mágico do indiano.

‘Não sei’, respondeu-lhe ela. ‘Creio, no entanto, que o sultão mandou guardá-lo no seu tesouro.’

Firuz Xá, certo de que o sultão de Cachemira havia conservado o precioso cavalo, disse à princesa que pretendia valer-se dele para conduzi-la à Pérsia. Depois, combinou com ela a melhor solução para o caso. No dia seguinte, ela se vestiria bem, como que para receber o sultão.

O sultão de Cachemira rejubilou-se quando o príncipe da Pérsia lhe explicou o resultado da sua primeira visita à paciente, e que a cura estava muito bem-encaminhada. Passou a considerá-lo o primeiro médico do mundo, quando, no dia seguinte, a princesa de Bengala o acolheu com gentileza. Convenceu-se, então, de, no entanto, lhe manifestar apenas que se alegrava que a cura estava prestes a ser realizada. Contentou-se em vê-la pronta a recobrar a preciosa saúde perdida. E depois de lhe suplicar que ajudasse o famoso médico a terminar o que tão bem havia sido iniciado, depositando nele toda a confiança, retirou-se.

O príncipe, que acompanhara o sultão na sua visita à princesa, com ele se afastou. Perguntou-lhe, então, já fora do aposento, se lhe era lícito perguntar-lhe por obra de que acaso se achava a princesa de Bengala no reino de Cachemira, tão distante do seu país de origem. O que pretendia, na realidade, iniciando aquela conversa, era obrigar o sultão a falar do cavalo encantado e saber que paradeiro lhe fora dado.

O sultão de Cachemira, não podendo absolutamente descobrir o verdadeiro motivo do príncipe da Pérsia ao lhe fazer aquela pergunta, contou-lhe tudo. Disse-lhe tudo que ele já soubera por intermédio da princesa de Bengala. Quanto ao cavalo encantado, explicou que mandara guardá-lo no tesouro, por se tratar de uma grande raridade, embora não soubesse de que modo utilizá-lo.

‘Senhor’, respondeu-lhe o suposto médico, ‘o que acabais de me dizer me proporciona os meios para completar a cura que iniciei. Ela andou nesse cavalo, e como só eu, mediante certos perfumes que conheço, posso livrá-la do encantamento, se me autorizardes a tanto, e consentirdes em oferecer ao povo e à corte um espetáculo maravilhoso, mandarei que, amanhã, o levem ao meio da praça, diante do palácio. Confiai em mim. Prometo mostrar-vos, bem como ao povo todo, a princesa de Bengala em tão boa saúde como nunca foi vista. Para que tudo se realize com o esplendor que a maravilhosa criatura merece, quero que ela se apresente vestida com o maior luxo possível, e usando as mais valiosas joias do vosso tesouro.’

Com tudo concordou o sultão de Cachemira. E com mais teria concordado tal a paixão que o devorava.

No dia seguinte, foi o cavalo mágico retirado do tesouro, e, ao nascer do dia, foi levado à grande praça. Imediatamente se alastrou a notícia por toda a cidade de que algo de extraordinário iria se verificar. De todos os lados era enorme a afluência de gente. Os guardas do sultão achavam-se alinhados para deixar um grande espaço vazio em torno do estranho cavalo.

De repente, surgiu o sultão de Cachemira. Acomodando-se num palanque rodeado pelos principais dignitários da corte, deu início ao espetáculo. A princesa de Bengala, acompanhada de todas as criadas que o sultão lhe havia destinado, aproximou-se do cavalo encantado, e nele, devidamente auxiliada por elas, montou. Quanto ao suposto médico, mandando que em volta do cavalo fossem colocados inúmeros braseiros, a eles atirou um pó perfumado. Feito aquilo, de olhos baixos e mãos sobre o peito, deu três voltas em torno do cavalo, proferiu misteriosas palavras, e no instante em que dos braseiros se erguia densa fumaça perfumada que quase ocultava a princesa, saltou agilmente à garupa, girou a manivela, e, ao ser, na companhia da amada, arrebatado aos ares, proferiu as seguintes palavras que o sultão ouviu:

‘Sultão de Cachemira, quando outra vez pretendes desposar uma princesa que te roga proteção, trata antes de obter-lhe o consentimento!’

Foi assim que o valente príncipe da Pérsia reconquistou a querida princesa de Bengala, levando-a, em poucos momentos, à capital da Pérsia,

onde, em vez de descer no palácio de recreio, desceu no meio do palácio, em frente do aposento do soberano, seu pai. Este quis imediatamente celebrar o tão desejado casamento, dando apenas o tempo necessário para os preparativos, a fim de que a cerimônia fosse realmente pomposa.

Findas as festas, o primeiro cuidado do rei da Pérsia foi enviar um legado ao rei de Bengala, para explicar-lhe tudo o que se havia passado e pedir-lhe que aprovasse a aliança feita mediante aquele casamento. O rei de Bengala, magnanimamente, deu o seu consentimento.”

A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE AHMED E DA FADA PARI-BANU

Terminada a história do Cavalo Encantado, Sherazade iniciou a do príncipe Ahmed e da fada Pari-Banu.

“Um dos vossos predecessores, sultão como vós, que ocupava tranquilamente o trono da Índia há anos, teve na velhice o prazer de ver que os três príncipes, seus filhos, jovens dignos, ao lado de uma princesa, sua sobrinha, constituíam o maior ornamento da corte. Chamava-se Hussan o mais velho dos príncipes, Ali o segundo, e Ahmed o mais novo. Quanto à sua sobrinha, era Nurunihar.

Nurunihar, filha do irmão mais moço do sultão, ao qual este cedera terras que proporcionaram grandes rendas, mas que viera a falecer poucos anos depois de casado, vira-se sozinha na mais tenra idade. O sultão, que sempre vira o irmão corresponder-lhe com o mais puro afeto, resolvera incumbir-se da educação da jovem. Para isso, mandara instalá-la no seu palácio, com o intuito de educá-la com os três príncipes, seus filhos. Dotada de grande beleza, tinha a princesa grande inteligência, e as suas virtudes a distinguiam das demais princesas da época.

O tio da princesa determinara casá-la o quanto antes, firmando uma aliança com um príncipe vizinho. Um dia, porém, bastante perplexo, notou que seus três filhos amavam apaixonadamente sua sobrinha. Aquilo lhe causou grande preocupação, sobretudo em vista da dificuldade que nascia de se estabelecer entre eles um acordo. Seria possível que os dois mais novos a cedessem ao mais velho? Conversou com cada um deles em particular, e após lhes mostrar a impossibilidade de uma única princesa contentar os três, e os perigos que adviriam de insistirem na paixão que os dominava, fez tudo para os dissuadir do intento e deixar que ela desposasse um príncipe estrangeiro. Nada logrou. A obstinação deles foi insuperável. Assim, reunindo-os, propôs-lhe:

‘Filhos, não pude dissuadir-vos de aspirar à mão da princesa, vossa prima. Não querendo usar da minha autoridade, preferindo um aos outros, creio que achei uma solução, destinada a conservar a união que entre vós deverá sempre existir. Ouvi-me. Tenho por mim que precisais viajar, separadamente, percorrendo países diferentes, de tal modo que não vos seja possível qualquer encontro. Como sabeis, aprecio bastante tudo que é singular, e prometo a mão da princesa ao que me trouxer a raridade mais extraordinária. Para as despesas da jornada e a compra da raridade, não vos preocupeis; dou a cada um a mesma quantia, de acordo com o vosso nascimento. Não a empregareis, evidentemente, em despesas supérfluas, como seriam as de um cortejo que vos revelaria em qualquer lugar e vos privaria da liberdade de que tanto necessitais para desincumbir-vos da questão.’

Sempre muito obedientes às ordens do pai, e imaginando cada um dos príncipes que a sorte o favorecia, proporcionando-lhe o meio de conquistar a mão da querida Nurunihar, concordaram imediatamente em partir. Sem demora, mandou o pai que lhes fosse entregue a determinada importância, e no mesmo dia cuidaram os três dos preparativos. Depois, despediram-se do sultão, resolvidos a partir no dia seguinte, de manhã cedo. Com efeito, no dia seguinte saíram pela mesma porta, bem-montados e munidos, trajando-se como mercadores, cada um acompanhado por um servidor leal disfarçado de escravo, e foram ter a um ponto onde o caminho se dividia em três. Lá iriam separar-se. Ao entardecer, combinaram que a jornada duraria um ano, após o que tornariam a encontrar-se naquele mesmo ponto. O primeiro esperaria pelos outros dois. Assim, do mesmo modo como, juntos, se tinham despedido do velho pai, juntos iriam à sua presença, no regresso. No dia seguinte, mal surgia a aurora, abraçaram-se, trocaram votos de felicidade, montaram a cavalo e cada um seguiu seu destino.

O príncipe Hussan, o mais velho, tendo ouvido contar maravilhas da grandeza e do esplendor do reino de Bisnagar, seguiu em direção ao mar da Índia. Após cerca de três meses, atravessando desertos, superando montanhas, cruzando campos cultivados e férteis, atingiu Bisnagar, cidade que dá o nome a todo o reino, e é a capital e residência dos reis. Lá, instalou-se num khan, reservado aos mercadores estrangeiros, e sabendo que existiam quatro

arrabaldes principais, onde os mercadores mantinham suas lojas, ao redor do castelo dos reis, logo no dia seguinte rumou para um deles. Foi enorme o seu assombro: o bairro era gigantesco, com inúmeras ruas protegidas do Sol por grandes toldos, que, no entanto, não impediam a claridade. As lojas eram iguais, simétricas.

A multidão que frequentava aquelas lojas abarrotadas de todo tipo de mercadorias e de tecidos provenientes dos mais diversos pontos da Índia, da Pérsia, da China e de outros países o espantou. Aliás, tudo o espantou. Não sabia se devia acreditar no que os seus olhos viam. Nas lojas de ourives e lapidadores — as duas profissões eram exercidas pelos mesmos indivíduos — Hussan ficou boquiaberto diante da prodigiosa quantidade de maravilhosos trabalhos de ouro e prata e ofuscado pelo esplendor das pérolas, dos diamantes, dos rubis, das safiras, das lindíssimas esmeraldas e de outras pedras preciosas. No entanto, o seu assombro cresceu quando avaliou a riqueza daquele reino, pois, salvo os brâmanes, que viviam retirados da vaidade do mundo, não havia indiano que não possuísse colares, braceletes e outros ornamentos nos pés e nas pernas, tudo feito de pérolas raríssimas, negras, extraordinárias.

Outro pormenor que causou profunda admiração em Hussan foi o grande número de vendedores de rosas. Refletindo, achou que os indianos deviam ser amantes daquela flor, pois não se via um que não exibisse uma delas ao menos na mão, na cabeça, nem mercador que não possuísse os seus vasos de rosas.

Finalmente, após percorrido o bairro inteiro, com a imagem de tamanha riqueza a lhe lançar na frente dos olhos, sentiu necessidade de repouso. Um mercador muito cortês o convidou a entrar e a sentar-se na sua loja, o que ele aceitou. Não havia passado muito tempo quando um pregoeiro, com um tapete enrolado debaixo do braço, o anunciava por determinado preço. Hussan o chamou e quis ver o tapete, cujo preço, aliás, lhe pareceu alto demais, não somente por se tratar de um objeto pequeno, como também por não exibir qualidade das melhores. Após examinar detidamente o tapete, manifestou o seu parecer ao vendedor.

Este, pensando que Hussan fosse um mercador, como quase todos os que o detinham, respondeu-lhe:

‘Senhor, se o preço vos parece demasiadamente alto, maior ainda será o vosso assombro quando souberdes que recebi ordem de aumentá-lo, e cedê-lo apenas pela quantia que eu pedir.’

‘Nesse caso’, respondeu Hussan, ‘deve tratar-se de algo extraordinário, por uma qualidade que, assim, à primeira vista, não aparece.’

‘Muito bem, senhor, adivinhastes!’, respondeu o pregoeiro. ‘Se vos sentardes neste tapete, sereis logo levado por ele aonde quiserdes ir, e quase num instante. Não haverá qualquer obstáculo que possa detê-lo.’

O príncipe da Índia, lembrando-se de que a principal razão da sua penosa jornada consistia em levar ao sultão, seu pai, uma estranha raridade, da qual jamais tivesse alguém ouvido falar, e achando que nada igual se lhe igualaria, resolveu adquirir o objeto.

‘Se este tapete’, disse ao vendedor, ‘possuir realmente a virtude que lhe atribuis, eu não o acharia caro pelo preço que exige e seria até capaz de comprá-lo, oferecendo-te, ademais, um presente que muito te agradaria.’

‘Senhor, contei-vos a verdade. Ser-me-á fácil convencer-vos do que afirmo quando tiverdes desembolsado o dinheiro que vos pedi. A experiência será feita na vossa presença. Mas, como não trazeis o dinheiro convosco, e eu, para recebê-lo, terei de ir até o khan, onde vos alojais, entraremos juntos nesta loja, eu estenderei o tapete, e nele sentados, ambos, vós formulareis o desejo de ser levado comigo ao quarto alugado no khan e se não formos imediatamente, a compra não será feita. Quanto ao presente, como um favor o aceitarei.’

Confiante na palavra do pregoeiro, que se lhe afigurou bastante honrado, aceitou Hussan aquela espécie da aposta. Solicitada a permissão ao dono da loja, retiraram-se os dois para o fundo dela, o vendedor estendeu o tapete, os dois se sentaram e mal o príncipe formulou o desejo de ser levado ao khan, lá se viu com o estranho companheiro. Nada mais foi preciso para assegurar-se do extraordinário valor do objeto. Entregou ao homem o preço estipulado, precisamente quatro mil moedas de ouro, e o presente, no valor de outras vinte moedas.

Hussan, extremamente alegre, tornou-se dono do tapete. Dava graças aos céus por ter tido a sorte de, mal entrado em Bisnagar, adquirir tamanha raridade, que, sem dúvida, lhe conquistaria a mão de Nurunihar. Com efeito, achava impossível que seus dois irmãos arrandassem nas suas peregrinações coisa que pudesse comparar-se à dele. Não se demorando mais em Bisnagar, se quisesse, sentando-se no tapete, teria podido naquele mesmo dia rumar para o ponto de encontro. Mas lá seria obrigado a esperá-los e por longo tempo. Assim, querendo visitar o rei de Bisnagar e sua corte, e conhecer de perto as leis, os costumes, a religião, enfim, o estado de todo o país, decidiu passar alguns meses naquela tarefa.

Costumava o rei de Bisnagar admitir à sua presença, uma vez por semana, os mercadores provindos de países estrangeiros. Assim foi que o príncipe Hussan, que não pretendia revelar sua verdadeira identidade, o visitou diversas vezes. Sendo muito insinuante, simpático e senhor de grande cortesia, distinguia-se bastante dos demais mercadores. O rei de Bisnagar preferia sempre dirigir-se a ele em busca de informações sobre o sultão da Índia, da riqueza e do governo do longínquo país.

Nos demais dias da semana, tratava Hussan, sempre impelido por grande curiosidade, de visitar os pontos mais notáveis da cidade e dos seus arredores. Entre outras coisas, viu um templo de ídolos feito de bronze. Tinha esse templo os seus dez côvados quadrados na base e 15 de altura. O que constituía a sua maior beleza era um ídolo de ouro maciço, da altura de um homem que tinha por olhos dois rubis, ajustados com tal arte que aos que o contemplavam dava a impressão de trazer os olhos fitos neles, olhassem por onde o olhassem. Hussan viu também outra coisa não menos digna de admiração. Numa planície, deparou-se-lhe um delicioso jardim juncado de rosas e de outras belíssimas flores; todo o espaço era cercado por um pequeno muro destinado a impedir que os animais entrassem. Erguia-se no meio da planície uma elevação da altura de um homem, revestida de pedras, unidas com tal mestria que pareciam constituir um único bloco. O templo, terminado por um zimbório, situava-se no meio da elevação e tinha uma altura de cinquenta côvados, o que o fazia visível de muito longe. O seu comprimento era de trinta côvados, mais ou menos, e a largura uns vinte,

sendo perfeitamente polido o mármore vermelho com que fora construído. A cúpula estava enfeitada de três ordens de pinturas muito vivas e de excelente bom gosto.

De manhã e de tarde realizavam-se naquele extraordinário templo cerimônias às quais se seguiam concertos, danças, jogos, cantos e festins. Os sacerdotes e os moradores da vizinhança viviam apenas das ofertas dos visitantes oriundos dos mais distantes países.

Assistiu ainda o príncipe a uma festa solene, celebrada todos os anos na corte de Bisnagar. Eram obrigados a comparecer os governadores das províncias, os comandantes das fortalezas, os juízes das cidades, além dos brâmanes mais famosos pela doutrina. O ajuntamento da enorme multidão de indianos fazia-se numa planície enorme. O espetáculo era maravilhoso. Havia no centro da planície uma grande praça, fechada num dos lados por esplêndida construção, um palanque de nove pisos, sustentado por quarenta colunas, e reservado ao rei, à sua corte e aos estrangeiros honrados pelas suas audiências. O interior apresentava-se mobiliado com magnificência; no lado de fora havia pinturas de paisagens, representando vários animais, aves, insetos e até moscas e mosquitos. Outros palanques, com os seus quatro ou cinco pisos, e quase todos pintados da mesma maneira, formavam os outros três lados da praça. De hora em hora, os palanques voltavam-se e apresentavam outra face de diversa decoração.

Pouco distantes um do outro, em cada lado da praça, alinhavam-se mil elefantes, suntuosamente ajaezados, cada um trazendo uma torre quadrada de madeira dourada. Em cada torre havia músicos e artistas. A tromba, as orelhas, enfim, todo o corpo dos elefantes estava pintado de cores variadas, representando inúmeras figuras.

No meio de tudo aquilo sobressaía um elefante, mais forte, maior, com as quatro patas colocadas na extremidade de uma prancha pregada perpendicularmente, e a cerca de dois pés de altura do chão, que se movia e marcava o compasso ao som dos instrumentos. Hussan admirou igualmente outro elefante, sobre a extremidade de uma trave enviesada sobre uma estaca, a uma altura de dez pés, tendo por contrapeso, na outra extremidade, uma enorme pedra, e que umas vezes subia e outras descia, na presença do rei e

da corte. Os indianos e os seus costumes atraíam poderosamente a atenção de Hussan, que teria gostado de se demorar mais tempo no reino de Bisnagar. Era enorme o número de maravilhas que o distraíam. Contudo, dando-se por contente com o que lhe fora proporcionado, e estando sempre com os olhos do espírito voltados para o objeto do seu amor, seguro de que os encantos da princesa Nurunihar seriam seus, em virtude do maravilhoso tapete que se aprestava a levar à corte do pai, resolveu partir. Pagando o que devia no khan, e depois de ter dito ao porteiro que a chave do seu aposento ficaria na porta, entrou, estendeu o tapete, sentou-se com o servidor que o havia acompanhado todo aquele tempo e tendo manifestado o desejo de ser conduzido ao ponto em que os irmãos talvez já o estivessem aguardando, viu-se para lá transportado com incrível velocidade. Os irmãos não tinham chegado. Hussan os esperou.

O príncipe Ali, seu segundo irmão, tomara o caminho da Pérsia com uma caravana, a que se uniu após ter-se separado dos irmãos. Quatro meses mais tarde, chegou a Xiraz, capital da Pérsia. Tendo na jornada travado conhecimento com alguns mercadores, dando-se a conhecer apenas a um lapidador, instalou-se com eles no mesmo khan.

No dia seguinte, enquanto os companheiros de viagem abriam os seus fardos, Ali, que havia viajado apenas para distrair-se, depois de trocar de roupa, dirigiu-se ao bairro onde se vendiam pedras preciosas, trabalhos de ouro e prata, rendados, tecidos da mais delicada seda, panos finos e outros tecidos raros. O lugar espaçoso era abobadado. A abóbada era sustentada por grossas colunas, em torno das quais se dispunham as lojas, que também se alinhavam ao longo das paredes, e tanto do lado de fora, como do lado de dentro. O lugar tinha o nome de Bezestein. Ali percorreu-o todo, olhando com profunda admiração para todas aquelas extraordinárias novidades. Era prodigiosa a quantidade de tecidos valiosíssimos. Entre os inúmeros vendedores que andavam de um lado para o outro, notou um que segurava na mão um canudo de marfim, de quase um pé de comprimento e cerca de uma polegada de grossura. Exigia por ele três mil moedas de ouro. Ali ficou intrigado: aquele vendedor não estaria louco? Para tirar as dúvidas,

aproximou-se da loja de um mercador, e mostrando-lhe o vendedor, disse-lhe:

‘Senhor, ajudar-me, por favor, a esclarecer se esse homem não enlouqueceu. Pois não pede por um simples canudinho de marfim três mil moedas de ouro?’

‘Senhor’, respondeu-lhe o mercador, ‘se ele não perdeu o juízo ontem, garanto-vos que não há vendedor mais sensato do que ele. É o mais procurado, e é o que mais confiança inspira. Quanto ao canudo pelo qual exige três mil moedas, com certeza deve valê-las. Por que motivo, não sei eu, não sabeis vós, ninguém sabe. Daqui a pouco tornará a passar por aqui. Não custa chamá-lo e indagar com ele. Sentai-vos neste meu sofá e, enquanto esperais, distraí-vos.’

Ali aceitou o oferecimento do mercador. Passado algum tempo, viu de novo o vendedor. O mercador chamou-o pelo nome, e o homem acercou-se. Mostrando-lhe Ali, disse-lhe o mercador:

‘Este senhor duvida do vosso juízo, porque estais apregoando por três mil moedas de ouro um canudo de marfim que, aparentemente, tem pouco valor. Eu mesmo ficaria espantado se não vos conhecesse há muito por homem extremamente sensato.’

‘Senhor’, respondeu o vendedor, voltando-se para Ali, ‘não sois o único que me tem na conta de louco por causa deste canudo. No entanto, estou certo de que mudareis de opinião quando souberdes qual a maravilhosa propriedade que o caracteriza. Dareis, então, o preço pedido. Observai que este canudo traz, em cada uma das extremidades, um vidro. Pois bem, olhando por um deles, veremos o que se deseja ver.’

‘Prontifico-me a dar-vos as três mil moedas de ouro’, respondeu o príncipe Ali, ‘contanto que me proveis a verdade do que afirmais com tamanha segurança.’

Pegou o canudo, examinou-o detidamente em ambas as pontas, e continuou:

‘Dizei-me, por onde devo olhar?’

O vendedor explicou-lhe o que devia fazer. O príncipe olhou e, desejando ver o sultão da Índia, seu pai, reconheceu-o no mesmo momento,

sentado no trono, em pleno conselho. Desejando então ver a princesa que tão grande paixão lhe despertara, viu-a risonha, rodeada de criadas, na frente do espelho.

Não precisou de mais nada para convencer-se de que aquele estranho objeto era realmente uma das maiores raridades do mundo. Se não o comprasse jamais teria outra oportunidade igual, nem em Xiraz, nem em outra parte qualquer. Assim, disse ao vendedor:

‘Retiro o mau conceito que de vós tinha formado, e estou pronto a adquirir este maravilhoso canudo. Não quero que outro homem o possua. Assim, digei-me o seu exato valor; depois, acompanhai-me e ser-vos-á entregue a quantia combinada.’

O vendedor garantiu-lhe que não podia cedê-lo por menos de quatro mil moedas de ouro. Ali levou-o em sua companhia, e no khan onde estava alojado deu-lhe as quatro mil moedas. Era senhor exclusivo, enfim, do maravilhoso objeto.

Concluída a compra, convenceu-se de que seus irmãos jamais poderiam adquirir coisa que àquela se comparasse em originalidade e serventia. Por conseguinte, não duvidou mais: Nurunihar, a querida Nurunihar, seria dele! Sem dar a conhecer a ninguém sua verdadeira identidade, quis então conhecer bem a corte da Pérsia, visitar o que havia de mais interessante em Xiraz e nas cercanias, à espera de que a caravana com que viera da Índia para lá regressasse. Quando a caravana ficou pronta, Ali uniu-se a ela e partiu. Não houve nenhum obstáculo na jornada, e, finalmente, ele chegou ao lugar marcado, onde já se encontrava o irmão mais velho, Hussan.

Os dois ficaram à espera de Ahmed, o último irmão.

Ahmed rumara para Samarcanda. Quando lá chegou, rumou imediatamente ao Bezestein, e logo notou um vendedor a apregoar uma maçã artificial, e exigindo por ela quatro mil moedas de ouro. Fazendo-o parar, disse-lhe:

‘Meu amigo, mostrai-me essa maçã, e explicai-me qual a sua virtude, porque deve possuir uma extraordinária virtude para ser apregoada por um preço tão exorbitante.’

‘Senhor’, respondeu-lhe o vendedor, dando-lhe a segurar a maçã, ‘este objeto aparentemente tem pouquíssimo valor. Mas, se considerarmos as qualidades, as suas virtudes, o uso que desta maçã podemos fazer em proveito da humanidade, veremos que é inestimável, e quem a comprar adquirirá um verdadeiro tesouro. Não há doente prestes a morrer que ela não cure num instante, fazendo-o recobrar a mais perfeita saúde. Basta que o moribundo cheire esta fruta.’

‘Se é verdade o que afirmais’, respondeu-lhe o príncipe Ahmed, ‘é certo que esta maçã é simplesmente maravilhosa, e por conseguinte sem preço. Mas em que posso fundar-me, antes de comprá-la, para convencer-me de que não estou sendo iludido?’

‘Senhor’, disse o vendedor, ‘toda a cidade de Samarcanda tem verificado que é exato o que apregoo. Perguntai aos mercadores daqui e vede o que vos respondem. Alguns não estariam vivos hoje não fossem as milagrosas qualidades da minha maçã. Esta maçã, senhor, é o resultado dos longos estudos de um filósofo famoso que passou sua vida inteira a conhecer as virtudes das plantas e dos minerais, e, por fim, logrou esta composição. Uma súbita morte que não lhe deu tempo de aspirar o perfume desta maçã o levou. A viúva, pobre e com inúmeros filhos, resolveu vendê-la, por necessidade.’

Enquanto o vendedor decantava ao príncipe Ahmed as virtudes daquela maçã, algumas pessoas, parando, o cercaram, quase todas confirmando o que ele asseverava. Declarando um dos presentes que tinha um amigo gravemente enfermo, e sendo o momento favorável para a experiência, Ahmed garantiu ao vendedor que lhe daria as quatro mil moedas de ouro pedidas, se ele fosse curar o doente, dando-lhe a cheirar a miraculosa fruta.

Concordou o vendedor, dizendo:

‘Senhor, façamos a experiência. Desde já a maçã é vossa, pois tenho certeza de que ela produzirá o efeito de todas as outras vezes, ou seja, salvará da morte o enfermo.’

Verificou-se precisamente o que ele dizia. O príncipe Ahmed, então, entregou-lhe as quatro mil moedas de ouro, recebeu a maçã, e, impacientemente, aguardou o momento oportuno para voltar à Índia.

Enquanto aguardava, visitou a cidade e os arredores, vendo tudo que era digno da sua curiosidade, e sobretudo o vale de Soide, banhado pelo rio do mesmo nome. Para os árabes, este vale constitui um dos quatro paraísos do mundo, em virtude da beleza dos seus campos e jardins, repletos de palácios, de árvores de toda espécie.

Quando chegou o momento da partida, não perdeu a oportunidade de partir com a primeira caravana que tomou o caminho da Índia. E, apesar dos incômodos decorrentes da longa e penosa jornada, chegou são e salvo ao ponto de encontro com os dois irmãos.

Ali, que chegara pouco antes de Ahmed, perguntou ao príncipe Hussan há quanto tempo se encontrava esperando. Ao lhe responder Hussan que cerca de três meses, ele respondeu:

‘Nesse caso, não deveis ter ido muito longe.’

‘Não vos elucidarei agora’, disse Hussan, ‘mas posso garantir-vos que levei mais de três meses para lá chegar.’

‘Se é assim’, respondeu Ali, ‘é certo que naquele país vos demorastes muito pouco.’

‘Meu irmão, enganais-vos. Fiquei naquele país precisamente cinco meses, e se quisesse poderia ter ficado mais tempo.’

‘Se não voltastes voando’, respondeu Ali, intrigado, ‘não entendo como possa fazer três meses que aqui vos encontrais, à nossa espera.’

‘Não vos menti, meu irmão’, acrescentou Hussan. ‘O enigma, pois, deve permanecer-vos um enigma, só vos será revelado quando aqui chegar Ahmed, o mais moço de nós. Aí, então, vos direi que raridade logrei adquirir na minha viagem.’

Fez uma pausa, e continuou:

‘Quanto a vós, não sei o que trouxestes, pois não percebo grande mudança no volume da vossa bagagem.’

‘E vós, Hussan, a não ser este insignificante tapete aparentemente de pouco valor, não achais que também posso zombar de vós? Como parece que pretendeis fazer um mistério do que trouxestes, também eu farei do que trouxe comigo um mistério.’

‘A raridade que vem comigo’, respondeu Hussan, um tanto irritado, ‘é tão superior a qualquer outra, que não teria a menor dificuldade em vo-la mostrar e declarar-vos quais as extraordinárias qualidades que possuí. Não receio que a que trazeis convosco a supere. No entanto, esperemos para eliminar qualquer dúvida a chegada de Ahmed, que não deve demorar.’

Ali não quis prosseguir na discussão. Contentou-se em ficar com a sua certeza de que o canudo superava, e em muito, qualquer objeto, por mais interessante, por mais fora do comum, que os dois irmãos tivessem obtido.

Finalmente, surgiu o príncipe Ahmed. Os três abraçaram-se como bons irmãos que eram, felicitando-se mutuamente por tornarem a encontrar-se no lugar estipulado um ano antes. Hussan, sendo o mais velho, disse então:

‘Meus irmãos, tempo não nos faltará para contarmos um ao outro as vicissitudes das jornadas que empreendemos. Falemos, agora, do que mais importa. Deveis estar lembrados, sem dúvida, do motivo que nos levou à aventura. Mostremos o que trouxemos, e vejamos a quem o sultão, nosso pai, irá dar a preferência. O que eu trouxe da viagem, como raridade das raridades, é este tapete em que estou acomodado. À primeira vista é comum e parece não valer muito. Mas, quando vos disser qual é a sua particularidade, ficareis assombrados, e concordareis que nunca se vos deparou coisa semelhante. Quem nele se sentar e desejar ser conduzido seja para onde for, por mais distante que seja o lugar, se verá a ele transportado quase no mesmo instante. Fiz a experiência antes de gastar as minhas quatro mil moedas de ouro, e não choro o dinheiro. Muito pelo contrário. Por exemplo, quando aqui resolvi voltar, não me servi de outro transporte, e comigo veio o meu servidor, que vos poderá dizer quanto tempo gastamos. Se quiserdes, provarei o que afirmo. Haverá coisa no mundo que se compare ao meu maravilhoso tapete?’

‘Realmente é preciso convir que o vosso tapete é o que de mais deslumbrante se possa achar, se na verdade possuí a propriedade que lhe atribuí. Entretanto, creio que devereis reconhecer a existência de outras coisas tão notáveis como a vossa, se não mais. Para vos convencer, este canudo de marfim que estais vendo não parece ser valioso como na realidade é. Paguei por ele a mesma quantia que pagaste pelo vosso tapete, e estou

satisfeitíssimo com a compra. Quando souberdes que o experimentei, e que olhando por uma das extremidades posso ver o que mais desejar, reconheceréis que não fui iludido. Eis o canudo, fazei vós mesmo a experiência.’

Hassan pegou o canudo de marfim, e aproximando uma das extremidades dos olhos, desejou ver o que mais lhe interessava, ou seja, a princesa Nurunihar, e ver como estava passando. Ahmed, que o fitava, assustou-se ao vê-lo de súbito mudar de cor, como quem sofre enormemente. Hussan não lhe deu tempo de qualquer pergunta:

‘Meus irmãos’, disse, ‘foi em vão que empreendemos tão louca viagem tanto eu como vós, na esperança de termos por recompensa a formosa Nurunihar. Daqui a instantes a infeliz estará morta. Vi-a, agora mesmo, no seu leito, rodeada de todas as criadas e dos eunucos, que, chorando, parecem estar à espera do desenlace. Olhai, vede vós mesmos, e acrescentai as vossas lágrimas às minhas.’

Ali pegou ansiosamente o canudo de marfim, olhou, e, amargurado, o apresentou a Ahmed para que também o irmão mais moço assistisse àquela triste cena.

Ahmed olhou, e percebendo que a adorada princesa agonizava, disse aos irmãos:

‘Ela, que constitui para nós três tudo na vida, está em condições que muito a aproximam da morte. Mas, se não perdermos tempo, ainda poderemos salvá-la.’

Tirou do peito a maçã, e, mostrando-a aos outros dois, acrescentou:

‘Esta maçã, meus irmãos, me custou o mesmo que pagastes pelo tapete e pelo canudo de marfim. A oportunidade que se apresenta de vos mostrar as suas extraordinárias virtudes fez que eu não lamente o dinheiro por ela dado. Tem a virtude de fazer com que qualquer pessoa readquira a saúde, mesmo que esteja agonizando. Fiz experiências, e não tenho dúvida. Mostrar-vos-ei o seu valor à cabeceira da princesa Nurunihar, se nos apressarmos em socorrê-la.’

‘Se é assim’, respondeu o mais velho dos irmãos, Hussan, ‘transportemo-nos para o palácio de nosso pai com o meu tapete mágico, e não percamos

mais tempo com palavras inúteis. Sentai-vos nele, como eu. Cabemos os três, mas antes ordenemos aos servidores que partam junto para lá, a fim de se unirem a nós.’

Dadas as ordens, Ali e Ahmed sentaram-se no tapete mágico, ao lado de Hussan, e tendo os três o mesmo interesse, desejaram ser levados ao aposento da princesa. Realizou-se-lhes o desejo, e foram conduzidos tão velozmente que não perceberam sequer que tinham chegado ao lugar almejado.

A inesperada presença dos três irmãos assombrou tanto as mulheres como os eunucos, que não conseguiam compreender por que estranhas artes os príncipes tinham aparecido no meio deles. Não tendo sido reconhecidos imediatamente, já se aprestavam os eunucos para atirar-se contra eles e expulsá-los... Mas, percebendo num instante o erro que iam cometer, detiveram-se.

Ahmed, mal se viu no quarto de Nurunihar, e vendo a princesa agonizante, levantou-se do tapete, imitado pelos outros dois irmãos, aproximou-se do leito, e fez com que ela aspirasse o aroma da maçã maravilhosa. A princesa abriu os olhos, virou a cabeça para os lados, olhou os que a rodeavam, e, sentando-se no leito, pediu que a vestissem, como se acabasse de despertar de um sono normal. A princesa, não cabendo em si de contentamento por aquele milagre, disse-lhes que devia a vida aos três primos, e sobretudo a Ahmed. Ela, manifestando-lhes a alegria por revê-los, agradeceu-lhes, e, em particular, a Ahmed. Desejando vestir-se, limitaram-se os irmãos, que sentiam o maior prazer por terem contribuído para que se restabelecesse e que lhe desejavam longos anos de vida.

Enquanto a jovem, completamente refeita, se vestia, os príncipes, abandonando o aposento, foram prostrar-se perante o seu pai, o sultão, e tributar-lhe os devidos respeitos. O rei já fora prevenido pelo chefe dos eunucos da repentina chegada dos filhos, a quem se devia a milagrosa cura da sobrinha. O sultão acolheu-os, pois, com um júbilo duplo, pelo fato de os rever, após prolongada ausência e, ao mesmo tempo, por saber que a sobrinha, a quem amava como se fosse sua própria filha, se refizera, apesar de ter sido abandonada pelos maiores médicos do reino. Depois das saudações e das efusões, apresentaram os três ao pai as raridades que tinham trazido.

Hussan mostrou-lhe o tapete. Ali, o canudo de marfim. E Ahmed, a maçã milagrosa. Contaram cada um por sua vez as maravilhosas virtudes dos objetos e suplicaram ao pai que declarasse a quem dava a preferência no casamento com a princesa Nurunihar.

O sultão da Índia ouviu tudo pacientemente, sem interromper os filhos. Por algum tempo não respondeu, como se estivesse refletindo no que lhe cabia responder. Finalmente, respondeu:

‘Meus filhos, eu procederia à escolha, se pudesse fazê-la com justiça. Mas vede vós mesmos a extrema dificuldade! Ahmed, é verdade que minha sobrinha vos deve a cura, que realizastes com a maçã artificial. Mas teríeis conseguido salvá-la, se não fosse o canudo de Ali e o tapete de Hussan? Vós, Ali, com o canudo de marfim destes a conhecer a vossos irmãos que Nurunihar estava quase morrendo, e é grande a obrigação que todos nós vos devemos. Tudo, porém, houvera sido inútil sem o tapete que vos transportou até aqui. Quanto a vós Hussan, a princesa seria extremamente ingrata, se não vos tivesse gratidão. No entanto, de que vos teria valido o tapete sem o canudo de marfim de Ali, que mostrou o perigo, e sem a maçã de Ahmed, que realizou a cura? Chego, portanto, à conclusão de que não posso dar preferência a nenhum dos três pelos objetos que me trouxeram. Estais os três em igualdade, e como Nurunihar só pode desposar um dentre vós, o problema continua e o único lucro que tivestes com as vossas penosas jornadas foi haverdes contribuído em partes iguais para lhe recuperar a saúde. Logo, preciso recorrer a outro meio para escolher acertadamente. Havendo tempo até o anoitecer, realizaremos a nova experiência agora mesmo. Ide pegar o vosso arco e uma flecha e rumai para fora da cidade, à grande planície onde se fazem os exercícios de cavalaria. Irei também, e a princesa pertencerá àquele dentre vós que atirar mais longe a flecha. Devo dizer-vos, contudo, que tenho inúmeras raridades no meu tesouro, mas nenhuma que se compare de leve às que me trouxestes, e pelas quais muito vos agradeço. O tapete, o canudo e a maçã terão o primeiro lugar na coleção, e não ficarão inertes, mas serão usados segundo as necessidades.’

Nada puderam objetar os três irmãos à decisão do pai. Assim, afastando-se, recebeu cada um o seu arco e flecha, e juntos rumaram para a planície

mencionada, seguidos de enorme multidão, uma vez que o povo fora avisado da estranha competição.

O sultão não demorou. Hussan, sendo o mais velho dos três príncipes, empunhou decididamente o arco e a flecha, e atirou. Foi depois a vez de Ali, cuja flecha ultrapassou bastante a do irmão. Em último lugar atirou Ahmed, mas ninguém logrou ver onde foi cair a sua flecha. Procuraram-na inutilmente por toda parte. Nada! Nem o próprio Ahmed conseguiu descobri-la.

Embora se soubesse que ele era quem mais longe havia atirado a flecha, e, portanto, merecia a mão da princesa, sendo preciso achar a flecha, por mais que ele insistisse com o sultão, este resolveu julgar em favor de Ali. Foram, pois, ordenadas as solenidades das núpcias celebradas dali a poucos dias.

Hussan não compareceu. Sinceramente apaixonado pela princesa, não teve forças para enfrentar o enorme desgosto de vê-la passar ao braço do irmão. Foi tão grande o seu ressentimento que, abandonando a corte, renunciou aos direitos de sucessão e vestiu o hábito de dervixe, indo viver sob as ordens de um famoso xeique, senhor de reputação e de vida exemplar.

Ahmed, pela mesma razão que Hussan, seu irmão, também não participou das festas de casamento de Ali e da princesa Nurunihar. Mas não renunciou ao mundo. Não conseguindo atinar de que modo a flecha por ele atirada desaparecera, resolveu procurá-la. Para tanto, partiu do ponto em que tinham sido apanhadas as de Ali e de Hussan. Continuando então a caminhar e investigando constantemente à direita e à esquerda, andou de tal modo que achou inútil o seu trabalho. Prosseguiu, entretanto, e chegou a uns rochedos muito altos que lhe impediam a passagem e que se achavam a cerca de quatro léguas do lugar do que partira.

Aproximando-se dos rochedos, avistou uma flecha. Examinando-a bem, pasmou de verificar que era exatamente a que ele atirara.

‘É ela!’, exclamou. ‘Nem eu, nem mortal nenhum, seria capaz de lançar uma flecha a essa distância.’

Refletindo, chegou à conclusão de que ela havia batido no rochedo, para, depois, cair por terra.

‘Deve haver nisto um mistério, e o mistério só me pode trazer vantagem. A sorte, depois de me fazer chorar, privando-me de uma criatura que seria para mim a felicidade, talvez me reserve outra.’

Sendo a face daqueles rochedos bastante irregular, com pontas e reentrâncias, enveredou o príncipe por uma das grutas assim formadas, e, relanceando o olhar por toda parte, notou uma porta que aparentemente não tinha fecho. Ahmed pensou que ela estivesse fechada, mas empurrou-a e ela se abriu, dando-lhe a ver uma descida bem suave, sem degraus. O jovem, sem medo, segurando a flecha com a mão, desceu. Teve a impressão de que iria chegar a um lugar escuro, mas imediatamente outra luz bastante diversa da que havia deixado lhe apareceu. A cinquenta passos mais ou menos, divisou um esplêndido palácio, que ele, no entanto, não teve tempo para examinar. Uma jovem de aspecto majestoso e de uma formosura que nem a riqueza do tecido nem as joias conseguiam ofuscar, caminhou até o vestíbulo, acompanhada de inúmeras mulheres.

Ahmed diminuiu o passo para tributar àquela maravilhosa criatura os seus respeitos. Por sua vez, a jovem dirigiu-lhe a palavra:

‘Príncipe Ahmed, aproximai-vos. Sede bem-vindo.’

Pasmou Ahmed ao ser chamado pelo nome numa região da qual jamais ouvira falar, embora vizinha da capital do pai. Não compreendia como podia ser conhecido por uma jovem desconhecida. Aproximando-se, lançou-se-lhe aos pés; depois, levantando-se, disse:

‘Senhora, à minha vinda a um lugar onde era de temer que eu não fosse bem-acolhido em vista da minha ousadia agradeço-vos de coração. Mas permitir-me-eis perguntar-vos por que motivo não vos sou desconhecido?’

‘Príncipe’, respondeu a jovem, ‘entremos no salão. Lá vos explicarei tudo.’

Precedendo o jovem príncipe Ahmed, conduziu-o ao salão, maravilhoso, pintado de ouro e azul, aformoseado por uma cúpula e pela inestimável riqueza dos móveis. Aquilo se afigurou tão diferente e inusitado ao jovem príncipe que ele não pôde deixar de manifestar sua profunda admiração.

‘Garanto-vos’, respondeu-lhe a jovem, ‘que esta sala é a menos bela do meu palácio, e haveis de convir com o que vos afianço quando tiverdes visto as outras.’

Subiu, sentou-se num sofá e, mandando que o príncipe se acomodasse ao seu lado, disse:

‘Príncipe, estranhais que eu vos conheça, sem que vós me conheçais. No entanto, sabeis que a vossa religião vos ensina que o mundo é habitado tanto por homens como por gênios. Sou filha de um gênio, dos mais poderosos, e chamo-me Pari-Banu. Portanto, ponde de lado a admiração de eu vos conhecer, bem como ao sultão, vosso pai, além dos príncipes vossos irmãos e da princesa Nurunihar. Sei do vosso amor e da penosa jornada que empreendestes para conquistar um ideal, pois fui eu que mandei vender em Samarcanda a maçã artificial que adquiristes, em Bisnagar o tapete comprado por Hussan, e em Xiraz o canudo de marfim que ficou com Ali.

‘Creio que isto basta para demonstrar-vos que tudo quanto vos diz respeito é conhecido por mim. Acrescento que me parestes digno de outra sorte que não apenas a de possuir a princesa, vossa prima, e para tanto, estando presente quando lançastes a flecha, que agora estais segurando na mão, e que não iria nem sequer além da de Hussan, peguei-a no ar e lhe imprimi força bastante para ir bater contra os rochedos, a cujos pés a descobristes. De vós é que depende exclusivamente aproveitar uma ocasião que vos trará muito maior felicidade.’

Pari-Banu disse essas últimas palavras num tom diferente, olhando ternamente para Ahmed, e depois, abaixando os olhos, enquanto o rubor lhe cobria as faces. Ahmed compreendeu imediatamente o que ela pretendia dizer. Certo de que nunca mais Nurunihar lhe pertenceria, e que Pari-Banu a superava ilimitadamente em formosura, em encantos, em ternura, assim como pela riqueza, o que era fácil depreender pelo seu atavio e pelo esplendor do palácio em que vivia, congratulou-se por sua ideia de descobrir o paradeiro da flecha, e, não resistindo ao pendor que o inflamava, disse:

‘Senhora’, respondeu, ‘embora pelo resto da vida devesse ser vosso escravo, sempre me consideraria o mais venturoso dos mortais. Não recuseis, e eu vos peço perdão, admitir-me à vossa corte.’

‘Príncipe’, disse a extraordinária fada, ‘sendo como sou há muitíssimo tempo senhora absoluta da minha vontade, não será como escravo que vos admitirei à minha corte, mas como senhor da minha pessoa e de tudo que é

meu, casando-me convosco. Não vos considereis ofendido com a minha proposta. Já vos disse que faço o que quero, e acrescento que as fadas, com os homens, não procedem como as mulheres. Nós, fadas, não duvidamos em nos declarar, e consideramos que o homem nos deve eterna gratidão por isso.’

Ahmed não respondeu. Reconhecido, aproximou-se dela para beijar-lhe a barra do vestido, mas ela não lhe deu tempo. Apresentando-lhe a mão, que ele se apressou em beijar com arroubo, disse-lhe:

‘Príncipe, dais-me o vosso coração como vos dou o meu?’

‘Senhora, que poderia eu fazer melhor, e que me proporcionasse maior prazer? Minha sultana, minha deusa, eu vos dou meu coração.’

‘Pois bem’, respondeu a fada, ‘sois meu esposo e eu vossa esposa. Entre nós não se realizam de outra maneira os casamentos e, apesar de tudo, são mais firmes que entre as criaturas humanas. Agora, enquanto será preparado o festim de celebração para esta noite, como deveis ter fome, pois nada comestes desde ontem, fareis uma leve refeição, e, em seguida, visitareis os vários aposentos do meu palácio. Vereis, então, se não é verdade que este salão é o aposento menos luxuoso.’

Várias criadas, que tinham entrado no salão com ela, notando qual era a sua intenção, saíram, para depois de algum tempo trazer iguarias e excelente vinho.

Ahmed comeu e bebeu. Em seguida, Pari-Banu o levou de aposento a aposento, e ele viu os diamantes, os rubis, as pérolas, as esmeraldas, todo tipo de pedras finas e todo tipo de mármore dos mais valiosos.

‘Príncipe’, disse-lhe Pari-Banu, vendo-o atônito, ‘se assim admirais o meu palácio, que haveis de dizer dos chefes dos nossos gênios, incomparavelmente mais belos e maiores? Neste instante, poderia levar-vos ao jardim. Mas ficará para outra vez. Anoitece, e é tempo de irmos à mesa.’

A sala em que Ahmed entrou, a convite da fada, e onde já estava posta a mesa, era a última do palácio, mas em nada inferior às outras. Ahmed ficou embevecido com a iluminação oriunda de um sem-número de velas, perfumadas, constituindo um espetáculo digno de se ver. Admirou, outrossim, num grande aparador, a riquíssima baixela de ouro, e um coro de

jovens, muito bem-trajadas, encantadoras, que imediatamente iniciaram um concerto de vozes e instrumentos.

Sentaram-se ele e Pari-Banu à mesa. A fada cuidou de servir Ahmed, oferecendo-lhe as mais delicadas iguarias. Como o príncipe nunca as tivesse visto, as elogiava, afirmando que nunca lhe haviam servido um banquete comparável àquele. Gabou também a excelência do vinho, somente servido à sobremesa de frutas, bolos e outras delícias.

Terminando a sobremesa, Pari-Banu e Ahmed se afastaram. A mesa foi logo tirada, e os dois sentaram-se no sofá, à vontade, reclinados em coxins de seda. Imediatamente entrou um grande número de gênios e fadas, que começaram uma dança das mais maravilhosas. Finalmente, Ahmed e Pari-Banu levantaram-se, e a dança foi interrompida. Gênios e fadas saíram da sala precedendo os recém-casados, até a porta do quarto nupcial. Depois, retiraram-se.

A festa prosseguiu no dia seguinte, ou melhor, nos dias seguintes. Pari-Banu soube variar tão bem com novas iguarias, novas canções, novas danças e outras diversões, que Ahmed jamais teria podido imaginar.

Tencionava ela não somente dar ao príncipe provas da sinceridade do seu amor como também dizer-lhe que, já nada tendo de pretender na corte do pai, e visto como em parte nenhuma do mundo se lhe depararia felicidade igual à que desfrutava com ela, convinha nunca mais afastar-se dela. Teve êxito. O amor de Ahmed aumentou de tal maneira que ele já não conseguiria deixar de amá-la se um dia ela não o amasse mais.

Passaram-se seis meses. Ahmed, que sempre havia dedicado grande afeto ao pai, desejou revê-lo. Para tanto, porém, era preciso ausentar-se. Falou a respeito com Pari-Banu, e pediu-lhe licença para a viagem.

‘Que vos fiz que vos desagradastes a ponto de pretenderdes realizar essa jornada? Ter-vos-ia esquecido de que me prometestes fidelidade? Não vedes que vos amo apaixonadamente? Creio que deveis ter certeza do que vos afirmo pelas provas que constantemente vos dou.’

‘Minha rainha’, respondeu Ahmed, ‘tenho certeza do vosso amor, e dele seria indigno, se não vos patenteasse a minha gratidão. Se estais zangada com o pedido que vos faço, rogo-vos que me perdoeis. Estou pronto a tudo fazer

para vos alegrar. Se vos pedi licença, não o fiz para desagradar-vos, mas apenas impellido pelo afeto que sempre nutri por meu pai e por querer aliviá-lo da tristeza em que deve ter mergulhado com a minha inexplicável ausência. Contudo, percebendo que não vos agrada absolutamente que eu lhe proporcione tal consolo, submeto-me.’

Ahmed não fingia, e amava verdadeiramente a fada, tanto que não insistiu mais no seu pedido. A fada rejubilou-se com a obediência do marido. Entretanto, o jovem, não logrando esquecer-se inteiramente da intenção de visitar seu velho pai, de vez em quando conversava com ela sobre as qualidades do sultão da Índia. Esperava que um dia ela aquiescesse.

Voltemos ao sultão da Índia. Em plena festa de casamento de Ali e Nurunihar, o sultão afligira-se bastante com o desaparecimento dos outros dois príncipes. Soube que Hussan se afastara para sempre do mundo num lugar que lhe era conhecido. Como bom pai, houvera preferido que Hussan e Ahmed tivessem permanecido na corte, ao seu lado. No entanto, armando-se da paciência, suportou-lhes a ausência, e fez tudo que lhe era dado para descobrir o paradeiro do filho mais moço, enviando emissários a todas as partes do reino, ordenando aos governadores que o obrigassem a regressar à corte. Mas não logrou nenhum êxito. E a sua perturbação aumentou. Costumava falar com o grão-vizir:

‘Tu sabes que Ahmed, meu filho mais moço, é o que sempre amei com predileção, e não ignoras as medidas que tomei para descobri-lo. Mas nada obtive. É tão grande a minha dor por causa disso, que não resistirei se não te apiedares de mim. Rogo-te, pois, que me ajudes com teus conselhos.’

O grão-vizir, que apreciava realmente o velho sultão, e se empenhava em zelar dos negócios do Estado com todo o cuidado, lembrou-se de uma feiticeira da qual se contavam maravilhas. Sugeriu, assim, ao velho sultão que mandasse chamá-la. O sultão consentiu, e o grão-vizir, ordenando que um guarda fosse chamar a feiticeira, ao vê-la chegar ao palácio, levou-a, sem perda de tempo, ao sultão.

‘Mulher’, disse-lhe o sultão, ‘a tristeza em que vivo mergulhado desde que o meu filho mais moço, Ahmed, desapareceu é tão conhecida que, sem

dúvida, não a ignoras. Não poderás, com a arte em que és perita, dizer-me onde se encontra e o que ele faz? Ele ainda vive? Poderei esperar revê-lo?’

A feiticeira respondeu-lhe:

‘Senhor, sou realmente perita na profissão que exerço, mas não me é possível satisfazer tão depressa à vossa pergunta. Se me derdes tempo, todavia, até amanhã, vos darei a resposta.’

O sultão aquiesceu e despediu-a, prometendo que a recompensaria muito bem no caso de ela lhe dar uma resposta satisfatória.

No dia seguinte, regressou a feiticeira, e pela segunda vez a conduziu o grão-vizir à presença do sultão, a quem ela disse:

‘Senhor, esforcei-me, valendo-me da minha arte, mas só logrei saber que o príncipe Ahmed não morreu. Garanto-vos que é verdade. Quanto ao seu paradeiro, nada consegui descobrir.’

O sultão da Índia, muito triste, viu-se obrigado a contentar-se com essa resposta e a viver quase tão perturbado quanto antes.

Voltemos ao príncipe Ahmed. Foram tantas as vezes em que falou do pai à fada, sem jamais manifestar o desejo de visitá-lo, que aquela descrição fez com que Pari-Banu receasse desagradar-lhe, proibindo-lhe de rever seu velho pai. Assim, reconhecendo a injustiça até então praticada, pretendendo obrigar o marido a renunciar a um afeto natural, resolveu dar-lhe a permissão tão almejada.

‘Ahmed, meu amor, tive medo de que, solicitando-me permissão para rever vosso pai, estivésseis procurando apenas um pretexto para abandonar-me. Foi por isso que eu a recusei. Hoje, porém, as vossas palavras me convenceram de que estava errada, e, portanto, concedo-vos a licença que desejais. Uma condição, entretanto, vos imponho: deveis prometer-me, sob juramento, que não vos ausentareis por excessivo tempo, e que voltareis.’

Ahmed quis lançar-se aos pés da criatura amada para provar-lhe melhor toda a sua gratidão, mas foi impedido por ela.

‘Minha sultana’, exclamou ele, ‘sei que me concedeis uma enorme graça, e não conheço palavras que possam exprimir tudo que sinto. O juramento que me pedis de maneira nenhuma me constrange. Eu vo-lo dou com prazer, pois não me é possível de hoje em diante viver longe de vós. Partirei,

e a pressa com que voltarei vos provará que o meu único desejo é viver ao vosso lado o resto da vida.’

Pari-Banu ficou encantada com as palavras do marido. Foram-se-lhe as menores suspeitas!

‘Príncipe’, disse-lhe, ‘parti quando vos aprouver. Quero, antes, porém, dar-vos alguns conselhos sobre a maneira de vos comportar durante a viagem. Em primeiro lugar, não creio que convenha que faleis do nosso enlace ao sultão, vosso pai, nem da minha condição, tampouco do lugar em que viveis. Dizei-lhe que se dê por satisfeito sabendo que sois feliz, felicíssimo, que nada mais almejais, e que a única razão pela qual aparecestes na corte é a de tirar-lhe as preocupações acerca do vosso destino.’

Deu-lhe, para acompanhá-lo, vinte cavaleiros muito bem-montados e armados. Quando tudo ficou pronto, Ahmed despediu-se da esposa, abraçando-a e tornando a fazer-lhe a promessa de que não tardaria em voltar. Levaram-lhe então o corcel que lhe fora destinado; além de muito mais luxuosamente ajaezado, era mais formoso que qualquer outro cavalo do sultão da Índia. Ahmed, agilmente, montou-o e partiu, acenando ainda pela última vez à esposa.

Não sendo longo o caminho que levava à capital da Índia, pouco tempo levou Ahmed para chegar. Mal entrou, o povo, reconhecendo-o com júbilo, o acolheu com estrondosas aclamações. A maior parte o acompanhou até o palácio do sultão. O velho pai, chorando de alegria, o abraçou demoradamente.

‘A ausência, meu filho, para mim foi mais dolorosa ainda pelo fato de, tendo decidido em favor de Ali, temer que me guardásseis rancor, ou tivésseis cometido um ato de desespero!’

‘Meu pai e senhor’, respondeu-lhe Ahmed, ‘deveis compreender que, depois de perder Nurunihar, que havia constituído o único objeto dos meus desejos, não me era possível permanecer na vossa corte e ver a felicidade de Ali, meu irmão. Que se houvera dito do meu amor na corte, na cidade? Que houvéreis vós mesmo dito? O amor não se abandona quando se quer; domina-nos e não permite que raciocinemos. Sabeis que lançando a minha flecha me sucedeu algo de tão extraordinário que duvido que tenha sucedido

a mais alguém. Numa planície limpa como aquela, não foi possível descobrir o ponto em que ela devia ter caído. Perdi uma aposta. Vencido pelo destino, não perdi tempo em me queixar inutilmente. Pelo contrário, para tranquilizar o meu espírito inquieto, afastei-me sem que ninguém percebesse, e rumei para a planície, decidido a achar a flecha perdida. Procurei-a por toda parte, aqui, ali, mais além, mas tudo foi inútil. Não me dei por aniquilado. Continuei a busca, e caminhei quase em linha reta. Já havia percorrido mais de uma légua quando refleti não ser cabível que uma flecha tivesse força suficiente para percorrer tão longo espaço. Assim refletindo, estava prestes a desistir... De repente fui levado, a contragosto, a percorrer outras três léguas... Avistei, então, uma flecha. Peguei-a, examinei-a bem e reconheci a minha. Interpretei o que me sucedera a ser derrotado por Ali como vontade do destino, como mistério que eu precisava explicar. E a explicação tive-a lá mesmo. Há, porém, outro segredo acerca do qual vos rogo que não me leveis a mal se calo. Contentai-vos em saber que sou feliz e que vivo contente com a minha felicidade. No meio da ventura, todavia, lembrei-me de vós, e a saudade me obrigou a visitar-vos, não somente para vos rever como também para vos tranquilizar a meu respeito. É esse o único motivo que aqui me traz. Peço-vos encarecidamente que me deixeis visitar-vos de vez em quando para indagar da vossa saúde.’

‘Meu filho’, respondeu-lhe o sultão da Índia, ‘já sabíeis que não poderia recusar-vos o que me pedis. Gostaria mais, porém, de que resolvêsseis ficar comigo. Se não, dissei-me ao menos onde poderei mandar pedir notícias de vós.’

‘Senhor’, respondeu o príncipe Ahmed, ‘o que me pedis faz parte do mistério que vos citei. Saberei cumprir fielmente com meus deveres, e aqui virei constantemente.’

O sultão da Índia não insistiu, e disse:

‘Filho, não pretendo descobrir o vosso segredo. Mas repito-vos que não me proporcionareis maior prazer que o que me proporcionais com a vossa presença. Sereis sempre muito bem-acolhido, garanto-vos.’

Ahmed permaneceu ao lado do pai durante três dias. No quarto, logo ao nascer do Sol, partiu. Pari-Banu, que não esperava revê-lo tão cedo, deu

mostras patentes do seu enorme júbilo. Os dois, daí por diante, passaram a ter tal identidade de pontos de vista, que o que um queria, o outro também.

Passou-se um mês. Um dia, Pari-Banu, conversando com o marido, disse-lhe:

‘Príncipe, já vos esquecestes de vosso pai? Não vos lembrais de que lhe prometestes visitá-lo de vez em quando? Se há uma coisa que desejo é que mantenhai a promessa feita.’

‘Senhora’, disse Ahmed, ‘não me sinto culpado de nenhum esquecimento. Prefiro ser por vós repreendido por não ter voltado a visitar meu pai a me expor a uma recusa, que aborreceria a vós tanto quanto a mim.’

‘Príncipe, para que isso não suceda, visto que já faz um mês que vos despedistes do sultão da Índia, parece-me não ter entre as visitas tamanho intervalo. Ireis, uma vez por mês, visitá-lo, sem que tenhais de me avisar.’

No dia seguinte, acompanhado pelo mesmo cortejo, partiu de novo o príncipe Ahmed, desta vez, porém, com menos aparato, menos pompa. Com a mesma alegria o acolheu o sultão, seu pai. Durante vários meses continuou, pois, a visitá-lo.

Finalmente, alguns dos vizires, julgado do poder do príncipe, pelo esplendor com que ele se apresentava sempre, e abusando da liberdade que o sultão lhes concedia, começaram a incutir-lhe desconfianças contra o príncipe. Disseram-lhe que convinha descobrir-lhe o paradeiro, de onde lhe vinham tão grandes recursos, pois um dia seria até capaz de uma tentativa para destroná-lo.

O sultão da Índia, não podendo supor nem de leve que Ahmed fosse capaz de tamanha ousadia, respondeu-lhes:

‘Estais errados! Sei que o meu filho me estima e me ama. E confio na sua fidelidade, pois estou certo de que jamais lhe dei motivos de descontentamento!’

Àquelas palavras, um dos vizires respondeu:

‘Senhor, embora não tivésseis podido tomar melhor resolução que a que tomastes no sentido de resolver a pendência entre vossos três filhos quanto ao casamento com a princesa Nurunihar, quem sabe se Ahmed se conformou

realmente com a sorte, como é o caso do príncipe Hussan? Talvez se julgue o único com o direito de merecê-la, e pense que vós o tendes preterido, cometendo atroz injustiça. É claro que o príncipe Ahmed até agora não manifestou nenhum ressentimento, e os nossos temores talvez não tenham fundamento. Mas, Majestade, talvez tenham fundamento, e bom, as nossas suspeitas. Não ignoreis que numa questão tão delicada convém sempre enveredar pelo caminho mais seguro. O príncipe poderá estar dissimulando, e o perigo se torna maior pelo fato de ele, ao que tudo indica, não se encontrar muito distante da capital. Se bem observastes, Senhor, todas as vezes em que aqui aparece, tanto ele como a comitiva, vêm reluzentes. Os cavalos não dão o menor sinal de cansaço. Aí estão sinais tão evidentes das nossas suspeitas, que faltaríamos ao dever se nada vos comunicásseis para que trateis da vossa segurança e da segurança dos vossos territórios.’

E o sultão, pondo fim à discussão, disse:

‘Não creio que o meu filho Ahmed seja tão vil como pretendeis fazer com que eu o veja. Contudo, agradeço o vosso conselho, pois sei que o dais com boas intenções.’

O sultão não deixou de ficar impressionado, apesar de tudo, e resolveu mandar observar o procedimento do filho, sem nada explicar ao grão-vizir. Depois, mandando chamar a feiticeira, disse-lhe:

‘Falaste a verdade quando me asseguraste que Ahmed continuava vivo. Quero, agora, que me prestes outro serviço. Desde que começou a aparecer na minha corte, uma vez por mês, não consegui fazer com que ele me revelasse o lugar em que vive. Creio que és suficientemente hábil para satisfazer a minha curiosidade, sem que ninguém, nem ele, nem outra pessoa, tenha a menor suspeita. Sabes que costuma afastar-se daqui sem despedir-se de mim. Olha, não percas tempo, segue-o e vê por que caminho envereda. Depois conta-me o que descobriste.’

A feiticeira, ao sair do palácio, sabendo em que ponto o príncipe havia achado a flecha perdida, no mesmo instante rumou para lá, e se escondeu ao pé do rochedo, de tal modo que não pudesse ser vista.

No dia seguinte, Ahmed partiu, sem despedir-se do sultão nem de nenhum cortesão. A feiticeira viu-o chegar e acompanhou-o com os olhos,

até que ele e sua comitiva desapareceram.

Formando aqueles rochedos uma barreira intransponível, de tão íngremes que eram, a feiticeira não duvidou: ou o príncipe se metera numa gruta ou entrara num subterrâneo onde só viviam gênios e fadas. Achando que ele entrara numa caverna ou no subterrâneo, como havia imaginado, saiu apressadamente do ponto em que se escondera e rumou para o lugar em que o vira desaparecer. Examinou tudo minuciosamente, mas, não obstante seus esforços, não descobriu a menor brecha, nem a porta de ferro que o príncipe, contudo, vira. O motivo era ser a porta de ferro visível apenas a determinados homens cuja presença fosse do agrado de Pari-Banu.

A feiticeira, percebendo a inutilidade de sua tarefa, teve de se dar por contente com o que pudera averiguar. Indo falar ao sultão, disse-lhe:

‘Senhor, não me será difícil proporcionar-vos a satisfação que desejais sobre o procedimento do príncipe, vosso filho. Não vos direi nada agora do que penso. Para atingir o meu intento, somente vos peço tempo. Quero agir livremente.’

‘Pois tens toda a liberdade’, respondeu-lhe o sultão da Índia. ‘Esperarei com paciência.’

Para animá-la, o sultão deu-lhe um diamante de grande valor.

Ahmed, desde o dia em que obtivera de Pari-Banu permissão para visitar o sultão seu pai, não deixara de cumprir à risca a promessa de uma visita por mês. Assim, a feiticeira aguardou que se passasse um mês. Cerca de dois dias antes, rumou para os rochedos, no ponto em que perdera de vista o príncipe e sua comitiva, e lá esperou, ansiosa em resolver esse mistério.

No dia seguinte, como costumava fazer, saiu o príncipe Ahmed pela porta de ferro, com o mesmo cortejo que o acompanhava em todas as suas viagens à capital do pai. Notando a feiticeira deitada, de cabeça encostada numa pedra, queixando-se, como se estivesse padecendo muito, teve pena dos seus lamentos, e, afastando-se um pouco dos outros, perguntou-lhe o que estava sentindo e o que podia fazer para proporcionar-lhe algum alívio.

A feiticeira, sem erguer a cabeça, e olhando de soslaio para o príncipe, respondeu que sentia enorme dificuldade em respirar. Disse que, de manhã, saíra de casa rumo à cidade, e que durante a caminhada fora acometida por

uma fortíssima febre. Suas forças tinham-na abandonado, e apesar de não querer, vira-se obrigada a parar num lugar ermo e sem ter esperança de conseguir socorro.

‘Mulher’, respondeu-lhe Ahmed, ‘não estais tão longe do auxílio como pensais. Ireis para bem perto daqui, e nesse lugar sereis tratada com o cuidado que as vossas condições exigem. Levantai-vos, pois, e ponde-vos na garupa de um dos cavalos do meu cortejo.’

A feiticeira aceitou a oferta, e para mostrar que jubilosamente a aceitava, fingiu esforçar-se para pôr-se de pé. No mesmo tempo, dois homens da comitiva, apeando-se, ajudaram-na a subir à garupa de um dos animais. O príncipe colocou-se na frente do grupo, e dali a pouco chegou à porta de ferro, aberta por um dos cavaleiros que tomara a dianteira.

Entrou Ahmed, e, chegando ao pátio do palácio, mandou que um dos seus homens fosse avisar a fada de que ele desejava falar-lhe.

Pari-Banu acudiu, sem saber da razão que levava o marido a regressar tão depressa. O príncipe, sem lhe dar tempo para perguntas, mostrou-lhe a feiticeira, que já descera do cavalo e estava sendo amparada por dois homens, e disse:

‘Princesa, suplico-vos que tenhais para com esta criatura a mesma compaixão que eu. Prometi-lhe que vós a aliviaríeis, e estou certo de que não a abandonareis.’

Pari-Banu, que estivera fitando a pretensa enferma enquanto o marido lhe falava, ordenou a duas das suas criadas que a levassem para um dos aposentos do palácio e lá lhe dispensassem os cuidados necessários.

Enquanto as duas criadas cumpriam o que lhes fora ordenado, Pari-Banu, aproximando-se de Ahmed, e falando-lhe quase num murmúrio, disse-lhe:

‘Príncipe, elogio bastante a vossa compaixão, e sinto prazer em corresponder à vossa intenção. Contudo, haveis de permitir-me afirmar sem temor de engano que tal intenção será muito malrecompensada. Não creio que essa mulher esteja tão abalada como pretende, e acho que está tramando alguma coisa que vos causará grandes aborrecimentos. Não vos aflijais, porém, amado esposo. Sejam quais forem as maquinações que se façam

contra vós, saberei livrar-vos de todo perigo. Ide em paz e continuai a viagem até a corte de vosso pai.’

Aquelas palavras não assustaram Ahmed.

‘Minha querida princesa’, respondeu-lhe, ‘não me lembro de uma vez sequer ter feito mal a quem quer que fosse, e não creio que alguém pretenda prejudicar-me. Sempre farei o bem onde quer que se me depare a oportunidade.’

E Ahmed se despediu. Em pouco tempo chegou com o seu cortejo à corte de seu velho pai, sultão da Índia, que o acolheu como sempre, esforçando-se para não lhe dar a mínima mostra de qualquer suspeita.

As duas mulheres incumbidas por Pari-Banu de prestar auxílio à suposta enferma levaram-na para um esplêndido aposento, fizeram-na acomodar-se num sofá e prepararam-lhe um leito luxuoso. Ajudaram-na, então, a deitar-se. Uma das criadas saiu e, regressando dentro de alguns instantes com um vaso de delicadíssima porcelana cheio de licor, o apresentou à feiticeira, enquanto a outra a ajudava a sentar-se no leito.

‘Beba este licor, que é água da fonte dos leões, capaz de curar a mais rebelde das febres. Vereis qual é o seu efeito em menos de uma hora.’

A feiticeira, para fingir melhor, fez-se de rogada, como se aquela poção lhe inspirasse profunda repugnância. Finalmente, bebeu-a, aparentemente com aversão. Deitou-se de novo, e as duas mulheres a cobriram.

‘Repousai agora’, disse-lhe a que havia trazido o licor. ‘Dormi, se vos for possível. Vamos deixar-vos, e quando voltarmos, daqui a uma hora, temos certeza de que estareis muito bem-disposta.’

A feiticeira, que recorrera àquele expediente apenas para conhecer o esconderijo do príncipe Ahmed e saber qual o motivo capaz de levá-lo a renunciar à corte paterna, teve ímpetos de dizer que já se sentia muito melhor. No entanto, a contragosto, teve de esperar pela volta das duas criadas.

Chegaram elas, afinal, e a feiticeira, que se havia levantado e, vestida, se encontrava no sofá, exclamou:

‘Que bebida maravilhosa! O efeito surgiu muito antes do que me dissestes, e eu fiquei vos esperando com impaciência, pois desejo ir ver a

vossa generosa ama e agradecer-lhe a extrema bondade, de que me lembrarei para sempre. Preciso continuar a minha caminhada.’

As mulheres, fadas como a ama, precederam-na e levaram-na até o salão mais rico de todo aquele palácio.

Lá estava Pari-Banu, sentada num trono de ouro maciço guarnecido de diamantes, rubis e pérolas de extraordinário tamanho. Rodeavam-na inúmeras fadas de encantadora beleza e luxuosamente trajadas. Diante de todo aquele esplendor, a feiticeira sentiu-se ofuscada. Prostrando-se diante do trono, não conseguiu abrir a boca para proferir seus agradecimentos. Pari-Banu poupou-lhe o trabalho:

‘Mulher’, disse-lhe, ‘alegro-me bastante pela ocasião que se me deparou de vos servir. Não pretendo retardar-vos. Antes, porém, quero que visiteis o meu palácio. As minhas criadas vos acompanharão.’

A feiticeira, sempre estupefata, prostrou-se pela segunda vez, encostando a testa no tapete que ia até os pés do trono. Depois, recuando, sem proferir uma palavra, deixou que as fadas a conduzissem, contemplando, com assombro e frequentes exclamações, aqueles aposentos, aquelas riquezas que, em outros tempos, tinham estarrecido o príncipe Ahmed. O que mais a assombrou foi que, por fim, as duas fadas lhe afirmaram ser tudo aquilo uma simples amostra da grandeza e do poder da sua ama. Nos seus Estados, dispunha de outros palácios, de número incalculável, igualmente magníficos e, talvez, até mais. Sempre conversando com ela, levaram-na, então, à porta de ferro, e desejaram-lhe uma feliz jornada. A feiticeira retirou-se, agradecendo-lhes tudo que lhe tinham proporcionado.

Depois de dar uns passos, voltou-se a feiticeira para observar a porta de ferro e reconhecê-la. Mas foram inúteis os seus esforços. Aquela porta era invisível para ela. Não obstante, rumou diretamente para o palácio do sultão, radiante por se ter desincumbido da missão que lhe havia sido atribuída. Já na cidade, por ruas pouco frequentadas dirigiu-se ao palácio, onde entrou por uma portinha. O sultão, avisado, ordenou que a levassem à sua presença. Vendo-a um pouco sombria, teve medo de que tivesse malogrado, e disse-lhe:

‘Creio que foi inútil a tua caminhada, e que não me trazes as informações que te solicitei.’

‘Senhor’, respondeu-lhe a feiticeira, ‘permita-me dizer-vos que me desempenhei a contento da missão que me confiastes! Se trago o rosto sombrio é por outra causa que não vos direi qual é. Se tiverdes a paciência de ouvir-me, falarei.’

Contou-lhe de que maneira, fingindo-se doente, conseguira atrair a piedade do príncipe Ahmed, que a mandara conduzir ao seu palácio, onde uma fada, de beleza estonteante, diante da qual não havia mulher da Terra que não desaparecesse, ordenara às duas criadas lhe dispensassem os cuidados necessários. A fada devia, evidentemente, ser esposa de Ahmed. Descreveu, a seguir, as maravilhas do incrível palácio e a majestosidade da fada sentada num trono resplandecente das mais valiosas pedras, cujo valor excedia, indiscutivelmente, a riqueza inteira do reino da Índia.

‘Senhor’, prosseguiu, ‘que pensais da inaudita riqueza dessa fada? Quanto a mim, suplico-vos perdão se ousar dizer-vos que me assusto quando penso na desgraça que pode suceder a Ahmed. Foi por isso que vim aqui preocupada. Ahmed, tenho certeza, jovem de boa índole como é, não terá coragem de empreender nada contra vós. Mas que nos garante que a fada, com os seus atrativos, os seus carinhos, não influirá sobre o jovem marido, inspirando-lhe a perversa intenção de vos arrancar do trono da Índia? Examinai o que vos digo, pois me parece algo de grande importância.’

Não havia dúvida de que o sultão da Índia confiava no excelente caráter do filho. Contudo, não conseguiu furtar-se a um estremecimento com as palavras da feiticeira.

Despedindo-a, disse-lhe:

‘Fizeste um bom trabalho, mulher, e eu te agradeço. Quanto ao aviso, realmente importante, irei discuti-lo com o meu conselho.’

Ao ser notificado da chegada da feiticeira, o sultão da Índia estava conversando com os conselheiros que já lhe tinham inspirado, contra o jovem Ahmed, as suspeitas mencionadas. Ordenando à feiticeira que o seguisse, foi falar novamente com seus conselheiros, e comunicou-lhes o que

acabava de saber, perguntando-lhes quais as medidas que devia adotar para preservar-se de tão grande mal.

Um dos conselheiros, falando por todos, respondeu:

‘Para evitar o mal iminente, senhor, visto que sabeis quem pode ser seu autor, não deveis hesitar em mandá-lo prender e se não tirar-lhe a vida, ao menos encerrá-lo num subterrâneo para o resto da vida.’

Tais palavras foram unanimemente ecoadas pelos outros.

A feiticeira, achando aquilo extremamente violento, solicitou do sultão licença para falar:

‘Tenho certeza de que é para o vosso bem que os conselheiros falam, propondo que se mande prender o jovem príncipe. Contudo, desejo lembrar-lhes que, prendendo o príncipe, mister seria prender também os que o acompanham. Ora, esses companheiros são gênios... Será fácil, pois, agarrá-los? Não desapareceriam num instante, pois que têm a propriedade de tornar-se invisíveis quando mais lhes apraz? E no mesmo momento não iriam avisar a fada? E esta deixaria, sem vingança, tamanha afronta? Se, por qualquer outro meio, conseguirmos livrar o sultão das más intenções do príncipe Ahmed, sem que o soberano pareça imiscuir-se nisso, não conviria mais seguir tal caminho? Se tiverdes confiança em mim, senhor, visto que os gênios e as fadas são capazes de fazer coisas impossíveis aos homens, pedireis ao príncipe Ahmed que, intervindo com a esposa, vos proporcione certas vantagens mediante as quais tirareis grandes lucros. Por exemplo, quando pretendeis sair, sois obrigado a prodigiosas despesas com o séquito. Não poderíeis solicitar de vosso filho que arranjasse com a fada um pavilhão que possa caber numa das mãos e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar todo o vosso séquito, e até o vosso exército se necessário? Nada mais vos digo. Se o príncipe vos trazer o pavilhão, diante das perguntas será obrigado a vos responder, elucidando; se não vo-lo trazer, a vergonha fará com que nunca mais pise na vossa corte, e ele desaparecerá de vez com a fada. Não tereis de recear mais coisa nenhuma, e ninguém poderá atirar-vos ao rosto a morte de vosso próprio filho.’

A feiticeira terminou de falar. O sultão perguntou aos seus conselheiros se tinham coisa melhor para propor-lhe. Vendo-os calados, resolveu seguir a

sugestão da feiticeira, mais de acordo com os seus sentimentos humanitários.

No dia seguinte, quando Ahmed se apresentou ao sultão, seu pai, que se achava rodeado dos conselheiros, não fez com que a conversa sobre assuntos diversos continuasse. De repente, o sultão, voltando-se para o filho, disse-lhe:

‘Filho, no dia em que resolvestes tirar-me da profunda tristeza que me causava a vossa prolongada ausência, rodeastes de mistério o lugar que havíeis escolhido para o vosso retiro. Não desejei descobrir o vosso segredo. Não sei que motivo tivestes para agir dessa maneira com um pai que sempre se interessou pela vossa felicidade. Sei que sois feliz e aprovo de todo coração a decisão que tomastes de vos casar com uma fada digna, sob todos os aspectos, de ser amada. Poderoso como sou, não teria logrado procurar-vos um casamento igual. Na vossa elevada dignidade, peço-vos que continuéis a manter relações comigo, como até agora fizestes, e que empregueis também todo o prestígio de que desfrutais com tão generosa fada para que ela me auxilie no que se me faça necessário. Não ignorais, Ahmed, as grandes despesas a que me vejo obrigado quando me ponho a caminho em tempo de guerra. Tenho de cuidar de pavilhões, de barracas, de camelos e de outros animais de carga. Estou certo de que vos seria fácil obter com a fada vossa esposa um pavilhão capaz de caber numa das minhas mãos e sob o qual poderia abrigar-se todo o meu exército. Ela, por amor a vós, não me recusará tal pedido. É fato conhecido o poder que têm as fadas para as coisas mais extraordinárias!’

Não esperava o jovem príncipe tal exigência do pai, que lhe pareceu sobremaneira difícil, ou melhor, impossível. Não ignorava, é certo, o poder dos gênios e das fadas, mas duvidava que sua esposa fosse capaz de lhe arranjar um pavilhão como o que lhe era pedido. Além do mais, até aquele dia nunca pedira a Pari-Banu coisa que, de leve, se assemelhasse àquilo, contentando-se com as suas ininterruptas demonstrações de amor e tratando de lhe corresponder, sem outro interesse que não o de ficar ao seu lado. Assim, viu-se seriamente embaraçado para responder.

‘Senhor’, respondeu, finalmente, ‘se vos escondi o que me sucedeu e a resolução que tomei depois de achar a flecha desaparecida foi por me parecer tudo isso coisa de menor importância. Não sei quem vos desvendou o

mistério, mas sou obrigado a reconhecer que vos contaram a verdade. Sou o marido da fada. Amo-a e creio que ela me corresponde. Infelizmente nada sei da influência que asseverais que possuo com ela. Jamais a experimentei, nem sequer me cruzou a mente tal ideia, e desejaria que me dispensásseis deste passo. Mas o que um pai pede é ordem para o filho, que, como eu, considera dever obedecer-lhe em tudo. Embora contra a vontade, e até com aversão, pedirei a minha esposa que vos satisfaça o desejo. Nada vos prometo. Se deixar de vir aqui tributar-vos os meus respeitos será porque nada consegui, e de antemão vos solicito perdão.'

O sultão da Índia respondeu ao filho:

'Seria enorme o meu pesar se o meu pedido fosse causa de nunca mais vê-lo. Percebo que ainda não conheceis bem o poder que o marido exerce sobre a mulher. A fada daria provas de que vos quer apenas muito pouco, se, dotada dos poderes que lhe são facultados como fada, vos recusasse tamanha insignificância. Não temais, Ahmed. Ide, pedi, e vereis que a fada, amando-vos, como nem imaginais, saberá conceder-vos o pedido. São inúmeros os que, não solicitando, se privam de grandes vantagens. Assim como vós não lhe recusaríeis nada, porque lhe tendes amor, assim também ela vos não recusará, porque vos ama realmente.'

Ahmed não ficou contente com aquelas palavras, e teria gostado mais que o pai lhe tivesse pedido qualquer outra coisa sem expô-lo a cair no desagrado de Pari-Banu. Aborrecido com aquilo, dois dias antes do que fazia habitualmente, partiu. Ao chegar ao palácio, a fada, que sempre o vira regressar alegre, perguntou-lhe o motivo de tão drástica mudança. Notando que Ahmed, em vez de responder, indagava da sua saúde, respondeu-lhe:

'Responderei à vossa pergunta, mas depois de responderdes à minha.'

O príncipe desculpou-se várias vezes, afirmando que não tinha nada. Quanto mais se desculpava, porém, mais insistia sua esposa.

'Não posso vê-lo neste estado sem que me expliques o que vos desgosta. Deve ser importante o motivo, e não posso imaginar outra coisa senão o falecimento do sultão, vosso pai.'

Ahmed não resistiu às instâncias da fada.

‘Senhora, permita Deus que meu pai viva ainda inúmeros anos, abençoado até o fim dos seus dias. Está com perfeita saúde; logo não é isso que me aborrece. O que me aborrece é o pedido que ele me fez, e que devo transmitir-vos. Em primeiro lugar, bem sabeis o cuidado que tomei para não revelar o nosso segredo. No entanto, o sultão foi informado de tudo.’

Pari-Banu interrompeu-o:

‘Mas eu sei. Não vos lembrais do que eu vos disse daquela criatura que se fingiu de doente e da qual vos apiedastes? Pois foi ela que contou tudo ao sultão. Disse-vos, naquela ocasião, que ela estava tão doente como eu, e agora tendes a prova! Quando as minhas duas criadas, seguindo a minha recomendação, lhe deram de beber a água que cura todo tipo de febre, e de que ela certamente não precisava, fingiu que ficara curada e fez com que a levassem ao aposento onde eu me encontrava para despedir-se de mim, e ir o quanto antes relatar tudo que havia conseguido ver. Tinha tamanha pressa, que partira sem sequer ver o meu palácio! Agora, vejamos de que modo vosso pai vos obrigou a me ser importuno, o que vos garanto que não se verificará.’

‘Senhora’, disse o príncipe Ahmed, ‘já vistes que até agora, certo do vosso amor, nunca vos pedi favor nenhum. Depois de uma esposa tão excepcional, o que mais poderia eu desejar? Sei quais são os vossos poderes, mas havia resolvido nunca experimentá-los. Não sou eu, mas meu pai quem vos pede um pavilhão que possa abrigá-lo a ele e toda a corte, além do exército, e que, ao mesmo tempo, caiba numa das mãos.’

‘Príncipe’, respondeu a fada, sorrindo, ‘que pena haver-vos embaraçado por tão pouco. Indubitavelmente, deveis ter pensado que o que vosso pai me pedia era superior às minhas forças. Pois, meu amado esposo, isso para mim é uma ninharia, e, se necessário, é-me dado realizar coisas muito mais difíceis. Tranquilizai-vos, pois, e estai certo de que sempre com enorme prazer vos concederei tudo que me solicitardes.’

Terminando, mandou a fada que a tesoureira fosse à sua presença, e, ao vê-la, disse-lhe:

‘Nurgihã, traze-me já o maior pavilhão que se encontre no meu tesouro.’

Passado algum tempo, voltou Nurgihã trazendo um pavilhão que podia ser posto na palma da mão. A ama pegou-o e deu-o ao príncipe Ahmed para que o examinasse.

Ahmed, percebendo aquilo a que Pari-Banu chamava pavilhão, o maior pavilhão, segundo dissera, pensou que estivesse zombando dele, e deixou transparecer todos os sinais de assombro. Pari-Banu desatou a rir:

‘Como, príncipe! Julgais que pretendo rir de vós? Pois haveis de ver que estais enganado.’ ‘Nurgihã’, acrescentou, voltando-se para a tesoureira, e entregando-lhe o pavilhão que retirara das mãos de Ahmed, ‘vai armá-lo, e o príncipe verá, então, se nele cabe ou não o pai, a corte e seu exército.’

A tesoureira, saindo do palácio, afastou-se bastante, para que o pavilhão, uma vez armado, tocasse um dos lados do palácio. Quando terminou, o príncipe o achou tão grande, que nele, não duvidou, caberiam dois exércitos iguais ao que o pai sustentava!

‘Princesa’, disse a Pari-Banu, ‘peço-vos humildemente perdão por ter desconfiado dos vossos poderes.’

‘Estais vendo’, respondeu-lhe a fada, ‘que o pavilhão é realmente maior do que a necessidade. E olhai que tem a propriedade de se ampliar ou encolher à proporção do que tiver de abrigar.’

A tesoureira desarmou o pavilhão, reduziu-o ao tamanho com que Ahmed o vira pela primeira vez, e entregou-o. Ahmed pegou-o, e, no dia seguinte, sem mais tardança, montando a cavalo e como sempre acompanhado do seu séquito, rumou para a corte do seu pai.

O sultão da Índia, certo de que um pavilhão como o que pedira era uma coisa impossível, espantou-se com a rapidez do regresso do filho. Aceitou o presente e foi tanto o seu assombro que muito lhe custou refazer-se. Mandou-o armar na grande planície e reconheceu que dois exércitos do tamanho do seu lá se acomodariam perfeitamente.

Aparentemente manifestou ao filho a gratidão que lhe devia, e rogou-lhe que transmitisse os seus agradecimentos à excelente fada Pari-Banu. Depois ordenou que fosse o milagroso pavilhão cuidadosamente guardado no seu tesouro. Não deixou, todavia, de doer-se pelo fato de ser o filho capaz de executar coisas infinitamente superiores a tudo que ele pudesse sequer

imaginar. Decidido, pois a ver morrer Ahmed, voltou a consultar a feiticeira, e esta lhe sugeriu que pedisse ao filho um pouco da água da fonte dos leões.

De tarde, durante a recepção habitual aos cortesãos, e estando o príncipe Ahmed presente, falou-lhe o pai:

‘Meu filho, já vos manifestei todo o meu agrado pelo presente maravilhoso que me trouxestes, para mim o objeto mais valioso do meu tesouro. Quero, porém, que me arranjeis outra coisa igualmente agradável. Fui informado de que vossa esposa se vale de uma água da fonte dos leões capaz de curar qualquer tipo de febre, por mais perigosa que seja. Não duvido de que me obsequieis com uma garrafa desta água. Será para mim um presente bastante útil. Prestai-me tal serviço e mais uma vez demonstrareis toda a vossa ternura.’

Ahmed, que já imaginava que o velho pai se daria por bastante satisfeito com o milagroso pavilhão, e não pediria outras coisas capazes de indispor-lo com a fada, pasmou, e passados alguns momentos, respondeu:

‘Meu pai, suplico-vos acreditar que não há coisa que eu não esteja disposto a fazer para que os vossos dias se prolonguem, mas queria que tal sucedesse sem o intermédio de Pari-Banu. Não ousou prometer-vos que vos trarei a água. O que posso assegurar-vos é que a pedirei a minha esposa, embora a contragosto, como quando lhe pedi o pavilhão.’

No dia seguinte, já de novo ao lado de Pari-Banu, narrou-lhe Ahmed o que se havia passado na corte do pai, quando o pavilhão lhe fora apresentado.

‘Princesa’, concluiu, ‘meu pai me solicitou outro presente, ou seja, água da fonte dos leões. Depende exclusivamente de vós concedê-lo ou recusá-lo. Não tenho interesse nenhum nisso, e não quero senão o que quiserdes.’

‘Estimo que o sultão, vosso pai, saiba que não me sois indiferente, e portanto vou contentá-lo. Apesar dos conselhos que a feiticeira lhe dá, e que não são dos melhores, ele há de se enganar. Há malícia no que vos pede, e vós o percebereis pelo que ides ouvir. A fonte dos leões encontra-se no meio do pátio de um grande castelo, cuja entrada está guardada por quatro leões dos mais poderosos. Enquanto dois deles dormem, os outros dois vigiam. Não vos espanteis, porém, pois saberei dizer-vos o meio de passar por eles sem nenhum perigo.’

Pari-Banu estivera até então a costurar, e, tendo ao seu lado alguns novelos de fio, pegou um e entregando-o ao príncipe Ahmed, disse-lhe:

‘Primeiro pegai este novelo. Daqui a pouco vos direi qual o seu uso. Depois mandai aprontar dois bons cavalos; montareis um deles e levareis o outro pelas rédeas, indo ele carregado com um carneiro cortado em quatro pedaços. Em terceiro lugar, arranjareis uma garrafa para a água. Amanhã, de manhã cedo, partireis para o castelo, e depois de sairdes pela porta de ferro, atirareis à vossa frente o novelo. Ele rolará até a porta do castelo. Vós o seguireis e, visto que a porta estará aberta, vereis os quatro leões; os dois acordados, rugindo ameaçadoramente, acordarão os outros dois. Não tenhais medo, Ahmed. Sem vos apeardes do cavalo, lançareis a cada um, um quarto do carneiro, e sem perderdes mais tempo fugireis no vosso cavalo. Em rápido galope chegareis à fonte, encheis a garrafa e voltareis com a mesma velocidade. Os leões, ainda ocupados com a carne, não vos impedirão a saída.’

Ahmed partiu no dia seguinte à hora marcada por Pari-Banu e fez tudo direitinho, como ela lhe havia ensinado. Chegando à porta do castelo, atirou os pedaços de carneiro aos quatro leões, e, passando pelo meio deles, atingiu a fonte e encheu a garrafa de água; depois, voltou e saiu do castelo. Já um pouco afastado, voltando-se, notou que dois dos terríveis leões o perseguiam; sem medo, brandiu o alfanje e aguardou-os. Notando, contudo, que um dos leões se afastava um pouco, manifestando-lhe com a cabeça e a cauda que não pretendia fazer-lhe o menor mal, e sim apenas precedê-lo, enquanto o outro permanecia atrás para segui-lo, embainhou o alfanje e prosseguiu até a capital da Índia, onde entrou, sempre acompanhado pelos dois impressionantes leões que só o deixaram à porta do palácio. Viram-no entrar, e, então, voltaram pelo mesmo caminho, incutindo pavor em todos os que cruzavam com eles.

Vários oficiais correram a ajudar Ahmed a apear e acompanharam-no até o aposento onde se encontrava o sultão. Ahmed, aproximando-se do trono, colocou a garrafa de água da fonte dos leões aos pés do trono, beijou o tapete que cobria o estrado e levantando-se a seguir, disse:

‘Meu pai, eis a água da saúde que desejastes pôr no rol das coisas valiosas do vosso tesouro. Desejo-vos uma saúde tão perfeita que jamais dela necessitarás.’

O pai mandou que ele se sentasse à sua direita:

‘Filho, muito vos devo pelo extraordinário que acabais de me trazer, sobretudo pelo grande perigo a que vos expusestes. Por favor, dizei-me de que maneira vos saístes da emergência.’

‘Senhor’, respondeu o príncipe Ahmed, ‘tudo que se passou devo apenas a minha esposa, não tendo eu mérito algum na obtenção da água que tanto almejáveis.’

Explicou, então, ao pai, que conselhos lhe dera Pari-Banu. O sultão, após ouvi-lo com grandes provas de júbilo, mas intimamente corroído pelo ciúme, levantou-se e recolheu-se para o interior do palácio, onde lhe foi levada a feiticeira, que ele, entretanto, mandara chamar.

A feiticeira, ao chegar, poupou ao sultão o trabalho de lhe falar de Ahmed e do êxito do seu empreendimento. A notícia, que imediatamente se alastrara, fora ter aos seus ouvidos, e ela já preparava um meio infalível para o que pretendia. Comunicou-o ao sultão, e, no dia seguinte, na reunião dos cortesãos, o soberano o repetiu ao príncipe:

‘Meu filho, só me resta um pedido para vos fazer. Depois, nada mais exigirei de vós, tampouco da fada, vossa esposa. Quero um homem que não tenha mais do que um pé e meio de altura, com uma barba de trinta pés, capaz de trazer aos ombros uma barra de ferro de quinhentos arráteis e que dela se sirva como de bordão; deve também saber falar.’

Ahmed, não podendo supor que houvesse no mundo um ser com aquelas características, pretendeu desculpar-se. Mas o pai insistiu no pedido.

No dia seguinte, voltando ao reino de Pari-Banu, comunicou o novo pedido do sultão, segundo ele menos possível que os dois anteriores.

‘Não consigo imaginar’, acrescentou, ‘que exista no mundo um anão desses. Não sei o que meu pai quer na realidade, e temo que deseje matar-me. Como pode pretender que lhe arranje um homenzinho desse tamanho e com força tão descomunal? De que maneira haveria eu de avir-me para

obrigá-lo a sujeitar-se à minha vontade? Espero, minha querida esposa, que me livreis desta atrapalhada.'

'Príncipe', respondeu-lhe a fada, 'não tendes medo. Não há perigo nenhum que enfrentar para arranjarmos esse anão. É meu irmão, Chaibar, que, em nada se assemelhando fisicamente a mim, apesar de sermos filhos do mesmo pai, possui um temperamento tão encolerizado que a todo instante dá sinais do seu cruel ressentimento. Com exceção disso, porém, é a melhor criatura deste mundo, e sempre disposto a qualquer serviço que lhe peçam. É precisamente como o descreveu vosso pai, e como arma usa apenas uma barra de ferro de quinhentos arráteis. Vou mandá-lo chamar já e vereis se não vos disse a verdade. Advirto-vos, porém, que não vos assusteis com o seu aspecto medonho.'

'Minha mulher', disse o príncipe Ahmed, 'Chaibar é vosso irmão? Por mais impressionante que seja, eu, ao vê-lo, tenho certeza de que o estimei e considerarei meu parente.'

A fada mandou trazer para o vestíbulo um incensário de ouro, com brasas e uma caixinha do mesmo metal. Da caixinha tirou o perfume que lá estava guardado, e, jogando-o no incensário, fez com que se levantasse uma densa fumaça.

Transcorridos alguns instantes, ela disse ao príncipe Ahmed:

'Meu príncipe, meu irmão vem chegando. Não o estais vendo?'

Ahmed olhou e viu Chaibar, com um pé e meio de altura, caminhando gravemente com a barra de ferro aos ombros. A barba tinha realmente trinta pés. Chaibar usava espessos bigodes erguidos até a ponta das orelhas, os olhos eram de porco, metidos bem dentro das órbitas, a cabeçorra enorme e protegida por um gorro pontiagudo. Finalmente, para completar aquela hediondez, Chaibar era duplamente corcunda, na frente e atrás.

Se Ahmed não tivesse sido avisado por Pari-Banu, teria experimentado grande medo. Sabendo, porém, que se tratava do irmão da mulher amada, esperou-o com coragem.

Chaibar, fitando duramente Ahmed, perguntou a Pari-Banu quem era ele.

‘Irmão’, respondeu-lhe ela, ‘este jovem é meu marido, chama-se Ahmed e é filho do sultão da Índia. Se não vos convidei para a festa de casamento foi para não vos distrair da missão em que vos havíeis empenhado, da qual, segundo me informaram, voltastes vitorioso.’

Proferidas tais palavras, Pari-Banu aguardou. Chaibar, fitando então Ahmed com benevolência que, em nada, porém, lhe diminuía a altivez, nem o aspecto feroz, disse:

‘Minha irmã, poderei ser útil a este jovem? Se assim é, basta falar. Já que é vosso marido, estou pronto a ajudá-lo no que me for possível.’

‘O sultão, pai do meu marido’, respondeu Pari-Banu, ‘quer vê-lo. Haveis, portanto, de permitir que Ahmed, meu marido, vos conduza até a sua corte.’

‘Vamos partir já, estou pronto’, respondeu Chaibar.

‘Irmão’, disse Pari-Banu, ‘já é tarde para a jornada. Convém que espereis até a manhã. Mais tarde vos contarei tudo o que se passou entre o sultão da Índia e o príncipe Ahmed.’

No dia seguinte, ficando a par do que era necessário que conhecesse, Chaibar partiu, em companhia de Ahmed, que iria apresentá-lo ao sultão, seu pai.

Chegados à capital, todos os que viram Chaibar trataram imediatamente de esconder-se, mergulhando nas lojas e nas casas, trancando as portas. Quanto mais Chaibar e o príncipe avançavam, mais desertas encontravam as ruas e praças. Os porteiros do palácio, por sua vez, fugiram cada qual para um lado, deixando inteiramente livre o acesso. Ahmed e Chaibar foram até a sala do conselho, onde naquele momento o sultão dava audiência, sentado no trono.

Chaibar, de cabeça erguida, aproximou-se orgulhosamente do trono e, sem esperar qualquer apresentação, disse ao sultão da Índia:

‘Chamaste-me, não foi? Aqui estou. O que pretendes de mim?’

O sultão, para não ver aquela monstruosidade, cobrira os olhos com as mãos. Chaibar, indignado com tamanha descortesia, levantando a tremenda barra de ferro, gritou:

‘Fala, responde-me, o que pretendes de mim?’

E num instante lhe arrebentou a cabeça, sem que Ahmed pudesse esboçar o menor sinal de intervenção. O que logrou fazer foi que o impressionante anão não liquidasse, da mesma maneira, o grão-vizir, que sempre lhe ministrara os mais sábios conselhos.

‘Nesse caso, são estes’, gritou Chaibar, ‘os que deram ao sultão os maus conselhos?’

E matou os demais vizires, todos adutores do velho sultão e inimigos de Ahmed.

Terminada a medonha tarefa, Chaibar saiu da sala do conselho, e no meio da corte, tendo aos ombros a barra de ferro, fitando severamente o grão-vizir, que se encontrava ao lado de Ahmed, disse-lhe:

‘Sei que há neste palácio uma feiticeira mais inimiga do meu cunhado do que qualquer um desses infames que acabo de matar. Quero vê-la já!’

O grão-vizir, amedrontado, mandou buscá-la e Chaibar, acertando-lhe a barra de ferro na cabeça, disse:

‘Vê se agora aprendes a não dar maus conselhos e fingir-te de doente. Isto não é ainda bastante’, acrescentou. ‘Punirei de morte a cidade inteira, se não reconhecer já o príncipe Ahmed como sultão da Índia.’

Os presentes apressaram-se em gritar:

‘Viva o sultão Ahmed!’

Dentro em pouco, na cidade, por toda parte, ressoou a mesma aclamação. Chaibar ordenou ao cunhado que vestisse o traje de sultão da Índia, que se sentasse no trono e depois de lhe prestar homenagem e jurar-lhe fidelidade, partiu em busca de Pari-Banu, levando-a à corte de Ahmed, no meio de grande pompa, passando ela a ser sultana da Índia.

O príncipe Ali e a princesa Nurunihar, que nunca tinham tramado coisa alguma contra o príncipe Ahmed, receberam de Ahmed o rendimento de uma província importante com a sua capital, onde foram viver. Hussan, seu irmão mais velho, foi informado da mudança que acabava de se realizar, e o novo sultão ofereceu-lhe a província que mais lhe agradasse. Hussan, porém, considerando-se perfeitamente feliz na sua solidão, mandou agradecer bastante a Ahmed, protestou-lhe obediência e limitou-se a pedir-lhe que lhe permitisse continuar a ter a vida que escolhera.”

A HISTÓRIA DAS DUAS IRMÃS QUE INVEJAVAM A IRMÃ MAIS NOVA

Sherazade, continuando a entreter o sultão da Índia com os seus maravilhosos contos, começou a narrar-lhe outra história:

“Um príncipe da Pérsia, chamado Kosruxá, principiando a travar conhecimento com o mundo, gostava de aventuras noturnas. Assim, disfarçava-se algumas vezes, e seguido de um dos seus homens de confiança, também disfarçado, percorria os bairros da cidade. Na primeira saída, efetuada dias depois de ter subido ao trono, vago pela morte do pai, o novo sultão Kosruxá, para conhecer o que realmente sucedia, saiu do palácio pelas duas horas da madrugada, acompanhado pelo grão-vizir, como ele também disfarçado. Achando-se num arrabalde de gente pobre, ao passar por determinada rua, ouviu falar em voz alta. Impelido pela curiosidade, aproximou-se da casa de onde vinham as vozes, e, espreitando por uma fresta da porta, viu três irmãs sentadas num sofá, conversando, depois de terem comido. Percebeu imediatamente pelo que dizia a mais velha que o assunto da conversa eram os desejos.

‘Já que estamos falando de desejos’, disse ela, ‘o meu seria desposar o padeiro do sultão; só assim comeria à vontade do delicado pão que servem exclusivamente ao sultão.’

‘Eu’, disse a segunda irmã, ‘gostaria de casar-me com o cozinheiro do palácio. Assim, comeria maravilhosas iguarias, e teria, ao mesmo tempo, o delicado pão que tão grande desejo vos desperta.’

A irmã mais nova, extremamente formosa e mais espirituosa que as mais velhas, interveio:

‘Eu, minhas irmãs, não me contento com desejos de tão pouca monta. Aspiro a coisa muito melhor. Portanto, desejaria ser esposa do sultão. Dar-lhe-ia um príncipe de cabelos de ouro num dos lados e de prata no outro, e quando chorasse, as lágrimas seriam pérolas. Todas as vezes que sorrisse, os lábios seriam semelhantes a um botão de rosa que se entreabre.’

Pareceram aqueles desejos tão estranhos a Kosruxá, que ele não hesitou em satisfazer a vontade das três irmãs. Sem nada falar da resolução ao grão-vizir, incumbiu-o de observar bem a moradia, a fim de, no dia seguinte, ir buscar as três irmãs e levar-lhes à sua presença.

O grão-vizir, no dia seguinte, cumprindo a ordem recebida, só deu às três irmãs tempo de vestir-se às pressas. Explicou-lhes apenas que o soberano queria vê-las. Levou-as ao palácio. O sultão perguntou-lhes:

‘Lembraí-vos ainda dos desejos que manifestastes ontem de noite? Respondei-me!’

As três irmãs, não esperando aquele interrogatório, ficaram sem saber o que fazer, de olhos baixos, profundamente envergonhadas, tão graciosas, que o sultão teve pena. Assim, para tranquilizá-las, acrescentou:

‘Não temais. Não vos mandei chamar para vos entristecer. Como percebo que a pergunta que vos dirigi não vos revela a minha intenção, e como sei também qual é o desejo que cada uma de vós expôs, vou devolver-vos a paz de espírito. Vós, que desejáveis desposar-me, ainda hoje sereis minha esposa. Vós’, e voltou-se para as outras irmãs, ‘também tereis os vossos casamentos, uma com o padeiro, outra com o cozinheiro.’

Declarara o sultão a sua vontade. A irmã mais nova, prostrando-se-lhe aos pés em sinal de gratidão, disse:

‘Senhor, desejamos isso apenas como brincadeira. Não sou digna da honra que me fazeis, e peço-vos perdão pela minha ousadia.’

‘Não, não! Há de se cumprir o desejo de cada uma!’

Celebraram-se as núpcias no mesmo dia, como havia o sultão resolvido. As da irmã mais moça foram com grande pompa e demonstrações de regozijo. As das outras duas irmãs foram apenas com o esplendor que se podia esperar da posição dos respectivos maridos.

As duas sofreram tremendamente com aquela desigualdade. Portanto, não se contentando com a ventura que lhes cabia, cada uma, aliás, de acordo com o seu desejo, entregaram-se à inveja, que lhes turvou a alegria e causou grandes desgostos à sultana, a irmã mais jovem. Mal puderam as duas encontrar-se, passados os dias de festa, disse a mais velha:

‘Ah, minha irmã, que vos parece? Julgais nossa irmã mais moça com aspecto de sultana?’

‘Confesso-vos’, respondeu a segunda, ‘que nada compreendo. Não percebo que encantos descobriu nela o sultão, para tornar-se cego a tal ponto. Não éreis vós digna de ser sua esposa?’

‘Minha boa irmã’, respondeu a mais velha, ‘nada objetaria se o sultão vos tivesse escolhido. Mas que fizesse recair a sua escolha numa desleixada, é o que me entristece! Se puder, vingar-me-ei, e creio que vós também tendes o mesmo interesse na vingança. Uni-vos a mim, e procedamos de acordo. Dai-me as vossas sugestões, e eu vos darei as minhas.’

Formado o perverso pacto, visitavam-se frequentemente as duas irmãs, só conversando sobre os meios que podiam empregar para destruir a felicidade da sultana. Cogitaram diversos, mas todos eles de tão difícil realização que se viram obrigadas a pô-los de lado. Algumas vezes, escondendo a espantosa inveja que as corroía, iam visitar a sultana e davam-lhe demonstrações de amizade sincera, para convencê-la de que a estimavam e que se sentiam orgulhosas com a dignidade a que soubera ascender. A sultana acolhia-as sempre com verdadeiro afeto, isenta de qualquer vaidade, e não cessando de amá-las com a mesma cordialidade de antes.

Transcorridos alguns meses, viu-se a sultana grávida. O sultão ficou radiante, e a sua alegria divulgou-se por toda a capital da Pérsia. As irmãs correram a dar-lhe os parabéns e pediram-lhe que, como parteiras, recorresse exclusivamente a elas.

‘Minhas boas irmãs’, respondeu-lhes a sultana, ‘eu o faria com imenso prazer se a escolha dependesse apenas de mim. No entanto, não me é dado deixar de sujeitar-me ao que o sultão estipular. Pedi, contudo, aos vossos maridos que, por sua vez, roguem aos amigos para me conceder o sultão tal graça. Se o sultão me falar no assunto, podeis estar certas de que tentarei persuadi-lo a vos escolher.’

Os dois maridos rogaram aos cortesãos, seus protetores, que instassem com o sultão para que as suas esposas tivessem a honra que tanto almejavam. Foram tão eficazes os protetores que o sultão lhes prometeu pensar na questão. Ao conversar com a sultana, achou o sultão que as duas irmãs seriam

as mais indicadas para o ofício de parteira, mas que, antes de as escolher, desejava o seu parecer. A sultana, diante daquelas palavras, respondeu-lhe:

‘Senhor, dispunha-me a fazer apenas o que ordenásseis, mas já que tivestes a bondade de volver os olhos para minhas boas irmãs, agradeço-vos muito. Podeis ter certeza de que as vereis com melhores olhos que qualquer outra parteira.’

Kosruxá nomeou as duas irmãs. Imediatamente, foram ambas ao palácio, muito alegres por se lhes deparar, finalmente, a oportunidade de uma vingança tão longamente esperada.

Chegado o dia, a sultana deu à luz um príncipezinho lindo como a luz do dia. Infelizmente nem a sua formosura nem a sua ingenuidade conseguiram demover do plano as cruéis irmãs. Envolvendo-o cuidadosamente num xale, enfiaram-no num cesto que deixaram deslizar ao sabor das águas do rio que passava ao lado do aposento da sultana. Depois, substituíram-no por um cãozinho morto, e foram dizer que a este animalzinho é que havia sido dada à luz pela irmã. A desagradável notícia chegou ao conhecimento do sultão, e a sua indignação foi tamanha que houvera sido funesta à pobre rainha se o grão-vizir, intervindo, não lhe tivesse explicado que ele não devia considerá-la, apressadamente, responsável pelas esquisitices da natureza.

O cesto que levava o príncipezinho recém-nascido começou a atravessar o jardim. Por acaso, passeando pelo jardim o intendente dos jardins, este descobriu o cesto que vagava e, chamando um jardineiro, ordenou-lhe:

‘Vai buscá-lo já’, disse-lhe. ‘Quero ver o que contém.’

O jardineiro, valendo-se da enxada, pegou o cesto e levou-o ao intendente.

O intendente ficou intrigado ao se deparar com uma criança recém-nascida nestas condições, cujas feições se revestiam, aliás, de grande beleza. O homem havia muito tempo que era casado, e embora o seu desejo fosse ser pai, até então nada lhe dera a esposa. Interrompendo o passeio, levou o cesto para casa. Chegando à sua casa, a que se tinha acesso pelo jardim do palácio, rumou imediatamente para a sala em que se encontrava a esposa e disse-lhe:

‘Mulher, nunca tivemos filhos. Agora Deus resolveu nos mandar um. Tratai-o com desvelo. Arranjai-lhe uma boa ama, porque, de hoje em diante,

será nosso filho. Desde já o reconheço.’

A mulher, radiante, apossou-se do recém-nascido. O intendente dos jardins não quis fazer indagações para descobrir de onde vinha aquele menino.

‘Sei que veio do lado do aposento da sultana, mas não cabe a mim examinar o que lá se passa.’

No outro ano, a sultana deu à luz a outro príncipezinho. As duas irmãs, mais enfurecidas ainda, não hesitaram, como não haviam hesitado na primeira vez. Puseram-no também num cesto e abandonaram-no ao sabor das águas do rio, dando, em seguida, a entender que a parturiente dera à luz a um gato.

Como na primeira vez, achava-se o intendente ao lado do rio. Chamando um jardineiro, ordenou-lhe que recolhesse o cesto, e fez com o segundo recém-nascido o que já fizera com o primeiro. Levou-o à mulher, que mais radiante ainda ficou.

Quanto ao sultão da Pérsia, indignadíssimo com aquele desenlace, houvera dado vazão ao seu ressentimento, se de novo não o tivesse abrandado o sábio grão-vizir.

Finalmente, passado outro ano, deu a princesa à luz a uma princesinha, a quem coube a mesma triste sorte que os irmãos. As duas irmãs queriam, de qualquer forma, ver a irmã mais moça repudiada, espezinhada, humilhada. A princesinha, mediante a intervenção do piedoso intendente, escapou da mais terrível das mortes, e foi unir-se aos dois irmãozinhos, com quem passou a ser educada.

As duas irmãs acrescentaram a tamanha crueldade a mentira, como antes. Mostrando um pedaço qualquer da madeira, afirmaram e juraram que aquilo era o que fora dado à luz pela sultana.

Kosruxá, daquela vez, não se conteve.

‘Como!’, exclamou. ‘Essa mulher, indigna do meu leito, é capaz de me encher o palácio de monstros! Vou pôr fim a isto, a esta vergonha. Minha esposa é uma megera, e tenho de livrar o mundo de tamanha calamidade!’

Proferindo sua sentença de morte, ordenou ao grão-vizir que mandasse imediatamente executá-la.

O grão-vizir e os cortesãos presentes atiraram-se aos pés do sultão suplicando-lhe que desistisse. O grão-vizir ousou até dizer:

‘Senhor, permita-me lembrar-vos que as leis que condenam à morte só se destinam a punir crimes. Os três partos da sultana, por absurdos que fossem os resultados, não constituem crimes. No que se pode afirmar que ela tenha contribuído para tanto? Todos os dias sucede a mesma coisa a infinidade de mulheres. Dignas de pena é que são, e não de castigo. Por que vos não abstenDES simplesmente de vê-la, deixando-a, todavia, viver? O desgosto será para ela o maior dos suplícios!’

O sultão da Pérsia, percebendo a enorme injustiça que estava prestes a cometer, condenando a infeliz sultana à morte, exclamou:

‘Pois então que viva! Concedo-lhe a vida, mas debaixo de uma condição que lhe fará constantemente desejar a morte. Seja-lhe armada uma barraquinha de madeira, logo na entrada da principal mesquita, e tendo uma fresta constantemente aberta. Será fechada ali, com um vestido dos mais grosseiros. Todos os muçulmanos, quando forem fazer suas preces no templo, deverão cuspir-lhe no rosto. Se alguém faltar a essa minha ordem, será exposto ao mesmo castigo.’

O tom em que o enfurecido sultão proferiu as últimas palavras silenciou a boca do grão-vizir. A pobre sultana foi encerrada na barraquinha e vergonhosamente exposta às injúrias do povo. E ela não havia merecido aquela tremenda punição!

Quanto aos dois príncipes e à princesa, eles foram educados pelo intendente dos jardins e por sua esposa, com verdadeiro carinho de pai e mãe, que aumentava conforme eles iam crescendo. A princesa era formosíssima, e as suas inclinações a distinguiam imediatamente dos filhos de gente comum. O primeiro príncipe foi chamado Bamã, e Perviz o segundo. A princesa recebeu o nome de Parisada.

Quando atingiram a idade ideal, o intendente os confiou a um excelente mestre, que se dispôs a ensinar-lhes a ler e a escrever. A princesa, especialmente, patenteou tal vontade de aprender, que, em pouco tempo, chegou a estar adiantada como os príncipes.

Os dois irmãos e a irmã tiveram sempre os mesmos professores em belas-
artes, geografia, poesia e ciências. Nas ciências ocultas, não achando a menor
dificuldade, realizaram tão soberbos progressos, que os mestres, assombrados,
se viram obrigados a reconhecer que em breve seriam superados. Nos
recreios, a princesa dedicou-se também a estudar música, canto e a tocar
vários instrumentos. Vendo que os dois irmãos aprendiam a montar, não quis
ser-lhes inferior, e acompanhou-os nos seus exercícios; tão bem aprendeu a
montar a cavalo, a conduzi-lo impecavelmente, a atirar flechas e dardos com
a mesma destreza.

O intendente, contentíssimo por vê-los perfeitos no corpo e no espírito,
correspondendo, assim, às enormes despesas que não vacilara em fazer,
tomou outra medida. Até então jamais pensara numa casa de campo.
Adquirindo uma propriedade pouco longe da cidade, que dispunha de terras
de lavoura, prados e bosques, e não lhe parecendo bastante bela nem
confortável a casa, mandou que a pusessem abaixo, e não poupou dinheiro
para erguer outra que fosse a mais linda das cercanias. Todos os dias rumava
para lá, a fim de apressar os numerosos trabalhadores. Mal ficou um dos
apostos pronto, em condições de recebê-lo, começou a passar nele dias a
fio, quando lhe permitiam os seus afazeres. Terminada finalmente a casa,
enquanto a mobiliavam com um luxo que correspondia ao esplendor do
jardim e da construção, ao jardim mandou acrescentar ótimos muros que o
cercavam completamente e nele colocar toda espécie de animais, para que os
dois príncipes e a linda princesa, quando bem quisessem, se distraíssem
caçando.

Tudo pronto definitivamente, o intendente foi atirar-se aos pés do sultão,
e, após lhe dizer há quanto tempo exercia as funções de intendente e, com o
pretexto dos achaques consequentes da idade, lhe solicitou demissão. O
sultão concedeu-a, e perguntou-lhe o que lhe era dado fazer para compensá-
lo pelos valiosos préstimos de tão longos anos de trabalho.

‘Senhor’, respondeu-lhe o intendente, ‘muitos benefícios recebi de vosso
pai, antes, e de vós, agora, a tal ponto que só me resta ambicionar a ventura
de morrer gozando da vossa estima.’

E despediu-se do sultão Kosruxá, partindo imediatamente para a sua propriedade do campo, levando, em sua companhia, os dois príncipes e a formosa princesa Parisada. A esposa, havia alguns anos, morrera. Depois de viver com os três filhos queridos cerca de alguns meses, um mal repentino o levou, sem lhe dar tempo de proferir uma palavra sequer sobre a origem dos príncipes, o que, aliás, resolvera fazer.

Os príncipes Bamã e Perviz, e a princesa Parisada, que não conheciam outro pai a não ser o bondoso intendente, choraram amargamente sua morte e prestaram-lhe todas as honras fúnebres com amor e gratidão. Satisfeitos com a herança recebida, continuaram os três a viver juntos sempre com a mesma amizade que os ligara e sem nenhum objetivo na corte.

Um dia, estando os dois príncipes caçando e a princesa em casa, uma fiel muçulmana, bem velhinha, bateu à porta e pediu licença para entrar e fazer as suas orações. A princesa, avisada, ordenou imediatamente que a deixassem entrar e a conduzissem ao oratório mandado erguer pelo falecido intendente na casa. Mandou, em seguida, que quando ela terminasse as suas orações, lhe mostrassem a vivenda e o jardim, e a levassem, então, à sua presença.

A muçulmana, pois, entrou, orou, e quando terminou, duas servidas de Parisada a levaram para ver a casa e o jardim. Visitou ela aposento após aposento, e revelou-se perfeita conhecedora de móveis e decorações, sabendo avaliar tudo com excelente critério. Percorreu, também, o jardim, que achou maravilhoso, classificando de verdadeiro artista o seu criador. Finalmente, foi à presença da princesa, que a aguardava num grande salão, superior em beleza e em luxo a tudo que lhe fora dado examinar no resto da maravilhosa moradia.

‘Minha mãe’, disse-lhe a princesa, mal a viu, ‘aproximai-vos e sentai-vos perto de mim. Estou contente com esta oportunidade que me proporciona alguns momentos de boa conversação com uma pessoa como vós, que enveredou pelo bom caminho, entregando-se ao poderoso Alá.’

A muçulmana, em vez de sentar-se no sofá, preferiu sentar-se no chão. Opôs-se, no entanto, a princesa. Levantando-se, pegou-lhe a mão e a obrigou a se acomodar no sofá. A muçulmana ficou sensibilizada.

‘Senhora’, disse, ‘nem sempre me tratam com tamanha cortesia. Se vos obedeco é porque me ordenais.’

Antes de começarem a conversa, uma das criadas serviu-lhes numa mesinha muito baixa, de ébano, com incrustações de pérola, bolos e frutas, além de vinhos.

Parisada, pegando um dos bolos, ofereceu-o à muçulmana.

‘Minha mãe, comei deste, e escolhei as frutas que mais vos agradam. Tendes de refazer suas forças!’

‘Senhora’, respondeu-lhe a mulher, ‘não fui acostumada a comer iguarias tão finas, e se obedeco é porque não posso recusar o que Alá me oferece, mediante mão liberal como a vossa.’

Enquanto ela comia, a princesa fez-lhe várias perguntas sobre os exercícios espirituais a que se entregava, sobre a maneira pela qual vivia. A muçulmana respondeu sempre com grande modéstia. Finalmente, Parisada perguntou-lhe o que achava daquela casa, se lhe agradava.

‘Senhora, eu deveria ter péssimo gosto se nela visse defeitos. A casa é alegre, está esplendidamente mobilada, e os ornatos são os melhores. Situa-se num terreno muito bem-escolhido e não é possível imaginar um jardim mais sedutor que o que a cerca. Todavia, com a vossa permissão, não quero ocultar nada do meu pensamento, e tomo a liberdade de vos dizer que, se não lhe faltassem três coisas, esta casa seria, indiscutivelmente, incomparável.’

‘Minha boa mulher’, respondeu Parisada, ‘dizei-me quais são essas três coisas. Peço-vos por Alá, pois nada pouparei para possuí-las, desde que me sejam possíveis.’

‘Senhora, a primeira dessas três coisas é o pássaro que fala, chamado Burbulezar, e que tem a capacidade de atrair todos os pássaros que cantam. A segunda é a árvore que canta; as suas folhas não são outra coisa senão bocas, que iniciam um interminável concerto de vozes diversas. A terceira, finalmente, é a água amarela, cor de ouro; basta uma só gota posta num tanque, e ela começa a crescer de tal modo que imediatamente o enche, e no meio se ergue, à guisa de montezinho, que não deixa um instante de se elevar, e se curvar para o tanque, sem que este transborde.’

‘Ah, minha excelente mãezinha!’, exclamou a princesa, ‘como vos sou grata pelas informações que acabais de me dar. Essas coisas são realmente maravilhosas, e eu nunca poderia ter pensado que elas existissem no mundo! Estou certa de que sabeis onde se encontram, e tenho a convicção de que me direis o nome do lugar.’

‘Senhora’, respondeu a muçulmana, ‘seria indigna da vossa generosa hospitalidade se me recusasse a vos obedecer. Tenho a honra de vos dizer que essas três coisas se encontram no mesmo lugar, ou seja, nos limites deste reino, para o lado da velha Índia. O caminho passa aqui em frente da vossa casa. Quem lá for, a mando vosso, deverá perguntar onde está o pássaro que fala, a árvore que canta e a água amarela. O primeiro a quem o perguntar lhe dará a resposta.’ Disse a bondosa muçulmana, e, levantando-se, despediu-se de Parisada.

A princesa, de tão preocupada com as informações recebidas sobre o paradeiro daquelas três coisas maravilhosas, não percebeu que a boa criatura se afastava, a não ser quando desejou fazer-lhe mais perguntas. O que ouvira dos lábios se lhe afigurava insuficiente para iniciar a misteriosa viagem. Contudo, não quis que as criadas a chamassem novamente. Limitou-se, apenas, a cuidar de lembrar-se de tudo. Quando julgou que nada lhe havia escapado, alegrou-se, pensando no enorme júbilo que dela se apossaria no dia em que tivesse a ventura de possuir as três maravilhosas coisas. Ao mesmo tempo, porém, o receio de não as conseguir a deixava em enorme inquietação.

Estava imersa nesses pensamentos quando seus dois irmãos regressaram da caçada. Ao entrarem, e ao verem-na muito triste, e não alegre como sempre costumava acolhê-los, admiraram-se muito.

Foi Bamã que rompeu o silêncio embaraçoso.

‘Minha irmã’, perguntou, ‘por que perdeste a alegria com que sempre nos recebestes? Alguma coisa vos preocupa? Sucedeu-vos, talvez, uma irreparável desgraça? Alguém vos causou algum pesar? Dizei-nos o que se passa convosco, para que tratemos imediatamente de vos vingar, no caso de haver alguém ousado ofender-vos.’

Parisada ficou por algum tempo calada. Por fim, erguendo os olhos, e fitando-os nos dois irmãos, quase imediatamente os abaixou, depois de lhes dizer que não era nada.

‘Minha irmã’, respondeu o príncipe Bamã, ‘não dizeis a verdade. Tenho por mim que, atrás da vossa tristeza, se oculta algo bastante grave. A repentina mudança que eu bem percebo deve ter uma causa. Não vos ofendais se tanto eu como meu irmão não concordamos com uma resposta que de maneira nenhuma nos satisfaz. Insisto, Parisada, contai-nos a verdade, a não ser que prefirais pôr um fim à firme amizade que sempre existiu entre nós.’

Parisada, aflita com a perspectiva de perder a amizade dos dois irmãos, sem a qual não poderia viver, respondeu-lhe.

‘Já que vós ambos insistis e apelaís para a nossa velha amizade, vou contar-vos o que me aflige. Sempre acreditamos, todos, que esta casa legada a nós pelo nosso bondoso pai, era completa e nela não faltava nada. Hoje, soube que faltam aqui três coisas, o pássaro que fala, a árvore que canta e a água amarela.’

Explicou-lhes as qualidades das três coisas e acrescentou:

‘Foi uma muçulmana quem me fez tal observação e me ensinou o lugar no qual se encontram, além do caminho pelo qual a elas se chega. Hão de parecer-vos, indubitavelmente, coisas de pouca importância para completar esta casa e transformá-la num belíssimo palácio. Quanto a mim, meus irmãos, estou convencida de que as três me são necessárias e só ficarei tranquila quando as vir aqui comigo. Rogo-vos, pois, que me ajudeis com os vossos conselhos.’

‘Irmã’, replicou o príncipe Bamã, ‘tudo quanto vos interessa a nós também interessa. Basta-nos o empenho que tendes em possuir tais coisas, para que decidamos no mesmo sentido. Estou certo de que meu irmão pensa como eu. Por conseguinte, faremos tudo que for possível para arranjar as coisas de que vos falou a boa muçulmana. Dizei-me, agora, o caminho pelo qual devo enveredar, e amanhã, sem falta, partirei.’

‘Meu irmão’, atalhou o príncipe Perviz, ‘não quero que vós, o chefe, vos ausenteis desta casa, talvez por longo tempo. Minha irmã se unirá a mim para

vos forçar a mudar de resolução, e eu partirei no vosso lugar.’

‘Irmão’, respondeu Bamã, ‘não duvido da vossa vontade, e sei muito bem que vos desempenharíeis a contento da missão, mas já resolvi empreender a viagem, e hei de empreendê-la. Ficareis ao lado de nossa irmã, e não me é mister recomendá-la a vós.’ Disse Bamã, e passou o resto daquele dia nos preparativos.

No dia seguinte, logo ao nascer do Sol, montou a cavalo. Perviz e Parisada abraçaram-no desejando venturosa jornada. De repente, lembrou-se a princesa de uma coisa de que se havia esquecido na comoção daqueles momentos:

‘Ah, meu irmão, não me ocorriam os perigos que têm de enfrentar os que viajam. A perder-vos, prefiro nunca ver o pássaro que fala, nem a árvore que canta, nem a água amarela.’

‘Irmã’, respondeu o príncipe Bamã, sorrindo, ‘já tomei a resolução como afirmei repetidamente, e creio que me permitireis executá-la. Os acidentes que temeis sucedem aos incautos. É claro que posso ser um incauto, mas também poderei ser um dos felizardos que em muito superam os infelizes. Sendo, contudo, incerto o futuro e podendo eu malograr no empreendimento, aqui vos deixo meu punhal.’

Bamã tirou um punhal e o apresentou à princesa acrescentando:

“Tomai-o e, de vez em quando, tirai-o da bainha. Enquanto se mantiver limpo como está agora, indicará que estou vivo. Se, porém, notardes que por ele escorre sangue, podeis ter a certeza de que já não estou vivo. Nesse caso, orai por mim.’

Bamã despediu-se, após tal arenga, dela e do príncipe Perviz e, bem-equipado, iniciou a viagem, sem desviar-se nem para a direita nem para a esquerda, atravessando a Pérsia. No vigésimo dia, deparou-se-lhe à beira do caminho um horrendo velho, sentado à sombra de uma árvore, um pouco distante de miserável cabana que lhe dava abrigo.

As sobancelhas, alvas como a neve, atingiam-lhe a ponta da nariz. A barba e os cabelos, também alvíssimos, alcançavam-lhe os pés. Tinha as unhas das mãos e dos pés de comprimento descomunal. Usava um chapéu chato e

muito largo, mais parecido a um guarda-sol. Em vez de roupa, metera-se numa esteira.

Era um dervixe, retirado do mundo havia muitos anos, e entregue exclusivamente a Deus.

Bamã, logo de manhãzinha, prestara o máximo de atenção a fim de verificar se não encontraria alguém que lhe pudesse dizer aonde devia ir. Aproximando-se do dervixe, deteve o animal, apeou-se e saudou-o:

‘Meu pai, Alá vos prolongue os dias e vos conceda a satisfação dos vossos desejos.’

O dervixe respondeu-lhe, mas de maneira tão pouco inteligível que Bamã nada conseguiu compreender. Vendo Bamã que o fato se devia ao bigode que quase lhe tapava a boca, e não querendo continuar sem receber a informação tão necessária, pegando um par de tesouras que consigo trazia, disse:

‘Bom dervixe, preciso falar convosco. O vosso bigode, porém, não permite que eu vos ouça; assim, rogo-vos que deixeis que o corte, bem como as sobrancelhas, que, desfigurando-vos, vos transformam num verdadeiro urso.’

Não se opôs o bom dervixe. E Bamã executou o que havia planejado. Pronto o serviço, e notando que o dervixe tinha faces coradas e aparentava menos idade que a que na realidade tinha, acrescentou: ‘Se tivésseis um espelho, veríeis como rejuvenescestes.’

Os cuidados do príncipe forçaram o dervixe a sorrir: ‘Senhor’, respondeu, ‘não sei quem sois, mas vos agradeço muito pelo que fizestes por mim, e estou pronto a vos dar prova da minha gratidão. Se vos apeastes foi porque precisáveis de alguma coisa. Dizei-me do que se trata, e, se me for dado, terei o prazer de vos ajudar.’

‘Bom dervixe’, respondeu Bamã, ‘venho de muito longe e ando à procura do pássaro que fala, da árvore que canta e da água amarela. Sei que as três coisas não podem estar longe daqui, mas não sei precisamente em que lugar se encontram. Assim, rogo-vos que me mostreis o caminho certo, para eu não perder tão longa jornada.’

À medida que ia falando, observou Bamã que o dervixe mudava de cor, abaixava os olhos e assumia um aspecto grave a ponto de, em vez de responder, calar.

Bamã insistiu: ‘Meu bom pai, creio que ouvistes o que vos pedi. Respondei-me se sabeis ou não o que vos perguntei. Se não o souberdes, tratarei de procurar informações adiante.’

O dervixe, rompendo o silêncio, disse-lhe: ‘Senhor, sei o caminho que tendes de seguir, mas a simpatia que por vós senti desde o início me mantém irresoluto, e não sei se convém que vos diga, ou não.’

‘Que há que vos possa impedir?’, indagou Bamã.

‘Contar-vos-ei tudo’, respondeu o dervixe. ‘Acreditai-me, o perigo a que ides de encontro é muito maior que o que supondes. Já inúmeros outros jovens, ousados como vós, passaram por aqui e me dirigiram a mesma pergunta. Fiz o possível para dissuadi-los, mas acabei por lhes satisfazer a vontade, e todos tiveram péssimo êxito. Até hoje nenhum deles regressou. Ouvi-me, jovem, ouvi-me, voltai, voltai para vossa casa!’

Bamã não desistiu da sua intenção.

‘Acredito que o vosso conselho é realmente sincero, e agradeço-vos a vossa prova de amizade. Contudo, por maior que seja o perigo com que me alertais, nada me fará mudar de opinião. Contra os que pretenderem atacar-me tenho boas armas, e ninguém me superará na coragem.’

‘Mas’, disse o dervixe, ‘e se os vossos inimigos forem invisíveis?’

‘Não faz mal’, respondeu o príncipe. ‘Nada me afastará do meu caminho. Dai-me, por favor, a informação que vos pedi!’

Reconhecendo o dervixe que não conseguiria de maneira nenhuma fazer com que o rapaz desistisse da perigosa ideia, enfiou a mão numa sacola que lhe estava ao lado e de lá tirou uma bola. Entregou-a, então, dizendo:

‘Já que não quereis dar-me ouvidos, aceitai ao menos esta bola. Quando estiverdes montado, jogai-a à vossa frente, e ponde-vos a segui-la. Aos pés de uma montanha, ela se deterá. Vós, então, vos apeareis, e, caminhando, vereis à direita e à esquerda grande quantidade de grandes pedras negras. De todos os lados vos ferirá os ouvidos uma confusão de vozes, que vos insultarão, com o intuito de impedir que chegueis ao cume. Não tenhais medo, jovem,

e não volteis a cabeça, pois, num instante, sereis transformado numa pedra negra, igual às outras, que não passam de rapazes como vós. Se puderdes evitar o perigo, descobrireis uma gaiola, e dentro dela o pássaro que almejais possuir. Como se trata de um pássaro que fala, a ele é que perguntareis o paradeiro da árvore que canta e da água amarela. Ele vos dará a resposta desejada. Nada mais preciso ensinar-vos, agora, mas gostaria que désseis ouvidos ao meu conselho, e que não vos expusésseis ao perigo de morrer. Pensai bem, meu jovem!’

‘Quanto ao conselho’, respondeu Bamã, ‘e pelo qual vos agradeço, já vos afirmei que é impossível segui-lo. Mas obedecerei ao aviso que me destes de não olhar para trás, e creio que, em breve, me vereis de volta, trazendo o que procuro.’ Em seguida, Bamã montou o cavalo e, despedindo-se do dervixe com profunda reverência, atirou para a frente a bola.

A bola rolou com boa velocidade, e o príncipe se viu obrigado a esporear o cavalo para não perdê-la de vista. Ao pé da montanha que o dervixe lhe descrevera, apeou-se, e o cavalo não mais se moveu. Bamã começou a escalada. Não tinha dado senão alguns passos quando ouviu as misteriosas vozes contra as quais o advertia o dervixe. Diziam-lhe umas: ‘Para onde pretende ir esse doido? Que anda querendo? Não o deixeis continuar!’ Diziam-lhe outras: ‘Agarrai-o, matai-o! Ladrão, assassino!’ Outras ainda sussurravam: ‘Não lhe façais mal, é um bom rapaz e bem merece a gaiola e o pássaro que fala!’

Apesar de todos aqueles empecilhos, ia Bamã subindo, tratando de animar-se. Mas as infernais vozes se multiplicaram de tal maneira que ele teve medo. Pôs-se a tremer, hesitou, cambaleou e, notando que suas forças diminuíram, completamente esquecido da advertência do bom dervixe, voltou-se para fugir... No mesmo instante, foi transformado numa pedra negra, o mesmo sucedendo ao seu cavalo. Mais uma vítima da montanha.

A princesa Parisada, após a partida do irmão, não havia deixado um dia de desembainhar o punhal que ele lhe deixara, para saber se continuava vivo. Durante vários dias, teve o prazer de saber que ele não morrera e que gozava da mais perfeita saúde. Com Perviz conversava frequentemente sobre Bamã.

Finalmente, no triste dia em que o pobre Bamã foi transformado em pedra, estando Perviz e Parisada juntos, disse o irmão:

‘Parisada, tirai o punhal. Vamos ver se Bamã está bem.’

Obedeceu-lhe a princesa. E os dois, olhando, notaram que sangue escorria da arma. Parisada, vencida pelo horror, largou imediatamente o punhal e gritou:

‘Ah, meu infeliz irmão! Ele está morto e a culpada foi a minha ambição! Nunca mais voltarei a vê-lo, nunca mais! Que desgraça a minha! Por que tive um dia a insensata ideia de vos falar do pássaro que fala, da árvore que canta e da água amarela? Que motivo tive para me importar com o que dizia a muçulmana? Ah, por que permitiu Alá que ela viesse aqui! Por que me falou de um pássaro, de um árvore e de uma água que, além de imaginários, conduziram meu pobre irmão à morte?’

Também Perviz chorou o desaparecimento do príncipe Bamã. Sem perder, todavia, inutilmente o tempo, e notando pelo tom de voz da irmã que ela continuava a desejar com ardor aquelas três coisas, disse-lhe:

‘Parisada, não convém que fiquemos aqui a prantear o nosso pobre irmão. Não lhe restituiremos a vida. Se esta foi a vontade de Alá, só nos resta submeter-vos obedientemente. Por que haveis de duvidar do que vos disse a leal muçulmana? Achais que vos teria falado das três coisas se soubesse que não existiam, com o único intuito de enganar a vós, que tão excelente acolhida lhe destes? A morte de Bamã ocorreu, com certeza, por um descuido dele. Eu me havia oferecido a partir no lugar dele, e amanhã empreenderei a jornada.’

Parisada fez o possível para o dissuadir da ideia, afirmando-lhe que, assim, iria perder os dois irmãos em vez de apenas um. Perviz, no entanto, não lhe deu ouvidos. Antes de partir, deu à irmã, para que estivesse a par da saúde, um colar de pérolas:

‘Orai por mim durante a minha ausência. Se as pérolas não correrem bem no fio, será sinal de que me coube a mesma sorte que meu irmão. Esperemos que isso não suceda, e que possamos nos rever em breve.’

Perviz partiu, e no vigésimo dia de sua jornada se lhe deparou o mesmo dervixe, e no mesmo lugar. Aproximando-se-lhe, depois de

o saudar, rogou-lhe que lhe ensinasse o paradeiro do pássaro que falava, da árvore que cantava e da água amarela. O bom dervixe expôs-lhe as mesmas dificuldades que já expusera a Bamã, e até lhe contou que, havia pouco, um rapaz muito parecido com ele lhe perguntara a mesma coisa, e nunca mais regressara.

‘Meu bom dervixe’, disse o príncipe Perviz, ‘o rapaz do qual me falais era meu irmão mais velho, e tenho certeza de que morreu, embora não saiba como.’

‘Eu posso lhe dizer’, respondeu-lhe o dervixe, ‘foi transformado numa pedra negra como os demais rapazes que o precederam. E vós também tereis o mesmo fim, se não obedecerdes à risca os conselhos que eu lhe tinha dado.’

‘Dervixe’, insistiu Perviz, ‘agradeço-vos o interesse que tendes pela minha vida, embora para vós não passe de um desconhecido. Digo-vos, contudo, que antes de tomar a resolução que tomei, refleti bastante. Assim, não posso abandoná-la, e rogo-vos que me presteis o mesmo favor que prestastes a Bamã, meu irmão. Talvez eu tenha melhor êxito do que ele.’

‘Vejo que não me é dado fazer-vos desistir. Se pudesse, levantar-me-ia e vos daria a bola que tenho nesta sacola e que vos servirá de guia.’

Sem lhe dar tempo de prosseguir, Perviz apeou, e o dervixe entregou-lhe a bola, explicando como devia proceder com ela e como não devia dar atenção às vozes que ouvisse, tampouco voltando a cabeça para trás. Devia continuar a subir a montanha até avistar a gaiola e o pássaro.

Perviz agradeceu e, montando no seu cavalo, atirou a bola à frente, esporeou o animal e seguiu-a. Ao pé da montanha, vendo que a bola se detinha, desmontou. Antes de iniciar a escalada, refletiu bem nos conselhos que o dervixe lhe transmitira. Mais animado, então, iniciou a subida, decidido a chegar ao topo. Já havia dado alguns passos quando ouviu, atrás, uma voz insultante a lhe gritar:

‘Espera aí, temerário, que vou castigar-te!’

Completamente esquecido de tudo que ouvira, Perviz, desembainhando seu alfanje, voltou-se. Mal teve tempo de ver que ninguém o seguia, pois se transformou em pedra, e, com ele, seu cavalo.

Parisada não se desfez um instante das contas de pérolas depois que o irmão partiu. Orava frequentemente, e elas lhe deslizavam pelos dedos. Todas as noites, ao deitar-se, punha-as em volta do pescoço, e, de manhã, ao levantar-se, a primeira coisa que fazia era pegá-las, a fim de verificar se o irmão ia bem. No mesmo instante em que o pobre Perviz, assim como Bamã, se transformou em pedra, Parisada, segurando as contas, percebeu que elas não deslizavam bem pelo fio, e compreendeu que seu segundo irmão também encontrara a morte. Já de antemão, resolvida sobre o que iria fazer no caso de tal desfecho, não perdeu tempo em chorar. Pelo contrário, logo no dia seguinte, disfarçada de homem e armada, montou a cavalo e partiu, seguindo o mesmo caminho que seus dois irmãos.

Habituada a andar a cavalo, suportou perfeitamente a fadiga. Vinte dias depois, encontrou o mesmo dervixe. Apeou-se, aproximou-se dele e, saudando-o, disse-lhe:

‘Bom dervixe, com certeza me permitireis descansar ao vosso lado alguns instantes. Depois, haveis de me contar de um ponto, aqui nas redondezas, onde se encontra o pássaro que fala, a árvore que canta e a água amarela.’

‘Senhora’, respondeu-lhe o dervixe, ‘pois que o vosso tom de voz me prova que sois mulher, apesar do disfarce que envergaís, a vossa gentileza me honra. Sei onde fica o lugar de que me falais; para que, todavia, me dirigis essa pergunta?’

‘Meu amigo’, respondeu Parisada, ‘descreveram-me de tal maneira essas três coisas maravilhosas que não sossegarei enquanto não as possuir.’

‘Senhora, quem vos contou isso apenas a verdade vos contou. Realmente as três coisas que mencionastes são as mais maravilhosas que existem. Mas ninguém vos revelou as tremendas dificuldades que é preciso superar para alcançá-la. Se o soubésseis, é certo que não vos teríeis aventurado a tanto. Ouvi-me, senhora, não continueis, pois ireis ao encontro da vossa ruína!’

‘Dervixe’, disse-lhe a princesa, ‘venho de muito longe e não gostaria absolutamente de voltar para casa sem essas coisas. Dizei-me quais são as dificuldades que devo vencer, e saberei enfrentá-las, pois coragem me não falta!’

O dervixe repetiu-lhe tudo que já havia explicado aos dois irmãos, ao mesmo tempo que lhe exagerava as dificuldades, com o intuito de levá-la a desistir do plano.

Quando terminou de falar, respondeu-lhe a princesa:

‘Percebo pelo que me contaís que a grande dificuldade é, em primeiro lugar, subir até o ponto onde se encontra a gaiola, pois deve ser terrível o medo causado pelas vozes dos seres invisíveis. Em segundo lugar, compreendi que não devo olhar para trás. Espero ter forças suficientes para vencer os obstáculos. Confesso que as vozes são capazes de assustar até o mais ousado dos homens. Não haverá, porém, um ardil que me permita ter êxito?’

‘Que ardil pretendeis empregar?’, indagou o dervixe.

‘Creio que, tapando os ouvidos, as vozes não me ferirão com grande violência os ouvidos, e assim o meu espírito não se perturbaria a ponto de se perder.’

‘Senhora, dentre todos os que até agora a mim se dirigiram, para a conquista das três coisas maravilhosas, ninguém se valeu do ardil que pretendeis usar. Fazei a experiência, e queira Alá que tenhais bom êxito!’

‘Tudo me leva a persistir na resolução que tomei. Sinto que com esse ardil lograrei êxito. Rogo-vos, pois, que me indiqueis que caminho devo seguir.’

Mais uma vez, lhe suplicou o bom dervixe que desistisse. Finalmente, pegando outra bola e mostrando-a, disse:

‘Pegai-a, montai seu cavalo, e lançai-a à vossa frente. Segui-a, e vê-la-eis parar ao sopé da montanha. Então, apear-vos-ei do cavalo e subireis. Lembrai-vos bem do que vos aconselhei!’

Parisada agradeceu ao bondoso dervixe e despediu-se. Montando em seu cavalo, atirou a bola à sua frente e seguiu-a até o pé da fatídica montanha.

Lá, desceu do animal, tapou os ouvidos com algodão e começou a subir ousadamente. Ouviu as vozes. Quanto mais prosseguia, mais fortes se iam elas tornando, sem, contudo, perturbá-la. Choveram-lhe inúmeras injúrias em cima, mas ela se riu intimamente.

‘Não me ofendo com o que gritais’, dizia para si mesma. ‘Gritai quanto quiserdes, que eu me rirei de vós! Saberei continuar no caminho que escolhi!’

Subiu, e de súbito notou o pássaro, que também tratou de intimidá-la, gritando com voz estrondosa:

‘Doida que és, retira-te! Cessa de aproximar-te!’

Parisada, em vez de lhe obedecer, apressou mais o passo, alcançou o topo da montanha, correu diretamente para a gaiola e pegou-a, dizendo ao pássaro:

‘És meu agora, e não me hás de escapar!’

Disse e tirou dos ouvidos o algodão.

‘Formosa senhora’, disse-lhe, então, o pássaro, ‘não me odieis por me haver unido aos outros; o meu intuito era conservar a minha liberdade. Contudo, embora fechado numa gaiola, alegro-me com a sorte que me torna vosso escravo. Ser-vos-ei fiel, e obedecerei a todas as vossas ordens. Sei quem sois; um dia hei de prestar-vos um serviço pelo qual espero que me devais certa gratidão. Aqui estou, falai o que desejais, e eu vos obedecerei.’

Parisada, radiante, embora a conquista que acabava de realizar lhe tivesse custado a morte dos dois queridos irmãos, respondeu-lhe:

‘Pássaro, queria dizer-te que desejo algumas coisas, para mim sumamente importantes. Em primeiro lugar, sei que há nestas paragens uma água amarela dotada de milagrosa propriedade. Rogo-vos que me mostreis onde se encontra.’

O pássaro indicou-lhe o lugar, não muito distante, e ela, rumando para lá, encheu um frasquinho de prata que levava consigo; depois, regressando para perto do pássaro, continuou:

‘Além disso, desejaria ver a árvore que canta...’

‘No bosque que estás, atrás de vós é que se acha a tal árvore.’

Para lá imediatamente se dirigiu a corajosa princesa. No meio das árvores ouviu um som harmonioso que lhe revelou logo o lugar da árvore que procurava. Era grande e alta. Parisada, voltando ao pássaro, disse-lhe:

‘Descobri a árvore que canta, mas não consigo arrancá-la do lugar.’

‘Não é preciso que a arranques’, respondeu-lhe o pássaro. ‘Basta que vos aposséis de um raminho e o planteis no vosso jardim. Em pouco tempo crescerá bastante e se transformará numa árvore bonita como a que acabastes de ver.’

Parisada, com as três coisas tão almejadas, disse ao pássaro:

‘Não basta o que me acabas de fazer. Causaste a morte de meus irmãos queridos, que devem estar no meio dessas pedras negras. Pois saiba que pretendo levá-los comigo.’

O pássaro, evidentemente, não queria satisfazer mais aquele pedido, uma vez que opôs dificuldades.

‘Lembra-te que, ainda há pouco, me asseguraste de que eras meu escravo.’

‘E não renego o que afirmei’, respondeu o pássaro. ‘Vou satisfazer-vos, embora a dificuldade seja maior agora do que antes. Investigai os arredores e vede se não descobris uma jarra.’

‘Estou vendo uma’, disse a princesa.

‘Pegai-a’, continuou o pássaro, ‘e, ao descerdes a montanha, lançai um pouco da sua água sobre cada uma das pedras negras. Lograreis, assim, devolver a vida a vossos irmãos.’

Parisada pegou a jarra e, levando a gaiola com o pássaro que falava, o frasco e o raminho, à medida que ia descendo derramava água sobre cada uma das pedras, transformando-as em homens. Não deixando de verter água sobre uma que fosse, devolveu também a vida a todos os cavalos, entre eles os dos seus irmãos. Bamã e Perviz abraçaram-se com efusão.

‘Meus queridos irmãos’, perguntou-lhe ela, ‘o que estáveis fazendo aqui?’

Responderam-lhe que tinham estado dormindo.

‘Sim’, respondeu ela, ‘mas se não fosse a minha intervenção, o vosso sono duraria para sempre. Já vos esquecestes de que viestes buscar o pássaro que fala, a árvore que canta e a água amarela? Por acaso, quando aqui chegastes, não viste um monte de pedras negras? Pois já não vereis nenhuma, e a transformação se deve à água desta jarra. Descobri o pássaro que fala, que se tornou meu escravo, a árvore que canta, da qual trago um raminho, e a água amarela, de que está cheio este frasco, mas não quis voltar para casa sem a vossa companhia. Assim, obriguei o pássaro a dizer-me o que devia fazer, e ele me mostrou a jarra milagrosa com que vos devolvi a vida.’

Bamã e Perviz reconheceram ser enorme a gratidão devida à irmã, e o mesmo fizeram os cavaleiros que os rodearam. Bem longe de invejá-la pela brilhante conquista das três coisas maravilhosas, só tinham palavras de

agradecimento por ela lhes ter devolvido a vida, prontificando-se a obedecê-la em tudo e por tudo.

‘Senhores’, respondeu-lhes ela, ‘deveis ter observado que o que me impeliu até aqui foi apenas o desejo de reaver meus queridos irmãos. Portanto, se vos proporcionei um bem, não é a mim que deveis agradecer, mas à sorte que vos favoreceu. Sois livres como éreis antes. Mas, agora, não permaneçamos mais num lugar onde nada pode reter-nos. Montemos, e voltemos cada um para o seu país.’

Parisada deu o exemplo, indo buscar o cavalo onde o havia deixado. Antes de montar, o príncipe Bamã, desejando aliviá-la, pediu-lhe que lhe confiasse a gaiola.

‘Meu irmão, o pássaro é meu escravo, e eu mesma desejo levá-lo. Se quiserdes incumbir-vos do ramo da árvore que canta, vo-lo cedo. E vós, Perviz’, acrescentou, voltando-se para o outro irmão, ‘incumbi-vos do frasco de água amarela.’

Já todos montados, aguardava Parisada que um dos jovens se pusesse à frente do cortejo, mas os príncipes resolveram deixar a honra aos cavaleiros, que, por sua vez, pretenderam cedê-la à princesa. Parisada, voltando-se, então, para todos disse:

‘Cavaleiros, estou à espera de que marcheis.’

‘Senhora’, respondeu um dos jovens, ‘rogamo-vos que não nos priveis por mais tempo da honra de vos seguir.’

‘Senhores’, disse-lhes Parisada, ‘não mereço tal honra, e se aceito é apenas porque assim desejais.’

Abriu a marcha, e todos a seguiram.

Ao passarem pelo bom dervixe, quiseram agradecer-lhe efusivamente os bons conselhos, mas ele já havia morrido, não se sabia se de velhice ou por já não ser mais necessário para indicar o caminho que conduzia aos três maravilhosos objetos.

Continuaram a jornada. O número dos cavaleiros desencantados começou a diminuir. E isso porque, provindo de diversos países, uns depois dos outros se despediam da princesa, agradecendo-lhe novamente o favor que dela

tinham recebido. Quanto a Parisada e aos dois irmãos, prosseguiram até a casa.

Chegando, Parisada foi pôr a gaiola no jardim. Como o sultão andasse pelas proximidades, mal o misterioso pássaro começou a cantar, imediatamente os rouxinóis, os cotovias, as toutinegras, os pintassilgos e inúmeras outras aves da região acudiram para perto dele, acompanhando-o. O raminho foi plantado num dos canteiros, pouco distante da morada; em pouco tempo se transformou numa frondosa árvore, cujas folhas produziam deliciosa harmonia. O frasco de água amarela foi por sua vez depositado num formoso tanque de mármore no meio do jardim. A água começou logo a aumentar, erguendo-se num sem-número de repuxos bem altos.

A notícia da maravilha correu imediatamente pela vizinhança. Estando a porta da casa e a do jardim abertas a todos, foi enorme a afluência de visitantes.

Transcorridos alguns dias, Bamã e Perviz, já inteiramente refeitos da fadiga da jornada, voltaram ao seu modo de viver, e sendo a caça seu divertimento predileto, montaram e dirigiram-se para um bosque situado a duas ou três léguas da casa. Estavam caçando quando sucedeu passar pelo mesmo lugar o sultão da Pérsia. Os dois, diante do séquito, resolveram parar e retirar-se. Mas, ao retrocederem, enveredaram por um caminho tão estreito que não lhes restou outra solução senão mostrar-se. Apeando-se, prostraram-se diante do sultão e beijaram a terra, sem levantar a cabeça. O sultão, vendo-os muito bem-trajados, tanto que pareciam pertencer à sua corte, desejou ver-lhes o rosto. Assim, ordenou que se levantassem.

Obedeceram-lhe os dois príncipes e puseram-se de pé na frente do sultão, embaraçados, mas com respeitosa cortesia. O sultão da Pérsia fitou-os da cabeça aos pés e admirou-lhes o porte majestoso. Finalmente, perguntou-lhes quem eram e onde viviam.

Respondeu-lhe Bamã, o mais velho:

‘Senhor, somos filhos do intendente dos jardins que vos pertencem. Ao morrer, o nosso bom pai nos legou uma casa e recomendou-nos que, quando atingíssemos certa idade, vos pedíssemos um lugar na corte.’

‘Gostais de caçar, se não me engano’, respondeu o sultão.

‘Senhor’, disse Bamã, ‘é a coisa que mais nos diverte, e dela não descuidam os vassalos que têm a honra de vos servir no vosso exército.’

Contente com a resposta, acrescentou o sultão:

‘Pois vou querer vê-los caçar. Escolhei a caça que mais vos aprouver.’

Os dois príncipes montaram a cavalo e seguiram o sultão. Já tinham andado um pouco quando se lhes depararam algumas feras. Bamã escolheu um leão, e Perviz um urso. Os dois partiram ao mesmo tempo, com um arrojo que assombrou o sultão. Quase ao mesmo tempo, também, atingiram as vítimas, e foi com tamanha destreza que atiraram as setas que os dois animais caíram mortos aos seus pés. Bamã partiu logo no encalço de outro urso, e Perviz no encalço de outro leão, que, atingidos, em poucos instantes deixaram de viver. Pretendiam os irmãos continuar na diversão, mas não o consentiu o soberano. Mandando chamá-los, pediu-lhes que se aproximassem:

‘Se vo-lo permitissem’, disse-lhes, ‘em poucos dias acabaríeis com toda a minha reserva! Todavia, o que mais me importa conservar não é a caça, mas vós, pois sois realmente corajosos.’

A partir daquele momento, sentiu Kosruxá tamanha inclinação pelos dois jovens que imediatamente os convidou a segui-lo.

‘Senhor’, explicou-lhe Bamã, ‘concedei-nos uma honra que não merecemos, mas vos rogamos que nos dispenseis dela.’

Perguntou-lhes o sultão da Pérsia o motivo da recusa.

‘Senhor’, respondeu-lhe Bamã, ‘temos uma irmã, mais moça do que nós. Vivemos tão bem com ela que nada fazemos sem antes lhe ouvir a opinião.’

‘Alegra-me esta união fraternal’, respondeu o sultão. ‘Ide consultá-la, e amanhã, quando voltardes a caçar comigo, me dareis a resposta.’

Bamã e Perviz voltaram, mas esqueceram-se de falar com Parisada a respeito da proposta do sultão de levá-los à corte. No dia seguinte, ao irem ter com o sultão, no lugar marcado, perguntou-lhes o soberano:

‘Conversastes com vossa irmã? E ela concordou?’

Os dois príncipes olharam-se, corando.

‘Senhor’, respondeu Bamã, ‘pedimo-vos humildemente perdão. Tanto eu como meu irmão nos esquecemos de lhe apresentar a vossa proposta.’

‘Pois hoje não vos esqueceréis, e amanhã me dareis a resposta.’

Tornaram os dois jovens a esquecer-se de tudo. O sultão, no dia seguinte, tirando três bolinhas de ouro que trazia numa bolsa, colocou-as no peito do príncipe Bamã.

‘Isso’, explicou, ‘impedirá que amanhã vos esqueçais pela terceira vez do que desejo. O ruído que elas farão quando vos fordes deitar bastará para que vos lembreis do que vos cabe fazer.’

Tudo se passou como havia previsto o sábio sultão. Ao despir-se para deitar-se, caíram do peito de Bamã as três bolinhas. Imediatamente correu para Perviz, e, ambos rumaram para o quarto de Parisada, que ainda não se havia deitado. Rogando-lhe perdão por importuná-la numa hora tão imprópria, expuseram-lhe o que a ela os levava.

Parisada se assustou.

‘O vosso encontro com o sultão é uma honra, mas, ao mesmo tempo, muito triste, sobretudo para mim. Se vos recusastes a concordar com a proposta, só o fizestes por minha causa, pelo que vos agradeço muito. Preferistes ser pouco corteses com o sultão a prejudicar a nossa boa amizade. Contudo, refleti: achais que será fácil persistir na recusa? Tudo o que um sultão deseja é vontade, e é perigoso resistir. Se eu vos influenciasse a resistir, só atrairia sobre vós a pior das desgraças, e desgraçada seria eu também. Vamos, agora, consultar o pássaro que fala; ele sabe prever, e prometeu-me ajuda em qualquer situação.’

Parisada mandou buscar a gaiola, e, após dizer ao pássaro o que se passava, perguntou-lhe o que lhes aconselhava.

‘Vossos irmãos não podem permanecer na recusa, e devem submeter-se à vontade do sultão; porém, devem outrossim convidá-lo a visitar esta casa.’

‘Mas, pássaro’, respondeu a princesa, ‘nós nos queremos bem, e a nossa amizade não tem igual no mundo. A nossa amizade não sofrerá com isso?’

‘Absolutamente não’, respondeu o pássaro. ‘Pelo contrário, será cada vez mais forte.’

‘O sultão há de ver-me, se vier aqui. Será necessário, e tudo acabará bem.’

No dia seguinte, Bamã e Perviz rumaram ao encontro do sultão, que, sem perder tempo, lhes perguntou se haviam se lembrado de conversar com a

irmã.

Bamã respondeu-lhe:

‘Podeis dispor de nós, senhor. Estamos aqui para vos obedecer em tudo. Parisada, nossa irmã, além de não se ofender com o que lhe expusemos, censurou-nos por termos tido condescendência com ela em se tratando de cumprir um dever, ou seja, obedecer-vos. Esperamos, agora, que nos perdoeis.’

‘Não vos preocupeis’, respondeu o sultão. ‘Não estou de maneira nenhuma zangado convosco, e só vos peço que me dediqueis um pouco de afeto.’

Bamã e Perviz, confundidos com a bondade do sultão, curvaram-se profundamente em sinal de respeito.

Contrariando o seu hábito, o sultão não caçou por muito tempo. Impaciente em conversar com eles mais demoradamente, regressou muito mais cedo. Durante o caminho quis que se postassem ao seu lado, o que, além de causar inveja aos cortesãos, despertou o rancor do grão-vizir, que se considerou humilhado por vê-los caminhar na sua frente.

Mal o sultão entrou na capital, o povo, apinhado nas ruas, só olhava para Bamã e Perviz, conjecturando quem seriam, se do país, se estrangeiros.

‘Ah, se Alá tivesse permitido ao sultão dar-nos dois príncipes tão distintos e simpáticos! Se os partos da sultana houvessem sido felizes, os dois filhos teriam praticamente a mesma idade que estes.’

Quando chegou ao palácio, o primeiro ato do sultão foi conduzir os príncipes aos aposentos que já lhes haviam sido destinados. Serviu-se finalmente um esplêndido banquete, e o sultão ordenou-lhes que se sentassem ao seu lado.

O soberano, dotado de extraordinária inteligência, realizara ótimos progressos nas ciências, sobretudo na história. Prevendo que, por modéstia, os príncipes não ousariam iniciar a conversa, iniciou com várias questões. Mas, por mais que mudasse de assunto, era tal o discernimento com que lhe respondiam, que ficou assombrado.

‘Nem que fossem meus próprios filhos’, refletia, ‘não seriam mais hábeis nem mais instruídos.’

Demorando-se à mesa mais do que o habitual, levantou-se por fim, e foi até o seu gabinete, onde continuou a distrair-se com eles muito tempo ainda. Depois, disse-lhes:

‘Nunca pensei que conheceria jovens cavaleiros, meus vassalos, tão finamente educados e tão capazes. Jamais outra conversa me agradou mais na vida. Agora, porém, tendes necessidade de repouso, e como não há diversão que mais dissipe a melancolia do que a música, ides ouvir um concerto de vozes e de instrumentos que, estou certo, muito vos agradará.’

Acabando de falar, os músicos, aos quais já fora dada ordem, entraram e começaram a exhibir-se. Depois do concerto, maravilhosos bufões puseram fim à distração, brilhantemente auxiliados por dançarinos e dançarinas dos melhores.

Os dois príncipes, notando que o fim do dia se aproximava, atiraram-se aos pés do sultão e solicitaram-lhe permissão para retirar-se.

O sultão, despedindo-se, disse-lhes:

‘Lembraí-vos de que só vos trouxe ao meu palácio para mostrar-vos o caminho, de modo que aqui volteis espontaneamente. Sereis sempre muito bem-recebidos, e quanto mais aparecerdes, tanto maior será o meu prazer.’

Bamã, antes de se afastar, disse:

‘Senhor, suplicamo-vos que nos concedais a graça de, na primeira vez que fordes caçar, passar pela nossa casa e lá descansar alguns instantes. Ela não é, certamente, digna da vossa presença, mas às vezes os poderosos soberanos não desprezam sequer uma simples cabana.’

‘A casa onde moram cavalheiros da vossa gentileza só pode ser digna. Irei com enorme gosto, sobretudo por serdes vós e vossa irmã quem me convidam. Irei amanhã. Esperai-me no lugar que já conhecemos e iremos juntos visitar vossa irmã.’

Bamã e Perviz voltaram para casa. Chegando, após contarem à irmã o honroso modo pelo qual o sultão os acolhera, disseram-lhe que, conforme a sua sugestão, não se haviam esquecido de convidá-lo para uma visita, e que ele a marcara para o dia seguinte.

‘Sendo assim’, respondeu-lhe Parisada, ‘precisamos cuidar o quanto antes de um banquete digno dele. Para isso, vamos consultar o pássaro que fala,

que talvez nos indique uma iguaria mais do gosto do sultão.’

Parisada consultou o pássaro em particular, depois de os dois irmãos se terem retirado.

‘Pássaro’, explicou-lhe, ‘o sultão vem nos visitar, e temos de lhe oferecer alguma coisa. Ensina-me a melhor maneira de me haver nesta conjuntura.’

‘Minha ama’, respondeu-lhe o pássaro, ‘dispondes de excelentes cozinheiros. Deixa-os fazer o melhor que souberem e manda que lhe preparem um prato de pepinos recheados de pérolas, que será servido logo no início.’

‘Pepinos recheados de pérolas?’, estranhou a princesa. ‘Estás louco, meu amigo! Será o sultão capaz de admirá-lo como coisa magnífica, mas quando alguém se senta à mesa é para comer, e não para ficar admirando pérolas. Além do mais, as minhas pérolas, todas juntas, não bastariam para tal recheio!’

‘Minha ama’, insistiu o pássaro, ‘faizei o que vos digo, e não vos importeis com o que suceder. Tudo sairá às mil maravilhas. No tocante às pérolas, já que delas não dispondes em número suficiente, rumais amanhã cedo ao pé da primeira árvore do vosso bosque, à direita, e mandai cavar. Descobrireis uma infinidade de pérolas.’

No dia seguinte, logo ao romper da aurora, levou em sua companhia um jardineiro e dirigiu-se para a árvore indicada pelo misterioso pássaro, ordenando-lhe que começasse logo a cavar. O jardineiro pôs mão à obra e depois de algum tempo notou resistência, surgindo então um cofrezinho de ouro, que ele imediatamente entregou a Parisada.

A jovem, verificando que o cofrezinho estava fechado apenas de leve, abriu-o. Qual não foi o seu espanto ao encontrar lá dentro uma infinidade de pérolas, todas pequeninas, mas perfeitamente iguais e próprias para o uso a que se destinavam! Radiante com o achado, fechando novamente o cofrezinho, sobraçou-o e rumou para casa, enquanto o jardineiro voltava a pôr o terreno nas mesmas condições.

Bamã e Perviz, vendo, cada um do seu quarto, Parisada no jardim, mais cedo do que habitualmente fazia, vestiram-se às pressas e foram ter com ela. Notando que trazia alguma coisa debaixo do braço, aproximaram-se

imediatamente e verificaram que se tratava de um cofrezinho de ouro. Ficaram ambos profundamente admirados, e Bamã disse-lhe:

‘Minha irmã, vens carregando um cofrezinho valioso. Terá por acaso o jardineiro que contratastes descoberto um tesouro?’

‘Meus irmãos’, respondeu-lhes a princesa, ‘assim foi. Mostrei-lhe o lugar, e mandei que cavasse. Ah, se virdes o que há aqui dentro!’

Abriu o cofrezinho e mostrou-lhes o conteúdo. Os dois irmãos quase perderam a respiração diante daquele número extraordinário de perolazinhas todas iguais e muito lindas. Em seguida, perguntaram-lhe como chegara a conhecer o paradeiro daquela fortuna.

‘Meus bons irmãos, se não tendes coisa mais urgente para resolver, tende a bondade de acompanhar-me, que tudo vos contarei.’

‘Que assunto poderia ser para nós mais urgente do que saber uma coisa que tanto nos interessa?’

Parisada, enquanto com os irmãos rumava para casa, contou-lhes como havia consultado o pássaro e que meio lhe sugerira este para obter as pérolas, apontando-lhe o lugar onde se acharia o pequenino cofre. Os três irmãos conversaram longamente para ver se atinavam com o motivo pelo qual o pássaro mandara preparar tão estranha iguaria ao sultão. Concluíram, por fim, que não lograriam descobrir a causa, mas que convinha seguir ao pé da letra o conselho.

Já em casa, Parisada mandou chamar o chefe dos cozinheiros, e, depois de lhe recomendar que se esmerasse no preparo do banquete destinado ao sultão, disse:

‘Além de tudo que te pedi, tens de preparar uma iguaria reservada exclusivamente ao sultão. Assim, apenas tu te encarregarás dela. Trata-se de um prato de pepinos recheados, e o recheio será constituído pelas pérolas que te mostro.’

Abriu o cofrezinho e mostrou-lhe o conteúdo.

O chefe dos cozinheiros, que jamais ouvira falar de tão estranho recheio, recuou. A princesa compreendeu-lhe o pensamento, e acrescentou:

‘Percebo que me consideras louca ao pedir-te uma iguaria de que nunca ouviste falar, e que, certamente, nunca foi preparada. É verdade. Eu também

sei que nunca se viu semelhante iguaria, mas de louca nada tenho, podes crer-me, e é de posse de todo o meu juízo que te ordeno que ponhas mãos à obra. Faze o possível, e leva o cofrezinho. O devolverás com as pérolas que por acaso sobrarem.’

O chefe dos cozinheiros, sem nada objetar, retirou-se. No mesmo dia, Parisada ordenou que tudo ficasse perfeitamente limpo, tanto na casa como no jardim, para que o sultão tivesse excelente impressão. No dia seguinte, rumaram os dois irmãos para o lugar combinado e puseram-se à espera do sultão, que não se demorou, e que, imediatamente, começou a caçar, até que o Sol o obrigasse a dar por terminada a diversão. Enquanto Bamã ficava com ele para o acompanhar, Perviz foi postar-se à frente para indicar o caminho. Quando avistou a casa, esporeou o animal para avisar Parisada. Alguns criados, no entanto, já a tinham avisado, e Perviz a encontrou pronta.

O sultão curvou-se para auxiliar a jovem a levantar-se, e após examinar e admirar por algum tempo aquele esplendor de formosura, disse:

‘Os irmãos são dignos da irmã, e esta, digna dos irmãos. Não me admiram não quererem os dois jovens dar um passo sequer sem consentimento da irmã. Espero conhecê-la melhor, todavia, quando vir o interior da morada.’

‘Senhor’, disse a princesa, ‘esta casa é apenas de campo, adequada a gente da nossa qualidade, retirada dos tumultos das cidades. Não pode comparar-se em nada aos esplêndidos palácios que só pertencem aos sultões.’

‘Não penso precisamente como vós’, respondeu-lhe afetosamente o sultão. ‘O que vejo da casa me faz suspeitar de vós. Quando a tiver examinado, direi o que penso. Ide, pois, na frente, rogo-vos.’

Parisada, deixando o salão de lado, conduziu o sultão de aposento a aposento. E o sultão, depois de examinar atentamente cada aposento, respondeu:

‘Senhora, dizeis que esta é apenas uma casa de campo? As mais lindas cidades estariam em breve desertas se todas as casas de campo se parecessem à que possuíis. Não é de admirar que não tenhais nenhum desejo de conhecer a cidade. Mostrai-me, agora, o jardim, que, sem dúvida, corresponderá a esta maravilhosa residência.’

Parisada abriu uma porta que dava para o jardim, e o que foi dado ao sultão ver, logo no primeiro instante, foi o repuxo de água amarela, dourada. Assombrado com aquele espetáculo tão novo para ele, exclamou:

‘Qual é a origem dessa maravilhosa água, tão agradável de ver?! Onde se encontra a nascente, não me direis? Que arte soube construir tão extraordinário repuxo? Quero examinar tudo de perto.’

E continuou a caminhar. Parisada para lá o conduziu; depois, acompanhou-o até o lugar em que crescia a árvore que cantava.

Aproximando-se, o sultão, ouvindo um harmonioso concerto, superior a tudo que ouvira até então, parou, procurando descobrir onde se escondiam os músicos.

‘Senhora’, disse, voltando-se para Parisada, ‘onde se ocultam os músicos, pois que não os vejo? Debaixo da terra, ou são, por acaso, invisíveis? Possuidores de vozes tão fora do comum, nada perderiam se se apresentassem.’

‘Senhor’, respondeu-lhe Parisada, sorrindo, ‘os autores do concerto que estais ouvindo não são músicos, mas a árvore que está na vossa frente. É ela que canta, e se tiverdes a gentileza de dar mais alguns passos, deixareis de duvidar do que vos afirmo.’

Deu mais alguns passos à frente o soberano da Pérsia, e gostou tanto da sua harmonia que não se cansava de ouvi-la. Finalmente, quis ver de perto a água amarela, e, rompendo o silêncio, disse:

‘Formosa senhora, rogo-vos que me expliqueis por que se encontra tão portentosa árvore no vosso lindo jardim. Deram-na a vós de presente, ou mandastes que a trouxessem de um longínquo país? Só pode ser essa a explicação, pois, do contrário, gostando como sempre gostei das coisas da natureza, esta maravilha não me teria escapado. Que nome dais à árvore?’

‘Senhor’, respondeu-lhe a princesa, ‘não sei o nome da árvore que canta, e não nasce neste país. Se vos fosse contar como cheguei a possuí-la, levaria muito tempo. A história se prende à da água amarela e à do pássaro que fala, que ireis ver logo depois. Mais tarde, se quiserdes, vos contarei como se deu o fato.’

‘Formosa criatura’, respondeu-lhe o sultão, ‘quero ver a vossa água amarela! E desejo, ao mesmo tempo, muitíssimo ver de perto o pássaro que fala!’

Chegado ao repuxo, fitou-o longamente.

‘De acordo com o vosso parecer, senhora’, disse por fim, sempre se dirigindo a Parisada, ‘esta água não vem, evidentemente, de nenhum ponto da vizinhança, e percebo que é tão forasteira como a árvore que canta.’

‘Senhor’, respondeu Parisada, ‘dizeis bem. Essa água não vem de nenhuma nascente das vizinhanças, e o que há de milagroso é que no tanque não derramei mais do que um frasco dela.’

‘Basta’, interrompeu-a o sultão, pela primeira vez; ‘voltarei aqui frequentemente. Vamos agora ver o pássaro que fala.’

Aproximando-se do salão, viu ele sobre as árvores um prodigioso número de aves de vários tipos, todas cantando, e todas diversas uma da outra na plumagem. Voltando-se para Parisada, perguntou-lhe por que lá se encontravam.

‘Senhor’, respondeu-lhe a princesa, ‘vêm todas elas das cercanias desejosas de acompanhar o canto do pássaro. Podeis vê-lo na gaiola posta numa das janelas, se prestardes bem atenção, perceberéis que, no canto, supera qualquer outra ave, inclusive o rouxinol.’

O sultão da Pérsia entrou, e viu que o pássaro continuava a cantar:

‘Escravo’, ordenou-lhe Parisada; ‘saudai o vosso sultão que veio visitar-vos.’

‘Seja bem-vindo o sultão, e Alá lhe dê prosperidade e longa vida.’

O sultão, pondo-se à mesa, perto da janela, disse:

‘Pássaro, agradeço-te a saudação, e alegre-me por ver em ti o rei dos pássaros!’

De repente, vendo na sua frente o prato de pepinos, que lhe pareceram recheados como se costumam rechear, pegou um e o partiu. Qual não foi o seu assombro ao vê-lo cheio de pérolas!

‘Que coisa interessante!’, exclamou. ‘Um recheio de pérolas! Mas as pérolas não há quem as coma!’

Disse e olhou para os dois príncipes e a princesa. Mas o pássaro, intervindo, disse:

‘Senhor, admirais-vos tanto assim de um simples recheio de pérolas, e, no entanto, não duvidastes em acreditar que a sultana, vossa esposa, havia dado à luz a um cão, a um gato e a um pedaço de pau!’

‘Se acreditei, foi por me terem assegurado as parteiras.’

‘Senhor, as parteiras eram irmãs da sultana, mas irmãs que somente lhe invejavam a ventura; e para vingar-se não hesitaram em abusar da credulidade do soberano. Se as interrogardes severamente, confessarão os nefandos crimes cometidos. Estes três jovens, os dois príncipes e a princesa, são vossos filhos, recolhidos pelo generoso intendente dos vossos jardins e por ele sabiamente criados.’

‘Pássaro!’, bradou o sultão, ‘acredito no que me revelas! A inclinação que por eles sentia me dizia que eram do meu sangue. Vinde, meus filhos; vinde, minha filha; deixai que eu vos abrace e que vos mostre todo o meu amor de pai!’

Levantou-se, abraçou-os e disse, chorando:

‘Não é o suficiente, meus filhos. Quero que ainda vos abraceis não como filhos do magnânimo intendente que nunca saberei recompensar, mas como meus filhos, dotados do sangue dos reis da Pérsia.’

Todos, então, sentaram-se de novo à mesa e puseram-se a comer.

Quando o banquete terminou, disse o sultão:

‘Meus filhos, amanhã vos trarei a sultana, vossa mãe. Preparai-vos, portanto, para recebê-la.’

O sultão montou seu cavalo e regressou velozmente à capital. Lá, a primeira coisa que fez, logo que desmontou, entrando no palácio, foi mandar o grão-vizir, sem perda de tempo, processar as duas malditas irmãs. Expulsas dos seus aposentos e interrogadas uma depois da outra, tudo confessaram, e foram condenadas ao esartejamento.

Kosruxá, então, seguido de todos os cortesãos, foi a pé até a porta da mesquita e, após retirar, pessoalmente, a sultana de sua triste prisão, onde há tão longos anos padecia, disse:

‘Senhora, peço-vos humildemente perdão pela injustiça que cometi contra vós. Quero agora dar-vos a satisfação que mereceis. As abomináveis criaturas que foram vossas irmãs já não mais existem; e daqui a pouco tereis a suprema ventura de abraçar vossos filhos e meus. Ocupai o lugar que de direito vos cabe, e recebei as honras que vos são devidas.’

Tudo se desenrolou diante da multidão que acorrera logo à primeira notícia do que se estava passando.

No dia seguinte, de manhãzinha, o sultão e a sultana, magnificamente trajada, acompanhados da corte inteira, rumaram para a casa dos dois príncipes e da princesa. Depois de desmontarem, o sultão apresentou a sultana para Bamã, Perviz e Parisada, dizendo:

‘Senhora, eis aqui vossos filhos. Abraçai-vos com o mesmo afeto com que os abracei, pois são dignos de vós e de mim.’

A sultana e os filhos choraram de tanta emoção.

Depois, os dois príncipes e a princesa mandaram aprontar um esplêndido banquete para o sultão, para a sultana e para todos os cortesãos. Sentados à mesa, e terminado o banquete, o sultão conduziu a sultana ao jardim, onde lhe mostrou a árvore que cantava e os extraordinários efeitos da água dourada. O pássaro ela já o vira na gaiola.

Não desejando demorar-se mais, o sultão montou seu cavalo. Bamã postou-se-lhe à direita, Perviz à esquerda. Quanto à sultana com Parisada, seguiram-no. O cortejo, precedido e seguido dos dignitários da corte, rumou para a capital.

O povo correu, contemplando a bondosa sultana e participando da sua extrema alegria após tantos anos de sofrimento imerecido. O mesmo interesse despertaram os dois príncipes e a formosa Parisada.

De noite, iluminou-se a cidade, e houve grandes festas, tanto no palácio quanto fora.”

Shahriar admirava, no íntimo, a estupenda imaginação de Sherazade que todas as noites lhe proporcionava histórias interessantes.

Já haviam passado mil e uma noites, e tudo contribuíra para diminuir o injustificado rancor do soberano contra as mulheres. O sultão da Índia

tornara-se mais brando, e reconhecia os grandes méritos de sua esposa, que não vacilara em se apresentar voluntariamente, sem medo da morte.

Decidiu, então, conceder-lhe o direito à vida.

— Querida Sherazade — disse-lhe —, vejo que sabeis maravilhosas histórias, e há muito que com elas me distraís. Foi-se a minha cólera, e é com prazer que a partir de hoje retiro a cruel lei a mim mesmo imposta. Tendes a minha proteção, e sereis considerada libertadora de todas as jovens que ainda seriam imoladas ao meu rancor.

Sherazade se atirou aos seus pés, numa prova de reconhecimento.

O grão-vizir foi o primeiro a receber a boa notícia, e do próprio sultão. Esta espalhou-se imediatamente pela cidade e pelas várias províncias, e bênçãos vieram de toda parte sobre o sultão e a sultana.

★ A 101ª e a 102ª noites, no original, passaram-se na descrição de sete vestidos e de sete adornos diferentes trocados pela filha do vizir Chemsedin Mohammed, ao som dos instrumentos. Como tal descrição não me pareceu agradável, e como também vem acompanhada de versos belíssimos em árabe, mas que nós não poderíamos apreciar, julguei conveniente não traduzi-las. (N.T.)

NOTAS

[1] Esta palavra árabe significa *imperador*. Dá-se esse título a quase todos os soberanos do Oriente.

[2] O título de *sultana* é dado às mulheres dos príncipes do Oriente.

[3] Nome das duas únicas festas obrigatórias dos muçulmanos na sua religião.

[4] Moeda de ouro de grande curso em Veneza e no Oriente.

[5] Os muçulmanos creem ter Deus dado a Salomão o dom dos milagres mais generosamente que a qualquer outro homem antes. Afirmam que Salomão comandava anjos e demônios.

[6] Membros do conselho chefiado pelo grão-vizir.

[7] Primeiros oficiais civis.

[8] Essa palavra árabe significa *sucessor*, relativamente a Maomé. Após a morte desse legislador, em 634, Abubekr, seu sogro, eleito para lhe suceder, tomou o título de *califa*, que por longo tempo serviu para designar os líderes da religião muçulmana.

[9] Religiosos muçulmanos, assim chamados pelo nome do seu fundador, Kalanderi.

[10] *Khan* ou *caravansará*, construção que, no Oriente, serve de armazém ou albergue para os mercadores.

[11] Título dos califas.

[12] *Dervixe*, que significa *pobre*, corresponde, para os muçulmanos, *monge* entre os cristãos. Fazem os dervixes voto de pobreza, castidade e obediência.

[13] Palavra árabe que significa *ancião*. Chamam-se assim, no Oriente, os líderes das comunidades religiosas seculares e os doutores ilustres.

[14] Ave fabulosa que desempenha grande papel nos contos árabes.

[15] Planta cujo caule se assemelha ao do milho. Comem-se-lhe as sementes cozidas no leite; comem-se também grelhadas ao forno, ou em bolos feitos com manteiga ou azeite.

[16] *Cádi*, juiz. Nome dado aos juízes das causas civis em quase todo o Oriente. Desempenham também as funções de notário (escrivão público).

[17] O leitor já não verá mais, em cada noite, as palavras: *Minha querida irmã, se não dormes* etc. Como essa repetição chocou várias pessoas, tiramo-la para não lhes ferir a delicadeza. O tradutor espera que os sábios lhe perdoem a infidelidade feita assim ao original, pois, no resto, conservou religiosamente o caráter desses contos, tornando digna da biblioteca deles a sua obra.

[18] Grande cidade da Ásia, abaixo da confluência do Tigre e do Eufrates, no Iraque árabe.

[19] Essas ilhas, segundo os árabes, situam-se além da China; assim chamam uma árvore que produz um fruto com esse nome. São, provavelmente, as ilhas do Japão.

[20] Djal, ou Anticristo.

[21] Os orientais, quando viajam, guardam suas provisões num saco de couro.

[22] Fruto do coqueiro, grande como o melão, e às vezes maior. Os índios tiram fibras da primeira casca do fruto, e com elas fazem tecido. A polpa do coco é agradável; há nele, quando recém-colhido, água.

[23] Nome árabe do Ceilão.

[24] É uma península após o Ganges, que termina pelo cabo Camorim.

[25] Parasanga: medida itinerária dos antigos persas, que vale um pouco mais do que a légua.

[26] Monções, ventos periódicos, que no oceano Índico, sopram regular, alternadamente e durante vários meses, de oeste a leste e de leste a oeste.

[27] Os barmecidas: nome de uma das mais ilustres famílias após as casas reinantes da Ásia.

[28] Nuredin significa, em árabe, *luz da religião*.

[29] Bedredin significa a *lua cheia da religião*.

[30] Chemsedin significa o *sol da religião*. Mohammed é o mesmo que Maomé.

[31] Todos os orientais se deitam de ceroulas; esta circunstância é necessária para que se compreenda a continuação.

[32] Palavra que, em árabe, significa *maravilhoso*.

[33] Nome dos califas de Damasco, oriundo de Omiá, um dos seus antepassados.

[34] Assim é que se refresca a bebida em todo o Oriente, onde se dispõe de neve.

[35] Casgar, reino da Ásia, na Tartária.

[36] Esse asno é o que, segundo os muçulmanos, serviu de montaria ao profeta Esdras, quando voltou do cativeiro de Babilônia a Jerusalém.

[37] Copta: nome dado aos cristãos oriundos do Egito que pertencem à seita dos jacobistas ou dos eutiquianos.

[38] Lugar público onde se vendem tecidos de seda e outras mercadorias preciosas.

[39] Planta que cresce à beira-mar, que se recolhe e que se queima. As suas cinzas dão o que se chama *soda*.

[40] Encontra-se em Meca esta fonte. Bebe-se-lhe a água por devoção, e presenteia-se aos príncipes e às princesas.

[41] Samarcanda, antiga e grande cidade da Ásia, capital do reino do mesmo nome.

[42] O *cherife* é a mesma coisa que o *cequim*.

[43] O ano 653 da Hégira, época comum a todos os muçulmanos, correspondente ao ano 1255 da era cristã. Deduz-se daí terem sido esses contos escritos em árabe por esse tempo.

[44] Quanto ao ano 7320, o autor se enganou nessa suposição. O ano 653 da Hégira, e 1255 da era cristã, coincide com o ano 1557 da era ou época dos selêncidas, a mesma que a de Alexandre, o Grande, chamado aqui Iskender de Dois Cornos, segundo a expressão dos árabes.

[45] Os orientais, e particularmente os muçulmanos, só bebem após as refeições.

[46] Os beduínos são árabes do deserto, que pilham as caravanas quando estas têm forças para resistir.

[47] Essa palavra árabe significa *sol do dia*.

[48] Os árabes, os persas e os turcos, quando escrevem, seguram o papel com a mão esquerda, apoiando-o geralmente sobre o joelho, e escrevem com a mão direita mediante o uso de uma cana fendida na ponta, como as nossas canetas-tinteiro.

[49] Anbar era uma cidadezinha às margens do Tigre, a vinte léguas abaixo de Bagdá.

[50] Em árabe, *a lua da época*, ou *a lua do século*.

[51] Em persa, *rei da época* ou *rei do século*.

[52] Essa palavra árabe significa *a vida das almas*.

[53] Gloriosíssimo.

[54] Felicíssimo.

[55] Os leitores dos primeiros volumes desses contos cansaram-se das interrupções provocadas por Dinazade. Remediamos esse defeito. Os leitores, daqui por diante, deixarão de ser interrompidos todas as noites.

[56] *Gulnara* significa, em persa, *rosa*, ou *flor de romãzeira*.

[57] *Saleh* significa *bom*, em árabe.

[58] *Lua cheia*, em árabe.

[59] *Djauara*, em árabe, significa *pedra preciosa*.

[60] Não há prece propriamente dita *farz*. Os muçulmanos compreendem nesse nome os deveres de direito divino, de absoluta necessidade para ser agradável a Deus e ao seu profeta, como a prece, a esmola, o jejum etc.

[61] Asrafiel, ou Arasfil, é o anjo que, segundo os muçulmanos, tocará o clarim, no Juízo Final.

[62] Divertimento que lembra ou que faz voltar.

[63] *Goule* ou *goul* são, segundo a religião muçulmana, espécies de larvas.

BIBLIOGRAFIA

De Amicis, Edmundo. *Marrocos*. Trad. de Manuel Pinheiro Chagas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora Ltda., s.d.

Garcia, V. Diego de. *Antologia de leyendas de la literatura universal*, vol. 1. São Paulo: Ed. Labor, 1953.

Haddad, Jamil Almansur in *Mil e uma Noites* (Ed. Saraiva). Trad. não escoimada De Nair Lacerda com a colaboração de Domingos Carvalho da Silva e Suleiman Khalil Safady. O trecho citado encontra-se no prefácio.

Huart, Clemente. *Literatura árabe*. Prefácio de dr. Oswaldo A. Machado. Buenos Aires: 1947.

Le Bon, dr. Gustave. *La Civilisation des Arabes*. Paris: 1884.

Loiseleur-Delomgchamps. *Les Mille et une Nuits, Contes Arabes*. Trad. de Galland. Prefácio de Hammer. Paris: 1822.

Lorqueou, Edouard. *Les Entretiens de Nang Tantaí*. Paris: Ed. Bossard, 1924.

Madrus, dr. J.C. *El libro de las Mil Noche y una Noche*. Trad. de Vicente Blasco Ibañez. Prefácio de E. Gomes Carrillo, Valência (Espanha).

Meireles, Cecília. *As mil e uma noites*. Trad. com ilustrações de Correia Dias. Obra incompleta, escoimada da parte erótica.

Salgado, monsenhor Sebastião. *Hitopadexa*. Lisboa: 1897.[*]

Schack, A.F. *Poesia y arte de los arabes*. Trad. de Don Juan Valera. Buenos Aires: 1945.

Tahan, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. Prefácio da professora Denize Tavates. 5ª ed. São Paulo: Editora Conquista S/A.

_____. *Mil histórias sem fim*. 12ª ed. Vol. 1, prefácio de Humberto de Campos.

* Afirmam os orientistas que o autor de *Hitopadexa* é um sacerdote chamado Narayana.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Mariana Elia

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

Leonardo Vianna

DIAGRAMAÇÃO

Leandro Liporage

CAPA

Maquinaria Studio

CONVERSÃO PARA E-BOOK

Guilherme Peres